



**CONGRESSO NACIONAL**

**ANAIS DO SENADO FEDERAL**

ATAS DA 02ª SESSÃO À 08ª SESSÃO DA  
2ª SESSÃO LEGISLATIVA ORDINÁRIA DA 53ª LEGISLATURA

VOLUME 32 Nº 02  
8 DE FEVEREIRO A 18 DE FEVEREIRO

**SENADO FEDERAL**  
SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES  
***SUBSECRETARIA DE ANAIS.***  
BRASÍLIA – BRASIL  
2008

## **VOLUMES NÃO PUBLICADOS DOS ANAIS DO SENADO FEDERAL**

**1919, 1920, 1927 a 1930, 1936, 1937, 1949 a 1952, 1963, 1964 e 1966.**

Anais do Senado / Senado Federal, Subsecretaria de Anais. – 1823-.  
Brasília, Senado Federal, Subsecretaria de Anais, 1823-  
v. ; 27 cm.  
Quinzenal.

Volumes anteriores a 1977 publicados sob numerações próprias, com periodicidade irregular. Editado pela Diretoria de Anais e Documentos Parlamentares no período de 1950-1955; pela Diretoria de Publicações no período de maio de 1956 a 1972 e pela Subsecretaria de Anais a partir de 1972.

Variações do título: Annaes do Senado do Império do Brazil, 1826-1889. Annaes do Senado Federal, 1890-1935. Anais do Senado Federal, 1946-

1. Poder legislativo – Anais. I. Brasil. Congresso. Senado Federal, Subsecretaria de Anais.

CDD 341.2531  
CDU 328(81)(093.2)

**Senado Federal  
Subsecretaria de Anais - SSANS  
Via N 2, Unidade de Apoio I.  
CEP - 70165-900 – Brasília – DF – Brasil.**



## **SENADO FEDERAL**

### **COMISSÃO DIRETORA**

#### **(2007-2008)**

<b>PRESIDENTE</b>	<b>Senador GARIBALDI ALVES FILHO (PMDB-RN)</b>
<b>1º VICE-PRESIDENTE</b>	<b>Senador TIÃO VIANA (PT-AC)</b>
<b>2º VICE-PRESIDENTE</b>	<b>Senador ÁLVARO DIAS (PSDB-PR)</b>
<b>1º SECRETÁRIO</b>	<b>Senador EFRAIM MORAIS (PFL-PB)</b>
<b>2º SECRETÁRIO</b>	<b>Senador GERSON CAMATA (PMDB-ES)</b>
<b>3º SECRETÁRIO</b>	<b>Senador CÉSAR BORGES (PFL-BA)</b>
<b>4º SECRETÁRIO</b>	<b>Senador MAGNO MALTA (PR-ES)</b>

### **SUPLENTES DE SECRETÁRIO**

<b>1º Senador</b>	<b>PAPALÉO PAES (PSDB-AP)</b>
<b>2º Senador</b>	<b>ANTÔNIO CARLOS VALADARES (PSB-SE)</b>
<b>3º Senador</b>	<b>JOÃO VICENTE CLAUDINO (PTB-PI)</b>
<b>4º Senador</b>	<b>FLEXA RIBEIRO (PSDB-PA)</b>

# COMPOSIÇÃO DO SENADO FEDERAL NA 53ª LEGISLATURA (por Unidade da Federação)

## Bahia

**Minoria-DEM** - Antonio Carlos Júnior\* (S)  
**Bloco-PR** - César Borges\*  
**PDT** - João Durval\*\*

## Rio de Janeiro

**Bloco-PRB** - Marcelo Crivella\*  
**Maioria-PMDB** - Paulo Duque\* (S)  
**Bloco-PP** - Francisco Dornelles\*\*

## Maranhão

**Minoria-DEM** - Lobão Filho\* (S)  
**Maioria-PMDB** - Roseana Sarney\*  
**PTB** - Eptácio Cafeteira\*\*

## Pará

**Minoria-PSDB** - Flexa Ribeiro\* (S)  
**PSOL** - José Nery\* (S)  
**Minoria-PSDB** - Mário Couto\*\*

## Pernambuco

**Minoria-DEM** - Marco Maciel\*  
**Minoria-PSDB** - Sérgio Guerra\*  
**Maioria-PMDB** - Jarbas Vasconcelos\*\*

## São Paulo

**Bloco-PT** - Aloizio Mercadante\*  
**PTB** - Romeu Tuma\*  
**Bloco-PT** - Eduardo Suplicy\*\*

## Minas Gerais

**Minoria-PSDB** - Eduardo Azeredo\*  
**Maioria-PMDB** - Wellington Salgado de Oliveira\* (S)  
**Minoria-DEM** - Eliseu Resende\*\*

## Goiás

**Minoria-DEM** - Demóstenes Torres\*  
**Minoria-PSDB** - Lúcia Vânia\*  
**Minoria-PSDB** - Marconi Perillo\*\*

## Mato Grosso

**Bloco-PT** - Serys Slhessarenko\*  
**Minoria-DEM** - Jayme Campos\*\*  
- vago\*

## Rio Grande do Sul

**Bloco-PT** - Paulo Paim\*  
**PTB** - Sérgio Zambiasi\*  
**Maioria-PMDB** - Pedro Simon\*\*

## Ceará

**PDT** - Patrícia Saboya\*  
**Minoria-PSDB** - Tasso Jereissati\*  
**Bloco-PC DO B** - Inácio Arruda\*\*

## Paraíba

**Minoria-DEM** - Efraim Morais\*  
**Maioria-PMDB** - José Maranhão\*  
**Minoria-PSDB** - Cícero Lucena\*\*

## Espírito Santo

**Maioria-PMDB** - Gerson Camata\*  
**Bloco-PR** - Magno Malta\*  
**Bloco-PSB** - Renato Casagrande\*\*

## Piauí

**Minoria-DEM** - Heráclito Fortes\*  
**Maioria-PMDB** - Mão Santa\*  
**PTB** - João Vicente Claudino\*\*

## Rio Grande do Norte

**Maioria-PMDB** - Garibaldi Alves Filho\*  
**Minoria-DEM** - José Agripino\*  
**Minoria-DEM** - Rosalba Ciarlini\*\*

## Santa Catarina

**Bloco-PT** - Ideli Salvatti\*  
**Maioria-PMDB** - Neuto De Conto\* (S)  
**Minoria-DEM** - Raimundo Colombo\*\*

## Alagoas

**Minoria-PSDB** - João Tenório\* (S)  
**Maioria-PMDB** - Renan Calheiros\*  
**PTB** - Fernando Collor\*\*

## Sergipe

**Maioria-PMDB** - Almeida Lima\*  
**Bloco-PSB** - Antonio Carlos Valadares\*  
**Minoria-DEM** - Maria do Carmo Alves\*\*

## Amazonas

**Minoria-PSDB** - Arthur Virgílio\*  
**PDT** - Jefferson Peres\*  
**Bloco-PT** - João Pedro\*\* (S)

## Paraná

**Bloco-PT** - Flávio Arns\*  
**PDT** - Osmar Dias\*  
**Minoria-PSDB** - Alvaro Dias\*\*

## Acre

**Maioria-PMDB** - Geraldo Mesquita Júnior\*  
**Bloco-PT** - Sibá Machado\* (S)  
**Bloco-PT** - Tião Viana\*\*

## Mato Grosso do Sul

**Bloco-PT** - Delcídio Amaral\*  
**Maioria-PMDB** - Valter Pereira\* (S)  
**Minoria-PSDB** - Marisa Serrano\*\*

## Distrito Federal

**Minoria-DEM** - Adelmir Santana\* (S)  
**PDT** - Cristovam Buarque\*  
**PTB** - Gim Argello\*\* (S)

## Tocantins

**Bloco-PR** - João Ribeiro\*  
**Maioria-PMDB** - Leomar Quintanilha\*  
**Minoria-DEM** - Kátia Abreu\*\*

## Amapá

**Maioria-PMDB** - Gilvam Borges\*  
**Minoria-PSDB** - Papaléo Paes\*  
**Maioria-PMDB** - José Sarney\*\*

## Rondônia

**Bloco-PT** - Fátima Cleide\*  
**Maioria-PMDB** - Valdir Raupp\*  
**Bloco-PR** - Expedito Júnior\*\*

## Roraima

**Bloco-PT** - Augusto Botelho\*  
**Maioria-PMDB** - Romero Jucá\*  
**PTB** - Mozarildo Cavalcanti\*\*

## Mandatos

\*: Período 2003/2011    \*\*: Período 2007/2015

1. Em virtude do falecimento do Senador Jonas Pinheiro.

## ÍNDICE TEMÁTICO

	Pág.		Pág.
<b>AGRICULTURA</b>		trabalhos do Congresso Nacional. Senador Jayme Campos. ....	85
Considerações sobre o agronegócio. Aparte ao Senador Flexa Ribeiro. Senadora Rosalba Ciarlini. ....	156	Elogios ao presidente Garibaldi Alves pelo pronunciamento feito na sessão de abertura dos trabalhos do Congresso Nacional. Senador Papaléo Paes. ....	85
<b>ALCOOLISMO</b>		Elogios ao Presidente Garibaldi Alves pelo pronunciamento feito na sessão de abertura dos trabalhos do Congresso Nacional. Senador Sibá Machado. ....	111
Considerações sobre o alcoolismo na vida das pessoas. Aparte ao Senador Magno Malta. Senador Wellington Salgado Oliveira. ....	245	Elogio a atuação do Sr. Presidente do Senado, Garibaldi Alves Filho, na sua tentativa, de recuperação da reputação do Congresso Nacional. Senador Tião Viana. ....	431
Questionamento sobre a decisão do Governo em proibir a venda de bebidas alcoólicas nos estabelecimentos localizados em rodovias federais. Senador Valter Pereira. ....	246	Cumprimentos ao Sr. Presidente do Senado, Garibaldi Alves Filho, pela maneira como vem conduzindo a Presidência do Senado. Senador Expedito Júnior. ....	436
<b>AMAZÔNIA</b>		Elogios ao Senador Pedro Simon, bem como comentários sobre a falta de austeridade no Governo Lula. Senador Mão Santa. ....	451
Discurso sobre os problemas da Amazônia. Senador Geraldo Mesquita Júnior. ....	15	Considerações sobre o Governo de Getúlio Vargas e dos Presidentes que o sucederam. Aparte ao Senador Mão Santa. Senador Pedro Simon. ....	452
Reflexão sobre a questão da Amazônia brasileira. Senador Geraldo Mesquita. ....	69	Cumprimentos ao Senador Paulo Paim pela sua postura parlamentar. Aparte ao Senador Paulo Paim. Senador Pedro Simon. ....	465
<b>ARTIGO DE IMPRENSA</b>		Cumprimentos ao Senador Paulo Paim pela sua postura parlamentar. Aparte ao Senador Paulo Paim. Senador Heráclito Fortes. ....	466
Registro do editorial intitulado “Quem te viu e quem te vê” publicado no jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> . Senador Geraldo Mesquita Júnior. ....	15	Reflexão sobre a frase: quando os políticos enriquecem, a política empobrece. Senador Cristovam Buarque. ....	512
Registro da entrevista intitulada “FHC dispara o alarme”, publicada na revista <i>Istoé Dinheiro</i> , edição de 20 de 2008. Senador Papaléo Paes. ....	673	Cumprimentos ao Senador Mão Santa pelo sinceridade e singeleza de seus discursos. Aparte ao Senador Mão Santa. Senador Pedro Simon. ....	601
<b>ATUAÇÃO PARLAMENTAR</b>		Cumprimentos ao Senador Mão Santa pelo sinceridade e singeleza de seus discursos. Aparte ao Senador Mão Santa. Senador José Agripino. ....	602
Congratulações ao Senador Geraldo Mesquita Júnior pelo registro nos <i>Anais da Casa</i> , de artigo intitulado “Quem te viu e quem te vê” publicado no jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> . Aparte ao Senador Geraldo Mesquita Júnior. Senador Alvaro Dias. ....	16		
Elogios ao presidente Garibaldi Alves pelo pronunciamento feito na sessão da abertura dos			

	Pág.		Pág.
Resultados da pesquisa CNT-Sensus, avaliando a performance do Governo Federal e do Presidente Lula. Senador Sibá Machado.....	613	(CPI)	
Registro da pesquisa CNT-Sensus sobre o Governo Lula. Senadora Ideli Salvatti.....	622	Réplica ao pronunciamento do Senador Romero Jucá referente a instalação da CPI dos cartões corporativos. Senador Heráclito Fortes.....	38
Considerações acerca dos anunciados resultados de pesquisas avaliando o Governo Lula. Senadora Marisa Serrano.....	623	Considerações sobre a adulteração do requerimento de instalação da CPI dos cartões corporativos. Aparte ao Senador Heráclito Fortes. Senador Geraldo Mesquita Júnior.....	39
Comentários aos resultados da pesquisa CNT/Sensus sobre a popularidade do Presidente Lula, bem como às principais alterações ao projeto que dispõe sobre a Lei Geral de Licitações. Senador Eduardo Suplicy.....	642	Explicação sobre a proposta de instalação da CPI dos cartões corporativos, feita por Sua Excelência. Aparte ao Senador Heráclito Fortes. Senador Romero Jucá. ....	41
<b>BANCO</b>		Considerações sobre a instalação da CPI dos cartões corporativos. Senador José Agripino. ....	42
Preocupação com a situação dos funcionários do Banco do Estado do Piauí, após a federalização da instituição. Senador Heráclito Fortes. ....	487	Considerações sobre a instalação da CPI dos cartões corporativos. Aparte ao Senador José Agripino. Senador Romero Jucá.....	45
Preocupação com a situação dos funcionários do Banco do Estado do Piauí, após a federalização da instituição. Aparte ao Senador Heráclito Fortes. Senador Mão Santa.....	488	Registro de posicionamento do PSDB sobre a necessidade das investigações sobre os gastos com Cartões corporativos. Senador Alvaro Dias... ..	47
<b>COMÉRCIO EXTERIOR</b>		Congratulações ao Senador Mão Santa pelo pronunciamento referente a CPI dos cartões. Aparte ao Senador Mão Santa. Senador José Agripino....	49
Preocupação com a suspensão da compra da carne bovina brasileira pela Comunidade Européia. Relato da pauta do setor arrozeiro do Rio Grande do Sul. Senador Paulo Paim.....	85	Considerações sobre afirmações proferidas pelo Senador Romero Jucá sobre a CPI dos cartões corporativos, em entrevista à imprensa. Aparte ao Senador Mão Santa. Senador Alvaro Dias. ....	51
<b>CONGRESSO NACIONAL</b>		Considerações sobre a questão dos cartões corporativos e a instalação de uma CPI. Senador Heráclito Fortes. ....	94
Cumprimentos ao Presidente Garibaldi Alves filho pelo diálogo estabelecido com o Presidente da Câmara para regulamentação da edição das medidas provisórias. Senador Renato Casagrande. ...	438	Resposta aos questionamentos feitos pelo Senador Heráclito Fortes sem eu discurso sobre a instalação da CPI dos cartões corporativos. Aparte ao Senador Heráclito Fortes. Senador Sibá Machado... ..	95
<b>CONSTITUIÇÃO</b>		Considerações aos questionamentos feitos pelo Senador Heráclito Fortes sem eu discurso sobre a instalação da CPI dos cartões corporativos. Aparte ao Senador Heráclito Fortes. Senador Eduardo Suplicy.....	96
Anúncio de apresentação de proposta de emenda à Constituição propondo que CPIs sejam instaladas por requerimentos de eleitores. Senador Geraldo Mesquita Júnior.....	281	Esclarecimentos sobre a posição do Governo com relação à questão dos cartões corporativos e a instalação de uma CPI Mista. Senador Romero Jucá. ....	99
Cumprimentos ao Senador Geraldo Mesquita Júnior pela iniciativa de propor emenda à Constituição que vise garantir ao povo o direito de requerer diretamente a instalação de CPI. Aparte ao Senador Geraldo Mesquita Júnior. Senador Paulo Paim. ....	282	Registro, nos <i>Anais</i> do Senado, de dois requerimentos encaminhados à CPI das ONGs no Senado. Senador Alvaro Dias.....	102
Registro do transcurso dos 20 anos da promulgação da Constituição Federal. Senador Cristovam Buarque. ....	410	Manifestação sobre a criação de uma CPI Mista para investigar o uso dos cartões corporativos. Senador Renato Casagrande.....	105
		Manifestação sobre a criação de uma CPI Mista para investigar o uso dos cartões corporativos. Senador José Agripino. ....	106

Pág.	Pág.
<p>Reflexões sobre a instalação de uma CPI Mista para investigar o uso dos cartões corporativos. Senador Arthur Virgílio.....</p> <p>Questionamentos sobre o uso dos cartões corporativos por membros do Governo Federal e a instalação de uma CPI Mista. Senador Mão Santa.</p> <p>Solicitação da convocação de reunião para definir os critérios para a escolha dos membros da CPMI que investigará o uso dos cartões corporativos. Senador Arthur Virgílio. ....</p> <p>Considerações sobre a instalação de uma CPI destinada a investigar as denúncias sobre o uso dos cartões corporativos. Senador Alvaro Dias.....</p> <p>Comentários sobre o prosseguimento da CPI dos cartões corporativos. Aparte ao Senador Alvaro Dias. Senador Jefferson Péres. ....</p> <p>Comentários sobre a instalação da CPI dos cartões corporativos. Aparte ao Senador Alvaro Dias. Senadora Marisa Serrano. ....</p> <p>Manifestação sobre “o escândalo dos cartões corporativos”. Senador Mão Santa. ....</p> <p>Comentários ao pronunciamento do Senador Mão Santa sobre o “escândalo dos cartões corporativos”. Aparte ao Senador Mão Santa. Senador Jefferson Péres.....</p> <p>Comunicação de reunião de líderes partidários para firmar posição sobre a CPI dos cartões corporativos. Senador Arthur Virgílio. ....</p> <p>Posicionamento sobre a instalação da CPI que irá investigar o uso dos cartões corporativos. Senador José Nery. ....</p> <p>Reclamação de que o PMDB vem adiando a indicação da Presidência de várias comissões importantes e análise da situação da CPI dos cartões corporativos. Valdir Raupp. ....</p> <p>Manifestação sobre os entendimentos para a instalação da CPMI para investigar o uso dos cartões corporativos. Senador Renato Casagrande... ..</p> <p>Defesa de criação da CPI para investigar a fundo os gastos com cartões corporativos e identificar aqueles que não zelam pelo dinheiro público. Senador Mario Couto.....</p> <p>Considerações sobre a obstrução ou não na instalação de novas CPIs. Senador Tião Viana. ....</p> <p>Réplica ao pronunciamento do Senador Tião Viana, sobre a obstrução ou não na instalação de novas CPIs. Senador Alvaro Dias.....</p> <p>Anúncio de ação do PSDB junto ao Supremo Tribunal Federal, para obter dados dos cartões da Presidência da República. Senador Marconi Perillo..</p> <p>Comentário sobre a necessidade de utilização do princípio de proporcionalidade, com relação as</p>	<p>bancadas dos partidos, para a escolha dos membros da CPMI dos cartões corporativos. Senador Arthur Virgílio. ....</p> <p>Solicitação ao presidente do Senado, Senador Garibaldi Alves Filho, para aprovar o requerimento de criação da CPMI dos cartões corporativos. Senador Pedro Simon.....</p> <p>Solicitação ao Sr. Presidente do Senado, Garibaldi Alves Filho, que aprove o protocolo de instalação da CPMI dos cartões corporativos. Senador Flexa Ribeiro.....</p> <p>Apoio ao Sr. Presidente Garibaldi Alves Filho, pela devolução do protocolo de instalação da CPMI dos cartões corporativos, em decorrência do documento não se encontrar de acordo com o Regimento Interno. Senador Sibá Machado.....</p> <p>Apresenta a documentação da devolução feita pelo ministro Orlando Silva após verificar erro na utilização do cartão corporativo. Senador Wellington Salgado de Oliveira. ....</p> <p>Elogio ao esforço para criação da CPI que irá investigar os gastos com cartões corporativos. Senador Mão Santa.....</p> <p>Defesa da criação de uma comissão permanente de inquérito contra a corrupção. Senador Cristovam Buarque. ....</p> <p>Considerações sobre desmoralização na instalação de CPIs. Aparte ao Senador Cristovam Buarque. Senador Pedro Simon.....</p> <p>Questionamento da indicação da Presidência e da Relatoria na Comissão Parlamentar Mista de Inquérito que vai investigar as denúncias em torno dos cartões corporativos; e se haveria impedimento de ordem legal ou regimental para a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito exclusiva do Senado Federal. Senador José Agripino. ....</p> <p>Esclarece sobre os procedimentos da banca-governista para a abertura da CPI e da CPMI. Senador Sibá Machado. ....</p> <p>Comenta que o excesso de CPI's atrapalha a tramitação de projetos no Congresso Nacional. Crítica a proposta de ter uma CPI e uma CPMI sobre o mesmo assunto. Senador Antonio Carlos Valadares.</p> <p>Demonstração de perplexidade com a notícia de que a CPI das ONGs seria reiniciada com um grande acordo. Senador Heráclito Fortes.....</p> <p>Demonstração de perplexidade com a notícia de que a CPI das ONGs seria reiniciada com um grande acordo. Aparte ao Senador Heráclito Fortes. Senador Sibá Machado. ....</p>
107	432
109	433
113	434
167	435
168	435
169	435
170	489
171	512
173	514
183	603
185	604
187	604
303	604
315	640
315	640
315	641

	Pág.		Pág.
CPMF		no dia 14 de fevereiro de 2008. Aparte a Senadora Rosalba Ciarlini. Senador Eduardo Suplicy. ....	167
Comentários sobre artigo intitulado “O fim da CPMF e a inflação”, de autoria do Professor Marcos Cintra, publicado no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> . Senadora Ideli Salvatti. ....	605	Reparos à condução do processo de transposição do Rio São Francisco, defendendo a prioridade de construção da barragem de Oiticica e do projeto de irrigação da barragem de Santa Cruz, que trariam benefícios imediatos. Senador José Agripino. ....	313
Referências ao pronunciamento da Senadora Ideli Salvatti. Senador Antonio Carlos Valadares. ....	609	Cobranças ao governo federal para conclusão de obras de infra-estrutura no Estado do Piauí. Senador Mão Santa. ....	361
Comentários sobre artigo intitulado “O fim da CPMF e a inflação”, de autoria do Professor Marcos Cintra, publicado no jornal <i>Folha de S.Paulo</i> . Aparte ao Senador Antonio Carlos Valadares. Senadora Ideli Salvatti. ....	609	Considerações sobre as cobranças do Senador Mão Santa em favor do estado do Piauí. Aparte ao Senador Mão Santa. Senador Eduardo Suplicy. ....	363
Considerações sobre o fim da CPMF e suas possíveis conseqüências. Aparte ao Senador Antonio Carlos Valadares. Senador Sibá Machado. ....	610	Considerações sobre as cobranças do Senador Mão Santa em favor do estado do Piauí. Aparte ao Senador Mão Santa. Senador Wellington Salgado de Oliveira. ....	363
DESENVOLVIMENTO REGIONAL		Registro de encontro da bancada federal do Rio Grande do Norte com a Ministra Dilma Rousseff, a fim de levar as prioridades e reivindicações daquele Estado ao Governo Federal. Senadora Rosalba Ciarlini. ....	364
Anúncio da presença de diversas autoridades no Senado Federal para esclarecimentos sobre a transposição das águas do rio São Francisco. Senador Eduardo Suplicy. ....	114	Considerações ao discurso da Senadora Rosalba Ciarlini a respeito do estado do Rio Grande do Norte. Aparte a Senadora Rosalba Ciarlini. Senador Mão Santa. ....	366
Elogios a iniciativa do Senador Eduardo Suplicy de reunir, no Senado Federal, diversas autoridades para debater o tema da transposição das águas do rio São Francisco. Senador Paulo Duque. ....	118	Satisfação com a audiência pública em que foi debatida a transposição do Rio São Francisco. Senador Paulo Paim. ....	464
Considerações sobre a transposição das águas do rio São Francisco. Aparte ao Senador Paulo Duque. Senador Eduardo Suplicy. ....	119	Preocupação com o projeto de transposição das águas do Rio São Francisco. Senador Marconi Perillo. ....	483
Registro da realização de audiência pública na Comissão de Direitos Humanos para discutir a questão da transposição das águas do rio São Francisco. Senadora Rosalb Ciarlini. ....	162	Registro das visitas do Presidente Lula ao Amapá, bem como discussão sobre a liberação de recursos federais para obras no Estado do Amapá. Senador Gilvam Borges. ....	485
Considerações sobre as divergências de posições sobre a transposição do rio São Francisco. Aparte a Senadora Rosalba Ciarlini. Senador Antonio Carlos Valadares. ....	163	O debate sobre a transposição das águas do rio São Francisco. Senador Cristovam Buarque. ....	512
Considerações de que a transposição do Rio São Francisco não contribuirá para a diminuição da pobreza nos estados. Aparte a Senadora Rosalba Ciarlini. Senador César Borges. ....	164	EDUCAÇÃO	
Considerações sobre a transposição das águas do rio São Francisco. Aparte a Senadora Rosalba Ciarlini. Senador José Agripino. ....	165	Leitura de nota emitida por entidades ligadas à educação. Senadora Fátima Cleide. ....	423
Considerações sobre a transposição das águas do rio São Francisco. Aparte a Senadora Rosalba Ciarlini. Senador Cícero Lucena. ....	166	Destaque para a realização da Terceira Olimpíada Brasileira de Matemática nas escolas públicas, em 2007, e homenagem aos alunos premiados do Rio Grande do Sul. Senador Paulo Paim. ....	494
Argumentação sobre a transposição das águas do rio São Francisco. Aparte a Senadora Rosalba Ciarlini. Senador Romeu Tuma. ....	166	Considerações sobre projeto de lei da autoria de S.Exa. que propõe que os filhos de parlamentares sejam obrigados a estudar em escola pública. Aparte ao Senador Geraldo Mesquita Júnior. Senador Cristovam Buarque. ....	502
Pedido aos pares a fim de que compareçam ao debate sobre a transposição do rio São Francisco,			



	Pág.	V Pág.
<b>EXPLICAÇÃO PESSOAL</b>		
Justificativas sobre o requerimento para instalação da CPI dos cartões corporativos. Senador Romero Jucá. ....	32	
<b>GOVERNO ESTADUAL</b>		
Repúdio à inverdades propaladas pelo Governo do PT no estado do Pará. Senador Flexa Ribeiro. ..	308	
Solidariedade ao Senador Osmar Dias que denuncia a desobediência da Secretaria do Tesouro Nacional, em desrespeito à soberania do Senado. Senador Expedito Júnior.....	335	
<b>GOVERNO FEDERAL</b>		
Defesa de investigação dos gastos com cartões corporativos. Senador Alvaro Dias.....	6	
Considerações sobre os gastos com cartões corporativos. Senador Heráclito Fortes.....	22	
Congratulações ao Senador Heráclito Fortes, em virtude de discurso sobre os gastos com cartões corporativos. Aparte ao Senador Heráclito Fortes. Senador Mão Santa.....	24	
Considerações sobre o uso do cartão corporativos. Aparte ao Senador Heráclito Fortes. Senador Alvaro Dias.....	25	
Considerações sobre a responsabilidade da Presidência da República sobre os cartões corporativos. Aparte ao Senador Romero Jucá. Senador Alvaro Dias.....	35	
Defesa das investigações contra o mau uso dos cartões corporativos. Senador Mão Santa.....	48	
Considerações sobre nota do Partido dos Trabalhadores a respeito dos cartões corporativos. Senador Alvaro Dias.....	87	
Considerações sobre a instalação de CPIs. Aparte ao Senador Alvaro Dias. Senador Geraldo Mesquita Júnior.....	89	
Considerações sobre o seguimento da instalação da CPI dos cartões corporativos. Aparte ao Senador Alvaro Dias. Senador Antonio Carlos Valadares.	89	
Congratulações ao Senador Alvaro Dias pela atenção destinada ao processo de instauração da CPI dos cartões corporativos. Aparte ao Senador Alvaro Dias. Senador Heráclito Fortes.....	89	
Congratulações ao Governo Federal pela iniciativa de disponibilizar os gastos dos cartões corporativos na Internet. Aparte ao Senador Alvaro Dias. Senador Sibá Machado. ....	90	
		91
		92
		97
		158
		249
		250
		301
		302
		302
		334
		369
		413
		414
		414
		415
		420

	Pág.		Pág.
Críticas aos gastos excessivos do Governo Lula. Senador Mario Couto.....	428	Votos de recuperação plena ao Presidente do Timor-Leste, José Manuel Ramos-Horta. Senador Eduardo Suplicy.....	114
Solicitação ao Sr. Presidente Garibaldi Alves Filho a exclusão da palavra “apoio” no requerimento, que pede a instalação do CPMI para a instauração da CPI dos cartões corporativos do governo federal. Senador Flexa Ribeiro.....	431	Votos de recuperação plena ao Presidente do Timor-Leste, José Manuel Ramos-Horta. Aparte ao Senador Eduardo Suplicy. Senador Heráclito Fortes.....	116
Registro do apoio a decisão do presidente do Senado de devolver o requerimento que criava a CPMI dos cartões corporativos, em decorrência de erro, descumprindo o regimento interno. Senador Wellington Salgado de Oliveira.....	432	Votos de recuperação plena ao Presidente do Timor-Leste, José Manuel Ramos-Horta. Aparte ao Senador Eduardo Suplicy. Senador Arthur Virgílio.	116
Defesa de punição pelo mau uso dos cartões corporativos. Senador Mario Couto. ....	436	Votos de recuperação plena ao Presidente do Timor-Leste, José Manuel Ramos-Horta. Aparte ao Senador Eduardo Suplicy. Senador Mão Santa.....	117
Considerações sobre o requerimento de instalação da CPI dos cartões corporativos. Senador Cristovam Buarque. ....	437	Votos de aplauso pelo aniversário do município de Envira – AM, à atleta Elis Regina, ao professor e colecionador de fósseis José Alberto Neves e a Sra. Georgette Abraham Lima fundadora da primeira farmácia em Manaus. Senador Arthur Virgílio. ....	118
Reflexões sobre governos anteriores e o atual em razão da instalação da CPI para investigar o uso dos cartões corporativos. Senador Pedro Simon...	441	Solidariedade aos Senadores Jonas Pinheiro e Aloizio Mercadante, hospitalizados. Senador Paulo Paim.....	145
Registro de comunicação recebida do Senador Arthur Virgílio sobre a coleta de assinaturas para a reapresentação de requerimento para a instalação da CPI dos cartões corporativos. Senador Flexa Ribeiro.....	447	Encaminhamento à votação de requerimento que solicita uma sessão solene para homenagear os 50 anos do Armazém Paraíba. Senador Magno Malta.....	205
Defesa da formulação de propostas de reformas política e tributária para serem votadas em 2009 e vigorarem em 2014. Senador Heráclito Fortes. ...	460	Comunicação do agravamento da saúde do Senador Jonas Pinheiro, internado na UTI do hospital Amecor, em Cuiabá, MT. Senador Jayme Campos.....	238
Considerações ao discurso do Senador Heráclito Fortes. Aparte ao Senador Heráclito Fortes. Senador Pedro Simon.....	461	Associação aos pares quanto às preocupações com o precário estado de saúde do Senador Jonas Pinheiro. Senador Valter Pereira. ....	240
Considerações sobre a CPI dos cartões corporativos. Senador Paulo Paim.....	464	Solidariedade aos Senadores Jonas Pinheiro e Aloizio Mercadante que encontram-se hospitalizados. Senador Papaléo Paes.....	241
Agradecimentos ao Senador Paulo Paim pela assinatura no requerimento que repõe o pedido de criação da CPMI dos Cartões Cooperativos. Aparte ao Senador Paulo Paim. Senador Arthur Virgílio..	466	Saudação ao Vice-Presidente da Bolívia, Sr. Alvaro Garcia Linera, em visita oficial ao Brasil. Senador Eduardo Suplicy.....	312
Considerações sobre o Governo Lula e as CPI. Senador Pedro Simon.....	504	Saudação ao Vice-Presidente da Bolívia, Sr. Álvaro Garcia Linera, em visita oficial ao Brasil. Senador Inácio Arruda. ....	312
Comentários sobre a corrupção, incompetência e falta de espírito público no serviço público. Aparte ao Senador Pedro Simon. Senador Cristovam Buarque.....	510	Saudação ao Vice-Presidente da Bolívia, Sr. Álvaro Garcia Linera, em visita oficial ao Brasil. Senador José Nery.....	313
<b>HOMENAGEM</b>		Registro histórico dos 28 anos de fundação do Partido dos Trabalhadores. Aparte ao Senador Eduardo Suplicy. Senador João Pedro. ....	357
Homenagem ao Senador Alvaro Dias pelo pronunciamento proferido a respeito dos cartões corporativos. Aparte ao Senador Alvaro Dias. Senador Mão Santa. ....	10	Homenagem pelo transcurso dos 80 anos de fundação do jornal O Povo, do Estado do Ceará. Senador Geraldo Mesquita Júnior. ....	499
Registro do transcurso dos 250 anos de fundação da cidade de Macapá – AP. Senador Papaléo Paes.....	101	Comemoração pelos duzentos anos de criação da primeira faculdade de medicina do País – Escola de Cirurgia, implantada em Salvador, em	

	Pág.	VII	Pág.
18 de fevereiro de 1808 no Real Hospital Militar da Bahia, pelo Príncipe Regente de Portugal, D.João VI. Senador Papaléo Paes.....	635	e pela morte da Senhora Zilda Monteiro Serrano, mãe da Senadora Marisa Serrano. Senador Flexa Ribeiro.....	428
Registro da realização de um evento que comemorou o aniversário de cinqüenta anos da Ministra Marina Silva, dos vinte e oito anos do PT e a posse dos novos presidentes dos diretórios municipais e estaduais do partido no Acre. Senador Sibá Machado.....	639	Voto de Pesar pelo falecimento da Sra. Maria Salomé de Lucena, mãe do Senador Cícero Lucena. Senador Arthur Virgílio.....	469
Votos de pronta recuperação aos Senadores Aloizio Mercadante e Jonas Pinheiro. Senador Eduardo Suplicy.....	642	Agradecimento aos senadores pelo voto de pesar pelo falecimento de sua mãe, Maria Salomé de Lucena. Senador Cícero Lucena.....	596
HOMENAGEM PÓSTUMA		Voto de pesar pelo falecimento do Sr. Bernardo Araújo Rocha. Senador Mão Santa.....	612
Registro do transcurso, em 2008, dos 400 anos do nascimento do Padre Antonio Vieira. Senador José Sarney.....	73	IMPrensa	
Considerações sobre o transcurso, em 2008, dos 400 anos de nascimento do Padre Antonio Vieira. Aparte ao Senador José Sarney. Senador Marco Maciel.....	75	Comentários sobre a entrevista do Senador José Sarney à <i>Folha de S.Paulo</i> , e sobre CPIs. Senador Pedro Simon.....	619
Votos de pesar pelo falecimento da atleta Dora Bria, e das senhoras Marina Cruz Lyra e Zilda Monteiro Serrano, mães do desembargador Benedito Cruz Lyra e da Senadora Marisa Serrano, respectivamente. Senador Arthur Virgílio.....	118	Saudações ao pronunciamento do Senador Pedro Simon, em especial pelo consenso com o Senador José Sarney no que diz respeito da ocasião propícia que tem o Presidente Lula para a realização da reforma política. Aparte ao Senador Pedro Simon. Senador Eduardo Suplicy.....	622
Registro da data de três anos de falecimento da irmã Dorothea Stang, vítima da intolerância e da violência praticada contra os trabalhadores no campo do Brasil. Senador Sibá Machado.....	238	LEGISLAÇÃO TRABALHISTA	
Lamento pela ausência dos Senadores Jonas Pinheiro e Aloizio Mercadante, ambos em tratamento de saúde. Senador Marcelo Crivella.....	239	Considerações sobre o movimento organizado pelas centrais sindicais a favor da redução da jornada de trabalho de 44 horas para 40 horas semanais, sem redução de salários. Senador Paulo Paim.....	1
Homenagem pelo centenário de nascimento de Olga Benário Prestes. Senador Inácio Arruda..	346	Defesa da ratificação das Convenções 151 e 158 da OIT. Senador Paulo Paim.....	464
Homenagem pelo centenário de nascimento de Olga Benário Prestes. Aparte ao Senador Inácio Arruda. Senador João Pedro.....	347	MENSAGEM DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA	
Homenagem de pesar pelo falecimento do Dr. Aderbaldo Soares de Oliveira, Curador da Infância e da Juventude no Estado da Paraíba. Senador Cícero Lucena.....	356	Mensagem nº 42, de 2008 (nº 44/2008, na origem), que informa que o Presidente da República se ausentará do país no dia 12 de fevereiro, em razão de visita oficial à cidade de Saint-Georges de L'Oyapock, Departamento Ultramarino da Guiana, República Francesa.....	120
Registro histórico dos 28 anos de fundação do Partido dos Trabalhadores. Senador Eduardo Suplicy.....	356	Mensagem nº 43, de 2008 (nº 54/2008, na origem), que informa que o Presidente da República se ausentará do país no período de 15 a 17 de fevereiro de 2008, em viagem oficial a Punta Arenas, República do Chile, por ocasião da visita à Estação Antártica Comandante Ferraz.....	378
Homenagem à mãe de S.Exa., Zilda Serrano, recentemente falecida e à Sra. Maria Salomé de Lucena, mãe do Senador Cícero Lucena, falecida dia 14 de fevereiro de 2008. Senadora Marisa Serrano.....	413	MINISTÉRIO DA DEFESA	
Voto de Pesar pelo falecimento de Maria Salomé de Lucena, mãe do Senador Cícero Lucena,		Solicitação à Mesa que reitere seu requerimento de informações, apresentado no dia 25 de	

	Pág.		Pág.
setembro de 2007, ao Ministro da Defesa, sobre a ocupação dos imóveis funcionais pelos militares. Senador Expedito Júnior.....	345		
<b>PARECER</b>			
Parecer nº 59, de 2008 (Plenário), que dá parecer favorável à Emenda nº 2 – CCJ, do Projeto de Resolução nº 37, de 2007. Senador Tião Viana. ....	195		
Parecer nº 60, de 2008 (da Comissão Diretora), que dá redação final ao Projeto de Resolução nº 37, de 2007. Senador Magno Malta. ....	196		
Parecer nº 61, de 2008 (da Comissão Diretora), que dá redação final do Projeto de Resolução nº 65, de 2007. Senador Efraim Morais.....	324		
Parecer nº 62, de 2008 (da Comissão de Ciência, tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 440, de 2007 (nº 74/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a permissão outorgada à Rádio Avahy FM Ltda., para explorar serviço de radiodifusão modulada na cidade de Itaperuna, Estado do Rio de Janeiro. Senador Francisco Dornelles. ....	389		
Parecer nº 63, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 444, de 2007 (nº 114/2007, na Câmara dos deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Rádio Macabu Livre para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Conceição de Macabu, Estado do Rio de Janeiro. Senador Marcelo Crivella. ....	395		
Parecer nº 64, de 2008 (da Comissão de Meio Ambiente, Defesa do Consumidor e Fiscalização e Controle), sobre o Aviso nº 161, de 2001 (nº 4.749/2001, na origem), do Tribunal de Contas da União, que encaminha cópia da Decisão nº 585/2001-TCU-Plenário, referente à denúncia de eventuais irregularidades em cessão de crédito realizada pelo Banco do Brasil no Estado do Ceará. Senador Ademir Santana. ....	401		
Parecer nº 65, de 2008 (da Comissão de Meio Ambiente, Defesa do Consumidor e Fiscalização e Controle), sobre o Aviso nº 99, de 2007. (nº 1.571/2007, na origem), do Tribunal de Contas da União, que encaminha ao Senado Federal cópia do Acórdão nº 2.233/2007, proferido nos autos do processo TC 004.468/2006-6, bem como do Relatório e do Voto que o fundamentaram, sobre Auditoria Operacional realizada no Programa Morar Melhor, gerido pela Secretaria Nacional de Habitação do Ministério das Cidades e executado pela Caixa Econômica Federal. Senador Cícero Lucena. ....	403		
		Parecer nº 66, de 2008 (da Comissão de Educação, Cultura e Esporte), sobre o Projeto de Lei do Senado nº 106, de 2007, de autoria do Senador Expedito Júnior, que altera o art. 2º da Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005, que dispõe sobre o Programa Universidade para Todos (PROUNI), para permitir que bolsas remanescentes do programa sejam destinadas a estudantes que tenham cursado parte do ensino médio em escolas privadas. Senador Marcelo Crivella. ....	405
		Parecer nº 66-A, de 2008 (da Comissão Diretora), que dá redação do vencido, para o turno suplementar, do Substitutivo ao Projeto de Lei do Senado nº 26, de 2000. Senador Flexa Ribeiro.....	409
		Parecer nº 67, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 263, de 2007 (nº 1.506/2004, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação dos Meditantes de Guritiba para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Mungulu, Estado do Ceará. Senadora Rosalba Ciarlini.....	517
		Parecer nº 68, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 336, de 2007 (nº 164/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a permissão outorgada à Rádio Belo Horizonte Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais. Senador Eliseu Resende. ....	520
		Parecer nº 69, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 360, de 2007 (nº 208/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Radiodifusão de Tejiupió para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade e Recife, Estado de Pernambuco. Senador Marco Maciel. ....	524
		Parecer nº 70, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 369, de 2007 (nº 253/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Desenvolvimento Social, Cultural e Artístico de Nova Santa Bárbara para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Nova Santa Bárbara, Estado do Paraná. Senador Flávio Arns. ....	527
		Parecer nº 71, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº	

Pág.	Pág.		
<p>376, de 2007 (nº 275/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Presidente Epitácio Associação Cultural Comunitária – PEACC para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Presidente Epitácio, Estado de São Paulo. Senador Romeu Tuma.....</p> <p>Parecer nº 72, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 387, de 2007 (nº 151/ 2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Bananalense de Radiodifusão Comunitária para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Bananal, Estado de São Paulo. Senador Romeu Tuma. ....</p> <p>Parecer nº 73, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 390, de 2007 (nº 171/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Cultural e Artística do Jardim Jtaquá para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Itaquaquecetuba, Estado de São Paulo. Senador Romeu Tuma.....</p> <p>Parecer nº 74, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 392, de 2007 (nº 225/ 2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Comunicação e Cultura do Itaenga para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Lagoa do Itaenga, Estado de Pernambuco. Senador Marco Maciel.....</p> <p>Parecer nº 75, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 395, de 2007 (nº 236/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária e Cultural Cidade Doçura para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Américo Brasiliense, Estado de São Paulo. Senador Romeu Tuma. ....</p> <p>Parecer nº 76, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 400, de 2007 (nº 247/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária Amigos da Comunicação de Viçosa para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Viçosa, Estado de Alagoas. Senador João Tenório.....</p> <p>Parecer nº 77, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo</p>	<p>531</p> <p>535</p> <p>538</p> <p>541</p> <p>544</p> <p>547</p>	<p>nº 429, de 2007 (nº 217/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga permissão à Sistema Comercial de Comunicações Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Maranguape, Estado do Ceará. Senadora Maria do Carmo Alves.....</p> <p>Parecer nº 78 , de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo no 443, de 2007 (nº 89/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Movimento Comunitário Rádio Nova de Paz – FM para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Cezarina, Estado de Goiás. Senador Marconi Perillo. ....</p> <p>Parecer nº 79, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 454, de 2007 (nº 241/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à ACAS – Associação Comunitária de Alto Santo – Ceará para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Alto Santo, Estado do Ceará. Senador Cícero Lucena. ....</p> <p>Parecer nº 80, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo no 458, de 2007 (no 297 2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga permissão à Rádio Candelária FM Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Santa Luzia D'Oeste, Estado de Rondônia. Senadora Fátima Cleide. ....</p> <p>Parecer nº 81, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 462, de 2007 (nº 300 2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a concessão outorgada à Emissoras Santa Cruz S/A –Rádio e Televisão para explorar serviço de radiodifusão sonora em onda média na cidade de Pará de Minas, Estado de Minas Gerais. Senador Eduardo Azere-do.....</p> <p>Parecer nº 82, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 466, de 2007 (nº 313/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Comunicação e Cultura Rádio Aliança para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro. Senador Marcelo Crivella.....</p> <p>Parecer nº 83, de 2008 (da Comissão de Assuntos Econômicos), sobre o Projeto de Lei do</p>	<p>551</p> <p>555</p> <p>558</p> <p>562</p> <p>566</p> <p>569</p>

	Pág.		Pág.
Senado nº 110, de 2004, de autoria do Senador Marcelo Crivella, que altera a Lei nº 6.905, de 11 de maio de 1981, para destinar a renda líquida de um concurso anual de prognóstico sobre o resultado de sorteios de números para as Associações da Cruz Vermelha Brasileira. Senador Eduardo Matarazzo Suplicy.....	572	no corajoso e empreendedor. Aparte ao Senador Adelmir Santana. Senador José Agripino.....	29
<b>PECUÁRIA</b>		Cumprimentos ao Governador José Roberto Arruda pela determinação em defesa do povo da Capital Federal. Aparte ao Senador Adelmir Santana. Senador Heráclito Fortes.....	30
Realização de audiência pública na Comissão de Agricultura com o fim de debater as medidas a serem adotadas pelo Brasil no enfrentamento do embargo à carne brasileira, pela da União Européia. Senador Osmar Dias.....	100	Aplausos ao Governador Arruda pela moderna administração empreendida em Brasília. Aparte ao Senador Adelmir Santana. Senador Alvaro Dias...	31
Crítica ao despropósito do embargo da União Européia à carne brasileira. Conclamação aos senadores a participarem do abaixo-assinado, de forma suprapartidária, em defesa da pecuária nacional. Senadora Kátia Abreu.....	348	Celebração pelo transcurso de um ano de criação do Programa de Aceleração do Crescimento, pelo Governo Lula. Senador Augusto Botelho..	449
Preocupação com a restrição à carne brasileira pela União Européia. Senadora Marisa Serrano.....	623	<b>POLÍTICA DE MEIO AMBIENTE</b>	
Considerações sobre a restrição à carne brasileira pela União Européia. Aparte Marisa Serrano. Senador Eduardo Suplicy.....	625	Preocupação com a chamada "Agenda Verde". Senador Tião Viana.....	82
<b>PETRÓLEO</b>		Retificação sobre notícias divulgadas pela imprensa, a respeito de acordos no sentido do perdão às pessoas responsáveis por desmatamentos ilegais. Senador Sibá Machado.....	111
Justificação de projeto que altera a Lei do Petróleo. Senador Cristovam Buarque.....	67	Preocupação com o desmatamento na Amazônia, especialmente no Estado do Pará. Senador Flexa Ribeiro.....	153
<b>POLÍTICA AGRÍCOLA</b>		Considerações acerca do desmatamento na Amazônia. Aparte ao Senador Flexa Ribeiro. Senador Sibá Machado.....	154
Considerações sobre a atividade rural. Aparte ao Senador Flexa Ribeiro. Senadora Kátia Abreu.	155	Cumprimentos a Senadora Kátia Abreu pelo pronunciamento sobre a necessidade de políticas públicas para resguardar e melhor aproveitar os recursos naturais. Aparte a Senadora Kátia Abreu. Senador Flexa Ribeiro.....	160
Defesa da aprovação do PLS nº 555/2007, de autoria de S.Exa., que altera a Lei Agrícola para instituir a concessão de incentivos especiais aos produtores rurais que adotem o sistema orgânico de produção agropecuária. Senador Antonio Carlos Valadares.....	299	Considerações sobre medida provisória que prejudica o Estado do Mato Grosso. Senador Jayme Campos.....	310
<b>POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO</b>		Considerações ao pronunciamento do Senador Jayme Campos. Aparte ao Senador Jayme Campos. Senador Romeu Tuma.....	310
Relato de viagem realizada a Washington, nos Estados Unidos, em companhia do Governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, para tratar da assinatura de empréstimo junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Senador Adelmir Santana.....	28	Considerações sobre as questões ambientais no Brasil. Senador Sibá Machado.....	349
Cumprimentos ao Senador Adelmir Santana, e ao Governador José Roberto Arruda pelo gover-		Preocupação com o meio ambiente em razão de notícia de que a indústria de cervejaria estuda a possibilidade de usar embalagens PET. Sérgio Zambiasi.....	424
		Solidariedade à preocupação do Senador Sérgio Zambiasi com os impactos do uso da embalagem PET pelas cervejarias. Aparte ao Senador Sérgio Zambiasi. Senador Tião Viana.....	425
		Considerações sobre o uso da caixinha tetra pak para envasamento de sucos, laticínios e outros. Aparte ao Senador Sérgio Zambiasi. Senador Sibá Machado.....	426

	Pág.	XI	Pág.
Considerações sobre o desmatamento no Município de Paragominas, no Pará. Senador Flexa Ribeiro.....	447		
Comentários a reportagem intitulada “Operação Amazônia vai custar R\$180 milhões”, publicada dia 17 de fevereiro de 2008, pelo jornal <i>Correio Brasileiro</i> , bem como proposta de criação do Ministério da Amazônia. Senador Geraldo Mesquita Júnior. ....	632	Cumprimentos ao Senador Efraim Morais pelo pronunciamento acerca da Medida Provisória nº 415/2008. Aparte ao Senador Efraim Morais. Senador Valter Pereira.....	306
Solidariedade quanto a criação do Ministério da Amazônia. Aparte ao Senador Geraldo Mesquita Júnior. Senador Mozarildo Cavalcanti. ....	633	Pedido ao presidente Garibaldi Alves Filho de uma definição para a abertura da CPI do DNIT, visto que já se passaram sete meses da coleta das assinaturas. Senador Mario Couto.....	314
Solidariedade quanto a criação do Ministério da Amazônia. Aparte ao Senador Geraldo Mesquita Júnior. Senador Papaléo Paes.....	634		
<b>POLÍTICA DE TRANSPORTES</b>		<b>POLÍTICA ECONÔMICA</b>	
Cumprimentos ao Governador José Roberto Arruda, e considerações sobre a importância do Programa Integrado de Transporte para o Distrito Federal. Aparte ao Senador Adelmir Santana. Senador Romero Jucá. ....	30	Discussão de matéria sobre que propõe a obrigatoriedade da presença do Banco Central na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal de três em três meses, para apresentar a programação monetária do Banco Central, do Governo. Senador Renato Casagrande. ....	326
Defesa da medida provisória que proíbe a venda de bebidas alcoólicas nas rodovias. Senador Magno Malta.....	243	Discussão sobre o Projeto de Resolução do Senado nº 65, de 2007. Senador José Agripino....	327
Sugestão ao governo para que faça campanha de levante nacional contra motoristas embriagados. Senador Tião Viana. ....	292	Discussão sobre o Projeto de Resolução do Senado nº 65, de 2007. Senador Eduardo Suplicy.....	327
Cumprimentos ao Senador Tião Viana pela iniciativa de sugerir campanha contra motoristas embriagados. Aparte ao Senador Tião Viana. Senador Romeu Tuma. ....	293	Discussão sobre o Projeto de Resolução do Senado nº 65, de 2007. Senador Tião Viana.....	327
Cumprimentos ao Senador Tião Viana pela iniciativa de sugerir campanha contra motoristas embriagados. Aparte ao Senador Tião Viana. Senador Cristovam Buarque.....	293		
Cumprimentos ao Senador Tião Viana pela iniciativa de sugerir campanha contra motoristas embriagados. Aparte ao Senador Tião Viana. Senadora Fátima Cleide.....	294	<b>POLÍTICA ENERGÉTICA</b>	
Críticas à Medida Provisória nº 415/2008, que proíbe a comercialização de bebidas alcoólicas em rodovias federais. Senador Efraim Morais. ....	304	Defesa da política energética do governo Lula, bem como críticas a precipitação daqueles que previram “apagão elétrico” em razão da estiagem do início do ano. Senadora Serys Slhessarenko. ....	297
Considerações sobre os danos do alcoolismo em especial nas rodovias. Aparte ao Senador Efraim Morais. Senadora Marisa Serrano.....	305	Cumprimentos a Senadora Serys Slhessarenko pelo pronunciamento acerca da política energética do Governo Lula. Aparte a Senadora Serys Slhessarenko. Senador Flexa Ribeiro. ....	298
Considerações sobre os danos do alcoolismo em especial nas rodovias. Aparte ao Senador Efraim Morais. Senador Mão Santa.....	306	Registro de dados sobre a expansão do setor elétrico no Governo Lula. Senadora Serys Slhessarenko.....	419
Comentários sobre as críticas do Senador Efraim Morais à Medida Provisória nº 415/2008. Aparte ao Senador Efraim Morais. Senador Marcelo Crivella.....	306	Considerações sobre a política energética brasileira. Aparte a Senadora Serys Slhessarenko. Senador Flexa Ribeiro. ....	421
		Considerações sobre a política energética brasileira. Aparte a Senadora Serys Slhessarenko. Senadora Fátima Cleide. ....	422
		<b>POLÍTICA EXTERNA</b>	
		Registro da participação de S.Exa. na comitiva presidencial que se encontrou com o Presidente Nicolas Sarkozy, na cidade de São Jorge do Oiapoque, na Guiana Francesa. Senador Gilvam Borges. ....	353

	Pág.		Pág.
Considerações sobre pronunciamento do Senador Gilvam Borges acerca da visita do Presidente Nicolas Sarkozy. Aparte ao Senador Gilvam Borges. Senador João Pedro.....	354	POLÍTICA INDIGENISTA	
Relato sobre viagem feita por S.Exa. à Antártica. Senador Renato Casagrande.....	438	Apresentação ao presidente Garibaldi Alves Filho do documento “Um olhar indígena sobre a Declaração das Nações Unidas”, síntese do seminário ocorrido dia 13 de fevereiro de 2008. Senadora Fátima Cleide.....	299
Apoio à defesa do programa brasileiro na Antártica. Senador Cristovam Buarque. ....	441	POLÍTICA INDUSTRIAL	
POLÍTICA FISCAL		Reflexão sobre a situação da indústria moveleira. Senador Paulo Paim.....	145
Comunicação de que o Democratas usará de empecilhos para derrubar a medida provisória que eleva a alíquota da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido – CSLL e que só não fará o mesmo na questão do IOF, por não ter instrumentos legais para isso. Senador José Agripino. ....	174	POLÍTICA INTERNACIONAL	
Comentários sobre as medidas adotadas pelo Governo no primeiro dia útil do ano referentes ao aumento do IOF e CSLL. Senador Romero Jucá..	176	Elogios à votação do Projeto de Resolução nº 65, de 2007. Senador Eduardo Suplicy. ....	324
Réplica ao Senador Romero Jucá acerca do aumento do IOF, da CSLL e da CPI dos cartões corporativos. Senador Arthur Virgílio. ....	179	Pedido de registro de votos favoráveis às duas cooperações que o Brasil fez com Angola sobre transferência e extradição de presos. Senador Renan Calheiros.....	326
Questionamento das justificativas apresentadas pelo Senador Romero Jucá às considerações feitas acerca do aumento do IOF, da CSLL e da CPI dos cartões corporativos. Senador José Agripino.	182	Saudação à decisão do Primeiro-Ministro da Austrália, Revin Rudd, de pedido formal de perdão aos aborígenes, por maus tratos seculares. Senador Heráclito Fortes. ....	351
Abordagem sobre a falta de gestão do governo federal com os impostos arrecadados. Senador Papaléo Paes.....	241	POLÍTICA PARTIDÁRIA	
POLÍTICA NACIONAL		Cobrança de resposta da Mesa Diretora sobre questão de ordem que Sua Excelência suscitou antes do encerramento da sessão legislativa do ano de 2007, sobre a situação do PTB, os cargos que lhe são devidos, após Sua Excelência ter deixado a coligação de apoio ao governo. Senador Epitácio Cafeteira. ....	171
Argumentação sobre as características que empobrecem a política brasileira, bem como críticas à falta de consistência programática dos partidos políticos brasileiros. Senador Cristovam Buarque.	294	Apoio a decisão tomada pela Mesa Diretora sobre o desligamento do PTB do bloco de apoio ao governo. Senador Tião Viana.....	172
Cumprimentos ao Senador Cristovam Buarque pelo pronunciamento que aponta características que empobrecem a política nacional, e critica os partidos políticos pela falta de consistência programática. Aparte ao Senador Cristovam Buarque. Senador Sibá Machado. ....	296	Anúncio do afastamento de S.Exa. do Democratas. Senador Lobão Filho.....	630
Cumprimentos ao Senador Cristovam Buarque pelo pronunciamento que aponta características que empobrecem a política nacional, e critica os partidos políticos pela falta de consistência programática. Aparte ao Senador Cristovam Buarque. Senadora Fátima Cleide.....	296	Cumprimentos ao pronunciamento do Senador Lobão Filho. Aparte ao Senador Lobão Filho. Senador João Ribeiro.....	632
		POLÍTICA SANITÁRIA	
		Comentários ao editorial do jornal O Estado de S.Paulo, intitulado “Atenção ao Saneamento”. Senador César Borges. ....	156
		Aplausos ao Senador César Borges pela demonstração de preocupação sobre o tema do saneamento básico. Aparte ao Senador César Borges. Senadora Rosalba Ciarlini.....	157



	Pág.		Pág.
Polêmica sobre o fechamento do Canal de Itaputanga na Cidade de Piúma, no Estado do Espírito Santo. Senador Magno Malta. ....	243	sitivo dos benefícios dos aposentados. Senador Mario Couto. ....	596
<b>POLÍTICA URBANA</b>		Retificação da data de votação do Projeto de Lei nº 58, do dia 27 para dia 26 de fevereiro de 2008, às 10 horas da manhã. Aparte ao Senador Mario Couto. Senador Paulo Paim.....	597
Destaque para a realização, em Porto Alegre, da Conferência Mundial sobre o Desenvolvimento de Cidades – Inovação democrática e transformação social para cidades inclusivas no século XXI. Senador Sérgio Zambiasi. ....	291	Críticas a política governamental para a terceira idade. Senador Mão Santa. ....	599
<b>PRESIDENTE DA REPÚBLICA</b>		<b>PROJETO DE LEI DO SENADO</b>	
Críticas ao Senhor Presidente da República, por não receber o seu irmão. Senador Mão Santa..	15	Projeto de Lei do Senado nº 8, de 2008, que altera os arts. 47 e 49 da Lei nº 9.478, de 6 de agosto de 1997 – Lei do Petróleo, e insere o art. 49-A na mesma lei para destinar parcela dos royalties à conservação da floresta amazônica. Senador Cristovam Buarque.....	53
<b>PREVIDÊNCIA SOCIAL</b>		Projeto de Lei do Senado nº 9, de 2008, que institui o Programa de Preservação de Idiomas Indígenas Brasileiros, e dá outras providências. Senador Cristovam Buarque.....	55
Defesa da aprovação do Projeto de Lei do Senado 58, de 2003, que dispõe sobre a atualização das aposentadorias e pensões. Senador Paulo Paim.....	1	Projeto de Lei do Senado nº 10, de 2008, que altera a lei nº 11.350, de 5 de outubro de 2006, para estabelecer normas sobre o repasse de recursos da União destinados ao pagamento dos Agentes Comunitários às Endemias admitidos pelos gestores locais do Sistema Único de Saúde. Senador Expedito Júnior. ....	81
Considerações sobre discurso do Senador Paulo Paim sobre a atualização das aposentadorias e pensões. Aparte ao Senador Paulo Paim. Senador Mão Santa. ....	5	Projeto de Lei do Senado nº 11, de 2008, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, com o fim de incentivar a abertura das escolas públicas nos finais de semana, feriados e períodos de recesso, para a oferta de atividades culturais, esportivas, de lazer e de reforço escolar, bem como acrescenta dispositivo à Medida Provisória nº 2.178-36, de 24 de agosto de 2001, com o propósito de ampliar o alcance do Programa Nacional de Alimentação Escolar. Senador Expedito Júnior. ....	143
Preocupação com os aposentados em todo o País e a necessidade de reparação das perdas salariais da classe. Senador Paulo Paim.....	145	Projeto de Lei do Senado nº 12, de 2008, que altera a Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984 – Lei de Execução Penal, para permitir à condenada a permanência com seus filhos até a idade de três anos em estabelecimento penal. Senador Expedito Júnior. ....	144
Preocupação com os aposentados em todo o País. Aparte ao Senador Paulo Paim. Senador Mario Couto. ....	147	Projeto de Lei do Senado nº 13, de 2008, que autoriza o Poder Executivo a criar a Escola Técnica Federal de Valparaíso de Goiás, no Estado de Goiás. Senador Cristovam Buarque. ....	266
Defesa do mesmo percentual de reajuste do salário mínimo, para aposentados e pensionistas. Considerações sobre o fator previdenciário. Senador Paulo Paim. ....	283	Projeto de Lei do Senado nº 14, de 2008, que altera a Lei nº 8.989, de 24 de fevereiro de 1995, que dispõe sobre a isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados – IPI, na aquisição de automóveis para utilização no transporte autônomo de	
Cumprimentos ao Senador Paulo Paim em virtude de pronunciamento que defende os aposentados e pensionistas. Aparte ao Senador Paulo Paim. Senador Flexa Ribeiro. ....	284		
Indignação com o sistema de reajuste salarial dos aposentados no Brasil. Senador Geraldo Mesquita Júnior.....	499		
Indignação com o sistema de reajuste salarial dos aposentados no Brasil. Aparte ao Senador Geraldo Mesquita Júnior. Senador Paulo Paim. ....	500		
Considerações sobre a Previdência Social. Senador Pedro Simon.....	504		
Solicitação de celeridade na tramitação do Projeto de Lei do Senado 58, de 2003, de autoria do Senador Paulo Paim, que resgata o poder aqui-			

	Pág.		Pág.
passageiros, bem como por pessoas portadoras de deficiência física, e dá outras providências, para incluir os portadores de deficiência auditiva. Senador Antonio Carlos Valadares. ....	266	contribuição diferenciada, e dá outras providências. Senador Paulo Paim. ....	587
Projeto de Lei do Senado nº 15, de 2008, que altera a Lei nº 8.723, de 28 de outubro de 1993, que dispõe sobre a redução de emissão de poluentes por veículos automotores e dá outras providências, para tomar obrigatória a divulgação da composição e da quantidade e poluentes emitidos pelos veículos comercializados no País. Senador Sibá Machado.	273	<b>PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO</b>	
Projeto de Lei do Senado nº 16, de 2008, que altera a Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991, que “dispõe sobre a organização da Seguridade Social, institui Plano de Custeio, e dá outras providências”, para instituir rateio dos recursos oriundos do Seguro Obrigatório de Danos Pessoais causados por veículos automotores de vias terrestres e destinados ao custeio da assistência médico-hospitalar dos vitimados. Senador Marconi Perillo.....	274	Proposta de Emenda Constitucional nº 1, de 2008, que faculta a criação de CPI mediante iniciativa popular. Senador Geraldo Mesquita Júnior. ....	138
Projeto de Lei do Senado nº 17, de 2008 – Complementar, que altera dispositivos da Lei Complementar nº 64, de 18 de maio de 1990, que estabelece, de acordo com o art. 14, § 9º, da Constituição Federal, casos de inelegibilidades, prazo de cessação e determina outras providências. Senador Tasso Jereissati. ....	378	<b>REFORMA POLÍTICA</b>	
Projeto de Lei do Senado nº 18, de 2008, que modifica o art. 473 da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, para ampliar o período de interrupção do contrato de trabalho em razão de casamento para até cinco dias consecutivos e estender o benefício aos empregados que tenham formalizado união estável. Senador Expedito Júnior.	381	Reflexões sobre as reformas política e institucional. Senador Marco Maciel.....	70
Projeto de Lei do Senado nº 19, de 2008, que altera o Código de Trânsito Brasileiro, para ficar referências na avaliação, pelo juiz, do elemento subjetivo nas hipóteses de homicídio e lesão corporal praticados na direção de veículo automotor. Senador Marconi Perillo.....	382	Cumprimentos ao Senador Marco Maciel pelo pronunciamento sobre a necessidade da reforma política. Aparte ao Senador Marco Maciel. Senador Alvaro Dias.....	72
Projeto de Lei do Senado nº 20, de 2008, que concede isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) incidente sobre veículos para transporte coletivo de estudantes, quando adquiridos por Prefeituras Municipais e pelo Distrito Federal, bem como por profissionais autônomos e suas cooperativas habilitados e dedicados exclusivamente ao transporte escolar. Senador Cristovam Buarque...	585	Cumprimentos ao Senador Marco Maciel pelo pronunciamento sobre a necessidade da reforma política. Aparte ao Senador Marco Maciel. Senador Antonio Carlos Valadares. ....	73
Projeto de Lei do Senado nº 21, de 2008, que acrescenta parágrafos ao art. 11 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, para dispor sobre a manutenção da condição de segurado especial, para produtores rurais com até dois empregados, fixando		Considerações sobre a reforma política. Defesa de mudanças na tramitação dos vetos presidenciais e das medidas provisórias. Senador Marco Maciel. ....	589
		<b>REFORMA TRIBUTÁRIA</b>	
		Reflexão sobre a reforma tributária. Senador Paulo Paim. ....	627
		Considerações sobre a reforma tributária. Aparte ao Senador Paulo Paim. Senador Mozarildo Cavalcanti. ....	628
		Congratulações ao Senador Paulo Paim pelo seu pronunciamento e comentários sobre a reforma política. Aparte ao Senador Paulo Paim. Senador Eduardo Suplicy.....	629
		<b>REGIMENTO INTERNO</b>	
		Propostas de mudanças na composição e representatividade das CPIs e do Conselho de Ética. Senador Mozarildo Cavalcanti.....	637
		<b>REQUERIMENTO</b>	
		Requerimento nº 22, de 2008, que requer inserção em ata de Voto de Pesar, e apresentação de condolências aos familiares da Senhora Dulce de Souza Leão Sampaio, falecida no dia 03 de fevereiro de 2008 em Recife-PE. Senador Marco Maciel.....	1
		Requerimento nº 23, de 2008, que requer Voto de Aplauso ao povo macapaense; ao Gover-	

Pág.	Pág.
	124
nador do Estado do Amapá, Waldez Góes; ao Vice-Governador, Pedro Paulo Dias de Carvalho; ao Prefeito de Macapá, João Henrique Pimentel; e a Câmara dos Vereadores do Município de Macapá, na pessoa de sua Presidenta, Vereadora Helena Guerra, pelo transcurso dos 250 <sup>a</sup> da fundação da cidade de Macapá-AP. Senador Papaléo Paes.....	124
53	
Requerimento nº 24, de 2008, que requer que o período da Hora do Expediente da Sessão Deliberativa Ordinária do dia 18 de março de 2008, seja dedicado a comemora do Dia Mundial da Água e o lançamento da Campanha “SOS H2O”. Senador Osmar Dias.....	124
53	
Requerimento nº 25, de 2008, que requer que seja encaminhado ao Ministro de Minas e Energia, Excelentíssimo Senhor Edson Lobão, o pedido de informações sobre as obras de gasoduto Urucu-Porto Velho. Senador Expedito Júnior.....	125
82	
Requerimento nº 26, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento do ator Norton Nascimento, ocorrido em 21 de dezembro de 2007. Senador Paulo Paim.....	125
121	
Requerimento nº 27, de 2008, que requer voto de solidariedade a José Manuel Ramos-Horta, Presidente da República de Timor-Leste, e o pleno restabelecimento de sua saúde, que na manhã de 10 de fevereiro de 2008 foi alvejado, durante um ataque armado à sua casa por grupos dissidentes da política daquele país. Senador Eduardo Suplicy....	127
122	
Requerimento nº 28, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento da Senhora Ana Leopoldina Alvim Mello Franco Chagas, viúva do cientista Carlos Chagas Filho, ocorrido no Rio de Janeiro, em 10 de fevereiro de 2008. Senador Arthur Virgílio.....	127
122	
Requerimento nº 29, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento do empresário João Batista Sérgio Murad (Beto Carreiro). Senador Arthur Virgílio.....	128
123	
Requerimento nº 30, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento da Senhora Zilda Monteiro Serrano, mãe da Senadora Marisa Serrano, ocorrido no dia 5 de fevereiro de 2008, em Campo Grande-MS. Senador Arthur Virgílio.....	128
123	
Requerimento nº 31, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento do ex-diretor do Jornal do Brasil Liwal Salles, ocorrido no dia 24 de janeiro de 2008, na cidade do Rio de Janeiro. Senador Arthur Virgílio.....	128
123	
Requerimento nº 32, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento do ator Luiz Carlos Tourinho, ocorrido no dia 21 de janeiro de 2008, no Rio de Janeiro-RJ. Senador Arthur Virgílio.....	129
123	
	124
	124
	124
	125
	127
	127
	128
	128
	128
	129

	Pág.		Pág.
Requerimento nº 44, de 2008, que requer que a realização da Sessão Especial destinada a comemoração aos Duzentos anos da Abertura dos Portos no Brasil, seja transferida para as 10 horas do dia 21 de fevereiro de 2008. Senador Romeu Tuma. ....	137	Requerimento nº 54, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento de Eduardo Danton Vasconcelos Correia Lima, ocorrido no dia 3 de fevereiro de 2008, Manaus. Senador Arthur Virgílio. ....	207
Requerimento nº 45, de 2008, que requer inserção em ata de profundo pesar e apresentação de condolências à família do ex-Deputado Estadual da Paraíba Aécio Pereira de Lima em razão de seu falecimento. Senador Cícero Lucena.....	138	Requerimento nº 55, de 2008, que requer ao Senhor Ministro da Saúde, informações da Funasa, acerca da falta de assistência médica às populações indígenas do Vale do Javan, no Amazonas. Senador Arthur Virgílio. ....	207
Requerimento nº 46, de 2008, que requer a realização de Sessão Solene no plenário do Senador Federal destinada a homenagear a organização “Armazém Paraíba” pelo transcurso dos 50 anos de criação. Senador Magno Malta. ....	138	Requerimento nº 56, de 2008, que requer ao Senhor Ministro de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, que encaminhe informações sobre as razões apresentadas para autorizar a liberação comercial de milho transgênico. Senador Alvaro Dias. ....	207
Requerimento nº 47, de 2008, que requer que seja oficiado ao Desembargador Rogério Medeiros voto de congratulações pela sai posse no Tribunal de Justiça de Minas Gerais, no dia 24 de janeiro de 2008. Senador Eduardo Azeredo.....	149	Requerimento nº 57, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro das Relações Exteriores sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio. ....	208
Requerimento nº 48, de 2008, que requer a realização de Sessão Especial do Senado, no dia 13 de maio de 2008, destinada a comemorar os 120 anos da abolição da escravatura, assinada pela Princesa Isabel no dia 13 de maio de 1888. Senador Cristovam Buarque.....	150	Requerimento nº 58, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro das Minas e Energia sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos serviços dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio. ....	209
Requerimento nº 49, de 2008, que requer a realização de Sessão Especial Solene do Senado Federal para marcar os 200 anos da Imprensa Brasileira e homenagear o seu Patrono, Hipólito José da Costa, a ser realizada, preferencialmente, em 1º de junho de 2008, Dia da Imprensa (Lei nº 9.831, de 13-9-1999). Senador Pedro Simon. ....	150	Requerimento nº 59, de 2008, que solicita à Senhora Ministra do Meio Ambiente sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio. ....	209
Requerimento nº 50, de 2008, que requer a realização de Sessão Especial para comemorar o centenário da fundação da Associação Brasileira de Imprensa, a realizar-se no mês de abril de 2008. Senador Inácio Arruda.....	152	Requerimento nº 60, de 2008, que solicita ao Senhor Ministro do Turismo sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio. ....	210
Requerimento nº 51, de 2008, que requer a inserção em ata de coto de pesar pelo falecimento do Jornalista Hélio Adami, ocorrido em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 7 de janeiro de 2008. Senador Eduardo Azeredo.....	153	Requerimento nº 61, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro dos Transportes sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio. ..	211
Requerimento nº 52, de 2008, que requer preferência para a votação da Emenda nº 3 – CCJ ao Projeto de Resolução nº 37, de 2007. Senador Arthur Virgílio. ....	196	Requerimento nº 62, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro do Trabalho e Emprego sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio. ....	212
Requerimento nº 53, de 2008, que requer a dispensa de publicação de redação oficial do Projeto de Resolução nº 37, de 2007. Senador Jarbas Vasconcelos. ....	198	Requerimento nº 63, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro Secretaria Especial de Portos sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio. ....	212
		Requerimento nº 64, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro Secretaria de Comunicação Social sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	213
		Requerimento nº 65, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro Secretaria Especial dos Direitos Humanos sobre a utilização de cartões	

Pág.		Pág.
	corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	
214	Requerimento nº 66, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	223
215	Requerimento nº 67, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro Secretaria Especial da Aqüicultura e Pesca sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	224
215	Requerimento nº 68, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro do Gabinete de Segurança Institucional sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	225
216	Requerimento nº 69, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Secretaria de Relações Institucionais sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	226
217	Requerimento nº 70, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Saúde sobre a utilização de cartões corporativos por parte dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	226
218	Requerimento nº 71, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Previdência sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio. ..	227
219	Requerimento nº 72, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Agricultura sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio. ..	228
219	Requerimento nº 73, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Advocacia-Geral da União sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	229
220	Requerimento nº 74, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Educação sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio. ..	229
221	Requerimento nº 75, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro do Desenvolvimento Agrário sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	230
222	Requerimento nº 76, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Defesa sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio. ..	231
222	Requerimento nº 77, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	231
214	Requerimento nº 78, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	224
215	Requerimento nº 79, de 2008, que solicita informações à Senhora Ministra da Secretaria Especial de Política para as Mulheres sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio. ....	225
216	Requerimento nº 80, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	226
217	Requerimento nº 81, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	226
218	Requerimento nº 82, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Justiça sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio. ..	227
219	Requerimento nº 83, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Integração Nacional sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	228
219	Requerimento nº 84, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Fazenda sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio. ..	229
220	Requerimento nº 85, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro do Esporte sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio. ..	229
221	Requerimento nº 86, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Cultura sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio. ..	230
222	Requerimento nº 87, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Controladoria-Geral da União sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	231
222	Requerimento nº 88, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro das Comunicações	

	Pág.		Pág.
sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	232	lebração do centenário da morte de Machado de Assis.....	277
Requerimento nº 89, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Ciência e Tecnologia sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	232	Requerimento nº 98, de 2008, que requer que seja enviado Votos de Congratulações aos Senhores Desembargadores: Dr. Roberto Vallim Bellocchi – Presidente do Tribunal de Justiça de SP, Dr. Jarbas João Coimbra Mazzoni – Vice-Presidente do Tribunal de Justiça de SP, Dr. Ruy Pereira Camilo – Corregedor da Justiça de SP, Dr. Eduardo Pereira Santos – Presidente da Seção de Direito Criminal do Tribunal de Justiça de SP, Dr. José Geraldo de Jacobina Rabello – Presidente da Seção de Direito Privado do Tribunal de Justiça de SP e o Dr. Antônio Carlos Viana Santos – Presidente da Seção de Direito Público do Tribunal de Justiça de SP, que, no dia 2 de janeiro último, tomaram posse nos seus cargos no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, para o biênio 2008/2009, augurando-lhes pleno sucesso no desempenho das suas novas responsabilidades, na condução dos trabalhos no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, para que São Paulo esteja cada vez melhor em paz e justiça. Senador Romeu Tuma.....	278
Requerimento nº 90, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro das Cidades sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio. ...	233	Requerimento nº 99, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento do editor e intelectual Geraldo Jordão Pereira, ocorrido no Rio de Janeiro no dia 12 de fevereiro de 2008. Senador Arthur Virgílio.....	278
Requerimento nº 91, de 2008, que solicita informações à Senhora Ministra Chefe da Casa Civil da Presidência da República sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	234	Requerimento nº 100, de 2008, que requer dispensa de publicação de redação final do Projeto de Resolução nº 65, de 2007. Senador Pedro Simon.....	325
Requerimento nº 92, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	235	Requerimento nº 101, de 2008, que requer a dispensa do Projeto de Lei do Senado nº 26, de 2000, do Projeto de Lei do Senado nº 685, de 1999, a fim de que voltem a ter tramitação autônoma. Senador José Agripino.....	326
Requerimento nº 93, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro-Presidente do Banco Central sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	236	Requerimento nº 102, de 2008, que requer a realização de Sessão Especial do Senado, no dia 20 de junho de 2008, destinada a homenagear Leonel de Moura Brizola, no transcurso do quarto aniversário de seu falecimento, ocorrido no dia 21 de junho de 2004. Senador Cristovam Buarque....	333
Requerimento nº 94, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro Extraordinário de Assuntos Estratégicos sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. Senador Arthur Virgílio.....	236	Requerimento nº 103, de 2008, que requer autorização para que seja realizada, no dia 10 de março de 2008, Sessão Especial em razão do Dia Internacional da Mulher, ocorrido no dia 8 de fevereiro de 2008. Senador Cristovam Buarque. ....	333
Requerimento nº 95, de 2008, que requer que sejam solicitadas informações ao ministério da Justiça sobre a entrada e saída em território nacional, com as respectivas datas, períodos e locais de estadia dos seguintes cidadãos estrangeiros: Cuido Alejandro Antonini Wilson (nacionalidades americana e venezuelana), Carlos Kauffmann (nacionalidade uruguaia), Franklin Duran (nacionalidade venezuelana), Moisés Maionica Pajovic (nacionalidade venezuelana), Rodolfo Wanslee Paciello (nacionalidade uruguaia) e José Antônio Canchica Gómez (nacionalidade venezuelana). Senador Demóstenes Torres.....	237	Requerimento nº 104, de 2008, que requer autorização para que seja realizada, no dia 7 de outubro de 2008, Sessão Especial para comemorar os 20 anos da promulgação da Constituição Federal do Brasil, ocorrida no dia 5 de outubro de 1988. Senador Cristovam Buarque.....	333
Requerimento nº 96, de 2008, que requer Voto de Pesar e de solidariedade a Senhora Anna Illy e aos seus filhos Francesco, Anna e Andréa. Senador Gerson Camata.....	276		
Requerimento nº 97, de 2008, que requer a realização de sessão especial na Casa, para a ce-			

Pág.		Pág.
333	Requerimento nº 105, de 2008, que requer inserção em ata de Voto de Pesar, e apresentação de condolências à família do Professor Djalma Antonino de Oliveira, por ocasião de seu falecimento ocorrido no dia 9 de fevereiro de 2008 em Recife-PE. Senador Marco Maciel.....	385
334	Requerimento nº 106, de 2008, que requer inserção em ata de Voto de Pesar e apresentação de condolências à família do Dr. Aderbaldo Soares de Oliveira, por ocasião de seu falecimento. Snador Cícero Lucena.....	386
383	Requerimento nº 107, de 2008, que requer a realização de Sessão Especial no dia 7 de outubro de 2008, destinada a comemorar os vinte anos da promulgação da Constituição Federal da República Federativa do Brasil. Senador Arthur Virgílio.....	386
384	Requerimento nº 108, de 2008, que requer que o Senado Federal apresente junto ao Chefe do Comitê do Prêmio Nobel da Paz, Olé Danbolt Mjoes (Parlamento do Reiono da Noruega, Karl Johans, Gate 22, N-0026, Oslo), voto de apoio à candidatura do Dr. William Soto Santiago, Diretor Internacional da Amisrael, organização não-governamental que congrega pessoas de todos os países, raças, religiões e credos que se identificam com os ideais da entidade, dispostas a repudiar o terrorismo e promover incondicionalmente a paz. Senador Marcelo Crivella.....	386
384	Requerimento nº 109, de 2008, que requer a criação de Comissão Temporária Externa do Senado Federal, composta por, no mínimo, 6 (seis) Senadores interessados na questão do desmatamento da região amazônica, com pelo menos 2 (dois) membros da Subcomissão Permanente de Aquecimento Global da Comissão de Meio Ambiente, Defesa do Consumidor e Fiscalização e Controle, com o objetivo de visitar as instalações do INPE (Instituto Nacional de Pesquisa Espacial), do SIPAM (Sistema de Proteção da Amazônia) e do SIVAM (Sistema de Vigilância da Amazônia) e relatar como tem sido o desenvolvimento dos trabalhos desses projetos, custeados com recursos públicos, cujo objetivo é integrar as informações coletadas pelos órgãos que trabalham na Amazônia e gerar conhecimento atualizado, para articulação, planejamento e coordenação de ações globais de governo na Amazônia brasileira. Senador Romeu Tuma.....	387
384	Requerimento nº 110, de 2008, que requer que sejam solicitadas À Controladoria-Geral da União da Presidência da República as informações acerca dos pagamentos de ajuda de custo, auxílios-mudança, ao Senhor Ministro Secretário Especial de Portos da Presidência da República e	388
	ao Senhor Nelson Machado, Secretário-Executivo da Fazenda. Senador Romeu Tuma.....	385
	Requerimento nº 111, de 2008, que requer a inserção em Ata de Voto de Aplauso ao Chargista Amarildo Luis Leite Lima, jornalista da Rede Gazeta de Vitória (ES), pela charge sobre aliciamento para uso de drogas, no dia 4 de janeiro de 2008. Senador Magno Malta.....	386
	Requerimento nº 112, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento da Srª Zilda Monteiro Serrano. Senador Flexa Ribeiro.....	386
	Requerimento nº 113, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento da Srª Maria Salomé de Lucena.....	386
	Requerimento nº 114, de 2008, que requer a realização de sessão especial no dia 6 de março de 2008, em comemoração aos 80 anos de fundação do jornal <i>O Povo</i> . Senadora Patrícia de Saboya....	386
	Requerimento nº 115, de 2008, quer requer que seja criada Comissão Temporária Externa, composta de 5 (cinco) membros Titulares e igual número de suplentes, com prazo de funcionamento de 12 (doze) meses, destinada a acompanhar todos o atos, fatos relevantes, normas e procedimentos referentes às obras do Projeto de Integração do rio São Francisco com as bacias hidrográficas do Nordeste Setentrional, popularmente conhecida como "Transposição do rio São Francisco", bem como o Programa de Revitalização da bacia hidrográfica do rio São Francisco, podendo para tanto realizar audiências públicas e diligências externas, requerer informações, bem como outros atos que julgue necessários para a consecução dos objetivos da Comissão". Senador Cícero Lucena.....	387
	Requerimento nº 116, de 2008, quer requer Voto de Pesar pelo falecimento ocorrido na França do cantor e compositor Henri Salvador, o Monsieur Bossa Nova. Senador Arthur Virgílio.....	388
	Requerimento nº 117, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento do pintor Aloysio Novis, ocorrido no rio de Janeiro, no dia 11 de fevereiro de 2008. Senador Arthur Virgílio.....	388
	Requerimento nº 118, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento da Srª Maria Salomé de Lucena, ocorrido dia 14 de fevereiro de 2008 em João Pessoa-PB. Senador Arthur Virgílio.....	388
	Requerimento nº 119, de 2008, que requer a retirada, em caráter definitivo, da PEC no 10 de 2004, tendo em vista aprovação de matéria semelhante, convertida em norma jurídica por meio da Emenda Constitucional nº 50 de 2006. Senador Arthur Virgílio.....	588

	Pág.		Pág.
Requerimento nº 120, de 2008, que requer que seja apresentado Voto de Pesar pelo falecimento do Senhor Bernardo Araújo Rocha, mais conhecido como Binu, apresentando condolências à família. Senador Mão Santa.....	612	Discussão sobre a votação do Projeto de Resolução nº 37, de 2007 e suas emendas. Senador José Agripino.....	192
<b>SAÚDE</b>		Discussão sobre a votação do Projeto de Resolução nº 37, de 2007 e suas emendas. Senador Papaléo Paes.....	192
Apoio ao Instituto Nacional do Câncer no sentido de exigir ações mais incisivas do Governo Federal no plano da saúde pública. Senador Papaléo Paes.....	368	Discussão sobre a votação do Projeto de Resolução nº 37, de 2007 e suas emendas. Senador Tião Viana.....	193
<b>SEGURANÇA PÚBLICA</b>		Discussão sobre a votação do Projeto de Resolução nº 37, de 2007 e suas emendas. Senador Pedro Simon.....	194
Considerações sobre a impunidade no campo e o assassinato da irmã Dorothy, no Pará. Senador José Nery.....	183	Discussão sobre a votação do Projeto de Resolução nº 37, de 2007 e suas emendas. Senador Romeu Tuma.....	194
<b>SENADO FEDERAL</b>		Discussão sobre a votação do Projeto de Resolução nº 37, de 2007 e suas emendas. Senador Almeida Lima.....	195
Comentários sobre a necessidade de se tomar atitude em relação a todas as pessoas que usam indevidamente os cartões corporativos. Aparte ao Senador Paulo Paim. Senador Heráclito Fortes. ...	5	Comentários sobre o livro Homicídios no Brasil e o estudo denominado O Jogo dos Sete Mitos e a Miséria da Segurança Pública no Brasil, do economista Daniel Cerqueira. Senador Romeu Tuma.	253
Comentários sobre a necessidade de se tomar atitude em relação a todas as pessoas que usam indevidamente os cartões corporativos. Aparte ao Senador Paulo Paim. Senador Alvaro Dias. ....	6	Registro de e-mail que Sua Excelência recebeu do professor Emilson Nunes da Costa, de Volta Redonda, no Rio de Janeiro e apoio ao seu pedido para que a <i>TV Senado</i> dê preferência à retransmissão das sessões das CPIs, logo após a retransmissão das sessões plenárias. Senador Flexa Ribeiro.....	283
Comentários sobre os cartões corporativos. Aparte ao Senador Alvaro Dias. Senador Heráclito Fortes.....	9	Considerações ao pronunciamento do Senador Renato Casagrande e pedido para que se adicione a agenda proposta, um item relativo a responsabilidade do Senado Federal ante a reforma política. Aparte ao Senador Renato Casagrande. Senador Tião Viana. ....	290
Apoio ao pedido de votação em separado, sugerido pelo Senador Arthur Virgílio, da Emenda nº 3 ao Projeto de Resolução nº 37, de 2007, e mudança da redação do mesmo. Senador Romero Jucá. ....	189	Registro da presença do atleta olímpico Jadel Gregório. Senador Alvaro Dias. ....	321
Ressalva de que os delitos dos Parlamentares ou dos Senadores da República devem ficar a cargo do Ministério Público Federal ou do Supremo Tribunal Federal. Senador Tião Viana.....	190	Defesa da soberania do Senado, desrespeitada pelo Ministro Guido Mantega, da Fazenda. Saudação a eleição do Deputado José Anibal, Líder do PSDB na Câmara e cumprimento ao deputado Arnaldo Madeira. Senador Arthur Virgílio. ....	336
Considerações ao pedido do Senador Arthur Virgílio e ao discurso do Senador Tião Viana. Senador Renato Casagrande. ....	190	Elogio ao posicionamento da presidência do Senado em relação aos Estados de Rondônia e Paraná e espera que as relações entre Executivo, Congresso e Estados tornem-se mais democráticas e que haja a busca de alternativas. Senador Flávio Arns.....	337
Explicações sobre a observação feita por Sua Excelência durante a reunião de Líderes. Senador Arthur Virgílio.....	190	Discussão, na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, das propostas de emendas à Constituição que dispõe sobre a figura do suplente no Senado Federal. Senador Demóstenes Torres.	337
Discussão sobre a votação do Projeto de Resolução nº 37, de 2007 e suas emendas. Senador Romero Jucá. ....	191		
Discussão sobre a votação das Emendas nºs 1 e 2, da autoria de Sua Excelência, ao Projeto de Resolução nº 37, de 2007. Senador Jarbas Vasconcelos....	191		



	Pág.		Pág.
Considerações sobre as propostas de emendas que dispõe sobre a figura do suplente no Senado Federal. Aparte ao Senador Demóstenes Torres. Senador Sibá Machado. ....	338	de mudanças na forma de escolha de suplentes de senadores. Senador Paulo Paim.....	494
Considerações sobre as propostas de emendas que dispõe sobre a figura do suplente no Senado Federal. Aparte ao Senador Demóstenes Torres. Senador Eduardo Suplicy. ....	339	Considerações e posicionamento favorável ao instituto da suplência no Senado Federal. Aparte ao Senador Paulo Paim. Senador Cristovam Buarque. ....	495
Considerações sobre as propostas de emendas que dispõe sobre a figura do suplente no Senado Federal. Aparte ao Senador Demóstenes Torres. Senador Arthur Virgílio.....	339	Considerações sobre a importância da TV Senado ser transmitida em canal aberto. Senador Pedro Simon. ....	504
Considerações sobre as propostas de emendas que dispõe sobre a figura do suplente no Senado Federal bem como sobre a reforma política. Aparte ao Senador Demóstenes Torres. Senador João Pedro.....	341	Ponderações sobre a suplência dos Senadores da República. Senador Lobão Filho.....	630
Considerações sobre as propostas de emendas que dispõe sobre a figura do suplente no Senado Federal. Aparte ao Senador Demóstenes Torres. Senador Wellington Salgado de Oliveira. ....	342	Considerações sobre a suplência dos Senadores da República. Aparte ao Senador Lobão Filho. Senador Eduardo Suplicy. ....	631
Considerações sobre as propostas de emendas que dispõe sobre a figura do suplente no Senado Federal. Aparte ao Senador Demóstenes Torres. Senador Valter Pereira.....	343		
Considerações sobre as propostas de emendas que dispõe sobre a figura do suplente no Senado Federal. Aparte ao Senador Demóstenes Torres. Senador Eduardo Azeredo. ....	345	TELECOMUNICAÇÕES	
Considerações sobre as propostas de emendas que dispõe sobre a figura do suplente no Senado Federal. Aparte ao Senador Demóstenes Torres. Senador Sérgio Guerra.....	345	Apelo por uma pauta positiva do Senado em 2008. Saudação à Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), pelas novas normas de relacionamento entre usuários de telefonia celular e as concessionárias do serviço, que entraram em vigor no dia 13 de fevereiro de 2008. Senador Renato Casagrande. ....	289
Defesa de modificações no sistema de suplência para o Senado. Senador Paulo Duque.....	351		
Defesa de modificações no sistema de suplência para o Senado. Aparte ao Senador Paulo Duque. Senador Lobão Filho. ....	352	TERORRISMO	
Convocação aos pares para que participem e apoiem o Fórum de Legisladores do G8+5, a ser realizado dias 19, 20 e 21 de fevereiro de 2008. Senador Renato Casagrande. ....	441	Repúdio a ação terrorista que utilizou duas mulheres portadoras de Síndrome de Down para explodirem bombas no Iraque. Senador Eduardo Azeredo.....	239
Solicitação de o apoio dos Senadores para aprovação de projeto de lei da videoconferência. Senador Romeu Tuma. ....	422	Associação a manifestação de repúdio à ação terrorista que utilizou duas mulheres portadoras de Síndrome de Down para explodirem bombas no Iraque. Senador Flávio Arns. ....	239
Apoio à sugestão do nome do Senador Paulo Paim para assumir a Secretaria de Igualdade Racial. Aparte ao Senador Mão Santa. Senador Geraldo Mesquita Júnior.....	492	Associação, na qualidade de vice-presidente da Comissão de Assuntos Sociais, à manifestação de repúdio à ação terrorista que utilizou duas mulheres portadoras de Síndrome de Down para explodirem bombas no Iraque. Senadora Rosalba Ciarlini. ....	240
Considerações sobre as indicações de parlamentares para ocupar cargo de Ministro. Defesa		TRANSPORTE	
		Registro da inauguração, dia 11 de fevereiro de 2008, do primeiro voo internacional partindo de Belo Horizonte para a Europa. Senador Eduardo Azeredo. ....	148
		TURISMO	
		Considerações sobre a indústria do turismo nacional. Senador Eduardo Azeredo. ....	148

	Pág.		Pág.
UNIVERSIDADE		versidade de Brasília (UnB), Timothy Mulholland. Aparte ao Senador Cristovam Buarque. Senador Mão Santa.....	594
Comentários sobre os gastos com a deco- ração do apartamento funcional do reitor da Uni- versidade de Brasília (UnB), Timothy Mulholland. Senador Cristovam Buarque.....	591	Comentários sobre os gastos com a deco- ração do apartamento funcional do reitor da Uni- versidade de Brasília (UnB), Timothy Mulholland. Aparte ao Senador Cristovam Buarque. Senador Sibá Machado.....	595

# Ata 2ª Sessão Não Deliberativa, em 8 de fevereiro de 2008

2ª Sessão Legislativa Ordinária da 53ª Legislatura

*Presidência dos Srs. Garibaldi Alves Filho, Alvaro Dias, Adelmir Santana,  
Geraldo Mesquita Júnior e Mão Santa*

*(Inicia-se a sessão às 9 horas)*

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

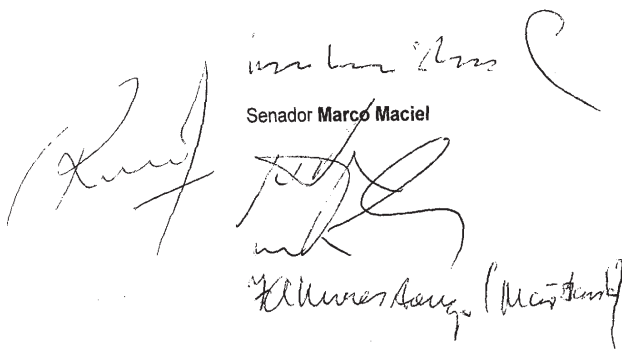
## **REQUERIMENTO Nº 22 , DE 2008**

Na forma do disposto no Regimento Interno e de acordo com as tradições da Casa, requeremos as seguintes homenagens pelo falecimento da Senhora Dulce de Souza Leão Sampaio, ocorrido no dia 3 de fevereiro em Recife-PE:

I – inserção em ata de voto de profundo pesar;

II – apresentação de condolências a seus familiares.

Sala das Sessões, 8 de fevereiro de 2008.



Senador Marco Maciel

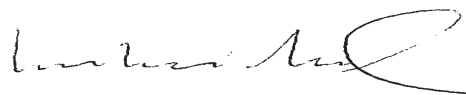
## **Justificação**

A Senhora Dulce de Souza Leão Sampaio foi casada por 55 anos com o ex-Governador de Pernambuco, Cid Sampaio, deixando cinco filhos, doze netos e onze bisnetos.

À época que seu marido governou o Estado, presidiu a Cruzada de Ação Social, dedicando-se com afinco às causas sociais, as quais nunca abandonou.

Cid Sampaio é uma referência política para Pernambuco e para os pernambucanos. Além de governar o Estado no período de 1959 a 1962, representou-o na Câmara dos Deputados e no Senado Federal.

Dona Dulce teve sempre uma participação ativa na sociedade pernambucana, acompanhando seu marido na criação do Centro das Indústrias de Pernambuco e no Sindicato das Indústrias de Açúcar de Pernambuco.



**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – A Presidência encaminhará o voto de pesar solicitado.

O requerimento que acaba de ser lido vai ao Arquivo.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Consultando a lista de oradores inscritos, concedo a palavra ao Senador Paulo Paim.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente do Senado e do Congresso Nacional, Senador Garibaldi Filho, é uma satisfação para todos nós, em plena sexta-feira, após o carnaval, falar numa sessão sob a Presidência de V. Ex<sup>a</sup>.

Senador Alvaro Dias, Senador Sérgio Zambiasi, senhoras e senhores, eu gostaria de dizer que considero de suma importância – e o assunto será debatido nesta Casa – o movimento que está sendo organizado pelas centrais sindicais de trabalhadores – CUT, Força Sindical, CGTB, UGT, CGT – e que tem também o apoio de todas as confederações. Tenho certeza de que o setor do empresariado, com o qual já estive conversando, é a favor do debate, o que não significa que aprove na íntegra a emenda constitucional, de minha autoria, que norteia essa discussão.

Essas entidades vão realizar, na segunda-feira, um ato a favor da redução de jornada de trabalho – das atuais 44 para 40 horas –, sem redução de salários. A manifestação será na rua, na Praça Ramos de Azedo,

defronte ao Teatro Municipal de São Paulo, onde começará a coleta de assinaturas favoráveis à redução da carga horária de trabalho no Brasil.

A redução da jornada de trabalho, sem redução salarial, é uma antiga reivindicação do movimento sindical brasileiro e, tenho certeza, de todos os trabalhadores. O movimento sindical, mais uma vez, mostrou-se consciente da sua função, que é a de lutar por um País mais justo e solidário, onde todos tenham direito ao trabalho.

Ainda hoje pela manhã, em uma entrevista para Caxias do Sul, eu disse que desde pequeno – e sei que essa é, mais ou menos, a sua história, Senador Zambiasi – aprendi que trabalhar e estudar é muito bom. Tenho orgulho de dizer que, muito jovem, aprendi a importância do trabalho e do estudo. Apenas estudo, sem trabalho, não é bom. Esse ócio em que parte da nossa juventude fica acaba não contribuindo para a formação dos homens e mulheres que vão dirigir este País.

Ontem, falei de Obama e de Hillary Clinton, ressaltando o qualificado debate que estão fazendo, como reconheci também a força do candidato republicano. Hoje, lembro que, nos Estados Unidos, muitos jovens estudam e trabalham durante meio período. Alguns jovens que cursam a universidade, durante meio expediente, são caixas de banco ou trabalham em supermercados.

Então, trabalhar é muito bom e, por isso, quero que todos tenham direito ao trabalho e, é claro, ao lazer, ao convívio com a família e ao estudo, o que é muito importante. Essa proposta vem nesse sentido.

Acredito, Sr. Presidente, que o nosso País está amadurecido o suficiente para implantar a medida que vai gerar, de forma escalonada, como estou propondo, em médio prazo, cerca de sete milhões de novos empregos. Quero lembrar também que, já em 1995, em parceria com o então Deputado Federal e agora Senador Inácio Arruda, apresentei essa PEC na Câmara dos Deputados. Infelizmente, até hoje ela não foi votada.

Na Assembléia Nacional Constituinte, trabalhei com outros Parlamentares e aprovamos a redução de 48 para 44 horas. Esse foi um momento importante, que gerou novos postos de trabalho no Brasil. Tenho a alegria de dizer que fui um dos que assinou o documento produzido, na época, pelo Diap e que, num dos seus artigos, estabelecia a redução da jornada de 48 para 44 horas.

No Senado, tenho a PEC nº 75, que tramita na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania e cujo Relator é o Senador Marcelo Crivella.

Aproveito este momento para fazer um apelo ao Presidente da CCJ, Senador Marco Maciel, para que essa PEC seja colocada em votação. Este é o momento propício, e o Senador Marcelo Crivella já manifestou seu parecer favorável.

Sr. Presidente, há várias pesquisas sobre a redução de jornada de trabalho como forma de criação de novos empregos e de melhoria da qualidade de vida dos assalariados no Brasil e no mundo. Isso, com certeza, contribuirá para uma melhor distribuição de renda e, conseqüentemente, para a melhoria das condições de vida do nosso povo.

Conforme documento do Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), a redução da jornada de 44 para 40 horas geraria, de imediato, três milhões de novos postos de trabalho. Num segundo momento, com a redução para 36 horas semanais, que é o objetivo principal, seriam gerados cerca de seis milhões de empregos.

É claro que a geração de novos postos de trabalho e a redução da jornada de trabalho devem vir acompanhadas de medidas para se evitarem as horas extras, porque não adianta reduzir a jornada e aumentar as horas extras. Assim é que, efetivamente, serão garantidos novos postos de trabalho.

A experiência da redução de jornada de 39 para 35 horas feita na França durante o Governo de Lionel Jospin, de 1997 a 2002, mostrou-se positiva. Naquele momento, foram criados mais de um milhão de empregos. O exemplo francês criou benefícios, pois, além da geração de mais empregos, houve redução de custo das empresas, pela diminuição de contribuições.

Entendo que deva existir uma grande concertação, como alguns dizem – já que não gostam de falar em pacto –, um grande entendimento para que a redução de jornada não signifique somente mais gastos para o empregador. Tenho consciência disso. É preciso, também, que se diminuam as contribuições do empregador, mediante a opção pela redução de jornada e o emprego de milhões de outros brasileiros. Todos devem entender que a redução de jornada somente representará uma vitória, como eu dizia, se for fruto do entendimento entre empregados, empregadores e Governo.

O País decente que queremos baseia-se na política de humanização das relações de trabalho. Dessa forma, todos podem sair vencedores.

O empresário brasileiro necessita de incentivos para a produção e a redução de custos, enquanto que os empregados, que são a força viva do trabalho, necessitam de uma participação maior no sistema para terem uma vida digna.

É certo que haverá avanços tanto para o empregado quanto para o empregador. As empresas vão se capitalizar e vão investir mais em postos de trabalho.

É bom enfatizar que a redução da jornada vai contribuir, também, para a diminuição dos acidentes de trabalho, porque o trabalhador não estará tão cansado na sua atividade. Está comprovado que é no período de maior exaustão que os acidentes acontecem.

Os trabalhadores poderão se preparar melhor para o convívio com as novas tecnologias que passam pela sua formação, e terão mais tempo para o lazer e para a família. Com isso, fortaleceremos o ciclo natural da economia e do mercado interno, pois milhões de brasileiros estarão trabalhando, produzindo, recebendo e consumindo.

O objetivo principal, Sr. Presidente, dessa discussão que as centrais e as confederações promovem neste momento a respeito da redução de jornada – e a PEC nº 75 contempla essa visão – são as 36 horas de jornada. Repito que, num primeiro momento, a jornada de trabalho seria reduzida de 44 para 40 horas. Daí para frente, seria reduzida em uma hora por ano, até se chegar à jornada de 36 horas, quando haveria turnos de seis horas para todos.

Conforme matéria já publicada pela imprensa, o Governo, num diálogo com as centrais, disse que pretende encaminhar um projeto ao Congresso Nacional. Espero que, se o projeto for encaminhado, seja pensado aos projetos mais antigos da Casa que tratam desse tema, não pela paternidade da idéia, mas porque já há um debate acumulado no Congresso. Apresentei o assunto como Constituinte, apresentei-o como Deputado e, agora, como Senador.

Vamos torcer para que consigamos até mesmo formar, quem sabe, Senador Mesquita Júnior, uma comissão especial para debater a questão, em toda a sua complexidade, juntamente com o empregador, o Governo e, naturalmente, os trabalhadores. Espero que isso aconteça.

Sr. Presidente, aproveitando bem o tempo que V. Ex<sup>a</sup> me concedeu, quero, desta tribuna do Senado da República, fazer a leitura de uma carta que a Cobap, na figura do seu presidente, ex-Deputado também, o companheiro Benedito Marcílio Alves da Silva, entregou ao Presidente Lula recentemente.

A carta, Sr. Presidente, que fala da importância da luta dos aposentados e pensionistas do nosso País, foi entregue ao Presidente Lula no mês passado e traz as principais reivindicações dos aposentados acerca de temas debatidos dia 27 de janeiro durante o XIX Encontro Nacional dos Aposentados e Pensionistas, realizado na cidade de Aparecida, Estado de São Paulo,

para o qual inclusive fui convidado para falar um pouco mais sobre o PL nº 58.

A decisão final desse Encontro foi a de que, este ano, aposentados e pensionistas ligados a todos os movimentos sociais vão calçar suas lutas pela aprovação do PL nº 58, que vai garantir ao aposentado e ao pensionista o direito a voltar a receber o número de salários mínimos que recebia à época em que se aposentaram. No eixo deste Projeto, está garantido que o mesmo percentual de reajuste dado ao salário mínimo também será dado aos aposentados.

Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, diz a carta o seguinte:

A Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas (Cobap), entidade máxima que representa o movimento de milhões de aposentados e pensionistas do Brasil, fundada em 1985, no IX Congresso Nacional de Aposentados e Pensionistas (CNAP), realizado entre os dias 10 e 13 de outubro, na cidade de Curitiba, busca incansavelmente os direitos previstos na Carta Magna e no Estatuto do Idoso, criado pela Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.

Senador Geraldo Mesquita, posso dizer que, ao longo da minha vida, sinto-me orgulhoso em dizer que o Estatuto do Idoso foi a melhor obra que tive a alegria de apresentar, e que foi aprovado depois da contribuição de todos os Senadores e Deputados, de todo o Congresso Nacional, a exemplo de V. Ex<sup>a</sup>, do Senador Alvaro Dias, do Senador Heráclito Fortes, do Senador Garibaldi Alves, enfim, de todos os que participaram da redação final, que culminou com o Estatuto do Idoso.

Diz mais a Carta: “Seguimos esperançosos para que este ano de 2008, quando a Previdência Social brasileira completa 85 anos, no dia 24 de janeiro, data em que se comemora o Dia Nacional do Aposentado”.

Como o dia 24 caiu no recesso parlamentar, aprovamos, na Casa, que dia 27 de fevereiro, às 10 horas, teremos uma sessão especial para lembrar o Dia Nacional dos Aposentados.

Diz ainda a carta:

Esperamos que, no decorrer do ano, o Governo amplie o número de hospitais e postos de saúde; que haja mais medicamentos contínuos disponíveis para os aposentados e que sejam criados centros específicos de referência em todo o País para idosos.

Há verba no Orçamento, que nós, Senadores – e tenho a certeza de que os Deputados também –, trabalhamos para avançar nesse sentido, além do que já

havia constatado na peça original encaminhada pelo Governo.

As políticas de inclusão e assistência social [com certeza] ajudaram a milhões de pessoas de baixa renda, desde que Vossa Excelência assumiu o Governo.

E nós, do movimento dos aposentados, temos visto o esforço do Senhor para ajudar a todos, e é nesse sentido que pedimos melhorias para os milhões de aposentados e pensionistas.

No início de janeiro, a Fundação Getúlio Vargas divulgou o Índice de Inflação de 2007 para a terceira idade, que teve uma alta de 5,04%, e ficou acima da taxa nacional, que foi de 4,60%.

Presidente, nós, os aposentados, queremos que o reajuste das aposentadorias seja o INPC mais a variação do PIB e que nos concedam a reposição das perdas de nossos benefícios.

Isso é exatamente o que está sendo dado hoje, pela legislação, aos aposentados e pensionistas.

Aliás, quero deixar bem clara a minha posição: sou a favor de que o salário mínimo devesse ser corrigido pelo INPC mais o dobro do PIB. Mostro, com cálculos – no momento estou lendo a carta –, já que tenho uma relação muito fraternal, muito carinhosa e respeitosa com os aposentados, mas eles gostariam de receber pelo menos aquilo que está sendo dado hoje ao salário mínimo, que é a variação do PIB e o INPC.

Sr. Presidente, continuo a leitura da carta: “Precisamos, Excelentíssimo, que volte o Conselho da Seguridade Social, que ele seja quadripartite e com poderes deliberativos, conforme o documento elaborado pelo Fórum Nacional de Previdência Social”.

Quero dizer que temos projeto na Casa nesse sentido, para que a gestão da Previdência seja quadripartite e com poder deliberativo e não somente consultivo. Se isso fosse feito, não teria dúvida alguma de que a Previdência Social brasileira seria, efetivamente, superavitária. Embora eu diga que ela é superavitária, sempre há os que dizem que não é. Agora, com uma gestão quadripartite transparente, não tenho dúvida alguma de que iríamos avançar para o superávit da Previdência Social.

Diz ainda a carta:

Somente assim, a Seguridade Social poderá elaborar ações destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à Previdência Social e à assistência social, como um exercí-

cio de cidadania, respeito e dignidade a todos os brasileiros.

Solicitamos que o Governo apóie o PLS nº 58/03, do Senador Paulo Paim (PT/RS), e o PLP nº 311/02, de iniciativa popular [que tem a mesma redação do PLS nº 58].

Para mim, desde que se aprove, o importante é que um dos dois projetos prospere.

Queremos também que apresente um projeto de aposentadoria complementar pública, visando a uma maior ampliação das políticas de ações sociais.

Sobre a mudança das regras para o Crédito Consignado para os aposentados, queremos que seja revista a Instrução Normativa do INSS nº 25/2008, no quesito do percentual de juros, que, ao invés de 2,64% ao mês, seja de 1% ao mês.

Isso é, de fato, o que deveria pagar como juros o aposentado e pensionista que faz opção pelo empréstimo consignado, haja vista que se trata de uma transação garantida. Com certeza absoluta, o banco só terá lucro, porque o chamado empréstimo consignado é descontado diretamente na folha de pagamento do aposentado. Por isso, o banco não tem o que perder se adotar uma prática de juros de 1% ao mês.

O Presidente Marcílio, da Cobap, termina a carta ao Presidente da República, dizendo:

Portanto, Excelentíssimo Senhor Presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, almejamos que, no decorrer de 2008, o Governo e a Cobap trabalhem em parceria, em favor dos aposentados, pensionistas e idosos [e eu poderia complementar: de todo o povo brasileiro].

Atenciosamente, – Benedito Marcílio Alves da Silva, Presidente Cobap.

Sr. Presidente Garibaldi Alves Filho, mediante essa manifestação, quero reafirmar que entreguei à Mesa requerimento para que, no dia 27 deste mês, às 10 horas – gostaria muito que V. Ex<sup>a</sup>, inclusive, se pudesse, que presidisse – façamos realizar aqui, neste plenário, a sessão especial em homenagem aos aposentados e pensionistas brasileiros e a todos os idosos.

Termino, dizendo que essa homenagem aos aposentados e pensionistas tem de ter um eixo: a aprovação de uma política permanente de recuperação dos benefícios dos aposentados e pensionistas. O eixo seria garantir que todos os aposentados e pensionistas tenham direito de receber como reajuste de seus benefícios o mesmo percentual dado ao salário mínimo.

O PL nº 58, Sr. Presidente, já foi entregue à Casa com mais de um milhão de assinaturas; e está pronto para ser votado. O que, espero, aconteça rapidamente.

Sr. Presidente Garibaldi, agradeço a V. Ex<sup>a</sup> pelo tempo.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço ao Senador Paulo Paim.

Desde logo, quero dizer que, na Presidência, estou à disposição desse trabalho que se realiza nesta Casa em favor dos aposentados e dos pensionistas.

Digo isso a V. Ex<sup>a</sup> de maneira categórica, de modo que possamos ter iniciativas que não sejam isoladas, de um Senador ou outro – e sei que sua iniciativa não é isolada, pois V. Ex<sup>a</sup> conta com o prestígio de todos os outros Senadores –, mas que haja esse empenho coletivo em favor dos aposentados e dos pensionistas, que são pessoas sofridas ao longo desse processo da vida política e econômica do País.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – V. Ex<sup>a</sup> me concede um aparte, Senador Paulo Paim?

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Um minuto, Senador Mão Santa.

Senador Garibaldi Alves Filho, os aposentados e pensionistas do País, que estão nos assistindo neste momento, em cadeia, pela Cobap, sua organização, tenho certeza, ficaram muito felizes com sua manifestação de apoio a esse movimento, que é coletivo e solidário. V. Ex<sup>a</sup> foi feliz, como o foi anteontem, na abertura dos trabalhos. Será um trabalho coletivo, e não individual, em defesa de todos os aposentados e pensionistas. Muito obrigado.

Como meu tempo se esgotou, Sr. Presidente, V. Ex<sup>a</sup> decide se permite o aparte do Senador Mão Santa.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Deus escreve certo por linhas tortas. Vinha ouvindo atentamente o discurso de V. Ex<sup>a</sup> no carro. Ninguém melhor do que V. Ex<sup>a</sup> para defender os pequenos, todos eles, como tem feito. Foi bom isso neste início de ano. Vamos estudar aqueles vetos, Presidente. Um dos vetos que mais fez tremer de indignação a sociedade foi quando esta Casa, cumprindo seu dever, em um dos mais belos espetáculos, estudou o aumento dos aposentados. E esta Casa, depois de muita pesquisa, muito estudo, muita responsabilidade, deu aos aposentados, que construíram este País, 16,7%. Sua Excelência o Presidente da República, Luiz Inácio, inspirado pelos alopados da economia que o rodeiam, reduziu para 4%. Então, nada mais simples do que esta Casa, já altaneira com o nosso comandante, buscar aquele veto – nós sabemos da generosidade do Presidente

da República, ele é generoso e justo –, discuti-lo e, se possível, derrubar, restituir o que é de direito, o que o Governo roubou dos aposentados. E V. Ex<sup>a</sup> merece uma homenagem. Em nome do PMDB – somos minoritários, mas, qualitativamente, talvez, superamos o restante do PMDB –, nós pediríamos e lembrariamos ao Presidente Luiz Inácio uma reivindicação nossa, já que ele, com muita firmeza, limpou o seu Ministério, tirando a Ministra que embarcou na canoa da corrupção dos cartões corporativos. Nós, em nome do PMDB minoritário – mas aquele PMDB autêntico que serviu ao País –, solicitaríamos que V. Ex<sup>a</sup> fosse indicado Ministro da Igualdade Racial. Nenhuma indicação superaria esta, em nenhum quadro político. Ele teria que ressuscitar Martin Luther King para trazer um homem que tanto trabalha pela igualdade racial, no Brasil e no mundo, como V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Senador Mão Santa, de forma muito rápida, apenas para dizer que, particularmente, entendo que, quando a Ministra Matilde Ribeiro foi envolvida na ação dos cartões e reconheceu seu erro publicamente, de pronto renunciou ao mandato de Ministra. Foi uma postura corajosa. Como seria bom, neste País, que outras pessoas que cometessem qualquer tipo de erro ou equívoco, reconhecessem e pedissem demissão de seus cargos.

**O Sr. Heráclito Fortes** (DEM – PI) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte, Senador Paulo Paim?

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Pois não, Senador Heráclito Fortes.

**O Sr. Heráclito Fortes** (DEM – PI) – Concordo com V. Ex<sup>a</sup> em gênero, número e grau: a Ministra Matilde Ribeiro tomou a atitude correta. Mas V. Ex<sup>a</sup> há de convir que, infelizmente, ela foi vítima de fogo amigo do Governo de V. Ex<sup>a</sup>. Por que só ela? Por que só ela foi chamada a tomar uma posição? Por que o Ministro do Esporte não? Por que o Ministro da Pesca não? E com gastos bem maiores. Há algo além do que avião de carreira envolvendo o episódio da Ministra da Igualdade Racial. Lamento. Lamento. Foi uma saída fácil demais. No entanto, estão protegendo outros aí, e protegendo indevidamente. É o Governo agindo com dois pesos e duas medidas. Sr. Presidente, digo isso porque fiz uma convocação que seria apresentada à Casa para que a Ministra viesse aqui prestar esclarecimentos. Era o mínimo. Mas não. Anteciparam os fatos e tomaram decisão com relação a ela. Mas, pelo mesmo princípio, devia se tomar providências com relação a outros que estão diretamente envolvidos, inclusive alguns que já devolveram quantias bem maiores do que a da Ministra. Muito obrigado a V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte, Senador Paim?

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Pois não, Senador Alvaro Dias.

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – Senador Paulo Paim, V. Ex<sup>a</sup> lembra bem: se o exemplo da Ministra fosse seguido pelos demais, não sobraria Governo. Aliás, não sobraria nem Presidente da República. Teríamos que convocar eleições no País. Estaríamos numa situação inusitada. Quero, ao final, dizer que concordo com o Senador Mão Santa: se esse Ministério existe e se ele se sustenta, em que pese a inutilidade verificada até o presente momento – o que se conheceu desse Ministério foi só escândalo dos cartões corporativos –, mas se esse Ministério existe e se ele se sustenta, V. Ex<sup>a</sup> seria o nome adequado para ocupá-lo.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Senador Alvaro Dias, Senador Mão Santa, Senador Heráclito Fortes, em primeiro lugar, deixo claro que não sou candidato a nenhum posto, quer seja de Ministro ou Secretário Especial. Gosto muito aqui do Senado da República e do meu trabalho parlamentar, e pretendo concluir esse trabalho durante os próximos três anos. Não nego, lá no meu Rio Grande, que sou candidato a reeleição ao Senado, e ponto. Digo isso sempre com muita antecipação.

Quanto à questão dos cartões, o Governo, a meu ver, e a Oposição agiram corretamente. Há dúvida? É preciso haver o esclarecimento. Já disse ontem desta tribuna – o Senador Garibaldi Alves Filho estava presente, e me socorri de V. Ex<sup>a</sup> – que concordo com seu discurso de não banalizarmos as CPIs, mas se existem denúncias, vamos ver, efetivamente, quem tem culpa em cartório.

Ontem, na Comissão de Direitos Humanos, lembrei que quando a ex-Ministra de Ação Social, Benedita da Silva, foi questionada sobre uma viagem, para não criar nenhum constrangimento ao Presidente Lula, ela renunciou. Para mim, foi um ato de altivez.

A Ministra Matilde, uma vez questionada sobre o uso do cartão, reconheceu que houve um erro administrativo e renunciou. Para mim, também, foi um ato de altivez, para não criar nenhum tipo de constrangimento ou especulação indevida em relação ao seu ministério e ao Governo.

Muito bem; a CPI está aí. Tanto a Situação quanto a Oposição concordam. Vamos averiguar todo o período que for necessário, seja quem for. Percebo que já começou o debate nos Estados sobre os cartões de crédito também adotados pelos governos. Não vou aqui polemizar com esse ou aquele partido, mas, nos mais variados Estados, todos já estão levantando também a possibilidade de CPIs, o que é muito bom. Que sejam instaladas CPIs também nos Estados, e vamos ver quem está usando indevidamente o dinheiro público.

Considero correta a iniciativa tanto da Oposição quanto do Governo de querer colocar transparência absoluta na questão dos cartões.

Era o que tinha a dizer.

Obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> e anuncio a palavra do Senador Alvaro Dias.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, essa história dos cartões corporativos se desenvolve em vários capítulos, já há um bom tempo. Pelo menos há cerca de três anos, estamos tentando revelar os mistérios desse segredo guardado a sete chaves pelo Presidente da República.

Requeremos, inicialmente, uma auditoria do Tribunal de Contas da União nos meados de 2005 e analisamos algumas notas fiscais. Constatamos que eram notas fiscais frias que justificavam o saque de dinheiro vivo em caixa eletrônico com a utilização dos cartões corporativos da Presidência da República.

Em razão dessa investigação, descobrimos que a empresa que fornecia as notas fiscais era de fachada. Ela não vendia o produto especificado na nota fiscal: era registrada na Receita Federal como empresa de alimentos e, para o Governo, era uma empresa fornecedora de cartuchos de impressora. Era uma empresa de fachada que fornecia notas frias para algumas prefeituras do entorno de Brasília e que estava sendo já investigada pelo Ministério Público. O seu proprietário era um laranja. Utilizava-se como proprietário da empresa um laranja, trabalhador num bar da estação rodoviária de Brasília.

Chegamos até ele. E, surpreso, manifestou desconhecimento do que se estava passando. Na verdade, ele não era proprietário de empresa alguma, não vendia cartuchos para impressoras do Palácio do Planalto. Ele é um trabalhador assalariado num bar da Estação Rodoviária de Brasília.

Redigimos, por isso, um requerimento, solicitando informações sobre as despesas da Presidência da República com a comprovação por meio de notas fiscais que poderiam suportar os saques efetuados em caixa eletrônico com os cartões corporativos da Presidência.

Nessa justificativa, afirmamos que tal situação tornou-se ainda mais suspeita, quando se verifica que as notas fiscais que justificam os referidos saques dizem respeito a empresas desconhecidas e até mesmo sob investigação do Ministério Público como empresas que participam de um verdadeiro esquema de fornecimento de notas fiscais frias. Uma dessas empresas apare-



ce como fornecedora de cartuchos para impressoras, sendo que, no Cadastro de Contribuintes da Receita Federal, aparece como empresa de alimentos. Além do mais, a citada empresa dista mais de 40 quilômetros do Palácio.

É extremamente suspeito que a Presidência da República, podendo adquirir mercadorias de fornecedores credenciados e por cartão de crédito, opte por fazer aquisições em condições suspeitas. É por essa razão que encaminhamos esse requerimento no dia 28 de agosto de 2005.

No dia 21 de setembro, esse requerimento chegou às mãos da Ministra-Chefe da Casa Civil no Palácio do Planalto.

No dia 9 de setembro, em razão da resposta do Palácio do Planalto, sugerimos à Mesa do Senado – aliás, sugerimos não, a sugestão foi da Ministra-Chefe da Casa Civil. O que alegou a Ministra para não responder ao nosso pedido de informações? Alegou tratar-se de documentação volumosa. Seria impossível ao Governo remeter ao Senado Federal tantos documentos que comprovavam os gastos da Presidência da República com a utilização dos cartões corporativos.

Disse, em ofício a esta Casa, a Ministra:

No período compreendido entre 2003 e agosto de 2005, foram formalizados cerca de 964 processos, considerando uma média de 100 folhas por processo. Caso fossem remetidas as cópias dos processos ao Senado Federal, seria necessária a reprodução de quase 100 mil cópias. Mesmo se fossem reproduzidas apenas as notas fiscais, deve-se considerar um total aproximado de 22.300 notas fiscais neste mesmo período.

E, por essa razão, a Ministra concluía, afirmando que, com a impossibilidade de remeter essa farta documentação para análise ao Senado Federal, aceitava uma indicação pelo Senado Federal de um funcionário que fosse ao Palácio do Planalto realizar essa investigação.

Em razão disso, propusemos a indicação do auditor Eduardo Nery Machado, do Tribunal de Contas da União, que, naquela oportunidade, estava cedido ao nosso Gabinete, para nos assessorar durante os trabalhos da CPMI dos Correios.

Isso se deu no dia 9 de fevereiro de 2006. No dia 13 de fevereiro de 2006, a Mesa do Senado encaminhou a indicação desse funcionário ao Palácio do Planalto.

Para resumir a história, depois de um dia de trabalho, quando se aproximava dos documentos da Secretaria da Presidência da República, o funcionário

foi impedido de continuar trabalhando. Foi devolvido a esta Casa, e recebemos – o Senado Federal recebeu – um ofício da Chefia da Casa Civil da Presidência da República:

Eu resumo:

[...] não se vislumbram óbices em consentir com a permanência de tal acesso e consulta, desde que respeitadas as observações relativas ao acesso a documentos de caráter sigiloso; [...] deve-se negar imediatamente acesso do servidor a serviço do Senado Federal aos processos de prestação de contas relativos ao uso do Cartão de Pagamento do Governo Federal – [...] mormente aqueles relacionados a despesas efetuadas com o Presidente da República, por se tratar de informações sigilosas, uma vez que imprescindíveis à segurança do Estado [...].

Essa foi a justificativa do Palácio do Planalto para impedir que o auditor designado pelo Senado Federal trabalhasse nessa investigação a serviço do interesse público.

Sr. Presidente, ao recebermos esse ofício, requeremos da Mesa do Senado Federal as necessárias providências. Em razão do nosso requerimento, a Presidência do Senado Federal o encaminhou à Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania para a devida análise, que aprovou o nosso pleito. Em que pese o voto em separado do Senador Romero Jucá, em nome do Governo, a maioria da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania aprovou a seguinte conclusão:

Impende aduzir, ademais, que o descumprimento das decisões da Mesa do Senado Federal importa em crime de responsabilidade, conforme o disposto no § 2º do art. 50 da Constituição Federal. Assim, deve ser reiterada àquele Órgão a solicitação de informações supracitadas, no prazo de cinco dias, sob pena de imputação legal, nos termos do art. 5º do Ato nº 1, de 2001:

Art. 5º Ao final do prazo de trinta dias, contado do recebimento pelo destinatário da solicitação, se as informações ainda não houverem sido prestadas, o Senado reunir-se-á dentro de três dias úteis, para declarar a ocorrência do fato e adotar as providências decorrentes do disposto no art. 50, § 2º, da Constituição.

§ 1º A Mesa poderá, antes de declarar a ocorrência do fato a que se refere o *caput* deste artigo, decidir pela reiteração do pedido de informações cujo atendimento, nesse caso, deverá ocorrer no prazo máximo de dez dias.

§ 2º O autor do requerimento, sob o fundamento de haver sido incompleta a resposta, poderá solicitar à Mesa a reiteração do pedido de informações, cujo atendimento deverá ocorrer no prazo estabelecido no parágrafo anterior.

§ 3º O disposto no *caput* deste artigo aplica-se, no que couber, ao caso de prestação de informações falsas.

Cabe, ainda, observar a imposição estabelecida no art.216, § 1º, do Regimento Interno do Senado Federal.

Portanto, Sr. Presidente, o que estamos solicitando agora à Mesa do Senado Federal não é aprovação para um novo pedido de informações à Presidência da República. Nós estamos solicitando à Mesa do Senado Federal que faça cumprir o dispositivo constitucional em defesa de uma prerrogativa que não nos pertence e, sim, à sociedade brasileira. Cabe ao Senado Federal, como uma das suas atividades precípuas essenciais, a fiscalização do Poder Executivo.

Estamos sendo impedidos de fiscalizar o Governo, e cabe ao Presidente desta Casa adotar as providências que a lei impõe. É crime de responsabilidade. Há necessidade de responsabilização, e o que estamos solicitando, em adição às providências indicadas, diante da gravidade da situação, é a adoção dessas providências sugeridas no nosso Requerimento nº 942, numa correspondência enviada ao Presidente do Senado no dia 17 de abril de 2006.

Primeira providência: expedição de Ofício da Presidência do Senado dirigido à Ministra Chefe da Casa Civil e ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República, advertindo-os para as implicações de sua postura e indagando sobre a proibição de o servidor designado prosseguir nas análises com a comprovação de recebimento e prazo para a resposta, na forma do art. 48, II, do Regimento Interno do Senado Federal.

Segunda providência: em caso da manutenção da negativa de acesso à decisão sobre se o crime de responsabilidade em tese praticado pela Ministra e pelo Secretário de Administração da Presidência guarda conexão com a responsabilidade do máximo Magistrado da Nação e devida representação para responsabilização das autoridades à Procuradoria Geral da República ou competente processo e julgamento no Senado Federal, a par da propositura de medidas judiciais para assegurar as prerrogativas fiscalizatórias do Congresso Nacional.

Essas são as providências que nós estamos solicitando, e é exatamente isto que será alvo de deliberação na primeira reunião da Mesa do Senado Fe-

deral neste ano de 2008, já, quem sabe, na próxima terça-feira.

Eu reitero: não estou solicitando à Mesa do Senado Federal – e o Relator é o Senador César Borges – e não me importa a auditoria já realizada pelo Tribunal de Contas da União. Ela não é suficiente. Ela é incompleta.

Não é este o foco do requerimento que fiz, avaliado pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania. O foco é outro: é o desrespeito a uma prerrogativa constitucional do Senado Federal.

O Presidente da República, quem sabe, a Ministra Chefe da Casa Civil com certeza e o Secretário da Presidência da República cometeram crime de responsabilidade, e nós estamos solicitando à Presidência do Senado Federal que adote as providências judiciais cabíveis neste caso. Ou o Senado defende essas prerrogativas ou se agacha ainda mais.

Um Poder Legislativo agachado, Senador Mão Santa, não alcança os interesses da sociedade brasileira. Este Poder Legislativo tem sido achincalhado em excesso. Esta Casa tem sido desmoralizada em demasia. Não pode se comportar com a submissão com que se comporta em casos da gravidade como este.

É urgente que o Senado Federal adote essas providências. Ou o Senado Federal assume essa postura de independência em relação ao Poder Executivo ou não contribui para reabilitar as esperanças do povo brasileiro nas instituições públicas deste País. As instituições públicas estão desgastadas, Senador Heráclito Fortes. Cabe-nos, em primeiro lugar, lutar para reabilitá-las e não as reabilitaremos com postura submissa, agachados diante da prepotência do Poder Executivo.

Quando o Senado discute a instalação de CPI e o próprio Governo a propõe – é claro, com má-fé, mas a propõe –, a Ministra-Chefe da Casa Civil se apressa em dizer: “Os documentos da Presidência da República são sigilosos e não serão fornecidos à CPI”; como se CPI não tivesse mais o poder de quebrar o sigilo, que é uma das suas prerrogativas essenciais. CPI que não quebra sigilo não é CPI, é fábrica de pizza. O que deseja a Ministra-Chefe da Casa Civil, o que deseja o Presidente da República ao estimular essa iniciativa, o que deseja o líder do Governo nesta Casa é obstruir as investigações que se pretende realizar através de uma CPI mista, com fato determinado e específico, para investigar o uso desonesto dos cartões corporativos durante o mandato do Presidente Lula.

O PT alega que houve desvios no passado. Por que não os investigou a tempo? Se desvios aconteceram, cabia ao PT, na Oposição, investigar e denunciar. Nunca se ouviu denúncia qualquer a respeito da malversação na utilização de cartões corporativos

durante o Governo de Fernando Henrique Cardoso. Aliás, a CPI que propõe Romero Jucá começa a investigação em 1998. Seriam dez anos que deveriam ser investigados, ampliando excessivamente o foco da investigação, tentando desviar os olhos da Nação dos cartões corporativos, que hoje são utilizados para comprar produtos piratas na feira “paraguaia” de Brasília, cartões para serem utilizados em mesa de sinuca, ou na veterinária, ou na joalheria, ou na padaria, ou no açougue, ou no supermercado, ou em hotéis pelo País afora, em restaurantes de Brasília.

Ora, Sr. Presidente, o que temos que investigar é esse escândalo, o que temos que investigar é essa desmoralização da instituição pública através dessa omissão, dessa complacência, dessa cumplicidade com a corrupção.

Ora, Sr. Presidente, nós não podemos misturar as coisas. Querem investigar o passado? Que investiguem, mas instalem uma CPI própria para tal. Não vamos mistificar, informando à Nação que queremos investigar, quando, na verdade, queremos semear a confusão para impedir a investigação, para que não se abra, Sr. Presidente, essa caixa-preta, onde se escondem os mistérios da Presidência da República na utilização dos cartões corporativos – e lá são 150 cartões utilizados! Que não se estabeleça a confusão também ao afirmar, como se afirmou aqui ontem, que o Governo de São Paulo se utiliza de cartões corporativos. Lá não há cartão corporativo. O governo paulista, hoje, informa:

Não existe cartão corporativo no governo do Estado de São Paulo. Nenhum secretário, secretário-adjunto ou qualquer autoridade estadual possui cartões do governo para qualquer tipo de gasto. Nenhum servidor possui cartões para pagamento de despesas pessoais.

Eu peço que se registre nos Anais a íntegra da nota divulgada pelo Governo de São Paulo e publicada na *Folha de S. Paulo* de hoje.

Peço também, Sr. Presidente, que se publique nos Anais da Casa editorial: “Gastos Corporativos”, da *Folha de S. Paulo*.

Sr. Presidente, vou concluir, agradecendo...

Parece que o Senador Heráclito Fortes me solicita um aparte. É com prazer que o concedo a V. Ex<sup>a</sup>, antes da conclusão do nosso pronunciamento.

**O Sr. Heráclito Fortes** (DEM – PI) – Meu caro Senador Alvaro Dias, quem está nos ouvindo agora, neste instante – e o Brasil nos ouve muito, Sr. Presidente, felizmente –, há de se lembrar das cobranças insistentes feitas por V. Ex<sup>a</sup> ainda no primeiro governo do Presidente Lula. Ao não responder os pedidos de informações feitos por V. Ex<sup>a</sup>, o Governo cometeu um crime. A Mesa

do Senado precisa se posicionar sobre isso. Eu quero deixar isto bem claro para quem está ouvindo: esse é um assunto que vem desde 2003, aproximadamente, e o volume foi crescendo em 2004 e em 2005. Qual é a data do primeiro requerimento de V. Ex<sup>a</sup>?

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR) – Sobre a Presidência da República... Aconteceram outros requerimentos anteriores. Sobre a Presidência da República, dia 28 de agosto de 2005.

**O Sr. Heráclito Fortes** (DEM – PI) – Em 28 de agosto de 2005. Em 2006, novamente veio à tona denúncia de excesso de gastos de cartão corporativo, no período de campanha eleitoral, com o deslocamento de funcionários da equipe presidencial. Os esclarecimentos poderiam ter sido prestados. Mas não. A certeza da impunidade deu força ao segundo, ao terceiro, ao quarto escalão do Governo, para praticarem o mesmo crime. E isso aí proliferou e está sob controle – a grande verdade é essa. Chamar à tona a questão de São Paulo é uma tática antiga, suada e batida do Partido dos Trabalhadores. Antigamente, era só Fernando Henrique. Chama o Fernando Henrique. Agora estão chamando o Serra. É ano de eleição. É aquela velha tese: estou no banco dos réus, mas quero companhia. Não, minha gente. Se há irregularidades em São Paulo, em que não acredito, este não é o fórum para discussão. O que temos de discutir aqui, e não vamos dizer isso de foco, são os gastos do Governo Federal, os gastos da Presidência da República. Esse escândalo vai da tapioca à esteira de exercícios, ao pano de sinuca, ao pãozinho de primeira qualidade comprado em uma padaria chique do Baixo Leblon. E por aí vai. Senador Alvaro Dias, quando digo que o cartão corporativo se transformou no Bolsa Família dos privilegiados deste Governo, não tenho dúvida alguma. E se vai criar agora uma caixa absoluta sem nenhum critério. Abrem-se os jornais de hoje e só se vê notícia de que estão tirando do Portal da Transparência fulano de tal, sicrano. É um tiro no pé na idéia brilhante do Presidente Lula. Foi o Presidente Lula que criou o Portal da Transparência. O Presidente Lula não pode ser desmoralizado. Se ele pediu transparência, vamos atendê-lo. O Presidente Collor – falo com todo respeito, porque, hoje, diante do que estamos vendo, nada mais nos assusta – personalizou o cheque quando obrigou, meu caro Presidente, que fosse colocado o CPF. O cheque deixou de ser anônimo, como era no Brasil, para ser identificado. A primeira vítima foi feita no seu próprio Governo. A história se repete agora. O Presidente Lula, como na velha história, jogou um cesto de pedra para cima, esqueceu-se de sair debaixo e elas estão caindo em sua cabeça. Agora, a sua equipe precisa protegê-lo e não prejudicá-lo. Deve-se apurar. O Senador Romero,

ontem, não apareceu aqui. Hoje, ainda não tive notícia do Senador Romero. Eu quero assinar novamente o seu pedido, sem erros, sem rasuras nem borrões. Mas, Senador Alvaro Dias, o País lhe fará justiça, e o Paraná terá orgulho, porque foi V. Ex<sup>a</sup> o pioneiro, nesta Casa, nessa questão. Talvez se o Governo, naquele momento, tivesse tido humildade, verificado e corrigido os erros, não estivesse passando pelo vexame que passa agora. Subestimou, foi soberano, foi soberbo e está pagando. Paciência. Parabéns a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR) – Muito obrigado, Senador Heráclito Fortes. V. Ex<sup>a</sup> tem sido um brilhante opositor na Casa.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador Alvaro Dias...

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR) – Peço ao Presidente, em razão da polêmica que este assunto desperta, que me conceda mais alguns minutos, até porque a sexta-feira é muito tranqüila aqui no Senado Federal, para que o Senador Mão Santa possa apartear.

**O SR. PRESIDENTE** (Adelmir Santana. DEM – DF) – Concedo mais algum tempo a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR) – Muito obrigado, Senador.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador Alvaro Dias, o pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup>, com muita firmeza, com muita clareza, redime este Senado de qualquer fraqueza. V. Ex<sup>a</sup> está notável. Eu estava pensando no momento de inspiração do Presidente Sarney, quando terminava seu mandato. Havia uma série de candidaturas do PMDB e ele pensou no nome de V. Ex<sup>a</sup> – e eram os anos 90. Agora estamos em 2007. V. Ex<sup>a</sup> continua com uma atuação exemplar pela democracia. Passaram-se 17 anos, quando o Presidente Sarney lembrou ao partido que V. Ex<sup>a</sup> seria o melhor nome do PMDB, mas continuo a pensar se V. Ex<sup>a</sup> hoje não é o melhor nome do PSDB, com Arthur Virgílio, para fazer a chapa da esperança, da verdade no Brasil. V. Ex<sup>a</sup> está de parabéns. E o Piauí aqui quer homenageá-lo, convidando-o para que nos visite, para mostrar que ainda há uma esperança na democracia do Brasil.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR) – Muito obrigado, Senador Mão Santa. A generosidade de V. Ex<sup>a</sup> já é conhecida desta Casa e do País. Agradeço, sobretudo, este convite para visitar o seu Estado do Piauí, um Estado importante e, lamentavelmente, desprezado, nos últimos anos, em matéria de administração pública. Muito obrigado, Senador Mão Santa.

Vou concluir, Sr. Presidente, mas preciso de mais alguns minutos exatamente para responder em respeito aos apertes que recebi.

Veja, Sr. Presidente, que, em Florianópolis, Santa Catarina, uma autopeças forneceu notas fiscais

inúmeras vezes durante alguns meses. Por que o Governo necessitaria tanto de uma única empresa de autopeças com cartão corporativo? Depois que nós revelamos, Senador Mão Santa, aquelas notas frias às quais nos referimos há pouco, ficamos suspeitando, quando conhecemos informações que dizem respeito a notas fiscais com a mesma origem, repetidas, valores redondos. Não há, em nenhuma das notas fiscais, valores quebrados; são todos valores redondos. Ou esses alugueis de veículos. Como alugam veículos pagando com dinheiro vivo, retirado do caixa eletrônico...

O Senador Mão Santa foi governador e sabe: quando um Ministro chega no Estado, ele é recebido com pompas, tem todo o aparato governamental a seu serviço, veículos, etc. Mas não há necessidade alguma de se alugarem veículos. E os Ministros justificam valores expressivos de alugueis de veículos. É por isto que disse ao Senador Paulo Paim em aparte: se o exemplo da Ministra Matilde fosse seguido, o Governo acabaria e não teríamos mais nem Presidente da República, porque os principais equívocos e as principais irregularidades se concentram exatamente nos órgãos ligados à Presidência da República.

Quero pedir também que conste nos Anais da Casa mais um editorial do jornal **O Estado de S. Paulo**, denominado “Segurança Nacional”. Esse editorial analisa a afirmação do Governo de que não pode revelar os documentos que comprovam despesas da Presidência da República em nome da segurança nacional. Aliás, tese rechaçada pelo Ministro Marco Aurélio, que diz não encontrar dispositivo constitucional para sustentar essa justificativa do Governo.

Sr. Presidente, ao final, concluindo mesmo, diz este editorial: “Afinal, o que originou essa onda toda que já parece uma tsunami foi a “disparada” dos gastos com cartões no Governo Lula. O cartão foi criado pelo Governo FHC em 2001, ano em que se gastaram com ele R\$96”. Repito, no Governo Fernando Henrique Cardoso, no ano de 2001, quando se instituiu o cartão corporativo, o gasto foi de R\$96, para acabar com essa onda de que no Governo Fernando Henrique se gastava mais com cartão corporativo do que se gasta atualmente. “Isso mesmo, noventa e seis reais – prossegue o editorial. Em 2002, o gasto foi de R\$3.620.945 (final do Governo Fernando Henrique Cardoso). Em 2003, primeiro ano do Governo Lula, o total pulou para R\$8.774.039.”

Sr. Presidente, aprenderam a usar o cartão corporativo, gostaram do cartão e gastaram, no ano passado – pasmem – R\$78.029.530, sendo que R\$59 milhões sacados em dinheiro vivo no caixa eletrônico.

E o editorial ainda diz o seguinte: "O tiro não foi no pé. Foi pela culatra."

Sr. Presidente, reitero, espero que a Mesa do Senado Federal, na reunião da próxima terça-feira, decida por preservar as suas prerrogativas.

Muito obrigado.

**DOCUMENTOS A QUE SE REFERE  
O SR. SENADOR ALVARO DIAS EM SEU  
PRONUNCIAMENTO.**

(Inseridos nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

**Folha de S. Paulo**

**Gastos corporativos**

*Editorial*

A REVELAÇÃO de gastos extravagantes de ministros e outras autoridades federais tornou explícito um padrão de conduta que permanecia ao abrigo de vigilância. Nesse patrimonialismo do dia-a-dia, paga-se a conta de um free shop, alugam-se carros nas férias, abriga-se a família num hotel -tudo sacado dos contribuintes- com a naturalidade e o automatismo de quem não deve satisfação.

Esse hábito arcaico começa a ser atacado por três razões básicas. Uma é a própria disseminação dos cartões de crédito corporativos na administração federal; outra é a louvável decisão do governo Lula de explicitar essas despesas na internet -tal nível de transparência não se repete, por exemplo, no caso do governo paulista. O terceiro e decisivo fator é a cobrança feita pela imprensa e por organizações civis com base nos dados públicos.

Está certa, portanto, a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, quando defende as vantagens do uso de cartões de crédito para a prestação de contas de despesas emergenciais e com viagens. O sistema, cujo controle é automático, é muito superior ao modelo das chamadas contas B, pelo qual se coloca um montante à disposição do funcionário, que pode gastá-lo emitindo cheques.

Mas, se o governo estivesse mesmo convencido do trunfo do cartão de crédito com a fatura publicada na internet, deveria obrigar todos os ministros e servidores graduados a usá-los, fechando a brecha dos saques em dinheiro permitidos com o cartão. O montante para retirada foi de fato limitado a 30% do valor gasto -contudo, estranhamente, agora se recomenda aos ministros que deixem de utilizar os cartões. Em outro ato que contraria o princípio da prestação de contas, despesas da Presidência foram retiradas da internet.

O valor irrisório da maioria dos gastos revelados denota que não está em tela, nesse caso, um grande escândalo com dinheiro público. O caráter pitoresco e até anedótico de alguns flagrantes não deixa, porém, de comprometer a conduta das autoridades, de quem se exige rigor exemplar no trato de recursos que lhes são confiados pelos cidadãos. Uma "CPI da Tapioca", investigação que se limitasse a tomar os dados públicos e cobrar explicação dos autores da despesa, teria pouco a acrescentar em relação ao trabalho que imprensa, ONGs e alguns órgãos de controle vêm realizando. Já uma CPI que concentrasse seus esforços em desvendar a parcela do gasto corporativo federal que

permanece na penumbra -em 2007, 75% das despesas com cartão foram saques em dinheiro vivo; quase R\$ 100 milhões fluíram pelas contas B- teria um serviço relevante a prestar.

† J. Carlos Alvaro,  
Essas parcelas, 75% das  
despesas com cartão foram  
saques em dinheiro vivo,  
deve ser o objeto das  
investigações. (s.m.f.)

## Folha de S. Paulo

### **Governo diz não ter cartão corporativo**

*Da Reportagem Local*

Em nota, o governo paulista afirmou que "não existe cartão corporativo no governo do Estado de São Paulo".

"Nenhum secretário, secretário-adjunto ou qualquer autoridade estadual possui cartões do governo para qualquer tipo de gasto. Nenhum servidor possui cartões para pagamento de despesas pessoais." Leia a seguir a íntegra da nota do governo:

★

"Não existe cartão corporativo no governo do Estado de São Paulo. Nenhum secretário, secretário-adjunto ou qualquer autoridade estadual possui cartões do governo para qualquer tipo de gasto. Nenhum servidor possui cartões para pagamento de despesas pessoais.

O que existe é um sistema eletrônico para a realização de despesas do dia-a-dia, como compra de combustíveis, peças para automóveis e suprimentos de informática, conforme legislação de 1968 e decreto de 2001 (que instituiu a Bolsa Eletrônica de Compras). As secretarias com maior gasto (Saúde, Educação e Segurança Pública) são justamente as que se destacam na prestação de serviços diretos ao cidadão, e precisam manter as maiores estruturas de pessoal, viaturas e unidades. Não por acaso, na Secretaria da Segurança Pública a maior despesa realizada por esse sistema é com manutenção de viaturas, na Secretaria da Saúde, com pagamento de vale-transporte aos funcionários e, na Educação, com a manutenção das escolas e suprimentos de informática.

A variação dos gastos de 2006 para 2007 é, inclusive, inferior ao crescimento das despesas totais do Estado. O crescimento do orçamento do Estado foi de 9,98% enquanto o aumento com o uso dos cartões foi de 5,8%.

É importante esclarecer que o Estado não utiliza nenhum cartão de crédito. Os cartões de despesa são na modalidade débito, portanto atrelados ao limite de despesa fixado pelos órgãos. Cada cartão é emitido para apenas um tipo de despesa. O cartão utilizado para compra de combustíveis, por exemplo, não pode ser usado para envio de correspondência. O sistema não aceita a transação.

Para cada cartão é designado um gestor, que realiza as operações e é responsável pela prestação de contas. E cada servidor cuida de, no máximo, dois cartões. (e por

conseqüência, de dois tipos de despesa). Isso facilita o controle e a responsabilização perante o Tribunal de Contas do Estado.

Para que o gasto seja realizado, é preciso haver uma previsão do órgão responsável, que estima antecipadamente as despesas com cada tipo de compra. Passados 30 dias da liberação, os valores não utilizados são automaticamente bloqueados e devolvidos ao Tesouro do Estado.

Há uma regulamentação rígida sobre as despesas que podem ser realizadas com saques. Aquisição de combustíveis, por exemplo, não é permitida. Já compra de vale-transporte e manutenção de viaturas da polícia podem ser feitas por meio de saque.

Assim como nos gastos com o cartão de débito, os saques não são realizados pelos servidores que farão uso do produto comprado, mas sim pelos ordenadores de despesas, e estão sujeitas à prestação de contas.

Para todas as operações, é obrigatória a apresentação de notas fiscais. Esses documentos são examinados pelo Tribunal de Contas do Estado, e as transações são registradas no Sigeo (Sistema de Gerenciamento Orçamentário), que é público."

## O Estado de S. Paulo

### Segurança nacional?!

*Editorial*

Os argumentos usados pelo governo Lula para defender-se no "escândalo dos cartões" - que adquire dimensões antes insuspeitadas, com a divulgação diária de novos abusos - revelam, para dizer o menos, a baixa avaliação que muitos integrantes da cúpula governamental fazem da capacidade crítica (para não dizer da inteligência) dos brasileiros. Afirmar, como o fizeram com palavras diferentes, ~~mas no mesmo sentido~~, o ministro das Comunicações, Franklin Martins, a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, e o ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, general Jorge Armando Felix, que a revelação de gastos feitos com cartões corporativos, por funcionários, assessores ou familiares do presidente da República, assim como das despesas do Palácio (incluindo as com churrascos e com lavanderia), compromete a "segurança nacional" - por colocar em algum risco a "segurança" do presidente da República e de seus convidados -, é, realmente, dose de elefante!

Esse hábito de fazer pouco do discernimento da sociedade proporciona cenas hilariantes. Mas também justifica apreensão. O general Félix afirma que, se dependesse dele, os gastos das pessoas sob a proteção do serviço de segurança não seriam revelados no Portal da Transparência. Ora, vejam só: no Reino Unido, todos os gastos da família real são divulgados às minúcias nos tablóides e nem por isso alguém já disse que a "segurança nacional" britânica é posta em risco. E lembremo-nos de que foi o próprio presidente Lula quem, em 2005, por ocasião do lançamento do Portal da Transparência (onde são obtidas as informações sobre o uso dos cartões), afirmou: "É nossa intenção que o povo brasileiro seja estimulado a dar sua contribuição no controle e fiscalização." E é, justamente, essa a contribuição que está sendo dada, através dos veículos de comunicação social - contribuição para que o leitor possa distinguir o que é "segurança nacional" do que é mera desfaçatez dos que se lambuzam até com as pequenas benesses do Poder.

Também tem ares de escracho a estratégia utilizada pelo governo no Congresso. Sua liderança antecipou-se à oposição - que pretendia instalar uma CPI mista sobre o uso dos cartões corporativos, criados em 2001 - na criação de uma CPI apenas no Senado,

ampliando-a para abranger os gastos do governo desde 1998, incluindo as contas B, relativas ao segundo mandato do presidente Fernando Henrique. Quem é líder do governo Lula e foi líder do governo FHC, como o senador Romero Jucá (PMDB-RR), pode ser acusado de tudo, menos de falta de esperteza. Ao atropelar a oposição, obtendo 35 assinaturas (mais do que as 27 necessárias) e protocolando na Mesa do Senado o pedido de instalação da CPI dos Cartões, o líder governista usou a eficiente estratégia de investigar tudo para não investigar nada.

É claro que o problema dos cartões corporativos não está em seu uso, mas sim em seu abuso. O que deveria ser uma forma racional de fazer frente a despesas emergenciais de altos servidores públicos no exercício de suas funções, poupando-os da penosa burocracia, transformou-se numa fonte de gastos mal explicados e até de prebendas pessoais. Em princípio, ninguém se deveria opor (nem a oposição) a que sejam investigados todos os gastos governamentais dos últimos dez anos, como pretende o líder do governo no Senado com sua manobra, ao que se diz, avalizada pelo próprio presidente Lula. O que é difícil de deglutir, em termos éticos, é o brandir da espada investigatória, como arma dissuasória, pelos investigados, em termos de "não venha me investigar, que te investigo". Seja como for, conviria reter o que disse o experiente senador Efraim Moraes: "O governo deu um tiro no pé. Todo mundo sabe como uma CPI começa, mas ninguém sabe como termina."

Afinal, o que originou essa onda toda que já parece um tsunami foi a "disparada" dos gastos com cartões no governo Lula. O cartão foi criado pelo governo FHC em 2001, ano em que se gastaram com ele R\$ 96,00. Isso mesmo, noventa e seis reais. Em 2002 o gasto foi de R\$ 3.620.945,00. Em 2003, primeiro ano de Lula, o total pulou para R\$ 8.774.039,00. Daí em diante a escalada foi geométrica até atingir R\$ 78.029.530,00 em 2007.

O tiro não foi no pé. Foi pela culatra.



*Durante o discurso do Sr. Alvaro Dias, o Sr. Garibaldi Alves Filho, Presidente, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Adelmir Santana.*

**O SR. PRESIDENTE** (Adelmir Santana. DEM – DF) – As solicitações de V. Ex<sup>a</sup> serão atendidas na forma do Regimento.

Concedemos a palavra ao próximo orador inscrito, Senador Geraldo Mesquita Júnior.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Sr. Presidente, pela ordem, antes que chegue à tribuna o extraordinário Senador Geraldo Mesquita.

**O SR. PRESIDENTE** (Adelmir Santana. DEM – DF) – Com a palavra V. Ex<sup>a</sup>, Senador Mão Santa.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente Adelmir Santana, V. Ex<sup>a</sup> fica bem aí e vou dá-lo como exemplo. Admiro V. Ex<sup>a</sup> porque conheci a sua família no momento em que o Piauí o reconhecia como cidadão piauiense. Mas há uma dúvida se V. Ex<sup>a</sup> nasceu no Maranhão ou no Piauí. Mas, agora, os legisladores do Piauí buscaram esse direito.

Geraldo Mesquita está ali e também conheço a família dele. O pai, extraordinário governador. Família é uma coisa muito importante. Está ali Rui Barbosa. Conhecemos os ensinamentos de Rui Barbosa e o quanto ele dignifica o que simboliza o Parlamento brasileiro. Mas uma das assertivas dele foi definir – ó Luiz Inácio, atentai bem – que a pátria é a família amplificada.

Mas se alguém não quiser acertar, vou buscar Deus. Deus colocou o seu filho querido, especial, depois de muita tentativa de melhorar o mundo. Mas não o desgarrou, colocou-o numa família, a Sagrada Família. Então, quero dar essa contribuição que este Senado tem dar ao Poder Executivo. Somos, como o Pai, o Filho e o Espírito Santo, um só, o reino da democracia.

Quero dar essa contribuição ao nosso Presidente Luiz Inácio. Luiz Inácio, **O Estado de S. Paulo** publica... Olha o que eu disse sobre a família: a família, para mim, é a maior riqueza. Considero-me um dos mais ricos Senadores daqui pela grandeza da minha família: minha mulher, meus filhos, meus netos.

Heráclito Fortes, que representa o Piauí... Ontem mesmo o vi enfurecido quando distorceram suas palavras, querendo dizer que Heráclito tinha atingido a família do Presidente. Ele se rebelou, porque é uma verdade; ele nunca atingiu família de ninguém. Acompanho a sua vida política.

Mas está aqui uma nota que nem o piauiense, nem o brasileiro entendem, porque a imagem do Presidente da República é de generosidade. Olha aqui: "Irmão tenta, pela terceira vez, visitar Luiz Inácio". Luiz Inácio, atenda seu irmão! Terceira vez! Sei que V. Ex<sup>a</sup>

tem uma família grande, mas ainda não pegou bem essa generosidade. Não podemos entender. A imprensa também, que cumpra a sua missão, já que hoje é o poder mais forte deste País, muito respeitada.

Alvaro Dias, também peguei manchetes e nelas não se entende como o nosso Presidente não tinha visitado, vamos dizer assim, seus irmãos que faleceram. E, agora, em vida: irmão tenta, pela terceira vez, visitar Luiz Inácio no Guarujá. E ontem não tinha agenda.

Portanto, Luiz Inácio, receba o seu irmão. É um exemplo que estará dando ao País. É a obediência a Deus, que colocou a Sagrada Família. É uma obediência a Rui Barbosa, porque a pátria é a família amplificada. Então, pela terceira vez. Um problema de família. Pode ser mesmo de saudade. Porque isso, Luiz Inácio, é uma das necessidades da vida humana. Falo como médico, professor de Biologia, de Psicologia. É uma necessidade biológica do seu irmão receber o seu abraço, o seu carinho, o seu sorriso e ver em Vossa Excelência a construção da família dele, do pai e da mãe.

Então, Luiz Inácio, é este o conselho que aqui, em nome deste grandioso Senado da República, dou a Vossa Excelência: receba o vosso irmão, que pela terceira visita tenta visitá-lo. Sei que Vossa Excelência está descansando no Guarujá, mas talvez o maior descanso seja o da sua consciência ao abraçar o seu irmão.

**O SR. PRESIDENTE** (Adelmir Santana. DEM – DF) – Com a palavra o Senador Geraldo Mesquita Júnior.

V. Ex<sup>a</sup> terá a palavra por vinte minutos.

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC. Pronuncia o seguinte discurso. Com revisão do orador.) – Agradeço, Sr. Presidente. Quero registrar aqui o fato de que o Senador Mão Santa acaba por fazer justiça ao seu amigo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, hoje, ao reconhecer que o Presidente está em descanso, está em férias, porque ontem, mesmo tendo essa informação, o Senador Mão Santa exibiu aqui a agenda do Presidente que, de fato, não tinha nenhum compromisso. Mas hoje, para minha alegria e satisfação, ele acaba por reconhecer que o Presidente realmente está em gozo de alguns dias de descanso, porque, de fato, ninguém é de ferro. Parabéns, Senador Mão Santa, pelo gesto, pela homenagem.

Mas venho hoje à tribuna, assim como prometi ontem, para dar continuidade em um assunto – e vou fazê-lo de forma exaustiva aqui nesta Casa, neste plenário, onde tiver espaço para fazê-lo –, qual seja, as questões atinentes à Amazônia, os problemas dos quais o povo brasileiro toma conhecimento dia-a-dia, do que ali ocorre, fatos graves, fatos que denotam omissão do Poder Público, fatos que denotam agres-

são de criminosos naquela região. E, na esteira do que propôs o Senador Cristovam Buarque, sugiro abriremos um ciclo de debates acerca desse assunto tão importante, assunto, inclusive, que atrai a atenção de toda a mídia brasileira.

Nos dias de recesso, de descanso, de fato ninguém descansa. Talvez trabalhemos até mais, porque andamos mais, visitamos mais. Porém, nesses dias, pude colecionar um sem-número de recortes de jornal, informações, análises profundas – outras, nem tanto –, em suma, a mídia, a imprensa brasileira está mobilizada para discutir com a sociedade brasileira esse assunto tão candente, tão importante, Senador Mão Santa.

O Senador Alvaro Dias, um dos Parlamentares mais responsáveis, mais preparados deste Senado Federal, com quem aprendo muito nesta Casa, acaba de pedir a transcrição nos Anais da Casa de matéria publicada no jornal **O Estado de S. Paulo**. Não é que tenhamos – o Senador Alvaro Dias e eu – escolhido **O Estado de S. Paulo**, hoje, para pedir transcrição de suas matérias, mas houve uma coincidência muito feliz: a matéria de que o Senador Alvaro Dias pede transcrição é de fundamental importância. É uma análise muito interessante. E nos deparamos com outra, Sr. Presidente: na verdade, trata-se de editorial de hoje do jornal **O Estado de S. Paulo**, que traz o discurso proferido pelo Presidente da nossa Casa, nosso companheiro Garibaldi. O título da matéria é “Quem te viu e quem te vê”.

Segundo o jornal, esse tipo de expressão, Senador Mão Santa, quase sempre exprime [...] a surpresa e a decepção diante de alguém que por qualquer motivo mudou para pior, comparado com o que era ou parecia ser, a ponto de se tornar irreconhecível. Mas o que queremos transmitir, no caso específico de que se tratará a seguir, é rigorosamente o contrário.

O jornal manifesta sua surpresa auspiciosa. Diz o artigo:

[...] diante de um ato que o obriga a rever o que se pensava de depreciativo a respeito de quem o praticou. Em outras palavras, o certo seria uma variante do ditado ‘de onde menos se espera ...’ De fato, não havia a menor razão para esperar que fizesse o que fez na solenidade de abertura do ano legislativo, na quarta-feira, o político escolhido para completar o mandato de presidente do Senado [...]. O potiguar Garibaldi Alves – dele é que estamos falando – pronunciou na ocasião um discurso que, pela franqueza, lucidez e absoluta pertinência, se distingue de todos quantos possam vir à memória em formalidades do gênero.

E discorre, e analisa, ponto por ponto, a fala do Presidente do Senado e do Congresso Nacional, por ocasião da abertura do Congresso. São abordadas as críticas que ele faz, o chamamento que ele faz à responsabilidade das instituições, dos Poderes, inclusive da própria Casa Senado Federal, do Congresso Nacional, para que assumam suas responsabilidades.

O editorial do **O Estado de S. Paulo** aborda pontos importantíssimos da fala do Presidente, como a questão atinente ao abuso de edição de medidas provisórias, a não-revisão dos vetos presidenciais, e por aí vai.

Portanto, na esteira do que fez o Senador Alvaro Dias, peço também, Sr. Presidente, a transcrição, nos Anais do Senado Federal, desse editorial de **O Estado de S. Paulo**, por sua relevância, por sua importância, porque ele é uma voz de fora da Casa, é a mídia enxergando perspectivas de mudança, enxergando perspectivas alvissareiras do que poderá acontecer nesta Casa, com a colaboração de todos nós, sob o comando do eminente Presidente Garibaldi Alves Filho.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador Geraldo Mesquita!

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – Senador Mão Santa, o Senador Alvaro Dias pediu-me aparte antes de V. Ex<sup>a</sup>. Logo em seguida, conceder-lhe-ei um aparte com o maior prazer.

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – Senador Geraldo Mesquita Júnior, primeiramente, destaco que tenho enorme consideração por V. Ex<sup>a</sup>, muito apreço e admiração pelo comportamento de independência que adota. A exemplo de outros Senadores, como Pedro Simon, Jarbas Vasconcelos e Mão Santa, no PMDB, V. Ex<sup>a</sup> desponta como um Senador que proclama a necessária independência do Poder Legislativo em relação ao Executivo. Isso ficou comprovado no desempenho de V. Ex<sup>a</sup> relativamente à derrubada da CPMF no final do ano passado. E V. Ex<sup>a</sup> faz bem em registrar, nos *Anais* da Casa, o editorial “Quem te viu e quem te vê”, do jornal **O Estado de S. Paulo**. O Presidente Garibaldi soube resumir as principais missões do Parlamento brasileiro na luta por recuperar conceito, imagem e credibilidade. E, animados por essa disposição do Presidente Garibaldi Alves, requeremos, como fizemos há pouco, no discurso que pronunciamos, da Mesa do Senado que faça valer as prerrogativas da instituição, que não são nossas, não são dos Senadores; pertencem a esta instituição, onde estão fincadas as pilastras essenciais do regime democrático. Não podemos, de forma alguma, permitir que uma instituição valiosa no processo democrático seja desgastada, a cada passo, a cada atitude, a cada postura, dos seus membros ou de membros do outro Poder, como vem ocorrendo relativamente a requerimentos de informações, que daqui partem e que

não voltam com respostas. Portanto, cumprimento V. Ex<sup>a</sup> pela oportunidade do discurso e pela iniciativa de registrar nos **Anais** da Casa o discurso do Presidente Garibaldi, que é, acima de tudo, um programa de ação que pretende desenvolver como Presidente desta Casa. Espero que a prática corresponda ao discurso. Muito obrigado, Senador Geraldo Mesquita Júnior.

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – Eu que agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Alvaro.

Concedo um aparte ao meu prezadíssimo e querido amigo Senador Mão Santa.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador Geraldo Mesquita, sem dúvida nenhuma, com certeza absoluta, V. Ex<sup>a</sup>, pelo seu saber jurídico, pela firmeza no Direito, é o que mais se aproxima de Rui Barbosa nesta Casa. Quero dizer que, ontem – porque fui Governador de Estado –, revi esses problemas. Na Constituição brasileira, para Estado nenhum estão previstas férias para o mandante do Executivo. Não existem férias. Daí eu ter me surpreendido ao chegar às minhas mãos a agenda do Presidente sem nada. Mas justifico: ele está lá descansando, ninguém é de ferro. Sou médico e professor de Biologia. Justifico. Até há pouco, pedi a palavra pela ordem, concedida pelo nosso Presidente Adelmir Santana, e disse que o Presidente deveria aproveitar esses momentos de descanso para receber a família. E também admito Luiz Inácio não gostar de ler, não gostar de estudar. Foi ele mesmo que disse que ler uma página era uma besteira, que era melhor fazer uma hora de esteira. São palavras dele. Então, até com generosidade, eu sugeriria que, mesmo sem usar o cartão de crédito, alguém desse de presente a ele aquele CD do Cid Moreira: a Bíblia, ouvida – é bela na voz daquele locutor da Rede Globo, de cabelos brancos –, para ele se inspirar, Senador Adelmir Santana, no José, do Egito, o grande sábio, o grande guia, que saiu de Israel, foi preso e, mesmo assim, venceu os seus traumas e recebeu todos os seus irmãos. Quero dizer, então, que este Senado é para isto mesmo, para denunciar e fiscalizar. Essas são finalidades do Senado na história do mundo. Primeiro, o que foi trazido aqui: José Serra simboliza honestidade. Tanto é verdade que, na sua última entrevista a essa extraordinária revista nova que recebeu o grandioso nome de Piauí, José Dirceu foi criticado porque apontou que José Serra seria uma das melhores opções para presidir este País. Então, isso não pega, essa fuga, essa falta de se trazer a verdade e a vergonhosa existência dos cartões corporativos. E, mais ainda, quero dizer também ao jornal **Folha de S. Paulo** – reconhecendo o valor da imprensa, a qual acho que, hoje, é até o primeiro poder –, que nós não somos nem poder. Entendo que somos instrumentos da democracia: instrumento

Executivo, instrumento Legislativo, instrumento Judiciário. Poder é o povo que trabalha e paga os impostos e a conta para nos sustentar. Quanto ao nosso Presidente, um quadro vale por dez mil palavras. Eu diria à imprensa: ele disputou dez eleições e só perdeu uma eleição, e por essas eleições que não foram normais, foram as mais corruptas de toda a história do mundo, com essas bolsas que foram distribuídas.

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – Muito obrigado, Senador Mão Santa. Fiz uma consideração, uma observação acerca do que V. Ex<sup>a</sup> disse ontem e hoje, estribado na sua incomensurável generosidade. Tenho por V. Ex<sup>a</sup> uma admiração enorme e tenho-o como um irmão mais velho. V. Ex<sup>a</sup> sabe disso. Apesar dessa sua atuação firme, sólida, consistente, do combate que V. Ex<sup>a</sup> faz ao Presidente da República e ao seu Governo, em alguns momentos, no fundo, no fundo, a Nação brasileira desconfia ou sabe da sua extrema generosidade. V. Ex<sup>a</sup> é um homem justo e, sobretudo, um homem generoso, por isso me atrevi a fazer esse tipo de comentário.

O tempo está avançando e quero botar o pé no assunto principal que me traz aqui, nesta manhã, caríssimo Presidente. É uma coincidência terrível, mas Sr. Presidente, solicitando a sua atenção, quero pedir, mais uma vez, a transcrição de uma outra matéria, também divulgada hoje pelo jornal **O Estado de S. Paulo**. É um artigo do jornalista Washington Novaes, cujo tema é: “O problema não está nos números”. Ele fala da Amazônia, dos seus desmates, dos desmandos ali ocorridos, do caos que é, hoje, o gerenciamento do que se constitui, do que costumamos denominar de Amazônia. Um ponto muito particular ele fixa no seu artigo para sustentar o que vou dizer a seguir. Quero me estribar nisso.

**O SR. PRESIDENTE** (Adelmir Santana. DEM – DF) – Os expedientes de V. Ex<sup>a</sup> serão atendidos na forma do Regimento.

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – Muito obrigado.

Eu quero reproduzir apenas uma parte do artigo do jornalista Washington Novaes, que fala dos assentamentos que envolvem micros e pequenos produtores na Amazônia, a quem, via de regra, vira-e-mexe, de forma ostensiva ou de forma sub-reptícia, tenta-se atribuir a responsabilidade pelos grandes desmates ocorridos na Região Amazônica e na Floresta Amazônica.

Ele diz o seguinte:

Da mesma forma, criar condições (ele está propondo) para que os assentamentos da reforma agrária deixem de contribuir com 18% para o desmatamento, segundo os levantamentos. (Ele reproduz aquilo que eu

estava afirmando há pouco.) Em parte dos assentamentos mais antigos não poderia acontecer outra coisa.

Ou seja, na opinião do Novaes, nos assentamentos mais antigos não se poderia esperar outra coisa senão o paulatino avanço do desmatamento ocorrido naquela região.

Ele escreve:

Sem recursos, sem assistência técnica, sem transporte, sem mercado para nada, aos assentados não resta senão remover a floresta para implantar pastos e alugá-los a um pecuarista - ou vendê-los e sair em busca de outro lote, contribuindo para o chamado “desmatamento itinerante”(...)

O artigo é extenso e aborda diversas questões, mas eu queria me ater a esse ponto em particular, porque me preocupa sobremaneira, Presidente, que se atribua aos pequenos produtores da Amazônia, particularmente aos do meu Estado – onde há muitos pequenos produtores assentados em pequenos lotes –, a responsabilidade pelo que está acontecendo na região.

Primeiramente, essas pessoas estão sendo pressionadas. A mídia as pressiona e a sociedade se inquieta. Simplesmente, essas pessoas estão sendo colocadas na parede, porque não têm alternativa, Sr. Presidente, a questão é essa. Tudo bem quando se cobra uma outra postura de um segmento da população ou de uma determinada comunidade que tem meios para substituir aquela atuação, digamos, predatória, mas os pequenos produtores da Amazônia, particularmente os do meu Estado, não têm meios para substituir a forma de produção que herdaram dos seus pais, dos seus avós e dos seus bisavós.

Comete-se uma injustiça monumental contra essas pessoas, que são milhares e talvez milhões, na Amazônia, Sr. Presidente, ao se emparedá-las, porque não se permite mais que avancem naquilo que chamo de única tecnologia de que dispõem e dominam para produzir para si e gerar um pequeno excedente para o mercado. A única tecnologia que dominam é aquela multissecular, à qual me referi ontem, aqui, de derrubar, brocar, queimar e plantar. Não há outra.

Para que substituam essa tecnologia e voltem a ocupar áreas já derrubadas, que são imensas na Amazônia – e precisamos reocupá-las e reutilizá-las –, eles precisam aportar nova tecnologia, equipamentos, tratores agrícolas, insumos, crédito, estradas rurais por onde possam retirar as safras na época oportuna.

Estive, há pouco, no meu Estado, no período do recesso, conversando com dezenas de produtores rurais. O drama que eles vivem permanece secularmente no Acre. Eles me disseram: “Senador, perdi uma plantação de melancias porque, na época da colhei-

ta, não pude retirar.” “Senador, perdi todo o meu arroz porque, na época...”

*(Interrupção do som.)*

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – “...em que queria retirá-lo, não consegui, porque, nas estradas, não passa nem sapo acorrentado” – eles têm essa expressão no Acre. É algo interessante. Veja como o povo é sábio, Senador. Ele cria as imagens para mostrar, de forma clara e transparente, a dificuldade que vive.

Quanto à questão do desenvolvimento sustentável na Amazônia, Senador, posso falar do que acontece no meu Estado: é uma grande balela. É uma grande balela. É, talvez, algo que se coloca numa vitrina para que o mundo inteiro perceba que estamos promovendo o desenvolvimento sustentável. Balela! É pura balela. Desenvolvimento sustentável, no meu Estado – do restante não posso me comprometer a falar porque não conheço com profundidade –, significa, simplesmente, Senador Mão Santa,...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – ...que a maioria da população sofrida, sustenta o desenvolvimento de poucos. Isso é que é o desenvolvimento sustentável lá no Acre. Desconfio de que isso ocorre em toda a Amazônia, Senador Mão Santa.

Portanto, precisamos remover esses mitos; precisamos agir com responsabilidade e com sinceridade, tendo, no homem e na mulher que vivem no Acre, em Roraima, no Amapá, na Amazônia de maneira geral, o centro da nossa preocupação. Vira-e-mexe, falamos que “o desmatamento está aumentando”, que “vamos promover isso e aquilo”, mas o foco não é a existência daquelas pessoas que estão ali. Parece até que elas não existem, não é? Parece até que elas não existem...

Um grande diagnóstico tem de ser produzido para se constituir em um grande projeto da Amazônia: o que fazer com aquilo ali? Até hoje, Senador, toda a história da Amazônia é uma história de depredação, de retirada de matéria-prima bruta da Amazônia para enriquecer gente mundo afora, e manter o povo amazônico na extrema miséria. Refiro-me à grande maioria do povo.

Não se pode negar que existem crescimento e desenvolvimento na Amazônia. Mas ele diz respeito a um número cada vez mais reduzido de pessoas naquela região. E a grande maioria dos amazônidas, dos acreanos continuam vivendo em extrema miséria, desassistidos, desprotegidos e ainda sendo acusados, colocados na parede, por não tomarem as medidas corretas que devem ser tomadas. Eles não têm condição

de fazê-lo, a não ser com a parceria forte da União, dos Estados e dos Municípios.

Do contrário, continuarão sendo acusados de estarem destruindo a floresta, de estarem depredando o meio ambiente. De forma covarde fazem uma acusação dessa! Porque quando você acusa, mas dá alternativa, aí, sim, lá na frente, você pode cobrar. Mas acusar as pessoas dessa forma, sem lhes oferecer alternativa, Senador, sem oferecer a essas pessoas uma parceria consistente e responsável, é uma atitude covarde. Portanto, voltaremos, insistentemente, a tocar nesse assunto.

Precisamos remover esse véu, que paira sobre a mente de muita gente no Brasil, que acha que o que está acontecendo ali é uma coisa e não é – é outra coisa completamente diferente –, para que a Nação brasileira assuma a responsabilidade pelo que possa acontecer naquela região.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**DOCUMENTOS A QUE SE REFERE O  
SR. SENADOR GERALDO MESQUITA JÚ-  
NIOR EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

*(Inseridos nos termos do art. 210, inciso I e §2º, do Regimento Interno.)*

## O problema não está nos números

### Washington Novaes

Seja qual for o desfecho das polêmicas em torno do desmatamento na Amazônia, alguns pontos parecem já claros. O primeiro deles é quanto à confiabilidade dos números levantados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Além do depoimento do próprio ministro da Ciência e Tecnologia, que lhes atribui um índice de acerto entre 95% e 97%, e do manifesto da comunidade acadêmica, cientistas da Universidade Federal de Goiás que trabalham diretamente no monitoramento da Amazônia, consultados pelo autor destas linhas, também opinam na mesma direção. Entendem eles que os dados do sistema Prodes costumam ser mais precisos, mas com a limitação de que só são apurados uma vez por ano. Os do sistema Deter, mais frequentes (os últimos divulgados), “num primeiro momento costumam superestimar os números”, mas “em seguida eles são corrigidos” e também são confiáveis. Agora está sendo desenvolvido o sistema Detex, capaz de registrar o que acontece em áreas menores.

### Muito preocupante é o País continuar sem uma estratégia para a Amazônia

Na opinião desses cientistas, os últimos números anunciados “têm o mérito de ser o primeiro alarma quanto à gravidade da situação”, sem esperar pelo balanço anual. Mas seria preciso avançar mais. Porque, na verdade, não existe um levantamento da situação fundiária em cada área – e sem ele o desmatamento é detectado, mas não se sabe quem o fez, não se pode punir, coibir, até mesmo porque a fiscalização governamental é extremamente precária, como

muitos representantes do próprio Ibama têm reconhecido. E também porque continua a falta de articulação na área com o Sipam/Sivam, que tem aviões equipados com radar e poderia ajudar muito no monitoramento. Mas, como os dirigentes desse sistema têm dito, jamais receberam qualquer pedido da área ambiental para essa ou outras tarefas.

Um segundo ponto está na evidência – demonstrada na mais recente crise – de que o País continua sem estratégia para a Amazônia. Pior ainda, a desejada “transversalidade” – que levasse todas as áreas do governo a incorporar em sua atuação as premissas ditas ambientais –

está longe de ocorrer. A prova maior é a divergência pública entre os ministros da Agricultura e do Meio Ambiente quanto à responsabilidade da soja e da pecuária no avanço do desmatamento. Mais grave ainda a diver-

gência entre o presidente da República e sua ministra do Meio Ambiente, além das polêmicas entre esta e os governadores de Mato Grosso e Rondônia. Pode-se lembrar também que ainda recentemente instituições e ONGs que participaram das audiências públicas para definir políticas na área da Rodovia BR 163 – de modo a evitar que seu asfaltamento favoreça mais desmatamento – publicaram documento dizendo que, quase dois anos passados, nada foi feito. E tudo isso sem ainda chegar à desastrosa fala em que o ministro das Estratégias de Longo Prazo propôs a construção de aquedutos para transpor águas da Amazônia para o Nordeste. Ou à incompreensível política governamental que concede juros subsidiados a projetos que têm como base o desmatamento.

É tudo muito preocupante. A pecuária está sendo apontada como responsável por 86% do desmatamento, com um rebanho bovino na área que corresponde a mais de um terço do total nacional, cerca de 75 mi-

lhões de cabeças. O próprio Ministério da Agricultura estima que a produção bovina ali cresça 31,5% até 2018 (já são abatidos mais de 10 milhões de cabeças por ano) e só 87 dos mais de 200 abatedouros na área são registrados. Que se espera que aconteça na área dos problemas com a exportação de carne bovina pelo Brasil, se um terço da produção na Amazônia tem esse destino, segundo os Amigos da Terra? O Imazon também afirma que, dos 80,6 milhões de hectares desmatados entre 1990 e 2006, nada menos que 25,3 milhões se devem ao avanço da pecuária, ante 5,3 milhões da soja e de reflorestamentos.

Além de definir uma estratégia para Amazônia, muitos outros avanços terão de ser feitos. É inconcebível que a União não consiga monitorar/fiscalizar os 47% das terras do bioma que são do seu domínio. E nelas, principalmente, que ocorre o desmatamento. E, somadas às reservas indígenas e a outras áreas protegidas por lei, chegam-se a mais de 70% da Amazônia

Legal. Também é preciso tirar do papel, da ficção, o monitoramento das reservas legais, que, em áreas de floresta tropical, precisam representar 80% das propriedades particulares. Da mesma forma, criar condições para que os assentamentos da reforma agrária deixem de contribuir com 18% para o desmatamento, segundo os levantamentos. Em parte dos assentamentos mais antigos não poderia acontecer outra coisa. Sem recursos, sem assistência técnica, sem transporte, sem mercado para nada, aos assentados não resta senão remover a floresta para implantar pastos e alugá-los a um pecuarista - ou vendê-los e sair em busca de ou-

tro lote, contribuindo para o chamado "desmatamento itinerante", registrado desde 1997 pelo relatório de uma comissão especial da Câmara dos Deputados.

Não faz sentido, igualmente, prosseguir na atual política de repassar a governos estaduais a competência para licenciar desmatamentos. Se é difícil para o poder central resistir às pressões políticas e econômicas, imagine-se no âmbito estadual. Ainda mais lembrando que o poder político local sempre invoca o apoio da população mais pobre, que, por falta de alternativas, considera importantes fontes de geração de trabalho e rendimentos várias atividades ilegais - garimpo e desmatamento entre elas. Essas atividades há muito tempo são também um desaguadouro - pelas migrações - para problemas de regiões onde o desemprego é grave.

Se todos esses fatores não forem considerados na definição de uma estratégia adequada para a Amazônia, será pouco produtivo o espasmo regulatório mais recente, diante dos novos números. E podem ser esperados novos problemas na área das exportações de carne e grãos. ●

## Quem te viu e quem te vê

**A** expressão que dá o título deste comentário quase sempre exprime, como se sabe, a surpresa e a decepção diante de alguém que por qualquer motivo mudou para pior, comparado com o que era ou parecia ser, a ponto de se tornar irreconhecível. Mas o que queremos transmitir, no caso específico de que se tratará a seguir, é rigorosamente o contrário - surpresa, sim, mas auspiciosa, diante de um ato que obriga a rever o que se pensava de depreciativo a respeito de quem o praticou. Em outras palavras, o certo seria uma variante do ditado "de onde menos se espera...". De fato, não havia a menor razão para esperar que fizesse o que fez na solenidade de abertura do ano legislativo, na quarta-feira, o político escolhido para completar o mandato de presidente do Senado, interrompido pela renúncia do então titular, o tristemente notório Renan ("Rei do Gado") Calheiros.

O potiguar Garibaldi Alves - dele é que estamos falando - pronunciou na ocasião um discurso que, pela franqueza, lucidez e absoluta pertinência, se distingue de todos quantos possam vir à memória em formalidades do gêne-

ro. Durante quase uma hora, o orador do evento, que reuniu, como de praxe, os presidentes da Câmara dos Deputados e do Supremo Tribunal Federal, além da ministra da Casa Civil, representando o presidente da República, deixou literalmente boquiabertos os seus pares e convidados de honra. Em lugar das protocolares frases feitas que o público, de antemão resignado, imaginava que iria ouvir, Garibaldi fez uma crítica implacável - e verdadeira - das distorções da ordem política brasileira, responsáveis pela acentuada assimetria entre os Poderes da República. Teoricamente iguais e harmônicos, formam na prática um sistema desfigurado por um Executivo agigantado, um Legislativo apequenado e um Judiciário espaçoso.

"A grande centralização do poder federal, com uma União dominadora, poderosa em tudo e onipresente em toda parte, não permite que o Congresso Nacional exerça seu papel", disse Garibaldi, que fez questão de acrescentar: "Precisamos impedir que outro Poder substitua o Congresso, embora reconheçamos que é uma falha nossa." "Fantasiado de

poder decisório”, acusou, “incapaz de dar ao País, a tempo e a modo, até o Orçamento da União” - que ele diz que é mera ficção -, o Congresso Nacional foi transformado em “quarto de despejo de um presidencialismo de matiz absolutista”. Ao mesmo tempo e por omissão dos próprios parlamentares, o Judiciário extrapola de sua missão constitucional e passa

“a operar uma agenda legislativa”.

Sabe-se ainda que, do lado do Executivo, o mais absolutista dos recursos de poder que lhe permitem impor-se a um Congresso cronicamente complacente é o instituto das medidas provisórias - “cuja precariedade é de sua própria essência”, assinalou o presidente do Senado. Ele não se limitou, porém, a chover no molhado.

Talvez sob o signo da “utopia necessária”, como disse em outra passagem, Garibaldi propôs conferir às Mesas da Câmara ou do Senado, em revezamento, a atribuição de julgar, caso a caso, se as medidas provisórias emanadas do Planalto atendem aos requisitos constitucionais da urgência e da relevância - grande número delas não é uma coisa nem outra, as-

sim como é numeroso o contingente de deputados e senadores que as verberam, mas nada fazem para ao menos filtrá-las: ou porque apóiam o governo ou porque, na oposição, esperam retomá-lo e exercê-lo com a mesma desenvoltura em matéria de legislar. Há lógica, portanto, nessa autodesvalorização a que Garibaldi chamou “império da inércia”. Ele apontou ainda outra chaga do Congresso - e nisso não poderia ter sido mais oportuno, agora que tomou posse, no lugar do pai promovido a ministro, o senador sem votos e sob suspeitas Edison Lobão Filho. “Há grande perplexidade”, reconheceu, “quanto à investidura de alguns.”

Foi chocante o contraste entre o discurso do presidente do Senado e a mensagem do presidente da República, lida pela ministra da Casa Civil na abertura da solenidade. Versão brasileira da fala sobre o Estado da União, do presidente norte-americano, o discurso, despachado burocraticamente, cala sobre o estado do Brasil em 2008, preferindo decantar os feitos lulistas, invariavelmente sem paralelo, em 2007. Ao Lula governante, não se aplica o “quem te viu e quem te vê” - é sempre a mesma cantilena autolouvatória.

**O SR. PRESIDENTE** (Adelmir Santana. DEM – DF) – Serão transcritas as solicitações de V. Ex<sup>a</sup>, Senador Geraldo Mesquita, nos termos do Regimento.

Concedo a palavra ao próximo orador inscrito, Senador Heráclito Fortes.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, definitivamente, Senador Adelmir Santana, ninguém conseguirá, neste País, entender o que pensam os companheiros do Presidente Lula, como há de convir V. Ex<sup>a</sup>, Senador Alvaro Dias. Até acho que o Presidente Lula tenha sido vítima de tudo isso.

Meu caro Senador Geraldo Mesquita, quero transcrever nos Anais desta Casa trechos de um pronunciamento feito pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva no dia 7 de junho de 2005, na abertura do Fórum Global de Combate à Corrupção. Vejam bem, brasileiros, a palavra do Presidente Lula, que, já lá atrás, estava preocupado, Senador Alvaro Dias, com os fatos!

Vou encurtar um pouco a leitura, mas há alguns trechos lapidares que merecem ser destacados. Vejam bem:

Nosso governo passou a planejar e a agir de modo integrado na luta contra a corrupção. Mudamos a qualidade da Controladoria-Geral da União, dando-lhe o *status* de Ministério e novos instrumentos de atuação. Fortalecemos o Ministério da Justiça e determinamos o reaparelhamento da Polícia Federal, capacitando-a a agir de modo muito mais intenso e eficaz. Foram contratados, por concurso, três mil servidores, entre delegados, agentes, escrivões e técnicos.

Em dois anos e quatro meses, a nova Controladoria-Geral da União já realizou 7,5 mil auditorias em alguns órgãos federais, encaminhando ao Tribunal de Contas da União cerca de três mil processos de tomadas de contas especiais, com retorno potencial de R\$850 milhões aos cofres públicos. Estão em curso, por exemplo, 70 apurações de casos de servidores públicos que apresentaram sinais exteriores de riquezas incompatíveis com a renda declarada. Por meio de concurso público, acrescentamos 450 novos auditores aos 1,8 mil já existentes e continuaremos nesse caminho (...)

Mais adiante – atentai bem, Mão Santa! –, diz o Presidente da República:

(...) o Portal da Transparência, iniciativa inédita no Brasil, que divulga, pela Internet, em

linguagem acessível, os gastos e investimentos federais em todo o território nacional.

(...)

Esse programa divulga todos os gastos, licitações, contratos, convênios, despesas com viagens, entre outras, possibilitando que sejam conhecidos e fiscalizados publicamente. Com o sucesso e aperfeiçoamento da experiência, todos os Ministérios passarão a adotá-lo.

Mais adiante, diz Sua Excelência:

Nosso governo está firmemente empenhado no combate ao mau uso dos recursos públicos e ao crime organizado. Transformamos a luta contra a corrupção numa atitude permanente ampla e que vai se intensificar cada vez mais. Mas, para pôr fim à corrupção, é preciso que a impunidade não proteja os corruptos, é importante que eles se sintam constantemente ameaçados e sintam que o governo e a sociedade estão vigilantes, que estamos tomando as medidas preventivas, fechando o cerco, apurando toda e qualquer denúncia, envolva quem envolver.

E aí Senador Alvaro Dias, paralelamente, as suas solicitações, curiosamente, não foram respondidas. E os punidos – se é que foram punidos – não tiveram divulgação nacional de 2005 até agora.

Continua Sua Excelência: “A grande maioria são casos antigos que não foram combatidos. Agora estão sendo descobertos, investigados e punidos.” Esse Portal da Transparência deveria, detalhadamente, dar esses nomes. Diz ainda: “O que tem aumentado, no Brasil, não é a corrupção, mas o combate permanente que o Governo faz à corrupção”.

Continua Sua Excelência: “Independentemente do uso político-eleitoral que alguns estejam fazendo dessas denúncias, quero deixar claro que meu governo levará as investigações até as últimas conseqüências”.

Mais adiante, diz Sua Excelência: “Tenho, ademais, uma biografia a preservar, um patrimônio moral, uma história de décadas em defesa da ética na política. Por isso, não iremos acobertar ninguém, seja quem seja que esteja envolvido”.

Mais em frente, diz o Presidente:

Não faltarei às minhas responsabilidades, estejam certos. O Governo está investigando. Não se opõe, ao contrário, estimulará que o Poder Legislativo desenvolva suas investigações com o equilíbrio que sabemos possuir o Congresso Nacional. Esse Congresso, que não pode estar sujeito à compra [não sei o que quis dizer Sua Excelência com isso]. E,



quero repetir, esse Congresso – e estou vendo muitos parlamentares aqui –, esse Congresso não pode, de forma nenhuma, estar sujeito à compra. O momento exige de todos nós a máxima transparência.

Deve ter sido quando Roberto Jefferson denunciou aquelas compras, e o Presidente aqui faz uma citação a esse fato.

Mais adiante, Sua Excelência diz: “...enquanto os países em desenvolvimento não resolverem o problema da corrupção, enquanto os países pobres não resolverem o problema da corrupção, nós não iremos nos transformar em um país definitivamente desenvolvido”.

Já ao final, diz:

No Brasil, nós fomos mais longe. Este país já fez um *impeachment* de um Presidente da República, há pouco tempo atrás. Neste país, juiz já foi preso. Neste país, delegado de polícia também é preso. Será que os presos são todos que nós queríamos? Não. Certamente, ainda falta muita gente [isso se deu em 2005].

E a solução para combater a corrupção significa mais democracia, significa mais transparência, significa mais vontade política e significa determinação que, certamente, não apenas os meus ministros estão colocando em prática, mas é o comportamento de cada ministro deste governo.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o Presidente Lula, que criou o Portal da Transparência, deve ser o paladino e o guardião da sua continuidade. Como ele mesmo diz, esse é um instrumento inédito, que não pode estar sujeito, segundo o próprio Presidente da República, a pressões, partam elas de onde partirem.

Mas o curioso é que, no dia 14 de dezembro de 2003, antes de o Presidente Lula completar seu primeiro ano de mandato, o sempre bem informado jornalista Josias de Souza, da *Folha de S. Paulo*, escreve um artigo intitulado “Terrorismo espreita Lula, Alencar e ministros”. É fantástico esse artigo! Senador Adelmir Santana, veja que coisa interessante: “O repórter buscava informações sobre cartões de crédito”. Em 2003, Senador Alvaro Dias, já se falava sobre cartões de crédito. Prossegue:

Súbito, deu de cara com o furo jornalístico. O terror amedronta Brasília. Quem informa é o GSI (Gabinete de Segurança Institucional) da Presidência.

Aqui se revelou, em 16 de novembro, que o Planalto reservara R\$4,8 milhões para

despesas com cartões de crédito corporativos em 2003. Em carta à Folha, a Casa Civil queixou-se da conclusão de que havia muito dispêndio e pouca transparência. Exigiu “reavaliação”.

O raciocínio, diz a carta, poderia “dar margem para que se crie a falsa impressão de que se gasta de modo impróprio, o que não corresponde à marca de seriedade e transparência que tem caracterizado este governo”.

Seduzido pela “transparência” da questão petista, o repórter também enviou carta a José Dirceu [o então Ministro da Casa Civil]. Pediu acesso aos extratos dos cartões de crédito da Presidência.

Senador José Agripino, estou lendo aqui artigo do jornalista Josias de Souza sobre cartão de crédito corporativo, publicado em 14/12/2003. É atualíssimo! Prossigo a leitura:

A resposta veio na quarta-feira. Em certidão, o secretário de Administração do Planalto, general Romeu Costa Ribeiro Bastos, atualizou o montante de despesas. Entre janeiro e outubro de 2003, o Planalto gastou com cartões R\$5,045 milhões.

Negou-se acesso aos extratos. O “detalhamento” dos gastos, anotou o General Romeu, constitui “informação reservada”. A divulgação colocaria em risco a “segurança do Estado”.

Cioso da fragilidade do Estado, o repórter pediu, em contato verbal com subordinados de Dirceu, que lhe fosse fornecida ao menos uma lista com a discriminação genérica dos gastos.

Nada feito.

Em nota aprovada pelo General Wellington Fonseca, chefe interino do GSI, alegou-se que “nem sequer valores nominais globais discriminados por natureza de despesas devem ser divulgados”.

Diz a nota: “No tocante à segurança presidencial, os assuntos revestem-se de especial cautela, pois a simples informação sobre compra de alimentos poderá aferir o número de pessoas que serão alimentadas ou o tipo de consumo alimentar capaz de ser atingido por atos de terrorismo”.

Também “merecem proteção” as despesas com locação de veículos, hospedagem e transportes, porque “dizem respeito à segurança do chefe de Estado, do vice-presidente

e respectivos familiares, dos titulares dos órgãos essenciais da Presidência e de outras autoridades”.

Movido por curiosidade descabida, o repórter não se deu conta da mina que se esconde sob o dinheiro de plástico. Mina de pólvora, bem entendido.

Criado por FHC, o cartão de crédito governamental experimentou sob Lula um vertiginoso incremento [atentai bem, Senador Mão Santa!]. Há hoje 106 repartições públicas servindo-se da facilidade [isso se deu em 2005].

Só no Planalto, há cerca de 30 cartões [isso se dava em 2005; imaginem quantos serão hoje!]. São manuseados por igual número de funcionários. Têm licença para gastar. Oito deles, a serviço dos gabinetes de Lula e dos ministros palacianos, respondem por despesas levadas à contabilidade oficial sob a rubrica “peculiaridades”.

Esses oito servidores respondem por R\$4,356 milhões dos R\$5,045 milhões consumidos com cartões até outubro. O dinheiro pagou de comida a diárias de hotel. Gastos secretos, descobre-se agora.

Feitas as contas, restaram R\$689 mil em dispêndios cujo detalhamento não ofereceria minuição aos terroristas. Curioso incorrigível, o repórter pediu para ver os extratos relativos a esse universo. Foi atendido. Numa sala do Planalto, pôde manusear uma pilha de processos. Pinçaram-se alguns gastos. Chama-se Maria da Penha Pires a servidora que administra o cartão de crédito posto à disposição do ministro Luiz Gushiken (Secom). Paga, por exemplo, despesas com “viagens a serviço”.

Gushiken trabalha muito em São Paulo. Dá duro até nos finais de semana. Hospedou-se “a serviço” no Caesar Park de 15 a 17 de agosto (...). Ficou hospedado no mesmo hotel de 22 a 25 de agosto (...).

Entre 19 a 21 de setembro (...), preferiu acomodar-se “a serviço” no Hotel Cadore. Afora as diárias, consumiu seis águas, três guaranás, um café, um chá, um suco, frutas (...) (R\$584).

Não foram franqueados ao repórter comprovantes de gastos de colegas de Gushiken. Entre eles Dirceu e Luiz Dulci (...).

Os cartões da Presidência bancam também despesas com a segurança de filhos de Lula e Marisa. Quatro deles moram em São Bernardo do Campo. Alugou-se uma casa na

cidade para abrigar os agentes. Promoveram-se adaptações no imóvel. Coisa barata.

Em 28 de agosto, a firma Casimiro Equipamentos Industriais recebeu R\$700 para subir o muro da casa e instalar portão e grades de proteção. Dinheiro sacado de cartão gerido pelo GSI. Em 29 de setembro, a Casimiro amealhou mais R\$330. (...) A mesma Casimiro recebeu, em 1º de outubro (...) R\$750. A nota fiscal informa que se referem, de novo, ao portão, às grades e ao muro.

Como casa com três portões, camada tripla de grades e muro nas nuvens é coisa que nem o medo do terrorismo justifica, é provável que se tenha fracionado a despesa para acomodá-la nos limites do cartão (...).

Reconheça-se, porque é de justiça, que o grosso dos papéis manuseados tem aparência asséptica. A despeito de incluírem inúmeras contas de conveniência duvidosa: biscoitos (...) brioches (...) mussarela, presunto, cervejas (...) etc.

É pena que a ameaça terrorista impeça o acesso aos extratos que registram as despesas de Lula e de seu mais seletivo grupo de auxiliares.

Somam, não é demasiado repetir, R\$4,356 milhões. Feitos assim, na escuridão própria das coisas secretas, todos esses gastos são pardos.

Quero transcrever esse artigo do Josias de Souza e recomendar a leitura do artigo do mesmo jornalista no dia de hoje.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador Heráclito, V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Senador Mão Santa, com o maior prazer.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador Heráclito, o Piauí e hoje todo o Brasil são orgulhosos da atuação de V. Ex<sup>a</sup>. Primeiro, como Deputado Federal, muito inteligente, muito firme, repete a atuação, com o brilho maior da experiência, no Senado da República. Um dos momentos mais brilhantes da democracia foi naquele mais brilhante dia em que nós enterramos um dos 76 impostos que escorcham o povo brasileiro; foi o dia da batalha dos heróis da CPMF, iguais aos trezentos heróis de Esparta, e daqueles pronunciamentos, e um de V. Ex<sup>a</sup> merece destaque. V. Ex<sup>a</sup>, na sua inteligência, lia um pronunciamento que enterrava e aniquilava a CPMF no seu nascedouro, tentando abortá-la e, de repente, disse que não era seu pronunciamento, mas de Paulo Paim, do PT. Aquilo, sem dúvida nenhuma, foi uma contribuição. Inspirado em Geraldo Mesquita,

que está ali e que mais se aproxima de Rui Barbosa na sua firmeza do direito, disse: “De tanto ver a nulidade triunfar, a corrupção campear, rir-se das honras, vai-se chegar o dia em que vamos ter vergonha de ser honestos”. Chegou. V. Ex<sup>a</sup> busca do Presidente da República um discurso de anos passados, em que fez o povo brasileiro acreditar que ia defender este País contra a corrupção. A corrupção denunciada por Rui Barbosa, por aquele que está encantado no fundo do mar. Ulysses disse: “A corrupção é o cupim que destrói a democracia”. Ô Luiz Inácio, se não acredita em Rui, em Ulysses, em Deus, que disse “não roubarás”, então é a hora de este Senado escrever outra página bela pela democracia e dizer basta à corrupção, a essa vagabundagem do cartão corporativo. São mais de 11 mil, que a brava imprensa, o primeiro poder hoje – a voz do povo é a voz de Deus. Ulysses disse: “Ouça a voz rouca...” Não tem mais negócio de Poder Judiciário, que ganhou 7% numa pesquisa, de Poder, de político, que ganhou 2% na última pesquisa. Então, somos apenas instrumentos da democracia. Poder é o povo, que paga a conta e que deve ser respeitado. E esta Casa só tem sentido, se respeitar e defender o povo, combatendo por aquilo que foi por ele construído: a democracia. A democracia foi construída pelo povo gritando nas ruas: liberdade, igualdade, fraternidade. Vamos enterrar esses cartões corporativos, que, no momento, são a maior praga, a maior imoralidade e nódoa desse Governo. Por menos disso, Shakespeare disse: “Há algo de podre no reino da Dinamarca.” Luiz Inácio, a podridão está no seu reino.

**O SR. HERÁCLITO FORTES (DEM – PI)** – Meu caro Senador Mão Santa, como disse – vou repetir agora –, esse pronunciamento foi feito na abertura do IV Fórum Global de Combate à Corrupção. E aí, Senador Alvaro Dias, ele faz uma saudação aos Ministros, às autoridades e, finalmente: “Meus caros agraciados do concurso de monografias e redações sobre corrupção”. Era o momento de se fazer uma nova versão desse concurso e de o Presidente Lula, de maneira solene, agradecer os autores de textos sobre corrupção e, claro, evidente, que devidamente atualizados.

Senador Alvaro Dias, ouço V. Ex<sup>a</sup>, com o maior prazer.

**O Sr. Alvaro Dias (PSDB – PR)** – Senador Heráclito Fortes, é inevitável a investigação. O escândalo tomou conta da mídia brasileira, com repercussões internacionais. Veja *O Globo* de hoje: “Cartão corporativo paga de camelô a Copacabana Palace. Flores, jóias, vinhos, roupas e colchões estão entre os gastos cobertos. “Neste País, tudo agora termina em tapioca. A dona da tapiocaria estranhou o freguês pagar com o cartão com brasão.” Enfim, cartão corporativo foi até

usado para compra em feira que vende produtos piratas – de barraca a hotel de luxo. São as manchetes dos jornais. Nenhum Governo pode resistir a esse apelo da sociedade, reproduzido pela mídia do País. Será pior se o Presidente da República continuar escondendo na caixa-preta dos cartões corporativos o segredo dos gastos realizados. Não há, Senador Heráclito, problema em se investigar o cartão corporativo desde a sua instituição em 2001, quando o Governo Fernando Henrique Cardoso gastou R\$96,00 com os cartões corporativos e, no ano 2002, quando gastou três milhões e alguns reais, para chegarmos, em 2007, a R\$78 milhões no Governo Lula. Vamos investigar desde a origem do cartão corporativo e apresentar à sociedade brasileira o que se fez com esse instrumento instituído para facilitar, para desburocratizar, para tornar mais eficiente a ação da Administração Pública. Não foi instituído para a corrupção, para a clandestinidade, para essa espartezza, para a malandragem, para essa afronta à pobreza do País, para esse desrespeito a quem paga impostos sem poder pagar. Não foi instituído também, para que o Governo escondesse a desonestidade. Guarda a sete chaves os mistérios dos cartões corporativos. Temos o dever de revelá-los, e V. Ex<sup>a</sup> está de parabéns pelo pronunciamento que faz.

**O SR. HERÁCLITO FORTES (DEM – PI)** – Senador Alvaro Dias, estamos apenas na pontinha do *iceberg*. Na medida em que esses fatos começarem a ser estudados, em que esse quebra-cabeça começar a ser montado, vamos ver, Senador José Agripino, onde isso vai dar. Não vou furar o furo, mas há um órgão de imprensa que curiosamente detectou uma despesa feita, salvo engano, em setembro de 2006, no Mato Grosso. A despesa foi em nome da empresa fulano de tal e filhos Ltda. Só que o nome fantasia é de uma casa de prazer, de um motel. Evidentemente, o Governo, no afã de defender os acusados, vai alegar que foi uma emergência. E como se vai fazer?

O Governo até agora tem tentado encontrar justificativas para tudo, mas isso é o fim da picada! Um fato desses ter ocorrido... Porque, quando a Ministra diz que o cartão corporativo foi turbinado em nome da transparência, conclui-se, Sr. Líder, que tudo isso foi investigado. Como se deixam passar escândalos dessa natureza? O Presidente Lula foi um estadista, ao criar o Portal da Transparência, não pode recuar nenhum minuto.

O Presidente Collor personalizou o cheque, acabou com aquela farra – V. Ex<sup>a</sup> sabe bem – de que ninguém tinha responsabilidade sobre o cheque que emitia, e o laranjal vivia solto. A vincular o CPF, o instituto do cheque passou a ter DNA. A primeira vítima foi o seu próprio governo, mas, de maneira altiva e soberana,

enfrentou o problema sem nenhuma ameaça de medida de exceção. Retornou a esta Casa e deve estar vendo o que acontece, hoje, neste País sem que providências nenhuma sejam adotadas e que o discurso do Presidente, numa hora solene como esta, não sirva para hoje, não seja colocado em prática.

Ninguém pode acusar a Oposição. O Presidente, em 2005, já dizia que o uso político não justificava as atitudes corruptas praticadas por quem quer fosse.

Senador Mão Santa, V. Ex<sup>a</sup> que é chegado aos provérbios e às citações mundo afora, existe uma história, se V. Ex<sup>a</sup> me permite contar, de origem árabe, de que dois homens resolveram associar-se numa plantação de uvas. Um são e o outro cego, Senador Alvaro Dias.

Fizeram a sociedade e, ao final do ano, prepararam-se para a primeira colheita. Aos seus costumes, um propôs ao outro: “Vamos comemorar nós dois comendo o primeiro cacho de uva.” Na realidade, não era um cacho, eram vários cachos de uva. Sentaram-se frente à frente e o são fez uma proposta ao cego: “Só tem um acordo, nós só podemos retirar uma uva de cada vez, fora isso, é desonestidade, é corrupção”. O cego topou. Passados uns três ou quatro minutos, o cego, irritado, bateu na mesa: “Você está roubando. Você é ladrão”. O são disse: “Por quê?” “Já é a quinta vez que eu tiro de duas e três uvas e você não reclama. Se você está calado é porque você está tirando mais do que eu. Ponha-se daqui para fora. Você não é sócio digno.”

É o que está acontecendo neste Governo. Os fatos não se surpreendem; um encobre o outro. Os que estão no banco dos réus querem companhia e vão tentar buscar fantasmas no Governo Fernando Henrique, esquecendo-se de que o cartão corporativo, criado no último ano em nome da modernidade, foi instalado com parcimônia, e menos de 120 cartões foram distribuídos. Querem confundir a opinião pública, trazendo para cá um episódio de São Paulo que é totalmente diferente, Sr. Presidente.

São Paulo não tem cartão corporativo. O Senador Alvaro Dias já explicou isso muito bem. São Paulo tem um cartão de débito para uso específico em determinada atividade, exatamente para evitar manipulações ou liberdade dessa natureza. E o cartão de São Paulo não é dado a secretário nem a Governador, e sim aos ordenadores de despesas. Totalmente diferente! Mas se estivesse errado, o erro de lá não justifica o daqui. Essa história de porque estou no banco dos réus quero companhia, é inaceitável. A vida pública do Governador Serra está aí para ser vista. O Brasil inteiro conhece. De repente tentar mudar o foco com esse tipo de ameaça é perda de tempo.

Acho graça quando companheiros meus, os quais estimo, me chegam dizendo que no Governo Fernando Henrique se gastou mais. E digo: mostrem. Não tenho receio algum. Primeiro, não tenho compromisso com erro. Segundo, um erro não justifica o outro.

O Governo da purificação, da modificação, da reforma, do combate à corrupção é o que está aí, que se elegeu com essa cantilena em praça pública. E não vimos até agora, infelizmente, ninguém ser preso, ninguém ser condenado. Os aloprados protegidos, e voltando.

Senador José Agripino, os argumentos são os mais frouxos, mais chochos, como a carne do Presidente Bush, segurança do Presidente Bush. O Presidente Bush gostou da carne? Naturalmente, o Senador Romero devia estar nesse churrasco fabuloso e deve ter provado. Mas por que o Presidente Bush tem de ter mais proteção do que o cidadão comum?

Aí eu queria ver – se meu Líder puder responder – se aquele festival de carne que aquele aloprado do Lorenzetti serviu no Palácio e que deu tanta dor de cabeça ao Presidente Lula tinha aquisição sigilosa. Quem comprou? Onde comprou? Quem pagou? Foi com cartão corporativo? Lembrem-se de que ele era conhecido como o churrasqueiro do Palácio.

Ouçõ o aparte do Senador Alvaro Dias, com a permissão do Presidente.

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – Serei rápido, Senador. Primeiramente, não entendo por que queiram o PT e o Governo, nesta hora, investigar o Governo passado. Por que o PT não o fez à época?

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – No dia seguinte.

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – Evidente. Por que não denunciou? Eu não me lembro de denúncia alguma do PT sobre cartão corporativo no Governo Fernando Henrique Cardoso. Aliás, quem pode testemunhar isso é o Líder Romero Jucá, do atual Governo e do Governo anterior.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Senador Romero Jucá.

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – O Senador Romero Jucá, como Líder do Governo Fernando Henrique Cardoso, pode dar todas as explicações nesta Casa. Não haveria necessidade de CPI alguma. O Senador Romero Jucá, certamente, vai atestar a lisura dos procedimentos do Governo Fernando Henrique Cardoso porque foi seu Líder e, dessa tribuna, inúmeras vezes, o defendeu incansavelmente pela lisura dos procedimentos, pela retidão do comportamento. Portanto, é estranho verificar que agora o Líder do Governo Lula lidere. Certamente para comprovar a lisura dos procedimentos do Governo anterior. Não vejo má-fé no com-

portamento do Senador Romero Jucá. Essa CPI que ele pretende para investigar o Governo passado tem o objetivo de dar um atestado de boa conduta ao Governo do qual foi líder, e não para investigar eventuais irregularidades. De outro lado, é bom lembrar sempre: as contas do Governo passado já foram aprovadas pelo Tribunal de Contas da União.

**O SR. HERÁCLITO FORTES (DEM – PI) – V. Ex<sup>a</sup>** pensa, com relação ao Senador Romero, como eu penso. O Senador Romero foi grato, foi reconhecido e foi justo com o Governo Fernando Henrique. Ao pedir a extensão até 1998, é evidente que atendeu algum capricho da fúria de algum leão palaciano. Mas sabia de antemão que esse cartão só foi criado em 2001 e que apurar antes é apurar fantasmas. E vai-se ver a lisura.

Não me lembro, Senador Romero, já estou ficando com a memória meio fraca, se V. Ex<sup>a</sup> foi à última viagem que o Presidente Fernando Henrique fez a Nova Iorque. V. Ex<sup>a</sup> foi?

**O Sr. Romero Jucá (PMDB – RR) –** Eu estava trabalhando aqui.

**O SR. HERÁCLITO FORTES (DEM – PI) –** Já para o próximo Governo. Isso foi em dezembro. Fernando Henrique ainda era o Presidente. Estava trabalhando. Tudo bem. Entendi. Mas eu fui. E lá houve um episódio interessante, um almoço. O Presidente estava com o ajudante de ordem. Alguém disse na hora de pagar a conta: “Paga com o corporativo”. Aliás, foi a primeira vez, Senador, que ouvi falar naquilo. E o Presidente Fernando Henrique, mão-de-ferro como é, disse: “Você está doido? Eu nunca usei antes, por que vou usar agora?” E botou todos nós para pagar, fez uma vaquinha. Todos nós pagamos a conta, evidente, menos ele.

De forma que, Sr. Presidente, faça esse registro. E aproveite a presença do meu querido amigo, Senador Romero Jucá, com quem tenho aprendido ao longo da vida, para dizer que acabei de receber uma solicitação de S. Ex<sup>a</sup> para que eu concorde com a tramitação de um documento rasurado de autoria dele. Não fica bem para mim, não fica bem para V. Ex<sup>a</sup>. Não fica bem para a história e para esta Casa que se dê prosseguimento a um documento rasurado, sem nenhuma má-fé, sem nenhuma maldade, sem nenhuma má intenção de V. Ex<sup>a</sup>. V. Ex<sup>a</sup> foi vítima da pressa. Eu imagino o que são os gritos palacianos querendo solução para um caso que eu não tinha visto na minha vida. Tanta pressa, Senador José Agripino, que se atropelava uma iniciativa da Câmara dos Deputados, que era a proposta da CPI Mista.

Senador Romero Jucá, faça um apelo a V. Ex<sup>a</sup>: vote o requerimento, limpinho, sem rasuras, sem borões, para que nós possamos assinar, para que, daqui

a 50 anos, seus filhos, netos e bisnetos, orgulhosos do autor dessa CPI – que vai mudar a história do País, quero eu crer –, ao lerem, vão ver que não há emendas nem rasuras.

**O Sr. Alvaro Dias (PSDB – PR) –** Senador Heráclito Fortes, inspirado por V. Ex<sup>a</sup>, eu gostaria de fazer uma proposta ao Senador Romero Jucá. Vamos redigir juntos um requerimento para a instalação de uma CPI, no Senado Federal, que investigue cartões corporativos desde a sua instituição no Governo Fernando Henrique Cardoso. Mas vamos estabelecer o fato determinado específico, porque abraçar o mundo em matéria de CPI é não desejar esclarecer nada. Por essa razão, se o Líder do Governo aceitar a proposta, nós redigimos juntos um requerimento em que se instalará uma CPI para investigar os cartões corporativos desde o Governo Fernando Cardoso, em 2001, quando foi instituído o cartão.

**O SR. HERÁCLITO FORTES (DEM – PI) –** Finalizo, agradecendo a V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente, dizendo à Nação e tranquilizando todos mais uma vez: não é foco da nossa investigação quanto gastou a Polícia Federal correndo atrás dos alopados, prendendo alopados em São Paulo, indo para Mato Grosso – trata-se de verba sigilosa; não é foco desta CPI examinar o General Félix com seu grupo institucional de investigação tática de proteção ao Presidente da República. Não. O Governo não tem o direito de desvirtuar os fatos. O que queremos saber é quem se hospedou no Copacabana Palace e o que foi fazer lá. Quem comprou a tapioquinha lá na esquina, o pão quentinho no Baixo Leblon, que é um dos pães mais charmosos do Rio de Janeiro, a carne de primeira, a esteira, para manter a forma física de alguns privilegiados.

Sr. Presidente, tal qual a fábula árabe que contei agora, ou o Governo se explica ou o velho ditado “quando a esmola é grande, o pobre desconfia” vai prevalecer. E esse cartão corporativo vai passar para a história do País como o Bolsa-Família dos apaniguados do Palácio do Planalto.

Muito obrigado.

*Durante o discurso do Sr. Heráclito Fortes, o Sr. Adelmir Santana, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Alvaro Dias, 2º Vice-Presidente.*

*Durante o discurso do Sr. Heráclito Fortes, o Sr. Alvaro Dias, 2º Vice-Presidente deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Geraldo Mesquita Júnior.*

**O SR. PRESIDENTE (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) –** Muito bem, Senador.

Concedo a palavra ao Senador Adelmir Santana, ilustre representante do Distrito Federal neste Senado, por permuta com o seu companheiro, o Senador Mão Santa.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Sr. Presidente, pela ordem.

Apenas gostaria de solicitar a palavra, logo após o Senador Aldemir Santana, tanta pela Liderança do Governo quanto pelo art. 14, por ter sido citado, para dar as explicações e fazer os comentários necessários a esse assunto que é tão importante para o País.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – V. Ex<sup>a</sup> falará pelo art. 14, logo em seguida.

**O SR. ADELMIR SANTANA** (DEM – DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, quero, inicialmente, elogiar as palavras do nosso Presidente Garibaldi Alves, em sua posse – já estive aqui entre nós –, quando definiu, claramente, a missão do Poder Legislativo, fortalecimento que pediu também das posições desse poder e que já foi largamente comentado por outros oradores, na manhã de hoje e no dia de ontem.

Mas o que me traz a esta tribuna hoje, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, é fazer um relato e um comentário a respeito da viagem que fizemos, acompanhando o Governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, e alguns de seus Secretários a Washington, para tratarmos da assinatura de um empréstimo com o Banco Interamericano de Desenvolvimento e, ao mesmo tempo, no dia seguinte, no dia 31, um contato com o Banco Mundial.

Essa assinatura, no dia 30, com o BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento – significa um empréstimo de US\$176 milhões, com uma contrapartida de US\$93 milhões do Governo do Distrito Federal. São recursos que estão destinados ao programa Brasília Integrada.

E quero aqui destacar o esforço do Governo do Distrito Federal ao fazer os ajustes que eram necessários para ter o direito ao aval, por parte da União, nesse empréstimo. Ajustes esses que tiveram, no primeiro momento, características de impopularidade, porque obrigou ao Governador do Distrito Federal reduzir drasticamente a máquina pública do Distrito Federal. Apenas para citar um exemplo, houve a redução de 36 secretarias para 20 secretarias de Estado e a necessidade de demissão de 17 mil servidores que estavam vinculados ao Poder Executivo do Distrito Federal sem o devido concurso público. Isso, naturalmente, no primeiro momento, trouxe a impopularidade do Governo que se instalava.

Mesmo após a eleição e antes de tomar posse, o Governador José Roberto Arruda manteve contatos com o Banco Interamericano de Desenvolvimento, entabulando a realização desse convênio, desse contrato.

É bom que se destaque aqui a participação do Governo Federal ao exigir do Governo local uma série de medidas de redução de seus custos, que foram prontamente atendidas pelo Governador.

Foi uma luta constante. O Senado teve uma participação efetiva na aprovação desses projetos.

Destaco aqui a participação do Senador Heráclito Fortes como relator dessa proposição na Comissão de Assuntos Econômicos, que foi aprovada por unanimidade naquela comissão, a participação de Líderes: o Líder do Governo, Senador Romero Jucá; o Líder dos Democratas, Senador José Agripino; o Líder do PSDB, Senador Arthur Virgílio, e de todos os Senadores, que compreendiam o esforço e a vontade do Governo do Distrito Federal em se fazer habilitado para a assinatura desse acordo.

E o que é essa Brasília integrada? Que projeto é esse? É um projeto, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, que visa a melhoria do transporte público no Distrito Federal.

E, volto a repetir, isso só foi possível porque o Governador José Roberto Arruda teve a coragem de fazer as reformas, teve a coragem de demitir, teve a coragem de reduzir o tamanho do Estado, para se enquadrar dentro dos princípios exigidos pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Numa primeira fase, esse projeto de integração, chamado de projeto de melhoria do transporte coletivo de Brasília, que chamamos de Brasília Integrada, vai, naturalmente, modificar sobremaneira o sistema de transporte público no Distrito Federal.

Serão implantados, Sr. Presidente, vários corredores exclusivos para ônibus, com a integração com o metrô e com o transporte de microônibus. Serão ampliadas ruas e avenidas de grande fluxo de veículos, como a Avenida Hélio Prates, em Taguatinga; a EPTG, a Avenida Samdu, a Avenida Comercial, a Avenida Central de Taguatinga, como também a ampliação da Estrada Parque de Indústrias Gráficas, a Estrada Parque do Setor Policial Sul, a ligação de Samambaia com o Setor P-Sul.

Serão instaladas passarelas aéreas e canteiros centrais nas avenidas exclusivas para ônibus, inúmeros, centenas de pontos de ônibus serão instalados, vias marginais, novos retornos, viadutos, ciclovias e terminais de integração. Além disso, também serão reformados terminais já existentes. Será, como disse, uma verdadeira revolução no transporte público do Distrito Federal.

E quero aqui registrar o que disse o presidente do BID, Luís Alberto Moreno: “Para liberação do empréstimo do BID é preciso comprovar a capacidade de executar o projeto e de construir o endividamento. É preciso gastar menos do que arrecada e tornar a administração mais eficiente. Diversos vêm aqui – e quando ele diz “diversos” se referia a governadores do Brasil – pedem, falam muito, mas pouco fazem. Por isso, cumprimento o – e ele dizia isso perante toda a direção do Banco – o Governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, por ter cumprido e conseguido tomar decisões difíceis e pela forma como encara os problemas e os resolve”. Foram palavras ditas pelo Presidente do Banco, Luís Alberto Moreno.

Ele também falou da alegria em estar assinando um contrato daquela natureza, isso num decurso de prazo de apenas 13 meses. E a alegria foi externada pelo Presidente do Banco e também pelo Governador do Distrito Federal, que teve a coragem de dizer que já havia ido a Washington como Secretário de Estado, como Presidente de Companhia, como Senador, mas se sentia, naquele dia, extremamente feliz e orgulhoso por estar assinando, como Governador da sua cidade, um contrato daquela natureza.

Mas, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, não ficou apenas na assinatura desse contrato. O que me chamou também a atenção foi a disposição da diretoria do Banco, toda a diretoria, que nos convidou para um almoço – o Governador e a figura do Senador que lhes fala –, e a alegria de todos em fazer a assinatura daquele contrato naquele instante, que se refere apenas à primeira etapa do Programa Brasília Integrada, porque, naquela oportunidade, paralelamente à assinatura desse contrato, o Governador já levava projetos novos, que seriam a segunda etapa do Projeto Brasília Integrada.

E aí quero destacar o Projeto VLT – Veículo Leve sobre Trilhos. É intenção do Governador fazer a ligação das avenidas W3 Sul e Norte e uma extensão ao aeroporto e ao estádio para contemplar Brasília com as questões da Copa do Mundo de 2014. E o Projeto VLP – Veículo Leve sobre Pneus, ligando o Eixo Sul, Plano Piloto, Gama, Santa Maria e as cidades do Entorno.

Esses projetos foram recebidos com muita simpatia e desenvoltura. E digo mais, se cumprirmos a nossa obrigação, o Banco fará isso em prazo recorde, porque confiam na figura do Governador do Distrito Federal, que, para nossa honra e alegria, pertence aos Democratas.

**O Sr. José Agripino (DEM – RN)** – Permite V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

**O SR. ADELMIR SANTANA (DEM – DF)** – Com muito prazer, concedo o aparte ao meu Líder, José Agripino.

**O Sr. José Agripino (DEM – RN)** – Senador Adelmir, quero cumprimentar V. Ex<sup>a</sup> pela prestação de contas que faz da viagem que deve ter feito com o Governador José Roberto Arruda a Washington para assinar, com o Banco Mundial, o empréstimo que votamos aqui nesta Casa ao apagar das luzes de 2007, e que destina um bom volume de recursos para provisão de infra-estrutura no Distrito Federal. Mas eu gostaria de fazer um registro especial. O Governador José Roberto Arruda, que é dos quadros do nosso Partido, é um homem, acima de tudo, de muita coragem política, porque ele ousou cortar despesa permanente. Ele cortou na carne e deve ter sentido muita dor ao ser obrigado a fechar órgãos, a demitir pessoas, a cortar despesas permanentes que impedem o processo de investimento em coisas quem vêm para multiplicar, ou seja, que são feitas para propiciar crescimento. Isso é infra-estrutura. O Governador José Roberto Arruda resolveu sacrificar a própria popularidade em benefício do futuro do Distrito Federal: poupar a despesa permanente hoje, amanhã e sempre, cortar essas despesas com desgaste político e social para abrir um espaço para disponibilidades, para investimentos. E, nesse espaço, ele incluiu um pedido de empréstimo que será pago com a poupança que ele terá feito com os cortes de despesas que ele já objetivou. Só que esse empréstimo vem para jogar Brasília para o ano 2020, 2030, 2040, com obras que não seriam realizadas porque o orçamento próprio de Brasília não dispõe, não enseja. Então, com o registro que faço, quero cumprimentar V. Ex<sup>a</sup> pelo pronunciamento que apresenta à Casa, ao Senado, e apresentar mais do que isso, por meio de V. Ex<sup>a</sup>, meus cumprimentos efusivos ao desempenho do Governador de Brasília, José Roberto Arruda, que está fazendo – repito – um governo corajoso, mas, tenho certeza, vai ser reconhecido por ricos e, principalmente, pelos pobres do futuro, porque ele está sacrificando a própria popularidade em benefício da geração de empregos no futuro de Brasília. Cumprimentos a V. Ex<sup>a</sup> e ao Governador.

**O SR. ADELMIR SANTANA (DEM – DF)** – Muito obrigado, Senador.

Quero dizer que a minha ida a Washington foi exatamente por convite do Governador e uma deferência pela luta que tivemos aqui, no Senado, como já tive oportunidade de destacar, com a participação de V. Ex<sup>a</sup>, de outros Líderes – do Líder Jucá e do Líder Arthur Virgílio – e de todos os Senadores – do Senador Heráclito Fortes, como Relator na Comissão de Assuntos Econômicos –, para aprovarmos esses empréstimos em caráter de urgência e, realmente, no apagar das luzes.

Mas não ficamos apenas nisso, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores. No dia seguinte, o Governador faz uma visita ao Banco Mundial e é recebido pela representação do Banco Mundial em almoço, com vários técnicos. Naquela oportunidade, fica acertada a liberação de US\$190 milhões, sendo US\$60 milhões ainda este ano para outros projetos. E esses recursos vão especificamente para obras de saneamento, que chamamos, aqui em Brasília, de Projeto Brasília Sustentável, que está em pleno desenvolvimento. E esta será a segunda etapa deste projeto, porque a primeira etapa, como eu disse, encontra-se em desenvolvimento.

Esses recursos virão de uma linha de crédito chamada Swap, que é o Projeto de Abordagem Setorial Amplo, com o qual serão beneficiadas regiões de baixo poder econômico, como a Vila São José, em Brazlândia, a Cidade Estrutural, Águas Lindas, que pertence a Goiás, tudo isso tentando colocar Brasília, efetivamente, como uma cidade sustentável.

Concedo o aparte ao Senador Romero Jucá; em seguida, ao Senador Heráclito Fortes.

**O Sr. Romero Jucá** (PMDB – RR) – Senador Adelmir Santana, ao dar este aparte, quero parabenizar o Governador José Roberto Arruda, nosso companheiro e amigo, dizer da importância desse Programa Integrado de Transporte para o Distrito Federal, registrar a presteza do Senado no sentido de aprovar, em caráter de urgência, a autorização para o financiamento. Mas também quero registrar, por uma questão de justiça, a posição do Governo Federal, que mudou a regra de aval para empréstimos internacionais para atender ao GDF, portanto a um Governador de partido de Oposição. Mudamos a regra – V. Ex<sup>a</sup> é testemunha disso – senão, mesmo com a aprovação do empréstimo feito aqui, no Senado, o Governo do GDF não poderia assinar o contrato de empréstimo. Mudamos o entendimento – V. Ex<sup>a</sup> é testemunha da ação realizada pelo Governo Federal por meu intermédio –, bancamos a mudança e, graças a Deus, o Governador José Roberto Arruda e V. Ex<sup>a</sup> puderam acompanhar a assinatura desse contrato em Brasília. Portanto, trata-se de uma ação conjunta da classe política, do Senado brasileiro, e o Governador Arruda, que tem toda a nossa admiração e toda a nossa amizade, está de parabéns, principalmente a população do GDF, porque ela será a receptora desse investimento, que é fundamental nas grandes cidades, para fornecer o melhor sistema de transporte para toda a população.

**O SR. ADELMIR SANTANA** (DEM – DF) – Agradeço o aparte de V. Ex<sup>a</sup>.

Quero fazer justiça, porque, de fato, fizemos essas alterações, e V. Ex<sup>a</sup> – eu o disse desde o início – teve participação efetiva nesse processo, como todos os

demais Líderes e os demais Senadores. E o Governador Arruda, quando da assinatura do contrato, fez questão de destacar a participação do Governo brasileiro e fez referências ao Presidente Lula, ao Ministro Mantega e a vários Ministros do Governo que tiveram participação nesse processo.

Quero me congratular com o aparte de V. Ex<sup>a</sup>, incorporá-lo ao meu discurso e dizer que é verdade: o Senado, efetivamente, participou e deu sua contribuição, reformulando a legislação para receber o empréstimo.

Concedo um aparte ao Senador Heráclito e, em seguida, ao Senador Alvaro Dias.

**O Sr. Heráclito Fortes** (DEM – PI) – Senador Adelmir, V. Ex<sup>a</sup> faz um pronunciamento em que retrata uma luta indormida, comandada pelo Governador Arruda, para a liberação desse empréstimo; luta essa em que V. Ex<sup>a</sup> e o nosso ex-colega Paulo Octávio tiveram uma participação importante. Eu gostaria apenas, por dever de justiça, de dizer que minha participação deveu-se à agilidade com que o Líder José Agripino participou dessa questão. Ou se aprovava naquele momento, ou teríamos grande dificuldade. V. Ex<sup>a</sup> sabe disso. Eu estava na comissão quando o Líder Agripino me telefona e me diz: “Tenho uma missão para você. Agora, não posso, tenho outro compromisso e gostaria que você relatasse a matéria”. Então, eu gostaria de dizer que o mérito maior é do Líder José Agripino, que fez isso, primeiro, pela admiração que tem pelo Governador Arruda, mas também pelo amor que temos a Brasília. Brasília – talvez ao Senador José Agripino represente menos – é o lugar onde minhas filhas nasceram, minha vida majoritariamente é brasiliense, e todos temos um dever para com esta cidade. Ficamos empolgados quando vemos o Arruda nos incomodando, em Brasília, com obras atrás de obras, engarrafamentos, mas é o tipo de transtorno agradável, porque sabemos que, logo em seguida, vem a melhoria. Daí por que tenho certeza de que esse recurso, se bem aplicado – e será –, vai transformar o sistema viário da nossa Capital, facilitando os transportes, que é o calcanhar-de-aquiles de todas as capitais brasileiras. Brasília sofre menos que os outros Estados, mas sofre também. Esse recurso, tenho certeza, irá – e muito – atender aos brasilienses. Parabenizo V. Ex<sup>a</sup> e peço que faça chegar ao Governador Arruda meus votos de que continue sempre com essa determinação em defesa do povo da Capital Federal. Muito obrigado.

**O SR. ADELMIR SANTANA** (DEM – DF) – Nós que agradecemos, Senador, sua participação na luta por esse empréstimo. Temos também em V. Ex<sup>a</sup> um dos representantes do Distrito Federal.



Peço-lhe mais um pouco de tempo, Sr. Presidente, para conceder um aparte ao Senador Alvaro Dias e para concluir em seguida.

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – Senador Adelmir, aproveito o pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup> para registrar também aplausos ao Governador Arruda pela moderna administração que empreende em Brasília, pelo conceito de modernidade e, sobretudo, pelo primeiro ato, o ato da escolha. Esse quero enaltecer. O Governador Arruda não fez barganha, compôs, elegendo os critérios fundamentais, para que o Governo fosse eficiente, competente; deu prioridade aos critérios da probidade e da competência administrativa, à qualificação técnica na composição dos quadros administrativos. Não instalou um balcão de negócios para oferecer a esse ou àquele partido esse ou aquele espaço. Escolheu em função, sobretudo, da competência. É por essa razão que realiza um grande governo. Meus parabéns ao Governador Arruda, a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Adelmir, que o representa aqui muito bem, e a toda a equipe do Governador de Brasília.

**O SR. ADELMIR SANTANA** (DEM – DF) – Muito obrigado, Senador Alvaro Dias.

Para concluir, Sr. Presidente, quanto a esse empréstimo a que fiz referência, o Projeto Swap, Projeto de Abordagem Setorial Ampla, a exigência do Banco Mundial é que o Governo do Distrito Federal melhore sensivelmente os indicadores da Educação básica, melhore os indicadores da Saúde e os indicadores ligados ao Transporte. Ora, uma coisa complementa a outra. Ao fazermos a implantação do Projeto Brasília Integrada, de transporte – e fiz referência ao tema no início do meu discurso –, já estaremos atendendo à exigência do Banco Mundial para a concessão desse empréstimo.

Sr. Presidente, lembrando as palavras do Presidente Moreno, do Banco Interamericano, uma questão também nos chamou atenção quando almoçávamos com os membros da diretoria executiva do Banco Mundial, em presença dos representantes do Brasil naquele Banco. Tivemos oportunidade de ouvir dos técnicos que almoçavam conosco – e não foram os brasileiros – que, numa reunião da Diretoria do Banco Mundial, consideraram o Governo José Roberto Arruda – portanto, o Governo do Distrito Federal – como o Governo mais reformista do Brasil. Isso nos deixou sensivelmente orgulhosos, porque estamos certos de que a ação do Governo Arruda caminha na direção correta, na direção que nos abrirá espaço para novos empréstimos, não apenas no Banco Interamericano, mas também no Banco Mundial.

É preciso que busquemos também rever, inclusive, os índices de endividamento, que, hoje, no Dis-

trito Federal, situam-se em torno de 22%. O Banco Mundial aceita que o índice de endividamento chegue a até 200%, mas é necessário que se façam alterações de comportamento dentro da nossa legislação brasileira.

Eu queria, por último, Sr. Presidente, destacar aqui que se faziam presentes na comitiva do Governador, além do Senador que vos fala, o Secretário Ricardo Penna, do Planejamento, o Secretário dos Transportes, Alberto Fraga, e outros membros da equipe de S. Ex<sup>as</sup>, que realizaram um trabalho destacado, um trabalho importante não apenas no encaminhamento desses projetos, mas nas explanações feitas às autoridades presentes.

Congratulo-me, portanto, com o Governador pelos feitos ocorridos nos dias 30 e 31 e agradeço, em nome do Governador do Distrito Federal, a participação do Senado, a participação do Governo do Distrito Federal e da do Governo Federal pela concessão e pela abertura que foi possível, para que pudéssemos assinar esse contrato em Washington.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Senador Adelmir, seu entusiasmo contagiou todos nós. Nós, vindos de outros Estados, que passamos boa parte do tempo em Brasília, fazemos votos para que tudo isso que V. Ex<sup>a</sup> hoje anuncia e prenuncia se converta de fato numa realidade bonita, porque o povo do Distrito Federal merece exatamente isso.

Parabéns pelo seu discurso.

Concedo a palavra ao Líder Romero Jucá, que a requereu pelo art. 14.

Em seguida, falará o eminente Líder José Agripino, que já estava inscrito.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Pela ordem, Sr. Presidente.

Com toda curiosidade, eu só queria saber, porque estou tonto com este negócio: esse cartão corporativo é a maior molecagem na história política do mundo! Fui Governador de Estado, fui Prefeito. O ajudante de ordem tem cartão para o Governador pagar umas contas. Mas onze mil?

Agora, eu só queria fazer uma pergunta. Se há alguém que mereça, por suar a camisa, por inteligência, por competência, é o Senador Romero Jucá.

Quero saber se V. Ex<sup>a</sup> está no meio desses onze mil. Tem cartão corporativo?

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Não tenho, não.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Sr. Presidente.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Ah, então é uma injustiça.

Ó, Luiz Inácio, isso é uma injustiça. Quem merecia era Romero Jucá. Isso é uma indignidade. Eu tremo de indignação!

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Vamos permitir que o Senador Romero Jucá inicie o seu pronunciamento.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Sr. Presidente, antes, evidentemente com a permissão do Senador Romero Jucá e de V. Ex<sup>a</sup>,...

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Até porque S. Ex<sup>a</sup> não poderá ser apartadoo.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – V. Ex<sup>a</sup> concedeu a palavra ao Senador Romero Jucá baseado no art. 14.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Eu solicitei.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Não, S. Ex<sup>a</sup> solicitou.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Sim. Fiquei com a curiosidade de saber quem ofendeu o Senador Romero Jucá, qual a justificativa do art. 14. Acho justo, apenas tenho a curiosidade de saber o que levou S. Ex<sup>a</sup> a invocar o art. 14.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Segundo a competente Dr<sup>a</sup> Cláudia nos informa, o Regimento se refere a quando o Parlamentar for citado. Não fala em ofensa.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Não, não, eu sei, é claro. Eu sei. Quero saber apenas por que e em que circunstância.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Sr. Presidente, posso responder.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Vamos deixar, então, que o Senador Romero Jucá responda essa e outras indagações.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Não, Sr. Presidente. Estamos indo ao contrário. Quando um Senador solicita o art. 14, faz a justificativa.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Mas S. Ex<sup>a</sup> vai fazê-lo.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Já na tribuna?

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – S. Ex<sup>a</sup> vai fazê-lo da tribuna. Vamos permitir que S. Ex<sup>a</sup> o faça.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Em seguida, falará o Líder do DEM, Senador José Agripino.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Como eu era o orador quando S. Ex<sup>a</sup> chegou aqui, se eu o ofendi, quero pedir perdão antecipadamente.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Não, não, de forma alguma.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Não sei o que fiz, mas me perdoe, senhor.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Este Plenário é testemunha de que não houve absolutamente nenhuma ofensa, Senador Heráclito Fortes.

Concedo a palavra ao Senador Romero Jucá.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR. Para uma explicação pessoal. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, primeiro, quero registrar que pedi a palavra tanto como Líder do Governo – porque acho que, como Líder do Governo e também como autor do pedido da CPI, preciso fazer alguns posicionamentos – como pelo art. 14, porque talvez o Senador Heráclito não tenha notado mas ele mencionou que rasurei o pedido de CPI. Como entendo que não rasurei o pedido de CPI, quero dar as explicações necessárias, para que não paire nenhuma dúvida, mas não tomo isso como ofensa do Senador Heráclito ou de qualquer Senador ou Senadora desta Casa.

Estamos aqui para o embate político e tenho procurado fazer o embate político, nesta Casa, com muito respeito e muita responsabilidade. O Senado da República, a Casa mais alta do País, tem a obrigação de se debruçar sobre questões importantes e, hoje, uma das questões importantes, na mídia brasileira e na cobrança da sociedade brasileira, são os gastos com adiantamento de saques, ora por adiantamento de recursos em cheque, ora em cartões de pagamento.

Portanto, quero registrar o meu posicionamento quanto a essa questão com muita tranquilidade e quero contar com a benevolência do Presidente, porque, se alguém quiser fazer algum aparte, estarei à disposição para responder, porque essa questão não pode ficar sem resposta.

Primeiro, quero registrar por que pedi a CPI dos cartões ou da tapioca, como alguns a estão chamando. Pedi-a porque foi o assunto que permeou a sociedade no período anterior ao início dos trabalhos legislativos. Na verdade, no início do ano, no período, principalmente, de carnaval, esse foi o grande tema, que levou, inclusive, ao pedido de saída de uma Ministra de Estado. Portanto, algo extremamente relevante.

Os desdobramentos dessas matérias começaram a dar a impressão de que o Governo do Presidente Lula, e pessoalmente o Presidente, teria a intenção de jogar para debaixo do tapete, ou de esconder ou

de não permitir que se verificasse se há algum tipo de equívoco ou de erro nesses pagamentos.

Há muitas matérias de jornais. Está, aqui, uma delas: “Planalto reage para tentar barrar CPI”. Outros jornais escreveram: “Estão entregando cargo ao PMDB para tentar barrar a CPI”. Então, resolvi, como Líder do Governo, defender, dentro do Governo, que o Governo bancasse a CPI. Por quê? Porque acho que temos questões relevantes a discutir.

Não queremos culpar ninguém, não. A culpa de alguém pode ser a consequência da investigação, mas existem temas importantes. Primeiro: a questão do sigilo. O que deve e o que não deve ser sigiloso nessas despesas de adiantamento, de suprimento de fundos, de cartões de pagamento? Está, aqui, a manchete do **Correio Braziliense**: “Magistrados contra o sigilo de cartões”. É um tema para se discutir. Como vamos tratar isso?

O que eu fiz? Apresentei um requerimento baseado, é claro, como fato determinado, nas denúncias que surgiram na imprensa ou nas informações que surgiram na imprensa nos últimos dias, mas fiz um requerimento querendo discutir com seriedade e com profundidade essa questão. O meu requerimento não nomeia, especificamente, ninguém.

Quero dar um testemunho. Aqui, foi dito pelo Senador Alvaro Dias que eu fui Líder do Governo Fernando Henrique. Fui Líder do Governo Fernando Henrique e não tenho dúvida alguma sobre a seriedade do Presidente Fernando Henrique, sobre a seriedade do Vice-Presidente Marco Maciel, sobre a seriedade do Presidente Lula, sobre a seriedade do Vice-Presidente José Alencar.

Não me passa pela cabeça que essas autoridades republicanas mandaram alguém pegar um cartão ou um adiantamento de suprimento de fundos e gastar de forma errada. Não é essa a discussão. Agora, não vou aceitar, como Líder do Governo, que venham querer imputar ao Presidente da República uma ação que, efetivamente, não é do Presidente da República. O Presidente da República não tem cartão. Não há suprimento de fundos em nome do Presidente da República. O Presidente da República é o Chefe de Estado da sexta economia do mundo, que nós devemos respeitar e discutir com seriedade. Foi isso que eu propus, aqui, no meu pedido de CPI.

O que diz o meu pedido de CPI?

Considerando os fatos noticiados pela imprensa referentes aos gastos de suprimento de fundos, incluídas as contas bancárias destinadas à sua movimentação – contas tipo B – e os denominados cartões de pagamento e sua utilização em despesas eventuais e,

também, saques em espécie; considerando a necessidade de verificar a efetividade dos instrumentos de transparência dos gastos públicos da União; considerando a necessidade de aperfeiçoar a legislação que regulamenta os gastos públicos de suprimento de fundos, incluindo as contas bancárias destinadas à sua movimentação – contas tipo B – e os denominados cartões de pagamentos, vimos por meio deste requerer [...]

Aí, vem o pedido da CPI. Esse o meu pedido.

Por que pedi os últimos dez anos? Porque eu não quero discutir, nessa CPI, a personificação de alguém. Eu pedi uma série histórica dos últimos dez anos para discutirmos, efetivamente, o que precisa ser investigado e normatizado, que é o quê? O gasto público. Como se dá esse gasto público? Hoje, esse gasto público se dá com adiantamentos, na maioria, em cartão de pagamento. Como se dava antes esse gasto público do cartão, que foi criado, e bem criado, em 2001, pelo Presidente Fernando Henrique? Dava-se por meio de adiantamentos de saques para servidores fazerem as mesmas despesas que são feitas com cartão.

O cartão foi uma evolução na forma, no instrumento de pagamento, no aporte e no rastreamento dos recursos, porque, no passado, tirava-se um adiantamento de R\$20 mil em nome de um servidor, ia-se ao banco, sacava-se o cheque, botava-se o dinheiro no bolso e gastava-se com o que quisesse. Depois, pegavam-se as notas e prestava-se conta. Assim era feito antes do cartão.

Depois do cartão, o cartão apresentado vem na fatura e é rastreado. E o Governo, que quer transparência, criou o Portal da Transparência, onde as despesas estão publicadas. Então, o Governo não tem o que esconder. Não temos medo de CPI, não temos compromisso com o erro. Se alguém utilizou de forma equivocada o cartão, que responda pelo equívoco, agora, não me venham querer imputar ao Presidente da República esse tipo de gasto, pelo amor de Deus. Aí, é brincadeira.

Se quisermos fazer uma análise e um estudo sério dessa questão, vamos estudar uma série histórica, ver como se comportaram as despesas ao longo desses dez anos e, a partir dessa análise, verificar com tranquilidade, com sobriedade, que tipo de despesa deve se sigilosa ou não, que tipo de despesa deve estar no portal ou não, que tipo de despesa deve ser feita ou não, quem cometeu equívocos, quem tem de devolver dinheiro. Isso será consequência de um estudo feito com seriedade e é isso o que queremos.

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – Permite-me V. Ex<sup>a</sup> um aparte, Senador?

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Concederei o aparte a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Alvaro Dias, após terminar meu raciocínio.

A idéia não é acusar o Governo Fernando Henrique ou acusar o Governo Lula.

Quem faz esse tipo de despesa? São os servidores públicos.

Fala-se da questão da segurança. Será que os agentes de segurança do atual Governo do Presidente Lula, na sua grande maioria, não eram os agentes de segurança do Governo Fernando Henrique? Será que mudaram? Os gastos dos Ministérios mudaram?

Qual foi a empresa que mais sacou, que mais usou recursos em espécie no ano de 2007? Qual foi a empresa que mais sacou? Alguém sabe? Vou dizer: foi o IBGE. Por que foi o IBGE quem mais sacou em espécie – R\$ 35 milhões? Foi para fazer uma farra? Não. Foi para fazer o censo agropecuário, para fazer o censo das pequenas e médias cidades, porque este Brasil é muito grande, e no interior do Brasil não se aceita cartão, e é pulverizado o trabalho feito pelos pesquisadores.

Então, vamos olhar com seriedade. Agora, se há equívocos, vamos punir quem os fez.

Volto a dizer: o Governo do Presidente Lula não tem compromisso com o erro, como entendo que o Governo do Presidente Fernando Henrique não teria também compromisso com o erro. Convivi com o Presidente Fernando Henrique e com o Vice-Presidente Marco Maciel e posso atestar isso. Conheço os dois pessoalmente; respeito a ambos. Não viria aqui tentar jogar pedra para trás. Venho, aqui, com responsabilidade, para analisar a série histórica. É por isso que eu pedi os dez anos. E não entendo por que esse *frisson*; não entendo por que esse *frisson*. Talvez seja por que não foi a Oposição que pediu a CPI, foi a Base do Governo, foi o Líder do Governo. Será que há alguma jogada? Não há jogada alguma. A jogada é a análise. A jogada é a nova normatização. A jogada é a padronização necessária dos gastos públicos. É isso que temos de discutir; e é isso que quero discutir na CPI.

Uma outra questão, antes de conceder os apartes, é sobre o requerimento. Apresentei um requerimento. E, ontem, a Dr<sup>a</sup> Cláudia, a Mesa do Senado, informou-me que eu precisava complementar os dados, por que, no requerimento, não constava o número de membros e não constava o prazo da CPI. Fiz a complementação à mão – não fiz rasuras –, acrescentei informações. Mandei uma correspondência para cada Senador e cada Senadora que assinaram a CPI, pedindo autorização para fazer isso. E já tive a confirmação de 22 Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, que a autorizaram.

*(Interrupção do som.)*

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Não estou colocando nessa conta, na dos 22 Parlamentares, os participantes do Democratas e os do PSDB. Não os estou colocando. Respeito se os Senadores do Democratas e os do PSDB quiserem retirar a assinatura da CPI. Vou achar estranho, mas vou respeitar. Estamos numa democracia. Se quiserem retirar... Já estamos com 22 assinaturas confirmadas, na segunda-feira apresento novamente com 27, com a Base do Governo, pedindo a CPI. Sem problema. Não é isso que irá barrar a investigação. Não é isso.

Aí vão dizer: “Por que no Senado e não na Câmara?” Ora, onde existe a maior correlação de igualdade de forças políticas partidárias? Onde? Na Câmara dos Deputados ou no Senado Federal? É no Senado Federal. Se estivesse pedindo CPI na Câmara poderiam dizer: “Não, porque lá são três a um, a vantagem é do Governo”. Não. Aqui é um a um. É olho no olho; duelo ao pôr-do-sol. Vamos discutir em igualdade.

Defendi, publicamente, na imprensa, que o presidente da comissão seja de um grupo político e o relator de outro, que seja partilhado com a Oposição o comando da CPI, como tenho defendido na CPI das ONGs, e o Senador Heráclito Fortes é testemunha disso. Por que defendo assim? Porque é importante, para que possamos fazer um trabalho desse em harmonia, para que haja interação entre Base e Oposição, que haja seriedade e serenidade, termos que, penso, devem ficar muito em voga agora nesse processo de investigação. O ataque fácil, a acusação fácil, penso que devem ser colocados de lado. Rebaterei todos elas, mas com muita tranquilidade.

Portanto, quero registrar, Sr. Presidente, que, na segunda-feira, estarei entregando, novamente, com um complemento, feito a mão, da forma como fiz, porque não está errado. Vinte e dois Senadores já a autorizaram, e 27 ou mais assinarão esta CPI. E é claro que voltarei a falar com as Sr<sup>as</sup> e com os Srs. Senadores, respeitando a orientação do Líder do Partido do Democratas, Senador José Agripino, e Líder do PSDB, Senador Arthur Virgílio. Mantive alguns contatos com Senadores do Democratas e os do PSDB, que deram-me autorização e eu a retirei, não a coloquei, para não colocar em xeque perante as suas Lideranças. A idéia é não expor ninguém, nem fazer jogada suja com quem quer que seja. Queremos trabalhar aqui com seriedade e, volto a dizer, com serenidade.

Acho que é importante que seja instalada esta CPI para criarmos um novo padrão de gasto público. Vamos discutir: o que é despesa secreta? Tudo bem. O que deve ser sigiloso? Agente de segurança, agente secreto deve estar com CPF no Portal? É uma piada, mas vamos pôr se a decisão legal for essa. É pior do

que a piada do português que tem cartão de visita de agente secreto. Nós vamos botar no Portal da Transparência toda a movimentação secreta do Governo, da segurança do Presidente. É isso que se quer? Como se gasta nos Estados?

Hoje, a imprensa noticia que o Governo de São Paulo gastou mais de R\$100 milhões com pagamentos de pronto pagamento, adiantamentos. Será que o Governador José Serra não é uma pessoa séria? Não. Eu atesto o Governador José Serra, meu amigo, como uma pessoa séria. Agora, o Governo de São Paulo gastou R\$100 milhões, enquanto que o Governo brasileiro gastou R\$170. Proporcionalmente,... Nós tivemos o Pan, estou aqui com a série histórica de gastos, e é por isso que fiz a junção das despesas de pronto pagamento e dos cartões de pagamento, porque uma coisa foi substituindo a outra. Então, não venham dizer: “Não, vamos analisar só os cartões de pagamento”. Os cartões de pagamento eram a forma de dar adiantamento. Como era a forma de dar adiantamento antes do cartão de pagamento? Dinheiro vivo. Dinheiro vivo na mão do cidadão, que ia e pagava as despesas e apresentava a conta do jeito que queria, e não ia para o Portal da Transparência não; ia para a contabilidade e ficava lá. Houve um avanço. O avanço é suficiente? Pode ser que não, pode ser que não. Então, vamos criar uma norma, até porque a norma não é para o atual Governo; será para os futuros governos, é para a sociedade brasileira, para o dinheiro público.

Agora, está aqui um dado relevante: em 2001, cartão de pagamento: zero; conta tipo B, adiantamento em dinheiro: R\$213 milhões.

Em 2002 – quando foi implantado o cartão, começou a funcionar –, cartão de pagamentos: R\$3,6 milhões; conta tipo B, em dinheiro: R\$229 milhões; mais do que o ano de 2001.

*(Interrupção do som.)*

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Em 2003, Governo Lula, cartão de pagamento: R\$8,8 milhões; adiantamento em dinheiro, conta B: R\$136 milhões. Ou seja, caiu o valor total de pronto pagamento de 2002 de R\$233 milhões para R\$145 milhões.

Em 2004: R\$13 milhões em cartão de pagamento; R\$132 milhões em conta de adiantamento. Valor total: R\$145 milhões, igual a 2003.

Em 2005: R\$20 milhões em cartão de pagamento; R\$104 milhões em pronto pagamento, através de dinheiro em espécie. Total do gasto do pronto pagamento: R\$125 milhões; menos do quem em 2004.

Em 2006, cartão de pagamento: R\$34 milhões; conta tipo B, adiantamento, R\$92 milhões. Total: R\$127 milhões.

Em 2007, cartão de pagamento: R\$78 milhões; pronto pagamento em espécie, R\$99 milhões. Valor total: R\$177 milhões. Cresceu, em 2007, de R\$127 para R\$177 milhões, por conta do censo agropecuário, do censo das pequenas cidades e do Pan, despesas que estão configuradas e que a CPI vai poder analisar.

Portanto, é preciso fazer um análise da despesa como um todo. Não é só cartão de pagamento. O cartão de pagamento é a forma de repassar o dinheiro. O que temos de discutir não é a forma, não é o sofá da sala, e sim o gasto. Quanto se gastou e em que se gastou, que tipo de gasto equivocado está sendo feito para que se possa punir.

Essa a intenção do Governo, é a minha intenção pessoalmente. Todos aqui sabem do respeito com que trato a Oposição, da seriedade com que trato as questões do Governo. Portanto, esta é a posição que estamos defendendo, com muita tranqüilidade.

Concedo o aparte ao Senador Alvaro Dias.

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – Senador Romero Jucá, vou apartear-lo, mas peço já ao Senador Mão Santa que me inscreva como Líder do PSDB, para poder responder, de forma mais completa, ao importante discurso do Líder do Governo. Sei que o Senador José Agripino também falará em seguida e, logo após, peço ao Senador Mão Santa que me inscreva. Mas Senador, creio ser necessário apartear-lo para que V. Ex<sup>a</sup> tenha a oportunidade de responder de pronto. Há duas discordâncias essenciais em relação ao que prega V. Ex<sup>a</sup> da tribuna na manhã de hoje. V. Ex<sup>a</sup> diz: “O Presidente da República não tem responsabilidade pelos cartões corporativos”. Eu penso diferente: tem. Sobretudo...

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Então, o Presidente Fernando Henrique também tem sobre os adiantamentos?

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – Também. Também. Em relação à Presidência da República.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Quer dizer que o PSDB, de certa forma,...

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – O Presidente Lula...

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – ... diz que o Presidente Fernando Henrique tem responsabilidade. É uma visão...

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – O Presidente Lula... Deixe-me falar, Senador Romero Jucá. Quero falar um pouco.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Pois não.

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – O discurso de V. Ex<sup>a</sup> foi ouvido com muita atenção. O Presidente da República tem inteira responsabilidade sobre os car-

tões corporativos utilizados na esfera da Presidência da República. São 150 cartões corporativos. Olha o que diz o jornalista Eduardo Schneider, do Paraná – não é do PSDB –:

A má-fé do Governo Lula transborda em todos os seus atos. Essa decisão de tirar o cartão corporativo dos ministros, mas permitir que seus assessores os usem, foi concebida para permitir que o primeiro escalão continue a delinquir, mas sem arcar com as consequências de suas delinquências.

Não estou dizendo que o Presidente da República está delinquindo. Estou dizendo, Senador Romero Jucá, que ele é responsável, sim, por todas as despesas feitas com o cartão corporativo na esfera da Presidência da República. E há outra discordância: não tem ele o direito de manter sob sigilo essas despesas. O Ministro Marco Aurélio já disse, taxativamente,...

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – Mais um minuto, Senador Mão Santa. Não há dispositivo constitucional que autorize esse sigilo. É dinheiro público, prestação de contas. Não havendo prestação de contas, suposição de desonestidade. Esse é o outro ponto de discordância com V. Ex<sup>a</sup>. Em relação à CPI, não vejo problemas que se investigue o Governo anterior, se V. Ex<sup>a</sup> deseja. Não satisfeito com o que pôde conhecer como Líder daquele Governo, deseja uma CPI para investigá-lo agora, anos depois. Se irregularidades existissem, CPI deveria ter sido instalada à época, não agora. O que vejo com essa amplitude que se deseja dar a essa CPI é o objetivo de semear confusão para evitar investigação. Ou seja, como se diz popularmente no Brasil, o que se deseja é uma grande pizza, e não uma investigação rigorosa sobre fatos do presente, fatos determinados, pontuais e específicos, que devem ser alinhados para que uma CPI se coloque de forma técnica e política correta. A indagação que faço para acreditar na boa intenção de V. Ex<sup>a</sup> é se a Presidência da República abrirá a caixa-preta dos cartões corporativos na sua esfera; se os documentos que comprovam as despesas da Presidência da República serão entregues à CPI. Aliás, estranho a afirmação da Ministra Dilma Rousseff, que diz que o Governo não entregará esses documentos à CPI. Mas a CPI tem poderes para quebrar sigilo. Então, não entendo como possa a Ministra se colocar acima de um instrumento legal que é fundamental no processo de fiscalização, responsabilidade precípua do Poder Legislativo. A CPI tem sim poderes para quebrar sigilo da caixa-preta onde se guardam os

segredos dos cartões corporativos da Presidência da República. Se V. Ex<sup>a</sup> assumir o compromisso de que a CPI terá acesso a esses documentos, assinamos prontamente, outra vez o pedido de instalação da CPI que, aliás, já assinei. Assinaremos todos da Oposição, certamente se V. Ex<sup>a</sup> assumir o compromisso de que os documentos da Presidência da República serão revelados à CPI.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Bom, Senador Alvaro Dias, as colocações de V. Ex<sup>a</sup> merecem alguns comentários.

Primeiro, a questão de ministro não ter cartão. O Governo tomou essa decisão para que o portador do cartão não seja o responsável pela execução da despesa para ele mesmo. Para mim, uma decisão acertada do Governo. Por quê? Porque se é um funcionário que vai fazer a despesa, esse funcionário será mais um instrumento de checagem e de fiscalização para que não se cometa nenhum tipo de irregularidade. Trata-se de um aprimoramento do funcionamento do cartão de pagamento. Não vejo isso como algo negativo, mas como algo positivo.

Depois, a questão da despesa secreta. Vamos discutir. A Polícia Federal tem de dizer o que está fazendo, quais são os informantes que está pagando? A Abin tem de dizer que tipo de proteção está dando, qual é o endereço de suas bases secretas? Se essa for uma decisão....

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – Para a CPI, Senador Romero Jucá...

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Se essa for uma decisão do Congresso, nós vamos fazer uma legislação complementar definindo isso. Vai virar piada, mas cada um vota da forma como entender. Nós vamos ter os agentes secretos na Internet. Espero que cada um mande uma foto mais bonitinha, que é para sair simpático, para que seja identificado de forma melhor.

É esse tipo de questão que temos de discutir na CPI, com muita tranquilidade.

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – V. Ex<sup>a</sup> sabe que não é isso.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – É isso. V. Ex<sup>a</sup> falou em despesa secreta, que nenhuma despesa pode ser secreta, porque é com dinheiro público.

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – As despesas...

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – O dinheiro gasto pela Polícia Federal não é dinheiro público? Nos Estados Unidos, a CIA coloca em seu Portal de Transparência os agentes? O FBI, as operações contra terrorismo? Pelo amor de Deus.

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – Senador Romero Jucá, essa é uma instituição que tem acesso a documentos secretos. Eu estou me referindo ao Senado Federal.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – E a Presidência da República não tem acesso? A Polícia Federal não têm acesso a documentos secretos?

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – Eu estou me referindo ao Senado Federal. O Governo nega ao Senado Federal essas informações.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Eu vou chegar lá.

**O Sr. Heráclito Fortes** (DEM – PI) – Cuba “bota” as despesas?

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Não sei. Provavelmente, não.

**O Sr. Heráclito Fortes** (DEM – PI) – Muito obrigado.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – E ainda dá cacofonia...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Sr. Presidente, por favor.

A idéia não é investigar o Governo passado. Eu disse aqui muito claramente, e a Oposição teima em distorcer. Eu quero criar uma análise de padrão de gastos. Eu quero saber, por exemplo, como seguranças da Presidência da República, independente de quem seja, se alimentam. Como fazem? Churrascaria foi só agora ou não? Se foi só agora, está errado; se era um padrão do funcionalismo público, vamos criar um limite. Vamos discutir um padrão da série histórica, não vamos querer personalizar. Eu não vou aceitar agora que digam que o Governo do PT, o Governo do Presidente Lula faz isso. Não. Calma. São servidores públicos que estavam aí antes de o Presidente chegar, provavelmente continuarão depois que o Presidente sair. Existe um tipo de procedimento de gasto público. Se esse gasto é coerente ou não, vamos discutir. Eu quero discutir. Mas quero discutir na série histórica. Não quero discutir personificando, politicando e eleitoralizando um debate em um ano de eleição. Para cima de mim não. Vamos discutir. Estou muito tranqüilo, porque fui ministro de governo e não tive cartão corporativo. Estou muito tranqüilo. Vamos discutir o que precisar discutir, com muita tranqüilidade, Senador Alvaro Dias.

O Governo vai cumprir a legislação. Se a legislação manda entregar qualquer informação, vamos discutir o que houver dentro da legislação. Temos de fazer uma CPI com tranqüilidade; do contrário, vira briga política, vira briga de rua. E essa não é a idéia, não vai agregar nada. Certo? Jogar lama para lá e para

cá não vai agregar um milímetro ao controle e melhoria dos gastos públicos. Não vai. O que vai agregar é tranqüilidade, responsabilidade, serenidade e, mais do que tudo, trabalho para identificar as questões e o tipo de desvio que é possível haver, para se fechar a porta a ele. É isso o que temos de fazer. Então, essa é a posição. Não sei se alguém gostaria de fazer mais um aparte, se o Senador Heráclito Fortes ou o Senador Alvaro Dias gostariam de falar...

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – Senador Romero Jucá, a Oposição, especialmente o PSDB, já pleiteou. O próprio Senador Arthur Virgílio, que foi membro do Governo Fernando Henrique, requereu que se apresentasse a documentação sobre os gastos efetuados por ele com cartões corporativos, quando foi Ministro. Então, não há nenhum receio, que fique claro.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Nem da parte do Governo.

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – Que nenhuma insinuação prevaleça. Não há nenhum receio da Oposição em investigar o Governo passado. O que discutimos são as razões técnicas dessa investigação, se é viável investigar o governo passado, mas queremos estabelecer, sim, padrões de comportamento.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – E padrões de gastos públicos, é claro.

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – Nisso concordamos com V. Ex<sup>a</sup>. Devemos estabelecer padrões de comportamento. Para isso, que se abram as contas da Presidência da República nos tempos de Fernando Henrique e do Governo Lula, para que possamos estabelecer parâmetros de comportamento. Senador Romero Jucá, todos nós somos responsáveis. Quando temos acesso a um documento sigiloso, temos o dever de preservar o sigilo. Tem sido assim nas CPIs, no Congresso Nacional. Ainda há pouco tempo, requeri ao Banco Central, por meio de pedido de informações, informações sigilosas e as recebi. A responsabilidade é minha sobre se devo divulgá-las ou não. Portanto, a instituição tem essa prerrogativa. É uma prerrogativa constitucional do Poder Legislativo. Essa prerrogativa tem sido negada pelo Governo do Presidente Lula. Tenho recurso à Mesa, aprovado pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania nesse sentido e espero deliberação na próxima semana. Esses documentos que comprovam os gastos da Presidência da República não podem ser negados ao Senado Federal.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Vamos discutir isso, Senador Alvaro Dias, na CPI. Espero que, na segunda-feira, os membros dos Partidos de Oposição que assinaram a minha CPI referendem as assinaturas, para que possa, efetivamente, haver mais membros perante a CPI.

Quero apenas encerrar, dizendo o seguinte: acho que é um momento em que pode ser feito, com muita tranquilidade, um trabalho muito produtivo para o País. Eu diria...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Senador Romero Jucá...

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Vou encerrar, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – V. Ex<sup>a</sup> está com 32 minutos, o que é raro. Cristo, tão inteligente como V. Ex<sup>a</sup>, em um minuto, defendeu a sua mensagem.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Mas Ele era muito mais inteligente do que eu, não é, Presidente? Eu preciso de mais tempo.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – E nunca dantes um Governo foi tão bem defendido. V. Ex<sup>a</sup> é um extraordinário Líder. Acho que vai ficar para a história como o Sr. Líder de Governo.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Muito obrigado, Sr. Presidente.

Quero apenas encerrar, dizendo e até parafraseando o Senador pernambucano Marcos Freire na sua campanha política: acho que temos de fazer uma CPI sem ódio e sem medo. Sem ódio da Oposição, sem medo do Governo e construindo um caminho melhor para o País.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

*Durante o discurso do Sr. Romero Jucá, o Sr. Geraldo Mesquita Júnior, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Mão Santa.*

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Sr. Presidente, peça a palavra pelo art. 14.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – O uso da palavra pelo art. 14, pelo Regimento, só pode ser usado por dois Senadores na mesma sessão. Já foram usados? (Pausa.)

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Consulte a Dr<sup>a</sup> Cláudia Lyra sobre se tenho direito ao art. 14.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – O art. 14 já foi duas vezes? (Pausa.)

V. Ex<sup>a</sup> pode usar da palavra. É a segunda intervenção com base no art. 14 desta sessão.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI. Para uma explicação pessoal. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, em primeiro lugar, quero pedir desculpas ao Senador Romero Jucá pelo equívoco que cometi. A sua imagem e a sua biografia não merecem. Falei “rasura”. Retire “rasura” e acrescente “adulteração”.

**O Sr. Romero Jucá** (PMDB – RR) – Complementação.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Está satisfeito?

**O Sr. Romero Jucá** (PMDB – RR) – Não, claro que não.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – O documento foi adulterado, meu caro Líder.

**O Sr. Romero Jucá** (PMDB – RR) – Não, foi complementado.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Adulterado, tanto que temos aqui...

**O Sr. Romero Jucá** (PMDB – RR) – Senador Heráclito Fortes, desculpe-me: adulteração é quando se fazem as coisas às escondidas. Eu fiz uma complementação solicitada pela Mesa do Senado e comuniquei a todos os membros que haviam assinado a CPI. Pedi de volta o requerimento ao Senador Garibaldi Alves Filho e tive o cuidado de mandar um ofício para cada membro, para que eles concordassem. Vinte e dois já concordaram, terei mais cinco assinaturas na próxima semana, e a CPI será feita.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Senador Romero Jucá, vamos refletir aqui. Tanto foi adulteração que V. Ex<sup>a</sup> só pediu a modificação, só comunicou aos companheiros quando foi alertado pela diligente Secretária-Geral da Mesa, que tomou a iniciativa de lhe chamar a atenção para o erro. V. Ex<sup>a</sup> deve ser muito grato à Dr<sup>a</sup> Cláudia Lyra, que lhe prestou um serviço extraordinário, ao orientá-lo e guiá-lo nessa questão.

Todos nós sabíamos, Senador Romero Jucá, que havia um erro no seu requerimento – o Senador Demóstenes, quando assinou; eu, quando assinei –, mas nós, que conhecemos a sabedoria e a esperteza de V. Ex<sup>a</sup>, ficamos calados. A adulteração foi feita, sim, por recomendação da Secretária-Geral da Mesa, e V. Ex<sup>a</sup> reconhece, tanto que acrescentou, quero crer que do próprio punho, as deficiências que o documento requeria sanadas.

Agora, o que não se consegue entender é por que o Senador Romero continua insistindo com esse documento e não com um documento novo e limpo. Capricho? Esse documento vai ser julgado para a história, e é muito triste ver a direção administrativa da Casa orientar o Líder do Governo a dar prosseguimento a um documento dessa natureza e não a fazer um novo, sem rasuras nem borrões. É triste, Senador Romero! Fiquei aqui abismado! Não sabia que V. Ex<sup>a</sup> estava totalmente orientado. É lamentável, mas quero dizer a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Romero Jucá: a Oposição não se nega a assinar, não está atrelada a nada inconfessável. O que a Oposição não fará é assinar um documento que não tenha um texto limpo. Já que V. Ex<sup>a</sup> fez



correspondência aos Senadores, o lógico seria rever e refazer o texto. Tenho certeza de que a Dr<sup>a</sup> Cláudia orientaria V. Ex<sup>a</sup> novamente, e esse fato não estaria causando o constrangimento de agora.

Quando alertei, ontem, o Presidente da Casa – e ele concordou –, foi para alertar, Sr. Senador Romero Jucá, Líder da bancada de acusação ao Governo Fernando Henrique nesta Casa, que esse não era o melhor caminho.

Mas, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o Senador Romero Jucá fez um discurso aqui como se fosse o defensor e único paladino da seriedade; quer jogar à Oposição a falta de seriedade em querer apurar e investigar. Senador Romero Jucá, tenho-o na conta de um homem sério, mas não como monopolista desse sentimento.

A Oposição não seria séria se se calasse. Sério não é tentar justificar o injustificável, porque, se tudo correto estivesse, qual a necessidade de o Ministro dos Esportes devolver R\$30 mil gastos de maneira incorreta?

*(Interrupção do som.)*

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Senador Romero Jucá, não se consegue tapar o sol com a peneira. V. Ex<sup>a</sup> quer fazer a defesa jogando a culpa no Presidente Lula. O Presidente Lula tem culpa pela omissão, até concordo, e por isso é o responsável, mas não é o foco da investigação. Não é o foco da investigação o SNI ou a Abin, como não é o foco da investigação, Senador Romero Jucá, a Polícia Federal, que cassou os aloprados, que com o dinheiro secreto prendeu aquela quantia de dinheiro em um hotel em São Paulo ou o cidadão com dólar nas cuecas em um aeroporto também na capital paulista.

Nós não estamos atrás disso. Nós estamos atrás das extravagâncias e dos gastos não justificados com flores, com tapioca, com o pão quentinho no baixo Leblon, pão de burguês. Nós estamos, Senador Romero Jucá, preocupados com os milhões. E V. Ex<sup>a</sup>, como Líder da Oposição ao Governo do ex-Presidente Fernando Henrique, detentor de informações privilegiadas sobre aquele Governo...

**O Sr. Geraldo Mesquita Júnior** (PMDB – AC) – Senador Heráclito...

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Pois não.

**O Sr. Geraldo Mesquita Júnior** (PMDB – AC) – V. Ex<sup>a</sup> levantou uma questão que pode parecer uma filigrana, mas não é. É uma questão relevante. Um documento desse adulterado pode servir a propósitos que a gente, inclusive hoje, pode desconhecer.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Senador Romero Jucá, V. Ex<sup>a</sup> não presta atenção na resposta que estou lhe fazendo, mas preste atenção a este aparte do seu companheiro, do seu colega, vizinho da Região Norte.

**O Sr. Geraldo Mesquita Júnior** (PMDB – AC) – Ouviu, Senador Romero Jucá, o que eu estou ponderando aqui é o seguinte: desde que eu cheguei a esta Casa que eu me bato, quando ainda na base de sustentação do Governo, pela necessidade de o Governo partir para cima em casos de investigação. Para mim foi uma decepção imensa quando o Governo tentou jogar debaixo do tapete a iniciativa de se instalar a CPI do Waldomiro Diniz. Para mim aquilo ali foi um negócio, assim, terrível. E, agora, para minha satisfação, para minha alegria, pela primeira vez eu vejo, na Casa, o Governo tomando a iniciativa, aquela que eu cobrava anteriormente; se há jogo ou se não há, não interessa. Só sei que o Governo resolveu tomar a iniciativa de colocar a investigação no ar. Esse é um fato extremamente relevante. Pela primeira vez, desde que estou aqui, tenho essa tese exercitada nesta Casa. Agora, o Senador Heráclito levantou uma questão que pode parecer para muitos, desavisados inclusive, mera filigrana. Não é não, Senador Jucá, porque um documento desses – V. Ex<sup>a</sup> disse que não é adulteração, mas um documento desse... Eu queria saber, na Casa – peço, agora, inclusive, Sr. Presidente – se há precedente de documento, de requerimento solicitando a instalação de CPI com esse tipo de alteração, de complementação, ou de adulteração, seja do que for, porque algo feito dessa forma, lá na frente, pode servir a propósitos que a gente não está em condições, hoje, de avaliar, de alguém que pode ir inclusive ao Judiciário questionar a legalidade, a validade da instalação de uma CPI como essa. Portanto, acho que o Senador Jucá deu um passo gigantesco no sentido de repor as coisas nos seus devidos lugares nesta Casa. Agora, não pode se perder numa minúcia. Ele alega que vai dar trabalho colher novas assinaturas. Olha, em 24 horas, colheremos 81 assinaturas nesta Casa. Portanto, Senador Jucá, não podemos, depois de dar um passo desse, esbarrar naquilo que V. Ex<sup>a</sup> entende como dificuldade, que eu não entendo que seja dificuldade nenhuma. Portanto, acho só, a bem da tranquilidade desta Casa, a bem da boa condução dos trabalhos nesta Casa, que devemos, sim, refazer. O Senador Alvaro Dias fez uma proposta aqui muito elegante, muito interessante: façamos a redação desse texto a várias mãos, refaçamos o texto do Requerimento; colheremos, segunda e terça-feira, 81 assinaturas, tenho certeza absoluta.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** – Mais do que a CPI das ONGs.

**O Sr. Geraldo Mesquita Júnior** (PMDB – AC) – Sim; mais que a CPI das ONGs, e retomemos a questão com a maior tranqüilidade. Se o Senador Jucá afirma que está tranqüilo com relação a isso, ele deve permanecer tranqüilo no sentido, inclusive, de ter a humildade, de ter a grandeza de reconhecer que isso não é feito de forma leviana por ele, mas que pode ensejar contestações, inclusive judiciais, lá na frente. E não podemos permitir que um assunto desse vire palhaçada, mais uma vez, no Senado Federal.

**O Sr. Romero Jucá** (PMDB – RR) – Permita-me um aparte?

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – V. Ex<sup>a</sup> é sem dúvida nenhuma o mais competente Líder de Governo na história política do Brasil desde D. João VI, D. Pedro I, até o dia de hoje. Mas o Regimento – V. Ex<sup>a</sup> está tão preocupado com o Governo – diz que o aparte deve ser solicitado ao orador da tribuna.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Vou conceder o aparte a V. Ex<sup>a</sup>. Mas agora V. Ex<sup>a</sup> preste atenção ao pronunciamento deste seu admirador crescente. Eu queria dizer que quando V. Ex<sup>a</sup> me procurou para assinar o documento, no primeiro momento, relutei. Achei que tinha alguma coisa por trás daquilo. Em seguida, raciocinei: Senador Romero Jucá, com a responsabilidade de Líder, não pode dar um passo em falso, ele não vai poder, com a responsabilidade de Líder, negar as informações que a CPI tem.

Fiquei, Senador Romero Jucá, achando que era o melhor momento de V. Ex<sup>a</sup> nesta Casa.

Ontem, felizmente, recebi duas informações que geraram inclusive uma discussão minha com o meu querido amigo Senador Eduardo Suplicy, quando ele disse aqui, alto e em bom som, que a iniciativa não foi sua mas da Ministra Dilma Rousseff e do Ministro José Múcio Monteiro, que lhe determinaram dar seguimento a esta CPI. Foi dito aqui, e motivou uma discussão minha com o Senador Suplicy.

Acho que CPI, quando nasce por iniciativa do Congresso, tem tudo para prosperar; mas quando ela já nasce sob o manto protetor e a idéia inaugural do Governo, que não quer ser investigado, é um assunto muito perigoso.

Ontem, tivemos aqui um debate gravíssimo sobre isso.

**O Sr. Geraldo Mesquita Júnior** (PMDB – AC) – Senador Heráclito.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Quero dizer a V. Ex<sup>a</sup> que admiro essa sua luta quixotesca. São 12 horas e 37 minutos e somente V. Ex<sup>a</sup> aqui defendendo o Governo, numa situação dessa, grave.

Tenho certeza de que pouco ou quase nada V. Ex<sup>a</sup> usufruiu desse cartão corporativo, quer direta ou indiretamente. Mas o Governo não colocar pelo menos alguém de plantão para prestar esclarecimento é debochar da inteligência brasileira.

Agora, V. Ex<sup>a</sup> fique tranqüilo. A nossa preocupação não é no que diz à investigação que a Polícia Federal fez dos aloprados. É de ver um Ministro devolver, sem mais nem menos, R\$30 mil, a Ministra dizer que os saques em dinheiro são errados e V. Ex<sup>a</sup> não trazer a esta Casa uma prestação de contas, um esclarecimento sobre isso.

Senador Romero Jucá, V. Ex<sup>a</sup>, como Líder, não respondeu, durante três anos e meio, os questionamentos feitos pelo Senador Alvaro Dias ao Palácio com relação a gastos do cartão. Esse assunto não é novo. V. Ex<sup>a</sup> não estava aqui.

Defendi o Presidente da República até tomando o seu lugar, mostrando um pronunciamento que fez em nome da transparência. Vocês é que não estão deixando o Presidente ser transparente. Deixe o Presidente Lula continuar com os seus objetivos de transparência. Não fique acusando.

Ninguém está aqui querendo saber se o Presidente Lula comprou ou deixou de comprar com o cartão de uso do Presidente da República. Não desvie a atenção da opinião pública. Queremos saber sobre a tapioca, as orgias que se espalham por este Brasil afora e que contaminaram a Administração Pública.

**O Sr. Geraldo Mesquita Júnior** (PMDB – AC) – Senador Heráclito, é com relação, inclusive, ao Senador Romero Jucá. O Senador Romero Jucá é Líder do Governo nesta Casa. Nada mais natural que os assuntos trazidos por ele sejam compartilhados, discutidos, tratados com membros do Governo, o qual ele representa nesta Casa. Acho demais, Senador Heráclito Forte, não de sua parte, mas acho demais acreditar no fato de que o Senador Romero Jucá foi chamado para cumprir uma determinação. Pelo que conheço do Senador Romero Jucá, pelo que V. Ex<sup>a</sup> conhece do Senador Romero Jucá, é demais. Não acredito nessa versão. Acredito no fato de que ele, conhecendo como se comporta esta Casa, os meandros desta Casa, deve inclusive tê-lo levado à ponderação de que esse seria o melhor caminho. Acredito nisso.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – V. Ex<sup>a</sup> estava aqui ontem e viu exatamente. Foi o objeto gerador da minha discussão.

**O Sr. Geraldo Mesquita Júnior** (PMDB – AC) – Mas eu me permito dizer que não acredito nessa tese. Não acredito. Acredito no fato de que o Senador Romero Jucá, representando o Governo nesta Casa, deve, sim, sentar e discutir com membros do Gover-

no os encaminhamentos que ele deva fazer aqui. Não acredito que ele seja pau-mandado, não acreditamos nisso. O Senador Romero Jucá tem os seus defeitos. E posso dizer isto de cadeira: o Senador Romero Jucá, por exemplo, é meu colega de PMDB. O Senador Aloizio Mercadante inclusive é tratado aqui como Senador que levita. Muitos de nós aqui, às vezes brincando até, dizemos isso com relação ao Senador Aloizio Mercadante. Estou dizendo isto a cavaleiro: o Senador Romero Jucá, apesar de meu colega, apesar de ser Líder do Governo nesta Casa, muito pouco se dirige a minha pessoa, a não ser quando tem algum assunto, algum interesse em tratar comigo. Portanto, eu estou a cavaleiro para dizer isto: não acredito que ele seja pau-mandado nesta Casa. Acredito, sim, na sua participação responsável, conversando e tratando com o Governo e, mesmo no Governo, dos encaminhamentos a serem feitos nessa Casa.

**O Sr. Romero Jucá** (PMDB – RR) – Posso...

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Senador Romero Jucá...

**O Sr. Romero Jucá** (PMDB – RR) – Posso falar, Senador Heráclito?

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Senador Romero Jucá, com o maior prazer.

**O Sr. Romero Jucá** (PMDB – RR) – Bom, primeiro eu quero deixar clara essa questão da autoria da CPI. Não sei quem discutiu com V. Ex<sup>a</sup> ontem, mas quem discutiu com V. Ex<sup>a</sup> ontem não participou das tratativas para pedir a CPI. Não sei quem foi. Então, eu quero deixar muito claro que foi uma proposição minha. Ao retornar do carnaval, procurei o Ministro José Múcio, defendi que o Governo se antecipasse; depois, conversei com a Ministra Dilma e defendi que o Governo se antecipasse; conversei com o Presidente Lula e defendi que o Governo se antecipasse e tive a aprovação do Presidente de carta branca para tocar essa questão. Ou seja, foi uma proposição minha, porque entendia que, como Líder nessa Casa, deveria ser essa a posição da base do Governo e do próprio Governo que defendo e represento aqui. Portanto, não houve nenhuma determinação do Governo. Pelo contrário, a linha do Governo era ainda discutir para ver o que ia fazer, e eu antecipei as ações. Então, estou muito tranquilo. Isso foi discutido com o Governo, porque sou Líder do Governo e não podia tomar uma medida dessas sem comunicar o Governo, mas foi uma decisão que nasceu pessoalmente por meio da minha pessoa. Segunda questão: o que eu fiz foi complementar um requerimento. E, ao mesmo tempo em que complementei o requerimento, encaminhei um documento para cada Senador, para saber se ficava com a complementação, mantida a assinatura no re-

querimento. Alguns Senadores da Oposição disseram que teriam de fazer uma reunião, na segunda-feira, com os Líderes, para poder manter. Os da base do Governo mantiveram. Então, nós temos mantidas, até agora, 22 assinaturas. Por que estou insistindo na entrada desse requerimento na segunda-feira? Porque tenho a informação – e aí, Senador Geraldo Mesquita, vamos discutir aqui abertamente, porque, se houver um compromisso da Oposição de ser diferente, podemos até discutir – de que a Oposição está coletando dados para uma outra CPI que pega só o Governo Lula, ou seja, uma CPI meia boca. A CPI só para a parte dos cartões; tira adiantamentos, suprimento de fundos, tira cheque, tira pagamento em dinheiro. Vamos fazer só a do Lula! Então, não é discussão para manter um padrão de gasto público, não é discussão para construir uma política.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – V. Ex<sup>a</sup> não abre mão de investigar o seu ex-Chefe, o Fernando Henrique?

**O Sr. Romero Jucá** (PMDB – RR) – Não, não quero investigar ninguém. Quero criar um padrão de gasto público, Senador Heráclito.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Esta Bancada antes de Fernando Henrique criar...

**O Sr. Romero Jucá** (PMDB – RR) – Não, o gasto não foi feito por Fernando Henrique! Não foi Fernando Henrique que mandou alguém comer em churrascaria, certo? O Presidente da República não trata disso. É muito pequeno começarmos a trazer para o Presidente da República essas questões. É isto que eu digo: ou fazemos uma CPI com seriedade, serenidade, tranquilidade e competência ou vamos ficar aqui discutindo. Tem a CPI proposta pela base do Governo...

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa – PMDB – PI) – Senador Heráclito, V. Ex<sup>a</sup> está há vinte minutos. Pelo Regimento, seriam cinco minutos.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Vou encerrar.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa – PMDB – PI) – Está inscrito como Líder do Governo o Senador José Agripino, que está sendo aguardado ansiosamente pelo País.

**O Sr. Romero Jucá** (PMDB – RR) – Vou encerrar o meu aparte, dizendo o seguinte: se a Oposição não está procurando fazer essa outra CPI, podemos até reassinar o mesmo texto, não tem problema. É uma questão operacional.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Faço uma proposta a V. Ex<sup>a</sup>...

**O Sr. Romero Jucá** (PMDB – RR) – Agora, não venham aqui com a história de que só com a questão do cartão do Governo Lula, o resto fica para trás,

porque não vamos ter padrão de gasto público, não vamos poder comparar as contas.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Vamos fazer uma contraproposta? Vamos fazer o texto de V. Ex<sup>a</sup> mas de uma CPMI mista? V. Ex<sup>a</sup> concorda?

**O Sr. Romero Jucá** (PMDB – RR) – Mista, não. Quero fazer aqui no Senado. Estou pronto para fazer no Senado.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Mas eu não quero atropelar a iniciativa da Câmara.

Senador Romero, V. Ex<sup>a</sup> há de convir que falou em seriedade várias vezes, e agora novamente. A imprensa está toda aí assistindo a V. Ex<sup>a</sup>.

É seriedade V. Ex<sup>a</sup> falar nos gastos do Governo Fernando Henrique cinco anos depois, se é Líder deste Governo desde o começo, se nunca tratou desse assunto aqui? Por que calou durante tanto tempo? Por que V. Ex<sup>a</sup> calou durante tanto tempo? Por que o seu Governo calou durante tanto tempo? Por que concordou com isso, conviveu com esse mar de lama que V. Ex<sup>a</sup> diz ter existido no Governo passado?

**O Sr. Romero Jucá** (PMDB – RR) – Eu não disse que existiu mar de lama nem no Governo passado nem neste. Eu disse que é preciso fazer um levantamento dos gastos para se ter um padrão e, se houver algum tipo de irregularidade, quem a cometeu que pague por ela.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Por que V. Ex<sup>a</sup> não pediu isso logo no começo? Por que V. Ex<sup>a</sup> não puxou esse assunto? Nós, da Oposição, levantamos o assunto quando o Senador Alvaro Dias fez um requerimento com dados concretos.

Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, brasileiros, essa é a linha de raciocínio de quem defende o Governo, é a moral com efeito retardado, é a moral cinco anos depois. É lamentável. É a velha tese, meu caro Romero Jucá, segundo a qual “se estou no banco dos réus quero companhia. Sozinho não quero ficar”.

O Governo tem de assumir as responsabilidades, e não querer usar as pessoas como escudo protetor, Senador José Agripino. Não querer colocar as despesas do General Félix, porque não são elas que estão sendo motivo de curiosidade popular, tampouco a Polícia Federal, que prendeu os aloprados, que prendeu dólar na cueca, não é isso? Nós queremos seriedade, nós queremos cortar o que há de supérfluo no cartão, nós queremos cortar a farra do boi com dinheiro público, nós queremos cortar exatamente aquilo que este Governo prometeu fazer e não está fazendo.

Senador Romero Jucá, estou convencido de que o cartão corporativo é O Bolsa Família dos apaniguados e protegidos do atual Governo.

É questão de tempo para ver quem está certo. Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Concedemos a palavra ao Líder – e peço perdão por tê-lo chamado Líder do Governo; V. Ex<sup>a</sup> é o grande Líder das Oposições deste País –, ao tempo também em que tenho a honra de anunciar a presença, na galeria de honra, de uma brava mulher, Mônica Bona. Mas *bona*, em latim é bom, é do bem. Essa é uma grande líder que representa a mulher do Piauí, na cidade de Campo Maior, em que as mulheres venderam suas jóias para que piauienses expulsassem do Brasil os portugueses.

Com a palavra o Líder José Agripino.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN. Como Líder. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, eu pediria a atenção do Senador Romero Jucá, do Senador Alvaro Dias, que aqui como Vice-Líder do PSDB claro que fala por seu partido, pelos Senadores presentes, pelo Senador Geraldo Mesquita, porque quero fazer uma breve análise da situação que estamos vivendo e fazer uma proposta.

Senador Romero Jucá, nós estamos muito próximos de um entendimento. Acho que V. Ex<sup>a</sup> concorda comigo.

V. Ex<sup>a</sup> já foi Líder de um Governo que, hoje, é representado pelas forças que falam pela Oposição e é Líder de um outro Governo que era Oposição antes de V. Ex<sup>a</sup> ser Líder do Governo anterior. V. Ex<sup>a</sup>, como foi Líder de dois Governos e participou de Maiorias, sabe como é importante as Minorias falarem, sabe que, no regime democrático, é importante as Minorias terem a oportunidade de se manifestarem, não para fazer balbúrdia, mas para exercer o papel de fiscalizar, denunciar, melhorar a democracia do Brasil.

V. Ex<sup>a</sup>, como eu, é um democrata, e digo isso com absoluta franqueza e sinceridade. As CPIs são instrumentos das Minorias e que existem para esclarecer fatos e estabelecer processo de punição, para aprimorar a democracia. Veja V. Ex<sup>a</sup>, Senador Mão Santa, o caso da CPI dos Correios, que foi instalada a ferro e a fogo, produziu um relatório que não significou exatamente consenso, mas entregou ao Ministério Público instrumentos para punição, punição esta que não houve no curso do processo da CPI. Waldomiro Diniz foi só afastado, os mensaleiros foram, no máximo, um deles, cassado, José Dirceu, os outros ficaram por aí. O que está acontecendo agora? O produto, relatório da CPI, que é instrumento das Minorias, foi entregue ao Ministério Público que o entregou ao Supremo Tribunal Federal, que, agora, está fazendo o seu papel e, tenho certeza, vai punir pessoas. E a sociedade, que está indignada com fatos anteriores e está indignada com fatos atuais dos cartões corporativos, lavam o peito, lavam a alma com a ação que o Congresso leva

a efeito, investigando, e com a ação que a Justiça – o Supremo Tribunal Federal ou o Ministério Público ou a Justiça comum – leva a efeito em função dos relatórios processados politicamente e pelas CPIs.

É importante, portanto, Sr. Presidente, que uma CPI exista para, sem emoção e sem significar confronto entre Governo e Oposição, – e esta, como outras, não pode significar confronto entre Governo e Oposição – interpretar o sentimento da sociedade. E o desejo da sociedade é ver passados a limpo os fatos anunciados hoje.

Muito bem. O Líder Romero Jucá, com propriedade, disse que se colocou à disposição de um entendimento sobre o enunciado da CPI. Veja, Senador Romero Jucá: o que enseja uma CPI? Um fato determinado. Qual é o fato determinado que nos leva a discutir agora? Eu que, num primeiro momento, fui muito cauteloso porque acho que a CPI das ONGs não pode perder a sua importância perante a sociedade e nem perante o Congresso e eu tinha receio e renovo o meu receio de que uma outra CPI no Senado possa retirar a importância das investigações da CPI das ONGs. Mas há recrudescimento. Todo o dia há uma denúncia nova. A manchete do jornal **O Globo** de hoje fala em Feira do Paraguai, em vinho, em flores, em compra de jóias com o cartão corporativo. Então, veja V. Ex<sup>a</sup>: impõe-se a CPI sobre um fato determinado.

Conversei com o Senador Alvaro Dias, com o Senador Heráclito Fortes e quero conversar com V. Ex<sup>a</sup>. Conversei, por telefone, com o Senador Arthur Virgílio, que está chegando na segunda-feira e está inteiramente de acordo. Como a CPI dos cartões corporativos interessa à sociedade, não interessa nem ao Governo nem à Oposição, interessa a realidade dos fatos e a punição de culpados. Por enquanto foram denunciados a Ministra Matilde, o Ministro Orlando Silva, o Ministro Gregolin. Até aí a Ministra Matilde foi defenestrada. E defenestrada, julgou-se o fato encerrado. Talvez o Governo assim tenha pensado num dado momento. Para mim não, assim como a cassação de José Dirceu para mim não completa o processo, porque todos os denunciados do Mensalão estão sendo ouvidos pela Justiça – à frente o Supremo Tribunal Federal quando é o caso – e têm que ser objeto de pena pelo crime que possa ter sido praticado. E assim como a Ministra ou assessores ou quem quer que seja tenha praticado o dolo não são punidos pela simples demissão. A demissão é um primeiro passo, mas há um segundo passo que é a abertura de um processo que virá em função de uma comissão parlamentar de inquérito que produza resultados.

A Ministra Matilde foi denunciada, o Ministro Gregolin idem, e ninguém falou em CPI. Falou-se no Minis-

tro Orlando Silva. Mas quando se falou em seguranças de Lurian, filha do Presidente Lula, quando se falou em seguranças do Presidente Lula em São Bernardo do Campo, aí o Governo entrou em estado de choque. Aí, rapidamente, V. Ex<sup>a</sup> se antecipou e apresentou um pedido de CPI. V. Ex<sup>a</sup> é um homem inteligente. Senador Geraldo Mesquita, ninguém duvida da competência e da habilidade política do Senador Romero Jucá e ele o exerce, até porque lidera o Governo, lidera a Bancada do Governo no Senado e tem de cumprir essas tarefas.

O que me estranha é que a questão CPI só foi levada a efeito, levada à frente pelo Governo na hora em que se falou em segurança de Lurian, com despesas em material de construção, etc., etc., em despesas de seguranças do Presidente Lula em São Bernardo, falando em material de academia de ginástica, etc., etc. Apresentou-se, por intermédio do Líder do Governo, rapidamente, nessa hora, um pedido de CPI, de Comissão Parlamentar de Inquérito, e o fato determinado... Senador Romero Jucá, para mim, um fato determinado... Senador Heráclito Fortes, acho que V. Ex<sup>a</sup> vai concordar comigo. Qual é o fato determinado que está indignando o País? É a compra em **free shop** com cartão corporativo, é a compra de mesa de sinuca ou reparo de mesa de sinuca com cartão corporativo, é a compra, o pagamento de tapioca. Tapioca, por menor que seja o valor. O cartão corporativo tem um sentido: é o uso de um instrumento pago com recursos públicos do contribuinte, entregue este instrumento a uma pessoa em quem se confia. E para a compra de quê? De coisas de interesse público.

Compra em **free shop** é de interesse público? Tapioca é de interesse público? Feira do Paraguai vende alguma coisa de interesse público? Academia de ginástica supõe-se ser de interesse público?

O fato determinado, Presidente Mão Santa, está aí.

Ah não! Há coisas do passado! De onde é que se tiraram esses elementos? Compra em **free shop**, compra em Feira do Paraguai, compra de vinho, de jóias, compra de diárias no Copacabana Palace, como está no jornal **O Globo** de hoje, de onde é que se tirou? Tirou-se do TCU e do Siafi. TCU significa Tribunal de Contas da União; Siafi é um instrumento de abertura das contas do Ministério da Fazenda, das contas públicas. Já existiam TCU e Siafi na época de Fernando Henrique Cardoso há dez anos? Claro. Existe alguma denúncia na época de conta B ou de cartão corporativo que fale nesse tipo de dolo praticado? Não me consta. Por que, então, se propõe agora, com base em dados divulgados pelo Tribunal de Contas da União e do Siafi, só agora, de prática de dolo com cartão cor-

porativo? Por que se pede a CPI com data retroativa há dez anos? É porque se pretende criar a CPI das justificativas, a CPI da dissimulação. Não se deseja encurralar o Presidente Lula no córner do ringue da luta de boxe. O que se deseja é investigar em nome da indignação da sociedade brasileira.

Graças a Deus vai haver punição sobre os culpados do Mensalão, porque este País não vai evoluir nunca se a prática do dolo, a quebra do padrão ético não for objeto de punição. Agora, se formos instalar o instrumento de busca de justificativas e de simulação, vamos empurrar com a barriga um fato de interesse da sociedade e vamos prejudicar a democracia brasileira.

Por essa razão é que desejo, primeiro de tudo, Senado Romero Jucá, entender-me com V. Ex<sup>a</sup>. Devemos sentar-nos à mesa para discutirmos o enunciado. O assunto é o fato determinado; fato determinado são os fatos que o Tribunal de Contas da União e o Siafi oportunizaram ao Brasil e que os meios de comunicação informaram. O Tribunal de Contas da União e o Siafi existem há muito tempo. Se queremos investigar de verdade, seja quem for, doa a quem doer, como diz o Presidente Lula, temos de nos sentar à mesa e negociar o enunciado de uma CPI justa, tecnicamente correta, com fato determinado, real. E não ir buscar no passado suposições de fatos reais, para, nas suposições, a maioria aprovar os requerimentos que quiser. E nós, da Oposição, que não temos maioria nem no Senado nem na Câmara, vamos assistir à CPI impávidos. E a sociedade, que espera tanto do nosso papel, como é que ela vai ficar? Vaiando a Oposição na rua? Não, a Oposição, agora, tem de fazer valer os princípios técnicos. Onde está o fato determinado? Está nas compras enunciadas como ilegais, na perda da probidade. “Ah, mas é preciso, então, que se investigue o passado”. Como decorrência, até se pode investigar, havendo ilação. Não sou contra, de maneira nenhuma. Sou a favor.

Se existe dolo no passado, que se investigue o passado, mas sem perda do foco, porque o foco é o que interessa ao cidadão brasileiro, que quer ter orgulho do seu Governo, que quer respeitar seu Congresso. O Governo tem de se fazer respeitar, e o Congresso tem de dizer a que veio.

Por essa razão é que estou propondo isso. Já tenho o “de acordo” do Senador Arthur Virgílio e queria o “de acordo” do Senador Romero Jucá. Vou fazer o convite aos Líderes e aos integrantes do PSB, do PDT, de todos os Partidos, para que o enunciado dessa CPI possa ser anunciado na instituição Senado da República, a fim de que possamos, tecnicamente, sem

cometer injustiça com ninguém, verificar onde está havendo mau uso do dinheiro público.

O cartão corporativo é um instrumento de confiança do Governo entregue a pessoas. Se pessoas, em nome de alguém, quebraram a confiança de quem quer que seja, que sejam identificadas e que sejam punidas, porém sem perda de foco, sem que se busquem no passado suposições que contaminem as investigações do presente.

Há mais uma coisa: a Câmara dos Deputados tem de ser ouvida; a Câmara dos Deputados, que tomou a iniciativa das proposições, tem de participar desse processo de discussão com os Líderes dos partidos. Por que não se pensar em uma CPI mista, em uma CPMI, para investigar a questão dos cartões corporativos com as denúncias fundadas dos órgãos técnicos, que podem responder a isso? É o que proponho.

Desejo, na segunda-feira, fazer uma reunião, para, sem medo e sem ódio, realizar não a CPI a que se referiu o Senador Romero Jucá, “a minha CPI”. S. Ex<sup>a</sup> terminou seu discurso dizendo da “minha CPI”. Não quero fazer “minha CPI”, quero fazer a CPI que interessa ao cidadão brasileiro, que interessa a todos os brasileiros que votam no PT, que votam no PSDB, que votam nos Democratas ou no PMDB, mas que queiram um País limpo, como suponho que o queira o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Que não se inquiete o Governo quando a Ministra Mathilde é mencionada ou quando o Gregolin ou o Orlando Silva são mencionados; inquiete-se quando o assunto é a segurança da Lurian ou a segurança do Presidente. Não se deseja aqui vindita pessoal; deseja-se apurar irregularidade, esteja ela onde estiver. Se denunciaram essas pessoas, é nossa obrigação investigar, buscar os culpados onde eles existam e entregar ao Ministério Público ou à Justiça os instrumentos para que ela, Justiça, possa botar na cadeia os corruptos, se for o caso, a fim de que a sociedade se orgulhe do Congresso e se orgulhe de suas instituições. Essa é a nossa obrigação, e é assim que vamos recuperar a credibilidade da instituição Senado, não fazendo papel de Governo e Oposição, não, pois essa é uma luta do Brasil.

Ouçó, com prazer, o Senador Geraldo Mesquita.

**O Sr. Geraldo Mesquita Júnior (PMDB – AC)**

– Quero falar rapidamente, Senador Agripino. Quando V. Ex<sup>a</sup> se refere à CPI que a sociedade quer, V. Ex<sup>a</sup> me dá uma idéia: vou apresentar a esta Casa uma proposta de emenda à Constituição, para que a sociedade, representada por um milhão ou por dois milhões de assinaturas, possa ter também a prerrogativa de solicitar ao Congresso Nacional a instalação de uma CPI.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN) – É uma boa iniciativa, Senador Geraldo Mesquita. Louvo a iniciativa de V. Ex<sup>a</sup>.

A preocupação que todos temos – é preciso que se diga e que sejamos claros – é a seguinte: o Senador José Jorge era Senador e, há quatro anos, apresentava o primeiro requerimento de informações sobre gastos com cartão corporativo, mas nunca veio resposta nenhuma. Esse assunto de cartão corporativo é uma espécie de monstro sagrado para o atual Governo.

Eu disse, em uma entrevista ou em uma declaração que dei há menos de uma semana, que temia que o caso da Ministra Mathilde fosse a ponta do *iceberg* e que, por trás, por baixo, existisse uma endemia de contaminação de mau uso dos cartões corporativos, prejudicando o interesse da sociedade. É isso o que temos de passar a limpo, e, sem desejo de vingança, se for o caso, devemos identificar os culpados e cortar o mal pela raiz.

Já que o Governo não quis nem ao menos – nem ao menos! – responder aos requerimentos de informação, temos de fazer uma CPI séria, bem focada, com base em fatos determinados, conhecidos, denunciados por órgãos de imprensa com base em elementos do Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal (Siafi) ou do Tribunal de Contas da União (TCU), para que o Congresso possa recuperar aquilo que é nosso desejo: a credibilidade perante a sociedade.

Ouçó com muito prazer o Senador Romero Jucá.

**O Sr. Romero Jucá** (PMDB – RR) – Senador José Agripino, primeiro, quero agradecer-lhe as palavras a meu respeito e registrar que V. Ex<sup>a</sup> é testemunha de que sempre procuramos aqui buscar o entendimento.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN) – É verdade.

**O Sr. Romero Jucá** (PMDB – RR) – Em todas as CPIs, em todas as ações do Governo, sempre procurei dividir, inclusive, o próprio processo de construção das propostas com a Oposição, porque entendo que, primeiro, a democracia deve buscar isso e, depois, que a Oposição tem um papel importante nesta Casa. E disse no meu discurso, logo no início – não sei se V. Ex<sup>a</sup> estava presente –, que procurei sugerir a CPI no Senado exatamente por que é nesta Casa que há igualdade de forças entre os Partidos do Governo e os Partidos da Oposição, diferentemente da correlação de forças que existe na Câmara, onde o Governo tem, numericamente, presença muito mais expressiva. É claro que estaremos abertos a qualquer tipo de entendimento. Temos feito isso. Mas volto a insistir: a discussão – e V. Ex<sup>a</sup> concordou em parte com o que

falei na tribuna – deve ser feita de forma tranqüila, responsável, para, efetivamente, construir-se padrões de gastos e padrões de fiscalização. A idéia não é sair acusando. Tomei a iniciativa de propor a CPI não porque se falou na Lurian ou porque se falou na segurança do Lula, mas porque esse processo foi uma escalada de informações, e, na verdade, começaram a sair meias informações. Por exemplo, há a questão da Feira do Paraguai. Foram comprar na Feira do Paraguai. Maria está dizendo que foi comprar CD e alguma coisa a mais. Antes, comprava-se CD? Comprava-se alguma coisa nesse mesmo nível com suprimento do fundo? Tirando a utilização do cartão pelos Ministros, a maioria dos cartões de pagamento ou de adiantamento é concedida aos servidores públicos, aos servidores de carreira, na sua maioria. Levantei aqui a questão. A segurança do Presidente Lula, provavelmente, é formada pelo mesmo *staff* do Presidente Fernando Henrique. Então, comprar uma esteira ergométrica para exercício da Segurança é algo que se fez antes ou é um abuso que se está fazendo agora? Era um padrão de gasto legítimo ou discutível? Existia ou é algo novo que, agora, está se fazendo como excesso de gastos? Vamos discutir. Não podemos partir para uma discussão dessa prejulgando o Governo e querendo jogar no colo político do Governo qualquer eventual atuação desvirtuada de determinado servidor público. Com isso não concordamos. É por isso que propus a série histórica. Não está em mim nenhuma desconfiança do Presidente Fernando Henrique – eu já disse isso aqui –, nem do Vice-Presidente, Marco Maciel; nem do Presidente Lula; nem do Vice-Presidente, José de Alencar. São pessoas honradas. Não estamos discutindo isso. Mas como se deram os gastos em governos diferentes? Por quê? Para verificarmos se houve o mesmo tipo de gasto. A estrutura do serviço público é a mesma. O que mudou agora, o que migrou foi a forma de utilização do pagamento ou do saque. Antes, 100% dos saques eram feitos em dinheiro, e, agora, há 70% de saques em dinheiro. Já avançamos no controle. A processo de rastreamento está aí. V. Ex<sup>a</sup> disse que o Governo não deu informações sobre os cartões de pagamento, mas elas estão no Portal da Transparência do Governo. Essas informações todas vieram do Portal da Transparência do Governo. Um governo que quer esconder informações não as coloca no *site* da Controladoria-Geral da União (CGU). Não há, deliberadamente, instrução para se fazer algo errado; pelo contrário, a instrução é para que se faça o correto. Se alguém agiu de forma errada ou agiu equivocadamente, que responda pelo seu erro. Mas, politicamente, querer começar o jogo debitando isso ao Governo não é o caminho. Por isso, propusemos a

série histórica e não fizemos qualquer tipo de exploração política em cima de alguém. Se há disposição de sentar e de discutir, vamo-nos sentar e discutir. Não sei se V. Ex<sup>a</sup> acompanhou, mas defendi pela imprensa, o tempo todo, que o comando da CPI fosse partilhável entre Oposição e Governo, com relatoria de um, com presidência de outro, exatamente para que houvesse harmonia nos trabalhos. A idéia, aqui, não é um ficar jogando no colo do outro uma bomba-relógio. A idéia não é essa. A idéia é que possamos trabalhar construtiva e responsabilmente e, a partir daí, tirar um subsídio para dizermos: “Olha, a partir de agora, é mais isso, é mais esse controle, não pode isso, não pode aquilo, vamos discutir, vamos complementar a lei para vermos o que é despesa sigilosa, efetivamente”. Pode ser que a despesa seja sigilosa, pode ser que não o seja. Mas também não se pode chegar ao limite de se dizer: “Não, tem de abrir tudo”. Aí a Agência Brasileira de Inteligência (Abin) e a Polícia Federal vão ter de botar no *site* quem é que está recebendo adiantamento para poder fazer operação. Desculpe-me, mas será um excesso que não há em nenhum país do mundo. Volto a dizer que somos a sexta economia do mundo. Nós temos um Estado que deve ser preservado, deve ter segurança, deve combater o terrorismo, deve ter uma série de prerrogativas que impelem a gastos que não são, inicialmente, divulgáveis. Mas devemos discutir e definir isso em lei. Isso precisa ser complementado. Nem deve ser decreto do Presidente da República. Deve ser resultado do trabalho da CPI a proposta de uma lei que, efetivamente, regule essa questão, para que ela não fique em aberto, mudando o padrão de gastos de governo para governo. V. Ex<sup>a</sup> dá uma contribuição importante a esse debate. Com a chegada do Senador Arthur Virgílio, que está vindo de Portugal, onde foi-se preparar para a campanha presidencial, vamos poder nos sentar e, efetivamente, discutir um caminho, para que possamos buscar a harmonia nos trabalhos da CPI do Senado.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Senador José Agripino, eu e todo o País gostaríamos de ouvi-lo todo o tempo e sempre, cada vez mais, mas, há 25 minutos, V. Ex<sup>a</sup> está na tribuna. Portanto, lembro-o do Regimento.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN) – Já vou encerrar, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Eu pediria que, em cinco minutos, encerrasse.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN) – Já vou encerrar.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Estamos inscritos o Senador Alvaro Dias, como Líder

do PSDB, e eu próprio. Convido o Senador Geraldo Mesquita para presidir a sessão.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN) – Senador Romero Jucá, somos, realmente, a sexta economia do mundo. Mas, se somos, orgulhosamente, o País que sedia a sexta economia do mundo, infelizmente, também somos o País do mensalão, o País cujo Governo usa o cartão corporativo para compras de *free shop*, para pagar diárias do Copacabana Palace Hotel e para fazer compras na Feira do Paraguai, segundo as denúncias que estão postas. E é nossa obrigação passar este País a limpo, para que, se possível, possamos ser a quinta ou a quarta economia do mundo. Se pudermos nos aperfeiçoar, essa é nossa obrigação.

Senador Alvaro Dias, o que, de prático e eficaz, pode acontecer? Fala-se em investigar fatos correlatos de dez anos atrás. As autoridades que, eventualmente, usavam cartões corporativos há dez anos nunca foram denunciadas, nem pelo TCU, nem pelo Siafi, como as de agora estão sendo. A imprensa está anunciando os fatos, porque existem dados reais de instituições confiáveis, como o TCU e o Siafi, que determinam que o fato, o dolo seja divulgado, o que não aconteceu no passado.

Vamos admitir que houvesse denúncias. O que esse Governo poderia fazer? O que já fez com a Mathilde, imaginando que a demissão da Ministra Mathilde fosse sarjar o tumor, imaginando que, embaixo da ponta do *iceberg*, não existisse uma endemia que contaminasse o serviço público, que usa o privilégio do cartão corporativo. Este Governo pode fazer o que fez com Waldomiro e com mais ninguém, pode fazer o que fez com a Mathilde e com mais ninguém. Vai fazer com todos, agora, porque vamos ficar vigilantes. Para quê? Para que se corte, desde já, o mal pela raiz, para que a punição venha em seguida, pelas recomendações que a Comissão Parlamentar de Inquérito pode fazer, para que o Ministério Público adote providências e para que as instâncias da Justiça possam cumprir também sua obrigação.

É isso que pretendemos, Senador Geraldo Mesquita. Não é vingança, não é busca, não é a busca no Palácio do Planalto ou em Santa Catarina, dos culpados. Mas, se culpados existirem no Palácio do Planalto ou em Santa Catarina, que a Nação os conheça, para que a Nação conheça o seu Governo, para que a Nação conheça a qualidade do Poder Executivo que nos governa. Se for boa a qualidade do Poder Executivo, que se renove a confiança nele; se não for boa a qualidade daquele Poder, que se cortem os males pela raiz, e aqui está a Oposição para desempenhar seu papel, querendo, neste momento, não fazer um trabalho organizado de oposição, mas querendo e



oferecendo a oportunidade do entendimento entre os Partidos, para que possamos fazer um enunciado racional, equilibrado e lógico, a bem do entendimento do Brasil, do interesse do Brasil.

Pedi e recomendei aos meus companheiros de Partido que não renovassem a assinatura, que aguardassem a reunião de segunda-feira, porque poderemos assinar os 81 Senadores. Homenagearemos a sociedade com o entendimento do Senado, que vai trabalhar no sentido de prestar contas ao País e de recuperar a sua própria credibilidade.

Obrigado, Sr. Presidente.

*Durante o discurso do Sr. José Agripino, o Sr. Mão Santa, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Geraldo Mesquita Júnior.*

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Eu agradeço, Senador e nobre Líder José Agripino.

Concedo, de imediato, a palavra ao Senador Alvaro Dias, como Líder do PSDB.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR. Como Líder. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente Geraldo Mesquita Júnior, quero agradecê-lo pela generosidade em permitir que eu possa colocar também, aqui, o posicionamento do PSDB. Nosso Partido não se reuniu. Deve fazê-lo na próxima semana, mas há consenso em relação a essa matéria. Inicialmente, quero dizer que o PSDB avaliza a proposta de entendimento aqui apresentada pelo Senador José Agripino, como Líder dos Democratas.

Seria muito bom que o Congresso Nacional chegasse a um entendimento sobre essa matéria. A crise não é artificial, como diz o Ministro Tarso Genro. É uma crise real e de profundidade. Há um escândalo campeando pela mídia nacional. Certamente, escândalo maior haverá se abrirmos a caixa-preta dos cartões corporativos, instalada na Presidência da República.

O Senador Romero Jucá quer uma CPI para investigar dez anos, mas para investigar vários itens das despesas públicas dos governos que se sucederam nesse período. Não há regimentalidade para essa proposta, porque não há fato determinado. Não conheço denúncias a respeito das despesas efetuadas em governos anteriores. Neste momento, elas não estão postas.

Não conheço, também, Senador Geraldo Mesquita, requerimento de informação que não tenha sido respondido pelo Executivo, relativamente a governos anteriores.

Estamos sob a vigência do Governo Lula. As nossas ações de natureza política se desenvolvem

no âmbito do Governo Lula. A nossa responsabilidade de fiscalização, nesta hora, é em relação ao Governo Lula.

A responsabilidade de fiscalizar governos passados foi daqueles que integravam o Parlamento durante os governos que já se foram.

De outro lado, não há objetividade na proposta do Senador Romero Jucá. Quem diz isso não sou eu, é a Ministra Dilma Rousseff.

Em resposta à nossa pretensão de saber como o Presidente da República e os seus ecônomos gastaram com o cartão corporativo, a Ministra respondeu – cerca de 964 processos, num período de 2003 a agosto de 2005, quando formulamos o nosso pedido de informações –: “Considerando uma média de 100 folhas por processo, teríamos 100 mil cópias; 22.300 notas fiscais nesse período”. Ou seja, a Ministra afirmava: “É muita coisa para se encaminhar ao Senado Federal”.

Imagine, Senador, se fôssemos buscar a documentação de todas as despesas alinhavadas pelo Senador Romero Jucá, no seu requerimento, durante 10 anos. Um *container* de documentos certamente seria transportado até a CPI no Senado Federal.

Ou seja, nós mergulharíamos em um oceano de papéis e não chegaríamos a lugar algum. Certamente, nos afogaríamos, porque não chegaríamos a conclusão alguma. E o que deseja – perdoe-me agora a ausência do Senador Romero Jucá -, é o que deseja o Governo! O Governo não foi estimulado por nenhum objetivo de descobrir o que se passa nos bastidores dos cartões corporativos. O Governo foi estimulado a abafar o escândalo que eclodiu com certa força neste verão de 2008.

Há uma contradição que não pode ser esquecida e deve repetida. Em um primeiro momento a Ministra disse: “Mandem o auditor. Ele pode investigar aqui.” O auditor foi e voltou, porque aí veio aquela alegação que se repete a todo dia, e o Ministro Jucá a faz aqui da tribuna: “São documentos sigilosos que não podem ser conhecidos!”

E eu indago: onde estão as prerrogativas do Congresso Nacional, prerrogativas que nos garantem acesso a informações sigilosas? As CPIs, por exemplo, podem quebrar sigilo bancário, fiscal, telefônico de quem desejar quebrar. E não há mandados de segurança que a impeçam de fazê-lo, quando justifica de forma correta, juridicamente.

Os pedidos de informações sobre matérias sigilosas também são respondidos por vários governos, até pelo atual. Recentemente, o Ministro, Presidente do Banco Central, respondeu ao pedido de informações que formulei sobre matéria sigilosa.

A responsabilidade passa a ser do Congresso Nacional. A discussão sobre o sigilo dos documentos da Presidência chegou à OAB, que discorda do comportamento do Governo; chegou ao Supremo Tribunal Federal, na voz do Ministro Marco Aurélio, que discorda da posição do Governo.

Não há por que não se investigar a Presidência da República. Que não se alegue que o Presidente da República não é beneficiado com a utilização dos cartões corporativos da Presidência. Parte desse sigilo foi quebrado; a imprensa divulgou.

Lá em Florianópolis, na belíssima Florianópolis, os cartões corporativos circularam por supermercados, açougues, lojas, inclusive em empresa de autopeças, por inúmeras vezes durante um ano, ensejando que possamos suspeitar ser uma loja de autopeças que não recupera veículos, mas que oferece notas frias para calçar despesas desonestas. Ou esses cartões dos seguranças do Presidente que circularam por São Bernardo do Campo...A serviço de quem estavam esses cartões? Obviamente o responsável é o Presidente da República, quer queiram, quer não queiram os governistas. Não há como eximir o Presidente da República de responsabilidade.

Quais são as alternativas da Oposição? Primeira: em respeito à primazia da iniciativa, a CPI mista, proposta pelo Deputado Carlos Sampaio. Esta tem fato determinado. É específica. Investigará do Governo Fernando Henrique ao Governo Lula a utilização dos cartões corporativos.

Esta é a prioridade. Há a alternativa de apresentarmos uma CPI, se não houver número suficiente na Câmara, com o mesmo fato determinado, com a mesma justificativa, apenas no Senado Federal, e há essa alternativa proposta pelo Senador Agripino de entendimento com o Governo, uma CPI que pudesse ser avalizada pela Oposição e pelos Governistas. Não acredito nessa hipótese. A idéia é boa, a idéia apresenta bom senso e inteligência, mas não creio que atenda aos interesses do Governo. Essa blindagem persistente, é claro que nos enseja concluir: há irregularidades graves com a utilização dos cartões corporativos no âmbito da Presidência da República. O Presidente da República não pode estar acima do bem e do mal. Ao gastar o dinheiro público tem de prestar contas ao Tribunal de Contas, ao Senado Federal. Se parte dessas despesas são sigilosas, que sejam conhecidas, em que pese o sigilo pelo Senado Federal e pelo Tribunal de Contas. Não há por que se impedir que se audite contas do Presidente da República com gastos do dinheiro público.

E, ao final, Sr. Presidente – já que o Senador Mão Santa está ansioso para ocupar esta tribuna –, repito:

o Senador Romero Jucá voltou a falar no Governo de São Paulo; não vamos confundir, não vamos, maliciosamente, confundir: não existe cartão corporativo no Governo do Estado de São Paulo.

Nenhum secretário, secretário adjunto ou qualquer autoridade estadual possui cartões do Governo para qualquer tipo de gastos. Dê-se o nome que queira dar: cartão de pagamento, cartão corporativo. Não existe no Governo de São Paulo, segundo o Governador José Serra. O que existe é um sistema para a realização de despesas do dia-a-dia, como compra de material de construção, peças para automóveis, suprimentos para informática. As Secretarias com maior gasto são a de Saúde, Educação e Segurança Pública; são aquelas que se destacam na prestação de serviços diretos ao cidadão, e precisam manter maior estrutura de pessoal, viaturas e unidade.

Portanto, é evidente que são despesas elevadas. Num Estado do porte do Estado de São Paulo, do gigantismo do Estado de São Paulo, atendendo a setores fundamentais para a população, há gastos significativos, e não estão sendo realizados através dos cartões corporativos. Os gastos com os cartões corporativos não são significativos se nós nos referirmos ao Orçamento da União. Obviamente, não são significativos, mas podem ser imorais, podem ser ilegais, desonestos, afrontam a pobreza nacional, um desrespeito ao povo brasileiro. E é isto que nós queremos investigar. Não importa se a tapioca custa barato ou se o reparo da mesa de sinuca foi insignificante. É dinheiro público. O povo não pode pagar imposto para que o dinheiro, oriundo do imposto pago com tanto sacrifício, muitas vezes sem poder pagar, seja jogado pelas janelas da irresponsabilidade administrativa ou seja, lamentavelmente, usado por mãos sujas de corrupção. Essa investigação tem que se dar, mas tem que se dar com seriedade, com responsabilidade. É isso o que deseja o nosso Partido. Aliás, o que desejam os Parlamentares sérios do Congresso Nacional e, sobretudo, deseja o povo brasileiro.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Muito obrigado, Senador Alvaro Dias.

Concedo a palavra, de imediato, ao nobre representante do Piauí, Senador Mão Santa.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Senador Geraldo Mesquita, que preside esta reunião de sexta-feira, 8 de fevereiro, Parlamentares, brasileiras e brasileiros aqui presentes e que nos assistem pelo fabuloso Sistema de Comunicação do Senado (TV Senado, Rádio AM e FM, *Jornal do Senado*).

Senador Geraldo Mesquita, quis Deus V. Ex<sup>a</sup> na Presidência.

Ano passado, afirmei algumas vezes, com grande convicção, que este era o melhor Senado da história da República, o que motivou enterrarmos a vergonhosa CPMF, que era 76º imposto a que o brasileiro era submetido.

Um quadro vale por 10 mil palavras. V. Ex<sup>a</sup> preside esta reunião, precisamente às 13h31min de sexta-feira.

Senador Heráclito, nunca dantes na história política deste País este Senado da República se reunia às sextas-feiras. Ainda mais pós-carnaval. Nunca na história. Somente a presença de V. Ex<sup>a</sup>, quando regimentalmente já deveria ter se encerrado a sessão, que já dura quatro horas e meia, traduz o esforço, a sensibilidade e a responsabilidade dos Senadores de hoje, que são, sem dúvida nenhuma, a esperança no aprimoramento da democracia de nosso País. Nunca dantes.

Entendemos que a função deste Senado é fazer leis boas e justas, é fiscalizar o Governo e denunciar. Este Senado viu Teotônio Vilela, moribundo, com câncer, dizer que era falar resistindo e resistir falando. Ele tombou. Recentemente, vimos Ramez Tebet com o mesmo estoicismo aqui.

Felizes de nós que não precisamos buscar exemplos em outras histórias, em outros países. Aqui temos os exemplos. E o exemplo maior de Rui Barbosa... E V. Ex<sup>a</sup> fica bem aí. Alvaro Dias dizia que, até fisicamente, V. Ex<sup>a</sup> se parece com ele, mas acho que V. Ex<sup>a</sup> é mais bonito do que Rui Barbosa. Mas ele dizia isso e comparava. Comparei na firmeza do direito.

Rui Barbosa, ó Senador Heráclito, em um de seus lampejos, de tanto ver as nulidades assumirem o Poder e rirem-se da honra, de tanto ver campear a corrupção, fez a previsão: “Vai chegar o tempo em que vamos ter vergonha de sermos honestos”.

E este Senado aqui está. O Senado somos todos nós. Tenho aqui o **Jornal do Senado** de ontem. Olha, Heráclito, V. Ex<sup>a</sup> está na primeira página, aqui, esbravejando, denunciando o Governo. Na pág. 3, a manchete – e focaliza, em tamanho grande, de **outdoor**, como quando é feito para o Mercadante ou para a Ideli, como se fosse do Governo – diz: “Garibaldi: requerimento da CPI dos cartões será refeito”. É a firmeza que nosso Presidente tem demonstrado desde a reabertura deste ano legislativo.

E, José Agripino, houve cinco pronunciamentos, ontem, sobre esse escândalo, que está aí. Não bastasse a imprensa nacional, o Senado vai a fundo nisso, e, sobretudo, ô Senador José Agripino, é o combate à corrupção.

Disse aqui o Líder do Governo, o extraordinário Líder do Governo, que somos o sexto país na economia

mundial. Mas, José Agripino, somos hoje o primeiro em corrupção, o primeiro em malandragem, o primeiro em descrença. Ainda bem que V. Ex<sup>a</sup> é do Rio Grande do Norte! Ontem, eu trouxe uma pesquisa, grande Líder José Agripino, feita pelo Poder Legislativo de Alagoas. Sei que Alagoas, apesar das suas belezas, está vivendo terremotos de ética. Mas eles fizeram isso. Olha, a credibilidade dos políticos chegou a 1%.

**O Sr. José Agripino** (DEM – RN) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte, Senador Mão Santa?

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Mas mais estremecido fiquei quando a credibilidade da Justiça era de 7%.

Concedo o aparte a esse grande e extraordinário Líder das Oposições brasileiras, Senador José Agripino.

**O Sr. José Agripino** (DEM – RN) – Senador Mão Santa, V. Ex<sup>a</sup> dignifica este Congresso com sua palavra sempre vibrante, com sua presença permanente. Vejam que, às 13h30min de uma sexta-feira, está aqui V. Ex<sup>a</sup>. Desde quarta-feira, V. Ex<sup>a</sup> estava aqui, sempre vigilante, sempre cuidadoso em seus depoimentos e em seus pronunciamentos, sempre coerente com o voto e zeloso com a imagem da classe política e da instituição a que pertencemos. Senador Mão Santa, temos na mão a oportunidade de colocar um tijolinho na parede da recuperação da imagem da nossa Casa, que foi, pelos fatos do ano passado, tão desmerecida, contra a atuação de V. Ex<sup>a</sup>, permita-me dizer sem modéstia, e contra a minha atuação, pois procuramos ficar ao lado da ética, da coisa correta. Está em nossas mãos a oportunidade de fazer um pedacinho da parede da recuperação da imagem do Senado, na medida em que façamos uma Comissão Parlamentar de Inquérito com o objetivo isento e patriótico de coibir a improbidade. Foi dada a algumas pessoas a oportunidade de gastar com um cartão com o emblema da Nação, da República Federativa do Brasil...

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Senador José Agripino, peço desculpas por interrompê-lo, mas há a necessidade premente de prorrogarmos a sessão, pois o prazo já se esgotou, por mais 30 minutos, para que o Senador Mão Santa possa concluir o discurso e para que V. Ex<sup>a</sup> possa proferir o aparte. Muito obrigado.

**O Sr. José Agripino** (DEM – RN) – Obrigado, Sr. Presidente. Retomando o raciocínio, devo dizer que foi dada a oportunidade de que pessoas recebessem o aval, o crédito de confiança do País, que tem recursos pagos pelo contribuinte, que somos todos nós, em compras que devem ser legítimas e justificáveis. E há denúncias de que muitas pessoas de altos escalões do atual Governo estão fazendo mau uso desse ins-

trumento. O Governo não pode conviver com a improbidade – não pode, não deve e não vai! Pela nossa ação, isso não vai acontecer, porque vamos denunciar aquilo que for ímprobo. Está V. Ex<sup>a</sup> falando nesse sentido, e estou eu aqui, na sexta-feira, às 13h30min, falando sobre isso. E vamos continuar falando sobre isso, não por vingança pessoal, não, não, mas para dar uma contribuição na recuperação da imagem da República Federativa do Brasil lá fora e da imagem da classe política aqui dentro. Se existem mazelas na classe política, também existem pessoas com coerência e com atitudes, como V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Agradeço-lhe e incorporo ao meu pronunciamento todas as palavras do extraordinário Líder Senador José Agripino, que engrandece não só esta Casa, mas a democracia do Brasil.

Queria dizer que um quadro vale por dez mil palavras. Coloque de novo aí, vamos focalizar o jornal. Ontem, também mostrando a vitalidade e a grandeza deste Senado, cinco Senadores se manifestaram contra e traduziram a indignação do povo brasileiro quanto a esse mar de corrupção que vivemos. Presidente Luiz Inácio, o Senado é para isso. Os pais da Pátria são para aconselhar, Luiz Inácio. Estamos aqui para aconselhar V. Ex<sup>a</sup>. Foram cinco Senadores. Um quadro vale por dez mil palavras.

Aqui está o resumo dos discursos feito pela grande competência dos que fazem o **Jornal do Senado**. A primeira fotografia é de Alvaro Dias. Escute a síntese do que S. Ex<sup>a</sup> disse ontem, Luiz Inácio. O Poder Executivo deve ouvir os Poderes Legislativo e Judiciário. Devemos ser eqüipotentes, um para controlar o outro. Devemos ser eqüipotentes, iguais, Luiz Inácio. Não se iluda com as informações de alopados. Alvaro Dias, que representa o Paraná, com uma vida democrática – S. Ex<sup>a</sup> galgou, foi Governador de Estado –, disse: “Informações devem incluir gastos feitos pela Presidência”.

Lembramos que, desde 2005 – atentai bem, Luiz Inácio! –, há um requerimento de Senador, pedindo melhor zelo em prestações de contas daqueles que servem V. Ex<sup>a</sup> no Palácio. Isso quer dizer que, se atendesse este Senado, V. Ex<sup>a</sup> não estaria passando esse vexame.

Lembramos que essa solicitação foi feita por S. Ex<sup>a</sup> em 2005, Senador Geraldo Mesquita.

Está aqui a síntese de outro orador, que é orgulho nosso, do Piauí, e hoje do Brasil, o Senador Heráclito Fortes, imagem do Brossard do dia de hoje. Diz-se: “Heráclito observa que Lula não poderá dizer que não sabia de nada”. Sintetiza S. Ex<sup>a</sup>, na sua inteligência, que essa é “uma espécie de bolsa-família para os pri-

vilegiados”. Não é que sejamos contra; ela é um ato de caridade. Achamos que a caridade deveria ser acompanhada, Senador Geraldo Mesquita, da educação e do trabalho, pois isso é que engrandeceria. O próprio Apóstolo Paulo, Senador Heráclito, disse que quem não trabalha não merece ganhar para comer. O estudo é que leva à sabedoria de que todos precisamos.

Outro orador é lá do Pará, empresário, Flexa Ribeiro. Segundo o jornal, “Flexa Ribeiro afirma que o decreto baixado agora por Lula não soluciona o problema”. Diz S. Ex<sup>a</sup>: “TCU pedia há quatro anos que Executivo corrigisse o mau uso”.

Trata-se do Tribunal de Contas da União, que é mais uma criação da inspiração de Rui Barbosa para o andar bem e o aperfeiçoar da democracia. Não fomos nós, do PMDB minoritário, independente, autêntico, mas o Tribunal de Contas da União, filho de Rui Barbosa, da inspiração, da obstinação e da inteligência, Luiz Inácio. Senador Alvaro Dias, foi o Tribunal de Contas da União. “O TCU há quatro anos chama a atenção para que se corrija o uso dos cartões”, Luiz Inácio. Tem que dar ouvidos.

Diz o **Jornal do Senado**: “O parlamentar afirmou que o PSDB não é contra o uso dos cartões corporativos, mas sim ‘contra o mau uso deles’.” É isso. V. Ex<sup>a</sup>, o Poder Executivo têm de ouvir o Poder Legislativo. Os pais da Pátria somos nós. Foi longo e sinuoso o caminho a chegarmos aqui. Nós representamos também Luiz Inácio, o povo do Brasil. Some os votos nossos e verifique se não é igual, na matemática, na aritmética de Trajano, que V. Ex<sup>a</sup> estudou no Senai, a aritmética mais elementar; some os votos daqui e veja que temos os votos de V. Ex<sup>a</sup>. Nós somos filhos da democracia e do voto. Estamos aqui como filhos, para defender essa democracia. Então, é isto: o PSDB não combate aquilo que criou, mas o mau uso dos cartões corporativos.

Luiz Inácio, fui Prefeitinho e Governador do Estado. Atentai bem, não posso dizer que o Partido de Vossa Excelência tem uma banda podre, porque é mais do que isso. Mas existem pessoas boas no seu Partido. Todos as tem. Lá no meu Piauí, Nazareno Fonteles é candidato a Prefeito, um homem de dignidade, um médico honrado. Há pessoas boas. Aquela que morreu, a Trindade, uma líder extraordinária, uma mulher autêntica. Há pessoas boas, como aqui. Paim. Ô Luiz Inácio, atentai bem, é dos seus! Paim ontem usou esta tribuna.

Segundo a matéria, Paim recomenda cuidado para não banalizar investigação parlamentar. “Quem errou no uso deve pagar por seu ato. Paulo Paim (PT – RS) afirmou que há muito tempo o Governo já deveria ter tomado a providência de investigar o mau uso dos cartões corporativos”.

Ô Luiz Inácio, não somos nós, Oposição. Somos nós, filhos da democracia, que temos de zelar pela Pátria. Portanto, atentai bem, ouça seu companheiro. Vossa Excelência se vangloria de ter sido um trabalhador que galgou: Paim foi um operário como Vossa Excelência e está aqui. Ontem mesmo, comemorávamos – Geraldo Mesquita estava presente. Lá no meu apartamento, o nosso garçom, Johnson, que se formou em Direito, dizia que admirava Paim. Não tem uma formatura, um curso superior, ô Luiz Inácio, mas tem uma grande cultura, entendimento das coisas. Eu lhe dizia: “Some os anos que ele tem de Parlamento, de Câmara, e isso dá quatro faculdades de Direito, como a sua”. Geraldo Mesquita estava lá.

Mas o Paim, Luiz Inácio – reconheça –, “afirmou que há muito tempo o governo já deveria ter tomado a providência de investigar o mau uso dos cartões cooperativos”.

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Antes de conceder o aparte... Ah, vou conceder logo, porque depois quero resumir meu discurso. O Senador Alvaro Dias hoje se superou. S. Ex<sup>a</sup> me fez entender agora por que Sarney, um homem inspirado, no fim do seu difícil Governo, pensou em um nome para sucedê-lo: Alvaro Dias. Não deu certo: Deus, que escreve certo por linhas tortas, queria S. Ex<sup>a</sup> aqui. Isso em 1990. Há 17 anos, esse homem foi admirado e escolhido por Sarney para sucedê-lo, mas o Partido não compreendeu e fraquejou; o PMDB não acreditou na juventude daquele jovem. Hoje, ele se apresenta experimentado e fez o mais belo pronunciamento, com seriedade, sobre as falcatruas desse cartão cooperativo.

Com a palavra, esse Líder do Paraná, Alvaro Dias.

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – Obrigado, Senador Mão Santa. A generosidade de V. Ex<sup>a</sup> até me constrange, mas tenho que dar aqui um depoimento. V. Ex<sup>a</sup> é um Senador que honra o Piauí, mas é respeitado no Brasil todo. Por onde andamos, ouvimos falar do Mão Santa, as pessoas perguntarem sobre o Mão Santa. As pessoas que acompanham a TV Senado valorizam o seu trabalho, reconhecem a importância da presença do Senador Mão Santa no Senado Federal. E, certamente, o povo do Piauí não permitirá que V. Ex<sup>a</sup> perca essa tribuna, no futuro, já que em 2010 seremos julgados pela população. Não todos nós, mas dois terços do Senado serão submetidos a julgamento. Obviamente, aqueles que se comportaram com correção serão valorizados pela população. Aqueles que decepcionaram, terão de voltar para suas casas. Senador Mão Santa, o Líder Romero Jucá disse à

imprensa, há pouco, que a Oposição quer uma CPI meia-boca. E respondo ao Senador Romero Jucá que não existe meia-boca. Existe boca grande por detrás dos cartões corporativos, especialmente na Presidência da República. É essa boca que queremos investigar. A CPI que a Oposição pretende tem o respaldo do fato determinado, razão direta das denúncias que estão explodindo todos os dias, como enxurrada, na imprensa nacional. V. Ex<sup>a</sup> está muito bem na tribuna e tem competência, autoridade política e moral para dissertar sobre esse tema e dizer ao povo brasileiro o que, na verdade, nós que somos da Oposição, desejamos nessa hora.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Agradecemos e incorporamos todas essas palavras do grande Líder da democracia, Senador Alvaro Dias.

E, ontem, falei e falo as mesmas palavras. Cristo dizia: “Em verdade, em verdade vos digo”. Luiz Inácio, fui Prefeitinho, governei o Piauí por duas vezes; em todo governo tem isso, mas não vamos enganar o povo.

Abraham Lincoln disse: “Conseguimos enganar poucos por muito tempo; muitos, por pouco tempo; mas ninguém consegue enganar todo mundo por todo o tempo”.

Isso é uma enganação.

Eu tinha; dei a um Prefeito ou outro para pagar umas despesas imediatas, mas Vossa Excelência já permitiu, e Vossa Excelência é o nosso Presidente, e queremos ajudá-lo. Vossa Excelência permitiu ou os alopados lhe enganaram? Eu acho que os alopados lhe enganaram mais uma vez. Mais de onze mil cartões corporativos! Isso não existe. Onze mil sem prestar contas. Onze mil! Isso é um exército! Isso não existe. Essa é a porta larga de que fala a Bíblia, da vadiagem, da corrupção. Não tiraram dinheiro só da máquina, não, entrou na devassidão, transformou o Governo de Vossa Excelência.

Shakespeare, que todos nós admiramos – e está ali o nosso intelectual, Geraldo Mesquita –, o do Romeu e Julieta, o que escreveu Julio César, que disse: “*To be, or not to be: that’s the question*”.

Eu admiro Hamlet, era um governo – ô Alvaro Dias –, e ele disse assim: “Há algo de podre no reino de Dinamarca”. Luiz Inácio, há algo de podre no seu reino com esses cartões corporativos.

Geraldo Mesquita, outro dia eu fui com minha Adalgisa conhecer Nápoles, porque Hamlet disse que preferia ser um mendigo em Nápoles a ser rei da Dinamarca, onde estava a podridão da corrupção. Eu fui conhecer Nápoles. E ele tinha razão. E eu não entendia por que aquilo tinha sido escrito, mas eu passei a entender: é porque Nápoles naquele tempo era capital da Itália – foi capital antes de Roma – e foi lá que se

deu o Renascimento: Leonardo da Vinci, Michelangelo, Raphael, Dante Alighieri, aquilo. Então ele disse que preferia ser um mendigo lá em Nápoles a conviver no reino podre da Dinamarca.

Vossa Excelência não merece, Luiz Inácio. Vossa Excelência, num desabafo, quase se igualou a Shakespeare quando disse que estava arrodado de alopados.

E vamos, este Senado, esperança da democracia, continuar a ser o melhor Senado da História da República brasileira. Nós vamos enterrar os fraudadores, os aproveitadores, os alopados desses cartões corporativos, que mancham a pureza do povo do Brasil.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Muito obrigado, Senador Mão Santa, e, em seu nome, cumprimento todos os Parlamen-

res que se fizeram presentes ou não nesta sessão, os servidores, o povo brasileiro em geral.

Nada mais havendo a tratar, a Presidência vai encerrar os trabalhos.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Está encerrada a presente sessão.

*(Levanta-se a sessão às 13 horas e 56 minutos.)*

## Ata 3ª Sessão não Deliberativa, em 11 de fevereiro de 2008

2ª Sessão Legislativa Ordinária da 53ª Legislatura

Presidência do Sr. Garibaldi Alves Filho e da Sra. Rosalba Ciarlini.

*(Inicia-se a sessão às 14 horas)*

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

Sobre a mesa, requerimento que será lido pelo Sr. 1º Secretário em exercício, Senador Papaléo Paes.

É lido o seguinte:

### REQUERIMENTO Nº 23, DE 2008

Senhor Presidente,

Requeiro, nos termos do artigo 222, do Regimento Interno, sejam registradas em ata voto de aplauso ao povo macapaense; ao Governador do Estado do Amapá, Waldez Góes; ao Vice-Governador, Pedro Paulo Dias de Carvalho; ao Prefeito de Macapá, João Henrique Pimentel; e a Câmara de Vereadores do Município de Macapá, na pessoa de sua Presidenta, Vereadora Helena Guerra, pelo transcurso dos 250ª da fundação da cidade de Macapá-AP.

#### Justificação

No último dia 4 do mês corrente, Macapá, capital do Estado do Amapá, completou duzentos e cinquenta anos desde sua fundação.

A cidade surgiu de um destacamento militar fixado no mesmo local das ruínas da antiga Fortaleza de Santo Antônio, no ano de 1740.

Macapá foi confirmada capital do então Território Federal do Amapá por meio do Decreto Presidencial 6.550 e ratificado como Capital do Estado, em 5 de outubro de 1988, por ocasião da promulgação da Nova Constituição Federal.

A capital do Estado do Amapá possui uma extensão territorial de 6.407 Km<sup>2</sup>, onde predomina uma abundante flora e uma rica fauna. Sua economia tem como base o comércio e conta com uma população reconhecidamente acolhedora que gira em torno de 344.000 habitantes.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Papaléo Paes**

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – A Presidência encaminhará o voto de aplauso solicitado.

O requerimento que acaba de ser lido vai ao Arquivo.

Sobre a mesa, requerimento que será lido pelo Sr. 1º Secretário em exercício, Senador Papaléo Paes.

É lido o seguinte:

### REQUERIMENTO Nº 24, DE 2008

Senhor Presidente,

Requeremos, nos termos do art. 160 do Regimento Interno do Senado Federal, que o período da Hora do Expediente da Sessão Deliberativa Ordinária do dia 18 de março de 2008, seja dedicado a comemorar o Dia Mundial da Água e o lançamento da Campanha “SOS H<sub>2</sub>O”.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008

OSMAR DIAS  
Senador

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – O requerimento que acaba de ser lido vai à publicação e será votado oportunamente.

Sobre a mesa, projetos que serão lidos pelo Sr. 1º Secretário em exercício, Senador Papaléo Paes.

São lidos os seguintes:

### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 8, DE 2008

**Altera os arts. 47 e 49 da Lei nº 9.478, de 6 de agosto de 1997 – Lei do Petróleo, e insere o art. 49-A na mesma lei para destinar parcela dos royalties à conservação da floresta amazônica.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Os arts. 47 e 49 da Lei nº 9.478, de, 6 de agosto de 1997, passam a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 47. Os **royalties** serão pagos mensalmente, em moeda nacional, a partir da data de início da produção comercial de cada campo, em montante correspondente a quinze por cento da produção de petróleo ou gás natural”

..... (NR)

“Art. 49. A parcela do valor do **royalty** que exceder a cinco por cento e inferior a dez por cento da produção terá a seguinte distribuição”

..... (NR)

Art. 2º Inclua-se o art. 49-A na Lei nº 9.478, de 6 de agosto de 1997, com a seguinte redação:

“Art. 49-A. A parcela do valor do **royalty** do petróleo que exceder os dez por cento da produção referida no art. 49 será destinada a financiar o **royalty** de conservação, denominado “**royalty verde**” para a conservação da Floresta amazônica localizada dentro do território brasileiro.

Parágrafo Único. O “**royalty verde**” será administrado pelo Ministério do Meio Ambiente, por meio de um Fundo criado para esta finalidade. O “**royalty verde**” será pago em igual valor ao estado e ao município na proporção de conservação de suas florestas, conforme indicada semestralmente pelo INPE.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

### Justificação

O mundo inteiro observa com temor a ameaça ambiental que pesa sobre o Planeta. O Brasil é um dos responsáveis por esta crise planetária, tanto como produtor e consumidor de petróleo, como também pela constante destruição da Floresta Amazônica.

Este projeto de lei reúne estes dois problemas buscando solucioná-los, ao fazer a Exploração de Petróleo pagar pela proteção da Floresta Amazônica.

Ao regulamentar os artigos 47 e 49 da Lei Nº 9.478, este projeto de lei aumenta a alíquota de **royalty** de exploração do petróleo e transfere estes recursos adicionais para pagar um **royalty** de conservação – o **royalty verde** – pela proteção da floresta.

O **royalty** da exploração do petróleo será transferido ao Ministério do Meio Ambiente e utilizado para pagar aos estados e municípios que, no período, tiverem conservado sua respectiva parte da floresta amazônica.

Periodicamente, o INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais divulga as fotos da floresta amazônica, indicando a devastação feita entre dois momentos. Entre agosto e dezembro de 2007, 3.235 Km<sup>2</sup> foram desmatados. Uma indignação tomou conta do mundo inteiro. Com este Projeto de Lei, as fotos do INPE servirão também para definir o “royalty” a ser pago aos estados e municípios em proporção inversa ao desmate ocorrido no período.

O “**royalty verde**” seria distribuído em partes iguais ao estado e ao município na proporção inversa ao desmatamento verificado no período. O estado ou município poderá utilizar estes recursos, inclusive, para remunerar o morador que proteger a floresta em sua propriedade, como faz o atual governador do Amazonas, Eduardo Braga, com o projeto “Bolsa Floresta”

Com os cinco por cento a mais na atual proporção do **royalty** do petróleo, seria possível captar cerca de R\$4 bilhões que serviriam para financiar o “**royalty verde**”, cuja idéia apresentei no meu programa de governo na campanha presidencial de 2006. Ao mesmo tempo, este projeto” viabiliza no Brasil a idéia apresentada pelo senador Aloísio Mercadante da criação de um Fundo Mundial sobre o consumo de combustíveis.

O **royalty** do petróleo paga pelo que é retirado de riqueza do brasileiro; o “**royalty verde**” pagará pela riqueza conservada sobre o território brasileiro. É um preço que os atuais consumidores pagarão às gerações futuras pelo consumo do petróleo, utilizando-se estes recursos para conservar o patrimônio verde do Brasil para as próximas gerações.

Com uma só ação, o Brasil estaria criando dois desincentivos de grande alcance ecológico para a nação e a humanidade: reduzir o consumo de petróleo e reduzir a devastação florestal.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Cristovam Buarque**.

### LEGISLAÇÃO CITADA

#### LEI Nº 9.478, DE 6 DE AGOSTO DE 1997

**Dispõe sobre a política energética nacional, as atividades relativas a monopólio do petróleo, institui o Conselho Nacional de Política Energética e a Agência Nacional do Petróleo e dá outras providências.**

O Presidente da República,

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

.....  
Art. 47. Os **royalties** serão pagos mensalmente, em moeda nacional, a partir da data de início da produção comercial de cada campo, em montante cor-



respondente a dez por cento da produção de petróleo ou gás natural.

§ 1º Tendo em conta os riscos geológicos, as expectativas de produção e outros fatores pertinentes, a ANP poderá prever, no edital de licitação correspondente, a redução do valor dos **royalties** estabelecido no **caput** deste artigo para um montante correspondente a, no mínimo, cinco por cento da produção.

§ 2º Os critérios para o cálculo do valor dos **royalties** serão estabelecido por decreto do Presidente da República, em função dos preços de mercado do petróleo, gás natural ou condensado, das especificações do produto e da localização do campo.

§ 3º A queima de gás em flares, em prejuízo de sua comercialização, e a perda de produto ocorrida sob a responsabilidade do concessionário serão incluídas no volume total da produção a ser computada para cálculo dos **royalties** devidos.

Art. 48. A parcela do valor do **royalty**, previsto no contrato de concessão, que representar cinco por cento da produção, correspondente ao montante mínimo referido no § 1º do artigo anterior, será distribuída segundo o critérios estipulados pela Lei nº 7.990, de 28 de dezembro de 1989.

Art. 49. A parcela do valor do **royalty** que exceder a cinco por cento da produção terá a seguinte distribuição: (Vide Lei nº 10.261, de 2001)

I – quando a lavra ocorrer em terra ou em lagos, rios, ilhas fluviais e lacustres:

**a)** cinquenta e dois inteiros e cinco décimos por cento aos estados onde ocorrer a produção;

**b)** quinze por cento aos municípios onde ocorrer a produção;

**c)** sete inteiros e cinco décimos por cento aos municípios que sejam afetados pelas operações de embarque e desembarque de petróleo e gás natural, na forma e critério estabelecidos pela ANP;

**d)** vinte e cinco por cento ao Ministério da Ciência e Tecnologia para financiar programas de amparo à pesquisa científica e ao desenvolvimento tecnológico aplicados à indústria do petróleo;

**e)** 25% (vinte e cinco por cento) ao Ministério da Ciência e Tecnologia, para financiar programas de amparo à pesquisa científica e ao desenvolvimento tecnológico aplicados à indústria do petróleo, do gás natural e dos biocombustíveis; (Redação dada pela Lei nº 11.097, de 2005);

II – quando a lavra ocorrer na plataforma continental:

**a)** vinte e dois inteiros e cinco décimos por cento aos estados produtores confrontantes;

**b)** vinte e dois inteiros e cinco décimos por cento aos municípios produtores confrontantes;

**c)** quinze por cento ao Ministério da Marinha, para atender aos encargos de fiscalização e proteção das áreas de produção;

**d)** sete inteiros e cinco décimos por cento aos municípios que sejam afetados pelas operações de embarque e desembarque de petróleo e gás natural, na forma e critério estabelecidos pela ANP;

**e)** sete inteiros e cinco décimos por cento para constituição de um fundo especial, a ser distribuído entre todos os estados, territórios e municípios;

**f)** vinte e cinco por cento ao Ministério da Ciência e Tecnologia, para financiar programas de amparo à pesquisa científica e ao desenvolvimento tecnológico aplicados à indústria do petróleo;

**g)** 25% (vinte e cinco por cento) ao Ministério da Ciência e Tecnologia, para financiar programas de amparo à pesquisa científica e ao desenvolvimento tecnológico aplicados à indústria do petróleo, do gás natural e dos biocombustíveis. (Redação dada pela Lei nº 11.097, de 2005)

§ 1º Do total de recursos destinados ao Ministério da Ciência e Tecnologia, serão aplicados no mínimo quarenta por cento em programas de fomento à capacitação e ao desenvolvimento científico e tecnológico nas regiões Norte e Nordeste.

§ 2º Do total de recursos destinados ao Ministério da Ciência e Tecnologia serão aplicados, no mínimo, 40% (quarenta por cento) em programas de fomento à capacitação e ao desenvolvimento científico e tecnológico das regiões Norte e Nordeste, incluindo as respectivas áreas de abrangência das Agências de Desenvolvimento Regional. (Redação dada pela Lei nº 11.540, de 2007)

§ 3º O Ministério da Ciência e Tecnologia administrará os programas de amparo à pesquisa científica e ao desenvolvimento tecnológico previstos no **caput** deste artigo, com o apoio técnico da ANP, no cumprimento do disposto no inciso X do art. 8º, e mediante convênios com as universidades e os centros de pesquisa do País, segundo normas a serem definidas em decreto do Presidente da República.

*(Às Comissões de Meio Ambiente, Defesa do Consumidor e Fiscalização e Controle; e de Assuntos Econômicos, cabendo à última decisão terminativa.)*

## PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 9, DE 2008

**Institui o Programa de Preservação de Idiomas Indígenas Brasileiros, e dá outras providências.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Esta Lei institui o Programa de Preservação de Idiomas Indígenas Brasileiros.

Art. 2º Fica instituído o Programa de Recuperação e Transmissão dos seguintes idiomas indígenas:

I – do tronco tupi:

**a)** da família tupi-guarani, o Akwawa, o Amanayé, o Anambé, o Apiaká, o Araweté, o Asurini do Xingu, o Asurini do Tocantins, o Avá-Canoeiro, o Guajá, o Guarani, o Kaapor (Urubu-Kaapor), o Kamayurá, o Kaya-bi, o Kawahib, o Kokama, a Língua Geral Amazônica (Nheengatu), o Tapirapé, o Tenetehara, o Wayampi (Waiãpi, Oiampi), o Xetá e o Zo'é (Puturu);

**b)** da família Arikém, o Karitiana;

**c)** da família Aweti, o Aweti;

**d)** da família Juruna, o Juruna (Yuruna) e o Xi-paia;

**e)** da família Mawé, o Mawé (Sateré-Mawé);

**f)** da família Monde, o Aruá, o Cinta-Larga, o Gavião (Ikoro), o Mondé, o Suruí. (Paiter) e o Zoró;

**g)** da família Puroborá, o Puroborá;

**h)** da família Munduruku, o Kuruaya e o Munduruku;

**i)** da família Ramarama, o Karo (Arara);

**j)** da família Tupari, o Ajuru (Wayoró), o Makurap, o Mekém, o Sakirabiar e o Tupari;

II – do tronco macro-gê:

**a)** da família bororo, o Bororo, o Umutina;

**b)** da família krenok, o Krenok;

**c)** da família guató, o Guató;

**d)** da família jê, o Akwén, o Apinayé, o Kaingong, o Kayapó, o Panará (Kren-akore, Kren-akarore), o Suyá, o Timbira e o Xokleng (Aweikoma);

**e)** da família karajá, o Javaé, o Karajá e o Xambioá;

**f)** da família maxakali, o Maxakali, o Pataxó e o Pataxó Hã-Hã-Hãe;

**g)** da família ofayé, o Ofayé (Opayé, Ofayé-Xavante);

**h)** da família rikbaktsá, o Rikibaktsá (Erikpksá);

**i)** da família yatê, o Yatê (Iatê, Fulniô, Carnijó);

III – de famílias lingüísticas não filiadas aos troncos tupi ou macro-jê:

**a)** da família Aikaná, o Aikaná (Masaká, Kasupá);

**b)** da família Arawá, o Banawá-Yafi, o Deni, o Jarawara, o Kanamanti, o Kulina, o Paumari, o Yamamadi e o Suruahá (Zuruahá);

**c)** da família Arúak (Arawak, Maipure), o Apurinã (Ipurinã), o Baniwa do Içana, o Baré, o Kampa (Axininka), o Mandawaka, o Mehináku, o Palikur, o Paresi (Ariti, Haliti), o Piro, o Salumã (Enawenê-Nawê), o Tariana, o Terena (Tereno), o Wapixana, o Warekena, o Waurá e o Yawalapiti;

**d)** da família Guaikuru, o Kadiwéu;

**e)** da família Iranxe, o Iranxe (Mynky);

**f)** da família Jabuti, o Arikapu e o Jabuti (Jeoromitxi);

**g)** da família Kanoê, o Kanoê (Kapixaná);

**h)** da família Karib, o Aparai (Apalaí), o Arara do Pará, o Bakairi, o Galibi do Oiapoque, o Hixkaryana, o Ingarikó (Kapong), o Kalapalo, o Kaxuyana, o Kuikúru, o Makuxi, o Matipu, o Mayongong (Makiritare, Yekuana), o Nahukwá (Nafukwá), o Taulipang (Pemong), o Tiriyo (Tirió, Trio), o Txikão (Ikpeng), o Waimiri (Waimiri-Atroari), o Warikyana, o Wayana e o Wai-Wai;

**i)** da família Katukina, o Kanamari, o Katawixi, o Katukina do rio Biá (Pedá Djapá) e o Txunhuã-Djapá (Tsohorn-Djapá);

**j)** da família Koazá (Kwazá), o Koazá (Koaiá);

**l)** da família Máku, o Máku;

**m)** da família Maku, o Bará (Maku-Bará), o Dow (Kamã), o Guariba (Wariía-tapuya), o Hupda, o Nadab e o Yuhup;

**n)** da família Mura, o Mura e o Pirahã;

**o)** da família Nambikwara, o Nambikwara do Norte, o Nambikwara do Sul e o Sabanê.

**p)** da família Pano, o Amawaka, o Katukina do Acre(Xanenawá), o Kaxarari, o Kaxinawá, o Korubo, o Marubo, o Matis, o Matsé (Mayoruna), o Nukini, o Poyanawa, o Yaminawa e o Yawanawa;

**q)** da família Trumai, o Trumai;

**r)** da família Tikuna, o Tikuna;

**s)** da família Tukano, o Arapaço, o Bará, o Desana, o Karapanã, o Kubewa (Kubeo), o Makuna, o Pirá-Tapuya (Waíkana), o Siriano, o Tukano, o Tuyuka e o Wanano;

**t)** da família Txapakura, o Orowari, o Tora, o Urupá e o Wari (Pakaanova);

**u)** da família Yanomâmi, o Ninam, o Sanumá, o Yanomam e o Yanomâmi.

Parágrafo único. Os idiomas de que trata o **caput** serão codificados em gramáticas, e seus termos e expressões relacionados em vocabulários ortográficos e dicionários.

Art. 3º Para efeitos desta Lei, entende-se:

I – por recuperação, o registro dos referidos idiomas em vocabulários específicos e sua codificação em gramáticas, bem como sua preservação por qualquer meio;

II – por transmissão, a divulgação dos referidos idiomas nas regiões em que são falados, mediante sua utilização pelos canais de comunicação e na sinalização urbana e rural, na designação de estabelecimentos comerciais, no serviço público comunitário e no ensino fundamental e médio, como disciplina curricular facultativa e a garantia na oferta de cursos para o ensino destas línguas, em escolas do ensino

médio, sempre que houver o número necessário de alunos interessados.

Art. 4º Os documentos públicos requeridos pelos falantes dos idiomas de que trata esta Lei serão redigidos e expedidos em língua portuguesa e no idioma do interessado, no âmbito de cada comunidade.

Art. 5º Os idiomas de que trata o art. 2º serão protegidos como patrimônio histórico e artístico nacional, nos termos do que disciplina o Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937.

Art. 6º As produções literárias, artísticas ou histórico-documentais, escritas, expostas, representadas ou mantidas em veículo videofonográfico, que objetivem a preservação dos idiomas de que trata esta Lei, poderão receber doações ou patrocínios, nos termos da Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991.

Art. 7º A regulamentação desta Lei estabelecerá os critérios de atendimento a seus dispositivos, especialmente no que se refere ao inciso II do art. 3º.

Art. 8º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

### Justificação

Nos últimos anos tem ganho grande destaque a responsabilidade do Brasil na preservação do patrimônio natural da humanidade, que representa a Amazônia. Mas pouco debate-se sobre nossa responsabilidade na preservação do patrimônio cultural da humanidade que está sobre o território brasileiro e foi construído ou é praticado pelo povo brasileiro. A cada dia, nossa mídia descreve verdadeiros crimes contra o patrimônio da humanidade, por desleixo de brasileiros na sua preservação. Nossos museus, nossas igrejas, nossos prédios históricos não recebem os cuidados que deveriam. Isto é ainda mais grave, no caso dos bens patrimoniais imateriais, como nossa culinária, nossas danças folclóricas e nossos idiomas.

As políticas de preservação do patrimônio histórico e artístico nacional vêm-se descurando de determinados bens imateriais, quer em decorrência de sua complexidade, quer pelo mero desleixo quanto à volatilidade de tais bens.

Os meios de comunicação, ao oferecer um padrão universal de cultura, vêm-se transformando em veículos de constrangimento à preservação de representações genuínas de nossa multidiversidade, reforçando sua efemeridade e sua fragilidade ao contato com referidos padrões. E não se pode imaginar que esses veículos se comportarão de forma diferente: a globalização em marcha leva inevitavelmente à padronização cultural dentro do País e mesmo internacionalmente. É por isto que o País tem obrigação de manter programa de Preservação do seu Patrimônio.

Um desses bens são as línguas regionais, não apenas a Língua Portuguesa com suas peculiaridades regionais, mas também os falares e as línguas indígenas. Quanto mais se descuida de um bem imaterial, mais tende ele a se extinguir.

Todos os estudos realizados mostram que as línguas faladas por nossos povos indígenas estão ameaçadas de extinção no curto prazo devido ao baixo número de falantes e à baixa transmissão delas às novas gerações. Segundo o coordenador da Área de Lingüística, da Coordenação de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi, pesquisador norte-americano Dennis Moore, em relatório do Grupo de Trabalho da Diversidade Lingüística do Brasil (GTDL) 2006-2007, 23% destes idiomas desaparecerão no curto prazo, se não forem tomadas medidas urgentes para protegê-las. As únicas formas de se conseguir isto é por uma lei que determine a preservação e a transmissão, incluindo o ensino desses idiomas.

Este projeto obedece a princípios expressos no art. 215 da Constituição da República: a proteção das manifestações culturais indígenas (§ 1º) e a valorização da diversidade étnica e regional (§ 3º, inciso V). Obviamente, como vários outros bens culturais, as línguas indígenas se inserem em tais princípios.

Se a Carta Magna impõe tal obediência, a legislação infraconstitucional não a acompanha no ritmo e conforme as necessidades impostas pelo decurso do tempo.

O escopo deste projeto tem como base a classificação dos idiomas indígenas brasileiros proposta pelo lingüista e filólogo Aryon Dall'Igna Rodrigues, em seu monumental estudo publicado em Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas (São Paulo, Edições Loyola, 1986), reputado como obra de referência para os estudiosos desse assunto. Rodrigues parte dos dois grandes troncos, o tupi e o macro-jê, para classificar não apenas as línguas indígenas, mas também dialetos decorrentes de algumas delas.

De acordo com essa metodologia, são constatados dois principais troncos indígenas no Brasil, subdivididos em 39 famílias e em 162 línguas: 41 do ramo tupi, 21 do ramo macro-jê, e outras 100, de ramos diversos daqueles.

Seu agrupamento em troncos e famílias obedece a uma lógica de similitude de origem. Com o correr do tempo, esses troncos e essas famílias foram se diversificando, por aculturação intergrupal, por perda de vocábulos e expressões, devido ao desuso, por influência do Português ou mesmo do Espanhol, na região de fronteira. Por outro lado, ocorrem também famílias de apenas uma língua, por sua dessemelhança em relação às demais existentes.

À vista desse quadro de desaparecimento de línguas e de falantes que possibilitem sua documentação a manutenção, urge estabelecer um programa efetivo de recuperação e de transmissão desse bem cultural, inclusive com seu ensino a pessoas interessadas, em benefício das comunidades falantes, da Lingüística, da Antropologia e do Patrimônio de toda a humanidade.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Cristovam Buarque**.

### LEGISLAÇÃO CITADA

#### DECRETO-LEI Nº 25, DE 30 DE NOVEMBRO DE 1937

##### Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional.

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição,

Decreta:

#### CAPÍTULO I

##### Do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Art. 1º Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

§ 1º Os bens a que se refere o presente artigo só serão considerados parte integrante do patrimônio histórico e artístico nacional, depois de inscritos separada ou agrupadamente num dos quatro Livros do Tombo, de que trata o art. 4º desta lei.

§ 2º Equiparam-se aos bens a que se refere o presente artigo e são também sujeitos a tombamento os monumentos naturais, bem como os sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana.

Art. 2º A presente lei se aplica às coisas pertencentes às pessoas naturais, bem como às pessoas jurídicas de direito privado e de direito público interno.

Art. 3º Excluem-se do patrimônio histórico e artístico nacional as obras de origem estrangeira:

- 1) que pertençam às representações diplomáticas ou consulares acreditadas no País;
- 2) que adornem quaisquer veículos pertencentes a empresas estrangeiras, que façam carreira no País;
- 3) que se incluam entre os bens referidos no art. 10 da Introdução do Código Civil, e que continuem sujeitas à lei pessoal do proprietário;

4) que pertençam a casas de comércio de objetos históricos ou artísticos;

5) que sejam trazidas para exposições comemorativas, educativas ou comerciais;

6) que sejam importadas por empresas estrangeiras expressamente para adorno dos respectivos estabelecimentos.

Parágrafo único. As obras mencionadas nas alíneas 4 e 5 terão guia de licença para livre trânsito, fornecida pelo Serviço ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

#### CAPÍTULO II

##### Do Tombamento

Art. 4º O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional possuirá quatro Livros do Tombo, nos quais serão inscritas as obras a que se refere o art. 1º desta lei, a saber:

1) no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, as coisas pertencentes às categorias de arte arqueológica, etnográfica, ameríndia e popular, e bem assim as mencionadas no § 2º do citado art. 1º;

2) no Livro do Tombo Histórico, as coisas de interesse histórico e as obras de arte histórica;

3) no Livro do Tombo das Belas Artes, as coisas de arte erudita, nacional ou estrangeira;

4) no Livro do Tombo das Artes Aplicadas, as obras que se incluam na categoria das artes aplicadas, nacionais ou estrangeiras.

§ 1º Cada um dos Livros do Tombo poderá ter vários volumes.

§ 2º Os bens, que se incluem nas categorias enumeradas nas alíneas 1, 2, 3 e 4 do presente artigo, serão definidos e especificados no regulamento que for expedido para execução da presente lei.

Art. 5º O tombamento dos bens pertencentes à União, aos Estados e aos Municípios se fará de ofício, por ordem do diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, mas deverá ser notificado à entidade a quem pertencer, ou sob cuja guarda estiver a coisa tombada, a fim de produzir os necessários efeitos.

Art. 6º O tombamento de coisa pertencente à pessoa natural ou à pessoa jurídica de direito privado se fará voluntária ou compulsoriamente.

Art. 7º Proceder-se-á ao tombamento voluntário sempre que o proprietário o pedir e a coisa se revestir dos requisitos necessários para constituir parte integrante do patrimônio histórico e artístico nacional, a juízo do Conselho Consultivo do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ou sempre que o mesmo proprietário anuir, por escrito, à notificação, que se

lhe fizer, para a inscrição da coisa em qualquer dos Livros do Tombo.

Art. 8º Proceder-se-á ao tombamento compulsório quando o proprietário se recusar a anuir à inscrição da coisa.

Art. 9º O tombamento compulsório se fará de acordo com o seguinte processo:

1) o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, por seu órgão competente, notificará o proprietário para anuir ao tombamento, dentro do prazo de quinze dias, a contar do recebimento da notificação, ou para, se o quiser impugnar, oferecer dentro do mesmo prazo as razões de sua impugnação;

2) no caso de não haver impugnação dentro do prazo assinado, que é fatal, o diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional mandará por simples despacho que se proceda à inscrição da coisa no competente Livro do Tombo;

3) se a impugnação for oferecida dentro do prazo assinado, far-se-á vista da mesma, dentro de outros quinze dias fatais, ao órgão de que houver emanado a iniciativa do tombamento, a fim de sustentá-la. Em seguida, independentemente de custas, será o processo remetido ao Conselho Consultivo do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que proferirá decisão a respeito, dentro do prazo de sessenta dias, a contar do seu recebimento. Dessa decisão não caberá recurso.

Art. 10. O tombamento dos bens, a que se refere o art. 6º desta lei, será considerado provisório ou definitivo, conforme esteja o respectivo processo iniciado pela notificação ou concluído pela inscrição dos referidos bens no competente Livro do Tombo.

Parágrafo único. Para todas os efeitos, salvo a disposição do art. 13 desta lei, o tombamento provisório se equiparará ao definitivo.

### CAPÍTULO III

#### Dos Efeitos do Tombamento

Art. 11. As coisas tombadas, que pertençam à União, aos Estados ou aos Municípios, inalienáveis por natureza, só poderão ser transferidas de uma à outra das referidas entidades.

Parágrafo único. Feita a transferência, dela deve o adquirente dar imediato conhecimento ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Art. 12. A alienabilidade das obras históricas ou artísticas tombadas, de propriedade de pessoas naturais ou jurídicas de direito privado sofrerá as restrições constantes da presente lei.

Art. 13. O tombamento definitivo dos bens de propriedade particular será, por iniciativa do órgão competente do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional, transcrito para os devidos efeitos em livro a cargo dos oficiais do registro de imóveis e averbado ao lado da transcrição do domínio.

§ 1º No caso de transferência de propriedade dos bens de que trata este artigo, deverá o adquirente, dentro do prazo de trinta dias, sob pena de multa de dez por cento sobre o respectivo valor, fazê-la constar do registro, ainda que se trate de transmissão judicial ou **causa mortis**.

§ 2º Na hipótese de deslocação de tais bens, deverá o proprietário, dentro do mesmo prazo e sob pena da mesma multa, inscrevê-los no registro do lugar para que tiverem sido deslocados.

§ 3º A transferência deve ser comunicada pelo adquirente, e a deslocação pelo proprietário, ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, dentro do mesmo prazo e sob a mesma pena.

Art. 14. A coisa tombada não poderá sair do País, senão por curto prazo, sem transferência de domínio e para fim de intercâmbio cultural, a juízo do Conselho Consultivo do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Art. 15. Tentada, a não ser no caso previsto no artigo anterior, a exportação, para fora do País, da coisa tombada, será esta seqüestrada pela União ou pelo Estado em que se encontrar.

§ 1º Apurada a responsabilidade do proprietário, ser-lhe-á imposta a multa de cinquenta por cento do valor da coisa, que permanecerá seqüestrada em garantia do pagamento, e até que este se faça.

§ 2º No caso de reincidência, a multa será elevada ao dobro.

§ 3º A pessoa que tentar a exportação de coisa tombada, além de incidir na multa a que se referem os parágrafos anteriores, incorrerá, nas penas cominadas no Código Penal para o crime de contrabando.

Art. 16. No caso de extravio ou furto de qualquer objeto tombado, o respectivo proprietário deverá dar conhecimento do fato ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, dentro do prazo de cinco dias, sob pena de multa de dez por cento sobre o valor da coisa.

Art. 17. As coisas tombadas não poderão, em caso nenhum ser destruídas, demolidas ou mutiladas, nem, sem prévia autorização especial do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ser reparadas, pintadas ou restauradas, sob pena de multa de cinquenta por cento do dano causado.

Parágrafo único. Tratando-se de bens pertencentes à União, aos Estados ou aos municípios, a autoridade responsável pela infração do presente artigo incorrerá pessoalmente na multa.

Art. 18. Sem prévia autorização do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, não se poderá, na vizinhança da coisa tombada, fazer construção que lhe impeça ou reduza a visibilidade, nem nela colocar anúncios ou cartazes, sob pena de ser mandada destruir a obra ou retirar o objeto, impondo-se neste caso a multa de cinquenta por cento do valor do mesmo objeto.

Art. 19. O proprietário de coisa tombada, que não dispuser de recursos para proceder às obras de conservação e reparação que a mesma requerer, levará ao conhecimento do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional a necessidade das mencionadas obras, sob pena de multa correspondente ao dobro da importância em que for avaliado o dano sofrido pela mesma coisa.

§ 1º Recebida a comunicação, e consideradas necessárias as obras, o diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional mandará executá-las, a expensas da União, devendo as mesmas ser iniciadas dentro do prazo de seis meses, ou providenciará para que seja feita a desapropriação da coisa.

§ 2º À falta de qualquer das providências previstas no parágrafo anterior, poderá o proprietário requerer que seja cancelado o tombamento da coisa.

§ 3º Uma vez que verifique haver urgência na realização de obras e conservação ou reparação em qualquer coisa tombada, poderá o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional tomar a iniciativa de projetá-las e executá-las, a expensas da União, independentemente da comunicação a que alude este artigo, por parte do proprietário.

Art. 20. As coisas tombadas ficam sujeitas à vigilância permanente do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que poderá inspecioná-las sempre que for julgado conveniente, não podendo os respectivos proprietários ou responsáveis criar obstáculos à inspeção, sob pena de multa de cem mil réis, elevada ao dobro em caso de reincidência.

Art. 21. Os atentados cometidos contra os bens de que trata o art. 1º desta lei são equiparados aos cometidos contra o patrimônio nacional.

#### CAPÍTULO IV

##### Do Direito de Preferência

Art. 22. Em face da alienação onerosa de bens tombados, pertencentes a pessoas naturais ou a pessoas jurídicas de direito privado, a União, os Estados e os municípios terão, nesta ordem, o direito de preferência.

§ 1º Tal alienação não será permitida, sem que previamente sejam os bens oferecidos, pelo mesmo preço, à União, bem como ao Estado e ao município em que se encontrarem. O proprietário deverá notificar

os titulares do direito de preferência a usá-lo, dentro de trinta dias, sob pena de perdê-lo.

§ 2º É nula alienação realizada com violação do disposto no parágrafo anterior, ficando qualquer dos titulares do direito de preferência habilitado a seqüestrar a coisa e a impor a multa de vinte por cento do seu valor ao transmitente e ao adquirente, que serão por ela solidariamente responsáveis. A nulidade será pronunciada, na forma da lei, pelo juiz que conceder o seqüestro, o qual só será levantado depois de paga a multa e se qualquer dos titulares do direito de preferência não tiver adquirido a coisa no prazo de trinta dias.

§ 3º O direito de preferência não inibe o proprietário de gravar livremente a coisa tombada, de penhor, anticrese ou hipoteca.

§ 4º Nenhuma venda judicial de bens tombados se poderá realizar sem que, previamente, os titulares do direito de preferência sejam disso notificados judicialmente, não podendo os editais de praça ser expedidos, sob pena de nulidade, antes de feita a notificação.

§ 5º Aos titulares do direito de preferência assistirá o direito de remissão, se dela não lançarem mão, até a assinatura do auto de arrematação ou até a sentença de adjudicação, as pessoas que, na forma da lei, tiverem a faculdade de remir.

§ 6º O direito de remissão por parte da União, bem como do Estado e do município em que os bens se encontrarem, poderá ser exercido, dentro de cinco dias a partir da assinatura do auto de arrematação ou da sentença de adjudicação, não se podendo extrair a carta, enquanto não se esgotar este prazo, salvo se o arrematante ou o adjudicante for qualquer dos titulares do direito de preferência.

#### CAPÍTULO V

##### Disposições Gerais

Art. 23. O Poder Executivo providenciará a realização de acordos entre a União e os Estados, para melhor coordenação e desenvolvimento das atividades relativas à proteção do patrimônio histórico e artístico nacional e para a uniformização da legislação estadual complementar sobre o mesmo assunto.

Art. 24. A União manterá, para a conservação e a exposição de obras históricas e artísticas de sua propriedade, além do Museu Histórico Nacional e do Museu Nacional de Belas Artes, tantos outros museus nacionais quantos se tomarem necessários, devendo outrossim providenciar no sentido de favorecer a instituição de museus estaduais e municipais, com finalidades similares.

Art. 25. O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional procurará entendimentos com as autoridades eclesiásticas, instituições científicas, históricas

ou artísticas e pessoas naturais ou jurídicas, com o objetivo de obter a cooperação das mesmas em benefício do patrimônio histórico e artístico nacional.

Art. 26. Os negociantes de antiguidades, de obras de arte de qualquer natureza, de manuscritos e livros antigos ou raros são obrigados a um registro especial no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, cumprindo-lhes outrossim apresentar semestralmente ao mesmo relações completas das coisas históricas e artísticas que possuem.

Art. 27. Sempre que os agentes de leilões tiverem de vender objetos de natureza idêntica à dos mencionados no artigo anterior, deverão apresentar a respectiva relação ao órgão competente do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sob pena de incidirem na multa de cinquenta por cento sobre o valor dos objetos vendidos.

Art. 28. Nenhum objeto de natureza idêntica à dos referidos no art. 26 desta lei poderá ser posto à venda pelos comerciantes ou agentes de leilões, sem que tenha sido previamente autenticado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ou por perito em que o mesmo se louvar, sob pena de multa de cinquenta por cento sobre o valor atribuído ao objeto.

Parágrafo único. A autenticação do mencionado objeto será feita mediante o pagamento de uma taxa de peritagem de cinco por cento sobre o valor da coisa, se este for inferior ou equivalente a um conto de réis, e de mais cinco mil réis por conto de réis ou fração, que exceder.

Art. 29. O titular do direito de preferência goza de privilégio especial sobre o valor produzido em praça por bens tombados, quanto ao pagamento de multas impostas em virtude de infrações da presente lei.

Parágrafo único. Só terão prioridade sobre o privilégio a que se refere este artigo os créditos inscritos no registro competente, antes do tombamento da coisa pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Art. 30. Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1937, 116º da Independência e 49º da República. – **GETULIO VARGAS – Gustavo Capanema.**

**LEI Nº 8.313, DE 23 DE DEZEMBRO DE 1991 –  
DOU DE 23-12-1991**

**Restabelece princípios da Lei nº 7.505  
(1), de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura – PRONAC e dá outras Providências.**

O Presidente da República, faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

**CAPÍTULO I**

**Disposições Preliminares**

Art. 1º Fica instituído o Programa Nacional de Apoio à Cultura – PRONAC, com a finalidade de captar e canalizar recursos para o setor de modo a:

I – contribuir para facilitar, a todos, os meios para o livre acesso às fontes da cultura e o pleno exercício dos direitos culturais;

II – promover e estimular a regionalização da produção cultural e artística brasileira, com valorização de recursos humanos e conteúdos locais;

III – apoiar, valorizar e difundir o conjunto das manifestações culturais e seus respectivos criadores;

IV – proteger as expressões culturais dos grupos formadores da sociedade brasileira e responsáveis pelo pluralismo da cultura nacional;

V – salvaguardar a sobrevivência e florescimento dos modos de criar, fazer e viver da sociedade brasileira;

VI – preservar os bens materiais e imateriais do patrimônio cultural e histórico brasileiro;

VII – desenvolver a consciência internacional e o respeito aos valores culturais de outros povos ou nações;

VIII – estimular a produção e difusão de bens culturais de valor universal formadores e informadores de conhecimento, cultura e memória;

IX – priorizar o produto cultural originário do País.

Art. 2º O Pronac será implementado através dos seguintes mecanismos:

I – Fundo Nacional da Cultura – FNC;

II – Fundos de Investimento Cultural e Artístico – FICART;

III – Incentivo a projetos culturais.

Parágrafo único. Os incentivos criados pela presente lei somente serão concedidos a projetos culturais que visem a exibição, utilização e circulação públicas dos bens culturais deles resultantes, vedada a concessão de incentivo a obras, produtos, eventos ou outros decorrentes, destinados ou circunscritos a circuitos privados ou a coleções particulares.

Art. 3º Para cumprimento das finalidades expressas no artigo 1º desta lei, os projetos culturais em cujo favor serão captados e canalizados os recursos do Pronac atenderão, pelo menos, a um dos seguintes objetivos:

I – incentivo à formação artística e cultural, mediante:

a) concessão de bolsas de estudo, pesquisa e trabalho, no Brasil ou no exterior, a autores, artistas e técnicos brasileiros ou estrangeiros residentes no Brasil;

**b)** concessão de prêmios a criadores, autores, artistas, técnicos e suas obras, filmes, espetáculos musicais e de artes cênicas em concursos e festivais realizados no Brasil;

**c)** instalação e manutenção de cursos de caráter cultural ou artístico, destinados a formação, especialização e aperfeiçoamento de pessoal da área da cultura, em estabelecimentos de ensino sem fins lucrativos.

II – fomento à produção cultural e artística, mediante:

**a)** produção de discos, vídeos, filmes e outras formas de reprodução fonovideográfica de caráter cultural;

**b)** edição de obras relativas às ciências humanas, às letras e às artes;

**c)** realização de exposições, festas de arte, espetáculos de artes cênicas, de música e de folclore;

**d)** cobertura de despesas com transporte e seguro de objetos de valor cultural destinados a exposições públicas no País e no exterior;

**e)** realização de exposições, festivais de arte e espetáculos de artes cênicas ou congêneres.

III – preservação e difusão do patrimônio artístico, cultural e histórico, mediante:

**a)** construção, formação, organização, manutenção, ampliação e equipamento de museus, bibliotecas, arquivos e outras organizações culturais, bem como de suas coleções e acervos;

**b)** conservação e restauração de prédios, monumentos, logradouros, sítios e demais espaços, inclusive naturais, tombados pelos Poderes Públicos;

**c)** restauração de obras de arte e bens móveis e imóveis de reconhecido valor cultural;

**d)** proteção do folclore, do artesanato e das tradições populares nacionais.

IV – estímulo ao conhecimento dos bens e valores culturais, mediante:

**a)** distribuição gratuita e pública de ingressos para espetáculos culturais e artísticos;

**b)** levantamentos, estudos e pesquisas na área da cultura e da arte e de seus vários segmentos;

**c)** fornecimento de recursos para o FNC e para fundações culturais com fins específicos ou para museus, bibliotecas, arquivos ou outras entidades de caráter cultural.

V – apoio a outras atividades culturais e artísticas, mediante:

**a)** realização de missões culturais no País e no exterior, inclusive através do fornecimento de passagens;

**b)** contratação de serviços para elaboração de projetos culturais;

**c)** ações não previstas nos incisos anteriores e consideradas relevantes pela Secretaria da Cultura da Presidência da República – SEC/PR, ouvida a Comissão Nacional de Incentivo à Cultura – CNIC.

## CAPÍTULO II

### Do Fundo Nacional da Cultura – FNC

Art. 4º Fica ratificado o Fundo de Promoção Cultural, criado pela Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, que passará a denominar-se Fundo Nacional da Cultura – FNC, com o objetivo de captar e destinar recursos para projetos culturais compatíveis com as finalidades do Pronac e de:

I – estimular a distribuição regional equitativa dos recursos a serem aplicados na execução de projetos culturais e artísticos;

II – favorecer a visão interestadual, estimulando projetos que explorem propostas culturais conjuntas, de enfoque regional;

III – apoiar projetos dotados de conteúdo cultural que enfatizem o aperfeiçoamento profissional e artístico dos recursos humanos na área da cultura, a criatividade e a diversidade cultural brasileira;

IV – contribuir para a preservação e proteção do patrimônio cultural e histórico brasileiro;

V – favorecer projetos que atendam às necessidades da produção cultural e aos interesses da coletividade, aí considerados os níveis qualitativos e quantitativos de atendimentos às demandas culturais existentes, o caráter multiplicador dos projetos através de seus aspectos sócio-culturais e a priorização de projetos em áreas artísticas e culturais com menos possibilidade de desenvolvimento com recursos próprios.

§ 1º O FNC será administrado pela Secretaria da Cultura da Presidência da República – SEC/PR e gerido por seu titular, assessorado por um comitê constituído dos diretores da SEC/PR e dos presidentes das entidades supervisionadas, para cumprimento do Programa de Trabalho Anual aprovado pela Comissão Nacional de Incentivo à Cultura – CNIC de que trata o artigo 32 desta Lei, segundo os princípios estabelecidos nos artigos 1º e 3º da mesma.

§ 2º Os recursos do FNC serão aplicados em projetos culturais submetidos com parecer da entidade supervisionada competente na área do projeto, ao Comitê Assessor, na forma que dispuser o regulamento.

§ 3º Os projetos aprovados serão acompanhados e avaliados tecnicamente pelas entidades supervisionadas, cabendo a execução financeira à SEC/PR.

§ 4º Sempre que necessário, as entidades supervisionadas utilizarão peritos para análise e parecer sobre os projetos, permitida a indenização de despesas com o deslocamento, quando houver, e respectivos



**pró labore** e ajuda de custos, conforme ficar definido no regulamento.

§ 5º O Secretário da Cultura da Presidência da República designará a unidade da estrutura básica da SEC/PR que funcionará como secretaria executiva do FNC.

§ 6º Os recursos do FNC não poderão ser utilizados para despesas de manutenção administrativa da SEC/PR.

§ 7º Ao término do projeto, a SEC/PR efetuará uma avaliação final de forma a verificar a fiel aplicação dos recursos, observando as normas e procedimentos a serem definidos no regulamento desta Lei, bem como a legislação em vigor.

§ 8º As instituições públicas ou privadas receptoras de recursos do FNC e executoras de projetos culturais, cuja avaliação final não for aprovada pela SEC/PR, nos termos do parágrafo anterior, ficarão inabilitadas pelo prazo de três anos ao recebimento de novos recursos, ou enquanto a SEC/PR não proceder a reavaliação do parecer inicial.

Art. 5º O FNC é um fundo de natureza contábil, com prazo indeterminado de duração, que funcionará sob as formas de apoio a fundo perdido ou de empréstimos reembolsáveis, conforme estabelecer o regulamento, e constituído dos seguintes recursos:

I – recursos do Tesouro Nacional;

II – doações, nos termos da legislação vigente;

III – legados;

IV – subvenções e auxílios de entidades de qualquer natureza, inclusive de organismos internacionais;

V – saldos não utilizados na execução dos projetos a que se referem o capítulo IV e o presente capítulo desta Lei;

VI – devolução de recursos de projetos previstos no capítulo IV e no presente capítulo desta Lei, e não iniciados ou interrompidos, com ou sem justa causa;

VII – um por cento da arrecadação dos Fundos de Investimentos Regionais, a que se refere a Lei nº 8.167 (2), de 16 de janeiro de 1991, obedecida na aplicação a respectiva origem geográfica regional;

VIII – um por cento da arrecadação bruta das loterias federais, deduzindo-se este valor do montante destinado aos prêmios;

IX – reembolso das operações de empréstimo realizadas através do Fundo, a título de financiamento reembolsável, observados critérios de remuneração que, no mínimo, lhe preserve o valor real;

X – resultado das aplicações em títulos públicos federais, obedecida a legislação vigente sobre a matéria;

XI – Convenção da dívida externa com entidades e órgãos estrangeiros, unicamente mediante doações, no limite a ser fixado pelo Ministério da Economia, Fazenda de Planejamento, observadas as normas e procedimentos do Banco Central do Brasil;

XII – saldos de exercícios anteriores;

XIII – recursos de outras fontes.

Art. 6º O FNC financiará até oitenta por cento do custo total de cada projeto, mediante comprovação, por parte do proponente, ainda que pessoa jurídica de direito público, da circunstância de dispor do montante remanescente ou estar habilitado à obtenção do respectivo financiamento, através de outra fonte devidamente identificada, exceto quanto aos recursos com destinação especificada na origem.

§ 1º (Vetado).

§ 2º Poderão ser considerados, para efeito de totalização do valor restante, bens e serviço oferecidos pelo proponente para implementação do projeto, a serem devidamente avaliados pela SEC/PR.

Art. 7º A SEC/PR estimulará, através do FNC, a composição, por parte de instituições financeiras, de Carteiras para financiamento de projetos culturais, que levem em conta caráter social da iniciativa, mediante critérios, normas, garantias e taxas de juros especiais a serem aprovados pelo Banco Central do Brasil.

### CAPÍTULO III

#### **Dos Fundos de Investimento Cultural e Artístico – FICART**

Art. 8º Fica autorizada a constituição de Fundos de Investimento Cultural e Artístico – FICART, sob a forma de condomínio, sem personalidade jurídica, caracterizando comunhão de recursos destinados à aplicação em projetos culturais e artísticos.

Art. 9º São considerados projetos culturais e artísticos, para fins de aplicação de recursos do FICART, além de outros que assim venham a ser declarados pela CNIC:

I – a produção comercial de instrumentos musicais, bem como de discos, fitas, vídeos, filmes e outras formas de reprodução fonovideográficas;

II – a produção comercial de espetáculos teatrais, de dança, música, canto, circo e demais atividades congêneres;

III – a edição comercial de obras relativas às ciências, às letras e às artes, bem como de obras de referência e outras de cunho cultural;

IV – construção, restauração, reparação ou equipamento de salas e outros ambientes destinados a atividades com objetivos culturais, de propriedade de entidades com fins lucrativos;

V – outras atividades comerciais ou indústrias, de interesse cultural, assim considerados pela SEC/PR, ouvida a CNIC.

Art. 10. Compete à Comissão de Valores Mobiliários, ouvida a SEC/PR, disciplinar a constituição, o funcionamento e a administração do Ficart, observadas as disposições desta Lei e as normas gerais aplicáveis aos fundos de investimento.

Art. 11. As quotas dos Ficart, emitidas sempre sob a forma nominativa ou escritural, constituem valores mobiliários sujeitos ao regime da Lei nº 6.385 (3), de 7 de dezembro de 1976.

Art. 12. O titular das quotas de Ficart:

I – não poderá exercer qualquer direito real sobre os bens e direitos integrantes do Patrimônio do Fundo;

II – não responde pessoalmente por qualquer obrigação legal ou contratual, relativamente aos empreendimentos do Fundo ou da instituição administradora, salvo quanto à obrigação de pagamento do valor integral das quotas subscritas.

Art. 13. À instituição administradora de Ficart compete:

I – representá-lo ativa e passivamente, judicial e extrajudicialmente;

II – responder pela evicção de direito, na eventualidade da liquidação deste.

Art. 14. Os rendimentos e ganhos de capital auferidos pelos Ficart ficam isentos do imposto sobre operações de crédito, câmbio e seguro, assim como do imposto sobre a renda e proventos de qualquer natureza.

Art. 15. Os rendimentos e ganhos de capital distribuídos pelo Ficart, sob qualquer forma, sujeitam-se à incidência do imposto sobre a Renda na fonte à alíquota de vinte e cinco por cento.

Parágrafo único. Ficam excluídos da incidência na fonte da fonte de trata este artigo, os rendimentos distribuídos a beneficiário pessoal jurídica tributada com base no lucro real, os quais deverão ser computados na declaração anual de rendimentos.

Art. 16. Os ganhos de capital auferidos por pessoas físicas ou jurídicas não tributadas com base no lucro real, inclusive isentas, decorrentes da alienação ou resgate de quotas do Ficart, sujeitam-se à incidência do imposto sobre a Renda, à mesma alíquota prevista para tributação de rendimentos obtidos na alienação ou resgate de quotas de Fundos Mútuos de Ações.

§ 1º Considera-se ganho de capital a diferença positiva entre o valor de cessão ou resgate da quota e o custo médio atualizado da aplicação, observadas as datas de aplicação, resgates ou cessão, nos termos da legislação pertinente.

§ 2º O ganho de capital será de apurado em relação a cada resgate ou cessão, sendo permitida a compensação do prejuízo havido em uma operação com o lucro obtido em outra, da mesma ou diferente espécie, desde que de renda variável, dentro do mesmo exercício fiscal.

§ 3º O imposto será pago até o último dia útil da primeira quinzena do mês subsequente àquele em que o ganho de capital foi auferido.

§ 4º Os rendimentos e ganhos de capital a que se referem o **caput** deste artigo e o artigo anterior, quando auferidos por investigadores residentes ou domiciliados no exterior, sujeitam-se atribuição sobre a renda, nos termos da legislação aplicável a esta classe de contribuintes.

Art. 17. O tratamento fiscal previsto nos artigos precedentes somente incide sobre os rendimentos decorrentes de aplicações em FICART que atendam a todos os requisitos previstos na presente Lei e na respectiva regulamentação a ser baixada pela Comissão de Valores Mobiliários.

Parágrafo único. Os rendimentos e ganhos de capital auferidos por FICART, que dexam de atender os requisitos específicos desse tipo de Fundo, sujeitar-se-ão atribuição prevista no artigo 43 da Lei nº 7.713 (4), de 22 de dezembro de 1988.

#### CAPÍTULO IV

##### Do Incentivo a Projetos Culturais

Art. 18. Com o objetivo de incentivar as atividades culturais, a União facultará às pessoas físicas ou jurídicas a opção pela aplicação de parcelas do imposto sobre a Renda a título de doações ou patrocínios, tanto no apoio a projetos culturais apresentados por pessoas físicas ou por pessoas jurídicas de natureza cultural, de caráter privado, como através de contribuições ao FNC, nos termos do artigo 5º desta Lei, desde que os projetos atendam aos critérios estabelecidos no artigo 1º desta Lei, em torno dos quais será dada prioridade de execução pela CNIC.

Art. 19. Os projetos culturais previstos nesta Lei serão apresentados à SEC/PR, ou a quem esta delegar a atribuição, acompanhados de planilha de custos, para aprovação de seu enquadramento nos adjetivos do PRONAC e posterior encaminhamento a CNIC para decisão final.

§ 1º No prazo máximo de noventa dias do seu recebimento poderá a SEC/PR notificar o proponente do projeto de não fazer jus aos benefícios pretendidos informando os motivos da decisão.

§ 2º Da notificação que se refere o parágrafo anterior, caberá recurso à CNIC, que deverá decidir no prazo de sessenta dias.

§ 3º (vetado)

§ 4º (vetado)

§ 5º (vetado)

§ 6º A provação somente terá eficácia após publicação de ato oficial contendo o título do projeto aprovado e a instituição por ele responsável, o valor autorizado para obtenção de doação ou patrocínio e o prazo de validade da autorização.

§ 7º A SEC/PR publicará anualmente até 28 de fevereiro, montante de recursos autorizados no exercício anterior pela CNIC, nos termos do disposto nesta Lei, devidamente discriminados por beneficiário.

Art. 20. Os projetos aprovados do artigo anterior serão, durante sua execução, acompanhados e avaliados pela SEC/PR ou quem receber a delegação destas atribuições.

§ 1º A SEC/PR, após o término da execução dos projetos previstos neste artigo, deverá, no prazo de seis meses, fazer uma avaliação final da aplicação correta dos recursos recebidos, podendo inibir seus responsáveis pelo prazo de até três anos.

§ 2º Da decisão da SEC/PR caberá recursos à CNIC, que decidirá no prazo de sessenta dias.

§ 3º O Tribunal de Contas da União incluirá em seu parecer prévio sobre as contas do Presidente da República análise relativa à avaliação de que trata este artigo.

Art. 21. As entidades incentivadoras e captadoras de que trata este Capítulo deverão comunicar, na forma que venha a ser estipulada pelo Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento, e SEC/PR, os aportes financeiros realizados e recebidos, bem como as entidades captadoras efetuar a comprovação de sua aplicação.

Art. 22. Os projetos enquadrados nos objetivos de desta Lei não poderão ser objeto de apreciação quanto ao seu valor artístico ou cultural.

Art. 23. Para fins deste Lei, considera-se:

I – (vetado).

II – patrocínio: a transferência de numerário, com finalidade promocional ou a cobertura pelo contribuinte do Imposto sobre a Renda e porventos e Qualquer Natureza, de gastos, ou a utilização de bem móvel ou imóvel do seu patrimônio, sem a transferência de domínio, para a realização, por outra pessoa física ou jurídica de atividade cultural com ou sem finalidade lucrativa prevista no artigo 3º desta Lei.

§ 1º Constitui infração a esta Lei o recebimento pelo patrocinador, de qualquer vantagem financeira ou material em decorrência do patrocínio que efetuar.

§ 2º As transferências defendidas neste artigo não estão sujeitas ao recolhimento do Imposto sobre a Renda na fonte.

Art. 24. Para os fins deste Capítulo, equiparam-se a doações, nos termos do regulamento

I – distribuições gratuitas de ingressos para eventos de caráter artístico-cultural por pessoa jurídicas a seus empregados e dependentes legais;

II – despesas efetuadas por pessoas físicas ou jurídicas com o objetivo de conservar, preservar ou restaurar bens de sua propriedade ou sob sua posse legítima, tombados pelo Governo Federal, desde que atendidas as seguintes disposições:

a) preliminar definição, pelo Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural – IBPC, das normas e critérios técnicos que deverão reger os projetos e orçamentos de que trata este inciso;

b) aprovação prévia, IBPC, dos projetos e respectivos orçamentos de execução de obras;

c) posterior certificação, pelo referido órgão, das despesas efetivamente realizadas e das circunstâncias de terem sido obras executadas de acordo com os projetos aprovados.

Art. 25. Projetos a serem apresentados por pessoas físicas ou pessoas jurídicas, de natureza cultural para fins de incentivo, objetivarão desenvolver as formas de expressão, os modos de criar e fazer, os processos de preservação e proteção do patrimônio cultural brasileiro, e os estudos e métodos de interpretação da realidade cultural, bem como contribuir para propiciar meios, à população em geral, permitam o conhecimento dos bens e valores artísticos e culturais, compreendendo entre outros, os seguintes segmentos:

I – teatro, dança, circo, ópera, mímica e congêneres;

II – produção cinematográfica, videocinematográfica, fotográfica, discográfica e congêneres;

III – literatura, inclusive obras de referência;

IV – música;

V – artes plásticas, artes gráficas, gravuras, cartazes, filatelia e outras congêneres;

VI – folclore e artesanato;

VII – patrimônio cultural inclusive histórico, arquitetônico, arqueológico, bibliotecas, museus, arquivos e demais acervos;

VIII – humanidades; e

IX – rádio e televisão, educativas e culturais, de caráter não-comercial.

Parágrafo único. Os projetos culturais relacionados com os segmentos culturais do inciso II deste artigo deverão beneficiar, única e exclusivamente, produções independentes conforme definir o regulamento desta Lei.

Art. 26. O doador ou patrocinador poderá deduzir do imposto devido na declaração do imposto sobre a renda os valores efetivamente contribuídos em favor

de projetos culturais aprovados de acordo com os dispositivos desta Lei, tendo como base os seguintes percentuais:

I – no caso das pessoas físicas, oitenta por cento das doações e sessenta por cento dos patrocínios;

II – no caso das pessoas jurídicas tributadas com base no lucro real, quarenta por cento das doações e trinta por cento dos patrocínios.

§ 1º A pessoa jurídica tributada com base no lucro real poderá abater as doações e patrocínios como despesa operacional.

§ 2º O valor máximo das deduções de que trata o **caput** deste artigo será fixado anualmente pelo presidente da República, com base em um percentual da renda tributável das pessoas físicas e do imposto devido por pessoas jurídicas tributadas com base no lucro real.

§ 3º Os benefícios de que trata este artigo não excluem ou reduzem outros benefícios, abatimentos e deduções em vigor, em especial as doações a entidades de utilidade pública efetuadas por pessoas físicas ou jurídicas.

§ 4º (Vetado)

§ 5º O Poder Executivo estabelecerá mecanismo de prevenção do valor real das contribuições em favor de projetos culturais, relativamente a este Capítulo.

Art. 27. A doação ou o patrocínio não poderá ser efetuada a pessoa ou instituição vinculada ao agente.

§ 1º Consideram-se vinculados ao doador ou patrocinador:

**a)** a pessoa jurídica da qual o doador ou patrocinador seja titular, administrador, gerente, acionista ou sócio, na data da operação, ou nos doze meses anteriores;

**b)** o cônjuge, os parentes até o terceiro grau, inclusive os afins, e os dependentes do doador ou patrocinador ou dos titulares, administradores, acionistas ou sócios de pessoa jurídica vinculada ao doador ou patrocinador, nos termos da alínea anterior;

**c)** outra pessoa jurídica da qual o doador ou patrocinador seja sócio.

§ 2º Não se consideram vinculadas as instituições culturais sem fins lucrativos, criadas pelo doador ou patrocinador, desde que, devidamente construídas e em funcionamento, na forma da legislação em vigor e aprovadas pela CNIC.

Art. 28. Nenhuma aplicação dos recursos previstos nesta Lei poderá ser feita de qualquer tipo de intermediação.

Parágrafo único. A contratação de serviços necessários à elaboração de projetos para obtenção de

doação, patrocínio ou investimentos não configura a intermediação referida neste artigo.

Art. 29. Os recursos provenientes de doações ou patrocínios deverão ser depositados e movimentados, em conta bancária específica, em nome do beneficiário, e a respectiva prestação de contas deverá ser feita nos termos do regulamento da presente Lei.

Parágrafo único. Não serão consideradas, para fins de comprovação do incentivo, as contribuições, em relação às quais não se observe esta determinação.

Art. 30. As infrações aos dispositivos deste Capítulo, sem prejuízo das sanções penais cabíveis, sujeitarão o doador ou patrocinador ao pagamento do valor atualizado do imposto sobre a renda devido em relação a cada exercício financeiro, além das penalidades e demais acréscimos previstos na legislação que rege a espécie.

Parágrafo único. Para os efeitos deste artigo, considera-se solidariamente responsável por inadimplência ou irregularidade verificada a pessoa física ou jurídica proponente do projeto.

## CAPÍTULO V

### Das Disposições Gerais e Transitórias

Art. 31. Com finalidade de garantir a participação comunitária, a representação de artistas e criadores no trato oficial dos assuntos da cultura e a organização nacional sistêmica da área, o Governo Federal estimulará a institucionalização de conselhos de cultura no Distrito Federal, nos Estados, e nos Municípios.

Art. 32. Fica instituída a Comissão Nacional de Incentivos à Cultura – CNIC, com a seguinte composição:

I – o Secretário da Cultura da Presidência da República;

II – os presidentes das entidades supervisionadas pela SEC/PR;

III – o presidente da entidade nacional que congrega os secretários de cultura as unidades federadas;

IV – um representante do empresariado brasileiro;

V – seis representantes de entidades associativas dos setores culturais e artístico de âmbito nacional.

§ 1º A CNIC será presidida pela autoridade referida no inciso I deste artigo que, para fins de desempate terá voto de qualidade.

§ 2º Os mandatos, a indicação e a escolha dos representantes a que se referem os incisos IV e V deste artigo, assim como a competência da CNIC, serão estipulados e definidos pelo regulamento desta Lei.

Art. 33. A SEC/PR, com a finalidade de estipular e valorizar a arte e a cultura, estabelecerá um sistema

de premiação anual que reconheça as contribuições mais significativas para a área:

I – de artistas ou grupos de artistas brasileiros ou residentes no Brasil, pelo conjunto de sua obra por obras individuais;

II – de profissionais da área do patrimônio cultural;

III – de estudiosos e autores na interpretação crítica da cultura nacional, através de ensaios, estudos e pesquisas.

Art. 34. Fica instituída a Ordem do Mérito Cultural, cujo estatuto será aprovado por decreto do Poder Executivo, sendo que as distinções serão consedidas pelo presidente da República, ato solene, às pessoas que, por sua atuação profissional ou como incentivadoras das artes e da cultura, merecem reconhecimento.

Art. 35. Os recursos destinados ao então Fundo de Promoção Cultural, nos termos do art. 1º, § 6º, da Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, serão recolhidos ao Tesouro Nacional para aplicação pelo FNC, observada a sua finalidade.

Art. 36. O Departamento da Receita Federal, do Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento, no exercício de suas atribuições específicas, fiscalizará a efetiva execução desta Lei, no que se refere à aplicação de incentivos fiscais nela previstos.

Art. 37. O Poder Executivo a fim de atender ao disposto no art.º 26, § 2º desta Lei, adequando-o às disposições da Lei de Diretrizes Orçamentárias, enviará, no prazo de 30 dias, mensagem ao Congresso Nacional, estabelecendo o total da renúncia fiscal e correspondente ao cancelamento de despesas orçamentárias.

Art. 38. Na hipótese de dolo, fraude ou simulação, inclusive no caso de desvio de objeto, será aplicada, ao doador e ao beneficiário, a multa correspondente a duas vezes o valor da vantagem recebida indevidamente.

Art. 39. Constitui crime, punível com a reclusão de dois a seis meses e multa de vinte por cento do valor do projeto, qualquer discriminação de natureza política que atente contra a liberdade de expressão, de atividade intelectual e artística, de consciência ou crença, no andamento dos projetos a que se referem esta Lei.

Art. 40. Constitui crime, punível, com reclusão de dois a seis meses e multa de vinte por cento do valor do projeto, obter redução do imposto sobre a renda utilizando-se fraudulamente de qualquer benefício desta Lei.

§ 1º No caso de pessoa jurídica respondem pelo crime o acionista controlador e os administradores que para ele tenham concorrido.

§ 2º Na mesma pena incorre aquele que, recebendo recursos, bens ou valores em função desta Lei, deixe de promover, sem justa causa, atividade cultural de objeto do incentivo.

Art. 41. O Poder Executivo, no prazo de sessenta dias, regulamentará a presente Lei.

Art. 42. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 43. Revogam-se as disposições em contrário. – **FERNANDO COLLOR**, Presidente da República – **Jarbas Passarinho**.

*(À Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa, em decisão terminativa.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Os projetos que acabam de ser lidos serão publicados e remetidos às Comissões competentes.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF) – Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra, pela ordem, ao Senador Cristovam Buarque.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, quero apenas pedir permissão para fazer uma comunicação inadiável.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Cristovam Buarque.

Em seguida, falará o Senador Geraldo Mesquita Júnior, como primeiro orador inscrito.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF. Para uma comunicação inadiável. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> Senadoras e Srs. Senadores, este instituto do Regimento, a comunicação inadiável, muitas vezes o usamos para aproveitar a chance de falar. Mas, desta vez, Senador Mesquita, eu creio que, de fato, trata-se de uma comunicação inadiável, diante da tragédia que vivemos nós, os brasileiros, com a destruição constante e sistemática das nossas florestas em geral e não apenas da Amazônica.

Se nós nos dedicássemos um pouco a pensar o que vão dizer dos brasileiros daqui a vinte, trinta, cinquenta, cem anos, eu não tenho dúvida, Sr. Presidente, de que a marca que nós vamos deixar é a marca dos destruidores da Amazônia. Cada geração deixa uma marca, a nossa vai ser essa. Não vai ser a da construção de Brasília, não vai ser a do desenvolvimento econômico pelo que ele tem de positivo; vai ser a marca de uma geração de brasileiros que destruiu um patrimônio do País e também um patrimônio da Humanidade. Obviamente, os nossos governantes vão pagar um preço maior, porque eles foram, por

omissão ou incompetência, os responsáveis por essa destruição. Mas nós todos, brasileiros, vamos pagar. É por isso que nós precisamos agir.

Eu quero propor aqui, Senador Mesquita, o senhor que é homem de lá, algumas ações. A primeira, claro, é criar uma consciência nacional da necessidade de proteger as nossas florestas. Nós não temos essa consciência. A verdade é que a ânsia, a ganância de todos nós – não vamos pôr a culpa nos outros – pelo lucro, pelo aumento do Produto Interno Bruto, pela pecuária, pela soja, leva à tolerância da destruição da Amazônia. Além disso, ali há habitantes, habitantes pobres, que têm o direito de sobreviver, mesmo que para isso eles sejam obrigados a destruir matas. Por isso, consciência é preciso.

Segundo, defendo que tenhamos áreas que sejam, de fato, reservas florestais garantidas, com a ocupação, se possível e necessária, militar para que ali não se toque.

E o terceiro ponto, Senador Mesquita, que quero falar e para o qual pedir seu apoio é de termos uma solução para financiar os moradores da Amazônia, para que eles protejam a floresta. Nesse sentido, eu apresentei um projeto de lei que tenta casar dois problemas ambientais de hoje: o superconsumo de petróleo e a superdestruição das florestas. Apresentei um projeto simples. Hoje, o Brasil paga 10% de **royalty** a cada Estado de onde sai o petróleo: 10% são pagos, os 5% são uma questão de reserva. Se passar de 5% até 10%, o dinheiro vai para o Estado, para o Município, para o Ministério da Marinha. O meu projeto aumenta o **royalty** de 10% para 15%. Agora, esses 5% adicionais serão transferidos, por meio do Ministério do Meio Ambiente, aos Estados e Municípios, para que eles mantenham as florestas.

Estamos vendo o Inpe apresentando as fotografias das queimadas. Nós podemos fazer o contrário: através dessas fotos, nós identificarmos onde as florestas continuam, de um ano para o outro, de um mês para o outro, e, onde continuam, esse dinheiro seria transferido em partes iguais ao Estado e ao Município, que poderiam usar esse dinheiro tanto para financiar as atividades de controle, como, inclusive, para dar renda à população local. Com renda à população local, ela se sente na obrigação, no interesse de proteger aquela floresta: o **royalty** verde, uma expressão que usei em 2006, durante a campanha presidencial, e que, agora, transformo num projeto de lei.

Nós, consumidores, destruidores de petróleo, que queimamos petróleo, pagamos 5% a mais do **royalty**, que não vai dar mais do que 0,5% se a Petrobras transferir todo o custo para o consumidor. E esse dinheiro a gente usa para pagar o recurso que não é gasto; ou

seja, a destruição de um recurso servindo para proteger o outro recurso.

Fora isso, só uma coisa a mais: um grande programa para ensinar os nossos caboclos a usarem os recursos que ali estão. E, aí, se eu pudesse dar um conselho ao Presidente Lula, eu sugeriria que convidasse nosso ex-colega, o Senador Capiberibe, que como Governador do Amapá mostrou que é possível gerar renda sem destruir a floresta, para que viesse aqui, a Brasília, dar uma lição ao Ministério do Meio Ambiente, aos diversos órgãos deste País.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Cristovam Buarque, entendo a importância do pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup>, mas, quero, ao mesmo tempo, fazer com que o tempo dos oradores seja obedecido...

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF) – Mas ainda faltam alguns segundos.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concederei mais dois minutos a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF) – Muito obrigado. Já estava pronto para concluir no tempo. Agradeço, Sr. Presidente, dentro do seu espírito de entender a importância desta Casa na defesa dos assuntos que temos de enfrentar.

Sr. Presidente, eu estava pronto para cumprir meus cinco minutos, como costume fazer aqui, mas quero apenas lembrar a esta Casa a necessidade de que nos reunamos para saber que nossa marca na história da Humanidade, nos próximos vinte, trinta, cinquenta, cem anos, vai ser a marca vergonhosa daquela geração de brasileiros que destruiu a Amazônia.

Ainda é tempo, se soubermos divulgar como explorar a riqueza sem destruir a natureza, como Capiberibe fez quando Governador; se criarmos **royalties** que pague aquela população dos Estados e Municípios para que mantenham as florestas e, obviamente, ocuparmos, militarmente se preciso for, certas áreas para que elas sejam guardadas como patrimônio que temos a obrigação de manter para o Brasil e para a Humanidade.

Há alguns anos, em um dos cursos que fiz nos Estados Unidos, perguntaram-me se eu era a favor da internacionalização da Amazônia, e eu disse que não. Um jovem disse-me que não queria ouvir minha opinião de brasileiro, mas, sim, de humanista, de ser humano. Então eu lhe respondi que, nesse caso, até seria favorável à internacionalização, desde que internacionalizássemos todas as reservas de petróleo; desde que internacionalizássemos também os arsenais nucleares do seu país, os Estados Unidos; desde que internacionalizássemos Nova Iorque, sede das Nações

Unidas. Enquanto isso não fosse feito, a Amazônia seria nossa e só nossa.

Eu temo que, se a destruição continuar, em breve, haverá pessoas que dirão: “A Amazônia não é de vocês, porque vocês não são capazes de mantê-la”. Ainda há tempo de mantê-la eficientemente, respeitando o povo que ali vive e tem direito a uma parte da riqueza. Ainda há tempo e é com essa intenção, Senador Mesquita, que apresentei esse projeto: aumentar o **royalty** do petróleo e usar esse dinheiro para proteger a Amazônia.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço ao Senador Cristovam Buarque e concedo a palavra ao Senador Geraldo Mesquita Júnior, primeiro orador inscrito, que disporá de vinte minutos.

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, Senador Cristovam, que bom que V. Ex<sup>a</sup> abre a sessão de hoje com um pronunciamento sobre a Amazônia, a Floresta Amazônica, trazendo suas preocupações e propostas porque, como já havia anunciado – e gostaria muito da atenção do Senador Cristovam Buarque porque o assunto é praticamente uma continuidade do que ele traz hoje à Casa –, eu me comprometi e vou cumprir à exaustão: vou eleger este tema como aquele sobre o qual mais me pronunciarei nesta Casa.

Vou fazer uma série de discursos a respeito dele, trazendo propostas, assim como V. Ex<sup>a</sup> trouxe hoje, porque o Senado Federal, particularmente, deve se preocupar excessivamente, deve se mobilizar de forma absoluta em torno dessa questão sob pena de daqui... Antigamente, falava-se em cem anos; hoje o prazo está encurtando, Senador Cristovam; talvez hoje já tenhamos que falar que, daqui a trinta anos, a situação vai estar terrível se não tomarmos tento, se não tomarmos algumas providências inevitáveis.

Faço hoje mais um pronunciamento sobre o tema, fruto das minhas reflexões, fruto da minha experiência, das minhas andanças pelo meu Estado, pela nossa grande Amazônia e quero compartilhar particularmente com V. Ex<sup>a</sup>. Quando um homem público da sua envergadura entra numa discussão como esta, Senador Cristovam, fico mais animado. Ficamos mais próximos da possibilidade de conseguir sensibilizar meio mundo, todos os brasileiros acerca de um problema que fingimos, fazemos de conta que não está no nosso calcanhar, mas está no nosso calcanhar, Senador, e é um problema de gravidade extrema.

Trago hoje informações a respeito do tema e começo citando uma pergunta angustiada do subchefe do Ibama em Alta Floresta. Ele pergunta o seguinte:

“De que adianta bloquear autorizações de desmate em uma região em que a maior parte das derrubadas são feitas sem autorização?”

Essa pergunta angustiada foi feita no final de janeiro ao repórter Rodrigo Vargas, da **Folha de S. Paulo**, pelo chefe-substituto do Ibama em Alta Floresta, Mato Grosso, Cláudio Cazal, para mostrar que as medidas até agora tomadas pelo Governo Federal para coibir o desmatamento ilegal da Amazônia são inócuas e “o quanto Brasília desconhece a realidade da Amazônia”. O Ibama, na opinião do Cláudio Cazal, “atua de forma precária nas regiões críticas e tem excesso de servidores, verbas e estrutura em Brasília e nos escritórios das capitais”. Ainda, segundo ele, “os servidores e os recursos estão concentrados onde o problema não existe”.

De acordo com a reportagem de Rodrigo Vargas, publicada no dia 28 de janeiro último, “o escritório do Ibama de Alta Floresta é responsável pela fiscalização de crimes ambientais em treze municípios da região norte de Mato Grosso. É uma área superior ao território dos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo juntos. “Teríamos que ter pelo menos cinquenta servidores para dar retorno a essas medidas de emergência, mas temos somente três. E, atualmente, nenhum carro”, declarou o funcionário do Ibama.

Esse é apenas um dos aspectos do drama imenso que vivemos na Amazônia e evidencia, como os demais, a inexistência completa de um projeto para aquela importante região do País. O Ibama não era para ser um organismo apenas fiscalizador, multador, expectador do desastre que ocorre na Amazônia. Tivéssemos um projeto nacional para aquela região, o Ibama teria papel relevante na sua execução e se destacaria mais pela sua atividade de educação ambiental que propriamente pela sua atuação fiscalizatória. Mas, para isso, é fundamental a elaboração de um grande projeto, tendo como premissa a realização de inventário exaustivo das riquezas existentes no interior da Amazônia que servisse de base para a realização de zoneamentos e diagnósticos capazes de indicar quais atividades poderíamos realizar, onde, como e quando e para quais propósitos.

Temos organismos que poderiam dar conta da missão, por exemplo: Inpa (Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia), Inpe, universidades, o próprio Ibama, Incra e tantos outros instrumentos de pesquisa e de atuação na Amazônia, que, com a colaboração dos habitantes da floresta e com o apoio logístico das Forças Armadas, podem fazer aquilo que há muito já deveria ter sido feito, ou seja, esse grande inventário, esse grande levantamento das riquezas, das potencialidades da Amazônia, dos seus aspectos mais peculia-

res e mais particulares, para que, enfim, façamos um grande diagnóstico que possa orientar uma política, um projeto para aquela grande e importante região do País. É necessário, entretanto, que essas instituições sejam dotadas de recursos humanos e matérias proporcionais ao tamanho da tarefa, do contrário, Senador Paim, continuaremos fazendo de conta que estamos nos esforçando para mudar o quadro.

Quando temos que viver correndo atrás do prejuízo é porque, por imprevidência ou incúria, não nos programamos para evitá-lo. Ano após ano, mostramos “surpresos” e “indignados” com os desastres que na Amazônia se repetem com uma frequência imperiturbável, quando, no fundo, sabemos tratar-se de desastres previamente anunciados.

Querem ver? Todos os anos, centenas de pessoas morrem nos rios da Amazônia, vítimas de naufrágios de embarcações precárias que não oferecem a mínima segurança, e nada é feito para acabar com essa tragédia; todos os anos, milhares de pessoas contraem malária, e muitas morrem – muitas, Senador Paim –, por absoluta ausência de políticas públicas responsáveis na região; todos os anos, milhões de árvores são arrancadas criminosamente e ilegalmente do solo da Amazônia sem que ação concreta seja tomada para impedi-lo.

É aquela história: quem não sabe onde quer chegar é levado a chegar onde não deseja. Seguidamente, temos sido levados a chegar à boca do inferno, porque até agora não fixamos o que queremos da Amazônia e para a Amazônia.

A nossa história, ao longo dos tempos, é a história do enriquecimento de poucos e do empobrecimento de muitos; é a história da exploração predatória de matéria-prima bruta às custas do trabalho quase escravo da maioria da população amazônica, para o enriquecimento de alguns no Brasil e de muitos mundo afora. Isso aconteceu com a borracha, com a castanha, com os minérios, e agora acontece com a nossa madeira. A ausência de um projeto nacional para a Amazônia só acentua dramaticamente aquilo que os espertalhões dizem ser a nossa vocação, ou seja, a produção e exportação de matéria-prima bruta.

Até a energia que vamos gerar nas usinas que serão construídas em Rondônia será exportada para gerar riquezas lá fora, quando, em grande parte, deveria ser aproveitada para alavancar o desenvolvimento da região. Mas como retê-la, se não temos projeto de desenvolvimento para a Amazônia?

Enquanto não levamos a sério assunto tão importante, Senador Garibaldi, continuaremos com o jogo de acusar uns e outros pelo malfeito. Muitos, de fato, são criminosos e deveriam estar na cadeia, Senador

Sarney. Aqueles que derrubam a floresta de forma irracional para saciar a sede do lucro irresponsável cometem o mais grave crime ambiental e contra a humanidade. Cadeia para eles, em qualquer circunstância. Mas responsabilizar e punir pequenos agricultores pelos desmates sem que se lhes coloque à disposição recursos, equipamentos e insumos que lhes permitam reutilizar áreas já derrubadas é de uma injustiça extrema, além de desumano e cruel. Não se pode emparedar milhares e milhões de pequenos agricultores, impedindo-os de produzir com os meios e os conhecimentos ao seu alcance, sem oferecer-lhes alternativas tecnológicas para continuarem a fazer o que sabem e gostam: produzir alimentos para si e para todos nós que vivemos na Amazônia.

Foi por causa dessa política vesga que, no Acre, perdemos a capacidade de auto-suficiência na produção de alimentos. Hoje, no Acre, importamos mais de 70% do que comemos. Do leite ao feijão; do arroz ao milho. Milhares de pequenos produtores acreanos estão sendo impedidos de produzir porque não podem mais derrubar e não dispõem de outros meios para o reaproveitamento de áreas já derrubadas. A pretendida segurança alimentar está se tornando cada vez mais uma miragem. Enquanto isso, os verdadeiros assassinos da floresta continuam lépidos e fagueiros, desafiando a incúria e a incompetência do Poder Público. Não podemos almejar a preservação da floresta às custas do sacrifício de milhares de pequenos produtores, que, esquecidos e abandonados pelos governos, acabam migrando para a periferia das cidades, para viver uma vida de miséria e de maiores sofrimentos. Qualquer política a ser executada na Amazônia tem que ter como foco principal os homens e as mulheres que ainda vivem aos milhares na floresta e na zona rural daquela grande região. Se dermos a eles melhores condições de sobrevivência, estaremos garantindo a sobrevivência de toda a Amazônia.

Senador Garibaldi, era o que tinha a dizer nesta oportunidade.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> e concedo a palavra ao Senador Marco Maciel.

Em seguida, falará o Senador José Sarney.

**O SR. MARCO MACIEL** (DEM – PE. Pronuncia o seguinte discurso. Com revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Garibaldi Alves Filho, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, recebi convite formulado pelo Professor Celso Lafer, ex-chanceler e jurista, para escrever artigo para o n<sup>o</sup> 74 da *Revista USP*, cujo editor é o Dr. Francisco Costa. O tema da citada revista era “Pensando o futuro – Humanidades”. A mim, foi atribuído fazer reflexões



sobre o futuro da política. O ensejo serviu para ferir tema recorrente em nosso País, posto que ainda não solucionado, qual seja: a necessidade de promover as reformas institucionais ou, para usar expressão mais conhecida, as chamadas reformas políticas.

A reforma eleitoral é tema que raramente deixou de figurar na agenda política do País. Não me refiro só à agenda atual, mas também a dos dois séculos atrás: o século XX e o século XIX. A diferença reside na circunstância de que a expressão reforma política, hoje tão cediça, no século XIX, com mais propriedade se designava reforma eleitoral. Este é, por sinal, o título do livro publicado em 1875 pelo Conselheiro Antonio Pereira Pinto, à época Diretor da Secretaria da Câmara dos Deputados. Nele, estão as propostas que, entre 1827 e 1874, tramitaram no velho Parlamento do Império, com o objetivo de aprimorar a legislação eleitoral do País.

Por esse livro a que me reporte, constata-se, por exemplo, que o projeto do Deputado Ferreira França, de 1835, estabelecendo eleição direta, só foi adotado pela Lei Saraiva, em 1881. Sequer foi considerado objeto de deliberação quando submetido ao turno regimental de apreciação preliminar de discussão.

Os 46 anos que separam o projeto de Ferreira França da Lei Saraiva, de 1881, mostram a morosidade das mudanças políticas no Brasil a que Joaquim Nabuco se referiu quando na monumental biografia de seu pai – “*Um Estadista do Império*”, registrou que suas idéias como Ministro da Justiça levavam em regra cerca de 30 anos para serem materializadas.

Isso, inclusive, se aplica, Sr. Presidente, ao projeto que Nabuco de Araújo, pai de Joaquim Nabuco, empreendeu com relação ao aprimoramento da prestação jurisdicional por parte do Estado, ao tempo do Império brasileiro.

Hoje, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, é vezo generalizado referirmo-nos à reforma política, tomando esse termo como sinônimo de reforma eleitoral e das questões adjetivas delas decorrentes.

Nas propostas aprovadas pelo Senado Federal e em tramitação na Câmara dos Deputados – por sinal há tempos em condições de serem submetidas às deliberações do Plenário –, os temas relevantes cingem-se a três mudanças: primeiro, mudança do sistema proporcional para eleição dos deputados, matéria constitucional (Art. 45 do texto da nossa Carta em vigor), adotando-se a modalidade do voto em listas fechadas e bloqueadas; como segundo ponto está a questão da fidelidade partidária, tão importante para fortalecer os partidos políticos; e terceiro, a adoção do financiamento público de campanha.

O financiamento público não é conseqüência do sistema de listas fechadas e bloqueadas. Ao contrário, o voto em lista é requisito para viabilizar o financiamento público, impraticável com o modelo em vigor de listas abertas, ou seja, o sistema que praticamos, o que torna impossível fazer e vertebrar verdadeiros partidos políticos.

A questão do financiamento público tem de ser feito naturalmente por intermédio dos partidos. Veja-se por oportuno que este ano haverá eleições municipais. E a pergunta que se faz é: como repartir R\$880 milhões de recursos públicos, nas eleições municipais, entre 340 mil candidatos a vereador e mais de 15 mil a prefeito, número do último pleito de 2004? Certamente, nas eleições deste ano, o número de candidatos será maior, até porque há 29 partidos devidamente registrados no TSE, e há também o processo de ampliação do número de candidatos que buscam a via eleitoral.

A proposta do sistema de listas visa exatamente a tornar possível a distribuição do financiamento. Não entre os candidatos, o que seria inviável, mas entre os partidos, aos quais caberia a condução das campanhas eleitorais.

Sempre entendi que a reforma política é reiteradamente preconizada, mas lentamente materializada. Depois de longos anos de discussão e debate, exige-se um espectro bem mais amplo de medidas, com o objetivo de torná-las não só coerentes entre si, mas também consistentes com as demais soluções propostas.

A meu juízo – e posso estar equivocado –, a pauta das reformas políticas deve abranger grande parte do universo dos diferentes componentes do nosso sistema político. Daí ter-se sempre dado preferência aos termos “reforma institucional” em lugar de “reforma política”, com o propósito de contemplar não só, como até agora, a opção entre os sistemas majoritário, proporcional ou misto.

Entendo que as questões referentes à organização federativa, ao relacionamento entre os Poderes do Estado e à reforma legislativa devem integrar a agenda política com a mesma intensidade com que se defendem mudanças no sistema eleitoral.

A reforma legislativa, por exemplo, é pressuposto da reforma do Legislativo e da modernização e simplificação da legislação brasileira. Aliás, matéria objeto do discurso que o Presidente Garibaldi Alves Filho pronunciou na abertura da sessão legislativa deste ano.

Trata-se também, Sr. Presidente, de objetivo de se conseguir a consolidação legislativa prevista no art. 59 da Constituição de 1988 e já regulamentada pelas Leis Complementares nº 95, de fevereiro de 1998, e nº 107, de abril de 2001. Mas, em que pese esse aparato legal, pouco se avançou neste tema. É certo que

no Senado já se faz algum esforço neste sentido, por intermédio do Senador Tião Viana, e o mesmo ocorre também na Câmara. Ainda não mereceu um tratamento prioritário por parte das duas Casas do Congresso Nacional.

Embora entenda, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, seja necessária a mudança do sistema eleitoral brasileiro, para ensejar o fortalecimento dos partidos políticos, ele está razoavelmente atualizado e testado, compõe-se de um conjunto de disposições constantes dos arts. 2º e 4º da Constituição, que tratam, respectivamente, dos direitos e garantias constitucionais e da organização dos poderes, e das seguintes leis: a) a que estabelece a inelegibilidade e as incompatibilidades eleitorais (Lei Complementar nº 64, de 1990); b) a que dispõe sobre a Justiça Eleitoral e a administração dos pleitos (Código Eleitoral, Lei nº 4.737, de 1965); c) a que regula a organização e o funcionamento dos partidos políticos (Lei nº 9.096, de 1995) e d) a denominada lei das eleições (Lei nº 9.504, de 1997), ambas, aliás, por mim sancionadas no exercício da Presidência da República, de cujas discussões participei com relatores, líderes e dirigentes do Congresso Nacional. Com exceção do Código Eleitoral, que é da década de 60 do século passado, mas sistematicamente atualizado, todo restante do sistema legal foi aprovado na década de 90. De forma suplementar, mais de vinte mil resoluções do TSE regulam aspectos normativos da legislação vigente e esclarecem dúvidas suscitadas por candidatos, partidos, parlamentares e a sociedade de um modo geral.

Esse sistema, portanto, não exige modificações maiores no modelo em vigor, salvo as imprescindíveis ao seu aperfeiçoamento.

Sr. Presidente, sei que o inimigo tempo não me impede que continue a expor meus pontos de vista.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Marco Maciel, V. Ex<sup>a</sup> ainda dispõe de dez minutos de tempo regimental, não é concessão.

**O SR. MARCO MACIEL** (DEM – PE) – Então, se V. Ex<sup>a</sup> me permitir, gostaria de dizer que vou avançar em algumas considerações que acho pertinentes no momento em que estamos iniciando uma nova sessão legislativa. Aliás, as matérias relativas às reformas institucionais, como as classifico, no lugar de considerá-las como reformas políticas, envolvem não somente esse arcabouço do sistema eleitoral e partidário, mas, diz respeito a outros pontos sensíveis e que tanto interessam à sociedade brasileira.

Refiro-me, por exemplo, à questão federativa um pouco esquecida. Sinto, cada vez mais, que a federação se enfraquece em virtude de uma enorme concentração de poderes da União em detrimento de Estados

e Municípios. Essa constatação pode parecer paradoxal, sobretudo num momento em que a Constituição de 1988 considerou também os municípios entes federativos, o que levou o jurista Miguel Reale dizer que passamos a praticar, a partir da Constituição de 1988, de um federalismo trino. O que Reale queria dizer com essa expressão? Que além da União e os Estados, como assim se define geralmente uma federação, incluímos na Constituição de 1988, os municípios como entes federativos.

Vemos, como disse há pouco, concentração cada vez maior de poderes e sobretudo no plano fiscal, em prol da União, em detrimento para Estados e Municípios.

A CPMF, por ser uma contribuição, não repassava, conseqüentemente, parcela de seus recursos para o Fundo de Participação dos Estados – FPE, tampouco para o Fundo de Participação dos Municípios – FPM, o que mostra que a União continua a dispor de maior volume de recursos em detrimento dos dois demais entes da Federação.

Sabemos que a Federação foi a grande conquista da primeira constituição republicana de 1891 mas se quisermos recuar no passado, vamos verificar facilmente que a federação sempre foi um objetivo colimado por grandes figuras da época do Império. José Bonifácio, Patriarca da Independência, para dar um exemplo, tratou desse assunto. Poderia lembrar outros que também advogaram a federação, entre muitos, Rui Barbosa – de quem temos um busto aqui no Plenário – foi o primeiro federativista ou defederalista, se assim posso dizer, do que republicano. Ele só se converteu à República depois de ver que a Federação não era possível no Brasil durante a monarquia. A mesma coisa aplicaria a Joaquim Nabuco, um monarquista convicto até a Proclamação da República; Joaquim Nabuco defendia uma monarquia federalista ou federativa.

Um país com a extensão e dimensão do nosso não pode descurar da questão federativa. Temos de fortalecer a Federação até por aplicar o “princípio da subsidiariedade”, isto é, fazer com que aquelas questões menores sejam resolvidas pelos municípios; as questões que não podem ser resolvidas pelos municípios venham a ser resolvidas pelos estados, e somente venham ao plano federal quando transcenderem o âmbito do município ou do estado.

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. MARCO MACIEL** (DEM – PE) – Pois não, concedo a palavra ao nobre Senador Alvaro Dias.

**O Sr. Alvaro Dias** (PSDB – PR) – Senador Marco Maciel, V. Ex<sup>a</sup> tem sido, sem dúvida nenhuma, o maior defensor da reforma política. É claro que outros par-

lamentares têm se interessado pelo tema, mas sem sombra de dúvida V. Ex<sup>a</sup> se sobressai por ser estudioso e aprofundar essa questão, e ser persistente, sempre tentando convocar à responsabilidade os agentes públicos que deveriam assumir essa missão de promover uma reforma política no País. Se ela tivesse precedido as demais reformas, certamente as outras que vieram, e vieram precariamente, teriam sido melhor sucedidas, sem dúvida nenhuma; e, certamente, os percentuais de corrupção teriam sido reduzidos significativamente, não somente a corrupção eleitoral, mas a corrupção que vem depois do período eleitoral, até como consequência daquela havida durante as campanhas eleitorais. V. Ex<sup>a</sup> está de parabéns por esse esforço. Esse é um tema que, lamentavelmente, é debatido há pelo menos dez anos no Congresso Nacional, e nós não avançamos. Certamente, com a liderança de V. Ex<sup>a</sup>, poderemos despertar outras consciências para que assumam a responsabilidade desse debate com V. Ex<sup>a</sup>. Parabéns, Senador Marco Maciel!

**O SR. MARCO MACIEL** (DEM – PE) – Nobre Senador Alvaro Dias, agradeço as palavras de V. Ex<sup>a</sup>. Tenho – e devo dar esse testemunho – acompanhado a participação de V. Ex<sup>a</sup> em nosso debate e sei que V. Ex<sup>a</sup> também tem sido um constante defensor dessas reformas.

Sr. Presidente, além das reformas a que já me reportei, inclusive o fortalecimento da Federação, precisamos também pensar em olhar as instituições republicanas. E, ao analisar as instituições republicanas, devemos buscar melhorar o desempenho dos Três Poderes. O Judiciário já foi objeto de uma Reforma Constitucional, a PEC 45, cujo relator nesta Casa foi o Senador José Jorge. Precisamos pensar na reforma do Legislativo a que V. Ex<sup>a</sup> aludiu no discurso de abertura da sessão legislativa e também a reforma do Poder Executivo, pois assistimos, cada dia que se passa, ao aprofundamento de conflitos no plano federal; entre o Executivo e o Legislativo, entre o Legislativo e o Judiciário, etc.

Um dos temas que eu gostaria de destacar diz respeito, por exemplo, à questão das medidas provisórias, que tem produzido freqüente atrito entre o Legislativo e o Executivo, com seus reflexos no Poder Judiciário. Não podemos deixar de enfrentar neste momento a questão dos vetos. Ouço o nobre Senador Antonio Carlos Valadares.

**O Sr. Antonio Carlos Valadares** (Bloco/PSB – SE) – Sr. Senador, sei que V. Ex<sup>a</sup> já está no final do seu pronunciamento, o Presidente já sinalizou, mas eu gostaria, em breves palavras, apenas de me congratular com V. Ex<sup>a</sup> pelas reflexões aqui feitas no seu discurso, envolvendo tema tão importante. O próprio

Presidente do Senado, o Senador Garibaldi Alves, foi muito preciso. S. Ex<sup>a</sup> interpretou os sentimentos do Congresso Nacional, das duas Casas, do Senado e da Câmara, quando disse que há, realmente, uma invasão nas atribuições constitucionais do Poder Legislativo. E quando V. Ex<sup>a</sup> toca nesse assunto, afirmando que deveremos fazer uma reforma política, modificando a forma de atuação das nossas instituições, atinge em cheio as pretensões da sociedade brasileira: cada Poder atuando de acordo com a sua competência, sem nenhuma porta aberta para a invasão dos poderes de um sobre o outro. Porque a verdadeira democracia é isto: harmonia entre os poderes. Os poderes são harmônicos e independentes. Infelizmente, temos de reconhecer que o Legislativo tem sido omissivo, principalmente com os projetos que são feitos aqui e enviados para a Câmara dos Deputados – eles praticamente dormem nas gavetas. É preciso, então, que haja um entendimento entre a Câmara dos Deputados e o Senado Federal. Quanto a isso, temos certeza de que V. Ex<sup>a</sup>, como Presidente da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, e o nosso Presidente do Senado haverão de envidar esforços neste sentido, de um compartilhamento entre os Poderes, todos respeitando uns aos outros e as atribuições específicas definidas na nossa Constituição. Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. MARCO MACIEL** (DEM – PE) – Agradeço, nobre Senador Antonio Carlos Valadares, o seu aparte, que deu novas considerações ao complexo tema. V. Ex<sup>a</sup> observou que, pela tradição constitucional brasileira, os Poderes são independentes, mas devem ser harmônicos. Em busca dessa harmonia e, conseqüentemente, em busca de melhor prestar serviços à sociedade, precisamos aprimorar as nossas instituições e fazê-las cada vez mais atentas às grandes demandas da sociedade brasileira.

Nobre Presidente Garibaldi Alves Filho, encerro, portanto, as minhas considerações.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> e concedo a palavra ao Senador José Sarney. Em seguida, falará o Senador Tião Viana, nas comunicações inadiáveis, e, depois, o Senador Paulo Paim.

**O SR. JOSÉ SARNEY** (PMDB – AP. Pronuncia o seguinte discurso. Com revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>s</sup> e Srs. Senadores, este ano de 2008 é um ano de celebração para a Língua Portuguesa: quatrocentos anos do nascimento do Padre Antônio Vieira.

Aos 6 de fevereiro de 1608, nascia o Padre Vieira. Neste ano, foi o dia em que nós, aqui, abríamos esta sessão legislativa. Como se tratava de uma sessão solene, eu achei que não devia – nem podia, na forma do Regimento –, interromper a solenidade para dizer

dessa grande data. Mas hoje venho aqui, nesta primeira oportunidade, para dizer o que representa para todos nós, brasileiros e portugueses, este ano de 2008.

As datas redondas constituem uma parada no tempo. Quatrocentos anos! E quatrocentos anos em que a figura de Antônio Vieira ocupou e dominou nosso universo como – na definição de Fernando Pessoa – “Imperador da Língua Portuguesa”.

Eu recordo Vieira com um dado pessoal que me é muito grato, porque, a vida inteira, sempre fui um cultor e leitor de Vieira. As centenas e centenas de citações que tenho feito, ao longo da minha vida, do Padre Antônio Vieira, atestam a minha fidelidade a essa leitura, que não parou um só tempo, tendo sempre entre meus livros de cabeceira textos de Vieira e estudos a respeito de sua vida e obra.

Quando eu comecei, muito jovem, a gostar de escrever, eu pedi ao meu pai, que era um leitor dos clássicos portugueses, para orientar a minha formação. E ele então me respondeu: “Meu filho, em primeiro lugar, você leia o Padre Vieira”. E eu lhe respondi: “E depois, meu pai?” Ele disse: “Você leia uma vez mais o Padre Vieira”. E, eu tornei a perguntar: “E depois?” Ele disse: “Leia o Padre Antônio Vieira”. Eu segui esse conselho ao longo da minha vida, desde os primeiros anos da minha juventude. E insisti: “E depois, meu pai, só vou ler o Padre Antônio Vieira?” Ele disse: “Não. Quando você estiver mais maduro, você leia ‘Um estadista do Império’ de Joaquim Nabuco, que é o livro melhor escrito em língua portuguesa no Brasil”. Portanto, é essa fidelidade ao Padre Vieira é que me faz vir aqui, com uma grande felicidade, exaltá-lo, porque é um autor de minha permanente convivência.

O livro tem, para quem gosta de livro, um gosto não só no ler, mas também, às vezes, no tocar. Ele tem uma mágica tátil. Nós nos sentimos felizes em tocá-lo. Assim, gostando de livros, uma das coisas que procurei ter foram edições raras do Padre Antônio Vieira. Tive a felicidade de ter a primeira edição do Padre Antônio Vieira – toda a coleção da primeira edição, desde quando os primeiros volumes foram publicados, ele ainda vivo.

Mais ainda, Srs. Senadores – os Srs. Senadores estão, naturalmente, admirados ou com medo de eu ler esses livros aqui, durante a sessão –, tive uma outra felicidade também. Quando Presidente da República, fui à **New York Library**, a Biblioteca de Nova Iorque, e, lá, eles me organizaram uma exposição de livros raros sobre língua portuguesa, sobre o Brasil. E entre esses livros eles colocaram, como uma raridade bibliográfica, a biografia do Padre Antônio Vieira feita pelo Padre André de Barros.

Não disse nada, mas eu também tinha na minha coleção de livros, na minha biblioteca construída ao longo, a primeira edição deste livro. E para, talvez, elogiar o Padre Vieira eu não precisasse outra coisa senão ler o frontispício da obra, que diz:

“Vida do apostólico Padre Antônio Vieira, da Companhia de Jesus, chamado por antonomásia ‘O Grande’, aclamado no mundo por ‘Príncipe dos Oradores Evangélicos’, pregador incomparável dos Augustíssimos Reis de Portugal, varão esclarecido em virtude e letras divinas e humanas, restaurador das Missões do Maranhão e do Pará, dedicado ao Sr. Infante Dom Antonio, pelo Padre André de Barros, da Companhia de Jesus, feito na Oficina de Lisboa, Silviana, em 1746.”

Estou mostrando esse livro aqui para que também fique nos Anais do Senado o que se dizia a respeito do Padre Antônio Vieira, já no título do livro de Padre André de Barros.

Mas para não ficar aí, também recebi um milagre de Padre Antônio Vieira. Eu estava na Bienal de Veneza, e na hora do almoço procurava, como sempre, uma livraria. Fui a um sebo e ao olhar a vitrine lá estava um livro: Padre Vieira. Não é possível! Era uma raridade bibliográfica que eu sabia de uma raríssima edição, em italiano, de uma seleção dos Sermões do Vieira, os de Maria, Rosa Mística. Estava aberto lá na vitrine. Eu disse: “isso é uma graça, um milagre do Padre Vieira para comigo, pela minha devoção para com ele”. O estabelecimento estava fechado e eu não saí da porta do estabelecimento, com medo de que alguém entrasse na minha frente na hora que ele fosse aberto e levasse o livro. Esperei ali na porta até abrir, depois das três horas da tarde. Comprei esta edição que é uma raridade bibliográfica, porque são poucos volumes que existem no mundo, e que foi publicado em 1698. A edição foi feita por Geovanni Badoaro, que era patriarca de Veneza naquele tempo.

A vida do Padre Vieira é uma vida extraordinária porque é uma vida de ação e ao mesmo tempo uma vida de pregação, é uma vida que tem um pouco de lendas, um pouco de realidade, um pouco de ficção, mas, sobretudo, é a construção da grande obra que é por todos nós reverenciada.

Existe na Bahia uma pequena imagem quinhentista da Virgem das Maravilhas. É a nossa imagem mais milagrosa, ou pelo menos a que fez o maior milagre: um dia, com um *estalo*, transformou um pequeno portuguêsinho no Imperador da Língua Portuguesa, Antônio Vieira.

Vieira nasceu no dia 6 de fevereiro de 1608 – há 400 anos – numa viela da Alfama – um bairro bem português, um bairro pobre, que muito se assemelha nos seus becos, nas suas vielas, com a área da cidade

velha de São Luís do Maranhão –, a rua dos Cônegos, atrás da Sé de Lisboa, filho de um pequeno funcionário que fora nomeado *Escrivão dos Agravos e Apelações Cíveis da Relação da Bahia*, Cristóvão Vieira Ravasco, e de dona Maria de Azevedo. Sua avó paterna era negra ou mulata. Aos 6 anos o pai, que viera ao Brasil tomar posse no cargo, voltou para buscá-los.

A primeira grande lenda do Padre Vieira se refere justamente a como ele teve a cabeça iluminada. A Cidade da Bahia de São Salvador tinha naquele tempo 3.000 portugueses, 8.000 índios e 3 a 4.000 negros, e já se dividia em Cidade Alta e Cidade Baixa, unidas por dois elevadores. A alguns passos da Porta de São Bento – mais ou menos onde hoje Castro Alves estende o braço ao povo – morava a família. O menino, como tantos outros, estudava no Colégio da Companhia de Jesus, no outro lado da cidade, no Terreiro de Jesus. Ali as igrejas gêmeas, do Colégio e da Sé, ainda sem os ouros e maravilhas, eram o deslumbramento da cidade. No altar principal, essa imagem da Mãe de Deus, os braços estendidos que oferecem o Menino Jesus, despido de roupas e ornamentos, despido de poder e glória, a nossa salvação: essa a maravilha maior da História, que Deus e Nossa Senhora tenham oferecido Seu Filho. Maravilhado, o portuguêsinho António orou. Era tido como parco de inteligência. Ouvia-se um estrondo, um estalo rompeu-lhe as portas, abriu-lhe as janelas, inundou de luz essa inteligência tão extraordinária que ainda trazia reflexos quando, cem anos depois, mudaram de lugar seu crânio.

A partir de então foi o mais brilhante estudante da Companhia de Santo Inácio. Deixou a casa paterna, assumiu essa nova casa – *aos 11 de março de 1623, ouvindo uma história do inferno, em uma pregação da tarde, do Padre Manuel do Couto, me deu Deus a primeira inspiração eficaz de entrar religioso*, escreveu –, nela fez os estudos todos, todos os votos, entre eles o exclusivo da Companhia, de obedecer como um cadáver – *perinde ac cadaver* – à hierarquia da Igreja, isto é, a seus superiores, ao Papa Negro e ao Papa Romano.

Ele teve sempre uma grande fidelidade, um grande amor pela Companhia de Jesus. Relembro que, quando o Papa João Paulo II esteve aqui no Brasil, eu mandei fazer uma edição rara, apenas 1 exemplar, para que ficasse como uma raridade na biblioteca do Vaticano, de 7 sermões de Vieira. O primeiro deles era o sermão chamado do Beato Estanislau, que é um santo polonês. Nesse sermão ele já falava da sua devoção à Companhia de Jesus, dizendo que, se ele saísse da Companhia, se fosse expulso, ele ficaria na porta dormindo até que os muros caíssem e ele pu-

desse entrar de novo na Companhia, como o Beato Estanislau havia feito.

Aos 16 anos foi encarregado de escrever o relatório dos acontecimentos da Província, no lugar do Superior. Esse é o primeiro documento que temos de sua autoria, embora não em língua portuguesa: a longa carta, narrativa viva e minuciosa da invasão holandesa 1624, foi escrita em latim, em que já superava a toda a comunidade. Mais tarde ele mesmo a traduziu.

Nos próximos 73 anos, António Vieira foi um criador incansável, e contê-lo e classificá-lo será sempre vã tentativa. Não quero e não devo e não posso passar aqui a tarde a me deslumbrar com seus pensamentos, palavras e obras, atos e omissões, Sr. Presidente – já vi que V. Ex<sup>a</sup> foi tão generoso e eu estava a pedir que desse os dez minutos do Senador Marco Maciel para que eu pudesse utilizá-los – repito apenas uma palavra do próprio Vieira, lembrando S. João que dizia que o coro dos anjos parara meia hora *para se ouvirem as vozes da terra: eu farei por não exceder a meia, nem ainda o quase*.

Gigante que ocupou o seu século, Vieira é uma multidão de temas: índios, negros, judeus, e a defesa das minorias; a causa do encoberto, o quinto império, a Clavis Prophetarum, isto é, as diversas vertentes do que chamou História do Futuro; a viabilidade da economia luso-brasileira, seus caminhos, sua intervenção; a relação Portugal-Brasil, Reino-Colônia; a Amazônia, a natureza brasileira, descrita na observação direta e objetiva; as guerras de *religiões*, jesuítas versus dominicanos, as questões das províncias jesuíticas; de como desafiar a Inquisição e sobreviver nos seus cárceres; o cortesão, em Portugal e Roma, o confessor de D. João IV e o orador de Cristina de Suécia; o devoto mariano, o canto de Maria, Rosa Mística; o velho da cidade da Bahia; o combatente do Maranhão; o inventor da língua portuguesa do Brasil...

**O Sr. Marco Maciel** (DEM – PE) – Sr. Senador José Sarney, V. Ex<sup>a</sup> me concede uma breve intervenção?

**O SR. JOSÉ SARNEY** (PMDB – AP) – Com muito prazer Senador Marco Maciel.

**O Sr. Marco Maciel** (DEM – PE. Com revisão do orador.) – Gostaria de felicitar V. Ex<sup>a</sup> pela iniciativa de vir à tribuna do Senado para suscitar, com o conhecimento de que V. Ex<sup>a</sup> é possuidor, a passagem dos 400 anos de nascimento do Padre Vieira que estamos celebrando neste ano. Ele nasceu, como lembrado, no dia 6 de janeiro de 1608 e viveu quase 90 anos, senão me engano 89 anos...

**O SR. JOSÉ SARNEY** (PMDB – AP) – 89 anos.

**O Sr. Marco Maciel** (DEM – PE) – 89 anos e podemos dizer...

**O SR. JOSÉ SARNEY** (PMDB – AP) – Esse livro foi publicado ainda quando ele vivia.

**O Sr. Marco Maciel** (DEM – PE) – Pois bem, pelo fato de haver tido uma vida longa – naquela época, a expectativa de vida era muito mais baixa –, ele, uma pessoa superdotada, pensou nos diferentes campos, não somente no religiosos, mas também no da política externa. Tratou de temas, como V. Ex<sup>a</sup> lembrou, extremamente complexos, como as questões indígena, da escravidão, de enfrentamento de problemas que lhe valeram, como mencionado por V. Ex<sup>a</sup>, punições inclusive por parte da Santa Sé. Vieira, nascido em Lisboa, foi, como se diz, “um cidadão de dois mundos”: do mundo europeu e do mundo americano. Vieira deixou peças extremamente importantes não somente da oratória religiosa, mas também sobre questões políticas. Por isso, mais do que um sacerdote, ele foi um ente político, por que fez política externa. Com relação a Pernambuco, ele foi autor de uma opinião extremamente polêmica a respeito da invasão holandesa, depois por ele retificada, deixou mais clara a sua posição. É muito oportuno que nesta hora nos lembremos do Padre Antônio Vieira. Estou certo de que devemos fazer uma sessão especial do Senado Federal em homenagem à passagem dessa efeméride, pois é instante para que reflitamos sobre o nosso passado e nos ajude a iluminar o futuro. Sobre Vieira há muito a ser discutido e estudado, em função de problemas de seu tempo ainda atuais e que, conseqüentemente, merecem a nossa atenção. Espero, portanto, concluindo o meu aparte, que possamos fazer desses 400 anos de Vieira um instante de reflexão, inclusive sobre a Língua Portuguesa, de que ele foi um cultor admirável, servindo de mestre não somente no Brasil, mas também em Portugal.

**O SR. JOSÉ SARNEY** (PMDB – AP) – Senador Marco Maciel, V. Ex<sup>a</sup>, realmente, traz um dos aspectos da vida do Padre Antônio Vieira. Como eu disse, ele não foi somente um pregador, ele foi também um homem de ação e, como homem de ação, ele se dedicou a causas extraordinárias, como a da liberdade dos índios, com tudo que ele desafiava para isso nas missões do Maranhão e do Pará, até ser expulso. E depois sua ação diplomática, vamos dizer assim, na Europa, e sua ação política com a causa dos judeus.

Sobre esse caso de Pernambuco a que V. Ex<sup>a</sup> aludiu, que realmente ele chamava de troca *a retro-aberto* dos territórios, foi graças a ele que a reação pernambucana contra os holandeses pôde ser feita, porque foi dele a iniciativa de criar a companhia do comércio, que deu tão bons resultados e que sustentou a reação pernambucana.

Nos anos de formação, Vieira deseja, sobretudo, ser missionário. Trabalha com os negros. Visita as aldeias de índios entre Salvador e Olinda. Contém ainda sua rebeldia. Essa só explode quando os holandeses voltam à Bahia, sob o comando de Nassau, e Deus não toma as providências evidentes: afinal, se dirige ao Céu, *Vossa mão foi a que venceu e sujeitou tantas nações bárbaras, belicosas e indômitas*. As conseqüências serão fatais, sobretudo a ele, Senhor, que sairá do sermão arrependido. Os hereges andarão a dizer que sua religião é a verdadeira, e a católica falsa. Enfim – cito novamente – *já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e arrepender*. ...

(O Sr. Presidente faz soar a campainha.)

... E Deus o ouve, e logo a Bahia é libertada. É quando a ela chega o Marquês de Montalvão. Diante dele, dirige-se novamente a Deus: *Perde-se o Brasil, Senhor (digamo-lo em boa palavra), porque alguns ministros de Sua Majestade não vêm cá buscar o nosso bem, vêm buscar os nossos bens*. Assim, *o Brasil o dá, Portugal o leva*. À denúncia, junta a solução: *tudo o que se tirar do Brasil com o Brasil se há de gastar*.

(O Sr. Presidente faz soar a campainha.)

Pouco depois, na Restauração – o retorno da coroa de Portugal aos portugueses, com D. João IV, depois dos 60 anos de domínio espanhol – nosso Padre é enviado com a delegação que vai saudar o novo rei. João Lúcio de Azevedo, seu grande biógrafo, começa sua *História de Antônio Vieira* com uma citação: *aos 28 de 641 chegamos a Peniche onde quiseram matar ao Marechal. Aos 29 de 641 me quiseram matar e me prenderam; e parti para Lisboa aos 30 de 641; cheguei a Lisboa e via a Sua Majestade*. D. João se deslumbrou com o que chamava *sua lábia*. Em um instante se torna Pregador Régio, o homem mais polêmico da corte, opinando decisivamente nas grandes questões do momento: a guerra com Espanha e Holanda – e nela o problema brasileiro – e o papel dos judeus na vida e na economia portuguesa. Durante dez anos bate, bate, e aconselha, e negocia. Vai em missões a Holanda, França e Itália. Visita sinagogas. Veste *grã* – carmim, vermelho vivo – com rendas, espada à cinta, e assim o vê um religioso que o vai denunciar ao Santo Ofício.

Sr. Presidente, nem comecei o meu discurso que trouxe escrito, porque, evidentemente, não pude fazê-lo em função do nosso horário. Não quero...

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Presidente José Sarney, V. Ex<sup>a</sup> deseja quantos minutos de prorrogação?

**O SR. JOSÉ SARNEY** (PMDB – AP) – Sr. Presidente, eu nem posso dizer, porque eu iria pedir a sessão

inteira. De maneira que, não podendo fazer isso, para não criar constrangimento nem a V. Ex<sup>a</sup> nem a mim, eu queria justamente fazer como fez o Senador Marco Maciel, terminar e entregar o discurso à Taquigrafia para que possa constar dos **Anais** da nossa Casa.

Mas eu queria terminar com os versos sobre Vieira...

**O Sr. Marco Maciel** (DEM – PE) – Presidente Sarney, só queria acrescentar às palavras de V. Ex<sup>a</sup> muito oportunas, que Vieira não se omitiu sobre assunto algum. Ns seus sermões, disse – posso não transcrever literalmente suas palavras – que a omissão é um pecado que se comete, não se cometendo. Isso mostra bem sua preocupação em falar sem cessar dos assuntos que considerava relevantes. Cumprimento V. Ex<sup>a</sup> mais uma vez.

**O SR. JOSÉ SARNEY** (PMDB – AP) – Não há um tema que não encontramos o Padre Vieira discutindo, aqui ou ali, polêmico ou não. Ele mesmo dizia: “A minha voz é uma trombeta.” E Odylo Costa, filho dizia: “Esse padre tinha a língua do diabo.” Na realidade, é isso o que ele representa para todos nós.

Para mim, Sr. Presidente, ele representa uma parte da minha vida. Foi um companheiro, por meio dos seus livros, que, desde a minha juventude, não me abandonou e que, até hoje, continua ao meu lado, acompanhando-me, lendo-o com o mesmo encantamento que li quando comecei a ler o primeiro sermão de Vieira.

Quero terminar não com minhas palavras, mas com as palavras de Fernando Pessoa, no seu único livro, *Mensagem*, publicado quando ainda era vivo, em que diz:

O céu estrela o azul e tem grandeza.  
Este, que teve a fama e a glória tem,  
Imperador da língua portuguesa...

**SEGUE, NA ÍNTEGRA, PRONUNCIAMENTO DO SR. SENADOR JOSÉ SARNEY**

**O SR. JOSÉ SARNEY** (PMDB – AP. Sem apanhamento taquigráfico.) – Senhor Presidente, Senhoras Senadoras, Senhores Senadores:

Existe na Bahia uma pequena imagem quinhentista da Virgem das Maravilhas. É a nossa imagem mais milagrosa, ou pelo menos a que fez o maior milagre: um dia, com um *estalo*, transformou um pequeno portuguêsinho no maior de todos os brasileiros, António Vieira.

Vieira nasceu no dia 6 de fevereiro de 1608 – há 400 anos – numa viela da Alfama, a rua dos Cônegos, atrás da Sé de Lisboa, filho de um pequeno funcionário que fora nomeado *Escrivão dos Agravos e Apelações Cíveis da Relação da Bahia*, Cristóvão Vieira Ravas-

co, e de dona Maria de Azevedo. Sua avó paterna era negra ou mulata. Aos 6 anos o pai, que viera ao Brasil tomar posse no cargo, voltou para buscá-los.

A Cidade da Bahia de São Salvador tinha naquele tempo 3.000 portugueses, 8.000 índios e 3 a 4.000 negros, e já se dividia em Cidade Alta e Cidade Baixa, unidas por dois elevadores. A alguns passos da Porta de São Bento – mais ou menos onde hoje Castro Alves estende o braço ao povo – morava a família. O menino, como tantos outros, estudava no Colégio da Companhia de Jesus, no outro lado da cidade, no Terreiro de Jesus. Ali as igrejas gêmeas, do Colégio e da Sé, ainda sem os ouros e maravilhas, eram o deslumbramento da cidade. No altar principal, essa imagem da Mãe de Deus, os braços estendidos que oferecem o Menino Jesus, despido de roupas e ornamentos, despido de poder e glória, a nossa salvação. Maravilhado, o portuguêsinho António orou. Era tido como parco de inteligência. Ouviu-se um estrondo, um estalo rompeu-lhe as portas, abriu-lhe as janelas, inundou de luz essa inteligência tão extraordinária que ainda trazia reflexos quando, cem anos depois, mudaram de lugar seu crânio.

A partir de então foi o mais brilhante estudante da Companhia de Santo Inácio. Deixou a casa paterna, assumiu essa nova casa – *aos 11 de março de 1623, ouvindo uma história do inferno, em uma pregação da tarde, do Padre Manuel do Couto, me deu Deus a primeira inspiração eficaz de entrar religioso*, escreveu –, nela fez os estudos todos, todos os votos, entre eles o exclusivo da Companhia, de obedecer como um cadáver – *perinde ac cadaver* – à hierarquia da Igreja, isto é, a seus superiores, ao Papa Negro e ao Papa Romano.

Aos 16 anos é o jovem o encarregado de escrever o relatório dos acontecimentos da Província, no lugar do Superior. Esse é o primeiro documento que temos de sua autoria, embora não em língua portuguesa: a longa carta, narrativa viva e minuciosa da invasão holandesa 1624, foi escrita em latim, em que já superava a toda a comunidade. Mais tarde ele mesmo a traduziu.

Nos próximos 73 anos, António Vieira foi um criador incansável, e contê-lo e classificá-lo será sempre vã tentativa. Não quero e não devo e não posso passar aqui a tarde a me deslumbrar com seus pensamentos, palavras e obras, atos e omissões; repito apenas uma palavra sua, lembrando S. João que dizia que o coro dos anjos parara meia hora *para se ouvirem as vozes da terra: eu farei por não exceder a meia, nem ainda o quase*.

Gigante que ocupou o seu século, Vieira é uma multidão de temas: índios, negros, judeus, e a defesa das minorias; a causa do encoberto, o quinto império,

a Clavis Prophetarum, isto é, as diversas vertentes do que chamou História do Futuro; a viabilidade da economia luso-brasileira, seus caminhos, sua intervenção; a relação Portugal-Brasil, Reino-Colônia; a Amazônia, a natureza brasileira, descrita na observação direta e objetiva; as guerras de *religiões*, jesuítas versus dominicanos, as questões das províncias jesuíticas; de como desafiar a Inquisição e sobreviver nos seus cárceres; o cortesão, em Portugal e Roma, o confessor de D. João IV e o orador de Cristina de Suécia; o devoto mariano, o canto de Maria, Rosa Mística; o velho da cidade da Bahia; o combatente do Maranhão; o inventor da língua portuguesa do Brasil...

Nos anos de formação, Vieira deseja, sobretudo, ser missionário. Trabalha com os negros. Visita as aldeias de índios entre Salvador e Olinda. Contém ainda sua rebeldia. Essa só explode quando os holandeses voltam à Bahia, sob o comando de Nassau, e Deus não toma as providências evidentes: afinal, se dirige ao Céu, *Vossa mão foi a que venceu e sujeitou tantas nações bárbaras, belicosas e indômitas*. As conseqüências serão fatais, sobretudo a ele, Senhor, que sairá do sermão arrependido. Os hereges andarão a dizer que sua religião é a verdadeira, e a católica falsa. Enfim – cito novamente – *já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e arrepender*. E Deus o ouve, e logo a Bahia é libertada. É quando a ela chega o Marquês de Montalvão. Diante dele, dirige-se novamente a Deus: *Perde-se o Brasil, Senhor (digamo-lo em boa palavra), porque alguns ministros de Sua Majestade não vêm cá buscar o nosso bem, vêm buscar os nossos bens*. Assim, *o Brasil o dá, Portugal o leva*. À denúncia, junta a solução: *tudo o que se tirar do Brasil com o Brasil se há de gastar*.

Pouco depois, na Restauração – o retorno da coroa de Portugal aos portugueses, com D. João IV, depois dos 60 anos de domínio espanhol – nosso Padre é enviado com a delegação que vai saudar o novo rei. João Lúcio de Azevedo, seu grande biógrafo, começa sua *História de António Vieira* com uma citação: *aos 28 de 641 chegamos a Peniche onde quiseram matar ao Marechal. Aos 29 de 641 me quiseram matar e me prenderam; e parti para Lisboa aos 30 de 641; cheguei a Lisboa e via a Sua Majestade*. D. João se deslumbrou com o que chamava *sua lábia*. Em um instante se torna Pregador Régio, o homem mais polêmico da corte, opinando decisivamente nas grandes questões do momento: a guerra com Espanha e Holanda – e nela o problema brasileiro – e o papel dos judeus na vida e na economia portuguesa. Durante dez anos bate, bate, e aconselha, e negocia. Vai em missões a Holanda, França e Itália. Visita sinagogas. Veste *grã* – carmim, vermelho vivo – com rendas, espada à cin-

ta, e assim o vê um religioso que o vai denunciar ao Santo Ofício.

Por duas vezes propôs políticas perigosas, pelas quais foi muito atacado. Uma delas foi a mudança da capital do reino para o Brasil. O que seríamos, se tivéssemos tido imprensa e universidade no século XVII? A outra foi a incorporação da riqueza dos judeus à economia portuguesa.

Sua obra desses anos, dizia, dera, sim, resultados concretos: por sugestão sua fizera-se a Companhia de Comércio que bancou a reação final em Pernambuco; por sugestão as caravelas haviam sido substituídas por navios maiores e mais poderosos; por sugestão sua trouxeram-se para o Brasil as especiarias e plantas da Ásia – e talvez devêssemos fazer uma oração ao Padre Vieira quando comemos uma manga, uma jaca, uma fruta-pão como se fossem frutas brasileiras.

Chega o ano de 1652. Desiludido com a corte e a diplomacia, Vieira reúne uma vintena de religiosos para restaurar a missão no Estado do Maranhão, que o padre Luís Figueira deixara com a vida em 1643. Parte para São Luís, pequena cidade de seiscentos fogos, já com o traçado que corria desde o antigo forte fundado pelos franceses em direção ao interior da ilha, da mata, do desconhecido. A tarefa é salvar os índios. Os colonos são ferozes: a única coisa que se dispõem a fazer é trucidar – alguns anos antes Bento Maciel Parente passava por ter morto meio milhão de *selvagens* na região. Tendo trocado os palácios de Lisboa, Amsterdã, Paris, Roma, pelas casas pobres de São Luís, o colchão por uma rede, parte para dupla luta: converter os índios, salvar suas almas, e libertar os índios, salvar seus corpos.

Se desdobra entre a selva e as duas cidades do Maranhão, São Luís e Belém. Aprende as inúmeras línguas da região. Negocia compromissos. Mas finalmente parte para a luta. Consegue uma ordem régia de liberdade. A cidade se revolta. Ele escreve ao rei:

Os moradores deste novo mundo (que assim se pode chamar) ou são portugueses ou índios naturais da terra. Os índios uns são gentios, que vivem nos sertões, infinitos no número e diversidade de línguas; outros são pela maior parte cristãos, que vivem entre os portugueses. Destes que vivem entre os portugueses uns são livres, que estão em suas aldeias, outros são parte livres parte cativos, que moram com os mesmos portugueses e os servem em suas casas e lavouras, e sem os quais eles de maneira nenhuma se podem sustentar... Os índios que moram em suas aldeias, com o título de livres, são muito mais cativos que os que moram nas casas particu-



lares dos portugueses, só com uma diferença, que cada três anos tem um novo senhor, que é o governador ou capitão-mor que vem a estas partes, o qual se serve deles como de seus, e os trata como alheios, em que vem a estar de muito pior condição que os escravos, pois, ordinariamente os ocupam em lavouras de tabaco, que é o mais cruel trabalho de quantos há no Brasil...

Durante algum tempo consegue uma convivência. Mas logo em São Luís a revolta reacende-se. Do púlpito, na festa de Santo António, fala aos peixes, na mais feroz sátira que o povo – todo ele reunido para a obrigação da missa – podia ouvir. E parte para buscar reforço em Portugal.

Na passagem fulminante pela capital usa a Capela Real para desferir golpes a torto e a direito. Todos, os dominicanos, a inquisição, os ministros, os áulicos, e, por quê não, o Rei, levam sua vergastada: *os príncipes são companheiros dos ladrões. E por quê? São companheiros dos ladrões, porque os dissimulam; são companheiros dos ladrões, porque os consentem; são companheiros dos ladrões porque lhes dão os postos e os poderes; são companheiros dos ladrões, porque os defendem; e são, finalmente, seus companheiros, porque os acompanham e não de acompanhar ao inferno, onde os mesmos ladrões os levam consigo.*

Volta com um novo governador, André Vidal de Negreiros, um dos heróis de Pernambuco. Com o novo estado de coisas, por um tempo se dedica às almas. Em 1660 desce a costa maranhense *a pé e descalço*, em jornada à Serra do Ibiapaba. Atravessa os lençóis maranhenses – *25 léguas de perpétuos areais, chamados vulgarmente os Lançóis* –, a jornada infundável pela areia. É o *Pai Grande*, o herói da batalha contra a escravidão dos índios.

Na minha terra António Vieira travou o bom combate, foi o defensor da liberdade, o resistente à opressão. A vida era simples, o Maranhão era muito pobre, o Colégio – adaptação da pequena ermida que em 1612 construíra Claude d’Abeville – era uma das poucas casas de pedra e cal, *um corredor, com quatro cubículos por baixo e seis por cima, dos quais um era livraria, outro rouparia, outro botica, outro adega, outro tinha as coisas da sacristia, outro outros despejos de casa, com que apenas ficavam quatro livres para morar e tomar exercícios, sendo às vezes dezasseis os que ali se ajuntavam, e não havendo outro lugar em que receber as visitas dos seculares senão o mesmo corredor, a primeira cama dera à Santa Casa, a roupa sotainas remendadas, de algodão grosseiro, tinto na lama, e um pouco de farinha era o bastante para luta.*

A roda da fortuna se move. Morre o rei, André Vidal volta a Pernambuco, e a ambição volta a levantar os colonos. Está navegando do Gurupá para São Luís em maio de 1661 quando lhe chega notícia da nova revolta. Volta a Belém. Mas os rebeldes dominam toda a colônia. Numa canoa furada o levam para São Luís, de lá o mandam a Lisboa. Uma velha caravela o conduz para um país mergulhado em crise. Nunca mais pisará no Maranhão.

Mas ele descobrira que o Maranhão também era a terra prometida pelo profeta: *Assim que vem a dizer Isaías que a terra de que fala é terra que usa embarcações que têm nomes de sinos; e estas são pontualmente os maracatins dos Maranhões. [...] E não faz dúvida dizer o profeta que estas embarcações iam ao mar: Qui mittit in mare; porque, além de entrarem com elas pelo mar Oceano, o mesmo arquipélago que dizemos, de água doce, se chama na sua língua, por sua grandeza, mar, e de aqui veio o nome que os Portugueses lhe puseram de Grão-Pará ou Maranhão, o que tudo quer dizer mar grande, porque Pará significa mar.*

Em Portugal logo cai nas garras da Inquisição. A luta começara na década de 40, com a defesa da causa maldita da liberdade dos judeus e cristãos-novos, pedindo que fossem *abertas e publicadas* as acusações contra eles, e isentos de confisco seus bens. Com ele forte, a Inquisição deixara passar, mas fora acumulando pacientemente as denúncias. Morto D. João IV, cheio de inimigos na Colônia e no governo, começa o processo. Indiciado em fevereiro de 1663, desde maio em prisão domiciliar, é enfim conduzido aos cárceres do Tribunal do Santo Ofício, da Inquisição. No quarto de quinze palmos por doze, sem janela, passará de 1º de outubro de 1665 até o Natal de 1667.

O processo de Vieira – sua defesa foi publicada pelo professor Hernani Cidade em 1957 – levanta ao vivo a questão da visão profética. Uma professora de Campinas, Adma Muhana, mostrou que nesses quatro anos, de um lado, os inquisidores tentam formalizar o pensamento de Vieira, e este, esgrimindo passo a passo, argumenta – *viva voz* –, que somente dá *opiniões prováveis*. Anos terríveis, pela prisão e pelas condições de saúde – a constante recaída de malária antiga, com febres e hemoptises, e outras conseqüências da dura vida que levava no Brasil e do clima em Coimbra – e que terminam com a condenação à privação de pregar e de voz ativa e passiva para sempre, e reclusão perpétua em casa da Companhia. Escapara do auto-de-fé.

Saíra vivo, e já nova reviravolta política muda sua situação: D. Afonso VI, declarado incompetente, é substituído pelo irmão, D. Pedro II, proposta que Vieira formulara alguns anos antes. A sentença é relaxada,

tem a oportunidade de buscar em Roma sua revisão. Um breve de Clemente X o declarará, e a todos seus escritos, sujeito unicamente ao juízo papal. São anos de uma glória cansativa, cercado pela adulação nas três cortes romanas, a do Papa, a do Papa Negro – o Geral da Companhia de Jesus –, Padre João Paulo Oliva, e a da Rainha Cristina de Suécia.

De volta ao Brasil, sem abandonar suas tarefas sacerdotais, inicia a tarefa desmesurada de organizar seus sermões, que dizia fazer por obrigação e encomenda. Conservava, por mares e desastres – até mesmo resgatando a dinheiro um baú capturado por piratas – os borrões, apontamentos em estado caótico, indicações para a composição feita ao vivo, com a prodigiosa memória que lhe permitia fazer, não só dezenas de citações das escrituras em cada sermão, mas as citações exatas. Tornava-se escritor à força, pois mais do que ninguém sabia que seus sermões eram peças únicas, movidas por circunstância e auditório, e, mais ainda, pelos princípios da arte oratória. Dizia: *começo a tirar da sepultura estes meus borrões, que sem a voz que os anima, ainda resuscitados, são cadáveres.*

Nunca saberemos como era sua voz, mas os testemunhos são unânimes no louvor da pronúncia precisa, do volume poderoso, do encanto do sotaque brasileiro. Nas grandes igrejas de Portugal, nas capelas de França, nas basílicas romanas, nas barrancas maranhenses, ela era ouvida com igual admiração. Por si só já era meio convencimento. A figura ficou em uns poucos retratos: mulato, mouro como dizia Shakespeare de Otelo – e da origem humilde ficou o assento de batismo.

Falava várias línguas: o latim aprendido ainda menino, depois as línguas indígenas do Estado do Brasil, começando pela *geral*, e o português, o francês, o italiano, o espanhol...; mas no Estado do Maranhão elas eram centenas, e ele as dominou apesar das dificuldades: *Por vezes me aconteceu estar com o ouvido aplicado à boca do bárbaro, e ainda do intérprete, sem poder distinguir as sílabas, nem perceber as vogais ou consoantes de que se formavam, equivocando-se a mesma letra com duas e três semelhantes, ou compondo-se – o que é mais certo – com mistura de todas elas.* Era inquieto, inquisitivo, perspicaz. Ativo: andava de um lado para outro o tempo todo, quando não estava viajando, a pé, a cavalo, em carro, em nave grande ou pequena, em canoa. Se era possível escrevia dia e noite, se não, à noite. Sermões, cartas aos grandes, ou a história do futuro.

Apesar do que parece à primeira vista, Vieira não foi essencialmente um *animal político*. Um defensor da justiça e liberdade, sim. Vieira lutou por causas difíceis, mas sobretudo pelos oprimidos. Mas, antes de chegar a Portugal pela primeira vez, em 1641, e depois de voltar, expulso, do Maranhão, ele não foi um propugnador político,

um homem de soluções. As exceções foram sua atividade na defesa dos judeus em Roma, em 1670/5, continuação de sua batalha ao longo dos anos 40, e três pareceres sobre os índios. Para a defesa da gente hebréia, feita por um homem que ainda não se livrara completamente dos grillhões, era necessária uma coragem excepcional, que ele tinha; mas o combate se inseria no contexto de sua guerra particular: ajudar os judeus, além de justo, feria a Inquisição. A defesa dos índios, respondendo a consultas em 1668, 78 e 94, é um eco do combate antigo.

No período de ação política, 1641–1662, seus únicos objetos (fora da atividade religiosa) foram a consolidação do Estado português, do Portugal restaurado, e mais os dois problemas de opressão com que se defrontou. No contexto português, a minoria perseguida era a judiaria, judeus e cristãos-novos; no Maranhão, era o índio.

Na Bahia, onde existia o problema da escravidão negra, Vieira não exerceu propriamente ação política. Os sermões do período filipino, se duros na descrição das situações – da espoliação colonial, por exemplo – não apresentavam soluções ou alternativas, não pretendiam intervir, mudar a realidade. Os sermões do Rosário correspondem quase todos a este período. Eles antecedem, neste caso, ao exame (longo, arguto, minucioso, político) da questão indígena. Nos textos não políticos, é ainda maior o horror com que Vieira vê o sofrimento negro do que como vê a miséria índia. Seguiu o tão citado versículo de Isaías: *Brada, ó pregador, e não cesses; levanta a tua voz como trombeta.* E como soa alto sua trombeta.

Antônio Vieira é um precursor, avançado no tempo, da defesa do negro. Foi um dos raros europeus de seu tempo a fazer a denúncia da escravidão – não há, em língua portuguesa, palavras que queimem como as dele, nem as de Castro Alves. Assim reivindica para os negros que chama imitadores de Cristo (e para um jesuíta a imitação de Cristo é o ideal de santidade) um papel maior no Reino do Céu.

Já velho, fazendo um breve, brevíssimo comentário sobre Palmares, Vieira parece voltar à lógica dos raciocínios inverificados e inverificáveis: sustenta que a *liberal e segura liberdade* é a única solução do conflito.

Uma lucidez absoluta – só rompida em raros momentos de irritação, que o leva a puxar a faca a um traidor, ou de emoção, ao ver uma mulher chorar os filhos vivos, que estes ainda sofrem –, ao lado da luta pela liberdade, marca sua imagem de homem de contrastes. E é nos contrastes, justamente, que se descobre a humanidade de Vieira, a enorme humanidade de Vieira: são os contrastes feitos pela busca dos destinos dos homens e do destino do homem.

Vieira era, a um só tempo, um pragmático e um sonhador. Era o homem da História do Futuro e do Pa-

pel Forte. Mas não era um realizador. Um só Império ele conquistou: a língua portuguesa.

Quero concluir dando a palavra aos poetas. São versos de Miguel Torga, nos *Poemas Ibéricos*:

Filho peninsular e tropical  
*De Inácio de Loyola,*  
*Aluno do Bandarra*  
*E mestre*  
*De Fernando Pessoa,*  
*No Quinto Império que sonhou, sonhava*  
*O homem lusitano*  
*À medida do mundo.*  
*E foi ele o primeiro,*  
*Original*  
*No ser universal...*  
*Misto de gênio, mago e aventureiro.*

E versos de Fernando Pessoa, em *Mensagem*:

*O céu estrela o azul e tem grandeza.*  
*Este, que teve a fama e a glória tem,*  
*Imperador da língua portuguesa,*  
*Foi-nos um céu também,*  
*No imenso espaço seu de meditar,*  
 Constelado de forma e de visão,  
 Surge, prenúncio claro do luar,  
 El-Rei D. Sebastião.  
 Mas não, não é luar: é luz do etéreo.  
 É um dia; e, no céu amplo de desejo,  
 A madrugada irreal do Quinto Império  
 Doira as margens do Tejo.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – V. Ex<sup>a</sup> será atendido, Senador José Sarney. Agradeço ao Senador José Sarney.

Antes de conceder a palavra ao próximo orador, Senador Tião Viana, solicito ao Sr. 1º Secretário que faça a leitura do Expediente.

Sobre a mesa, projeto de lei que será lido pelo Sr. 1º Secretário, Senador Efraim Morais.

É lido o seguinte:

#### **PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 10, DE 2008**

**Altera a Lei nº 11.350, de 5 de outubro de 2006, para estabelecer normas sobre o repasse de recursos da União destinados ao pagamento dos Agentes Comunitários de Saúde e Agentes de Combate às Endemias admitidos pelos gestores locais do Sistema Único de Saúde.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O art. 8º da Lei nº 11.350, de 5 de outubro de 2006, passa a vigorar acrescido do seguinte parágrafo único:

“Art. 8º .....

Parágrafo único. A União somente repassará, aos gestores locais do SUS, recursos destinados ao pagamento dos agentes comunitários de saúde e agentes de combate às endemias que tiverem o seu vínculo direto com o respectivo ente federado regularmente formalizado, de acordo com o regime jurídico adotado na forma do **caput.** (NR)”

Art. 2º Esta Lei entra em vigor cento e oitenta dias contados da data de sua publicação.

#### **Justificação**

O Programa de Agentes Comunitários de Saúde é, com certeza, uma das mais importantes iniciativas no campo da saúde pública no Brasil. O significado desses profissionais para a nossa população tem enorme relevo e só cresce com o recente surgimento de novos focos de doenças graves, como a dengue hemorrágica e a febre amarela.

Não foi por outra razão que o Congresso Nacional aprovou, no ano de 2006, a Emenda Constitucional nº 51 e a Lei nº 11.350, que buscavam promover a regularização da situação funcional desses profissionais, que muitas vezes estavam em situação absolutamente precária.

Com o mesmo objetivo, o Ministério da Saúde, em julho de 2007, previu o repasse, aos municípios, de um incentivo de R\$532,00 por ano por agente.

Ou seja, verifica-se que, de um lado, a legislação exige que os municípios procedam à formalização do vínculo com os respectivos agentes comunitários de saúde e, de outro lado, que o Ministério da Saúde promova repasses a esses entes, com a finalidade de assegurar o pagamento daqueles profissionais, inclusive no tocante às obrigações funcionais ou trabalhistas.

Apesar disso, observa-se que ainda existem agentes comunitários de saúde em situação funcional precária.

Para buscar uma solução para esse problema, estamos apresentando a presente proposição, tornando mais rígida a concessão dos incentivos do Ministério da Saúde aos municípios, exigindo-se a regularização do vínculo dos agentes comunitários de saúde para que o repasse seja feito, inclusive dando um prazo de cento e oitenta dias para que isso tenha lugar.

Temos a certeza de que essa iniciativa permitirá fazer justiça com esses brasileiros e brasileiras que sacrificam a sua vida para garantir condições mínimas de saúde especialmente àquelas camadas mais sofridas

da nossa sociedade, dando efetividade à legislação já aprovada pelo Congresso Nacional.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Expedito Júnior**.

#### LEGISLAÇÃO CITADA

EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 51, DE 2006

***Acrescenta os §§ 4º, 5º e 6º ao art. 198 da Constituição Federal.***

#### LEI Nº 11.350, DE 5 DE OUTUBRO DE 2006

Art. 8º Os agentes comunitários de saúde e os agentes de combate às endemias admitidos pelos gestores locais do SUS e pela Fundação Nacional de Saúde – FUNASA, na forma do disposto no § 4º do art. 198 da Constituição, submetem-se ao regime jurídico estabelecido pela Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, salvo se, no caso dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, lei local dispuser de forma diversa.

*(Às Comissões de Assuntos Econômicos e de Assuntos Sociais, cabendo à última decisão terminativa.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – O projeto lido será publicado e remetido às Comissões competentes.

Sobre a mesa, requerimento que será lido pelo Sr. 1º Secretário, Senador Efraim Morais.

É lido o seguinte:

#### REQUERIMENTO Nº 25, DE 2008

Nos termos do art. 50, § 2º da Constituição Federal e art. 216 do Regimento Interno do Senado Federal, requeiro seja encaminhado ao Ministro de Minas e Energia, Ex<sup>mo</sup> Sr. Edson Lobão, o presente pedido de informações:

“Com o intuito de subsidiar a atuação deste parlamentar no acompanhamento das obras do gasoduto Urucu–Porto Velho, solicito as seguintes informações:

- 1) Qual o valor oficial já investido na construção do gasoduto Urucu–Porto Velho?
- 2) Qual a previsão de investimentos para a conclusão das obras do gasoduto Urucu–Porto Velho?
- 3) Qual o cronograma oficial das obras de construção do gasoduto Urucu–Porto Velho?
- 4) Tendo em vista que o licenciamento ambiental para instalação do gasoduto Urucu–Porto Velho

foi outorgado em 2005; a autorização pela ANP, para construção do gasoduto, data de abril de 2006, e o decreto de utilidade pública data de agosto de 2005, qual a razão oficial para as obras de construção do gasoduto Urucu–Porto Velho estarem paradas?

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Expedito Júnior**.

*(À Mesa para decisão)*

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – O requerimento lido será despachado à Mesa para a decisão, nos termos do inciso III do art. 216 do Regimento Interno.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Tião Viana, que falará por cinco minutos.

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT – AC. Para uma comunicação inadiável. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, agradeço a V. Ex<sup>a</sup> a solidariedade na permissão do tempo.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, trago um debate sobre nossa chamada Agenda Verde, matéria plenamente constituída como uma das principais preocupações do Brasil nos dias de hoje, construída como agenda pela imprensa brasileira; pelos organismos de preocupação ambiental internacional; pelo Ministério do Meio Ambiente, capitaneado tão bem pela nossa querida Ministra Marina Silva; pelo Governo do Brasil; pelo Congresso Nacional; pelas organizações não-governamentais.

Reporto-me aqui a uma matéria assinada pelo jornalista Melchiades Filho, do jornal **Folha de S.Paulo**, no último sábado, intitulada “Sinal Verde?”, com o seguinte teor: “Para uma economia em expansão, o Brasil não fez feio no *Environmental Performance Index*, o índice-piloto que procura calcular o desempenho ambiental [...]”. Ele diz que o Brasil procura calcular o desempenho ambiental de todos os países do planeta. Esse é um índice que reflete isso na verdade.

Diz o artigo:

Na edição deste ano do **ranking** elaborado pelas universidades de Yale e Columbia, ele [o Brasil] emplaca a 35ª posição, com nota 82,7 (0 a 100). Aparece à frente de nações com “vocação” parecida, como México e Austrália (empatados em 46º, com 79,8), África do Sul (97º; 69), China (105º; 65,1) e Índia (120º; 60,3).

O estudo computa 25 indicadores, divididos em saúde ambiental (poluição do ar, qualidade da água, saneamento) e vitalidade de ecossistemas (emissão de gases-estufa, conservação de matas, controle de pesticidas). Os 25 indicadores dizem respeito a políticas públicas, ou seja, àquilo pelo qual os governos podem – ou deveriam – ser responsabilizados.

Trata-se de um “trabalho em progresso”, devido a limitações metodológicas: ainda não há um padrão métrico mundial para monitorar o ambiente. A pesquisa tenta driblar [diz Melchiades Filho] essa situação por meio de modelagens estatísticas e do descarte de quem não tem dados confiáveis.

O EPI, mesmo assim, parece antenado. Os EUA tombaram, da 28ª para a 39ª colocação (nota 81) [lembro que o índice é de 0 a 100]. Faz sentido, dado o desdém do governo Bush pela questão. A Suíça (95,5) tirou a liderança da Nova Zelândia, que ficou na 7ª (88,9). A Argentina caiu de 30ª para a 38ª (81,8).

O Brasil perdeu um lugar desde 2006, mas a nota subiu 5,7 pontos. Surpreendente, se consideradas as pressões por inclusão e demandas de consumo atendidas após décadas. Mérito de ativistas, servidores, cientistas e jornalistas que divulgaram por aqui a agenda verde.

Aí, faço um reparo. Acho que esse dado do *Environmental Performance Index* traduz, sim, uma responsabilidade de todos, do Congresso Nacional brasileiro, do Ministério do Meio Ambiente, do Governo brasileiro e de toda a sociedade, não apenas dos ativistas, como ele diz, como também dos servidores, dos jornalistas e dos cientistas.

Há uma agenda verde dividida entre uma análise muito melancólica, uma análise de pontos científicos, que aborda de maneira muito elevada a questão, dividindo a responsabilidade no seu campo correto, e uma análise passional, política, que tenta pegar qualquer indicador negativo para fazer com isso um cavalo de batalha, como se a guerra tivesse sido sempre inócua, de resistência, que é o que tem tido o Ministério do Meio Ambiente, no fortalecimento da defesa de uma consciência ambiental, de uma consciência florestal no Brasil, na defesa da Amazônia.

Penso que esse indicador demonstra que o Brasil pode-se sentir bem como um País que oferece uma razoável qualidade de vida ambiental às suas populações, como um País que está preparado para assumir sua agenda verde à altura do seu tempo e das responsabilidades, como um País que é capaz de definir seu zoneamento econômico e ecológico de maneira muito clara, como um País que pode voltar a conquistar a confiança internacional de toda a comunidade

ambiental, no sentido da sua responsabilidade com uma política pública para o meio ambiente.

A Ministra Marina tem a mais elevada envergadura e responsabilidade na condução da questão ambiental do Brasil. Entendo que estamos numa fase de luta de um País que dobrou seu potencial econômico em relação à última década, nos dias de hoje, de um País que está preparado para uma grande arrancada de crescimento. A expansão econômica, sabemos o quanto ela pode, muitas vezes, não estar em harmonia, em sintonia, em coerência com os desafios da preservação ambiental, e a Ministra Marina tenta mediar essa questão com a mais elevada responsabilidade, com a mais elevada certeza de que é possível trazer a consciência ambiental para todas as decisões brasileiras, inclusive para as de ordem econômica pura.

Acredito que essa matéria do jornalista Melchiades Filho – peço que seja transcrita nos *Anais* do Senado – reflete muito bem esse sentimento.

Hoje, no jornal **O Estado de S. Paulo**, a Drª Eliana Cardoso, professora titular da Fundação Getúlio Vargas, apresenta um artigo que cita também o índice de desempenho para o meio ambiente no *Environmental Performance Index*. No artigo “Geografia da Felicidade”, ela faz uma análise crítica de todo esse caminho que têm as nações em relação às suas responsabilidades ambientais.

Penso que o jornalista Melchiades Filho chamou a atenção para a questão e provocou um debate com a sociedade. O Congresso Nacional, hoje, debate um tema ultra atual, que são as áreas de compensação em relação à preservação de florestas, do que o Governo deve tratar em relação aos processos penais que estão envolvidos na área de meio ambiente, e espero que possamos estar à altura das nossas responsabilidades e dos nossos desafios, conduzindo essa agenda como algo do tamanho do Brasil, não como uma agenda localizada, de maneira passional, no setor político “a” ou “b”.

Muito obrigado.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O  
SR. SENADOR TIÃO VIANA EM SEU PRO-  
NUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

MELCHIADES FILHO

## Sinal verde?

**BRASÍLIA** - Para uma economia em expansão, o Brasil não faz feio no Environmental Performance Index, o índice-piloto que procura calcular o desempenho ambiental de todos os países do planeta.

Na edição deste ano do ranking elaborado pelas universidades de Yale e Columbia, ele emplaca a 35ª posição, com nota 82,7 (0 a 100). Aparece à frente de nações com “vocação” parecida, como México e Austrália (empatados em 46 , com 79,8), África do Sul (97 ; 69), China (105 ; 65,1) e  ndia (120 ; 60,3).

O estudo computa 25 indicadores, divididos em saúde ambiental (polui o do ar, qualidade da água, saneamento) e vitalidade de ecossistemas (emissão de gases-estufa, conserva o de matas, controle de pesticidas). Os 25 dizem respeito a políticas públicas, ou seja, àquilo pelo qual os governos podem —ou deveriam— ser responsabilizados.

Trata-se de um “trabalho em progresso”, devido a limita es metodológicas: ainda não há um padrão métrico mundial para monitorar o

ambiente. A pesquisa tenta driblar essa situa o por meio de modelagens estatisticas e do descarte de quem não tem dados confiáveis.

O EPI, mesmo assim, parece antenado. Os EUA tombaram, da 28ª para a 39ª coloca o (nota 81). Faz sentido, dado o desdém do governo Bush pela questão. A Su a (95,5) tirou a liderança da Nova Zelândia, que ficou na 7ª (88,9). A Argentina caiu da 30ª para a 38ª (81,8).

O Brasil perdeu um lugar desde 2006, mas a nota subiu 5,7 pontos. Surpreendente, se consideradas as pressões por inclusão e demandas de consumo atendidas após décadas. Mérito de ativistas, servidores, cientistas e jornalistas que divulgaram por aqui a agenda verde.

Sem transigir com erros de gestão nem ignorar urgências ambientais, o EPI reconhece esses avanços. De certa maneira, confirma a necessidade de uma discussão menos superficial sobre a (não) ocupa o da Amazônia. O apocalipse, sugere o ranking, está em outras paragens.

[mfilho@folhasp.com.br](mailto:mfilho@folhasp.com.br)

RUY CASTRO

## Tapioca corporativa

**RIO DE JANEIRO** - Os ricos não gostam de pegar em dinheiro. Por isso inventaram o talão de cheques e o cartão de crédito, sem falar no seu velho e respeitável substituto, o calote. Homens como Onassis, J. Paul Getty e Antonio Peti o, que

me” de seus cargos, não parecem ter muita paciência para conferir números.

  essa liberalidade que explica seus gastos com mesas de sinuca, lojas de enxoval, piscinas, col es,

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço ao Senador Tião Viana.

Concedo a palavra ao Senador Paulo Paim.

**O SR. JAYME CAMPOS** (DEM – MT) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Antes de conceder a palavra ao Senador Paulo Paim, ouço o Senador Jayme Campos.

**O SR. JAYME CAMPOS** (DEM – MT. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Agradeço a gentileza ao querido Senador Paulo Paim.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, faço questão absoluta de pedir a palavra pela ordem, até porque não estou inscrito, para dizer que estou voltando, hoje, às atividades parlamentares. Espero que o ano de 2008 seja muito proveitoso para o Congresso, mas, sobretudo, para o Senado.

Quero registrar, de forma prazerosa, a satisfação que senti ao ouvir o pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup> na abertura dos trabalhos do Congresso Nacional. Seu discurso, Senador Garibaldi Alves, foi marcante e vai ficar registrado na história desta Casa. Por onde andei no meu Estado de Mato Grosso, nesses últimos dias após a abertura dos trabalhos, pude perceber que a opinião pública mato-grossense renovou sua confiança nesta Casa, na medida em que V. Ex<sup>a</sup> mostrou, com muita clarividência, de que forma vai atuar o Senado Federal: de maneira independente, sempre defendendo os interesses da coletividade brasileira.

Desse modo, meu querido amigo Presidente Garibaldi Alves, volto com as energias renovadas, para defender, como fiz no ano passado, os interesses de toda a sociedade.

V. Ex<sup>a</sup> se pronunciou em relação às medidas provisórias, dizendo que elas devem ter preceitos constitucionais e devem ter urgência e relevância. V. Ex<sup>a</sup> tem razão, e espero que possamos, realmente, fazer valer em toda a sua plenitude aquilo que é da responsabilidade do Senado Federal. Agradeço-lhe e coloque-me à disposição, para ser, com certeza, um Senador exemplar, mas, acima de tudo, um Senador aliado da Presidência da Casa.

Também quero dizer que V. Ex<sup>a</sup> iniciou seus trabalhos, neste ano, marcando um gol de ouro, na medida em que, todos os dias, está presente na abertura dos trabalhos. Certamente, é isto que o povo brasileiro quer: um Senador exemplar, um Senador ético, mas, acima de tudo, um Senador que tem compromisso com o povo brasileiro.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

Obrigado, querido Senador Paulo Paim.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Jayme Campos.

**O SR. PAPALÉO PAES** (PSDB – AP) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Peço tolerância ao Senador Paulo Paim, para ouvir, pela ordem, o Senador Papaléo Paes, a quem concedo a palavra.

**O SR. PAPALÉO PAES** (PSDB – AP. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, agradeço-lhe a concessão. Agradeço também ao Senador Paulo Paim a compreensão.

Eu não poderia deixar de registrar, na mesma linha do Senador Jayme Campos, o discurso que V. Ex<sup>a</sup> proferiu na abertura dos trabalhos da nossa Sessão Legislativa. Quero dizer que, como Senador, senti que V. Ex<sup>a</sup> conseguiu colocar no discurso o grau de importância desta Casa para o Brasil, conseguiu honrar todos nós, que representamos nossos Estados. Com o que V. Ex<sup>a</sup> pensa e com o que até chamou, em determinado momento do seu discurso, de utopia, V. Ex<sup>a</sup> realmente está determinado por esta Casa. Como cidadão brasileiro, quero dizer que V. Ex<sup>a</sup>, com seu discurso, resgata em todo cidadão brasileiro a importância desta Casa para o cenário democrático do País.

Quero parabenizá-lo e dizer que o acompanhei atentamente, palavra por palavra. Já falei a V. Ex<sup>a</sup>, pessoalmente, do meu reconhecimento, mas quero, publicamente, registrá-lo, parabenizando V. Ex<sup>a</sup> e o Senado Federal, por ter um representante do quilate de V. Ex<sup>a</sup>.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço ao Senador Papaléo Paes.

Comunico ao Senador Tião Viana que a solicitação de S. Ex<sup>a</sup> será atendida nos termos do nosso Regimento.

Finalmente, concedo a palavra ao Senador Paulo Paim.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Senador Garibaldi Filho, Presidente do Senado e do Congresso Nacional; Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, venho à tribuna no dia de hoje, Sr. Presidente, demonstrar as minhas preocupações com a suspensão da compra da carne bovina brasileira pela comunidade europeia.

Agradeço, em primeiro lugar, ao Senador Hércilio Fortes, que cedeu seu espaço para que eu pudesse comentar este tema que interessa a todo o povo brasileiro e, naturalmente, interessa muito para os produtores gaúchos.

Sr. Presidente, isso nos preocupa pois os produtores nacionais perdem – com essa decisão da Comunidade Europeia que espero seja revogada rapidamente – um mercado consumidor que comprou mais de um

bilhão de dólares no ano passado. E a perspectiva era de ampliarmos as importações de carne neste ano.

A carne brasileira, ninguém tem dúvida, é uma das melhores, uma das mais saborosas do mundo. Ela é conhecida como carne verde: o gado não é alimentado com ração, mas com pasto, que além de barato é de melhor qualidade.

Sr. Presidente, não é só a Europa que quer comprar a carne brasileira, nós sabemos. A carne brasileira tem espaço em todo o mundo, mas temos que reconhecer que é no continente europeu que faturamos 31% de nossas exportações.

O jornalista Rogério Mendelski, na sua coluna dominical do jornal **Correio do Povo**, de Porto Alegre, contribuiu no seu espaço com alguns dados importantes. Por exemplo, diz ele que um quilo de contrafilé, que custa no Brasil cerca de R\$10,00, na Itália custa em torno de R\$60,00; na Inglaterra, mais de R\$80,00; e, no Japão, essa mesma carne pode custar em torno de R\$150,00.

Sr. Presidente, é claro que nesses países o imposto é mais alto, mas nenhum deles tem condição de produzir carne tão boa e da qualidade da nossa. Logo, somos concorrentes em potencial para os países produtores de carne, como Inglaterra, Irlanda, Austrália, Canadá, EUA e a própria Argentina, bem próxima a nós.

Os pecuaristas irlandeses e britânicos, por terem altos custos de produção, se acharam prejudicados pela carne brasileira, que é mais barata e de melhor qualidade. Sr. Presidente, eles, defendendo o seu braseiro para assar um churrasco, como diz o gaúcho, pressionaram a União Européia, que cedeu a esse *lobby*.

Creio que o Congresso Nacional, esta Casa, tem que agir rápido. Para tanto é de saudar, o que faço agora, a audiência pública chamada para a próxima quarta-feira, na Comissão de Agricultura do Senado, quando este tema será discutido.

Recentemente, percebemos que estavam aqui no Brasil comissões de parlamentares e produtores de outros países estudando a situação da carne brasileira e tentando criar condições para esse boicote.

Sr. Presidente, esse setor da economia é fundamental, não só pela questão da exportação brasileira, para as divisas do nosso País, mas também pela área em que eu tanto atuo que é o emprego para a nossa gente, o mercado de trabalho com carne no campo e na cidade. São milhões de empregos que de forma direta e indireta atuam nesse setor.

Sr. Presidente, não podemos subestimar os nossos concorrentes nessa área. O que a União Européia fez outros países podem fazer; temos o dever de defender os nossos produtores e as nossas exportações. É

importante que o Congresso Nacional apóie as ações dos Ministérios da Agricultura e Relações Exteriores para reverter essa situação.

Claro que devemos nos preocupar se há problemas que possam contribuir com esse tipo de retaliação e que busquemos a solução o mais rápido possível. Quero aqui reafirmar o nosso apoio aos produtores e a todas as ações que venham a garantir a manutenção e o aumento das exportações da carne brasileira.

Sr. Presidente, na mesma linha, quero ainda falar de outro setor produtivo do Rio Grande do Sul e do Brasil.

O Rio Grande do Sul, Sr. Presidente, é responsável por 60% da produção nacional do arroz. Recebi, na semana passada, a pauta do setor, tendo em vista que a próxima safra deverá ser iniciada já no final deste mês de fevereiro.

A Associação dos Arrozeiros solicitou ao Ministério da Agricultura a adoção de diversas medidas e mecanismos, visando a sustentação de preços e apoio à comercialização para a safra 2007/2008.

Passo a citar, Sr. Presidente, algumas das solicitações do setor:

Recursos para a aquisição do Governo Federal e a equalização de preços. Trata-se de uma cifra em torno de 500 milhões.

Que sejam consolidadas as doações propostas pelo setor tanto para o mercado interno, por meio do Programa Fome Zero, para atender as pessoas carentes nas regiões de intensa estiagem, quanto para o mercado externo, por doações humanitárias a países com má condição alimentar e ocorrência de catástrofes climáticas.

Propõe também, Sr. Presidente, nessa linha, é claro, de comércio mas também humanitária, a remoção de parte dos estoques públicos do Rio Grande do Sul para outras regiões brasileiras, para ampliar a capacidade de estocagem no estado, visando a receber a safra 2007/2008.

Liberação dos recursos possibilitando a realização do Balcão de Negócios durante a 18ª Abertura Oficial da Colheita do Arroz, que se realizará em Cachoeirinha, que fica na grande Porto Alegre, de 28 de fevereiro a 2 de março de 2008, a exemplo do sucesso e excelente aceitação da edição anterior.

Propõe, ainda, Sr. Presidente, que haja apoio governamental para o programa piloto e inédito de exportação pelo setor produtivo direcionado a terceiros mercados.

Urgência na aprovação do Orçamento Geral da União, Sr. Presidente, antes da safra, a tempo da implementação dos mecanismos citados, que têm a ver com o Orçamento que esta Casa deve votar.



Sr. Presidente, não posso deixar de mencionar, encerrando já esta minha fala, esse setor tão importante da economia nacional e da economia gaúcha, no sentido de informar que, no final de fevereiro, início de março, no Rio Grande do Sul, entre tantos eventos, teremos a abertura da Festa da Uva, em Caxias do Sul, minha cidade natal. Farei, em outro dia, um pronunciamento sobre a importância dessa festividade. Ao mesmo tempo em que teremos a abertura da Festa da Uva, teremos também a abertura oficial da Colheita do Arroz, que, neste ano, repito, será na cidade de Cachoeirinha.

Presidente Garibaldi, hoje pela manhã, recebi do Presidente da Federação das Associações dos Arrozeiros, Valter José Pötter, um telefonema no sentido de solicitar a V. Ex<sup>a</sup>, Presidente da Casa, que esteja presente tanto na Festa da Uva bem como na Festa do Arroz. O mesmo convite queremos estender ao Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, que já se comprometeu em estar na Festa da Uva. Que aproveite o mesmo período e esteja também na abertura oficial da colheita do arroz, que, repito, será bem próxima ao aeroporto da capital, praticamente caminho para que o Presidente se desloque a Caxias do Sul.

Sr. Presidente, eu me comprometi a levar esta solicitação tanto a V. Ex<sup>a</sup>, como Presidente do Congresso Nacional, como também ao Presidente Lula. Tenho certeza que, dentro das possibilidades, tanto o Presidente Lula quanto V. Ex<sup>a</sup> estarão presentes nesses eventos, que são de suma importância para o setor produtivo brasileiro.

Senador Alvaro Dias, venho à tribuna tão seguidamente falar de distribuição de renda e de emprego que podem alguns não entender por que vim à tribuna neste momento, como vim outro dia falar dos empresários do setor metalúrgico do Rio Grande do Sul, falar do setor produtivo. Ora, falo com a maior tranquilidade, e voltarei quantas vezes for necessário, porque entendo que é aí que estamos gerando emprego, divisa e, naturalmente, distribuição de renda para todo o nosso povo, assim como alimentos a preços acessíveis.

Por isso a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Garibaldi, reafirmo o convite que fiz e que farei ao Presidente Lula.

Com estas palavras encerro meu pronunciamento.

Obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Paulo Paim, sobretudo pelo convite.

Concedo a palavra ao Senador Alvaro Dias.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, inicialmente, devo fazer

considerações sobre a nota do Partido dos Trabalhadores. Diz o Partido dos Trabalhadores:

(...)

O PT deve denunciar, porém, a ação demagógica e pseudo-moralista intentada por setores reacionários da vida política nacional, que a todo preço, e com evidente má-fé e hipocrisia, procuram transformar esta questão [dos cartões corporativos] em uma gigantesca crise política que desgaste a imagem do governo do presidente Lula perante a opinião pública. Se hoje a denúncia da má-útilização de cartões corporativos pode ser feita e apurada com transparência, isso se deve, em grande medida, ao fato de que a atual administração federal desenvolveu mecanismos republicanos de transparência nos gastos públicos e de correção de eventuais ilegalidades.

Cabe ao PT, portanto, reafirmar a firme defesa da existência destes mecanismos, cujos limites devem ser admitidos apenas excepcionalmente nos casos em que a segurança do Estado ou a de seus dirigentes maiores assim o exija.

Sr. Presidente, essa é uma linguagem superada, é uma linguagem de outros tempos. Combater a corrupção é reacionarismo no entendimento do Partido dos Trabalhadores. Em outros tempos, reacionarismo tinha outro conceito. Há aí uma metamorfose ambulante em relação ao que possa significar reacionarismo. Combater a corrupção não é reacionarismo; ao contrário, é uma exigência de todos os tempos. Combater a corrupção não é atraso; é avanço, é uma exigência da sociedade brasileira.

O PT fala em transparência, mas luta incansavelmente para impedir que se abra uma caixa preta localizada na Presidência da República, onde se escondem os mistérios indevassáveis da utilização de cartões corporativos, no número de 150, de órgãos ligados à Presidência da República. Não me parece que compras efetuadas no camelódromo de Florianópolis possam atentar contra a segurança nacional. Não me parece que despesas realizadas em São Bernardo, como a aquisição de uma esteira, por exemplo, possa atentar contra a segurança do Estado brasileiro.

Esse conceito de reacionarismo é esdrúxulo, como, a meu ver, também é estapafúrdio esse conceito de segurança nacional. Várias autoridades credenciadas, respeitadas, se manifestaram a respeito da tese. A OAB, taxativamente, afirma que não há sustentação jurídica para a tese de que tais despesas devem ser sigilosas em nome da segurança do Estado brasileiro. A Igreja, na voz autorizada de Dom Geraldo Magela, uma das suas principais lideranças, da mesma forma: “Não se admite que recursos públicos sejam gastos clandestinamente, sem prestação de contas”. O Poder

Judiciário, não oficialmente, mas através da voz competente do Ministro Marco Aurélio, afirma que não há prerrogativa constitucional que possa assegurar ao Presidente da República esse direito. Mas o PT fala em transparência.

Em 2006, de R\$4,9 milhões gastos na esfera da Presidência da República, apenas de R\$100 mil se prestaram contas; R\$4,8 milhões foram despesas absolutamente sigilosas. Nem o Tribunal de Contas da União teve acesso à documentação comprobatória.

Agora, nós discutimos a instalação de CPI no Congresso Nacional, e o Governo se antecipa e lidera a proposta de instalação de uma CPI, mas extrapola os limites dos cartões corporativos. O fato determinado que sustenta regimentalmente a iniciativa de CPI é a denúncia relativa ao mau uso dos cartões corporativos. Portanto, uma CPI, para ser regimental, tem de se cingir a esse fato determinado. As denúncias que percorrem a mídia nacional são denúncias que dizem respeito ao mau uso dos cartões corporativos, consubstanciando desvio de finalidade, já que os recursos estão sendo utilizados, indevidamente, em benefício próprio.

Anuncia-se agora, Senador Geraldo Mesquita Júnior, que houve um acordo na Câmara dos Deputados e que a oposição aceitaria a proposta do Governo de investigar contas desde 1998.

Trago um exemplo para sustentar a afirmação que farei em seguida. A Ministra-Chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, ao responder a pedido de informações que formulamos a respeito dos gastos com cartões corporativos na Presidência da República de 2003 a agosto de 2005, afirmou que seria impossível atender à solicitação do Senado Federal, porque a documentação era farta. Seriam mais de 100 mil folhas dos processos. Seriam mais de 23 mil notas fiscais. Portanto, alegou a Ministra que seria impossível remeter ao Senado Federal.

Eu indago: se de 2003 a agosto de 2005, apenas na esfera da Presidência da República, há documentação tão farta, que se impossibilita a remessa ao Congresso Nacional, imaginem os Srs. Senadores se chegarmos a 1998 – dez anos, portanto –, com documentação que comprove despesas variadas, não só de cartões corporativos, que foram instituídos em 2001, Senador Heráclito Fortes, mas outras despesas da burocracia estatal? Ora, Sr. Presidente, estaríamos mergulhados num oceano de papéis e documentos e certamente nos afogariamos, sem chegar a conclusão alguma.

Querem instalar uma CPI não em razão de fatos determinados. Querem instalar uma CPI em razão de fatos indeterminados. Esses são fatos indeterminados,

listados pelo Senador Romero Jucá, e agora com a acolhida do Deputado Carlos Sampaio.

Fala-se em acordo com a oposição. Provavelmente, o acordo ocorreu na Câmara dos Deputados, não é do nosso conhecimento. Se o nosso partido chegar à conclusão de que é conveniente celebrar esse acordo, é óbvio que aceitarei partidariamente. Mas minha opinião pessoal é a de que o partido não deveria chegar a esse entendimento. É uma opinião pessoal, em nome da objetividade.

Temos que respeitar a população do País. Não podemos gerar falsa expectativa: anunciar que vamos investigar aquilo que é impossível investigar. É possível investigar, regimentalmente, fatos determinados que dizem respeito ao uso de cartões corporativos, que começaram em 2001, no Governo Fernando Henrique Cardoso. Fora isso, se o Governo atual, se o PT descobrir alguma irregularidade no governo passado, denunciar e propor uma CPI, eu apoiarei. Creio que toda denúncia séria, responsável deve ensejar a necessária investigação, em nome da transparência que exige o povo brasileiro. Agora, investigar fatos indeterminados me parece manobra estratégica, de natureza política. Fica a impressão de que estão pensando da seguinte forma: “Nós já estamos sujos; vamos procurar sujar os nossos adversários, merecida ou imerecidamente”.

No Governo Fernando Henrique, investigava-se o Governo Fernando Henrique. Era responsabilidade da oposição. Se a oposição não investigou, não cumpriu seu dever. Se a oposição não denunciou, não teve competência para fazê-lo. Com esse atraso todo, aqueles que eram oposição e são agora governo – aliás nem todos, alguns eram governo também; o Líder Romero Jucá era líder do governo passado e hoje é líder do atual Governo; portanto, não era oposição. O PT era oposição. E oposição incisiva, contundente. Não investigou, não encontrou irregularidades, não denunciou, não propôs CPI. Ora, Sr. Presidente, se não o fez, o tempo passou. Agora, estamos sob a vigência de outro governo; estamos sob a vigência do Governo Lula. A nossa responsabilidade é investigar o Governo Lula.

Falo, Senador Geraldo Mesquita, com tranqüilidade de consciência, porque, mesmo não sendo do PT, no governo passado subscrevia qualquer requerimento que solicitasse a instalação de CPI. Acho que governo sério não teme CPI; governo sério entende a CPI como uma forma de obter da oposição um atestado de boa conduta. Sempre encarei dessa forma. E é dessa forma que encaro ainda hoje.

Eu não teria dificuldade alguma de contribuir para que se investigue o governo passado, mas apresentem fatos determinados, tragam as denúncias consubstan-

ciadas em provas ou em indícios que nos permitam sustentar regimentalmente a instalação de uma CPI. Mas não afrontem a nossa legislação com essa invenção, com essa miscelânea que apresentam numa geléia geral, que tem por objetivo confundir e não esclarecer, esconder e não descobrir. Não querem descobrir absolutamente nada; o que desejam é blindar aqueles que se utilizaram dos cartões corporativos nos últimos anos.

Cedo a palavra ao Senador Geraldo Mesquita Júnior, com prazer.

**O Sr. Geraldo Mesquita Júnior** (PMDB – AC) – Muito obrigado, Senador Alvaro Dias. Senador Alvaro, a instalação de CPI nesta Casa sempre foi alvo de uma disputa muito acirrada: “CPI é instrumento das oposições”, “Governo não tem interesse em instalar CPI”, isso ao longo dos tempos sempre foi assim. Na sua fala, o Senador José Agripino, na semana passada, dizia: a sociedade quer uma CPI que apure... E me ocorreu uma idéia que talvez contribua decisivamente com esta Casa, com a Câmara dos Deputados, ou seja, com o Congresso Nacional, para que superemos esse problema, sempre presente quando surge um fato relevante que possa ensejar a instalação de uma CPI, que gera essa guerra interminável. Ocorreu-me a idéia de propor uma alteração no §3º do art. 58 da Constituição, que fala da instalação da CPI, para prever que ela possa ser criada também mediante iniciativa popular. Ou seja, meio por cento do eleitorado brasileiro da última eleição – sempre será da última eleição – pode subscrever um pedido de instalação de CPI e submetê-lo ao Congresso Nacional, assim como um terço de uma das Casas ou das duas pode fazê-lo, conforme previsto na nossa Constituição. Devo dizer que tive o privilégio e o prazer de ter a sua assinatura logo após a minha, porque conheço o perfil de V. Ex<sup>a</sup>, sei da sua preocupação com um tema tão relevante. Estou colhendo as assinaturas necessárias para fazer tramitar a proposição. Espero oferecer ao Senado Federal, ao Congresso Nacional, esta contribuição: a introdução desse mecanismo na Constituição para que a sociedade, que hoje está cada vez mais vigilante, mais atuante, tenha mais esse instrumento de interação com o Congresso Nacional, com o Senado Federal, para pedir a instalação de uma CPI e ter seu pedido atendido. Com isso, superaremos toda essa dificuldade que existe entre governo e oposição ao tratarem de um assunto tão relevante como esse. Muito obrigado.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR) – Muito obrigado, Senador Geraldo Mesquita Júnior. É uma grande contribuição, inteligente, é um avanço. Subscrevi, com a maior satisfação, essa proposta de sua iniciativa.

Vou conceder o aparte ao Senador Antonio Carlos Valadares e, depois, ao Senador Heráclito Fortes. Tem V. Ex<sup>a</sup> o aparte, Senador.

**O Sr. Antonio Carlos Valadares** (Bloco/PSB – SE) – Senador Alvaro Dias, V. Ex<sup>a</sup> sabe do respeito que tenho pela sua conduta parlamentar. Tendo passado pelo Governo do Estado do Paraná, V. Ex<sup>a</sup> deixou ali um exemplo marcante de dignidade, de competência administrativa, de transparência na ação governamental, e, aqui no Senado, não tem sido diferente. O seu pronunciamento de hoje demonstra, por exemplo, a sua identificação com o estado de espírito hoje reinante na sociedade brasileira, que é o de apurar, doa em quem doer, todos os fatos relevantes da vida nacional que digam respeito à má aplicação de recursos públicos. Quero crer que, diante da ponderação que V. Ex<sup>a</sup> faz nesse instante, há possibilidade de que alguns quesitos formulados na proposta do Senador Romero Jucá estejam em desconformidade com o nosso Regimento, com a nossa Constituição. Não tenho a menor dúvida, tenho a maior tranquilidade de que, se, realmente, essa informação de V. Ex<sup>a</sup> tiver fundamento, o Presidente do Congresso Nacional, que é um homem cujo poder de decisão todos conhecem, é um homem moderado, é um homem tranquilo, entretanto, é um homem que não transmite qualquer insegurança quanto à interpretação do nosso Regimento, quero dizer a V. Ex<sup>a</sup> o seguinte: se o requerimento do Senador Romero Jucá estiver bem fundamentado, de acordo com o Regimento, S. Ex<sup>a</sup> o Presidente do Congresso, Senador Garibaldi Alves, vai dar andamento normal. Caso contrário, S. Ex<sup>a</sup>, com base nas informações que tem e com base nas informações de sua assessoria, irá tomar providências cabíveis no sentido de que a CPI tenha seguimento. Ou, caso a oposição, aqui no Senado, não se conforme com a decisão da Mesa, ainda tem o recurso regimental de ouvir a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania. De forma que quero parabenizar V. Ex<sup>a</sup> e apenas tranquilizá-lo no plano das decisões que serão tomadas pelo nobre Presidente Garibaldi Alves. Confio na sua ação regimental e constitucional. Obrigado a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR) – Muito obrigado, Senador Valadares.

Concedo o aparte ao Senador Heráclito Fortes, com a permissão do Presidente Garibaldi.

**O Sr. Heráclito Fortes** (DEM – PI) – Senador Alvaro Dias, congratulo-me com V. Ex<sup>a</sup>, que vem sendo um Senador sempre atento a essa questão, desde o requerimento original, há aproximadamente quatro anos, até agora. Sexta-feira, na sessão, travamos aqui uma discussão, inclusive eu, pessoalmente, com o Senador Romero Jucá, e naquele momento insisti muito

para que S. Ex<sup>a</sup> concordasse com a CPI Mista. O Senador foi peremptório em dizer que de maneira nenhuma aceitava. Não quis, relutou inclusive em trocar o documento, no qual acrescentou de próprio punho alguns requisitos que faltavam. Foi preciso o Presidente, de maneira soberana e independente, sugerir a mudança daquele texto. Hoje, para surpresa de todos, o Líder toma a iniciativa de anunciar ao País esse acordo. É preciso ver exatamente em que termos esse acordo poderá ser feito e se esse acordo é bom para o País. Está-se discutindo a eventual vantagem partidária que A ou B vai tomar e ninguém está querendo discutir o País. Esse é um fato grave que envolve malversação de recursos públicos. Já está provado que não há controle. O problema do cartão corporativo é a falta de controle. De forma que me congratulo com V. Ex<sup>a</sup>. Nós, da oposição, queremos apuração, mas apuração para valer; de apuração de brincadeira, de mentirinha, estamos fartos. Parabéns a V. Ex<sup>a</sup>!

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR) – Obrigado, Senador Heráclito Fortes. V. Ex<sup>a</sup> tem razão, um acordo não pode passar a idéia de que se trata de um entendimento de proteção recíproca: “Nos protejam que nós os protegeremos”. Essa idéia não pode prevalecer em razão de uma repentina mudança de posição do Líder do Governo.

É claro que há razões para se suspeitar dessa mudança, como bem disse o Senador Heráclito Fortes, de sexta-feira para hoje. Sabemos que 89% – e é o próprio Governo que afirma – de todas as despesas com cartões corporativos não são conhecidas, não tiveram publicidade. A investigação foi absolutamente frágil em relação a 89% do total das despesas efetuadas com os cartões corporativos. Portanto, que há razão para uma investigação neste momento, em consequência das denúncias divulgadas pela imprensa, há. Agora, precisamos, de boa-fé, respeitando a sociedade brasileira, instalar a CPI para investigar de verdade.

Vou conceder, com prazer também, o aparte, e não poderia ser diferente, em razão da necessidade do contraditório, ao Senador Sibá Machado.

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>. Para ser muito breve, até mesmo pelo tempo, em primeiro lugar, tenho dito em todas as entrevistas que já fiz, por aqui e lá no Acre, do respeito que tenho por V. Ex<sup>a</sup>, pela dedicação, pelo mandato parlamentar muito atuante – é um dos líderes da oposição nesta Casa. E é claro que estamos aqui debatendo opiniões. Então, do ponto de vista de opinião, já tratamos muito sobre focos de CPIs, que algumas CPIs tendem a fugir do seu foco ou coisa parecida. Neste caso, a iniciativa do Senador Romero Jucá é muito louvável, como poderia ser de qualquer outro Senador, talvez

pela dificuldade de entender por que foi ele e não foi um outro Senador. Mas é um direito do mandato dele, da pessoa dele apresentar também a sugestão nessa direção. Acredito que, como em todas as CPIs aqui, a questão é proporcional, conforme o Regimento. Ela vai ter que se reger conforme a Constituição e será composta como estabelecido aqui no Regimento da Casa. Portanto, o debate que será feito dentro das CPIs que podem ser instaladas para apurar os cartões corporativos será, inevitavelmente, como em tantas outras CPIs que aqui foram criadas. Agora, o que nós estamos querendo debater é que o Governo tomou a iniciativa de colocar os gastos desses cartões corporativos na Internet. Então, essa atitude é louvável do Governo, colocar na Internet. Isso não o exime de dizer que aquilo que a imprensa noticiou merece uma investigação, e todos nós estamos dispostos a fazer essa investigação. Acreditamos que, nessa colaboração, vamos elucidar, de uma vez por todas, um problema para o qual tantas pessoas, o Brasil inteiro, estão esperando essa resposta.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR) – Muito obrigado.

Sr. Presidente, eu vou concluir.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Alvaro Dias, peço a colaboração de V. Ex<sup>a</sup> e do Senador Heráclito Fortes, porque já proroguei o pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup> por cerca de seis minutos.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR) – Só peço mais um para que eu conclua, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Srs. Senadores, este dado é muito importante, diz respeito ao sigilo e, portanto, contradiz o que afirma a nota do PT, que é a transparência. E é um dado retirado dos órgãos oficiais do Governo. Entre 2004 e 2007, o Governo Federal gastou R\$98,7 milhões em despesas classificadas como sigilosas, sob o manto protetor do interesse da segurança nacional.

Foram, portanto, R\$98,7 milhões de despesas sigilosas, gastos clandestinos. E é esta a grande discussão: o que é sigilo e o que não é sigilo. Se comprar no camelódromo de Florianópolis exige sigilo em razão do interesse da segurança nacional ou se isso não é questão de segurança nacional.

Portanto, Sr. Presidente, quero concluir dizendo que, se o meu partido concordar com o acordo que, se anunciou há pouco, foi celebrado na Câmara dos Deputados, é claro que subscreverei partidariamente o acordo, aceitarei a orientação partidária e participarei desse embate. No entanto, a minha opinião pessoal foi aqui exposta com a maior franqueza.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Efraim Moraes. E, por incrível que pareça, por cessão do Senador Mão Santa.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Está abençoado neste caso.

**O SR. EFRAIM MORAIS** (DEM – PB. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, em homenagem ao Piauí, quero agradecer tanto ao Senador Mão Santa pela cessão do tempo como ao seu correligionário e companheiro do Piauí, Senador Heráclito Fortes. Pelo entendimento entendimento.

Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, vive a República brasileira, neste triste episódio da farra dos cartões corporativos, um dos seus momentos mais constrangedores do ponto de vista ético e moral.

Sei, Sr. Presidente, que essa afirmação que faço é grave, na medida em que, ao longo da nossa história, têm sido abundantes os episódios de improbidade administrativa, de desprezo pelo bem comum.

Para que algum acontecimento se destaque em meio a tantos e tantos similares, é porque se trata de algo particularmente grave. E é o caso, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores.

O País ainda tinha presente na memória os múltiplos escândalos do mensalão quando foi surpreendido, neste início do ano, por mais esse episódio, de proporções equivalentes, que expõe as vísceras morais da República.

Na verdade, ambos os episódios, mensalão e farra dos cartões corporativos, compõem um único e mesmo cenário de degradação moral das instituições de que fazem parte ainda os sempre crescentes gastos de gabinete e a verba secreta da Presidência da República.

Tudo isso parece fora de controle, crescendo em escala geométrica a cada ano que passa. Senão vejamos, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores.

O jornal **O Estado de S. Paulo**, edição de sábado, dia 9, informa que as despesas sigilosas do Governo Lula dobraram em quatro anos e superam uma casa dos R\$35 milhões.

Em 2004, essas despesas foram de R\$16,9 milhões – menos da metade. O que justificaria tal aumento se a inflação está estabilizada desde o Plano Real e o País não vive nenhum tipo de emergência administrativa?

Em 2006, esses gastos foram de R\$25 milhões. Um ano depois, em 2007, são acrescidos de mais R\$10 milhões. Por quê? Essa é a pergunta que o Brasil inteiro faz ao Governo. Por que de um ano para o outro, um aumento dessa magnitude sem explicação plausível

a não ser esta: desperdício do dinheiro público, ação predatória e delinqüente.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, esses gastos de verba secreta envolvem alguns órgãos cujas atividades têm natureza estratégica, como Abin e Polícia Federal, mas incluem também gastos com a Casa Civil da Presidência da República e com o gabinete pessoal do Presidente.

Nessa contabilidade, incluem-se os cartões corporativos. É aí que está o tumor maligno.

Sabe-se que, além de aumentar expressivamente o número de cargos de confiança, o Governo não estabeleceu regras para o uso dos cartões. Tem-se aí a convergência de duas anomalias para a construção desse escândalo: de um lado, o aparelhamento descarado do Estado por um partido político; de outro, o ambiente de permissividade em que tudo isso se opera.

Vejamos o aparelhamento. Em nota pública do final do ano passado, a de número 304/2007, veiculada então pela imprensa, o Ministério do Planejamento informou que o número de cargos comissionados da administração federal, neste segundo mandato do Presidente Lula, cresceu 7,6 vezes em relação ao primeiro mandato. Vejam bem, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, estou falando que o número de cargos comissionados aumentou, do segundo mandato até agora, 7,6 vezes.

O número médio mensal de postos criados saltou de 23,8 no primeiro mandato para nada menos que 179,7 até julho de 2007 – aumento de mais de 7,5 vezes.

Somados os dois mandatos, o Governo Lula bateu um recorde administrativo: nada menos que 22.345 cargos comissionados.

O partido do Presidente da República, o PT, ocupa mais de cinco mil desses cargos, o que, além de proporcionar o comando da máquina administrativa, gera polpuda renda mensal para seus cofres. Cada “companheiro”, nomeado para um cargo de confiança, contribui compulsoriamente com uma parcela de seus ganhos para o dízimo partidário. Já no primeiro mandato de Lula, o aparelhamento do Estado rendeu ao PT aumento de receita de nada menos que 545%, segundo publicaram abundantemente os jornais.

Essa cifra, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, seguramente cresceu, pois, só no ano passado, primeiro ano do segundo mandato do Presidente Lula, foram criadas duas secretarias especiais com *status* de Ministério: a dos Portos e a de Longo Prazo. Mais cargos, mais cartões, mais farra e mais prejuízo para o contribuinte, sem qualquer ganho ou contrapartida no incremento desses setores.

Em resumo, enquanto o Governo Fernando Henrique Cardoso, em oito anos, acrescentou quatro órgãos

à administração pública, o Governo Lula, em cinco anos, gerou o triplo: doze órgãos.

Calcule-se aí o número de cargos em comissão, cartões corporativos, viagens, hotéis, motéis, tapiocas – e todo o aparato que compõe a mordomia desses cargos – e tem-se, então, a explicação da constante multiplicação dos gastos públicos.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, como se não bastasse, há mais. Enquanto os servidores de carreira são submetidos a uma dieta de reajustes salariais – há pouco, todos sabemos, foram os militares as vítimas. Os titulares de cargos comissionados, os “companheiros” que aparelham o Estado, figuram entre os funcionários públicos mais bem pagos.

Ano passado, esses servidores foram contemplados, por meio de medida provisória, com reajustes que chegaram a até 140%. Falo dos cargos comissionados, do reajuste concedido através de medida provisória, de até 140% dos seus salários. Enquanto isso, os funcionários de carreira estão em dieta de aumento salarial.

Desço a esses detalhes, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, porque tudo isso, como já disse, compõe um único e mesmo cenário. A filosofia do aparelhamento é a de se apoderar do Estado. Tropas de ocupação.

O fundamento básico da democracia, que é a alternância no poder, está excluído dessa política. A idéia é lotear o Estado para usufruto da facção circunstancialmente eleita para exercício do governo. O aparelhamento é a véspera da tirania.

Basta ver o que acontece na Venezuela, em que o ditador já não tem escrúpulos de propor sua permanente reeleição. Com o Estado ocupado por seus correligionários, basta usá-lo para garantir resultados eleitorais favoráveis. Essa a lógica, esse o objetivo. Cá, como lá.

A farra dos cartões é só mais um capítulo dessa trágica novela de destruição do Estado brasileiro, pelo uso predatório que dele se faz, sob o comando de pessoas despreparadas, que ali foram postas para o cumprimento da missão de perpetuar no poder dos atuais governantes.

Tão logo as denúncias vieram à tona, os porta-vozes do Governo limitaram-se a condená-la – não o seu conteúdo, mas o fato de ter sido formulada. Mostraram-se assim cúmplice – e de fato o são, já que se empenham em ocultar a verdade.

O ato seguinte foi o de se opor uma CPI. Mais adiante, num truque de *marketing* que não engana ninguém, cuidaram de propor a CPI que antes haviam recusado.

Claro, Srs. Senadores, queriam se antecipar, indicar relator e presidente, compor uma fachada de transparência para impedir a transparência. É mais ou menos como indicar, Senador Heráclito Fortes, o conde Drácula para investigar roubo num banco de sangue. É mais ou menos isto o que querem: mais uma CPI faixa branca, ou seja, relator e presidente do lado do Governo.

Senadora Rosalba, com muito prazer escuto V. Ex<sup>a</sup>.

**A Sr<sup>a</sup> Rosalba Ciarlini (DEM – RN)** – Senador Efraim, V. Ex<sup>a</sup> faz uma brilhante apresentação dos gastos supérfluos, do desperdício, da farra que se está fazendo com o dinheiro suado do povo trabalhador brasileiro, que paga seus impostos para que a Nação possa retribuir em ações que venham melhorar sua vida. Mas, se estamos indignados, imaginem aquele cidadão que, neste instante, pode estar necessitando de um medicamento que falta no posto de saúde, necessitando de uma cirurgia que lhe é negada pelo SUS, de um exame que nunca chega. São situações como essas que nos deixam realmente preocupados, porque o Governo diz que não tem os recursos, mas tem dinheiro para usar nos cartões corporativos de forma não muito recomendável, desperdiçando o dinheiro do povo. Então, vejo que o Governo tem de entender que ele está aí para servir e não para ser servido. Da forma como vem agindo, está usando da boa vontade, da boa-fé do povo brasileiro, fazendo com que o nosso dinheiro, o dinheiro do povo, saia pelo ralo e assim fique faltando, como falta, para a saúde, para salvar vidas e para a educação. Parabéns pelo seu pronunciamento, Senador!

**O SR. EFRAIM MORAIS (DEM – PB)** – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Senadora Rosalba. Tenho certeza de que nós, que fazemos oposição ao Governo, teremos muito o que fazer já neste início do ano, fiscalizando esses gastos, para torná-los público. Nós queremos a transparência, o Brasil inteiro, o povo brasileiro está cobrando essa transparência, que só vem com a divulgação dos papéis pelo governo, que não tem coragem sequer de abrir o espaço que tanto deseja o povo brasileiro.

Sr. Presidente, Sr<sup>a</sup> Senadora, Srs. Senadores, outra tentativa de escamotear a verdade é a de tentar envolver o Presidente Fernando Henrique no presente escândalo. Estabeleceu-se uma chantagem que é tão escandalosa quanto o escândalo que se quer com ela ocultar: se a Oposição insistir em investigar o gabinete pessoal do Presidente Lula, o Governo vai investigar os gastos do gabinete pessoal do Presidente Fernando Henrique.

Ora, ora, Sr. Presidente, Srs. Senadores e Sr<sup>a</sup> Senadora, o que está impedindo que isso aconteça?

Se o Governo Federal dispõe de indicações de que o governo anterior (ou qualquer outro) fez gastos irregulares, tem não só os meios, mas o dever de promover essa investigação. Não pode torná-la opcional ou instrumento de chantagem política.

A probidade administrativa impõe a quem está no poder que promova a responsabilização de quem quer que seja que tenha atentado contra o interesse público.

Portanto, o governo Fernando Henrique Cardoso não está fora disso – e nós, da Oposição, que integramos aquela administração, queremos que essa investigação seja feita, de maneira ampla, geral e irrestrita.

Temos certeza de que o próprio Presidente Fernando Henrique não se oporá de modo algum a isso. Ao contrário, tenho convicção de que é quem mais a quer.

Outra manobra oblíqua do Governo Lula foi a de tentar lançar lama sobre o governo paulista de José Serra. Não há, porém, medida de comparação. Lá, Srs. Senadores, os cartões funcionam dentro de critério bem mais transparente, sendo cartões de débito – e não de crédito – destinados apenas aos ordenadores de despesas.

Mesmo assim, Sr. Presidente, não há por que não investigá-lo. Só não é admissível que se peça isso em nome de uma estratégia diversionista, que busca disseminar suspeitas generalizadas – jogar lama no ventilador, tão popular nós sabemos –, para confundir o público e impedir o esclarecimento do escândalo dos cartões corporativos.

É disso que se trata.

O uso dos cartões corporativos, no âmbito do primeiro escalão governamental, teve início no governo Fernando Henrique Cardoso.

O objetivo era estabelecer controle e dar transparência aos gastos, já que os cartões registram hora e natureza das despesas.

Desburocratizava-se, assim, a prestação de contas, tornando-a mais precisa e menos sujeita a manipulações. Agilizava-se ao mesmo tempo o processo administrativo. O extrato mensal dos cartões detalha as despesas do usuário, o que se torna bem mais confiável do que a clássica prestação de contas dos relatórios burocráticos.

Eis, porém, que esse objetivo saneador e simplificador foi malversado por um truque indecente, que se disseminou em grau epidêmico no Governo atual: o saque em dinheiro por meio de cartão, impedindo que se saiba a natureza das despesas.

Sr. Presidente, os saques em espécie deveriam constituir exceção – e não regra. Mas, tornaram-se

regra – e esse é o ponto mais grave de tudo isso, que evidencia má-fé.

Segundo dados da Controladoria Geral da União, nada menos do que 77,6% dos R\$75,6 milhões gastos em 2007 com cartões corporativos – mais de dois terços das despesas! – representam saques nos caixas eletrônicos, num montante de R\$58,7 milhões.

Srs. Senadores, Sr<sup>as</sup> Senadoras, sabe o que isso representa? O equivalente a mais de dez vezes o investimento governamental no programa de eletrificação rural Luz para Todos! E essa quantia foi sacada na boca do caixa pelos companheiros!

Essa modalidade de uso dos cartões inverte o sentido de transparência administrativa que justificou sua adoção. Como se não bastassem os danos financeiros, esse episódio – que, como eu já disse e vou concluir, Sr. Presidente – não é isolado, deixa marcas profundas na imagem das instituições do Estado brasileiro, aprofundando o descrédito de que já desfruta perante o público.

Quando um administrador público, em nível de primeiro ou segundo escalão, utiliza-se de um instrumento de trabalho (no caso, os cartões corporativos), para pagar uma tapioca, uma conta de chope num barzinho da Vila Madalena ou um motel, está demonstrando que desconhece o sentido mais elementar da palavra “República” – e que algo de podre a está comprometendo.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Efraim Morais.

**O SR. EFRAIM MORAIS** (DEM – PB) – Vou concluir, Sr. Presidente. Não vou precisar de nem mais um minuto. Vou agradecer a tolerância de V. Ex<sup>a</sup> e dizer às Sr<sup>as</sup> e aos Srs. Senadores que é preciso, com urgência, salvá-la. E isso começa pela responsabilização política e penal dos que a dilapidam.

Portanto, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, vamos à CPI já! Mas a uma CPI séria, que não seja igual à das ONGs, que não estão deixando a Oposição investigar.

É preciso que a palavra “transparência” se transforme, nessa CPI, acima de tudo, num símbolo de responsabilidade do Poder Legislativo.

Vamos, sim, investigar todos. Todos que estiverem errados merecem, daqui para frente, ser investigados por este Poder, pelo Poder Legislativo.

Sr. Presidente, vamos para a CPMI, para que o Brasil tome conhecimento dos acontecimentos. Espero que a maioria, que é o Governo, não faça como estão fazendo com as ONGs, não deixando apurar os fatos, fazendo da transparência apenas uma palavra usada na televisão, no rádio ou nos jornais. É preciso transparência, mas é preciso, acima de tudo, verdade.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Heráclito Fortes.

**O SR. OSMAR DIAS** (PDT – PR) – Sr. Presidente...

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Em seguida, falará o Senador Papaléo Paes e, depois, o Líder Osmar Dias.

**O SR. OSMAR DIAS** (PDT – PR) – Obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o ideal é que estivéssemos aqui, hoje, fazendo um debate capitaneado pelo grande Líder Romero Jucá, discutindo a reforma tributária. Aliás, era compromisso do Governo enviar a matéria a esta Casa do Congresso logo no início da Legislatura.

Infelizmente, na falta de uma agenda positiva, vamos ficar usando nosso tempo, até por obrigação, para alertar a Nação sobre esse escândalo sem precedentes, que envolve o uso de cartões de crédito corporativos.

Quero dizer, em primeiro lugar, com muita tranquilidade, que nada mais positivo, nada mais moderno e antiburocrático do que a instituição do cartão. O mal foi a falta de controle sobre seu uso; falta de controle esta que vem gerando, não de hoje, mas já de algum tempo, denúncias e suspeitas sobre seus portadores.

Dentro dos acontecimentos, Senador Alvaro Dias, fomos surpreendidos, no final de semana, com a declaração do Ministro da Justiça de que a Oposição estava criando uma crise artificial. Evidentemente que o Ministro, no calor do embate partidário, no momento de um encontro do seu Partido, em que a divisão é latente – e ele pertence a um dos blocos –, como cidadão, ele tem todo o direito de se manifestar, mas, como Ministro da Justiça, deveria ser cauteloso nas afirmações que faz, principalmente quando elas não correspondem à realidade.

De todos poderíamos ouvir, menos do Ministro da Justiça do Brasil, que essa crise é artificial e que a Oposição deveria aplaudir o Presidente Lula. Aí, o Ministro se mostra desinformado, porque, na própria sexta-feira, desta tribuna, elogiei o Presidente da República e transcrevi um pronunciamento que ele fez no dia 7 de junho de 2005, no hotel Blue Tree, na abertura do IV Fórum Global de Combate à Corrupção, quando anuncia a criação do Portal da Transparência.

Portanto, o Presidente foi aplaudido, aquele que lançou o Portal da Transparência. Quem está sendo criticado é aquele que não quer cumprir ou que não

deixa seu Governo cumprir aquilo que ele próprio anunciou na criação do Portal. É querer colocar debaixo do tapete as irregularidades e os deslizes administrativos cometidos pelos integrantes do seu Governo. E o mais esquisito de tudo é que nenhuma demissão até agora aconteceu. Houve o pedido voluntário de uma Ministra, mas seus próprios companheiros, envolvidos no mesmo episódio, deram-se por satisfeitos com medidas tapa-buraco e continuam aí.

Sr. Presidente, meu caro Senador Sibá Machado, lamento o Ministro da Justiça dizer que a crise é artificial, no momento em que já há renúncia de ministro e devolução de dinheiro de colegas seus de Ministério. E o próprio Governo distribui, por meio da Secretaria de Comunicação, cinco anos depois do uso do cartão, um questionário com 13 perguntas aos Ministros – e ele deve ter recebido uma cópia – sobre como se usa esse cartão, a responsabilidade de cada ministério, a maneira e o critério com que deve ser usado. São 13 perguntas, sem nenhum sentido, feitas cinco anos depois.

Era hora de o Ministro cuidar mais das deficiências da sua Pasta, porque, artificial, meu caro Senador Cícero Lucena, acho que é a vergonhosa crise que envolve o Governo brasileiro, que o expõe lá fora e que expõe a Pasta do Ministro, que vem errando sistematicamente, por causa de uma tradução, para tornar possível o retorno ao Brasil do banqueiro Cacciola. Aí, sim, pode ser uma crise artificial ou pode ser o acobertamento de fatos que não gostaria, pelo menos no momento, de abordar, porque um ministro que tem funcionários, que, em três ocasiões, erram na tradução de um documento, não são punidos, não são repreendidos e a coisa continua como está, não pode criticar quem quer que seja.

Minhas senhoras e meus senhores, estou falando do episódio do banqueiro Cacciola, que está preso no Principado de Mônaco. O Ministro da Justiça tem obrigação de recambiá-lo para que, aqui no Brasil, ele preste, perante as nossas leis, contas do que é acusado. Ele está lá, aguardando, já pela terceira vez, prazos que lhe são dados pela Justiça, e o Governo não cumpre a sua parte.

Será, Ministro Tarso Genro, que esse é um episódio artificial e que nós vamos continuar pagando o preço desses desgastes internacionais sem precedentes? É a pergunta que eu faço.

Aliás, sobre artificialidade, meu caro amigo Sibá Machado, o Ministro perdeu toda a autoridade depois que ouvimos o que ele disse, na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, sobre o episódio dos pugilistas cubanos – o que ele disse e o que acon-



teceu. Os fatos foram totalmente diferentes daqueles afirmados pelo Ministro de Estado nesta Casa.

Sr. Presidente Garibaldi Alves, eu gostaria da atenção de V. Ex<sup>a</sup>, que, à época, era membro da Comissão – e o Senador Suplicy lá estava presente –, sobre o que disse o Ministro Tarso Genro a respeito dos dois boxeadores cubanos e o que foi noticiado recentemente, o que aconteceu a partir do avião que os transportou e da participação de pessoas da inteligência do governo cubano, intrometendo-se nas questões brasileiras. E o Ministro negou tudo isso. Não venha, amanhã, o Ministro dizer que estou trazendo um problema artificial.

Sr. Presidente, depois, trataremos desse assunto com mais detalhes, porque temos de tomar providências, já que mentir numa Casa do Parlamento brasileiro é crime. Quando cometido pelo Ministro da Justiça, esse crime aumenta de importância.

Sr. Presidente, infelizmente – e não gosto de dizer isso –, toda vez que setores do Governo sabem que estão no banco dos réus querem companhia, não querem ficar sós e, aí, vão puxar fatos que não têm a menor conexão e a menor razão de ser. Por que puxar o Governo Fernando Henrique? Não tenho nada contra, pois corrupção e malversação têm de se apuradas. O grande problema é que, para a CPI funcionar, exige-se um fato determinado; é preciso que se diga qual o fato determinado que remete, agora, cinco anos depois, à necessidade de apuração de uma CPI.

Aliás, vistos ao rigor da lei, os denunciadores, hoje, estariam já enquadrados em prevaricação por silêncio durante todo esse tempo, meu caro companheiro Geraldo Mesquita. Muito interessante. Guarda-se um segredo e diz-se: “Eu tenho uma coisa contra ele”. E deixa guardado por cinco, seis ou sete anos? Por que se calou? Se o cartão corporativo era criminoso, era errado, por que o Governo não o suspendeu? Pelo contrário, saiu de 120 para mais de 11 mil.

Vamos ao que interessa, Senador Paulo Paim: com grande estardalhaço, os jornais noticiam que o motorista do Sr. Fernando Henrique Cardoso abasteceu, sistematicamente, no mesmo posto de gasolina, no bairro em que o ex-Presidente da República mora, em São Paulo. Gravíssimo isso! O denunciante só se esquece de dizer que quem nomeou o motorista do Sr. Fernando Henrique Cardoso foi o atual Presidente da República. Ele não é funcionário do Sr. Fernando Henrique. Ele é funcionário da Presidência da República e, por força de lei, serve a um ex-Presidente. Aliás, quem fiscaliza as contas do motorista? É Fernando Henrique? Não, é o Governo atual. É o Governo atual! A prestação de contas cabe ao Governo.

Se o motorista, em algum momento, cometeu algum delito e os gestores atuais não tomaram providências, estes estão cometendo um crime, porque apenas o Presidente da República beneficia-se de uma lei que é posta em prática pelo atual Governo, basta ver a nomeação, a designação do servidor e a ordenação da despesa.

Por último, quero lembrar a maior prova da banalização do cartão corporativo: por que se deu a esse funcionário, em São Paulo, um cartão? São Paulo tem uma estrutura da Presidência da República imensa, com carros, escritórios e tudo. Por que não determinaram que ele, num posto de gasolina “x”, abastecesse o carro às tantas horas? Ele, como servidor, teria de cumprir isso.

Meu caro Senador Sibá Machado, com muita alegria ouço V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – Obrigado, Senador Heráclito Fortes. Senador Heráclito Fortes, o fato proposto pelo requerimento do Senador Romero Jucá está muito claro: trabalhar sobre o uso do cartão corporativo. Por que ele foi criado? Esse tipo de despesa é inerente em qualquer governo. Em qualquer governo, municipal, estadual ou federal, em qualquer instância ou órgão estatal, usa-se um recurso – e V. Ex<sup>a</sup> conhece isso muito bem – para atender despesas pequenas e imediatas: a viagem, o hotel, o restaurante ou outro tipo de coisa. Portanto, antes disso tinha-se, dentro de cada Pasta – e é imaginável que se tenha –, a ordenação desse tipo de despesa.

Nesse caso, tinha-se uma gama de serviços que ficavam vinculados à gerência de apenas uma pessoa. O cartão corporativo foi criado em 2001. Consideramos que a criação do cartão corporativo veio agilizar o moroso atendimento desses serviços, que, no governo de Fernando Henrique, eram chamados de “conta b”. Então, o cartão veio para resolver esse problema e dar maior vazão. O que estamos discutindo, penso eu, não é se o uso do cartão é uma coisa errada. O uso do cartão, entendo, é uma coisa correta. Se não for o cartão, deve haver um outro instrumento, porque se precisa desse dinheiro para esse tipo de despesa. Até então, esse tipo de despesa, seja pelo uso do cartão ou pela “conta b”, não era do conhecimento público. Agora, com a criação do portal na Internet, tornaram-se públicas essas despesas e o uso desses cartões. No caso de se voltar à chamada “conta b”, com uma única pessoa ordenando essas despesas, esse motorista, que V. Ex<sup>a</sup> lembra muito bem, ficaria vinculado a um único posto e, nesse caso, o volume de vendas geraria a necessidade de se fazer uma licitação. Portanto, não seria mais recurso ligado apenas a essa “conta b”. Eu queria dizer, talvez por conta do debate que foi feito

aqui, que o Governo acertou ao criar o portal. Há essa crítica do General Félix, pois as pessoas que prestam serviço à Agência Brasileira de Inteligência (Abin) e à Polícia Federal, as pessoas que são do serviço que faz a investigação não podem ter essas contas divulgadas, porque, senão, o sigilo dessa ação não existe mais. Então, até mesmo para que nós nos centremos nesta nova CPI que certamente vai ser instalada e vai cuidar desse assunto; que nos desapaixonemos desse ponto e passemos direto ao que interessa. Quem foi que fez uso indevido desse cartão? É esse o assunto que devemos tratar daqui para frente, de vez que o cartão, por si só, é muito benéfico, no meu entendimento. Agora, acertadamente, o Governo coloca essas informações no Portal da Transparência para que as pessoas, em qualquer lugar do Brasil, possam ter acesso a elas. E foi exatamente por isso que as notícias vieram a público. Portanto, V. Ex<sup>a</sup> tem razão, todos aqui têm razão quando lembram que é preciso saber quem foi que usou indevidamente esses cartões. E quanto a isso é preciso também um controle maior e mais rígido e uma apuração desses fatos.

**O SR. HERÁCLITO FORTES (DEM – PI)** – Quero lembrar a V. Ex<sup>a</sup> que o Portal da Transparência, segundo o Presidente da República, foi instalado no dia 7 de junho de 2005. O Senador Alvaro Dias e vários Senadores aqui já vinham alertando o Governo. Na própria campanha, e aí é uma coisa curiosa, membros da equipe do Presidente da República, que o acompanhavam em campanha, o que não é ilegal, fizeram gastos esquisitos nas cidades por onde andaram. O ilegal foi não terem feito a declaração anexada, em folha própria, à prestação de contas junto ao Tribunal Eleitoral. Mas isso é outra questão.

Agora, uma coisa é a publicidade da honestidade, a outra é a prática. Não é porque o cartão não vinha mostrando os gastos no Portal que o gestor não tinha o dever e a obrigação de ser honesto. A publicação é um avanço e não me canso de elogiar o Presidente Lula pela iniciativa, como não me canso de criticar os que querem que ele coloque debaixo do tapete o que aconteceu aqui.

Quem vai sair prejudicado, Senador Sibá, é o Presidente Lula, que é quem tem imagem no Governo. O resto está lá embaixo. Está-se fazendo com o Presidente Lula o que nós, quando éramos meninos, fazíamos com o mais forte da turma: deu confusão, chama o grande. Está-se abusando da blindagem do Presidente para fazer tudo. Vale dólar na cueca, vale aloprado, vale mensalão, vale tudo. Estão gastando as gorduras de blindagem de Sua Excelência.

Não me surpreendeu o caminho que o Governo tomou quando bateu no Fernando Henrique e no Ser-

ra. A questão entre o cartão corporativo e o cartão de débito do Governo de São Paulo não tem nada a ver, mas, vá lá, que seja. Todavia, a intenção do Governo é uma só. O Governo tem, por estratégia, bater em Fernando Henrique para enlamear o seu passado – não consegue – e tentar atingir o Serra para segurar o seu futuro. Só Deus sabe! Até agora não deu certo, e não dá certo. Não dá certo, Senador Sibá Machado, porque erros cometidos em São Paulo devem ser apurados na instância própria do governo paulista.

Senador Suplicy, V. Ex<sup>a</sup> me pediu um aparte? Já estava com saudade. Com o maior prazer.

**O Sr. Eduardo Suplicy (Bloco/PT – SP)** – Senador Heráclito Fortes, o episódio do diálogo travado em termos de muita assertividade, na semana passada, foi visto por milhões de brasileiros. Assevero que V. Ex<sup>a</sup> usou de uma palavra que não foi a melhor porque sabe perfeitamente que, quando eu como V. Ex<sup>a</sup> assinamos o requerimento da CPI, estávamos querendo a apuração dos fatos relativos aos cartões corporativos, bem como de todas as despesas de suprimentos de materiais. Tanto eu quanto V. Ex<sup>a</sup> desejamos que haja transparência no comportamento do Governo, de qualquer governo. Essa comissão parlamentar de inquérito, que provavelmente terá a cooperação de ambas as Casas do Congresso Nacional, será de bom senso. Fico imaginando situações como a do General Félix, responsável pela Abin, o Ministro responsável por essa área, no momento em que nós os parlamentares lhe perguntamos sobre os critérios de transparência, inclusive os relativos à Presidência da República. É importante que venhamos a debater essas normas de bom senso para que V. Ex<sup>a</sup>, como eu, a Situação e a Oposição, possamos chegar a uma definição. Isso será muito positivo não apenas para este Governo, mas também para o futuro. Gostaria também de dizer uma palavra sobre o assunto que V. Ex<sup>a</sup> trouxe relativo aos pugilistas cubanos. V. Ex<sup>a</sup> bem acompanhou quando, juntamente com o campeão mundial de boxe brasileiro, por duas vezes campeão, Éder Jofre, ambos redigimos uma carta ao Presidente Fidel Castro para que ele tivesse uma atitude humanitária de permitir que aqueles atletas pudessem continuar representando seu país tanto no campeonato mundial de boxe, nos Estados Unidos, como depois, nas Olimpíadas de Pequim. E quero aqui transmitir publicamente que ainda aguardo uma resposta do Presidente Fidel Castro. Diante dos episódios mencionados por V. Ex<sup>a</sup>, que foram publicados na revista *IstoÉ* da semana passada, vou transmitir ao Embaixador de Cuba que ainda aguardo resposta. Entendo que, do ponto de vista da relação entre Brasil e Cuba, é importante que o Presidente Fidel Castro, que deu tanta importância a esse assunto, tenha a

consideração devida e nos responda. Até porque ele escreveu, naquela oportunidade, três artigos no jornal **O Granma** a respeito, e este assunto ainda merece a atenção da opinião pública brasileira, dos brasileiros que são amigos de Cuba. Portanto, gostaria de transmitir isso a V. Ex<sup>a</sup> inclusive como Presidente da Comissão de Relações Exteriores, que está acompanhando o desenrolar desses episódios.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Agradeço. Quero dizer a V. Ex<sup>a</sup> e ao Brasil inteiro que o meu respeito e minha admiração pelo nobre Senador são inoxidáveis, resistem ao tempo e à chuva. Quero repetir as palavras de Martinho da Vila numa entrevista a jornal: “os erros, as coisas tristes da vida eu procuro deletar; as boas, eu potencializo”. Quero dizer a V. Ex<sup>a</sup> que talvez tenhamos nos excedido no calor do debate, eu por dizer que V. Ex<sup>a</sup> acocorou-se e V. Ex<sup>a</sup> por bater na mesa de maneira ríspida dizendo repetidamente que ficava bravo. Eu me senti em desigualdade: eu, um obeso de pouca mobilidade, ouvindo isso, de maneira ríspida, de um atleta campeão de boxe. Ainda bem que a distância que nos separava deu tempo para que V. Ex<sup>a</sup> refletisse e não colocasse em prática a intenção inicial que deixaria a Nação toda, além de estarecida, decepcionada com V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho PMDB – RN) – Senador Heráclito Fortes, peço a colaboração de V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Logo na hora em que eu estou fazendo as pazes com o Senador Suplicy? V. Ex<sup>a</sup>, que é o anjo da paz desta Casa, fruto de um consenso? Permita-me pelo menos a sagração e o cachimbo da paz que será feito pelo Senador Sérgio Guerra.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho PMDB – RN) – Faço um apelo para que isso seja feito com concisão.

**O Sr. Sérgio Guerra** (PSDB – PE) – Sr. Presidente, Srs. Senadores, Senador Heráclito Fortes, nos últimos tempos, nos últimos dias exatamente, ganharam divulgação comentários sobre cartões corporativos. Se dependesse de mim, mas não depende de quem quer que seja, esse fato não seria pauta nos primeiros dias do Senado. Precisamos ter uma pauta construtiva, uma pauta que tenha compromisso com a realização de decisões que o Senado não tem tomado. Mas os fatos se impõem. E sobre os fatos um rápido comentário. Primeiro, eles têm a característica de outros fatos. E foram resolvidos da mesma forma...

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Sérgio Guerra** (PSDB – PE) – O primeiro capítulo é alguém do Governo fingir que não tem nada a ver com isso. Ouvi bem as palavras da Ministra

Dilma, que falava de providências que estavam sendo tomadas e defendia o conceito dos chamados “cartões corporativos” com absoluta exatidão. Falava de punição. É aquela tal história de doa a quem doer. Na verdade, nunca doeu em ninguém, nunca houve punição alguma. Essa é a regra. O Governo se abstrai, como se com esse problema ele não tivesse nada a ver, como se os Ministros fossem ministros do além e não do Governo do Presidente Lula, e aqueles que promoveram essa farra também não fossem do próprio Governo, nomeados por ele. O segundo capítulo é remeter sempre para os outros, para difundir a visão de que todos são iguais. Olha para o passado, porque é sempre conveniente ir buscar o passado, com razão ou sem razão, para São Paulo, numa atitude absolutamente imprudente, diante de um governo cuja pauta é a seriedade, o Governo José Serra, que nunca inventou nenhum Delúbio, que nunca fez nenhum dossiê, que nunca escondeu dinheiro – dinheiro, aliás, que ninguém sabe até hoje de onde veio. De repente, transportam essa questão para o Estado de São Paulo, Estado que tem um Governador do PSDB, que inclusive poderá ser um dos seus candidatos a Presidente da República. Não foi de graça. Intencional. A terceira característica é a de tomar iniciativas para a CPI, que, muitas vezes, não são iniciativas, são contra-iniciativas. Eu sou da convicção de que essa questão começou na Câmara, por requerimentos feitos no passado por um Deputado do Partido, o Deputado Carlos Sampaio, que agora apresenta um requerimento de Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, que tem o apoio de Deputados Federais e de representantes do Governo. O Deputado Carlos Sampaio me deu notícias dessas tratativas ontem, não me deu notícia sobre nenhuma conclusão com relação a suas tratativas. É do seu completo, total e absoluto direito trabalhar a Comissão Parlamentar de Inquérito que ele solicitou, negociar para a sua concretização. Do ponto de vista nosso, apenas três comentários rápidos no aguardo de uma decisão que deve ser tomada com os Líderes partidários do PSDB, do DEM e de outros partidos. Primeira questão: o Presidente Fernando Henrique me disse, faz meia hora, que a vida dele pode ser examinada agora, no futuro ou quando for preciso. Inclusive já remeteu a um jornal brasileiro, ao **O Globo**, todo o material com relação à sua vida no que diz respeito aos cartões de crédito corporativo, e que a sua fiscalização não tem nenhuma capacidade de intimidá-lo. Segundo, quanto à tradição de, quando vem uma crítica ao PT e ao seu Governo, sempre ampliar a crítica para alguém, faço questão de dizer que não é algo sensato e não é muito honesto. Se sou acusado de alguma coisa, eu me defendo. Minha defesa não pode ser: “Eu fiz, mas fulano fez também”. Isso não é defesa

de gente séria. A pessoa séria, quando recebe uma acusação, se defende: “Eu tenho essa razão, aquela razão, tais razões, que são as justificativas da minha defesa”. E não dizer: “Olha, eu fiz, mas eles também fizeram. Não sei se fizeram como eu fiz, mas fizeram também”. Esse é o discurso que nos leva à absoluta redução, à plataforma que se banaliza, de que todos os políticos são iguais. E o que é mais grave: não vale a pena a investigação porque a punição nunca vai se dar; se a crise é geral, se todos têm culpa, a culpa vai permanecer, vai sobreviver, e não é preciso investigar. Isso é o que está no conteúdo dessa defesa precária, primitiva, que alguém não deveria sustentar com bom senso. O Governo do Presidente Lula só tem uma razão, e razão ele terá se expuser os documentos, se se defender em relação a eventuais acusações e se ficar claro que desajustes e irregularidades podem ter acontecido e que o Presidente da República nada tem a ver com elas, mas com exame sensato das provas e dos documentos. Poderia haver um acordo sim, sabe para quê? Para que uma investigação dessa não tumultuasse um cronograma que definíssemos para que o Senado caminhasse, para que providências fossem tomadas aqui, votações fossem feitas, enquanto a investigação se daria de maneira sóbria, competente e séria, para colocar um instrumento, rigorosa e objetivamente, correto, que é o dos cartões corporativos, sob controle. A aparência é a de que eles estão sob controle. Eu não posso me defender, dizendo: “Eu fiz, mas alguém fez também”. Isso não é defesa. Nem menino pequeno fazia mais isso no tempo em que eu era menino pequeno – e já faz muitos anos. Não é defesa que o Governo faça, é uma tentativa de iludir, não é uma tentativa de sustentar, de maneira clara, transparente e segura, argumentos que torço para que o Governo os tenha para se defender, como deveria ter feito a Ministra Dilma, quando falou, porque ela apenas falou do futuro, não falou do passado. Deve ser assim. A instrução é para que seja desse jeito. É preciso dizer como aconteceu antes, porque estamos trabalhando com recursos públicos, que precisam ser efetivamente valorizados pelo Parlamento e por todos. Eu tenho certeza de que essa é a palavra do equilíbrio. No que me for possível interferir, interferirei para isto: primeiro, para que tomemos um rumo de segurança, de controle, de ajuste, de correção no exame desse tema, que é polêmico em si, que, muitas vezes, prova e não prova. Muitas vezes, a versão não corresponde aos fatos. Tudo isso é verdade. Mas que o exame se faça de forma tranqüila e transparente. Eu tenho ouvido os pronunciamentos do Presidente do Senado, e são todos na direção do equilíbrio. Seria importante que o Senado tomasse esse rumo agora também por pala-

bras de Líderes, como o Senador Heráclito Fortes, que é um dos que têm, com muita clareza, desenvolvido raciocínios a favor do Brasil.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Sr. Presidente, peço um minuto final para agradecer ao Senador Sérgio Guerra e dizer ao Senador Romero Jucá: descobriu-se uma vertente nova. O posto de gasolina do ex-Presidente Fernando Henrique, se está errado, que o Governo fiscalize. Porque a fiscalização é do atual Presidente.

E, Senador Sérgio Guerra, vamos alertar ao Presidente Fernando Henrique. Como essa nomeação é feita pelo Governo atual, ele pode, no momento, ter um motorista ou um espião ao seu lado. Não é um sistema perfeito. Apenas um alerta.

Agora, Senador Suplicy, nós não vamos voltar ao passado. Nós não vamos mais falar nem em agachamento nem tampouco em ficar bravo. Nós vamos falar no para frente, até porque eu não quero sair em outras páginas que não sejam as páginas políticas. E na desvantagem que eu levaria para V. Ex<sup>a</sup>, iríamos para outro tipo de página, eu com a desvantagem de estar aqui na enfermaria ao lado do Senado da República. Mas como sei que essa não é a intenção de V. Ex<sup>a</sup>, digo, em primeiro lugar, que tenho em mãos – e vou lhe passar – o discurso que o Presidente Lula fez no dia 7 de junho...

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Heráclito Fortes...

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Estou concluindo, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Peço a colaboração do Senador Eduardo Suplicy para não apartear mais V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Vou respeitar o Presidente. Só queria dizer que...

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Não, mas não vale. Vai fazer o aparte?

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Jamais seria página policial. Seria página esportiva.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – V. Ex<sup>a</sup>, agora, tem que ser justo. Fique bravo com ele também.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Se ele quiser ir com regras de esporte, aí, sim.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Não vai ficar bravo com o Presidente, não, Senador Suplicy? Só comigo?

De qualquer maneira, Senador Suplicy, o que eu aguardava de V. Ex<sup>a</sup> em seu aparte era um comentário sobre os gastos do Reitor de São Paulo – que é o seu mundo: a universidade, o *campus* universitário –, nos restaurantes mais caros de lá e daqui. Tem bom-gosto,

mas não às custas da gente. Esperava, mais sei que V. Ex<sup>a</sup> vai falar sobre isso. E V. Ex<sup>a</sup>, que é chegado a um gesto simbólico, requisitasse a lixeira da Reitoria da UnB, para que se colocasse...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – ...os cartões corporativos, que estão sendo mal usados no Brasil.

Feito isso, aí sim, V. Ex<sup>a</sup> teria todo o direito de ficar bravo, não comigo, mas com quem está cometendo neste momento um avanço imperdoável nos cofres públicos brasileiros, sem que providências sejam tomadas, até porque, cinco anos depois, o Governo, por meio de um questionário de 13 páginas, começa, de maneira ingênua, a dizer: “Destas vezes eu comecei a saber do assunto”.

Muito obrigado.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Sr. Presidente, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Pela ordem, com a palavra, o Líder do Governo, Senador Romero Jucá.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Gostaria, em rápidas palavras, de colocar o posicionamento do Governo, já que o Senador Heráclito registrou toda essa questão e o Senador Sérgio Guerra também.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Com a palavra V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Eu gostaria de rapidamente marcar...

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concederei a palavra a V. Ex<sup>a</sup> por cinco minutos.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, pedi a palavra, primeiro para concordar com o Presidente do PSDB, Senador Sérgio Guerra, em que, quanto a esses procedimentos que estamos vivendo, a investigação tem que ser feita com muita tranquilidade, com muita responsabilidade e visando ao futuro, à melhor aplicação de recursos públicos e ao controle dos gastos públicos.

Quero rapidamente registrar que, num primeiro momento, apresentei ao Senado um pedido de CPI, exatamente para registrar que o Governo não temia a investigação nem nenhum tipo de CPI.

Existiam versões correntes, na semana passada, de que o Governo tentaria impedir a CPI. Mais que isso, algumas matérias de jornal chegaram a colocar que o Governo estaria negociando cargos, para evitar que se fizesse a CPI.

Então, Senador Sérgio Guerra, como Líder do Governo, fiz questão de apresentar um pedido de CPI no fórum em que o Governo é mais igual à Oposição numericamente, que é o Senado da República. Não procuramos fazer a CPI na Câmara dos Deputados, onde a maioria do Governo é maior; nós a propusemos no Senado, porque aqui praticamente há uma igualdade numérica entre Governo e Oposição.

No meu discurso na sexta-feira passada, marquei o posicionamento de que a investigação deveria procurar analisar os gastos públicos nos últimos anos, sem personificar governos, porque entendo que esses gastos, na sua grande maioria, foram feitos por servidores públicos que atuam na máquina governamental, utilizando recursos públicos para custeio, manutenção e funcionamento do Governo. Marquei aquela posição.

Fui, posteriormente, procurado pelo Deputado Carlos Sampaio, que me apresentou o enunciado do seu pedido de CPI e que registrou as mesmas preocupações que eu registrava. Mais que isso, S. Ex<sup>a</sup> mostrou-me o trabalho aprofundado que realizou para proposição da CPI e, conversando comigo, disse que entendia que era preciso fazer a pesquisa dos gastos relativos a um período anterior a 2002 ou a 2001.

Portanto, no seu enunciado, estava a proposição de análise desde 1998, quando foi criado o cartão de pagamentos. O cartão foi criado em 1998 e implementado em 2001, havendo um hiato de três anos, em que funcionou alguma coisa como gasto público, que foi exatamente a conta b.

E, já que o enunciado, a disposição, a visão do Deputado Carlos Sampaio vinha na direção que entendíamos ser a CPI institucional e não “fulanizada” – porque essa era a minha preocupação inicial –, construímos o entendimento e chegamos à posição final de apoiar a criação de uma CPI Mista, já que, na Câmara dos Deputados, vários parlamentares da base do Governo gostariam também de participar da investigação, desse procedimento de averiguação e de proposição de nova sistemática de gastos públicos.

Em decorrência disso, quero registrar que, hoje pela manhã, reuni-me com o Deputado Carlos Sampaio e combinei retirar meu requerimento e apoiar, junto à base do Governo, a proposição e o texto da CPI Mista do Congresso, proposta pelo enunciado do Deputado Carlos Sampaio, do PSDB.

Portanto, essa é a nossa posição. Quero deixar clara a posição do Governo. O Governo não teme CPI. Não teme averiguação. O Governo não tem compromisso com erros individuais.

Entendo que o Presidente Fernando Henrique, no seu período de governo, não determinou que alguém agisse de forma errada. Entendo que o Presidente Lula

não determinou que alguém agisse de forma errada. E entendo que o Governador José Serra também não determinou que alguém agisse de forma errada.

Portanto, acho um desserviço a investigação e a proposição de novas regras, se procurarmos “fulanizar” e atacar politicamente os mandatários, quer de Estados, quer do Governo Federal.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Pois não, ouço o Senador Eduardo Suplicy.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Não é permitido. Lamento, mas não é permitido

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Ah, é verdade.

Presidente Garibaldi, agradeço a oportunidade que V. Ex<sup>a</sup> me deu, para marcar aqui a posição do Governo. Registro que vou assinar a CPI Mista do Congresso e conclamo todos os integrantes da base do Governo no Senado para que a apóiem também. Mantive contato com o Líder Henrique Fontana, da Câmara dos Deputados, para que os Deputados da base do Governo assinem, naquela Casa, a CPI para investigar e melhorar, daqui para frente, os gastos públicos de suprimento de fundos e de cartão de pagamento.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Líder do PDT, Osmar Dias.

**O SR. EDUARDO SUP LICY** (Bloco/PT – SP) – Sr. Presidente, peço a palavra.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Pela ordem, concedo a palavra ao Senador Eduardo Suplicy.

**O SR. EDUARDO SUP LICY** (Bloco/PT – SP. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, permita-me apenas dizer ao Líder do Governo, Romero Jucá, que o cumprimento pela decisão tomada. Estou de pleno acordo com a realização da CPI Mista. Acho que essa é uma medida de bom senso.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Osmar Dias, como Líder, por cinco minutos.

**O SR. OSMAR DIAS** (PDT – PR. Pela Liderança. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>s</sup> e Srs. Senadores, primeiro, quero comunicar que já assinei a CPI e acredito que todo o PDT vai assiná-la. Eu a assinaria independentemente desse acordo que foi feito entre o Líder do Governo e a oposição. Já que é para investigar, vamos investigar. A CPI tem que ser instalada.

Mas vim à tribuna, Sr. Presidente, porque, na próxima quarta-feira, a Comissão de Agricultura e Reforma Agrária do Senado vai realizar uma audiência pública importante. Estarão presentes o Ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, o ex-Ministro Pratini de Moraes, entre outros convidados, para debatermos, na Comissão de Agricultura e Reforma Agrária, quais as medidas que devem ser adotadas pelo Brasil para enfrentar mais esse embargo da União Européia à carne bovina brasileira.

As pessoas não têm a dimensão do que isso representa para a balança comercial brasileira e para a geração de empregos no País. É muito importante que o Brasil resolva esse problema o mais rápido possível. O Brasil já perdeu tempo demais, dando chance ao azar. Venho alertando desta tribuna – há muito anos, venho alertando desta tribuna – que o Brasil, o Governo brasileiro, não pode continuar sendo negligente, irresponsável, ao deixar de colocar recursos para a defesa sanitária.

Em 2000, foram R\$170 milhões no orçamento da defesa sanitária do País; no ano passado, R\$90 milhões, metade. Sr. Presidente, o rebanho cresceu, o plantel de aves, o rebanho de suínos também, as exigências dos importadores cresceram, e o Brasil fez encolher o seu orçamento para a sanidade. O Ministro Reinhold Stephanes tem cobrado, assim como o ex-Ministro Roberto Rodrigues cobrava, mais responsabilidade do Governo, porque, quando não se coloca dinheiro, não há técnicos nas fronteiras. Há uma enorme fronteira seca que permite a entrada de doenças – como a febre aftosa, que entrou pelo Mato Grosso do Sul –, e o prejuízo é iminente.

Temos o risco de entrarem doenças exóticas no plantel de aves, e só isso seria colocar em risco cerca de três milhões de empregos em nosso País, porque a avicultura gera três milhões de empregos no campo e na cidade. Na suinocultura, 1,5 milhão de empregos. E colocamos todos esses empregos em risco. E mais: quando se mexe no setor carne, nós mexemos em 60 segmentos diferentes da economia. Não é o setor carne que vai perder se nós perdermos a oportunidade que temos hoje de abertura de novos mercados e não do fechamento do que nós já conquistamos. Eu sempre digo que para você abrir um mercado é difícil, mas para você reabrir aquele mercado é muito mais difícil, porque uma coisa quando é perdida, que se chama credibilidade, é muito difícil de se reconquistar.

Neste caso específico, quero dizer que o Governo tem responsabilidade, sim, por não estruturar de forma adequada a defesa sanitária brasileira e por colocar tão pouco dinheiro no orçamento. Não temos laboratórios para analisar o problema da febre aftosa.

É preciso mandar material para o Lanara lá de Belém do Pará. Não temos laboratórios nos Estados, nos portos, nos aeroportos para fazer logo esse diagnóstico e impedir a entrada de doenças. O Brasil tem que investir na construção de laboratórios, na contratação e treinamento de técnicos, e isso demanda recursos no orçamento.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Osmar Dias, eu gostaria de pedir silêncio, porque há um orador na tribuna.

Continua V. Ex<sup>a</sup> com a palavra.

**O SR. OSMAR DIAS** (PDT – PR) – Estou falando aqui da falta de empenho do Governo em resolver o problema da sanidade. Agora, esse embargo vai trazer prejuízos e não estou vendo agilidade do Governo em resolvê-lo. Por isso, chamamos o Ministro da Agricultura aqui para, quarta-feira, na Comissão de Agricultura, debatermos com ele, porque o Ministro da Agricultura, que é do Paraná – eu conheço, é um homem sério, correto –, quer resolver o problema, mas precisa do apoio do Itamaraty, precisa do apoio do Senado Federal. Acredito que não faltará a ele o apoio desta Casa, porque resolver o problema do embargo da União Européia à carne brasileira é resolver o problema, como eu disse, de 60 segmentos da economia brasileira. E mais, é impedir que se faça novamente uma injustiça aos produtores brasileiros, porque quando a União Européia pediu para que o Brasil indicasse 300 propriedades para exportar já é um desrespeito. Temos 10 mil propriedades certificadas e a União Européia pede 300. Quem é que vai escolher as 300? É o Ministério da Agricultura? E os outros produtores, como ficam?

Então, não é assim que o Brasil deve aceitar pacificamente essa decisão tomada pela União Européia. Devemos inclusive recorrer – vou concluir, Sr. Presidente – à Organização Mundial do Comércio, se for preciso; mas, antes disso, o diálogo, e já que é preciso dialogar antes, vamos ouvir o Ministro da Agricultura e o representante dos produtores, que é hoje o ex-Ministro Pratini de Moraes, para que este Senado entre, sim, nessa conversa e nessa briga para impedirmos que o Brasil seja mais uma vez prejudicado por uma retaliação comercial, porque não passa de retaliação comercial.

Vou voltar a esta tribuna, Sr. Presidente, mas aproveite o minuto final para dizer que uma hora é o desmatamento da Amazônia que é utilizado como argumento para não se importar produtos brasileiros; outra hora, inventam que há problemas na legislação trabalhista ou na aplicação da legislação trabalhista; depois, vem o problema sanitário, que efetivamente não existe, embora o Brasil esteja se descuidando. Então, por que estou pregando aqui que o Brasil faça a sua

parte e coloque dinheiro e estrutura na sanidade? É para não dar mais chance para que União Européia, Estados Unidos, Tigres da Ásia ou qualquer outra região do mundo se utilize de qualquer argumento em relação à sanidade. O Brasil tem que cumprir a parte dele, e vamos lutar para isso.

Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> pela tolerância, mas esse assunto tem que ser tratado, sim, pelo Senado Federal, porque ele importa a milhões de trabalhadores brasileiros, e a empresários também.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Papaléo Paes. Em seguida, falarão o Líder Renato Casagrande e, depois, o Líder Senador José Agripino.

**O SR. PAPALÉO PAES** (PSDB – AP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> Senadoras, Srs. Senadores, quero aproveitar a oportunidade, neste nosso retorno às atividades parlamentares de 2008, para registrar um acontecimento importante para o Estado do Amapá, que foi exatamente o aniversário da cidade de Macapá.

Sei que o momento é de discussão política, com vários temas importantes em discussão, como essa questão dos cartões corporativos, que vamos discutir profundamente aqui, provavelmente numa CPI, que poderá ser mista, conforme entendimentos que já aconteceram, mas, neste momento, para o meu Estado, para mim como representante do Estado do Amapá, o mais importante é dizer, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, que a cidade de Macapá, neste começo de 2008, completa 250 anos, com a mesma garra dos açorianos que ali chegaram em meados do século XVIII, justamente para colonizar aquela região, e que tiveram de enfrentar não apenas os desafios de uma região inóspita, mas também as investidas dos invasores holandeses, ingleses e franceses.

Macapá, volto a dizer, completa 250 anos, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, com a mesma garra dos negros descendentes dos escravos que construíram a Fortaleza de São José, negros que, até hoje, habitam a Vila do Curiaú e que souberam dar continuidade às tradições e aos costumes de seus ancestrais.

É essa garra, Sr. Presidente, é essa determinação de todos que ali já viveram e que ainda vivem que nos permite projetar um futuro radiante para o Estado do Amapá, como um todo, e, particularmente, para sua Capital, Macapá, de que tive a honra de ser Prefeito no período de 1993 a 1996.

Quero informar à população brasileira que nossa localização é privilegiada. No que diz respeito à posição geográfica, temos boas possibilidades de acesso aos mais diversos centros consumidores, como a América Central, a América do Norte, a África, a Europa e as

demais Regiões do Brasil. Além disso, imersos que estamos na Amazônia, podemos contar com uma gama invejável de recursos naturais.

Desse modo, as perspectivas de desenvolvimento social e econômico da nossa região – volto a dizer – são das mais animadoras. Tradicionalmente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, os setores do comércio e de serviços têm sido os mais vigorosos em Macapá, situação, aliás, estimulada pela condição de Capital do Estado, não obstante dois fatores que indicam uma tendência de diversificação das atividades. Em primeiro lugar, deve-se destacar a criação da Área de Livre Comércio de Macapá e de Santana, fruto de projeto de lei do Presidente Sarney, que teve como consequência a Lei nº 8.387, de 30 de dezembro de 1991, que tem o objetivo de promover o desenvolvimento das regiões fronteiriças de nosso extremo norte e, ao mesmo tempo, de incrementar as relações bilaterais com os países vizinhos.

Infelizmente, Sr. Presidente, ao longo desses dezesseis anos, desde sua criação, a Área de Livre Comércio de Macapá e de Santana não se consolidou no ritmo que seria desejável, mas espero que essa situação logo seja revertida, pois, afinal, as potencialidades são imensas. Dos 463 hectares previstos, 280 estão implantados. São 11 quadras e 73 lotes, já com a infra-estrutura necessária à instalação de projetos industriais, projetos esses, convém lembrar, que poderão ser direcionados aos mais diversos setores e produtos, como mineração, extração de madeiras, pecuária, piscicultura, açaí, castanha, borracha, andiroba, copaíba e plantas medicinais.

Um segundo fator a ser considerado, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, é o potencial turístico de Macapá. Já tive oportunidade de exaltar, em pronunciamentos feitos aqui mesmo, nesta Casa, as inúmeras atrações turísticas do Estado do Amapá e de sua Capital, Macapá.

Falei da pororoca, da Cachoeira de Santo Antônio, da Cachoeira Grande, do Parque Nacional das Montanhas do Tumucumaque. Falei também, especificamente, das atrações de Macapá: a já citada Fortaleza de São José de Macapá, a maior fortificação construída pelos portugueses em nosso País, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como patrimônio histórico em 1950; o parque Meio do Mundo, com o Marco Zero do Equador, já que nossa Capital é das poucas cidades de expressão cruzadas pela linha que divide a Terra em dois hemisférios, o Hemisfério Norte e o Hemisfério Sul; o Estádio Zerão – no Hemisfério Norte, está a metade desse Estádio, e a outra metade está no Hemisfério Sul –; e a Escola Sambódromo de Artes Populares.

Já falei do imponente Teatro das Bacabeiras, da Casa do Artesão e do Índio, da imagem do padroeiro da cidade, São José, na pedra do Guindaste, do Mercado dos Produtos da Floresta. Tudo isso já tive oportunidade, Sr<sup>a</sup> e Srs. Senadores, de exaltar nesta tribuna do Senado Federal.

Falei das atrações que ficam perto de Macapá, como as praias da Fazendinha e do Araxá, com suas redes de bares e restaurantes, e da Área de Proteção Ambiental (Apa) do Curiaú, com suas comunidades negras de tantas tradições.

Falei, enfim, de um Estado e de uma cidade com condições excepcionais para atrair turistas.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, em 04 de fevereiro de 1758, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do Marquês de Pombal e comandante das Armas da Província do Pará, elevou o povoado de Macapá à categoria de vila.

Em 4 de fevereiro de 2008, com justificado orgulho, com imensa alegria, a população do Amapá comemorou os dois séculos e meio de sua Capital, uma cidade que tende a se destacar, cada vez mais, como importante pólo comercial e de serviços, industrial e turístico.

E quis ainda o destino, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, que os 250 anos de Macapá fossem escolhidos pela Escola de Samba Beija-Flor como tema de seu desfile em 2008. Dessa maneira, no mesmo 4 de fevereiro deste ano, no Sambódromo do Rio de Janeiro, o povo do nosso País foi apresentado a um enredo emocionante: “Macapaba: Equinócio Solar, Viagens Fantásticas ao Meio do Mundo”. Nesse enredo, foram vislumbradas as belezas da cidade e do Estado do Amapá.

No mais, Sr. Presidente, penso que só nos resta, a todos aqueles que temos a ventura de viver na Capital do Amapá, bater no peito e dizer: eu sou Macapá!

Muito obrigado.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra, pela ordem, ao Senador Alvaro Dias.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, peço a V. Ex<sup>a</sup> que faça constar dos **Anais** da Casa dois requerimentos que estou encaminhando à CPI das ONGs desta Casa. Um deles diz respeito à convocação do Reitor da Universidade de Brasília (UnB) para prestar depoimento em razão de denúncia que a imprensa nacional, na última semana, divulgou sobre a utilização pela UnB de mais de R\$400 mil da Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (Finatec) para a decoração



do apartamento do Reitor da Universidade. Ocorre, Sr. Presidente, que esses recursos são destinados à pesquisa científica e tecnológica. Portanto, a se confirmar a utilização desses recursos, houve desvio de finalidade. Em decorrência disso, há necessidade de investigação e de depoimento do Reitor.

Outro requerimento solicita ao Ministério Público o encaminhamento do material já investigado pela instituição. Consta também que a UnB é a principal mantenedora dessa Fundação e, de 2002 a 2007, repassou à Finatec cerca de R\$23,1 milhões, o correspondente a 30% de todos os recursos recebidos pela

entidade. São recursos públicos com desvio de finalidade, parece-me, e, por isso, há necessidade dessa investigação.

Estamos protocolando, hoje, junto à CPI das ONGs, os dois requerimentos. E peço a V.Ex<sup>a</sup> que os publiquem nos *Anais* da Casa.

**DOCUMENTOS A QUE SE REFERE  
O SR. SENADOR ALVARO DIAS EM SEU  
PRONUNCIAMENTO.**

*(Inseridos nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)*

SENADO FEDERAL  
SECRETARIA GERAL DA MESA  
SUBSECRETARIA DE COMISSÕES  
Serviço de Apoio às Comissões Especiais e Parlamentares de Inquérito

## **REQUERIMENTO /2008**

**Requeiro**, com fundamento no § 3º do art. 58 da Constituição Federal, combinado com o disposto na Lei n.º 1.579/52, que seja **convocado** para prestar depoimento nesta Comissão o Sr. Timothy Mulholland, Reitor da Fundação Universidade de Brasília.

### **Justificação**

Esta Comissão Parlamentar de Inquérito foi criada pelo requerimento n.º 201, de 2007, e aditado pelos requerimentos n.ºs 217 e 1.324, de 2007, destinada a apurar a liberação, pelo Governo Federal, de recursos públicos para Organizações não Governamentais - ONGS - e para Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIPS, bem como a utilização por essas entidades desses recursos e de outros por elas recebidos do exterior, a partir do ano de 1999 até a data de 8 de novembro de 2007.

O Ministério Público afirma que a Universidade de Brasília empregou recursos, inicialmente destinados à pesquisa científica e tecnológica, para reformar o apartamento funcional do reitor da UnB. Segundo promotores que investigam o caso, a instituição teria gasto R\$ 470 mil na compra de móveis luxuosos, como uma lata de lixo de R\$ 990.

Dados do TCU, que já estão em posse da CPI, também mostram que a UnB é a principal fonte de recursos da Finatec. Entre 2002 e 2007 a universidade repassou, de acordo com o tribunal, R\$ 23,1 milhões à Fundação -- 30% de toda a verba recebida pela entidade no período.

Portanto, justifica-se a análise do assunto por esta CPI, com a convocação para depoimento do representante Fundação Universidade de Brasília.

Sala das Comissões, de fevereiro de 2008.



Senador ALVARO DIAS

#### REQUERIMENTO /2008

**Requeiro**, com fundamento no § 3º do art. 58 da Constituição Federal, combinado com o disposto na Lei n.º 1.579/52, que o Ministério Público do Distrito Federal e Territórios encaminhe a esta CPI, no prazo mais célere possível, o teor integral de todas as ações e investigações movidas contra a FINATEC (Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos).

#### Justificação

Esta Comissão Parlamentar de Inquérito foi criada pelo requerimento nº 201, de 2007, e aditado pelos requerimentos nºs 217 e 1.324, de 2007, destinada a apurar a liberação, pelo Governo Federal, de recursos públicos para Organizações não Governamentais – ONGS – e para Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIPS, bem como a utilização por essas entidades desses recursos e de outros por

elas recebidos do exterior, a partir do ano de 1999 até a data de 8 de novembro de 2007.

O Ministério Público afirma que a Finatec empregou recursos, inicialmente destinados à pesquisa científica e tecnológica, para reformar o apartamento funcional do reitor da UnB. Segundo promotores que investigam o caso, a instituição teria gasto R\$ 470 mil na compra de móveis luxuosos, como

Dados do TCU, que já estão em posse da CPI, também mostram que a UnB é a principal fonte de recursos da Finatec. Entre 2002 e 2007 a universidade repassou, de acordo com o tribunal, R\$ 23,1 milhões à Fundação -30% de toda a verba recebida pela entidade no período.

Sala das Comissões, de fevereiro de 2008. – Senador **Alvaro Dias**.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – V. Exª será atendido na forma do Regimento.

Concedo a palavra, neste instante, pela Liderança do PSB, ao Senador Renato Casagrande.

V. Ex<sup>a</sup> terá cinco minutos para o seu pronunciamento.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES. Como Líder. Sem revisão do orador.) – Obrigado, Sr. Presidente.

Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, meus senhores, minhas senhoras, o tema do debate é o da CPI Mista para investigar os cartões corporativos. Assinei o requerimento. Já havia assinado a CPI do Senado proposta pelo Senador Romero Jucá. Agora, assinei o novo requerimento, depois do acordo feito entre o Deputado Carlos Sampaio e o Senador Romero Jucá.

A meu ver, este é um assunto que merece ser investigado. Mas não acho que CPI seja o melhor instrumento de investigação, pois acaba virando um palco e um palanque de disputa entre Base aliada e Oposição. Não é o melhor instrumento, mas é o instrumento que mais responde politicamente, porque, se não se instala uma CPI, passa-se a impressão de que se tem medo da investigação. Por isso, saúdo a decisão de se criar uma CPMI. Espero que, efetivamente, ela seja conduzida num acordo político entre Governo e Oposição, para que nós possamos fazer a investigação.

Há alguns princípios que norteiam o gasto público. O primeiro deles, Senador Sibá Machado, é o princípio do critério. Para qualquer gasto público e até nos gastos nossos do dia-a-dia, nas nossas casas, nas empresas, deve haver critério para gastar o dinheiro. Na Administração Pública, mais critério ainda. Então, o primeiro princípio é critério. Ficou efetivamente comprovado, por meio de publicação feita pelo próprio Governo Federal, que faltou critério no gasto com os cartões corporativos. Então, investigar é fundamental.

Não faltou critério da parte de todos, não faltou um comportamento correto de todo mundo, mas falta critério claro para a utilização dos recursos com esses cartões. Então, o estabelecimento de um critério é fundamental.

O segundo princípio do gasto público é a transparência, a publicidade. Temos de dar publicidade. Quando cheguei ao plenário, ouvi o Senador Sibá Machado discursando sobre isso. De fato, o Governo Federal, de todos os entes da Administração Pública, é aquele com maior nível de transparência. Nos últimos anos, o nível de transparência na Administração Pública federal tem aumentado – não é ainda o ideal, mas tem aumentado. Os governos estaduais, fora raras exceções – agora, Pernambuco colocou o portal transparência em funcionamento –, e os governos municipais, também fora raras exceções, não têm o seu portal transparência, não fazem a publicidade dos

seus atos, não lançam suas despesas na rede mundial de computadores. E isso é fundamental. As novas tecnologias permitem que se tenha transparência nos gastos da Administração Pública.

Sr. Presidente, V. Ex<sup>a</sup> retoma o diálogo com a Câmara dos Deputados, uma medida necessária. V. Ex<sup>a</sup> foi eleito no final do ano passado. Quero fazer um elogio a V. Ex<sup>a</sup> pelo pronunciamento feito na última quarta-feira, na abertura do ano legislativo. V. Ex<sup>a</sup> estabeleceu uma prioridade, uma pauta, que esta Casa tem de ter e que há muito tempo não tem. E por quê? Porque, nos dois últimos anos da legislatura passada, Senador Heráclito Fortes, tivemos uma grande crise na Câmara dos Deputados – sanguessugas, mensalão –, que impediu o diálogo entre Câmara e Senado. No último ano, o primeiro desta Legislatura, o Senado viu-se envolvido num escândalo que envolveu o ex-Presidente, Senador Renan Calheiros. Foram três anos sem diálogo entre Câmara e Senado.

Agora, com a eleição de V. Ex<sup>a</sup>, voltamos a uma normalidade institucional. Podemos agora ter um diálogo entre Câmara e Senado. E aí saúdo V. Ex<sup>a</sup> pelo discurso, pela linha do pronunciamento e pela publicidade do ato da verba indenizatória. Parabéns! A Casa precisa disso.

Na linha do discurso de V. Ex<sup>a</sup>, temos um projeto de lei do ex-Senador João Capiberibe, que foi Senador pelo Partido Socialista Brasileiro, o projeto transparência, que obriga toda a Administração Pública, qualquer que seja a esfera de poder, a lançar na Internet seus gastos. Com as despesas apresentadas *on-line*, em tempo real, sabe-se o preço pelo qual é comprado um produto, onde se está gastando. A publicidade é fundamental para estabelecer claramente o nível de acompanhamento do gasto público pela sociedade brasileira, pelo Ministério Público Federal, pelas entidades.

Nessa crise do cartão corporativo, temos de avançar para termos critério e para que, cada vez mais, tenhamos transparência. E temos de investigar. Quem errou tem de pagar. Se alguém usou o cartão corporativo para algum benefício, para alguma despesa pessoal, precisa ser responsabilizado.

Esta é a posição que gostaria de deixar. É essencial que tenhamos uma agenda legislativa. Voltarei, ainda nesta semana, a abordar o assunto. V. Ex<sup>a</sup> vai promover um debate amanhã no Colégio de Líderes. Isso é importante. Voltarei a me pronunciar para que possamos ter uma agenda de interesse da sociedade. Que a nossa agenda positiva seja mais importante e possa nortear os trabalhos desta Casa.

Muito obrigado Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

Quero apenas fazer um registro com relação à transparência da verba indenizatória: o Senador Tião Viana foi quem deu início a esse processo, quando da sua passagem pela Presidência da Casa.

Concedo a palavra, como Líder do Democratas, ao Senador José Agripino. Em seguida, falará o Senador Mão Santa.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN. Como Líder. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, na sexta-feira ocupei a tribuna, na presença inclusive do Senador Romero Jucá, Líder do Governo, para fazer uma proposta buscando consenso em torno do enunciado da Comissão Parlamentar de Inquérito que precisa investigar o mau uso de cartões corporativos.

Cheguei a sugerir ao Senador uma reunião de líderes, contando com a presença dele e de líderes de todos os partidos. Cheguei a fazer contatos, falei com o Senador Art. hur Virgílio, com o Senador Romero Jucá, do PMDB, com o Senador Renato Casagrande, do PSB; mantive contato, por vias transpostas, com o Senador Epitácio Cafeteira; mantive contato com líderes de diversos partidos. Falei com o Senador Jefferson Péres, em Manaus, quando lhe propus encontrarmos os caminhos do consenso para que tivéssemos o enunciado de uma CPI não de fulano nem de beltrano, nem de governo nem de oposição, mas, de preferência, uma CPI da Casa, no sentido de recuperar a imagem do Senado, como é desejo de V. Ex<sup>a</sup>.

Hoje pela manhã, ao manter contato com os líderes para organizar a hora da reunião, em função da chegada de S. Ex<sup>as</sup> a Brasília, fui informado, pela imprensa, de que o Deputado Carlos Sampaio havia tomado a iniciativa de, em janeiro – há mais de 15 dias –, apresentar à Mesa da Câmara um pedido de CPMI – Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, para investigar as questões ligadas ao cartão corporativo.

O que aconteceu em seguida? O Senador Romero Jucá, Líder do Governo, com a autoridade que lhe compete e ouvidas as instâncias que ele julgou conveniente, do Palácio do Planalto, colheu assinaturas e apresentou a V. Ex<sup>a</sup>, à Mesa do Senado, um pedido de CPI do Senado. Não deixava claro que seria para investigar o mau uso de cartão corporativo, falava até em conta B dos últimos dez anos, de 1998 a 2008. A CPI era do Senado, não mista como originalmente os Deputados haviam sugerido e, com toda a razão, eles têm o direito de contribuir para o estabelecimento de um padrão ético irreprovável no Congresso Nacional e na vida pública do Brasil.

O Senador Romero Jucá apresentou seu requerimento. Em seguida foi obrigado a fazer, de próprio punho, uma modificação que gerou, por determina-

ção regimental, a devolução do requerimento que já continha as 27 assinaturas ou até mais. E S. Ex<sup>a</sup>, do plenário, renovou a intenção de apresentar a mesma proposta, o mesmo requerimento com assinaturas renovadas e ouviu de mim a proposta de que nos entendêssemos em torno de um fato que, para mim, é o mais importante.

Sr. Presidente, o mais importante é não perdermos o princípio básico da CPI, que é o instrumento de minorias e que tem de se ater a fato determinado. CPI tem de investigar fato claro, Senador Marco Maciel, não pode investigar um fato em aberto. Do contrário, vai-se querer aqui investigar as contas de Getúlio Vargas, sem denúncia de ninguém, sem nenhuma objetividade ou até para entupir caminho.

O fato determinado é fundamental, e o fato do requerimento do Senador Romero Jucá era indeterminado. Quem é que denunciou conta B? Onde há alguma suspeita no Tribunal de Contas da União ou no Siaf, como há no caso dos ministros dos esportes, da igualdade racial, de tantos ecônomos vinculados ao Palácio do Planalto? Onde é que há, como nesses casos, suspeitas de documentos que têm de ser explicados? Que ilação pode ser feita em relação à conta B, quando o Tribunal de Contas já existia e não há nenhuma denúncia? Por que investigá-la? Para fazer uma CPI de justificativas, de cortina de fumaça, para que se perca o foco e para desvirtuar o sentido da CPI, que é investigar fato determinado, transformando-a na CPI do fato indeterminado?

Não concordei e queria a reunião de líderes, para encontrarmos um consenso. Nem precisou. Os fatos do final de semana, das revistas e dos jornais, que mostraram, de forma ainda mais explícita, magnificada, com lente de aumento a prática do dolo por parte do atual Poder Executivo, fizeram com que o Líder do Governo, por razões que não me cabe aqui avaliar, refletisse, recebesse o Deputado Carlos Sampaio, autor original da primeira proposta de CPMI, e concordasse com os termos da proposta que S. Ex<sup>a</sup> apresentou e que está consensuada com o Governo, está consensuada com a Bancada de Deputados do PSDB, com a Bancada de Deputados dos Democratas e do PPS. A proposta trata de quê?

Requeiro a V. Ex<sup>a</sup>, nos termos do § 2º do art. 58 da Constituição Federal e na forma do art. 21 do Regimento Comum do Congresso, a instituição de Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, para apurar, no âmbito federal, possíveis casos de uso abusivo do chamado cartão corporativo, criado pelo Decreto nº 2.809/98 e instituído a partir de 2001, “ano em que passou a ser efetivamente utilizado.

O cartão foi criado em 1998 e foi instituído em 2001 – fisicamente, ele começou a ser usado em 2001. As contas começaram a ser pagas pelo cartão corporativo, que é o fato determinado desta CPI, a partir de 2001.

E prossegue:

“[...] em especial no que tange à compra de bens e serviços supérfluos ou fora do exercício funcional, bem como eventual fracionamento de despesas a ensejar fuga ao processo licitatório”.

Está aqui claríssimo o fato determinado, que é o que defendo.

O Deputado Carlos Sampaio obteve o “de acordo” do Líder do Governo, que recuou da investigação em aberto de dez anos, inclusive com coisas que não são objetos de denúncia; evoluiu da CPI do Senado para uma CPMI, em que Deputados e Senadores terão oportunidade de exercitar o debate em benefício do entendimento de que proibidade tem de ser um bem da democracia brasileira. E foi feito o entendimento.

Quero dizer a V. Ex<sup>a</sup> que conversei com o Líder Art.hur Virgílio, que é Líder, no Senado, do Partido do Deputado Carlos Sampaio; conversei com o Líder Pannuzzio, e há entendimento de que esse texto é conveniente. Há suposições de que, pelo fato de se mencionar a data de 1998, é possível investigar a conta “B”. Pode até ser que se venha a investigar a conta “B” e nada em contrário. Nada! Agora, que não se venha investigar pelo fato de isso estar no enunciado da CPI. Não, não está. O que está – e o fato é determinado – é cartão corporativo, que começou em 2001 e continuou até 2008. Se alguma evidência de governos pretéritos vier a se mostrar, não haverá nenhum óbice em que se investigue. Não se está aqui pretendendo esconder nenhuma sujeira debaixo do tapete. Agora, não que se venha a fazer a CPI das justificativas, que se venha a colocar o caso Mathilde com um caso inventado em 1998. Não; aí, não. Houve o recuo, e esse é nosso entendimento.

Vai se investigar cartão corporativo, que foi instituído em 1998. Não existiu até 2001. Há uma lacuna, portanto, entre 1998 e 2001. E, a partir de 2001 até 2008, ele existe fisicamente, produzindo compras e saques, que têm de ser explicados, doa a quem doer, chegue aonde chegar.

Quando falo isso, Sr. Presidente, não quero referir-me individualmente ao “seu ninguém”. Ninguém imagine que essa CPI esteja sendo pensada por nós, os Democratas, ou pelos Tucanos, para se chegar, individualmente, ao fulano, ou ao beltrano, ou à beltrana. Está-se querendo passar a limpo um contencioso de improbidade. E é o que vai ser feito.

Com essa manifestação, quero dizer que vou ouvir, evidentemente, o Líder do PSDB, Senador Art.hur Virgílio, mas, Senador Heráclito Fortes, de minha parte, o Governo chegou aonde deveria chegar. Está na hora de começarmos a investigar os cartões corporativos.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

Concedo a palavra ao Líder do PSDB, Senador Art.hur Virgílio.

V. Ex<sup>a</sup> dispõe de cinco minutos.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Como Líder. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, é lamentável que o Parlamento reabra sob o signo da crise, a ponto de não nos darem a oportunidade sequer de cobrar a palavra do próprio Presidente da República, empenhada e não honrada, no episódio pós CPMF, na tentativa de aprovarem a DRU; portanto, o compromisso de não editarem pacote financeiro, discutirem com a Oposição, discutirem com o conjunto da sociedade os cortes de despesas a serem feitos para se equilibrar um possível buraco nas contas públicas – buraco que não consigo identificar, até porque o Governo da ganância precisaria deixar de sê-lo.

É o signo da crise: estoura algo parecido com um escândalo no episódio dos cartões corporativos, e algumas coisas me espantam.

Espantou-me muito a reunião, no Palácio do Planalto, em que usaram a honradez do General Félix, reeditando-se, porém, métodos do antigo Serviço Nacional de Informações. O General disse que teria de retirar ainda mais itens de transparência do que propriamente abrir por inteiro as despesas, os gastos oficiais com cartões corporativos. E me espantou muito isso acontecer no Governo de um operário que foi preso por defender as liberdades, liderando as greves já históricas do ABC paulista.

Espanta-me, ainda uma terceira vez, Senador Heráclito Fortes, o fato de este Governo, quando acusado de qualquer coisa, em vez de se defender, como deve fazer qualquer pessoa, como deve fazer qualquer entidade decente, apresentar suas defesas, apresentar sua linha de argumentação, imediatamente ele tenta transferir a responsabilidade para terceiros, para quartos, para quintos, na tentativa de embaralhar a compreensão dos fatos. Ou seja, a impressão que este Governo me passa – e isto é lamentável, porque eu acreditava em erros administrativos e econômicos deste Governo, mas não acreditava em tanta degenerescência moral até – é a de que eventuais crimes de outros absolvem-no dos seus próprios crimes, quando eventual crime

praticado por quem quer que seja não torna menos criminoso aquele que também tenha incorrido em algum delito capitulado na lei penal brasileira.

Agora, vejo a tentativa desesperada, mambembe de se embaralharem os fatos nessa tal CPI.

Quero alertar o Governo para o seguinte: democracia funcionando, Ministério Público ativo, Parlamento com Oposição vigilante, sociedade pública em mobilização – e será crescente a mobilização da sociedade –, tanto faz que haja maioria ou minoria. E vamos querer saber, Sr. Presidente, a quem cabe, pela ordem do rodízio, a relatoria e a presidência da Comissão Parlamentar de Inquérito. Elas não podem ficar, o tempo todo, ao bel-prazer dos interesses do Palácio do Planalto. Há pouco tempo, o Senador Antero de Barros presidiu a CPMI do Banestado; depois, houve mais uma dezena. Quando é a vez de novo de alguém do PSDB, alguém do bloco de Oposição, do bloco minoritário – que não é tão minoritário assim, senão não teria derrotado o Governo no episódio da CPMF?

Mas há a tentativa de se colocarem pessoas de confiança. Derrotaram o Senador César Borges, porque o Senador Delcídio Amaral era de confiança no episódio da CPMI dos Correios, e o primeiro fato fez com que as convicções do Senador Delcídio Amaral cambassem para o caminho da verdade. O Deputado Osmar Serraglio era de confiança, era da base do Governo, e o primeiro fato fez com que o Deputado Osmar Serraglio imediatamente percebesse que estava diante de uma quadrilha montada e organizada para assaltar os cofres públicos. Essa foi a verdade daquele episódio da CPMI, que investigou o chamado mensalão.

Ouvi falar agora que pretendem indicar para uma das posições um Deputado da minha maior estima, que é o Deputado José Eduardo Cardozo. Tenho nele a mais absoluta confiança. Sei que é um homem de nível, um homem de respeito, de respeitabilidade.

Faltava, agora, o Governo indicar um pau-mandado seu.

Quero dar um outro exemplo de como pau-mandado não resolve nada neste País. Colocaram paus-mandados naquela chamada CPI do Mensalão, uma que fizeram funcionar para evitar o êxito daquela que teve êxito, que foi a dos Correios. E aquela CPI desmoralizou tanto a si própria, cometeu tantos desatinos, desmoralizou-se tanto, desceu tão baixo que terminou sendo fechada por decisão envergonhada da maioria dos seus membros. Ela não chegou a cumprir o tempo constitucional, o tempo regimental que lhe estava sendo destinado. Ela não funcionou porque não buscava o fato, ela buscava encobrir os fatos. Ela não funcionou porque ela não queria a verdade, ela queria encastelar a verdade. Ela não funcionou porque ela não queria

apontar culpados e criminosos do dolo de ameaçar, de maneira sorrateira, traiçoeira, a coisa pública e, sim, porque ela, aquela CPI falsa, a tal do Mensalão, estava lá com uma maioria domesticada para não deixar acontecer nada ao Governo de quem, hoje, tutela o poder neste País. Não adianta.

Entendo, Senador José Agripino – e peço a V. Ex<sup>a</sup> um tempinho para concluir, Sr. Presidente –, que o Governo se perde cada vez mais.

Não estou, aqui, discutindo sequer mais detalhe de popularidade ou não. Não sei se continua popular um governo que pratica tantos atos agressivos à ética no País, mas é mais popular que o Julio Iglesias? E o Julio Iglesias não serve para presidir o País. Não serve. É mais popular do que quem quer que seja, qualquer ator de chanchada neste País? Não quero discutir isso. Quero discutir credibilidade.

Estou supondo que um governo que não cumpre a palavra deveria, agora, purgar-se apresentando nomes para examinarmos, sem a preocupação de patrolar com maiorias falsas que, depois, a imprensa derrete, maiorias falsas que, depois, o Ministério Público acaba por derreter também, maiorias falsas que não resistem a uma manchete de jornal, maiorias falsas que não resistem a uma denúncia comprovada, a uma denúncia clara, a uma denúncia irrefutável.

Chega de acreditar que este País é uma ditadura. Este País é uma democracia e, em democracia, não se pode roubar, sem que se perceba, o dinheiro do povo. Não se pode gastar, de maneira equivocada, aquilo que é da poupança popular, porque a democracia não permite essa prática, porque o Ministério Público está aí, vigilante, porque há Oposição funcionando, porque há um Supremo Tribunal Federal que nos orgulha, porque há uma imprensa investigativa que está aí para ver o que acontece de bom e o que acontece de errado neste País.

Portanto, Sr. Presidente, algo me parece que já foi um avanço: o Governo tentou uma patacoada e desistiu da patacoada. Vamos ver, agora, os termos.

Eu gostaria muito, Senador José Agripino, de me reunir com V. Ex<sup>a</sup> – e encerro, Sr. Presidente –, o presidente Rodrigo Maia, os Líderes de Oposição dos quatro partidos de Oposição, os dissidentes na Câmara e o presidente Sérgio Guerra para traçarmos as nossas linhas de atuação.

Uma coisa é fato: nós vamos...

*(Interrupção do som)*

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – ... começar a investigar, sim, o delito cometido escandalosamente por este Governo e, daí em diante, analisar o funcionamento desse sistema todo.

Agora, a tentativa revoltante, que embrulha o estômago, de, sem acusação nenhuma ... Não há uma acusação que toque, de longe ou de leve que seja, a honra do Presidente Fernando Henrique, mas lá misturam eles. Parece, de novo, aquela conversa lá na garagem, aquela conversa com Marcos Valério lá na garagem. Parece que a estão reeditando, parece que não aprendem, parece que não percebem que eventuais crimes alheios não absolvem ninguém dos seus próprios crimes. Eles têm de provar que não cometeram os crimes ou punir quem, porventura, os tenha praticado.

É uma pena recomeçarmos cobrando palavras não cumpridas e envolvidos num cenário de lamentável crise, crise moral, crise ética, mais uma, a ponto de eu não saber se, a esta altura, parte significativa da nossa sociedade não está anestesiada, como se tivesse tomado uma injeção de éter nas veias. Não sei, mas vamos fazer tudo para cumprir com o nosso dever.

O importante, a esta altura, não é saber o que se obtém como resultado final. É saber se, nesta Casa, há ou não há pessoas capazes de cumprir estritamente com o seu dever. O meu Partido vai cumprir com o seu, haja o que houver, dê no que der, custe o que custar, doa a quem doer, Sr. Presidente.

Muito obrigado.

Era o que eu tinha a dizer.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

Concedo a palavra ao Senador Mão Santa. Em seguida, falará o Senador Sibá Machado.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Garibaldi Alves Filho, Sr<sup>as</sup> e Srs. Parlamentares, brasileiras e brasileiros aqui presentes e que nos assistem pelo Sistema de Comunicação do Senado, a TV Senado, a Rádio Senado, AM e FM, e o **Jornal do Senado**, que são muito importantes.

Cheguei há poucos instantes do Rio de Janeiro.

Ô Senador José Agripino, encontrei umas senhoras do Rio Grande do Norte entusiasmadas e orgulhosas pela palavra de V. Ex<sup>a</sup> aqui.

Esta Casa, Senador Garibaldi, está cumprindo a sua missão. Sabemos que Barroso disse: “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”. Nós estamos cumprindo o nosso dever.

O Senado é para isto, para fazer leis boas e justas, Cristovam Buarque, leis como as que Deus entregou a Moisés: boas e justas. Nós somos impedidos de fazê-las porque o Poder Executivo se intromete e manda para cá medidas provisórias, que obstruem a pauta da Casa. Poucas leis boas saem. Mas é para fiscalizar.

Luiz Inácio, é preciso entender o que é democracia. O absolutismo foi dividido em três poderes equípolos, um igual ao outro, para um fiscalizar os outros. É para a Justiça nos fiscalizar. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, mas nós também temos de frear.

Quem não louva Antonio Carlos Magalhães, que teve coragem de fazer a CPI contra o Judiciário e desmascarou os “lalaus” da Justiça que aí estão?

É para um fiscalizar o outro.

A Justiça nos fiscaliza e nós fiscalizamos o Executivo. Equípolos.

O Garibaldi está aí porque teve coragem de ser o relator de uma CPI que quiseram abortar. Chegaram a apelidá-la de “CPI do fim do mundo”. Ela era presidida por Efraim e Garibaldi foi o relator, por isso ele ganhou credibilidade. A CPI de que Garibaldi foi relator e que teve Efraim como presidente deu credibilidade a esta Casa.

Eu estava parecido com Marco Maciel: de repente, eu estava no Leblon, fui assistir a uma missa na Igreja Santa Mônica.

Ô Suplicy! Só dá atenção ao Heráclito, mas olha aqui. Essa é mais vergonhosa, não tem boxe que levante. Suplicy, o padre era estrangeiro, na missa das 19 horas. Ele falava da tentação, que o mundo está cheio de tentação, do pecado da carne, do sexo. Aí ele disse: “Agora, surgiu outra tentação, a desse cartão com que se tira dinheiro e não se paga”. Isso na missa, um padre estrangeiro! Então, os religiosos, lá, gritaram: “Cartão corporativo, padre”. Isso lá no Leblon.

Ô Sibá, é uma vergonha! Eu não sei se é verdade, Sibá.

Olha, eu estava diante de um Prefeito do Piauí, de São João da Fronteira, um dos melhores do Piauí.

Ô Heráclito, temos de render homenagens ao Antônio Ximenes Jorge, que tem um aposto, como Mão Santa: o dele é Carne Assada. Mas é querido. Como também o seu secretário. E aquela líder, uma mulher, Mônica Bona, é uma líder, o nome está dizendo, é Mônica Bona. Nós estudamos latim, **bonus**, bona, é boa.

Quero dizer, ó Suplicy... Suplicy não está atento... Vocês sabem por que o Suplicy está aí? A sua grandeza política não foi a família – ele teve um avô muito rico –, não foi a esposa... Ele era vereador e foi Presidente da Câmara Municipal de São Paulo. Foi austero.

Austeridade, Luiz Inácio! A primeira vez que ouvi a palavra austeridade, ó Senador Geraldo Mesquita, foi com o Dr. Lucídio Portella, Governador do Piauí, um deputado novo. Ouvi isso dele. Senador Garibaldi, não era do meu dicionário, do meu vocábulo. E ele ci-

tou austeridade. Ele foi Senador da República, irmão mais velho de Petrônio Portella.

Austeridade, Cristovam, austeridade! Presidente Luiz Inácio, olhe no dicionário. Austeridade é o que falta no Governo de V. Ex<sup>a</sup>. Austeridade e honestidade integral! Honestidade integral e austeridade é que levam à prosperidade. Isso é o que falta ao Governo de V. Ex<sup>a</sup>.

Ó Garibaldi, não sei, mas esta Casa é para fiscalizar. Luiz Inácio, V. Ex<sup>a</sup> é o responsável. O único responsável, não tem dois.

Só tem um, é Luiz Inácio. Os princípios da Administração, pregados por Henri Fayol, o pai da Administração, são: unidade de comando, unidade de direção. É ele o nosso comando e a nossa direção. Não pode ter dois. Só tem um culpado por esta bandalheira: é Luiz Inácio. Então acabou o estudo, a ciência? Acabou, Sibá.

Unidade de comando e unidade de direção: Henri Fayol, primeiro autor! Daí estão as escolas. Então não é ele? É unidade.

Diz mais: planejar, designar, coordenar, orientar e fazer o controle. Se Luiz Inácio não faz isso, Luiz Inácio não está administrando a nossa Pátria.

É princípio, não inventei. É da ciência, da Administração. Só tem um culpado, ô Geraldo Mesquita: Luiz Inácio. Não tem dois: unidade de comando e unidade de direção. Ele foi eleito, ele é o nosso Presidente, então ele tem que assumir. Não existe administração.

Agora, mais de onze mil cartões corporativos... Ô Siba, isso é molecagem. Não existe isso. Não existe.

Cristovam Buarque, sabe por que estou aqui? Porque fui “prefeitinho”, igual ao meu líder Antônio Ximenes Jorge, que é o nosso Carne Assada.

Uma vez, Cristovam Buarque, uma vez...

A minha cidade, Marco Maciel, tem duas multinacionais, uma a Merck, de Darmstadt, alemã, farmacêutica, e um grupo Curtidos Codina, de couro, da Espanha. Elas me proporcionaram uma viagem. E eu fui, Garibaldi.

Na hora de viajar, eu vi que precisava de dinheiro porque eu tinha de comer. Aí olhei no regimento da prefeitura, Garibaldi, e vi que não havia previsão para viagem internacional. Aí tirei a mais cara: São Paulo e Rio. Quando voltei, foi um escândalo. Um vereador, um vereador, ô Suplicy, melhor do que aqueles, um vereador, Dr. Ariosto Monte Fontes Ibiapina, amigo do Heráclito, nosso eleitor, gente boa, médico, rapaz, virou um cão: “Esse Mão Santa, prefeito” – olha, Luiz Inácio, ô Marco Maciel – “tirou, levou diária para ele e para a mulher dele”. E eu tinha tirado mesmo. Todo mundo sabe que o dinheiro na Europa é muito mais pesado, e a D<sup>a</sup> Adalgisa era Secretária de Serviço Social. Os

vereadores me chamaram para prestar conta. Eu agradeço ao Dr. Ariosto Monte Fontes Ibiapina. Atentai bem, Casagrande. Eu não era inferior ao vereador da minha cidade, isso no início do ano de 89. Mas eu fui. Quando cheguei lá, ele questionou: “Você tirou dinheiro de diárias para você e para sua esposa Adalgisa”. Eu disse: “Eu tirei, mas acho que vocês deviam me chamar aqui se eu tivesse levado a mulher dos outros. Eu levei foi a minha”. Foi desse jeito. A Câmara Municipal de Parnaíba, ô Luiz Inácio, me chamou a atenção. É lógico! Como é que o Senado não chama? Chama.

Agora, eu estava comentando, ô Luiz Inácio, eu quero salvaguardar a dignidade do nosso Presidente e da esposa do Presidente. Eu comentava com o Casagrande. Eu vim do Rio. Procurem saber quanto a D<sup>a</sup> Marisa gastava por dia. Foi um dado de jornal, mas eu vi, eu transmiti assim em *off* ao Casagrande. Ele ficou assombrado. Eu lhe disse: “Rapaz, eu vi no jornal, não tenho prova”. Aí é onde nós estamos. Eu fui chamado porque levei, e mostrei mesmo, eu disse: “Rapaz, eu não ia dormir com a D<sup>a</sup> Adalgisa debaixo da ponte. Este dinheirinho, a diária de prefeito para ir para a Europa, para a Alemanha, não dava”... Quer dizer, a Câmara Municipal da cidade de Parnaíba tinha esta consciência da sua função de fiscalizar o Executivo, que era eu. É isso.

Então, o padre lá estrangeiro, na missa de 19 horas do Leblon disse... Ô Marco Maciel, desligue o telefone para eu citar Padre Antônio Vieira. O Padre Antônio Vieira disse: o exemplo arrasta. Palavra sem exemplo é um tiro sem bala, Garibaldi. E o padre dizia: “Esse exemplo desses que têm esses cartões... – ele não sabia o nome, o padre era estrangeiro – esses cartões...” Aí o povo lá na missa não gritava “Amém”, gritava “corporativos!” “...pois é, faz com que os médios, os pequenos, os pobres também queiram roubar”. Olha a gravidade!

Luiz Inácio, sabemos que V. Ex<sup>a</sup> é generoso, mas nós estamos cumprindo a nossa missão. Ô meu prefeito Carne Assada, minha linda Mônica, isto aqui é tido como os pais da Pátria na história do mundo, é para aconselhar mesmo. Este Senado começou quando Moisés se desesperou, quis desistir porque o povo, atraído para adorar o bezerro de ouro, não queria obedecer às leis. Então, ele as quebrou, desistiu, mas ouviu a voz de Deus: busque os mais velhos, os mais experimentados e eles o ajudarão a carregar o fardo do povo. Daí nasceu a idéia de Senado. Somos nós, nós é que somos responsáveis.

Garibaldi, V. Ex<sup>a</sup> deu o exemplo. V. Ex<sup>a</sup>, quando era difícil, quando as presidências eram contra, peremptoriamente, aquela sua CPI foi a Justiça que mandou fazer, a CPI dos Bingos. Foi a Justiça – que serve para



isso mesmo – que viu que era um direito. V. Ex<sup>a</sup> colocou o pescoço lá e deu certo e agora está aí em cima, é o Presidente. O País reconheceu e nós reconhecemos o seu equilíbrio e a sua firmeza. Esta CPI tem que ser total, tem que ser mista, das duas Casas. Por que vamos humilhar a Câmara Federal? Não, vamos dar esta oportunidade de eles esclarecerem ao povo brasileiro. Isto é uma imoralidade: mais de onze mil!

Sibá, sei que quando o Governador viaja – e eu fui – existe um ajudante de ordens que se presta para pagar as despesas. Mas quase doze mil? É um exército. Doze mil é um exército de aloprados! É um exército de malandros! É um exército de aproveitadores! Mas é esse dinheirinho que falta para matar o mosquitinho da dengue, que é o mesmo mosquito da febre amarela, que está matando muita gente, e o Governo abafando. É esse dinheirinho que está faltando para a educação do ensino público, esse ensino que faz de vítima nossas lindas professorinhas, que estão ganhando cada vez menos.

Senador Garibaldi Alves, lembro-me que este País era um país organizado. Senador Geraldo Mesquita, não sei onde foi, mas minha geração, Senador Paulo Duque, ia buscar a mulher, a companheira, nas escolas normais, as professorinhas. Lembro-me de Adalgisa, com 16, 17 anos, sorridente, cheia de esperança. Vão hoje.

O professor Cristovam Buarque está com a cabeça abaixada, envergonhado com os baixos salários que se pagam às professoras. E esse é o dinheirinho que falta.

O Senado da República escreveu sua página mais linda quando enterrou o 76º imposto deste Brasil: a CPMF. Eram 76 impostos. Mas nós vamos nos superar quando mostrarmos ao País aquilo que a Constituição manda.

Se o Luiz Inácio não quis, ele não gosta de estudar, eu respeito, ele não leu Henry Fayol, os princípios de Administração, ele não leu aquilo que Getúlio preparou, o DASP, que tem toda a formação administrativa do País. Está tudo certo. Mas ele vai ser obrigado, ele jurou obedecer à Constituição. E a Constituição é para ser obedecida, Luiz Inácio. O País viu Ulysses beijá-la em 5 de outubro de 1988. Ele disse: “Desobedecer à Constituição é igual a rasgar a bandeira brasileira”. Luiz Inácio não vai fazer isso. E a Constituição diz que o serviço público tem que ter moralidade, legalidade e publicidade. Que todos saibamos disso.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho PMDB – RN) – Senador Mão Santa, V. Ex<sup>a</sup> está com o tempo esgotado.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Pronto. Mas só a sua sensibilidade... E aproveito o som da televisão e da rádio...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – ...para que a nossa voz chegue como um clamor aos céus e a Deus. Oh, meu Deus, abençoe o Senado e lhe dê coragem para oferecer a melhoria da democracia de que o País precisa.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Sibá Machado.

V. Ex<sup>a</sup> disporá de dez minutos.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Garibaldi Alves, em primeiro lugar, quero também partilhar dos elogios que os demais Senadores já fizeram pelo pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup> na abertura dos trabalhos deste ano e também pela eleição, pois ainda não havia tido tempo de fazer isso perante V. Ex<sup>a</sup>. A fala nos chama à reflexão de que temos a responsabilidade de colaborar com os processos e com a governabilidade, mas mantendo intransigentemente a soberania da Casa. V. Ex<sup>a</sup> foi muito feliz. Isso marcou a memória de todos aqueles que acompanharam V. Ex<sup>a</sup> naquele momento.

Sr. Presidente, gostaria de falar sobre matéria que saiu nos jornais de hoje a respeito de que haveria dentro do Governo, especialmente nos Ministérios da Agricultura e do Meio Ambiente, acordos no sentido de perdoar aqueles que fizeram desmatamentos ilegais na região amazônica brasileira. Os jornais deram essa notícia, muitas pessoas se pronunciaram, e alguns desses pronunciamentos até me chamaram a atenção, porque entendo que não têm conhecimento de causa. Fizeram isso no calor da emoção da leitura de uma notícia de jornal. Antes de se pronunciarem, poderiam ter buscado melhores informações.

Sr. Presidente, ocupo a tribuna no dia de hoje, depois de ter conversado também com a Ministra Marina Silva ao telefone e com outras pessoas do Ministério, para dizer terminantemente que isso não tem o menor procedimento. Isso não tem o menor procedimento! Há um entendimento errôneo – e não se sabe de onde partiu – de que haveria esse tipo de acordo dentro do Governo, do Congresso, com setores que praticaram crime ambiental ao desmatar de forma ilegal na Amazônia.

Digo isso, Sr. Presidente, porque a Lei nº 2.166, o Código Florestal, determina que, no bioma amazônico, sejam preservados até 80% das florestas, podendo ter um uso de conversão para uso econômico de, no

máximo, 20%. Quando vamos para o bioma cerrado, onde os Estados têm os dois biomas, o cerrado e o amazônico, como é o caso do Maranhão, do Tocantins e do Mato Grosso, esse percentual cai para 35%.

Portanto, do que precisamos para repor as informações? De onde nasceram todas essas conversas? Em primeiro lugar, tramitam na Câmara dos Deputados projetos de lei – e, talvez, no Senado, isso também ocorra; ainda vou procurar – que propõem a retirada dos Estados de Mato Grosso, de Tocantins e do Maranhão do bioma amazônico, para deixá-los eminentemente no bioma cerrado, e, com isso, a margem de conversão florestal sai dos 20% para até 65%. Esses projetos são de origem do Congresso Nacional, não do Governo.

Há algum tempo, realizamos nesta Casa um debate proposto pelo Senador Flexa Ribeiro, no sentido de que pudéssemos aproveitar as áreas já desmatadas, especialmente aquelas que, segundo S. Ex<sup>a</sup>, estavam dentro dos limites da lei. Quando se dizia que, na Amazônia, era de 50% a preservação – não de 80%, como é hoje –, essas áreas poderiam ser aproveitadas com culturas que fizessem a reposição florestal, inclusive com espécies exóticas.

O projeto de lei do Senador Flexa Ribeiro é composto de apenas três artigos, com seus devidos incisos. O projeto, que foi objeto de diversos debates na Casa, ao chegar na Câmara dos Deputados, recebeu um substitutivo que, no nosso entendimento, desvirtua totalmente aquela que foi a proposição do Senador Flexa Ribeiro. Portanto, não há qualquer compromisso da parte do Governo com esse tipo de discussão que ocorre na Câmara dos Deputados e no Congresso Nacional.

Sr. Presidente, passo a ler a nota escrita pela Ministra Marina Silva e pelo Ministro Reinhold Stephanes, para esclarecer definitivamente essa matéria de jornal.

Diz a nota:

Ao contrário do que foi noticiado nesse fim de semana, os Ministérios do Meio Ambiente e da Agricultura, Pecuária e Abastecimento esclarecem que não estão trabalhando em qualquer proposta de anistia para desmatadores ilegais ou para redução da reserva legal, seja na Amazônia ou em qualquer outra região.

O Governo Federal defende a manutenção da Reserva Legal e a solução dos passivos ambientais no âmbito do Zoneamento Ecológico Econômico e está trabalhando fortemente para aprofundar os mecanismos de penalização efetiva dos desmatadores ilegais, a exemplo da implementação do Decreto nº 6.321, de dezembro de 2007, que instituiu o embargo econômico

de áreas desmatadas ilegalmente e a responsabilização da cadeia de produção.

Os fortes indícios de aumento do desmatamento nos meses de novembro e dezembro de 2007, constatados pelo sistema Deter, impõem para o Governo e a sociedade a necessidade de intensificar ações enérgicas que coibam o desmatamento ilegal. Flexibilizar o Código Florestal, como prevê o PL nº 6.424/2005, aprovado na Comissão da Agricultura da Câmara dos Deputados, em dezembro passado, não levará à diminuição do desmatamento e, sim, à legalização do passivo ambiental e ao estímulo a novos desmatamentos.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Sibá Machado, permita-me interrompê-lo, porque temos de prorrogar esta sessão por mais 30 minutos. Depois de V. Ex<sup>a</sup>, apenas mais três oradores falarão: os Senadores João Pedro, Eduardo Suplicy e Paulo Duque.

V. Ex<sup>a</sup> está com a palavra.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente. Já estava mesmo concluindo.

Sr. Presidente, queria fazer esses esclarecimentos e, como muitas pessoas disseram que é preciso convidar diversos Ministros de Estado para irem à Comissão de Agricultura da Câmara, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento, da Câmara dos Deputados, pretendo fazer algo nessa direção, solicitando a presença da Ministra Marina Silva e de outros Ministros, se for o caso, para que venham a uma das Comissões da Casa – Comissão de Meio Ambiente, Defesa do Consumidor e Fiscalização e Controle; Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa; e Comissão de Agricultura e Reforma Agrária – ou para que compareçam à reunião conjunta delas, para que tiremos quaisquer dúvidas nessa direção.

Mas volto a dizer a V. Ex<sup>a</sup> que, toda vez que se trata desse tipo de debate, vivemos aqui um paradoxo: de um lado, quando se faz a fiscalização rígida – e há um elenco muito grande de ações feitas pelo Governo, especialmente lideradas pelo Ministério do Meio Ambiente –, diz-se que o Ministério, ou o Governo, está atrasado quanto ao crescimento da economia; por outro lado, quando acontece um fenômeno dessa natureza, muitas pessoas vêm, sem nenhuma preocupação, tecer críticas, dizendo que o Governo está flexibilizando e tomando uma atitude irresponsável.

Portanto, Sr. Presidente, a ação é enérgica. O Governo não tem titubeado neste momento, não tem dado moleza: quer o crescimento do País. Queremos o desenvolvimento, mas, com todos os cuidados: o social, o tributário e, especialmente, o ambiental. Depois que o mundo todo passou a discutir o aquecimento

global, não vamos absolutamente vacilar; numa hora como esta, não vamos fraquejar diante de coisas que todos nós já sabemos: que há aqui muitos passivos ambientais eminentemente de caráter criminoso. Portanto, o Governo não vai brincar em serviço quanto a essa situação.

Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>

Concedo a palavra ao Senador João Pedro. (Pausa.)

S. Ex<sup>a</sup> não está presente.

Concedo a palavra ao Senador Eduardo Suplicy.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Tem a palavra V. Ex<sup>a</sup> pela ordem.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, enquanto o Senador Eduardo Suplicy se dirige à tribuna, dentro da aliança de paz que fizemos hoje, queria pedir a V. Ex<sup>a</sup> a transcrição nos Anais do Senado de um registro que faço pelos 100 anos de nascimento do Sr. Zezé Amaral, um mineiro de boa cepa, da cidade de São Sebastião do Paraíso, onde exerceu grande liderança e influência não só política, mas também social. Foi fundador da Rádio Difusora, do Rotary Clube, teve, enfim, grande influência social na cidade.

Para não tomar o tempo do Senador Eduardo Suplicy, peço a transcrição nos Anais da Casa deste documento, ao tempo em que digo que o Sr. Zezé Amaral, que completaria, se vivo fosse, 100 anos hoje, era pai da extraordinária figura de brasiliense e mineiro que é o jornalista Gilberto Amaral, querido por todos.

Faço, portanto, a solicitação do registro, agradecendo a V. Ex<sup>a</sup> o pronto atendimento.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR HERÁCLITO FORTES EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

*(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)*

**ZEZÉ AMARAL, CEM ANOS**

Vivo fosse, Zezé Amaral estaria completando nesta terça-feira, 15 de janeiro, 100 anos. Os mais novos o conhecem como nome de avenida nesta São Sebastião do Paraíso que tanto amou. Os mais velhos, como empreendedor que só parou quando a morte o levou para o convívio eterno com Deus. Nós, de sua família, a começar por sua amantíssima esposa e mi-

nhá saudosa mãe, Dona Otília Amaral Soares, suas filhas Maria Otília e Maria Helena e Luciano, que já repousa a seu lado, ficamos com a recordação de um pai extremo, que nos legou exemplos de paternidade, de amor e de irmandade.

O jornalista Zezé Amaral (José Soares Amaral era o seu nome de batismo) há de ficar na memória dos paraisenses pelo exemplo de pai e de empreendedor, pois foi um dos artífices da história de São Sebastião do Paraíso. Em 1939 foi fundador da Rádio Difusora Paraisense ZYA-4, do Rotary Clube, do Cine São Sebastião, do Cine Recreio, de uma fábrica de macarrão e, junto com amigos construiu a Galeria Central.

Em reconhecimento pelos relevantes serviços prestados ao município, foram-lhe outorgados os títulos de Membro Proeminente da Ordem Municipal do Brasão (1971) e da Ordem do Mérito Municipal (1973). Após seu falecimento, ocorrido no dia 21 de julho de 1974, recebeu “*post mortem*” as seguintes homenagens: “Patrono da Biblioteca Comunitária” e da Av. Zezé Amaral”, aliás, justas homenagens, a quem tanto lutou pelo progresso, prestígio e bem estar da comunidade paraisense.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Associo-me a V. Ex<sup>a</sup>.

V. Ex<sup>a</sup> será atendido, de acordo com o Regimento.

Concedo a palavra ao Senador Eduardo Suplicy.

V. Ex<sup>a</sup> terá dez minutos.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – V. Ex<sup>a</sup> me permitiria a palavra pela ordem, Senador?

**O SR. EDUARDO SUP LICY** (Bloco/PT – SP) – O Senador Art.hur Virgílio pede a palavra.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Serei bastante breve.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Desculpe-me. O Senador Art.hur Virgílio pede a palavra pela ordem.

Com a palavra, o Senador Art.hur Virgílio.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sem a menor intenção de interromper o Senador Eduardo Suplicy, até porque sei da relevância do tema que ele trará à tribuna, gostaria, Sr. Presidente, que V. Ex<sup>a</sup> convocasse uma reunião de líderes partidários da Casa para, muito às claras, estabelecermos os critérios pelos quais se definirão os membros fundamentais da CPMI que certamente será instalada no Congresso Nacional.

Em outras palavras, para falar português bem claro: na mão grande, não. Esta história de “vai ser PT não sei onde e PMDB aqui”... Na mão grande, jamais. Eu me convenço com critérios matemáticos.

O meu bloco teve, por exemplo, o Senador Antero Paes de Barros, presidindo a CPMI do Banestado, e, hoje em dia, tem o Senador Raimundo Colombo presidindo a CPMI das ONGs. Outras dezenas de CPMIs foram presididas ou relatadas por membros do bloco liderado pelo PT ou do PMDB. Gostaria de ver assim, tintim por tintim. Por quê? Estou ouvindo me dizerem assim: “Vai ser, numa Casa, o PMDB e, na outra, o PT”. Eu, explicando-me, aprendo até a pilotar avião. Quero só saber por quê. Sou capaz de aprender a pilotar avião; por mais que não pareça, sou, se me ensinarem. Agora, na mão grande, de jeito algum.

“Ah, porque é uma CPI explosiva, então não pode caber alguém da oposição.” Ela pode ser explosiva de 500 mil megatons, eu quero saber o critério. Se o critério for matemático, aquele da praxe; se não estiver havendo nenhuma mexida na regra do jogo, estarei lá, ordeiro, tranqüilo, fazendo o meu trabalho, procurando ajudar que o Presidente e o Relator façam os deles, se se portarem com a dignidade que a investigação séria exige. Se eu sentir que há alguém portando-se de outro jeito – e não penso nisso –, o destino será o mesmo que teve aquela CPMI do Mensalão: desmoralizou-se tanto, que ela própria se fechou, Sr. Presidente. Eu nunca vi algo parecido. Ela se autofechou! É uma coisa impressionante! Foram brincar com a democracia consolidada que o Brasil tem, e a CPMI se autofechou!

Então, Sr. Presidente, gostaria muito dessa reunião para que tivéssemos, com base no quadro das CPMIs já acontecidas nestas quadras que vivemos, o que é e o que não é, de modo...

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Art.hur Virgílio...

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Já concluo, Sr. Presidente.

De modo que cheguemos todos conformados. De repente, pode ser uma figura extremamente boa, indicada pelo Governo. Cheguei aqui até a lançar – espero não tê-lo queimado – o nome do Deputado José Eduardo Cardozo, uma figura que admiro extremamente, se for do PT uma das vagas.

Há figuras decentes, a começar por essa que preside o Congresso Nacional, V. Ex<sup>a</sup>, no seu partido. Agora, no meu também há, assim como no DEM.

Portanto, queremos saber o que a matemática diz. Vamos deixar a política abaixo da matemática. Que a matemática fale e que o rodízio a explique. E que nós, então, cheguemos, ordeiramente, à abertura dos trabalhos de uma CPMI que tem que botar um cobro nessa farra, que está ignominiosa, com os cartões corporativos.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Art.hur Virgílio, já está convocada uma reunião dos Líderes para as 11 horas, amanhã. Trataremos desse e de outros temas.

Então, V. Ex<sup>a</sup> já fica convidado para essa reunião, às 11 horas, amanhã, no Gabinete da Presidência.

Com a palavra, o Senador Eduardo Suplicy.

**O SR. EDUARDO SUPLICY** (Bloco/PT – SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente Garibaldi Alves Filho, Sr<sup>s</sup> e Srs. Senadores, em primeiro lugar, quero manifestar meu apoio, assinando o requerimento da CPMI sobre os cartões corporativos.

Espero contribuir para que essa CPMI se desenvolva da forma mais equilibrada e na defesa do interesse público, com vistas a saber exatamente tudo que ocorreu com os gastos, com o suprimento de materiais, com os cartões corporativos. E isso poderá ser feito com a participação tanto da Oposição quanto da Situação.

Avalio que o Senador Romero Jucá procedeu a um entendimento interessante, porque seria inadequado termos duas CPIs, uma na Câmara e outra no Senado. Então o bom senso prevaleceu e acho que vamos chegar a um bom entendimento sobre isso.

Sr. Presidente, aguardo do meu gabinete o texto de requerimento de solidariedade e votos de restauração plena ao Presidente José Ramos-Horta, do Timor-Leste, de que falarei daqui a instantes.

Mas quero, em primeiro lugar, confirmar o anúncio que fiz na semana passada no sentido de que V. Ex<sup>a</sup> possa presidir, na quinta-feira próxima, às 9 horas da manhã, a audiência pública conjunta das Comissões de Direitos Humanos e Legislação Participativa, presidida pelo Senador Paulo Paim; de Relações Exteriores e Defesa Nacional, presidida pelo Senador Heráclito Fortes; de Serviços de Infra-Estrutura, presidida pelo Senador Marconi Perillo; de Desenvolvimento Regional e Turismo, presidida pela Senadora Lúcia Vânia, para esclarecer acerca do projeto de integração do rio São Francisco com as Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional, em razão da sua importância para aquela Região e para o Brasil.

Quero confirmar, Sr. Presidente, a palavra do Ministro da Integração Nacional, Geddel Vieira Lima, que ainda hoje confirmou que estará presente, sim, a partir das 9 horas, para o diálogo com o Bispo da Barra, Dom Luiz Flávio Cappio. Ambos serão, acredito, os primeiros oradores.

Possivelmente, daremos primeiro a palavra a Dom Luiz Flávio Cappio para, em seguida, termos o contraditório e a resposta do Ministro Geddel Vieira Lima, como ele próprio sugeriu. Teremos também o Deputado

Ciro Gomes, o Deputado Marcondes Gadelha, que há 20 anos é um estudioso do assunto, inclusive proposto pelo Deputado Giro Gomes e um dos ministros que desenvolveu todo o estudo a respeito desse tema. Teremos ainda pesquisadores, professores, especialistas dos dois lados, de maneira equilibrada.

Estarão presentes: o pesquisador Luciano Silveira, da ASA-Brasil, Art.iculturação para o Semi-Árido Brasileiro; a atriz Letícia Sabatella, integrante do Movimento Humanos Direitos, que se tem solidarizado com Dom Luiz Flavio Cappio; o Secretário de Infra-Estrutura Hídrica do Ministério da Integração Nacional, João Reis Santana Filho; Rômulo Macedo, Gerente do Programa São Francisco, do Consórcio Logos-Concremat; Professor Paulo Canedo de Magalhães, da Coppe, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; a Promotora de Justiça Luciana Khoury, da Bahia, coordenadora da Promotoria de Justiça do rio São Francisco; o jornalista Henrique Cortez; o Professor João Abner Costa, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; o Dr. Apolo Heringer Lisboa, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais e Presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas.

Formulei também o convite a Dom Aldo Pagatto, indicado pelo Ministro Geddel Vieira Lima, que, infelizmente – acabo de conversar com ele – será responsável por um encontro dos bispos da Região Nordeste. Inclusive ele próprio é o organizador do evento que coincidirá com esta data, razão pela qual ele propõe um outro membro da própria igreja católica, que também é um estudioso deste assunto.

Quero agradecer mais uma vez ao Presidente Garibaldi Alves por estar presente na próxima quinta-feira na abertura dos trabalhos desta Comissão, bem como aos Presidentes Heráclito Fortes, Paulo Paim, Lúcia Vânia e Marconi Perillo. Como o Líder do PSDB Art.hur Virgílio não estava aqui na semana passada, quero convidá-lo e a todos os Srs. Senadores para participarem deste importante debate sobre a questão do Rio São Francisco, salientando que os convidados são em número igual de ambos os pontos de vista, no plenário do Senado, às 9 horas da manhã, conforme disse o próprio Senador Garibaldi Alves, nosso Presidente.

Avalio, Senador Heráclito Fortes, que o Presidente Garibaldi Alves abrirá a reunião. Depois V. Ex<sup>a</sup> e os demais, numa questão de bom senso, irão administrar a presidência dos trabalhos. Considero que isso poderá ser muito importante para que todos nós venhamos a aprender com os argumentos de ambos os lados.

Sr. Presidente, tivemos uma notícia triste e preocupante: José Manuel Ramos-Horta, Presidente da República do Timor-Leste e Prêmio Nobel da Paz, in-

felizmente ontem, ao se exercitar fisicamente na sua residência, foi alvo de gravíssimo atentado, pois levou dois tiros de pessoa que invadiu a sua residência.

Quero expressar o voto de solidariedade ao Presidente José Manuel Ramos-Horta, Presidente da República do Timor-Leste, e o pleno restabelecimento de sua saúde, pois, repito, na manhã de 10 de fevereiro de 2008 foi alvejado durante um ataque armado à sua casa por grupos dissidentes da política daquele País.

José Manuel Ramos-Horta, nascido em Díli, em 26 de dezembro de 1949, é um político e jurista timorense, atual presidente de seu país, a mais jovem nação, pois foi constituída em 2002. Assumiu o cargo em 20 de maio de 2007, tendo sido Ministro de Negócios Estrangeiros de Timor-Leste desde a independência em 2002. Antes disso, foi o porta-voz da resistência timorense no exílio durante a ocupação indonésia entre 1975 e 1999. Ocupou também o cargo de Ministro das Relações Exteriores no governo autoproclamado em 28 de novembro de 1975, então com apenas 25 anos de idade. Deixou o Timor-Leste apenas três dias antes da invasão indonésia, em viagem até Nova Iorque, para apresentar às Nações Unidas o caso timorense.

Em dezembro de 1996, José Ramos-Horta partilhou o Prêmio Nobel da Paz com o compatriota bispo Carlos Filipe Ximenes Belo. O Comitê Nobel laureou-os pelo contínuo esforço para terminar com a opressão vigente no Timor-Leste.

José Ramos-Horta estudou Direito Internacional na Academia de Direito Internacional da Haia, nos Países Baixos (1983) e na Universidade de Antioch, Estados Unidos, onde completou o mestrado em Estudos da Paz (1984).

No segundo turno das eleições de 9 de maio de 2007, Ramos-Horta foi eleito Presidente da República do Timor-Leste, em disputa com Francisco Guterres Lu Olo, sucedendo Xanana Gusmão no cargo – Xanana Gusmão que hoje é o Primeiro Ministro do Timor-Leste.

Em janeiro último, Ramos-Horta visitou o Brasil e foi recebido pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Isso aconteceu nos dias 28, 29 e 30 de janeiro. Inclusive encontrei-me com o Presidente Ramos-Horta, ocasião em que tive uma conversa extremamente agradável com ele. Fui convidado pela viúva de Sérgio Vieira de Mello, Sr<sup>a</sup> Carolina Larriera, que, no dia 28 de janeiro último, no Hotel César Park, no Rio de Janeiro, no Leblon, fez uma recepção convidando os amigos do Timor-Leste e do Presidente Ramos-Horta. Tive a honra de ter sido convidado e ali pude testemunhar as palavras de José Ramos-Horta, em primeiro lugar, enaltecendo Sérgio Vieira de Mello e expondo o quanto esse brasileiro havia colaborado para toda

a realização em paz do processo de independência, eleição da Constituinte, proclamação da Constituinte e eleição até que o novo governo, presidido por Xanana Gusmão, primeiro Presidente do Timor-Leste, tomasse posse. Ele nos disse palavras muito bonitas a respeito do relacionamento entre a Sr<sup>a</sup> Carolina Larriera e Sérgio Vieira de Mello, de que foi testemunha.

Pude perceber que foram muito importantes as palavras de José Ramos-Horta como mediador de um processo de pacificação no Timor-Leste. Ele exaltou as qualidades dos chefes de Estado, mencionando a compaixão como um dos atributos mais importantes que um chefe de Estado possa ter – e, que conseguiu muitas vezes mediar momentos de tensão tão grandes.

Era do conhecimento do público que o próprio José Ramos-Horta estava disposto a dialogar com aquele que, infelizmente, tentou assassiná-lo. O objetivo dele era manter um diálogo com todas as tendências e opiniões. Ramos-Horta muitas vezes soube mediar o diálogo entre lideranças importantes como de Alkatiri e Xanana Gusmão, que, em diversas ocasiões, tiveram desavenças. De maneira que aqui convido os Srs. Senadores que o desejarem a assinar este voto de solidariedade e de pleno restabelecimento ao presidente José Ramos-Horta.

Gostaria de dizer que o diálogo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do Ministro Celso Amorim com o Presidente José Ramos-Horta foi do melhor nível possível.

*(Interrupção do som.)*

**O SR. EDUARDO SUPLYCY** (Bloco/PT – SP) – Concluindo, Sr<sup>a</sup> Presidente, ao Presidente Heráclito Fortes tenho a honra de conceder o aparte.

**O Sr. Heráclito Fortes** (DEM – PI) – Senador, em primeiro lugar, gostaria de pedir que essa mensagem de pronta recuperação e de solidariedade ao povo do Timor Leste que V. Ex<sup>a</sup> faz aqui seja considerada como uma mensagem oficial da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional e, se assim for o desejo da Sr<sup>a</sup> Presidente, também desta Casa, sendo enviada ao povo do Timor Leste mostrando a nossa preocupação e a nossa solidariedade. Quero testemunhar, Senador Suplicy, exatamente um telefonema que recebi de V. Ex<sup>a</sup> quando da estada do Sr. Ramos-Horta no Brasil. V. Ex<sup>a</sup> me ligou relatando a conversa que teve com Ramos-Horta, inclusive indagando se eu participaria do almoço em homenagem a ele, realizado no Itamaraty, para o qual tinha sido convidado. Lamentei, pois eu me encontrava longe, estava em outro Estado e não pude participar. Mas V. Ex<sup>a</sup> teve a oportunidade de me relatar, inclusive num gesto de gentileza, já que o fato de eu ser Presidente da Comissão de Relações Exteriores

e Defesa Nacional não obrigaria V. Ex<sup>a</sup> ou qualquer parlamentar a isso. Vi que V. Ex<sup>a</sup> falou com emoção quando citou as referências positivas feitas pelo Presidente Ramos-Horta ao Sérgio Vieira de Mello. Daí por que eu faço esse registro e votos para que haja uma recuperação, o mais rapidamente possível, da saúde de Ramos-Horta e para que o processo democrático do Timor Leste não sofra nenhuma solução de continuidade. Muito obrigado a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. EDUARDO SUPLYCY** (Bloco/PT – SP) – Muito obrigado, Senador Heráclito Fortes.

**O Sr. Art.hur Virgílio** (PSDB – AM) – Senador Suplicy.

**O SR. EDUARDO SUPLYCY** (Bloco/PT – SP) – Vou conceder-lhe o aparte, Senador Art.hur Virgílio.

Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> se puder, como Presidente da Comissão das Relações Exteriores e Defesa Nacional, também subscrever este requerimento, assim como os demais Senadores presentes.

Então, concedo o aparte ao Senador Art.hur Virgílio, Líder do PSDB.

**A SRA. PRESIDENTE** (Rosalba Ciarlini. DEM – RN) – Senador Art.hur, um momento.

Gostaria, Senador Heráclito, de informar que a solicitação de V. Ex<sup>a</sup> será atendida na forma do Regimento.

Pois não, Senador Art.hur.

**O Sr. Art.hur Virgílio** (PSDB – AM) – Obrigada, Sr<sup>a</sup> Presidenta. Senador Suplicy, tendo falado a Presidenta da sessão, Senadora Rosalba Ciarlini, e o meu Presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, Senador Heráclito Fortes, seria mesmo despidendo qualquer manifestação, qualquer pronunciamento de minha parte, até porque já estou incluído como quem adere de bom-tom e de bom grado a justa homenagem. Mas faço questão de me incorporar ao seu pronunciamento pelo respeito que em mim desperta a figura do estadista timorense, aquele que soube, como Moisés, conduzir o seu povo e que, portanto, merece que todos rezemos pelo seu pronto restabelecimento, porque muito haverá de dar ainda no processo de consolidação da democracia de um povo que, como ninguém, lutou e merece esse bem precioso que se chama liberdade.

**O SR. EDUARDO SUPLYCY** (Bloco/PT – SP) – Muito obrigado, Senador Art.hur Virgílio.

V. Ex<sup>a</sup> faz um apelo, inclusive sugerindo que todos possamos orar, rezar, pelo restabelecimento da saúde do Presidente José Ramos-Horta.

Conversei na tarde de hoje com a Sr<sup>a</sup> Carolina Larriera, que acompanhou todos os passos de José Ramos-Horta na visita ao Brasil. Disse-me ela ter a intenção de viajar ao Timor Leste, para, perto do Presi-

dente José Ramos-Horta, transmitir o conforto e a sua força, inclusive pensando em Sérgio Viera de Mello, e a nossa força, energia positiva e a nossa oração por José Ramos-Horta.

Gostaria de lhes transmitir que, no diálogo de quase uma hora que tivemos, expliquei a ele a visita que tinha feito ao Iraque para propor a instituição da renda básica de cidadania naquele País, e José Ramos-Horta teve a seguinte expressão: “Acho isso fascinante. Quero que você também venha ao Timor Leste”.

Convidou-me ele para, ao final de março, na ocasião em que estarão presentes os representantes dos países doadores do Timor Leste, estar ali dialogando tanto com o Primeiro-Ministro Xanana Gusmão, como com o Parlamento sobre a proposição da renda básica de cidadania.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Permite-me V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

**O SR. EDUARDO SUP LICY** (Bloco/PT – SP) – Senador Mão Santa, com muita honra.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador Suplicy, estamos encantados. Nossos aplausos ao sentimento de solidariedade que V. Ex<sup>a</sup> demonstra ao povo de Timor Leste. E, com muita coragem, foi prestar solidariedade ao povo do Iraque. Atentai bem! A caridade, para ser boa, começa com os de casa. Quem está precisando de solidariedade é o Presidente Luiz Inácio. E V. Ex<sup>a</sup> pode prestar-lhe. Conversando com esta enciclopédia histórico-política, que é nosso Senador Duque, estamos revivendo Getúlio Vargas. Diante dessas dificuldades – para que não ocorra aquela repetição histórica –, Getúlio Vargas organizou este País, criou o Dasp, Departamento Administrativo do Serviço Público, e colocou como primeiro presidente o estudioso administrador Wagner Estelita, que escreveu o livro *Chefia, sua Técnica, seus Problemas*. Esse livro tem capítulos sobre critérios de promoção, sobre punição de funcionário público. Seria muito interessante que V. Ex<sup>a</sup>, que, com muita sensibilidade está prestando solidariedade ao povo de Timor Leste, desse ao Presidente da República – há na nossa biblioteca – este livro *Chefia Sua Técnica, Seus Problemas*, de Wagner Estelita, pois nosso Presidente está num momento difícil da administração diante desse escândalo. A cada dia surge um escândalo. Agora, esse não é pequeno, é muito grande. Olha, que vim do Rio de Janeiro e vi as manchetes, que já estão atingindo até a família do Presidente. Então, leve o livro para que ele veja os critérios de promoção e punição no serviço público ou, mais simplesmente, leve as idéias de Átila, rei dos hunos. Era difícil administrar os hunos, eles eram nômades, quase ciganos. Então, ele dizia: “Administrar é fácil: premiar os bons e punir os maus”. Então, que

V. Ex<sup>a</sup> leve essa mensagem ao nosso Presidente Luiz Inácio, para que tenha um final feliz diante desse escândalo vergonhoso dos cartões corporativos. Ontem, eu estava na missa, no Leblon, e um padre estrangeiro queria excomungar quem estava gastando o dinheiro indevidamente, não pelo furto, mas pelo mau exemplo que dava à nossa sociedade.

**O SR. EDUARDO SUP LICY** (Bloco/PT – SP) – Prezado Senador Mão Santa, agradeço a sugestão para a leitura do livro de Wagner Estelita.

E acho que o Presidente Lula vai sempre levar em consideração as sugestões que possam contribuir para a melhor administração possível. Se abusos ocorreram na utilização de cartões corporativos, a CPMI, que vai se iniciar, poderá contribuir para corrigi-los. E tenho a certeza de que este é o propósito do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Sr<sup>a</sup> Presidente Rosalba Ciarlini, quero agradecer também porque V. Ex<sup>a</sup> assinou o requerimento de voto de solidariedade e pronto restabelecimento da saúde do Presidente José Manuel Ramos-Horta e gostaria de, na minha conclusão, também colocar os meus votos de pronto restabelecimento ao Senador Aloizio Mercadante, que se encontra convalescendo de doença no Hospital Albert Einstein. Pelo que pude conversar hoje com o seu assessor Naldo, ele está sendo submetido a exames, mas acredito que, até o final da semana, já estará prontamente restabelecido e aqui conosco nos próximos dias.

Gostaria, Sr<sup>a</sup> Presidente, de informar que o Senador Jonas Pinheiro infelizmente foi acometido de enfarte na tarde de hoje e se encontra na UTI. Portanto, ao Senador Jonas Pinheiro, do Mato Grosso, do Democratas, queremos externar o nosso voto de pronto restabelecimento.

**O Sr. Art. hur Virgílio** (PSDB – AM) – Permita-me um aparte, Senador, mais uma vez. Sr<sup>a</sup> Presidente, em nome do PSDB, gostaria de transmitir ao Senador Jonas Pinheiro e a sua família, sua esposa, sua companheira, e seus filhos, o nosso voto fervoroso, no sentido de vermos esse companheiro tão querido, tão afável e tão cordial, esse mestre da cordialidade, do diálogo e da sensatez que é Jonas Pinheiro de volta ao nosso convívio. É uma notícia absolutamente desagradável que recebo, porque, de fato, dela não tinha conhecimento, mas estamos aqui torcendo, rezando, orando para que Jonas Pinheiro vença mais esta luta, ele que é um lutador e é um vitorioso. Que volte para o Senado com a saúde revigorada. Sempre digo que, se estava doente, teve assistência médica e Deus ajudou no processo de cura, depois, volta-se são. A doença fica para trás. Que ele volte são fisicamente, para nos emprestar a sua inteligência na luta para termos aquilo

que é a sua especialidade: um agronegócio cada vez mais capaz de sustentar a balança comercial deste País. Muito obrigado, Sr<sup>a</sup> Presidente. Obrigado, Senador Eduardo Suplicy.

**O SR. EDUARDO SUP LICY** (Bloco/PT – SP) – Obrigado, Senador Art.hur Virgílio.

Sr<sup>a</sup> Presidente, o Senador Valter Pereira também está assinando o voto de solidariedade e de pronto restabelecimento ao Presidente José Ramos-Horta. Portanto, o requerimento chegará às mãos de V. Ex<sup>a</sup> em segundos.

Obrigado.

*Durante o discurso do Sr. Eduardo Suplicy, o Sr. Garibaldi Alves Filho, Presidente, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pela Sra. Rosalba Ciarlini.*

**A SRA. PRESIDENTE** (Rosalba Ciarlini. DEM – RN) – Muito obrigada, Senador.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Presidente, apresento à Mesa alguns requerimentos. O acúmulo se justifica pela ausência temporária de funcionamento do Congresso Nacional pelo recesso parlamentar.

Apresento voto de pesar pelo lamentável falecimento da atleta Dora Bria, que tive a honra de conhecer quando dirigia eu a cidade de Manaus. Ela faleceu em acidente de automóvel em Minas Gerais, no dia 22 de janeiro de 2008. Campeã de windsurfe, uma atleta admirável, uma cidadã exemplar.

Apresento voto de aplauso ao Município de Envira, no meu Estado, pelo transcurso do seu 46<sup>o</sup> aniversário de criação. Peço que seja endereçado ao Prefeito Ivon Rates e à Presidente da Câmara Municipal de Envira, minha companheira de Partido, Erotildes Pereira de Souza, os votos que sei serão do Senado Federal.

Voto de aplauso à Sr<sup>a</sup> Georgette Abraham Lima, proprietária e dirigente da primeira farmácia fundada em Manaus. Ela, com 83 anos de idade, e há 43 anos existe sua farmácia.

Ao mesmo tempo, voto de aplauso à atleta Elis Regina, campeã brasileira em 1990 de futebol feminino, sendo um dos exemplos de dedicação ao esporte. É conterrânea minha valiosa e valorosa. Representava à época o Clube Sul América e continua sendo muito admirada e querida no meu Estado.

Voto de aplauso ao professor José Alberto Neves, do Município de Urucurituba, no Estado do Amazonas, que faz zeloso e brilhante trabalho como colecionador de fósseis. É algo que talvez valha uma fortuna do ponto de vista pecuniário, com um valor histórico e científico inominável. Mereceria que o Ministério da Cultura mandasse alguém ao Município de Urucurituba procurar

o professor José Alberto Neves para conhecer a sua fantástica coleção de fósseis.

Finalmente, Sr<sup>a</sup> Presidenta, voto de pesar pelo falecimento da Sr<sup>a</sup> Marina Cruz Lyra, mãe do Desembargador Benedicto Cruz Lyra, Desembargador Federal do Trabalho do Amazonas. E voto de pesar pelo falecimento da Sr<sup>a</sup> Zilda Monteiro Serrano, mãe dedicada da Senadora Marisa Serrano, colega admirada por todos nós. Já falamos, todos nós da Bancada do PSDB, com a própria Senadora Marisa Serrano por telefone. E agora gostaria que o Senado registrasse como sua essa homenagem à genitora de uma parlamentar tão valorosa, que demonstra que foi muito bem criada por essa mulher valiosa que acabamos de perder.

Muito obrigado, Sr<sup>a</sup> Presidenta.

Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> pela generosidade e pelo tempo que me concedeu.

**A SRA. PRESIDENTE** (Rosalba Ciarlini. DEM – RN) – Os requerimentos de V. Ex<sup>a</sup>, Senador Art.hur Virgílio, serão encaminhados.

Concedo a palavra ao Senador Paulo Duque, pelo tempo de quinze minutos.

Prorrogo a sessão por quinze minutos para o pronunciamento do Senador Paulo Duque.

**O SR. PAULO DUQUE** (PMDB – RJ. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup> Presidente, Sr<sup>s</sup> e Srs. Senadores, não era de fato o meu propósito hoje, depois desse pequeno recesso que tivemos, usar a palavra, mesmo porque os assuntos aqui tratados foram todos importantes. Continuo, no Senado, como aprendiz das iniciativas, das proposições, das propostas, dos debates. Considero-me um simples assistente, aluno e congratulo-me com isso.

Todas as propostas e os debates de hoje foram valorosos e inteligentes, mas houve um que me chamou a atenção de fato, porque é o Brasil inteiro que está em jogo. Não é o Carnaval, não é um eventual cartão de crédito corporativo ou o que seja, mas é o Brasil que, hoje, está na proposta colocada na tribuna, com muita sapiência, pelo Senador Eduardo Suplicy.

Imagine V. Ex<sup>a</sup> que um dos acidentes da natureza mais sublimes que podem acontecer em nosso País, além de muitos, é o rio São Francisco. Nem sei por que tem esse nome! Ignoro se alguém aqui sabe a origem desse nome, quem deu o nome São Francisco ao rio, àquele riachozinho, que começa lá, em Minas Gerais, na serra, vai descendo, vem, ingressa no Estado da Bahia e sai lá embaixo, no oceano Atlântico.

É um assunto polêmico, que causou a revolta do clero por intermédio dos seus integrantes; é um assunto polêmico, porque ninguém está de fato capacitado no Brasil – pode ser que apareça alguém – para dizer quais serão as conseqüências da transposição das águas do



rio São Francisco para o Nordeste árido, que já nasceu árido, que já foi feito árido; ou mesmo para o rio São Francisco, feito abundantemente de águas.

O rio São Francisco é chamado rio da unidade nacional. É o rio que permitiu ao bandeirante, aos aventureiros da época, durante 200, 300, 400 anos, o ingresso pelo interior do País.

E qual é a iniciativa do Senador Eduardo Suplicy? Ele consegue aprovar a convocação, em plenário, de pessoas, ao que parece, peritas no assunto.

Quem é que não teme as conseqüências dessa medida arrojada? Transpor parte de um rio para outro pedaço árido e sempre seco do nosso País? A natureza do sertão é tão diferente da natureza que recebe as águas em abundância do rio São Francisco! Quem não teme isso?

O debate está marcado para quinta-feira, às 9 horas da manhã.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Quinta-feira, às 9 horas da manhã, aqui, no plenário do Senado.

**O SR. PAULO DUQUE** (PMDB – RJ) – Assunto da maior importância.

Não se trata de mera CPI, que pode dar em nada ou pode dar em muita coisa; não se trata de um simples requerimento polêmico, nem de um projeto de lei. Trata-se simplesmente de uma audiência pública. E acho que não se fez, nesses últimos dez anos, audiência dessa importância.

Carioca, representando o Rio de Janeiro, defendo sempre, constantemente, meu Estado, o antigo Estado da Guanabara, a antiga capital federal, que sofreu muito durante esses últimos cinquenta anos. Defendo muito o Rio de Janeiro. Todavia, esse assunto de transpor, transferir as águas do rio merece a nossa atenção. Conseguir isso parece incrível. Uns dizem que isso é viável; outros dizem que isso pode causar um desastre ecológico de proporções inéditas. E aqueles que não são técnicos no assunto têm de agir com muita imaginação. Será que vai acontecer o pior? O que terá levado o Frei Cappio, esse religioso, a querer morrer pelo rio São Francisco, a querer sucumbir pelo rio São Francisco?

Só espero que depois, no futuro, não me venham aqui com pedidos infantis de CPIs. Só quero isso.

Quero seriedade, eu gostaria muito de seriedade nesse projeto do Governo; eu gostaria de muita firmeza nessa iniciativa que acho de grande responsabilidade governamental.

Por isso é que, durante tanto tempo, fiquei ouvindo, com a maior atenção, todos os colegas oradores, cada qual com sua bandeira, com sua motivação para subir à tribuna, mas gostei, sobretudo, de ouvir

o Senador Eduardo Suplicy. Por sinal, ele e o Senador Francisco de Assis – conhece V. Ex<sup>a</sup> Francisco de Assis? – são os dois mais populares Senadores, lá, na minha cidade, lá, no Estado, falaram no assunto. Fiquei para obter mais algumas informações diretas, privadas até, a respeito da proposta...

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – V. Ex<sup>a</sup> me permite Senador?

**O SR. PAULO DUQUE** (PMDB – RJ) – (...) objetiva do Governo. Não sei bem quem fez a proposta. Garanto que não foi o Mangabeira Unger, o Ministro. Garanto que não foi ele, porque esse é diferente; esse quer trazer água do Amazonas por meio de um aqueduto. Um negócio complicadíssimo, que ninguém levou muito a sério. Mas esse, não. Esse é um projeto sério. Se vai dar certo, não sei.

Concedo, realmente, um aparte a V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Agradeço as palavras de V. Ex<sup>a</sup>, Senador Duque. Esse debate vai contar com sete especialistas: uns favoráveis ao projeto de interligação das águas do rio São Francisco com a bacia das águas de todo o Nordeste setentrional; outros têm uma visão diferente e gostariam que o projeto levasse mais em conta a opinião da população ribeirinha, pelo menos em muitos aspectos. V. Ex<sup>a</sup> tem ouvido diversos argumentos, e nada melhor do que essa oportunidade, inclusive depois da manifestação de jejum e oração de Dom Luiz Flávio Cappio, que justamente pediu que houvesse mais debate sobre o assunto. Durante 24 dias, pela segunda vez, ele realizou manifestação que teve impacto muito forte em meio à opinião pública brasileira. Mas o desejo dele era que houvesse um debate; e nada melhor do que um debate aqui, no plenário do Senado, nesta quinta-feira, presidida pelo nosso Presidente. Foram convidados todos os Srs. Senadores. Quero aqui informar às pessoas interessadas que as galerias do Senado, obviamente, estarão abertas para os que desejarem ouvir tanto Dom Luiz Flávio Cappio quanto o Ministro Geddel Vieira, o ex-Ministro e Deputado Ciro Gomes, o Deputado Marcondes Gadelha, bem como os especialistas Paulo Canedo de Magalhães, Rômulo Macedo e João Reis Santana Filho.

Como Dom Aldo Pagotto não poderá vir, o Deputado Marcondes Gadelha sugere, possivelmente, Francisco Jácome Sarmento. Vamos, ainda, ouvir o Ministro Geddel Vieira, se ele avalia que precisaria ser ou não um membro da Igreja. Contudo, com Dom Luiz Flávio Cappio, teremos Letícia Sabatella, Luciana Khoury, Henrique Cortez, João Abner Costa, Apolo Heringer Lisboa e Luciano Silveira, pessoas reconhecidas como tendo estudado esse tema. Então, agradeço muito. V. Ex<sup>a</sup>, assim, está ajudando no convite a todos os Se-

nadores e, inclusive, para que possam as pessoas acompanhar ao vivo, pela TV Senado, na quinta-feira, esse debate. Já sei que algumas emissoras, como a TV Rural, ligada à RBS, estão interessadas em transmitir o evento também. Quem sabe outras emissoras de rádio e de televisão estejam interessadas em transmitir esse debate, de enorme relevância para todos nós, brasileiros, não apenas os do Nordeste Nós, Senadores do Rio de Janeiro e de São Paulo, precisaremos tomar decisões, para o Orçamento da União, muito relevantes, relativas a esse projeto e precisamos, sim, estar bem informados sobre os prós e contras de tudo aquilo que vai acontecer com as águas do rio São Francisco.

**O SR. PAULO DUQUE** (PMDB – RJ) – Senador, nós, no Rio de Janeiro, fizemos obras incríveis de engenharia. Incríveis! A Ponte Rio-Niterói, por exemplo, é um sonho de cem anos. Machado de Assis já falava nisso nas suas críticas. Era considerado quase que impossível fazer aquelas colunas de 75 metros dentro d'água. Ocorreram pelo menos vinte mortes de operários durante a sua construção. É incrível! O alargamento das praias de Copacabana, de Ipanema e do Leblon. Aquele túnel, o Dois Irmãos, que V. Ex<sup>a</sup> conhece, do tempo ainda de Carlos Lacerda, era outra obra considerada quase que impossível. O Viaduto Paulo de Frontin, a complementação do Pão de Açúcar, porque ele já existia, a imagem do Corcovado lá em cima, sem falar no Carnaval, que é uma obra diferente, sem falar no 31 de dezembro, que é uma obra diferente, mas que reúne milhões de pessoas no Rio, praticamente na rua e sem vítimas.

Então, o Rio de Janeiro é o Estado e a cidade das coisas incríveis. Incríveis!

Digo a V. Ex<sup>a</sup>, Senador: quando eu penso nessa obra, começo a torcida para que ela dê certo, como brasileiro, como carioca e como Senador.

De quanto tempo ainda disponho, Sr<sup>a</sup> Presidente?

**A SRA. PRESIDENTE** (Rosalba Ciarlini. DEM – RN) – Vou conceder mais cinco minutos.

**O SR. PAULO DUQUE** (PMDB – RJ) – Vou terminar antes disso.

Quero dizer que a lembrança foi muito boa, Senador, foi muito boa, e a responsabilidade disso tudo passa a ser também do Senado, porque esta Casa representa o Brasil inteiro, não somente a Bahia ou Minas Gerais, por onde transita, com média ou toda velocidade, o rio São Francisco.

Agora, felizmente, não vai haver nenhum tipo de votação, “sim” ou “não”. Vai haver opinião. Não vai haver votação, vai haver opinião. Não vai haver decisão, vai haver esclarecimento e opinião. Muito boa a lembrança de V. Ex<sup>a</sup>. Olha que eu raramente venho à tribuna para elogiar alguém. Elogio a minha cidade, o meu Estado, os passistas

da Beija-Flor, tudo isso, mas V. Ex<sup>a</sup>, realmente, tomou uma iniciativa muito boa, muito boa mesmo. Estou entusiasmado com ela, porque ignoro completamente o aspecto técnico e as conseqüências, as hipóteses que poderiam advir dessa iniciativa muito importante e muito corajosa.

Muito obrigado, Sr<sup>a</sup> Presidente.

**A SRA. PRESIDENTE** (Rosalba Ciarlini. DEM – RN) – Sobre a mesa, mensagem que passo a ler.

É lida a seguinte:

#### **MENSAGEM Nº 42, DE 2007**

(Nº 44/2008, na origem)

Senhores Membros do Senado Federal,

Informo a Vossas Excelências que me ausentarei do País no próximo dia 12 de fevereiro, para realizar visita oficial à cidade de Saint-Georges de L'Oyapock, Departamento Ultramarino da Guiana, República Francesa.

Brasília, 11 de fevereiro de 2008. – **Luiz Inácio Lula da Silva**.

Aviso nº 73 – C. Civil.

Em 11 de fevereiro de 2008

A Sua Excelência o Senhor

Senador Efraim Morais

Primeiro Secretário do Senado Federal

**Assunto:** Viagem presidencial.

Senhor Primeiro Secretário,

Encaminho a essa Secretaria Mensagem na qual o Excelentíssimo Senhor Presidente da República comunica que se ausentará do País no próximo dia 12 de fevereiro, para realizar visita oficial à cidade de Saint-Georges de L'Oyapock, Departamento Ultramarino da Guiana, República Francesa.

Atenciosamente, – **Dilma Rousseff**, Ministra de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República.

**A SRA. PRESIDENTE** (Rosalba Ciarlini. DEM – RN) – A mensagem que acaba de ser lida será anexada ao processado da Mensagem nº 35, de 2008, e vai à publicação.

Sobre a mesa, aviso que passo a ler.

É lido o seguinte:

Aviso nº 42 – GP/TCU

Em 22 de janeiro de 2008

Senhor Presidente,

Em cumprimento ao item 9.3.2 do Acórdão TCU nº 208/2007, proferido na Sessão Plenária de 28-2-2007, que determinou o acompanhamento e o andamento dos processos e procedimentos adotados por este Tribunal

decorrentes do Relatório Final nº 3, de 2006 – SF, da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, que versa sobre o contrato firmado entre a Gtech do Brasil Ltda., e a Caixa Econômica Federal, informo a Vossa Excelência que a fase atual dos processos é a seguinte:

**a)** TC-018.125/1996-4: julgado pela 2ª Câmara do TCU, resultando no Acórdão nº 692/2003 (Ata nº 15/2003), que determinou a conversão do processo em tomada de contas especial e citação dos responsáveis, tendo a análise de mérito sido enviada pela Unidade Técnica competente ao Gabinete do Ministro-Relator Ubiratan Aguiar, em 30-6-2006. Em julho de 2007 a empresa Gtech e o ex-presidente da Caixa, Senhor Sérgio Cutolo dos Santos, protocolaram documentos diretamente no Gabinete do Ministro-Relator, ainda não analisados pela 2ª Secretaria de Controle Externo deste Tribunal.

**b)** TC-004.507/2002-3: julgado pelo Plenário deste Tribunal que proferiu o Acórdão nº 38/2003 (Ata nº 2/2003), com determinações à Caixa Econômica Federal, os autos encontram-se arquivados.

**c)** TC-018.630/2004-5: foi autuado para acompanhamento das providências adotadas pela Caixa Econômica Federal em cumprimento ao mencionado Acórdão nº 38/2003 – TCU – Plenário, resultando no Acórdão nº 2.314/2007 (Ata nº 47/2007), constante da Relação nº 22/2007, com determinações, o processo encontra-se arquivado;

**d)** TC-012.678/2002-5: julgado pelo Plenário, que prolatou o Acórdão nº 313/2004 (Ata nº 8/2004), com determinações à Caixa Econômica Federal, os autos encontram-se arquivados; e

**e)** TC-002.365/2004-5: julgado pelo Plenário desta Casa, resultando no Acórdão nº 1088/2007 (Ata nº 23/2007), que determinou a conversão do processo em tomada de contas especial, a citação dos responsáveis e outras providências. A última defesa foi apresentada em 26-11-2007, e os autos encontram-se na 2ª Secex, Unidade Técnica competente, com vistas à análise de mérito.

Atenciosamente, – **Walton Alencar Rodrigues**, Presidente.

**A SRA. PRESIDENTE** (Rosalba Ciarlini. DEM – RN) – O expediente lido, juntado ao processado do Requerimento nº 245, de 2004-SF (“CPI dos Bingos”), vai à publicação.

Sobre a mesa, aviso que passo a ler.

É lido o seguinte:

Aviso nº 47, GP/TCU

Brasília, 28 de janeiro de 2008

Senhor Presidente,

Ao cumprimentá-lo cordialmente, registro o recebimento do OF. SF Nº 2.064/2007, de 27-12-2007, por

meio do qual o Senador Edson Lobão, no exercício da Presidência dessa Casa, encaminhou a este Tribunal um exemplar do Relatório Final nº 4, de 2007 – SF, da Comissão Parlamentar de Inquérito criada por meio do Requerimento nº 401, de 2007 – SF (Comissão Parlamentar de Inquérito do Apagão Aéreo).

A propósito, informo a Vossa Excelência que o referido expediente, protocolizado no TCU como Documento nº 0000428575753, foi remetido à Unidade Técnica competente desta Casa, para adoção das providências pertinentes.

Atenciosamente, **Ubiratan Aguiar**, Vice-Presidente, no exercício da Presidência.

**A SRA. PRESIDENTE** (Rosalba Ciarlini. DEM – RN) – O expediente lido, juntado ao processado do Requerimento nº 401, de 2007-SF (“CPI do Apagão Aéreo”), vai à publicação.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### REQUERIMENTO Nº 26, DE 2008

Nos termos do art. 218, inciso VII, do Regimento Interno da Casa, requeiro voto de pesar pelo falecimento do ator Norton Nascimento, ocorrido em 21 de dezembro de 2007.

#### Justificação

Em razão do início oficial das atividades legislativas no Congresso Nacional é com grande pesar que apresento este voto à família do ator Norton Nascimento. Cumprimento sua família ressaltando que foi a partir dele, no final dos anos 90 e início do século 21, que tivemos uma gama maior de negros tratados como destaques na grande mídia.

Norton, pessoa formidável, precursor de uma nova fase da televisão e da publicidade brasileira colocando o negro como galã, foi sem dúvida a representação masculina desse contexto.

Por destino da vida, em dezembro de 2003, Norton Nascimento submeteu-se a um transplante de coração para corrigir um aneurisma de aorta, depois de ficar 52 dias internado, demonstrou sua vontade de viver, naquela ocasião o ator, com muita força e fé em Deus, precisou de 73 doações, entre sangue, plaquetas, plasma e um coração.

Nos seis meses de recuperação, levado pela esposa, a atriz Kelly Cândia Nascimento tornou-se adepto da Igreja Renascer em Cristo e passou a fazer trabalhos em prol de comunidades carentes. Fez ainda uma campanha de doação de órgãos na Rede Globo. “Doar é amar”, disse, na época. Ferrenho em seus posicionamentos Norton Nascimento, juntamente com a atriz Zezé Mota, participou de audiência pública no

Congresso Nacional expando favoravelmente a questão do sistema de cotas nas universidades, naquele momento tornou-se um dos primeiros artistas negros a abraçar a causa que hoje é realidade nacional.

Norton Nascimento grande personagem na luta pela vida e pela igualdade racial é referencial nas afirmações e conquistas do povo negro, o que lhe tornou referência à juventude brasileira, resgatando o orgulho de ser negro e de ser um homem de Deus.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Paulo Paim**.

**A SRA. PRESIDENTE** (Rosalba Ciarlini. DEM – RN) – O expediente lido, juntado ao processado do Requerimento nº 401, de 2007-SF (“CPI do Apagão Aéreo”), vai à publicação.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### REQUERIMENTO Nº 27, DE 2008

Requeiro Voto de Solidariedade a José Manuel Ramos-Horta, Presidente da República de Timor-Leste, e o pleno restabelecimento de sua saúde, que na manhã de 10 de fevereiro de 2008 foi alvejado, durante um ataque armado à sua casa por grupos dissidentes da política daquele país.

#### Justificação

José Manuel Ramos-Horta (Díli, 26 de dezembro de 1949) é um político e jurista timorense, atual presidente de seu país, tendo assumido o cargo em 20 de maio de 2007. Foi Ministro de Negócios Estrangeiros de Timor-Leste desde a independência em 2002. Antes disto, foi o porta-voz da resistência timorense no exílio durante a ocupação indonésia entre 1975 e 1999.

Ocupou o cargo de Ministro das Relações Exteriores no governo autoproclamado em 28 de novembro de 1975, apenas com 25 anos de idade. Deixou Timor-Leste apenas três dias antes da invasão indonésia, em viagem até Nova Iorque para apresentar às Nações Unidas o caso timorense.

Em dezembro de 1996, José Ramos-Horta partilhou o Prêmio Nobel da Paz com o compatriota Bispo Carlos Filipe Ximenes Belo. O Comitê Nobel laureou-os pelo contínuo esforço para terminar com a opressão vigente em Timor-Leste.

José Ramos-Horta estudou Direito Internacional na Academia de Direito Internacional da Haia, nos Países Baixos (1983) e na Universidade de Antioch (Estados Unidos), onde completou o mestrado em Estudos da Paz (1984).

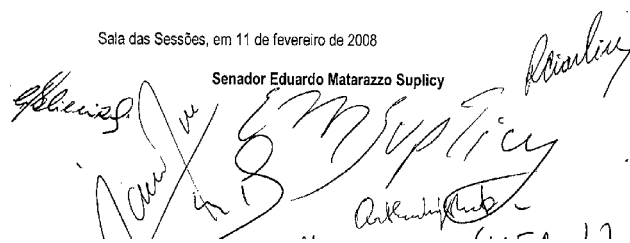
Na segunda volta das eleições de 9 de maio de 2007, Ramos-Horta foi eleito Presidente da República

de Timor-Leste, em disputa com Francisco Guterres Lu Olo, sucedendo a Xanana Gusmão no cargo.

Em janeiro último, Ramos-Horta visitou o Brasil e foi recebido pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Encontrei-me com o Presidente Ramos-Horta, ocasião em que apresentei-lhe a sugestão para implantação da Programa da Renda Básica de Cidadania no Timor-Leste.

Sala das Sessões, em 11 de fevereiro de 2008

Senador Eduardo Matarazzo Suplicy



(À Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional.)

**A SRA. PRESIDENTE** (Rosalba Ciarlini. DEM – RN) – Nos termos do art. 222, § 1º, do Regimento Interno, o requerimento será despachado à Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional.

Sobre a mesa, requerimentos que passo a ler.

São lidos os seguintes:

#### REQUERIMENTO Nº 28, DE 2008

**Requer Voto de Pesar pelo falecimento da Sra. Anna Leopoldina Alvim Mello Franco Chagas, viúva do cientista Carlos Chagas Filho, ocorrido no Rio de Janeiro, em 10 de fevereiro 2008.**

Requeiro, nos termos do art. 218, do Regimento Interno, a inserção em ata, de Voto de Pesar pelo falecimento ocorrido no Rio de Janeiro, em 10 de fevereiro de 2008, da Sra. Anna Leopoldina Mello Franco Chagas, viúva do cientista Carlos Chagas Filho.

Requeiro, ademais, que esse Voto de Pesar seja levado ao conhecimento dos familiares da Sra. Anna Leopoldina.

#### Justificação

A Sra. Anna Leopoldina Mello Franco Chagas, viúva do cientista brasileiro Carlos Chagas Filho, faleceu no domingo, dia 10 de fevereiro de 2008, causando forte consternação no Rio de Janeiro. Ela dedicou toda a vida na organização do material produzido pelo marido, um grande cientista brasileiro. E coordenou o lançamento do livro de Chagas Filho intitulado “Um Aprendiz de Ciência”. Annah, como era carinhosamente chamada pelos amigos, acompanhava e dialogava com seus interlocutores sobre os temas da atualidade, apesar da idade avançada (faleceu aos 93 anos).

Nas últimas semanas de vida, seu assunto preferido eram as prévias para as eleições presidenciais dos Estados Unidos.

Por tudo isso, requeiro o Voto de Pesar como homenagem do Senado da República àquela ilustre cidadã brasileira.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Art.hur Virgílio**, Líder do PSDB.

#### **REQUERIMENTO Nº 29, DE 2008**

##### **Requer Voto de Pesar pelo falecimento do empresário João Batista Sérgio Murad (Beto Carrero).**

Requeiro, nos termos do art. 218, do Regimento Interno, a inserção em ata, de Voto de Pesar pelo falecimento ocorrido em São Paulo, no dia 31 de janeiro de 2008, do empresário João Batista Sérgio Murad, o Beto Carrero, empreendedor radicado em Santa Catarina e criador do Parque Temático Beto Carrero, na cidade litorânea de Penha, Santa Catarina.

Requeiro, ademais, que esse Voto de Pesar seja levado ao conhecimento dos familiares do empresário.

#### **Justificação**

Beto Carrero, como era conhecido o empresário João Batista Sérgio Murad, nasceu em São José do Rio Preto, na Alta Paulista, interior de São Paulo, mas era radicado em Santa Catarina. Ali ele construiu um parque temático, em Penha, um velho sonho seu, baseado na Disney World. Pela sua contribuição a Santa Catarina, como empresário vitorioso, ele é merecedor do Voto de Aplauso que proponho ao Senado da República.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008, – Senador **Art.hur Virgílio**, Líder do PSDB

#### **REQUERIMENTO Nº 30, DE 2008**

##### **Requer Voto de Pesar pelo falecimento da Sra. Zilda Monteiro Serrano, mãe da Senadora Marisa Serrano, ocorrido no dia 5 de fevereiro de 2008, em Campo Grande, MS.**

Requeiro, nos termos do art. 218, do Regimento Interno, a inserção em ata, de Voto de Pesar pelo falecimento ocorrido em 5 de fevereiro de 2008, na cidade de Campo Grande (MS) da Sra. Zilda Monteiro Serrano, mãe da Senadora Marisa Serrano.

Requeiro, ademais, que esse Voto de Pesar seja levado ao conhecimento dos familiares da Sra. Zilda Serrano, por intermédio de sua filha, a Senadora Marisa Serrano.

#### **Justificação**

O falecimento da Sra. Zilda Monteiro Serrano entristece esta Casa. Ela é mãe de nossa colega Marisa

Serrano, a quem formulamos os nossos sentimentos de apreço e solidariedade.

Dona Zilda, que soube educar seus quatro filhos com empenho e amor, muitas vezes sozinha, pois seu marido, caixeiro-viajante, realizava seguidas viagens no exercício da profissão.

Por tudo o que ela representou, inclusive dando ao Senado a valorosa Senadora Marisa, é justo o Voto de Pesar que requeiro ao Senado da República.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Art.hur Virgílio**, Líder do PSDB

#### **REQUERIMENTO Nº 31, DE 2008**

##### **Requer Voto de Pesar pelo falecimento do ex-diretor do Jornal do Brasil LIWAL SALLES, ocorrido no dia 24 de janeiro de 2008, na cidade do Rio de Janeiro.**

Requeiro, nos termos do art. 218, do Regimento Interno, e ouvido o Plenário, que seja consignado, nos Anais do Senado, Voto de Pesar pelo falecimento, no dia 24 de janeiro de 2008, na cidade do Rio de Janeiro, do ex-diretor do *Jornal do Brasil* LIWAL SALLES.

Requeiro, ainda, que o Voto de Pesar seja levado ao conhecimento da sua família.

#### **Justificação**

Lival Salles, falecido no dia 24 de janeiro de 2008, no Rio de Janeiro-RJ, aos 82 anos de idade, foi diretor do *Jornal do Brasil* e, como assinalou seu filho, também Lival, tendo sido o responsável por algumas importantes mudanças no jornal. Gostava de tecnologia. Foi para atuar nessa área que deixou a carreira de oficial da Marinha. No jornal, substituiu as máquinas de escrever por computadores, comandou também projeto de reestruturação do jornal e liderou o projeto de mudança da sua sede, do centro da cidade para a Avenida Brasil, onde o jornal e a rádio funcionaram de 1977 a 2002. Por suas contribuições para a modernização de um dos mais importantes jornais do País, ele faz jus à homenagem póstuma que ora proponho.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Art.hur Virgílio**, Líder do PSDB.

#### **REQUERIMENTO Nº 32, DE 2008**

##### **Requer Voto de Pesar pelo falecimento do ator Luiz Carlos Tourinho, ocorrido no dia 21 de janeiro de 2008, no Rio de Janeiro-RJ**

Requeiro, nos termos do art. 218, do Regimento Interno, e ouvido o Plenário, que seja consignado, nos Anais do Senado, Voto de Pesar pelo falecimento do

ator Luiz Carlos Tourinho, ocorrido no dia 21 de janeiro de 2008, no Rio de Janeiro-RJ.

Requeiro, ainda, que o Voto de Pesar seja levado ao conhecimento da sua família.

#### **Justificação**

Um aneurisma cerebral ceifou a vida do ator Luiz Carlos Tourinho, no dia 21 de janeiro deste ano de 2008. Ele estava com apenas 43 anos de idade, na plenitude da carreira. Nascido em Niterói, Luiz Carlos iniciou a carreira, aos 18 anos, atuando em peças infantis, com Maria Clara Machado, tendo sido indicado por três vezes para o Prêmio Mambembe, que conquistou com “O Gato de Botas”, em 1987. Em 1984, passou a atuar na TV, participando de um “Caso Verdade”, na Globo. Atuou também em “Você Decide”, “Escolinha do Professor Raimundo”, “Sai de Baixo”, “Sítio do Pica-pau Amarelo” e “Sob nova Direção”. E estava trabalhando na novela “Desejo Proibido”. Pelas alegrias que deu ao Brasil e por sua contribuição ao teatro e à televisão, faz jus à homenagem póstuma que ora proponho.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Art.hur Virgílio**, Líder do PSDB.

#### **REQUERIMENTO Nº 33, DE 2008**

##### **Requer Voto de Pesar pelo falecimento do jornalista Paulo Patarra, ocorrido no dia 21 de janeiro de 2008, na cidade do Rio de Janeiro.**

Requeiro, nos termos do art. 218, do Regimento Interno, e ouvido o Plenário, que seja consignado, nos Anais do Senado, Voto de Pesar pelo falecimento do jornalista Paulo Patarra, ocorrido no dia 21 de janeiro de 2008, no Rio de Janeiro-RJ.

Requeiro, ainda, que o Voto de Pesar seja levado ao conhecimento da sua família.

#### **Justificação**

O jornalista Paulo Patarra, falecido no dia 21 de janeiro deste ano de 2008, no Rio de Janeiro, aos 73 anos de idade, foi dos um criadores da revista *Realidade*, publicada pela Editora Abril. A revista, que durou 10 anos, marcou época no jornalismo brasileiro. Inspirada no conceito norte-americano de *nen) journalism* e com reportagens ousadas em sua forma e conteúdo, obteve sucesso imediato, mesmo em um país sem grande tradição de leitura como o Brasil. Enfrentou tabus, cobriu guerras e abordou questões sociais até então pouco discutidas por outros veículos de mídia e pela própria sociedade. Patarra, que era seu editor e militante do PCB, em 1968, pouco antes da edição do Ato Institucional nº 5, publicou entrevista com Luís Carlos Prestes. Ela lhe valeu o Prêmio Esso de Reportagem,

mas despertou a ira dos militares, obrigando-o a passar algum tempo escondido. Por sua contribuição ao bom nível da imprensa brasileira, Paulo Patarra faz jus à homenagem póstuma que ora proponho.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Art.hur Virgílio**, Líder do PSDB.

#### **REQUERIMENTO Nº 34, DE 2008**

##### **Requer Voto de Pesar pelo falecimento da atleta Dora Bria, em acidente de automóvel, em Minas Gerais, no dia 22 de janeiro de 2008.**

Requeiro, nos termos do art. 218, do Regimento Interno, e ouvido o Plenário, que seja consignado, nos Anais do Senado,

Voto de Pesar pelo falecimento da atleta e campeã de windsurfe Dora Bria, falecida em acidente de automóvel, em Minas Gerais, no dia 22 de janeiro de 2008.

Requeiro, ainda, que o Voto de Pesar seja levado ao conhecimento da sua família.

#### **Justificação**

Falecida em acidente de automóvel, no dia 22 de janeiro de 2008, quando a caminhonete que dirigia se desgovernou e se chocou com uma carreta, na Rodovia 040 — sentido Belo Horizonte—Brasília — Dora Bria, que estava com 49 anos de idade, era uma legenda do windsurfe no Brasil. Ela competiu de 1990 até 2000, tendo conquistado por seis vezes o título de Campeã brasileira e por três vezes o título sul-americano. Fez bonito também no exterior, enfrentando as ondas gigantes do Havaí, onde, entre 1990 e 1995, esteve entre as cinco melhores do mundo. Pelo que fez em prol da propagação do nome do Brasil nessa área esportiva e pela divulgação do windsurfe no País, ela faz jus à homenagem póstuma que ora proponho.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Art.hur Virgílio**, Líder do PSDB.

#### **REQUERIMENTO Nº 35, DE 2008**

##### **Requer Voto de Pesar pelo falecimento da Sra. Maria do Socorro Leitão Formiga, ocorrido no dia 28 de janeiro de 2008, em Brasília.**

Requeiro, nos termos do art. 218, do Regimento Interno, a inserção em ata, de Voto de Pesar pelo falecimento ocorrido em Brasília, em 28 de janeiro de 2008, da Sra. Maria do Socorro Leitão Formiga.

Requeiro, ademais, que esse Voto de Pesar seja levado ao conhecimento dos familiares da Sra. Maria do Socorro, especialmente ao filho, jornalista Marco Formiga.

### Justificação

O falecimento da Sra. Maria do Socorro Formiga entristeceu-nos. Seu filho, o jornalista Marcone Formiga, é profissional conhecido pelos Senadores. Além de ser credenciado no Senado, ele é editor da Revista **Brasília em Dia** e da vitoriosa Editora Dom Quixote.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Art.hur Virgílio** Líder do PSDB.

### REQUERIMENTO Nº 36, DE 2008

**Requer Voto de Pesar pelo falecimento da Sra. Marina Cruz Lyra, mãe do Desembargador Benedito Cruz Lyra, do TRT-AM, ocorrido em Manaus, no dia 2 de janeiro 2008.**

Requeiro, nos termos do art. 218, do Regimento Interno, a inserção em ata, de Voto de Pesar pelo falecimento ocorrido em Manaus, em 2 de janeiro de 2008, da Sra. Marina Cruz Lyra, mãe do Desembargador Benedito Cruz Lyra, do TJ-AM.

Requeiro, ademais, que esse Voto de Pesar seja levado ao conhecimento dos familiares da Sra. Marina Cruz Lyra.

### Justificação

A Sra. Marina Cruz Lyra, mãe do Desembargador Benedito Cruz Lyra, do Tribunal de Justiça do Amazonas, faleceu no domingo, dia 2 de janeiro de 2008, causando consternação no meu Estado. Mãe de cinco filhos e de quatro enteados, três destes já falecidos, ela ficou viúva aos 28 anos e criou todos os filhos com exemplar dedicação, dando-lhes, professora que era, a melhor educação. Além de Professora, Dona Marina foi diretora de colégio, enfermeira obstétrica da Santa Casa de Misericórdia de Manaus e assistente social do Juizado de Menores do TJ-AM, revelando-se uma avó amorosa e mulher de extraordinária visão, sempre vitoriosa em seus afazeres e missões. Por tudo isso, requeiro o Voto de Pesar como homenagem do Senado da República àquela ilustre cidadã brasileira e aos seus familiares.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Art.hur Virgílio**, Líder do PSDB.

### REQUERIMENTO Nº 37, DE 2008

**Requer Voto de Aplauso à Sra. Violeta Jafet, por ter completado 100 anos de idade, no dia 10 deste mês de fevereiro de 2008, boa parte dos quais dedicada ao Hospital Sírio-Libanês, criado por iniciativa de sua mãe e por ela posto para funcionar.**

Requeiro, nos termos do art. 222, do Regimento Interno, e ouvido o Plenário, que seja consignado,

nos Anais do Senado, Voto de Aplauso à Sra. Violeta Jafet, por ter completado 100 anos de idade no dia 10 deste mês de fevereiro de 2008, boa parte dos quais dedicados ao excelente Hospital Sírio-Libanês, de São Paulo, criado por iniciativa de sua mãe, Adma Jafet, e por ela posto para funcionar.

Requeiro, ainda, que o Voto de Aplauso seja levado ao conhecimento da homenageada, da sua família e da Sociedade Beneficente de Senhoras do Hospital Sírio-Libanês.

### Justificação

Aos 100 anos de idade, que completou no último domingo, dia 10 deste mês de fevereiro de 2008, a Sra. Violeta Jafet continua inteiramente dedicada ao excelente Hospital Sírio-Libanês, de São Paulo, criado por iniciativa de sua mãe, Adma Jafet, e por ela posto para funcionar. A Sra. Violeta, que é Presidente vitalícia da Sociedade Beneficente de Senhoras do Hospital Sírio-Libanês, continua indo todos os dias ao hospital. O jornal **O Estado de S.Paulo** publicou, na edição do dia 10 deste mês de fevereiro, extensa matéria sobre ela e o Hospital, que se confunde com grande parte de sua vida. Ela tinha 13 anos de idade quando sua mãe, Adma, reuniu em sua casa, em 1921, 27 mulheres da comunidade árabe, com o objetivo de criar um hospital. Foi então que surgiu a Sociedade Beneficente de Senhoras do Sírio-Libanês. Dez anos depois, a Sociedade comprou o terreno e iniciou a construção do hospital, que entretanto não pôde entrar em funcionamento, porque assim que o prédio ficou pronto, em 1941, o Governo do Estado o requisitou e nele instalou a Escola de Cadetes. A Sra. Adma faleceu antes de ver a sua grande obra em funcionamento. A Sra. Violeta assumiu o lugar da mãe, conseguiu, em 1960, reaver o prédio, arrecadou dinheiro, reformou-o e finalmente inaugurou o Hospital, que desde então se confunde com a sua vida. O Hospital Sírio-Libanês, referência em oncologia, é uma das instituições, médicas mais respeitadas do País, possui 300 leitos, tem três mil funcionários e atende a 580 mil pacientes por ano, orgulhando-se de ter amplo programa de filantropia. “Meus pais me ensinaram a importância de ajudar o outro”, disse a Sra. Violeta Jafet. O Ambulatório de Pediatria Social tem 5 mil e 300 crianças inscritas e faz 18 mil e 500 atendimentos gratuitos por ano. O Hospital não faz nenhum tipo de discriminação, como enfatiza a Sra. Violeta Jafet. Não importa a nacionalidade ou religião ou etnia do paciente. Ela foi também fundadora e a primeira vice-presidente, em 1948, da Sociedade Cedro do Líbano de Proteção à Infância e integrou o Conselho Consultivo do Museu de Arte de São Paulo. Pela valiosa contribuição que deu à me-

dicina brasileira e pelas atividades beneficentes que desenvolveu e continua desenvolvendo com seus 100 anos de vida, conforme a reportagem, cujo texto anexo a este requerimento, a Sra. Violeta Jafet faz jus a esta homenagem que ora proponho.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Art.hur Virgílio**, Líder do PSDB.

### **O ESTADO DE S. PAULO – 10-2-2008 – Caderno Metrópole**

#### **Um século de histórias para contar**

#### **Sírio-Libanês é a ‘casa’ de Violeta Jafet, que completa 100 anos hoje** *Rodrigo Brancatelli*

A aparente fragilidade e a lentidão dos movimentos de dona Violeta Jafet escondem olhos ávidos, rápidos, um bocado curiosos. Ela está simplesmente radiante, atenta a tudo e a todos – brinca, faz charme, solta gargalhadas, conta causos e mais causos de sua vida. É uma cena que se repete todo dia, toda semana, todo mês, há quase meio século. Presidente vitalícia da Sociedade Beneficente de Senhoras do Hospital Sírio-Libanês, que mantém a instituição funcionando desde a inauguração em março de 1960, Violeta está sempre lá em sua salinha, incansável, contando histórias e batendo cartão como se fosse uma funcionária padrão.

E nada nesse mundo lhe dá mais prazer, confessa. Aos 100 anos, completados na manhã de hoje, ela ainda faz questão de passear pelos corredores do hospital, mesmo que vagarosamente, cumprimentando da mesmíssima forma com sorrisos e acenos desde o faxineiro até o mais renomado cirurgião especializado na válvula tricúspide do coração.

“Ah, a minha vida é aqui dentro, o hospital é minha casa mesmo”, diz ela, com seus olhos curiosos, tentando entender o interesse do repórter em suas histórias. “Você quer saber da minha vida ou do hospital? Porque eu não tenho muito pra dizer não. O hospital é o que realmente importa. Isso tudo começou com uma sementinha plantada pela minha mãe, uma mulher anos-luz à frente do seu tempo. E, desde então, me dedico a esse ideal, só isso.”

Violeta tem sim muitas histórias pra contar. Só o seu **currículum vitae** tem 14 páginas – começa com o cargo de “fundadora e primeira vice-presidente da Sociedade Cedro do Líbano de Proteção à Infância, em 1948”, passa por “membro do conselho consultivo do Museu de Art.e de São Paulo” e termina com a “medalha Ordem do Cedro do Líbano, categoria comendador, oferecida pelo presidente do Líbano, Emile Lahoud, por serviços sociais e filantrópicos e por sua contribuição à medicina mundial com o desenvolvimento de pesquisas na área da saúde”. Mas sua vida

de fato se confunde um pouco com a vida do Hospital Sírio-Libanês, um exemplo da enorme contribuição dos imigrantes para a construção de uma metrópole chamada São Paulo.

Aos 13 anos, em novembro de 1921, Violeta estava na sala de estar da sua casa no Ipiranga quando sua mãe, a libanesa Adma Jafet, reuniu outras 27 mulheres da comunidade árabe para criar um hospital. Surgia a Sociedade Beneficente de Senhoras do Sírio-Libanês, a tal semente para a construção de uma das instituições médicas mais respeitadas no País, referência em oncologia, que funciona hoje com 300 leitos, 3 mil funcionários e 580 mil pacientes por ano. Dois anos e algumas centenas de reuniões depois, foi comprado o terreno de 17 mil metros quadrados entre as ruas da Fonte e Barata Ribeiro, por 350 mil contos de réis.

No mesmo dia em que se comemoravam dez anos desde aquela primeira reunião na casa de Adma Jafet, a pedra fundamental do Sírio-Libanês foi colocada. Mas Adma não conseguiu ver seu sonho realizado. Em 1941, com a data de inauguração já marcada, o Governo do Estado requisitou o prédio do hospital para instalar ali a sua Escola de Cadetes. “A minha mãe não viu o hospital pronto, infelizmente. Foi nesse ponto que a minha vida virou a do hospital”, diz Violeta, que tomou o lugar de Adma à frente da Sociedade Beneficente de Senhoras do Hospital Sírio-Libanês, conseguiu o prédio de volta em 1960 e arrecadou 500 mil cruzeiros para começar a reforma do local. “Foi uma grande emoção finalmente abrir as portas do Sírio-Libanês, talvez a maior da minha vida.”

#### **Rockefeller Brasileiro**

Um tanto vaidosa, sempre impecável de **tailleur** e pérolas, dona Violeta Jafet não gosta muito de falar sobre a sua vida particular. Diz que “não tem graça”, simples assim. Quando não está pelos corredores do Sírio-Libanês, só sai de sua casa na Avenida Faria Lima para assistir a concertos e peças de teatro. “Sou apaixonada por música clássica, acordo ouvindo o rádio e sou sócia do Mozarteum”, conta, depois de muita insistência. “Eu sempre fui apaixonada por leitura, tenho uma biblioteca em casa repleta de livros franceses. Mas nesta idade já não consigo mais ler. Sinto um pouco de falta disso, mas acho que cada época tem seus prazeres. Aos 100 anos, tenho idéias novas, pensamentos novos. Aproveito cada momento do que ainda posso fazer.”

Para falar da família, por outro lado, Violeta se ajeita na cadeira e seus olhos se enchem de brilho. Sua mãe ganha sempre o aposto de “a pessoa mais maravilhosa do mundo”. A irmã Ângela, já morta, é “melhor do que eu; a mais inteligente; a mais bela; fa-



lava cinco línguas e foi uma das primeiras mulheres a andar no Zepelim”. O marido Chedid, também já falecido, é sempre o “meu amor”. Já o pai, “um líder, um estrangeiro que chegou a representar o presidente do Brasil em um evento; mais homem e mais íntegro do que qualquer outro por aí”.

Os Jafet não se limitam a batizar ruas – o clã foi uma espécie de Rockefeller brasileiro pelo seu pioneirismo na indústria têxtil. Os irmãos Benjamin, João e Basílio (pai de Violeta) não só criaram um pequeno império no bairro do Ipiranga como também construíram parques, igrejas, escolas e casas para os seus funcionários. Sem falar nas suntuosas residências, pequenos palácios construídos com requintes até hoje impressionantes. O palacete de Basílio na Rua Bom Pastor é um dos mais magníficos, com mármore Carrara, vitrais em estilo **art-nouveau**, pisos marchetados e uma profusão de colunas pelos seus 50 cômodos.

“Mais importante é que meus pais me ensinaram a importância de ajudar o outro”, diz Violeta, que implantou no hospital um grande programa de filantropia. Só o ambulatório de Pediatria Social do Sítio-Libanês tem 5,3 mil crianças matriculadas e faz 18,5 mil atendimentos gratuitos por ano – fora centenas de tratamentos de câncer de mama e milhares de famílias atendidas por cursos de profissionalização. “Acho que essa foi a principal lição. Não importa a nacionalidade, a religião, nada... As pessoas deveriam pensar mais na coletividade. É o que diz um provérbio árabe, anote aí: ‘eu te recebo de acordo com a sua aparência, mas me despeço de você de acordo com o seu conteúdo’. Vivi meus 100 anos de acordo com isso, e espero viver tantos outros da mesma forma.”

#### REQUERIMENTO Nº 38, DE 2008

##### Requer Voto de Aplauso ao advogado Maurício de Campos Bastos, pela publicação do livro **Lembranças ...eu e outros**.

Requeiro, nos termos do art. 222, do Regimento Interno, e ouvido o Plenário, que seja consignado, nos **Anais** do Senado, Voto de Aplauso ao advogado Maurício de Campos Bastos, pelo lançamento do livro **Lembranças ...eu e outros**.

Requeiro, ainda, que o Voto de Aplauso seja levado ao conhecimento do homenageado e da sua família.

##### Justificação

Maurício de Campos Bastos diz não ter sido para cumprir o ditado de que se deve deixar filho, plantar árvore e publicar livro que ele lançou o seu **Lembranças ...eu e outros**. Não sei se ele plantou árvore, mas as outras duas condições estão plenamente preenchidas.

É pai de nove filhos, dois dos quais, hoje, Ministros de Tribunais Superiores: Carlos Eduardo Caputo Bastos, do Tribunal Superior Eleitoral, e Guilherme Augusto Caputo Bastos, do Tribunal Superior do Trabalho. E agora vem a público seu livro, no qual revela um pouco de sua vida, dos estudos e início de atividades profissionais em sua cidade de Juiz de Fora. Ficamos sabendo que foi jornalista, radialista e, optando, depois, pela área jurídica, foi juiz do trabalho. Transferiu-se para Brasília, deixou a magistratura e se dedicou à advocacia. Como ele reúne crônicas que escreveu em épocas e assuntos diversos, tomamos conhecimento de suas opiniões e da defesa que faz, sempre firme, do regime democrático. Ele deixa, com esse trabalho, bons exemplos, principalmente para os mais jovens e, por isso, faz jus à homenagem que ora proponho.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Art. hur Virgílio**, Líder do PSDB.

#### REQUERIMENTO Nº 39, DE 2008

##### Requer Voto de Aplauso ao professor e economista Gustavo Franco, pelo lançamento do livro **Machado de Assis – O Olhar Oblíquo do Acionista**, em que revela o interesse do grande romancista por assuntos econômicos.

Requeiro, nos termos do art. 222, do Regimento Interno, e ouvido o Plenário, que seja consignado, nos **Anais** do Senado, Voto de Aplauso ao professor e economista Gustavo Franco, pelo lançamento do livro **Machado de Assis – O Olhar Oblíquo do Acionista**, revelando o insuspeitado interesse do grande romancista por assuntos econômicos.

Requeiro, ainda, que o Voto de Aplauso seja levado ao conhecimento do homenageado, da Rio Bravo Investimentos S. A. DTVM e da Reler Editora Ltda.

##### Justificação

Ao voltar do recesso parlamentar, tive a grata satisfação de encontrar em minha mesa um exemplar autografado de mais um excelente livro do professor e economista Gustavo Franco: **Machado de Assis – O Olhar Oblíquo do Acionista**. Ele, que há pouco tempo, com **Economia em Pessoa**, nos revelara os conhecimentos econômicos do grande poeta português, fez agora a mesma coisa com Machado de Assis. Quem diria! O extraordinário romancista dedicando 39 de suas 600 crônicas a temas tais como ações, balanços de bancos, debêntures, dividendos, emissões de moeda, crise cambial, impostos etc.! Gustavo Franco buscou essas crônicas, organizou-as, fez o prefácio e as notas que as precedem no livro recém-lançado. Por mais essa contribuição à cultu-

ra brasileira e à história de um período econômico do País, visto pelo talvez maior cronista brasileiro, Gustavo Franco torna-se merecer da homenagem que ora proponho.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Art.hur Virgílio**, Líder do PSDB.

#### **REQUERIMENTO Nº 40, DE 2008**

##### **Requer Voto de Aplauso ao Município de Envira, Amazonas, pelo transcurso de seu 46º aniversário de criação.**

Requeiro, nos termos do art. 222, do Regimento Interno, e ouvido o Plenário, que seja consignado, nos **Anais** do Senado, Voto de Aplauso ao Município de Envira, pelo transcurso de seu 46º aniversário de criação, ocorrido no dia 31 de janeiro de 2008.

Requeiro, ainda, que o Voto de Aplauso seja levado ao conhecimento do Ex<sup>mo</sup> Sr. Prefeito Ivon Rates e da Presidente da Câmara Municipal de Envira, Ex<sup>ma</sup> Sr<sup>a</sup> Erotildes Pereira de Souza.

##### **Justificação**

Município de forte vocação agropecuária, Envira completou no último dia de janeiro passado seu 46º aniversário de fundação. É, pois, justo o Voto de Aplauso que proponho ao Senado da República.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Art.hur Virgílio**, Líder do PSDB.

#### **REQUERIMENTO Nº 41, DE 2008**

##### **Requer Voto de Aplauso à Sr<sup>a</sup> Georgete Abraham Lima, dona da primeira farmácia fundada em Manaus, AM.**

Requeiro, nos termos do art. 222, do Regimento Interno, e ouvido o Plenário, que seja consignado, nos **Anais** do Senado, Voto de Aplauso à Sr<sup>a</sup> Georgete Abraham Lima, proprietária e dirigente da primeira farmácia fundada em Manaus.

Requeiro, ainda, que o Voto de Aplauso seja levado ao conhecimento da homenageada.

##### **Justificação**

A primeira farmácia fundada em Manaus tem um século e meio.

Há 43 pertence à Sr<sup>a</sup> Georgete Abraham Lima, que até hoje, com 83 anos de idade, ainda está à frente desse pioneiro estabelecimento da capital amazonense. Ela chega bem cedo à Farmácia Lemos, na Rua dos Bares, na parte central da capital do meu estado. Lá ordens, orienta os funcionários e, na metade da tarde, volta para casa. A farmácia é o local de seu maior aconchego. Seu pai comprou-a há 43 anos, mas há

cem anos antes ela já existia. Até hoje, o prédio da farmácia é o mesmo, tendo passado apenas por pequenas reformas.

Nela trabalham mais mulheres do que homens e, talvez por isso, os remédios são organizados cuidadosamente nas prateleiras. Todos os funcionários são amigos de dona Georgete, que estende o mesmo apreço aos clientes. Por sua garra e o apreço com que dirige a Farmácia Lemos, dona Georgete é merecedora desse voto que proponho ao Senado da República.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Art.hur Virgílio**, Líder do PSDB.

#### **REQUERIMENTO Nº 42, DE 2008**

##### **Requer Voto de Aplauso à atleta Elis Regina, campeã brasileira em 1990 de futebol feminino e ainda hoje exemplo de dedicação ao esporte.**

Requeiro, nos termos do art. 222, do Regimento Interno, e ouvido o Plenário, que seja consignado, nos **Anais** do Senado, Voto de Aplauso à atleta Elis Regina, campeã brasileira de futebol feminino, como integrante da vitoriosa Seleção do Amazonas em 1990 (representada pelo clube Sul América) e que, ainda hoje, é exemplo de dedicação ao esporte.

Requeiro, ainda, que o Voto de Aplauso seja levado ao conhecimento da homenageada e à Confederação Brasileira de Futebol.

##### **Justificação**

Em 1990, a Seleção do Amazonas sagrou-se Campeã Brasileira de Futebol Feminino. Entre as jogadoras que integravam a vitoriosa equipe do Sul América, Elis Regina, mais conhecida em Manaus por Balão. Ela marcou o gol da vitória ao time que representava o Amazonas no campeonato.

De lá para cá, já se passaram 17 anos e Balão continua jogando, agora no time do Rio Negro. É a jogadora mais experiente do clube, que se prepara para o Campeonato de 2008, a recém-criada “Copa Brasil” da CBF. Hoje, ela enfrenta a dura realidade da vida, literalmente com as mãos na massa: faz pão, o pão de cada dia, para ganhar a vida. Pela sua garra e o apreço da jogadora ao esporte, ela é merecedora do voto que proponho ao Senado da República.

A homenagem que ora formulo justifica-se pela extraordinária força de vontade de uma dona-de-casa que sempre teve amor ao esporte.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Art.hur Virgílio**, Líder do PSDB.

**REQUERIMENTO Nº 43, DE 2008**

**Requer Voto de Aplauso ao prof. José Alberto Neves, pelo seu zeloso trabalho como colecionador de fósseis, numa pequena cidade do Amazonas, Urucurituba.**

Requeiro, nos termos do art. 222, do Regimento Interno, e ouvido o Plenário, que seja consignado, nos **Anais** do Senado, Voto de Aplauso ao prof. José Alberto Neves, pelo seu zeloso trabalho como colecionador de fósseis em Urucurituba, pequena cidade do Estado do Amazonas.

Requeiro, ainda, que o Voto de Aplauso seja levado ao conhecimento do homenageado.

**Justificação**

A homenagem que ora formulo justifica-se pelo notável trabalho de preservação de achados fósseis no interior do Amazonas, que vem sendo desenvolvido pelo prof. José Alberto Neves. Ele é professor de Língua Portuguesa, mas dedica-se no momento a uma grande paixão: colecionar fósseis. Ele faz isso desde o início da década de 80 e sua coleção já soma mais de duas mil peças, incluindo uma urna mortuária indígena encontrada pela CEAM (Centrais Elétricas do Amazonas). O achado ocorreu no momento em que era cavado um buraco para colocação de poste elétrico. A picareta que um funcionário usava bateu em cima da tigela que recobria a urna, que se rompeu, na altura do ombro do indígena ali colocado. Os funcionários da empresa, relata Alberto, descartaram a urna, temendo maus presságios. Foi quando o prof. Alberto apareceu e acabou levando o achado, tendo inclusive que desembolsar “um dinheirinho”. O professor, que é amante da arqueologia, tem autorização do Iphan – AM. Graças ao seu trabalho, peças de grande valor histórico são salvas, evitando que naquela região venha a se repetir o que ocorreu em Parintins, onde navios de turistas que ali aportavam levavam peças arqueológicas expressivas, que compravam dos ribeirinhos. O Iphan, felizmente, agiu em tempo de evitar prejuízos de maior vulto. Pelo seu trabalho e esforço pessoal, o professor Alberto é merecedor do Voto que proponho ao Senado da República.

Sala das Sessões, 11 de fevereiro de 2008. – Senador **Art. hur Virgílio**, Líder do PSDB.

**A SRª PRESIDENTE** (Rosalba Ciarlini. DEM – RN) – A Presidência encaminhará os votos solicitados.

Os requerimentos lidos vão ao Arquivo.

Nada mais havendo a tratar, a Presidência vai encerrar os trabalhos, lembrando às Srªs Senadoras e aos Srs. Senadores que constará da próxima sessão deliberativa, a realizar-se amanhã, às 14 horas, a seguinte

**ORDEM DO DIA**

1

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 48, DE 2003**

Votação, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 48, de 2003, tendo como primeiro signatário o Senador Antonio Carlos Magalhães, que *dispõe sobre aplicação de recursos destinados à irrigação*.

Pareceres sob nºs 1.199, de 2003; e 15, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania: 1º pronunciamento: Relator: Senador João Alberto Souza, favorável, com a Emenda nº1-CCJ, que apresenta; 2º pronunciamento: (sobre a Emenda nº 2, de Plenário), Relator ad hoc: Senador João Batista Motta, favorável, nos termos de subemenda que apresenta.

2

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 57, DE 2005**

Votação, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 57, de 2005, tendo como primeiro signatário o Senador Marco Maciel, que *dá nova redação*

*ao § 4º do art. 66 da Constituição, para permitir que os vetos sejam apreciados separadamente no Senado Federal e na Câmara dos Deputados.*

Pareceres sob nºs 779, de 2006; e 272, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, – 1º pronunciamento (sobre a Proposta): Relator: Senador Ramez Tebet, favorável; – 2º pronunciamento (sobre a Emenda nº 1, de Plenário): Relator: Senador Adelmir Santana, favorável, e apresentando a Emenda nº 2-CCJ, de redação.

6

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 26, DE 2002**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 3, de 2001; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 26, de 2002, tendo como primeiro signatário o Senador Iris Rezende, que altera o artigo 228 da Constituição Federal, para reduzir a idade prevista para a imputabilidade penal, nas condições que estabelece.

7

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 90, DE 2003**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 90, de 2003, tendo como primeiro signatário o Senador Magno Malta, que inclui parágrafo único no artigo 228, da Constituição Federal, para considerar penalmente imputáveis os maiores de treze anos que tenham praticado crimes definidos como hediondos.

8

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 9, DE 2004**

*(tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; e 90, de 2003)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 9, de 2004, tendo como primeiro signatário o Senador Papaléo Paes, que acrescenta parágrafo ao artigo 228 da Constituição Federal, para determinar a imputabilidade penal quando o menor apresentar idade psicológica igual ou superior a dezoito anos.

9

**REDAÇÃO FINAL DAS EMENDAS DO SENADO  
AO PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 10, DE 2005**

Discussão, em turno único, da Redação Final (apresentada pela Comissão Diretora como conclusão de seu Parecer nº 1.259, de 2007), das Emendas do Senado ao Projeto de Lei da Câmara nº 10, de 2005 (nº 62/2003, na Casa de origem), que acrescenta o inciso XVII ao art. 51 da Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, que dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências (torna nula a inclusão automática de consumidor como sócio de sociedade comercial, inclusive de sociedade em conta de participação).

10

**REDAÇÃO FINAL DO PROJETO DE LEI  
DA CÂMARA Nº 109, DE 2005**

Discussão, em turno único, da Redação Final (apresentada pela Comissão Diretora como

conclusão de seu Parecer nº 1.257, de 2007), do Projeto de Lei da Câmara nº 109, de 2005 (nº 433/2003, na Casa de origem), que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

11

**REDAÇÃO FINAL DO PROJETO DE LEI  
DA CÂMARA Nº 41, DE 2006**

Discussão, em turno único, da Redação Final (apresentada pela Comissão Diretora como conclusão de seu Parecer nº 1.258, de 2007), ao Projeto de Lei da Câmara nº 41, de 2006 (nº 162/2003, na Casa de origem), que acrescenta § 2º ao art. 445 do Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 – Consolidação das Leis do Trabalho, impedindo a exigência de comprovação de experiência prévia por tempo superior a 6 (seis) meses.

15

**SUBSTITUTIVO AO PROJETO DE LEI  
DA CÂMARA Nº 6, DE 2005**

Discussão, em turno suplementar, do Substitutivo ao Projeto de Lei da Câmara nº 6, de 2005 (nº 3.615/2004, na Casa de origem), que altera o § 5º do art. 475 da Lei nº 5.869, de 11 de janeiro de 1973 – Código de Processo Civil, para limitar o alcance do duplo grau de jurisdição.

Parecer sob nº 1.244, de 2007, da Comissão Diretora, Relator: Senador Papaléo Paes, oferecendo a redação do vencido.

16

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 6, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 6, de 2003 (nº 2.820/2000, na Casa de origem), que altera os arts. 47 e 56 da Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971 (dispõe sobre a administração e o conselho fiscal das sociedades cooperativas).

Parecer sob nº 1.036, de 2006, da Comissão de Agricultura e Reforma Agrária, Relator do vencido: Senador Jonas Pinheiro, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CRA (Substitutivo), que oferece, com voto vencido do Senador Gilberto Goellner, e em separado, do Senador Pedro Simon.

17

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 7, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 7, de 2003 (nº 3.703/2000, na Casa de origem), que *dispõe sobre procedimento na operação de arrendamento mercantil de veículo automotivo (leasing), e dá outras providências.*

Pareceres favoráveis sob os nº 446 e 447, de 2007, das Comissões- de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Art. hur Virgílio; e de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Eduardo Suplicy.

18

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 22, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 22, de 2003 (nº 5.120/2001, na Casa de origem), que *dispõe sobre as atividades das Agências de Turismo.*

Pareceres sob os nºs 1.049 e 1.050, de 2007, das Comissões de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Tasso Jereissati, favorável com as Emendas nºs 1 a 12 – CCJ, que apresenta; e de Desenvolvimento Regional e Turismo, Relator: Senador Antonio Carlos Valadares, favorável com as Emendas nºs 13 a 18 – CDR, a Subemenda nº 1-CDR à Emenda nº 9-CCJ, e pela aprovação das Emendas nºs 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 11 e 12 – CCJ.

19

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 28, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 28, de 2003 (nº 5.657/2001, na Casa de origem), que *acrescenta dispositivo à Lei n.º 8.906, de 4 de julho de 1994, que dispõe sobre o Estatuto da Advocacia e a Ordem dos Advogados do Brasil – OAB (prescrição em cinco anos da ação de prestação de contas do advogado para o seu cliente, ou de terceiros por conta dele).*

Parecer favorável, sob nº 1.162, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Demóstenes Torres.

20

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 75, DE 2004**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 75, de 2004 (nº 1.071/2003, na Casa de origem), que *altera a Lei nº 10.334, de 19 de dezembro de 2001, que dispõe sobre*

*a obrigatoriedade de fabricação e comercialização de lâmpadas incandescentes para uso em tensões de valor igual ou superior ao da tensão nominal da rede de distribuição, e dá outras providências.*

Parecer favorável sob nº 87 de 2007, da Comissão de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Deicídio Amaral.

24

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 111, DE 2005**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 111, de 2005 (nº 3.796/2004, na Casa de origem), que *dispõe sobre a Política Nacional de Orientação, Combate e Controle dos Efeitos Danosos da Exposição ao Sol à Saúde e dá providências correlatas.*

Pareceres sob nºs 603 e 604, de 2007, das Comissões:

de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Magno Malta, favorável, com as Emendas nºs 1 e 2-CCJ, de redação, que apresenta; e

de Assuntos Sociais, Relator: Senador Papaléo Paes, favorável, nos termos da Emenda nº 3-CAS (Substitutivo), que oferece.

25

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 118, DE 2005**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 118, de 2005 (nº 1.153/2003, na Casa de origem), que *modifica o incísoll do caput do art. 44 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (dispõe sobre o aproveitamento de matérias cursadas em seminários de filosofia ou teologia).*

Parecer sob nº 924, de 2006, da Comissão de Educação, Relatara: Senadora Maria do Carmo Alves, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CE (Substitutivo), que oferece.

26

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 1, DE 2006**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 1, de 2006 (nº 1.696/2003, na Casa de origem), que *altera o § 2º do art. 12 da Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998, que dispõe sobre os planos e seguros privados de assistência à saúde (acrescenta o planejamento familiar nos casos de cobertura dos planos ou seguros privados de assistência à saúde).*

Parecer favorável, sob nº 145, de 2007, da Comissão de Assuntos Sociais, Relatora: Senadora Serys Slhessarenko.

### 30

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 27, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 27, de 2006 (nº 819/2003, na Casa de origem), que *denomina “Rodovia Ministro Alfredo Nasser” a rodovia BR-174, entre a cidade de Cáceres – MT e a fronteira com a Venezuela.*

Parecer sob o nº 1.175, de 2006, da Comissão de Educação, Relator ad hoc: Senador Mão Santa, favorável, com a Emenda nº 1-CE, que oferece.

### 31

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 43, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 43, de 2006 (nº 4.505/2004, na Casa de origem), que *dispõe sobre o reconhecimento do dia 26 de outubro como Dia Nacional dos Trabalhadores Metroviários.*

Parecer favorável, sob nº 926, de 2006, da Comissão de Educação, Relator: Senador Paulo Paim.

### 32

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 90, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 90, de 2006 (nº 6.248/2005, na Casa de origem), que *acrescenta o § 3º-C ao art. 30 da Lei n.º 6.015, de 31 de dezembro de 1973, que dispõe sobre os registros públicos e dá outras providências (determina que cartórios de registros públicos afixem, em locais de fácil leitura e acesso, quadros contendo os valores das custas e emolumentos).*

Parecer favorável, sob nº 1.163, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator ad hoc: Senador Valter Pereira.

### 33

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 12, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 12, de 2007 (nº 1.791/1999, na Casa de origem), que *institui o Dia Nacional dos Surdos.*

Parecer favorável, sob nº 979, de 2007, da Comissão de Educação, Relator “ad hoc”: Senador Flávio Anis.

### 34

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 28, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 28, de 2007 (nº 3.986/2004, na Casa de origem), que *institui o Dia Nacional do Vaqueiro.*

Parecer favorável sob o nº 722, de 2007, da Comissão de Educação, Relator “ad hoc”: Senador Valter Pereira.

### 35

#### PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 34, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 34, de 2006 (nº 1.838/2005, na Câmara dos Deputados), que *aprova o texto do Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Cuba em Matéria de Turismo, celebrado em 26 de setembro de 2003, em Havana.*

Parecer favorável, sob nº 966, de 2007, da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, Relatora: Senadora Rosalba Ciarlini.

### 36

#### PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 221, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 221, de 2007 (nº 1.978/2005, na Câmara dos Deputados), que *aprova o texto do Acordo sobre Serviços Aéreos entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Gana, celebrado em Acra, em 12 de abril de 2005.*

Parecer favorável, sob nº 1.082, de 2007, da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, Relator ad hoc: Senador Inácio Arruda.

### 40

#### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 26, DE 2000 (Tramitando em conjunto com o Projeto de Lei do Senado nº 685, de 1999)

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 26, de 2000, de autoria do Senador Paulo Hartung, que *altera a redação do § 5º 1º do art. 6º da Lei nº 9.069, de 29 de junho de 1995, para definir que o Presidente do Banco Central comparecerá, pessoalmente, à Comissão de Assuntos Econômicos do*

*Senado, para fazer relato sobre a execução da programação monetária que se finda e a exposição e entrega da Programação Monetária Trimestral.*

Pareceres sob nºs 1.816 e 1.817, de 2005; e 1.154, de 2007, das Comissões

de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Sérgio Machado, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CCJ (Substitutivo) que oferece, e pela rejeição do Projeto de Lei do Senado nº 685, de 1999, que tramita em conjunto;

de Assuntos Econômicos, 1º pronunciamento: Relator: Senador Aloizio Mercadante, favorável ao Projeto, nos termos do parecer da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, com voto contrário, em separado, da Senadora Heloísa Helena. e do Senador Eduardo Suplicy; 2º pronunciamento (em reexame, nos termos do Requerimento nº 644, de 2007): Relator: Senador Romero Jucá, favorável, nos termos da Emenda nº 2-CAE (Substitutivo), que oferece, e contrário ao Projeto de Lei do Senado nº 685, de 1999, que tramita em conjunto.

#### 41

### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 685, DE 1999

*(Tramitando em conjunto com o Projeto de Lei do Senado nº 26, de 2000)*

Projeto de Lei do Senado nº 685, de 1999, da Comissão Parlamentar de Inquérito do Sistema Financeiro, que *altera os arts. 6º e 7º da Lei nº 9.069, de 29 de junho de 1995, que “dispõe sobre o Plano Real, o Sistema Monetário Nacional, estabelece as regras e condições de emissão do Real e os critérios para conversão das obrigações para o Real, e dá outras providências”.*

#### 42

### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 169, DE 2005

*(Incluído em Ordem do Dia nos termos do Recurso nº 7, de 2007)*

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 169, de 2005, de autoria do Senador Paulo Paim, que *altera dispositivo da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.*

Parecer sob nº 459, de 2007, da Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa, Relator ad hoc: Senador Flávio Arns, favorável, nos termos da Emenda 1-CDH (Substitutivo), que oferece.

#### 43

### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 140, DE 2007 – COMPLEMENTAR

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 140, de 2007-Complementar, de autoria do Senador Demóstenes Torres, que *altera o art. 1º*

*da Lei Complementar nº 105, de 10 de janeiro de 2001, para especificar os dados financeiros não sigilosos, para fins de investigação de ilícito penal.*

Pareceres sob nºs 281 e 706, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Jarbas Vasconcelos, 1º pronunciamento (sobre o Projeto): favorável, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta; 2º pronunciamento (sobre a Emenda nº 2-Plen): favorável, nos termos de Subemenda que oferece.

#### 44

### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 277, DE 2007

*(Incluído em Ordem do Dia nos termos do Recurso nº 9, de 2007)*

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 277, de 2007, de autoria do Senador Flávio Arns, que *acrescenta parágrafo único ao art. 4º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 para definir condições de qualidade da oferta de educação escolar para crianças de cinco e seis anos de idade.*

Parecer sob nº 874, de 2007, da Comissão de Educação, Relator: Senador Wilson Matos, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CE (Substitutivo), que oferece.

#### 47

### PROJETO DE RESOLUÇÃO DO SENADO Nº 65, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Resolução do Senado nº 65, de 2007 (apresentado como conclusão do Parecer nº 952, de 2007, da Comissão de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Jonas Pinheiro), que *autoriza a União a aceitar dação de imóvel do Governo da Bolívia, como parte do pagamento dos juros da dívida externa daquele País.*

Pareceres favoráveis, sob nºs 950 e 951, de 2007, das Comissões de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Pedro Simon, com voto contrário do Senador Mozirildo Cavalcanti; e de Relações Exteriores e Defesa Nacional, Relator ad hoc: Senador Marcelo Crivella.

**48****REQUERIMENTO Nº 1302, DE 2004**

Votação, em turno único, do Requerimento nº 1302, de 2004, de autoria da Senadora Serys Slhessarenko, que *requer, com fundamento no art. 215 do Regimento Interno do Senado Federal, seja instituída, no âmbito do Senado Federal, a Semana de Ciência e Tecnologia, a ser celebrada anualmente no mês de outubro, com o objetivo de mobilizar a população brasileira para questões científicas, enfatizando o papel da Ciência no nosso dia-a-dia e demonstrando a sua importância para a saúde e o desenvolvimento do País.*

Pareceres favoráveis sob nºs 448 a 451, de 2007, das Comissões de Educação, Relator: Senador Juvêncio da Fonseca; de Assuntos Sociais, Relator: Senador Cristovam Buarque;

de Serviços de Infra-Estrutura, Relator ad hoc: Senador Eduardo Azeredo; e de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, Relator: Senador Valter Pereira.

**49****REQUERIMENTO Nº 914, DE 2007**

Votação, em turno único, do Requerimento nº 914, de 2007, do Senador Mozarildo Cavalcanti, *solicitando a remessa do Projeto de Lei do Senado nº 312, de 2007, à Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, uma vez que o prazo na Comissão de Assuntos Econômicos já se encontra esgotado.*

**A SRª PRESIDENTE** (Rosalba Ciarlini. DEM – RN) – Está encerrada a sessão.

*(Levanta-se a sessão às 19 horas e 25 minutos.)*



## Ata da 4ª Sessão Deliberativa Ordinária, em 12 de fevereiro de 2008

2ª Sessão Legislativa Ordinária da 53ª Legislatura

*Presidência dos Srs. Garibaldi Alves Filho, Efraim Moraes,  
César Borges, Papaléo Paes, Eduardo Azeredo e Mão Santa*

ÀS 14 HORAS, ACHAM-SE PRESENTES  
AS SRAS. E OS SRS. SENADORES:

### SESSÃO DELIBERATIVA ORDINÁRIA ÀS 14:00 HORAS

Período : 12/2/2008 07:31:19 até 12/2/2008 21:14:19

Partido	UF	Nome	Pres	Voto
DEM	DF	ADELMIR SANTANA		X
PMDB	SE	ALMEIDA LIMA		X
PSDB	PR	ALVARO DIAS		X
Bloco-PSB	SE	ANTÔNIO CARLOS VALADARES		X
PSDB	AM	ARTHUR VIRGÍLIO		X
Bloco-PT	RR	AUGUSTO BOTELHO		X
Bloco-PR	BA	CÉSAR BORGES		X
PSDB	PB	CÍCERO LUCENA		X
PDT	DF	CRISTOVAM BUARQUE		X
DEM	GO	DEMÓSTENES TORRES		X
PSDB	MG	EDUARDO AZEREDO		X
Bloco-PT	SP	EDUARDO SUP LICY		X
DEM	PB	EFRAIM MORAIS		X
DEM	MG	ELISEU RESENDE		X
PTB	MA	EPITÁCIO CAFETEIRA		X
Bloco-PR	RO	EXPEDITO JÚNIOR		X
Bloco-PT	RO	FÁTIMA CLEIDE		X
PTB	AL	FERNANDO COLLOR		X
Bloco-PT	PR	FLÁVIO ARNS		X
PSDB	PA	FLEXA RIBEIRO		X
Bloco-PP	RJ	FRANCISCO DORNELLES		X
PMDB	RN	GARIBALDI ALVES FILHO		X
PMDB	AC	GERALDO MESQUITA JÚNIOR		X
PTB	DF	GIM ARGELLO		X
DEM	PI	HERÁCLITO FORTES		X
Bloco-PCdoB	CE	INÁCIO ARRUDA		X
PMDB	PE	JARBAS VASCONCELOS		X
DEM	MT	JAYME CAMPOS		X
PDT	AM	JEFFERSON PÉRES		X
Bloco-PR	TO	JOÃO RIBEIRO		X
PSDB	AL	JOÃO TENÓRIO		X
PTB	PI	JOÃO VICENTE CLAUDINO		X
DEM	RN	JOSÉ AGRIPINO		X
PMDB	PB	JOSÉ MARANHÃO		X
P-SOL	PA	JOSÉ NERY		X
DEM	TO	KÁTIA ABREU		X

Partido	UF	Nome	Pres	Voto
PMDB	TO	LEOMAR QUINTANILHA		X
DEM	MA	LOBÃO FILHO		X
PSDB	GO	LÚCIA VÂNIA		X
Bloco-PR	ES	MAGNO MALTA		X
PMDB	PI	MÃO SANTA		X
Bloco-PRB	RJ	MARCELO CRIVELLA		X
DEM	PE	MARCO MACIEL		X
PSDB	GO	MARCONI PERILLO		X
DEM	SE	MARIA DO CARMO ALVES		X
PSDB	PA	MÁRIO COUTO		X
PSDB	MS	MARISA SERRANO		X
PMDB	SC	NEUTO DE CONTO		X
PDT	PR	OSMAR DIAS		X
PSDB	AP	PAPALÉO PAES		X
PDT	CE	PATRICIA SABOYA		X
PMDB	RJ	PAULO DUQUE		X
Bloco-PT	RS	PAULO PAIM		X
PMDB	RS	PEDRO SIMON		X
DEM	SC	RAIMUNDO COLOMBO		X
Bloco-PSB	ES	RENATO CASAGRANDE		X
PMDB	RR	ROMERO JUCA		X
PTB	SP	ROMEU TUMA		X
DEM	RN	ROSALBA CIARLINI		X
PMDB	MA	ROSEANA SARNEY		X
PSDB	PE	SÉRGIO GUERRA		X
PTB	RS	SÉRGIO ZAMBIASI		X
Bloco-PT	MT	SERYS SLHESSARENKO		X
Bloco-PT	AC	SIBÁ MACHADO		X
PSDB	CE	TASSO JEREISSATI		X
Bloco-PT	AC	TIÃO VIANA		X
PMDB	RO	VALDIR RAUPP		X
PMDB	MS	VALTER PEREIRA		X
PMDB	MG	WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRAX		X

**Compareceram: 69 Senadores**

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – A lista de presença acusa o comparecimento de 69 Srs. Senadores. Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus, iniciamos nossos trabalhos.

Sobre a mesa, Avisos de Ministros de Estado que passo a ler.

São lidos os seguintes:

#### AVISOS DE MINISTROS DE ESTADO

- **Nº 1/2008**, de 7 de janeiro último, do Ministro da Saúde, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.019, de 2007, do Senador Inácio Arruda;
  - **Nº 2/2008**, de 3 de janeiro último, do Ministro da Fazenda, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.027, de 2007, da Senadora Lúcia Vânia;
  - **Nº 3/2008**, de 3 de janeiro último, do Ministro da Fazenda, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.201, de 2007, do Senador Arthur Virgílio;
  - **Nº 3/2008**, de 7 de janeiro último, do Ministro da Saúde, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.013, de 2007, do Senador Arthur Virgílio;
  - **Nº 4/2008**, de 7 de janeiro último, do Ministro da Saúde, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 187, de 2007, do Senador César Borges;
  - **Nº 11/2008**, de 9 de janeiro último, do Ministro da Fazenda, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.228, de 2007, do Senador Valter Pereira;
  - **Nº 12/2008**, de 9 de janeiro último, do Ministro da Fazenda, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.055, de 2007, do Senador Paulo Duque;
  - **Nº 13/2008**, de 9 de janeiro último, do Ministro da Fazenda, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 953, de 2007, de iniciativa da Comissão de Meio Ambiente, Defesa do Consumidor e Fiscalização e Controle;
  - **Nº 17/2008**, de 11 de janeiro último, do Ministro da Fazenda, encaminhando informações complementares em resposta ao Requerimento nº 1.017, de 2007, do Senador Tasso Jereissati;
  - **Nº 58/2008**, de 11 de janeiro último, do Ministro da Justiça, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 396, de 2007, do Senador Eduardo Suplicy;
  - **Nº 244/2007**, de 18 de dezembro último, do Ministro das Comunicações, encaminhando informações parciais em resposta ao Requerimento nº 916, de 2007, do Senador Wellington Salgado;
  - **Nº 290/2007**, de 21 de dezembro último, do Ministro de Minas e Energia, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.032, de 2007, do Senador Mão Santa;
  - **Nº 299/2007**, de 31 de dezembro último, do Ministro de Minas e Energia, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.104, de 2007, do Senador Arthur Virgílio;
  - **Nº 472/2007**, de 17 de dezembro último, do Ministro da Fazenda, informando ser da competência do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o assunto abordado no Requerimento nº 1.015, de 2007, do Senador João Pedro;
  - **Nº 498/2007**, de 27 de dezembro último, do Ministro da Fazenda, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.011, de 2007, do Senador Alvaro Dias;
  - **Nº 619/2007**, de 13 de dezembro último, do Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.104, de 2007, do Senador Arthur Virgílio;
  - **Nº 1.339/2007**, de 17 de dezembro último, da Ministra Chefe da Casa Civil da Presidência da República, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.104, de 2007, do Senador Arthur Virgílio; e
  - **Nº 2.090/2007**, de 26 de dezembro último, do Ministro da Justiça, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.174, de 2007, do Senador Eduardo Suplicy.
- O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – As informações foram encaminhadas, em cópia, aos Requerentes.
- Foi juntada cópia das informações referentes ao **Requerimento nº 396, de 2007**, ao processado do Projeto de Lei do Senado nº 414, de 2005, que volta à tramitação normal na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional.
- Foi juntada cópia das informações referentes ao **Requerimento nº 953, de 2007**, ao processado do Ofício nº S/6, de 2007.
- O **Requerimento nº 916** aguardará na Secretaria-Geral da Mesa complementação das informações.
- Os demais requerimentos vão ao Arquivo.

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – Sobre a mesa, Ofícios de Ministro de Estado que passo a ler.

São lidos os seguintes:

### OFÍCIOS DE MINISTROS DE ESTADO

- Nº **3/2008**, de 10 de janeiro último, do Ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.116, de 2007, do Senador Paulo Paim;
- Nº **5/2008**, de 31 de janeiro último, do Ministro do Desenvolvimento Agrário, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.104, de 2007, do Senador Arthur Virgílio;
- Nº **7/2008**, de 16 de janeiro último, do Ministro dos Esportes, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.178, de 2007, do Senador Alvaro Dias;
- Nº **11/2008**, de 22 de janeiro último, encaminhando informações complementares em resposta ao Requerimento nº 971, de 2007, reiteradas através do Requerimento nº 225, de 2007, ambos de iniciativa da Comissão de Educação;
- Nº **40/2007**, de 28 de dezembro último, do Ministro das Relações Exteriores, informando ser da competência do Ministério da Justiça o assunto abordado no Requerimento nº 1.021, de 2007, de iniciativa da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional;
- Nº **59/2008**, de 11 de janeiro último, do Ministro da Justiça, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.020, de 2007, de iniciativa da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional;
- Nº **100/2007**, de 18 de dezembro último, do Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 994, de 2007, do Senador Arthur Virgílio;
- Nº **116/2008**, de 8 de janeiro último, do Ministro da Defesa, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.153, de 2007, do Senador João Durval;
- Nº **124/2008**, de 8 de janeiro último, do Ministro da Defesa, encaminhando informações em resposta aos Requerimentos nºs 1.050 e 1.051, de 2007, do Senador João Durval;
- Nº **253/2007**, de 19 de dezembro último, do Ministro da Educação, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 796, de 2007, do Senador Arthur Virgílio;

- Nº **2.139/2007**, de 28 de dezembro último, do Ministro da Justiça, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 919, de 2007, da Senadora Patrícia Saboya; e
- Nº **2.140/2007**, de 28 de dezembro último, do Ministro da Justiça, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.042, de 2007, do Senador Mozarildo Cavalcanti.

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – As informações foram encaminhadas, em cópia, aos Requerentes.

Os requerimentos vão ao Arquivo.

Sobre a mesa, Avisos do Presidente do Banco Central do Brasil que passo a ler.

São lidos os seguintes:

### AVISOS DO PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL DO BRASIL

- Nº **116/2007**, de 14 de dezembro último, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.036, de 2007, do Senador Adelmir Santana; e
- Nº **120/2007**, de 27 de dezembro último, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 996, de 2007, do Senador Cícero Lucena.

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – As informações foram encaminhadas, em cópia, aos Requerentes.

Os requerimentos vão ao Arquivo.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

### REQUERIMENTO Nº 44, DE 2008

Senhor Presidente,

Requeremos, nos termos regimentais, e em adiamento ao RQS nº 3, de 2008, do Senado Federal, que a realização da Sessão Especial destinada a comemorar os Duzentos Anos da Abertura dos Portos no Brasil, seja transferida para as 10 horas do dia 21 de fevereiro de 2008.

### Justificação

Tendo em vista o prazo exíguo para a realização da Sessão Especial, faz-se necessário o adiamento da data para que a homenagem seja providenciada.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2007. – Senador **Romeu Tuma** – **Valdir Raupp** – **Almeida Lima** – **Flávio Arns** – **Rosalva Ciarlini** – **Geraldo Mesquita Jr.** – **Paulo Duque** – **Augusto Botelho**.

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – O requerimento que acaba de ser lido vai à publicação e será votado oportunamente.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### REQUERIMENTO Nº 45, DE 2008

Requeiro, nos termos dos arts. 218 do Regimento Interno e de acordo com as tradições da Casa, as seguintes homenagens pelo falecimento do Ex-Deputado Estadual da Paraíba Aécio Pereira de Lima.

- a) inserção em ata de voto de profundo pesar;
- b) apresentação de condolências à família.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Cícero Lucena**.

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – A Presidência encaminhará o voto de pesar solicitado.

O requerimento que acaba de ser lido vai ao Arquivo.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### REQUERIMENTO Nº 46, DE 2008

Requeiro, nos termos regimentais, a realização de Sessão Solene no plenário do Senado Federal destinada a homenagear a organização “Armazém Paraíba” pelo transcurso dos 50 anos de criação.

#### Justificação

Localizada nas regiões norte e nordeste do Brasil, fundada em 1958, na cidade de Bacabal, no Estado do Maranhão, o Armazém Paraíba é uma Loja de departamentos e surgiu como uma homenagem ao local de origem da família de seus fundadores, os irmãos Valdecy Claudino e João Claudino Fernandes. O nome armazém oriundo de casa comercial com grande variedade de produtos, rapidamente transformou-se em lojas de departamentos propiciando rápido crescimento da marca.

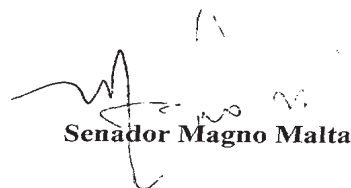
Conhecido pela sua localização nas mais remotas regiões do Brasil, pelo respeito à cultura local, pelo grande sortimento de produtos, por facilitar o acesso das camadas de baixo poder aquisitivo, e, principalmente, pela excelência no atendimento. Tornou-se famoso pelo atendimento através do slogan “Uma loja em sua casa”.

Hoje conta com mais de 300 pontos de venda no País, presentes em diversos estados do norte e nordeste do Brasil, situados nos seguintes Estados:

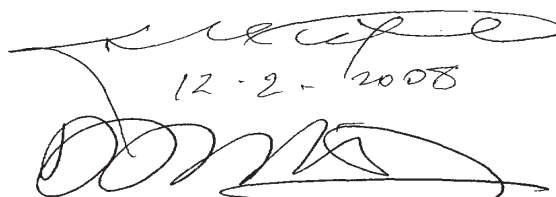
Paraíba, Piauí, Maranhão, Pernambuco, Ceará, Bahia, Amazonas, Pará e Tocantins, destacando-se entre as maiores redes de varejo do País, empregando mais de 15.000 colaboradores diretos.

De acordo com o Instituto Data Folha, em 2006 e 2007 o Armazém Paraíba se destacou no ranking do Top of Mind como sendo uma das marcas mais lembradas no segmento de lojas de móveis e eletrodomésticos. No Top of Mind 2006 o Armazém Paraíba ficou com a quarta colocação e no Top of Mind 2007 ele ficou com a terceira colocação.

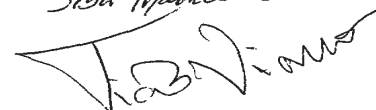
Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2007.

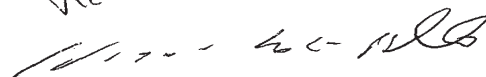
  
Senador Magno Malta

*Antonio*

  
12-2-2008

*Silvia Machado*





**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – O requerimento que acaba de ser lido vai à publicação e será votado oportunamente.

Sobre a mesa, proposta de emenda à Constituição que passo a ler.

É lida a seguinte:

#### PROPOSTA DE EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 1, DE 2008

Faculta a criação de CPI mediante iniciativa popular.

O Congresso Nacional decreta:

O § 3º do artigo 58 da Constituição Federal passa a vigorar com a seguinte redação:

§ 3º As Comissões Parlamentares de Inquérito, que terão poderes de investigação próprios das autoridades judiciais, além de outros previstos nos regimentos das respec-

tivas Casas, serão criadas pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal, em conjunto ou separadamente, mediante requerimento de um terço de seus membros, ou através de petição endereçada à Câmara dos Deputados ou ao Senado Federal, subscrita por eleitores que representem 0,5% (meio por cento) dos que hajam votado em todo o país no último pleito, para apuração de fato determinado e por prazo certo, sendo suas conclusões, se for o caso, encaminhadas ao Ministério Público, para que promova a responsabilidade civil ou criminal dos infratores.

### Justificação

Em memorável julgamento, o STF já decidiu que as Comissões Parlamentares de Inquérito, nos termos estipulados pela Constituição, constituem, mais que um direito, uma prerrogativa da minoria parlamentar, uma vez que o texto constitucional prevê a iniciativa de 1/3 (um terço) de qualquer das Casas do Congresso para a sua constituição automática, prevendo inclusive que, não indicados os seus membros pelos líderes partidários, o fará o Presidente da Câmara ou do Senado, conforme o caso.

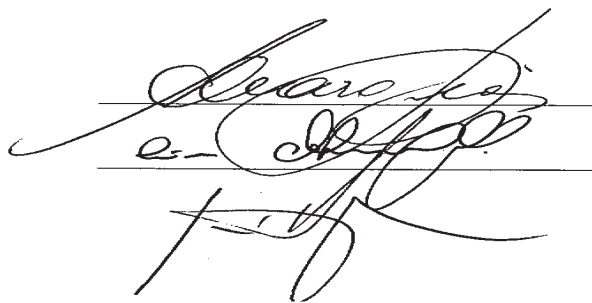
O que se tem assistido nos últimos anos, contudo, é que essa prerrogativa tem sido desvirtuada pela prevalência dos interesses políticos, tanto da Maioria

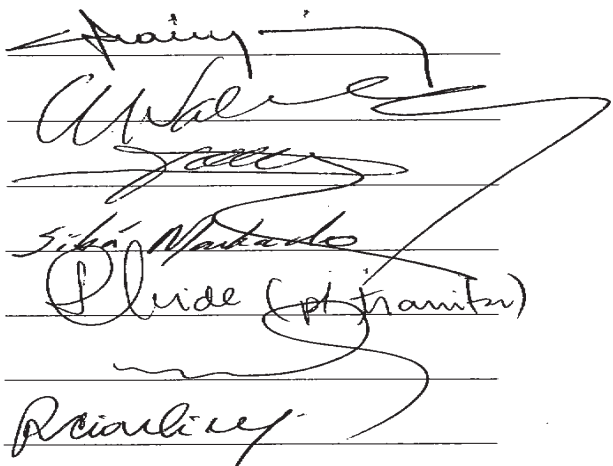
quanto da Minoria, com recursos que tismam de suspeição o valioso instituto da investigação parlamentar, criado para apurar, com eficiência, pelos poderes a ele concedidos, suspeitas de escândalos e desvios de toda natureza, especialmente em face da complexidade do desempenho de grupos que atuam à margem do processo político, quase sempre com fins ilícitos.

Não é só a prática da democracia direta que está em jogo nesses casos. É também, e sobretudo, o desafio de dar voz e vez à opinião pública do país, toda vez em que a indignação com condutas suspeitas de constituírem ilícitos penais ou desvios de condutas, se manifestar acima tanto da Maioria quanto da Minoria, através da mobilização da Sociedade.

Os conflitos entre a Maioria e a Minoria, que nem sempre refletem os interesses majoritários da população, encontram, através do apelo dos eleitores mobilizados para esse fim, o juiz soberano, imparcial e legítimo que lhes permita pleitear e conseguir do Congresso, respeitados os cânones legais e constitucionais, a apuração que for julgada conveniente, necessária e indispensável, dos escândalos que, de forma intermitente, vêm inquietando a maior parte da população brasileira, depositária, acima das conveniências políticas, partidárias, ideológicas e sectárias, da soberania nacional.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Geraldo Mesquita Júnior**.





ALVARO DIAS  
LUCERO LUCENA  
JOSE AGRIPINO

EFRAIN MORAES  
ANTONIO CARLOS VALADARES  
PAULO PAIVA  
SILVIA MACHADO  
Fátima Elide  
HERACLITO FORTES  
ROSALBA EINRLINI

50 AD PEDRO

OSMAR DIAS

*[Handwritten signature]*  
*[Handwritten signature]*  
*[Handwritten signature]*  
*[Handwritten signature]*

Jose Ney Azevedo

*[Handwritten signature]*

Queresia

*[Handwritten signature]*

EXPEDITO JUNIOR

RONELO JENIA!

EDUARDO SUPICY

*[Handwritten signature]*

NERY

*[Handwritten signature]*  
*[Handwritten signature]*  
*[Handwritten signature]*  
*[Handwritten signature]*

PAULO DUQUE

SERGIO GUERRA

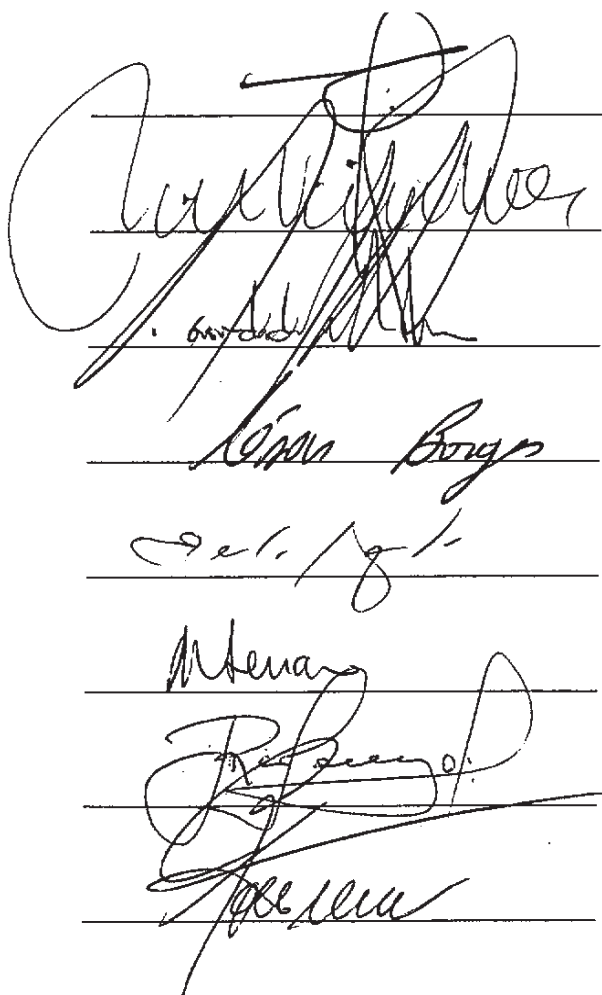
*[Handwritten signature]*  
*[Handwritten signature]*

MARCO MASCIER

RENATO CASAGRANDE

*[Handwritten signature]*

*[Handwritten signature]*  
*[Handwritten signature]*



Handwritten signatures of several senators, including César Borges, on a document.

JOÃO TENÓRIO

JARBAS VASCONCELOS

FLEXA RIBEIRO

César Borges

EDUARDO AZEVEDO

Marise Senare

Raimundo Colombo

Romeo TOMA

(À Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania.)

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – A proposta de emenda à Constituição que acaba de ser lida está sujeita às disposições constantes dos art. 354 e seguintes do Regimento Interno.

A matéria vai à Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania.

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – A Presidência recebeu o **Ofício nº S/2, de 2008** (nº 2.112/2007, na origem), da Câmara dos Deputados, submetendo à apreciação do Senado Federal a indicação do Senhor *Marcelo Rossi Nobre* para compor o Conselho Nacional de Justiça.

A matéria vai à Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania.

É o seguinte o ofício recebido:

**OFÍCIO Nº S/2, DE 2008**

(Nº 2.112/07/SGM-P)

Brasília, 11 de dezembro de 2007

**Assunto:** Indicação para o Conselho Nacional de Justiça

Senhor Presidente,

Considerando o disposto no art. 103-B, inciso XIII, da Constituição Federal, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 45, de 8 de dezembro de 2004, e no art. 5º da mesma Emenda Constitucional, comunico a Vossa Excelência que, em sessão realizada dia 5 de dezembro de 2007, o Plenário desta Casa elegeu o Senhor Marcelo Rossi Nobre para compor o Conselho Nacional de Justiça.

Atenciosamente. – Deputado **Arlindo Chinaglia**, Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – Encerrou-se ontem o prazo para apresentação de emendas ao **Projeto de Resolução nº 97, de 2007**, de autoria do Senador João Vicente Claudino, que altera a redação do art. 35 e acrescenta incisos I, II, III, IV, V e VI, do Regimento Interno do Senado Federal, para estabelecer o rito da sessão de votação em processo de perda de mandato parlamentar.

Ao Projeto não foram oferecidas emendas.

A matéria vai às Comissões de Constituição, Justiça e Cidadania e Diretora.

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – Sobre a mesa, ofício que passo a ler.

É lido o seguinte:

Of. Nº 5/2007 – GSTJER

Brasília, 9 de janeiro de 2008

Exmo. Sr. Presidente,

O Plenário desta Casa aprovou em 15-10-2007 o Requerimento de Informações nº 1.016 de minha autoria, ao Ministério do Planejamento (cópia anexa).

Em resposta ao referido Requerimento, respondeu o Ministério do Planejamento por meio do Ofício nº 476/2007 MP, datado de 22-11-2007.

Ocorre que as informações foram prestadas de forma incompleta.

O Requerimento em questão foi dividido em duas partes: a primeira solicitou o valor corrente do PIB por município, decomposto por sub-setor de atividade, com a máxima desagregação disponível. A informação disponibilizada foi a mesma que consta do sítio do IBGE, com a desagregação por grandes setores de atividade (Agropecuária, Indústria, Serviço, Administração Pública) e impostos para o ano de 2004.

Na segunda parte do requerimento solicitou-se informações relativas às variáveis que o IBGE dispõe, por conta da última apuração já publicada, do valor adicionado de cada Município, constantes do Anexo Metodológico do IBGE (indústria de transformação: saída dos produtos; construção civil: pessoal ocupado; serviços de utilidade pública: quantidade de energia elétrica consumida; comércio: saída de mercadorias; comunicações: número de terminais; serviços financeiros: aplicações e depósitos; serviços prestados às empresas: montante estimado a partir das demais atividades econômicas; demais serviços: o mesmo montante estimado). Este item não foi atendido e o IBGE limitou-se a afirmar que “tais variáveis são efetivamente utilizadas na sua construção, ou seja, fazem parte apenas do processo de elaboração dos números finais não se constituindo em informação **per si**”. Ora, toda informação final passa por um processo de co-

leta e elaboração dos dados, antes disso eles não se constituem uma informação **per si**, o que valeria para quase todos os dados divulgados pelo IBGE. Portanto, essa justificativa não é aceitável.

Por ser extenso e para melhor entendimento do aqui exposto, as solicitações constantes no Requerimento encontram-se em anexo.

Assim, solicito nos termos regimentais, com base nos § 2º do art. 5º do Ato da Mesa nº 1, de 2001, a reiteração do pedido de informações, que devem ser prestadas no prazo máximo de dez dias.

Atenciosamente, – Senador **Tasso Jereissati**.

#### ANEXO

#### REQUERIMENTO DE INFORMAÇÕES Nº 1.016, DE 2007

(Dirigido ao Ministério do Planejamento)

IBGE

Ministério do Planejamento

<http://www.ibge.gov.br/home/>

Primeiro, é pedido o valor corrente do PIB por município, decomposto por subsetor de atividade, com a máxima desagregação disponível.

Segundo, dentre as variáveis que o IBGE dispõe por conta da última apuração já publicada do valor adicionado de cada Município, constantes do Anexo Metodológico do IBGE:

- indústria de transformação: saída dos produtos
- construção civil: pessoal ocupado
- serviços de utilidade pública: quantidade de energia elétrica consumida – comércio: saída de mercadorias
- comunicações: número de terminais
- serviços financeiros: aplicações e depósitos
- serviços prestados às empresas: montante estimado a partir das demais atividades econômicas
- demais serviços: o mesmo montante estimado.

#### Observações Finais

Se houver algum impedimento a que o Senado divulgue ao público em geral as informações aqui requeridas, pedimos reportar e justificar.

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – O expediente que acaba de ser lido, será juntado ao processado do **Requerimento nº 1.016, de 2007**, e vai ao exame da Mesa, nos termos do § 2º do art. 5º do Ato da Mesa nº 1, de 2001.



**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – Sobre a mesa projetos de lei que passo a ler.

São lidos os seguintes:

**PROJETO DE LEI DO SENADO  
Nº 11, DE 2008**

**Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, com o fim de incentivar a abertura das escolas públicas nos finais de semana, feriados e períodos de recesso, para a oferta de atividades culturais, esportivas, de lazer e de reforço escolar, bem como acrescenta dispositivo à Medida Provisória nº 2.178-36, de 24 de agosto de 2001, com o propósito de ampliar o alcance do Programa Nacional de Alimentação Escolar.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido do seguinte parágrafo único:

“Art. 12. ....  
.....

Parágrafo único. Os sistemas de ensino favorecerão a abertura dos estabelecimentos públicos de ensino nos finais de semana, feriados e períodos de recesso letivo para o desenvolvimento, em prol da comunidade, de atividades culturais, esportivas e de reforço escolar, bem como para a oferta de alimentação aos estudantes. (NR)”

Art. 2º O art. 2º da Medida Provisória nº 2.178-36, de 24 de agosto de 2001, passa a vigorar acrescido do seguinte § 4º:

“Art. 2º .....  
.....

§ 4º As transferências de recursos financeiros de que dispõe este artigo devem levar em consideração o total de dias letivos, bem como, para atendimento de discentes de famílias de baixa renda, os demais dias em que as escolas ficarem abertas para a oferta de atividades extracurriculares. (NR)”

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

**Justificação**

Em um País como o nosso, marcado por elevados níveis de pobreza e de falta de oportunidades de ocupação para significativa parcela da juventude, a escola pública precisa ser levada a ampliar o seu pa-

pel. Além de exercer suas funções educativas regulares, a escola pública pode desenvolver ações mais amplas de integração social e de apoio às populações de baixa renda.

Conforme dispõe a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), o ano letivo, nos ensinos fundamental e médio, compõe-se de, pelo menos, duzentos dias. Em geral, esse} mínimo é observado. Assim, nos demais 165 dias do ano as escolas permanecem, geral, fechadas.

Ora, muitas escolas dispõem – e as demais deveriam dispor – de infra-estrutura para o desenvolvimento de atividades recreativas, culturais e de reforço dos estudos. Não parece razoável que ao longo de mais de um terço do ano civil, suas quadras esportivas, auditórios, bibliotecas e laboratórios permaneçam fechados, impossibilitando à comunidade, muitas vezes carente de serviços públicos dessa natureza, o acesso a essas instalações.

Ademais, para parcela considerável da população estudantil, as refeições proporcionadas pelos programas de merenda escolar constituem uma das mais importantes fontes de nutrientes – senão a principal. Assim, dias sem aula significam para esses estudantes, muitas vezes, privação alimentar e, em número indeterminado de casos, fome.

Para alterar esse quadro, o projeto de lei que apresento, endereçado, em seu art. 1º, à LDB, tem por escopo favorecer a abertura das escolas nos finais de semana, feriados e períodos de recesso escolar, com o fim de proporcionar o acesso da comunidade às suas instalações. A norma não é impositiva. Afinal, a simples abertura dos portões escolares não teria, necessariamente, efeitos benéficos. É preciso que os sistemas de ensino tomem providências para dotar as escolas de condições, materiais e humanas, para receber a comunidade. Desse modo, cada rede escolar pública regulamentará a forma de promover essa ampliação do papel do espaço escolar.

Quanto à alimentação escolar, os estabelecimentos de ensino localizados em áreas mais pobres devem receber prioridade das autoridades públicas. Para tanto, a presente iniciativa insere norma na Medida Provisória nº 2.178-36, de 24 de agosto de 2001, para estipular que nas transferências de recursos federais aos entes federados, no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar, sejam levados em conta os dias letivos e os dias em que as escolas oferecerem atividades extracurriculares, conforme a primeira norma proposta.

Em face do alcance social e da viabilidade financeira deste projeto de lei, solicito o apoio dos Senhores Congressistas para a sua aprovação.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – **Expedido Júnior.**

(À Comissão de Educação, Cultura e Esporte – decisão terminativa.)

**PROJETO DE LEI DO SENADO  
Nº 12, DE 2008**

**Altera a Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984 – Lei de Execução Penal, para permitir à condenada a permanência com seus filhos até a idade de três anos em estabelecimento penal.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O art. 83 da Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984, passa a vigorar acrescido do seguinte § 3º:

Art. 83. ....  
.....

§ 3º Poderá o Juiz, a requerimento da interessada e ouvido o Ministério Público, autorizar a permanência da condenada com seus filhos até a idade de três anos em área reservada do estabelecimento penal. (NR)

Art. 2º Esta lei entra em vigor 180 dias após a data de sua publicação.

**Justificação**

Nos últimos anos, o número de mulheres condenadas a penas restritivas de liberdade tem crescido significativamente. Segundo dados divulgados pelo Ministério da Justiça, existem aproximadamente 25 mil mulheres cumprindo pena nos estabelecimentos prisionais brasileiros. Por ser uma população predominantemente jovem, não são raras as situações em que mulheres ingressam no estabelecimento penal grávidas ou ali engravidam durante o período de cumprimento da pena.

A legislação em vigor já assegura à mãe presidiária e a seu filho o direito de conviverem, no estabelecimento penal, durante o período de amamentação. Acreditamos, entretanto, serem necessárias medidas para que os efeitos do afastamento da mãe encarcerada sejam minimizados para a criança.

Afinal, é sobejamente conhecido o fato de que o convívio com a mãe nos primeiros anos de vida contribui significativamente para a formação das estruturas afetivas e psicológicas do indivíduo. A literatura científica, nos campos da medicina pediátrica e da psicologia, é pródiga em análises que destacam a importância do

desenvolvimento do contato afetivo da criança com a mãe na primeira infância para a formação da personalidade. Julgamos, portanto, que a ampliação do período de contato entre a mãe internada em estabelecimento prisional e seu filho trará importantes benefícios não apenas para a criança, mas, em última instância, também para a sociedade.

Por essas razões propomos acrescentar parágrafo ao art. 83 da Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984, a Lei de Execução Penal, possibilitando ao Juiz, a requerimento da interessada e ouvido o Ministério Público, autorizar a permanência da criança com sua mãe, em área reservada do estabelecimento penal, até a idade de três anos.

Não obstante os argumentos acima expendidos, acerca da importância do contato entre mãe e filho na primeira infância, temos consciência da necessidade da análise dos múltiplos e complexos aspectos que envolvem o tema, pois é notório que os estabelecimentos prisionais podem oferecer risco à integridade física e ao desenvolvimento psíquico sadio, especialmente de crianças pequenas. Por isso, a proposição que ora trazemos à análise desta Casa estabelece a exigência de que a decisão judicial acerca da permanência da criança no estabelecimento prisional com a mãe até a idade de três anos seja precedida de manifestação do Ministério Público, que examinará, entre outros aspectos, aqueles relacionados ao estabelecimento prisional e às condições psicológicas da mãe e da criança.

A proposição ora apresentada estabelece também um prazo de 180 dias para a entrada em vigor da nova lei, tendo em vista a necessidade de os estabelecimentos penais se adaptarem à determinação, reservando e equipando áreas apropriadas para que mãe e filhos convivam.

Diante do exposto, esperamos contar com o apoio de nossos eminentes Pares no Congresso Nacional para a aprovação desta proposição legislativa.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – **Expedido Júnior.**

(À Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania – decisão terminativa.)

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – Os projetos que acabam de ser lidos vão à publicação e serão remetidos às comissões competentes.

Sobre a mesa, ofício do Vice-Presidente da Comissão de Assuntos Econômicos no exercício da Presidência, que passo a ler.

É lido o seguinte:

OF. N° 260/2007/CAE

Brasília, 18 de dezembro de 2007

Senhor Presidente,

Comunico a Vossa Excelência que na ocasião da 40ª Reunião da Comissão de Assuntos Econômicos, Ordinária, realizada em 18 de dezembro do corrente, foi dado conhecimento à Comissão e encaminhado aos seus Membros, através do OF. CAE n° 72/2007-Circular, o Aviso n° 444/GMF – Aviso n° 105/07, de 29 de novembro de 2007, encaminhando, em cumprimento ao art. 41 da Resolução do Senado Federal n° 43/01, relatório contendo as características das operações de crédito analisadas no âmbito do Ministério da Fazenda, no mês de outubro de 2007, tabela demonstrativa da Dívida Consolidada Líquida dos Estados e do Distrito Federal e a relação entre a Dívida Consolidada Líquida e a Receita Corrente Líquida dos Municípios.

Informo, ainda, que a referida Matéria deverá ser encaminhada ao Arquivo.

Respeitosamente, – Senador **Eliseu Resende**, Vice-Presidente da Comissão de Assuntos Econômicos no exercício da Presidência.

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – A Presidência determina o arquivamento do **Aviso n° 105, de 2007**.

Sobre a mesa, ofício do Vice-Presidente da Comissão de Assuntos Econômicos no exercício da Presidência, que passo a ler.

É lido o seguinte:

Of. n° 261/2007/CAE

Brasília, 18 de dezembro de 2007

Senhor Presidente,

Comunico a Vossa Excelência que na ocasião da 40ª Reunião da Comissão de Assuntos Econômicos, Ordinária, realizada em 18 de dezembro do corrente, foi dado conhecimento à Comissão e encaminhado aos seus Membros, através do OF. CAE n° 72/2007-Circular, a Mensagem n° 941 – Mensagem n° 257/07, de 5 de dezembro de 2007, encaminhando, nos termos do inciso II do art. 7° da Lei n° 9.069/95, o demonstrativo das emissões do real correspondente ao mês de outubro de 2007, as razões delas determinantes e a posição das reservas internacionais a ela vinculadas.

Informo, ainda, que a referida Matéria deverá ser encaminhada ao Arquivo.

Respeitosamente, – Senador **Eliseu Resende**, Vice-Presidente da Comissão de Assuntos Econômicos no exercício da Presidência.

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – A Presidência determina o arquivamento da **Mensagem n° 257, de 2007**.

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – Há oradores inscritos.

**O SR. EDUARDO AZEREDO** (PSDB – MG) – Sr. Presidente, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – Tem a palavra V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. EDUARDO AZEREDO** (PSDB – MG. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Eu queria apenas pedir a inscrição para uma comunicação inadiável.

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – O Senador Eduardo Azeredo está inscrito para uma comunicação inadiável.

Farei uma inversão de ordem, porque o primeiro orador inscrito seria o Senador Geraldo Mesquita que me cedeu a palavra. Todavia, como estou na Presidência, concedo a palavra ao Senador Paulo Paim, que dará início à lista de oradores, falando em substituição ao Senador Alvaro Dias.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Senador César Borges, que preside esta sessão, ontem falei desta tribuna sobre a situação da carne, a questão do arroz e fui procurado também, ontem à tarde, depois desse pronunciamento, pelos empresários do setor moveleiro.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, a indústria moveleira busca arduamente alternativas para o desenvolvimento sustentável desse importante setor da economia brasileira que, com certeza, também, gera milhões de empregos.

Em especial, eu poderia dizer que para que se mantenha a competição no mercado, gerando emprego, renda e divisas para o País, é importante que a gente discuta a questão do IPI.

Nos últimos anos, a desvalorização do câmbio, os aumentos constantes dos insumos, a demora no ressarcimento dos saldos credores dos impostos federais e estaduais para as empresas exportadoras e alguns outros fatores têm contribuído para a entrada de móveis estrangeiros no mercado doméstico, prejudicando muito esse setor.

Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, buscando a sustentabilidade e a competitividade da indústria moveleira nacional, a Associação das Indústrias de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul (Movergs) entregou-me, ontem à tarde, um documento com um panorama do setor, em que consta uma solicitação para que o Governo Federal reduza, dentro do possível, as alíquotas do IPI de 10% para 5%, dos móveis que ainda não foram contemplados

com essa redução, buscando, com isso, a igualdade de tratamentos entre as empresas do mesmo setor.

Segundo a Associação das Indústrias de Móveis do Rio Grande do Sul, essa medida pode resultar numa redução real de 4,55% no preço final da venda, por exemplo, de um estofado. E complementa, também, dizendo que essa ação resultará diretamente numa maior competitividade das indústrias dos móveis brasileiros, na geração de emprego e renda e no aumento do poder de compra do próprio consumidor, o que, conseqüentemente, aumentará a arrecadação por parte do Governo Federal.

Esse pleito, Sr. Presidente, claro que tem o nosso apoio. Cremos que a redução da alíquota do IPI com certeza ajudará muito o crescimento da indústria do setor moveleiro em nível nacional.

Sr. Presidente, Senador César Borges, quero também aproveitar este momento para falar de um tema que tem a ver com renda e emprego. Os últimos dados compilados pela Comissão de Orçamento apontam que o valor do salário mínimo – que seria em um primeiro momento algo em torno de R\$407,00, fruto do INPC mais o crescimento do Produto Interno Bruto – hoje poderia ser R\$412,40, chegando quem sabe a R\$415,00 ou R\$420,00.

Esse debate do salário mínimo vai continuar acontecendo todos os anos e é natural que assim aconteça. O salário mínimo continua sendo, no meu entendimento, o melhor distribuidor de renda deste País. Todos os indicadores até o momento demonstram que, quando o salário mínimo sobe, melhora a qualidade de vida da população mais pobre. Esse dado eu dou com certeza absoluta.

Agora, claro que eu gostaria que chegasse a R\$420,00, como prevê o projeto que tenho em debate aqui no Senado da República. Quando apresentei o projeto, eu coloquei a inflação e o dobro do PIB, que daria, praticamente, por projeção, R\$420,00. Mas vejo que pelo menos ele se aproxima já dos R\$415,00.

Mas, Sr. Presidente, na verdade, eu queria trazer a debate neste momento não só a questão do salário mínimo, mas novamente a situação dos aposentados e pensionistas. Mesmo na peça orçamentária eu percebo que a gente até avança na questão do salário mínimo, mas não avança na questão dos aposentados e pensionistas.

Há um artigo publicado hoje em **O Estado de S. Paulo** – no meu entendimento, um artigo muito qualificado – que acaba reafirmando os argumentos que eu tenho usado da tribuna, eu diria, durante décadas, lembrando a Câmara e também agora no Senado. A situação daquele aposentado que ganha o salário mínimo é de muita tristeza. Diz lá no meio do artigo:

“A continuar a política atual de não conceder ao aposentado e pensionista o mesmo percentual que é dado ao mínimo, em poucos anos, todos os aposentados brasileiros, que já ultrapassam vinte milhões, estarão ganhando exatamente um salário mínimo.”

E os dados são de um especialista, de um economista. Não é de um militante desse ou daquele partido. É por isso, Sr. Presidente, que eu gostaria muito que a Comissão do Orçamento olhasse um pouquinho para o velho PL nº 58, que vai garantir a reposição das perdas e permitir que os aposentados e pensionistas voltem a receber o mesmo percentual de reajuste que é dado ao salário mínimo.

Nesse artigo de **O Estado de S. Paulo** – não o tenho aqui, mas li a matéria –, eles entrevistam uma série de aposentados e pensionistas. E no artigo é comum haver, por exemplo, o que é citado ali. Diz que, quando a senhora ficou viúva, o correspondente de seu vencimento era oito salários mínimos. E hoje ela está ganhando dois. Então, ela diz: “Eu vivo em um condomínio. Eu pago o condomínio, luz, água. Tenho de manter a minha vida e gasto muito com remédio e saúde. Eu, que tinha um vencimento correspondente a oito salários mínimos, recebo dois”. Esse comentário é comum em todo o País. Quem ganhava quatro está ganhando um; quem ganhava três – não dá para reduzir mais – passou a ganhar um. É normal quem ganhava cinco, seis ou sete ter uma redução que ultrapassa 70%.

Por isso, no debate da peça orçamentária, tínhamos de enfocar essa questão dos aposentados e pensionistas. Se existe hoje uma política de reposição do salário mínimo, que não é a que eu gostaria – a minha era a inflação e o dobro do PIB; a inflação e o PIB somente –, temos de ter para os aposentados e os pensionistas, no mínimo, uma política semelhante, ou seja, uma política que garanta a ele o mesmo direito do percentual de reajuste concedido ao salário mínimo. Por isso, volto à tribuna, Sr. Presidente, fazendo esse apelo para que possamos pensar em uma política de reposição.

Lembro-me aqui de que, quando aprovamos naquela Comissão Mista em que fui o relator uma nova política para o salário mínimo, incluímos aposentados e pensionistas. O projeto foi para a Câmara dos Deputados, mas não foi votado até o momento. Por isso, espero que neste ano de 2008 consigamos apresentar ao País uma política de reposição das perdas dos aposentados e dos pensionistas, porque a situação, como eu dizia, é desesperadora.

Li na semana passada aqui da tribuna uma carta que a Cobap entregou nas mãos do Presidente da

República, em que pede o apoio do Governo ao PL nº 58, que está pronto para ser votado aqui na Comissão de Assuntos Econômicos. Registre-se que já havia sido aprovado nas Comissões. Veio ao plenário, voltou à Comissão de Assuntos Econômicos e está pronto também agora, eu diria, para o parecer final aqui, no plenário do Senado Federal.

Então, Sr. Presidente, é isto: fiz essas ponderações rápidas, em que citei a questão do salário mínimo, mas acabei enfocando mais a questão dos aposentados, que é...

**O Sr. Mário Couto** (PSDB – PA) – V. Ex<sup>a</sup> me concede um aparte, Senador?

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Vou permitir, em seguida, o aparte a V. Ex<sup>a</sup>.

Alguém poderia questionar: Por que ele vem tanto à tribuna para falar dessa questão? Eu só diria como exemplo: de cada cem correspondências que recebo, no mínimo 80, se V. Ex<sup>a</sup> espremer, sai sangue dos aposentados e pensionistas.

Por favor, Senador Mário Couto.

**O Sr. Mário Couto** (PSDB – PA) – Senador Paulo Paim, vou-me esforçar para poder fazer algum comentário, pois fiz uma cirurgia na boca há poucas horas, mas é um tema sobre o qual, mesmo com sacrifício, temos de falar. Senador, escolhi esse tema, este ano, para servir de bandeira. Temos de ajudar os aposentados de qualquer forma, Senador. Os aposentados brasileiros estão vivendo num regime de escravidão. Com certeza absoluta, eles não conseguem nem pagar o plano de saúde.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – O plano de saúde.

**O Sr. Mário Couto** (PSDB – PA) – Nem isso eles conseguem mais. Está muito defasada a realidade de seus salários, Senador Paulo Paim. V. Ex<sup>a</sup> é um brilhante lutador pelos aposentados. Tenho recebido também *e-mails* e, em quase todos, o nome de V. Ex<sup>a</sup> é citado, e com elogios. Temos de eleger o ano de 2008 para resolver a situação dos aposentados deste País. Incomoda muito a situação dos aposentados e nós temos, de qualquer maneira, de eleger esse tema para ser prioridade aqui neste Senado e que nós, de mãos dadas, os Senadores deste País, possamos perceber que os aposentados brasileiros vivem em situação de miséria e de escravidão. Eu quero, ao encerrar meu breve aparte, parabenizar, mais uma vez, V. Ex<sup>a</sup> e pedir-lhe que não perca esse brilho de defesa dos aposentados, que conte com mais um Senador, o Senador Mário Couto, para que possamos, neste ano de 2008, de qualquer forma, sanar este problema crônico nacional, que é a situação dos aposentados. Meus parabéns e muito obrigado.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Senador Mário Couto, quero falar da minha satisfação com seu aparte. Senador Mário Couto, essa não é mais uma questão da Situação ou da Oposição, não é uma situação, um questionamento, uma posição da base do Governo ou da Oposição.

Eu digo que nós estamos aqui, da tribuna, quase que implorando. Vamos sentar para discutir uma proposta de recuperação das perdas. Como é que vamos fazer isso? Seria muito bom que todos entendessem que essa não seria uma batalha político-partidária ou de Oposição ou de Situação.

V. Ex<sup>a</sup> lembrou, Senador Mário Couto, a questão do plano de saúde. Como se dá o plano de saúde? Você vai pagando. Se desistir e entrar num novo, você paga carência e paga mais ainda. Então, você pagou uma vida toda e, no momento em que mais precisa, em que seu salário despencou, você abandona o plano. Quem ganha? Quem ganha é o plano. E você perde todo direito. É por isso que estou animado também. Talvez consigamos, se for o caso, até fazer uma comissão especial com Senadores de todos os partidos interessados no tema, sentar, ir ao Ministro da Previdência, ao Ministro da Fazenda, sei lá, do Planejamento, ir ao Presidente da Comissão de Orçamento e discutir o tema.

Senador Mário Couto, quero convidar V. Ex<sup>a</sup> e todos os Senadores e Senadoras. No dia 27 de fevereiro, uma terça-feira, às 10 horas da manhã, vamos fazer aqui uma sessão de homenagem aos aposentados e pensionistas. Qual é a intenção nesse dia? Que os Senadores e Senadoras possam colocar o seu ponto de vista.

Qual é a melhor forma de homenageá-los? É dizer que estamos dispostos a construir uma política de recuperação das perdas. O eixo pode ser o PL nº 58. Mas pode ser que não seja também. Pode ser que alguém tenha uma proposta melhor. Nós fundimos, fazemos um projeto de acordo, votamos aqui no Senado e mandamos para a Câmara, buscando a sanção do Presidente da República.

Eu faço esta minha fala na tribuna, nesta terça-feira, porque entendo que, ao mesmo tempo em que venho à tribuna e falo dos empresários dos mais variados setores e falo do salário mínimo, não dá para esquecer daquele que gerou, digamos, toda essa economia, esse capital. Porque o trabalhador que está hoje aposentado foi aquele que contribuiu para gerar mais renda, mais capital e mais emprego para a nossa gente.

E sempre digo que há um equívoco – aí eu termino, Senador César Borges –, infelizmente, de parte do movimento sindical, que não entendeu que defender o aposentado e o pensionista é defender a categoria

que está na ativa, porque aquele que está na ativa hoje é o aposentado de amanhã. A não ser que ele fique sem emprego, sem nada, e não tenha direito sequer a se aposentar. Mas, se se está defendendo os que estão na ativa – e venho da área sindical –, é fundamental ter uma política para aquele que hoje na ativa, porque, amanhã, estará aposentado, entrará no fator e terá, portanto, uma redução salarial. E, pior, no próximo reajuste, o salário dele despenca mais; no outro, despenca mais, e assim sucessivamente.

Parece-me, todavia, que a maioria do movimento sindical já entendeu esse nosso ponto de vista. A Confederação Brasileira dos Aposentados, Pensionistas e Idosos (Copab) e as entidades sindicais vinculadas aos aposentados das mais variadas centrais estão entendendo esse ponto de vista. Estamos torcendo, Senador César Borges, Senador Azeredo e Senador Collor de Mello, que está no fundo do plenário, para que efetivamente possamos ver aprovado neste ano uma política de recuperação dos benefícios dos aposentados e pensionistas.

Aproveitando os cinqüenta segundos que me restam, digo aos senhores que eles estão lá nos assistindo neste momento. Sei disso porque, depois, eles encaminham correspondência, telefonam para o gabinete e comentam a nossa fala aqui. Eles dizem: “E aí, Paim, será que agora vai?” Eu tenho dito que tenho esperança, que não desanimem porque há possibilidade de chegarmos lá.

Mas eu não gostaria de terminar, Sr. Presidente – e sei que V. Ex<sup>a</sup> vai em seguida falar sobre isso –, sem antes dizer da nossa total solidariedade ao Senador Jonas Pinheiro, que se encontra em estado de coma em seu Estado, e também ao Senador Mercadante, que, não na mesma extensão, mas está em tratamento de saúde em São Paulo, desde antes do carnaval, e não se sabe quando ele receberá alta do hospital. Assim, eu gostaria de deixar externado aqui, a ambos os Senadores, em meu nome e tenho certeza no da Casa, a nossa total solidariedade.

Era isso, Senador César Borges.

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – Muito obrigado, Senador Paulo Paim.

Acho que toda a Casa se solidariza, neste momento, com os votos de restabelecimento de saúde dos Senadores Jonas Pinheiro e Aloizio Mercadante. Desejamos que eles se recuperem o mais rapidamente possível, para que possam contribuir novamente com este Senado. Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

Concedo a palavra, para uma comunicação inadiável, ao nobre Senador Eduardo Azeredo, pelo tempo de cinco minutos.

**O SR. EDUARDO AZEREDO** (PSDB – MG. Para uma comunicação inadiável. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, César Borges, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores, a questão que me traz a esta tribuna diz respeito a um tema que abordo desde o início do meu mandato: a necessidade de incentivo permanente à indústria do turismo.

O turismo é uma indústria que dá empregos pelo mundo todo. E o Brasil ainda carece de uma política mais agressiva no sentido da busca do turista estrangeiro e mesmo do turista brasileiro.

Para que essa política dê certo, além, evidentemente, de toda a questão da divulgação, existe o problema da infra-estrutura do País, pois os aeroportos e os portos devem ser preparados. Aumenta a cada ano o número de cruzeiros, e os nossos portos não têm preparo para atender os turistas, com exceção de um ou outro porto. E os nossos aeroportos, apesar de terem passado por melhorias significativas, especialmente no Nordeste, ainda estão carentes de obras em várias cidades e capitais, como, por exemplo, o Galeão, em seu terminal 1, que está há muitos anos necessitando de ampla reforma.

Mas, então, quero tratar de um ponto importante dessa política de atração de investimentos para o turismo. Refiro-me à inauguração, ontem, em Belo Horizonte, do primeiro voo internacional para a Europa, direto para Lisboa, pela TAP. A companhia portuguesa entendeu, há alguns anos, a importância de ousar e, assim, lançou voos diretos de várias capitais brasileiras para a Europa: Fortaleza, Recife, Natal, Salvador – Rio e São Paulo sempre tiveram voos –; depois, no ano passado, Brasília; e, agora, Belo Horizonte, que é a terceira maior cidade brasileira e nunca teve uma ligação direta com a Europa.

O voo partindo de Belo Horizonte é de nove horas, o que, para os mineiros, significa muito, porque diminui todo o tempo de espera em aeroportos em função da conexão. Ele também é um incentivo ao turismo, pois Minas Gerais possui um patrimônio histórico da maior importância, como as nossas cidades históricas, de colonização portuguesa, que são uma atração, especialmente para os nossos irmãos portugueses, que, ao verem Ouro Preto, Congonhas, Sabará, Tiradentes, São João Del-Rei, se encantam com a beleza das cidades históricas mineiras. Não podemos nos esquecer de mencionar a bela Diamantina e tantas outras cidades históricas do nosso Estado.

Lembro-me bem, Sr. Presidente, de que o ex-Presidente de Portugal Jorge Sampaio, quando esteve em Minas Gerais, na época em que eu governava o Estado, foi a Ouro Preto de helicóptero. Ao nos aproximarmos, ele ficou na verdade quase que extasiado

e disse: “Igualzinha à Coimbra a beleza de Ouro Preto”. Essa atração que as cidades históricas mineiras possuem vai ficar mais acessível com o vôo direto de Lisboa para a capital dos mineiros.

Esse avanço vai permitir retomar inclusive vôos internacionais a partir de Belo Horizonte. Já tivemos no passado vôos para os Estados Unidos. Para a Europa não havia, mas, para os Estados Unidos, já tivemos durante muito tempo. E existe a perspectiva de que também possa voltar um vôo internacional para lá, dentro de uma política de descentralização, o que é muito importante para o País.

Assim, quero cumprimentar todos os que participaram desse esforço, deixando aqui registrado o nome dos que dele participaram, a começar pelo Governador do meu Estado, Aécio Neves, os Secretários do Governador, a Secretária de Turismo, que teve toda uma atuação nesse sentido. Quero também agradecer a participação de membros do Governo Federal, como a direção da Infraero, a direção da Embratur, por meio de Janine Pires. Deixo aqui consignada a confiança de que essa é uma iniciativa que trará realmente benefícios para o turismo do nosso Estado.

Portanto, Sr. Presidente, é esta a comunicação que eu queria trazer, lembrando mais uma vez a importância do turismo como gerador de empregos para o Brasil e a importância da descentralização do sistema de aviação em todo o País, não só internacionalmente, como também nacionalmente.

Vou encaminhar, Sr. Presidente, dois requerimentos à Mesa. Um deles diz respeito ao falecimento, nesse período de férias, de recesso, do jornalista Hélio Adami de Carvalho, jornalista tradicional de Minas Gerais, um grande amigo, amigo de meu pai, amigo pessoal de toda a minha família; era um homem que dedicou toda a sua vida ao bom jornalismo, pois ia atrás da informação com responsabilidade.

Portanto, quero registrar, com pesar, o falecimento de Hélio Adami.

Outro requerimento, este de congratulações ao Desembargador Rogério Medeiros, pela sua posse no Tribunal de Justiça de Minas Gerais, no último dia 24 de janeiro de 2008.

Rogério Medeiros é natural de São João Del-Rei, construiu toda uma carreira em várias cidades de Minas Gerais...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. EDUARDO AZEREDO** (PSDB – MG) –, ...vindo, depois, a assumir a comarca de Belo Horizonte, em 1995, onde foi Corregedor de 96 a 98.

Como Desembargador, terá, sem dúvida alguma, uma atuação à altura dos interesses e da tradição de Minas Gerais.

Obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – Senador Eduardo Azeredo, agradeço a V. Ex<sup>a</sup>. Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### **REQUERIMENTO Nº 47, DE 2008**

O Senador que este subscreve, com base no Art. 222 do Regimento Interno do Senado Federal, requer seja oficiado ao Desembargador Rogério Medeiros voto de congratulações pela sua posse no Tribunal de Justiça de Minas Gerais no dia 24 de janeiro de 2008.

#### **Justificação**

Natural de São João del-Rey, Minas Gerais, cidade que tantos homens públicos deu ao Brasil, de família dedicada em bem servir na medicina e à comunidade em geral, Rogério Medeiros Garcia de Lima formou-se em 1986 pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, onde doutorou-se em Direito Administrativo.

Atuou como promotor de justiça nas comarcas de Perdões, no sul de Minas e em Raul Soares e Caratinga, na zona da mata mineira. Ingressou na magistratura em 1989 atuando como juiz em Bonfim, região metalúrgica, Visconde do Rio Branco, na zona da mata, e Montes Claros, norte de Minas.

Em meados de 1995 foi promovido a juiz da comarca de Belo Horizonte, onde foi juiz corregedor de 1996 a 1998. Antes da sua promoção a desembargador atuava como juiz titular da 2ª Vara de Sucessões e Ausência.

Assim é com grande alegria, que presto homenagem ao Desembargador Rogério Medeiros pelo seu trabalho acadêmico, pela sua atuação na promotoria, nos juizados e na corregedoria, em diversas e várias regiões mineiras, sabendo que seu apurado tirocínio, no estudo do direito e na justiça, permitirá que continue a prestar excelentes serviços à sociedade brasileira, à mineira em particular.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. –  
**Eduardo Azeredo.**

*(À Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania).*

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – O requerimento lido vai à Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania.

Sobre a mesa, requerimentos que passo a ler.

São lidos os seguintes:

**REQUERIMENTO Nº 48, DE 2008**

Requeremos, nos termos do art. 199 do Regimento Interno do Senado Federal, a realização de Sessão Especial do Senado, no dia 13 de maio do corrente ano, destinada a comemorar os 120 anos da abolição da escravatura, assinada pela Princesa Isabel no dia 13 de maio de 1888.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008.

Senador Cristovam Buarque

Senador Paulo Paim

Renan Calheiros

José Maranhão

**REQUERIMENTO Nº 49, DE 2008**

**Requer a realização de Sessão Especial Solene do Senado Federal para marcar os 200 anos da Imprensa Brasileira e homenagear o seu Patrono, Hipólito José da Costa, a ser realizada, preferencialmente, em 1º de Junho de 2008, Dia da Imprensa (Lei nº 9.831, de 13-9-1999).**

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal, Senador Renan Calheiros.

Com fundamento no disposto no inciso III do art. 154 do Regimento Interno do Senado Federal, requeremos a Vossa Excelência a realização de Sessão Especial Solene do Senado Federal, a ser marcada em data oportuna, a ser realizada preferencialmente em 1º de Junho de 2008, data esta consagrada pela Lei, nº 9.831 como Dia da Imprensa para prestar homenagens ao seu Patrono, Hipólito José da Costa, e ao transcurso dos 200 anos da Imprensa Brasileira.

**Justificação**

A proposta que encaminhamos, de realização de uma Sessão Especial Solene do Senado Federal pelos 200 anos da Imprensa Brasileira e em homenagem ao seu Patrono, Hipólito José da Costa, tem origem em manifestação da Associação Riograndense de Imprensa (ARI).

A instituição desenvolve um projeto cultural abrangente sobre o tema, com o objetivo de destacar o jornalista, advogado e naturalista brasileiro que, em 1º de Junho de 1808, colocou em circulação, em Londres, onde estava exilado, o Correio Braziliense. Foi o nosso primeiro jornal, com distribuição mensal no Brasil e em Portugal. Hipólito da Costa também é o patrono da Cadeira número 17, da Academia Brasileira de Letras, por escolha direta do seu fundador, o poeta Sílvio Romero.

A iniciativa de Hipólito de publicar um jornal independente, no qual comentava em tom crítico as decisões e políticas que a monarquia portuguesa desenvolvia no Brasil, ao mesmo tempo em que propagava idéias liberais que incomodavam a Coroa, fez dele um exemplo de coragem para a imprensa livre brasileira. Terezinha de Castro, no livro Hipólito da Costa, Idéias e Ideais, (Record, 1973), conta que ao ser questionado por escolher a Inglaterra para publicar seu veículo, o jornalista explicou que o motivo foi “a dificuldade de publicar obras periódicas no Brasil, já pela censura prévia, já pelo perigo a que os redatores se exporiam falando livremente das ações dos homens poderosos”. Ele sabia o risco que corria, pois havia fugido dos cárceres de Lisboa, onde ficou três anos e meio, processado pelo Santo Ofício sob a acusação de pertencer à maçonaria, organização considerada subversiva.

**O Correio Braziliense** teve sua circulação proibida, como de resto estava impedida de circular, no Brasil e em Portugal, qualquer publicação que não fosse antes aprovada pelas autoridades. No entanto, apesar das dificuldades e da violenta reação oficial contra o jornal e seu redator, a iniciativa obteve sucesso editorial. Tanto, que entre seus leitores estava o próprio D. João, que se interessava pelos artigos do jornalista, segundo registra Adolfo Varnhagen, em História Geral do Brasil (Melhoramentos, 1959). O objetivo do monarca, segundo diz, era não apenas buscar informação, mas, também, “receber conselhos, e até para com isso tratar de conter seus próprios ministros”.

Aí está, em poucas palavras, registrada a importância para uma sociedade de uma imprensa livre e independente, seja qual for o regime político. Tanto o cidadão comum como também os governantes podem tirar proveito. Ao longo da história, a liberdade de expressão e de imprensa, o direito do povo de ter livre acesso às informações para formação de opinião, se constituíram nos principais pilares da democracia, como acontece com os princípios definidos no art. 1º da Constituição do Brasil: soberania, cidadania, dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e o pluralismo político.

Nem sempre foi assim, tanto em nossa pátria como na história do mundo. Perseguição semelhante a que Hipólito da Costa sofreu foi testemunhada,



infelizmente, em muitos outros lugares e épocas da história.

### Formação

Nascido em 13 de agosto de 1774, na localidade de Colônia de Sacramento, fundada por Portugal e que hoje integra a República Oriental do Uruguai, Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça faleceu em Londres, Inglaterra, em 11 de setembro de 1823. Era filho de uma moça portuguesa e de um fazendeiro da Capitania do Rio de Janeiro, destacado para a região como alferes das tropas de Portugal.

Sua família foi obrigada a deixar a localidade quando Sacramento passou para o controle definitivo da Espanha. Estabeleceram-se como estancieiros no Continente do Rio Grande de São Pedro, mais exatamente na área onde hoje se situa a cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Hipólito passou ali sua adolescência e fez os primeiros estudos, formando-se depois, em 1798, em Direito e Filosofia, além de Ciências Naturais, na Universidade de Coimbra, em Portugal.

Essa formação intelectual abrangente permitiu que, no mesmo ano, fosse designado para sua primeira missão no exterior. Foi enviado aos Estados Unidos pelo ministro da Marinha e Ultramar de Portugal, dom Rodrigo Domingos de Souza, com o objetivo de observar e registrar tudo o que pudesse, desde as questões econômicas, o modo de vida, as novas técnicas, a agricultura, estradas, rios, a pesca, a arquitetura e, até, o funcionamento dos presídios e hospitais. Uma atividade que ocupou mais de um ano. A viagem rendeu um livro primoroso, que seduz pelo estilo e riqueza de detalhes, **Diário de minha viagem para Filadélfia** (1798-1799). A obra traz comentários e descrições sobre a vida no país e sua gente rude e determinada, envolvida na construção de uma nação.

De volta a Portugal, foi nomeado para a administração da Imprensa Real. Nessa época, já era ligado à maçonaria e estava impressionado a liberdade de imprensa que encontrou nos Estados Unidos. No livro **Diário**, registra uma visita ao prédio do Correio, onde observa “pelas paredes muitos editais e impressos para coisas de bagatela, porque aqui, como a imprensa é livre, tudo se imprime para maior comodidade”.

### Perseguição

Em nova viagem oficial, desta vez à Inglaterra e à França, estreitou seus laços com as lojas maçônicas. Essa atividade alertou a Coroa Portuguesa. Tanto, que na volta, em 1802, foi preso pela Inquisição. Sua permanência nos cárceres e os constantes interrogatórios que sofreu estão registrados de forma crua, no livro **Narrativa da perseguição**.

O texto, que pode ser considerado como uma grande reportagem, resume o que significou a detenção para Hipólito da Costa. Diz ele que “não obstante tudo quanto eu tinha lido e ouvido sobre a Inquisição, julgava que os procedimentos deste Tribunal não tinham já aquele caráter de crueldade, nascida da ignorância do Direito criminal de seus Ministros, e da insaciável cobiça de se aproveitarem dos bens alheios”.

Hipólito conseguiu fugir e escolheu Londres para viver e trabalhar, dedicando-se a atividades comerciais. Foi professor de português, tradutor e escritor, até decidir fundar um jornal. Entre os livros que escreveu estão o **Diário de minha viagem para Filadélfia** (1798-1799) e a tradução para o português da obra de E. Fortune, **A**

**História do Banco da Inglaterra**. Mas, foi como jornalista independente, o primeiro do Brasil, que inscreveu seu nome na história. O **Correio Braziliense** circulou de 1º de Junho de 1808 a dezembro de 1822, ano da independência do Brasil, da qual era ferrenho partidário. Esse acontecimento foi registrado, com entusiasmo, por Hipólito da Costa. No penúltimo número do jornal publicou artigo em que festejava o fato de “se ter tornado o nosso País independente e unido”. Para ele, “só a prosperidade do povo é que faz a prosperidade dos governos”.

Hipólito tinha admiração pelo liberalismo econômico inglês. Na opinião do diplomata Paulo Roberto de Almeida (**Formação da Diplomacia Econômica no Brasil**, Senac/SP, 2005), “as posições de Hipólito deram origem a uma escola de pensamento, se não protecionista e industrializante, pelo menos desconfiada do livre-cambismo e da abertura irrestrita, postura que influencia ainda hoje o universo doutrinal e político das elites brasileiras”.

Falecido aos 49 anos, marcou sua vida pelo envolvimento nas lutas políticas e pela liberdade de imprensa. Defendeu, com alto custo, sofrendo perseguições e sob a permanente ameaça de vingança da Inquisição, as idéias mais avançadas de sua época. Exilado, viveu, como disse, “o perpétuo desgosto de se banir para sempre de sua pátria”. Tinha consciência de que jamais poderia voltar a Portugal ou ao Brasil.

Hoje, seus restos mortais descansam no estrangeiro, na Igreja de Santa Maria de Hurley, no Condado de Berckshire, na Inglaterra. Uma placa, colocada pela Embaixada do Brasil, diz o seguinte:

“Aqui jaz Hipólito José da Costa 1774/1823 – Patriota Brasileiro e fundador da Imprensa Brasileira. Através do **Correio Braziliense**, publicado de 1808 a 1822, teve participação decisiva no processo da Independência do Brasil.”

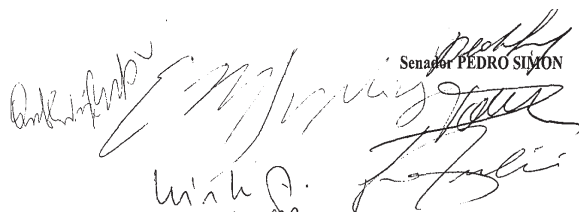
Tão ou mais significativa, é uma outra inscrição, essa anônima, mas atribuída ao seu amigo o Duque de Sussex:

“Um homem não menos distinto pelo vigor de seu intelecto e eficiência e literatura como na integridade de suas maneiras e caráter. Descendia de nobre família do Brasil, e neste país residiu nos últimos 18 anos, durante os quais, por seus numerosos e valiosos escritos, difundiu entre os habitantes daquele extenso Império o gosto pelos conhecimentos e a afeição às artes, que embelezam a vida, o amor à liberdade constitucional, fundamentada na obediência a leis salutares, bem como aos princípios de mútua benevolência e de boa vontade. Um amigo, que o conheceu e admirou suas virtudes, assim as recorda para proveito da posteridade”.

Essa é a nossa intenção, lembrar para as gerações atuais, a vida, os ideais e o exemplo de Hipólito José da Costa, Patrono da Imprensa Brasileira, marcando com uma homenagem da Sessão Especial do Senado, os 200 anos da fundação do primeiro jornal brasileiro.

Com essa iniciativa, procuramos destacar, também, e, principalmente, o valor da liberdade de expressão e da imprensa livre para uma sociedade democrática.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008.



Senador PEDRO SIMON

#### REQUERIMENTO Nº 50, DE 2008

Requeiro, nos termos do art. 199, § 1º, do Regimento Interno, a realização de Sessão Especial para comemorar o centenário da fundação da Associação Brasileira de Imprensa, a realizar-se no mês de abril de 2008.

#### Justificação

Idealizada por Gustavo Lacerda, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) foi criada em 7 de abril de 1908. Seu principal objetivo era assegurar à classe jornalística os direitos assistenciais e tornar-se um centro poderoso de ação, que pudesse abrigar todos os trabalhadores da imprensa.

Segundo Lacerda, a razão principal dos jornais deveria ser a democratização da informação, cumprindo uma função social, razão pela qual não justificava confundi-las com empresas, cuja razão principal é o lucro. Já no programa de fundação da ABI ele expunha reivindicações que só apareceriam na Revolução de

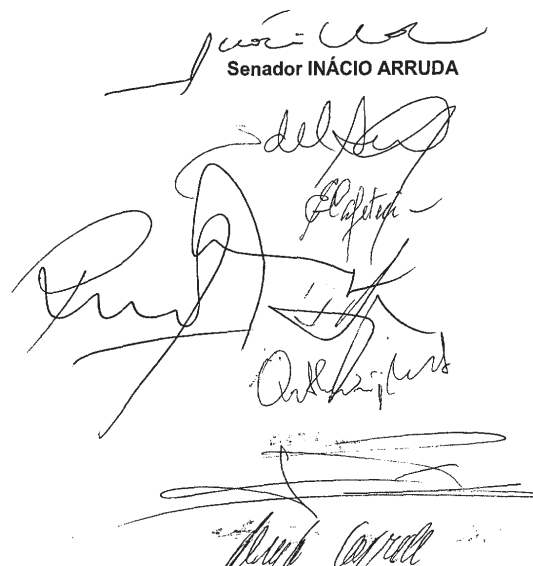
1930. É de Lacerda, por exemplo, a idéia de manter uma biblioteca aberta ao público, com o objetivo de atender não apenas às necessidades de informação cultural dos jornalistas, mas também a todo o povo da cidade do Rio de Janeiro.

Além de Lacerda, faz mister destacar outro singular ícone da história da ABI, Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho, que lutava por ideais nacionalistas e via sua profissão como um meio de levar a população brasileira à conscientização política e social. Em 1926, aos 29 anos de idade, assumiu pela primeira vez a Presidência da Casa. Durante seu quarto mandato, em 1992, foi o responsável direto pelo pedido da abertura do **impeachment** de Fernando Collor de Mello e o primeiro orador inscrito para defender o processo.

Outro fato importante a ser registrado é que a ABI nunca deixou de cumprir os objetivos que a originaram, mas se adaptou ao longo do tempo. Seus estatutos foram ajustados às diversas situações socioeconômicas da indústria jornalística. Como disse, em 1969, um ex-presidente da Casa, Fernando Segismundo, além das finalidades fundamentais, a Associação deve interpretar o pensamento, as aspirações, a expressão cultural e cívica de nossa imprensa; preservar a dignidade profissional dos jornalistas – e não apenas a de seus sócios; acautelar os interesses da classe; estimular entre os jornalistas o sentimento de defesa do patrimônio cultural e material da Pátria; realçar a atuação da imprensa nos fatos da nossa história; e colaborar em tudo que diga respeito ao desenvolvimento intelectual do País.

Assim, nada mais justo e meritório do que a realização de uma Sessão Especial, no plenário desta Casa, como forma de homenagear essa entidade, cuja contribuição para a democracia brasileira foi vital até o presente momento, e que continua deixando sua marca indelével para as gerações seguintes.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008.



Senador INÁCIO ARRUDA

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – Os requerimentos que acabam de ser lidos vão à publicação e serão votados oportunamente.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### **REQUERIMENTO Nº 51, DE 2008**

Requeiro, nos termos do inciso II art. 218 do Regimento Interno, inserção em ata de voto de pesar pelo falecimento do Jornalista Hélio Adami, ocorrido em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 7 de janeiro de 2008.

#### **Justificação**

Nascido em Caxambu (MG), a 23 de julho de 1923, filho de Antônio Augusto de Carvalho e de Julieta Adami de Carvalho, ainda jovem mudou-se com a família para Conselheiro Lafaiete, onde passou sua juventude.

Bacharel em Direito, por 55 anos trabalhou no Estado de Minas como repórter, revisor, redator e editor-geral. Atuou, também, no **Diário da Tarde** e ajudou a fundar a sucursal mineira do jornal **Última Hora**.

No governo de Magalhães Pinto, foi chefe da Casa Civil.

Hélio Adami era membro fundador da Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette, onde ocupava a cadeira nº 87, patrono Monsenhor José de Oliveira Barreto, bem como seus irmãos Monsenhor Hermenegildo Adami de Carvalho e Benedicto Adami Carvalho, ambos falecidos, e a jornalista Maria Izabel Adami Carvalho Potenza. Era casado com Tereza e deixa um filho Marcelo.

Sua atuação na imprensa foi a de um homem de visão, na opinião do jornalista Sérgio Augusto Carvalho: “Ele sabia aliar perfeitamente o lado empresarial ao da reportagem, Sabia tratar todo mundo do mesmo jeito, de igual para igual”.

Lembro-me bem da amizade de Hélio Adami e meu pai, Renato Azeredo. Eram muito unidos e eu sempre o respeitei como grande profissional da imprensa. Tinha humor fino, aquela vivacidade própria dos jornalistas.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – **Eduardo Azeredo**.

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – A Presidência encaminhará o voto de pesar solicitado.

O requerimento que acaba de ser lido vai ao Arquivo.

Concedo a palavra, para uma comunicação inadiável, ao Senador Flexa Ribeiro, pelo tempo de cinco minutos.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA. Para uma comunicação inadiável. Com revisão do orador.) – Presidente Senador César Borges, na sessão de hoje, eu gostaria de falar como orador inscrito, e não para uma comunicação inadiável, porque assim posso falar mais que os cinco minutos que V. Ex<sup>a</sup> me concederia neste caso.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o assunto que me traz à tribuna é da maior importância para o nosso País. Vêm sendo divulgados, desde o final de 2007, dados a respeito do desmatamento na Amazônia, na nossa querida Amazônia, em especial no meu querido Estado do Pará. Houve, inclusive, uma declaração da Ministra Marina Silva alardeando um desmatamento, nos últimos quatro meses de 2007, da ordem de sete mil quilômetros quadrados, dado apresentado pelo Inpe, o que a ONG Imazon não confirma, apresentando um valor muito menor do que o dado pelo Inpe.

Na mesma ocasião, o Ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, foi à imprensa dizer que a declaração da Ministra Marina Silva não condizia com a realidade. Além disso, o Presidente Lula, que, num primeiro momento, saiu em defesa da Ministra Marina Silva, inclusive, anunciando medidas punitivas, como sempre, para a questão da sustentabilidade da floresta, voltou atrás e tornou-se parceiro do Governador Blairo Maggi e do Ministro Reinhold Stephanes, dizendo que houve um erro na divulgação por parte do Ministério do Meio Ambiente e que, por sugestão sua, as organizações não-governamentais deveriam plantar árvores nos seus países e deixar de ficar agindo dessa forma em relação ao Brasil.

Ora, isso trouxe para a cena, Senador César Borges, uma discussão que envolveu um projeto, de minha autoria, que trata da flexibilização do Código Florestal. Esse projeto tem sido atacado pela mídia em função de uma declaração veiculada pela imprensa – o Secretário-Executivo do Ministério do Meio Ambiente, Dr. Capobianco, me disse hoje não ser verdadeira – de que o Ministério do Meio Ambiente estava propondo uma anistia para aqueles que tivessem devastado, desmatado a floresta além da reserva legal definida.

Eu disse ao Secretário que viria à tribuna hoje transmitir a todos os ouvintes da Rádio Senado e aos telespectadores da TV Senado que ele não fez referência àquilo que está dito na imprensa. E por quê? Por causa do projeto de minha autoria, que o Greenpeace, não sei com que intenções, mas, com certeza absoluta, não atendendo aos interesses brasileiros, dada a forma de agir, com pirotecnia, como sempre fez, não se sentando à mesa para discutir o conteúdo do projeto, resolveu estigmatizar chamando-o de Floresta Zero.

Quero dizer que o projeto que apresentei é de floresta sustentável.

É exatamente o contrário do que disse o *Greenpeace*. O projeto apenas propõe a flexibilização do Código Florestal, que é uma lei de 1965. Ao longo desses quarenta e dois anos, o Código não mostrou eficácia. A reposição da floresta, obrigatória para aqueles que tivessem aberto além da reserva legal, que deveria ser feito em 10% a cada três anos, não acontece, porque não há a resposta econômica para o reflorestamento.

Em meados do ano passado, o Ministério do Meio Ambiente propôs a discussão do conteúdo do projeto que propus, que foi enriquecido quando tramitou no Senado, e que foi aprovado aqui, por unanimidade, mas que ficou dormindo nas gavetas da Câmara Federal por dois anos. Trata-se de um projeto que, diferentemente do que vem sendo dito pela mídia, visa à preservação da floresta, porque propõe a utilização das áreas já antropizadas. E é importante que se diga que temos, na Amazônia, setenta milhões de hectares antropizados já alterados. No meu Estado do Pará, temos vinte milhões e setecentos mil hectares antropizados. Não precisamos mais, Senador João Ribeiro, derrubar uma única árvore para levar o desenvolvimento sustentável àquela região.

O meu projeto vem exatamente nesse sentido. Flexibiliza o Código Florestal, permitindo a utilização dessas áreas já alteradas até junho de 2006, definidas por imagem de satélite, para que elas tenham utilização econômica, com reflorestamento de espécies nativas ou exóticas.

O projeto não prevê utilizar essas áreas, Senador Sibá Machado, para plantar soja, para plantar cana, para plantar milho. Não, o projeto apenas define que essas áreas têm que ser reflorestadas, mas com a utilização econômica desse reflorestamento. E a reserva legal exigida pelo Código Florestal seria feita, por compensação, na mesma bacia hidrográfica, de preferência, ou numa bacia hidrográfica secundária ou no limite do Estado.

Ora, nós fizemos diversas reuniões, inúmeras reuniões, porque o projeto estava na Comissão de Meio Ambiente da Câmara Federal, que tem como Presidente o Deputado Nilson Pinto e como Relator o Deputado Jorge Cury, do DEM.

Estivemos diversas vezes com a Ministra Marina Silva, com o Dr. Capobianco, no Ministério do Meio Ambiente, com as organizações não-governamentais, com o setor produtivo, representado pela CNA e pela CNI, ou seja, fizemos um amplo debate, um profundo debate sobre o conteúdo do projeto.

Então, não posso aceitar que queiram estigmatizar esse projeto dizendo que ele define ou leva à devastação da Amazônia. Não, porque o parecer do Deputado Jorge Cury, que seria aprovado na Comissão de Meio Ambiente, foi um texto de consenso. Com o Ministério de Meio Ambiente, com a presença da Ministra Marina Silva, com a presença do Dr. Capobianco...

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Já permito um aparte a V. Ex<sup>a</sup>, que é da maior importância.

Vou repetir, foi um texto de consenso obtido com o Ministério de Meio Ambiente, com a presença da Ministra Marina Silva, com a presença do Dr. Capobianco, com a presença das organizações não-governamentais, que sentaram à mesa para discutir o projeto, e do setor produtivo. Em virtude da tramitação na Câmara Federal, ele saiu da Comissão de Meio Ambiente, onde era terminativo, e foi para a Comissão de Agricultura. O parecer aprovado na Comissão de Agricultura não é aquele parecer que foi acordado nessas reuniões a que me refiro. O que temos que fazer é deixar os extremos, Senador Sibá Machado, tanto o extremo que quer devastar, que quer derrubar, como aquele extremo que quer manter a floresta como santuário.

Pelo caminho do bom senso, pelo caminho da negociação, temos de encontrar o meio termo que venha a ser a favor do Brasil; a favor da preservação da Amazônia. Essa é a intenção do projeto que apresentei.

O meu projeto, repito, não modifica a reserva legal, que na Amazônia permanece em 80%. Com a utilização das áreas alteradas, não há necessidade de cortar nenhuma árvore sequer e todas as áreas alteradas serão aproveitadas economicamente e reflorestadas por espécies nativas ou exóticas.

Com a palavra o Senador Sibá Machado.

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – Senador Sibá Machado...

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – Eu vou ser bem breve, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (César Borges. Bloco/PR – BA) – Como o Senador Flexa Ribeiro já está há treze minutos na tribuna, eu vou conceder mais dois minutos para que V. Ex<sup>a</sup> faça o seu aparte e S. Ex<sup>a</sup> conclua o pronunciamento.

Muito obrigado.

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>. Senador Flexa Ribeiro, em primeiro lugar, acho que houve um mal entendido. O projeto de V. Ex<sup>a</sup> foi trabalhado. Desde o início conversamos sobre a idéia. Eu ouvi V. Ex<sup>a</sup>. Estivemos no Pará, visitamos a Agropalma, tomamos conhecimento daquela experiência que existe lá e tal. A idéia, qual é? Está entendida. Acho que

não foi essa a intenção do Governo, da Ministra, do Dr. Capobianco, da imprensa ou de ninguém, ao tratar do projeto de V. Ex<sup>a</sup>. O problema foi o substitutivo que a Câmara fez, que li, ontem, e do qual praticamente a sua idéia desapareceu. Ali foram colocadas tantas outras coisas que não foram fruto sequer da conversa. Então, o Governo não tem nenhuma responsabilidade com aquilo. Acho que nenhum de nós tem. Ali virou outra coisa. O que foi aquilo que nós conversamos? Existe um passivo de desmatamento na Amazônia, que é do conhecimento de todos. Diz-se que esse passivo é de 220 mil hectares. V. Ex<sup>a</sup> disse que não se pode mexer no Código Florestal; os 80% estão mantidos...

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Não, na reserva legal, por causa do Código.

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – É por causa do Código. O que foi acrescentado? Disseram que a Vale do Rio Doce precisava de madeira para fazer carvão vegetal, lembraram a questão de espécie para o biodiesel e uma série de outras coisas. No projeto de V. Ex<sup>a</sup> está: “(...) recuperar o passivo com espécies nativas e também exóticas.” Esse foi o ponto do debate que o Senador Flexa Ribeiro apresentou aqui no Senado e lá. Ao chegar à Câmara o debate tomou uma configuração que gerou isso, mas não há nenhum tipo de contraponto a sua idéia inicial. Agora temos de enfrentar essa realidade que a Câmara apresentou, que foge completamente de qualquer lógica daquilo que foi conversado, e eu participei daquela conversa com V. Ex<sup>a</sup>. Portanto, não houve nenhum tipo de desagravo...

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – Já vou encerrar Sr. Presidente. Portanto, eu acho que nada melhor do que repormos o debate no seu devido lugar. Realmente, a forma como a Câmara trabalhou na Comissão da Agricultura só serviu para uma coisa: atrapalhar, e muito, qualquer tipo de negociação que estava sendo feita.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Agradeço o aparte do nobre Senador Sibá Machado, que enriquece o pronunciamento e quero pedir o apoio a V. Ex<sup>a</sup>.

Eu tentei um contato com a Ministra Marina da Silva ontem e hoje – parece-me que ela está viajando hoje. Eu pedi ao Dr. Capobianco que ela me concedesse uma audiência para que nós reabrissemos o diálogo. E eu quero pedir ajuda a V. Ex<sup>a</sup>, que conhece profundamente o projeto, para que nós possamos, na Comissão de Meio Ambiente da Câmara, a que ele retornou...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – ... para que possamos retomar aquela negociação, que foi feita, longamente, no último semestre de 2007, da qual algumas vezes V. Ex<sup>a</sup> participou. Então, eu quero pedir a V. Ex<sup>a</sup> que possamos ir juntos à Ministra Marina Silva, para que possamos reabrir na Comissão de Meio Ambiente a negociação, de tal forma que possamos aprovar esse projeto, porque tenho absoluta certeza de que ele é benéfico para o Brasil. Ele vai ao encontro do que a Ministra sempre apregoou, que é o desenvolvimento sustentável, a utilização da floresta para beneficiar os seres humanos.

Lamentavelmente me dizem que eu sou ruralista. Respeito a atividade rural, mas não tenho nenhuma atividade rural. Já disseram que eu sou escravagista. Ainda hoje a brilhante jornalista Miriam Leitão fez uma referência à Senadora Kátia Abreu e a mim, dizendo que o projeto que eu apresentei era conseqüência da nossa ida à Pagrisa, com relação à trabalho escravo.

Quero aqui dizer de novo: o que verificamos na Pagrisa não tem nenhuma relação com trabalho escravo. Lamentavelmente, ainda não aprofundamos o debate, e o Senador Sibá Machado sabe disso, mas temos que fazê-lo. O que havia lá seriam incorreções...

**O SR. PRESIDENTE** (Eduardo Azeredo. PSDB – MG) – Senador Flexa Ribeiro, solicito que V. Ex<sup>a</sup> conclua seu pronunciamento.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Assim que concluir meus vinte minutos...

**O SR. CÉSAR BORGES** (PR – BA) – Senador Flexa Ribeiro, não são vinte minutos; são dez.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Antes da Ordem do Dia, são vinte, Senador César Borges.

**A Sr<sup>a</sup> Kátia Abreu** (DEM – TO) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Continuando o raciocínio, o que vimos lá foram falhas e imperfeições que poderão ser, e foram, sanadas. Então, continuo com a mesma idéia. Não defendo e não há brasileiro nenhum que defenda trabalho escravo; pelo contrário, damos total apoio ao grupo de combate ao trabalho escravo.

O projeto apresentado por mim e que está na Comissão de Meio Ambiente da Câmara vem para ajudar o Brasil, vem para tornar sustentável o desenvolvimento não só da Amazônia, mas de todo o País.

Concedo o aparte à Senadora Kátia Abreu.

**A Sr<sup>a</sup> Kátia Abreu** (DEM – TO) – Obrigada, Senador Flexa Ribeiro. Eu gostaria apenas de fazer uma consideração e lamentar que V. Ex<sup>a</sup> não seja um ruralista, porque essa não é a sua atividade. V. Ex<sup>a</sup> não sabe o privilégio que V. Ex<sup>a</sup> teria se fosse um produtor

rural, um empresário rural. Essa atividade me honra e dela me orgulho bastante.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Teria muita honra em ser um produtor rural.

**A Srª Kátia Abreu** (DEM – TO) – Se algumas pessoas consideram “ruralista” um nome feio, na minha concepção e no Estado em que moro, é um privilégio, quer seja pequeno, médio ou grande, ser um produtor rural, um ruralista. Elogiam o agronegócio brasileiro, que é responsável por 1/3 das exportações, 1/3 do emprego, 1/3 do PIB, mas parece que esse agronegócio não é feito pelos ruralistas, pelas mãos dos ruralistas, pelos tratores dos ruralistas, pela pecuária, pela suinocultura, pela bovina de corte, pela fruticultura deste País. Todo esse grande agronegócio, que representa esses três indicadores tão importantes do País, vem das mãos desses ruralistas. Infelizmente V. Exª não é, mas eu sou, e com muito orgulho. Então, quero convidar V. Exª para essa atividade tão extraordinária que é produzir alimentos para o Brasil e para muitos lugares do mundo. Obrigado, Senador.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – V. Exª, Senadora Kátia Abreu, tem toda razão. Eu disse e digo, com um lamento: não sou ruralista, porque não sou dessa atividade. Não sou, mas, defendo a produção rural, defendo a geração de emprego e vou defendê-la em qualquer atividade. Acho que temos de atender as pessoas, dando-lhes condições dignas de sustento as suas famílias, dando-lhes emprego e renda. O agronegócio é um dos pilares da economia brasileira. Então, temos de ser a favor. Eu apenas não exerço essa atividade, mas a defendo.

Senadora Rosalba Ciarlini.

**A Srª Rosalba Ciarlini** (DEM – RN) – Eu queria aqui somar com essa sua defesa do agronegócio, até porque sou de um Estado pequeno, mas que tem na atividade da fruticultura irrigada uma importância muito grande para gerar emprego e renda. Quero aqui complementar para a Senadora Kátia Abreu, que é ruralista, que realmente ser ruralista é motivo de orgulho. Já dizia Abraham Lincoln: “Sem a vida do campo não existe vida na cidade.” Então, precisamos valorizar cada vez mais aqueles que, no dia-a-dia, estão no campo, com o suor do seu rosto, produzindo para que as cidades estejam vivas no Brasil.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Agradeço, Senadora Rosalba, pelo seu aparte e concordo plenamente com V. Exª.

Meu Estado tem no agronegócio um dos seus pilares da economia. Tem o quarto maior rebanho do Brasil...

*(O Sr. Presidente faz soar a campainha.)*

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – ... é o maior produtor de óleo de palma do Brasil e tem uma capacidade de produção de grãos nas áreas já antropizadas, dentro dos 20%. Repito, Senador Azeredo: o projeto não autoriza plantio de cana, de soja, de milho ou de qualquer grão dentro da área da Reserva Legal, só nos 20%, como já permite hoje o Código Florestal. Na área da Reserva Legal, que pode ser compensada dentro do mesmo Estado, deverá ser feito reflorestamento com espécies nativas ou exóticas.

Só para concluir, quero aqui fazer um apelo, como já fiz uma solicitação para o Senador Sibá, para que a Ministra Marina reabra o diálogo, conceda uma audiência, para que nós possamos, junto com a Comissão de Meio Ambiente da Câmara, chegar ao texto que venha beneficiar o Brasil como um todo.

Obrigado, Senador.

*Durante o discurso do Sr. Flexa Ribeiro, o Sr. César Borges, 3º Secretário, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Eduardo Azeredo.*

**O SR. PRESIDENTE** (Eduardo Azeredo. PSDB – MG) – Obrigado, Senador Flexa Ribeiro, foram 23 minutos. V. Exª conseguiu os vinte minutos e um pouquinho mais.

Concedo palavra ao Senador César Borges.

**O SR. CÉSAR BORGES** (Bloco/PR – BA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente Eduardo Azeredo, Srªs Senadoras, Srs. Senadores, li com muita satisfação o editorial de ontem de *O Estado de S. Paulo* sobre saneamento no Brasil, intitulado “Atenção ao Saneamento”.

Destaco esse fato porque, em primeiro lugar, **O Estado de S. Paulo** chama a atenção para a retomada dos investimentos nesse importantíssimo setor da infra-estrutura brasileira. Saneamento significa saúde para a população. Quando se disponibiliza água tratada de boa qualidade em quantidade suficiente para uma população, em particular a população urbana, está-se assegurando a essa população mais tempo de vida, mais tempo de saúde, mais tempo de produção para todo o País, para si e para sua família. No momento em que se assegura esgotamento sanitário para uma população, estão-se também diminuindo os índices de mortalidade, principalmente infantil, que leva milhares de brasileiros a morrer a cada ano devido a doenças veiculadas de forma hídrica.

É possível destacar que há um aumento no setor do investimento para a área de saneamento no Brasil e que isso advém de um marco regulatório que foi, no ano passado, votado nesta Casa, num trabalho fruto de iniciativa dos Presidentes do Senado e da Câmara

dos Deputados, que constituíram uma comissão mista. Essa comissão se debruçou sobre a questão do marco regulatório do saneamento, que estava tramitando há uma dezena de anos. Nós conseguimos rapidamente, através dessa formulação engenhosa de uma comissão mista, aprovar o marco regulatório nas duas Casas, negociando inclusive com o Governo Federal.

Destaca **O Estado de S. Paulo** que “a roda do saneamento que estava parada começou a girar, disse o Presidente da Abcon (Associação Brasileira das Concessionárias Privadas de Serviços Públicos de Água e Esgoto), Yves Bessa. Destaca ainda que “é um fato alentador, pois saneamento é um dos setores mais carentes de investimentos públicos e privados. Apesar de sua importância para a saúde da população, o esgotamento sanitário ainda é o serviço público menos difundido nos municípios brasileiros.”

Todos os municípios brasileiros, lamentavelmente, ainda têm algum tipo de deficiência em saneamento básico. Pesquisa recente feita pela Fundação Getúlio Vargas constata que apenas 47% da população brasileira dispõe desses serviços públicos essenciais e básicos como o setor de saneamento. E diz mais: “cerca de cem milhões de brasileiros vivem em precárias condições sanitárias.”

Essa é a questão, Sr. Presidente Eduardo Azevedo, V. Ex<sup>a</sup> que foi Governador do grandioso Estado de Minas Gerais, com mais de setecentos municípios – hoje, são 853 municípios – que vai do riquíssimo Triângulo Mineiro à região de Juiz de Fora, também muito rica e desenvolvida, mas que tem o Vale do Jequitinhonha, com condições semelhantes de desenvolvimento – infelizmente, para Minas e para nós – a uma das regiões mais pobres do Nordeste brasileiro. Então, sabe V. Ex<sup>a</sup> também da carência desses serviços de saneamento básico.

É muito importante que possamos aqui ressaltar o trabalho feito pelos Senadores que constituíram aquela Comissão, como de todos os Srs. Senadores que aprovaram o marco regulatório. Meu discurso é para destacar a importância do marco regulatório, que traz segurança jurídica para aqueles que desejam investir em qualquer setor, principalmente no setor básico, como o saneamento. O setor precisava dessa segurança para voltar às inversões. E falo não apenas de inversões provadas, mas também de inversões públicas, em que o Governo Federal, por meio de suas linhas de financiamento com a Caixa Econômica Federal, usa recursos do FAT, usa recursos do BNDES. O Governo Federal, a Caixa Econômica, o BNDES, os governos estaduais, os municípios e as empresas privadas podem investir na saúde do povo brasileiro, investindo em saneamento. Para cada real investido

em saneamento, poupam-se R\$ 4,00 no serviço de saúde, porque vão se prevenir doenças.

É claro que é preciso haver segurança de que esses investimentos serão mantidos.

Quero destacar aqui, Sr. Presidente, neste momento, a importância de um marco regulatório. Em menos de um ano de aprovado esse marco regulatório, já o setor de saneamento recebe recursos substanciais. Não é o necessário ainda, mas já é algo. É um grande início.

Concedo um aparte à Senadora Rosalva Ciarlini com muito prazer.

**A Sr<sup>a</sup> Rosalba Ciarlini** (DEM – RN) – Senador César Borges, quero parabenizá-lo por essa sua preocupação, essa sua luta, esse seu trabalho, que venho acompanhando durante todo ano. Quando V. Ex<sup>a</sup> fala da questão da saúde, podemos aquilatar o valor do saneamento básico, porque, na realidade, cada real investido em saneamento básico representa R\$ 4,00 que poupamos na saúde. V. Ex<sup>a</sup> foi Governador e eu tive essa experiência numa cidade, que encontrei com apenas 8% saneada e deixei com quase 60%. Tive a oportunidade de acompanhar, com a curiosidade de médica, a avaliação das áreas com saneamento completo, fazendo um comparativo com as doenças existentes anteriormente. Eram áreas onde havia tido até cólera. Depois de totalmente saneadas, diminuíram principalmente as doenças da infância.

**O SR. CÉSAR BORGES** (Bloco/PR – BA) – E a mortalidade infantil.

**A Sr<sup>a</sup> Rosalba Ciarlini** (DEM – RN) – A mortalidade infantil. Então, o nosso cuidado, pertinente à sua preocupação, é no sentido de que os investimentos que existem ainda são poucos – não estamos aqui para dizer que o Governo também não esteja preocupado. É preciso mais? Sim, mas eles devem ser permanentes, e não sejam por apenas um ano ou dois anos, porque as cidades crescem e vão precisando sempre de saneamento. Ainda existem muitas áreas críticas, com dificuldades imensas por este Brasil afora. E há um outro detalhe também, que é importante para o seu Estado: o saneamento não é apenas saúde, é também geração de emprego. Não se pode ter turismo sustentável sem saneamento básico; cidades crescem, muitas vezes por necessidade, verticalmente, sem saneamento básico. Na minha cidade, depois de saneada, indústrias chegaram justamente porque havia saneamento básico. A importância é tão grande que quero aqui me somar a V. Ex<sup>a</sup> e também parabenizá-lo, porque V. Ex<sup>a</sup> tem sido admirável por essa sua preocupação.

**O SR. CÉSAR BORGES** (Bloco/PR – BA) – Muito obrigado, Senadora. Honra-me seu aparte e suas apreciações. Trata-se de um setor básico para o de-

envolvimento de nossas comunidades. V. Ex<sup>a</sup> tocou em um ponto muito importante. Não podemos ter desenvolvimento econômico e social sem saneamento básico.

Salvador tinha 25% da sua população atendida com esgotamento sanitário. Por meio de um programa chamado Bahia Azul, foi possível elevar hoje esse atendimento para quase 80% da população de Salvador. É uma grande capital, uma das mais bem atendidas em esgotamento sanitário.

Espero que todos os Governos, todas as esferas governamentais – a federal, a estadual e a municipal – possam continuar trabalhando nesse sentido. Há previsão de investimentos, até 2010, de R\$17 bilhões para o setor, inclusive recursos oriundos do Governo Federal, como eu já disse, da Caixa Econômica Federal, do BNDES, do FAT, e também das companhias públicas e privadas, por intermédio das parcerias, das PPPs.

Espero, Sr. Presidente, que o Senado Federal, o Congresso, continuem com a agenda positiva, a fim de que possamos votar essas regulamentações, os marcos regulatórios, que são importantes para todos os setores, como eu já disse. Foi importante para o saneamento, no início de uma retomada para o investimento do setor, que, lamentavelmente, estava cada vez mais reduzindo a sua parcela de investimento. Inclusive destaco o fato de que estava havendo uma redução, até 2006, para 0,8% de incremento de pessoas atendidas por saneamento básico, quando, em décadas passadas, já havia chegado a quase 2% e foi reduzido para 0,8%, mas agora é reiniciado o movimento, pelo marco regulatório, para novos investimentos desse setor.

Destaco esse papel do Senado, para manter a linha de propor para este ano uma Agenda Positiva para que possamos regulamentar vários setores que, lamentavelmente, ainda precisam do apoio da regulamentação, para manter as nossas agências autônomas, a fim de que essas agências tenham também liberdade orçamentária, financeira, recursos humanos disponibilizados suficientes para que possam atuar e que a sociedade e o Congresso Nacional cobrem das agências que cumpram o seu papel.

Então, Sr. Presidente, reivindicando recursos para o saneamento, que são essenciais para a melhoria da qualidade de vida da nossa população e, por outro lado, destacando o papel realizado por esta Casa e pelo Congresso Nacional ao votar o marco regulatório do saneamento, quero deixar esta mensagem de que possamos neste ano também continuar esse avanço no setor de saneamento e na legislação, para aperfeiçoar os investimentos e a segurança jurídica de todos os

que investem nos setores públicos de infra-estrutura tão importantes no Brasil.

Muito obrigado pela tolerância, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Eduardo Azeredo. PSDB – MG) – Senador César Borges, sou testemunha, desde as comissões, do seu trabalho. Participamos daquela discussão, que realmente trouxe uma legislação mais moderna para o Brasil. É fundamental esse investimento na área de saneamento.

Ainda na semana passada, pude aqui prestar uma homenagem ao ex-Governador de Minas Hélio Garcia, que sempre enxergou essa importância – eu dizia de uma obra na Grande Belo Horizonte de US\$300 milhões à época. E era uma obra basicamente debaixo das ruas – além de canalizações que pude fazer já com contrato que tinha sido negociado por ele.

De maneira que o tema é muito importante, como bem disse a Senadora Rosalba. A questão do saneamento está intimamente ligada à saúde do povo brasileiro.

**O SR. CÉSAR BORGES** (Bloco/PR – BA) – Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Eduardo Azeredo. PSDB – MG) – Com a palavra a Senadora Kátia Abreu e, em seguida, a Senadora Rosalba.

**A SRA. KÁTIA ABREU** (DEM – TO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Obrigada, Sr. Presidente.

Colegas Senadoras e Senadores, voltamos agora do nosso recesso e quero dizer da nossa alegria e do ânimo novo que nos aguarda para este ano.

Chegamos ao Congresso Nacional com tantas novidades, Sr. Presidente, que não sei por onde começo. Pela farra dos cartões corporativos? Pela ganância desesperada e afoita do Governo? E isso depois de brigar tanto para não ter o fim da CPMF. O Governo não podia existir sem CPMF. O Brasil ia sair da América Latina, não ia fazer parte do mapa da América Latina se a CPMF acabasse. E, para a surpresa do contribuinte, o ano de 2008 começa com as notícias sobre esse festival, essa farra dos cartões corporativos.

Mas também o Brasil encontrou uma publicação interessantíssima com relação ao Ministério do Meio Ambiente e sobre a devastação da Amazônia, Sr. Presidente, que assustou, com razão, todo o Brasil, pois é uma área que interessa não só a nós, mas a todo o mundo, uma área que é posse de todos os brasileiros. É de interesse de todos os brasileiros o bioma Amazônico. Nós temos problemas terríveis nessa região. Os produtores rurais hoje têm que deixar uma reserva de 80% nas suas propriedades rurais.

Mas eu gostaria aqui de lembrar, Sr. Presidente, que o maior proprietário da Amazônia Legal, do bioma



amazônico, o grande proprietário, o grande latifundiário da Amazônia é o Governo Federal: 76% das terras da Amazônia, segundo o Incra, que é um órgão do Governo Federal, 76% das áreas da Amazônia são da União, quer sejam terras devolutas, quer sejam terras indígenas, quer sejam unidades de conservação ambiental.

Sendo assim, Sr. Presidente, com esse número divulgado pelo Incra, ao longo do tempo, nós podemos sugerir que o Governo Federal é um péssimo produtor rural, é um péssimo proprietário de terras, não sabe cuidar do patrimônio – que não é seu, que é do povo brasileiro.

E nós vimos também com muita tristeza a Ministra Marina Silva acusar as *commodities*, e indiretamente os produtores de soja e de carne, pela grande devastação na Amazônia. O que me impressionou sobremaneira foi a acusação incisiva, firme em cima de um criminoso, quando há tantos crimes na Amazônia.

Senador Flexa Ribeiro, V. Ex<sup>a</sup> conhece muito esse assunto, pois é do Estado do Pará, um dos centros do bioma amazônico. Por que será que a Ministra Marina Silva, que é uma mulher inteligente – ou não seria Ministra de Estado nem teria chegado ao Senado Federal, com tantas dificuldades –, insiste em culpar apenas os produtores de soja e os pecuaristas da Amazônia por essa grande devastação?

Vimos alguns colonistas, algumas pessoas inteligentes deste País também suspeitarem dessa acusação tão grave, tão incisiva e tão injusta. Em todos os segmentos do mundo, em todas as profissões, em todas as atividades, inclusive na dos ambientalistas e das ONGs ambientalistas, há pessoas honestas e pessoas desonestas, há pessoas que cumprem a lei e pessoas que descumprem a lei. Por isso, vir de uma Ministra de Estado uma acusação tão incisiva contra um único setor nos traz muita estranheza.

Quando S. Ex<sup>a</sup> publica que o desmatamento na Amazônia diminuiu, ela não atribui o fato à queda do preço das *commodities*; alega competência própria, do seu Ministério, e do Ibama. Quando a devastação aumenta, os preços das *commodities* são os culpados.

Sr. Presidente, fico bastante intrigada – assim como todo o Brasil, que conhece o setor rural – com essas acusações, porque o grande e único fiscalizador dos desmatamentos é o Ibama, com seus órgãos espalhados por todos os Estados do Brasil, com suas regionais, seus fiscais, veículos e tudo o mais.

Sabemos muito bem, principalmente nós produtores rurais, que esse período de devastação na Amazônia não é próprio para o desmatamento com finalidade da produção agropecuária, porque é um momento de

chuva pesada, quando não se consegue desmatar quer seja de motosserra, quer seja de machado.

Então eu pergunto, Sr. Presidente: por que essa culpa tão pesada em cima apenas dos produtores rurais e dos assentados da reforma agrária, que também viraram os grandes algozes do desmatamento? E pergunto à Ministra Marina Silva, Senadora: o que ela tem a dizer a respeito dos madeireiros da Amazônia? Refiro-me aos madeireiros irregulares, porque não quero aqui cometer o mesmo crime que ela, de acusar toda uma categoria por uma prática ilegal.

Quero aqui declarar que na Amazônia temos, sim, produtores de madeira, madeireiros regulares, que andam na linha, na lei e na ordem. Mas temos madeireiros irregulares em grande quantidade, inclusive, como apareceu no Estadão, na semana passada, uma serraria irregular e um desmatamento dentro das terras do Incra, na Amazônia. O Governo tem de nos dar satisfação pela omissão em relação a esse crime ambiental, por ser um mau zelador do patrimônio público e permitir que essas serrarias ilegais devastem o nosso patrimônio e o nosso bioma amazônico. Agora, os algozes são os produtores rurais, proprietários de 26% dessa terra?

**O Sr. Flexa Ribeiro (PSDB – PA)** – Permite-me V. Ex<sup>a</sup> um aparte, Senadora Kátia Abreu?

**A SRA. KÁTIA ABREU (DEM – TO)** – Pergunto à Ministra Marina Silva: como foram retiradas essas madeiras da floresta pelas estradas? Como essas madeiras chegaram aos portos? Como essas madeiras chegaram aos grandes centros, sem que os fiscais de V. Ex<sup>a</sup>, do Ibama, possam ter visto ou detectado?

Toda essa madeira precisa de um documento chamado DOF (Documento de Origem Florestal), que é a licença de origem para o transporte. São toras monumentais! São toras de construir prédios! Como é que passaram essas toras ou essas madeiras cercadas debaixo dos postos de fiscalização do Ibama, sem que os fiscais as tenham visto?

O que aconteceu com esse pessoal? Estava todo mundo de férias nesses sessenta dias, quando se devastaram milhares de quilômetros quadrados de Amazônia? E agora a culpa é apenas dos assentados da reforma agrária? Ora, eles são jogados na Amazônia, assentados de qualquer jeito, sem infra-estrutura, sem condições de financiamento, sem condições de compra de calcário, de fertilizante, e são obrigados, a cada dois anos, a desmatar mais três hectares de terra, porque, entre o meio-ambiente e seus filhos, é claro que essas famílias da reforma agrária, esses pais ficarão do lado dos seus filhos, porque têm de alimentá-los.

Assentamentos feitos de forma indevida e seres humanos sendo tratados como animais da floresta.

Eles não têm outra opção, pois, apesar de gostarem da floresta, são obrigados a desmatar, a cada dois anos, mais um pedaço, para aproveitar a força da terra, haja vista que o Governo não tem políticas públicas para que essas terras possam ser fortificadas com calcário, fertilizantes e com os defensivos que devem ser usados na lavoura tecnificada.

Concedo o aparte ao Senador Flexa Ribeiro.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Senadora Kátia Abreu, quero parabenizá-la pelo seu pronunciamento. V. Ex<sup>a</sup> defende, de forma veemente, o setor produtivo brasileiro, na mesma linha da minha atuação. Nós temos de desenvolver, gerar emprego de forma sustentável e, assim, defender todas as atividades que estão na legalidade, como V. Ex<sup>a</sup> diz. Nenhuma ilegalidade será por nós defendida, seja qual for o segmento produtivo em que ela se encontre. Se o Governo brasileiro tivesse vontade política para resolver o problema, faria o zoneamento econômico-ecológico de todos os Estados brasileiros, porque ele iria definir, com isso, as áreas que poderiam ser de atividade intensiva, as áreas de preservação, as áreas de manejo, e não teríamos nenhum problema com relação a essa questão que, passa tempo, volta tempo, vem pela mídia, de devastação, de desmatamento. Agora, não há recurso para fazer o zoneamento econômico-ecológico e, o que é pior, não há vontade política, porque é muito mais fácil ficar atacando o setor produtivo, ficar atacando aqueles que geram emprego como sendo responsáveis por uma devastação que, como V. Ex<sup>a</sup> diz, muitas vezes é propiciada pelo próprio Governo, com os assentamentos irregulares e desumanos feitos pelo Incra. Parabéns.

**A SRA. KÁTIA ABREU** (DEM – TO) – Obrigada, Senador Flexa. Eu queria apenas, Sr. Presidente, que os meus colegas Senadores e Senadoras pudessem me dar mais um minuto de atenção com relação a três datas relacionadas à questão da Amazônia.

Publicou-se nas manchetes esta semana que o Governo, o Ministério do Meio Ambiente daria uma anistia para quem tinha desmatado até 50%. Mas eu gostaria aqui de fazer um reparo, Sr. Presidente. O Ministério do Meio Ambiente, quando fez essa proposta, não soube sequer explicar a proposta e deixou a imagem na imprensa de que estaria dando uma remissão, um perdão, uma anistia...

*(Interrupção do som.)*

**A SRA. KÁTIA ABREU** (DEM – TO) – ... aos produtores rurais da Amazônia. Mas, na realidade, Sr. Presidente, estaria apenas fazendo um reparo no direito adquirido exercido. De 1934 até 1965, o primeiro Código Florestal brasileiro permitia que, em todo o Bra-

sil, se desmatasse 25% da área, independentemente de ser no Norte, no Sul ou no Centro-Oeste. Então, os produtores rurais desmataram obedecendo a esse Código Florestal, de 1934.

Posteriormente, veio o novo Código Florestal brasileiro, em vigor de 1965 até 1997, que alterou esse percentual e determinou que, na Amazônia, seria de 50% a área que o produtor poderia desmatar e de 20% no restante do País.

Uma terceira mudança, Sr. Presidente, e última definiu a área de reserva de 80% na floresta e de 20% no restante do País, mas de 35% no cerrado da Amazônia. Isso prejudicou enormemente o meu Estado do Tocantins, que, quando era Goiás, obedecia ao índice de 20%, mas que, por uma simples divisão geográfica, passou a ter uma reserva de 35%.

Quero aqui defender, Sr. Presidente, o direito adquirido exercido. O Ministério não pode exigir de pessoas que cumpriram a lei no passado, atendendo à legislação de 25% e à reserva legal de 50%, que agora, com a mudança da lei, façam o resgate e o replantio dessas áreas em 80%. Isso fere o direito adquirido, Sr. Presidente, e é responsabilidade do Estado brasileiro, uma vez que temos isso previsto na Constituição, que determina que, nesses casos, é o Poder Público que tem de regenerar e fazer jus ao que ocorreu com a mudança das leis.

Então, repito, Sr. Presidente: depois que foi definida a reserva de 80%, daí para frente, os produtores novos, que sabiam que a reserva é de 80% e desmataram mais do que 20%, estão errados, estão contra a lei, estão desobedecendo a lei. Entretanto, aqueles que, no passado, quando a lei permitia, desmataram 50%, esses precisam ver as suas terras regularizadas, porque não conseguem financiamento nos bancos, e é a favor desses produtores que nós estamos pedindo a regularização, Sr. Presidente.

Quem é da área urbana e não conhece a atividade rural, com razão, poderia perguntar: como é que se vai comprovar se aquele cidadão desmatou antes da lei que permitia 50% ou antes da lei que permitia 80%?

Sr. Presidente, nós temos imagens de satélites desde 1970. O Governo brasileiro tem essas imagens, laudos agrônômicos. Mas, se não quer confiar nos agrônomos do País, que se peguem as imagens de satélites, porque vamos enxergar e ver com precisão qual é o produtor rural que desmatou 50%, quando a lei permitiu, e aquele que descumpriu a lei e desmatou mais de 80% quando a lei não permitia. É isso que nós estamos procurando.

Nós não estamos procurando anistia! Nós não estamos procurando perdão! Nós estamos procurando justiça e a razão.

Nós não podemos ter um País que até o mesmo o seu passado é inseguro. Nós não podemos fazer com que as leis feitas no passado sejam desrespeitadas, porque foram feitas pelo Congresso Nacional. Se se decidiu mudar a lei em prol do meio ambiente, não tenho nada a discutir; só quero que se respeite o direito de propriedade neste País, Sr. Presidente.

Quando dizemos direito de propriedade, a grande maioria das pessoas pensa que nós estamos falando apenas de propriedades rurais. Direito de propriedade é uma coisa muito maior do que isso, e todos nós sabemos disso. Não há país que tenha se desenvolvido ou crescido sem o fortalecimento desse direito em todos os níveis, quer seja no campo, quer seja na cidade.

Para encerrar, Sr. Presidente, eu gostaria também de tratar de um terceiro assunto que nos surpreendeu na volta do nosso recesso, que foi o descumprimento da promessa do Governo de não aumentar os impostos com o fim da CPMF, sem ao menos ser discutido pelo Congresso Nacional, aproveitando a calada da noite do recesso parlamentar e aumentando as alíquotas de IOF e contribuição social sobre o lucro líquido. Alterar a carga tributária, Sr. Presidente, pegou de surpresa todos os brasileiros, ao verem o Chefe de Estado, o Chefe da Nação brasileira descumprir a sua palavra diante da televisão junto com os seus Ministros.

Eu quero aqui lembrar a vocês, amigos do Brasil, que essa alteração do IOF e da contribuição social sobre o lucro líquido, feita no recesso parlamentar, vai dar para o Governo mais R\$13 bilhões. Mas quero aqui destacar, Senadora Rosalba que, em relação apenas ao IOF, os R\$10 bilhões do IOF, quase 40% dessa arrecadação, R\$3,6 bilhões, vai atingir o coração da classe média baixa deste País, dos pobres e dos trabalhadores.

Nós estamos aqui, Sr. Presidente, com a conta da arrecadação que passou o IOF de 1,5% para 3% mais uma taxa fixa de 0,38%. Isso vai acarretar aumento de custo para você, aposentado que trabalha e pede o crédito consignado; para o servidor público que tem crédito consignado; para a pessoa física que pega crédito consignado no banco, consignado ao seu salário, ao seu salário duro no final do mês, nas suas compras e serviços financiados; você que financia nas Casas Bahia, na Riachuelo, em qualquer casa de crédito do País, em qualquer crediário, em qualquer loja de crediário, você vai pagar mais imposto quando for comprar à prestação por precisar; você que usa o seu cheque especial para cobrir a falta do seu salário vai ter aumentado o seu imposto.

*(O Sr. Presidente faz soar a campainha.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Efraim Morais. DEM – PB)

– Para concluir, nobre Senadora.

**A SRA. KÁTIA ABREU** (DEM – TO) – O crédito direto ao consumidor, aquele CDC – quase a maioria dos brasileiros vive dele –, aquele empréstimo de doze a dezoito meses, vai aumentar. Para você produtor rural que compra máquinas e implementos agrícolas, o crédito rural de 5 milhões de agricultores rurais neste País terá também um aumento, assim como as operações de câmbio das exportações. Exportadores do Brasil, vocês que já viram diminuir suas exportações em 2007 – suas exportações aumentaram apenas em 16% enquanto as importações deste País aumentaram em 32% –, a sua situação vai piorar porque vai haver o ônus do IOF nas exportações, coisa que não acontecerá nas importações do Brasil.

Apenas para exemplificar, Sr. Presidente, peço mais dois minutos da sua paciência e dos colegas.

**O SR. PRESIDENTE** (Efraim Morais. DEM – PB)

– V. Ex<sup>a</sup> terá os dois minutos, nobre Senadora.

**A SRA. KÁTIA ABREU** (DEM – TO) – Muito obrigada, Sr. Presidente.

Você, consumidor que faz uso de CDC, imagine que você vai ao banco pedir um empréstimo de R\$5 mil para cobrir alguma despesa ou para fazer algum tipo de negócio ou investimento na sua família. Se fizer esse financiamento em 36 meses, com juros de 4,5% ao mês, vai pagar a mais, no final desse contrato, R\$218,00, que é o preço de uma boa cesta básica mensal para uma família.

Você, dona de casa que deseja tanto uma geladeira que custa R\$1,5 mil, financiada por 24 meses, você vai pagar quase R\$50,00 a mais no custo de sua geladeira tão sonhada, tão sofrida. Cinquenta reais para quem está gastando R\$78 milhões na farra dos cartões corporativos pode não ser nada, mas para uma família de baixa renda pode significar a conta de luz no final do mês.

Você, trabalhador, pai de família, jovem que precisa de um carro popular de R\$25 mil financiado em 60 meses, por conta do IOF que o Governo aumentou, você vai pagar R\$1.561,00 a mais no seu carro, pelo qual você pagaria, ao final, R\$44 mil, quase o dobro do carro, em 60 meses. Você cliente do cheque especial – o que é muito natural, hoje a maioria da população, o brasileiro vive pendurado no cheque especial, pois o salário não dá –, você vai passar a pagar agora, por causa do IOF, uma taxa de quase R\$60 a mais se utilizar 10 dias por mês, durante um ano, seu cheque especial de R\$1 mil.

**O SR. PRESIDENTE** (Efraim Morais. DEM – PB)

– Para concluir, nobre Senadora.

**A SRA. KÁTIA ABREU** (DEM – TO) – Sr. Presidente, para concluir.

Segundo um estudo do Cepea feito pelo professor Geraldo Barros, que é uma das sumidades deste País com relação a essa questão, o IOF vai onerar de 1% a 1,6% a carga tributária no setor rural, no agronegócio, o que representa, para vocês terem uma idéia, um aumento de R\$355 milhões de IOF no custo de produção total do agronegócio brasileiro, da agropecuária brasileira. Sr. Presidente, R\$355 milhões de IOF equivalem a 7 milhões de sacas de soja, 4,8 milhões de arrobas de boi e 12,9 milhões de sacas de milho.

É esse o presente que o Governo nos deu no final do ano.

E os encargos que o setor rural tanto solicitou, juros de 8,75% para 6,75%, lá para a Paraíba também, Sr. Presidente, vai ter uma redução, uma perda de 19% de IOF. Obrigada, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Efraim Morais. DEM – PB) – Senadora, peço a V. Ex<sup>a</sup> que conclua o seu discurso.

**A SRA. KÁTIA ABREU** (DEM – TO) – Sr. Presidente, mais uma vez, muito obrigada. Infelizmente, deixo aqui essas más notícias com relação à devastação da Amazônia, à falta de competência e capacidade do Ministério, à questão dos impostos que aumentaram exorbitantemente, embora o Brasil precise diminuir esses impostos, e à farra do cartão corporativo.

Não estamos começando o ano com boas notícias. Mas espero que o Senado Federal possa, mais uma vez, como fez com a CPMF, continuar lutando para que nós possamos levar mais alegria e esperança ao povo brasileiro.

Obrigada, Sr. Presidente.

*Durante o discurso da Sra. Kátia de Abreu, o Sr. Eduardo Azeredo, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Efraim Morais, 1º Secretário.*

**O SR. PRESIDENTE** (Efraim Morais. DEM – PB) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> e concedo a palavra à Senadora Rosalba Ciarlini, por cessão de tempo do Senador José Agripino.

V. Ex<sup>a</sup> dispõe de 10 minutos, Senadora.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente, Senador Efraim, eu vou tentar, em 10 minutos, resumir ao máximo este assunto que para nós, nordestinos, é de uma importância muito grande.

Quando nós falamos da transposição do São Francisco, principalmente nós que somos do Estado da Paraíba, do Rio Grande do Norte, do Ceará e de Pernambuco, sabemos o quanto é importante.

**O SR. PRESIDENTE** (Efraim Morais. DEM – PB) – Esta Presidência saberá ser tolerante com V. Ex<sup>a</sup>.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Antes, porém, eu gostaria de parabenizar a Senadora Kátia Abreu, já que abdiquei de fazer um aparte a S. Ex<sup>a</sup>, pelas comparações que fez, mostrando com clareza ao povo brasileiro o quanto estamos sendo sacrificados com essas medidas sobre o IOF. O Governo Federal descumpriu a sua palavra aqui colocada para todos os Senadores de que não iria aumentar a carga tributária, mas fez disso um presente de começo de ano. Quero dizer mais: realmente, enquanto se aumenta essa carga, nós estamos vendo a farra, a exorbitância nos gastos com cartões corporativos, 11 mil cartões usados sem nenhum critério.

Gastaram dinheiro do povo, dinheiro suado dos nossos impostos, do imposto pago pelo povo brasileiro. Os recursos saíram de forma desrespeitosa, de forma errônea, de forma que realmente precisamos apurar. E a CPMI será, se Deus quiser, instalada, para termos toda a apuração e conhecermos melhor, com mais transparência, como são feitos esses gastos.

Sr. Presidente, agora retorno ao nosso assunto, à questão que hoje, quando da reunião da Comissão de Direitos Humanos, foi de uma importância muito grande. Sabemos que, quinta-feira, vamos ter uma audiência pública em plenário, por solicitação do Senador Suplicy, para discutir as questões do rio São Francisco – existe polêmica, uns são favoráveis; outros, não –, com a presença, inclusive, do Bispo D. Cappio, que fez greve de fome. Poderia ter feito de sede, para saber como os nordestinos, quando morrem de sede, o que sentem.

Hoje, na Comissão de Direito Humanos, houve uma audiência para avaliação e versão preliminar do exame e revisão periódica universal dos direitos humanos. Já avançamos muito, é verdade, mas muito ainda temos a avançar. Não tiro aqui nenhum mérito do Governo, seja do Governo do Presidente Lula, ou do seu antecessor, que começaram a criar mecanismos, como também deste Congresso, que criou mecanismos importantes, como a Lei Maria da Penha, como o Estatuto da Criança e da Adolescência, que tratou da questão do idoso, do deficiente. Tudo isso hoje tem sido mais debatido. Mas falar sobre o rio São Francisco é falar também de direitos humanos.

Na Comissão, foi incluído o nome também de Aldo Pagotto, o Presidente da Comissão em Defesa da Transposição do São Francisco da cidade da Paraíba. Gostaria muito de que todos os Presidentes das Comissões que hoje existem em cada Estado pudessem ser convidados.

Fizemos essa solicitação, sabendo que o número de pessoas que estarão presentes como convidados a participar e expor suas opiniões é muito importante. Por que a importância da presença de Dom Aldo Pagotto, como seria muito importante a presença de D. Heitor Sales, de D. Matias, de Dom Eugênio Sales, que sempre foi um defensor das questões de água para a nossa região e para o nosso Nordeste? Para não ficar essa imagem que muitas vezes se tem de que, se um Bispo fez uma greve de fome contra a transposição, toda a Igreja é contra. Não. Vamos trazer convidados aqui exatamente para que haja o contraditório, para que exponham as suas necessidades. Falo como nordestina do Rio Grande do Norte, Estado que necessita dessa água não para fazer áreas de lazer, não para fazer projetos mirabolantes, mas para matar a sede do nosso povo, para dar oportunidade de o pequeno irrigante ter água viva e condições de sobreviver ao seu trabalho, à sua pequena criação.

Por isso, quero falar, desde já, do nosso entusiasmo com o debate, com a certeza de que não podemos parar, de forma alguma, obra tão importante, de valor incomensurável para o nosso Estado, para nossa região, de valor inestimável. Ela não pode ser protelada. Ela está acontecendo. Esperamos que os recursos continuem e que o Governo cumpra com a sua parte nas questões das cidades ribeirinhas, Senador César Borges, da sua Bahia, nas questões do saneamento dessas cidades, nas questões do apoio à revitalização do rio.

Nós que precisamos dessa água, mais do que nunca, queremos o rio São Francisco vivo, pois não adianta transpor e depois termos algum prejuízo.

**O Sr. Antonio Carlos Valadares** (Bloco/PSB – SE) – V. Ex<sup>a</sup> me concede um aparte, Senador Rosalba?

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Pois não. Concedo sim, Senador. É um prazer muito grande ouvir a sua opinião.

**O Sr. Antonio Carlos Valadares** (Bloco/PSB – SE) – Senadora Rosalba Ciarlini, acho que V. Ex<sup>a</sup> toca num assunto que efetivamente é polêmico, em que os dois lados defendem ardentemente as suas propostas. Sou de um Estado, Sergipe, cuja população tem sido a mais prejudicada com a construção das chamadas hidrelétricas, que, sem dúvida alguma, colaboraram para o desenvolvimento da nossa região, mas, por via de conseqüência, produziram, pelo menos para os pescadores, para o meio ambiente, prejuízos muito grandes para a bacia do rio São Francisco localizada entre Sergipe e Alagoas. Lá, os peixes praticamente desapareceram, os pescadores recolheram as suas

redes e não estão tendo mais como obter uma remuneração condigna com a sua sobrevivência.

De outro lado, penso que o mais importante, neste instante, já que o Governo está disposto a realizar a transposição, é que a Câmara dos Deputados cumpra aquilo que o Senado Federal já fez, qual seja, aprovar a nossa proposta, que prevê a destinação de mais de R\$250 milhões para a revitalização do rio São Francisco. Então, pediria a V. Ex<sup>a</sup>, Senadora Rosalba Ciarlini, que, juntos, pudéssemos lutar a favor da revitalização do rio São Francisco. Ou seja, vamos, em conjunto, fazer uma comissão e pedir ao Presidente da Câmara dos Deputados que coloque como prioridade o que já está na pauta há quase cinco anos, a proposta da revitalização do rio São Francisco, sem ter sido votada. Já que V. Ex<sup>a</sup> luta pela transposição, vamos lutar pela revitalização do rio, porque vai proporcionar, inclusive, mais segurança a esse projeto de objetividade duvidosa, uma vez que deveria, como V. Ex<sup>a</sup> falou, atender às pequenas populações que não dispõem de recursos hídricos e não aos grandes projetos de irrigação, que certamente serão propostos ao longo da execução desse projeto.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Senador Antonio Carlos Valadares, quero agradecer a sua contribuição, a sua opinião. V. Ex<sup>a</sup> é sergipano, e cada um fica defendendo o seu Estado, o que é melhor para o seu Estado. Acho que, realmente, é importante que Sergipe, que distribui, por meio de hidrelétricas, por meio de barragens, energia para as mais diversas regiões do nosso País, tenha compensações, sim. Que não receba apenas a compensação, que é natural, que já existe, dos *royalties* ou do imposto a mais que chega ao seu Estado. Mas que tenha compensações em obras.

Sabemos que existem formas de revitalizar essas áreas para que o pescador volte a ter o peixe e, também, outras formas de sobreviver. Pode haver revitalização nas áreas marginais do rio, para que possa haver também oportunidade para a agricultura irrigada, pois sua região também, seu solo é de oportunidades.

Quero ressaltar, Senador, que queremos exatamente que a água chegue ao nosso Estado, onde realmente há seca, pois se trata da região mais árida de todo o Brasil. Trata-se do semi-árido, que se estende de Pernambuco, passando pelo Ceará, ao Rio Grande do Norte.

Portanto, essa água é de uma importância muito grande para o desenvolvimento, para a vida. Mas nem por isso estamos aqui querendo tirar o direito que têm o seu Estado e o Estado da Bahia, que será um dos fornecedores. Há o rio São Francisco que leva água para uma vasta região da Bahia, e sei que há regiões

na Bahia e no seu Estado, imensas, que também sofrem os efeitos da seca, em que a água não chega. Mas existem outras formas de serem beneficiadas, de serem recompensadas.

O que não queremos é que, em função de debates, de mais discussões, de mais contraditórios, se atrase uma obra de importância tão grande, aguardada desde a época do Império. Essa questão foi levantada pela primeira vez nesta Casa por um Senador cearense e já foi bastante estudada.

Não é possível que, em tantos anos, depois de tantos estudos, tanta análise e levantamentos, tudo isso tenha sido em vão. Temos o exemplo não só de outros países, mas também dentro do nosso País, de rios. É claro que não o Rio São Francisco, um rio que leva o nome do Santo dos pobres, para ajudar os pobres da Região Nordeste, do nosso Estado, do nosso Rio Grande do Norte, do seu Estado, Senador Efraim, do querido Estado paraibano. Agora que estamos aqui, faremos esse debate, vamos participar e realmente apresentar a nossa defesa pela transposição, respeitando também o pensamento, o ponto de vista de cada um que quer defender o seu Estado. Mas não é porque a Bahia, Sergipe ou qualquer outro Estado do Brasil esteja contrário que vamos, de forma alguma, abaixar a cabeça e deixar de lutar por algo, Senador Agripino, que é importantíssimo para todos nós. Precisamos fazer com que o Rio Mossoró se torne perene. E não é somente isso, mas que tenha condições de levar água para as mais diversas regiões do nosso Estado, que, mesmo sendo abastecido por um determinado sistema, está sofrendo. Tenho, lá no Seridó, a questão de Currais Novos, uma sede imensa. Eu gostaria de conceder um aparte para o Senador César Borges, se V. Ex<sup>a</sup> permitir, Sr. Presidente, já que ultrapassei o tempo. Gostaria de ouvir esse ilustre baiano e também o nosso Líder, o Senador José Agripino.

**O SR. PRESIDENTE** (Efraim Morais. DEM – PB) – Esta Presidência concede mais dois minutos a V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. César Borges** (Bloco/PR – BA) – Senadora Rosalba Ciarlini, quero lhe dizer que entendo perfeitamente a veemência com que V. Ex<sup>a</sup> defende – e o faz porque é o seu dever, faz com satisfação – algo que entende que vai trazer melhorias para a população e desenvolvimento para o seu Estado. Eu a aplaudo por isso. Entretanto, tenho que alertá-la para a possibilidade de que estejam lhe vendendo uma quimera, uma miragem, de que isso não vá acontecer porque, como dizem, o transporte de 60m<sup>3</sup> para os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco não vai efetivamente fazer essa transformação, não vai atender à pobreza. Os projetos para o eixo norte

visam a atender os grandes projetos de irrigação. O Rio Grande do Norte tem hoje segurança hídrica com os grandes açudes. Lamentavelmente, as obras a jusante não foram feitas. Sabe bem V. Ex<sup>a</sup> da grande obra que é o Armando Ribeiro Gonçalves, mas as águas desse grande açude não estão sendo utilizadas nos projetos em que deveriam ser utilizadas, muito menos atendendo a toda população pobre. Poderia ser feito muito mais com essas águas. E verificamos que V. Ex<sup>a</sup> está preocupada, por exemplo, com os cartões corporativos. Somando-se todas as despesas dos cartões, chegaremos a R\$100 milhões, R\$200 milhões. Nessa obra vão se gastar R\$4,5 bilhões até 2010. Alerto V. Ex<sup>a</sup> de que, aí sim, deve-se preocupar com a aplicação desses recursos. E nós temos, na Bahia, 360 mil quilômetros quadrados de semi-árido que não estão sendo atendidos absolutamente em nada. Temos mais de um milhão de hectares disponíveis para irrigação à margem do rio que também não estão sendo atendidos. O rio está morrendo, não está sendo revitalizado. Então, nós temos que contrapor esses pontos para que o seu entusiasmo traga resultados para o povo do Rio Grande do Norte. Aplaudo V. Ex<sup>a</sup>. Considero-a uma Parlamentar com vivência muito grande como prefeita e como médica e que faz isso com a maior boa-fé. Aplaudo a sua posição, entretanto, quero alertá-la: fique atenta para esses pontos, para que o debate possa trazer a sua consciência um esclarecimento e cobrar posteriormente os resultados, se essa obra ainda chegar ao seu desiderato, ao seu final.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Senador César Borges, com sua experiência, com sua inteligência, estou sempre aprendendo um pouquinho mais. Mas dizem que toda mulher é persistente e teimosa. Continuo a dizer que os recursos para a revitalização do rio, os recursos para o atendimento ao seu semi-árido o Governo tem; não faz porque se sabe que infelizmente está nessa farra do cartão corporativo, que são milhões comparados com os bilhões da transposição.

Teremos que estar lá acompanhando a transposição. Vamos ver as obras, vamos ver se chega. Do cartão corporativo foi feito fumaça, está sendo feito fumaça. Nós não estamos sabendo onde foi nem quantos milhões foram sacados. Quando as investigações, com certeza, forem mais detalhadas, esses recursos poderão até ser bem maiores. Nós não sabemos; precisamos de mais transparência.

Com relação ao Rio São Francisco, pode ser que eu tenha sonhos apenas, mas, se nós perdermos a capacidade de sonhar, jamais chegaremos a realizar algo. Só que esse sonho eu não sonho só. E sonho, quando é sonho em conjunto, se transforma em reali-

dade. Se Deus quiser, vai se transformar em realidade para o bem dos nordestinos do meu Estado, da Paraíba, de Pernambuco, do seu Estado também e de todos que precisam de água da Bahia, de água para matar a sede, porque é diferente. É água para matar a sede água viva para manter a pequena atividade. Se não é para conter a questão de grandes empreendimentos, estamos aqui para lutar também e, em primeiro lugar, para que os pequenos tenham vez. Todos são produtores, todos vão dar trabalho e renda para este País através da fruticultura, da irrigação. Então, devemos defender o trabalho, valorizando também a oportunidade para os pequenos.

Ouçó o Senador José Agripino.

**O Sr. José Agripino** (DEM – RN) – Senadora Rosalba, eu me apressei em chegar ao plenário para poder apartear-la e cumprimentá-la pela oportunidade do discurso. É evidente que as opiniões são divergentes. Respeito a opinião do Senador César Borges, baiano, que tem razões locais para se posicionar contra a transposição. Mas S. Ex<sup>a</sup> é um homem de bom senso, equilibrado, que sabe, como eu sei, que, por exemplo, a transposição das águas do Rio Colorado, nos Estados Unidos, feita com uma luta sangrenta que determinou a perda inclusive de muitas vidas, possibilitou, apesar do debate acalorado, que o Arizona e a Califórnia se transformassem de terra árida em celeiro para boa parte dos Estados Unidos, a partir da produção da agricultura irrigada, para não falar dos benefícios diretos da disponibilidade de água numa área onde não havia água alguma. Senadora Rosalba, V. Ex<sup>a</sup> sabe tanto quanto eu que o nosso Rio Grande do Norte, que é um beneficiário importante do projeto da transposição, não tem um único rio perene, um só, unzinho só. Como é importante um rio perene ao longo de muitos quilômetros para se puxar água de beber para o ribeirão ou puxar água de irrigação para gerar emprego ou acumular água para criar peixe ou usar a água para melhorar a qualidade de vida das pessoas. E por que vamos defender o egoísmo de as águas do São Francisco serem apenas para aqueles que estão situados nas suas margens? Penso que o projeto da transposição é um projeto de solidariedade nordestina e brasileira, porque é a redistribuição de oportunidades. Aquilo que aconteceu, há algumas décadas, nos Estados Unidos, temos que ousar a repetir agora no Nordeste, com a transposição do São Francisco. Ah, mas vai secar o São Francisco! Três por cento da vazão que vai embora para o mar! Qual é o problema? São estudos técnicos de gente de responsabilidade. E não haver o princípio da solidariedade, de se dar ao Piauí, que é tão pobre, ao Ceará, ao Rio Grande do Norte, à Paraíba, a Pernambuco, que são tão pobres,

a oportunidade que têm os Estados que dispõem das margens do São Francisco?! Temos que nos irmanar, temos que ser racionais para discutir esta questão à luz da fraternidade nordestina. Quero que a Bahia, que Sergipe, que Alagoas cresçam, vão para a frente, agora, quero também ter direito a uma oportunidadezinha. A Barragem de Oiticica, que é parte do complexo da barragem da transposição do São Francisco, que vai perenizar o nosso Rio Açu, junto com a Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, consta nas nossas preocupações, da bancada que alocou, dentre as emendas coletivas, dinheiro para fazer a Barragem de Oiticica, que é uma obra federal.

Já imaginou a barragem de Santa Cruz alimentada pela transposição do São Francisco, alimentando todo o Rio Mossoró perenizado? A riqueza decorrente disso? Não é só acumular água, é transformar rio seco em rio perene. E com o rio perene surgirão mil oportunidades que V. Ex<sup>a</sup> com propriedade defende, com o meu absoluto endosso.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Senador, foi muito interessante o seu aparte, mostrando com muita clareza a este plenário e ao Brasil a importância do tema, com detalhes.

Com relação à barragem Santa Cruz, também estão no Orçamento recursos para que possam ser feitos projetos dos canais que levem a irrigação. Com a transposição perenizando o rio Mossoró, a barragem de Santa Cruz poderá transformar toda a região da Chapada do Apodi, que são as terras mais férteis entre as mais férteis do Brasil, e transformar milhares e milhares de hectares em trabalho e renda para o nosso povo, gerando milhares de empregos. Como V. Ex<sup>a</sup> sabe, cada hectare numa irrigação gera três empregos diretos. Imagine os indiretos.

Muito obrigada, Sr. Presidente, pela paciência. Um minutinho só, Senador Cícero, para que eu possa concluir o meu pensamento sobre essa questão da barragem e sobre os recursos que estão no Orçamento.

O que nós precisamos é ter um Orçamento cujos recursos, que foram colocados pela bancada, realmente cheguem ao Estado para que o Governo do Estado e dos Municípios possam fazer. Nós colocamos, Senador José Agripino, os recursos. A emenda foi coletiva até mesmo para os canais de irrigação, inclusive por sugestão do Presidente Garibaldi Alves Filho, assim como colocamos uma emenda coletiva para a barragem de Oiticica por sua indicação, porque V. Ex<sup>a</sup> vem batendo há anos nessa questão. Mas os recursos não saem.

Então precisamos realmente que o Senado faça uma reformulação para termos um orçamento que seja cumprido de acordo com a vontade do povo – porque nós trazemos aqui a vontade e a necessidade do nosso

povo –, e não que fique como há anos. Reclama-se, fala-se, e os parlamentares ficam sendo relegados às suas necessidades de recursos no seu Estado, que são colocados para beneficiar questões importantíssimas do nosso povo. Nós ficamos com o pires na mão, mendigando, muitas vezes sendo interpretados, de forma errônea, como se estivéssemos trocando favores para poder ter aquilo que é direito do nosso povo e que é usurpado do orçamento que nós colocamos de forma consciente com toda a bancada.

Senador Cícero.

**O Sr. Cícero Lucena** (PSDB – PB) – Senadora Rosalba, quero me somar a todos aqueles que a cumprimentam por este pronunciamento de quem conhece, viveu e vive a realidade do Estado do Rio Grande do Norte, mas conhece também os problemas que afligem boa parte dos Estados nordestinos. Hoje pela manhã, numa audiência pública conjunta da Comissão de Direitos Humanos e outras comissões, quando discutíamos a questão de direitos humanos, fui informado dos convidados para a próxima sessão que ocorrerá sobre a transposição das águas do Rio São Francisco, na próxima quinta-feira, às 9 horas. A sugestão do Senador Eduardo Suplicy de que fosse feita aqui no plenário foi acatada e aceita pelo Presidente Garibaldi Alves Filho. E naquela oportunidade eu defendi a presença do Arcebispo da Paraíba, Dom Aldo Pagotto, que é o Presidente do comitê em favor da transposição das águas do Rio São Francisco na Paraíba e também o coordenador nacional da pastoral da criança, da CNBB.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Senador Cícero, eu já tinha, no início do pronunciamento, inclusive, me colocado parabenizando essa sua iniciativa e a aprovação para que ele estivesse aqui presente, até para mostrar ao Brasil que um bispo fez greve de fome, mas que não é esse o sentimento da Igreja. Pelo contrário.

**O Sr. Cícero Lucena** (PSDB – PB) – Exatamente, Senadora. E para minha alegria, quero comunicar que Dom Aldo não poderia estar aqui presente, porque coordenará, exatamente na quarta-feira, quinta-feira e sexta-feira, em João Pessoa, na Paraíba, o Encontro Regional de Arcebispos e Bispos. Mas após ter sido feito o apelo para aprovação do seu nome, quero afirmar que ele confirmou sua presença. Vai sair de madrugada de João Pessoa, direto para a sessão, e retornará em seguida, dando uma demonstração da importância da transposição das águas para nosso povo. Como bem disse o Senador José Agripino, não é possível que alguém possa negar um copo d'água. É importante a irrigação? É. A geração de emprego é fundamental? É. Agora, quanto à água para beber,

tenho certeza de que ninguém terá capacidade de negar a um povo que muitas vezes tem o feijão para cozinhar, mas não tem a água para ferver o feijão. O Senador José Agripino citou o Colorado. Eu cito aqui, Senador José Agripino, o Rio de Janeiro. O que seria daquele Estado se não fosse feita a transposição do Rio Paraíba do Sul? Então, tanto eu como o Senador Efraim Morais, que preside a sessão neste instante, somos de um Estado que já tem como nome Paraíba, que em tupi quer dizer “rio ruim”. Espero que esse Rio Paraíba possa ser perenizado, garantindo água para o povo de Campina Grande e da região e, num futuro bem próximo, inclusive para os habitantes da grande João Pessoa, para poderem beber e fazer uso dessa água, que não é só daqueles que estão às margens do rio, mas de todo o povo brasileiro. Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Efraim Morais. DEM – PB) – Peço que conclua, Senadora.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Sr. Presidente, eu vou concluir.

**O Sr. Romeu Tuma** (PTB – SP) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um segundo, Senadora?

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Pois não, Senador.

**O Sr. Romeu Tuma** (PTB – SP) – Desculpe, mas a senhora usou uma expressão que realmente me confundiu um pouco pela sensibilidade. Em sua exposição, a senhora falou em água viva. É uma coisa tão maravilhosa que me fez lembrar de um batizado a que compareci. O padre, na hora do batismo, pegou a concha de água e disse: “A água é vida.” Por isso que se batizam as pessoas com a água: porque ela é vida. Então, não há como se negar a ninguém o direito à água, como disse o Senador. Não vou entrar no mérito do São Francisco, mas fico amargurado com isso.

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Romeu Tuma** (PTB – SP) – Então, quero cumprimentar V. Ex<sup>a</sup>. Vamos lutar para termos sempre água viva, para que toda a sociedade brasileira possa dela dispor.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – É verdade, Senador, a água é vida. E nós estamos agora na campanha da fraternidade em defesa da vida. Então, água também para salvar a vida daqueles que não estão tendo esse direito.

Eu gostaria aqui de falar, Sr. Presidente, complementando, mais uma vez, sobre a presença de Dom Aldo Pagotto, que é muito importante. Pena que não tenham sido convidados todos os presidentes das comissões estaduais em defesa da transposição, bem como figuras exponenciais que têm um brilho maravilhoso, que nos ilumina e nos abençoa, como – Dom



Aldo Pagotto vai estar aqui – Dom Heitor Sales, D. Matias, que são os Bispos do nosso Estado, e estão todos em defesa da nossa transposição.

Para finalizar, eu gostaria só de agradecer os apertes, a contribuição. E na quinta-feira nós teremos aqui, com certeza, um debate bastante produtivo: em defesa da vida – água para aqueles que precisam.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um breve aparte? Peço só trinta segundos.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Eu peço permissão à Mesa, já que passamos do tempo.

**O SR. PRESIDENTE** (Efraim Morais. DEM – PB) – Exatamente trinta segundos.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Pois não, Senador Suplicy.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – É para reforçar, Senadora Ciarlini, como será importante o debate. E eu gostaria de reiterar o convite a todos os Senadores e Senadoras para, quinta-feira, a partir das 9 horas, participarem do debate com o Ministro Geddel Vieira, Dom Luiz Flávio Cappio, Dom Aldo Pagotto, o Deputado Ciro Gomes e quatorze pessoas que, de maneira equilibrada, vêm ponderar a favor e com outro ponto de vista – contrário ou crítico – ao projeto sobre as águas do Rio São Francisco. Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> por trazer o tema ao Plenário do Senado.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Eu agradeço também, Senador, a lembrança, porque V. Ex<sup>a</sup> falou do ex-Ministro Ciro Gomes, que, quando foi Governador do Ceará – eu o acompanhei, porque a minha cidade faz limite com o Ceará, e é o Vale do Jaguaribe. Em um momento crítico, de muita dificuldade, de crise, em Fortaleza, foram as águas do Jaguaribe, por intermédio de um canal de transposição, que deram vida àquela cidade. Foi também muito bem lembrada a cidade do Rio de Janeiro, que deve ao Vale do Paraíba, ao rio Paraíba, a sua água, que também foi transposta.

Senador Cícero, se Paraíba – eu não sabia, apesar de ter morado lá por três anos fazendo o curso de Medicina – quer dizer “rio ruim”, nunca vi uma terra que tem um nome que significa “rio ruim” ter gente tão boa, como é o povo paraibano.

Muito obrigada, Sr. Presidente.

O Senador José Nery ainda deseja um aparte, mas infelizmente o meu tempo já está esgotado.

**O SR. PRESIDENTE** (Efraim Morais. DEM – PB) – Concederei ao Senador José Nery a palavra, para uma questão de ordem.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Já abusei da boa vontade do Sr. Presidente. Agradeço.

**O SR. PRESIDENTE** (Efraim Morais. DEM – PB) – V. Ex<sup>a</sup> teria mais 10 minutos, pela sua última frase, pelo tratamento que tem dado aos paraibanos, principalmente em relação ao fato de a Paraíba ser uma terra de gente boa. Concordo com V. Ex<sup>a</sup>.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Com certeza, Senador Efraim. Tenho gratas recordações. Muito aprendi. Tenho muito agradecimento àquela terra tão boa que é a Paraíba, que está sempre com o Rio Grande do Norte. Temos uma sintonia muito grande para fazermos crescer o nosso Nordeste.

Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE** (Efraim Morais. DEM – PB) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Senadora, e quero dizer que o pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup> tem o nosso apoio. Tenho certeza de que os cearenses, pernambucanos, paraibanos e potiguares estão unidos ao nosso Ministro baiano Geddel Vieira, para que possamos concluir essa tão importante obra para o Nordeste brasileiro.

Parabéns a V. Ex<sup>a</sup>, Senadora. Tenha o nosso apoio.

Senador José Nery, concedo a palavra a V. Ex<sup>a</sup>, pela ordem.

**O SR. JOSÉ NERY** (PSOL – PA. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, na verdade, peço inscrição para falar pela Liderança do PSOL, durante a próxima etapa dos trabalhos.

Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Efraim Moraes. DEM – PB) – V. Ex<sup>a</sup> está inscrito.

Antes de conceder a palavra ao Senador Alvaro Dias, esta Presidência comunica ao Plenário que teremos Ordem do Dia, assim que tivermos a presença do Presidente Garibaldi Alves Filho.

Em seguida, para uma comunicação inadiável, a palavra será do Senador Mão Santa.

Concedo a palavra ao Senador Alvaro Dias, que dispõe de dez minutos.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Efraim Moraes, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores, a Oposição reuniu-se para debater a instalação da CPMI dos cartões corporativos. Lideranças da Oposição da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, com lideranças dissidentes da parte aliada, discutiram os termos da CPI que se anuncia e será instalada no Congresso Nacional para investigar a autorização dos cartões corporativos no atual Governo e no Governo passado.

Essa reunião foi importante, Sr. Senador Papaléo Paes, para dirimir dúvidas relativamente ao anúncio de um acordo havido. Indagamos se houve acordo e, se

acordo houve, em nome de quem ele se deu. E a resposta que ouvimos foi a de que não houve acordo.

Ora, se não houve acordo, ótimo que não tenha havido, porque é incrível a Oposição fazer acordo com o Governo para investigar o Governo. Eu não conheço, na história política deste País, momento algum em que a Oposição buscou estabelecer acordo em relação a procedimentos que seriam adotados no decorrer da investigação em qualquer CPI.

Desta reunião se estabeleceu como discurso de unidade que não haverá acordo relativamente às investigações e que não haverá, sobretudo, acordo para que se estabeleça uma blindagem de reciprocidade. A investigação se dará sem limites. O limite, Senador Jefferson Péres, há de ser a lei. O dever, da Oposição, sobretudo, que tem a tarefa de fiscalizar o Poder Executivo, é investigar respeitando a lei, sem limites.

O que se apregou é que o Centro do Poder não seria alcançado pelas investigações. Inadmissível, Sr. Presidente, é o Centro do Poder que tem de ser investigado. O exemplo maior, a autoridade superior, o responsável pelo bom e pelo mau exemplo. Na verdade, há 150 cartões corporativos sendo utilizados em órgãos ligados à Presidência da República, portanto sob a responsabilidade do Senhor Presidente da República. Não há como excluí-los da investigação.

Eu vejo que há fatos inusitados percorrendo a imprensa brasileira. Aqui está, por exemplo, na coluna do jornalista Cláudio Humberto, a nota de que “A Sociedade Rural do Paraná estranha que sua sede (Av. Tiradentes, 6275, Londrina) conste como o “endereço residencial” de meia dúzia de titulares de cartões corporativos da Presidência. Promete investigar.”

A Sociedade Rural do Norte do Paraná, na minha cidade de Londrina, pode ser endereço residencial circunstancialmente, quando há exposição, feira, para os bois e para as vacas. Não poderia ser jamais, me perdoem o deboche, endereço residencial dos ecônomos do Presidente Lula.

E apareceram mais dois. E diz o jornalista:

O mistério continua: Adhemar P. Freire, titular de cartão corporativo, e seu chefe, Gilton Saback Maltez, diretor de Orçamento e Finanças da Presidência da República, também têm como endereço a Sociedade Rural do Paraná, segundo o portal InfoBusca, de informações cadastrais.

É da coluna do Sr. Cláudio Humberto.

**O Sr. Jefferson Péres** (PDT – AM) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR) – Com prazer, Senador Jefferson Péres.

**O Sr. Jefferson Péres** (PDT – AM) – Senador Alvaro Dias, o PDT é da base do Governo e, apesar

disso, eu li preocupado, nos jornais de hoje, que teria havido um acordo entre Governo e Oposição a respeito de limites na investigação. Creio que, se esse acordo... e V. Ex<sup>a</sup> agora assegura que a decisão foi ao contrário, que não havia limite nem no tempo nem no espaço na investigação, porque, se tivesse havido esse acordo, essa CPI seria natimorta. Ela já nasceria desmoralizada e desmoralizaria o Congresso Nacional. Quando se instala uma CPI, não pode haver limites de investigação. Essa blindagem recíproca seria realmente para acachapar o Congresso. Portanto, felicito-o pelo seu pronunciamento e me alegro com a decisão tomada.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR) – Muito obrigado, Senador Jefferson Péres. É bom ouvi-lo com a autoridade moral e política que possui em assunto de tamanha importância para a reputação do Congresso Nacional.

Seria a desmoralização irreversível desta instituição. Aliás, mais um ato desmoralizante entre tantos outros. Uma CPMI que nasce de um acordo do Governo e da Oposição, para uma blindagem de reciprocidade, não pode ser levada a sério por ninguém. Eu não participaria, Senador Mão Santa, de nenhum acordo dessa natureza. Creio que os nossos colegas Senadores do PSDB, da mesma forma.

Essa história de acordo chegou ao Senado como uma grande novidade e surpresa para todos nós. No momento em que há um escândalo da maior gravidade, e o Ministro Tarso Genro, Senador Romeu Tuma, disse que a Oposição estava criando uma crise artificial.

Ora, Sr. Presidente, o escândalo do cartão corporativo é tão escândalo quanto o do mensalão. Não sabemos se é maior ou menor, porque ainda não investigamos, mas certamente tem a mesma gravidade.

Não é uma crise artificial, não é invencionice da Oposição. É uma crise ética de profundidade abalando o Estado brasileiro. É a continuidade da crise que se instalou há algum tempo, há alguns anos no Governo Lula sob a complacência do Presidente da República.

Esta crise, lamentavelmente, não se esgota. Ela tem continuidade. A instalação desta CPI traz ao Senado Federal, à Câmara dos Deputados, ao Congresso Nacional, enfim, enorme responsabilidade: ou nós conduzimos as investigações com seriedade, ou estaremos achincalhando ainda mais a instituição.

O Supremo Tribunal Federal, mais uma vez, sai à frente do Congresso quando os Ministros, ouvidos pela imprensa, afirmam que não pode haver sigilo nas contas do Presidente da República, que o uso dos cartões corporativos na clandestinidade não encontra respaldo em nenhuma prerrogativa constitucional.

O Governo lança mão de um decreto da época do regime ditatorial para sustentar a tese do sigilo em

nome da segurança nacional. A Constituinte de 1988 não consagrou os termos daquele decreto. O PPS encaminha hoje ao Supremo Tribunal Federal representação nesse sentido, e o PSDB, da mesma forma, amanhã, estará visitando o Supremo Tribunal Federal, para tratar dessa questão.

Veja que não é a oposição com as suas invenções, apontadas pelo Ministro Tarso Genro, que desenha a crise. Leio o que escreveu o articulista da *Folha de S.Paulo*, Clóvis Rossi, na edição desta terça-feira, no artigo intitulado “O Estado desgovernado”, fazendo referência ao “grau de degenerescência” em que a gestão Lula caiu. Num cenário no qual a promiscuidade pautou a relação entre o público e o privado em passado recente, passamos a conviver com uma lógica relembada por Clóvis Rossi: cada vez que surge um escândalo, já não existe o movimento de protesto e alegação de inocência; “limita-se a gritar ‘eu faço’, mas eles também fazem”.

O Governo não se defende. Não há a palavra do mandatário maior da Nação em defesa do seu Governo, quando das denúncias de corrupção. O que há é uma volta ao passado, sempre a volta ao passado como forma de justificar falcatruas do presente como se isso fosse possível.

Sr. Presidente, que esta CPI respeite o povo brasileiro, ou que esta não se instale. A não respeitar o povo deste País, melhor que não se instale. Espero que ela se instale, mas com o seu comando dividido entre Governo e Oposição.

Senadora Marisa Serrano, sempre foi tradição do Congresso Nacional, quando o Governo indica o Relator, a Oposição indica o Presidente de Comissão Parlamentar de Inquérito. Essa tradição, a partir de 2005, foi quebrada pelo Governo. A última CPMI que teve um Presidente da Oposição foi em 2005, a CPMI da Terra, que eu tive a incumbência de presidir.

Nessa reunião, a Oposição coloca como condição para a instalação dessa CPMI que se divida o comando entre Oposição e Governo.

Concedo a V. Ex<sup>a</sup> um aparte, com a permissão do Senador Papaléo Paes.

**A Sr<sup>a</sup> Marisa Serrano** (PSDB – MS) – Obrigada. Senador Alvaro Dias, eu queria fazer algumas considerações a respeito daquilo que V. Ex<sup>a</sup> expôs. Primeiro, se for uma CPI para que nada se investigue, para que acabe em *pizza*, para que o Governo seja blindado, para que haja limites dentro da ética e da moralidade daquilo que o povo brasileiro tem o direito de ter de todos os nossos Congressistas, é preferível, como disse V. Ex<sup>a</sup>, que não se instale. Não quero uma CPI como a das ONGs, que está aqui e que não vemos avançar. Não há acordo para que possamos saber o que está

acontecendo. Por todos os lugares que passamos, há denúncias do que está havendo, mas não há possibilidade, com essa blindagem que se fez, para que a Oposição apresente suas propostas. Se a Oposição, se aqueles que são independentes, se aqueles que têm condições de...

*(Interrupção do som.)*

**A Sr<sup>a</sup> Marisa Serrano** (PSDB – MS) – ...nossa função, que é investigar, acompanhar, saber o que se passa neste País e dar uma satisfação ao povo brasileiro; se não somos capazes de fazê-lo, não há por que entrarmos numa CPI como essa. Aliás, eu queria até sugerir a V. Ex<sup>a</sup> que pudéssemos agir da seguinte forma: na CPI das ONGs, se tudo aquilo que as Oposições apresentarem, como os requerimentos feitos, não forem avante, que deixemos a CPI, que façamos uma denúncia e deixemos a CPI. Não tem por que compactuarmos ou pactuarmos com aquilo que a moralidade não permite. Portanto, quero aqui agradecer a V. Ex<sup>a</sup> pelos esclarecimentos feitos e dizer que precisamos disto: ter retidão de propostas não só por parte da Oposição, mas também do Governo, para que ele saiba que não é onipresente, que ele não é onipotente e que há limites para tudo aquilo que se faça pelo bem da democracia brasileira. Muito obrigada.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR) – Muito obrigado, Senadora Marisa Serrano. V. Ex<sup>a</sup> lembra muito bem o exemplo da CPI das ONGs. O Senador Romero Jucá, que merece o meu respeito, tem afirmado que há equilíbrio entre Oposição e Situação no Senado Federal. Não há equilíbrio. Na CPI, não há equilíbrio. Pode haver equilíbrio no plenário, porque a Oposição conta, eventualmente, com dissidentes que, somados, equilibram o jogo do debate. Na CPI, não. A forma de composição da CPI impede que a Oposição equilibre o jogo. A distribuição das vagas na CPI é proporcional às bancadas partidárias. O Governo tem um número maior de partidos na base aliada. A Oposição está restrita a três partidos, na verdade, no Senado Federal.

Então é evidente que, quando o PMDB, por exemplo, indica seus representantes para a CPI, não indica os dissidentes – não indica Mão Santa, não indica Pedro Simon, não indica Jarbas Vasconcelos, não indica Geraldo Mesquita Júnior. É evidente que a vantagem do Governo é extraordinária nas CPIs.

Não há equilíbrio. Há, isto sim, maioria esmagadora do Governo em qualquer CPI que se instale no Senado Federal. E a CPI das ONGs é um exemplo presente: há o esmagamento da Situação que impossibilita à Oposição sequer apresentar e aprovar requerimentos de informações da maior importância. Até mesmo, Senadora Marisa Serrano, requerimentos

que apresentei que não diziam respeito ao atual Governo, diziam respeito ao governo passado. Então, a blindagem em relação a determinados dirigentes de ONGs no Brasil, pela maioria governista no Senado, impede que até requerimentos dessa natureza, que focalizam fatos passados, do governo passado, sejam aprovados.

Portanto, felizmente, houve um desmentido do acordo. Espero que realmente o acordo não se faça. Nós não participaremos de acordo, seria a desmoralização definitiva do Congresso Nacional.

*Durante o discurso do Sr. Alvaro Dias, o Sr. Efraim Morais, 1º Secretário, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Papaléo Paes, Suplente de Secretário.*

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Muito obrigado, Senador Alvaro Dias.

Concedo a palavra ao nobre Senador Mão Santa, para uma comunicação inadiável. V. Exª terá cinco minutos para seu pronunciamento e peço a V. Exª que cumpra rigorosamente o tempo, visto que estamos prestes a iniciar a Ordem do Dia.

**O SR. JAYME CAMPOS** (DEM – MT) – Sr. Presidente, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Pela ordem, tem a palavra o Senador Jayme Campos.

**O SR. JAYME CAMPOS** (DEM – MT. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, eu gostaria de me inscrever. E indago de V. Exª: quem será o próximo orador inscrito depois da fala do ilustre Senador Mão Santa?

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – O Senador Alvaro Dias acabou de fazer uso da palavra; agora teremos o Senador Mão Santa, que fará uma comunicação inadiável; depois, será a vez de V. Exª, por permuta com o Senador Expedito Júnior. Portanto, V. Exª falará após o Senador Mão Santa.

Concedo a palavra ao Senador Mão Santa.

**O SR. JEFFERSON PÉRES** (PDT – AM) – Sr. Presidente, peço a palavra, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Pela ordem, tem a palavra o Senador Jefferson Péres.

**O SR. JEFFERSON PÉRES** (PDT – AM. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Senador Papaléo Paes, hoje, houve um acordo de Lideranças, formalizado no Gabinete do Presidente do Senado, para a votação de três matérias. Portanto, não há discrepância, não há boicote, não há nada de anormal. Pergunto a V. Exª se a Ordem do Dia não deveria ter sido iniciada

às 16 horas? V. Exª pode informar à Casa o que está havendo, o porquê do atraso?

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – O atraso na Ordem do Dia tem a ver com a presença do Presidente da Casa no comando da Mesa. Aliás, a presença de S. Exª já foi solicitada. Por isso, estamos com um atraso de 30 minutos. Mas, continuamos aguardando a presença do Presidente do Senado, Senador Garibaldi Alves.

**O SR. JEFFERSON PÉRES** (PDT – AM) – Muito obrigado.

Desculpe-me, Senador Mão Santa.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI. Para uma comunicação inadiável. Sem revisão do orador.) – Senador Papaléo Paes, que preside a sessão, Srªs e Srs. Parlamentares, brasileiros aqui presentes e os que nos assistem pelo sistema de comunicação.

Senador Jefferson Péres, V. Exª, um intelectual, deveria presentear – seria um presente do PDT – o Luiz Inácio com aquele livro do Graciliano Ramos.

Graciliano Ramos foi o primeiro político a prestar contas da conturbada Alagoas. Foi lá, em Palmeira dos Índios, que ele ensinou; foi lá que Fernando Henrique Cardoso buscou sua inspiração para a elaboração da Lei de Responsabilidade Fiscal. Então, isso é velho! Luiz Inácio não precisa sequer ler – ele não gosta –, mas precisa ouvir a história de Graciliano Ramos.

Mais ainda – cadê o Cafeteira?: Humberto de Campos, nasceu no Maranhão, mas morou no meu Piauí, em Parnaíba. Ele é autor de um conto – ô Papaléo –, intitulado “O brinquedo roubado”. É frase dele: “A ocasião faz o ladrão”. Senador Geraldo Mesquita, Humberto de Campos era órfão de pai, o falecido Joaquim Gomes de Farias Veras, mas tinha mãe, a humilde, mas poderosa, Ana Veras... Ele, um dia, de chofre – a mãe já era viúva –, adentra à casa de um tio poderoso, onde havia uma árvore de Natal, cheia de presentes – na casa da mãe dele não havia –, aí, ele rouba um presente. Eis aí!

Fernando Henrique Cardoso inspirou a política econômica; Luiz Inácio, eu não digo que a roubou, mas que a seguiu. Essa Bolsa-Família foi de Cristovam Buarque, foi de Fernando Henrique – Bolsa-Escola, que deu nisso aí. E o cartão corporativo? Aí ele se deu mal, se lambuzou todo. E era um negócio para modernizar a Administração, era para poucos. Fomos Governador de Estado, ô Jefferson Péres, e, antes, só o Governador o tinha, porque ele tem de viajar, tem despesas. Mas, de repente, 12 mil alopados são beneficiados com esse cartão.

O escândalo é tão grande, Senador Tasso, que estávamos no Leblon, assistindo a uma missa na Igreja Santa Mônica, quando o padre, um estrangeiro, falou:

“Agora a tentação.” “A tentação” é horrível; a vida toda estamos sujeitos à tentação. Até Cristo foi tentado. Mas agora há uma maior: esse cartão...” E o padre não sabia dizer, pois é estrangeiro. Aí, os fiéis: “cartões corporativos!”. Ele disse: “É uma imoralidade!”

Senador Jefferson Péres, não é pelo roubo, mas pelo mau exemplo, Luiz Inácio! O padre, naquela igreja do Leblon dizia: “O exemplo se arrasta”. Então, estão arrastando os nossos pobres, a classe médica, todo o mundo a roubar, com o exemplo que aí está.

Com a palavra o Senador Jefferson Péres.

**O Sr. Jefferson Péres** (PDT – AM) – Senador Mão Santa, V. Ex<sup>a</sup> cita, com muita propriedade Graciliano Ramos. Ele não foi apenas um dos maiores escritores da língua portuguesa. Ele foi também um homem de probidade inatacável. Depois de administrar Palmeira dos Índios, como Prefeito, ele apresentou um relatório famoso. Prestou contas de cada centavo gasto – não havia cartão corporativo naquele tempo. Há uma frase que me ficou na memória – eu nunca a esqueci – que mostra a grandeza daquele homem. Como verdadeiro homem de bem, sacrificou até amizades. A frase é a seguinte: “Na defesa do interesse público, perdi alguns amigos. Não me fizeram falta.”

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Incorporo todas as palavras do aparte, que traz sabedoria, encanta o Brasil e enriquece o nosso pronunciamento.

Mas, quero dizer que não vai haver acordo. Não existe isso. Isso não é casa de palhaço. Isso aqui é a esperança do aprimoramento da democracia.

Vamos estabelecer a CPI, Luiz Inácio, doa a quem doer! Tem 12 mil aloprados. Agora, ninguém pode viver nessa imoralidade.

Senador Papaléo Paes, veja na Internet, no “Alerta Total”, de Jorge Serrão: “Desperdício: Equipe de Lula compra jóia com cartão e faz saque em dólares na Suíça, Nova York e Havana”. Cento e vinte mil dólares, da financeira espanhola que representa a Visa, em Havana. É verdade, senão o Luiz Inácio processava o jornalista. Tem cartão na Daslu, que já está aparecendo.

Então, Senador Jefferson Péres, este Senado vai viver um grande dia quando enterraremos os aloprados portadores desses cartões.

O padre, lá na missa, disse que eles deveriam ser excomungados. Então, temos esse poder de, aqui, condenar 12 mil. Senador Jefferson Péres, fui “prefeitinho”. Eu fui Governador, que tem, tem, mas, este é um Governo de aloprados.

Tasso Jereissati, V. Ex<sup>a</sup> ficou estereotipado como um grande administrador, mas antes de V. Ex<sup>a</sup> veio Henri Fayol, pai da administração, que disse: “Unidade de comando e unidade de direção”. Nós só temos um comandante: é o Luiz Inácio. Nós só temos um

responsável: é o Luiz Inácio. Os outros são aloprados; os outros são ladrões; os outros tiraram o dinheiro que falta para matar o mosquito da dengue, que hoje transmite a febre amarela; tiraram o dinheiro das professoras, da escola sucateada; tiraram o dinheiro da segurança; tiraram o dinheiro dos presídios. É esse que está faltando.

Papaléo, V. Ex<sup>a</sup> está dizendo: Mão Santa! E eu digo: Luiz Inácio, este dinheiro, US\$15 milhões, dava para terminarmos o porto do Piauí, começado por Epitácio Pessoa.

Luiz Inácio, queremos salvar Vossa Excelência, e isso tem de ser apurado do a quem doer.

Fernando Henrique Cardoso deu uma grande mensagem para este País. É hora de refletirmos! Senador Casagrande, Fernando Henrique Cardoso disse: “Eu paguei os vestidos de D. Ruth”. Senador Duque, vamos meditar.

Senador César Borges, aquela empresa de departamento, a maior do mundo – o Tasso é quem sabe, porque ele viaja muito –, aquela loja de departamento, já se encontrou compras feitas lá.

Então, esta é a hora da verdade.

Aqui, o Papaléo falava: “Vamos começar a Ordem do Dia”. A “Ordem e Progresso” vem antes, na Bandeira.

Luiz Inácio, olha, desobedecer a Constituição é rasgar a Bandeira. Senador Magno Malta, é rasgar a Bandeira.

A Constituição, Luiz Inácio, prega legalidade, moralidade, publicidade em uma administração pública. Isso é o que nós vamos fazer. Não tem acordo. Todos nós sabemos da competência, todos nós sabemos da inteligência do Líder do Governo, Romero. Entendo e acho que Romero foi o melhor Líder de Governo desde Deodoro, desde D. João VI. Daí ele se repetir no cargo. Mas ele não vai conseguir esse acordo, porque o Senado vai oferecer ao País essa oportunidade de aperfeiçoar a democracia, de plantar a austeridade, que vai trazer a prosperidade a este nosso País.

Era o que o tinha a dizer.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Muito obrigado, Senador Mão Santa.

Passo a direção dos trabalhos da Casa ao Presidente, Senador Garibaldi Alves Filho. (Pausa.)

**O SR. EPITÁCIO CAFETEIRA** (PTB – MA) – Sr. Presidente, pelo a palavra para uma questão de ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Com a palavra o Senador Epitácio Cafeteira.

**O SR. EPITÁCIO CAFETEIRA** (PTB – MA. Para uma questão de ordem. Sem revisão do orador.) – Sr.

Presidente, antes do encerramento da sessão legislativa do ano passado, comuniquei à Mesa que o PTB havia deixado a coligação de apoio ao Governo. Diante dessa situação, solicitei a V. Ex<sup>a</sup> que declarasse qual era a situação do PTB a partir de então. Ao começar a sessão legislativa de 2008, pergunto a V. Ex<sup>a</sup> a que conclusão chegou a Mesa para que o PTB ocupe os cargos que lhe são devidos.

É a questão de ordem que faço de V. Ex<sup>a</sup>.

*O Sr. Papaléo Paes, Suplente de Secretário, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr Garibaldi Alves Filho, Presidente.*

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Epiácio Cafeteira, com relação à questão de ordem formulada por V. Ex<sup>a</sup>, no dia 3 de dezembro de 2007, como consequência do desligamento do PTB do Bloco de Apoio ao Governo, especialmente no que diz respeito à participação de seus Senadores nas Comissões, esta Presidência decide:

1. A Constituição Federal prevê que, na constituição das Comissões, deve ser assegurada, “tanto quanto possível”, a representação proporcional dos partidos e dos blocos parlamentares que participam da respectiva Casa (art. 58, §1º, da Constituição Federal). O Regimento Interno do Senado Federal dispõe sobre o cálculo dessa proporcionalidade e a fixação da representação dos partidos e blocos nas comissões permanentes (arts. 78 e 79 do Regimento Interno do Senado Federal).

2. Não há, contudo, Senador Epiácio Cafeteira, norma regimental expressa que determine a aplicação da distribuição proporcional “tanto quanto possível” no interior do bloco parlamentar. Mas se o Regimento determina a aplicação dessa fórmula no universo da composição da Casa, é decorrência lógica que ela deva ser também aplicada no interior do bloco parlamentar.

3. Ocorre, ainda, que o quantitativo de membros a que tem direito o bloco parlamentar nas comissões constitui-se no somatório dos membros dos partidos que o integram.

Embora o Regimento Interno não disponha sobre o impacto do desligamento de partido de um bloco parlamentar, deve-se considerar que, na incidência dessa circunstância, as vagas nas comissões que corresponderiam proporcionalmente à bancada do partido, até então computadas para o bloco, devem ser restituídas à agremiação partidária, cabendo

ao líder partidário a indicação de seus ocupantes (art. 81 do Regimento Interno).

4. Para tanto, fazem-se necessários os ajustes na composição das comissões permanentes quanto à participação do bloco de apoio ao Governo, que devem ser promovidos com vistas a não alijar o funcionamento parlamentar do PTB, partido com representação na Casa (art. 58 da Constituição Federal).

5. No que diz respeito às comissões temporárias, o cálculo da proporcionalidade partidária deverá considerar o desligamento do PTB do bloco de apoio ao Governo a partir desta data.

6. Quanto à direção das comissões permanentes, o art. 88 do nosso Regimento Interno prevê a eleição do Presidente e do vice-Presidente no início da legislatura e da terceira sessão legislativa. Desse modo, a direção atual das comissões deverá ser mantida até a oportunidade de nova eleição.

É o que foi decidido, Senador Epiácio Cafeteira, Líder do PTB.

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT – AC) – Pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Com a palavra, pela ordem, o Senador Tião Viana.

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT – AC. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, quero externar minha inteira concordância com a decisão tomada pela Mesa, por V. Ex<sup>a</sup>, sobre essa matéria.

Na verdade, no campo político, não existe uma separação entre o PTB e o bloco de apoio ao Governo. É aquele casamento em que o casal mora em casas separadas, mas continua casado. Entendo que o PTB só precisa reconhecer que o cálculo de ocupação de funções nas comissões – e a Secretária-Geral da Mesa, Dr<sup>a</sup> Cláudia Lyra, sabe muito bem disso, é a maior autoridade no assunto – deverá se dar não pelo número atual de membros, mas pelo número de quando da formação do bloco de apoio ao Governo. Faço apenas esta observação, que era o número de cinco membros.

Toda sorte ao nosso querido PTB, tão bem dirigido pelo Senador Epiácio Cafeteira.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Tião Viana

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra, pela ordem, ao Senador Arthur Virgílio.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, realizamos um almoço hoje – e disso devo dar ciência à Casa e à Nação – em que havia representantes do PTB, que acaba de se desligar do bloco governista, lá representado pelo Presidente da Conselho de Ética da Câmara dos Deputados, Deputado Ricardo Izar; do PSOL, o Senador José Nery; do PSB, Deputado Júlio Delgado; do PPS, Deputado Fernando Coruja, e o ex-Senador e Presidente desse Partido, Roberto Freire; do PTB, outra vez, o Senador Romeu Tuma; do PMDB, representando as figuras insignes de Jarbas Vasconcelos e Geraldo Mesquita, estava lá nosso bravo Senador Mão Santa; e, obviamente, do DEM, representado pelo seu Presidente, Rodrigo Maia, pelo seu Líder no Senado, José Agripino, pelo seu Líder na Câmara, Onyx Lorenzoni; e Cristovam Buarque, representando o PDT – corrige-me muito oportunamente o Senador Jefferson Péres.–; e do PSDB, representado pelo Presidente Sérgio Guerra, pelo Líder no Senado, pelo Líder da Minoria, Deputado Zenaldo Coutinho, e pelo Líder na Câmara, Deputado Antonio Carlos Pannunzio.

Lá, Sr. Presidente, tiramos algumas posições. A primeira era pôr um fim a essa boataria de “acordão”. Não há “acordão” algum. A Comissão Parlamentar de Inquérito que vai investigar o escândalo – e é escândalo mesmo – dos cartões corporativos não blindará quem quer que seja. Nosso entendimento é o de que não há verba pública que deva ter tratamento secreto, a menos que alguém esteja comprando urânio enriquecido para fabricar bomba atômica. E não me conste que seja esse o destino dado, até o momento, pelos cartões.

Em segundo lugar, Sr. Presidente, nós, nesta ocasião, firmamos posição clara, de acordo com o que já dissemos a V. Ex<sup>a</sup> e aos Líderes da Casa, do Senado, de que, pelo critério do rodízio, pelo critério do bom senso, pelo respeito ao número e ao peso político da Oposição no Senado, nós não podemos e não vamos abrir mão de uma das vagas diretivas na Comissão.

Desde 2005 que a Oposição tem sido sistematicamente “bypassada”, quando se estruturam comissões parlamentares mistas de inquérito. É um estratagema que não dá certo. Escolheram uma figura supostamente de confiança do Governo, o Senador Delcídio Amaral, que é do PT. S. Ex<sup>a</sup> teve atuação correta e brilhante na CPMI dos Correios.

O Senador Osmar Serraglio derrotou o Senador César Borges, porque supostamente, César Borges, homem de Oposição, não mereceria confiança. Mereceria confiança Osmar Serraglio, que era do PMDB. S. Ex<sup>a</sup> portou-se com muita dignidade. V. Ex<sup>a</sup>, homem

do Governo, foi relator da CPMI dos Bingos e teve a atuação correta e justa que teve. Armaram uma CPI, a chamada CPI do Mensalão, que foi um episódio tão vergonhoso, tão circense, que levou os atores a terem o bom senso de eles mesmos fecharem a CPI. Tiveram o bom senso de, um belo dia, reunirem-se e dizerem: “Vamos passar uma chave nisso. Não vamos falar mais nisso. Isso aqui está envergonhando não só o Senado, não só a Câmara, mas a nós próprios.” Foi assim.

Não é uma ditadura, não cabe verba secreta. Não é ditadura o que vivemos e, portanto, bastaria um parlamentar com um fato significativo, com um escândalo nas mãos, com a imprensa vigilante, com o Ministério Público presente, com a Oposição fazendo o seu papel, para que todas as portas de uma eventual defesa que visasse a jogar sujeira para baixo do tapete fossem arrombadas, literalmente arrombadas, pela força de sua excelência o fato, por sua excelência a verdade, Sr. Presidente.

Portanto, são esses os nossos pontos de vista.

Aliás, devo dizer que, prestigiando V. Ex<sup>a</sup>, nós concordamos com a votação de matéria significativa, no dia de hoje, em número de três. E é claro que temos ainda que ouvir a explicação do Governo. Ficou o Líder Romero Jucá de dar a explicação sobre o porquê de o Governo ter prometido que não haveria pacote fiscal e corte de gastos sem discutir com a Oposição. E, no primeiro dia útil de janeiro, o Governo faz o que fez e arranha, de maneira muito dura – não sei se remediável –, a relação com a Oposição nesta Casa.

Muito bem. Além disso, aguardamos a resposta do Governo, que seria a de cumprir com a praxe, com a justeza e de acatar o nosso peso político, o nosso peso numérico e nos dar aquilo que não precisamos pedir, porque é nosso, que é o direito de termos a presidência ou a relatoria. Aliás, não sou dado a ironias. Mas estamos sendo “bypassados” há tanto tempo que, se fossem justos e generosos, deveriam nos dar a presidência e a relatoria desta vez. Desde 2005 que nos barram. Então, para compensar, poderiam nos dar as duas.

Mas não queremos. Nós queremos uma só, para que haja uma investigação equilibrada; para que haja investigação sensata. Investigação equilibrada e sensata não é a que poupa fulano ou beltrano. Investigação sensata e equilibrada é aquela que não inventa culpados, mas que não esconde culpados, é aquela que vai à raiz da justiça. Portanto, que possamos saber construir, sob a direção sábia de V. Ex<sup>a</sup>, uma relação que vale a pena ser vivida no Senado e que não perdue um clima de desconfiança, que é o que está hoje existindo.

Nós não teremos outra alternativa – lamentando muito pelo respeito que temos por V. Ex<sup>a</sup>, que nada entra nisso, como Pilatos no Credo –, a não ser partir para uma vigorosa obstrução dos trabalhos da Casa, caso, mais uma vez, insistam em desconhecer o nosso peso numérico na hora da composição diretiva das CPIs e na hora de fazerem acordos que não cumprem e de não darem explicações.

Se não cobrássemos uma explicação, não sei quando nos dariam. Estava tudo muito normal, como se fosse segunda-feira e que se passasse para terça, da quarta para quinta, da quinta para sexta. E aí ninguém é de ferro: já é fim de semana. Depois se esquece. Não podemos esquecer. Não se trata de rancor. Não há rancor. Mas não podemos esquecer que foi feito um acordo solene.

Vou fazer uma confidência, Sr. Presidente. O Governo, aliás, prometeu o que não precisava ter prometido. Não iríamos mesmo barrar a DRU. Não precisaria ter prometido nada. Ficou com medo de não aprovar a DRU, porque não a aprovaria sem os nossos votos e, então, prometeu-nos o que não precisaria ter prometido. Mas, se prometeu, tem de cumprir. E prometeu algo que, a meu ver, o Palácio do Planalto já sabia adredemente que não poderia cumprir, que não queria cumprir.

O Palácio, à socapa, aproveitando o recesso parlamentar, a Casa fechada, agiu exatamente como agiram os militares daquela época. Fico triste, porque o combativo líder sindical das greves do ABC agiu desse jeito. O combativo líder sindical das greve do ABC usa o peso moral do General Félix, que dá respaldo moral a pessoas que já não se acham com tanta credibilidade para falarem elas próprias à Nação, para dizer que, quanto menos transparência em matéria de divulgação de gastos públicos da Presidência da República ou de Ministérios, melhor. Fiquei triste, porque respeito muito o General Félix, mas sei que o General não era avesso à idéia de ter o Serviço Nacional de Informações no País. Quem era avesso a isso era o Presidente Lula. Ele é que não podia compactuar com isso.

Portanto, Sr. Presidente, no aguardo das explicações do Governo, sem esperança de ser cometido por elas, mas entendendo que isso faz parte de um ritual, de uma ritualística, dizendo que, para nós, foi um golpe rude – e foi um golpe rude na relação entre Governo e Oposição –, firmamos esses pontos e essas posições, mas hoje, precisamente hoje, no dia de hoje, em atenção a V. Ex<sup>a</sup>, acedemos em votar três matérias. Além das três, nenhuma mais.

Amanhã, como diz o sambista que tem a alma do que há de melhor no nosso povo no coração, será outro dia. Veremos qual será a agonia do dia de amanhã.

Sr. Presidente, muito obrigado.

Por ora, é o que tenho a dizer.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço ao Senador Arthur Virgílio.

Concedo a palavra ao Líder dos Democratas, Senador José Agripino.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, posteriormente, gostaria de obter a palavra. Responderei aos dois questionamentos.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Darei a palavra a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, estamos praticamente retomando os trabalhos do Senado hoje, porque, na semana passada, na reabertura dos trabalhos, as discussões foram centradas na questão fundamental e fulcral que é, que foi e que vai, por algum tempo, continuar sendo a CPMI dos Cartões Corporativos.

Sr. Presidente, como disse o Senador Arthur Virgílio, na reunião de hoje de Líderes, ficou claro que, em atenção ao início da sua Presidência, estávamos pactuando a votação, por consenso, de matérias que são importantes, mas que não abríamos mão das explicações que o Governo nos deve. É bom que o Senador Romero Jucá, aqui presente, possa manifestar-se – acho que o fará em seguida. Quero aqui trazer preocupações e argumentos.

Acho que as férias fizeram muito bem ao Senador Arthur Virgílio, que voltou calmo e tranqüilo. S. Ex<sup>a</sup> pediu explicações. Vou fazer a V. Ex<sup>a</sup> uma comunicação. S. Ex<sup>a</sup> pediu explicações e está leve como uma pluma. Quero fazer uma comunicação, Senador Arthur Virgílio, ao Líder Romero Jucá. S. Ex<sup>a</sup> também foi enganado, Senador Jefferson Péres.

Lembro-me, como se fosse hoje, que estávamos num jantar na casa da Senadora Kátia Abreu, quando me telefonou o Ministro José Múcio, com quem eu e o Senador Arthur Virgílio havíamos estado horas antes, dizendo para S. Ex<sup>a</sup> e para o Senador Romero Jucá as condições que exigíamos para que votássemos a prorrogação da Desvinculação de Recursos da União (DRU). Telefonou-me o Ministro José Múcio – eles estavam no Palácio da Alvorada –, garantindo, em nome do Governo, é claro, Senador Geraldo Mesquita, que não haveria aumento de carga tributária nem reedição da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF).

No dia seguinte, votamos a prorrogação da DRU, o que significava uma disponibilidade, não um aumento de carga tributária, do dobro do valor da CPMF, R\$80 bilhões. Votamos conscientes de que o Governo iria,



como nós, compreender que estamos contribuindo para o crescimento do País. Nós, que somos campeões de carga tributária no mundo, com aquele gesto, estávamos compreendendo o aumento da arrecadação do País, estávamos baixando a carga tributária, forçando a baixa da carga tributária, para que o Brasil tivesse oportunidade, como tem a Tailândia, a Malásia, a China e a Argentina, que tem uma carga tributária conveniente e que atrai para lá investimento e geração de emprego.

Muito bem! Chega o final do ano, e, até 31 de dezembro, não houve aumento de carga tributária. Nos primeiros dias de janeiro, o Brasil todo é surpreendido – não fomos somente nós, mas todo o Brasil – com o aumento da alíquota da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL) e com o aumento da cobrança do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF). O aumento do IOF se deu por decreto, e o da CSLL, por medida provisória.

Senador Romero Jucá, deixe-me, primeiro de tudo, prestar solidariedade a V. Ex<sup>a</sup>, pelo fato de o Governo ter-lhe enganado. Enganou V. Ex<sup>a</sup> e levou V. Ex<sup>a</sup> e o Ministro José Múcio a nos enganarem. Tenho a certeza de que V. Ex<sup>a</sup>, de moto próprio, jamais nos enganaria, mas o Governo, que V. Ex<sup>a</sup> representa aqui, enganou-o e fez com que V. Ex<sup>a</sup> nos enganasse.

O que aconteceu, Senador Romero Jucá, no final do ano? Aconteceram números, que fiz questão de apreciar, de ver. Senador Arthur Virgílio, ouça esses números, porque é importante, para que o País, que, talvez, esteja nos ouvindo, tenha a consciência do que está acontecendo.

A carga tributária do Brasil partiu de 35,9%, em 2006, e chegou a 37,1% em 2007. Aumentou 1,1%, basicamente em Imposto de Renda e em CSLL.

Senador Romero Jucá, vamos aos números. Quais são os números? O Produto Interno Bruto (PIB) aumentou de R\$2,32 bilhões para R\$2,55 bilhões, em 2006 e em 2007. Aumentou, portanto, R\$229 bilhões. Em reais, o PIB aumentou R\$229 bilhões, repito. Até aí, é um número frio, Senador Renato Casagrande.

A arrecadação em tributos, nesse mesmo período, como é que se comportou? Em 2007, foi de R\$945 bilhões – está chegando perto de R\$1 trilhão o valor que o cidadão brasileiro e as empresas transferem aos governos –, e, em 2006, foram R\$833 bilhões. Ou seja, foram R\$833 bilhões contra R\$945 bilhões, um crescimento de R\$111 bilhões.

Senador João Tenório, V. Ex<sup>a</sup> que é um homem de números, atente para o que vou falar: o PIB cresceu R\$229 bilhões, a arrecadação de tributos cresceu R\$111 bilhões. Estamos chegando a 37% de carga tributária. Mas veja que o aumento de tributos cresceu

exatamente quase a metade do que cresceu o PIB. O PIB cresceu R\$229 bilhões, a arrecadação de tributos cresceu R\$111 bilhões, repito. Veja o absurdo que está ocorrendo neste País! É absurdo ou excesso de arrecadação. E, mesmo assim, o Governo do Senador Romero Jucá aumenta a CSLL, que foi a maior responsável, entre 2006 e 2007, pelo aumento da arrecadação, pelo aumento da carga tributária, de 35,9% para 37%. A CSLL cresceu de 6,4% do PIB para 7% do PIB – só esse imposto. E o Governo, agora, aumenta de 9% para 15% a carga da CSLL, alegando que é só sobre empresas financeiras, como se essas empresas financeiras, os bancos, não fossem repassar aos tomadores de empréstimo esse aumento de carga tributária, dificultando investimentos no Brasil.

O que quero dizer é que o aumento da carga tributária, que é absolutamente insuportável, é repetido pelo Governo. O Governo não compreendeu a lição que a sociedade aplaudiu. O Brasil inteiro aplaudiu o freio que demos no aumento da carga tributária traduzida por isso. O PIB cresce R\$229 bilhões, e, dos R\$229 bilhões, R\$111 bilhões, metade, são de tributos, de impostos. Ou seja, o PIB do Brasil está crescendo com impostos, e, com impostos, o Brasil não vai crescer, vai ter vôo de nambu. Aplicamos uma lição ao Governo, e o Governo tapeia o Líder do Governo, que nos tapeia.

O que quero dizer é que meu Partido vai armar barricadas. Não há nenhuma hipótese de não lutarmos, no limite de nossas forças, para que o aumento dessa CSLL passe, como fizemos com a Medida Provisória nº 232. O Senador Arthur Virgílio pediu explicações, estou fazendo uma comunicação. Vamos lutar. Tenho a certeza de que a sociedade, como foi mobilizada na Medida Provisória nº 232, vai ser mais uma vez mobilizada para que esse aumento de carga tributária desnecessário não aconteça.

Senador Tião Viana, V. Ex<sup>a</sup>, que é do PT, viu o recorde de vendas de automóveis em janeiro? Isso é produto de quê? De inflação baixa. Estão vendendo carro com 100 meses para pagar – 100 meses para pagar! Produto de quê? De coisas que vêm lá de trás. A arrecadação do Brasil vai ser proporcional a essas vendas que estão se multiplicando, produto da inflação contida, produto de um Plano Real, que vem lá de trás, de um ajuste fiscal responsável de vários governos, inclusive deste Governo. A arrecadação está crescendo, e se se quiser dar a oportunidade a este País de crescer, tem-se de fazer o que reverso do que o Governo está fazendo: acabamos com a CPMF, e o Governo repõe com CSLL e IOF. Nós vamos armar barricadas.

Ouçó, com muito prazer, o Senador João Tenório, de Alagoas.

**O Sr. João Tenório** (PSDB – AL) – Senador José Agripino...

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador João Tenório, no horário da Liderança, não é possível conceder apartes. É com muito lamento que digo isso a V. Ex<sup>a</sup>, porque V. Ex<sup>a</sup> é uma voz que precisa ser ouvida a todo instante nesta Casa.

**O Sr. João Tenório** (PSDB – AL) – Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Infelizmente, isso não é possível, pois o Regimento não permite.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN) – Lamento, Senador João Tenório, não poder conceder o aparte a V. Ex<sup>a</sup>, o que sei que enriqueceria, e muito, este meu modesto pronunciamento.

Mas o que eu queria dizer, Presidente Garibaldi, é que estamos aguardando a palavra do Líder Romero Jucá, que tem uma explicação para dar à Casa e que, certamente, deve ter recebido explicações do Governo a que serve. E quero, desde já, com as explicações que S. Ex<sup>a</sup> vai dar, dizer que meu Partido vai armar barricadas, vai fazer o que puder para derrubar a medida provisória que eleva a CSLL. E só não vai fazê-lo na questão do IOF por que não tem instrumentos legais para tal. Com a palavra o Senador Romero Jucá, a quem o Brasil e esta Casa querem ouvir, para continuar a respeitá-lo.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Vou conceder a palavra ao Senador Romero Jucá. Peço a compreensão do Senador José Nery, que será ouvido logo em seguida.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR. Como Líder. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, venho à tribuna, Sr. Presidente, instado, primeiro, pela reunião de líderes promovida por V. Ex<sup>a</sup>, em que ficamos de trazer o debate para o plenário; depois, pelas colocações do Senador Arthur Virgílio, que, vindo de férias, como ressaltou o Senador José Agripino, está com o espírito renovado, e também pelas palavras do Senador José Agripino. E gostaria de, rapidamente, registrar dois pontos, já que precisamos entrar na Ordem do Dia. Mas tenho de tocar nessas duas questões exatamente para que não parem dúvidas e para não deixar nenhum tipo de desentendimento ou especulação sobre os assuntos.

O primeiro deles diz respeito às medidas tomadas pelo Governo no primeiro dia útil do ano, como o aumento do IOF, Imposto de Operações Financeiras, e da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido das enti-

dades financeiras, mais conhecido como Contribuição Social sobre o Lucro Líquido dos bancos.

É verdade que fizemos um acordo aqui para que, votando a DRU, o Governo não encaminhasse nenhum pacote, nenhuma medida de aumento de carga tributária. Defendi, dentro do Governo, que tivéssemos, sim, a reabertura da discussão de aumento ou de reforma de carga tributária com o envio da reforma tributária, que ocorrerá em fevereiro, à Câmara dos Deputados. Tive essa posição e defendi-a dentro do Governo. No final do ano, eu, o Ministro José Múcio, recém-nomeado Ministro da Coordenação Política, o Senador José Agripino e o Senador Arthur Virgílio tivemos uma reunião no Palácio do Planalto, onde defendi também essa posição.

Pois bem, votamos a DRU. Quero registrar que a aprovamos graças ao apoio dos partidos de oposição. Contamos com valiosos votos do Democratas e do PSDB. E encerramos o ano com a perspectiva de, em fevereiro, com a retomada dos trabalhos, portanto, neste período, trazeremos a reforma tributária à discussão e buscarmos formas de cortar o Orçamento e reforçar a arrecadação do Governo Federal. Essa era a circunstância que tínhamos na segunda quinzena de dezembro, ao encerrarmos os trabalhos nesta Casa.

Pois bem, no início de janeiro, o Governo fez uma avaliação, pautada em dados e em projeções, por conta da crise americana, projeções que se mostraram verdadeiras e pertinentes, porque vimos o que ocorreu e que ações tiveram de ser feitas pelo banco central americano, pelo banco central europeu, por países da Ásia, o descontrole, a queda dos valores da bolsa, enfim, tudo aquilo que ocorreu por conta do desequilíbrio no mercado, principalmente *subprime*, americano.

O Governo, que vivia uma circunstância no início de dezembro, entendeu que era preciso agir rapidamente. Então, mudadas as circunstâncias, resolveu tomar duas medidas importantes para sinalizar ao mercado, às instituições de análise de risco, à sociedade brasileira que o País continuava no rumo da responsabilidade fiscal. O que o Governo fez? Ele havia encerrado o ano com um déficit de R\$40 bilhões nas suas contas, devido à queda da CPMF. Com a crise que se avizinhava e com a necessidade de fazer uma sólida leitura internacional, o Governo anunciou três medidas.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Nobre Senador Romero Jucá, V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Estou falando pela Liderança, não é possível permitir aparte.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Não é permitido aparte. Infelizmente, Senador Flexa Ribeiro, o Regimento não o permite.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – O Governo encaminhou três medidas.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Uma estratégia do Líder para não conceder aparte.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – A primeira medida foi indicar que, dos R\$40 bilhões, o Governo buscaria cortar na própria pele, no Orçamento, na proposta orçamentária já entregue a este Congresso, R\$20 bilhões. Portanto, metade do déficit identificado.

A segunda medida: por conta do crescimento econômico, por conta do aumento do incremento do nível de empregos, por conta da força da economia brasileira, graças aos preceitos macroeconômicos mantidos e aprimorados por este Governo, seria possível prever uma arrecadação adicional de mais R\$10 bilhões.

Portanto, o Governo resolvia 75% do déficit com medidas internas de corte e de reestimativas, por conta das condições econômicas. Faltavam, para cobrir o rombo de R\$40 bilhões, R\$10 bilhões.

O que fez o Governo? Procurou, primeiro, não onerar a sociedade. Segundo, evitar o impacto de aumento de carga tributária, principalmente nos contribuintes de menor poder aquisitivo. E o Governo tomou duas medidas. A primeira delas: aumentar o IOF das operações financeiras, na sua grande maioria, em 0,38%. O que isso representou de impacto nas operações financeiras? Zero, porque as operações financeiras pagavam CPMF. Então, o Governo mudou o nome de CPMF para IOF na maioria das operações financeiras, fazendo uma operação neutra sob os aspectos da carga tributária. Além disso, essa operação neutra – é verdade – evitou que as operações financeiras decrescessem, ficassem mais baratas 0,38%, porque seria a queda da CPMF.

Mas por que o Governo optou por essa operação como forma de não estimular ainda mais o crédito, o que geraria uma possibilidade de inflação de demanda por conta de maior poder aquisitivo de financiamento? Porque o outro caminho para enfrentar uma inflação de demanda poderia ser aumentar os juros, o que puniria toda a sociedade. Então, numa operação neutra, o Governo, de certa forma, não permitiu o barateamento ainda maior das operações de crédito, com a queda de 0,38% da CPMF. Portanto, de certa forma, colocou um freio no processo de financiamento de longo prazo, principalmente das operações.

Outra medida foi tomada para completar os R\$10 bilhões de arrecadação, já que essa transferência de cobrança de CPMF para IOF tinha uma estimativa de receita de R\$8 bilhões. O Governo buscou aumentar a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido dos bancos – é verdade, Senador José Agripino –, aí sim, com aumento de carga tributária. Mas esse aumento foi

feito num setor passível de recebê-lo, num momento de dificuldade, para estruturar as despesas da sociedade brasileira no Orçamento. O Governo aumentou a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido dos bancos. Considero legítimo quem queira defender isso. Porém, não há outra área que pudesse pagar mais do que os bancos no nosso País.

E quero dizer mais. Quanto a essa discussão de que o aumento da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido dos bancos vai ser transmitido na ponta para o custo dos bancos, quero dizer que duvido, porque a concorrência e o mercado não possibilitarão isso. Os bancos oficiais não aumentarão as suas taxas, e os bancos oficiais concorrem com os bancos privados no mercado. Se os bancos oficiais não aumentarão as suas taxas, os bancos privados não farão isso e terão de embutir a diminuição do lucro líquido, porque taxamos o lucro líquido dos bancos, não foi nenhuma despesa operacional de banco. A margem de lucro vai diminuir um pouco, em detrimento da sociedade, do equilíbrio fiscal e do equilíbrio macroeconômico.

Essas foram as medidas tomadas pelo Governo. Se alguém me perguntasse se eu gostei, eu responderia: “Não, eu preferia ter aprovado a CPMF e preferia já ter aprovado o Orçamento”. Não aprovamos a CPMF. Eu gostaria de ter feito essa medida? Não, eu preferia ter esperado para discutirmos, mas o País não podia esperar.

O Senador José Agripino relatou daqui o crescimento da venda de veículos, as condições macroeconômicas do País, a inflação contida. Tudo isso é fruto de uma leitura, de um resultado macroeconômico, das condições da economia brasileira, que vêm evoluindo ano a ano.

Então, por conta de uma mudança de circunstância, o Governo ficou oprimido: ou não aumentava e esperava fevereiro, ou aumentava e agia de forma rápida, eficaz, dando uma resposta e criando uma posição.

Fui enganado? Não, não fui enganado, mas eu não gostaria que tivesse sido feito isso. Eu não gostaria que tivesse havido crise no governo americano, porque teríamos condição de crescer este ano muito mais do que vamos crescer. Eu não gostaria, mas é uma circunstância que não controlamos.

O Governo brasileiro agiu com responsabilidade. O Ministro José Múcio e eu não nos sentimos enganados. É claro que preferiríamos que tivesse havido a circunstância anterior e que tivéssemos mantido o entendimento de começar agora a discutir a reforma tributária, mas não posso pedir que o Governo deixe de agir por conta de um posicionamento que não tomamos.

Se eu não tivesse entendido a medida como urgente, eu teria entregue a Liderança do Governo, porque o entendimento foi colocado aqui por mim. Porém, entendi a premência, a circunstância e a urgência da necessidade da resposta. Entendi a posição e a visão do Ministro Guido Mantega e preferi apoiar a medida, independentemente de algum desgaste pessoal que isso pudesse traduzir – o Ministro José Múcio Monteiro e eu.

Em relação à questão das CPIs, não sei se o Senador Arthur Virgílio ouviu minha exposição quando propus a CPI na quarta-feira passada. Falei na sexta-feira passada, Senador Arthur Virgílio, mas havia poucos Senadores aqui. Rapidamente, Sr. Presidente, vou registrar o porquê do pedido da CPI na quarta-feira. Passei todo o período de Carnaval lendo no jornal que o Governo tinha medo de CPI, que o Governo ia entregar cargos em troca de não haver assinaturas para CPI, que o Governo seria responsável e que teria, de certa forma, determinado gastos, de alguma forma irregulares, com suprimento de fundos ou com cartão de pagamentos. Apressei-me, como Líder do Governo, a defender, dentro do Governo, que o próprio Governo pedisse a CPI. Eu não achava necessário, mas, com a versão que se deu à opinião pública, era necessário que o Governo, simbolicamente, demonstrasse que, efetivamente, não teme uma CPI.

Na própria quarta-feira, data de início dos trabalhos, coletei as 31 assinaturas que possibilitaram a entrada de um pedido de CPI. Para mostrar o quê? Que o Governo não tem medo, que o Governo não está preocupado, que o Governo quer apurar os fatos e que não tem compromisso com o erro ou com as irregularidades de quem quer que as esteja cometendo.

Fiz a proposição para que se fizesse a análise dos gastos dos últimos dez anos. Por quê? Para colocar o Presidente Fernando Henrique? Não. Não tenho nenhuma dúvida de que o Presidente Fernando Henrique não cometeu nenhuma irregularidade, assim como não a cometeu o Vice-Presidente Marco Maciel, como não tenho nenhuma dúvida de que o Presidente Lula e o Vice-Presidente José Alencar também não cometeram ou determinaram a ação de qualquer irregularidade. Não paira no meu coração esse tipo de dúvida. Por que pedi dez anos, numa série histórica? Para levantar gastos do setor público de todas as áreas, inclusive da área de segurança, para que se tenha o comportamento dos dez anos de gastos e se verifique o que efetivamente é equívoco ou não, a fim de que, a partir daí, sejam tomadas as providências.

A idéia não é responsabilizar ninguém, até porque fui Líder do Governo do Presidente Fernando Henrique e sei da lisura do Presidente Fernando Henrique, como

sei da lisura do Governador José Serra. Eu disse desta tribuna e digo de novo: o Governador José Serra não mandou ou determinou, em São Paulo, que qualquer funcionário cometesse qualquer irregularidade. Não é essa a discussão. Da mesma forma que entendo isso, não admito que se queira impingir ao Presidente Lula qualquer erro de qualquer servidor público que tenha usado cartão de pagamento ou suprimento de fundo de forma equivocada. Não é sério dizer que o Presidente Lula é o responsável por isso, porque não o é; o responsável é o ordenador de despesa, é o tomador do dinheiro e o responsável pela prestação de contas. E é isso o que vamos ver na CPI, é isso o que queremos apurar, é isso o que Governo quer apurar.

Na quarta-feira, ao entregar o pedido de CPI, aqui, no Senado, defendi, Senador José Agripino, que fosse partilhado o comando da CPI entre Governo e oposição. Se se pegar a declaração da imprensa, vai estar lá. Eu disse: “Não sou Líder do Governo. Não cabe a mim indicar presidente ou relator de CPI. Agora, vou sugerir e vou defender que tenhamos uma CPI compartilhada, porque esse é o interesse público”.

A questão não é política, a questão não é de base de Governo ou de oposição; a questão é de levantar, efetivamente, despesas públicas, melhorar os gastos públicos, melhorar a transparência, melhorar o controle e melhorar a punição de quem faz errado. Esse é o compromisso do Governo, é isso o que queremos. E defendi isso.

Defendi a CPI no Senado. Por que defendi a CPI no Senado? Primeiro, porque é o âmbito onde eu podia trabalhar na quarta-feira; depois, porque, aqui, no Senado, existe equivalência de forças. Não propus CPI na Câmara, onde são três a um para o Governo; propus aqui, onde é um para um, com equivalência de comando, para que pudéssemos fazer as investigações necessárias.

Posteriormente, começou a sair na imprensa: “A oposição quer CPI mista, porque ela funcionaria nas duas Casas. O Governo quer fazer no Senado para fazer pizza”. Até dei uma declaração, dizendo: “Repudio essa declaração de que o Senado vai fazer pizza, porque o Senado tem demonstrado que não é assim”.

Pois bem, o Deputado Carlos Sampaio, do PSDB, procurou-me, explicou-me, mostrou, e ponderei a questão da série histórica. Ele concordou com a série histórica. Entendeu que a questão era de gastos públicos. Ele havia se aprofundado nesse debate. Defendi, para dentro do Governo, que assinássemos a realização de CPI mista. Fizemos um entendimento, não fizemos um acordo de procedimentos para a CPI. Fizemos um entendimento político para apoiar a CPI da forma que o Deputado Carlos Sampaio a estava apresentando. Foi

o que fizemos. Não entramos em entendimento para tirar, para blindar ninguém, não. Entendemo-nos para realizarmos um trabalho sério, envolvendo as duas Casas, porque era inadmissível haver uma CPI na Câmara e outra no Senado, disputando, como já aconteceu no passado, sem que elas fossem conduzidas da melhor forma. Foi isso o que fizemos. Agora, temos o Senado, indicando um cargo da CPI, e a Câmara, outro. Temos de buscar o entendimento.

Perdoe-me o Senador Arthur Virgílio, mas creio que não é com imposição que vamos chegar a um entendimento. Creio que a oposição deve marcar sua posição, deve trazer suas questões, mas não é “faca no pescoço”, senão, amanhã, tentamos um entendimento, e vão dizer: “Não fizeram o entendimento, porque a oposição forçou”.

Creio que o caminho não é esse; o caminho é o do entendimento. A maior Bancada no Senado é a do PMDB – está aqui o Senador Raupp –, que já abriu mão, em outras CPIs, para outros partidos, que têm representação menor, indicarem membros de comando da CPI. O PMDB é credor no processo de indicação. Vamos conversar, vamos procurar o entendimento, mas o entendimento no sentido de trazer o funcionamento da Casa, de harmonizarmos as questões.

Sou um espírito conciliador. Todos sabem disso aqui. Prefiro o entendimento a uma briga. Acho que é fundamental construirmos uma forma, agirmos em harmonia, para que essa CPI possa dar resultado rapidamente e para que – como é a preocupação do Senador e Presidente Garibaldi – possamos retomar, num ritmo rápido, os trabalhos desta Casa.

Presidente Garibaldi, estarei à disposição para buscar qualquer entendimento, dentro dos termos e dentro dos caminhos com os quais possamos, efetivamente, construir uma relação de lealdade, de disputa política, é verdade – porque a oposição não está aqui para facilitar a vida do Governo, sabemos disso. E, dentro dessa disputa leal, vamos construir um entendimento, porque, sem dúvida nenhuma, independentemente da disputa política, a sociedade brasileira está clamando e cobrando do Senado o bom funcionamento e a votação de matérias importantes para a sociedade.

Fica feito este esclarecimento.

Quero dizer ao Senador Arthur Virgílio e ao Senador José Agripino que vou procurar sempre construir o entendimento. Terão em mim um aliado na busca do entendimento. É claro que defenderei aqui as posições do Governo. Nem sempre estaremos do mesmo lado – apesar de, em algumas votações, estarmos do mesmo lado. Procurarei sempre uma forma de construir, de entender as circunstâncias da oposição, de defender

as posições do Governo e, nesse arcabouço, nessa construção, possibilitar a votação, para que esta Casa saia engrandecida.

Eram essas as colocações que eu queria fazer. Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Sr. Presidente, de acordo com o Regimento, peço a palavra para uma réplica.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>

V. Ex<sup>a</sup> pede a palavra pela réplica?

Concedo a palavra ao Senador Arthur Virgílio, pedindo a compreensão do Líder José Nery.

Vamos marcar, agora, cinco minutos para cada Líder, menos para V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN) – Sr. Presidente, citado pelo art. 14, eu queria o direito de resposta por dois minutos, não mais do que isso.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Sr. Presidente, peço a V. Ex<sup>a</sup> o tempo necessário, pode ser menos de cinco. Se extrapolar um pouco, conto com sua compreensão.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – V. Ex<sup>a</sup> será atendido.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Senador Romero Jucá, o Brasil, com a extinção da CPMF, deixa de gastar R\$10 bilhões/ano, no mínimo, nos títulos da dívida pública brasileira.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Arthur Virgílio, V. Ex<sup>a</sup> me permite?

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Sem dúvida.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Eu queria dizer ao Senado que já está na hora de uma modificação no Regimento, pelo menos no que toca a esse artigo que impede que o Líder seja apartado.

Na verdade, foi aplicado um dispositivo que diz que a todo pronunciamento de cinco minutos não será permitido aparte, mas se deveria fazer exceção para os Líderes, que precisam debater.

Então, é uma proposta que deve ser sugerida para corrigir esse equívoco.

Desculpe, Senador Arthur Virgílio.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – O espírito dessa lei regimental se deve ao fato de nem todos os Senadores terem a capacidade de síntese do Senador Suplicy. Como são apenas cinco minutos para essas comunicações, procurou-se blindar o orador que teria questões substantivas a pôr.

Sr. Presidente, então, começo o pronunciamento.

Dez bilhões, Senador Jucá, o Brasil deixa de gastar, porque deixa de pagar CPMF nos cheques referentes à rolagem de sua dívida pública. Quinze bilhões, que correspondem a 36% multiplicados por 42 bilhões, que seria a arrecadação presumível do imposto – 14 bilhões e 700 ou 15 bilhões, arredondando –, retornam aos cofres públicos pela via dos demais impostos vigentes no País. Os demais impostos devolvem 15 bilhões de reais aos cofres públicos: é alguém que compra um ar-condicionado, é alguém que compra um pneu novo para seu carro.

O crescimento econômico, ainda que reduzido neste ano, em relação ao ano passado, não lançará, a título de compensação, menos de R\$12 bilhões. Ou seja, um corte na “gastança”, que tem sido desenfreada, mostraria – o que, aliás, foi evidenciado pelo Senador Dornelles hoje, com muita clareza – que a CPMF não faz falta e que dá para se viver perfeitamente bem e até melhor sem ela.

Enfrentamos a Contribuição Social Sobre o Lucro Líquido das empresas porque temos absoluta convicção de que os bancos repassarão, sim, para V. Ex<sup>a</sup> e para mim, os custos a eles lançados. Como V. Ex<sup>a</sup> se propõe a esse debate qualificado, sabemos que não caberia, aqui, dizermos coisas menores, do tipo “vamos investir sobre o lucro dos banqueiros”, porque, senão, eu teria de repetir uma coisa menor ainda, que seria “nunca, na história deste País, os banqueiros lucraram tanto quanto no Governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.”

Somos contra aumento de carga tributária e entendemos que essa medida não contribui para aumentar o volume de crédito à disposição da economia brasileira. Foi precisamente o crédito a mais na economia brasileira que propiciou um pouco do crescimento significativo que o Brasil obteve no ano passado.

Em relação ao Imposto sobre Operações Financeiras, Senador Romero Jucá, temos ação ajuizada no Supremo Tribunal Federal. Entendemos que houve quebra do princípio da isonomia. A majoração dessa alíquota pune os pequenos mutuários tomadores dos pequenos empréstimos.

Houve, sem dúvida alguma, uma desobediência ao Senado, porque o Senado não foi contra a CPMF por ser contra a CPMF. Foi contra uma carga tributária elevada, e o Governo driblou a determinação soberana do Senado, majorando outras alíquotas. E, mais, por essa via, praticou confisco, vez que o Senado dissera, falando pelo Congresso, porque a última palavra nesse episódio cabia ao Senado: “Não dá para se exigir mais de um povo que está exaurido na sua capacidade contributiva.” E o Governo disse: Vamos driblar o que disse

o Senado. Vamos desobedecer ao Senado e, portanto, praticar o que, a meu ver, é confisco fiscal..

Agora, há um dado, Senador Romero Jucá, que me faz, neste momento, ficar muito feliz de não estar na posição que V. Ex<sup>a</sup> viveu, nem o Ministro José Múcio. É inescapável nós, aqui, condenarmos, por aético, o gesto do Governo de romper o compromisso, sim. Até o simbólico: deixou as luzes do *réveillon* se apagarem para editar o pacote fiscal. E, mais, foi apanhado em flagrantes inverdades.

Fizeram terrorismo: conspirávamos contra os pobres, ia faltar dinheiro, Senador Azeredo, para a saúde das populações menos favorecidas. Já se começava a desenhar essa ladainha oficial de baixíssimo nível. Veio o pacote fiscal e nenhum tostão foi destinado à Saúde, prova de que a Saúde não era a prioridade primeira do Presidente Lula da Silva.

Aí, V. Ex<sup>a</sup> diz algo fantástico: “Entendi a visão econômica do Ministro Guido.”. Fico feliz, porque, até hoje, não consegui entendê-la.

Vamos à CPI. V. Ex<sup>a</sup> diz: “O Governo não tem medo da CPI.”.

Eu tenho opinião diversa: se o Governo não tem medo da CPI, então vamos fazer logo a CPI e vamos fazer a CPI do jeito que deve ser feita, com o Presidente de um lado da opinião do Congresso e o Relator da outra banda. Se o Governo não tem medo da CPI, vamos fazer uma CPI restrita, uma CPI que tenha um foco que venha de 1998 para cá, mas que tenha um rumo, que começa nos escândalos atuais e vai até 1998, se aparecer alguma denúncia consistente – até hoje, não apareceu nenhuma, nem consistente, nem inconsistente – a respeito do que tivesse sido praticado ao longo do Governo do Presidente Fernando Henrique.

Gastos irregulares? Meu Deus! Lembro-me de quando implorei para abrir os meus gastos, como Secretário-Geral da Presidência da República, na CCJ – V. Ex<sup>a</sup> estava presente e tantos de nós –, e nem os meus. Houve proteção até aos meus gastos.

Gastos irregulares? Sim. Medo de divulgar os gastos? Sim. Medo de transparência? Sim. Gastos fúteis? Sim. Gastos que não são feitos para agilizar a administração pública? Sim.

*(Interrupção do som.)*

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Gastos aberrantes? Sim. Gastos fúteis com *free shop*? Sim. Gastos que são da responsabilidade não dos ecônomos, não dos funcionários menores, mas são da responsabilidade daqueles que estão usufruindo dos gastos dos ecônomos, praticados por aqueles funcionários menores. E, aqui, não quero excluir: se

houver irregularidade que alguém aponte, concreta, do Presidente Fernando Henrique, não vou estar aqui para obstaculizar coisa nenhuma, não, como também não julgo que se deva blindar o Presidente Lula ou um presidente qualquer quando se trata de dinheiro público. Dinheiro público deve ser aberto, deve ser aberto para todo mundo, deve ser aberto, deve ser publicado, deve ser de domínio da opinião pública como um todo. Nada de acordo para cá, de acordo para acolá. Não é essa a nossa intenção, não é o que permitiremos, não é o que acontecerá.

Eu gostaria de dizer que rerepresentei meus requerimentos, Sr. Presidente, 37 requerimentos, pedindo, outra vez, que abram todos os gastos, de todos os Ministérios. E, mais, amanhã, estarei indo ao Supremo Tribunal Federal, pedindo que o Supremo Tribunal Federal determine a abertura de todos esses gastos, inclusive, Sr. Presidente – peço a V. Ex<sup>a</sup> um pouco de tolerância –, os gastos da Presidência da República.

Chega de fazermos um País de mentira. Chega de fazermos um País de conveniência. Chega de fazermos um País onde um esconde o jogo do outro, aquela história que cheira a *omertà*: eu não te denuncio, tu não me denuncias, nós não nos denunciemos, e o Brasil continua, de maneira irremediável, um País que não é capaz de enfrentar os seus problemas de maneira altaneira, porque é incapaz de se passar a limpo. Se não se passa a limpo, não se renova; se não se renova, se esclerosa.

V. Ex<sup>a</sup> disse, Senador Romero, que o Governo não tem compromisso com erro – mais uma razão para nós instalarmos a CPI do jeito que ela deve ser instalada, sem essa história de vamos ver quem é o mais “lulista” dos Deputados, qual grita mais, qual tem a voz mais esganiçada, qual é o que bate mais o pé, qual é o que faz mais arreganho, qual é o que ameaça levantar vôo. Vamos ver se nós fazemos algo sério.

*(Interrupção do som.)*

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Pessoas de nível, pessoas de gabarito de um lado e de outro, mas as duas facções da opinião pública representadas no Senado, cada uma delas ocupando um dos postos diretivos da CPI.

V. Ex<sup>a</sup> disse: “Não pode ser à base da imposição que V. Ex<sup>a</sup> tenta fazer”. Não estou impondo nada. Estou reclamando um direito. Imposição, para mim, é desde 2005 não reconhecerem o nosso peso. V. Ex<sup>a</sup> tem uma visão, diz: “a maior Bancada é o PMDB”. Eu digo: “Não. A maior Bancada é o Bloco, o PSDB, o PFL”. Mais: a minha visão é de que, independentemente de qual seja a visão a ser aceita pela Presidência da Mesa, pela Mesa Diretora da Casa, não era isso que

estava em jogo em 2003. Não é isso que estaria em jogo, se fosse uma CPI para investigar se é possível o cruzamento, Senador Tasso Jereissati, de borboleta com elefante. Fosse uma CPI para investigar se borboleta pode cruzar com elefante, ninguém estaria aqui discutindo o nosso direito de indicar um relator. Estão discutindo porque não sabem se podem suportar a independência de alguém diante dos fatos que estão escandalizando esta Nação e ainda poderão escandalizá-la mais ainda. E mais ainda.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Arthur Virgílio.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Concluso, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Nós ainda temos a Ordem do Dia.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Concluso, concluso. E V. Ex<sup>a</sup> sabe que gostaríamos de poder ter Ordem do Dia amanhã, nosso compromisso é por hoje. Espero ter Ordem do Dia a vida toda, desde que a gente consiga ter compreensão em relação ao peso numérico e ao peso político das Oposições nesta Casa, Sr. Presidente. Prossigo e vou encerrando.

Não quero fazer imposição, Senador Jucá, de jeito algum. Quero, precisamente, e isso, repito – sou tautológico: quero reconhecimento do peso político e do peso numérico das Oposições e dos dissidentes do Governo nesta Casa.

Fizemos hoje um almoço significativo, que reunia, lá, uma parcela forte da opinião pública, que reunia, lá, uma parcela expressiva do Congresso Nacional, e o Presidente Fernando Henrique foi aqui elogiado por V. Ex<sup>a</sup>, que foi Líder do Presidente Fernando Henrique no Senado. V. Ex<sup>a</sup>, como ninguém, sabe que podem revirar do avesso a vida do Presidente Fernando Henrique Cardoso que não vão encontrar nada que comprometa os seus atos, que são praticados com lisura.

V. Ex<sup>a</sup>, tanto quanto eu, amigo dele como eu, leal servidor do governo dele, como eu fui e sou leal amigo dele até hoje, V. Ex<sup>a</sup> sabe, ele disse hoje uma frase que é significativa. Ele pagava os vestidos da dona Ruth. Gasolina? Cartão corporativo é para pagar gasolina sim. Cartão corporativo não é para comprar objeto de luxo, nem para usufruto de benesses pessoais. Cartão corporativo é para se agilizar os trabalhos dos agentes públicos. O Presidente Fernando Henrique pagava os vestidos da dona Ruth. Ele pagava os ternos que usava. O Presidente Fernando Henrique está de mãos limpas e disposto a ver esta investigação ir até o final.

Então, o que queriam dizer? Pensei que o Governo teria – Sr. Presidente, tolere-me mais um pouco – a altaneira de dizer: “Vou me defender nesta CPI”. Mas não, não conseguimos! É como se o ex-Prefeito César

Maia, no Rio de Janeiro, fosse acusado, e dissessem assim: “Mas quero também a investigação do Sérgio Cabral. Quero também a investigação do Antony Garotinho. Quero a investigação do Negrão de Lima. Quero a investigação do Carlos Lacerda”. Acusado foi o Governo Lula. Mas nós aceitamos esta negociação: que comece agora e termine em 2008, até para não darmos pretexto a que melem essa investigação, que é necessária, porque ela está escandalizando, nos seus efeitos, a opinião pública brasileira.

Portanto, Sr. Presidente, aqui faço este apelo: cumpramos a praxe da Casa, e façamos o melhor pelo País! Diz muito bem o Senador Heráclito que o Presidente Fernando Henrique recebeu 500 pedidos de CPI e não se lembrou de incriminar Itamar Franco, nem Fernando Collor, nem José Sarney, nem ninguém. Ele cuidou de apresentar suas razões. Foram dezenas de CPIs no seu governo. Mas muito bem! Nem todo mundo tem a mesma coragem moral de enfrentar os fatos olhando de frente para seus cidadãos.

Queremos uma coisa bem simples: instalação breve da CPI; o reconhecimento do nosso direito de indicar um dos nomes. Indicaremos um nome de nível, como indicamos pessoas de níveis para todas as comissões parlamentares de inquérito de que participou o PSDB na Câmara e de que participou o PSDB no Senado, e seguramente falo pelo Senado, Casa a que tenho a honra de pertencer. Esse é o caminho da normalidade. Não queremos atravancar aqui votação de matéria alguma. Queremos aprovar autoridades, rejeitar autoridades inconvenientes, queremos votar matérias, queremos emendar, queremos fazer a Casa fluir. É um ano de eleição, um ano curto, portanto, do ponto de vista da atividade parlamentar, mas não poderemos deixar de fazer uso dos recursos que nos cabem democraticamente, a nós, Minoria, como por exemplo o recurso da obstrução, se sentirmos que estamos sendo “by-passados” ou que nesse *by-pass* estão, no fundo, no fundo, contribuindo para que não se faça uma investigação à altura do que requer a sociedade brasileira.

Sr. Presidente, agradeço a V. Ex<sup>a</sup> pela paciência com que me ouviu, e espero, neste debate, que é salutar – respeitoso, fraterno, salutar –, espero, aqui, haver posto, com muita clareza, os pontos fundamentais. O PSDB e o DEM cobram respeito ao que representam numérica e politicamente nesta Casa. O PSDB e o DEM esperam que cada um cumpra com o seu dever. O PSDB e o DEM farão a investigação mais profunda, sem acordinhos, sem acordões, sem blindagens, sem limites, sem nada que cheire a pizza, aqui repudiada pelo Senador Romero Jucá, que será repudiada, na prática, com força, com veemência, por cada um dos

membros que indicaremos, e que serão escolhidos a dedo pela Liderança do Partido no Senado, e, tenho a certeza, pela Liderança dos dois Partidos na Câmara dos Deputados.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

Era o que tinha a dizer.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador José Agripino, fazendo um apelo a S. Ex<sup>a</sup> para que seja breve, porque ainda há dois Líderes inscritos. E temos ainda de apreciar a Ordem do Dia.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, nem precisa fazer o apelo, até porque tomei o compromisso de ser bastante sucinto.

O que eu gostaria de dizer era o seguinte: não poderíamos começar os trabalhos deste ano de 2008 sem a abordagem do fato, que o fizemos com toda a clareza, para remoção do contencioso, que, para mim, não foi removido. E é motivo de preocupação, é claro. Eu esperava que o Senador Romero Jucá tivesse justificativas muito mais consistentes para oferecer à Casa do que as que ofereceu para o não-cumprimento do acordo, o que vai, evidentemente, macular a possibilidade de acordos novos que poderíamos vir a pactuar entre Governo e Oposição daqui para frente.

Quero dizer que as explicações de S. Ex<sup>a</sup> não me convenceram e preocupam-me muito mais – e aí V. Ex<sup>a</sup> é testemunha –, porque foi durante a reunião que fizemos no Gabinete da Presidência, sob a Presidência de V. Ex<sup>a</sup>, hoje, que, pelo menos para mim, ficou muito claro que a tendência dos Líderes, em nome da racionalidade e do respeito, era a de que, nesta CPMI dos Cartões Corporativos, que vai investigar o uso do cartão desde 1998 até 2008 – entre 1998 e 2001, existia o cartão, mas não fisicamente, pois não havia saque; em 2001, já havia saque, e, em 2001, o governo era o de Fernando Henrique Cardoso –, pelo fato de envolver dois Governos, deveria haver a participação de Governo e de Oposição, porque aqueles que foram Governo em 2001 são Oposição hoje, os que são Oposição hoje eram Governo, e os que são Governo hoje eram Oposição à época. Dessa forma, portanto, pode-se garantir a isenção, o equilíbrio de forças, para que não se estabeleça uma auto-investigação com os membros da Comissão, Relator e Presidente, de um lado só. Assim, é preciso que se equilibrem as forças.

Para mim, ficou claro – não sei se ficou para V. Ex<sup>a</sup> – que havia tendência ao entendimento entre as forças e os Partidos que representavam o Governo e a Oposição de que se pactuassem que uma das funções fosse entregue a um partido do Governo e que a outra função fosse entregue a um partido de Oposição.



Não senti essa disposição do Senador Romero Jucá nesse momento.

Quero dizer o seguinte: Presidente Garibaldi, abro a janela e, olhando para a rua, percebo, claramente, o sussurro da opinião pública, que está, neste momento, por razões diversas, dizendo mais ou menos que essa CPI é aquela do “não me mate que não o mato”. Ou seja, a opinião pública imagina que exista um “acordão” em curso, para que aqueles que são do PT hoje defendam a não-investigação personalizada dos Presidentes de República de 2001 e de hoje com a nossa convivência. Se o Relator e o Presidente forem de um partido só, aqueles que, lá fora, dizem “não me mate que não o mato” vão dizer: “É mesmo. Foi feito o acordo; eles se entenderam; não vão investigar, se for o caso, nem o Presidente Lula, nem o Presidente Fernando Henrique Cardoso”. E aí como ficamos nós? Nós não vamos aceitar isso! Não há nenhuma hipótese disso, sem truculências.

Os nomes estão em aberto, os perfis estão à negociação, para que se encontrem pessoas racionais, lúcidas, equilibradas, não radicais, para exercer as funções, em nome do Bloco do Governo e em nome do Bloco de Oposição, da Relatoria e da Presidência. Mas que se garanta a isenção, que se garanta a isenção de forças, sem imposição, mas com respeito ao princípio democrático de que, neste momento, está em jogo o valor da democracia brasileira, a não convivência com a improbidade.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

Concedo a palavra ao Líder José Nery.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Sr. Presidente, gostaria de, depois, ter a réplica, porque o Senador José Agripino e o Senador Arthur Virgílio... Réplica minha. Tréplica referente a... Porque os Senadores falaram, eu respondi. Posteriormente, foram colocadas questões que eu preciso responder.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – V. Ex<sup>a</sup> terá a palavra após o Senador José Nery.

Com a palavra o Senador José Nery.

**O SR. JOSÉ NERY** (PSOL – PA. Como Líder. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente Senador Garibaldi Alves, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o pronunciamento que devo fazer hoje trata, mais uma vez, do tema impunidades no campo.

Antes, porém, vou emitir minha opinião sobre o tema que vem sendo debatido nestes dias e que é fruto de preocupação para todos os que estão nesta Casa e para o País, que quer ver apurados e elucidados os fatos fartamente denunciados pela imprensa e que envolvem o uso, de forma indevida, dos cartões

de pagamento de despesas do Governo Federal, os chamados “cartões corporativos”.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, manifesto-me no seguinte sentido: primeiro, entendemos que a investigação é necessária e urgente. Deve ser feita durante todo o período, desde a instituição dos cartões corporativos até a presente data. Portanto, no âmbito do governo anterior e do governo atual. Uma CPI, eu poderia dizer, ampla, geral e irrestrita sobre o tema, sem qualquer tipo de acordo que tenha por interesse blindar quem quer que seja, porque o tema vem sendo debatido e por muitos advogado como gastos que não podem ser divulgados por colocar em risco a segurança nacional, a segurança do Presidente da República.

Creio que, no caso, não há razões de Estado para colocar sob sigilo gastos normais, ordinários, sejam do Presidente da República ou dos Ministérios, gastos que devem ser transparentes, como devem ser todos os atos da Administração Pública. Neste caso, tornando-os sigilosos, há um claro desrespeito ao princípio constitucional da transparência, da publicidade dos atos públicos. Portanto, uma CPI ampla, geral e irrestrita, sem qualquer tipo de acordo para blindar quem quer que seja.

Sr. Presidente, em segundo lugar, gostaria de dizer que defendo, tal qual fiz hoje na reunião de Líderes como na reunião com os partidos de Oposição e outros que também são da base do Governo e tiveram uma reunião-almoço no dia de hoje, assim como fizeram aqui outros Líderes, que o comando da CPI que será instalada tenha efetivamente o compartilhamento na sua direção entre a representação das bancadas do Governo e da Oposição. Sem isso, é dizer ao País que faremos uma CPI apenas para responder pontualmente as denúncias que são apresentadas e que não haveria efetivamente a vontade de investigar, como creio que é verdadeira a manifestação de todos aqueles que aqui se manifestaram pela apuração de todos os fatos relacionados ao mau uso dos cartões corporativos.

Mas, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, há exatos três anos, no amanhecer de 2 de fevereiro, na terra encharcada de Anapu, pequeno e conflagrado Município do sudoeste paraense, Dorothy Mae Stang, 73 anos, missionária de origem norte-americana que havia optado pela nacionalidade brasileira, foi brutalmente assassinada com seis tiros a queima-roupa. Numa das mãos, carregava a Bíblia. Seu corpo martirizado tombou em um dos lotes do Projeto de Desenvolvimento Sustentável Esperança, que ela ajudara a criar como forma de defender a sobrevivência dos pequenos agricultores, ameaçados pelo avanço de um modelo devastador, baseado na grilagem de terras públicas,

na extração ilegal de madeira, na utilização de mão-de-obra escrava. É esse o modelo que tem forçado a expansão da fronteira da pecuária, da soja e, agora, do etanol, e é a fonte principal da tragédia social que se alastra pelo Pará e pela Amazônia.

Muito se falou, desde então, sobre os culpados por esse bárbaro crime. Diante da comoção internacional, ocorreu uma das maiores operações do Estado brasileiro naquela área, com deslocamento de tropas do Exército e de centenas de servidores de diversos Ministérios. Além de localizar e punir os executores e mandantes do assassinato, o Governo prometeu agir sobre as causas dos conflitos, implementando medidas que dessem um basta à grilagem e à exploração predatória da floresta. Passados três anos, é forçoso realizar um balanço criterioso dessas promessas.

Em primeiro lugar, o martírio de Dorothy Stang não foi um fato isolado. Integrou uma longa série de mortes em função de conflitos agrários, a enorme maioria ainda coberta sob o manto da impunidade. Aliás, é essa impunidade que continua estando na raiz desses conflitos sangrentos. A forma relativamente rápida como foram presos e julgados os pistoleiros e mandantes desse caso apenas contrasta com a existência de dezenas de outras mortes de líderes rurais e defensores de direitos humanos que permanecem sem solução.

A condenação dos executores diretos do crime – os pistoleiros Rayfran das Neves Sales e Clodoaldo Carlos Batista –, ainda em dezembro de 2005, foi um fato inédito pela celeridade, muito embora ainda se arraste o processo judicial em função de recursos interpostos pela defesa dos acusados. Ambos permanecem presos, como também está cumprindo pena Amair Feijoli Cunha, apontado como intermediário no assassinato. Entretanto, o processo contra dois fazendeiros acusados pela Justiça como mandantes segue um conhecido roteiro de protelações. Vitalmiro Bastos de Moura foi julgado em maio de 2007, condenado a trinta anos de prisão, aguarda um novo julgamento em liberdade. Regivaldo Pereira Galvão sequer foi julgado, beneficiando-se das muitas brechas possibilitadas pela legislação processual penal. Ele está em liberdade desde 29 de junho de 2006, por decisão da Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal, convencida que foi da “excessiva demora na finalização do processo”, em grande parte, causada por manobra de sua própria defesa.

A propósito, não custa recordar que Regivaldo Galvão e Vitalmiro Moura foram também denunciados pelo Ministério Público Federal no Pará pelo crime de submeter trabalhadores à condição análoga à de escravo, frustração de direito trabalhista, aliciamento de

trabalhadores e falsificação e omissão de informação em documento público. O fato é referente a 28 trabalhadores encontrados, em 2004, em condição análoga à de escravidão na Fazenda Rio Verde, a 60 km de Anapu, na região da Transamazônica.

O julgamento de todos eles não deixa de ser um fato importante que contribuiu para quebrar a cadeia da impunidade. Entretanto, está muito longe de ser suficiente, porque se deixou de aprofundar as investigações, a fim de alcançar uma quadrilha bem maior que, direta ou indiretamente, contribuiu para a execução da missionária. Esse verdadeiro “consórcio do crime” tem sido reiteradamente denunciado pelas entidades de direitos humanos e com grande ênfase pelo Bispo da Prelazia do Xingu, na Transamazônica, Dom Erwin Käutler.

Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, quanto à promessa de conter o processo de grilagem e devastação, é ilustrativo que esse registro da presença viva da Irmã Dorothy seja feito no exato momento em que está acesa mais do que nunca a polêmica sobre a destruição da Amazônia. Os alarmantes índices de desmatamento, reconhecidos pelo próprio Governo recentemente, revelam uma situação gravíssima, que, repito, põe em risco a sobrevivência das populações locais naquela vasta região, além de sacrificar, de forma irremediável, um fabuloso patrimônio de nossa biodiversidade.

Concluo este pronunciamento, Sr. Presidente, reproduzindo a Carta Aberta à população de Anapu, que foi lida durante as celebrações em homenagem à memória de Irmã Dorothy Stang, no dia de hoje, quando Anapu recebeu delegações de várias entidades de direitos humanos de várias partes do País, entidades da sociedade civil, de governos, de trabalhadores, das igrejas, num ato que reuniu mais de 500 pessoas.

Em Belém do Pará, em frente ao Tribunal de Justiça do Estado, mais de 200 pessoas se concentraram num ato ecumênico, para exigir a punição dos assassinos, dos mandantes do crime de Irmã Dorothy, mas também a apuração de todos os processos que permanecem parados nas varas criminais do Estado do Pará, porque, dos 814 processos (mortes) dos últimos 20 anos, apenas 90 processos foram concluídos; desses, apenas sete mandantes foram condenados; e, desses sete mandantes, apenas um se encontra preso.

A carta, distribuída à população no dia de hoje, está assim escrita:

“Hoje é um dia para a celebração da presença viva da Irmã Dorothy, há três anos martirizada por sua luta em defesa da Amazônia e da sobrevivência – com dignidade – de seus povos oprimidos.

Hoje é um dia para renovar, com redobrado vigor, a justa indignação contra toda e qualquer injustiça, fonte das pequenas e grandes tragédias que, há tantos séculos, perseguem os que vivem de seu próprio trabalho.

Hoje é um dia para demonstrar que o legado e o exemplo de Dorothy sobreviveram a seu bárbaro e até agora não completamente esclarecido assassinato.

Lembrar sua obstinada e consciente escolha em dedicar a vida em defesa dos mais fracos significa, antes de tudo, deixar registrado que as raízes da barbárie que infelicitam o povo do Pará e da Amazônia permanecem praticamente inalteradas. E é contra essas máquinas da morte e da injustiça que devemos continuar o bom e necessário combate.

A violenta expansão do agronegócio, todos sabem, corresponde a um modelo que favorece e estimula a ocorrência de novas tragédias. É esse modelo que coloca em risco a própria sobrevivência das populações e da rica sociobiodiversidade da Terra do Meio, que tanto Dorothy se esforçava em defender.”

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, nesses dias, também tivemos a oportunidade de tomar conhecimento de propostas em discussão no interior de alguns Ministérios, que tratam da possibilidade de anistia aos devastadores da Amazônia. Se essa proposta vier a ser transformada em realidade, será mais um crime com a conivência e as bênçãos do Estado brasileiro aos que devastam impunemente a floresta, que dilapidam o patrimônio que pertence a todos, que matam as pessoas e que promovem assassinatos e ficam impunes. Essa proposta não pode vingar e tem aqui a nossa mais absoluta condenação, que já foi feita por várias entidades ambientalistas que reclamam a punição daqueles que devastam e não o benefício do Estado com qualquer tipo de anistia que venha a beneficiá-los.

É por tudo isso que junto minha voz, na tribuna do Senado Federal e nas ruas de nosso País, aos que gritarão, com todas as forças dos nossos corações, que Dorothy está cada vez mais viva e presente na luta do povo por uma sociedade efetivamente livre de todos os grilhões da opressão e da exploração.

Saibam que meu mandato pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) é uma ferramenta a serviço dessa caminhada e um parceiro para seguir erguendo bem alto a bandeira da justiça e da igualdade.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra, pela ordem, ao Senador Cícero Lucena.

**O SR. CÍCERO LUCENA** (PSDB – PB. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, nós, eu e o Senador Efraim Morais, apresentamos, nos termos do art. 218 do Regimento Interno e de acordo com a tradição desta Casa, um requerimento para que fossem prestadas as seguintes homenagens pelo falecimento do ex-Deputado Estadual da Paraíba Aécio Pereira Lima: inserção em Ata de voto de profundo pesar, bem como apresentação de condolências à família.

O ex-Deputado é de uma família tradicional de políticos na Paraíba. Seu pai também foi Deputado por vários anos. Teve vários mandatos. Era irmão do Deputado Federal Aduino Pereira, falecido há cerca de três anos.

Era o que tinha dizer, Sr. Presidente.

**O SR. VALDIR RAUPP** (PMDB – RO) – Pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Pela ordem, com a palavra o Líder do PMDB, Senador Valdir Raupp.

**O SR. VALDIR RAUPP** (PMDB – RO. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Garibaldi Alves Filho, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, quanto à CPI dos cartões corporativos, o PMDB entrou em discussão sobre o assunto, porque, no dia de ontem, a minha assessoria informou-me que a CPI seria mista, Câmara e Senado, e não mais uma CPI somente do Senado, cabendo ao PMDB indicar o seu Presidente, já que a Câmara estava escolhendo a relatoria.

O PMDB, Sr. Presidente, vem abrindo mão, há quase dois anos, de indicar a Presidência da CCJ, da CAE, da CPI das ONGs e por aí vai. Acho que os membros do PMDB também não podem ser colocados em dúvida quando forem assumir um cargo dessa natureza.

Apenas para rememorar a passagem dos nossos membros pelas CPIs, quero dizer que, quando Osmar Serraglio assumiu a relatoria da CPMI dos Correios, falaram: “É governista, e não vai dar em nada”. E todos sabem o que deu a relatoria de Osmar Serraglio na CPMI dos Correios.

Quando V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente, assumiu a relatoria da CPMI dos Bingos, disseram a mesma coisa: “É da base do Governo, e essa CPMI não vai dar em nada”. E sabe V. Ex<sup>a</sup>, como todos nós, que os resultados foram positivos.

Da mesma forma, quando o Senador Amir Lando assumiu a relatoria da CPI das sanguessugas, das ambulâncias: “Ah, é mais um governista que está assumindo uma relatoria; também vai acabar em *pizza*”; e

todos sabem no que deu: foram 72 Parlamentares denunciados ao Conselho de Ética por essa relatoria.

Então, se hoje o PMDB vier a assumir a presidência ou a relatoria da CPI Mista dos cartões corporativos, ninguém pode duvidar também da isenção do PMDB para desempenhar esse trabalho, ou na presidência, ou na relatoria.

Fiz uma brincadeira ainda hoje, embora o assunto seja sério, muito sério: o PMDB, pelo seu tamanho, pela sua responsabilidade, já fez parte de coalizão de vários governos – isso é verdade –, porque um partido do tamanho do PMDB, com a Bancada que tem aqui no Senado, com a Bancada que tem na Câmara dos Deputados – as duas maiores Bancadas – não pode simplesmente, de repente, por capricho, fazer oposição. Ele tem uma responsabilidade não com o Governo – e não foi assim com o Governo Fernando Henrique nem com o Governo Lula –, mas responsabilidade com o País, com a Nação.

Dessa forma, o PMDB serviu ao Governo Fernando Henrique como está servindo, na base de coalizão, ao Governo do Presidente Lula, sem com isso balançar a cabeça a tudo. Se o PMDB vier a assumir a presidência ou a relatoria desta CPI, vai fazer aquilo que a sociedade brasileira quer, aquilo que o Congresso sempre tem feito e que os membros do nosso Partido fizeram à frente das CPIs de que participaram.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço ao Senador Valdir Raupp.

Concedo a palavra, pela ordem, ao Senador Papaléo Paes.

**O SR. PAPALÉO PAES** (PSDB – AP. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, eu iria tratar da questão do início da Ordem do Dia e, inclusive, com a permissão de V. Ex<sup>a</sup>, pediria aos Srs. Líderes e demais Senadores que possam por ventura fazer uso da palavra neste momento que deixem para fazê-lo depois da Ordem do Dia.

Todavia, já que o Senador Valdir Raupp fez esta alusão a diversos peemedebistas que ocuparam relatorias ou presidências de CPIs quero, realmente, reconhecer que todos os citados por S. Ex<sup>a</sup> o Senador Valdir Raupp foram exatamente muito corretos, transparentes, determinados e cumpridores das suas obrigações. Ocorre que, agora, a questão é bastante diferente. Estamos diante de uma CPI que é contra o padrão, ou seja, a Situação está pedindo uma CPI para investigar o seu próprio padrão. Então nós não deveríamos aí arriscar, dando os dois cargos relevantes da CPI apenas para o Bloco de apoio ao Governo. Vamos mesclar, vamos mostrar a independência do Senado nesta questão, que é muito séria, muito grave. Não po-

demo deixar a opinião pública fazer qualquer tipo de avaliação de que está tudo combinado para que seja feita uma CPI em que um não olha para o quintal do outro. Absolutamente!

Essa CPI é muito séria. Esta Casa, que recuperou muito do seu prestígio quando derrubou aqui a CPMF, que recuperou muito do seu prestígio quando V. Ex<sup>a</sup>, Senador Garibaldi, Presidente desta Casa, instituiu horários e regras que precisamos cumprir, resgatando a respeitabilidade em meio à opinião pública, deveria apresentar ao povo brasileiro uma CPI em que tivéssemos a presença da Situação e da Oposição ocupando os lugares de relatoria e de presidência.

Então, faço um apelo ao Senador Raupp que entenda a minha mensagem no sentido de que a questão aqui não é de desconfiança de pessoas, de Senadores, mas sim de instituições que vão se digladiar politicamente e que podem realmente levar à opinião pública uma péssima impressão da Casa. Queremos que a Casa mostre a sua independência e a sua determinação em realmente honrar essa condição de um Poder da República.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço ao Senador Papaléo Paes.

**O SR. EXPEDITO JÚNIOR** (Bloco/PR – RO) – Pela ordem, Sr. Presidente, para um comunicado.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Tem a palavra, para um comunicado, o Senador Expedito Júnior.

**O SR. EXPEDITO JÚNIOR** (Bloco/PR – RO. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Um comunicado e um pedido que faço a V. Ex<sup>a</sup>.

Sr. Presidente, apresentei à Mesa do Congresso um requerimento propondo a criação de uma comissão mista, que não é uma CPMI, uma comissão mista composta por 11 Senadores e 11 Deputados para, no prazo de 180 dias debater e apresentar uma proposta ampla de reforma política para o Brasil.

Sr. Presidente, já que estamos discutindo a questão dos suplentes, por meio de proposta apresentada pelo Senador Marco Maciel, é oportuno aprofundarmos o debate sobre a questão política no Brasil.

Então faço um apelo a V. Ex<sup>a</sup> para que, na próxima reunião da Mesa, V. Ex<sup>a</sup> discuta a matéria e, posteriormente, traga-a ao Plenário para que possamos votá-la, Sr. Presidente.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> e concedo a palavra ao Senador Renato Casagrande, como Líder do PSB.

Quero dizer a esta Casa que vamos iniciar as votações sempre às 16 horas.

Estamos abrindo uma exceção hoje, naturalmente, levando em consideração a retomada dos trabalhos. Há sempre da parte das Lideranças o desejo de fixar as suas opiniões em seus pronunciamentos iniciais.

Com a palavra o Senador Renato Casagrande, por cinco minutos.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES. Como Líder. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs Senadores, acho que V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente, está agindo corretamente. Apesar de que eu também sou muito fiel ao horário, acho que hoje – não como o primeiro dia, porque na quarta-feira estávamos aqui, assim como na quinta-feira e ontem também –, como é a primeira sessão deliberativa deste ano, é importante que debatamos as questões que ficaram pendentes do ano passado.

Falei a V. Ex<sup>a</sup> e a outros Parlamentares, inclusive na reunião de Líderes hoje, que começo este ano com o ânimo renovado, porque acredito que temos condições, neste ano de 2008, de recuperarmos parte do tempo perdido no ano de 2007.

Disse ontem desta tribuna que tivemos, nos dois anos da última legislatura, uma crise que dominou os trabalhos da Câmara dos Deputados e, no último ano, Senador Valter Pereira, aqui no Senado, a crise desencadeada pelo envolvimento do ex-Presidente Senador Renan Calheiros. Então, há três anos Câmara e Senado não dialogam, não conversam.

Hoje, o Presidente Senador Garibaldi Alves, que já havia se manifestado quarta-feira, em seu pronunciamento, reafirmou hoje, na reunião de Líderes, a sua opinião sobre uma agenda positiva.

Eu e o Senador Antonio Carlos Valadares apresentamos um documento, uma carta ao Presidente, Senador Garibaldi Alves, dizendo da nossa expectativa. Estamos começando o ano legislativo na iminência de construirmos uma nova comissão parlamentar mista de inquérito para tratar de um assunto importante, que é o uso do cartão corporativo para as despesas eventuais do Governo Federal – e já existem confirmados alguns atos inadequados com o uso desses cartões. Essa CPMI tem de ser implantada, tem de ser instalada e, para tal, estamos buscando entendimento.

O Líder do Governo, Senador Romero Jucá, está capitaneando tal entendimento. Acho que o entendimento só virá se tivermos equilíbrio de todas as partes. Não é possível que a Oposição cobre do Governo um entendimento se a Oposição vem para a tribuna fazer ameaças ao Governo. Se quiserem entendimento, tem de haver entendimento efetivo e equilíbrio de ambas as partes: da Oposição e do Governo; senão, não haverá entendimento. Acho que o entendimento,

Senador Papaléo Paes, é o melhor caminho para nós neste momento.

Então, estamos na iminência de criar uma nova CPMI. Essa CPMI tem de ser instalada, tem de trabalhar. Teremos um ano de eleição municipal, mas nem a CPMI nem o ano eleitoral podem atrapalhar a agenda positiva desta Casa. Esta Casa tem de ter uma agenda positiva este ano, porque precisamos nos reaproximar da sociedade brasileira, sob pena de a Casa ficar com uma imagem ainda mais desacreditada.

Portanto, o nosso Partido está apresentando uma agenda que começa pelo pacote ético, que tem de ser votado por esta Casa. Hoje mesmo vamos votar uma matéria que propõe o afastamento do Senador das funções administrativas, caso uma denúncia contra ele seja acatada por esta Casa. Essa é uma matéria importante que vamos votar hoje, assim como a limitação do voto secreto e o Regimento Interno do Conselho de Ética. É importante darmos uma contribuição ao Poder Judiciário, Sr. Presidente, para que se acabe com essa farra da aposentadoria de magistrado quando comete um ato ilícito. Quando um magistrado comete um ato ilícito, a pena que recai sobre ele é a aposentadoria compulsória. Na verdade, Senadora Patrícia, é um prêmio dado a quem comete uma irregularidade. Então, temos de votar as propostas que tramitam na Casa que acabam com isso.

Temos diversas outras matérias importantes, como a reforma político-tributária; a que estabelece o conselho nacional dos tribunais de contas, de minha autoria; a que regulamenta as agências reguladoras; a que regulamenta a Emenda nº 29, uma matéria importante; a que estabelece um cadastro positivo para que possamos ajudar o Brasil a continuar numa fase de crescimento – Sr. Presidente, um minuto a mais e encerrarei a minha participação –; a limitação das medidas provisórias e a votação dos vetos – o Presidente fará uma reunião de Líderes para que acordemos isso –; as questões relacionadas às mudanças climáticas, a Comissão Mista de Mudanças Climáticas no ano passado fez um grande trabalho e temos matérias que estabelecem política nacional de mudanças climáticas; o pacote de segurança pública; a audiência *on-line*, que é fundamental.

E estamos propondo ao Presidente, Senador Garibaldi Alves Filho, que faça uma comissão de juristas para elaborar uma proposta do Código de Processo Penal e do Código de Processo Civil. São legislações muito antigas que precisam de um apoio efetivo. O Regimento Interno estabelece que uma comissão de juristas deve apresentar uma proposta para o Senado discutir.

Então, temos diversas matérias importantes para este ano de 2008. Sinceramente espero, o Senador Valadares espera, o PSB espera que não fiquemos só na CPI. Que a CPI funcione, que apuremos os fatos, que punamos quem tivermos de punir, mas que possamos efetivamente ter uma agenda, conforme o Presidente Garibaldi Alves Filho deseja, conforme esta Casa deseja e como esta Casa precisa.

Obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Passa-se à

### ORDEM DO DIA

A Presidência comunica ao Plenário que, em razão de entendimento construído na reunião com os Líderes, realizada nesta manhã, há acordo para votação dos itens 15, 36, 45 e 46 da pauta de hoje.

As matérias são respectivamente o Substitutivo ao Projeto de Lei da Câmara nº 6, de 2005, o Projeto de Decreto Legislativo nº 221, de 2007 e os Projetos de Resolução do Senado nºs 37 e 40, de 2007, que tramitam em conjunto.

Houve também entendimento dos Líderes no sentido de que, na sessão deliberativa ordinária de amanhã, sejam votadas redações finais. Mas estamos solicitando a compreensão dos Líderes para que possamos ter uma nova reunião, amanhã pela manhã, às 11 horas, no gabinete da Presidência.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – **Item 15:**

#### SUBSTITUTIVO AO PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 6, DE 2005

Discussão, em turno suplementar, do Substitutivo ao Projeto de Lei da Câmara nº 6, de 2005 (nº 3.615/2004, na Casa de origem), que *altera o § 2º do art. 475 da Lei nº 5.869, de 11 de janeiro de 1973 – Código de Processo Civil, para limitar o alcance do duplo grau de jurisdição.*

Parecer sob nº 1.244, de 2007, da Comissão Diretora, Relator: Senador Alvaro Dias, oferecendo a redação do vencido.

Poderão ser oferecidas emendas à proposição até o encerramento da discussão.

Discussão do Substitutivo, em turno suplementar. (Pausa.)

Não havendo quem peça a palavra, declaro encerrada a discussão.

Encerrada a discussão sem apresentação de emendas, o Substitutivo é dado como definitivamente

adotado, sem votação, nos termos do art. 284 do Regimento Interno.

A matéria volta à Câmara dos Deputados.

É a seguinte a matéria aprovada:

#### SUBSTITUTIVO DO SENADO AO PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 6, DE 2005 (Nº 3.615, de 2004, na Casa de origem)

**Altera § 2º do art. 475 da Lei nº 5.869, de 11 de janeiro de 1973 – Código de Processo Civil, para limitar o alcance do duplo grau de jurisdição.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O § 2º do art. 475 da Lei nº 5.869, de 11 de janeiro de 1973, que institui o Código de Processo Civil, passa a vigorar com a seguinte redação;

“Art. 475. ....  
.....

§ 2º Não se aplica o disposto neste artigo sempre que a condenação, ou direito controvertido, for de valor certo não excedente a 500 (quinhentos) salários mínimos, bem como no caso de procedência dos embargos do devedor na execução da dívida ativa de valor não superior àquele limite.

.....”(NR)

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – **Item 36:**

#### PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 221, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 221, de 2007 (nº 1.978/2005, na Câmara dos Deputados), que *aprova o texto do Acordo sobre Serviços Aéreos entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Gana, celebrado em Acra, em 12 de abril de 2005.*

Parecer favorável, sob nº 1.082, de 2007, da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, Relator *ad hoc*: Senador Inácio Arruda.

Discussão do Projeto, em turno único. (Pausa.) Não havendo quem peça a palavra, declaro encerrada a discussão.

Em votação.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que o aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovado.

A matéria vai à promulgação.

Será feita a devida comunicação à Câmara dos Deputados.

É o seguinte o projeto aprovado:

**(\*) PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO  
Nº 221, DE 2007**

(Nº 1.978/2005, na Câmara dos Deputados)

**Aprova o texto do Acordo sobre Serviços Aéreos entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Gana, celebrado em Acra, em 12 de abril de 2005.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica aprovado o texto do Acordo sobre Serviços Aéreos entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Gana, celebrado em Acra, em 12 de abril de 2005.

Parágrafo único. Ficam sujeitos à aprovação do Congresso Nacional quaisquer atos que possam resultar em revisão do referido Acordo, bem como quaisquer ajustes complementares que, nos termos do inciso I do **caput** do art. 49 da Constituição Federal, acarretem encargos ou compromissos gravosos ao patrimônio nacional.

Art. 2º Este decreto legislativo entra em vigor na data de sua publicação.

(\*) O texto do acordo encontra-se publicado na íntegra no **DSF** de 12-7-07.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – **Item 45:**

**PROJETO DE RESOLUÇÃO Nº 37, DE 2007**

*(Tramitando em conjunto com o Projeto de Resolução nº 40, de 2007)*

Discussão, em turno único, do Projeto de Resolução nº 37, de 2007, de autoria do Senador Delcídio Amaral, que *dispõe sobre o afastamento preventivo do Senador ocupante do cargo de Corregedor do Senado, membro da Mesa Diretora, do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar e Presidente de Comissão em caso de oferecimento de representação contra Senador por fato sujeito à pena de perda do mandato ou à pena de perda temporária do exercício do mandato.*

Pareceres sob nºs 999 e 1.000, de 2007, das Comissões

– de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Jarbas Vasconcelos, pela constitucionalidade, juridicidade e regimentalidade do Projeto de Resolução nº 37, de 2007, e no mérito pela aprovação, com as Emendas nºs 1 a 4 – CCJ, que apresenta, e pela rejeição do Projeto de Resolução nº 40, de 2007, que tramita em conjunto; e

– Diretora, Relator: Senador Gerson Camata, favorável ao Projeto de Resolução nº 37, de 2007, junto à Mesa Diretora, e às Emendas nºs 1, 2 e 4 – CCJ; parcialmente, nos termos de Subemenda à Emenda nº 3 – CCJ; e pela rejeição do Projeto de Resolução nº 40, de 2007, que tramita em conjunto.

Não foram oferecidas emendas à matéria perante a Mesa.

Discussão dos projetos, das emendas e da subemenda, em turno único.

Pergunto aos Srs. Senadores...

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Pela ordem, concedo a palavra ao Senador Romero Jucá.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, eu queria a atenção dos Líderes, porque essa matéria foi discutida na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, e, posteriormente, como algumas emendas foram apresentadas, terminou-se desvirtuando o entendimento da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania.

O Senador Arthur Virgílio fez o pedido de votação em separado da Emenda nº 3, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, para ser inserida ao texto. É um requerimento de preferência. Vamos apoiar o requerimento e a inclusão da matéria, o que propõe o Senador Arthur Virgílio.

Além disso, proponho também mudança de redação no parágrafo único do art. 14, que dispõe:

Art. 14. (...)

Parágrafo único. Se encaminhada a apresentação ao Conselho de Ética e Decoro Parlamentar nos termos do *caput* [que é o que estamos aprovando], fica preventivamente afastado da função que exerce o Senador ocupante do cargo da Mesa Diretora, ainda que suplente, de presidência de comissão, de membro do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar e de cargo de corregedor do Senado.

Está dizendo o seguinte: se a representação for encaminhada, afasta-se, automaticamente, o dirigente.

Quero propor que façamos uma mudança, para que, se acatada pelo Conselho de Ética a representação, faça-se a retirada. Um mero encaminhamento, sem uma pré-análise do Conselho de Ética, é um risco muito grande, que vai gerar, sem dúvida nenhuma, um problema sério na Casa.

Fica essa observação e essa solicitação da mudança, Sr. Presidente.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES) – Tem meu apoio.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Tião Viana.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Sr. Presidente...

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT – AC. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Garibaldi, essa matéria envolve muita atenção dos Senadores e exige muita responsabilidade na decisão que vamos tomar. Entendo que foi construída no calor da emoção do processo que envolveu o ex-Presidente da Casa. É muito importante que saibamos exatamente o que estamos decidindo.

Entendo que o Senado nunca se debruçou, de maneira mais definitiva e profunda, sobre o encaminhamento de um processo contra qualquer Senador, um processo de perda de mandato ou de outra natureza.

Quando observo os arts. 14 e 17 da Resolução nº 20, percebo que um fala de denúncia, que entra diretamente no Conselho de Ética, e que o outro diz respeito à representação, o que pressupõe que a matéria passe na Mesa. E, admitido pela Mesa, já não pode haver mais qualquer mudança de curso, a não ser pelo veredicto que venha depois. Assim, temos de analisar o sentido dessa matéria, que foi decidida na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania.

O Senador Arthur Virgílio teve o cuidado de dar a devida ponderação a ela. Não terei nenhuma dificuldade em votar essa matéria – comungo com a preocupação do Senador Romero Jucá –, mas, em tese, para mim, está claro que o melhor caminho para fazermos justiça sobre qualquer prática de delito de Parlamentar ou de Senador da República é deixar as questões a cargo do Ministério Público Federal e do Supremo Tribunal Federal. Aqui, transferimos o julgamento penal, o julgamento por qualquer outro tipo de delito para a esfera política. E, muitas vezes, partidizamos o julgamento.

Porém, se é esse o posicionamento da maioria dos Senadores, vou render-me a ele, porque, pelo coletivo, devemos assim proceder. Mas fica minha ressalva.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Renato Casagrande. Em seguida, falará o Senador Arthur Virgílio.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, só quero concordar com a observação feita pelo Senador Romero Jucá e dizer que a palavra do Senador Tião Viana deve ser considerada em parte, porque, na verdade, aqui estamos apenas sugerindo o afastamento da função administrativa que o Senador exerce – da Mesa Diretora, da Comissão, do Conselho de Ética ou da Corregedoria. Não é perda, não é afastamento do mandato, mas afastamento das funções administrativas e políticas de representação que ele exerce em algum espaço do Senado.

Então, apresento minha concordância com a alteração proposta do Senador Romero Jucá.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Arthur Virgílio.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, certas conquistas que vieram com a democracia devem ser aprofundadas e mantidas.

Dou o exemplo da minha província. No início dos anos 70, o principal líder de oposição à ditadura militar no meu Estado era um Vereador, o Vereador Fábio Lucena, que foi Senador e que sofreu morte trágica aos 48 ou 49 anos de idade. Era figura de enorme carisma, de enorme cultura jurídica. Fábio, eleito com votação espetacular, em 1972, a Vereador, teria sido Deputado Federal, em 1974, como o mais votado do Estado, de modo recorde também. Bastou que o promotor da Justiça Militar o denunciasse, para que ele perdesse, como perdeu, a oportunidade de se candidatar. E, aí, lançou um líder estudantil, Mário Frota, que, por três vezes, foi Deputado Federal. A partir daí, Mário se elegeu, cumpriu um bom mandato e cumpre uma bela carreira, Vice-Prefeito de Manaus que é. Ou seja, naquele tempo, bastava a denúncia para se presumir a culpa de alguém, porque o regime era ditatorial. Hoje, o Senado, preocupado em elaborar e executar uma pauta ética, tem o dever de não ferir esses princípios que a democracia consagrou.

Então, minha preocupação revelada hoje a V. Ex<sup>a</sup> e aos demais Líderes, na reunião que V. Ex<sup>a</sup> convocou pela manhã, era no sentido de evitarmos que um Senador qualquer fosse vitimado por um requerimento irresponsável de um adversário político seu, qualquer também, lá da sua província, do seu Estado, do seu Município. Se isso fosse bastante para retirar da Presidência da Mesa alguém, seria o caos. Se a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania ou a Comissão de Assuntos Econômicos ou qualquer Comissão técnica da Casa – todas são importantes – pudesse perder seu Presidente por que um desafeto, sem prova



nenhuma, meramente apresentou um requerimento pedindo o enquadramento de fulano de tal, de beltrano de tal, no Conselho de Ética, isto aqui viraria um deus-nos-acuda!

Então, é fundamental que haja o “de acordo” do Conselho de Ética, para que, constatada a figura do delito aos olhos da comissão que julga os delitos de Parlamentares do Conselho de Ética, a partir daí, configurar-se-ia a imediata destituição do titular de qualquer cargo: Presidente da Mesa, membro da Mesa Diretora, Presidente de Comissão, Vice-Presidente de Comissão. Isso me parece justo.

E o Senador Romero Jucá, de maneira muito hábil, fez uma segunda ponderação. A impressão que tenho é a de que a ressalva que nasceu da sabedoria do Senador Jarbas Vasconcelos, na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania da Casa – façamos justiça! –, é, hoje, o motivo da preferência que requeri à Mesa, para começarmos a consertar o pequeno defeito desse belíssimo projeto de iniciativa do Senador Delcídio Amaral. E há mais: a observação técnica posta pelo Senador Romero Jucá à análise de todos nós. Isso tudo configura um avanço, sem nenhuma contradição com o que possa futuramente acontecer a partir do que aqui explanou o Senador Tião Viana. Mas esse é um passo à frente. Outro passo que é preciso dar é o de avançarmos na direção do voto aberto, quando se tratar de julgamento de Parlamentares. É coisa para futuro próximo, se Deus quiser. Por enquanto, haverá um projeto arredondado, se mantivermos a presunção da inocência e se formos enérgicos ao estabelecermos, em lei do Senado, que perde o lugar que ocupa aquele considerado irregular pelo Conselho de Ética da Casa. Antes, não! Antes, estaríamos expondo não só o Senado como o titular do mandato a brincadeiras de mau gosto, a achincalhes, a vendetas locais, e esta Casa deve-se manter acima das vendetas locais.

Por isso, a observação que fiz na reunião de Líderes, por isso a colocação deste momento e por isso a concordância com a observação técnica de formatação legal, aqui apresentada pelo Líder Romero Jucá.

Sr. Presidente, muito obrigado.

**O SR. PAPALÉO PAES** (PSDB – AP) – Peço a palavra pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Jarbas Vasconcelos. Em seguida, eu a concederei ao Senador Romero Jucá, ao Senador Papaléo Paes e, depois, ao Senador José Agripino.

**O SR. JARBAS VASCONCELOS** (PMDB – PE. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, apenas quero rememorar os fatos, porque é verdade que, naquele instante, havia um

momento muito tumultuado, aqui no Senado, e, talvez, as pessoas não se recordem com precisão desse projeto. Esse projeto não foi só do Senador Delcídio, mas também do Senador João Durval. Procuramos fazer uma junção, prevalecendo as idéias, evidentemente, do Senador Delcídio Amaral.

Apresentei um relatório que o Líder do Governo, inclusive, achou que estava correto, mas para o qual pediu vista. Nós elaboramos, em conjunto, um relatório para que a Casa pudesse ter esse novo dispositivo, algo mais moderno e atualizado, para que o Senado não passasse pelo vexame que passou no ano passado, com um membro da Mesa envolvido numa denúncia permanecendo na sua função. Isso foi feito.

Então, eu queria chamar a atenção dos Líderes, Senador Arthur Virgílio, Senador José Agripino e nosso ex-Presidente da Casa, Senador Tião Viana, que, com muito cuidado, chama a atenção para o fato de que esse é um assunto delicado. Quero dizer ao Senador Tião que tivemos cuidado com isso. Mesmo num momento de exacerbação, num momento de muita confusão, tivemos o cuidado de não fazer uma coisa nem oito nem oitenta, tivemos o cuidado de fazer algo que atendesse aos interesses da Casa.

Então, eu pediria a V. Ex<sup>a</sup> que ouvisse os próprios Líderes.

As emendas que foram apresentadas pela Mesa, permitam-me, vão mutilar o projeto, porque o projeto está correto. Devemos votar, hoje, as Emendas n<sup>os</sup> 1 e 2, de minha autoria, e modificar a vigência. Alguém tem de apresentar uma emenda – posso apresentá-la agora –, porque a data de vigência é 1<sup>o</sup> de janeiro, que já passou. A vigência deveria ser a partir de 1<sup>o</sup> de março ou de 1<sup>o</sup> de abril.

Sr. Presidente, quero chamar a atenção para o fato de que esse não foi um relatório meu. Foi um relatório meu, juntamente com as Lideranças da Casa, do Governo e da Oposição. Se mexermos nesse projeto agora, vamos mutilá-lo e dar um passo atrás com relação a um avanço que foi feito no ano passado, na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, sob a presidência do Senador Marco Maciel, que está aqui e que pode testemunhar isso. Esse foi um amplo entendimento da Casa.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Romero Jucá.

**O SR. ROMERO JUCÁ** (PMDB – RR. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, na mesma linha levantada pelo Senador Jarbas Vasconcelos, a Liderança do Governo encaminha o pedido de prioridade para as emendas aprovadas pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, não somente para

a emenda destacada como prioritária pelo Senador Arthur Virgílio, mas para a outra emenda também, a que dá o rito. Portanto, são as Emendas nºs 1 e 2, rejeitando-se as demais proposições.

Propomos também que seja a partir de 1º de março a vigência desse procedimento.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Papaléo Paes. (Pausa.)

Concedo a palavra ao Senador José Agripino.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, a Casa toda está consciente de que está votando matéria da maior importância. Como o calor das discussões passa, imaginamos que estamos votando uma matéria simples. Mas V. Ex<sup>a</sup>, como Presidente da Casa, deve-se orgulhar de estar presidindo a sessão por ocasião da aprovação de matéria dessa importância.

Essa matéria vai afastar membros da Mesa, na medida em que uma denúncia seja, sob o ponto de vista formal, apreciada pela Mesa, encaminhada ao Conselho de Ética e Decoro Parlamentar e por este apreciada e aprovada. Se a denúncia for apreciada pela Mesa, nas suas formalidades, encaminhada ao Conselho de Ética e Decoro Parlamentar e por este acatada, o membro da Mesa – Presidente da Casa, Primeiro-Secretário ou seja quem for – estará automaticamente afastado das funções.

**O Sr. Tião Viana** (Bloco/PT – AC) – V. Ex<sup>a</sup> me permite, Senador Agripino, fazer apenas um esclarecimento que julgo da maior importância?

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN) – Com prazer.

**O Sr. Tião Viana** (Bloco/PT – AC) – O art. 14 da Resolução nº 20 impõe à Mesa a função apenas de encaminhar.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN) – É isso.

**O Sr. Tião Viana** (Bloco/PT – AC) – A função é a de admitir e de encaminhar. Então, a Mesa não pode negar uma representação, e essa é a minha preocupação. Se não mudarmos a Resolução nº 20 para dar direito à Mesa de fazer um julgamento de admissibilidade e de ter a liberdade de encaminhar ou não a matéria, vamos sempre estabelecer qualquer representação – o pessoal, por exemplo, já disse que o que chegar contra Senador será representado, que não há problema quanto a isso –, e isso será motivo de afastamento. Só faça essa ponderação por conhecer a Resolução nº 20.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN) – Veja V. Ex<sup>a</sup>: a Mesa recebe a denúncia, examina a denúncia nos seus aspectos formais e a encaminha ao Conselho de Ética e Decoro Parlamentar, que a submete a

votos, à apreciação. Ela pode ser acolhida ou pode ser rejeitada. Se for rejeitada, morreu. Se ela for acolhida, o membro titular da Mesa será afastado, como teria acontecido no caso do lamentável acidente ou incidente que tivemos com o ex-Presidente Renan Calheiros e que tanta discussão e tanta polêmica provocou.

Desse modo, as emendas aperfeiçoam. E quero elogiar o trabalho da lavra do Senador Jarbas Vasconcelos. Quero elogiar o trabalho que teve de aperfeiçoamento do texto, que é um texto muito melindroso, Senador Sérgio Guerra. É um texto muito melindroso. Estamos votando o polimento do polimento do polimento de um texto, porque envolve muita responsabilidade, envolve o afastamento do Presidente da Casa.

Então, estamos votando matéria de muita responsabilidade, e meu voto, minha recomendação aos meus companheiros é pelo “sim” à matéria, com o acatamento das emendas apresentadas.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC) – Sr. Presidente...

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Papaléo Paes. Em seguida, eu a concederei ao Senador Sibá Machado.

**O SR. PAPALÉO PAES** (PSDB – AP. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, atentamente, acompanhei as palavras do Senador Tião Viana. Realmente, devemos ter muito cuidado com essa situação.

Participei de algumas votações de representações apresentadas à Mesa Diretora e chegamos à conclusão, as sete pessoas ali reunidas, de que, pelo simples fato de acatarmos a denúncia, a representação, e de a enviarmos para o Conselho de Ética e Decoro Parlamentar, estávamos condenando aquele representado perante a opinião pública. Então, essa é a primeira situação.

A segunda é essa questão que está sendo debatida, hoje, quanto ao afastamento do cargo ou da função da Mesa Diretora, do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar e da Corregedoria. É correto, mas deve haver critérios rigorosos para que também aquele Senador afastado de suas funções não fique, diante da opinião pública, como alguém já julgado e condenado. Esse é nosso temor.

O Senador Tião Viana, veementemente, apresentou seu raciocínio e estava, acredito, referindo-se mais ao fato do julgamento de mandato, como fizemos em algumas oportunidades. Aí, sim, acredito que, em julgamento de perda de mandato, nós, Senadores, não poderíamos julgar nossos próprios Pares. Seria incoerente os próprios Pares julgarem um indiciado

aqui. Isso deveria ser feito pelo Supremo, com o que concordo plenamente.

Essa questão, na linguagem popular, é “uma faca de dois gumes”, pois um inocente pode ser inocentado, mas condenado diante da opinião pública. Logicamente, o reparo desse erro jamais poderia ser feito, visto que nunca vi alguém recuperar-se de uma condenação pública.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Sibá Machado.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC. Para discutir. Sem revisão do orador) – Sr. Presidente, quero esclarecer uma última dúvida com o Relator da matéria, Senador Jarbas Vasconcelos: a admissibilidade de uma representação, nesse caso, com essa emenda, fica a cargo da Mesa Diretora ou do próprio Conselho de Ética e Decoro Parlamentar? Restando a admissibilidade, procede-se ao afastamento. É isso?

**O SR. JARBAS VASCONCELOS** (PMDB – PE) – Exatamente.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC) – Está esclarecida a dúvida, Sr. Presidente.

Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Tião Viana.

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT – AC. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Caro Presidente Garibaldi Alves, vou votar com o relatório do Senador Jarbas Vasconcelos. Em confiança aos meus colegas Senadores, mantenho o entendimento de que qualquer denúncia que aqui chegasse deveria, imediatamente, ir ao Ministério Público Federal e ser julgada em nível de Supremo Tribunal Federal. Mas, se o entendimento é esse... Não conheço outro Senado no mundo que tenha conselho de ética com essas características de tribunal, que transforma, às vezes, uma denúncia em julgamento político. Porém, vamos lá. Se é assim, vamos. Só espero que o projeto de resolução do Senador César Borges corrija a etapa que não pôde ser corrigida por este projeto de resolução, que será exatamente o equilíbrio dos arts. 14 e 17 da Resolução nº 20.

Mas, votarei com o encaminhamento proposto no relatório do Senador Jarbas Vasconcelos.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – O Senador Antonio Carlos Valadares pede para fazer uma intervenção.

**O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES** (Bloco/PSB – SE. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, embora o Plenário praticamente já esteja decidindo retirar a Mesa de qualquer pronunciamento sobre processo de representação contra Senador, quero crer que a ponderação do Senador Tião Viana

tem inteira procedência, vez que há, em determinados momentos, em determinados períodos da política brasileira, um acentuado espírito de “denuncismo”.

A palavra “denunciar” virou moda no nosso País, principalmente quando há um “floreamento” desta denúncia pela mídia.

Há Parlamentares – infelizmente isso existe não só aqui no Brasil, mas no mundo inteiro –, que, por trás da luminosidade de um minuto, de meio segundo, é capaz até de ariscar denegrir a honra de um político para que o seu nome saia nacionalmente nos canais de televisão de maior prestígio na mídia nacional.

É por isso que a ponderação do Senador Tião Viana tem de sofrer uma reflexão. Vou votar, por que o próprio Senador Tião Viana, que apresentou essa ponderação, assim vai votar. Não havia sequer me advertido para essa situação. Mas, como S. Ex<sup>a</sup>, do alto de sua experiência como dirigente desta Casa durante um momento difícil da nacionalidade e deste Senado, com autoridade suficiente para falar sobre esse assunto, vai votar, fica, então, aqui, registrada a ponderação de S. Ex<sup>a</sup>, que, sem dúvida alguma, merece ser registrada, pelo menos nos *Anais* do Senado Federal, para que amanhã, quando alguém quiser alterar a norma, diga: “Bem que o Senador Tião Viana avisou; bem que o Senador Antonio Carlos Valadares acompanhou essa ponderação”.

Então, aqui, ninguém quer enterrar denúncia; queremos reconstituir a imagem do Senado Federal. Mas isso nós não poderemos conseguir fazendo da denúncia um ato banal, corriqueiro. Apenas através de um processo legal, em que haja uma denúncia bem consubstanciada por meio de provas e não apenas, por exemplo, de um *site* qualquer que fala algo de um Parlamentar, ou de um jornal que publica uma denúncia qualquer. Assim, com base em denúncia de jornal, formula-se, ao Presidente do Conselho de Ética, uma denúncia, tendo como prova um jornal.

Sr. Presidente, caso o Ministério Público, que também tem a autoridade para fazer denúncia, fosse encarregado de denunciar Parlamentares, se tivesse essa autoridade de denunciar diretamente Parlamentares, sem exigência do Conselho de Ética, eu acho que nós não estaríamos tão preocupados em redigir um instrumento legal, um diploma legal para processar Parlamentares, porque, sem dúvida alguma, na Justiça, esses processos andariam com mais celeridade e não haveria qualquer aproveitamento político e qualquer dano ao Poder Legislativo.

Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente, mas voto.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Pedro Simon.

**O SR. ROMEU TUMA** (DEM – SP) – Sr. Presidente, também quero me inscrever para discutir a matéria.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – V. Ex<sup>a</sup> está inscrito. Depois ouviremos o Senador Romeu Tuma.

**O SR. PEDRO SIMON** (PMDB – RS. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, não há dúvida de que essa matéria é muito importante. Não há dúvida de que as interrogações levantadas pelos Srs. Parlamentares também são importantes; porém, temos de ver o que acontece hoje neste País.

Em primeiro lugar, acho que qualquer decisão da Mesa ou do Conselho de Ética tem de vir a Plenário. Quem dá a última palavra é o Plenário. Não pode a Mesa ou o Conselho de Ética dar a palavra final; a matéria deve vir a Plenário.

Agora, se a dúvida persiste sobre o que vai acontecer, se vai haver um juízo definitivo com relação ao Parlamentar, que é uma injustiça, sinceramente, com todo o respeito, eu não penso assim. A realidade é que o Brasil é o País da impunidade. Só vai para a cadeia ladrão de galinha. As comissões de ética têm denunciado Parlamentares, gente importante, governadores, mas não acontece nada. O Plenário do Senado até casou o mandato de um Presidente da República, mas no Supremo “arquivou-se”, porque não havia nada.

Então, esse medo não existe. Não pode acontecer o ridículo que aconteceu ano passado: o Presidente do Senado, com quatro denúncias, presidindo o Senado. É uma situação que não tem lógica. Aliás deveria sair... Eu fiz vários apelos a S. Ex<sup>a</sup>, pela renúncia, que ele se afastasse por conta própria. S. Ex<sup>a</sup> não o quis. Então, aconteceu aquilo. Ninguém pode levantar dúvida de que a absolvição dele não foi a de ele estar praticamente na Presidência do Congresso Nacional. Eu acho que é um avanço o que estamos tendo aqui.

Em relação ao que foi dito aqui é muito importante salientar que não precisa mais nem de Conselho de Ética, nem de Plenário para dar licença para processar qualquer Parlamentar. Isto nós votamos e mudamos. Uma emenda deste Senado que, modéstia à parte, levamos vinte anos para conseguir, foi aprovada, por unanimidade nesta Casa, o Senado. Hoje, o Supremo Tribunal processa qualquer Parlamentar sem pedir licença à Casa. Durante muito tempo foi assim. Era uma vergonha: o Supremo pedia licença, a Mesa do Senado deixava na gaveta, a Mesa da Câmara deixava na gaveta, não botava para votar em Plenário, porque, ao votar em Plenário, ninguém queria dar a licença, e negá-la, se desmoralizaria perante a opinião. Então, não a votavam. Hoje não tem mais nada disso. O Supremo quer processar, processa quem bem enten-

de; está processando. Tem uns quantos Senadores e Deputados Federais sendo processados. O problema é deles. Claro que o Senado pode, votando em Plenário, pedir para parar. Mas quero ver o Senado ter coragem de mandar parar quando não deve parar. O normal é o Senado ver o que vai acontecer, e é o que tem acontecido. Hoje, se o Supremo não condena, e não absolve, deixa na gaveta, é problema do Supremo. O Senado teve uma iniciativa nota 10.

Agora, aqui, acho que tem lógica. Vou apresentar um projeto para debate, porque o que acontece hoje é que o cidadão Pedro Simon é processado. Perco no juiz e recorro ao Tribunal; perco no Tribunal e recorro para o Eleitoral; perco no Eleitoral e recorro ao Supremo. Isto leva de 20 a 30 anos e nunca há condenação. Então, ninguém é condenado no Brasil. Mas, aí, dizem o seguinte: “Mas está na Constituição: ninguém pode ser considerado réu até decisão final do Tribunal”. Então, o Senhor Lula, Presidente da República, disse que não pode demitir um Ministro, como não pôde demitir o Presidente do Banco Central, embora ele já seja denunciado pelo Supremo Tribunal Federal.

Mas tem uma coisa: eu sou condenado no Tribunal, recorro ao Supremo, fica na gaveta, e não me acontece nada? Eu acho que nós temos que inverter. Inverter. Condenado o cidadão, ele perde os direitos, mas o Tribunal tem que decidir obrigatoriamente até a próxima convenção que vai escolher candidato. Aí inverte. Aí eu, condenado, vou correr, exigindo a minha absolvição ou minha condenação, mas exigindo que eu seja julgado. Aí é justo, Sr. Presidente. Aí é justo. Eu acho que nós vamos inverter, e realmente vai mudar a realidade deste País.

Agora, este projeto, meu caro Jarbas, é da maior importância. E meu querido irmão do Acre, V. Ex<sup>a</sup> tem razão. Mas fique tranquilo. No Brasil que está aí, eu não vejo nada de mais acontecer para qualquer um de nós, desde que a decisão seja do Plenário. Não é nem uma Comissão de Ética, com uma maioria eventual, nem uma Mesa, com uma maioria eventual, que vai decidir. Decide, mantém o recurso para o Plenário, e o Plenário vai decidir.

É um grande projeto, e eu voto favorável.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço ao Senador Pedro Simon, e concedo a palavra ao Senador Romeu Tuma.

**O SR. ROMEU TUMA** (PTB – SP. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, não é para ser contra o projeto. Parece-me que todos estão fazendo as ponderações para ter uma decisão equilibrada, e ninguém será desfavorável ao projeto, porque todos têm interesse em que, realmente, se puna os responsáveis.

Vou apenas esclarecer que denúncia no Código de Processo Penal é algo que, investigado, se conclui por indícios de crime. Aí a denúncia é feita pelo Ministério Público para que o Judiciário aceite ou não. Se nós partirmos da denúncia como o princípio da investigação, ela não existe.

Existe o comunicado de provável crime, que tem de ser investigado. Não se pode punir ninguém pela simples representação de alguma coisa sem prova. Essa é a grande dificuldade. Quando a Corregedoria investiga é para ver se há realmente materialidade daquilo que surgiu como acusação, mas não como denúncia, porque a denúncia tem uma formalidade do Código de Processo Penal. E aqui nós usamos o Código de Processo Penal para dar prosseguimento ao procedimento legal na Casa. Como a Corregedoria está dentro – está aqui o nosso Valter Pereira, que é jurista –, a denúncia é feita depois do caso investigado. Com a possibilidade da prática de crime, o Ministério Público oferece a denúncia, que poderá ou não ser aceita pelo Judiciário, para iniciar a ação penal. Portanto, a denúncia não pode iniciar uma suspensão sem ter prova nenhuma. Tem de haver indícios, que se comprovam através da investigação.

Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> pela oportunidade.

**O SR. ALMEIDA LIMA** (PMDB – SE) – Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Almeida Lima.

**O SR. ALMEIDA LIMA** (PMDB – SE. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, na discussão desta propositura, quero deixar registrada a minha posição. E ela é de lamentar que a política tenha servido em nosso País para o retrocesso, sobretudo depois de grandiosas conquistas ao longo da história da humanidade, principalmente quando esta entendeu de estabelecer o Estado de Direito.

Princípios jurídicos, constitucionais, princípios maiores que caracterizam o Estado de Direito estão sendo vilipendiados e derogados, a exemplo de proposições como esta e de comentários e discussões que levam à conclusão de que pessoas devam ser execradas, apenadas, antes de serem condenadas, sob a alegação de que o Poder Judiciário não cumpre sua missão, que é a de julgar com a celeridade necessária para que se faça justiça.

Se existem problemas no Poder Judiciário, que esses problemas sejam denunciados, devidamente denunciados. O que não podemos é derogar princípios maiores que caracterizam o Estado de Direito, vilipendiando o direito do cidadão.

Ficou devidamente provado, esclarecido em todo o País, que esta Casa – o Senado Federal e a Câmara

dos Deputados –, como Casa política, não tem a menor condição de julgar seus Pares quando os processos dizem respeito à cassação do mandato eletivo. Nessas questões, o processo disciplinar – esta é a minha opinião – deveria ser encaminhado ao Supremo Tribunal Federal, se a matéria envolvesse Parlamentar – Deputado Federal ou Senador.

Por essa razão, Sr. Presidente, não irei me omitir. Já que discordo, votarei contrário.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

Continua em discussão. (Pausa.)

Não mais havendo quem peça a palavra, declaro encerrada a discussão.

Vamos iniciar a votação da matéria.

Em votação o Projeto de Resolução nº 37, de 2007.

Sobre a mesa, proposta de alteração do Relator da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, que será lida pelo Sr. 1º Secretário em exercício, Senador Magno Malta.

É lida a seguinte:

**PROPOSTA DE  
MODIFICAÇÃO DO RELATOR – CCJ  
À EMENDA Nº 2 – CCJ**

Dê-se ao art. 2º do PRS nº 37, de 2007, a seguinte redação:

“Art. 2º Esta resolução entra em vigor no dia 1º de março de 2008.”

– Senador **Jarbas Vasconcelos**.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Tião Viana, para emitir parecer sobre a matéria.

**PARECER Nº 59, DE 2008 – PLEN**

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT – AC. Para proferir parecer. Sem revisão do orador.) – Caro Presidente Senador Garibaldi, a emenda apenas estabelece que o dia de aplicação da interpretação e da decisão tomada pelo Plenário do Senado Federal será a partir do dia 1º de março. A emenda está em perfeita coerência e harmonia com o escopo do Projeto de Resolução.

Meu parecer é favorável.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – O parecer do Senador Tião Viana é favorável.

Em votação o Projeto de Resolução nº 37, de 2007, sem prejuízo das emendas e subemenda.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que o aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovado, com o voto contrário do Senador Almeida Lima.

Votação, em globo, das Emendas nºs 1 e 4, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que as aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovadas.

Em votação a Emenda nº 2, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, com a alteração proposta pelo Senador Jarbas Vasconcelos, Relator da matéria na referida Comissão e parecer do Relator **ad hoc** junto à Mesa.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que a aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovada a emenda.

Em votação a Subemenda da CDir à Emenda nº 3 – CCJ, nos termos do art. 300, VII, do Regimento Interno.

Sobre a mesa, requerimento que será lido pelo Sr. 1º Secretário em exercício, Senador Magno Malta.

É lido o seguinte:

#### REQUERIMENTO Nº 52, DE 2008

##### Preferência para votação de emenda.

Nos termos do art. 311, inciso II, do Regimento Interno, requeiro preferência para a Emenda nº 3 – CCJ ao Projeto de Resolução nº 37, de 2007, a fim de ser votada antes da subemenda da Comissão Diretora.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Em votação o requerimento de preferência para a Emenda nº 3, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, a fim de ser apreciada antes da subemenda.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que o aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovado.

Passa-se à votação, então, da Emenda nº 3, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que a aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovada.

Fica prejudicada, portanto, a Subemenda.

A matéria vai à Comissão Diretora para a redação final.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Sobre a mesa, parecer da Comissão Diretora oferecendo a redação final para o Projeto de Resolução nº 37, de 2007, que será lido pelo Sr. 1º Secretário em exercício, Senador Magno Malta.

É lido o seguinte:

#### PARECER Nº 60, DE 2008

(Da Comissão Diretora)

##### Redação final do Projeto de Resolução nº 37, de 2007.

A Comissão Diretora apresenta a redação final do Projeto de Resolução nº 37, de 2007, que dispõe sobre o afastamento preventivo do senador ocupante do cargo de Corregedor do Senado, membro da Mesa Diretora, do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar e Presidente de Comissão em caso de oferecimento de representação contra senador por fato sujeito à pena de perda do mandato ou à pena de perda temporária do exercício do mandato, consolidando as Emendas nºs 1 a 4 - CCJ, aprovadas pelo Plenário.

Sala de Reuniões da Comissão, em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2008.

#### ANEXO AO PARECER Nº 60, DE 2008

Faço saber que o Senado Federal aprovou, e eu, presidente, nos termos do art. 48, inciso XXVIII, do Regimento Interno, promulgo a seguinte

#### RESOLUÇÃO Nº , DE 2008

Dispõe sobre o afastamento preventivo do senador ocupante do cargo de Corregedor do Senado, membro da Mesa Diretora, do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar e Presidente de Comissão em caso de oferecimento de representação contra Senador por fato sujeito à pena de perda do mandato ou à pena de perda temporária do exercício do mandato.

O Senado Federal resolve:

Art. 1º O art. 14 da Resolução do Senado Federal nº 20, de 1993, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 14. Oferecida representação contra senador por fato sujeito à pena de perda do mandato ou à pena de perda temporária do

exercício do mandato, aplicáveis pelo Plenário do Senado, será ela inicialmente encaminhada, pela Mesa, após verificação do atendimento aos requisitos formais de admissibilidade, ao Conselho de Ética e Decoro Parlamentar, ressalvadas as hipóteses do art. 17, quando o processo tem origem no Conselho.

§ 1º No exame do atendimento aos requisitos formais de admissibilidade, a Mesa verificará apenas se o representante possui legitimidade, nos termos do § 2º do art. 55 da Constituição Federal, e se a representação identifica o Senador, os fatos que lhe são imputados e o dispositivo deste Código no qual ele estaria incurso.

§ 2º A decisão da Mesa que determine o arquivamento da representação será comunicada na sessão ordinária seguinte, contra ela cabendo recurso ao Plenário, no prazo de dois dias úteis, subscrito por um décimo dos membros do Senado.

§ 3º O recurso será submetido ao Plenário, no prazo de três dias úteis a contar de sua interposição, e decidido por maioria simples, presente a maioria da composição do Senado, devendo o parecer sobre ele ser proferido por membro da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, designado pelo seu Presidente.” (NR)

Art. 2º O art. 15 da Resolução nº 20, de 1993, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 15. Recebida a representação de que trata o art. 14, o Conselho de Ética e Decoro Parlamentar observará os seguintes procedimentos:

I – representado será notificado para, no prazo de cinco dias úteis, oferecer impugnação prévia à representação;

II – recebida a impugnação, o Presidente designará Relator, por sorteio entre os membros do Conselho não filiados ao partido político representante ou ao partido político do representado, para emitir; no prazo de cinco dias úteis, relatório sobre a admissibilidade da proposta;

III – o relatório preliminar de que trata o inciso II deste artigo, que será submetido à deliberação do Conselho, concluirá pelo arquivamento da representação ou pela instauração do processo, devendo, neste último caso, manifestar-se sobre a necessidade ou não de afastamento do representado do car-

go dirigente em Comissão ou na Mesa, que eventualmente exerça;

IV – se o Conselho decidir pela instauração do processo, abrirá prazo de cinco dias úteis para que o representado apresente defesa;

V – esgotado o prazo sem apresentação de defesa, o Presidente do Conselho nomeará defensor dativo para oferecê-la, reabrindo-lhe igual prazo;

VI – apresentada a defesa, o Conselho procederá as diligências e a instrução probatória que entender necessárias, findas as quais proferirá parecer, concluindo pela procedência da representação ou pelo arquivamento da mesma, oferecendo-se, na primeira hipótese, o Projeto de Resolução apropriado para a declaração da perda do mandato ou da suspensão temporária do exercício do mandato;

VII – em caso de pena de perda do mandato, o parecer do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar será encaminhado à Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania para exame dos aspectos constitucional, legal e jurídico, o que deverá ser feito no prazo de cinco sessões ordinárias;

VIII – concluída a tramitação no Conselho de Ética e Decoro Parlamentar e na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, será o processo encaminhado à Mesa do Senado e, uma vez lido no Expediente, será publicado no **Diário do Congresso Nacional** e distribuído em avulsos para inclusão em Ordem do Dia.

§ 1º O afastamento referido no inciso III deste artigo dar-se-á pelo prazo solicitado pelo Relator, que será coincidente com sua previsão de conclusão do relatório, admitindo-se uma prorrogação, por igual período.

§ 2º Quando o representado for o Corregedor do Senado ou membro, titular ou suplente, do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar, será ele afastado automaticamente do cargo, até o fim do processo de que trata este artigo.

§ 3º O Conselho somente admitirá representação que diga respeito a fatos ocorridos durante o exercício do mandato do representado.

§ 4º O membro que já tenha funcionado como relator somente poderá relatar novo processo quando os demais membros do Conselho também o houverem feito.

§ 5º Para fins do disposto no art. 20, considera-se instaurado o processo a partir da decisão de que trata o inciso IV do **caput** deste artigo.” (NR)

Art. 3º O art. 23 da Resolução nº 20, de 1993, do Senado Federal, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 23. O Conselho de Ética e Decoro Parlamentar será constituído por quinze membros titulares e igual número de suplentes, eleitos para mandato de dois anos, observado, quanto possível, o princípio da proporcionalidade partidária e o rodízio entre Partidos Políticos ou Blocos Parlamentares não representados, devendo suas decisões ser tomadas ostensivamente.

.....” (NR)

Art. 4º Esta Resolução entra em vigor em 1º de março de 2008.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Sobre a mesa, requerimento de dispensa de publicação da redação final, que será lido pelo Sr. 1º Secretário em exercício, Senador Magno Malta.

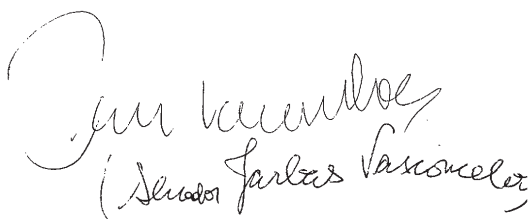
É lido o seguinte:

#### **REQUERIMENTO Nº 53, DE 2008**

Dispensa de publicação de redação final.

Nos termos do art. 321 do Regimento Interno, requero a dispensa de publicação do Parecer, para imediata discussão e votação da redação final do Projeto de Resolução nº 37, de 2007, de autoria do Senador Deicídio Amaral, que dispõe sobre o afastamento preventivo do Senador ocupante do cargo de Corregedor do Senado, membro da Mesa Diretora, do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar e Presidente de Comissão em caso de oferecimento de representação contra Senador por fato sujeito à pena de perda do mandato ou à pena de perda temporária do exercício do mandato.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008.



Senador João Alberto Souza

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Em votação o requerimento. (Pausa.)

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que o aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovado.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Em discussão, portanto, a redação final. (Pausa.)

Encerrada a discussão.

Em votação a redação final.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que a aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovada.

A matéria vai à promulgação.

Fica prejudicado o Projeto de Resolução nº 40, de 2007.

É o seguinte o item prejudicado:

#### **Item 46:**

#### **PROJETO DE RESOLUÇÃO Nº 40, DE 2007**

*(Tramitando em conjunto com o Projeto de Resolução nº 37, de 2007)*

Projeto Resolução nº 40, de 2007, de autoria do Senador João Durval, que *altera a Resolução nº 20, de 17 de março de 1993 (Código de Ética e Decoro Parlamentar), dispondo sobre hipóteses de impedimento e afastamento de Senador.*

Prejudicado, em virtude da aprovação do item anterior, com o qual tramita em conjunto.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Está encerrada a Ordem do Dia.

São os seguintes os itens adiados, em virtude de acordo das Lideranças:

1

#### **PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 48, DE 2003**

Votação, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 48, de 2003, tendo como primeiro signatário o Senador Antonio Carlos Magalhães, que *dispõe sobre aplicação de recursos destinados à irrigação.*

Pareceres sob nºs 1.199, de 2003; e 15, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania: 1º pronunciamento: Relator: Senador João Alberto Souza, favorável, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta; 2º pronunciamento: (sobre a Emenda nº 2, de Plenário), Relator ad hoc: Senador João Batista Motta, favorável, nos termos de subemenda que apresenta.



2

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 57, DE 2005**

Votação, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 57, de 2005, tendo como primeiro signatário o Senador Marco Maciel, que *dá nova redação ao § 4º do art. 66 da Constituição, para permitir que os vetos sejam apreciados separadamente no Senado Federal e na Câmara dos Deputados.*

Pareceres sob nºs 779, de 2006; e 272, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, – 1º pronunciamento (sobre a Proposta): Relator: Senador Ramez Tebet, favorável; – 2º pronunciamento (sobre a Emenda nº 1, de Plenário): Relator: Senador Adelmir Santana, favorável, e apresentando a Emenda nº 2-CCJ, de redação.

3

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 20, DE 1999**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 20, de 1999, tendo como primeiro signatário o Senador José Roberto Arruda, que *altera o art. 228 da Constituição Federal, reduzindo para dezesseis anos a idade para imputabilidade penal.*

Parecer sob nº 478, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Demóstenes Torres, favorável à Proposta de Emenda à Constituição nº 20, de 1999, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta; e pela rejeição das demais matérias que tramitam em conjunto, com votos contrários dos Senadores Sibá Machado, Eduardo Suplicy, Eptácio Cafeteira, Antônio Carlos Valadares, Pedro Simon, Romero Jucá, e das Senadoras Serys Slhessarenko, Lúcia Vânia e, em separado, do Senador Aloizio Mercadante e da Senadora Patrícia Saboya.

4

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 18, DE 1999**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 20, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 18, de

1999, tendo como primeiro signatário o Senador Romero Jucá, que *altera a redação do art. 228 da Constituição Federal.*

5

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 3, DE 2001**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 26, de 2002; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 3, de 2001, tendo como primeiro signatário o Senador José Roberto Arruda, que *altera o artigo 228 da Constituição Federal, reduzindo para dezesseis anos a idade para imputabilidade penal.*

6

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 26, DE 2002**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 3, de 2001; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 26, de 2002, tendo como primeiro signatário o Senador Iris Rezende, que *altera o artigo 228 da Constituição Federal, para reduzir a idade prevista para a imputabilidade penal, nas condições que estabelece.*

7

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 90, DE 2003**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 90, de 2003, tendo como primeiro signatário o Senador Magno Malta, que *inclui parágrafo único no artigo 228, da Constituição Federal, para considerar penalmente imputáveis os maiores de treze anos que tenham praticado crimes definidos como hediondos.*

8

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 9, DE 2004**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; e 90, de 2003)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 9, de 2004, tendo como primeiro signatário

o Senador Papaléo Paes, que *acrescenta parágrafo ao artigo 228 da Constituição Federal, para determinar a imputabilidade penal quando o menor apresentar idade psicológica igual ou superior a dezoito anos.*

## 9

**REDAÇÃO FINAL DAS  
EMENDAS DO SENADO AO  
PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 10, DE 2005**

Discussão, em turno único, da Redação Final (apresentada pela Comissão Diretora como conclusão de seu Parecer nº 1.259, de 2007), das Emendas do Senado ao Projeto de Lei da Câmara nº 10, de 2005 (nº 62/2003, na Casa de origem), que *acrescenta o inciso XVII ao art. 51 da Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, que dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências (torna nula a inclusão automática de consumidor como sócio de sociedade comercial, inclusive de sociedade em conta de participação).*

## 10

**REDAÇÃO FINAL DO  
PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 109, DE 2005**

Discussão, em turno único, da Redação Final (apresentada pela Comissão Diretora como conclusão de seu Parecer nº 1.257, de 2007), do Projeto de Lei da Câmara nº 109, de 2005 (nº 433/2003, na Casa de origem), que *altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.*

## 11

**REDAÇÃO FINAL DO  
PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 41, DE 2006**

Discussão, em turno único, da Redação Final (apresentada pela Comissão Diretora como conclusão de seu Parecer nº 1.258, de 2007), ao Projeto de Lei da Câmara nº 41, de 2006 (nº 162/2003, na Casa de origem), que *acrescenta § 2º ao art. 445 do Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 – Consolidação das Leis do Trabalho, impedindo a exigência de comprovação de experiência prévia por tempo superior a 6 (seis) meses.*

## 12

**REDAÇÃO FINAL DA  
EMENDA DO SENADO AO  
PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 65, DE 2006**

Discussão, em turno único, da Redação Final (apresentada pela Comissão Diretora como conclusão de seu Parecer nº 1.256, de 2007), da Emenda do Senado ao Projeto de Lei da Câmara nº 65, de 2006 (nº 832/2003, na Casa de origem), que *acrescenta dispositivo à Lei nº 7.998, de 11 de janeiro de 1990, para assegurar que parcela dos recursos alocados em ações de qualificação profissional, no âmbito do Programa do Seguro-Desemprego, seja destinada à população afrodescendente.*

## 13

**REDAÇÃO FINAL DO  
PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 298, DE 2004**

Discussão, em turno único, da Redação Final (apresentada pela Comissão Diretora como conclusão de seu Parecer nº 1.260, de 2007), do Projeto de Lei do Senado nº 298, de 2004 (nº 5.506/2005, na Câmara dos Deputados), que *acrescenta alínea ao § 3º do art. 18 da Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991, para estender o benefício fiscal às doações e patrocínios destinados à construção de salas de cinema em Municípios com menos de 100.000 (cem mil) habitantes.*

## 14

**SUBSTITUTIVO AO  
PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 12, DE 2000**

Discussão, em turno suplementar, do Substitutivo ao Projeto de Lei da Câmara nº 12, de 2000 (nº 885/95, na Casa de origem), que *estabelece diretrizes gerais de programa nacional de habitação para mulheres com responsabilidade de sustento da família.*

Parecer sob nº 437, de 2007, da Comissão Diretora, Relator: Senador Gerson Camata, oferecendo a redação do vencido.

## 16

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 6, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 6, de 2003 (nº 2.820/2000, na Casa de origem), que *altera os arts. 47 e 56 da Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971 (dispõe sobre a administração e o conselho fiscal das sociedades cooperativas).*

Parecer sob nº 1.036, de 2006, da Comissão de Agricultura e Reforma Agrária, Relator do vencido: Senador Jonas Pinheiro, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CRA (Substitutivo), que oferece, com voto vencido do Senador Gilberto Goellner, e em separado, do Senador Pedro Simon.

### 17

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 7, DE 2003

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 7, de 2003 (nº 3.703/2000, na Casa de origem), que *dispõe sobre procedimento na operação de arrendamento mercantil de veículo automotivo (leasing), e dá outras providências.*

Pareceres favoráveis sob os nº 446 e 447, de 2007, das Comissões

- de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Arthur Virgílio;
- e de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Eduardo Suplicy.

### 18

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 22, DE 2003

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 22, de 2003 (nº 5.120/2001, na Casa de origem), que *dispõe sobre as atividades das Agências de Turismo.*

Pareceres sob os nºs 1.049 e 1.050, de 2007, das Comissões

- de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Tasso Jereissati, favorável com as Emendas nºs 1 a 12 – CCJ, que apresenta; e

- de Desenvolvimento Regional e Turismo, Relator: Senador Antonio Carlos Valadares, favorável com as Emendas nºs 13 a 18 – CDR, a Subemenda nº 1-CDR à Emenda nº 9-CCJ, e pela aprovação das Emendas nºs 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 11 e 12 – CCJ.

### 19

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 28, DE 2003

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 28, de 2003 (nº 5.657/2001, na Casa de origem), que *acrescenta dispositivo à Lei n.º 8.906, de 4 de julho de 1994, que dispõe sobre o Estatuto da Advocacia e a Ordem dos Advogados do Brasil – OAB (prescrição em cinco anos da ação de prestação de contas do advogado para o seu cliente, ou de terceiros por conta dele).*

Parecer favorável, sob nº 1.162, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Demóstenes Torres.

### 20

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 75, DE 2004

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 75, de 2004 (nº 1.071/2003, na Casa de origem), que *altera a Lei nº 10.334, de 19 de dezembro de 2001, que dispõe sobre a obrigatoriedade de fabricação e comercialização de lâmpadas incandescentes para uso em tensões de valor igual ou superior ao da tensão nominal da rede de distribuição, e dá outras providências.*

Parecer favorável sob nº 87, de 2007, da Comissão de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Delcídio Amaral.

### 21

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 5, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 5, de 2005 (nº 1.447/2003, na Casa de origem), que *acrescenta parágrafo único ao art. 2º da Lei nº 9.452, de 20 de março de 1997, determinando que as Prefeituras Municipais convenientes com a Administração Pública Federal dêem ampla divulgação das liberações de recursos decorrentes dos convênios celebrados.*

Parecer sob nº 21, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Ney Suassuna, favorável, com as Emendas nºs 1 a 3-CCJ, que apresenta.

### 22

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 24, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 24, de 2005 (nº 4.465/2001, na Casa de origem), que *altera a Lei nº 5.917, de 10 de setembro de 1973 (inclui novo trecho na Relação Descritiva das rodovias no Sistema Rodoviário Nacional).*

Parecer favorável, sob nº 1.534, de 2005, da Comissão de Serviços de Infra-Estrutura, Relator “ad hoc”: Senador Rodolpho Tourinho.

### 23

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 103, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 103, de 2005 (nº 45/99, na Casa de origem), que *veda a exigência de*

*carta de fiança aos candidatos a empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho – CLT.*

Parecer sob nº 198, de 2006, da Comissão de Assuntos Sociais, Relator ad hoc: Senador Paulo Paim, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CAS (Substitutivo), que apresenta.

#### 24

### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 111, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 111, de 2005 (nº 3.796/2004, na Casa de origem), que *dispõe sobre a Política Nacional de Orientação, Combate e Controle dos Efeitos Danosos da Exposição ao Sol à Saúde e dá providências correlatas.*

Pareceres sob nºs 603 e 604, de 2007, das Comissões:

– de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Magno Malta, favorável, com as Emendas nºs 1 e 2-CCJ, de redação, que apresenta; e

– de Assuntos Sociais, Relator: Senador Papaléo Paes, favorável, nos termos da Emenda nº 3-CAS (Substitutivo), que oferece.

#### 25

### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 118, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 118, de 2005 (nº 1.153/2003, na Casa de origem), que *modifica o inciso II do caput do art. 44 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (dispõe sobre o aproveitamento de matérias cursadas em seminários de filosofia ou teologia).*

Parecer sob nº 924, de 2006, da Comissão de Educação, Relatora: Senadora Maria do Carmo Alves, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CE (Substitutivo), que oferece.

#### 26

### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 1, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 1, de 2006 (nº 1.696/2003, na Casa de origem), que *altera o § 2º do art. 12 da Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998, que dispõe sobre os planos e seguros privados de assistência à saúde (acrescenta o planejamento familiar nos casos de cobertura dos planos ou seguros privados de assistência à saúde).*

Parecer favorável, sob nº 145, de 2007, da Comissão de Assuntos Sociais, Relatora: Senadora Serys Slhessarenko.

#### 27

### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 2, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 2, de 2006 (nº 1.984/2003, na Casa de origem), que *altera o inciso XIII do caput do art. 7º da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (inclui as normas técnicas como obras protegidas pela legislação dos direitos autorais).*

Parecer favorável, sob nº 376, de 2006, da Comissão de Educação, Relator: Senador Roberto Saturnino.

#### 28

### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 4, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 4, de 2006 (nº 4.730/2004, na Casa de origem), de iniciativa do Presidente da República, que *dá nova redação aos arts. 830 e 895 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 (dispõe sobre a autenticidade de peças oferecidas para prova no processo trabalhista e sobre o cabimento de recurso ordinário para instância superior).*

Parecer favorável sob o nº 697, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator Senador Eduardo Suplicy .

#### 29

### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 11, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 11, de 2006 (nº 2.822/2003, na Casa de origem), que acrescenta parágrafo único ao art. 1º da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, *para dispor sobre a boa-fé nas relações de trabalho.*

Parecer sob nº 542, de 2006, da Comissão de Assuntos Sociais, Relator: Senador Paulo Paim, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CAS (Substitutivo), que oferece.

#### 30

### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 27, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 27, de 2006 (nº 819/2003, na Casa de origem), que *denomina “Rodovia*

*Ministro Alfredo Nasser” a rodovia BR-174, entre a cidade de Cáceres – MT e a fronteira com a Venezuela.*

Parecer sob o nº 1.175, de 2006, da Comissão de Educação, Relator ad hoc: Senador Mão Santa, favorável, com a Emenda nº 1-CE, que oferece.

**31**

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 43, DE 2006**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 43, de 2006 (nº 4.505/2004, na Casa de origem), que *dispõe sobre o reconhecimento do dia 26 de outubro como Dia Nacional dos Trabalhadores Metroviários.*

Parecer favorável, sob nº 926, de 2006, da Comissão de Educação, Relator: Senador Paulo Paim.

**32**

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 90, DE 2006**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 90, de 2006 (nº 6.248/2005, na Casa de origem), que *acrescenta o § 3º-C ao art. 30 da Lei n.º 6.015, de 31 de dezembro de 1973, que dispõe sobre os registros públicos e dá outras providências (determina que cartórios de registros públicos afixem, em locais de fácil leitura e acesso, quadros contendo os valores das custas e emolumentos).*

Parecer favorável, sob nº 1.163, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator ad hoc: Senador Valter Pereira.

**33**

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 12, DE 2007**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 12, de 2007 (nº 1.791/1999, na Casa de origem), que *institui o Dia Nacional dos Surdos.*

Parecer favorável, sob nº 979, de 2007, da Comissão de Educação, Relator ad hoc: Senador Flávio Arns.

**34**

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 28, DE 2007**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 28, de 2007 (nº 3.986/2004, na Casa de origem), que *institui o Dia Nacional do Vaqueiro.*

Parecer favorável sob o nº 722, de 2007, da Comissão de Educação, Relator ad hoc: Senador Valter Pereira.

**35**

**PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 34, DE 2007**

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 34, de 2006 (nº 1.838/2005, na Câmara dos Deputados), que *aprova o texto do Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Cuba em Matéria de Turismo, celebrado em 26 de setembro de 2003, em Havana.*

Parecer favorável, sob nº 966, de 2007, da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, Relatora: Senadora Rosalba Ciarlini.

**37**

**PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 223, DE 2007**

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 223, de 2007 (nº 2.074/2005, na Câmara dos Deputados), que *aprova o texto do Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Angola sobre Transferência de Pessoas Condenadas, assinado em Brasília, em 3 de maio de 2005.*

Parecer favorável, sob nº 1.083, de 2007, da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, Relator ad hoc: Senador Pedro Simon.

**38**

**PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 227, DE 2007**

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 227, de 2007 (nº 2.137/2006, na Câmara dos Deputados), que *aprova o texto do Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Angola sobre Extradicação, assinado em Brasília, em 3 de maio de 2005.*

Parecer favorável, sob nº 1.085, de 2007, da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, Relator ad hoc: Senador Pedro Simon.

39

**PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO  
Nº 52, DE 2007**

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 52, de 2007, tendo como primeiro signatário o Senador Leomar Quintanilha, que *dispõe sobre a realização de plebiscitos para a criação do Estado do Carajás, nos termos do art. 49, inciso XV, da Constituição Federal.*

Parecer sob nº 637, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Mozarildo Cavalcanti, favorável, com a Emenda nº 1 – CCJ, que apresenta.

40

**PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 26, DE 2000**

*(Tramitando em conjunto com o Projeto de Lei do Senado nº 685, de 1999)*

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 26, de 2000, de autoria do Senador Paulo Hartung, que *altera a redação do § 1º do art. 6º da Lei nº 9.069, de 29 de junho de 1995, para definir que o Presidente do Banco Central comparecerá, pessoalmente, à Comissão de Assuntos Econômicos do Senado, para fazer relato sobre a execução da programação monetária que se finda e a exposição e entrega da Programação Monetária Trimestral.*

Pareceres sob nºs 1.816 e 1.817, de 2005; e 1.154, de 2007, das Comissões

– de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Sérgio Machado, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CCJ (Substitutivo) que oferece, e pela rejeição do Projeto de Lei do Senado nº 685, de 1999, que tramita em conjunto;

– de Assuntos Econômicos, 1º pronunciamento: Relator: Senador Aloizio Mercadante, favorável ao Projeto, nos termos do parecer da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, com voto contrário, em separado, da Senadora Heloísa Helena e do Senador Eduardo Suplicy; 2º pronunciamento (em reexame, nos termos do Requerimento nº 644, de 2007): Relator: Senador Romero Jucá, favorável, nos termos da Emenda nº 2-CAE (Substitutivo), que oferece, e contrário ao Projeto de Lei do Senado nº 685, de 1999, que tramita em conjunto.

41

**PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 685, DE 1999**

*(Tramitando em conjunto com o Projeto de Lei do Senado nº 26, de 2000)*

Projeto de Lei do Senado nº 685, de 1999, da Comissão Parlamentar de Inquérito do Sistema Financeiro, que *altera os arts. 6º e 7º da Lei nº 9.069, de 29 de junho de 1995, que “dispõe sobre o Plano Real, o Sistema Monetário Nacional, estabelece as regras e condições de emissão do Real e os critérios para conversão das obrigações para o Real, e dá outras providências”.*

42

**PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 169, DE 2005**

*(Incluído em Ordem do Dia nos termos do Recurso nº 7, de 2007)*

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 169, de 2005, de autoria do Senador Paulo Paim, que *altera dispositivo da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.*

Parecer sob nº 459, de 2007, da Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa, Relator ad hoc: Senador Flávio Arns, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CDH (Substitutivo), que oferece.

43

**PROJETO DE LEI DO SENADO  
Nº 140, DE 2007 – COMPLEMENTAR**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 140, de 2007-Complementar, de autoria do Senador Demóstenes Torres, que *altera o art. 1º da Lei Complementar nº 105, de 10 de janeiro de 2001, para especificar os dados financeiros não sigilosos, para fins de investigação de ilícito penal.*

Pareceres sob nºs 281 e 706, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Jarbas Vasconcelos, 1º pronunciamento (sobre o Projeto): favorável, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta; 2º pronunciamento (sobre a Emenda nº 2-Plen): favorável, nos termos de Subemenda que oferece.

44

**PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 277, DE 2007**

*(Incluído em Ordem do Dia nos termos do Recurso nº 9, de 2007)*

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 277, de 2007, de autoria do Senador Flávio Arns, que *acrescenta pará-*

*grafo único ao art. 4º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 para definir condições de qualidade da oferta de educação escolar para crianças de cinco e seis anos de idade.*

Parecer sob nº 874, de 2007, da Comissão de Educação, Relator: Senador Wilson Matos, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CE (Substitutivo), que oferece.

47

### PROJETO DE RESOLUÇÃO DO SENADO Nº 65, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Resolução do Senado nº 65, de 2007 (apresentado como conclusão do Parecer nº 952, de 2007, da Comissão de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Jonas Pinheiro), que *autoriza a União a aceitar dação de imóvel do Governo da Bolívia, como parte do pagamento dos juros da dívida externa daquele País.*

Pareceres favoráveis, sob nºs 950 e 951, de 2007, das Comissões de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Pedro Simon, com voto contrário do Senador Mozarildo Cavalcanti; e de Relações Exteriores e Defesa Nacional, Relator *ad hoc*: Senador Marcelo Crivella.

48

### REQUERIMENTO Nº 1.302, DE 2004

Votação, em turno único, do Requerimento nº 1302, de 2004, de autoria da Senadora Serys Silhessarenko, que *requer, com fundamento no art. 215 do Regimento Interno do Senado Federal, seja instituída, no âmbito do Senado Federal, a Semana de Ciência e Tecnologia, a ser celebrada anualmente no mês de outubro, com o objetivo de mobilizar a população brasileira para questões científicas, enfatizando o papel da Ciência no nosso dia-a-dia e demonstrando a sua importância para a saúde e o desenvolvimento do País.*

Pareceres favoráveis sob nºs 448 a 451, de 2007, das Comissões de Educação, Relator: Senador Juvêncio da Fonseca; de Assuntos Sociais, Relator: Senador Cristovam Buarque; de Serviços de Infra-Estrutura, Relator *ad hoc*: Senador Eduardo Azeredo; e de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, Relator: Senador Valter Pereira.

49

### REQUERIMENTO Nº 914, DE 2007

Votação, em turno único, do Requerimento nº 914, de 2007, do Senador Mozarildo Cavalcanti, solicitando a remessa do Projeto de Lei do Senado nº 312, de 2007, à Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, uma vez que o prazo na *Comissão de Assuntos Econômicos já se encontra esgotado.*

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Em votação o **Requerimento nº 2, de 2008**, lido em sessão anterior, do Senador Marco Maciel e outros Srs. Senadores, solicitando realização de sessão no dia 15 de abril, destinada à comemoração do bicentenário do Poder Judiciário Independente no Brasil.

Em votação o requerimento.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que o aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovado.

Será cumprida a deliberação do Plenário.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Foram lidos, anteriormente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, os Requerimentos nº 3 e 44, de 2008, de autoria do Senador Romeu Tuma e de outros Srs. e Sr<sup>as</sup> Senadoras, solicitando a realização de sessão especial no dia 21 do corrente, às 10 horas, destinada a comemorar os 200 anos da abertura dos portos no Brasil.

Em votação os requerimentos.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que os aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovados.

Será cumprida a deliberação do Plenário.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Em sessão anterior, foi lido o Requerimento nº 4, de 2008, do Senador Paulo Paim e outros Senadores, solicitando a realização, no próximo dia 26, de sessão especial do Senado, destinada a homenagear o Dia Nacional do Aposentado.

Em votação o requerimento.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que o aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovado.

Será cumprida a deliberação do Plenário.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Magno Malta, para encaminhar, de acordo com sua colocação junto à Mesa, o Requerimento nº 46, de 2008, lido no período do Expediente.

V. Ex<sup>a</sup> o solicita, justifica, pontifica.

**O SR. MAGNO MALTA** (Bloco/PR – ES. Para encaminhar a votação. Sem revisão do orador.) – Obrigado, Sr. Presidente.

O meu requerimento é para solicitar uma sessão solene para homenagear os 50 anos do Armazém Paraíba.

Tive o prazer de estar nas comemorações dos 50 anos do Armazém Paraíba, juntamente com V. Ex<sup>a</sup> e outros Senadores.

Qual é o nordestino que não conhece, que nunca ouviu falar no Armazém Paraíba? Embora eu seja um nordestino lá do interior da Bahia, sempre ouvi falar nele, mas parentes conviveram e convivem com o Armazém Paraíba. E, nessa convivência, naqueles 50 anos, vi uma coisa que a mim me impressionou.

Junto a V. Ex<sup>a</sup>, comentávamos, Sr. Presidente, que quem gera emprego gera honra. A honra de um homem é seu trabalho, e o grupo do Armazém Paraíba passou 50 anos gerando honra. É essa a disposição do Sr. João Claudino, que é pai de um Senador, companheiro nosso nesta Casa, João Claudino Filho.

De tudo que vi – até porque a mim me impressiona muito, a mim me encanta muito conviver e ver os geradores de emprego, os geradores de honra, a felicidade daqueles trabalhadores – durante aquela festa que durou quase uma noite inteira, comandada por um homem acima de 70 anos e que ao longo da sua vida gerou empregos, criou amigos e laços de amizade muito grandes, Sr. Presidente, uma coisa me chamou a atenção: o chamado quadro das debutantes.

Chamou-me a atenção aquele quadro das debutantes, porque vi ali a filha do mais simples funcionário – do motorista, de alguém que trabalha no estoque, do sujeito que descarrega mercadorias – e a filha de um diretor recebendo o mesmo tratamento, vestindo a mesma roupa, recebendo o mesmo presente. E a minha surpresa é a de que isso ocorre já há mais de 30 anos.

Sr. Presidente, tenho duas filhas. Qual é o pai que não sonha fazer uma festa de debutante para uma filha de 15 anos?

Qual é o pai que não se sente feliz quando uma filha de 15 anos é homenageada daquela forma tão singela, digna, e de uma forma tão bonita como a festa é posta?!

Sr. Presidente, era possível ver nos olhos da mais simples funcionária, do mais graduado dos funcionários, a felicidade diante daquele quadro das debutantes. E eu estava ao lado de V. Ex<sup>a</sup> naquela festa, ao lado do Senador Heráclito Fortes e de outros políticos e cidadãos que tiveram a oportunidade de ir àquele lugar.

Por isso, Sr. Presidente, resolvi, de minha auto-deliberação, do meu próprio entendimento, fazer esse requerimento para homenagearmos esse grupo.

Isso me chamou a atenção, Sr. Presidente, porque temos a Garoto, no Estado do Espírito Santo, uma

empresa familiar que, com muita dificuldade, foi obrigada a ser vendida para a Nestlé, mas que continua gerando emprego e honra no Espírito Santo. Temos também o Grupo Dadalto, o Grupo Pianna, do meu Estado, a Coabriel, a cooperativa de café, que durante uma vida gera emprego, gera honra.

E, homenageando o Armazém Paraíba, sou aqui conduzido, compungido a fazer a mesma coisa com grupos do meu Estado, que geram honra, a saber, esses que citei, e tantos outros no Estado do Espírito Santo.

Sr. Presidente, a fábrica de cimento em Cachoeiro do Itapemirim; as nossas empresas de moagem de pedra, as nossas serrarias de mármore e de granito, algumas já com idade muito avançada, têm gerado emprego e honra ao longo da vida.

Por isso, Sr. Presidente, saí dali disposto a fazer esse requerimento, pedindo uma sessão solene para homenagear os 50 anos do Armazém Paraíba. São 50 anos gerando emprego, 50 anos gerando honra, gerando vida.

Sr. Presidente, muito obrigado por ter-me permitido me alongar um pouco fazendo essa justificativa, até porque foi ao lado de V. Ex<sup>a</sup> que presenciei tudo que pude relatar aqui para o Brasil. E gostaria de parabenizar o povo do Piauí e o povo do Maranhão, parte de Belém, da Bahia, onde o Armazém Paraíba é presente; da Paraíba, onde é presente; também no Amapá, Senador Papaléo, onde se gera emprego, se gera honra, se gera dignidade.

Essa é a razão do meu requerimento para essa sessão, que espero seja uma sessão bonita como tantas outras que têm acontecido nesta Casa.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço ao Senador Magno Malta. E digo a S. Ex<sup>a</sup> e às Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores que realmente estivemos no Piauí e presenciamos as comemorações da Organização Armazém Paraíba, que honra aquele Estado. Trata-se de uma organização que, como disse o Senador, oferece não centenas de empregos, mas milhares de empregos, comandada por um grande empresário, por sinal, pai do Senador João Vicente Claudino, o Sr. João Claudino.

**O SR. MAGNO MALTA** (Bloco/PR – ES) – O Armazém Paraíba é um sucesso em qualquer lugar. Foi o Zezinho que me passou a frase aqui. O pai do Senador Sibá é do Piauí. Portanto, o Senador Sibá quer falar, porque o pai dele comprava raio de bicicleta lá.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Em votação o requerimento.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que o aprovam, queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovado.



Será cumprida a deliberação do Plenário.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### **REQUERIMENTO Nº 54, DE 2008**

**Requer Voto de Pesar pelo falecimento de Eduardo Danton Vasconcelos Correia Lima, ocorrido no dia 3 deste mês de fevereiro de 2008, em Manaus.**

Requeiro, nos termos do art. 218, do Regimento Interno, e ouvido o Plenário, que seja consignado, nos Anais do Senado, Voto de Pesar pelo falecimento de Eduardo Danton Vasconcelos Correia Lima, ocorrido no dia 3 deste mês de fevereiro de 2008, em Manaus.

Requeiro, ainda, que o Voto de Pesar seja levado ao conhecimento da sua família, especialmente ao ex-Prefeito de Maués, Sidney Ricardo e à sua esposa, Daniele Vasconcelos.

#### **Justificação**

Um aneurisma ceifou a vida de um promissor jovem amazonense, Eduardo Danton Vasconcelos Correia Lima. Tinha apenas 26 anos de idade e terminara há pouco tempo o curso de Direito. Preparava-se para prestar o exame da Ordem dos Advogados do Brasil e iniciar-se na carreira jurídica ou, quem sabe, da política, com a qual já tinha alguma ligação, pois era irmão de Daniela Vasconcelos, esposa de Sidney Ricardo de Oliveira Leite, ex-Prefeito da capital do guaraná, Maués. Sua súbita morte foi muito sentida nos vastos círculos de sua amizade, em Manaus e em Maués, e é em solidariedade à sua família e aos amigos que proponho esta homenagem póstuma.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – A Presidência encaminhará o voto de pesar solicitado.

O requerimento que acaba de ser lido vai ao Arquivo.

Sobre a mesa, requerimentos que passo a ler.

São lidos os seguintes:

#### **REQUERIMENTO Nº 55, DE 2008**

**Requer, ao Senhor Ministro da Saúde, informações da Funasa, acerca da falta de assistência médica às populações indígenas do Vale do Javari, no Amazonas.**

Requeiro, nos termos do art. 216, I, do Regimento Interno, combinado com o disposto no art. 50, 2º,

da Constituição Federal, que sejam solicitadas, ao Senhor Ministro da Saúde, informações da Fundação Nacional de Saúde – FUNASA acerca de denúncias (veiculadas pela imprensa) de precariedade na assistência médica aos indígenas do Vale do Javari, no Amazonas, que, em decorrência, são obrigados a buscar tratamento, sobretudo para malária, no Peru.

Indaga-se:

1 – As denúncias são procedentes?

2 – É verdadeira a informação de que a Funasa admite dificuldades em manter profissionais de saúde na região?

3 – Qual é o quadro, com indicações pormenorizadas, sobre a ação do Ministério da Saúde nessa área?

#### **Justificação**

O jornal **O Estado de S. Paulo** publica, na edição de 12 de janeiro de 2008, notícia com o título “Índios do AM buscam socorro médico no Peru”, informando o registro de oito mortes por causa de malária. Os indígenas brasileiros daquela região do Amazonas, o Vale do Javari, não contam com assistência médica no Brasil, pelo que são obrigados a cruzar a fronteira em busca de tratamento no vizinho Peru. Acrescenta a notícia-denúncia que a Fundação Nacional de Saúde – Funasa admite o problema e alega ter dificuldades para manter profissionais de saúde naquela área.

O fato, sem qualquer outra qualificação, chega a ser humilhante, a partir da constatação de que o Brasil não consegue dar tratamento médico à sua população, ao menos no Amazonas.

No Título IV, Capítulo I, a Constituição Federal prescreve as atribuições do Congresso Nacional, contemplando, no inciso X do art. 49, as suas prerrogativas de fiscalizar e controlar, diretamente ou por quaisquer de suas casas, os atos do Poder Executivo, incluídos os da Administração indireta. No caso em tela, estou solicitando esclarecimentos diante das informações veiculadas pelo jornal, para que esta Casa fique inteirada, com informações do MS, sobre o problema.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À Mesa para decisão.)

#### **REQUERIMENTO Nº 56, DE 2008**

Nos termos do disposto no § 2º do art. 50 da Constituição Federal, bem como nos dispositivos regimentais aplicáveis à espécie, requer que o Excelentíssimo Sr. Ministro de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento encaminhe informações

sobre as razões apresentadas para autorizar a liberação comercial de milho transgênico.

### Justificação

De acordo com denúncia das entidades Terra de Direitos, Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC) e Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA), os Ministros da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Reinhold Stephanes, e da Ciência e Tecnologia, Sérgio Rezende, ao fundamentarem a necessidade de liberação comercial do milho transgênico de um suposto plantio ilegal, infringiram o Código de Conduta das Altas Autoridades da Administração Pública Federal.

Conforme reportagem da Agência Estado de 11-2-2008, organizações consideram que “os ministros deveriam tratar com mais seriedade os argumentos da ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) e do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) contra a decisão da CTNBio (Comissão Técnica Nacional de Biossegurança) e não apoiar-se em fatos criminosos para justificar a liberação comercial”. A reportagem informa que, para a Anvisa, as empresas não apresentaram estudos suficientes quanto à toxicidade e alergenicidade das variedades transgênicas. O Ibama alega a ausência de estudos de impactos ambientais e o risco de contaminação das variedades tradicionais, ecológicas ou mesmo convencionais.

Tal fato requer uma explicação das autoridades competentes para que não parem dúvidas sobre a qualidade do milho a ser comercializado.

Sala de sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Álvaro Dias**.

(*Á Mesa para decisão.*)

### REQUERIMENTO Nº 57, DE 2008

Solicita informações ao Sr. Ministro das Relações Exteriores sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro das Relações Exteriores sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro das Relações Exteriores com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um free shop no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, de fevereiro de 2008. – **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

*(À Mesa para decisão.)*

#### **REQUERIMENTO Nº 58, DE 2008**

##### **Solicita informações ao Sr. Ministro das Minas e Energia sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro das Minas e Energia sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro das Minas e Energia com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

#### **Justificação**

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um free shop no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

*(À Mesa para decisão.)*

#### **REQUERIMENTO Nº 59, DE 2008**

##### **Solicita informações à Srª Ministra do Meio Ambiente sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações à Srª Ministra do Meio Ambiente sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto da Ministra do Meio Ambiente com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pela Ministra, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além da Ministra, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um free shop no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

*(À mesa para decisão)*

### REQUERIMENTO Nº 60, DE 2008

#### Solicita informações ao Sr. Ministro do Turismo sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro do Turismo sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro do Turismo com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um free shop no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – **Artur Virgílio**, Líder do PSDB.

*(À mesa para decisão.)*

### REQUERIMENTO Nº 61, DE 2008

**Solicita informações ao Sr. Ministro dos Transportes sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro dos Transportes sobre a utilização de cartões corpora-

tivos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro dos Transportes com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo

em 2007, com casos de compras em um free shop no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, de fevereiro de 2008. – **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

( À Mesa para decisão.)

### REQUERIMENTO Nº 62, DE 2008

Solicita informações ao Sr. Ministro do Trabalho e Emprego sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro do Trabalho e Emprego sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro do Trabalho e Emprego com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um free shop no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

( À Mesa para decisão.)

### REQUERIMENTO Nº 63, DE 2008

**Solicita informações ao Sr. Ministro da Secretaria Especial de Portos sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam

solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro da Secretaria Especial de Portos sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Secretaria Especial de Portos com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um free shop no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À Mesa para decisão.)

### REQUERIMENTO N° 64, DE 2008

#### Solicita informações ao Sr. Ministro da Secretaria de Comunicação Social sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro da Secretaria de Comunicação Social sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Secretaria de Comunicação Social com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um free shop no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

*(À Mesa para decisão.)*

### REQUERIMENTO N° 65, DE 2008

**Solicita informações ao Sr. Ministro da Secretaria Especial dos Direitos Humanos sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requero que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro da Secretaria Especial dos Direitos Humanos sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Secretaria Especial dos Direitos Humanos com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.



No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um free shop no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À Mesa para decisão.)

#### **REQUERIMENTO Nº 66, DE 2008**

##### **Solicita informações ao Sr. Ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um

dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

#### **Justificação**

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de intormação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um free shop no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À mesa para decisão.)

#### **REQUERIMENTO Nº 67, DE 2008**

##### **Solicita informações ao Sr. Ministro da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca**

**sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

**Justificação**

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual Governo com questiona-

mentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da Ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU), com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

*(À Mesa para decisão).*

**REQUERIMENTO Nº 68, DE 2008**

**Solicita informações ao Sr. Ministro do Gabinete de Segurança Institucional sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Ministro do Gabinete de Segurança Institucional sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro do Gabinete de Segurança Institucional com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

#### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual Governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da Ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU), com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À Mesa para decisão).

#### REQUERIMENTO Nº 69, DE 2008

##### Solicita informações ao Sr. Ministro da Secretaria de Relações Institucionais sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa pasta.

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro da Secretaria de Relações Institucionais sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Secretaria de Relações Institucionais com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

#### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas

as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual Governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da Ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU), com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À Mesa para decisão).

#### REQUERIMENTO Nº 70, DE 2008

##### **Solicita informações ao Sr. Ministro da Saúde sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro da Saúde sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Saúde com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

#### **Justificação**

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual Governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da Ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU), com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À Mesa para decisão).

### REQUERIMENTO Nº 71, DE 2008

**Solicita informações ao Sr. Ministro da Previdência sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro da Previdência sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Previdência com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

#### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou

a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual Governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da Ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU), com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À Mesa para decisão).

### REQUERIMENTO Nº 72, DE 2008

**Solicita informações ao Sr. Ministro da Agricultura sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro da Agricultura sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Agricultura com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual Governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU), com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar

mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À Mesa para decisão)

### REQUERIMENTO Nº 73, DE 2008

#### Solicita informações ao Sr. Ministro da Advocacia-Geral da União sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro da Advocacia-Geral da União sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Advocacia-Geral da União com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

7. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

8. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual Governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

*(À mesa para decisão.)*

### REQUERIMENTO Nº 74, DE 2008

**Solicita informações ao Sr. Ministro da Educação sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro da Educação sobre a utilização de cartões corporati-

vos por parte dos servidores dessa pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Educação com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual Governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da Ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo

em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU), com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À Mesa para decisão.)

#### REQUERIMENTO Nº 75, DE 2008

##### **Solicita informações ao Sr. Ministro do Desenvolvimento Agrário sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro do Desenvolvimento Agrário sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro do Desenvolvimento Agrário com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

#### **Justificação**

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À Mesa para decisão.)

#### REQUERIMENTO Nº 76, DE 2008

##### **Solicita informações ao Sr. Ministro da Defesa sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam



solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro da Defesa sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Defesa com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À Mesa para decisão).

### REQUERIMENTO Nº 77, DE 2008

#### Solicita informações ao Sr. Ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

*(À Mesa para decisão.)*

### REQUERIMENTO N° 78, DE 2008

**Solicita informações ao Sr. Ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 1999 a 2002:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À mesa para decisão.)

#### REQUERIMENTO Nº 79, DE 2008

##### **Solicita informações à Sr<sup>a</sup> Ministra da Secretaria Especial de Política para as Mulheres sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações à Sr<sup>a</sup> Ministra da Secretaria Especial de Política para as Mulheres sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto da Ministra da Secretaria Especial de Política para as Mulheres com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pela Ministra, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além da Ministra, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

#### **Justificação**

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À Mesa para decisão.)

**REQUERIMENTO Nº 80, DE 2008****Solicita informações ao Sr. Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

**Justificação**

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas

as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À Mesa para decisão.)

**REQUERIMENTO Nº 81, DE 2008****Solicita informações ao Sr. Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar

mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À Mesa para decisão.)

### REQUERIMENTO Nº 82, DE 2008

#### Solicita informações ao Sr. Ministro da Justiça sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Ministro da Justiça sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Justiça com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À Mesa para decisão.)

### REQUERIMENTO N° 83, DE 2008

#### Solicita informações ao Sr. Ministro da Integração Nacional sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Ministro da Integração Nacional sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Integração Nacional com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$ 461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

*(À Mesa para decisão.)*

#### **REQUERIMENTO N° 84, DE 2008**

##### **Solicita informações ao Sr. Ministro da Fazenda sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Ministro da Fazenda sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Fazenda com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

#### **Justificação**

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um free shop no valor de R\$ 461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

*(À Mesa para decisão.)*

#### **REQUERIMENTO N° 85, DE 2008**

##### **Solicita informações ao Sr. Ministro do Esporte sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro do Esporte sobre a utilização de cartões corporativos

por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro do Esporte com cartão corporativo no período acima citado?
2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.
3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?
4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?
5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?
6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.
7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?
8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?
9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?
10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?
11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

#### **Justificação**

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo

em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

*(À Mesa para decisão).*

#### **REQUERIMENTO Nº 86, DE 2008**

##### **Solicita informações ao Sr. Ministro da Cultura sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro da Cultura sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Cultura com cartão corporativo no período acima citado?
2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.
3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?
4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?
5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?
6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.
7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?



8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$ 461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À Mesa para decisão).

### REQUERIMENTO N° 87, DE 2008

**Solicita informações ao Sr. Ministro da Controladoria-Geral da União sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requero que, ouvida a Mesa, sejam

solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro da Controladoria-Geral da União sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Controladoria-Geral da União com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual Governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

*(À Mesa para decisão.)*

#### **REQUERIMENTO Nº 88, DE 2008**

##### **Solicita informações ao Sr. Ministro das Comunicações sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro das Comunicações sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro das Comunicações com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

#### **Justificação**

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual Governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

*(À Mesa para decisão.)*

#### **REQUERIMENTO Nº 89, DE 2008**

##### **Solicita informações ao Sr. Ministro da Ciência e Tecnologia sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro da Ciência e Tecnologia sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Ciência e Tecnologia com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual Governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$ 171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

*(À Mesa para decisão.)*

### REQUERIMENTO N° 90, DE 2008

#### **Solicita informações ao Sr. Ministro das Cidades sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro das Cidades sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro das Cidades com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

#### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual Governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À Mesa para decisão.)

#### REQUERIMENTO Nº 91, DE 2008

##### Solicita informações à Sra. Ministra Chefe da Casa Civil da Presidência da República sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações à Sra. Ministra Chefe da Casa Civil da Presidência da República sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto da Ministra Chefe da Casa Civil da Presidência da República com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pela Ministra, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além da Ministra, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

#### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas

as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual Governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$ 171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria-Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À Mesa para decisão.)

## REQUERIMENTO Nº 92, DE 2008

### **Solicita informações ao Sr. Ministro da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### **Justificação**

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um **free shop** no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efe-

tuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB

(À Mesa para decisão.)

#### **REQUERIMENTO Nº 93, DE 2008**

##### **Solicita informações ao Sr. Ministro-Presidente do Banco Central sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro-Presidente do Banco Central sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro-Presidente do Banco Central com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

6. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

#### **Justificação**

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um free shop no valor de R\$461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB

(À Mesa para decisão.)

#### **REQUERIMENTO Nº 94, DE 2008**

##### **Solicita informações ao Sr. Ministro Extraordinário de Assuntos Estratégicos sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.**

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, inciso I, do Regimento Interno, requeiro que, ouvida a Mesa, sejam solicitadas as seguintes informações ao Sr. Ministro Extraordinário de Assuntos Estratégicos sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta no período de 2003 a 2007:

1. Qual foi o gasto do Ministro Extraordinário de Assuntos Estratégicos com cartão corporativo no período acima citado?

2. Discriminar os gastos efetuados pelo Ministro, mês a mês, em cada um dos anos

indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

3. Além do Ministro, quantos servidores dessa Pasta estão autorizados a realizar despesas com cartões corporativos?

4. Quais os nomes dos servidores dessa Pasta beneficiados com o cartão de crédito corporativo?

5. Qual foi o gasto com cartões de crédito corporativo desses servidores no período acima citado?

8. Discriminar os gastos efetuados por esses servidores, mês a mês, em cada um dos anos indicados, relacionando a data e o tipo de despesa realizada.

7. Como é feita a distribuição dos recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações?

8. Quais são as justificativas para os saques em dinheiro?

9. Como é feita a prestação de contas dos gastos e dos saques em dinheiro feitos com o cartão corporativo?

10. Quem é o responsável pela fiscalização desses gastos?

11. Quais são os critérios utilizados para apurar se os gastos realizados cumpriram sua finalidade?

### Justificação

A emissão de cartões corporativos a favor de agentes políticos e servidores públicos já possibilitou a movimentação de milhões de reais, em despesas as mais variadas possíveis, conforme tem sido amplamente noticiado pela mídia.

Em 2005 eu já havia manifestado essa preocupação ao apresentar requerimento de informação a todos os ministros do atual governo com questionamentos sobre os desvios de função na utilização dos cartões corporativos.

No entanto, denúncias sobre irregularidades no uso do cartão corporativo continuam surgindo, o que motivou esse novo requerimento.

No caso da ex-Ministra Matilde Ribeiro, por exemplo, a Comissão de Ética Pública havia identificado R\$171 mil em gastos feitos com o cartão corporativo em 2007, com casos de compras em um free shop no valor de R\$ 461,16.

Outros ministros também estão sob investigação da Controladoria Geral da União (CGU) com suspeita de uso ilegal do cartão para compras fora dos padrões.

Portanto, o objetivo do requerimento é verificar o que foi gasto com os cartões corporativos e se as

despesas são permitidas pela legislação, visando dar mais transparência à forma com que estão sendo efetuadas essas despesas, na tentativa de realizar um controle detalhado desses gastos.

Sala das Sessões, de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

(À Mesa para decisão.)

### REQUERIMENTO N° 95, DE 2008

Senhor Presidente,

Com fundamento no art. 50, § 2º, da Constituição Federal, combinado com o art. 216, do Regimento Interno, requeiro que sejam solicitadas informações ao Ministério da Justiça sobre a entrada e saída em território nacional, com as respectivas datas, períodos e locais de estadia dos seguintes cidadãos estrangeiros: Cuido Alejandro Antonini Wilson (nacionalidades americana e venezuelana), Carlos Kauffmann (nacionalidade venezuelana), Franklin Duran (nacionalidade venezuelana), Moisés Maionica Pajovic (nacionalidade venezuelana), Rodolfo Wanseele Paciello (nacionalidade uruguaia) e José Antonio Canchica Gómez (nacionalidade venezuelana).

### Justificação

Detidos numa prisão federal em Miami, na Flórida, eles são acusados pelo FBI (Federal Bureau of Investigation), a polícia federal norte-americana, de atuar ilegalmente nos Estados Unidos da América como agentes do governo da Venezuela. Na Argentina, estão diretamente envolvidos no episódio de apreensão de uma mala com 800 mil dólares – ao que tudo indica, destinados a interferir nas eleições presidenciais. No curso das investigações, o promotor americano Thomas Mulvihill atestou que alguns dos detidos haviam viajado intensamente a países da América Latina nos últimos meses, incluindo o Brasil.

Sendo assim, cabe ao Senado Federal conhecer, em cumprimento da sua função fiscalizadora, se as referidas pessoas estiveram ou estão em território nacional.

É dever do Ministério da Justiça, por meio do Departamento de Polícia Federal, deter o controle da entrada e saída de cidadãos estrangeiros em território nacional, principalmente aqueles que podem trazer riscos ao bom funcionamento das instituições, razão pela qual entendo ser pertinente esta solicitação de informações.

Sala das Sessões, 12 de fevereiro de 2008. – Senador **Demóstenes Torres**.

(À Mesa para decisão.)

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Os requerimentos que acabam de ser lidos serão despachados à Mesa para decisão, nos termos do art. 216, III, do Regimento Interno.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, vou ter de prorrogar esta sessão, mas só o farei por 20 minutos. Estão inscritos junto à Mesa o Senador Papaléo Paes e agora o Senador Sibá Machado.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC) – Sr. Presidente, é bem rápido e só vou ler três folhas rapidinho, até porque também estou inscrito hoje e sou o nono da relação. Se V. Ex<sup>a</sup> me permite...

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Sibá Machado.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, gostaria de fazer o registro de uma data triste, o de três anos de falecimento da irmã Dorothy Stang, minha amiga e companheira de tantas lutas no interior do Estado do Pará, uma das vítimas da intolerância e da violência praticada contra os trabalhadores no campo do Brasil.

Faço minha a voz dos que lutam diariamente para que esses crimes sejam punidos e passo a ler a nota divulgada pelo comitê Dorothy Stang, no Pará, na data de hoje.

Belém, 12 de fevereiro de 2008

Irmãs e irmãos de muitos rostos e mesmo coração, hoje pedimos a palavra, humildemente, para lhes falar.

Primeiro, gostaríamos de dizer que hoje é um dia muito especial em nossas vidas. Pois hoje é 12 de fevereiro. Dia que marcou nossas vidas para sempre. Dia de memória e esperança, dia de dor e luta, dia de sangue e vida. Sim, sangue e vida firmados no compromisso renovado a cada ano de seguirmos em frente.

Segundo, que hoje não pudemos estar aí com vocês, pois estamos aqui, em Belém, há centenas de quilômetros de distância deste pequeno pedaço de terra, carne e sangue que se chama Anapu. Sim, hoje, como quase sempre durante esses três anos não poderemos estar aí, junto com vocês. Mas estamos aqui, lutando do nosso jeito contra a impunidade e em defesa da Amazônia. Hoje, como vocês, ganharemos as ruas e denunciaremos a impunidade, a injustiça e a tirania, hoje como vocês, nós cantaremos um mundo novo que precisa nascer neste longo e doloroso parto da história, a nossa história.

Por isso e por tudo o mais lembramos a memória, o sangue e a vida de nossa grande companheira Irmã Dorothy e de todos aqueles e aquelas que tombaram na luta por um outro mundo e uma outra Amazônia mais humana e mais fraterna. Que este sonho continue crescendo e se multiplicando na esperança e na luta de cada dia e que todos nós possamos seguir adiante e sempre, pois “os poderosos podem matar uma ou duas flores, mas jamais impedirão a primavera.”

Saúde, força e muita luta!  
Comitê Dorothy Belém

Sr. Presidente, gostaria de finalizar fazendo um apelo ao Supremo Tribunal Federal, mais precisamente ao Ministro César Peluso, relator do Agravo de Instrumento que impede, até o presente momento, o julgamento pelo júri popular de um dos acusados e denunciados pelo Ministério Público de ser um dos mandantes do assassinato da irmã Dorothy Stang, Regisvaldo Pereira Galvão.

O processo encontra-se concluso desde o dia 12 de junho de 2007, e de seu julgamento depende a realização do julgamento do mandante pelo júri popular do Estado do Pará.

Não é preciso reafirmar aqui que o não julgamento de um dos mandantes de um dos crimes mais bárbaros daquela localidade, como esse, gera a sensação de impunidade na sociedade, e agrava ainda mais a violência no campo do Brasil.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

Concedo a palavra ao nobre Senador Jayme Campos.

**O SR. JAYME CAMPOS** (DEM – MT. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Garibaldi Alves, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, quero comunicar aos nossos caros colegas Senadores, em nome de todo o povo mato-grossense, que vivemos um dia de grande apreensão. Nosso estimado amigo Senador Jonas Pinheiro, que todos aprendemos a admirar aqui nesta Casa, atravessa graves problemas de saúde. Na madrugada de segunda-feira, sofreu complicações cardíacas que o levaram à Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Amecor, em Cuiabá, onde se encontra internado.

Por sua monumental coragem, Jonas sempre inspirou os sentimentos mais nobres de seus correligionários e de toda a comunidade regional. Líder inconteste dos sagrados interesses da agropecuária nacional neste Congresso, é espelho de retidão e de caráter.



Quero aqui manifestar minha solidariedade à sua esposa, Deputada Celcita, aos seus filhos e netos, desejando plena recuperação ao nosso querido Senador.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Permite-me um aparte, Senador?

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – Sr. Presidente, gostaria de também fazer um pequeno aparte.

**O SR. JAYME CAMPOS** (DEM – MT) – Peço também a todos os brasileiros que orem pelo pronto restabelecimento de Jonas Pinheiro. Estou certo de que, em breve, teremos novamente sua companhia neste plenário, ouvindo seus sábios conselhos e observando em seus posicionamentos a lucidez que caracteriza sua trajetória política.

Não só os mato-grossenses, mas todos os brasileiros esperam ver logo o Senador Jonas Pinheiro saudável e esbanjando dignidade como sempre.

Quero fazer o comunicado, meu caro Senador Garibaldi, aos demais colegas Senadores, de que recebi agora o último boletim médico em relação à sua pessoa. O estado do Senador é precário. Temos de orar muito, para que ele possa, com certeza, restabelecer sua saúde em toda plenitude e voltar a conviver conosco nesta Casa, pois, certamente, é orgulho também de todos nós, Senadores.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Jayme Campos, todos nós estamos acompanhando com grande dor o estado de saúde do Senador Jonas Pinheiro, estimado nesta Casa, estimado por todos aqueles que o conheceram como Deputado Federal e como um Senador de uma trajetória das mais dignas na vida pública do seu estado e do nosso País. Façamos as nossas preces, como disse V. Ex<sup>a</sup>, para que o Senador Jonas Pinheiro possa ainda se recuperar. Ele permanece na UTI há aproximadamente dois dias, tendo sido internado não apenas por um infarto, mas também por complicações neurológicas.

Com a palavra o Senador Marcelo Crivella.

**O SR. MARCELO CRIVELLA** (Bloco/PRB – RJ. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, não poderia também, neste momento, deixar de extravasar a minha dor, a minha preocupação com relação ao Senador Jonas Pinheiro, com quem sempre tive uma convivência extremamente agradável, instrutiva, colaborativa, tendo nele a figura de um grande líder. Faço das palavras do Senador Jayme Campos as minhas palavras.

Peço a Deus, de todo o meu coração, que nosso Senador possa se recuperar e estar de volta ao nosso convívio.

Manifesto, também, Sr. Presidente, preocupação com relação ao estado de saúde do Senador Aloizio Mercadante, que também, eu diria, carece das nossas orações. Um companheiro querido, combativo, um grande líder desta Casa e que, neste momento, está combatido em tratamento médico em São Paulo.

Sr. Presidente, recomeçamos a nossa sessão legislativa lamentando profundamente a perda de dois grandes companheiros.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Com relação ao estado de saúde do Senador Aloizio Mercadante, informo a esta Casa que, hoje pela manhã, mantive um contato telefônico com S. Ex<sup>a</sup>, que me informou que está passando bem e na expectativa do resultado de exames que possa levá-lo a deixar o Hospital Albert Einstein dentro de, no máximo, dez dias.

Concedo a palavra ao Senador Eduardo Azeredo, pedindo a compreensão do Senador Papaléo Paes.

**O SR. EDUARDO AZEREDO** (PSDB – MG. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, trago o sentimento de revolta de todos nós que fazemos parte da Comissão de Assuntos Sociais com uma questão acontecida no Iraque. Diz respeito à última ação terrorista, que utilizou duas mulheres portadoras de síndrome de Down para explodirem bombas. Veja a que ponto chegou o terrorismo!

É uma questão de desumanidade total, é uma barbárie que os terroristas usam agora mulheres-bomba que têm síndrome de Down. Elas não tinham consciência exata do que estavam fazendo.

A nossa posição é que o Governo brasileiro manifeste junto à ONU a nossa indignação com esse tipo de atitude, que, repito, é uma barbárie, uma desumanidade.

**O SR. VALTER PEREIRA** (PMDB – MS) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Valter Pereira, o Senador Flávio Arns já havia pedido a palavra. Peço a compreensão de V. Ex<sup>a</sup>.

Tem a palavra o Senador Flávio Arns.

**O SR. FLÁVIO ARNS** (Bloco/PT – PR. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, minha intervenção é no sentido de me associar à manifestação do Senador Eduardo Azeredo, Presidente da Subcomissão Permanente para Assuntos da Pessoa com Deficiência, na Comissão de Assuntos Sociais.

As pessoas com síndrome de Down são pessoas com deficiência intelectual, que, como S. Ex<sup>a</sup> falou, não têm condições de avaliar. Há pessoas que têm deficiências bastante leves, que inclusive trabalham e estudam, e há outras com dificuldades mais acentuadas.

O fato de, na guerra, os terroristas utilizarem duas mulheres com síndrome de Down para explodirem as bombas amarradas aos seus corpos deve receber de todas as pessoas do Brasil e do mundo um voto de repúdio. A própria guerra já merece um voto de repúdio, mas atitudes dessa natureza devem receber também de todos nós um voto de repúdio, de repulsa, pela iniciativa tomada.

Então, nada melhor que o Senado Federal oficiar ao Ministério das Relações Exteriores para que manifeste, junto à ONU, aos países, aos organismos envolvidos, esse posicionamento do Senado Federal em função dos fatos ocorridos no Iraque, lamentando, inclusive, novamente, o próprio fato de a guerra estar acontecendo naquele país, o que também deprime toda a humanidade.

Dentro da guerra, essa iniciativa de se utilizarem pessoas e, particularmente, pessoas com deficiência deve receber, sem dúvida alguma, o repúdio de toda a humanidade.

Obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

Senador Valter Pereira, gostaria que V. Ex<sup>a</sup> fizesse uma cortesia e homenageasse a mulher, ouvindo a palavra da Senadora Rosalba Ciarlini. Em seguida, falará V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. VALTER PEREIRA** (PMDB – MS) – Com muita honra. A mulher acima de tudo.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

Com a palavra a Senadora Rosalba Ciarlini.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN. Pela ordem. Sem revisão da oradora.) – Agradeço a cortesia do Presidente e do Senador Valter. Nós não queremos estar acima de tudo nem em primeiro lugar. Queremos estar lado a lado, em primeiro lugar, com V. Ex<sup>as</sup>, contribuindo com a nossa luta, com o nosso trabalho, dividindo responsabilidade e avançando para o bem comum.

Mas gostaria, Senador Flávio Arns, de falar dessa barbaridade, como bem colocaram nossos colegas. Sou Vice-Presidente da Comissão de Assuntos Sociais. Realmente é uma crueldade extrema. Dói saber que estão utilizando pessoas que não têm a condição de fazer uma avaliação da gravidade do fato. Estão sendo usadas, mas são inocentes e vão de boa-fé. Os portadores da síndrome de Down são pessoas de bem, que nos dão alegria, que transbordam de amor. Jamais, de forma alguma, se tivessem condições de fazer uma avaliação do fato, agiriam assim. É uma crueldade extrema. É doloroso ver este mundo onde a guerra impera, onde há esta barbaridade, esta cruel-

dade extrema de fazer uso de pessoas que gostariam de passar pelo mundo levando só o amor. É o caso dos portadores da síndrome de Down.

Quero demonstrar o meu repúdio, em nome de todos nós que participamos da Comissão e deste plenário. Que seja levado, por todos os meios, o nosso repúdio e o de todos os brasileiros.

Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Valter Pereira. Em seguida, para encerrarmos a nossa sessão, concederei a palavra ao Senador Papaléo Paes.

**O SR. VALTER PEREIRA** (PMDB – MS. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, estou inscrito como orador e gostaria de falar como tal posteriormente.

Neste momento, pedi a palavra para associar-me à inquietação que foi exposta aqui pelo Senador Jayme Campos. Efetivamente, há um momento de grande angústia por parte de familiares do Senador Jonas Pinheiro, companheiro que desfruta aqui de todo o carinho, de toda a amizade desta Casa e que tem prestado relevantes serviços ao País, especialmente ao setor produtivo rural, com suas sábias lições, com sua dedicação a essa causa. Hoje, ele está imobilizado, tentando resgatar suas condições vitais, para que possa retornar a esta Casa e, aqui, continuar seu trabalho em favor do povo brasileiro.

Essa inquietação se dá especialmente pelo estado de saúde dele, que se agravou nessas últimas horas.

Temos de torcer, aqui, fazer nossas preces, nossas orações, para que ele, em breve, consiga restabelecer-se, condição necessária para continuar seus trabalhos.

Torço também pelo restabelecimento do Senador Aloizio Mercadante, que está internado, mas com perspectiva promissora de voltar rapidamente a este plenário.

Quero manifestar minha solidariedade à família de ambos e associar-me às palavras, em especial, do Senador Jayme Campos, no momento em que se manifestou sobre esse assunto.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Magno Malta.

**O SR. MAGNO MALTA** (Bloco/PR – ES) – É que o Senador Papaléo não se posicionou, mas, como antiguidade é posto, passo a palavra para S. Ex<sup>a</sup>

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Papaléo Paes.

**O SR. PAPALÉO PAES** (PSDB – AP) – Sr. Presidente, o Senador Magno Malta não tinha idéia de que

vou fazer um pronunciamento. S. Ex<sup>a</sup> vai fazer uso da palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Então, concedo a palavra ao Senador Magno Malta pela ordem.

**O SR. MAGNO MALTA** (Bloco/PR – ES. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, minha fala é só de solidariedade à família do Senador Aloizio Mercadante. Quem nunca viveu um processo doloroso de enfermidade na família? A família sofre junto, os filhos sofrem também.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – V. Ex<sup>a</sup> se refere ao Senador Mercadante e ao Senador Jonas?

**O SR. MAGNO MALTA** (Bloco/PR – ES) – Sim, solidarizo-me com a família dos dois Senadores.

V. Ex<sup>a</sup> e o Senador Jayme Campos se referiram às orações. Isso é bíblico. A Bíblia diz: “Se há alguém doente entre vós, que ore para que o doente fique curado”. Queremos, nesta hora, solidarizarmo-nos com a família, abraçar a família e dizer que estamos juntos nesse processo doloroso, torcendo, orando para que eles se restabeleçam e para que tenhamos a oportunidade e o privilégio de tê-los de volta neste plenário.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Papaléo Paes.

**O SR. PAPALÉO PAES** (PSDB – AP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Srs. Senadores, tenho um pronunciamento importante a fazer. Antes, porém, eu gostaria de solidarizar-me com a família do Senador Jonas Pinheiro, como já o fizeram os Senadores Júlio Campos, Valter Pereira e outros, que o conhecem bem.

Tive oportunidade de conhecer o Senador Jonas Pinheiro nesta Casa, de cujos trabalhos participa há 28 anos. É um homem de bom caráter, de comportamento equilibrado, inteligente, de bom senso, que realmente faz falta nesta Casa. Que Deus faça com que ele retorne em breve.

Quero aproveitar a oportunidade para desejar pronto restabelecimento ao Senador Aloizio Mercadante, que está hospitalizado, mas que, brevemente, deverá retornar ao nosso convívio. S. Ex<sup>a</sup> é também um Senador importantíssimo para a Casa.

Precisamos desses dois Senadores de volta ao nosso convívio, para nos ajudarem a dar rumo a este País, o rumo que este País está precisando.

O Senador Magno Malta, ainda há pouco, referiu-se ao Senador Aloizio Mercadante, e queremos reforçar nosso desejo, nossa vontade de tê-lo de volta.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o Governo do Presidente Lula mostra, repetidamente, que carece de rumo. Não há dia que se passe sem que os jornais, as revistas ou a televisão mostrem algum tipo de escândalo ou desperdício com o dinheiro público ou, então, a incompetência em administrar os recursos do Estado. Se quisesse, eu poderia ficar horas e mais horas a tratar de como tem sido ruim a administração petista no Governo Federal. Esse, no entanto, não é meu objetivo hoje. Pretendo abordar questão muito mais específica: a ânsia do Governo Federal em arrecadar mais e mais impostos e não apresentar, por outro lado, uma contrapartida satisfatória em serviços e obras para a população brasileira.

Sr. Presidente, a luta contra a fúria tributária do Governo Federal tem sido das mais árduas. Em fins do ano passado, o povo brasileiro, graças aos esforços dos partidos de Oposição, conseguiu barrar a prorrogação da CPMF no Senado Federal. O Palácio do Planalto, no entanto, aproveitou os primeiros dias de 2008, momento em que o Congresso Nacional se encontrava em recesso, para apresentar seu “pactão” de maldades para o povo brasileiro.

O Governo Lula, incapaz de gastar o dinheiro público de forma racional e adequada, preferiu aumentar impostos e contribuições para compensar o fim da CPMF. O Governo afirmou que a contribuição seria fundamental para assegurar a qualidade dos serviços públicos no Brasil. Muitos poderiam acreditar nesse argumento. Esse, no entanto, é falso. O sistema de saúde público entrou em colapso há muito tempo, e o dinheiro arrecadado pela contribuição não foi utilizado pelo Governo Lula, para salvar uma vida sequer.

Vejamos alguns exemplos. O primeiro Ministro da Saúde de Lula, Humberto Costa, teve uma passagem pífia pela Pasta. Sua maior realização foram algumas operações espetaculosas em hospitais federais no Estado do Rio de Janeiro, a fim de assegurar para si o próprio cargo. Sua atuação enquanto ministro foi, no entanto, tão medíocre, que nem mesmo a pirotecnia assegurou sua permanência no cargo.

O atual Ministro Temporão parece ser bem-intencionado, mas, como já disse o velho ditado popular, a estrada que leva ao inferno é pavimentada de boas intenções.

Eis alguns fatos: o mais recente boletim do Ministério da Saúde data de setembro de 2007. O estatizador é que, entre janeiro e julho de 2007, último período para o qual há dados, houve 438 mil casos de dengue clássica, 926 casos de dengue hemorrágica e 98 mortes. Além disso, em 2007 houve 136 mil casos a mais do que em 2006!

Se essa epidemia não bastasse, 2008 iniciou sob o signo da febre amarela, doença desaparecida desde 1942 do cenário urbano. Graças ao descaso do Governo Lula, corremos, durante algum tempo, o risco de que a doença retornasse. Os mortos em Goiás e Brasília, principalmente, são vítimas da pouca importância com que este Governo trata a saúde.

Da mesma forma, o estado lamentável dos hospitais públicos não pode ser explicado pela possível falta de dinheiro. Na verdade, houve muito dinheiro nominalmente destinado à saúde pública no Brasil. O grande nó é que esses recursos não foram efetivamente aplicados na saúde do povo brasileiro, mas, sim, utilizados para outros fins, como a garantia de um superávit primário assustadoramente alto, bem como o pagamento das taxas de juros mais altas do Planeta.

Além disso, como já demonstraram as primeiras notícias deste 2008, o dinheiro público tem sido gasto de forma desavergonhada com cartões de crédito corporativos. Há autoridades comprando em *free shops* de aeroportos e camelôs com o dinheiro do povo!

Reproduzo, abaixo, Sr. Presidente, trecho da coluna do jornalista Jânio de Freitas, de 27 de janeiro de 2008. Afirma ele que:

No começo do ano passado, o Tribunal de Contas da União concluiu auditoria, pedida pela Procuradoria da República, no uso de cartões de crédito proporcionados a funcionários da Presidência, para despesas de serviço nos anos de 2003 a 2005. O relatório do Ministro Ubiratan Aguiar ofereceu constatação clara: na parte examinada das despesas, 28% das notas fiscais e outros alegados comprovantes estavam adulterados. Os valores foram aumentados até em mais de dez vezes.

Sr. Presidente, aí está o destino do dinheiro público: enxovalhado em notas fiscais adulteradas. O Governo Lula se resume à mesma velha história de arrecadar dinheiro por meio de impostos para gastar mal ou, então, para gastar de maneira vergonhosa.

Sr. Presidente, não faltam casos e mais casos exemplificando a incapacidade gerencial do Governo Federal para administrar a CPMF ou, então, para demonstrar que houve desvio dos recursos para outros fins nada meritórios.

O resultado é que a apresentação desse novo “pacotão” é mais um jeito de retirar recursos dos contribuintes para que uma camada de pessoas que vivem às custas do Estado brasileiro se aproveitem.

Se o Governo Lula fosse minimamente competente, agiria no sentido não de arrecadar o suado dinheiro de quem trabalha, mas no de cortar gastos públicos

inúteis. Além disso, deveria ter dado continuidade ao processo de racionalização da Administração Pública, iniciado pelo Governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso.

O Governo Lula, no entanto, carece de competência e seriedade, sendo incapaz de fazer as mais simples contas aritméticas. No verdade, dos supostos 42 bilhões perdidos, o Governo Federal reterá por outros meios, como o crescimento da economia, R\$37 bilhões. Restariam, assim, somente 5 bilhões, que poderiam ser economizados com, por exemplo, o corte no número abusivo de cargos comissionados.

Por fim, o “pacotão” é a prova definitiva de que a palavra do Governo não tem valor. Lembremos que a aprovação da DRU, no final do ano passado, foi feita com a condição de que o Governo não aumentasse a cobrança de tributos. O Governo Lula fez o oposto do combinado.

Em suma, Sr. Presidente, mais uma batalha se aproxima, mais uma em defesa do já sofrido contribuinte. O PSDB não deixará o brasileiro sozinho. Agiremos no sentido de defender o bolso de quem trabalha e produz para o bem do Brasil.

Quero encerrar minhas palavras agradecendo à Mesa pela oportunidade de fazer a apresentação do meu discurso.

Muito obrigado.

*Durante o discurso do Sr. Papaléo Paes, o Sr. Garibaldi Alves Filho, Presidente, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Mão Santa.*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Após firme e brilhante pronunciamento do Senador Papaléo Paes, do PSDB do Amapá, ouviremos, como Líder, o Senador Magno Malta, do PR.

**O SR. JAYME CAMPOS** (DEM – MT) – Sr. Presidente, peço a palavra por apenas um minuto, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Concedo a palavra ao Senador Jayme Campos, pela ordem, com a aquiescência do Senador Magno Malta.

**O SR. JAYME CAMPOS** (DEM – MT. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, quero apenas fazer um adendo às palavras do querido Senador Papaléo, que não tive a oportunidade de apartear, e dizer que participei, hoje, da reunião da Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização, como membro titular, onde tive acesso aos números relacionados ao Orçamento, que poderá ser votado até o dia 28, como é o desejo de todos nós, que fazemos parte daquela Comissão.

Para que V. Ex<sup>a</sup>, Senador Papaléo, tenha conhecimento, somente a Emenda nº 29 permitirá que um valor de cerca de R\$49 bilhões seja destinado à área de Saúde. Como V. Ex<sup>a</sup> bem disse, está faltando apenas boa gestão, boa aplicação de dinheiro em relação à saúde pública, que, lamentavelmente, é uma das piores dos últimos anos, neste País.

Quero congratular-me com V. Ex<sup>a</sup> e dizer que é muito oportuno o seu pronunciamento.

Muito obrigado.

**O SR. MAGNO MALTA** (Bloco/PR – ES. Pela Liderança do PR. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, Brasil que me assiste pelos meios de comunicação do Senado Federal, quero fazer alguns registros.

De maneira muito especial, no final de janeiro e início de fevereiro, estive na cidade de Piúma, no Estado do Espírito Santo. Estive em diversos lugares, mas, na cidade de Piúma, visitei uma rádio comunitária de interesse da sociedade piumense, para, com um grupo de pessoas, debater a vida da sociedade daquela cidade, a melhoria da qualidade de vida dos menos favorecidos.

Lá estavam o Padre Demerval, porque a rádio fica na paróquia, e o Pastor Edson, meu amigo, discutindo a vida da sociedade, independentemente de credo, de matiz religiosa e de onde se professa a fé. Também estavam presentes o Prefeito, que tem feito um trabalho brilhante naquele Município e alguns Vereadores.

Discutimos aquilo com que pudemos ajudar, de 2007 para 2008, o Município de Piúma. Nosso querido professor, que é o Prefeito, tem lutado para equalizar as finanças e para colocar em ordem o Município de Piúma. Quero louvá-lo e cumprimentá-lo pelo esforço e pela agonia que tem vivido, mas é assim mesmo para um homem público da sua qualidade, que pegou o Município numa situação extremamente difícil.

Eu prometi ao Padre Demerval que marcaria uma audiência com a Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, e vou fazê-lo, para que ele venha até aqui, Sr. Presidente, juntamente comigo, o Deputado Neucimar Fraga, o Prefeito, o Pastor Edson e a sociedade de Piúma, discutir aquilo que entendemos ser necessário, neste momento, para aquele Município.

Trata-se de um Município muito forte no turismo, que o digam os mineiros. Piúma é tomada pelo mineiros e muita gente de Brasília porque tem uma praia de quilômetros dando pela canela, onde se põem as crianças sem medo de que se afoguem. São milhões de pessoas e, basicamente, o Município do interior do Espírito Santo vive disso, a exemplo de toda a nossa costa: Marataízes; Itapemirim, da Prefeita Norma; Ma-

robá, do Prefeito Aloísio; Conceição da Barra; Guarapari; Anchieta.

De forma especial, hoje falo de Piúma, que vive da pesca, com centenas de pescadores que dependem da atenção do Poder Público. Lá, o problema em discussão é o canal de Itaputanga, que fica a céu aberto. Essa preocupação foi o tema da discussão do Padre Demerval, do Pastor Edson e do Prefeito, que presenciamos. Precisamos lutar para resolver essa questão.

Parte da população deseja manter aberto o canal, alegando que, se for fechado, gerará um volume muito grande, produzindo enchentes e prejudicando os produtores do Vale Orobó (mil e seiscentas famílias de trabalhadores e produtores).

Outra parte da população deseja fechá-lo, alegando que o canal aberto poluirá em muito a orla do balneário, que vive, em dezembro, janeiro e fevereiro, do turismo. Isso prejudicaria o turismo e a qualidade de vida dos moradores.

A saída necessária, segundo nossos queridos amigos, Padre Demerval e Pastor Edson, é o vertedouro funcionar com qualidade e em tempo integral”. Isso demanda dinheiro, e é por isso que queremos lutar. Portanto, queremos visitar a Ministra Marina, do Meio Ambiente, juntamente com as Lideranças de Governo e da nossa Bancada Federal para ajudar o Município de Piúma, a exemplo do que temos tentado fazer para ajudar os pescadores de toda a orla do norte do nosso Estado, de que fazem parte as praias de Guriri, Conceição da Barra, Marataízes, Marobá, Itapemirim, Anchieta, Guarapari, Vila Velha, Vitória, Serra, Praia Grande, para, juntamente com o Ministério da Pesca, ajudar os pescadores do Estado do Espírito Santo.

Sr. Presidente, aproveito ainda a oportunidade para dizer que o carnaval não muda e, todos os anos, deixa um rastro danoso. O rio de lágrimas que o carnaval produz é absolutamente maior do que a alegria posta nas páginas dos jornais. São mães que choram os filhos drogados, são crianças prostituídas, enfim, o carnaval oferece uma oportunidade grande ao tráfico de drogas, ao uso e abuso das drogas, aos acidentes nas estradas. Portanto, esta Medida Provisória veio a calhar ao proibir a venda de bebidas alcoólicas nos postos.

Senador Wellington Salgado, o seu povo, o de Minas Gerais, ocupa as estradas, descendo para o Estado do Espírito Santo, para aproveitar os balneários e passar o carnaval. Mas os acidentes são inúmeros e gravíssimos. V. Ex<sup>a</sup> sabe que a estrada que liga Belo Horizonte ao Espírito Santo é cheia de curvas. Assim sendo, é preciso dirigir com tranqüilidade. Mas o ex-

cesso de carros e o de motoristas alcoolizados produz morte, produz sofrimento.

Sr. Presidente, vindo de Colatina no final de semana próximo passado, parei, para tomar um café, em um posto, quando fui afrontado por uma jovem por causa da Medida Provisória. Disse-me ela: “Vocês têm de lutar para isso acabar, senão vamos acabar com os empregos!” – como se vender bebida alcoólica dependesse de emprego. “Estou impressionado com a senhora, porque a preocupação com a vida alheia a senhora não parece ter. Somente se preocupa com algumas doses, que podem lhe render alguns centavos, mas nenhuma preocupação com a vida humana.” Então, ela disse-me: “É tempo de murici, cada qual cuide de si”; o diabo carregue o último; quem quiser beber, que beba.”

Sabemos, Sr. Presidente, que 70% dos órfãos do Brasil estão na conta da bebida alcoólica; 75% dos acidentes de trânsito deste País são provocados por conta da bebida alcoólica. E temos uma sociedade hipócrita, que se alcooliza, uma sociedade que consome álcool, uma sociedade de nicotina e alcatrão, que vive botando o dedo no nariz, querendo que a classe política resolva o problema daquele que cheira cocaína e daquele que fuma maconha, como se a classe política e a polícia do Brasil fossem obrigadas a criar e a educar os filhos dos outros. Criar filho é responsabilidade de pai e mãe, Senador Wellington. “Filho é dádiva de Deus”, diz a Bíblia. Pai tem de criar filho e corrigir filho. A Bíblia diz que “um filho sem correção é a vergonha do seu pai, a decepção da sua mãe”. Então, que tipo de homem estamos criando? Que tipo de cidadão estamos formando? A que tipo de caráter estamos dando forma para oferecer à sociedade? Porque tudo começa na família. Se a família vai bem, a sociedade vai bem; se a família vai mal, a sociedade vai mal. Então, o uso e o abuso das drogas começa com a bebida alcoólica. Qual é a ligação e a relação que tem volante com bebida alcoólica?

Qual a relação entre posto de gasolina e distribuição de bebida?

Lembro-me de que, quando era Deputado estadual no Espírito Santo, fui autor de uma lei, já naqueles dias, acabando com a venda de bebida alcoólica nos postos de gasolina do Estado do Espírito Santo. Fui vencido por um *lobby*, um *lobby* horroroso. Derrubaram a lei e continuaram vendendo bebida. E, a partir de lá, imaginem quantas muletas foram vendidas! Quantas cadeiras de roda foram vendidas e alugadas! Quantas pessoas estão sobre um colchão d’água, vegetando, tão-somente abrindo os olhos e a boca, porque não se mexem! Quantos estão usando fralda geriátrica! Quan-

tos estão mortos, sepultados, hoje! Quantas lágrimas a partir de lá que poderiam ter sido evitadas!

Quero, aqui, louvar esta Medida Provisória. Sofremos um grande *lobby* ao ser votada. Contudo, quero conclamar os senhores, em nome da família brasileira que me ouve neste momento: não podemos ceder ao *lobby* das bebidas alcoólicas.

A propaganda de bebida alcoólica, na televisão, está sempre ligada a uma conquista, está sempre ligada à conquista de uma mulher bonita ou a uma vitória no esporte. Onde que esporte tem ligação com bebida alcoólica? Como? Eu não consigo entender.

Sr. Presidente, nesses dias, eu tenho feito a chamada cruzada da paz na luta contra as drogas. Fui a alguns bairros da Grande Vitória. Visitei o meu querido pessoal do bairro de Feu Rosa, um povo simples, Senador Wellington, querido, trabalhador e que, muitas vezes, são reféns de meia dúzia de traficantes; fui ao bairro de Santa Rita, povo querido, trabalhador; fui ao bairro do Ibes, à minha querida Terra Vermelha, povo trabalhador, povo religioso, um povo dependente do seu trabalho, que come do seu suor e, muitas vezes, refém de meia dúzia de traficantes, e aí o jornal noticia que bairro tal é violento, que lá a violência é tremenda, e as pessoas que nunca pisaram lá, acham que lá é um conglomerado de marginais. Em absoluto!

*(Interrupção do som.)*

**O SR. MAGNO MALTA** (Bloco/PR – ES) – É um conglomerado de gente honesta, de gente trabalhadora, Sr. Presidente. Tenho passado por lá com a chamada cruzada da paz na luta contra as drogas. E produzi um material preventivo explicando e orientando, porque, há 27 anos retiro drogados da rua. Esse é o ar que respiro, essa é a coisa que gosto de fazer, é a minha própria vida.

Por todos esses lugares que passei, por todos esses bairros, Senador Wellington Salgado – e pretendo fazer isso em todo o meu Estado, pretendo levar a caravana da paz na luta contra as drogas pelo Brasil afora –, saio recolhendo. Ao término de cada caravana – e quando chove e dá errado, contamos com cinco mil pessoas –, recolho pessoas drogadas, coloco-as em meu carro e as levo para casa; eu as recolho e mando levá-las para a minha instituição de recuperação de drogados, são pais de família.

Lembro-me de que em Alto Lage, no Município de Cariacica, onde o Prefeito Helder tem lutado muito, trata-se de Município que sofre com a falta de infraestrutura, mas com um povo trabalhador, chovia, chovia, Senador Wellington – havia umas seis mil pessoas lá – e, ao descer de onde estava, evidentemente falando sobre prevenção às drogas e cantando – porque

é um evento musical para chamar a atenção do povo –, um sujeito chegou perto de mim, um pai de família, chegou ao meu ouvido, dizendo que queria falar em particular comigo. “Mas, como falar em particular com tanta gente em volta? O que você quer?” “Eu quero que o senhor me tire daqui. Sou viciado em *crack*”. Havia cinco dias que o “cara” não dormia, havia cinco dias ele não comia, parecia um monstro, um bicho, e a informação era a de que ele seria assassinado naquela noite. Naquela mesma noite, como tantos outros, tirei-o de lá. Hoje, quinze dias depois, o seu nome é Adão, absolutamente, Senador Mão Santa, ele não é a mesma pessoa. Não é a mesma pessoa! Vale a pena, Senador Wellington, investir na vida humana.

Fico perguntando-me sobre a Secretaria Nacional Antidrogas (Senad), concebida para produzir políticas públicas de prevenção, Senador Valter Pereira. Não há qualquer relatório contundente de que a Senad tenha produzido políticas preventivas para o Brasil. Envergonho-me, porque, ano passado, o relatório da Senad dava conta de que o dinheiro do seu orçamento fora gasto em pesquisa, com ONGs, sobre onde se cheira mais, onde se cheira menos, onde se fuma mais, onde há mais menino cheirando, onde há mais menino cheirando cola, onde há mais menino fumando *crack*. Onde se está cheirando mais? Respondo: no Brasil todo. Onde estão fumando mais? No Brasil todo. Onde há menino cheirando cola? No Brasil todo. No menor Município deste País lá no interior do meu Estado, como no menor Município do interior do Acre, do seu Piauí, no grande Rio de Janeiro, na grande Belo Horizonte, na capital Vitória, do Espírito Santo, nos Municípios da Serra, de Cataguases, de Divinópolis, na sua Minas Gerais, no Estado do Mato Grosso, guardando-se as devidas proporções, é tudo igual. A droga tomou conta de tudo! É o adubo da violência. O uso e abuso das drogas é o adubo da violência. E ninguém consegue compreender isso?!

**O Sr. Wellington Salgado de Oliveira** (PMDB – MG) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. MAGNO MALTA** (Bloco/PR – ES) – Ouço o aparte de V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Wellington Salgado de Oliveira** (PMDB – MG) – Tenho presenciado V. Ex<sup>a</sup> sempre colocando o seu trabalho com os drogados. Isso tem despertado interesse em presenciar e realmente participar desses centros de tratamentos, com o auxílio dos Narcóticos Anônimos. Domingo passado, estava em Uberlândia e soube que uma pessoa, por quem tenho o maior carinho, estava internada em um desses centros a que V. Ex<sup>a</sup> sempre se refere aqui. O pai dessa pessoa convidou-me para ir àquela primeira visita. Depois de um mês internado, há uma primeira visita. Há uma pri-

meira visita, leva-se a comida. Fui. Esses internados, Senador, fizeram uma peça de teatro. E onde começa a peça para mostrar como entram no vício? Começa na bebida, como V. Ex<sup>a</sup> mencionou aqui. A primeira cena da peça de teatro é uma pessoa chegando ao bar – e o ator é aquele que está se desintoxicando – e pedindo uma bebida. É o começo da peça. V. Ex<sup>a</sup> fala sobre a questão dos bares na beira da estrada. É claro que temos de regulamentar melhor essa lei, porque também não podemos prejudicar outros negócios. Às vezes, há também hotéis na beira das estradas. Temos de regulamentar a medida provisória. Aí, Senador, vemos que o vício começa, realmente, pela bebida, e vai até o *crack*. V. Ex<sup>a</sup> sabe mais sobre o assunto porque é mais dedicado. V. Ex<sup>a</sup> está de parabéns. Vi, participei e vi gente, Senador, de alma boa. Naquela primeira visita, choravam ao ver a esposa, o filhinho. Há tanta coisa para fazermos por este Brasil...

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Wellington Salgado de Oliveira** (PMDB – MG) – Tem tanta coisa para fazermos aqui no Senado, na política. Quando vivemos este pequeno momento, questionamos: “Por que falar de tapioca? Temos tanta coisa para fazer!”. Naquele momento, estava sentado e pensando: “Deus do Céu, o Senador Magno está certo. Temos de ajudar, de cuidar, de investir nessa garotada. Temos de tirá-los desse vício, dessa praga”. Naquele momento, lembrei-me de V. Ex<sup>a</sup>. Apenas para deixar registrado.

**O SR. MAGNO MALTA** (Bloco/PR – ES) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> e incorporo ao meu pronunciamento seu aparte, que o enriquece muito.

Minha mãe, Dona Dadá, era analfabeta profissional, mas minha mãe dizia uma coisa de que nunca me esqueci na minha vida. Minha mãe dizia, Senador Valter Pereira: “Meu filho, a vida só tem um valor; não tem dois, só um. E o único valor que a vida tem é quando investimos a nossa vida na vida dos outros. O resto, tudo passa”.

A Bíblia diz: “Louco, se hoje pedir a sua alma, o que tem preparado, para quem será? Ajuntai tesouro no céu, onde a traça e a ferrugem não o consomem”. Se ajuntar tesouro aqui, você vai largar aí para alguém brigar ou para alguém que não trabalhou gastar, mas não leva absolutamente nada.

Há uma resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) – e estamos lutando contra ela – que manda fechar essas casas de recuperação. V. Ex<sup>a</sup> foi visitá-las. A resolução manda fechá-las e diz que quem recupera drogado é o Sistema Único de Saúde (SUS), que isso é problema de saúde. Se o SUS não cumpre seu papel, vai recuperar drogado? Quem

é que quer receber salário para dar amor do coração para filho dos outros?

É uma resolução que diz que uma irmã de caridade que tira cinco meninas prostitutas da rua não pode mantê-las dentro de casa; que alguém não pode ter na sua casa dez drogados para compartilhar sua geladeira, para usar a cama dos seus filhos, para dormir num colchonete no chão. Essas pessoas não sabem o valor que tem um drogado fora da rua. Um drogado fora da rua é uma possibilidade a menos de estupro; um drogado fora da rua é uma possibilidade a menos de um seqüestro relâmpago, de uma carteira roubada, de um carro arrombado; um drogado a menos na rua significa não só a felicidade dele, mas de uma comunidade inteira. Imagine uma pessoa simples que tira cinco ou dez pessoas dessas da rua, que as coloca dentro de casa, sacrificando os filhos, tirando-os de sua cama, abrindo a própria geladeira!

Senador Valter Pereira, minhas filhas nasceram nos braços dos drogados. Eu tinha dez colchonetes e um colchão de casal. Eu dormia com minha esposa no colchão de casal, e havia dez colchonetes na sala. As pessoas diziam que eu era doido. Mas a vida só tem um valor: é quando você investe sua vida na vida dos outros. O resto não vale absolutamente nada.

Sei que não tenho todo o tempo do mundo, mas encerro meu pronunciamento dedicando esta minha fala de hoje a Manoel, filho meu, embora eu não tenha idade para ser pai dele. O Manoel, eu o tirei da rua há sete anos. Era bêbado, doente, desdentado. Nós o abraçamos, Senador, como a muitos outros. Tratamos dele. Ficou bonito, forte. Depois de sete anos conosco, não voltou mais para casa. Era nosso. E começou a ter uns sintomas diferentes. Meu irmão, o Pastor Valmir, levou-o para o hospital. Ele precisava de uma cirurgia urgentemente, precisava tirar o baço. A vida pregressa que levou comprometeu seu estado físico. O médico o abriu, fechou-o e disse ao meu irmão: “Ele pensa que passou por uma cirurgia, mas isso não ocorreu. Eu o fechei. Não vale a pena”. Choramos, porque sabíamos que estava tudo comprometido. E, anteontem, sepultamos o Manoel.

Hoje, dedico este meu discurso a ele e digo ao Brasil, aos Srs. Senadores e à minha família que vou continuar tirando Manoéis da rua. Vou continuar tirando da rua tantos Manoéis quantos me aparecem. Vou tirá-los da rua.

A Bíblia diz que, se alguém lhe pede uma túnica e se você tem duas, divida-as.

Na semana passada, a Senadora Serys me procurou angustiada. Pelo telefone, dizia: “Uma mãe me procurou, com um filho desesperado. Ela está desesperada”. Eu dizia: “Senadora, ele quer mudar de vida?”.

Ela disse: “Ele quer”. Eu disse: “Se ele quer mudar de vida, ele passa a ser problema de Deus e passa a ser problema meu”. Hoje, eu me encontrei com ela aqui e disse: “Senadora, vamos levar o rapaz. Vamos dar a ele a possibilidade da vida”.

Senador Valter Pereira, afirmo a V. Ex<sup>a</sup>, com todas as letras: o diabo não teria descoberto uma arma mais pontiaguda, mais contundente, mais mortífera para apunhalar a família de morte; ele descobriu as drogas. Essa é a arma, o ácido do inferno, o adubo da violência, da desgraça que campeia na sociedade.

Por isso, nesse fim de semana tão dolorido e sofrido para mim e para minha família, com a perda do Manoel, reitero meu compromisso com Deus e comigo mesmo de que vou continuar, porque entendo que vale a pena investir na vida humana.

Obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Como último orador inscrito, temos o Senador do Mato Grosso do Sul, Valter Pereira, do PMDB.

**O SR. VALTER PEREIRA** (PMDB – MS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, antes de mais nada, eu me associo às palavras do Senador Magno Malta. Realmente, o combate ao uso e, sobretudo, à comercialização da droga tem que ser, efetivamente, um sacerdócio. Não podemos baixar a guarda, em hipótese alguma, porque esse é o maior mal da sociedade, sendo a causa número um de toda a violência que se propaga pelos quatro cantos e infelicitava tantas famílias brasileiras e de outros países.

Mas, Sr. Presidente, ocupo a tribuna hoje para questionar uma decisão do Governo inspirada no mais louvável propósito, mas que hoje aparece como responsável por grandes transtornos a pessoas físicas e empresas.

O que pretendo abordar e que *en passant* também foi aqui comentado pelo ilustre Senador Magno Malta é sobre a proibição da venda de bebidas alcoólicas nas rodovias federais, que começou a vigorar poucos dias antes do carnaval.

No mérito, tenho o mesmo entendimento do Ministro Tarso Genro e do Presidente Lula. As mortes no trânsito têm sido exageradas. O consumo imoderado de álcool tem sido um dos principais responsáveis por tantos acidentes e medidas enérgicas precisam realmente ser tomadas, para reduzir a legião de vítimas que perdem a vida diariamente ou são mutiladas em muitos casos.

No entanto, Sr. Presidente, medidas que repercutem nos usos e costumes ou que acarretam restrições a direitos constitucionais e legais de pessoas físicas e



jurídicas necessitam de aprofundados estudos técnicos e de exaustivos debates dos órgãos competentes.

No afã de estancar a espiral acidentária que historicamente se multiplica em festas nacionais, o Governo decidiu introduzir o corretivo das bebidas exatamente no carnaval, na suposição de que os abusos seriam estancados imediatamente. Além de fiscalizar cerca de 13 mil estabelecimentos às margens das rodovias, a Polícia Rodoviária Federal esbanjou o uso de bafômetros e prendeu mais de 200 motoristas embriagados. Ao final dessa chamada Operação Carnaval, essa instituição policial garantiu que houve uma redução de 11,7% de mortes nas rodovias federais.

Independentemente de analisar o quanto a reprensa aos bares ajudou ou quanta influência exerceu o uso de bafômetros na fiscalização, é preciso reconhecer que este ano a Polícia Rodoviária Federal trabalhou mais e merece aplausos por isso.

A despeito dos bons resultados alcançados, não posso deixar de questionar a forma como foi instituída essa restrição ao comércio de bebidas. Mais uma vez, o Governo valeu-se da chamada medida provisória. Foi por meio da MP nº 415 que ele resolveu proibir a comercialização de bebidas alcoólicas em todas as rodovias federais.

Salta aos olhos de qualquer observador que a regulação desse tipo de matéria não atende aos requisitos do art. 62 da Constituição Federal para a edição de uma medida provisória. Só por meio de lei o Governo poderia introduzir no ordenamento jurídico normas da natureza das que estamos questionando.

Veja, Sr. Presidente, se tivesse o Governo seguido o rito normal e encaminhado para esta Casa projeto de lei, a fim de que essas medidas fossem adotadas, indiscutivelmente a matéria teria sido aprovada e transformada em lei, consoante os propósitos do Governo e de toda a sociedade brasileira.

Todavia, o Governo optou por uma decisão de gabinete e fez aquilo que foi condenado pelo Presidente recém-eleito desta Casa, Senador Garibaldi Alves Filho, que alertou, em sua fala recente na abertura desta Sessão Legislativa, que o Poder Executivo e o Poder Judiciário estariam arvorando-se em órgãos do Poder Legislativo e criando suas próprias leis, como se o Congresso Nacional não tivesse essa função ou não merecesse a confiança, para promover esse ordenamento jurídico.

Tivesse o Governo mandado o projeto de lei em vez de editar a medida provisória, muito provavelmente transtornos que hoje todos nós estamos ouvindo de todos os cantos não estariam acontecendo. Por exemplo, a medida provisória não levou em conta as características que existem nos Municípios brasileiros, muitos

dois quais, principalmente aqueles que se situam no interior do nosso País, estão localizados exatamente às margens das rodovias, que atravessam, cortam a zona urbana desses Municípios. A coisa mais comum no interior do nosso País é encontrar um hotel ou um motel defronte a uma rodovia.

E vejam, Sr. Presidente, Srs. Senadores, quem está num hotel, acaba de chegar de viagem, às vezes cansado, e deseja tomar aquela sua cervejinha gelada hoje está privado disso, porque não foram levadas em conta essas características.

Existem os casos de *shopping centers*. Hoje, comentando com alguns colegas sobre o alcance dessas restrições, chegamos à conclusão de que, até aqui em Brasília, *shopping centers*, dos mais tradicionais e conhecidos, que estão localizados às margens das rodovias estão proibidos de fornecer uma lata de cerveja. Por quê? Por que a lei não levou em conta esses estabelecimentos que estão localizados nos centros urbanos, dentro das cidades. E onde passa a rodovia a restrição se impõe.

Então, veja, Sr. Presidente, o comentário que estou fazendo resulta de uma infinidade de reclamações. Acho que no mérito o Governo está certo. No mérito, há que se imponham efetivamente restrições severas à disseminação das bebidas alcoólicas, especialmente para aquele que está dirigindo, que está pilotando o seu carro, para aquele que está viajando, para aquele que está dirigindo também no centro da cidade, porque muitas mortes e mutilações têm ocorrido em função da irresponsabilidade do condutor. E, nesse particular, merece aplauso a Polícia Rodoviária Federal, porque prendeu. Prendeu, porque fiscalizou, fez vistoria, exigiu a análise, o exame do bafômetro, constatando o estado de embriaguez. Merece aplauso. Mas o que não se justifica é o exagero da lei, que acaba também impedindo o uso moderado daquele que chega a um hotel localizado às margens de uma rodovia. Esse passageiro também está privado desse tipo de hábito, muito comum aos que chegam a este ou àquele Município.

Portanto, Sr. Presidente, ao fazer esse alerta, gostaria de lembrar a todos aqueles que estão inquietos, a todos os estabelecimentos que estão localizados nas cidades e que tecnicamente deveriam estar afastados dessa exigência, que essa medida provisória virá ao Plenário da Casa, para decisão, para apreciação. Se o Governo não tomar nenhuma posição por iniciativa própria, é claro que haverá aqui uma instância em que mudanças poderão ser introduzidas, para tornar esta lei mais compatível com a realidade. E mudanças principalmente no sentido de considerar que o desenvolvimento urbano, que essas características que são

comuns nos municípios sejam observadas na hora da elaboração das leis.

E esta crítica que faço se funda principalmente no pressuposto de que o Governo, se tivesse seguido a regra constitucional que obriga que os projetos de lei sejam encaminhados para a discussão, para a apreciação, para o debate, para a votação nos órgãos legislativos competentes, não estaria trazendo tais transtornos e que é chegado a hora de o Senado começar a fazer uma cobrança mais rigorosa, mais implacável contra o uso abusivo das medidas provisórias.

A medida provisória, Sr. Presidente, é um instrumento que deveria ser utilizado apenas, única e exclusivamente, em situações que estão ali prescritas na Constituição Federal, no art. 62, nos casos em que se afigurasse sobretudo a urgência. A urgência e a relevância são os dois pilares, são os dois pressupostos para a edição de uma medida provisória. Só em tais circunstância é que o Governo deveria usá-la.

O que é a urgência? O que é a relevância?

A urgência são aquelas questões que surgem inopinadamente, são aqueles acidentes da natureza, são aquelas circunstâncias em que não se comporta a discussão, não se comporta a delonga, não se comporta o amadurecimento, decisões que precisam ser tomadas na hora.

Ora, não é claramente essa a circunstância. O Governo teve até agora cinco anos para tratar dessa questão. Essa questão da violência no trânsito não é nova, não apareceu agora. A violência no trânsito, a morte, a mutilação, são assuntos que vêm sendo discutidos há muitos e muitos anos. Só o atual Governo teve cinco anos para tomar a iniciativa e não tomou. Por quê? Porque não era efetivamente urgente. Agora ele resolveu tomar essa medida e está trazendo esses transtornos. Esses transtornos, com certeza, serão passageiros porque, aqui nesta Casa, haveremos de introduzir as mudanças necessárias para que, aproveitando-se a iniciativa do Governo de coibir o abuso da venda, da comercialização de bebidas alcoólicas, também não venham trazer transtornos, violando direitos que são assegurados às pessoas físicas e jurídicas deste País.

Sr. Presidente, encerro as minhas palavras, não sem antes deixar de fazer aqui mais uma consideração muito importante, mais uma vez, que é a nossa inquietação com o estado de saúde de dois Colegas, fazendo o apelo para que todos nós oremos a fim de que eles consigam superar as crises de saúde pelas quais estão passando, os Parlamentares Jonas Pinheiro e Aloizio Mercadante.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Cumprimos o Senador Valter Pereira pelo zelo no sentido de que esta Casa faça leis boas e justas, freando as medidas provisórias.

Com grata satisfação registro a presença, na Tribuna de Honra desta Casa, do líder sindical do PMDB, Henrique Pires, uma forte liderança no Estado do Piauí.

Senador Wellington Salgado, esta sessão começou às 14 horas. V. Ex<sup>a</sup>, que representa a inteligência e a moderação do povo mineiro, chegou e disse que estranhava se perder tempo em discutir tapioca. Aliás, o povo brasileiro tem na tapioca um dos melhores exemplos da nossa culinária. Mas não é a tapioca em si, não. Esta sessão teve início às 14 horas e ouviu os Senadores preocupados não com a tapioca, pois aquilo foi um simbolismo; a preocupação foi com a corrupção. A corrupção sobre a qual Rui Barbosa disse: “De tanto ver a corrupção campear, de tanto rir-se das honras, a nulidade assumiu o poder, e vai chegar o tempo de termos vergonha de sermos honestos”. E foi esse mar de corrupção que campeia através do cartão corporativo.

A preocupação do Valter Pereira traduziu tão bem o freio que nós devemos dar ao Poder Executivo. É para isso que existe o Senado, para frear o Executivo, frear o Judiciário. Eles podem nos frear também, pois nós somos equípotentes. Agora há pouco nós vimos o Valter Pereira freando o Poder Executivo, que quer exorbitar, criar leis boas e justas, o que não é a sua função, e faz, apressadamente, atabalhoadamente, medidas provisórias como o Senador demonstrou.

Então, o que foi discutido hoje sobre o cartão corporativo, que, sem dúvida nenhuma, é uma das maiores manchas na Administração Pública.

Este País é organizado. Getúlio Vargas, quando presidiu, criou o Dasp, Departamento Administrativo do Serviço Público, nomeou o estadista, administrador, Wagner Estelita, que escreveu o livro para nortear toda a Administração Pública do Brasil: *Chefia Sua Técnica, Seus Problemas*. E é o que você está vendo.

Então, este Senado indagou não sobre as tapiocas, mas sobre como é definido o montante de suprimento de fundos de cada órgão? Quem é o responsável pela gestão dos recursos destinados a pequenas despesas e gastos emergenciais? Como é feita a distribuição de recursos aos servidores responsáveis pelas compras e contratações? Quais os tipos de despesas permitidas para casa órgão? Por que são feitas retiradas em dinheiro? Como é feita a prestação de contas? Quem confere? Quem fiscaliza? Como é possível saber se a despesa realizada não foi de caráter pessoal? Como saber se o gasto foi efetivamente realizado

para a finalidade alegada? Onde ficam guardados os comprovantes e notas fiscais? Por que certos gastos da Presidência da República são sigilosos? Qual o perfil dos funcionários responsáveis pelo pagamento e fiscalização dessas despesas? Por que os cartões foram distribuídos a tantos funcionários espalhados em todo o Brasil? E vale lembrar que são quase 12 mil, que tornaram essa República, vamos dizer, triste.

Relembrando Shakespeare, que disse: “Há algo de podre no reino da Dinamarca”. Podemos dizer a mesma coisa aqui no Brasil.

No *Alerta Total*, que V. Ex<sup>a</sup> pode sintonizar, Jorge Serrão diz: “Desperdício: Equipe de Lula compra jóia com cartão e faz saques em dólares na Suíça, Nova York e Havana”.

Esta foi a preocupação da sessão de hoje do Senado.

**O SR. VALTER PEREIRA** (PMDB – MS) – Permite-me uma observação.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Pois não.

**O SR. VALTER PEREIRA** (PMDB – MS. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, até o presente momento, acompanhei essas notícias sobre cartões e tenho uma opinião muito clara sobre isso.

A instituição desse cartão foi um equívoco muito grande do Presidente Fernando Henrique Cardoso. Não vou dizer que, movido pela má-fé, ele tenha adotado essa medida, mas, talvez, pela mobilidade que essa tecnologia oferece ao administrador. Todavia, Sr. Presidente, o cartão, na verdade, é uma porta aberta para a corrupção. Às vezes, ela é aberta, e a corrupção penetra; às vezes, não.

Quando ouço falar na tapioca e em pequenas despesas, acho que isso não tem a eiva da má-fé. Todavia, não sabemos o que aconteceu por trás de todos esses cartões. E é por isso que o Congresso deve apurar em toda a extensão como foi gasto o dinheiro público por esse meio.

Sr. Presidente, lembro a opinião de um velho amigo que dizia: “se conselho fosse bom, não era dado, era vendido e custava caro”. Atrevo-me a dar um conselho: se eu estivesse no lugar do Presidente Lula, eu extinguiria, pura e simplesmente, o uso do cartão para todos, indistintamente. Com isso, não haveria mais o risco. A porta aberta estaria fechada. Essa é a grande solução.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Concedo a palavra ao Senador Wellington Salgado, brilhante representante das Minas Gerais.

**O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA** (PMDB – MG. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Senador Mão Santa, primeiramente,

quero dizer-lhe que estava com saudades de V. Ex<sup>a</sup>. Acompanhei, mas não estava frente à frente com V. Ex<sup>a</sup>. Hoje, estou. Então, estou matando a saudade de não tê-lo à minha frente há um mês.

Quero deixar uma coisa bem clara, Senador. Não sou a favor do pagamento da tapioca. Sou a favor de não usarem uma tapioca para acabar com toda a história de alguém que fez muito pelo Ministério do Esporte, pelo esporte deste País. Convivi com o Ministro e sempre tive o posicionamento de que é um homem de bem.

A Controladoria-Geral da União controla os cartões e deveria ter visto – se não há ninguém no Ministério para ver – essa compra feita errada, com a qual também não concordo, e dito: “Ministro, isto aqui não pode. Tem de devolver”. E foi o que ele fez, devolveu tudo o que gastou durante o período.

Sou contra, Senador Mão Santa, pegarem esse erro da tapioca e usarem para desconstruir a história de um grande político, de alguém que dedicou sua vida à política. Quem conhece a história do Ministro dos Esportes sabe que ele vem dos movimentos estudantis e chegou a um partido em que o que menos conta é o dinheiro, o PCdoB. De repente, colocam o Ministro em uma situação difícil. Sou contra isso, Senador Mão Santa.

Hoje, estamos vivendo o que alguns chamam de globalização 3.0. Isso é o quê? É a globalização em que temos todas as informações, e a pessoa hoje é mais importante do que foram os Estados, porque cria um *blog* e todo mundo vai acessá-lo.

Então, no momento em que o Presidente Lula estabeleceu a obrigação de se colocar tudo na Internet, não é possível que iria apoiar alguma coisa errada. Sua Excelência mandou colocar na Internet tudo que é gasto nos cartões. Por isso, alguns jornalistas sentam e, cumprindo a sua função de tornar público o que encontram, ficam trabalhando até encontrar uma tapioca num relatório. A função do jornal, a função do veículo de comunicação é mostrar isso para a sociedade. E foi mostrado.

Porém, não venham me dizer que esse Governo é corrupto, que esse Governo faz coisas erradas. Não acredito nisso. Vejo que é transparente. E não sou contra o cartão porque foi criado pelo Fernando Henrique. Acho que ele fez o certo, porque o gasto com cartão é documentado e aparece no extrato. Tanto é que foi possível identificar que foi comprada uma tapioca ou uma bateria num mercado que não é muito bem frequentado, digamos assim. Isso foi diagnosticado porque está registrado em razão do cartão corporativo.

Agora, se o Presidente Lula vai visitar uma cidade, Senador Valter Pereira, num país continental como

é o Brasil, tem de ir a segurança na frente para preparar o local onde ele vai ficar, o carro que vai levá-lo. Como é que ela faz? Saca R\$20 mil, coloca no bolso e sai pagando todo mundo em dinheiro e, depois, como era antigamente, mostra as notas? Não. Ela vai usando o cartão e vai pagando, por onde o Presidente vai passar. É algo perfeitamente... As grandes empresas têm o cartão corporativo. Não me venham dizer que um diretor de um jornal famoso, de um grande veículo de comunicação, não tem cartão corporativo! Não me venham dizer que um gerente de banco não tem o cartão para passar! Ou vão falar: "Não, mas ali é privado, aqui é público". Não. É simplesmente para facilitar a locomoção e o pagamento das despesas.

V. Ex<sup>a</sup> acabou de dizer que o Presidente sacou em dólar. Como é que ele vai pagar a despesa dele em outro país, nos Estados Unidos, quando estiver lá? Vai levar real e pagar em real lá? Ô, Senador Mão Santa, meu Presidente neste momento!

Quando cheguei a esta Casa, Senador Valter Pereira, sempre tive o seguinte posicionamento: primeiro, a Pátria, incluindo a família; depois, o Estado; depois, o partido; e, depois, o homem. Quando vim para cá, já pensava assim. Mas, ao chegar aqui, percebi que estava invertido: primeiro, o homem; depois, o partido; depois, o Estado; e, depois, a Pátria. Eu não aceito isso e, muitas vezes, pago o preço por não aceitar. Mas entrei aqui pensando assim e vou sair daqui com esse mesmo pensamento. Não vou ser, de alguma maneira, consumido pelo sistema. Vou continuar pensando: primeiro, a Pátria; depois, o Estado; depois, o partido; e, depois, eu. Isso é o que tenho na cabeça.

E pensar que o cartão corporativo, que identifica onde foi o gasto – e por isso é que deixou bem claros os dados para serem identificados, Senador Mão Santa –, é algo que leva à corrupção, que foi preparado para isso, não concordo. E falo, aqui, olhando para V. Ex<sup>a</sup>, para a câmara e para os telespectadores da TV Senado.

Penso, sim, que a Controladoria-Geral da União tem de fiscalizar. O Ministro errou? Errou, mas, pelo que ele errou, não vou destruir a história política dele nem o homem público que ele é. Os outros Ministros, eu não conheço, mas o de Esportes conheço bem. Nunca vi, em momento algum – e estive com ele em vários locais –, alguém que estivesse pensando em usar o cartão corporativo para ter alguma vantagem pessoal. Não concordo com esse tipo de posicionamento.

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – Permite-me um aparte, Senador?

**O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA** (PMDB – MG) – Claro, Senador Valter.

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – Senador Wellington Salgado, concordo com V. Ex<sup>a</sup> quando faz uma avaliação sobre a conduta do Ministro dos Esportes, Orlando Silva. Em primeiro lugar, é preciso considerar que ele administra um Ministério que não tem orçamento, que tem poucos recursos, é tocado com muito idealismo, com muito entusiasmo advindos do próprio Ministro, mas que padece da falta de recursos. Eu não tenho dúvida. E não tenho dúvida de que o que se vai apurar contra o Ministro é a conta da tapioca. Nada mais. Porque conheço a correção com que ele age, com que ele toca esse Ministério. Porém, divirjo de V. Ex<sup>a</sup> em um aspecto: antes da existência da cartão corporativo – e V. Ex<sup>a</sup> lembrou muito bem que foi na administração do Presidente Fernando Henrique que essa ferramenta passou a ser utilizada –, Presidentes da República faziam suas despesas e viajavam, Ministros faziam suas despesas e viajavam, e os Ministérios tinham gastos. Então, o que é de uso nosso e nos traz uma facilidade, que é o uso de um cartão de crédito na vida privada, de repente, na vida pública, não pode ter a mesma aplicação. Por quê? Porque, quando se trata do Erário, as circunstâncias são diferentes. Então, o procedimento, o uso dos cartões corporativos, embora não queira lançar a dúvida generalizada sobre quem os usa, na verdade, esses cartões corporativos trazem facilidade, mas trazem também o risco. Acredito até que a maioria o usa com boa-fé; a maioria o usa dentro dos padrões éticos exigidos. Todavia, o risco existe, e, havendo risco de uso inadequado dos cartões, a melhor solução é adotar o sistema tradicional, os procedimentos convencionais, os procedimentos legais.

**O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA** (PMDB – MG) – Senador Mão Santa, sei que estou extrapolando o tempo, mas este debate é importante.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – É gratificante ouvi-lo.

**O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA** (PMDB – MG) – Eu sei, Senador Mão Santa.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – V. Ex<sup>a</sup>, que é educador, que tem contribuído para este País com a formação da mocidade estudiosa, universitária, há de convir que existe, na sua universidade, a Faculdade de Administração. Isso já é consagrado. Henri Fayol, que foi o primeiro engenheiro a elaborar os princípios de Administração, falou em unidade de comando e unidade de direção. Só temos esse comando de direção em Sua Excelência o Presidente da República. E Fayol disse: "Planejar, orientar, coordenar e fazer o controle". O Presidente Luiz Inácio é responsável por esse planejamento, pelo controle.

V. Ex<sup>a</sup> acabou de ser o advogado de defesa – e não poderia haver nenhum melhor que V. Ex<sup>a</sup> – do Ministro Orlando Silva. Mas trata-se de quase 12 mil cartões corporativos, que estão espalhados neste País e sobre os quais não houve o controle exigido pela administração pública.

**O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA** (PMDB – MG) – Meu Presidente, Senador Mão Santa, vou lhe dizer sinceramente o seguinte: na verdade, o cartão tem limite. O cartão não é ilimitado. Todo cartão tem limite. Ele é recarregado. Não é aquele célebre cartão que o marido dá para a esposa – e aí tenho de respeitar a esposa, mas estou repedindo a piada –, e ela sai gastando-o sem limite. Não. O cartão tem limite. Ao chegar no limite, recarrega-se o cartão ou não. E, se ele for recarregado, deve-se prestar conta dele. Senador Mão Santa, não concordo em função do avanço da tecnologia, com a qual se consegue ter dinheiro de plástico – porque o cartão é um dinheiro de plástico –, que se pode gastar sem ter de andar com dinheiro no bolso. E o que se gasta é registrado, sai um extrato com a definição de todos os gastos. E, agora, falam que não dá para administrar com cartão? Tem de haver, sim, fiscalização. Concordo com V. Ex<sup>a</sup>. Deve-se saber para quem se vai dar o cartão, quem vai gastá-lo. Não pode acontecer o que aconteceu em alguns Ministérios, que receberam comitiva internacional. Compram flores para oferecê-las à esposa de alguém que está chegando de outro país. Isso demonstra o carinho, o calor brasileiro e, ao mesmo tempo, a educação do povo brasileiro, ao oferecer flores para a esposa do grande representante de outro país, que vem aqui. E dizem que isso é abuso?! Senador Mão Santa, o cartão é um dinheiro de plástico, é o meio que é utilizado. Em vez de ser o dinheiro, é o cartão, que tem crédito. Não aceitar o avanço da tecnologia! Porque isto nada mais é do que avanço da tecnologia: passar o cartão, registrar-se a fatura, e alguém debitar o gasto em algum lugar. Mas, que isso tem de ser fiscalizado, tem.

Existe a Controladoria-Geral da União. Ela tem de fiscalizar. Essa pessoa é nomeada pelo Presidente para fiscalizar. Se um Ministro cometeu um erro e o justificou, tudo bem. Agora, colocar tudo na conta do Presidente Lula? Não gosto nem de ficar defendendo: não sou PT, não participei de movimento sindical, não fiz como Gilberto Carvalho, que participou dos movimentos nas favelas. Sou peemedebista. Mas a coisa mais fácil do mundo é defender este Governo. É um Governo em que estamos tendo o melhor momento da nossa história. Não me venham me dizer que não. Por que foram contra a CPMF? Porque todo mundo está ganhando muito dinheiro, os empresários estão ganhando muito dinheiro, e a CPMF aumentou. Come-

çou a haver muitas vendas, e a CPMF aumentou. Aí, a Fiesp faz um movimento e acaba com a CPMF. Concordo que a classe média está pagando imposto para todo mundo. Mas não venham me dizer que o País não está vivendo o melhor momento da sua história!

O que está acontecendo na China, na Índia, no México, agora acontece no Brasil. É dinheiro do capital internacional chegando, inflação contida, geração de emprego, os carros bateram todos os recordes de venda, balança comercial boa, reserva cambial boa. Quer dizer, tudo bem. E que o vamos fazer? Vamos ficar brigando para dar tudo errado, Senador Mão Santa? Quero o quê? Quero que o Brasil esteja bem. Se o Brasil estiver bem, vai estar bom para mim, vai estar bom para meu Estado, vai estar bom para meu filho. Agora, se está tudo bem, todo mundo começa a atacar o Presidente, para poder derrubá-lo, para ficar o quanto pior melhor?! Não sou desses, Senador Mão Santa. Não sou. Se o Presidente Lula errar, vou falar que errou, mas não vou ser contra o avanço da tecnologia. Pelo amor de Deus, o Brasil é um país continental! Não venham compará-lo com o Chile, não venham compará-lo com o Uruguai. O Presidente tem de ter um avião.

Como é que ele vai se locomover no Brasil de carro? Quando o Presidente comprou um avião, todo mundo disse: “O avião do Lula!” Do Lula, nada; o avião é do Presidente do Brasil. Em todo país em que o Presidente chega, dizem: “É o Presidente do Brasil”. Ele tem de chegar e tem de inspirar respeito. O Presidente foi eleito pelo povo e está fazendo um bom trabalho. Ninguém defende este Governo, Senador Valter! O Partido do Presidente não defende o Presidente aqui, no Senado. Em relação à Oposição, entendo perfeitamente. O jogo político é claro. Mas o Partido que apóia o Presidente Lula tem de defendê-lo. Não é possível, Senador Mão Santa, que sua família não esteja vivendo melhor do que antes. V. Ex<sup>a</sup> tem uma posição política que conheço muito bem. Tenho respeito por V. Ex<sup>a</sup>, como tenho respeito pelo Senador Arthur Virgílio, pelo Senador Heráclito Fortes. Se alguém falar mal deles na minha frente, vou imediatamente defendê-los, porque se trata de posição política. Agora, atacar o Presidente a todo momento?!

O País está vivendo um momento maravilhoso. E não sou maluco, não. São os próprios jornais que o dizem. Ontem, li uma reportagem, Senador Mão Santa – às vezes, penso que estou vivendo em outro mundo –, de um veículo de comunicação famoso. Ele mostrava que não cuidar mais dos rios vai causar mais doença à população do que gastar curando as doenças dos habitantes. O que acontece? Foi a mesma imprensa

que apoiou o fim da CPMF. Esse dinheiro também era conduzido para se cuidar dos rios.

Ora, Senador Mão Santa, estou com 50 anos, tenho cinco filhos – três no Rio e dois em Minas – e quero o melhor para eles. Se o Brasil estiver bem, apóio, seja o Fernando Henrique, seja Arthur Virgílio – que agora é candidato também –, seja o Lula, seja a Ministra Dilma ou o Deputado Ciro Gomes. Seja quem for, se o País estiver bem, eu o apóio. Não podemos ficar brigando. Todo dia se cria uma crise neste País: “Vai haver seca, não vai haver energia; choveu, caramba, vamos mudar de assunto”. Agora, é o cartão corporativo.

“Criou-se a CPI, agora vamos para outra”! CPI dá primeira página todo dia. Fui comprar revistas, quando estávamos de recesso. Todas fininhas, Senador Mão Santa! Por quê? Está certo. O Congresso vende, o Congresso dá primeira página, mas criar uma crise atrás da outra? Não agüento mais isso, Senador Mão Santa! E a minha língua é do meu tamanho. Começo a falar demais. É grande a minha língua. Não tenho que ficar aqui defendendo o Presidente Lula. Sou do PMDB, sou da base de apoio ao Governo, mas este é o Governo mais fácil de se defender. Não tem jeito. Vou pra guerra todo dia. Não posso é ficar defendendo todo dia este Governo. A base de apoio do Governo tem de defendê-lo.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Para encerrar, Senador, quero dizer apenas que o Presidente Lula e V. Ex<sup>a</sup> têm de entender que a democracia dividiu o absolutismo. Não é o Presidente Lula, não é o *l'État c'est moi*. Foi dividido em três instrumentos da democracia, criou-se o poder.

E o nosso, o instrumento legislativo, tem suas funções específicas – até uma hora dessas estamos cumprindo nosso dever: uma delas é fazer leis boas e justas. E as fazemos pouco, justamente por interferência do Poder Executivo. Há pouco, Valter Pereira, que é jurista, disse que o Presidente nos atropela com medidas provisórias, que não têm a emergência nem a relevância necessária.

A segunda função desta Casa é fiscalizadora.

Então, ao surgirem indícios de corrupção, este Poder chega ao ápice de sua função como órgão fiscalizador.

A sua outra função, como diz Norberto Bobbio, é a de denunciar, mas não precisamos buscar na Itália: Teotônio Vilela, moribundo, disse para se falar resistindo e resistir-se falando, dando-nos a inspiração para resistirmos.

Vamos já encerrar a sessão.

**O SR. VALTER PEREIRA** (PMDB – MS) – Eu gostaria de um aparte relacionado àquilo que V. Ex<sup>a</sup> está falando.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – A preocupação do Senado é aquilo que aprendi com Ulysses Guimarães, encantando no fundo do mar, que disse que a corrupção é o cupim que corrói a democracia. Então, a preocupação é com a corrupção.

Não houve ataque a Sua Excelência, o Presidente da República. Houve enquadramento dele nos princípios da administração que são aceitos, que são soberanos, que são modernos e estão acima das máquinas. É a máquina de Deus humana, é a unidade de comando e direção. Isso é que lembrou a função do Presidente da República. Nós o aceitamos como unidade de comando e unidade de direção.

Os princípios gerais, aceitos no mundo todo, para um administrador, um presidente, ou para se dirigir uma universidade são: planejar, designar, coordenar e fazer o controle. Foi essa a preocupação do Senado.

**O SR. VALTER PEREIRA** (PMDB – MS) – Sr. Presidente, permita-me um rápido aparte.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Senador Valter Pereira, vamos encerrar.

**O SR. VALTER PEREIRA** (PMDB – MS. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Serei rápido, Sr. Presidente. Veja o seguinte: não fora a denúncia sobre o uso imoderado dos cartões, por acaso os abusos teriam sido interrompidos? Eu não tenho dúvida de que, hoje, todos que operam cartões vão pensar duas vezes ao fazê-lo. Por quê? Porque no Legislativo ecoou a denúncia, que foi feita por outra corrente que cumpre um papel importantíssimo na democracia, que é a imprensa. Com isso tudo, podem estar certos V. Ex<sup>a</sup> e todos os Senadores que estão participando deste debate, como o Senador Wellington Salgado, que estamos cumprindo, sim, com a nossa obrigação. Esse alerta que fazemos é uma contribuição que damos não só à Nação, como ao próprio Presidente da República.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Exato.

**O SR. VALTER PEREIRA** (PMDB – MS) – O Presidente da República está adotando medidas disciplinares. O Governador José Serra já determinou a interrupção do uso desses cartões até que todos sejam levantados e que sejam checados os mecanismos de controle de seu uso, para que a Administração seja preservada. Portanto, estamos cumprindo nossa obrigação.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Para encerrar, agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, que, com inspiração extraordinária, citou aquilo que acabou com o Absolutismo, e que o povo chamava de quarto poder. Trata-se da imprensa, que, hoje, pesquisas mostram, ocupa o primeiro lugar em credibilidade.

Então, unidos, vamos combater a corrupção para aprimorar aquilo que o povo construiu e pelo que devemos zelar: a democracia.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – O Sr. Senador Romeu Tuma enviou discurso à Mesa, que será publicado na forma do disposto no art. 203, combinado com o inciso I e § 2º do art. 210 do Regimento Interno.

S. Exª será atendido.

**O SR. ROMEU TUMA** (PTB – SP. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Srªs e Srs. Senadores, infelizmente, o Brasil se torna, paulatinamente, o paraíso da impunidade. Como se não bastasse a dos crimes de corrupção, a impunidade para os crimes comuns – do furto ao assassinato – aumenta de forma generalizada em todo o País, e o aparelho do Estado revela-se incapaz de dar-lhe resposta adequada.

O economista do Ipea, Daniel Cerqueira, publicou recentemente, no livro *Homicídios no Brasil*, o interessante estudo denominado “O jogo dos Sete Mitos e a Miséria da Segurança Pública no Brasil”. Trata-se de trabalho minucioso que expõe com clareza a total falência do Estado brasileiro em dar resposta ao crescente número de assassinatos que ocorrem em todo o território nacional.

Se São Paulo, nos últimos cinco anos, registrou uma redução de 40% no número de mortes violentas, o mesmo não ocorre no resto do País. Interessante é saber que esse tipo de crime tem taxas crescentes no Norte e Nordeste, onde os índices vêm aumentando nos últimos anos. Em contrapartida, revela Cerqueira, o Ministério Público em Pernambuco levantou que, de 8.773 assassinatos ocorridos em três anos, somente 0,03% dos casos chegaram a julgamento. É o retrato cabal da falência da segurança pública brasileira.

No Rio de Janeiro, a política repressiva executada pelo atual governo do Estado revela a ambigüidade das soluções tentadas e nunca definitivas. Ora se apela para a repressão policial, ora se apela para políticas sociais, com a justificativa de que as desigualdades sociais são a causa da violência.

Na verdade, Sr. Presidente, não há no Brasil bases de dados confiáveis sobre criminalidade, em particular sobre homicídios, que possam embasar políticas públicas eficazes na matéria. As informações disponíveis são falhas e, freqüentemente, manipuladas pelas autoridades com fins nem sempre edificantes.

Nosso País está, tristemente, com enorme atraso em relação aos países desenvolvidos que conseguiram colocar um freio em suas taxas criminais. Faltam-nos

informação; faltam-nos, em conseqüência, políticas realistas de combate à criminalidade.

Não adianta equipar a polícia se ela não sabe que prioridades dar ao uso de seu aparato. Não adianta prender se o sistema jurisdicional não dá conta de levar a julgamento e punir os criminosos capturados. Não adiantam políticas sociais de efeito a médio e longo prazos, se os crimes acontecem hoje e agora em todo o País.

Srªs. e Srs. Senadores, a gestão integrada da informação sobre a criminalidade, cobrindo todo o território nacional, é imprescindível para nortear a ação do Estado em seu papel de guardião da segurança pública. A formulação de políticas nacionais de combate à violência só será eficaz se soubermos ordenar adequadamente as prioridades de modo que os potenciais criminosos sintam a pressão do Estado.

Sr. Presidente, o combate ao crime não se faz apenas com voluntarismo, principalmente em sociedades complexas como a brasileira. É preciso haver um sistema policial descentralizado que possa ser ágil na prevenção, muito mais do que na repressão. Mas, para isso, é necessário que o aparelho de segurança disponha de bases confiáveis de informação social, tão completas quanto possível. E isso falta no Brasil. Estamos apenas engatinhando nesse campo, pois não bastam apenas os serviços de inteligências das polícias para resolver o problema.

Infelizmente, apesar de toda a retórica dos governos e do dinheiro gasto, o fato é que a criminalidade dobrou no Pará, entre 2000 e 2005. Algo semelhante ocorreu na Bahia e no Maranhão. O Rio de Janeiro e o Espírito Santo não conseguem fazer baixar suas taxas de delitos cometidos. E Pernambuco aparece como o Estado mais violento do País. Esse é um triste retrato do Brasil, que só uma ação coordenada e bem fundamentada do Estado em todos os seus níveis poderá reverter.

Srªs. e Srs. Senadores, creio que é mais do que hora de fundarmos uma nova forma de combater o crime, se não quisermos que aconteça em todo o País o que acontece nas favelas do Rio de Janeiro: um Estado paralelo, comandado por criminosos, dominando populações inteiras.

Era o que eu tinha a dizer.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Nada mais havendo a tratar, a Presidência vai encerrar os trabalhos, lembrando às Srªs e aos Srs. Senadores que constará da próxima sessão deliberativa ordinária, a realizar-se amanhã, às 14 horas, a seguinte

**ORDEM DO DIA****1****PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 48, DE 2003**

Votação, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 48, de 2003, tendo como primeiro signatário o Senador Antonio Carlos Magalhães, que *dispõe sobre aplicação de recursos destinados à irrigação*.

Pareceres sob nºs 1.199, de 2003; e 15, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania: 1º pronunciamento: Relator: Senador João Alberto Souza, favorável, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta; 2º pronunciamento: (sobre a Emenda nº 2, de Plenário), Relator ad hoc: Senador João Batista Motta, favorável, nos termos de subemenda que apresenta.

**2****PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 57, DE 2005**

Votação, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 57, de 2005, tendo como primeiro signatário o Senador Marco Maciel, que *dá nova redação ao § 4º do art. 66 da Constituição, para permitir que os vetos sejam apreciados separadamente no Senado Federal e na Câmara dos Deputados*.

Pareceres sob nºs 779, de 2006; e 272, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, – 1º pronunciamento (sobre a Proposta): Relator: Senador Ramez Tebet, favorável; – 2º pronunciamento (sobre a Emenda nº 1, de Plenário): Relator: Senador Adelmir Santana, favorável, e apresentando a Emenda nº 2-CCJ, de redação.

**3****PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 20, DE 1999**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 20, de 1999, tendo como primeiro signatário o Senador José Roberto Arruda, que *altera o art. 228 da Constituição Federal,*

*reduzindo para dezesseis anos a idade para imputabilidade penal.*

Parecer sob nº 478, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Demóstenes Torres, favorável à Proposta de Emenda à Constituição nº 20, de 1999, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta; e pela rejeição das demais matérias que tramitam em conjunto, com votos contrários dos Senadores Sibá Machado, Eduardo Suplicy, Epitácio Cafeteira, Antônio Carlos Valadares, Pedro Simon, Romero Jucá, e das Senadoras Serys Slhessarenko, Lúcia Vânia e, em separado, do Senador Aloizio Mercadante e da Senadora Patrícia Saboya.

**4****PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 18, DE 1999**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 20, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 18, de 1999, tendo como primeiro signatário o Senador Romero Jucá, que *altera a redação do art. 228 da Constituição Federal.*

**5****PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 3, DE 2001**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 26, de 2002; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 3, de 2001, tendo como primeiro signatário o Senador José Roberto Arruda, que *altera o artigo 228 da Constituição Federal, reduzindo para dezesseis anos a idade para imputabilidade penal.*

**6****PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 26, DE 2002**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 3, de 2001; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 26, de 2002, tendo como primeiro



signatário o Senador Iris Rezende, que *altera o artigo 228 da Constituição Federal, para reduzir a idade prevista para a imputabilidade penal, nas condições que estabelece.*

## 7

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 90, DE 2003**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 90, de 2003, tendo como primeiro signatário o Senador Magno Malta, que *inclui parágrafo único no artigo 228, da Constituição Federal, para considerar penalmente imputáveis os maiores de treze anos que tenham praticado crimes definidos como hediondos.*

## 8

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 9, DE 2004**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; e 90, de 2003)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 9, de 2004, tendo como primeiro signatário o Senador Papaléo Paes, que *acrescenta parágrafo ao artigo 228 da Constituição Federal, para determinar a imputabilidade penal quando o menor apresentar idade psicológica igual ou superior a dezoito anos.*

## 9

**REDAÇÃO FINAL DAS  
EMENDAS DO SENADO AO  
PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 10, DE 2005**

Discussão, em turno único, da Redação Final (apresentada pela Comissão Diretora como conclusão de seu Parecer nº 1.259, de 2007), das Emendas do Senado ao Projeto de Lei da Câmara nº 10, de 2005 (nº 62/2003, na Casa de origem), que *acrescenta o inciso XVII ao art. 51 da Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, que dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências (torna nula a inclusão automática de consumidor como sócio de sociedade comercial, inclusive de sociedade em conta de participação).*

## 10

**REDAÇÃO FINAL DO  
PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 109, DE 2005**

Discussão, em turno único, da Redação Final (apresentada pela Comissão Diretora como conclusão de seu Parecer nº 1.257, de 2007), do Projeto de Lei da Câmara nº 109, de 2005 (nº 433/2003, na Casa de origem), que *altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".*

## 11

**REDAÇÃO FINAL DO  
PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 41, DE 2006**

Discussão, em turno único, da Redação Final (apresentada pela Comissão Diretora como conclusão de seu Parecer nº 1.258, de 2007), ao Projeto de Lei da Câmara nº 41, de 2006 (nº 162/2003, na Casa de origem), que *acrescenta § 2º ao art. 445 do Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 – Consolidação das Leis do Trabalho, impedindo a exigência de comprovação de experiência prévia por tempo superior a 6 (seis) meses.*

## 12

**REDAÇÃO FINAL DA  
EMENDA DO SENADO AO  
PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 65, DE 2006**

Discussão, em turno único, da Redação Final (apresentada pela Comissão Diretora como conclusão de seu Parecer nº 1.256, de 2007), da Emenda do Senado ao Projeto de Lei da Câmara nº 65, de 2006 (nº 832/2003, na Casa de origem), que *acrescenta dispositivo à Lei nº 7.998, de 11 de janeiro de 1990, para assegurar que parcela dos recursos alocados em ações de qualificação profissional, no âmbito do Programa do Seguro-Desemprego, seja destinada à população afrodescendente.*

## 13

**REDAÇÃO FINAL DO  
PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 298, DE 2004**

Discussão, em turno único, da Redação Final (apresentada pela Comissão Diretora

como conclusão de seu Parecer nº 1.260, de 2007), do Projeto de Lei do Senado nº 298, de 2004 (nº 5.506/2005, na Câmara dos Deputados), que *acrescenta alínea ao § 3º do art. 18 da Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991, para estender o benefício fiscal às doações e patrocínios destinados à construção de salas de cinema em Municípios com menos de 100.000 (cem mil) habitantes.*

## 14

**SUBSTITUTIVO AO  
PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 12, DE 2000**

Discussão, em turno suplementar, do Substitutivo ao Projeto de Lei da Câmara nº 12, de 2000 (nº 885/95, na Casa de origem), que *estabelece diretrizes gerais de programa nacional de habitação para mulheres com responsabilidade de sustento da família.*

Parecer sob nº 437, de 2007, da Comissão Diretora, Relator: Senador Gerson Camata, oferecendo a redação do vencido.

## 15

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 6, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 6, de 2003 (nº 2.820/2000, na Casa de origem), que *altera os arts. 47 e 56 da Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971 (dispõe sobre a administração e o conselho fiscal das sociedades cooperativas).*

Parecer sob nº 1.036, de 2006, da Comissão de Agricultura e Reforma Agrária, Relator do vencido: Senador Jonas Pinheiro, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CRA (Substitutivo), que oferece, com voto vencido do Senador Gilberto Goellner, e em separado, do Senador Pedro Simon.

## 16

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 7, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 7, de 2003 (nº 3.703/2000, na Casa de origem), que *dispõe sobre procedimento na operação de arrendamento mercantil de veículo automotivo (leasing), e dá outras providências.*

Pareceres favoráveis sob os nº 446 e 447, de 2007, das Comissões – de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Arthur Virgílio; e de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Eduardo Suplicy.

## 17

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 22, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 22, de 2003 (nº 5.120/2001, na Casa de origem), que *dispõe sobre as atividades das Agências de Turismo.*

Pareceres sob os nºs 1.049 e 1.050, de 2007, das Comissões – de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Tasso Jereissati, favorável com as Emendas nºs 1 a 12 – CCJ, que apresenta; e – de Desenvolvimento Regional e Turismo, Relator: Senador Antonio Carlos Valadares, favorável com as Emendas nºs 13 a 18 – CDR, a Subemenda nº 1-CDR à Emenda nº 9-CCJ, e pela aprovação das Emendas nºs 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 11 e 12 – CCJ.

## 18

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 28, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 28, de 2003 (nº 5.657/2001, na Casa de origem), que *acrescenta dispositivo à Lei n.º 8.906, de 4 de julho de 1994, que dispõe sobre o Estatuto da Advocacia e a Ordem dos Advogados do Brasil – OAB (prescrição em cinco anos da ação de prestação de contas do advogado para o seu cliente, ou de terceiros por conta dele).*

Parecer favorável, sob nº 1.162, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Demóstenes Torres.

## 19

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 75, DE 2004**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 75, de 2004 (nº 1.071/2003, na Casa de origem), que *altera a Lei nº 10.334, de 19 de dezembro de 2001, que dispõe sobre a obrigatoriedade de fabricação e comercialização de lâmpadas incandescentes para uso em tensões de valor igual ou superior ao da tensão nominal da rede de distribuição, e dá outras providências.*

Parecer favorável sob nº 87, de 2007, da Comissão de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Delcídio Amaral.

## 20

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 5, DE 2005**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 5, de 2005 (nº 1.447/2003, na Casa de origem), que *acrescenta parágrafo*

*único ao art. 2º da Lei nº 9.452, de 20 de março de 1997, determinando que as Prefeituras Municipais convenientes com a Administração Pública Federal dêem ampla divulgação das liberações de recursos decorrentes dos convênios celebrados.*

Parecer sob nº 21, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Ney Suassuna, favorável, com as Emendas nºs 1 a 3-CCJ, que apresenta.

### 21

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 24, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 24, de 2005 (nº 4.465/2001, na Casa de origem), que *altera a Lei nº 5.917, de 10 de setembro de 1973 (inclui novo trecho na Relação Descritiva das rodovias no Sistema Rodoviário Nacional).*

Parecer favorável, sob nº 1.534, de 2005, da Comissão de Serviços de Infra-Estrutura, Relator *ad hoc*: Senador Rodolpho Tourinho.

### 22

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 103, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 103, de 2005 (nº 45/99, na Casa de origem), que *veda a exigência de carta de fiança aos candidatos a empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho – CLT.*

Parecer sob nº 198, de 2006, da Comissão de Assuntos Sociais, Relator *ad hoc*: Senador Paulo Paim, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CAS (Substitutivo), que apresenta.

### 23

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 111, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 111, de 2005 (nº 3.796/2004, na Casa de origem), que *dispõe sobre a Política Nacional de Orientação, Combate e Controle dos Efeitos Danosos da Exposição ao Sol à Saúde e dá providências correlatas.*

Pareceres sob nºs 603 e 604, de 2007, das Comissões:

– de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Magno Malta, favorável, com as Emendas nºs 1 e 2-CCJ, de redação, que apresenta; e – de Assuntos Sociais, Relator: Senador Papaléo Paes, favorável, nos ter-

mos da Emenda nº 3-CAS (Substitutivo), que oferece.

### 24

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 118, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 118, de 2005 (nº 1.153/2003, na Casa de origem), que *modifica o inciso II do caput do art. 44 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (dispõe sobre o aproveitamento de matérias cursadas em seminários de filosofia ou teologia).*

Parecer sob nº 924, de 2006, da Comissão de Educação, Relatora: Senadora Maria do Carmo Alves, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CE (Substitutivo), que oferece.

### 25

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 1, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 1, de 2006 (nº 1.696/2003, na Casa de origem), que *altera o § 2º do art. 12 da Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998, que dispõe sobre os planos e seguros privados de assistência à saúde (acrescenta o planejamento familiar nos casos de cobertura dos planos ou seguros privados de assistência à saúde).*

Parecer favorável, sob nº 145, de 2007, da Comissão de Assuntos Sociais, Relatora: Senadora Serys Slhessarenko.

### 26

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 2, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 2, de 2006 (nº 1.984/2003, na Casa de origem), que *altera o inciso XIII do caput do art. 7º da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (inclui as normas técnicas como obras protegidas pela legislação dos direitos autorais).*

Parecer favorável, sob nº 376, de 2006, da Comissão de Educação, Relator: Senador Roberto Saturnino.

### 27

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 4, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 4, de 2006 (nº 4.730/2004, na Casa de origem), de iniciativa do Presidente da República, que *dá nova redação aos arts. 830 e 895 da Consolidação das Leis do*

*Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 (dispõe sobre a autenticidade de peças oferecidas para prova no processo trabalhista e sobre o cabimento de recurso ordinário para instância superior).*

Parecer favorável sob o nº 697, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator Senador Eduardo Suplicy .

### 28

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 11, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 11, de 2006 (nº 2.822/2003, na Casa de origem), que *acrescenta parágrafo único ao art. 1º da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, para dispor sobre a boa-fé nas relações de trabalho.*

Parecer sob nº 542, de 2006, da Comissão de Assuntos Sociais, Relator: Senador Paulo Paim, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CAS (Substitutivo), que oferece.

### 29

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 27, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 27, de 2006 (nº 819/2003, na Casa de origem), que *denomina “Rodovia Ministro Alfredo Nasser” a rodovia BR-174, entre a cidade de Cáceres – MT e a fronteira com a Venezuela.*

Parecer sob o nº 1.175, de 2006, da Comissão de Educação, Relator ad hoc: Senador Mão Santa, favorável, com a Emenda nº 1-CE, que oferece.

### 30

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 43, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 43, de 2006 (nº 4.505/2004, na Casa de origem), que *dispõe sobre o reconhecimento do dia 26 de outubro como Dia Nacional dos Trabalhadores Metroviários.*

Parecer favorável, sob nº 926, de 2006, da Comissão de Educação, Relator: Senador Paulo Paim.

### 31

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 90, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 90, de 2006 (nº 6.248/2005, na Casa de origem), que *acrescenta o § 3º-C*

*ao art. 30 da Lei n.º 6.015, de 31 de dezembro de 1973, que dispõe sobre os registros públicos e dá outras providências (determina que cartórios de registros públicos afixem, em locais de fácil leitura e acesso, quadros contendo os valores das custas e emolumentos).*

Parecer favorável, sob nº 1.163, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator ad hoc: Senador Valter Pereira.

### 32

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 12, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 12, de 2007 (nº 1.791/1999, na Casa de origem), que *institui o Dia Nacional dos Surdos.*

Parecer favorável, sob nº 979, de 2007, da Comissão de Educação, Relator “ad hoc”: Senador Flávio Arns.

### 33

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 28, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 28, de 2007 (nº 3.986/2004, na Casa de origem), que *institui o Dia Nacional do Vaqueiro.*

Parecer favorável sob o nº 722, de 2007, da Comissão de Educação, Relator “ad hoc”: Senador Valter Pereira.

### 34

#### PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 34, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 34, de 2006 (nº 1.838/2005, na Câmara dos Deputados), que *aprova o texto do Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Cuba em Matéria de Turismo, celebrado em 26 de setembro de 2003, em Havana.*

Parecer favorável, sob nº 966, de 2007, da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, Relatora: Senadora Rosalba Ciarlini.

### 35

#### PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 223, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 223, de 2007 (nº 2.074/2005, na Câmara dos Deputados), que

*aprova o texto do Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Angola sobre Transferência de Pessoas Condenadas, assinado em Brasília, em 3 de maio de 2005.*

Parecer favorável, sob nº 1.083, de 2007, da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, Relator ad hoc: Senador Pedro Simon.

### 36

#### **PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 227, DE 2007**

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 227, de 2007 (nº 2.137/2006, na Câmara dos Deputados), que *aprova o texto do Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Angola sobre Extradicação, assinado em Brasília, em 3 de maio de 2005.*

Parecer favorável, sob nº 1.085, de 2007, da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, Relator ad hoc: Senador Pedro Simon.

### 37

#### **PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 52, DE 2007**

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 52, de 2007, tendo como primeiro signatário o Senador Leomar Quintanilha, que *dispõe sobre a realização de plebiscitos para a criação do Estado do Carajás, nos termos do art. 49, inciso XV, da Constituição Federal.*

Parecer sob nº 637, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Mozarildo Cavalcanti, favorável, com a Emenda nº 1 – CCJ, que apresenta.

### 38

#### **PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 26, DE 2000**

*(Tramitando em conjunto com o Projeto de Lei do Senado nº 685, de 1999)*

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 26, de 2000, de autoria do Senador Paulo Hartung, que *altera a redação do § 1º do art. 6º da Lei nº 9.069, de 29 de junho de 1995, para definir que o Presidente do Banco Central comparecerá, pessoalmente, à Comissão de Assuntos Econômicos do Senado, para fazer relato sobre a execução da programação monetária que se finda e a*

*exposição e entrega da Programação Monetária Trimestral.*

Pareceres sob nºs 1.816 e 1.817, de 2005; e 1.154, de 2007, das Comissões – de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Sérgio Machado, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CCJ (Substitutivo) que oferece, e pela rejeição do Projeto de Lei do Senado nº 685, de 1999, que tramita em conjunto; – de Assuntos Econômicos, 1º pronunciamento: Relator: Senador Aloizio Mercadante, favorável ao Projeto, nos termos do parecer da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, com voto contrário, em separado, da Senadora Heloísa Helena e do Senador Eduardo Suplicy; 2º pronunciamento (em reexame, nos termos do Requerimento nº 644, de 2007): Relator: Senador Romero Jucá, favorável, nos termos da Emenda nº 2-CAE (Substitutivo), que oferece, e contrário ao Projeto de Lei do Senado nº 685, de 1999, que tramita em conjunto.

### 39

#### **PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 685, DE 1999**

*(Tramitando em conjunto com o Projeto de Lei do Senado nº 26, de 2000)*

Projeto de Lei do Senado nº 685, de 1999, da Comissão Parlamentar de Inquérito do Sistema Financeiro, que *altera os arts. 6º e 7º da Lei nº 9.069, de 29 de junho de 1995, que “dispõe sobre o Plano Real, o Sistema Monetário Nacional, estabelece as regras e condições de emissão do Real e os critérios para conversão das obrigações para o Real, e dá outras providências”.*

### 40

#### **PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 169, DE 2005**

*(Incluído em Ordem do Dia nos termos do Recurso nº 7, de 2007)*

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 169, de 2005, de autoria do Senador Paulo Paim, que *altera dispositivo da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.*

Parecer sob nº 459, de 2007, da Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa, Relator ad hoc: Senador Flávio Arns, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CDH (Substitutivo), que oferece.

41

**PROJETO DE LEI DO SENADO  
Nº 140, DE 2007 – COMPLEMENTAR**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 140, de 2007-Complementar, de autoria do Senador Demóstenes Torres, que altera o art. 1º da Lei Complementar nº 105, de 10 de janeiro de 2001, para especificar os dados financeiros não sigilosos, para fins de investigação de ilícito penal.

Pareceres sob nºs 281 e 706, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Jarbas Vasconcelos, 1º pronunciamento (sobre o Projeto): favorável, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta; 2º pronunciamento (sobre a Emenda nº 2-Plen): favorável, nos termos de Subemenda que oferece.

42

**PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 277, DE 2007**

*(Incluído em Ordem do Dia nos termos do  
Recurso nº 9, de 2007)*

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 277, de 2007, de autoria do Senador Flávio Arns, que acrescenta parágrafo único ao art. 4º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 para definir condições de qualidade da oferta de educação escolar para crianças de cinco e seis anos de idade.

Parecer sob nº 874, de 2007, da Comissão de Educação, Relator: Senador Wilson Matos, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CE (Substitutivo), que oferece.

43

**PROJETO DE RESOLUÇÃO DO SENADO  
Nº 65, DE 2007**

Discussão, em turno único, do Projeto de Resolução do Senado nº 65, de 2007 (apresentado como conclusão do Parecer nº 952, de 2007, da Comissão de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Jonas Pinheiro), que autoriza a União a aceitar dação de imóvel do Governo da Bolívia, como parte do pagamento dos juros da dívida externa daquele País.

Pareceres favoráveis, sob nºs 950 e 951, de 2007, das Comissões de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Pedro Simon, com voto contrário do Senador Mozarildo Cavalcanti; e de Relações Exteriores e Defesa Nacional, Relator ad hoc: Senador Marcelo Crivella.

44

**REQUERIMENTO Nº 1.302, DE 2004**

Votação, em turno único, do Requerimento nº 1302, de 2004, de autoria da Senadora Serys Slhessarenko, que *requer, com fundamento no art. 215 do Regimento Interno do Senado Federal, seja instituída, no âmbito do Senado Federal, a Semana de Ciência e Tecnologia, a ser celebrada anualmente no mês de outubro, com o objetivo de mobilizar a população brasileira para questões científicas, enfatizando o papel da Ciência no nosso dia-a-dia e demonstrando a sua importância para a saúde e o desenvolvimento do País.*

Pareceres favoráveis sob nºs 448 a 451, de 2007, das Comissões de Educação, Relator: Senador Juvêncio da Fonseca; de Assuntos Sociais, Relator: Senador Cristovam Buarque; de Serviços de Infra-Estrutura, Relator ad hoc: Senador Eduardo Azeredo; e de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, Relator: Senador Valter Pereira.

45

**REQUERIMENTO Nº 914, DE 2007**

Votação, em turno único, do Requerimento nº 914, de 2007, do Senador Mozarildo Cavalcanti, *solicitando a remessa do Projeto de Lei do Senado nº 312, de 2007, à Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, uma vez que o prazo na Comissão de Assuntos Econômicos já se encontra esgotado.*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Está encerrada a sessão.

*(Levanta-se a sessão às 21 horas e 4 minutos.)*

# Ata da 5ª Sessão Deliberativa Ordinária, em 13 de fevereiro de 2008

2ª Sessão Legislativa Ordinária da 53ª Legislatura

Presidência dos Srs. Garibaldi Alves filho, Efraim Morais, Papaléo Paes,  
Romeu Tuma, Mão Santa e Paulo Duque

ÀS 14 HORAS, ACHAM-SE PRESENTES

AS SRAS. E OS SRS. SENADORES:

## REGISTRO DE COMPARECIMENTO

### Senado Federal

#### SESSÃO DELIBERATIVA ORDINÁRIA ÀS 14:00 HORAS

Período : 13/2/2008 07:43:33 até 13/2/2008 21:46:17

Partido	UF	Nome	Pres	Voto	Partido	UF	Nome	Pres	Voto
DEM	DF	ADELMIR SANTANA	X		PMDB	RR	ROMERO JUCA	X	
PSDB	PR	ALVARO DIAS	X		PTB	SP	ROMEU TUMA	X	
Bloco-PSB	SE	ANTÔNIO CARLOS VALADARES	X		DEM	RN	ROSALBA CIARLINI	X	
PSDB	AM	ARTHUR VIRGÍLIO	X		PMDB	MA	ROSEANA SARNEY	X	
Bloco-PT	RR	AUGUSTO BOTELHO	X		PSDB	PE	SÉRGIO GUERRA	X	
Bloco-PR	BA	CÉSAR BORGES	X		PTB	RS	SÉRGIO ZAMBIASI	X	
PSDB	PB	CÍCERO LUCENA	X		Bloco-PT	MT	SERYS SLHESSARENKO	X	
PDT	DF	CRISTOVAM BUARQUE	X		Bloco-PT	AC	SIBÁ MACHADO	X	
DEM	GO	DEMÓSTENES TORRES	X		PSDB	CE	TASSO JEREISSATI	X	
PSDB	MG	EDUARDO AZEREDO	X		Bloco-PT	AC	TIÃO VIANA	X	
Bloco-PT	SP	EDUARDO SUPLICY	X		PMDB	RO	VALDIR RAUPP	X	
DEM	PB	EYRAIM MORAIS	X		PMDB	MS	VALTER PEREIRA	X	
DEM	MG	ELISEU RESENDE	X		PMDB	MG	WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRAX	X	
PTB	MA	EPITÁCIO CAFETEIRA	X						
Bloco-PR	RO	EXPEDITO JÚNIOR	X						
Bloco-PT	RO	FÁTIMA CLEIDE	X						
PTB	AL	FERNANDO COLLOR	X						
Bloco-PT	PR	FLÁVIO ARNS	X						
PSDB	PA	FLEXA RIBEIRO	X						
Bloco-PP	RJ	FRANCISCO DORNELLES	X						
PMDB	RN	GARIBALDI ALVES FILHO	X						
PMDB	AC	GERALDO MESQUITA JÚNIOR	X						
PMDB	ES	GERSON CAMATA	X						
PMDB	AP	GILVAM BORGES	X						
PTB	DF	GIM ARGELLO	X						
DEM	PI	HERÁCLITO FORTES	X						
Bloco-PCdoB	CE	INÁCIO ARRUDA	X						
PMDB	PE	JARBAS VASCONCELOS	X						
DEM	MT	JAYME CAMPOS	X						
PDT	AM	JEFFERSON PÉRES	X						
Bloco-PT	AM	JOÃO PEDRO	X						
Bloco-PR	TO	JOÃO RIBEIRO	X						
PSDB	AL	JOÃO TENÓRIO	X						
PTB	PI	JOÃO VICENTE CLAUDINO	X						
DEM	RN	JOSÉ AGRIPINO	X						
PMDB	PB	JOSÉ MARANHÃO	X						
P-SOL	PA	JOSÉ NERY	X						
PMDB	AP	JOSÉ SARNEY	X						
DEM	TO	KÁTIA ABREU	X						
PMDB	TO	LEOMAR QUINTANILHA	X						
DEM	MA	LOBÃO FILHO	X						
PSDB	GO	LÚCIA VÂNIA	X						
Bloco-PR	ES	MAGNO MALTA	X						
PMDB	PI	MÃO SANTA	X						
Bloco-PRB	RJ	MARCELO CRIVELLA	X						
DEM	PE	MARCO MACIEL	X						
PSDB	GO	MARCONI PERILLO	X						
DEM	SE	MARIA DO CARMO ALVES	X						
PSDB	PA	MÁRIO COUTO	X						
PSDB	MS	MARISA SERRANO	X						
PMDB	SC	NEUTO DE CONTO	X						
PDT	PR	OSMAR DIAS	X						
PSDB	AP	PAPALÉO PAES	X						
PDT	CE	PATRICIA SABOYA	X						
PMDB	RJ	PAULO DUQUE	X						
Bloco-PT	RS	PAULO PAIM	X						
PMDB	RS	PEDRO SIMON	X						
DEM	SC	RAIMUNDO CQLOMBO	X						
PMDB	AL	RENAN CALHEIROS	X						
Bloco-PSB	ES	RENATO CASAGRANDE	X						

Compareceram: 73 Senadores

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– A lista de presença acusa o comparecimento de 73 Srs. Senadores. Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus, iniciamos nossos trabalhos.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– Esgotou-se ontem o prazo previsto no art. 91, § 3º, do Regimento Interno, sem que tenha sido interposto recurso no sentido da apreciação, pelo Plenário, das seguintes matérias:

- **Projeto de Decreto Legislativo nº 189, de 2007** (nº 2.436/2006, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga permissão à Fundação Cultural São Judas Tadeu para executar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Colinas do Tocantins, Estado do Tocantins;*
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 296, de 2007** (nº 118/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga permissão à Paraíba TV/FM Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Tenório, Estado da Paraíba;*
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 302, de 2007** (nº 177/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária dos Moradores do Conjunto Boa Vista para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Ubitatã, Estado do Paraná;*
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 315, de 2007** (nº 102/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Radiodifusão Desenvolvimento Artístico e Cultural de Sobrália para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Sobrália, Estado de Minas Gerais;*
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 316, de 2007** (nº 107/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que renova a permissão outorgada à Rádio Copas Verdes de Prudentópolis Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Prudentópolis, Estado do Paraná;*
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 320, de 2007** (nº 193/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que renova a permissão outorgada à Rádio Graúna de Palotina Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Palotina, Estado do Paraná;*
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 321, de 2007** (nº 251/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga permissão à Rádio FM Norte do Paraná Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Rolândia, Estado do Paraná;*
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 326, de 2007** (nº 189/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga autorização à Associação Cultural, Comunitária e Alternativa Trespassense para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Três Passos, Estado do Rio Grande do Sul;*
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 328, de 2007** (nº 234/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga autorização à Associação Cultural Comunitária (Radcom) Rádio Líder Frequência Modulada FM para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Chiapeta, Estado do Rio Grande do Sul;*
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 329, de 2007** (nº 255/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga autorização à Associação de Radiodifusão Comunitária do Bairro Nossa Senhora Aparecida – Arcomnossa para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Campos Sales, Estado do Ceará;*
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 330, de 2007** (nº 256/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Desenvolvimento Cultural e Artístico de Reduto para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Reduto, Estado de Minas Gerais;*
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 331, de 2007** (nº 257/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga permissão à Fundação Vicente Pinzón para executar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Ipojuca, Estado de Pernambuco;*
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 332, de 2007** (nº 283/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que renova a concessão outorgada à Televisão Paraíba Ltda. para explorar serviço de radiodifusão de sons e imagens na cidade de Campina Grande, Estado da Paraíba;*
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 335, de 2007** (nº 161/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que renova a concessão outorgada à Rádio Difusora Platinense Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em onda média na cidade de Santo Antônio da Platina, Estado do Paraná;*
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 337, de 2007** (nº 166/2007, na Câmara dos Deputados), que



- aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária Sedenovense para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Sede Nova, Estado do Rio Grande do Sul;*
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 340, de 2007** (nº 176/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Prevenção ao Uso Indevido de Drogas – Projeto de Vida para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Contagem, Estado de Minas Gerais;*
  - **Projeto de Decreto Legislativo nº 341, de 2007** (nº 179/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga autorização à Associação de Difusão Comunitária – Educacional e Cultural de Urânia para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Urânia, Estado de São Paulo;*
  - **Projeto de Decreto Legislativo nº 342, de 2007** (nº 160/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga autorização à Associação de Comunicação, Cultura e Educação de Jijoca de Jericoacoara para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Jijoca de Jericoacoara, Estado do Ceará;*
  - **Projeto de Decreto Legislativo nº 345, de 2007** (nº 106/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária Alternativa de Lins para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Lins, Estado de São Paulo;*
  - **Projeto de Decreto Legislativo nº 347, de 2007** (nº 120/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga permissão à Empresa de Comunicação Encontro dos Rios Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Benjamin Constant, Estado do Amazonas;*
  - **Projeto de Decreto Legislativo nº 349, de 2007** (nº 141/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que renova a permissão outorgada à Rádio Prata FM Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Águas da Prata, Estado de São Paulo;*
  - **Projeto de Decreto Legislativo nº 350, de 2007** (nº 144/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga autorização à Associação e Movimento Comunitário Rádio Jurema – FM para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Jurema, Estado de Pernambuco;*
  - **Projeto de Decreto Legislativo nº 363, de 2007** (nº 157/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga concessão à Fundação Mariana Resende Costa para executar serviço de radiodifusão de sons e imagens na cidade de Sabará, Estado de Minas Gerais;*
  - **Projeto de Decreto Legislativo nº 368, de 2007** (nº 223/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga autorização à Associação de Difusão Comunitária de Hidrolina para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Hidrolina, Estado de Goiás;*
  - **Projeto de Decreto Legislativo nº 370, de 2007** (nº 254/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária do Bem Estar Social de Pequizeiro para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Pequizeiro, Estado do Tocantins;* e
  - **Projeto de Decreto Legislativo nº 425, de 2007** (nº 210/2007, na Câmara dos Deputados), que *aprova o ato que outorga permissão à Rádio Jardim Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Onda Verde, Estado de São Paulo.*
- Tendo sido aprovadas terminativamente pela Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, as matérias vão à promulgação.
- Será feita a devida comunicação à Câmara dos Deputados.
- O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)
- Esgotou-se ontem o prazo previsto no art. 91, § 3º a 5º, do Regimento Interno, sem que tenha sido interposto recurso no sentido da apreciação, pelo Plenário, do Projeto de Resolução nº 98, de 2007, que *suspende a execução, com efeitos ex-tunc, do parágrafo único do art. 11 da Lei nº 9.639, de 25 de maio de 1998.*
- Tendo sido apreciada em decisão terminativa pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, a matéria vai à promulgação.
- O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)
- Esgotou-se ontem o prazo previsto no art. 91, § 3º, do Regimento Interno, sem que tenha sido interposto recurso, no sentido da apreciação, pelo Plenário, das seguintes matérias:
- **Projeto de Lei do Senado nº 86, de 2003**, de autoria do Senador Paulo Paim, que *altera o § 5º do artigo 164 da Consolidação das Leis do Trabalho para determinar a eleição do presidente e do vice-presidente da CIPA pelos seus membros;*
  - **Projeto de Lei do Senado nº 490, de 2003**, de autoria da Senadora Patrícia Saboya Gomes, que

*dispõe sobre a difusão por órgãos públicos dos direitos fundamentais e dos direitos humanos, especialmente os que tratam de mulheres, crianças e adolescentes;*

- **Projeto de Lei do Senado nº 500, de 2003**, de autoria do Senador César Borges, que *altera a Lei nº 10.735, de 11 de setembro de 2003, para submeter a processo licitatório os projetos do Programa de Incentivo à Implementação de Projetos Sociais (PIPS), e dá outras providências;*
- **Projeto de Lei do Senado nº 116, de 2006**, de autoria do Senador Cristovam Buarque, que *altera o art. 51 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para ampliar a abrangência da norma disposta no dispositivo, bem como para nele inserir parágrafo único que prevê a adoção de programas de avaliação seriada anual nos processos seletivos das universidades federais (tramitando em conjunto com o Projeto de Lei do Senado nº 65, de 2005);*
- **Projeto de Lei do Senado nº 214, de 2006**, de autoria do Senador Valdir Raupp, que *altera a redação do § 1º do art. 111 da Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976, para estabelecer a aquisição do direito a voto pelos titulares de ações preferenciais sem direito a voto ou com limitação desse direito, no caso de não-pagamento de dividendos pelo prazo de três exercícios consecutivos;*
- **Projeto de Lei do Senado nº 194, de 2007**, de autoria do Senador César Borges, que *acrescenta o art. 462-A à Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) para dispor sobre a proibição de descontos nos salários do empregado;*
- **Projeto de Lei do Senado nº 300, de 2007**, de autoria do Senador Eduardo Azeredo, que *acrescenta dispositivos ao art. 392 da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, para dispor sobre a extensão da licença-maternidade, nos casos em que especifica;*
- **Projeto de Lei do Senado nº 456, de 2007**, de autoria do Senador Marconi Perillo, que *autoriza o Poder Executivo a criar a Escola Técnica Federal de Uruçu, no Estado de Goiás;*
- **Projeto de Lei do Senado nº 485, de 2007**, de autoria do Senador Cícero Lucena, que *autoriza o Poder Executivo a criar o Centro Federal de Educação Tecnológica de Patos, no Estado da Paraíba; e*
- **Projeto de Lei do Senado nº 609, de 2007**, de autoria do Senador Paulo Paim, que *autoriza o*

*Poder Executivo a criar a Escola Técnica Federal de Construção Naval do Município de Rio Grande, no Rio Grande do Sul.*

Tendo sido apreciados terminativamente pelas Comissões competentes, o Projeto de Lei do Senado nº 65, de 2005, prejudicado, vai ao Arquivo; e as demais matérias, aprovadas, vão à Câmara dos Deputados.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– Encerrou-se ontem o prazo para apresentação de emendas às seguintes matérias:

- **Projeto de Lei da Câmara nº 91, de 2006** (nº 591/2003, na Casa de origem), que *regulamenta a profissão de Ecólogo;*
- **Projeto de Lei da Câmara nº 116, de 2006** (nº 557/2003, na Casa de origem), que *determina a publicidade dos valores das multas decorrentes da aplicação do Código de Defesa do Consumidor revertidos para o Fundo Nacional de que a trata a Lei nº 7.347, de 24 de julho de 1985; e altera Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990;*
- **Projeto de Lei da Câmara nº 123, de 2006** (nº 5.900/2005, na Casa de origem), que *altera dispositivos da Lei nº 5.194, de 24 de dezembro de 1966, que regula o exercício profissional das profissões de Engenheiro, Arquiteto e Engenheiro-Agrônomo, e dá outras providências, para instituir a representação federativa no plenário do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia;*
- **Projeto de Lei da Câmara nº 45, de 2007** (nº 271/2003, na Casa de origem), que *dá nova denominação à Reserva Federal que especifica (altera a denominação do Parque Indígena do Xingu para “Parque Indígena do Xingu Orlando Villas Boas”);*
- **Projeto de Lei da Câmara nº 61, de 2007** (nº 6.511/2002, na Casa de origem), que *denomina Ponte Ilha Grande a ponte rodoviária sobre o Rio Paraná entre os Estados de Mato Grosso do Sul e do Paraná;*
- **Projeto de Lei da Câmara nº 62, de 2007** (nº 3.815/2004, na Casa de origem), que *denomina Rodovia Luiz Alves Rolim Sobrinho e Rodovia Senador Tarso Dutra os trechos urbanos da BR-287 que passam pela cidade de Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul;*
- **Projeto de Lei da Câmara nº 64, de 2007** (nº 4.557/2001, na Casa de origem), que *estabelece condições para a realização de procedimento de bronzeamento artificial;*

- **Projeto de Lei da Câmara nº 71, de 2007** (nº 2.715/2000, na Casa de origem), que *denomina Rodovia José Guarino Júnior o trecho da rodovia BR-356, entre as cidades de Muriaé e Ervália, no Estado de Minas Gerais*;
- **Projeto de Lei da Câmara nº 78, de 2007** (nº 7.515/2006), de iniciativa do Presidente da República, que *acrescenta parágrafos ao art. 62 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*; e
- **Projeto de Lei da Câmara nº 92, de 2007** (nº 3.607/2004), que *inclui na relação descritiva do Sistema Rodoviário Federal, integrante do Anexo da Lei nº 5.917, de 10 de setembro de 1973, que aprova o Plano Nacional de Viação, a ligação rodoviária entre Redenção/PA e Marabá/PA*.

Ao **Projeto de Lei da Câmara nº 123, de 2006**, foi apresentada uma emenda, que passo a ler.

É lida a seguinte:

**Emenda (de plenário) oferecida ao Projeto de Lei da Câmara nº 123, de 2006, que “altera dispositivos da Lei nº 5.194, de 24 de dezembro de 1966, que regula o exercício profissional das profissões de engenheiro, arquiteto e engenheiro-agrônomo, e dá outras providências, para instituir a representação federativa no plenário do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia”.**

#### EMENDA Nº 1 – PLEN

Dê-se ao inciso II do art. 30 da Lei nº 5.194, de 24 de dezembro de 1966, com a redação proposta pelo art. 2º do Projeto de Lei da Câmara nº 123, de 2006, a seguinte redação:

“Art. 30. ....  
.....

II – sistema de rodízio dos grupos profissionais e da representação dos técnicos e dos tecnólogos, pelas unidades da Federação.” (NR)

#### Justificação

Ao dispor sobre a nova configuração representativa do plenário do CONFEA – Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia – o PLC nº 123, de 2006, prevê, de forma justa e democrática, a garantia da participação dos técnicos de nível médio no plenário daquela instância superior da fiscalização

do exercício das profissões abrangidas pelo Sistema Confea/Crea.

Entretanto, ao estabelecer aquela garantia juntamente com a garantia do sistema de rodízio dos grupos profissionais (de formação superior plena) e técnicos (de nível médio) representados nas unidades da Federação, o projeto omite desta última os tecnólogos, categoria jurisdicionada à fiscalização dos Crea, que são profissionais especializados e de nível superior, apenas com graduação de curta duração.

Creemos que o mesmo critério observado ao nominar expressamente os técnicos de nível médio, deve-se ter quanto aos tecnólogos, já que ambas as categorias se distinguem no âmbito do Sistema Confea/Crea exatamente por não serem de formação superior plena, como ocorre com os engenheiros, os agrônomos, os geólogos, os arquitetos, etc.

Ainda que se cogite que essa participação dos tecnólogos no rodízio esteja garantida por uma implícita inserção nos citados “Grupos Profissionais”, consideramos salutar que essa prerrogativa seja textualmente prevista na norma. Tal previsão evitará eventuais interpretações divergentes, mormente quando do disciplinamento das eleições dos conselheiros federais, que se regerá por futura resolução do Confea (**caput** do proposto art. 30).

Com a alteração, se evitará leituras subentendidas e decorrentes dúvidas e demandas

judiciais, sejam por divergências interpretativas, sejam por interesses momentâneos quando da aplicação da lei.

Entendemos, assim, que a proposta de emenda apresentada aperfeiçoará a proposição original, para a qual, vale registrar, sempre envidamos nosso irrisrito apoio.

Sala das Sessões, 2008. – Senador **Marcelo Crivella**.

*(Às Comissões de Constituição, Justiça e Cidadania e de Assuntos Sociais, para exame da emenda.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – A matéria volta às Comissões de Constituição, Justiça e Cidadania e de Assuntos Sociais, para exame da emenda.

Os demais projetos não receberam emendas e serão incluídos em Ordem do Dia oportunamente.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Sobre a mesa, projetos de lei do Senado que passo a ler.

São lidos os seguintes:

**PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 13, DE 2008****Autoriza o Poder Executivo a criar a Escola Técnica Federal de Valparaíso de Goiás, no Estado de Goiás.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica o Poder Executivo autorizado a criar a Escola Técnica Federal de Valparaíso de Goiás, no Estado de Goiás.

Parágrafo único. Com o objetivo de exercer a atribuição prevista no **caput**, o Poder Executivo fica autorizado a:

I – criar os cargos de direção e as funções gratificadas necessárias à instituição da escola;

II – dispor sobre a organização, as competências, as atribuições, as denominações das unidades e dos cargos, suas especificações e funções, bem como sobre o processo de implantação e de funcionamento da escola;

III – lotar na escola os servidores que se fizerem necessários ao seu funcionamento, mediante criação, transferência e transformação de cargos efetivos vagos dos quadros de pessoal dos órgãos e entidades da administração federal direta, autárquica e fundacional.

Art. 2º A Escola Técnica Federal de Valparaíso de Goiás será uma instituição de ensino profissionalizante em nível médio, destinada à formação de técnicos para atender às necessidades socioeconômicas dos setores industrial, de serviços e agropecuário da região do Entorno do Distrito Federal.

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

**Justificação**

A demanda por mão-de-obra especializada para atuar na indústria, no setor de serviços e na agropecuária constitui uma das maiores emergências educacionais da região do Entorno do Distrito Federal.

O crescimento acelerado de segmentos como a indústria de construção civil, dos setores de informática e turismo, além da agroindústria para abastecimento local e exportação, é apenas um exemplo de áreas carentes de técnicos, especialmente em nível médio.

A manutenção desse ritmo de expansão, de forma sustentável, é inconcebível sem a disponibilidade de profissionais qualificados para imprimir eficiência àquelas atividades econômicas. Na verdade, a defasagem na formação dessa mão-de-obra valiosa já é significativa e uma instituição que vier a se criar para

fazer frente à demanda atual levará alguns anos para supri-la.

Por oportuno, vale lembrar a importância estratégica que o Ministério da Educação vem conferindo à educação profissional e tecnológica, como parte do processo de formação integral dos trabalhadores brasileiros. A par disso, a proposição guarda consonância com a política federal focada na expansão da rede de educação tecnológica e profissional, e, particularmente, com o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), que ofereceu novo alento a esse segmento educacional.

Por tudo isso, conclamamos os nobres colegas congressistas a apoiar o presente projeto de lei, com o que contribuirão para a ampliação das perspectivas de profissionalização e empregabilidade da juventude do Entorno do Distrito Federal.

Sala das Sessões, 13 de fevereiro de 2008. – Senador **Cristovam Buarque**

(À Comissão de Educação – decisão terminativa.)

**PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 14, DE 2008****Altera a Lei nº 8.989, de 24 de fevereiro de 1995, que dispõe sobre a isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados – IPI, na aquisição de automóveis para utilização no transporte autônomo de passageiros, bem como por pessoas portadoras de deficiência física, e dá outras providências, para incluir os portadores de deficiência auditiva.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O art. 1º, inciso IV da Lei nº 8.989, de 24 de fevereiro de 1995, alterado pela Lei nº 10.690, de 16 de junho de 2003, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 1º .....

IV – pessoas portadoras de deficiência física, auditiva, visual, mental severa ou profunda, ou autistas, diretamente ou por intermédio de seu representante legal; (NR)”

Art. 2º O art. 1º da Lei nº 8.989, de 24 de fevereiro de 1995, alterado pela Lei nº 10.690, de 16 de junho de 2003, passa a vigor acrescida do seguinte § 3º, renumerando-se o atual § 3º, e seguintes, que estão em vigor:

“Art. 1º .....

§ 3º Para a concessão do benefício previsto no art. 1º é considerada pessoa portadora de deficiência auditiva aquela que apresenta grau de surdez no mínimo de 20 db (tabela BIAP). (NR)”

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

### Justificação

A Lei nº 8.989, de 1995, com a redação dada pela Lei nº 10.690, de 2003, que dispõe sobre a isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados – IPI, na aquisição de automóveis para utilização no transporte autônomo de passageiros (taxistas), bem como por pessoas portadoras de deficiência física, não contempla a deficiência auditiva.

De fato, o inciso IV do art. 1º dessa legislação explicita os casos de deficiência física, tais como, a deficiência dos membros, a deficiência visual e mental, inclusive, estendendo a isenção tributária para os autistas. O silêncio da lei de exoneração tributária faz com que a legislação seja aplicada restritivamente, consoante regra do art. 111 do Código Tributário Nacional (CTN), de maneira a excluir os portadores de deficiência auditiva da isenção de impostos para a aquisição de automóveis de que trata a legislação.

Ora, em primeiro lugar, a inclusão social das pessoas com deficiências significa torná-las participantes da vida social, econômica e política, assegurando o respeito aos seus direitos no âmbito da Sociedade, do Estado e do Poder Público.

Em segundo lugar, flagrantemente viola o direito à isonomia entre os indivíduos a legislação criar isenção tributária para alguns grupos de deficientes, tais como os deficientes visuais, e, desprezando a igualdade da situação fática, não contemplar os deficientes auditivos.

Importa esclarecer que de acordo com o Brasil/Mec/Seesp (1994), é considerado surdo o indivíduo que possui audição não funcional na vida comum, e parcialmente surdo aquele que, mesmo com perda auditiva, possui audição funcional com ou sem prótese.

O volume ou intensidade dos sons é medido por unidades chamadas decibéis (dB), de tal sorte que verifica-se a partir da perda auditiva em decibéis, a existência de diferentes graus de surdez. O grupo dos parcialmente surdos engloba os sujeitos com surdez leve e os com surdez moderada. A surdez leve apresenta uma perda auditiva de até 40 dB. Essa perda impede a percepção perfeita de todos os fonemas da palavra, mas não impede a

aquisição normal da linguagem. Pode, no entanto, causar algum problema articulatório ou dificuldade na leitura e/ou escrita. A surdez moderada apresenta perda auditiva entre 40 e 70 dB. Esses limites se encontram no nível da percepção da palavra, sendo necessário uma voz de certa intensidade para que seja claramente percebida.

Há ainda o grupo dos que abrange os indivíduos com surdez severa e os com surdez profunda. A surdez severa apresenta uma perda auditiva entre 70 e 90 dB. O indivíduo com surdez profunda apresenta perda auditiva superior a 90 dB.

Assim, o presente projeto considerou essa classificação, que dada pela Bureau International d’Audiophonologic, por meio da tabela BIAP, abaixo transcrita:

### Classificação BIAP

(Bureau International d’Audiophonologic)

#### Graus de surdez:

- Leve – entre 20 e 40dB
- Média – entre 40 e 70dB
- Severa – entre 70 e 90dB
- Profunda – mais de 90 dB
- 1º Grau: 90 dB
- 2º Grau: entre 90 e 100 dB
- 3º Grau: mais de 100 dB

A audição, tal como os restantes dos sentidos, é muito importante para o desenvolvimento do indivíduo, inclusive, como parte da sociedade. E através da audição que o indivíduo comunica-se com o mundo e este se comunica com o indivíduo, desenvolvendo assim a identidade, os sentimentos, a compreensão do mundo que está à sua volta, os vínculos sociais, as interações intra e inter-pessoais e, o modo como o indivíduo manifesta seus anseios e necessidades. Portanto, a aprovação deste projeto representa importante avanço em direção à inclusão social.

Por fim, é importante destacar que a idéia deste projeto originou-se de sugestão da eminente procuradora Dra. Eunice Dantas Carvalho, do Ministério Público Federal no Estado de Sergipe, a qual na defesa dos direitos dos portadores de deficiência física, teve diante de si uma situação concreta em que um portador de deficiência auditiva teve negado o direito à isenção de impostos pelo Fisco da União e Estadual na aquisição de bem automotivo.

Sala das Sessões, 13 de fevereiro de 2008. – Senador **Antonio Carlos Valadares**, PSB/SE.

## LEGISLAÇÃO CITADA

LEI Nº 8.989, DE 24 DE FEVEREIRO DE 1995.

## Vigência

Conversão da MPv nº 856, de 1995

~~Dispõe sobre isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) na aquisição de automóveis para utilização no transporte autônomo de passageiros, bem como por pessoas portadoras de deficiência física e aos destinados ao transporte escolar, e dá outras providências.~~

Dispõe sobre a Isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados - IPI, na aquisição de automóveis para utilização no transporte autônomo de passageiros, bem como por pessoas portadoras de deficiência física, e dá outras providências. (Redação dada pela Lei nº 10.754, de 31.10.2003)

Faço saber que o **PRESIDENTE DA REPÚBLICA** adotou a Medida Provisória nº 856, de 1995, que o Congresso Nacional aprovou, e eu, JOSÉ SARNEY, Presidente do Senado Federal, para os efeitos do disposto no parágrafo único do art. 62 da Constituição Federal, promulgo a seguinte lei:

~~Art. 1º Ficam isentos do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) os automóveis de passageiros de fabricação nacional de até 127 HP de potência bruta (SAE), quando adquiridos por:~~

~~Art. 1º Ficam isentos do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) os automóveis de passageiros de fabricação nacional de até 127 HP de potência bruta (SAE), de no mínimo quatro portas, inclusive a de acesso ao bagageiro, movidos a combustíveis de origem renovável, quando adquiridos por: (Redação dada pela Lei nº 10.182, de 12.2.2001) \*Não há restrição quanto ao tipo de combustível, para aquisição de veículos por deficientes físicos. - (vide § 2º da Lei nº 10.182, de 12.2.01)~~

~~Parágrafo único. A exigência para aquisição de automóvel de quatro portas e de até 127 HP de potência bruta (SAE) não se aplica aos deficientes físicos de que trata o inciso IV do caput deste artigo. (Parágrafo único incluído pela Lei nº 10.182 de 12.2.2001)~~

Art. 1º Ficam isentos do Imposto Sobre Produtos Industrializados - IPI os automóveis de passageiros de fabricação nacional, equipados com motor de cilindrada não superior a dois mil centímetros cúbicos, de no mínimo quatro portas inclusive a de acesso ao bagageiro, movidos a combustíveis de origem renovável ou sistema reversível de combustão, quando adquiridos por: (Redação dada pela Lei nº 10.690, de 16.6.2003) (Vide art 5º da Lei nº 10.690, de 16.6.2003)

~~I - motoristas profissionais que, na data da publicação desta lei exerçam comprovadamente em veículo de sua propriedade atividade de condutor autônomo de passageiros, na condição de titular de autorização, permissão ou concessão do poder concedente e que destinem o automóvel à utilização na categoria de aluguel (táxi);~~

I - motoristas profissionais que exerçam, comprovadamente, em veículo de sua propriedade atividade de condutor autônomo de passageiros, na condição de titular de autorização, permissão ou concessão do Poder Público e que destinam o automóvel à utilização na categoria de aluguel (táxi); (Redação dada pela Lei nº 9.317, de 5.12.1996)

II - motoristas profissionais autônomos titulares de autorização, permissão ou concessão para exploração do serviço de transporte individual de passageiros (táxi), impedidos de continuar exercendo essa atividade em virtude de destruição completa, furto ou roubo do veículo, desde que destinem o veículo adquirido à utilização na categoria de aluguel (táxi);

III - cooperativas de trabalho que sejam permissionárias ou concessionárias de transporte público de passageiros, na categoria de aluguel (táxi), desde que tais veículos se destinem à utilização nessa atividade;

~~IV - pessoas que, em razão de serem portadoras de deficiência física, não possam dirigir automóveis~~

IV – pessoas portadoras de deficiência física, visual, mental severa ou profunda, ou autistas, diretamente ou por intermédio de seu representante legal; (Redação dada pela Lei nº 10.690, de 16.6.2003)

V – (Incluído pela Lei nº 10.690, de 16.6.2003 e vetado)

§ 1º Para a concessão do benefício previsto no art. 1º é considerada também pessoa portadora de deficiência física aquela que apresenta alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções. (Incluído pela Lei nº 10.690, de 16.6.2003)

§ 2º Para a concessão do benefício previsto no art. 1º é considerada pessoa portadora de deficiência visual aquela que apresenta acuidade visual igual ou menor que 20/200 (tabela de Snellen) no melhor olho, após a melhor correção, ou campo visual inferior a 20°, ou ocorrência simultânea de ambas as situações. (Incluído pela Lei nº 10.690, de 16.6.2003)

§ 3º Na hipótese do inciso IV, os automóveis de passageiros a que se refere o **caput** serão adquiridos diretamente pelas pessoas que tenham plena capacidade jurídica e, no caso dos interditos, pelos curadores. (Incluído pela Lei nº 10.690, de 16.6.2003)

§ 4º A Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, nos termos da legislação em vigor e o Ministério da Saúde definirão em ato conjunto os conceitos de pessoas portadoras de deficiência mental severa ou profunda, ou autistas, e estabelecerão as normas e requisitos para emissão dos laudos de avaliação delas. (Incluído pela Lei nº 10.690, de 16.6.2003)

§ 5º Os curadores respondem solidariamente quanto ao imposto que deixar de ser pago, em razão da isenção de que trata este artigo. (Incluído pela Lei nº 10.690, de 16.6.2003)

~~§ 6º A exigência para aquisição de automóveis equipados com motor de cilindrada não superior a dois mil centímetros cúbicos e movidos a combustível de origem renovável ou sistema reversível de combustão aplica-se, inclusive aos portadores de deficiência de que trata o inciso IV do **caput** deste artigo. (Incluído pela Lei nº 10.690, de 16.6.2003)~~

§ 6º A exigência para aquisição de automóveis equipados com motor de cilindrada não superior a dois mil centímetros cúbicos, de no mínimo quatro portas, inclusive a de acesso ao bagageiro, movidos a combustíveis de origem renovável ou sistema reversível de combustão não se aplica aos portadores de deficiência de que trata o inciso IV do **caput** deste artigo. (Redação dada pela Lei nº 10.754, de 31.10.2003)

~~Art. 2º O benefício previsto no art. 1º somente poderá ser utilizado uma única vez.~~

~~Art. 2º O benefício de que trata o art. 1º somente poderá ser utilizado uma vez, salvo se o veículo tiver sido adquirido há mais de três anos, caso em que o benefício poderá ser utilizado uma segunda vez. (Redação dada pela Lei nº 9.317, de 5.12.1996)~~

~~Art. 2º A isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados – IPI de que trata o art. 1º somente poderá ser utilizada uma vez, salvo se o veículo tiver sido adquirido há mais de três anos. (Redação dada pela Lei nº 10.690, de 16.6.2003)~~

Art. 2º A isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados - IPI de que trata o art. 1º desta Lei somente poderá ser utilizada uma vez, salvo se o veículo tiver sido adquirido há mais de 2 (dois) anos. (Redação dada pela Lei nº 11.196, de 2005)

Parágrafo único. O prazo de que trata o **caput** deste artigo aplica-se inclusive às aquisições realizadas antes de 22 de novembro de 2005. (Vide Medida Provisória nº 275, de 2005) (Incluído pela Lei nº 11.307, de 2006)

Art. 3º A isenção será reconhecida pela Secretaria da Receita Federal do Ministério da Fazenda, mediante prévia verificação de que o adquirente preenche os requisitos previstos nesta lei.

Art. 4º Fica assegurada a manutenção do crédito do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) relativo às matérias-primas, aos produtos intermediários e ao material de embalagem efetivamente utilizados na industrialização dos produtos referidos nesta lei.

Art. 5º O imposto incidirá normalmente sobre quaisquer acessórios opcionais que não sejam equipamentos originais do veículo adquirido.

~~Art. 6º A alienação do veículo, adquirido nos termos desta lei ou das Leis nºs 8.199, de 28 de junho de 1991, e 8.843, de 10 de janeiro de 1994, antes de três anos contados da data de sua aquisição, a pessoas que não satisfaçam às condições e aos requisitos estabelecidos nos referidos diplomas legais, acarretará o pagamento pelo alienante do tributo dispensado, atualizado na forma da legislação tributária.~~

Art. 6º A alienação do veículo adquirido nos termos desta Lei e da Lei nº 8.199, de 28 de junho de 1991, e da Lei nº 8.843, de 10 de janeiro de 1994, antes de 2 (dois) anos contados da data da sua aquisição, a pessoas que não satisfaçam às condições e aos requisitos estabelecidos nos referidos diplomas legais acarretará o pagamento pelo alienante do tributo dispensado, atualizado na forma da legislação tributária. (Redação dada pela Lei nº 11.196, de 2005)

Parágrafo único. A inobservância do disposto neste artigo sujeita ainda o alienante ao pagamento de multa e juros moratórios previstos na legislação em vigor para a hipótese de fraude ou falta de pagamento do imposto devido.

Art. 7º No caso de falecimento ou incapacitação do motorista profissional alcançado pelos incisos I e II do art. 1º desta lei, sem que tenha efetivamente adquirido veículo profissional, o direito será transferido ao cônjuge, ou ao herdeiro designado por esse ou pelo juízo, desde que seja motorista profissional habilitado e destine o veículo ao serviço de táxi.

Art. 8º Ficam convalidados os atos praticados com base na Medida Provisória nº 790, de 29 de dezembro de 1994.

Art. 9º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, vigorando até 31 de dezembro de 1995. ~~(Prorrogação de vigência - Lei nº 9.144, de 1995) (Prorrogação de vigência - Lei nº 93.17, de 1993) (Prorrogação de vigência - Lei nº 10.182, de 2001) (Prorrogação de vigência - Lei nº 10.690, de 2003) (Prorrogação de vigência - Lei nº 11.196, de 2005)~~

Art. 10. Revogam-se as Leis nºs 8.199, de 1991, e 8.843, de 1994.

Senado Federal, 24 de fevereiro de 1995; 174º da Independência e 107º da República.

SENADOR JOSÉ SARNEY  
Presidente

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 25.2.1995



**LEI Nº 10.690, DE 16 DE JUNHO DE 2003.**Mensagem de vetoConversão da MPv nº 94, de 2002

Reabre o prazo para que os Municípios que refinanciaram suas dívidas junto à União possam contratar empréstimos ou financiamentos, dá nova redação à Lei nº 8.989, de 24 de fevereiro de 1995, e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O inciso II do parágrafo único do art. 8º da Medida Provisória nº 2.185-35, de 24 de agosto de 2001, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 8º .....

Parágrafo único. ....

.....

II - os empréstimos ou financiamentos junto a organismos financeiros multilaterais e a instituições de fomento e cooperação ligadas a governos estrangeiros que tenham avaliação positiva da agência financiadora, ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES, e à Caixa Econômica Federal - CEF, desde que contratados dentro do prazo de seis anos contados de 30 de junho de 1999 e destinados exclusivamente à complementação de programas em andamento." (NR)

Art. 2º A vigência da Lei nº 8.989, de 24 de fevereiro de 1995, alterada pelo art. 29 da Lei nº 9.317, de 5 de dezembro de 1996, e pelo art. 2º da Lei nº 10.182, de 12 de fevereiro de 2001, é prorrogada até 31 de dezembro de 2006, com as seguintes alterações:

"Art. 1º Ficam isentos do Imposto Sobre Produtos Industrializados – IPI os automóveis de passageiros de fabricação nacional, equipados com motor de cilindrada não superior a dois mil centímetros cúbicos, de no mínimo quatro portas inclusive a de acesso ao bagageiro, movidos a combustíveis de origem renovável ou sistema reversível de combustão, quando adquiridos por:

.....

IV - pessoas portadoras de deficiência física, visual, mental severa ou profunda, ou autistas, diretamente ou por intermédio de seu representante legal;

V - (VETADO)

§ 1º Para a concessão do benefício previsto no art. 1º é considerada também pessoa portadora de deficiência física aquela que apresenta alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia,

paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, tri paresia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções.

§ 2º Para a concessão do benefício previsto no art. 1º é considerada pessoa portadora de deficiência visual aquela que apresenta acuidade visual igual ou menor que 20/200 (tabela de Snellen) no melhor olho, após a melhor correção, ou campo visual inferior a 20º, ou ocorrência simultânea de ambas as situações.

§ 3º Na hipótese do inciso IV, os automóveis de passageiros a que se refere o **caput** serão adquiridos diretamente pelas pessoas que tenham plena capacidade jurídica e, no caso dos interditos, pelos curadores.

§ 4º A Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, nos termos da legislação em vigor e o Ministério da Saúde definirão em ato conjunto os conceitos de pessoas portadoras de deficiência mental severa ou profunda, ou autistas, e estabelecerão as normas e requisitos para emissão dos laudos de avaliação delas.

§ 5º Os curadores respondem solidariamente quanto ao imposto que deixar de ser pago, em razão da isenção de que trata este artigo.

§ 6º A exigência para aquisição de automóveis equipados com motor de cilindrada não superior a dois mil centímetros cúbicos e movidos a combustível de origem renovável ou sistema reversível de combustão aplica-se, inclusive aos portadores de deficiência de que trata o inciso IV do **caput** deste artigo." (NR)

Art. 3º O art. 2º da Lei nº 8.989, de 24 de fevereiro de 1995, alterado pelo art. 29 da Lei nº 9.317, de 5 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 2º A isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados - IPI de que trata o art. 1º somente poderá ser utilizada uma vez, salvo se o veículo tiver sido adquirido há mais de três anos." (NR)

Art. 4º (VETADO)

Art. 5º Para os fins da isenção estabelecida no art. 1º da Lei nº 8.989, de 24 de fevereiro de 1995, com a nova redação dada por esta Lei, os adquirentes de automóveis de passageiros deverão comprovar a disponibilidade financeira ou patrimonial compatível com o valor do veículo a ser adquirido.

Parágrafo único. A Secretaria da Receita Federal normatizará o disposto neste artigo.

Art. 6º Esta Lei entra em vigor na data da sua publicação.

Brasília, 16 de junho de 2003; 182ª da Independência e 115ª da Rep

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA  
Antonio Palocci Filho  
Guido Mantega

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 17.6.2003

(Às Comissões de Direitos Humanos e Legislação Participativa e de Assuntos Econômicos cabendo à última – decisão terminativa.)

**PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 15, DE 2007**

**Altera a Lei nº 8.723, de 28 de outubro de 1993, que dispõe sobre a redução de emissão de poluentes por veículos automotores e dá outras providências, para tomar obrigatória a divulgação da composição e da quantidade de poluentes emitidos pelos veículos comercializados no País.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º art. 13 da Lei nº 8.723, de 28 de outubro de 1993, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 13. ....

§ 2º Os fabricantes de veículos automotores ficam obrigados a divulgar aos consumidores as especificações de uso, segurança e manutenção dos veículos em circulação e as informações relativas à composição qualitativa e quantitativa das emissões veiculares.

§ 3º As concessionárias devem manter disponível ficha técnica, para consulta pelos consumidores, com as informações sobre a composição e a quantidade dos poluentes emitidos pelos veículos comercializados. (NR)”

Art. 2º Esta lei entra em vigor após decorridos noventa dias de sua publicação oficial.

**Justificação**

Observados os limites e os prazos fixados na Lei nº 8.723, de 28 de outubro de 1993, os fabricantes de motores e de veículos automotores são obrigados a tomar as providências necessárias para reduzir os níveis de emissão de monóxido de carbono, óxidos de nitrogênio, hidrocarbonetos, aldeídos e material particulado nos veículos comercializados no País.

A edição da lei supracitada veio consolidar e impulsionar o Programa de Controle da Poluição do Ar por Veículos Automotores (PROCONVE), criado pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) em 1986. Os limites máximos de emissão de substâncias poluentes foram fixados com um cronograma específico para três categorias distintas de veículos: (i) automóveis; (ii) picapes, vans e utilitários; e (iii) ônibus e caminhões.

A implantação do Proconve – resultado de uma bem sucedida sinergia entre indústria e governo – reduziu, de forma significativa, ao longo das duas últimas décadas, a emissão de poluentes por veículos novos, melhorando a qualidade do ar, principalmente nos grandes centros urbanos. A par do ganho em termos de saúde pública, por reduzir a incidência de moléstias

respiratórias, o Programa contribui ainda para a modernização da indústria automotiva nacional.

Não obstante os resultados bastante expressivos já alcançados, estamos convencidos de que a contínua melhoria da qualidade do ar nas cidades brasileiras depende não só de tecnologias automotivas mais eficientes, que permitam adequar os veículos para a redução da emissão de poluentes, mas também da ativa participação da parcela dos usuários de transporte particular no Proconve.

Para atingir esse objetivo, propomos dar nova redação ao art. 13 da Lei nº 8.723, de 1993, mediante alteração do § 2º e inclusão do § 3º ao dispositivo legal, para determinar que o consumidor seja informado a respeito da composição e da quantidade emitida de poluentes pelo veículo que está sendo adquirido.

De posse desse conhecimento, o cidadão poderá exercer o consumo consciente e eleger, dentre a diversidade de marcas, de modelos e de opções de motorização e de combustível disponível, aqueles veículos mais eficientes e de menor potencial poluidor.

São essas as razões que nos levam a apresentar o projeto de lei em tela, que, esperamos, seja acolhido e aperfeiçoado pelos ilustres membros desta Casa.

Sala das Sessões, 13 de fevereiro de 2008. – Senador **Sibá Machado**

**LEGISLAÇÃO CITADA**

LEI Nº 8.723, DE 28 DE OUTUBRO DE 1993

**Dispõe sobre a redução de emissão de poluentes por veículos automotores e dá outras providências.**

Art. 13. As redes de assistência técnica vinculadas aos fabricantes de motores, veículos automotores e sistemas de alimentação, ignição e controle de emissões para veículos são obrigadas, dentro do prazo de dezoito meses a partir da publicação desta lei, a dispor, em caráter permanente, de equipamentos e pessoal habilitado, conforme as recomendações dos órgãos ambientais responsáveis, para a realização de serviços de diagnóstico, regulagem de motores e sistemas de controle das emissões, em consonância com os objetivos do Proconve e suas medidas complementares

§ 1º Os fabricantes de veículos automotores ficam obrigados a divulgar aos concessionários e distribuidores as especificações e informações técnicas necessárias ao diagnóstico e regulagem do motor, seus componentes principais e sistemas de controle de emissão de poluentes.

§ 2º Os fabricantes de veículos automotores ficam obrigados a divulgar aos consumidores as especificações de uso, segurança e manutenção dos veículos em circulação.

(À Comissão de Meio Ambiente, Defesa do Consumidor e Fiscalização e Controle, em decisão terminativa.)

## PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 16, DE 2008

**Altera a Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991, que “dispõe sobre a organização da Seguridade Social, institui Plano de Custeio, e dá outras providências”, para instituir rateio dos recursos oriundos do Seguro Obrigatório de Danos Pessoais causados por veículos automotores de vias terrestres e destinados ao custeio da assistência médico-hospitalar dos vitimados.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O parágrafo único do art. 27 da Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 27. ....  
.....

Parágrafo único. As companhias seguradoras que mantêm o seguro obrigatório de danos pessoais causados por veículos automotores de vias terrestres de que trata a Lei nº 6.194, de 19 de dezembro de 1974, deverão repassar à Seguridade Social, relativamente ao valor total do prêmio recolhido, 35% (trinta e cinco por cento) ao Fundo Nacional de Saúde e 15% (quinze por cento) aos Fundos Estaduais e Municipais de Saúde, exclusivamente para custeio da assistência médico-hospitalar dos segurados vitimados em acidentes de trânsito. (NR)”

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

### Justificação

Em sua maior parte, os gastos hospitalares no atendimento e tratamento das vítimas de acidentes de trânsito recaem sobre os estados e municípios que dispõem de unidades de saúde destinadas a urgências e emergências. Uma das principais fontes para o custeio desses pesados encargos é a arrecadação do seguro obrigatório de danos pessoais causados por veículos automotores de vias terrestres, o chamado DPVAT. Nos termos do parágrafo único do art. 27 da Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991, que dispõe sobre a organiza-

ção da Seguridade Social, 50% (cinquenta por cento) do valor total do prêmio recolhido com o DPVAT deve ser destinado ao Sistema Único de Saúde (SUS), para custeio da assistência médico-hospitalar dos segurados vitimados.

Ocorre, contudo, que, provenientes de várias fontes e reunidos no Fundo Nacional de Saúde, os recursos do SUS são gerenciados em globo, não sendo, portanto, os recursos do DPVAT transferidos especificamente para os hospitais públicos que mais acolhem as vítimas de acidentes de trânsito. Assim, sem desnaturar o sentido da destinação dos recursos já prevista no texto legal em vigor, o que se pretende com a presente iniciativa é tão-somente tomar essa destinação mais estreitamente vinculada aos seus propósitos.

Para tanto, sem alterar o total de 50% (cinquenta por cento) fixado na norma vigente, propõe-se partilhá-lo entre os Fundos Nacional, Estadual e Municipal de Saúde, na proporção de 35% (trinta e cinco por cento) para o primeiro e de 15% (quinze por cento) para os demais. Dessa forma, parte substancial dos recursos provenientes do DPVAT passará a ser diretamente destinada às unidades hospitalares estaduais e municipais que prestam assistência às vítimas de acidentes.

São essas as razões que fundamentam o projeto que ora apresentamos, confiante em que a iniciativa, por sua relevância social, logrará o apoio do Congresso Nacional.

Sala das Sessões, 13 de fevereiro de 2008. – Senador **Marconi Perillo**.

### LEGISLAÇÃO CITADA

LEI Nº 8.212, DE 24 DE JULHO DE 1991

**Dispõe sobre a organização da Seguridade Social, institui Plano de Custeio, e dá outras providências.**

### CAPÍTULO VIII Das Outras Receitas

.....  
Art. 27. Constituem outras receitas da Seguridade Social:

I – as multas, a atualização monetária e os juros moratórios;

II – a remuneração recebida por serviços de arrecadação, fiscalização e cobrança prestados a terceiros;

III – as receitas provenientes de prestação de outros serviços e de fornecimento ou arrendamento de bens;

IV – as demais receitas patrimoniais, industriais e financeiras;

V – as doações, legados subvenções e outras receitas eventuais;

VI – 50% (cinquenta por cento) dos valores obtidos e aplicados na forma do parágrafo único do art. 243 da Constituição Federal;

VII – 40% (quarenta por cento) do resultado dos leilões dos bens apreendidos pelo Departamento da Receita Federal;

VIII – outras receitas previstas em legislação específica.

Parágrafo único. As companhias seguradoras que mantém o seguro obrigatório de danos pessoais causados por veículos automotores de vias terrestres, de que trata a Lei nº 6.194, de dezembro de 1974, deverão repassar à Seguridade Social 50% (cinquenta por cento) do valor total do prêmio recolhido e destinado ao Sistema Único de Saúde (SUS), para custeio da assistência médico-hospitalar dos segurados vitimados em acidentes de trânsito.

LEI Nº 6.194, DE 19 DE DEZEMBRO DE 1974

**Dispõe sobre Seguro Obrigatório de Danos Pessoais causados por veículos automotores de via terrestre, ou por sua carga, a pessoas transportadas ou não.**

O Presidente da República Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A alínea **b** do artigo 20, do Decreto-Lei nº 73, de 21 de novembro de 1966, passa a ter a seguinte redação:

“Art. 20. ....

**b)** Responsabilidade civil dos proprietários de veículos automotores de vias fluvial, lacustre, marítima, de aeronaves e dos transportadores em geral.”

Art. 2º Fica acrescida ao artigo 20, do Decreto-Lei nº 73, de 21 de novembro de 1966, a alínea 1 nestes termos:

“Art. 20. ....

1) Danos pessoais causados por veículos automotores de via terrestre, ou por sua carga, a pessoas transportadas ou não.”

Art. 3º Os danos pessoais cobertos pelo seguro estabelecido no artigo 2º compreendem as indenizações por morte, invalidez permanente e despesas de assistência médica e suplementares, nos valores que se seguem, por pessoa vitimada:

**a)** 40 (quarenta) vezes o valor do maior salário-mínimo vigente no País – no caso de morte;

**b)** Até 40 (quarenta) vezes o valor do maior salário-mínimo vigente no País – no caso de invalidez permanente;

**c)** Até 8 (oito) vezes o valor do maior salário-mínimo vigente no País – como reembolso à vítima – no caso de despesas de assistência médica e suplementares devidamente comprovadas.

Art. 4º A indenização no caso de morte será paga, na constância do casamento, ao cônjuge sobrevivente; na sua falta, aos herdeiros legais. Nos demais casos o pagamento será feito diretamente à vítima na forma que dispuser o Conselho Nacional de Seguros Privados.

Parágrafo único. Para os fins deste artigo a companheira será equiparada à esposa, nos casos admitidos pela Lei Previdenciária.

Art. 5º O pagamento da indenização será efetuado mediante simples prova do acidente e do dano decorrente, independentemente da existência de culpa, haja ou não resseguro, abolida qualquer franquia de responsabilidade do segurado.

§ 1º A indenização referida neste artigo será paga no prazo de 5 (cinco) dias a contar da apresentação dos seguintes documentos:

**a)** Certidão de óbito, registro da ocorrência no órgão policial competente e a prova de qualidade de beneficiário – no caso de morte;

**b)** Prova das despesas efetuadas pela vítima com o seu atendimento por hospital, ambulatório ou médico assistente e registro da ocorrência no órgão policial competente – no caso de danos pessoais.

§ 2º Os documentos referidos no § 1º serão entregues à sociedade seguradora, mediante recibo, que os especificará.

Art. 6º No caso de ocorrência do sinistro do qual participem dois ou mais veículos, a indenização será paga pela Sociedade Seguradora do respectivo veículo em que cada pessoa vitimada era transportada.

§ 1º Resultando do acidente vítimas não transportadas, as indenizações a elas correspondentes serão pagas, em partes iguais, pelas Sociedades Seguradoras dos veículos envolvidos.

§ 2º Havendo veículos não identificados e identificados, a indenização será paga pelas Sociedades Seguradoras destes últimos.

Art. 7º A indenização, por pessoa vitimada, no caso de morte causada apenas por veículo não identificado, será paga por um consórcio constituído, obrigatoriamente, por todas as seguradoras que operarem no seguro objeto da presente lei.

§ 1º O limite de indenização de que trata este artigo corresponderá a 50% (cinquenta por cento) do valor estipulado na alínea **a** do artigo 30 da presente lei.

§ 2º O Conselho Nacional de Seguros Privados (CNSP) estabelecerá normas para atender ao pagamento das indenizações previstas neste artigo, bem

como a forma de sua distribuição pelas seguradoras participantes do consórcio.

Art. 8º Comprovado o pagamento, a sociedade seguradora que houver pago a indenização poderá, mediante ação própria, haver do responsável a importância efetivamente indenizada.

Art. 9º Nos seguros facultativos de responsabilidade civil dos proprietários de veículos automotores de via terrestre, as indenizações por danos materiais causados a terceiros serão pagas independentemente da responsabilidade que for apurada em ação judicial contra o causador do dano, cabendo à seguradora o direito de regresso contra o responsável.

Art. 10. Observar-se-á o procedimento sumário do Código de Processo Civil nas causas relativas aos danos pessoais mencionados na presente lei.

Art. 11. Terá suspensa a autorização para operar no seguro obrigatório de que trata o artigo 2º, sem prejuízo de outras penalidades previstas na legislação específica, a sociedade seguradora que infringir as disposições desta lei.

Art. 12. O Conselho Nacional de Seguros Privados expedirá normas disciplinadoras e tarifas que atendam ao disposto nesta lei.

Art. 13. Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogados o Decreto-Lei nº 814, de 4 de setembro de 1969, e demais disposições em contrário.

Brasília, 19 de dezembro de 1974; 153º da Independência e 86º da República. – **ERNESTO GEISEL** – **Severo Fagundes Gomes**.

*(Às Comissões de Assuntos Econômicos; e de Assuntos Sociais cabendo à última – decisão terminativa.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Os projetos lidos serão publicados e remetidos às Comissões competentes.

Sobre a mesa, ofício que passo a ler.

É lido o seguinte:

OF. GLPMDB nº 20/2008

Brasília, 13 de fevereiro de 2008

Senhor Presidente,

Nos termos regimentais, comunico a Vossa Excelência a indicação do Senador Gerson Camata – PMDB/ES, para integrar a Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática – CCT, como membro suplente, em vaga existente.

Na oportunidade, renovo a Vossa Excelência votos de apreço e consideração. – Senador **Valdir Raupp**, Líder do PMDB.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – A Presidência designa o Senador Gerson Camata para integrar, como suplente, a Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, nos termos do expediente lido.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### **REQUERIMENTO Nº 96, DE 2008**

##### **Requer Voto de Pesar e de Solidariedade a Sra. Anna Illy e aos seus filhos Francesco, Riccardo, Anna e Andrea.**

Requeiro, nos termos de art. 218, do Regimento Interno, a inserção em ata, de Voto de Pesar e de solidariedade a Senhora Anna Illy e aos seus filhos Francesco, Riccardo, Anna e Andrea, pelo falecimento de seu esposo Ernesto Illy, ocorrido em 3 de fevereiro de 2008, em Trieste, Itália.

Dessa forma, nos termos do art. 218, do Regimento Interno e, de acordo com as tradições da Casa, requeiro sejam prestadas as seguintes condolências:

Inserção em ata de voto de profundo pesar à sua esposa Anna e aos seus filhos, Francesco, Riccardo, Anna e Andrea.

#### **Justificação**

Faleceu no domingo, dia 3, em Trieste, na Itália, aos 83 anos, o empresário Ernesto Illy, presidente honorário da torrefadora illycaffé. Conhecido mundialmente como embaixador do café, foi um homem importante para a cafeicultura brasileira, trazendo Constante investimento em pesquisa e valorização do produtor de café. Fundou e presidiu por 40 anos a illycaffé, empresa com sede na Itália, sua terra natal, mas com atuação em diversos países e que tinha boa parte de seus grãos provenientes do Brasil.

Defensor do café de qualidade, Illy foi co-fundador e presidente da ASIC (International Conference on Coffee Science), de Paris, foi eleito chairman do Comitê de Promoção do Café da OIC (Organização Internacional do Café), de Londres, recebeu o prêmio “Lifetime Achievement Award”, da Specialty Coffee Association of America (SCAA), e, em 2004, recebeu o título de Comendador da Ordem Flor do Café, da Anacafé (Associação Nacional do Café da Guatemala).

Homem de vanguarda, sempre em busca da qualidade, Dr. Illy empreendeu sua marca com uma visão ética, baseada no bem, no justo e no amor. Idealizava a sociedade como um todo, composta por colaboradores, clientes, fornecedores e, sobretudo, consumidores, os quais respeitava muito.

Amante do Brasil, recebeu diversas condecorações em reconhecimento pelas suas contribuições ao desenvolvimento da cafeicultura nacional. Em 2002, recebeu o título de “Cidadão Carmelitano” da Câmara Municipal de Monte Carmelo (MG), pelo estímulo à cafeicultura do cerrado mineiro.

Em 2004, recebeu a mais alta condecoração do Estado do Espírito Santo, a Comenda Jerônimo Monteiro, das mãos do governador Paulo Hartung, e o título de “Cidadão Vandanovense” (Venda Nova do Imigrante, ES). Dois anos depois, a Câmara Municipal de Araponga (MG) o reconheceu com o título de “Cidadão Honorário”. No ano de 2005, foi homenageado pelo GEI (Gruppo Esponenti Italian) pela colaboração no fortalecimento das relações comerciais entre Brasil e Itália.

Para Dr. Illy, o segredo de um bom café vem da lavou-ra. Por isso, sempre incentivou as melhores práticas para que os cafeicultores produzissem grãos de alta qualidade. Foi idealizador do Prêmio anual Brasil de Qualidade para Café Expresso, que está em sua 17ª edição.

Ernesto Illy tinha verdadeira paixão pelo Brasil e pelo café brasileiro. Fazia questão de ressaltar que só vendia café 100% da variedade arábica, a maior parte do Brasil. Em sua última passagem pelo País, no fim do ano passado, com a finalidade de participar das provas de xícaras nas quais seriam escolhidos os vencedores do 170 prêmio de Qualidade, concedeu entrevista em que criticou os subsídios no mercado de café. Segundo ele, defender subsídios é desconhecer que o verdadeiro objetivo do mercado é o consumidor.

Afirmava que os subsídios contribuem para se produzir café de baixa qualidade, que não é apreciado pelo consumidor.

Ele ponderava, ainda, que as intervenções governamentais no mercado de café nunca funcionaram de modo positivo para os produtores. Também mostrava-se cético, até mesmo irônico, com relação à eficácia na adoção de programas de certificação de propriedades: “é muito mais fácil criar um papel dizendo que se trata de uma certificação do que produzir café de qualidade. Assim, todo mundo vai sair a produzir papel, em vez de café, como já está ocorrendo”, dizia ele.

Quanto às perspectivas para o mercado de café, Illy afirmava que não via grande disposição para investimentos em café, por causa da existência de alternativas agrícolas “mais apetitosas”, como cana e soja. Mas salientava que a pesquisa em cafeicultura ia bem, prevendo que a área de cultivo não deveria se alterar, ao contrário da produtividade, que tende a subir. Filho de Francesco Illy, o fundador da illycaffé, Ernesto Illy nasceu em Trieste, na Itália, em 1925. Casado com Anna, deixou quatro filhos: Francesco, Riccardo, Anna e Andrea. Foi presidente da illycaffé

por mais de 40 anos: de 1963 a 2005, quando cedeu a presidência da empresa para seu filho Andrea e se tornou presidente honorário.

A família Illy, tem significativa participação na política italiana. Seu filho Ricardo Illy, é, pela 2ª vez Governador da província de FriuliVenécia-Giulia.

Sala das Sessões, 13 de fevereiro de 2008. – **Senador Gerson Camata.**

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – A Presidência encaminhará o voto de pesar solicitado.

O requerimento que acaba de ser lido vai ao Arquivo.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### **REQUERIMENTO Nº 97, DE 2008**

Senhor Presidente,

Requeremos, na forma do disposto no Art. 199, do Regimento Interno, a realização de sessão especial desta Casa, para celebração do centenário da morte de Machado de Assis.

#### **Justificação**

A vida de Machado de Assis merece ser mais conhecida e sua obra mais divulgada e discutida, não só como reconhecimento da Nação a um de seus mais notáveis filhos, mas como exemplo do escritor que levou o idioma português, um dos mais fortes elos da nacionalidade brasileira, a um singular nível de força e beleza.

Razões não faltam para, neste “Ano Nacional Machado de Assis”, conforme preceitua a Lei nº 11.522, de 18 de setembro último, homenagear o escritor, fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, pois recordar o passado continua a inspirar gerações e a iluminar o nosso futuro.

Sala das Sessões, 3 de fevereiro de 2008.

Handwritten signatures of five individuals, likely members of the Senate, positioned below the text of the request and justification. The signatures are written in black ink on a white background.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– O requerimento que acaba de ser lido vai à publicação e será votado oportunamente.

Sobre a mesa, requerimentos que passo a ler.

São lidos os seguintes:

#### **REQUERIMENTO Nº 98, DE 2008**

Nos termos do art. 222 do Regimento Interno do Senado, Requeiro que seja enviado Votos de Congratulações aos Senhores Desembargadores: Dr. Roberto Vallim Bellocchi – Presidente do Tribunal de Justiça de SP, Dr. Jarbas João Coimbra Mazzoni – Vice-Presidente do Tribunal de Justiça de SP, Dr. Ruy Pereira Camilo – Corregedor da Justiça de SP, Dr. Eduardo Pereira Santos – Presidente da Seção de Direito Criminal do Tribunal de Justiça de SP, Dr. José Geraldo de Jacobina Rabello – Presidente da Seção de Direito Privado do Tribunal de Justiça de SP e o Dr. Antônio Carlos Viana Santos – Presidente da Seção de Direito Público do Tribunal de Justiça de SP, que, no dia 2 de janeiro último, tomaram posse nos seus cargos no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, para o biênio 2008/2009, augurando-lhes pleno sucesso no desempenho das suas novas responsabilidades, na condução dos trabalhos no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, para que São Paulo esteja cada vez melhor em paz e justiça.

Sala das Sessões 13 de fevereiro de 2008. – Senador **Romeu Tuma**.

#### **REQUERIMENTO 99, DE 2008**

**Requer Voto de Pesar pelo falecimento do editor e intelectual Geraldo Jordão Pereira, ocorrido no Rio de Janeiro no de 12 de fevereiro 2008.**

Requeiro, nos termos do art. 218, do Regimento Interno, a inserção em ata, de Voto de Pesar pelo falecimento ocorrido no Rio de Janeiro, em 12 de fevereiro de 2008, Jordão Pereira, intelectual e editor.

Requeiro, ademais, que esse Voto de Pesar seja levado ao conhecimento dos familiares de Geraldo Pereira Jordão, especialmente à esposa, Sra. Regina Pereira e, por intermédio dela, aos quatro filhos e aos 11 netos.

#### **Justificação**

Geraldo Jordão Pereira, que faleceu ontem, dia 12 de fevereiro de 2008, foi um editor e intelectual que marcou forte presença no País, com a criação da Editora Salamandra, responsável pela edição de títulos de grande êxito. Posteriormente, criou outra editora, a

Sextante, responsável pela edição brasileira do livro “O Código Da Vinci”.

Por tudo isso, requeiro o Voto de Pesar como homenagem do Senado da República a esse ilustre cidadão brasileiro.

Sala das Sessões, 13 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– A Presidência encaminhará os votos solicitados.

Os requerimentos que acabam de ser lidos vão ao Arquivo.

Sobre a mesa, ofícios que passo a ler.

São lidos os seguintes:

OF/LID/Nº 15/2008

Brasília, 12 de fevereiro de 2008

Assunto: Indicação de membro para Comissão Mista

Senhor Presidente,

Indico a Vossa Excelência o Deputado Alexandre Silveira – PPS/MG, como titular, em substituição ao meu nome, para integrar a Comissão Mista destinada a proferir parecer à MP nº 407/2007, que “Autoriza, em caráter excepcional, a prorrogação de contratos temporários no âmbito de projetos de cooperação com prazo determinado, implementados mediante acordos com organismos internacionais, altera as Leis nºs 10.480, de 2 de julho de 2002, prorrogando o prazo de recebimento de gratificações pelos servidores ou empregados requisitados pela Advocacia-Geral da União, 11.171, de 2 de setembro de 2005, e 11.233, de 22 de dezembro de 2005, prorrogando o prazo de manutenção de Funções Comissionadas Técnicas no Dnit e no Ministério da Cultura, respectivamente, e 11.539, de 8 de novembro de 2007, no tocante à Carreira de Analista de Infra-Estrutura”.

Atenciosamente, Deputado **Fernando Coruja**, Líder do PPS.

OF/LID/Nº 16/2008

Brasília, 12 de fevereiro de 2008

Assunto: Indicação de membro para Comissão Mista

Senhor Presidente,

Indico a Vossa Excelência o Deputado Ilderlei Cordeiro – PPS/AC, como titular, em substituição ao meu nome, para integrar a Comissão Mista destinada a proferir parecerá MP nº 410/2007, que “Acrescenta artigo à Lei nº 5.889, de 8 de junho de 1973, criando o contrato de trabalhador rural por pequeno prazo, estabelece normas transitórias sobre a aposentadoria do trabalhador rural e prorroga o prazo de contratação de



financiamentos rurais de que trata o § 6º do art. 1º Lei nº 11.524, de 24 de setembro de 2007”.

Atenciosamente, Deputado **Fernando Coruja**,  
Líder do PPS.

OF/LID/Nº 17/2008

Brasília, 12 de fevereiro de 2008

Assunto: Indicação de membro para Comissão Mista

Senhor Presidente,

Indico a Vossa Excelência o Deputado Leandro Sampaio – PPS/RJ, como titular, em substituição ao meu nome, para integrar a Comissão Mista destinada a proferir parecer à MP nº 411/2007, que “Dispõe sobre o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem, instituído pela Lei nº 11.129, de 30 de junho de 2005, altera a Lei nº 10.836, de 9 de janeiro de 2004, e dá outras providências”.

Atenciosamente, Deputado **Fernando Coruja**  
Líder do PPS.

OF/LID/Nº 18/2008

Brasília, 12 de fevereiro de 2008

Assunto: Indicação de membro para Comissão Mista

Senhor Presidente,

Indico a Vossa Excelência o deputado Alexandre Silveira – PPS/MG, como titular, em substituição ao meu nome, para integrar a Comissão Mista destinada a proferir parecer à MP Nº 412/2007, que “Dispõe sobre a prorrogação do Regime Tributário para Incentivo à Modernização e à Ampliação da Estrutura Portuária – REPORTO, instituído pela Lei nº 11.033, de 21 de dezembro de 2004”.

Atenciosamente, Deputado **Fernando Coruja**,  
Líder do PPS.

OF/LID/Nº 19/2008

Brasília, 12 de fevereiro de 2008

Assunto: Indicação de membro para Comissão Mista

Senhor Presidente,

Indico a Vossa Excelência o deputado Moreira Mendes – PPS/RO, como titular, em substituição ao meu nome, para integrar a Comissão Mista destinada a proferir parecer à MP nº 413/2008, que “Dispõe sobre medidas tributárias destinadas a estimular os investimentos e a modernização do setor de turismo, a reforçar o sistema de proteção tarifária brasileiro, a estabelecer a incidência de forma concentrada da Contribuição para o PIS/Pasep e da Contribuição

para o Financiamento da Seguridade Social – Cofins na produção e comercialização de álcool, altera o art. 3º da Lei nº 7.689, de 15 de dezembro de 1988, e dá outras providências.”

Atenciosamente, – Deputado **Fernando Coruja**,  
Líder do PPS

OF/LID/Nº 20/2008

Brasília, 12 de fevereiro de 2008

Assunto: Indicação de membro para Comissão Mista

Senhor Presidente,

Indico a Vossa Excelência o deputado Arnaldo Jardim – PPS/SP, como titular, em substituição ao meu nome, para integrar a Comissão Mista destinada a proferir parecer à MP nº 414/2008, que “Constitui fonte de recursos adicional para ampliação de limites operacionais do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES.”

Atenciosamente, – Deputado **Fernando Coruja**,  
Líder do PPS

OF/LID/Nº 21/2008

Brasília, 12 de fevereiro de 2008

Assunto: Indicação de membro para Comissão Mista

Senhor Presidente,

Indico a Vossa Excelência o deputado Augusto Carvalho – PPS/DF, como titular, em substituição ao meu nome, para integrar a Comissão Mista destinada a proferir parecer à MP nº 415/2008, que “Proíbe a comercialização de bebidas alcoólicas em rodovias federais e acresce dispositivo à Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997 – Código de Trânsito Brasileiro”.

Atenciosamente, – Deputado **Fernando Coruja**,  
Líder do PPS

OF/LID/Nº 22/2008

Brasília, 12 de fevereiro de 2008

Assunto: Indicação de membro para Comissão Mista

Senhor Presidente,

Indico a Vossa Excelência o deputado Raul Jungmann – PPS/PE, como titular, em substituição ao meu nome, para integrar a Comissão Mista destinada a proferir parecer à MP nº 416/2008, que “Altera a Lei nº 11.530, de 24 de outubro de 2007, que institui o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania – PRONASCI, e dá outras providências.”

Atenciosamente, – Deputado **Fernando Coruja**,  
Líder do PPS

OF/LID/Nº 23/2008

Brasília, 12 de fevereiro de 2008

**Assunto:** Indicação de membro para Comissão Mista

Senhor Presidente,

Indico a Vossa Excelência o Deputado Raul Jungmann – PPS/PE, como titular, em substituição ao meu nome, para integrar a Comissão Mista destinada a proferir parecer à MP nº 417/2008, que “Altera e acresce dispositivos à Lei nº 10.826, de 22 de dezembro de 2003, que dispõe sobre registro, posse e comercialização de armas de fogo e munição, sobre o Sistema Nacional de Armas – SINARM e define crimes”.

Atenciosamente, Deputado **Fernando Coruja**, Líder do PPS.

Of. nº 25/2008

Brasília, 12 de fevereiro de 2008

**Assunto:** Indicação para Medida Provisória nº 413

Senhor Presidente,

Indico a Vossa Excelência, nos termos regimentais o Senhor Deputado Alex Canziani (PTB – PR) na qualidade de Titular e em substituição ao Senhor Deputado Jovair Arantes (PTB – GO) para a Comissão Mista que analisa a Medida Provisória nº 413, de 2 de janeiro de 2008, que “Dispõe sobre medidas tributárias destinadas a estimular os investimentos e a modernização do setor de turismo, a reforçar o sistema de proteção tarifária brasileiro, a estabelecer a incidência de forma concentrada da Contribuição para o PIS/Pasep e da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social – CONFINS na produção e comercialização de álcool, altera o art. 3º da Lei nº 7.689, de 15 de dezembro de 1988, e dá outras providências”.

Ao ensejo, renovo a Vossa Excelência, protestos de estima e elevada consideração. – Deputado **Jovair Arantes**, Líder do PTB.

Ofício ind. nº 226/2008

Brasília, 13 de fevereiro de 2008

Senhor Presidente,

Solicito a V. Exª a substituição do meu nome, membro suplente das Comissões Mistas destinadas a proferirem parecer às Medidas

Provisórias nºs 407, 410 e 411 de 2007, pelos nomes dos Deputados Vieira da Cunha (PDT/RS), Giovanni Queiroz (PDT/PA) e Brizola Neto (PDT/RJ), respectivamente.

Atenciosamente, Deputado **Miro Teixeira**, Líder do PDT.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Serão feitas as substituições solicitadas.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Pela ordem, Senador Paulo Paim.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, quero me inscrever para uma comunicação parlamentar logo que for possível, dependendo, claro, do entendimento de V. Exª.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – V. Exª será atendido.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Sr. Presidente, peça a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Senadora Serys.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT. Pela ordem. Sem revisão da oradora.) – Quero pedir também a minha inscrição para uma comunicação inadiável.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – V. Exª será a segunda inscrita.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT. Bloco/PT – MT) – Obrigada.

**O SR. ALMEIDA LIMA** (PMDB – SE) – Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Senador Almeida Lima.

**O SR. ALMEIDA LIMA** (PMDB – SE. Pela ordem. Se revisão do orador.) – Para requerer a V. Exª a minha inscrição para uma comunicação inadiável.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – V. Exª é o terceiro, completando a lista oficial das três comunicações.

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB – PA) – Pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Senador Mário Couto.

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB – PA. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Acho que retardei ao levantar o microfone e acabei perdendo a vez de me inscrever. Outros Senadores foram bem mais rápidos do que eu. Então, já se completou a lista.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Mas V. Exª ficará como o quarto inscrito. Tenho certeza absoluta...

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB – PA) – Eu lhe agradeço.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Vou observar quais são os Senadores presentes que estão inscritos. V. Exª está inscrito?

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB – PA) – Não, Sr. Presidente. Estou inscrito só para amanhã.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Senador Mesquita, V. Ex<sup>a</sup> está inscrito? Então V. Ex<sup>a</sup> fará uso da palavra como orador inscrito. Desculpe-me, V. Ex<sup>a</sup> inclusive é o primeiro da lista inscrito. V. Ex<sup>a</sup> terá dez minutos para seu pronunciamento.

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC. Pronuncia o seguinte discurso. Com revisão do orador.) – Muito obrigado, nobre amigo, Senador Papaléo, que ora preside esta sessão.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, não sou daqueles ávidos por promover emendas à nossa Constituição – acho que ela está por demais emendada –, mas também não recuo ante à necessidade de fazê-lo quando observo que há fato que poderia ensejar melhoria institucional, Senador Paim. Por essa razão, salvo engano pela quinta vez nesta Casa, protocolo uma proposta de emenda à Constituição. E dessa vez fere um assunto polêmico, que coloca, inevitavelmente e sempre, Governo e Oposição em debate interminável, acalorado. Trata-se da instalação de comissões parlamentares de inquérito, Senador Paim.

Aqui se colhem afirmações de que ao Governo não interessa a instalação de CPIs, de que esse é um instrumento das minorias e, particularmente, das oposições. Eu entendo que a coisa não é bem por aí. Eu creio que, lógico, a oposição existe para, entre outras funções e atividades, promover a justa, democrática e legítima fiscalização dos atos de quem governa. Mas eu acho que interessa também ao Governo, Senador Paim, porque governo que se preza, governo democrático por excelência, governo que não tem o que temer, governo que tem consciência da justeza de seus atos, não deve temer CPI. Pelo contrário, deve buscá-la também para colher – como disse, ainda ontem, aqui, um nobre colega nosso – uma certidão de boa conduta.

Mas o fato é que toda vez que surge no País um assunto que traz enorme preocupação, que revela fatos que em tese poderiam se constituir em crimes inclusive contra o patrimônio público, contra a ética, contra o decoro, é uma novela nesta Casa, na outra e no próprio Congresso Nacional. As forças políticas entram em choque, uma tentando evitar a instalação de uma comissão parlamentar de inquérito, a outra fazendo por onde ela seja instalada. Há situações em que o próprio Supremo Tribunal Federal teve de se pronunciar e decidir notificar o Senado Federal para que instalasse uma CPI cujo pedido antecedia de um ano. Enfim, é uma confusão, Senador Paim; uma confusão.

A fala do Líder José Agripino dias atrás me fez ter uma idéia que traduzo como uma contribuição ao

processo democrático, à representação popular. O Senador José Agripino, falando das circunstâncias que cercam a tentativa de instalação de uma nova CPI nesta Casa ou no Congresso Nacional, se referiu várias vezes ao fato de haver uma CPI que a sociedade quer seja realizada. E me veio uma idéia, Senador Paim, de trazer a esta Casa uma proposta de emenda constitucional, subscrita por V. Ex<sup>a</sup> inclusive, estendendo à iniciativa popular a faculdade de (além da nossa faculdade, um terço do Senado, um terço da Câmara) propor ao Congresso Nacional ou a uma de suas Casas a instalação de uma CPI.

O § 3º do art. 58 da Constituição é que trata do assunto. Diz ele:

“§ 3º As Comissões Parlamentares de Inquérito, que terão poderes de investigação próprios das autoridades judiciais, além de outros previstos nos regimentos das respectivas Casas, serão criadas pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal, em conjunto ou separadamente, mediante requerimento de um terço de seus membros (...)”.

E me permiti propor o seguinte acréscimo, Senador Paulo Paim: “Ou através de petição endereçada à Câmara dos Deputados ou ao Senado Federal, subscrita por eleitores que representem 0,5% (meio por cento) dos que hajam votado em todo o País, sempre no último pleito, para apuração de fato determinado e por prazo certo.” E por aí vai.

Creio que isso, Senador Paulo Paim, é uma forma de prestigiarmos a sociedade, que hoje é vigilante e atuante como nunca foi e cobra insistentemente ações, medidas desta Casa, da outra Casa, dos poderes constituídos; é uma forma de prestigiarmos a sociedade brasileira, por meio de seus eleitores, e estendermos a ela a faculdade de também propor. Na ocorrência de um imbróglio que não se resolva nesta Casa, a sociedade pode se sobrepor a nós e, por meio de uma petição subscrita por cerca de 500 mil eleitores, propor a uma Casa, ou à outra ou ao Congresso Nacional a instalação de uma CPI. Creio que essa medida colocaria em maior sintonia o Senado Federal, a Câmara dos Deputados, o Congresso Nacional e a sociedade brasileira, particularmente o conjunto dos eleitores, que são exatamente aqueles que nos colocam aqui e também nos tiram.

Vou conceder-lhe o aparte solicitado, Senador Paulo Paim, mas quero fazer a primeira conclusão. Essa é uma contribuição que trago à Casa de aproximar mais ainda o Senado Federal e a Câmara dos Deputados da sociedade brasileira. Espero merecer a apreciação positiva dos nossos pares e, em seguida, da

Câmara dos Deputados. Não passa pela minha cabeça que algum Parlamentar do Congresso Nacional possa se insurgir ou se opor a uma medida dessa natureza, porque seria negar, de fato, a participação popular nas maiores e mais graves decisões do País.

Concedo, com o maior prazer, o aparte a V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Paulo Paim** (Bloco/PT – RS) – Senador Mesquita Júnior, quero somente cumprimentá-lo por essa sua última iniciativa, porque me lembro que, naquele imbróglio todo da CPMF V. Ex<sup>a</sup> não foi entendido, infelizmente, por parte da base do Governo. Eu concordei com a saída apresentada por V. Ex<sup>a</sup>, via emenda popular, de um plebiscito. Vamos aprovar a CPMF, essa era a proposta, e, no prazo de um ano, a população vai dizer se quer ou não manter a CPMF. V. Ex<sup>a</sup> é testemunha de que tentei de todas as maneiras possíveis, que a sua emenda fosse aprovada. Seria para mim a melhor solução. Neste momento, e quero ser rápido, do debate de outras CPIs, vejo que V. Ex<sup>a</sup> de novo faz o encaminhamento correto. A população terá o direito também, se assim entender, desde que, pelo que percebo, e li rapidamente a sua emenda, com mais de quinhentas mil assinaturas, de também pedir a instalação de uma CPI. Até porque eu me preocupo um pouco, como foi no ano passado e poderá ser este ano, que daqui a pouco a qualidade de um parlamentar seja medida pelo número de CPIs que ele assinou, porque se você não assina esta ou aquela CPI logo se ouve: Ah, mas por que você não assinou aquela CPI? Aí, vêm questionamentos indevidos, inadequados e constrangedores de propostas de CPIs que são bobagens, que desqualificam, que diminuem a força de um instrumento tão importante como uma comissão parlamentar de inquérito. Não estou entrando na questão dos cartões, até porque, pelo que percebo, tanto situação quanto oposição chegaram a um entendimento de que vai haver uma comissão mista. Legal, todo mundo assina, tranquilo. Não fica aquela disputa política de quem assinou e de quem não assinou. Eu quero só cumprimentá-lo por essa iniciativa porque é a população que dirá se quer ou não quer a CPI, sem prejuízo de os Parlamentares, se assim entenderem, entrarem também, no momento adequado, com um, dois, três ou quantos pedidos de CPI quiserem. Cumprimento V. Ex<sup>a</sup> por mais essa iniciativa.

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – Muito obrigado, Senador Paim. V. Ex<sup>a</sup>, de fato, lembra uma proposta que fiz aqui para que em torno da CPMF se construísse um consenso, ou seja, aprovaríamos a CPMF e submeteríamos essa decisão a um referendo popular. Mas, infelizmente, a proposta não prosperou e não foi acolhida.

Por último, Sr. Presidente, já encerrando, quero agradecer a dois jornalistas. Denise Rotemburgo, prestigiosa jornalista do Correio Braziliense, que colocou uma notinha em sua intensamente lida coluna Brasília-DF, em que diz o seguinte:

“E o poder emana do povo

O Senador Geraldo Mesquita Júnior (PMDB-AC) quer dar aos eleitores o poder de apresentarem ao Congresso requerimentos pela instalação de CPIs. Para ser criada, a comissão de iniciativa popular teria de ser subscrita por 0,5% dos eleitores registrados no pleito anterior – algo em torno de 478 mil assinaturas, com base nas eleições de 2006. Até a tarde de ontem, o peemedebista havia coletado 33 assinaturas de senadores em apoio à proposta de emenda à Constituição (PEC).”

Da mesma forma, quero registrar e agradecer a gentileza do jornalista Gilmar Corrêa, do ucho.info, um blog de notícias muito importante:

“Se a moda pega...

O Senador Geraldo Mesquita (PMDB-AC) apresentou ontem proposta de Emenda Constitucional que faculta aos cidadãos comuns o pedido para criação de comissões parlamentares de inquérito na Câmara ou no Senado Federal.

Ele conseguiu o apoio de 33 Senadores para a PEC, que agora vai para a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, para ver se a proposta é constitucional. As CPIs podem ser solicitadas se o requerimento reunir 0,5% do eleitorado – cerca de 600 mil assinaturas de eleitores quites com o serviço eleitoral.”

Portanto, Sr. Presidente, é com muito prazer e satisfação que trago aqui esta proposta de aperfeiçoamento das instituições democráticas brasileiras, facultando a esta Casa a possibilidade de estreitar mais ainda os laços com a sociedade brasileira, a fim de juntos caminharmos para melhores portos, melhores rumos e aperfeiçoarmos sempre e permanentemente o conjunto legislativo brasileiro.

Era o que eu tinha a dizer neste momento, agradecendo V. Ex<sup>a</sup> pela atenção, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – V. Ex<sup>a</sup> tem mais um minuto.

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – Concedo ao próximo orador esse um minuto.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Então, parabeno V. Ex<sup>a</sup> pela iniciativa, visto que esse projeto democratiza ainda mais a presença do povo junto ao Congresso Nacional. Parabéns a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Senador Flexa Ribeiro, V. Ex<sup>a</sup> tem a palavra pela ordem.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Peço a V. Ex<sup>a</sup> minha inscrição para uma comunicação inadiável.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – V. Ex<sup>a</sup> será o quinto inscrito; por conseguinte, o segundo...

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Suplente.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – O segundo suplente.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> e, ainda pela ordem, Sr. Presidente, gostaria de fazer a leitura de um e-mail que recebi, do professor Emilson Nunes da Costa, de Volta Redonda, no Rio de Janeiro.

O professor Emilson solicita, Sr. Presidente, Senador Papaléo Paes, que a TV Senado – e eu faço aqui um apelo à Direção da TV Senado – retransmita as sessões das CPIs logo após a retransmissão das sessões plenárias. Ele é um assíduo telespectador da TV Senado e no e-mail diz que as sessões das CPIs estão sendo transmitidas novamente pela TV Senado altas horas da noite, ou de madrugada, o que não dá aos brasileiros interessados em assistirem à programação essa oportunidade. Então, ele pede que na grade da TV Senado se dê preferência também à retransmissão das reuniões das CPIs, aquelas que não foram transmitidas ao vivo em função da Ordem do Dia do Senado Federal.

Então, é a solicitação que o professor Emilson Nunes da Costa, de Volta Redonda, faz por e-mail, e peço à Mesa que comunique à TV Senado, para que tome as providências, para que a população brasileira possa ter acesso às reuniões das CPIs.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Eu agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, que fez a solicitação do Sr. Emilson, e a Mesa a encaminhará ao Diretor de Comunicação Social do Senado, para fazer a devida avaliação.

Concedo a palavra ao nobre Senador Paulo Paim para uma comunicação inadiável.

V. Ex<sup>a</sup> terá cinco minutos para seu pronunciamento.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS. Para uma comunicação inadiável. Sem revisão do orador.) – Sr.

Presidente, Senador Papaléo Paes, Sr<sup>s</sup> e Srs. Senadores, eu falei deste assunto no dia de ontem e fui aparteado pelo Senador Mário Couto. E já tivemos um resultado positivo, Senador Mário Couto.

Hoje, pela manhã, a Comissão de Assuntos Sociais acatou uma emenda de minha autoria ao PLC 42/07, do Governo, que diz simplesmente que a política de salário mínimo, aprovada na Câmara e implementada de 1º de março de 2008 a 2023, se estende na íntegra a todos os aposentados e pensionistas.

Com isso, vamos terminar com aquela história de percentuais de reajuste diferentes para aposentado e pensionista.

Cumprimento também o Senador Valdir Raupp, relator do PL, que não criou nenhum obstáculo à aprovação da nossa emenda, que foi acatada por unanimidade. Tenho certeza de que, agora, a matéria virá ao Plenário e que, aqui, o projeto, que não é um projeto radical, será apreciado, pois aquela emenda não causará nenhum prejuízo ao debate do PL 58, que continua. Ela só diz que, daqui para frente, não haverá mais prejuízo.

Bom, o PL 58 discute toda a história passada. Felizmente, conseguimos aprová-lo, e a votação se dará agora aqui no plenário do Senado.

Dentro dos meus cinco minutos, eu gostaria de falar mais uma vez sobre o fator previdenciário, que tem a ver com o aposentado, Senador Papaléo Paes – V. Ex<sup>a</sup> que esteve conosco e participou desse debate juntamente com o Senador Mesquita Júnior –, devido a centenas e centenas de e-mails que recebi. Esse instrumento reduz o benefício em 40% no ato da aposentadoria, tanto para o homem quanto para a mulher. Depois que se aposenta, ainda não mantendo uma coerência com o aumento que é dado ao salário mínimo, o reajuste acaba sendo a metade de 1/3.

Daí eu querer, mais uma vez, insistir na importância de o Congresso Nacional aprovar de forma definitiva a revogação, a derrubada, do famigerado inimigo do nosso povo, que é o fator previdenciário. Isso acontecendo, o cálculo da aposentadoria voltará a ser sobre as oitenta maiores contribuições.

Eu falava outro dia – repito aqui e vou entregar hoje à Mesa – do editorial do O Estado de S. Paulo, que trata do fator e da situação dos aposentados. Também um editorial semelhante do jornal O Estado de Pernambuco. Eu gostaria muito, Sr. Presidente, que V. Ex<sup>a</sup> considerasse, na íntegra, esse meu pronunciamento. Nele eu falo da questão do fator previdenciário, porque entendo que o Brasil exige a revogação definitiva dessa lei.

Um dos artigos que eu acabei anexando ao meu pronunciamento chega a dizer, com todas as letras,

que o famigerado fator previdenciário é coisa que deveria ser considerada do passado, e não instrumento de redução dos benefícios daqueles que sonham em se aposentar.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – V. Ex<sup>a</sup> me concede um aparte?

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Senador Flexa Ribeiro, eu me refiro aqui ao Senador Papaléo Paes, nosso Presidente.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Peço um breve aparte, Senador Papaléo.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Se posso... Se os Parlamentares permitem um aparte, o aparte está concedido.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Quero parabenizá-lo, Senador Paulo Paim, pela sua luta em prol dos aposentados. Associe-me a essa luta porque é uma bandeira que, junto com o Senador Mário Couto, levantamos no nosso Estado do Pará. O que é feito com aqueles brasileiros que trabalharam durante toda a vida para o desenvolvimento do nosso País é realmente indigno para com eles. V. Ex<sup>a</sup> tem toda razão em dizer que o PL n<sup>o</sup> 58 não tramita porque não há vontade política do Governo em aprová-lo, tenho certeza absoluta, com o apoio da maioria do Congresso Nacional. Quero também parabenizá-lo pela emenda que V. Ex<sup>a</sup> propôs hoje na Comissão de Direitos Humanos...

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Comissão de Assuntos Sociais.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Comissão de Assuntos Sociais – desculpe-me –, que transfere também aos aposentados as mesmas regras dos trabalhadores da ativa com relação às correções...

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Em relação ao salário mínimo.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – ...do salário mínimo. Quero parabenizá-lo. Estamos juntos nessa luta. Vamos lutar para que possamos regulamentar, aprovar o PL n<sup>o</sup> 58, de tal forma que os aposentados tenham, ao fim da sua vida, depois de uma vida de trabalho, dignidade no sustento e no atendimento das suas necessidades. Parabéns, Senador Paulo Paim.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Obrigado, Senador Flexa Ribeiro.

Senador Papaléo Paes, quero fazer um apelo à Presidência da Casa, e vou fazê-lo também ao Senador Garibaldi. O PL n<sup>o</sup> 42, do Executivo, já estava aqui para ser apreciado. Porém, entrei com um requerimento para ele fosse examinado pela Comissão de Assuntos Sociais. Senador Geraldo Mesquita Júnior, Senador Sérgio Zambiasi, seria ilógico a Comissão de Assun-

tos Sociais, que é uma comissão de mérito, não ser ouvida numa matéria como essa. Não entendi por que ele não foi enviado à Comissão de Assuntos Sociais, ou entendi, não importa. Mas fiz um requerimento e ele foi para a referida comissão, onde apresentamos a emenda de mérito.

Apresentei duas emendas. Fui coerente com o meu relatório e o da comissão mista, no sentido de o salário mínimo subir todo ano, conforme a inflação, no dobro PIB. Mas, num acordo feito lá com os Senadores, do qual participei muito conscientemente, entendemos que neste momento deveríamos aprovar aquela dos aposentados, para garantir que eles voltem a receber o mesmo percentual de reajuste dado ao mínimo. Lá, foi aprovado.

Como essa política, Senador Papaléo Paes – e esse é o apelo que faço a V. Ex<sup>a</sup> –, tem que entrar em vigor a partir de 1<sup>o</sup> de março, esse projeto tem que ser apreciado agora pelo Plenário. Do contrário, não vigorará em 1<sup>o</sup> de março nem salário mínimo de R\$412,40 – que é o que vai dar, pois o bom seria que o projeto alcançasse os R\$420,00, mas vamos ficar nos R\$412,00, R\$415,00 – nem a política para os aposentados. Então, esta Casa tem de votar antes de março, com absoluta certeza, esse projeto, que é de iniciativa do Executivo. Fiz uma pequena emenda que diz apenas que essa mesma política, de 2008 a 2023, se estende na forma do reajuste, referindo-se também ao percentual, também para os 25 milhões de aposentados e pensionistas.

Era isso, Sr. Presidente. Gostaria que considerasse na íntegra, para que fique registrado na Casa, o meu pronunciamento que fala sobre a decisão histórica da Comissão de Assuntos Sociais hoje, pela manhã.

O Senador Geraldo Mesquita Júnior acompanhou o debate, participou dele. Conversamos sobre o tema com outros Senadores; falamos também do pronunciamento sobre o fator previdenciário, que vai estar na minha página, e também da análise que eu faço do projeto de reajuste do salário mínimo.

Obrigado, Presidente.

#### **SEGUE, NA ÍNTEGRA, PRONUNCIAMENTO DO SR. SENADOR PAULO PAIM**

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, cada dia que passa é mais normal vermos pessoas que já se aposentaram voltar ao mercado de trabalho. Algumas delas pelo prazer de voltar a trabalhar.

Porém, a maioria faz isso porque suas aposentadorias são insuficientes para seus gastos diários.

E, entre esses muitos aposentados estão aqueles que sofrem perdas decorrentes do fator previdenciário.

Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, nas minhas idas ao meu Estado todos me questionam sobre o fim do fator. Diariamente recebo correspondências e mensagens eletrônicas pedindo o mesmo.

O que será preciso para extinguirmos esse redutor de aposentadorias?

E aqui faço um alerta para todos os brasileiros: todo trabalhador será atingido por esse redutor.

Não são apenas os aposentados de hoje que enfrentam essa problemática. Os de amanhã também terão de enfrentá-la.

E as perdas ficam em torno de 30%!

Não é justo que as pessoas passem anos e anos contribuindo com seu trabalho e com seus recursos para, no momento da aposentadoria, verem seus esforços se esvaírem.

Sr. Presidente, o fator previdenciário foi criado sob a alegação de adequar o sistema previdenciário aos impactos atuarial e financeiro da evolução demográfica.

Mas, a verdade é que o objetivo era contenção das despesas geradas pelos benefícios da Previdência Social.

Principalmente as das aposentadorias por tempo de contribuição, mediante redução de seu valor ou retardamento de sua concessão.

O fator previdenciário possui uma fórmula de cálculo perversa.

Ela é baseada na alíquota de contribuição; idade e tempo de contribuição do trabalhador no momento da aposentadoria e expectativa de sobrevida (calculada conforme tabela do IBGE).

Ou seja, quanto mais se vive, mais se perde! Um absurdo.

Sim, pois quanto menor a idade na data da aposentadoria, e por consequência, maior a expectativa de sobrevida, menor será o valor do benefício recebido.

A conclusão é que quanto mais aumenta a expectativa de vida menores são as chances de os trabalhadores receberem suas aposentadorias de forma integral.

Sr<sup>as</sup> e Srs., é importante destacarmos que a tabela construída pelo IBGE não é utilizada por nenhum dos grandes fundos de pensão fechados ou abertos. Isso sem falar nos grandes bancos que oferecem a seus clientes planos de previdência privada.

Há perdas sociais também. E elas atingem, principalmente, aqueles trabalhadores das classes sociais mais baixas.

Ao privilegiar a aposentadoria por tempo de contribuição tardia e punir a considerada precoce, o fator tem impacto negativo junto aqueles brasileiros que começaram a trabalhar cedo.

Outro ponto que se destaca: muitas pessoas que optam por se aposentar antes do tempo, em geral fazem isso por estarem desempregados ou impossibilitados de trabalhar.

Certamente esses trabalhadores não adiarão o início de sua aposentadoria em função de valores maiores, no futuro.

Isso, repito, mesmo que as perdas mensais cheguem a 30%.

Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, os trabalhadores do RGPS serão punidos por viverem mais e condenados a trabalharem mais para que os valores iniciais de suas aposentadorias não sejam drasticamente reduzidos.

Foi por discordar desta punição que apresentei o projeto 296/03 que extingue o “Fator Previdenciário”.

Propomos resgatar os critérios anteriores de cálculos dos benefícios previdenciários, evitando a utilização da Previdência Social como instrumento de ajuste das contas públicas, em evidente prejuízo para seus beneficiários.

A política para quem ganha mais de um salário-mínimo é cruel, o seu índice de reajuste é sempre inferior ao salário-mínimo.

O achatamento é tão selvagem e desumano que se não for implementada uma mudança todos os aposentados do Regime Geral de Previdência Social daqui a alguns anos estarão realmente recebendo um salário-mínimo.

Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, é preciso informação. Nosso povo precisa ter clareza do impacto do fator previdenciário em seus benefícios.

É preciso que nós, aqui no Congresso façamos as mudanças, corrigindo as distorções que tanto afligem os segurados do RGPS. E uma das alternativas é a aprovação do PLS 296/03.

Era o que tinha a dizer.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o Congresso prevê, dentro do Orçamento para 2008, que o salário mínimo alcançará, no próximo mês, cerca de R\$412. Cinco reais acima do previsto inicialmente pelo Governo (R\$407), e R\$32 a mais que o salário atual.

Como todos sabem, sou um eterno defensor de aumentos ao salário mínimo, pois eles têm impactos diretos na vida dos brasileiros.

Temos hoje no Brasil cerca de 50 milhões de pessoas recebendo o salário mínimo. Se cada uma dessas tiver um dependente – e sabemos que na maioria dos casos esse número é maior –, serão 100 milhões de pessoas.

Assim, ao aumentarmos a renda dessas pessoas, estamos investindo na economia do País, no campo social, nas áreas educacional e de saúde, e também em termos de lazer e cultura.

Sim, pois ao receber um valor maior o trabalhador gasta mais em alimentação, tem mais chances de melhorar seu dia-a-dia, seja com passeios, compras para casa, para os filhos, entre tantas outras coisas.

E isso tudo tem impacto na economia do País.

Por isso, discordamos quando alguns dizem que aumentos do salário mínimo trazem prejuízos ao Estado.

O que prejudica um Estado não é o valor do salário mínimo, mas sim a má utilização do dinheiro arrecadado.

Aumentos no mínimo contribuem ainda para diminuir a desigualdade social.

Apesar disso, muitas pessoas parecem desconhecer que o salário mínimo é o maior distribuidor de renda do país.

Um estudo realizado no ano passado pelo Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), indica que nos últimos dez anos o mínimo obteve ganho real, acima da inflação, equivalente a 45%.

Isso contribuiu para mais da metade da redução da desigualdade registrada no período.

Sr. Presidente, nos debates sobre o salário mínimo temos sempre de lembrar que nossa Constituição estabelece que o valor dele deve garantir ao trabalhador e a sua família o suprimento de suas necessidades básicas.

Apesar dos avanços que temos conquistado, infelizmente isso ainda não foi alcançado.

Cabe a nós alterar essa situação. E foi com esse propósito que em 2006, como Relator da Comissão Mista do Salário Mínimo, apresentamos alguns pontos que precisam ser colocados em prática.

A Comissão define a necessidade da adoção de uma política de reajuste permanente para o salário mínimo com base na inflação, mais o dobro do PIB.

Estabelece que este mesmo reajuste passe a ser concedido aos benefícios de aposentados e pensionistas.

Afinal, não podemos esquecer dessa grande parcela da população que sofre diariamente com a defasagem de seus benefícios e com a incidência do fator previdenciário sob os mesmos.

Foi proposta a desoneração gradativa da folha de salários, transferindo para o faturamento o lucro. Com isso passaríamos dos atuais 22% para 15%.

Propõe ainda o fim do fator previdenciário que hoje reduz em cerca de 30% as aposentadorias e a criação de mecanismos de recuperação do valor de compra dos aposentados.

Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o relatório recomenda também:

– Aprovação da PEC nº 24/03, de nossa autoria, que estabelece que os recursos da Seguridade Social devam permanecer na Seguridade;

– Aprovação do Fundo de Desenvolvimento do ensino Profissionalizante (FUNDEP), PEC nº 24/2005. É importante ressaltar que de imediato estão previstos investimentos de R\$ 6 bilhões.

Sr. Presidente, é fundamental acabar com o desgaste anual que temos em torno das discussões do mínimo. Ele é desnecessário!

E podemos conseguir isso por meio de uma política permanente de reajuste do salário mínimo que seja estendida aos aposentados e pensionistas.

É bom alertar que a valorização do mínimo não tem impacto nas contas da Previdência, pois ela é superavitária. Sempre afirmei isso e continuo com a mesma posição.

Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, mais uma vez repito o que tenho dito ano após ano: é preciso consciência de todos os brasileiros.

É preciso ter consciência de que o salário mínimo tem impactos diretos nas vidas dos mais humildes.

É preciso ter consciência da importância das aposentadorias na vida de nossos aposentados.

É preciso ter consciência de que as pessoas têm de trabalhar para viver, e não viver para trabalhar.

Cada um de nós, brasileiros, tem o direito de usufruir de bens e serviços que possam elevar a qualidade de nossas vidas.

Por isso, temos o dever de encontrar meios de beneficiar a maioria da população. E, repito, o salário mínimo é um deles.

Era o que tinha a dizer.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS. Sem apanhamento taquigráfico.) –



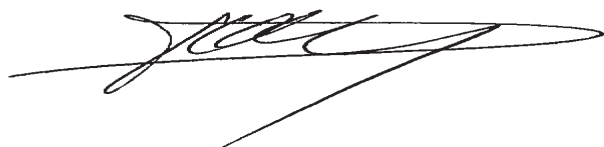
## **Salário mínimo: emenda de Paim estende reajuste a aposentadorias e pensões**

A Comissão de Assuntos Sociais (CAS) do Senado aprovou hoje (13), por unanimidade, emenda do senador Paulo Paim ao PLC 42/07, de iniciativa do Executivo.

Com isso fica assegurado a todos os benefícios mantidos pela Previdência Social o mesmo reajuste e a mesma política de valorização dada ao salário mínimo.

Para Paim a aprovação de sua emenda reflete a sintonia entre o Senado e a sociedade. “Os senadores entenderam que não é justo dar um reajuste ao mínimo e outro, sempre muito baixo, aos aposentados”, disse. Segundo ele, a vitória não apenas será comemorada, mas também dará novo ânimo aos aposentados que lutam pela aprovação do PLS 58/03.

O projeto do governo prevê uma política de valorização do salário baseada na inflação mais o PIB do ano anterior. Isso no período compreendido entre 2008 e 2023. O projeto foi relatado pelo senador Valdir Raupp, o qual apresentou parecer favorável à matéria. Agora o projeto segue para a apreciação do Plenário do Senado.



**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR PAULO PAIM EM SEU PRO-  
NUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

# A pauperização dos aposentados

**O**s aposentados e pensionistas do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) que percebem mais do que o salário mínimo tiveram, nos últimos 10 anos, reajustes inferiores à metade do que foi concedido a quem ganha um salário mínimo, segundo a reportagem de Rodrigo Gallo, do *Jornal da Tarde* (11A, 7/2). Os números mostram que está havendo um acelerado processo de pauperização da faixa intermediária de aposentados e pensionistas.

Não se trata, a rigor, de situação nova - mas os prejuízos aumentaram no governo Lula. Até a estabilidade monetária, em 1994, os benefícios do INSS eram achatados pelo mecanismo de correção: as aposentadorias eram corrigidas uma vez por ano, e o reajuste não acompanhava a inflação.

Nos seis anos compreendidos entre 1997 e 2002, os reajustes dos que percebiam um salário mínimo foram iguais aos dos que percebiam mais do que isso em três anos (1997, 1999 e 2002) e diferentes nos outros três anos (1998, 2000 e 2001). Naqueles seis anos, a diferença entre o aumento do salário mínimo (corrigido em 78,5%) e das aposentadorias de valor superior ao mínimo (46,9%) foi de 31,6%. A situação se agravou entre 2003 e 2007: nesses cinco anos, os percentuais foram, respectivamente, de 90% e de 44,3%, com uma diferença de 45,6%.

Acumuladas por longo período, essas distorções provocaram um achatamento do poder de compra nas faixas média e superior dos beneficiários do INSS. O exemplo da do-

na de casa Vera Cardoso Coimbra, 86 anos, pensionista do INSS, mostra bem essa situação: "Quando meu marido morreu, em 1985, eu ganhava oito salários mínimos de pensão. Com o tempo o valor foi caindo e, hoje, ganho cerca de dois salários (menos de R\$ 800,00)", afirmou ao *JT*. O preço da alimentação caiu desde os anos 90, mas ocorreu o contrário com despesas obrigatórias, como condomínio, energia elétrica, telefone, gás e, sobretudo, assistência médico-hospitalar e remédios. "Nós, aposentados e pensionistas, temos muitos gastos com medicamento e

## Beneficiários que ganham mais do que o mínimo acumulam perdas

saúde, e o benefício quase nunca é suficiente para pagar todos esses custos", disse Vera.

O governo tenta justificar esta situação com argumentos duvidosos. Um deles é o de que o salário mínimo é baixo em comparação ao de outros países. Ocorre que se contam nos dedos de uma mão os países que, como o Brasil, vinculam o salário mínimo ao valor pago na aposentadoria. Um segundo argumento é que os gastos previdenciários no País são muito elevados e o INSS não suportaria o ônus da equiparação dos reajustes dos benefícios de quem ganha um salário mínimo aos de quem ganha mais que isso. Mas o fato é que o governo age demagogicamente ao fazer alarde dos benefícios majorados ao pessoal de menor renda, enquanto pune

aqueles que mais contribuições fizeram ao INSS. E, em muitos casos, recolheram contribuições destinadas a financiar uma aposentadoria correspondente a 20 salários mínimos. O teto do benefício foi depois reduzido a 10 salários mínimos e hoje está limitado a R\$ 2.801,82 (apenas 7,3 salários mínimos).

Mantida a regra atual, crescerá inexoravelmente o desequilíbrio entre o valor da aposentadoria no momento da sua concessão e o valor que será pago no futuro. Neste ano está prevista a correção de 7,36% para o salário mínimo (de R\$ 380,00 para R\$ 408,00) e de cerca de 5% para as aposentadorias de maior valor.

Não há, reconheça-se, soluções simples para o problema. O Sindicato Nacional dos Aposentados e Pensionistas, ligado à Força Sindical, pretende correção igual para os 25 milhões de beneficiários do INSS - os 17 milhões que percebem o mínimo e os 8 milhões que ganham mais do que isso.

Quem ainda está na ativa - e dispõe de recursos para tanto - pode se prevenir contra a deterioração progressiva dos benefícios do INSS contratando planos de previdência complementar. Mas é grave a situação de quem já se aposentou pelo INSS, não tem forças para voltar ao mercado de trabalho e sofre com a queda acentuada do poder de compra de seus benefícios.

É com esse tipo de iniquidade que o governo tenta equilibrar as contas da Previdência, já que lhe falta vontade política para patrocinar uma reforma profunda que de fato elimine os desajustes estruturais do sistema previdenciário.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Parabeno V. Ex<sup>a</sup>, Senador Paulo Paim, pela aprovação do Projeto na Comissão de Assuntos Sociais, onde tive a honra de estar presente.

A Mesa atenderá o pedido de V. Ex<sup>a</sup>, de acordo com o Regimento.

Concedo a palavra ao nobre Senador Renato Casagrande, por permuta com o Senador João Tenório. V. Ex<sup>a</sup> terá dez minutos para seu pronunciamento.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, primeiramente, quero dar continuidade aos pronunciamentos que tenho feito desde a semana passada, no sentido de que é fundamental fazermos as investigações decorrentes dos cartões corporativos. Mas, ao mesmo tempo em que realizamos essas investigações, precisamos aproveitar o ano de 2008 para fazer com que a pauta do Senado seja positiva. Falei isso aqui ontem e anteontem. Isso é importante. O discurso do Presidente Garibaldi caminhou nessa direção na quarta-feira passada.

Nós temos matérias importantes no Senado e a Casa não deve se posicionar e se colocar apenas na parte quantitativa, na contagem das matérias votadas.

Eu disse aqui ontem que nós temos algumas matérias que a CPMI não pode obstruir e, por isso, eu defendo o entendimento. Ele pode levar ao debate dessas matérias: temos de limitar o voto secreto, temos de acabar com a aposentadoria de juizes, de magistrados que cometem irregularidades. A pena para esse magistrado é a aposentadoria compulsória: ele vai se aposentar, vai ficar sem trabalhar. Essa é a pena que se aplica aos magistrados que são pegos em atos ilícitos. Temos de fazer o debate da reforma tributária, o debate da reforma política.

Há um projeto de minha autoria que estabelece um controle externo sobre os tribunais de contas, o Conselho Nacional dos Tribunais de Contas. Os tribunais de contas ganharam muito poder nos últimos anos, e é fundamental que a sociedade possa ter um Conselho Nacional dos Tribunais de Contas, assim como fez e faz com o Conselho Nacional de Justiça e com o Conselho Nacional do Ministério Público.

Temos de votar matérias relacionadas à área de segurança pública, como é o caso da audiência *on-line* para evitar o perigo de se transportarem pessoas que cometeram crimes pelas ruas, para diminuir o custo desse transporte, para agilizar as audiências.

Fiz uma proposta ao Presidente Garibaldi Alves Filho e reafirmei-a hoje na reunião de líderes. O Con-

gresso fez, há alguns anos, há três anos, a reforma do Código Civil, mas há o Código Penal, o Código de Processo Penal, o Código de Processo Civil, que são legislações muito antigas.

O Regimento Interno, em seu art. 374, estabelece que o Presidente da Casa poderá definir uma comissão de juristas, que apresentará ao Senado Federal uma proposta que, em tramitação especial, será analisada, modificada, anexada a outras propostas que estão tramitando aqui, para que possamos votar e modernizar o Código Penal, o Código de Processo Penal, o que há muito a sociedade exige de nós. Temos de acompanhar o avanço da delinquência, que aumentou muito, os crimes avançaram muito, a legislação vai sendo emendada. O Congresso não está parado, mas é uma ação articulada que precisa ser feita.

Estou citando alguns exemplos da importância de estarmos em uma agenda propositiva, além da agenda de inquérito porque o que muito tem acontecido na Casa é que o Poder Judiciário está legislando, o Poder Legislativo está investigando e o Poder Executivo legisla muito mais do que todos nós juntos. Se não retomarmos esta que é uma das nossas funções – não é a única – de legislarmos com qualidade, continuaremos em um processo de perda de espaço para o Poder Judiciário, que passará a “interpretar” a Constituição, e que continuará fazendo isso, e perderemos espaço, naturalmente, para o Poder Executivo. Ao Poder Executivo deve ser imposto um limite também em relação às medidas provisórias.

Essas são algumas das questões importantes para o nosso debate.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, além deste tema que se repete, se reposiciona, se reafirma, é importante que saudemos hoje uma decisão de Governo: a decisão da Agência de Telecomunicações com relação às últimas medidas tomadas frente ao sistema de telecomunicações. Entraram em vigor, nesta quarta-feira, as novas regras para a telefonia celular. São medidas importantes para melhorar a relação dos usuários, dos consumidores com as empresas. Em que pese o conforto e a praticidade que o serviço de telefonia celular trouxe aos usuários, é enorme a zona de atrito entre empresas e clientes. Daí a necessidade de providenciar uma interferência dos órgãos de regulamentação como Anatel e Defesa do Consumidor do Departamento de Proteção à Defesa do Consumidor do Ministério da Justiça.

Esses órgãos têm um papel importante, porque o processo de privatização do sistema trouxe benefícios à sociedade. Está se universalizando o atendimento, mas é um sistema que, no mundo todo, se concentra

muito. Por isso a Anatel tem um papel cada vez mais importante.

São medidas relevantes, porém insuficientes, dadas à crescente quantidade de reclamações contra empresas do setor. Outras medidas ainda terão de ser adotadas para que os 121 milhões de usuários do serviço em todo o País se sintam plenamente satisfeitos, e as companhias de telefonia deixem de figurar entre as campeãs de reclamações nos Procons de todo o País.

Outras informações que nos chegam dão conta de que o Ministério da Justiça implementará novas medidas que melhorem as relações entre consumidores e operadoras; para isso, promoverá uma série de audiências públicas para ouvir a sociedade e os representantes do setor.

Entre as novas regras, destaco algumas adotadas:

1) As empresas não poderão levar mais de 24 horas para rescindir o contrato, quando a iniciativa partir do cliente. Isso não acontecia até hoje. Era difícil rescindir um contrato de telefone com uma operadora;

2) Ligações para serviços de emergência, como polícia e bombeiro, serão gratuitas em qualquer situação;

3) Clientes terão o direito de manter o número do celular quando mudarem do sistema pós-pago para o pré-pago, ou vice-versa;

4) As operadoras poderão ser multadas em até R\$30 milhões se descumprirem regras;

5) Valores cobrados indevidamente serão devolvidos em dobro, com juros e correção monetária;

6) No caso de inadimplência, o nome do cliente não poderá ser enviado para órgãos de proteção ao crédito antes da rescisão do contrato. Depois, o cliente terá de ser avisado com antecedência de 15 dias sobre o envio do nome aos órgãos.

São medidas importantes para a proteção dos clientes, do usuário, do consumidor. A Anatel tomou essas medidas. Eu faço críticas às agências reguladoras, mas também quero destacar a importância dessas medidas, assim como a importância da medida que a Agência Nacional de Saúde tomará sobre o aproveitamento da carência do plano de saúde. Quando se troca de plano de saúde – e hoje são muitas as pessoas no Brasil que usam plano de saúde –, não se pode aproveitar o tempo pago naquele plano.

Então esse nível de proteção ao consumidor é importante, e o Congresso tem dado uma bela contribuição para a legislação em defesa do consumidor.

Hoje, Sr. Presidente, apresentei um requerimento na Comissão de Ciência e Tecnologia relacionado à questão da telefonia. Estamos acompanhando a possibilidade de compra, de aquisição da Brasil Telecom pela Oi. É um negócio vultoso, uma aquisição importante para o mercado de telecomunicações, e o Senado da República, como instituição, deve fazer um debate sobre o tema.

O Governo, por intermédio do BNDES, por meio da alteração ou da publicação de algum decreto que mude a lei de outorgas, às vezes modificando a Lei Geral de Telecomunicações, está participando do processo indiretamente. É fundamental ouvirmos o Ministro das Comunicações, o Presidente da Anatel, para que possamos saber efetivamente qual é a estratégia do Governo nesse negócio, por que é importante ter uma empresa nacional, qual a garantia de que essa empresa vai continuar nacional. Se é importante que uma empresa nacional, se for autorizada a fazer aquisição, não se transforme depois em uma empresa internacional, com capital de fora por meio da venda dessa empresa.

Qual é a participação efetiva do Governo e qual é a proteção que o consumidor vai ter. Então, aprovamos um requerimento, hoje, na Comissão de Ciência e Tecnologia e vamos tentar, na semana que vem, fazer um debate com o Ministro e com o Presidente da Anatel sobre esse tema que considero importante também para a sociedade brasileira, porque teríamos aqui só três operadoras prestando serviço nessa área e, por isso, é preciso haver, de fato, um acompanhamento do Congresso Nacional.

Sr. Presidente, muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Obrigado, Senador Renato Casagrande.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES) – Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Pois não, Senador.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES) – Peço permissão a V. Ex<sup>a</sup> para conceder um aparte ao Senador Tião Viana, a quem peço desculpas.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Pois não. V. Ex<sup>a</sup> tem o direito.

**O Sr. Tião Viana** (Bloco/PT – AC) – Serei muito objetivo, Senador Casagrande. Vendo V. Ex<sup>a</sup> apresentar uma agenda para o Poder Legislativo de maneira muito positiva, cobrando a elevação das responsabilidades e dos debates que teremos de tratar durante este ano, sem abrir mão das prerrogativas que temos

de fiscalizar qualquer delito que ocorra no dia-a-dia de parte do Governo, da sociedade ou de quem quer que seja, ocorreu-me de não ter visto muita ênfase num assunto que tenho certeza faz parte de seu compromisso de homem público, de parlamentar atuante e elevado como é, ou seja a agenda da reforma política. Entendo que o Congresso Nacional não poderá estar de bem com a sociedade brasileira e não estará devidamente credenciado a ser o que deve ser como instituição enquanto não fizer essa reforma. Neste item, não podemos culpar o Governo, nem a imprensa, nem ninguém; a responsabilidade é nossa. Por isso, proponho que seja incorporado esse item à sua sugestão de agenda, a fim de que sejamos capazes de fazê-la, nem que tenhamos de dizer que entrará em vigor a partir de 2014, mas é preciso ter a dignidade de fazer a reforma política este ano, Senador Casagrande.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES) – Senador Tião Viana, realmente esse tema é importante, é relevante para todos nós, para o Brasil, para a América do Sul. Eu o mencionei, mas não entrei em detalhes. Faz parte do documento que eu e o Senador Valadares encaminhamos ao Senador Garibaldi Alves, como proposta de agenda para este ano, naturalmente, a reforma política. Concordo plenamente com V. Ex<sup>a</sup>.

O que quero é reafirmar que não podemos de novo, em 2008, ficar presos apenas aos inquéritos, apenas às investigações; nós precisamos impor nesta Casa, fazendo as investigações necessárias, uma agenda positiva, sob pena de o Senado se afastar ainda mais da sociedade brasileira.

Obrigado, Sr. Presidente.

Obrigado, Senador Tião Viana.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Muito obrigado, Senador Renato Casagrande.

Concedo a palavra ao nobre Senador Sérgio Zambiasi, pela Liderança do PTB. V. Ex<sup>a</sup> terá cinco minutos para seu pronunciamento.

**O SR. SÉRGIO ZAMBIASI** (PTB – RS. Pela Liderança. Sem revisão do orador.) – Obrigado, Presidente Papaléo Paes.

Utilizo essa comunicação de Liderança para falar de um evento importante que o Município de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, realiza, de hoje até o próximo sábado; é um dos mais importantes eventos para a discussão sobre o futuro das cidades. Trata-se, Senador Paim, da Conferência Mundial sobre o Desenvolvimento de Cidades – Inovação democrática e transformação social para cidades inclusivas do século XXI.

Com esse evento, a capital gaúcha volta a ser o pólo mundial de debates sobre o futuro das cidades,

condição que alcançou ao ser sede, por três vezes – e do qual o Senador Paim teve inúmeras participações –, do Fórum Social Mundial.

Agora, com a Conferência Mundial sobre o Desenvolvimento de Cidades, Porto Alegre retoma sua trajetória como palco da discussão de políticas públicas voltadas à melhoria das condições de vida das populações residentes nos pequenos, médios e grandes municípios.

Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores, esse evento reveste-se da maior importância porque a vida do cidadão está intimamente ligada à cidade onde mora. Nada mais importante para ele do que residir numa localidade onde tenha condições de viver dignamente, contando com os serviços essenciais, como saneamento básico, segurança pública, transporte público, rede de ensino, sistema de saúde pública e oferta de emprego.

Sou um entusiasta do desenvolvimento dos Municípios por entender que eles é que dão suporte aos Estados e à União, não só no Brasil, mas também em outros países. Tudo se resolve nas cidades, porque é nelas que as pessoas residem. Logo, a discussão sobre temas que contribuam para a melhoria de vida nos Municípios é algo que deve ser apoiado e estimulado, porque significa buscar uma condição de vida mais digna para as populações.

Por isso, quero aqui registrar meus cumprimentos às Prefeituras de Porto Alegre e de Roma pela iniciativa de promover, em parceria com o Ministério das Cidades, Confederação Nacional dos Municípios, Governo do Estado do Rio Grande do Sul e Caixa Econômica Federal, a Conferência Mundial sobre o Desenvolvimento de Cidades. Para dar uma idéia da importância do evento, basta lembrar que ele conta com o apoio de mais de 30 instituições nacionais e internacionais, entre as quais a Unesco, Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento, cidades e governos locais unidos e Federação Latino-Americana de Cidades.

Nesses quatro dias, serão realizadas mais de 280 atividades, ultrapassando 400 horas de debates. A Conferência Mundial sobre o Desenvolvimento de Cidades está reunindo personalidades de 30 países no Centro de Eventos da PUC (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). A expectativa é que o evento tenha um público superior a 7.000 pessoas.

O evento tem quatro eixos de debates: Direito à Cidade – políticas locais sobre Direito e responsabilidade dos cidadãos; Governança e Democracia em Cidades – experiências inovadoras de gestão e participação democrática; Desenvolvimento Local em Cidades – processos de investimento em capital social para desenvolver ativos econômicos, ambientais, humanos, sociais e políticos; Sustentabilidade e Cida-

de-Rede – a emergência das redes sociais e a cidade sustentável do futuro.

Além da importância dos temas em discussão, destaco também que a Conferência Mundial sobre o Desenvolvimento de Cidades tem outro aspecto altamente relevante, que é o de fazer com que Porto Alegre se transforme num pólo de atração do turismo de eventos. Isso é fundamental para a economia da capital gaúcha, porque alavanca as atividades dos setores de prestação de serviço, como, por exemplo, motoristas de táxi, e o comércio, beneficiando especialmente bares, restaurantes e hotéis.

Por tudo isso, quero expressar aqui, mais uma vez, meus cumprimentos à Prefeitura de Porto Alegre e ao Prefeito José Fogaça pela iniciativa de promover, em conjunto com a Prefeitura de Roma, a Conferência Mundial sobre o Desenvolvimento de Cidades.

Era essa a minha manifestação a respeito desse evento relativo à qualidade de vida nas cidades e seu desenvolvimento, que é realmente importante, relevante para todos nós, para o Brasil, para a América do Sul.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– Concedo a palavra, para uma comunicação inadiável – Senador Cristovam Buarque, peço a sua aquiescência –, ao Senador Tião Viana, porque o Senador Sérgio Zambiasi falou pela Liderança do PTB, e o Senador Tião Viana falará pela Liderança do PT. Em seguida, V. Ex<sup>a</sup> fará uso da palavra, como orador inscrito.

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT - AC. Pela Liderança. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, faço uma reflexão coletiva aqui sobre o que tenho visto, de maneira muito firme, por parte dos meios de comunicação, durante todos esses dias do ano de 2008. Há um movimento de incômodo e de desconforto muito grande da imprensa em razão dos acidentes de trânsito que estamos vivendo no Brasil. Hoje, talvez, o maior flagelo da violência brasileira esteja concentrado nos acidentes de trânsito, Senador Romeu Tuma.

Hoje, pela manhã, na Rede Globo, que particularmente tem feito uma campanha insistente, intensa sobre esse tema, ouvi as palavras de desconforto, de mal-estar do apresentador do *Bom Dia Brasil* Renato Machado, ao falar do que ocorreu num posto de combustível em São Paulo, quando um jovem atropelou um frentista que estava trabalhando e ficou acelerando o carro, como se, além de atropelar, quisesse passar por cima e esmagar o frentista. Dentro do carro, encontraram drogas e lança-perfume. O rapaz, levado à delegacia, foi considerado apenas culpado por um acidente ocorrido.

Portanto, é uma situação dramática. Vale lembrar que, em nenhuma guerra contemporânea, houve tantas perdas de vida como nos acidentes de trânsito no Brasil. Na abjeta guerra do Iraque, aquele ambiente terrível que se vê todo dia pela televisão, não houve cinco mil mortes, o que já é demais para qualquer processo civilizatório que se defina como correto.

Só em acidentes de trânsito, a mortalidade registrada em 2004 – último dado oficial que temos – é de 35.084, com concentração maior de perdas na Região Sudeste, 41%; Nordeste, 23%; Sul, 20%; Centro-Oeste, 10%; e Região Norte, 6%. E o pior é quando olhamos a causa direta, que é exatamente a embriaguez, a bebida alcoólica.

O Senador Augusto Botelho, também incomodado, hoje apresentará um pronunciamento sobre a decisão do Governo de proibição do uso de bebida alcoólica à margem das rodovias federais. O Ministro Tarso Genro veio à imprensa brasileira dizer do dado positivo que é para a sociedade a redução da mortalidade nas rodovias federais em 11% neste ano, em relação ao ano passado, em razão da proibição da venda de bebidas alcoólicas às margens das rodovias. Somente nas rodovias federais, no ano passado, houve o registro de mais de 6.800 vidas perdidas em razão do vínculo do álcool com acidente de trânsito.

Então, a grande droga lícita invade as ruas, as cidades, as regiões do Brasil e afeta, de maneira inaceitável, vidas humanas. Entendo que o Brasil deveria ter uma motivação para fazer um levante de todos os organismos da sociedade, de toda representação pública, de toda representação organizada da sociedade, para mostrarmos que o item nº 1 do combate à violência no Brasil, hoje, seria a responsabilização definitiva dos condutores de veículos automotores no País.

Eu confesso que o maior temor que tenho, em relação aos meus filhos, não é de um assalto, não é de um ato de violência isolado, ocorrido em algum lugar, mas é de um atropelamento, é de um ato de violência praticado por condutores de veículos automotores neste País.

Nós não temos a responsabilidade compartilhada entre o condutor do veículo, a norma legal instituída e o controle fiscalizador instituído no Brasil. Infelizmente, nós vivemos uma espécie de derrota, com registro diário na imprensa das cenas mais abomináveis que se podem considerar, mostrando o problema que tem sido crescente no Brasil, salvo em algumas exceções, como eu registrei, no caso do Ministério da Justiça, que apresentou uma restrição, através de uma medida provisória, da venda de bebidas alcoólicas às margens da rodovia.

Então, o grande flagelo hoje da violência brasileira não está no uso da arma de fogo - que é abominável também, é claro -, não está num assassinato por outras armas, num canto da sociedade, mas está nos acidentes de trânsito. Acho que a sociedade brasileira deveria parar. Este País tinha de parar para dizer que não aceita mais que alguém vá se embriagar no volante de um carro e saia matando as pessoas gratuitamente, e saia destruindo vidas e a sua própria vida gratuitamente. A responsabilidade é muito grande sobre esse tema, e eu espero que o Brasil esteja preparado para o debate.

Eu quero cumprimentar, de maneira muito respeitosa, os meios de comunicação por estarem trazendo à frente esse assunto. Vejo a edição de telejornais, como o próprio Jornal Nacional, de William Bonner, apresentando a devida preocupação diária e o desconforto permanente sobre esse tema. Hoje, pela manhã, foi marcante a cena que o Bom Dia Brasil apresentou.

E por que nós não podemos fazer mais? Por que a sociedade não pode se mobilizar mais?

Já fomos capazes de enfrentar, de ir às ruas sem armas numa luta. Defendia-se a instituição de uma vacina que era contra a febre amarela, mas hoje morrem mais de quarenta mil pessoas por ano em razão dos acidentes de trânsito neste País, e nós não fazemos uma campanha nacional intensa, forte, cheia de emoção, enfrentando e corajosamente dizendo que basta, que nós não vamos mais aceitar a violência.

Está faltando um levante nacional, uma campanha que seja da alma e de amor às crianças que transitam nas ruas deste País, das vítimas inocentes que estão nas noites e que não são responsáveis pela embriaguez, pelo alcoolismo da droga lícita que é vendida todos os dias no Brasil. Eu sugeriria ainda aos meios de comunicação que ousassem acompanhar o cotidiano dos bebedores de bar que se embriagam e depois saem faceiramente para dentro dos seus carros, conduzindo e levando as vítimas depois. Este País tem de dizer não a esse tipo de crime que é feito às claras e que, infelizmente, provoca todos nós.

Nos Estados Unidos, Senador Tuma - V. Ex<sup>a</sup> tem uma vida na história policial da prevenção e do combate ao crime -, as famílias, os casais, quando vão sair para tomar um drinque, para um jantar onde vão beber, o que é absolutamente normal, deixam os carros em casa, pegam um táxi. O Senador Mão Santa disse que testemunhou isto: vão e voltam de táxi. Por que nós não podemos fazer isso em nosso País?

Antes de encerrar, Senador Papaléo, um aparte ao Senador Tuma e ao Senador Cristovam Buarque.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB - AP) - Peço aos Srs. Senadores objetividade, por favor.

**O Sr. Romeu Tuma** (PTB - SP) - É bem rápido. Só para cumprimentar V. Ex<sup>a</sup>, porque eu também vi o programa de hoje pela manhã. E V. Ex<sup>a</sup> deu exemplo dos Estados Unidos. Eu estive na Dinamarca em serviço e, à noite, fui convidado para um jantar. Lá, há plantão de motoristas para quem bebe. Imediatamente, o dono do carro tem um motorista à disposição para levá-lo para casa, porque é um crime grave dirigir embriagado. Então, estamos com essa proibição correta do Governo, de vigilância nas estradas, mas ela é um pouco defasada, porque o sujeito compra a bebida alcoólica na esquina, põe a caixa na mala do carro, ou põe a bebida no colo e vai bebendo. O que teria de se transformar em crime é o porte da bebida nas estradas, dirigindo. Acho que a bebida alcoólica é agravante para qualquer tipo de delito que se pratique, principalmente de acidente de trânsito. Não tem perdão para quem, embriagado, comete um delito. O caso desse jovem drogado ou embriagado é de tentativa de homicídio. Não dá para discutir que é acidente. Para mim é homicídio. Ele está usando o carro como arma, porque, quando perde a noção de como dirigir, cometendo o deslize de atropelar, bater num poste ou se matar, também está praticando um delito. Então, o carro passa a ser uma arma. Os acidentes crescem assustadoramente, inclusive acidentes com motociclistas. Eu, esta semana, fui examinar um *airbag* para motoqueiro. Farei um projeto sobre o tema, porque achei muito importante. Na queda, imediatamente o *airbag* é inflado, e o motoqueiro não sofre nenhuma lesão física. Os motociclistas hoje não têm cobertura de nada, Senador. São empregados que às vezes não tiraram a carteira nem se profissionalizaram. Então, é algo grave. Acho que é um tema que V. Ex<sup>a</sup> traz à discussão e não podemos ficar somente na retórica. Temos de trabalhar como V. Ex<sup>a</sup> propõe, para limparmos esse mal que está acontecendo no Brasil, com a perda, principalmente, da vida de vários jovens.

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT - AC) - Muito obrigado, Senador Tuma. V. Ex<sup>a</sup> fala com absoluta experiência e colabora com meu pronunciamento.

Senador Cristovam e Senadora Fátima Cleide, encerrando, Sr. Presidente.

**O Sr. Cristovam Buarque** (PDT - DF) - Senador Tião, parabeno-o pelo tema, que é da mais alta relevância. Quero dizer que, quando uma cidade, quando um Estado deseja, cada um deles, levar adiante uma campanha, consegue. No Distrito Federal, no governo de 1995 a 1998, eu era Governador pelo Partido dos Trabalhadores, nós demonstramos que era possível pôr ordem no trânsito: eram 77 mortes por mês, no final eram 22. Nós conseguimos esse milagre do respeito à faixa de pedestres, nós conseguimos que os bares

parassem de vender bebidas alcoólicas a partir de certa hora. E foi possível. E hoje o povo tem orgulho daquilo que a gente conseguiu fazer com o trânsito no Distrito Federal. Isso é possível. É preciso vozes como a sua se levantarem e, como o senhor mesmo defendeu, fazermos uma rebelião contra essa guerra.

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT – AC) – Agradeço muito a V. Ex<sup>a</sup>, que é o autor de um hábito positivo, conduzido hoje Brasil afora, dos pardais, dos controles de velocidade também e das faixas de pedestres, que significam que a rua é das pessoas, e não dos carros.

Senadora Fátima Cleide.

**A Sr<sup>a</sup> Fátima Cleide** (Bloco/PT – RO) – Senador Tião Viana, eu também gostaria de me somar ao que já disseram os Senadores Romeu Tuma e Cristovam Buarque e parabenizar V. Ex<sup>a</sup> por trazer essa preocupação também para o Plenário desta Casa. Saúde também a iniciativa do Ministério da Justiça em proibir o uso, a venda de bebidas alcoólicas nas estradas. Eu só tenho uma preocupação: é com os trechos urbanos dessas estradas. Nós temos, no caso de Rondônia, várias cidades que são cortadas pela BR-364. A cidade de Porto Velho hoje – e o senhor a conhece – é cortada pela BR-319, que era a Avenida Jorge Teixeira, hoje uma avenida federalizada, onde se localizam mais de duas centenas de pequenos comerciantes. Então, eu acredito que essa medida provisória deve incorporar também esta nossa preocupação, para que, nos núcleos urbanos, supermercados, restaurantes que já existiam muito antes da construção da estrada, sejam preservados no seu comércio. E acredito que é uma medida efetiva. Junto a ela, acho que deve se intensificar a fiscalização, principalmente com o bafômetro, porque é inaceitável que neste País assistamos a tantas mortes no trânsito de braços cruzados. Nossos números são superiores inclusive aos de países que vivem em guerra. Então, Senador Tião Viana, parabéns pela sua preocupação e conte com esta sua aliada em mais esta guerra.

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT – AC) – Agradeço, sensibilizado, a V. Ex<sup>a</sup> e concluo agradecendo a tolerância, Sr. Presidente. Em legislação penal, nós não precisamos inovar nada, mas precisamos fazer cumprir a que temos. Mas nós não aceitamos mais que, em nome de uma suposta liberdade individual, pessoas pratiquem o crime de se embriagar, pegar numa arma perigosa, que é o carro, e sair matando inocentes nas noites das nossas cidades.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

Era o que tinha a dizer.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Muito obrigado, Senador Tião Viana. Concedo a pa-

lavra ao próximo orador inscrito, Senador Cristovam Buarque.

V. Ex<sup>a</sup> terá dez minutos para seu pronunciamento, Senador.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Srs. Senadores, Sr<sup>as</sup> Senadoras, tenho sido conhecido como o Senador de uma nota só, que fala sempre sobre pobreza e sobre a educação como caminho para resolver a desigualdade brasileira. E hoje venho falar, mais uma vez, sobre pobreza. Mas venho falar, Senador Valadares, sobre outra pobreza. Venho falar sobre a pobreza na política, que hoje está caracterizando a maneira como neste País se pratica o que deveria ser a mais nobre das atividades.

Nós podemos definir pobreza como a escassez, como a falta das coisas básicas. Olhemos ao redor e vamos ver o quanto está faltando na política brasileira. Em primeiro lugar, vamos falar com franqueza: faltam Partidos. Nós temos siglas; siglas, nós temos até em número demasiado. Mas qual desses Partidos encarna a causa, como quando tínhamos um Partido Comunista Brasileiro, como quando tínhamos um Partido Liberal Brasileiro no tempo do Império? Qual Partido? Faltam Partidos. E essa é uma das causas, sem dúvida alguma, da pobreza na política brasileira.

Mas, além de faltar Partido, havendo apenas siglas, falta fidelidade nessas siglas para cumprirmos aquilo que prometem nas campanhas. Quantos dos nossos Partidos/sigla chegam aqui dentro e se comportam coerentemente, fielmente àquilo que defenderam durante a campanha? Somos pobres de Partidos e somos pobres da coerência e da fidelidade.

Falta – e é a terceira razão da pobreza da política – uma agenda que unifique o debate. Nem digo, Senador, que unifique os políticos, mas que unifique o debate. Falta uma agenda que diga “vamos debater esse assunto cada um de um lado, mas vamos debater esse assunto”. Qual é o assunto que debatemos aqui? O Senador Renato Casagrande há poucos instantes falou sobre isso. S. Ex<sup>a</sup> propôs uma agenda para o Congresso. Como se pode fazer política sem uma agenda? Qual é a agenda do Senado, do Congresso, nos últimos anos, a não ser as CPIs, a não ser os escândalos?

Vamos deixar, Senador Mão Santa, de falar dos escândalos? Claro que não! Mas falar só de escândalos significa pobreza da política. Nossa política está pobre, mas não é só isso. Há falta de ética, sim, no comportamento dos políticos. E não vamos citar um, outro ou outro, mas algo ainda mais grave e quase imperceptível a nós: a falta de ética nas prioridades políticas.



Estamos vendo agora essa situação que atravessa a Universidade de Brasília, na qual sou professor e na qual fui reitor. Se formos olhar do ponto de vista legal, do ponto de vista da honestidade pessoal do reitor, não há como acusá-lo de corrupto. De maneira alguma. Mas, se formos analisar do ponto de vista das prioridades, podemos dizer, sim, que houve falta de ética nas prioridades de utilização dos recursos. Mas para essa falta de ética nas prioridades ninguém liga. Querem ver um exemplo? O Ministério Público está analisando e denunciando o reitor, mas e os prédios de luxo do Ministério Público? Aquilo também não é uma falta de prioridades? Para mim, é. Não é ilegal, não é roubo. Não põe no próprio bolso, como o reitor não pôs. Mas é uma falta de ética colocar dinheiro em prioridades que não atendam aos interesses nacionais nem aos interesses da coletividade e, portanto, em primeiro lugar, dos pobres brasileiros.

Está muito pobre a nossa política. Está muito pobre porque há corrupção do ponto de vista do comportamento, e há ainda mais corrupção nas prioridades do uso dos recursos em nosso País. É isto que está empobrecendo a nossa política: a falta do compromisso com a causa pública. A verdade é que nós deixamos que o Estado fosse privatizado. Não no sentido de vender as estatais, mas é porque, como estatais, elas estavam privatizadas – e continuam.

Hoje há matérias nos jornais sobre os fundos de pensão dos trabalhadores das estatais, fundos que são financiados parte com dinheiro público e parte com dinheiro do trabalhador. O povo não vê o resultado desses fundos. Esses fundos são públicos, mas de interesse privado.

No caso ainda da UnB, o responsável pela fundação que recebe dinheiro público, segundo o jornal de hoje, diz que depois que o dinheiro público entra lá passa a ser privado. Não é possível uma coisa dessas.

Falta compromisso. Cada um de nós faz aquilo que interessa ao nosso grupo, à nossa corporação, à nossa patota e não aquilo que interessa a todos, que é o conjunto da nossa população.

Falta sim na nossa política – e isso faz pobreza dela – parlamentar. Não “parlamentar” como substantivo, mas “parlamentar” como verbo. Quantos de nós aqui dedicam, Senadores, horas do nosso dia para parlamentarmos entre nós? Quantos? Aqui vem um e faz um discurso, depois vem outro e faz um discurso diferente, mas nós não debatemos. E o debate fundamental do Parlamento que é fora da tribuna? Como fazer esse debate se ficamos no máximo dois ou três dias por semana aqui? Quem é que tem tempo de sair para jantar uns com os outros, de almoçar uns com os outros – sem cartões corporativos, diga-se de pas-

sagem – para debater os assuntos fundamentais da sociedade brasileira?

É uma política pobre, a política que não parlamenta, a política que não exerce essa função maior, que é de tirar os contraditórios entre nós. E isso não ocorre aqui nesses discursos, mas nas conversas que não temos tempo de fazer, que não conseguimos fazer porque não ficamos aqui no Senado.

Dizem que Senadores e Deputados não trabalham porque não ficam aqui. Falso! Senador trabalha muito mais quando está na sua base do que quando está aqui, mas o Senado não. O Senado só trabalha quando os Senadores estão aqui e o Senado, portanto, não está trabalhando. Os Senadores estão, mas o Senado não. Os Deputados estão trabalhando muito quando eles estão nas suas bases, mas a Câmara dos Deputados não, se eles não estão aqui, em maioria, debatendo, parlamentando.

Falta o compromisso com o futuro. Qual de nós, cada vez que vai votar, se debruça sobre o projeto, Senadora Fátima Cleide, e diz: “O que vão dizer de mim daqui a 50 anos?”

Aproveitando esses dias mais folgados do Natal, Senador Mão Santa – o senhor é capaz de entender mais isso do que muitos –, decidi gastar o meu tempo lendo as atas das sessões da Câmara e do Senado na votação da Lei Áurea. Recomendando que as leiam e vou trazer um resumo para vocês. É inacreditável como alguns Deputados se negavam a aprovar a Lei Áurea. Nenhum tinha coragem de dizer que era contra o fim da escravidão. Mas diziam que não era hora: “Não é tempo ainda, vai destruir a indústria cafeeira, vai criar desordem”. E alguns até diziam: “Coitados dos escravos, como é que eles vão sobreviver sem ter um dono?”. Na tribuna! Não era esta, era no Rio de Janeiro. Esses senhores não pensavam no futuro.

Será que nós estamos pensando profundamente, com a responsabilidade devida, no futuro, sobre o que vão dizer de nós por causa dos nossos votos? Se estivéssemos, esta Casa pararia para falar apenas da destruição da Amazônia nos próximos meses, porque o que vai ficar da nossa geração, no mundo inteiro, Senador Tuma, o que vão lembrar de nós é que queimamos a Amazônia. Não vão lembrar que fizemos Brasília. Isso é um assunto interno do Brasil. Não vão lembrar que industrializamos o País, não vão lembrar que democratizamos este País, até porque muitos democratizam e deixam de democratizar.

A marca brasileira, na história da humanidade, daqui a 50, 100 anos, é a história de uma geração que queimou a última grande reserva florestal do País. A gente não pensa no futuro. Ao não pensar no futuro, a política fica pobre. Aí a gente gasta todo o tempo

discutindo coisas importantes, como são os cartões corporativos, mas não que eles mereçam o monopólio do nosso tempo.

Eu acho que a gente deveria incentivar o máximo de CPIs, mas elas deveriam funcionar depois do nosso horário do expediente normal, para que a gente trabalhe para o futuro aquilo que tem que fazer e, depois, trabalhe também aquilo que a gente tem que fazer hoje.

Faltam também – estou encerrando, Sr. Presidente, e vejo que há dois pedidos de aparte – os temas fundamentais desse País.

Não estamos discutindo como vai estar este País daqui a 50 anos se analisarmos a crise educacional, a crise ecológica, a crise energética, a população crescente que temos. Não estamos discutindo o que vai acontecer com a mutação demográfica que vai surgir neste País não só do ponto de vista do número, mas do ponto de vista do envelhecimento da população que vai gerar um caos para o financiamento da Previdência e, do ponto de vista da distribuição espacial, toda a população concentrada em algumas cidades. Não estamos discutindo o futuro.

Por isso, creio que valeria a pena hoje tentar usar esse tempinho, Senador, para dizer que é triste ver como a nossa política ficou pobre. Pobre é sinônimo de escassez, e dei-lhes algumas faltas que temos. Mas não quis falar de uma, que é a que mais pega hoje na opinião pública. Esta não ponho na minha boca: a falta de vergonha. Lá fora estão achando que quem faz política hoje sofre disso – uma prova de pobreza também.

Sr. Presidente, encerraria meu discurso, mas gostaria muito de poder dar a palavra ao Senador Sibá Machado que a pediu primeiro e à Senadora Fátima Cleide.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Mais uma vez, peço objetividade em virtude de o tempo do Senador Cristovam estar esgotado. E peço, principalmente aos oradores que farão uso da palavra, que concedam o aparte durante o seu tempo normal de pronunciamento. Peço brevidade, por favor.

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – Agradeço, Sr. Presidente. Quero ter apenas a oportunidade de parabenizar o Senador Cristovam Buarque, que sempre que vai à tribuna nos dá essa cancha de podermos apreciar o conhecimento de S. Ex<sup>a</sup>. Este assunto é realmente provocante. Estamos já há tantos dias do início dos nossos trabalhos e ainda não tivemos a oportunidade de passar um momento discutindo sustentabilidade da economia; as relações do País com o mundo, até por causa da crise dos Estados Unidos, o que seria um dever de casa razoável para ser feito; os

problemas internos do Brasil, que não são pequenos e não são poucos. V. Ex<sup>a</sup> está coberto de razão. E, para cumprir a determinação do Presidente desta Casa, vou me limitar apenas a parabenizá-lo pelo seu pronunciamento, Senador Cristovam. Espero que, às sextas-feiras ou às segundas, que costumam ser dias mais calmos, possamos ter vinte minutos para debater tão brilhante assunto que V. Ex<sup>a</sup> traz na tarde de hoje.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF) – Alegro-me e me comprometo a vir na sexta-feira. Mas o bom seria que deixássemos as sextas para as coisas menores e que nos dedicássemos, durante os cinco dias úteis, às coisas maiores, como quebrar a pobreza da política que vivemos hoje.

Ouçó a Senadora Fátima Cleide.

**A Sr<sup>a</sup> Fátima Cleide** (Bloco/PT – RO) – Senador Cristovam Buarque, agradeço a V. Ex<sup>a</sup> e ao Senador Papaléo Paes. E quero dizer ao Sr. Presidente que não tenho o dom da oratória do Senador Mão Santa, então uso sempre da brevidade e da objetividade. Quero apenas parabenizar o Senador Cristovam Buarque por trazer este tema. Acho que a política se faz através do diálogo, através da colocação das divergências e das diferenças. Concordo na íntegra com o que V. Ex<sup>a</sup> fala sobre essa falta de uma bandeira, levantada por V. Ex<sup>a</sup> todos os dias aqui: a causa da educação, da qual sou parceira, principalmente a educação básica a cujo terreno pertença. Diria que hoje temos uma causa conjunta pela libertação dos trabalhadores em educação. Acho que esta Casa deveria debruçar-se sobre ela, em um momento em que estamos discutindo a realização da I Conferência Nacional Básica. Trata-se de um projeto de sua autoria, pela valorização profissional dos trabalhadores em educação – o piso salarial –, que hoje tramita na Câmara. Temos a tarefa, com bastante brevidade, de oferecer aos trabalhadores em educação essa libertação, principalmente aos professores neste momento. E há um outro projeto, que é de minha autoria, mas que também nasce como fruto dos trabalhadores em educação: a valorização dos funcionários de escola. Tenho, inclusive, que agradecer-lhe por ter hoje recebido a direção da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação e ter-se comprometido de também nos ajudar, para que, tão logo, chegue aqui, a esta Casa, o seu projeto do piso salarial, para que possamos efetivamente aprová-lo com a maior brevidade possível, de modo que a educação básica já tenha o que festejar, com relação à libertação dos trabalhadores em educação deste País nos dias de hoje. Parabéns, Senador Cristovam Buarque.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF) – Muito obrigada, Senadora.

Encerro, Sr. Presidente, dizendo que, além deste projeto, ontem, a Comissão de Educação aprovou projeto pelo qual o professor da educação de base terá direito a licença sabática. A cada sete anos, ele terá um período fora da sala de aula para se aprimorar.

Concluo, Sr. Presidente, dizendo que aqui falei, sim, de pobreza social, porque a pobreza política é a mãe da pobreza social. Um país que faz pobreza com riqueza da política consegue erradicar a pobreza social em seu território. A causa principal da nossa pobreza social é a pobreza que caracteriza hoje a política no Brasil.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Muito obrigado, Senador Cristovam Buarque e parabéns pelo tema que V. Ex<sup>a</sup> trouxe para debate nesta Casa.

Concedo a palavra à nobre Senadora Serys Slhessarenko, para uma comunicação inadiável. S. Ex<sup>a</sup> terá cinco minutos para seu pronunciamento.

Pela ordem, concedo a palavra ao Senador Antonio Carlos Valadares. Permita-me, Senadora.

**O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES** (Bloco/PSB – SE. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Peço licença à Senadora.

Sr. Presidente, eu gostaria de me inscrever pela Liderança do PSB, para uma comunicação inadiável.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – V. Ex<sup>a</sup> é o próximo a falar pela liderança partidária.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC) – Sr. Presidente, V. Ex<sup>a</sup> me inscreve pela Liderança do Governo? Vou conversar com o Senador Romero Jucá para me dar essa oportunidade.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Aguardamos essa autorização. Enquanto isso, fará uso da palavra a Senadora Serys Slhessarenko.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – V. Ex<sup>a</sup> me dá um minuto depois, não é?

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Já antecipei a marcação do tempo, mas serei coerente, V. Ex<sup>a</sup> tem direito.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT. Para uma comunicação inadiável. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores, vou falar brevemente, para uma comunicação inadiável, sobre o alarmismo elétrico.

O Brasil entrou em 2008 alarmado com a possibilidade de uma nova crise elétrica. A imprensa, baseada em análises de alguns “especialistas”, ficou mostrando que o Brasil estaria à beira de um novo apagão elétrico.

Entretanto, como todos vimos e vivemos, não houve crise alguma. O que houve foi muita precipita-

ção por parte de alguns e irresponsabilidade por parte de outros.

Precipitação por parte de quem, desconhecendo o funcionamento do setor elétrico, saiu vendendo notícias e alarmismos sem tomar o cuidado de consultar os órgãos responsáveis pela gestão do sistema ou, quando houve a consulta, preferiram dar crédito aos “especialistas” e torcer contra o Brasil.

Irresponsabilidade por artes de quem, conhecendo o sistema, preferiu fazer o alarmismo para criar instabilidade social, desgastar o Governo e capitalizar politicamente.

O que os alarmistas fazem é tentar aproveitar a memória dos brasileiros, que não esqueceram os seriíssimos problemas causados no passado que nos jogou na crise de 2001. Fazem previsões alarmistas e criam falsas crises.

Ocorre que o Governo do Presidente Lula saneou os gravíssimos problemas encontrados no setor elétrico, e hoje temos um sistema seguro, com mecanismos de monitoramento permanente, com planejamento de curto, médio e longo prazo e, até o momento, administrado com muita responsabilidade.

Para tristeza dos oráculos do caos, e para felicidade de todo o povo brasileiro, o sistema foi competentemente administrado e funcionou exatamente como estava planejado.

Como todos sabemos, mais de 80% da energia oferecida anualmente aos brasileiros é de origem hidráulica e depende da sazonalidade do regime de chuvas. Essa dependência sempre foi considerada um risco para a segurança do sistema.

Para superar o problema, o Governo Lula tomou diversas providências, como, por exemplo, aumentar o intercâmbio entre as Regiões brasileiras para evitar o que ocorreu em 2001 quando a Região Sudeste viveu a tragédia do racionamento, enquanto a Região Sul tinha reservatórios transbordando e energia sobrando. Naquela ocasião, por falta de planejamento, a capacidade de transporte de uma Região para outra era muito limitada e não foi possível aproveitar os excedentes da Região Sul para diminuir o problema no resto do País.

Hoje, Sr. Presidente, essa situação está superada, pois temos possibilidade de realizar a transferência de energia de uma Região para outra com toda a facilidade.

Outra providência foi prover o País de usinas térmicas, que servem de segurança para permitir que as hidrelétricas sejam aliviadas enquanto os reservatórios estiverem com suas cotas próximo ou abaixo dos níveis de segurança.

É importante destacar e compreender que as usinas térmicas não são monumentos decorativos; elas existem para serem acionadas no momento certo, e foi exatamente o que ocorreu. Quando os mecanismos de monitoramento do setor elétrico, que foram implantados pelo Governo Lula, apontaram que os reservatórios se aproximavam de limites críticos, as usinas térmicas foram acionadas, as hidrelétricas foram aliviadas e os reservatórios foram preservados até que o período de chuvas voltasse.

Em resumo, tudo funcionou como planejado e como todos nós que torcemos pelo Brasil desejamos que funcione.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Nobre Senadora Serys, V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Eu não sei se é possível.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Trata-se de uma comunicação inadiável, Senador Flexa Ribeiro.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Magnânimo Presidente, serão trinta segundos.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Nós temos um discurso da Senadora Serys...

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Eu aguardo até ela concluir.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Senadora, fica a seu critério. Logicamente...

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Concederei o aparte, desde que seja breve, porque o meu tempo é pouco. Eu estou numa comunicação inadiável.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – É anti-regimental. É melhor que V. Ex<sup>a</sup> conclua o seu discurso.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Conclua, que falarei ao final, se V. Ex<sup>a</sup> permitir.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Em resumo, tudo funcionou como planejado.

Assim, todos os brasileiros devem ficar muito tranquilos, pois o sistema elétrico está funcionando muito bem, sem razões para sobressaltos.

É importante perceber que os alarmistas preocupam-se apenas com seus interesses mesquinhos e individuais. De um lado, vendem análises em que prevêem crises profundas de abastecimento. Depois, promovem seminários vendendo soluções para as crises que previram.

De outro lado, as previsões de crise fazem oscilar as bolsas de valores. Essas oscilações provocadas se prestam preciosamente para especuladores fazerem fortunas de um dia para o outro.

A cada nova crise anunciada, o Brasil deveria imediatamente se perguntar: quem está ganhando com isso? Hoje, ninguém vem se explicar e prestar contas ao Brasil. Ninguém! Seguidamente acontecem análises e previsões de crises equivocadas. E, depois que os equívocos se sanam, ninguém vem se pronunciar a respeito.

Por fim, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores, quero registrar, com toda a satisfação, que o Presidente Lula está no caminho certo, inclusive no setor energético.

Eu diria que nós precisamos ter mais cautela ao buscar informações a respeito de determinados problemas que, às vezes, parece que vão ocorrer. Faz-se aquele alarmismo, como ocorreu com o setor energético, mas, de repente...

A questão da energia hidráulica está sanada. Está chovendo. Aliás, dizia a Senadora Fátima Cleide há pouco que, se cair mais água no rio Madeira, ele não agüentará. Lá em Mato Grosso também está tudo cheio. Quer dizer, houve um falso alarmismo, até porque temos termoelétricas para funcionar exatamente nesses momentos de possíveis crises. Elas funcionaram perfeitamente, pelo menos no meu Estado, que sempre teve dificuldade de energia. Não tivemos problema algum lá e, até onde sei, no Brasil todo.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte, Senadora, ao final?

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Permito.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Primeiro, quero parabenizar V. Ex<sup>a</sup> pela dedicação e pela forma determinada como defende o Governo do PT. No entanto, quero que V. Ex<sup>a</sup> faça uma correção até por dever de justiça: V. Ex<sup>a</sup> se esqueceu de agradecer a Deus.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – A chuva.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – A primeira palavra de V. Ex<sup>a</sup> deveria ser a Deus, agradecendo-o por ter permitido que as chuvas caíssem e viessem em socorro do Presidente Lula e de todos os brasileiros, para que não tivéssemos problemas de racionamento de energia. V. Ex<sup>a</sup> deveria ter dito também quantos mil *megawatts* o Governo Lula implantou nesses seis anos de Governo.

*(Interrupção do som.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Senador Flexa Ribeiro, estou desligando o microfone para esclarecer que, durante a comunicação inadiável, não é permitido aparte. E não podemos ser injustos, por exemplo, com o Senador Sibá Machado, com a Senadora Fátima Cleide e, principalmente, com os

demais oradores. Há trinta oradores inscritos, mais seis aqui, são trinta e seis. Não podemos aproveitar de um momento e tirar o direito dos próximos oradores. Portanto, peço que V. Ex<sup>a</sup> encerre, com brevidade, o seu aparte.

Darei mais um minuto à Senadora Serys, para que S. Ex<sup>a</sup> encerre o seu pronunciamento, e peço a compreensão dos demais Senadores.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Agradeço a gentileza do Presidente e da Senadora. Concluo dizendo que vou, depois, conversar com V. Ex<sup>a</sup> para pegar algumas informações, saber quantos mil *megawatts* foram construídos. E todo esse processo que deu resultado agora foi feito nos Governos do PSDB.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Como ainda tenho um minuto, concedido por gentileza do nosso Presidente, Senador Papaléo Paes, com certeza, Senador Flexa Ribeiro, agradeço o seu aparte, vou lhe passar esses dados, e vamos discutir nesta tribuna, em horário de discussão, porque o meu tempo agora realmente é muito exíguo.

Quero dizer que, com certeza, Deus está do lado do Presidente Lula. E São Pedro deu uma força. Deus está do lado do Presidente Lula porque ele está do lado do povo brasileiro. Com certeza, Deus está do nosso lado.

Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Obrigado, Senadora Serys Slhessarenko.

**A SRA. FÁTIMA CLEIDE** (Bloco/PT – RO. Pela ordem. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

Sr. Presidente, apenas para informar ao Plenário desta Casa que sou portadora de um exemplar, que ganhei hoje, para trazer ao Presidente desta Casa, Senador Garibaldi Alves Filho, da síntese do seminário que está ocorrendo hoje no Hotel Nacional, organizado por diversas entidades indígenas do Brasil, que conta também com a participação de representantes indígenas de outros países da América Latina. O documento chama-se “Um olhar indígena sobre a Declaração das Nações Unidas”.

Também sou porta-voz do agradecimento que as entidades indígenas brasileiras, especialmente a Coiab, o Cir e a Apodi, fazem ao Senado Federal, por ter sido esta Casa o primeiro órgão a fazer a tradução da Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas.

Sr. Presidente, passo às suas mãos o exemplar, cuja dedicatória diz o seguinte: “Para o Senador Garibaldi Alves, Senado Federal, Brasil. Para que sejam respeitados e se façam valer nossos direitos como povos.”

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> pela importância da comunicação que V. Ex<sup>a</sup> faz e por participar de tal seminário. Entregarei ao Presidente Garibaldi Alves Filho o livro que V. Ex<sup>a</sup> entrega à Mesa neste momento.

Muito obrigado.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Sr. Presidente, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Pela ordem, tem a palavra o Senador Flexa Ribeiro.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Peço a V. Ex<sup>a</sup> minha inscrição pela Liderança da Minoria. Depois encaminharei a documentação.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – V. Ex<sup>a</sup> é o quarto inscrito como Líder. Agora, pela Liderança do PSB, fará uso da palavra o Senador Antonio Carlos Valadares e, em seguida, como orador inscrito, o Senador João Tenório.

**O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES** (Bloco/PSB – SE. Pela Liderança. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, quero chamar a atenção para um fato que, embora não seja novo e seja relativamente conhecido, deveria merecer, do meu ponto de vista, a mais forte atenção da opinião pública, dos governantes e das autoridades do setor agrícola, a começar de todos nós, homens públicos. Trata-se da questão da agricultura orgânica ou agroecologia.

Existe um abuso no uso dos agroquímicos, e é mais ou menos do conhecimento geral aquele fato de que, na agricultura dominante tradicional, baseada em pesticidas e agrotóxicos, um simples tomate sofre de trinta a quarenta aplicações de produtos químicos – produtos altamente nocivos para o nosso sangue e o nosso sistema nervoso – ao longo de apenas uma safra. Ou seja, o tomate que chega ao nosso prato, com aquela aparência de saúde, de qualidade, é pouco mais do que um coquetel químico. Ele foi contaminado dezenas de vezes com substâncias que são venenos ativos contra a nossa saúde.

A conclusão, Sr. Presidente, é que estamos diante de uma flagrante contradição. Ou seja, quem vai atrás das hortaliças, dos legumes e das frutas vai atrás de saúde, de qualidade de vida, de natureza; no entanto, onde vai estar a saúde? Onde vai estar a qualidade de vida, se a planta, as folhas e os frutos que aquele vegetal produz, se o solo e as águas que o cercam estão tomados por produtos de grande poder tóxico, verdadeiros venenos?

É a partir dessa preocupação que venho me batendo há anos – e, desde que fui governador do Estado de Sergipe, pus em prática medidas positivas nesse sentido – em defesa da agricultura orgânica,

em defesa da criação de novos hábitos por parte do consumidor, de hábitos e de produção agrícola que levem a uma mudança sustentada do mercado, que conduzam a uma revolução tão silenciosa quanto profunda na produção agrícola e na qualidade de vida da coletividade. Quem não sabe que o custo ambiental da velha agricultura química e poluidora é altíssimo? Este é outro ponto que jamais devemos deixar de levar também em conta.

Hoje se sabe que já há uma tendência crescente ao consumo de produtos orgânicos, o que leva, automaticamente, a um incentivo à agricultura orgânica e à promoção do pequeno produtor. Nos Estados Unidos, a fatia chamada orgânica já alcança patamares gigantesco se comparada com a nossa. Na Europa também. Nos Estados Unidos, o crescimento do consumo de alimentos orgânicos tem sido de 20% ao ano, sendo que, lá, apenas uma rede de supermercados, a Whole Foods, dedicada exclusivamente aos orgânicos, já movimentava US\$4 bilhões por ano. No mundo, são mais de US\$30 bilhões. E, para que se tenha uma idéia, no Brasil, o faturamento gira em torno de US\$100 milhões, muito pouco, pouquíssimo diante da nossa população e da nossa classe média, da nossa necessidade. No Brasil, já existe certo avanço, é verdade, lento, mas já evidente, nas gôndolas de alguns supermercados e no consumo de hortaliças orgânicas, que vem crescendo. Desde o início dos anos 90, o crescimento do setor de orgânicos, só no Pão de Açúcar, foi de 21%. No entanto, como eu disse, é um processo lento.

Sr. Presidente, por meio simplesmente das leis de mercado, a agricultura orgânica, que conta com pouca tradição, pouco amparo das universidades públicas e pouca divulgação na mídia, não andar a passos rápidos, e ela precisa andar a passos rápidos. Câncer, doenças degenerativas, como a hipertensão, infarto e derrame podem ser prevenidos, em certa medida, pela boa alimentação, que se baseia no uso de hortaliças saudáveis. Isso já é unanimidade em certos meios médicos.

Portanto, é preciso que regulamentemos uma lei que já existe, que foi recentemente aprovada no Brasil, para que o setor possa andar em bases firmes e legais, de forma que a certificação de produtos, a qualificação de produtores, o volume e o barateamento da produção possam ser alcançados em curto prazo.

Sr. Presidente, quero me referir a um projeto que apresentei – está em andamento nesta Casa – alterando a Lei Agrícola Brasileira, de forma a instituir a concessão de incentivos especiais aos produtores rurais que adotarem o sistema orgânico de produção agropecuária.

Tem razão o ex-Ministro Roberto Rodrigues quando apela na mesma direção, quando defende que se dê uma oportunidade à agricultura orgânica, assim como foi dada à outra, à agricultura tradicional.

Nos Estados Unidos, Sr. Presidente, a regulamentação legal do diploma que trata da agricultura orgânica foi concluída em 2002, mas a lei foi traçada desde 1990. E na Europa a legislação foi consolidada em 1991. Temos que andar a passos mais rápidos.

Sr. Presidente, a lei brasileira estabeleceu a necessidade de um regulamento. Para fazê-lo, foi criada, em 2004, a Câmara Setorial da Agricultura Orgânica, composta de representantes da área e do Governo, no âmbito do Ministério da Agricultura. Depois de dois anos, a Câmara Setorial preparou um decreto, negociado entre as partes todas, inclusive os diferentes órgãos do Governo, que, já assinado pelo então Ministro da Agricultura, aguarda assinatura de outros Ministros para publicação. É o que eu estou sabendo. O Ministro da Agricultura já assinou. Mas o decreto só poderá ser publicado depois da assinatura dos demais Ministros.

Quero acrescentar e insistir na tese de que a agricultura orgânica é importantíssima por várias razões: ela é de mais baixo custo ambiental (ajuda a reter mais água e mais carbono no solo), ela gera um círculo virtuoso, já que quem consome orgânicos também apóia plantações sem agrotóxicos, apóia o uso racional da água e tende a estimular a preservação ambiental, ou seja, métodos agrícolas que permitem ao solo criar sua própria defesa.

É preciso que, no nosso País, esse setor saia definitivamente do gueto, que pesquisas sejam divulgadas, que o pequeno produtor seja amparado, que o intermediário encarecedor de preços seja inibido, que as feiras diretas do produtor ao consumidor sejam apoiadas, incentivadas, em todos os sentidos. Inclusive, aqui em Brasília, existem feiras livres só de produtos orgânicos.

Vários produtos orgânicos, como certas folhagens, já são de preço igual ao produzido com agrotóxicos, o que é um bom sinal, o que mostra que, com o apoio logístico, de recursos e de pesquisa por parte do Governo, poderemos chegar ao ponto ótimo, àquele patamar onde o produto será bom e barato ao mesmo tempo, ao contrário de hoje, quando o barato sai caro.

O baixo custo das hortaliças com agroquímicos termina saindo caro para quem as consome, para um sistema de saúde pública que acolhe os enfermos por agrotóxicos e resulta ser de altíssimo custo ambiental, com os nossos solos, os nossos ares e as nossas águas sendo cumulativamente envenenados por toneladas e toneladas de venenos.

Sou completamente a favor de iniciativas que permitam mudar esse quadro.

Aqui eu cobro do Governo, mais uma vez, que a regulamentação da lei que trata dos produtos orgânicos seja feita imediatamente. Esse não é só o meu pensamento, mas o pensamento de todos aqueles que pensam em saúde e melhoria da qualidade de vida do povo brasileiro.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Muito obrigado, Senador Antonio Carlos Valadares, que fez uso da palavra pela Liderança do PSB.

Concedo a palavra ao Senador João Tenório, por permuta com o Senador Renato Casagrande, por 10 minutos.

**O SR. JOÃO TENÓRIO** (PSDB – AL. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, primeiro, gostaria de agradecer ao nosso prezado Senador Casagrande a gentileza de, em função de um compromisso que eu tinha mais cedo, permitir a permuta que me leva ao pronunciamento deste momento.

Gostaria também de pedir licença ao Senador Cristovam Buarque para pegar carona em tudo aquilo que S. Ex<sup>a</sup> falou, evidentemente na mesma direção, mas em ângulo um tanto quanto diferente.

Sr. Presidente, após um ano de grandes tormentas e tensão constante, o que, de certa forma, inibiu o Senado Federal de melhor discutir e igualmente bem decidir sobre temas relevantes para a vida da nossa gente, o Congresso Nacional retoma seus trabalhos. Infelizmente o faz se deparando, mais uma vez, com um ambiente de questionamento, nesta ocasião centrado no inadequado procedimento do Poder Executivo, qual seja a utilização indevida dos chamados cartões corporativos.

Severamente grave é o fato, por suas implicações econômicas e sobretudo éticas, e traz ainda como dano colateral um efeito pedagógico. Portanto, procedente, necessário e patriótico discuti-lo à exaustão. E assim o Senado tem feito!

Entretanto, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, registro minha convicção na importância de esta Casa ter consciência de que outros equívocos e indevidos procedimentos na gestão da coisa pública provocam malefícios idênticos ou até maiores ao legítimo e necessário atendimento dos interesses desta Nação.

Assim, à semelhança do empenho e da garra ora demonstrada por este Senado para coibir e eliminar tais procedimentos, deve, sim, o Congresso Nacional proceder da mesma forma no monitoramento de tantos outros desrespeitos com aqueles que efetivamente

pagam a conta, ou seja, aquele que contribui, aquele que produz.

Devemos, sim, abominar atitudes aéticas e danosas à sociedade, por menores que sejam seus efeitos, sem deixar, entretanto, de mensurar cuidadosamente a relação de causa e efeito dos erros cometidos na gestão do lado público da vida nacional.

A Nação assiste estarecida à denúncia de que foram gastos, no ano de 2007, cerca de R\$78 milhões nos cartões corporativos. A nossa indignação é manifesta nos pronunciamentos recorrentes e qualificados que aqui temos presenciado.

Todavia, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, fatores outros igualmente nos estarecem e cobram igual indignação e atitude:

- o desprezo ao interesse público maior demonstrado pelo Governo quando, numa economia que cresceu 5% em 2007, sente-se confortável ao patrocinar aumento de seu gasto com folha de pagamento em mais de 10% no mesmo período;

- ou ainda um Governo que, desconhecendo a necessidade de criar um país competitivo, pois, competitivo é o mundo, querendo ele ou não, esbanja na contratação desenfreada de funcionários, que já ultrapassam 300 mil durante sua gestão;

- uma Administração Pública, que, segundo informações do *site* Transparência Brasil, se permite dispor de cerca de 24 mil cargos comissionados quando, a título de comparação, o Governo dos Estados Unidos possui nove mil e o do Reino Unido, apenas 300, trabalhando em funções semelhantes, mais uma vez desprezando a necessidade de ser eficiente para conduzir o País à condição de competir;

- um Governo que ousa montar uma TV pública com gasto anual estimado em R\$350 milhões, esquecendo sua obrigação de priorizar esforços para ações mais essenciais, como educação, saúde e segurança, setores que vivem submersos na mais profunda carência de recursos indispensáveis;

- uma gestão governamental que leva o País a um estado de degradação na sua infra-estrutura, fato esse causado pela mais absoluta ausência de investimento.

Só para se ter uma idéia, Sr. Presidente, o Dr. Paulo Resende, Coordenador de Logística da Fundação da Fundação Dom Cabral, estima em 4% a perda do PIB nacional em função da inexistência de um sis-

tema de logística adequado. Ou seja, cerca de R\$40 bilhões por ano.

Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, nesse momento em que os gastos governamentais novamente são contestados, em particular por força de sua utilização de forma inadequada e aética por meio dos cartões corporativos, não podemos perder de vista a necessidade, que, aliás em montante de recursos representa bem mais do que a atual discussão sobre os R\$ 78 milhões por ano, de correção de rumos na gestão dos gastos públicos.

Não podemos nos esquecer, jamais, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, de que todas essas ações governamentais danosas ao Erário se sustentam em políticas monetárias e fiscais que, de forma devastadora, submetem a economia nacional ao constrangimento de ter que conviver simultaneamente com uma das maiores taxas de juros e carga tributária do mundo.

Aliás, é notório e justo o clamor nacional pela redução dessa imensa carga tributária bem como das elevadas taxas de juros e pela necessidade de aumento no investimento público em infra-estrutura, e não há dúvida de que a melhor e provavelmente única solução para ambos é a redução do custo da máquina estatal.

A propósito, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, tenho plena convicção de que o sucesso de uma reforma tributária tão buscada, tão discutida e tão exigida pela sociedade e por esta Casa, que não resulte em ônus para o contribuinte, passa obrigatoriamente por um redesenho do Estado brasileiro.

Concluo chamando a atenção do Senado para que o rumo das investigações sobre os cartões corporativos, que, insisto, é obrigatória e fundamental, não impeça esta Casa e o Congresso Nacional...

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador João Tenório.

**O SR. JOÃO TENÓRIO** (PSDB – AL) – Com muito prazer, Senador Mão Santa.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador João Tenório, V. Ex<sup>a</sup> traz a grandeza ética de Alagoas, simbolizada por Graciliano Ramos, aquele escritor, aquele político, aquele Prefeito de Palmeira dos Índios, que foi o primeiro do Brasil a pensar em responsabilidade fiscal, que foi o primeiro Prefeito a prestar contas públicas mensais à população, combatendo o regime. V. Ex<sup>a</sup> dá ensinamentos a este Governo sobre a necessidade de austeridade. V. Ex<sup>a</sup>, com a competência de empresário vitorioso, dá também uma demonstração das dificuldades que os que querem trabalhar enfrentam neste País, pelas altas taxas de juros, pela carga tributária elevadíssima e por uma burocracia complexa. Graças a Deus chegou Wellington Salgado, que é o melhor oposicionista, porque trabalha, é empresário,

tem escola. Está em tempo de rever todo o pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup> e presentear o Governo Lula.

**O SR. JOÃO TENÓRIO** (PSDB – AL) – Muito obrigado, Senador Mão Santa. Sua experiência como homem público que fez gestões não apenas no Executivo, mas no Legislativo, uma experiência de gestão pública, homem do Nordeste acostumado com aquelas dificuldades imensas em que cada tostão é importante para a sobrevivência do nosso povo, evidentemente, é uma contribuição importante para o meu pronunciamento. Muito obrigado.

Concluo, Sr. Presidente, chamando a atenção do Senado para que o rumo das investigações sobre os cartões corporativos, que, insisto, são obrigatórias e fundamentais, não impeça esta Casa e o Congresso Nacional de se dedicarem de maneira igualmente aguerrida às demais correções também essenciais ao futuro do Brasil.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Permite um aparte, nobre Senador João Tenório?

**O SR. JOÃO TENÓRIO** (PSDB – AL) – Meu prezado Senador Flexa Ribeiro, é com muito prazer e satisfação que incorporo a sua posição em relação ao meu pronunciamento.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Quero parabenizar V. Ex<sup>a</sup> pelo seu pronunciamento para esclarecer a sociedade brasileira com relação à questão do uso indevido dos cartões corporativos. V. Ex<sup>a</sup> foi competente no seu pronunciamento e consegue passar, através da TV e da Rádio Senado, o sentimento de todos os brasileiros de querer tomar conhecimento daquilo que aconteceu, simplesmente isso. O PSDB, por intermédio do nosso Líder Arthur Virgílio, está protocolando hoje à tarde – já deve ter protocolado –, no Supremo Tribunal Federal, um processo para que haja a divulgação de todos os gastos de todos os cartões corporativos, porque a sociedade brasileira tem o direito de tomar conhecimento. Essa questão de segurança nacional para tratar de assuntos de compra de carne e de peças, isso não existe. Então, quero parabenizá-lo pela preocupação e pela defesa que V. Ex<sup>a</sup> faz da questão da ética e da honra no serviço público.

**O SR. JOÃO TENÓRIO** (PSDB – AL) – Obrigado, Senador Flexa Ribeiro.

Concluo, Sr. Presidente, repetindo que é preciso que esta Casa se preocupe, busque explicações suficientemente convincentes para o caso em si, mas é necessário também que esses desvios de conduta, às vezes com conseqüências muito mais graves para o andamento da vida nacional, sejam igualmente monitorados, de forma que possamos corrigir pouco a pouco os desvios que tanto comprometem o bem-estar da sociedade brasileira. Muito obrigado.



**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– Obrigado, Senador João Tenório.

Pela ordem, Senador Osmar Dias.

**O SR. OSMAR DIAS** (PDT – PR. Pela ordem.

Sem revisão do orador.) – Solicito a inscrição para falar em nome da Liderança do PDT, com a anuência do Líder Jefferson Péres.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– V. Ex<sup>a</sup> está inscrito, lembrando que, pela ordem, estão os Senador Flexa Ribeiro e Sibá Machado e V. Ex<sup>a</sup>, pela Liderança.

Concedo a palavra ao nobre Senador Mário Couto, por cessão do Senador Jayme Campos.

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB – PA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, mesmo com dificuldade, devido a uma cirurgia que fiz na boca, quero usar a tribuna deste Senado, agradecendo inicialmente ao Senador Jayme Campos, que me concedeu o seu horário para que eu possa expor fatos que, com certeza, interessam à sociedade brasileira.

Quero também, Senador João Tenório, seguir a linha que V. Ex<sup>a</sup> adotou aqui, nesta tribuna, ainda há pouco, com relação aos cartões corporativos ou cartões de sigilo de Estado, porque a eles ninguém tem acesso.

V. Ex<sup>a</sup>, que é um freqüentador assíduo deste Plenário, atento a cada pronunciamento, deve ter notado que, por várias vezes, este Senador denunciou desta tribuna os cartões corporativos usados pelo Governo indevidamente. Não só os cartões corporativos, mas a ganância do Governo Federal. Não é só cartão corporativo. Já falei sobre as despesas absurdas pagas pelo povo brasileiro, pagas pelo bolso do contribuinte.

Com isso nós precisamos acabar de vez, com muita autoridade, com muita autonomia deste Poder. Precisamos acabar de vez com essas ganâncias do Governo Lula. Não adianta querer passar para outros governos. Isto é comum nos políticos do PT: quando se observa alguma coisa errada, querem minimizar ou recuar a quem quer apresentar as denúncias, dizendo que também foi feito em governos anteriores. Isso é comum, Senador, muito comum.

Senador, V. Ex<sup>a</sup> é do mesmo Partido que o meu. Eu não dei autorização alguma, em meu nome, para que se fizesse acordo com o Líder do Governo em função da CPI dos cartões corporativos. Eu não dei, Senador! E não vou permitir que usem o nome do Senador Mário Couto, o nome de Senadores do meu Partido, para dizer que comungamos com determinados acordos. O que eu sei do meu Partido, o que sei do Líder do meu Partido, o que sei dos caros companheiros Senadores do PSDB é que, quando existe

uma questão importante para o povo brasileiro, para a nossa Nação, o Líder do nosso Partido, Arthur Virgílio, chama a todos os Senadores e ali sai uma decisão comum, um pensamento só. Essa é a atitude que sempre encontrei, desde que cheguei a esta Casa, no meu Partido. E tenho certeza, Senadora Marisa Serrano, de que essa é a verdade dos fatos e que não irá mudar. Nem tem por que mudar.

Por isso, Sr. Presidente, devo dizer a V. Ex<sup>a</sup> que não existe acordo. Se algum acordo foi combinado, não contou com os Senadores do PSDB. E eu me nego, sinceramente, Senadora, a fazer qualquer acordo relativo ao assunto dos cartões corporativos.

Temos, sim, de ir a fundo! Temos, sim, de mostrar a verdade à população brasileira, que paga impostos, Senadora!

Sabe quanto, Senadora, o Governo paga nesses cartões? Sabe quanto pagou em 2007, Senadora? Pagou R\$75 milhões. De onde veio esse dinheiro, Senadora? Foi da classe média, que está amassada, abandonada, desprezada. É essa classe média sofrida que está pagando os cartões corporativos, que nem fiscalização podem ter do Tribunal de Contas da União. Isso é uma vergonha nacional.

E quando Ministros são pegos, aí eles devolvem o dinheiro. Isso já se tornou comum desde a Benedita. Lembram da Benedita? Quando pegaram a Benedita, ela logo devolveu o dinheiro. E assim os outros Ministros, meus caros Senadores e Senadoras, quando são pegos em determinadas falhas, imediatamente correm para devolver o dinheiro público, o dinheiro que tiram por meio dos impostos, do cidadão brasileiro. Cartões corporativos que como mostrei aqui são usados a cada semana com compras supérfluas: bebidas, supermercados, material gráfico, festas, festas palacianas, pagas com dinheiro público, com dinheiro do povo, com cobranças de impostos.

O Brasil, Presidente, entre todos os países emergentes, em desenvolvimento, é o que mais cobra imposto do seu contribuinte, do seu filho brasileiro e brasileira. E este dado é importante para que todos aqueles brasileiros e brasileiras possam saber o que já pagaram de imposto neste ano. Em 2008, de 1º de janeiro a 25 de janeiro, foram R\$70 bilhões, Senador Jayme Campos. Foram R\$70 bilhões! E gastam com os cartões corporativos e proíbem os tribunais de fiscalizar, alegando que é sigilo de Estado.

Teremos de tomar providências mais enérgicas. Em média, Senador Flexa Ribeiro, cada brasileiro e brasileira já teve de pagar R\$345,00 de 1º de janeiro a 25 de janeiro deste ano; cada brasileiro e brasileira vai pagar este ano mais de R\$5 mil de impostos e taxas, saídos dos seus bolsos. A classe média, dos doze

meses que vai trabalhar este ano, mais da metade será para pagar impostos, mais da metade do seu trabalho; mais de seis meses durante o ano a classe média vai ter de tirar do seu salário para pagar imposto. Como vive alguém da classe média hoje? E haja o Governo Lula a gastar nos cartões corporativos. E quer mais! E quer mais: quer cobrar mais imposto, quer aumentar a cobrança no imposto.

Espero, sinceramente, que este Senado, Senador Tuma – tão brilhante Senador –, faça uma CPI séria, que tenha realmente um final a favor do povo deste País; que não seja igual àquela CPI do Apagão Aéreo, em que nós militamos e trabalhamos durante meses e meses e que o Governo jogou no lixo. E o Governo jogou no lixo, porque é maioria, porque não permite que esta Casa denuncie os seus atos errados.

Aonde vamos chegar? Vamos chegar a uma CPI dos cartões corporativos que o Governo deixa apurar. Já começaram enrolando; já começaram a tumultuar. Chega o relatório como foi o do Apagão Aéreo, brilhante, feito por Demóstenes Torres, incansável no seu trabalho, e para quê?

E a população brasileira nem acesso teve a ele, nem soube do seu final. Arquivaram-no.

Saí daquela sala indignado, como se para mim fosse o último ato que fizessem neste Senado, cabisbaixo, chateado, indignado. E pode acontecer a mesma coisa com essa CPI dos cartões corporativos.

Que direito tem a Minoria? Que direito tem a Minoria de defender a população brasileira? Cobram imposto, matam o povo brasileiro, discriminam a classe média, que não existe mais, e gastam com os cartões corporativos à vontade. Qualquer um tem acesso a ele: Ministro, Ministra, secretário, secretária, funcionário, funcionária. Qualquer um tem o direito de usar.

Depois dizem que o tribunal não pode fiscalizar, porque é segredo de Estado. Que segredo de Estado é este, Senador Tuma?! Que segredo de Estado é este, Senador Tuma, se se compra bebida alcoólica, se se gasta em farra, em festa, em supermercado?! Que sigilo de Estado é este que ninguém pode saber?! Meu Deus do céu! Meu Deus do céu! É preciso acabar.

Eu peço a Deus, Senador, se depender da minha vontade, que possamos criar uma CPI digna de um Senado digno, criar uma CPI que chegue a um fim, que identifique, sim, aqueles que fazem mal à população, aqueles que não zelam pelo dinheiro público, aqueles que acham que o dinheiro público pode ser gasto de qualquer maneira, com o sofrimento e o suor do povo brasileiro. Esse povo tão sofrido, que não tem estrada, que não tem hospital, que não tem educação, que não tem segurança, que não tem nada e paga imposto. E

não se cansam de tirar, de cobrar do bolso do povo brasileiro, de brasileiros e brasileiras.

Espero, ao descer desta tribuna – Sr. Presidente, já vou descer –, que esta CPI venha, mas que venha com seriedade. Que não nos humilhem mais, que não façam com ela o que fizeram com a CPI do Apagão e outras. Não só do Apagão, mas outras! Que não façam mais, que respeitem o povo brasileiro, que respeitem este Senado. Porque este Senado é um órgão fiscalizador também, tem a obrigação de fiscalizar os gastos públicos, tem a obrigação de zelar pelo dinheiro público. E assim temos de fazer, doa a quem doer! Que não nos humilhem, Senador Flexa Ribeiro, como nos humilharam na CPI do Apagão Aéreo. Que esta CPI possa mostrar como temos razão quando aqui chegamos e denunciemos gastos do Governo Lula.

E não é só isso. Mais de R\$6 bilhões com diárias e passagens. E aqui vou tornar a repetir, vou tornar a bater, porque estou achando que, cada vez que faço isso, a coisa está vindo, a coisa vem para a evidência e quem sabe – “água mole em pedra dura tanto bate até que fura” – não se consiga trazer à tona outros fatos e não se criem outras CPIs. E assim vou fazer. Vou bater duro novamente neste ano, doa a quem doer! Não tenho medo de nada! Tenho meu mandato limpo e muito limpo, e não tenho medo de nada. Posso até aborrecer amigos. Eles que me perdoem.

Sr. Presidente, muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Muito obrigado, Senador Mário Couto.

Concedo a palavra ao nobre Senador Efraim Moraes, pela Liderança da Minoria. Em seguida, fará uso da palavra, como orador inscrito, o Senador Flexa Ribeiro, por permuta com o Senador Heráclito Fortes.

**O SR. EFRAIM MORAIS** (DEM – PB. Pela Liderança da Minoria. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores, tramita no Congresso Nacional medida provisória que tem um nobre propósito e uma estratégia má para alcançá-lo. Refiro-me à medida provisória que proíbe a comercialização de bebidas alcoólicas em rodovias federais, acrescentando esse dispositivo ao Código de Trânsito Brasileiro.

Não há dúvida, Sr. Presidente, de que é preciso reduzir o índice de acidentes em nossas rodovias – e no trânsito brasileiro em geral –, cujas estatísticas são aterradoras e indicam que há uma verdadeira guerra civil em nossas ruas e estradas.

O consumo de álcool com certeza é um dos fatores (possivelmente o maior) que alimentam nossa tragédia rodoviária – e é preciso ser contido com medidas severas que cheguem mesmo à prisão e à implacável cassação de licença do faltoso.

O problema, Sr. Presidente, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Senadores, porém, é que a providência que a medida provisória a que me refiro estabelece é simplória, ineficaz e gera danos colaterais desnecessários.

Proibir a venda de bebidas alcoólicas nas rodovias não inibirá o seu consumo. Pode ter certeza, Sr. Presidente, Senador Papaléo Paes.

Se a proibição pura e simples gerasse resultados, a Lei Seca, que vigorou entre as décadas de 20 a 30 nos Estados Unidos, teria reduzido os índices de consumo de bebidas alcoólicas naquele país, quando, na realidade, produziu o inverso: o aumento do consumo.

Sr<sup>as.</sup> e Srs. Senadores, além de não reduzi-lo, a proibição gerou um submundo criminoso em torno de sua comercialização clandestina, tal qual ocorre hoje em relação às drogas ilegais.

Senador Mão Santa, a ineficácia daquela medida nos Estados Unidos fez com que o governo refluísse daquela estratégia, legalizasse o consumo do álcool e passasse a regulá-lo e a fiscalizá-lo, sobretudo no trânsito. E a palavra-chave é justamente esta: fiscalização. Fiscalização implacável.

O que antevemos em relação a esta medida provisória é que fará com que a fiscalização se concentre no alvo errado – os proprietários de bares e restaurantes de beira de estrada, em geral, pequenos comerciantes – e negligencie e reflua do alvo verdadeiro: os motoristas.

Quem tem o hábito de consumir álcool e dirigir é acima de tudo irresponsável – e não se sentirá inibido com a restrição da venda de bebidas alcoólicas nas estradas.

Viajará munido de seu próprio estoque ou se servirá de um comércio clandestino que fatalmente se instalará em face da proibição.

Não havendo fiscalização sobre os motoristas – e sim sobre os comerciantes –, é previsível que o que se quer resolver (o índice de acidente por embriaguez) não se resolva.

Em contrapartida, terão seu legítimo direito de consumidor duramente restringido os que habitam vilarejos e cidades à beira de estradas, que se servem desses pequenos bares e restaurantes que margeiam as rodovias. E os pequenos comerciantes, que têm nesse quesito um dos fatores básicos de seu rendimento, serão também atingidos em suas economias, que, de passagem se diga, Sr. Presidente, já não são grande coisa.

Não estou aqui, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Senadores, como é óbvio, a defender o consumo de bebidas alcoólicas. Estou de pleno acordo com os objetivos desta medida provisória, de reduzir os índices de acidentes nas

estradas, que têm sido fator de numerosas tragédias, sobretudo no período de festas, férias e feriados.

Penso, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Senadores, porém, que não bastam boas intenções para que um desafio seja superado. Ao contrário; de boas intenções, diz o ditado, pavimenta-se o caminho para o inferno.

É preciso, pois, que haja reflexão mais profunda em torno desse tema, que é complexo e de fundamental importância para o País. Não estou aqui, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Senadores, a exercer o papel opositor predatório em relação a uma proposta governamental. Creio que o papel da Oposição é também o de contribuir para o aprimoramento de propostas, venham de onde vierem, do Governo ou de seus próprios correligionários.

Escuto V. Ex<sup>a</sup>, Senadora Marisa, com muito prazer.

**A Sr<sup>a</sup> Marisa Serrano (PSDB – MS) – Obrigada,** Senador Efraim. Este é um tema que cala fundo em todos nós, na população brasileira, em todos aqueles que, de uma forma ou de outra, tiveram alguém de sua família, algum ente querido, que passa por problema de drogas, de álcool, que por um acaso tenha sido vitimado por questões dessa ordem. Eu quero dizer a V. Ex<sup>a</sup> que este é um problema que preocupa todo mundo. Eu sou autora de um projeto de lei justamente tentando regulamentar um pouco o uso da bebida nas zonas urbanas pela juventude de nosso País. Os jovens estão bebendo cada vez mais cedo: crianças de dez, onze, doze anos se embebedando. É comum vermos crianças andando pela rua com latinhas de cerveja, de bebida mais pesada, e é algo que precisamos fazer, é necessário que se faça. É claro, evidente, que não vamos copiar somente o que os outros países fazem, mas, na maioria dos países esclarecidos, as pessoas não podem sequer andar com uma lata de cerveja na rua, ainda mais uma criança de dez, onze, doze anos. Se nós queremos organizar este País, se queremos que as famílias tenham um pouco mais de tranquilidade, é dever de todos nós achar uma saída. Agora, V. Ex<sup>a</sup> tem razão, não adianta haver lei, proposta se não houver fiscalização, se não houver controle, como nós estamos vendo hoje, no caso dos capacetes dos motoqueiros. Lança-se; daqui a pouco, tira-se. Não há fiscalização, não há competência para isso, principalmente numa questão como esta, das bebidas, que envolve naturalmente grandes interesses econômicos e que fica muito mais difícil nós acompanharmos. Mas quero dizer que dou todo apoio ao seu questionamento de hoje, dizendo que realmente é uma questão muito séria, muito grave, que precisa ser levada a contento, mas também que haja, de outra parte, uma fiscalização efetiva e gente capacitada para resolver os problemas nas estradas, porque, senão, essa lei já vai nascer morta e, depois, vai ser muito difícil ressuscitá-la. Muito obrigada.

**O SR. EFRAIM MORAIS** (DEM – PB) – Eu agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Senadora Marisa Serrano. Devo dizer que, em função do projeto de V. Ex<sup>a</sup> e os de Parlamentares, tanto da Câmara dos Deputados quanto do Senado, vamos aproveitar esta medida provisória para, de uma vez por todas, pensarmos juntos, trabalharmos juntos, estudarmos a matéria profundamente para chegarmos à uma conclusão, que é lógica: fiscalização implacável aos motoristas. Esse é que tem que ser o caminho em relação à questão de bebidas nas estradas.

Concedo a palavra ao Senador Mão Santa e, em seguida, ao Senador Marcelo Crivella.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador Efraim Morais, V. Ex<sup>a</sup>, atento, traz a esta Casa a sua formação profissional, de engenheiro. Eu queria contribuir com a minha experiência. Olha, eu observei em *Miami Beach*, onde eu fico em um hotelzinho. Próximo a ele tem um posto de táxi com motoristas brasileiros e brasileiras, Senador Papaléo Paes. Eles ficam lá uns 20 anos para se aposentar e depois vir. Então, eu pego táxi sempre lá. Conversando com um deles, um motorista brasileiro, eu perguntei: “Vem cá, é melhor trabalhar de dia ou de noite? Ele disse: “De noite, porque de noite ganha-se muito mais”. E eu fui além: “Mas como, se em cada casa que passamos aqui em *Coral Gables*, cada americano tem quatro carros, cinco carros? Como é que você vai ganhar de noite?” Ele disse: “Pelo contrário, de noite é que é bom. Jamais, jamais, jamais um norte-americano sai de noite no seu carro quando ele vai jantar fora, porque, se ele vai jantar fora, ele vai tomar qualquer bebida. Então, de noite é que ele nos chama. A gente vai buscá-los e vai deixá-los”. Quer dizer, deve ter tido uma fiscalização, mas eles se conscientizaram pela educação. Então, é isso que nós temos de verificar. Jamais eles vão sair nos seus carros; eles têm quatro carros em casa, mas eles chamam o taxista, se eles vão jantar fora, porque, ao jantar fora, eles vão beber. Nós temos de refletir sobre isso também para educar o povo brasileiro: quem dirige carro tem responsabilidade.

**O SR. EFRAIM MORAIS** (DEM – PB) – Senador Mão Santa, agradeço o aparte de V. Ex<sup>a</sup> e o incorporo na íntegra ao nosso pronunciamento.

Senador Crivella, ouço V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – Vou ser breve, Senador Efraim. Aqui, nesta Casa, nós discutimos, durante três anos, Senadora Marisa Serrano, três anos, um projeto semelhante a esse, que recebeu um relatório do Senador Tasso Jereissati. Vieram para cá os donos de postos de gasolina, vieram para cá os donos de restaurantes, das companhias de ônibus, as televisões, as rádios e, sobretudo e principalmente, os fabricantes de bebida alcoólica. E durante três anos

se debateu o projeto; três anos, Senador Efraim. Foi aprovado e mandado para a Câmara. O que dizia o projeto, depois de ter ouvido esse povo todo? Dizia o seguinte: fica proibida a venda de bebida pronta para o consumo...

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – ...a outra não, e não se estende isso para as áreas urbanas. Infelizmente, infelizmente... Aliás, não é só o Governo do Brasil, os governos todos ultimamente, com essa correria da globalização, atropelam o Legislativo, porque fazer uma lei demora. É preciso ouvir todo mundo. São três anos. As pessoas vêm aqui, reclamam, defendem seu ponto de vista, até que se tenha um projeto que deve ir para a Câmara e tramitar em muitas comissões, e, aí, tem-se uma lei boa. Hoje temos uma medida provisória que atropelou o processo e que conta com muitas decisões judiciais contrárias a ela, o que faz com que perca o seu feito. Queria lembrar a V. Ex<sup>a</sup> que, quando se atropela o projeto legislativo, temos uma lei deformada, uma lei atropelada, uma lei que ao final não cumpre o seu objetivo. Desculpe-me, mas era esse o aparte que eu queria fazer.

**O SR. EFRAIM MORAIS** (DEM – PB) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Marcelo Crivella. Devo dizer que V. Ex<sup>a</sup> tem razão. O repúdio a esse atropelamento, tão enfatizado pelo nosso Presidente Garibaldi na abertura desta legislatura, tem sentido porque as leis estão aí para serem votadas. Os projetos existem, mas nós é que não votamos. Agora, não podemos culpar ninguém. O que está acontecendo é que o Congresso não está votando. Se se vota nesta Casa, se pára na outra, ou vice-versa. Essa que é a verdade. Agora, muitas vezes, o Governo é que tenta enganar o povo com medidas provisórias. Por que houve excesso de acidentes nas estradas? Porque as estradas estão esburacadas, porque, quando o Governo fez o famoso tapa-buraco, ao cair as chuvas, novamente tivemos buracos. Aí, uma medida provisória é editada para desviar a atenção da sociedade, da população. Essa que é a verdade. A medida provisória está valendo exatamente para assuntos como esse. Acontece a mesma coisa com a Petrobrás. Toda vez que há um escândalo na Petrobrás, tem um poço novo; de repente, aparece excesso de gás, alguma novidade. Nesses dias, vai ser lá na Paraíba, porque já estão descobrindo petróleo no alto sertão da Paraíba. Assim, no próximo escândalo, se Deus quiser, esse poço aparece lá pela Paraíba.

Senador Valter Pereira.

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – Senador Efraim Morais, estava acompanhando o pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup> em meu gabinete, mas não pude me conter

de aqui vir fazer-lhe um aparte. O pronunciamento que faz, nesta tarde, embora revestido de grande responsabilidade e pronunciado por um militante da Oposição, está laborando no caminho do equilíbrio. Efetivamente, a medida adotada pelo Governo, no mérito, é boa, pois objetiva pontualmente estancar o uso imoderado de álcool. E o resultado adotado foi primoroso. A Polícia Rodoviária Federal colheu excelentes resultados da operação que se desenvolveu. Todavia, é preciso observar, em primeiro lugar, que o maior sucesso da PRF se deu exatamente no exame da viatura, no armazenamento da bebida e, sobretudo, na embriaguez que não foi necessariamente obtida ali naquele bar, naquele restaurante da rodovia.

*(O Sr. Presidente faz soar a campainha.)*

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – Por quê? Porque, na verdade, em muitos dos veículos foram apreendidas as bebidas. Tem razão o Senador Tuma, o motorista carrega a bebida dentro do veículo. Entendo que há um vício de constitucionalidade, pois essa medida não preenche os requisitos do art. 62 da Constituição, que prevê a utilização da medida provisória e, talvez por isso, a Justiça já está concedendo liminares. Ainda hoje, se V. Ex<sup>a</sup> folhear os jornais, vai encontrar liminar concedida a uma rede de supermercados. Por quê? Porque começou mal o processo. A medida provisória é para atender emergências. O art. 62 é claro...

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – ... estabelece dois requisitos fundamentais: o da urgência, que é o que deveria se enquadrar nesse caso, mas que não é urgente, porque o Governo está instalado aí há cinco anos. Portanto, ele teve cinco anos para mandar um projeto de lei para o Congresso Nacional aprovar. E a relevância? A relevância até é defensável. Agora, se tivesse mandado para o Congresso, muito provavelmente o Congresso ia estudar, por exemplo, o impacto desta medida naqueles municípios onde as rodovias atravessam o perímetro urbano. Aí é que está o problema. Estamos pretendendo um resultado na rodovia e, no entanto, no perímetro urbano, onde há hotéis, onde há motéis, ...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Peço ao Senador Valter Pereira...

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – ...onde há padarias, todos esses estabelecimentos estão abrangidos. Portanto, V. Ex<sup>a</sup> está certo. Essa medida provisória deverá vir para cá e aqui deverá ser arrumada, ser melhorada, porque, do jeito que está, causa pre-

juízos a uma infinidade de pessoas físicas e jurídicas que não estão contribuindo para os acidentes nas estradas, mas que estão afetando as próprias receitas e de municípios que são cortados por essas rodovias federais. Parabéns a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. EFRAIM MORAIS** (DEM – PB) – Eu que agradeço. E peço a V. Ex<sup>a</sup> dois minutos para concluir, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Senador Efraim, peço a V. Ex<sup>a</sup> que conclua seu discurso e não permita mais apartes.

**O SR. EFRAIM MORAIS** (DEM – PB) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>. Vou cumprir o que determina V. Ex<sup>a</sup>.

Agradeço o aparte de todas as Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores.

Devo dizer, Sr. Presidente, que o Senado é a Casa da Federação – e o drama do trânsito é hoje um drama federal, que atinge, sem exceção, todos os Estados do País, vitimando em escala impressionante milhares e milhares de brasileiros. Morrem aqui, sobre rodas, tantos quantos morrem em países conflagrados por guerras – como Iraque e Afeganistão.

Por isso, é preciso fazer algo, sem dúvida nenhuma, para reverter esse cenário macabro.

Louvo, por isso mesmo, a iniciativa do Governo Federal de tratar da questão, mas faço e reitero essas ponderações.

Não tenho dúvida de que o investimento maior, mais intenso e severo, deve se dar no campo da fiscalização. É preciso ampliar o quadro dos policiais rodoviários, equipá-los melhor e dar-lhes melhores condições de trabalho.

E é preciso rigor nas punições. A impunidade, que tem sido uma constante em nosso País, estimula vândalos e irresponsáveis.

Uma fiscalização severa, não tenho dúvida, é o mais eficaz fator inibidor ao uso do álcool, nas estradas e nas cidades.

Se as estradas constituem hoje fonte de produção de sistemáticas tragédias de trânsito, parece óbvio que carecem de maior e mais eficaz fiscalização por parte do Estado.

Srs. Senadores, é preciso que Governo Federal e administrações estaduais e municipais se articulem para agir conjuntamente na reversão desse quadro. Caso contrário, continuaremos a purgar os efeitos dessa guerra civil não declarada, que nos infelicitava e envergonha perante o mundo civilizado.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs Senadores, são estas as minhas avaliações e estou certo de que o Senado Federal, independentemente de rivalidades partidárias, que não cabem em matéria como esta, há de se debruçar sobre esta Medida Provisória, para aprimorá-la

e levá-la a cumprir o que de fato objetiva: a humanização de nossas rodovias.

Obrigado a V. Ex<sup>a</sup> pela tolerância e obrigado aos Srs. Senadores que me apartearam.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– Obrigado, Senador Efraim Morais.

**O SR. JEFFERSON PÉRES** (PDT – AM) – Sr.

Presidente, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– Com a palavra, pela ordem, o Senador Jefferson Péres.

**O SR. JEFFERSON PÉRES** (PDT – AM. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, peço minha inscrição pela liderança do PDT.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– V. Ex<sup>a</sup> está inscrito pela liderança.

Concedo a palavra ao Senador Flexa Ribeiro, por permuta com o Senador Heráclito Fortes. V. Ex<sup>a</sup> dispõe de dez minutos para o seu pronunciamento.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA. Pronuncia o seguinte discurso. Com revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Papaléo Paes, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, em primeiro lugar, agradeço ao nobre Senador Heráclito Fortes por ter permutado a sua inscrição para que eu pudesse fazer uso da tribuna neste instante.

Venho a tribuna hoje, Senador Romeu Tuma, para repor a verdade, não para o meu Estado do Pará, porque a população do Estado do Pará que nos assiste pela TV Senado e nos ouve pela Rádio Senado, reconhece e sabe o que foi feito no Pará nos últimos 12 anos de Governo do PSDB e o que não está sendo feito no Pará nos 14 meses de Governo do PT. É preciso que se perca um momento precioso na tribuna para esclarecer o resto do Brasil.

Senador Papaléo Paes, que preside a sessão neste instante, solicitei a inserção nos Anais do Senado da carta aberta à população, publicada pelo ex-Governador Simão Jatene, no último domingo, dia 10 de fevereiro, no jornal *O Liberal*.

A carta foi publicada no sentido de mostrar aquilo que a população reconhece: que as inverdades propagadas pelo atual Governo não se sustentam porque não têm nenhum sentido de verdade.

Diz um trecho da carta – seu texto completo vai estar nos Anais -: “Após um ano de governo...”. Eu diria que é mais de um ano, são 14 meses. E todos nós queremos o Pará progredindo, desenvolvendo. Estamos aqui, os três Senadores do Pará, à disposição de S. Ex<sup>a</sup> a Governadora Ana Júlia, que já consumiu praticamente um terço de seu mandato, faltam dois terços apenas. E, após um ano de governo, diz o ex-Gover-

nador Simão Jatene na carta, “além do claro descompasso entre promessas, discursos e as realizações, estamos assistindo, num típico clima de campanha fora de época,...”.

Os palanques ainda não foram desarmados Senador Jefferson Péres.

Continua: “...a um festival de manifestações que tentam confundir, desqualificando tudo o que foi feito na gestão anterior, e alardeando estar entregando à população obras e serviços que já lhe pertenciam”.

Ao longo desses 14 meses, todas as obras inauguradas pela atual Governadora, todas elas, foram obras deixadas prontas pelo Governo passado, ou seja, que já pertenciam à população, ou obras em fase de finalização, com 90%, 70%, mas com dinheiro em caixa, ou com financiamento garantido, para que fossem concluídas.

“Num claro esforço de torturar a realidade para que ela confesse não ser real, temos visto ser reafirmado que” – palavras da Governadora em uma propaganda oficial –, “agora sim, os hospitais regionais saíram do papel.”

Não é possível tentar enganar a população com edificações, obras físicas construídas e inauguradas desde 2006, que a população de todas as regiões do Pará já visitou. Lamentavelmente, esses hospitais ainda não estão em pleno funcionamento, sendo que o de Santarém, uma obra de R\$70 milhões, funcionam como posto de saúde para atendimento ambulatorial.

Mas é importante que se diga também, mais adiante, que a Governadora, em todas as oportunidades que tem; diz que recebeu o Estado “completamente desequilibrado, um verdadeiro caos, com mais de 250 milhões de dívidas e apenas pouco mais de 1 milhão de reais em caixa”.

Ora, eu não sei quando a Governadora fala a verdade, se é ao fazer o pronunciamento ou na publicidade. E é importante que a população do Pará saiba quanto se gastou em publicidade. Em 2007, foi gasto em publicidade muito mais do que foi gasto em publicidade pelo Governo em 2006. E, em 2006, os Parlamentares do PT criticavam o gasto em publicidade, mas gastaram mais em 2007. Como dizia, não sei se S. Ex<sup>a</sup> fala o correto na publicidade, no discurso ou quando assina os decretos, como o Decreto nº 029, de 28 de fevereiro de 2007, ou o Decreto nº 030, de 1º de março de 2007, entre outros – todos publicados no Diário Oficial do Estado. S. Ex<sup>a</sup>, a Governadora, assina o seguinte texto: “O Estado do Pará tem conseguido cumprir as metas do programa de reestruturação

e ajuste fiscal da Secretaria do Tesouro Nacional”, o que, por si só, é absolutamente incompatível com o discurso do caos.

Quero fazer um apelo à Governadora Ana Júlia – tenho certeza absoluta de que falo pelo Senador Mário Couto e pelo Senador José Nery: a Bancada do Estado do Pará, no Senado Federal e na Câmara Federal, está à disposição de seu Governo, para que possamos, sim, sair do palanque, dos discursos e partir para as ações.

O Governo passado contraiu empréstimo de R\$790 milhões e utilizou apenas R\$250 milhões; deixou contratado para o atual Governo R\$500 milhões. Com esse dinheiro, a Governadora está tocando as obras iniciadas no Governo passado – não são obras deste Governo. Além disso, o Governo passado deixou em caixa, depositados nas várias contas do Estado, R\$250 milhões, diferentemente do que propala a Governadora.

A Governadora fez uma reforma no seu secretariado. Os jornais todos do nosso Estado divulgam o caos na saúde e na segurança, o aumento da taxa de violência, o caos na educação. E a Governadora trocou agora os três Secretários. Conheço os três que assumiram: são competentes. É a Dr<sup>a</sup> Laura Rossetti, na Secretaria de Saúde; o ex-Superintendente da Polícia Federal em São Paulo, que já foi Superintendente em Belém, o Delegado Geraldo Araújo, na Secretaria de Segurança; e a Pró-Reitora de Ensino da UFPA, na Secretaria de Educação.

Espero que a Governadora possa sanear as suas dificuldades e prestar o serviço à população, porque não é possível que a imprensa divulgue que o Pará amarga fila na espera de próteses. E pior: foram transferidos para os cofres do Estado, via Secretaria de Saúde, pelo Governo Lula, no ano passado, R\$3.949.925,00 para o programa da Secretaria de Saúde destinado ao atendimento aos deficientes visuais, de audição e locomoção, e, até hoje, com o dinheiro em caixa, a Secretaria de Saúde, ou seja, o Governo do Estado não atende aos necessitados de prótese. Isso é problema de gestão, de governo, que está faltando no nosso querido Estado do Pará.

O Prefeito Duciomar Costa inaugurou uma obra com verba do Governo Federal, de urbanização da Vila da Barca. O Presidente Lula ficou de ir a essa inauguração. O que fez a Governadora? Chamou o Prefeito – obra pronta! Obra pronta! -, na véspera da inauguração, assinou um convênio com S. Ex<sup>a</sup>...

*(Interrupção de som.)*

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – ... de R\$ 31,5 milhões, sendo R\$ 3,5 milhões para aquela obra

que estava pronta e R\$18 milhões para o programa de asfalto para a cidade de Belém. Pasmem V. Ex<sup>as</sup>, porque a população do Pará já sabe: nobres Senadores, nobres Senadoras, ela pôs no jornal uma publicidade oficial, como se o Governo do Estado tivesse feito aquela obra, que já estava pronta, quando ela assinou o convênio e – pasmem mais – não repassou os recursos. Passou só R\$2,5 milhões para a Vila da Barca e não passou um centavo sequer para o programa de asfalto até hoje.

Está aqui o Deputado da base do Governo cobrando, na Assembléia Legislativa, os recursos que a Governadora ficou de repassar para a Prefeitura e não repassou. Deputado da base de sustentação da Governadora!

Gostaria muito, Senador Presidente Efraim Moraes, de vir aqui, para saudar o progresso do meu Estado. Estamos trabalhando, para que o Pará continue no caminho do desenvolvimento, melhorando as condições de vida da sua população, dos nossos irmãos paraenses em todas as regiões. Não queria vir aqui, para fazer críticas ou para pedir à Governadora que faça dos dois terços de Governo que ainda lhe restam aquilo que foi prometido na campanha e que a população do Pará espera dela.

Mais uma vez, para encerrar, Senador Efraim Moraes, coloco-me à disposição da Governadora, como Senador da República pelo Estado do Pará – tenho certeza, como disse e repito, que também o fazem os Senadores Mário Couto e José Nery –, para juntos estarmos ao seu lado. Somos oposição ao Governo, não somos oposição ao Pará. Queremos o melhor para o Pará; queremos que o Pará continue crescendo e se desenvolvendo, para que possamos ter o desafio, ao retomarmos o poder pela vontade do povo paraense, a partir de 2010, de fazer mais do que tiver sido feito nesses quatro anos de Governo do PT. É esse desafio que nós do PSDB queremos ter. Não queremos que o Estado ande para trás, não queremos que o Estado diminua o seu crescimento. Queremos que ele continue crescendo, porque, a partir de 2010, teremos o desafio de fazer com que ele cresça ainda mais, alcançando o patamar que merece no cenário nacional.

Agradeço a gentileza do Presidente Efraim Moraes.

*Durante o discurso do Sr. Flexa Ribeiro, o Sr. Papaléo Paes, Suplente de Secretário, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Efraim Moraes, 1º Secretário.*

**O SR. PRESIDENTE** (Efraim Moraes. DEM – PB) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Flexa Ribeiro.

Concedo a palavra ao Senador Jayme Campos, pela Liderança dos Democratas, por permuta com o Senador Sibá Machado.

V. Ex<sup>a</sup> dispõe de cinco minutos.

**O SR. JAYME CAMPOS** (DEM – MT. Pela Liderança. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Efraim Morais, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, volto a esta tribuna hoje, para fazer alguns comentários em relação à Medida Provisória n<sup>o</sup> 321, que vem prejudicar sobremaneira o nosso Estado de Mato Grosso, em uma demonstração de muita clarividência de que o Governo Federal lamentavelmente tem tratado alguns assuntos da Região Amazônica de forma inconseqüente, sobretudo prejudicando o desenvolvimento do nosso Estado.

Essa medida provisória leva a entender que o Governo Federal quer fechar a nossa região, ou seja, encerrar as atividades econômicas, que, em sua grande maioria, ocorrem com a produção do campo, na agricultura e na pecuária.

Há poucos dias, foram divulgados alguns dados pelo Ministério do Meio Ambiente em relação aos desmatamentos, que dizem que aconteceram conforme mostram dados do Inpe.

São dados que não têm nenhum fundamento. Divulgaram que os Estados de Mato Grosso, de Rondônia, do Acre, do Pará, desmataram, do ano passado para o ano retrasado, algo em torno de 53%. É uma inverdade, uma leviandade. Não sei de quem é o jogo que está sendo feito. Não existe nada concreto, nenhum fundamento de verdade. Essa informação foi dada pelo Governo Federal por meio, naturalmente, do Ministério do Meio Ambiente.

Venho aqui, Sr. Presidente, para dizer que, lamentavelmente, o Governo Federal não tem dado a devida atenção aos nossos problemas. Não fez sequer, nos últimos anos, nenhum investimento. Muito ao contrário, o Governo Federal tem apenas praticado políticas perversas que têm prejudicado os nossos trabalhadores e sobremaneira o setor produtivo.

Vimos aqui falar aos nossos colegas Senadores de nossa preocupação. Não podemos, em hipótese alguma, permitir que o Governo Federal, além de não tratar as coisas públicas que são certamente coisas de importância, principalmente a questão das estradas, da logística, da saúde e da educação, venha, desta feita, implantar uma política que certamente fará com que nossa região deixe de crescer, desenvolver-se e, acima de tudo, produzir alimentos para o Brasil e para o mundo.

Senador Romeu Tuma, concedo um aparte a V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Romeu Tuma** (PTB – SP) – Serei rápido, Senador. Hoje, antes de V. Ex<sup>a</sup> falar, o Senador Cristovam usou a tribuna para fazer a referência de que tudo o que se faz, daqui a um século, será marcado pela destruição, verdadeira ou não, da Amazônia. Eu, esta semana, fiz um requerimento ao Senador Renato Casagrande, que preside uma comissão especial sobre o aquecimento da terra, para uma comissão externa, representante da região de V. Ex<sup>a</sup>, do Amazonas, da comissão e de dois outros escolhidos, para, externamente, verificar o que o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) diz, *in loco*, e também o Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam) e o Sistema de Proteção Ambiental da Amazônia (Sipam), que V. Ex<sup>a</sup> sabe o que custou e as discussões que foram levadas a efeito aqui até sua aprovação. Então não existe um casamento nas fontes de informação que serviriam de orientação para o Governo tomar as providências. Fiz esta proposta – espero que seja aceita – e gostaria de vê-lo nessa comissão, na certeza de que V. Ex<sup>a</sup>, que os conhece, vai conferir se os dados estão certos ou não.

**O SR. JAYME CAMPOS** (DEM – MT) – Muito obrigado, Senador, pelo aparte. É mais ou menos nessa direção que vou dirigir o meu discurso em relação a este assunto, Sr. Presidente.

Cada geração tem o peso das decisões políticas que consegue suportar. Assim se faz a história. Aos nossos contemporâneos coube um dilema: manter o ritmo de desenvolvimento dos meios de consumo e, antagonicamente, reduzir o impacto do crescimento sobre o meio ambiente. Ou seja, produzir mais sem degradar a natureza.

Não é uma equação de resultado fácil. É uma operação complexa, porque mexe em mecanismos econômicos seculares, assentados em estruturas sociais imperturbáveis. Agora mesmo, vivemos uma situação de difícil compreensão na Amazônia. O Ministério do Meio Ambiente ameaça punir agricultores de municípios que figuram no chamado “mapa da devastação”, organizado pelo Inpe, negando-lhes o direito ao desmate, sem levar em consideração que a maioria das derrubadas na região é feita de forma clandestina.

Este tema foi tratado, nesta tribuna, de maneira brilhante, pelo ilustre Senador Geraldo Mesquita, quando denunciou a falta de aptidão do poder central para entender as singularidades da sociedade amazônica.



Alicerçado em uma reportagem do Jornalista Rodrigo Vargas, da **Folha de S. Paulo**, o nobre parlamentar acreano traça um perfil das agruras de nossa gente, não apenas no tocante à exploração indiscriminada dos recursos da floresta, mas sim da própria dureza do cotidiano da população amazônica, que vive as voltas com a falta de segurança, com as doenças tropicais e a com a ausência de políticas públicas que resultem na elaboração de um padrão econômico sustentado para a região.

Na matéria publicada pela **Folha de S. Paulo**, o chefe do escritório do Ibama em Alta Floresta, Cláudio Cazal, no norte de Mato Grosso, reconhece que sua jurisdição, mesmo possuindo um território superior à soma dos Estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, dispõe de apenas três servidores. “E sem nenhum carro” – ironiza.

De qualquer forma, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, essa questão do desmatamento na Amazônia tem que ser vista com outros olhos, nem sob o prisma exclusivo dos preservacionistas, e muito menos pela óptica devastadora dos expansionistas.

O assunto deve ser tratado com equilíbrio. Não se pode coibir a derrubada simplesmente com um decreto, como quer a Ministra Marina Silva.

Diminuiremos o desmatamento com investimento em tecnologia, em pessoal especializado, em educação e, sobretudo, com um plano de manejo que ofereça novas alternativas econômicas para os proprietários de terra e para os homens fixados na região.

Senão, persistiremos no mesmo equívoco: punindo os que cultivam o desenvolvimento e continuando desatentos aos clandestinos que desmatam criminosamente a nossa Amazônia. Sim, esses “mateiros” são criminosos e devem ser alcançados pelo braço da lei. Aos produtores que agem de forma correta, devem ser estendidos os benefícios da lei.

Atualmente, caro Senador Jefferson Péres, Mato Grosso figura como uma das grandes vítimas do desmatamento brasileiro. Nosso Estado detém o triste ranking de líder em derrubadas, com 19 municípios punidos pelo decreto do Governo Federal que proíbe o desmate em 31 deles em todo o País.

Ora, se por um lado a represália oficial parece justa, por outro demonstra a absoluta falta de perspectiva do Governo para tratar do assunto, juntando, num mesmo edito, regiões de múltiplas vocações.

Voltamos ao nosso grande dilema: como continuar produzindo sem ofender o ecossistema? É justo punir quem produz?

Não! Não! O maior legado de nossa geração será a preservação do planeta. Não apenas gritando palavras de ordem nas esquinas das metrópoles mundiais, mas, sim, estabelecendo protocolos e normas para a utilização sensata dos recursos naturais. Não punindo quem produz, mas transferindo tecnologia para o campo. Ajudando ao agricultor a cultivar com mais sabedoria. Investindo na ciência da conservação de nossos mananciais.

Para tanto, governo e sociedade precisam debater um novo modelo de fiscalização, fortalecendo entidades como o Ibama, reconhecendo o papel social dos produtores rurais e credenciando organismos privados como árbitros serenos não de uma disputa ideológica, mas da conversão de interesses comuns da sociedade nacional pela exploração equilibrada dos recursos naturais da Amazônia brasileira.

*(O Sr. Presidente faz soar a campainha.)*

Já estou concluindo, Sr. Presidente.

Este tema é por demais importante para ser tratado de forma intempestiva ou radical. Não se alteram hábitos, conceitos e cultura por decreto. O Brasil fará uma revolução no momento em que oferecer à sociedade amazônica soluções dignas e sustentáveis para sua soberania política e sua sobrevivência econômica.

Nesse sentido, Sr. Presidente, proponho a criação de uma Comissão Especial do Senado, como bem disse o Senador Romeu Tuma, para verificar, *in loco*, o risco ambiental em que vivem os 31 municípios relacionados pelo Inpe em seu “mapa do desmatamento”. Precisamos salvaguardar nosso bioma, contudo, sem condenar essas regiões ao isolamento político, à degradação moral e à asfixia econômica.

Preservar o meio ambiente é uma obrigação ética tão vital quanto buscar alternativas para um território que quer produzir um Brasil melhor.

São essas as minhas palavras, Sr. Presidente.

Era que eu tinha a dizer na tarde de hoje.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Efraim Moraes. DEM – PB)

– Com a palavra, o Senador Marco Maciel. (Pausa)

Com a palavra, o Senador Mão Santa por dez minutos. (Pausa.)

*O Sr. Efraim Moraes, 1º Secretário, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Garibaldi Alves Filho, Presidente.*

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Sr<sup>as</sup> Srs. Senadores, temos a grata satisfação e honra de receber, nesta oportunidade, o Vice-Presi-

dente da Bolívia, Álvaro García Linera, que, atendendo a convite do Senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, faz a sua terceira visita ao Brasil, no período de 12 a 14 de fevereiro.

Integram a delegação boliviana o Ministro de Hidrocarbonetos, Carlos Villegas, o Ministro da Fazenda, Luis Arce, além da Presidente da Administradora Boliviana de Estradas, Patricia Ballivián, e parlamentares do partido governista Movimento para o Socialismo.

Quero também dizer da imensa satisfação que temos de receber o Vice-Presidente Álvaro García, que vem ao Brasil para dar prosseguimento ao exame de financiamentos brasileiros e ao exame, com a Petrosbras, do fornecimento de gás para o Brasil.

Portanto, receba, Sr. Vice-Presidente, V. Ex<sup>a</sup> que é matemático de profissão, sociólogo, pesquisador social, a melhor saudação do Congresso brasileiro, mais especificamente do Senado Federal.

Retribuo a entrega que V. Ex<sup>a</sup> me fez de uma constituição boliviana, entregando a V. Ex<sup>a</sup> a Constituição da República Federativa do Brasil, que, por sinal, está fazendo vinte anos de sua promulgação.

Passo a Constituição às mãos de V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. EDUARDO SUP LICY** (Bloco/PT – SP) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Pela ordem, tem a palavra o Senador Eduardo Suplicy.

**O SR. EDUARDO SUP LICY** (Bloco/PT – SP. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, se me permite, gostaria de fazer, em nome do Partido dos Trabalhadores, uma saudação especial ao Vice-Presidente Álvaro García Linera.

Tive a oportunidade de estar com V. Ex<sup>a</sup> uma semana antes da posse do Presidente Evo Morales, em um hotel aqui em Brasília, onde tive um breve encontro com V. Ex<sup>a</sup> e com o Presidente Evo Morales. Tive também a felicidade de estar presente na posse do Presidente e de V. Ex<sup>a</sup>, logo na semana seguinte, em La Paz.

Gostaria de ressaltar quão positivamente nós, brasileiros, estamos vendo os avanços do governo Evo Morales e de V. Ex<sup>a</sup> e a extraordinária cooperação que V. Ex<sup>a</sup>, como Vice-Presidente, tem prestado ao Presidente Evo Morales em todas as circunstâncias difíceis. Inclusive, recentemente, V. Ex<sup>a</sup> dirimiu conflitos e divergências com os governadores das diversas regiões da Bolívia, que têm tido desavenças com o Governo da República da Bolívia.

Caro Vice-Presidente Álvaro García Linera, gostaria de reiterar a sugestão que formulei no sentido de

que possa a Bolívia aproveitar os recursos advindos da exploração de recursos naturais, tais como gás, petróleo, minérios e outros, para que comece, pioneiramente, a caminhar na direção de uma renda básica de cidadania. Recentemente, a Constituinte boliviana aprovou a *renda dignidad*, para todas as pessoas com idade igual ou superior a 65 anos, que passaram a ter o direito universal de receber uma renda. Isso pode ser visto como um passo na direção de que, em breve, possa a Bolívia também ter uma renda básica incondicional e universal para toda a sua população, para todos os seus habitantes. Eu, inclusive, me disponho a ajudar.

Acabo de vir do Iraque, onde fui exatamente por uma forma de democratizar e pacificar uma nação que se encontra há tanto tempo em guerra. Os membros da Assembléia Nacional do Iraque consideraram a proposta muito adequada, de bom senso. Então, quero reiterar a minha disposição junto ao Presidente Evo Morales e a V. Ex<sup>a</sup>, que tem estudado essa matéria.

Mais uma vez, cumprimento-o pelo extraordinário trabalho que tem feito para que a Bolívia se torne uma nação efetivamente justa e que a liberdade e a dignidade sejam garantidas, de fato, a todos os bolivianos.

Meus parabéns!

**O SR. INÁCIO ARRUDA** (Bloco/PCdoB – CE) – Sr. Presidente, peço a palavra, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Inácio Arruda.

**O SR. INÁCIO ARRUDA** (Bloco/PCdoB – CE. Pela ordem. Sem revisão orador.) – Sr. Presidente, também quero fazer um registro em meu nome e em nome do meu partido, o Partido Comunista do Brasil. Saúdo o nosso vice-Presidente da Bolívia, estendendo essa saudação ao povo boliviano, que busca seu caminho, o caminho da sua pátria, do seu país.

Esse esforço, buscamos realizar no Brasil. Não é simples, não é fácil constituir um projeto nacional de desenvolvimento. Vejo o esforço de Evo Morales e de V. Ex<sup>a</sup>, do partido que apóia o governo e de seus aliados, e mesmo daqueles que não apóiam o governo, mas têm consciência da necessidade de que uma nação como a Bolívia tenha seu próprio projeto.

É com a Bolívia tendo seu projeto, na nossa compreensão modesta e na do nosso partido, o Partido Comunista do Brasil, que facilitaremos o processo de integração da nossa América do Sul, especialmente o Mercosul, com seu parlamento, que se constitui agora, e do qual participamos, juntamente com nosso Secretário-Geral, Efraim Morais, que está à Mesa, acompanhando V. Ex<sup>a</sup>.

Queremos esse fortalecimento, mas temos plena compreensão de que o Mercosul só será forte se essas nações forem também fortes, se elas tiverem seus projetos, para que possam, unidas, elevar a qualidade de vida do povo da América do Sul. Esse é o nosso anseio, o nosso desejo e queremos que a Bolívia tenha esse projeto mais avançado de forma exitosa, sempre em cooperação com as nações vizinhas, especialmente com o nosso País, o Brasil.

Muito obrigado, Sr. Presidente!

Parabéns ao nosso convidado!

**O SR. JOSÉ NERY** (PSOL – PA) – Sr. Presidente...

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Com a palavra, o Senador José Nery.

**O SR. JOSÉ NERY** (PSOL – PA. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Garibaldi Alves, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, quero, neste momento, expressar nossa saudação, em nome do Partido Socialismo e Liberdade, P-SOL, à comitiva liderada pelo Vice-Presidente da Bolívia, Sr. Álvaro García Linera, bem como ao Ministro de Hidrocarbonetos, ao Ministro da Fazenda da Bolívia, ao Embaixador daquele país no Brasil e ao Embaixador do Brasil na Bolívia, que aqui se faz presente.

Quero dizer da nossa satisfação em recebê-los e saudá-los pela luta que vêm realizando em prol da autonomia e da soberania do povo boliviano. Observamos os esforços para a construção de uma Bolívia verdadeiramente integrada e que dê a atenção devida aos seus verdadeiros filhos, especialmente às comunidades indígenas do país, que, secularmente, não foram consideradas pelos sucessivos governos da Bolívia.

Portanto, quero aqui expressar nossa alegria pelas mudanças, pelas lutas, pela nova constituição que elaborou, com a participação popular, num processo inédito de construção da cidadania do povo boliviano.

Associo-me aos que aqui me antecederam, Senador Eduardo Suplicy, Senador Inácio Arruda, para me congratular com o processo pelo qual vem passando a Bolívia.

Todos nós lutamos e queremos a integração da América Latina e dos nossos povos, na perspectiva da construção de uma América Latina livre, uma América Latina em que seus povos sejam verdadeiramente respeitados.

Agradecemos a visita e desejamos o melhor êxito na condução daquele país, para o bem do povo boliviano e da integração latino-americana.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Vice-Presidente da Bolívia, Álvaro Garcia Linera, que é também o Presidente do Congresso Nacional boliviano.

**O SR. ÁLVARO GARCIA LINERA** (Vice-Presidente da Bolívia) –

**PRONUNCIAMENTO EM ESPANHOL DO EXM<sup>o</sup> SR. ÁLVARO GARCIA LINERA, VICE-PRESIDENTE DA BOLÍVIA, AGUARDANDO TRADUÇÃO PARA POSTERIOR PUBLICAÇÃO NA ÍNTEGRA.**

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Quero solicitar ao Senador Inácio Arruda, ao Senador Romeu Tuma e ao Senador Sibá Machado que conduzam o Vice-Presidente da Bolívia até a entrada do Senado Federal.

Peço desculpas por não poder integrar essa comitiva, apresentando desde logo meus agradecimentos pela sua visita, que nos honrou muito.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN) – Sr. Presidente, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Com a palavra o Senador José Agripino.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, amanhã, na parte da manhã, neste plenário, a Casa vai assistir a um debate, promovido por requerimento do Senador Eduardo Suplicy, sobre a transposição do São Francisco – matéria que apaixonou os brasileiros do Nordeste; alguns, a favor e outros, contra. Eu, pessoalmente, sou, de carteirinha, como V. Ex<sup>a</sup> o é, como a Senadora Rosalba, que ontem falou desta tribuna, também o é, fervoroso defensor do projeto.

Mas, desde já, por antecipação – daí eu pedir a palavra pela ordem –, quero fazer um reparo sobre a condução desse processo.

Sr. Presidente Garibaldi, há duas semanas, estive na cidade de Apodi a convite das entidades que cuidam das conseqüências da barragem de Santa Cruz, construída por vários Governos – pelo meu, pelo de V. Ex<sup>a</sup> –, inaugurada há algum tempo e que hoje apenas encerra a água, praticamente sem nenhuma conseqüência prática.

O projeto da transposição do São Francisco objetiva, para nosso Estado, a perenização de, pelo menos, dois rios. Não temos nenhum rio perene. Nenhum. Temos o filete do rio Potengi, na capital, mas nenhum rio. Nada.

Teremos, com a transposição do São Francisco, pelo menos dois rios perenes: o rio Mossoró e o rio Açu.

O projeto de transposição pretende transpor a água do São Francisco para Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí, com o objetivo de acumular água e fazer com que reservatórios que entrem em regime crítico nunca entrem em regime crítico e com que rios que hoje são secos possam ficar perenes. No nosso caso, esses dois rios, com a construção da barragem de Oiticica, no rio Açu, que vai guardar água para matar a sede – não é para irrigação, é para matar a sede – do Siridó. Hoje, Caicó, Currais Novos e um mundo de cidades do nosso Estado estão morrendo de sede, sem perspectiva, a curto prazo, de água confiável. A barragem de Oiticica vai livrar os nossos conterrâneos dessa perspectiva de angústia. No caso de Santa Cruz, o projeto de transposição vai fazer com que a barragem de Santa Cruz fique com seu nível estabilizado, de forma segura, permanentemente.

O que defendo? A obra é criticada por uns e aplaudida por outros. Não haveria uma única crítica, Senadora Rosalba, uma única crítica, Senador João Pedro, se, ao invés de se começar a transposição do São Francisco pelos canais do São Francisco, se estivesse gastando o dinheiro que se está gastando com a construção de Oiticica e com a irrigação da barragem de Santa Cruz, que são partes integrantes do projeto e que trariam consequência imediata em matéria de benefício. Não haveria crítica nenhuma, nenhuma, absolutamente nenhuma.

O que desejo é fazer esse reparo.

Estive em Apodi e ouvi o clamor dos apodienses, que tiveram a promessa do asfalto da estrada que liga a barragem à cidade de Apodi, que ficou na promessa; da construção do projeto-piloto de irrigação de 230 hectares, que ficou na promessa; e da urbanização para o aproveitamento turístico da barragem, que ficou na promessa. Nem ao menos eles sabiam que, por iniciativa nossa, da Bancada, estão alocados 20 milhões para que o DNOCS possa começar aqueles trabalhos, nem sabiam eles que, por iniciativa também nossa, estão alocados os recursos para que se comece a barragem de Oiticica, por emendas coletivas da Bancada do Rio Grande do Norte, quando, na verdade, essas obras deveriam estar sendo feitas com os recursos da transposição do São Francisco.

O que se vai discutir aqui, amanhã, é o conflito entre os que querem a barragem e os que não querem a barragem, os que acham que a água do São Francisco tem de ser só para alguns Estados e os outros, como nós, que acham que a água do São Francisco é suficiente para vários Estados, que não pode ser pro-

duto do egoísmo de alguns, mas tem de ser objetivo da solidariedade de todos.

Eu queria, com isso, fazer essa observação, Presidente Garibaldi, porque, como estive em Apodi, testemunhei a revolta dos conterrâneos de Apodi e estou empenhado na solução dos problemas que eles me apresentaram.

Do debate de amanhã poderemos tirar melhor proveito solicitando às autoridades que voltem o projeto para a execução daquilo que não é conflituoso, que não gera debate, que não gera greve de fome, que faz com que o dinheiro público aplicado produza felicidade e não conflito, Produza felicidade e não conflito!

De modo que, com essas palavras, quero saudar a iniciativa do Senador Suplicy, que convoca esse debate, ao qual estarei presente, para discutir um projeto de interesse nacional, porque trata de redistribuição de renda, mas para o qual faço, desde já, o reparo que acabo de fazer.

Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB – PA) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Pois não, Senador.

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB – PA. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, no ano passado, em 2007, coletei assinaturas para a abertura da CPI do DNIT e já se passaram sete meses.

No final do ano, quando V. Ex<sup>a</sup> assumiu, disse-me que não me preocupasse porque V. Ex<sup>a</sup> iria, no início deste ano, resolver o problema. Então, obviamente, confiei em V. Ex<sup>a</sup> e continuo confiando. Não tenho por que desconfiar, mas eu gostaria que V. Ex<sup>a</sup> pudesse dar uma definição. Por que, Presidente? Porque já se está falando em outra CPI. Obviamente, ninguém quer criar empecilho para nenhuma CPI aqui no Senado, ao contrário. Se sou da Oposição – e este é um instrumento da Minoria – tenho de me interessar por todas, mas acho que o País precisa, realmente, saber dos gastos do DNIT. O País clama por isso.

Eu gostaria que V. Ex<sup>a</sup> pudesse dar uma definição para essa CPI e gostaria que, se possível, o fizesse com a maior brevidade, Sr. Presidente.

**O SR. MARCONI PERILLO** (PSDB – GO) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT – AC) – Peço a palavra pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Peço a V. Ex<sup>a</sup>s que aguardem uns poucos mi-

nutos para que eu possa dar uma informação ao nobre Senador Mário Couto.

Senador Mário Couto, a solicitação de V. Ex<sup>a</sup> já está para ser objeto de deliberação numa reunião de Lideranças. Duas reuniões aconteceram: ontem, uma; e hoje, outra. Infelizmente, não chegamos, ainda, ao exame dessa importante questão. Porém, V. Ex<sup>a</sup> fique tranqüilo, porque vamos nos reunir na terça-feira, novamente, e vamos submetê-la à discussão, vamos ouvir a opinião dos Líderes a respeito de como deveremos fazer funcionar essas comissões, que são quatro. A exemplo da comissão parlamentar de inquérito solicitada por V. Ex<sup>a</sup>, há mais três solicitações de comissões parlamentares de inquérito.

Então, o que digo a V. Ex<sup>a</sup> é que, na sessão de terça-feira, à tarde, já trarei uma informação mais concreta sobre o funcionamento dessas comissões, inclusive daquela solicitada por V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB – PA) – Agradeço a atenção de V. Ex<sup>a</sup> e vou aguardar, Sr. Presidente. Muito obrigado.

**O SR. ROMEU TUMA** (PTB – SP) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT – AC) – Presidente Garibaldi.

**O SR. ROMEU TUMA** (PTB – SP) – Sr. Presidente, pela ordem, e a comissão a respeito da Petrobras?

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Quanto à CPI da Petrobras, solicitada por V. Ex<sup>a</sup>, ela é, por ordem de precedência, a primeira comissão, mas dou a V. Ex<sup>a</sup> a mesma informação que acabei de dar.

**O SR. ROMEU TUMA** (PTB – SP) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Tião Viana.

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT – AC. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, quero apenas tentar colaborar com as funções de V. Ex<sup>a</sup>, porque sei que quer fazer com que a Casa ande e que cumpra a sua agenda legislativa.

Estou ouvindo esse intenso debate sobre obstruir ou não obstruir. Parece-me, contudo, que há um movimento de obstrução já instalado, e eu só queria dizer a V. Ex<sup>a</sup> e ao Plenário que sequer o requerimento de CPI foi apresentado. Então, não pode haver obstrução se o requerimento sequer foi apresentado à Mesa.

Espero que não haja obstrução sobre o que ainda não existe.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – V. Ex<sup>a</sup> tem razão. Realmente, até agora, não foi apresentado o requerimento para constituição de uma CPI mista.

Concedo a palavra, como último orador antes da Ordem do Dia, ao nobre Senador Marconi Perillo.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR) – Peço a palavra pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra, pela ordem, ao Senador Alvaro Dias.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Peço desculpas ao Senador Marconi Perillo. Quero apenas dizer, em resposta ao Senador Tião Viana, que a Oposição se sente no direito de obstruir os trabalhos e, se possível, até não possibilitar a instalação da CPI antes que a ela, Oposição, se assegure o direito de compartilhar o comando da Comissão Parlamentar de Inquérito.

É claro que temos a responsabilidade de legislar, de produzir no campo legislativo, mas também temos responsabilidades no campo da fiscalização – e uma é tão importante quanto a outra. Portanto, cabe à Oposição fiscalizar e investigar o Governo. E, com denúncias de tamanha seriedade, a Oposição não pode se aquietar.

As denúncias sobre os cartões corporativos são tão graves quanto as denúncias que nos levaram à CPMI dos Correios. Não sei se o escândalo dos cartões corporativos tem o tamanho do escândalo do mensalão; pode ser que sim ou pode ser maior. Estamos conscientes disso. Assim sendo, somos convocados à responsabilidade pela sociedade brasileira.

É tão importante votar matérias de interesse do Governo e do País assim como fiscalizar os atos do Executivo, e nós não abrimos mão disso. Não podemos, de forma alguma, descuidar dessa nossa responsabilidade. Daí por que chamamos o Governo à responsabilidade. Se o Governo deseja aprovar projetos de importância para sua ação administrativa, que nos permita fiscalizá-lo, em razão das denúncias que aí estão a tomar conta das principais manchetes dos jornais brasileiros.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Marconi Perillo.

**O SR. MARCONI PERILLO** (PSDB – GO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o Líder da minha Bancada, Senador Arthur Virgílio, ingressou, agora à tarde, no Supremo Tribunal Federal, com um mandado de segurança requerendo, por liminar, que lhe seja assegurado imediato acesso a todos os dados sigilosos relativos aos chamados cartões corporativos da Presidência da República.

Ele argumenta, em sua petição, que, com base “no art. 70 da Constituição Federal, cabe ao Congres-

so Nacional exercer a fiscalização contábil, financeira, orçamentária, operacional e patrimonial da União e entidades da Administração direta e indireta”.

Ele declara que, ao negar ao Legislativo o acesso às contas dos gastos referentes aos chamados cartões corporativos, “o Governo entra em flagrante colisão com os institutos norteadores da Administração federal”, em especial o que estabelece a Constituição no que diz respeito aos aspectos de publicidade, legalidade e moralidade pública.

Creemos, Sr. Presidente, que nenhum de nós neste Plenário ousaria refutar a necessidade de se investigar o uso dos cartões corporativos, porque a própria natureza da República demanda o exercício de freios e contrapesos.

Quando o Congresso decide, por meio da Comissão Mista – se é que vai decidir, se é que vamos aprovar, até porque há uma divergência fundamental entre a Oposição e Governo, na medida em que o Governo quer negar à Oposição o direito de participar da direção dessa Comissão Mista –, debruçar-se sobre mais um escândalo, que mexe com a vida nacional, com a vida dos brasileiros e que serve como um incremento a mais para desgastar a imagem da atividade política, da atividade pública diante da opinião pública nacional.

À medida que o Congresso se debruça sobre mais um escândalo, exerce, sem dúvida, um dos seus mais legítimos direitos que a democracia contemporânea lhe assegura: o de verificar se o Executivo exorbita o poder que lhe é conferido legalmente.

Entretanto, não poderíamos deixar de trazer à reflexão deste Plenário um julgamento, uma percepção que nos perturba e sobressalta no momento de examinar matéria tão inquietante para todos os cidadãos brasileiros. Não pode o trabalhador comum compartilhar com a forma como, mais uma vez, se usa o dinheiro público e se abusa do poder.

Não pode tampouco o homem metropolitano ou campesino ser ofuscado por uma ótica distorcida que, no lugar de levantar com rigor o uso dos cartões corporativos, a exorbitância no exercício do poder, deseje restringir a discussão ao embate da sucessão presidencial.

Não, definitivamente não, Sr. Presidente; o que está em jogo não é a mera discussão em torno da eleição presidencial que se avizinha, mas, efetivamente, garantir à sociedade brasileira que a utilização de quaisquer mecanismos dentro da Administração Pública no Brasil, nos Estados e nos Municípios, obedeça rigorosamente o que estabelece a legislação, a lei.

O Congresso Nacional não pode e não deve se deixar levar por qualquer artimanha política que deseje trazer ao centro das atenções, um teatro de acusações polarizadas entre o PT e o PSDB ou entre outros partidos.

A missão soberana do Congresso Nacional precisa ser maior que o próprio Congresso, maior que as convicções políticas e partidárias, porque a demanda diante de nós é da própria sociedade, do povo, razão última da democracia.

E é o povo, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, que deseja dar um basta a esse tipo de mazela, à corrupção, que grassa por este País de Norte a Sul. Este monstro tentacular capaz de se multiplicar das mais diversas formas. É o povo que exige de nós exame rigoroso sobre essa artimanha engenhosa de burlar licitações e encobrir gastos antiéticos e imorais.

Esta Comissão Parlamentar Mista de Inquérito não pode ser contra “a” ou “b”, mas contra as dezenas de milhares de privilegiados que abusam da proteção do cargo que ora ocupam para a usura pessoal às custas do esforço coletivo de todos os brasileiros que contribuem com o Erário público.

Essa não é uma CPI para pegar tubarões, mas para cercar um cardume de piranhas que dissemina, nas bases da Administração Pública, o câncer da permissividade, da corrupção ativa e passiva, do benefício pessoal com sacrifício da ética e da moral.

O abuso do dinheiro público é o assunto em questão. Que sejam pegos, punidos, presos e obrigados ao ressarcimento os multiplicadores da corrupção em cada canto do País, por ação moralizadora desta Casa. Precisamos trazer ao conhecimento público as figuras anônimas do Governo que usurpam do dinheiro da população brasileira.

Esta Casa precisa indignar-se, em nome de seus representados, porque o País se sente indignado. Nós não podemos, portanto, ousar cingir a discussão a se jogamos por terra o debate em relação a fulano ou sicrano, “a” ou “b”.

Queremos ver a cara dos usurpadores do dinheiro público, cientes de que seus chefes não seriam dementes ao autorizar despesas pessoais, mas lerdos e incompetentes, omissos até, para controlar a própria corja de assessores pessoais.

Que os governantes passem sua vergonha por não terem tido a eficiência de controlar a situação, mas que não tenhamos a desfaçatez de dedicar-lhes essa CPI, sob pena de aumentar no País o gosto pela impunidade e a falta de apego pela ética e, por que não dizer, o gosto pela *pizza*.

Sabemos quem são os vilões. Eles assinaram os cartões. Se o fizeram com base legal, estão protegidos.

Se o fizeram sem a base legal, moral ou ética, que estejam perdidos diante de nossa indignação.

Jamais desejaríamos nos colocar aqui como arautos da verdade, porque sabemos o quanto é difícil manter o controle sobre todas as esferas da Administração Pública.

Mas queremos compartilhar a nossa experiência à frente do Governo de Goiás ainda no primeiro mandato. Mesmo com a nossa relativa inexperience no Executivo, como o mais jovem Governador do País àquela época, percebemos a insegurança desse sistema de cartões corporativos.

Abolimos, em 1999, o que hoje virou a festa generalizada dos privilegiados do poder federal. Abolimos, nos primeiros momentos do governo, a idéia que nos foi trazida, o que se tem mostrado como mais uma maneira espúria de achaque aos cofres públicos.

Mais uma vez, trazemos aqui a experiência de abolirmos também o sigilo das contas secretas do Governo do Estado, do chefe do Poder Executivo.

Isso precisa ser feito de forma criteriosa, sem festa na mídia, e com a devida reserva. O que seja caso de segurança, que fique registrado sob sigilo legal, mas acessível às autoridades de controle de contas e Tribunais de Justiça.

Não é isso que fazemos com o Imposto de Renda? Protegermos com eficiência o sigilo pessoal de milhões de brasileiros. Seria fácil, portanto, garantir o sigilo sobre as contas de quem quer que seja, inclusive do Presidente da República.

Antes de encerramos, Sr. Presidente, queremos, mais uma vez, destacar nossa preocupação com o foco dessa CPI mista, nossa indignação com mais uma farra com o dinheiro público, com o dinheiro do contribuinte, que trabalha e labuta para pagar seus impostos e para merecer uma prestação de serviços à altura...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves. PMDB – RN) – Concedo a V. Ex<sup>a</sup>...

**O SR. MARCONI PERILLO** (PSDB – GO) – Para encerrar, Sr. Presidente.

A sociedade brasileira paga impostos e merece ter, por parte do Poder Público, a prestação de serviços públicos eficientes e modernos a fim de colaborar para a melhoria da vida de cada um dos cidadãos brasileiros.

Antes de encerrar, mais uma vez, desta tribuna, digo, em alto e bom tom, com clareza meridiana: essa CPI não pode e não deve, não poderia usar ou ousar restringir-se a um debate em torno da sucessão pre-

sidencial e muito menos ao redor de Lula, Fernando Henrique ou de quem quer que seja.

Eram as minhas palavras.

Muito obrigado.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves. PMDB – RN) – Com a palavra, pela ordem, o Senador Demóstenes Torres.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, peço a palavra para fazer minha inscrição pela Liderança da Minoria.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves. PMDB – RN) – V. Ex<sup>a</sup> será ouvido após a Ordem do Dia.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Passa-se à

## ORDEM DO DIA

### Item 9:

#### REDAÇÃO FINAL DAS EMENDAS DO SENADO AO PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 10, DE 2005

Discussão, em turno único, da Redação Final (apresentada pela Comissão Diretora como conclusão de seu Parecer nº 1.259, de 2007), das Emendas do Senado ao Projeto de Lei da Câmara nº 10, de 2005 (nº 62/2003, na Casa de origem), que *acrescenta o inciso XVII ao art. 51 da Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, que dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências* (torna nula a inclusão automática de consumidor como sócio de sociedade comercial, inclusive de sociedade em conta de participação).

A matéria constou da Ordem do Dia da última sessão deliberativa ordinária, quando deixou de ser deliberada em virtude de acordo de Lideranças.

Poderão ser oferecidas emendas até o encerramento da discussão, que não envolvam o mérito.

Em discussão a redação final. (Pausa.)

Não havendo quem peça a palavra, encerro a discussão.

Encerrada a discussão, sem apresentação de emendas, a redação final é considerada definitivamente aprovada, nos termos do disposto no art. 324 do Regimento Interno.

O Projeto volta à Câmara dos Deputados.

É a seguinte a matéria aprovada:

*Emendas do*  
Senado ao Projeto de Lei da Câmara  
nº 10, de 2005 } [nº 62, de 2003, na  
Casa de origem).

Acrescenta o inciso XVII ao art. 51 da  
Lei n.º 8.078, de 11 de setembro de  
1990, que dispõe sobre a proteção do  
consumidor e dá outras providências.

### **Emenda nº 1**

**(Corresponde à Emenda nº 1 - CCJ)**

Dê-se à ementa do Projeto a seguinte redação:

“Acrescenta inciso XVII ao art. 51 da Lei nº 8.078, de 11 de setembro 1990, para tornar nula a inclusão compulsória de consumidor como sócio de sociedade empresária ou como sócio ostensivo de sociedade em conta de participação.”

### **Emenda nº 2**

**(Corresponde à Emenda nº 2 - CCJ)**

Dê-se ao art. 2º do Projeto a seguinte redação:

“Art. 2º O art. 51 da Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, passa a vigorar acrescido do seguinte inciso XVII:

‘Art.51 .....

.....

XVII – que resultem na inclusão compulsória do consumidor como sócio cotista ou acionista de qualquer tipo de sociedade empresária ou como sócio ostensivo de sociedade em conta de participação.

.....’ (NR)”



**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – **Item 10:**

**REDAÇÃO FINAL DO PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 109, DE 2005**

Discussão, em turno único, da Redação Final (apresentada pela Comissão Diretora como conclusão de seu Parecer nº 1.257, de 2007), do Projeto de Lei da Câmara nº 109, de 2005 (Nº 433/2003, na Casa de origem), que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

A matéria constou da Ordem do Dia da última sessão deliberativa ordinária, quando deixou de ser deliberada em virtude de acordo de Lideranças.

Poderão ser oferecidas emendas até o encerramento da discussão, que não envolvam o mérito.

Em discussão a redação final. (Pausa.)

Não havendo quem peça a palavra, encerro a discussão.

Encerrada a discussão, sem apresentação de emendas, a redação final é considerada definitivamente aprovada, nos termos do disposto no art. 324 do Regimento Interno.

O projeto vai à sanção.

Será feita a devida comunicação à Câmara dos Deputados.

É a seguinte a matéria aprovada:

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 109, DE 2005**  
(Nº 433, de 2003, na Casa de Origem)

**Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e

privados, toma-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – **Item 11:**

**REDAÇÃO FINAL DO PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 41, DE 2006**

Discussão, em turno único, da Redação Final (apresentada pela Comissão Diretora como conclusão de seu Parecer nº 1.258, de 2007), do Projeto de Lei da Câmara nº 41, de 2006 (Nº 162/2003, na Casa de origem), que acrescenta § 2º ao art. 445 do Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 – *Consolidação das Leis do Trabalho*, impedindo a exigência de comprovação de experiência prévia por tempo superior a 6 (seis) meses.

A matéria constou da Ordem do Dia da última sessão deliberativa ordinária, quando deixou de ser deliberada em virtude de acordo de Lideranças.

Poderão ser oferecidas emendas até o encerramento da discussão, que não envolvam o mérito.

Em discussão a redação final. (Pausa.)

Não havendo quem peça a palavra, encerro a discussão.

Encerrada a discussão, sem apresentação de emendas, a redação final é considerada definitivamente aprovada, nos termos do disposto no art. 324 do Regimento Interno.

O Projeto vai à sanção.

Será feita a devida comunicação à Câmara dos Deputados.

É a seguinte a matéria aprovada:

ANEXO AO PARECER Nº 1.258, DE 2007

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 41, DE 2006**

(Nº 162, de 2003, na Casa de origem).

**Acrescenta art. 442-A à Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, impedindo a exigência de comprovação de experiência prévia por tempo superior a 6 (seis) meses.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º A Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 442-A:

“Art. 442-A. Para fins de contratação, o empregador não exigirá do candidato a emprego comprovação de experiência prévia por tempo superior a 6 (seis) meses no mesmo tipo de atividade.”

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – **Item 12:**

**REDAÇÃO FINAL DA EMENDA DO SENADO AO PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 65, DE 2006**

Discussão, em turno único, da Redação Final (apresentada pela Comissão Diretora como conclusão de seu Parecer nº 1.256, de 2007), da Emenda do Senado ao Projeto de Lei da Câmara nº 65, de 2006 (Nº 832/2003, na Casa de origem), que *acrescenta dispositivo à Lei nº 7.998, de 11 de janeiro de 1990, para assegurar que parcela dos recursos alocados em ações de qualificação profissional, no âmbito do Programa do Seguro-Desemprego, seja destinada à população afrodescendente.*

A matéria constou da Ordem do Dia da última sessão deliberativa ordinária, quando deixou de ser deliberada em virtude de acordo de Lideranças.

Poderão ser oferecidas emendas até o encerramento da discussão, que não envolvam o mérito.

Em discussão a redação final. (Pausa.)

Não havendo quem peça a palavra, encerro a discussão.

Encerrada a discussão, sem apresentação de emendas, a redação final é considerada definitivamente aprovada, nos termos do disposto no art. 324 do Regimento Interno.

O Projeto volta à Câmara dos Deputados.

É a seguinte a matéria aprovada:

ANEXO AO PARECER Nº 1.256, DE 2007

**EMENDA DO SENADO AO PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 65, DE 2006**

(Nº 832, de 2003, na Casa de origem).

**Acrescenta dispositivo à Lei nº 7.998, de 11 de janeiro de 1990, para assegurar que parcela dos recursos alocados em ações de qualificação profissional, no âmbito do Programa do Seguro-Desemprego, seja destinada à população afrodescendente.**

**Emenda única**

(Corresponde à Emenda nº 1 – CAS)

Dê-se ao art. 1º do Projeto a seguinte redação:

“Art. 1º O art. 2º da Lei nº 7.998, de 11 de janeiro de 1990, passa a vigorar acrescido do seguinte parágrafo único:

‘Art. 2º .....

.....  
Parágrafo único. Dos recursos alocados pelo Programa do Seguro-Desemprego em ações de qualificação profissional, pelo menos 20% (vinte por cento) serão destinados a programas de formação profissional de negros e pardos, segundo a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo reservada às mulheres parcela que, no mínimo, corresponda à participação relativa desse contingente na população de negros e pardos brasileiros.’(NR)”

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – **Item 13:**

**REDAÇÃO FINAL DO PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 298, DE 2004**

Discussão, em turno único, da Redação Final (apresentada pela Comissão Diretora como conclusão de seu Parecer nº 1.260, de 2007), do Projeto de Lei do Senado nº 298, de 2004 (Nº 5.506/2005, na Câmara dos Deputados), que *acrescenta alínea ao § 3º do art. 18*

*da Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991, para estender o benefício fiscal às doações e patrocínios destinados à construção de salas de cinema em Municípios com menos de 100.000 (cem mil) habitantes.*

A matéria constou da Ordem do Dia da última sessão deliberativa ordinária, quando deixou de ser deliberada em virtude de acordo de Lideranças.

Poderão ser oferecidas emendas até o encerramento da discussão, que não envolvam o mérito.

Em discussão a redação final. (Pausa.)

Não havendo quem peça a palavra, encerro a discussão.

Encerrada a discussão, sem apresentação de emendas, a redação final é considerada definitivamente aprovada, nos termos do disposto no art. 324 do Regimento Interno.

O Projeto vai à sanção.

Será feita a devida comunicação à Câmara dos Deputados.

É a seguinte a matéria aprovada:

**PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 298, DE 2004**  
(Nº 3.506, de 2005, na Câmara dos Deputados)

**Altera dispositivos da Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991, para estender o benefício fiscal às doações e patrocínios destinados à construção de salas de cinema em municípios com menos de 100.000 (cem mil) habitantes, e dá outras providências.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O art. 2º da Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 2º .....

§ 1º Os incentivos criados por esta Lei somente serão concedidos a projetos culturais cuja exibição, utilização e circulação dos bens culturais deles resultantes sejam abertas, sem distinção, a qualquer pessoa, se gratuitas, e a público pagante, se cobrado ingresso.

§ 2º É vedada a concessão de incentivo a obras, produtos, eventos ou outros decorrentes, destinados ou circunscritos a coleções particulares ou circuitos privados que estabeleçam limitações de acesso.” (NR)

Art. 2º O § 3º do art. 18 da Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991, com a redação dada pela Medida Provisória nº 2.228-1, de 6 de setembro de 2001, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 18. ....  
.....  
§ 3º .....

h) construção e manutenção de salas de cinema e teatro, que poderão funcionar também como centros culturais comunitários, em municípios com menos de 100.000 (cem mil) habitantes.” (NR)

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR) – Pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Com a palavra, pela ordem, o Senador Alvaro Dias.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB – PR. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, peço escusas a V. Exª por interromper o processo de votação, para registrar a presença no plenário do Senado Federal do atleta olímpico Jadel Gregório, acompanhado do Deputado Camarinha, do Estado de São Paulo. (Palmas.)

Jadel Gregório lidera o *ranking* mundial de salto triplo desde 2001. Foi campeão pan-americano nos últimos jogos realizados no Rio de Janeiro e é a nossa esperança de medalha de ouro nas Olimpíadas de Pequim. Esteve em Brasília visitando o Ministro dos Esportes e tratando de assuntos referentes à prática esportiva, especialmente o esporte olímpico. Registramos a presença com muita satisfação. Jadel Gregório é paranaense, de Jandaia do Sul, mas vive em São Paulo desde a infância.

Parabéns a Jadel Gregório. Seja bem-vindo ao Senado Federal e leve as nossas esperanças de uma grande conquista à medalha de ouro nas Olimpíadas de Pequim.

Parabéns. (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – **Item extrapauta:**

**REDAÇÃO FINAL DO PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 227, DE 2005**

Discussão, em turno único, da Redação Final do Projeto de Lei do Senado nº 227, de 2005, de autoria do Senador Alvaro Dias, para estender aos técnicos de nível médio, regularmente inscritos nos Conselhos Regionais de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, o piso salarial mínimo.

Em discussão a Redação Final. (Pausa.)

Não havendo quem peça a palavra, encerro a discussão.

Encerrada a discussão sem apresentação de emendas, a redação final é considerada definitivamente aprovada, nos termos do disposto no art. 324 do Regimento Interno.

O projeto vai à Câmara dos Deputados.

É a seguinte a matéria aprovada:

#### **PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 227, DE 2005**

**Altera a Lei nº 4.950-A, de 22 de abril de 1966, para estender aos técnicos de nível médio, regularmente inscritos nos Conselhos Regionais de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, e nos de Química, o piso salarial mínimo.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º A Lei nº 4.950-A, de 22 de abril de 1966, passa a vigorar acrescida do seguinte dispositivo:

“Art. 7º-A. A partir de 1º de abril de 2006, o valor do piso salarial devido aos técnicos de nível médio, regularmente inscritos nos Conselhos Regionais de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, e nos de Química, corresponderá a 66% (sessenta e seis por cento) do valor fixado para os profissionais relacionados na alínea **b** do art. 4º da Lei nº 4.950-A, de 22 de abril de 1966.”

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data da sua publicação.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – **Item 34**

#### **PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 34, DE 2007**

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 34, de 2006 (Nº 1.838/2005, na Câmara dos Deputados), que *aprova o texto do Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Cuba em Matéria de Turismo, celebrado em 26 de setembro de 2003, em Havana.*

Parecer favorável, sob nº 966, de 2007, da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, Relatora: Senadora Rosalba Ciarlini.

A matéria constou da Ordem do Dia da última sessão deliberativa ordinária, quando deixou de ser deliberada em virtude de acordo de Lideranças.

Em discussão o projeto, em turno único.(Pausa.)

Não havendo quem peça a palavra, encerro a discussão.

Encerrada a discussão.

Em votação.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que o aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovado.

A matéria vai à promulgação.

Será feita a devida comunicação à Câmara dos Deputados.

É a seguinte a matéria aprovada:

#### **(\*) PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 34, DE 2007**

(Nº 1.838/2005, na Câmara dos Deputados)

**Aprova o texto do Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Cuba em Matéria de Turismo, celebrado em 26 de setembro de 2003, em Havana.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica aprovado o texto do Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Cuba em Matéria de Turismo, celebrado em 26 de setembro de 2003, em Havana.

Parágrafo único. Ficam sujeitos à aprovação do Congresso Nacional quaisquer atos que possam resultar em revisão do referido Acordo, bem como quaisquer ajustes complementares que, nos termos do inciso I do **caput** do art. 49 da Constituição Federal, acarretem encargos ou compromissos gravosos ao patrimônio nacional.

Art. 2º Este decreto legislativo entra em vigor na data de sua publicação.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – **Item 35:**

#### **PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 223, DE 2007**

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 223, de 2007 (Nº 2.074/2005, na Câmara dos Deputados), que *aprova o texto do Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Angola sobre Transferência de Pessoas Condenadas, assinado em Brasília, em 3 de maio de 2005.*

(\*) A íntegra do texto do acordo encontra-se publicado no **DSF**, de 7-3-2007.

Parecer favorável, sob nº 1.083, de 2007, da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, Relator *ad hoc*: Senador Pedro Simon.

A matéria constou da Ordem do Dia da última sessão deliberativa ordinária, quando deixou de ser deliberada em virtude de acordo de Lideranças.

Em discussão o projeto, em turno único. (Pausa.)

Não havendo quem peça a palavra, encerro a discussão.

Encerrada a discussão.

Em votação.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que o aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovado.

A matéria vai à promulgação.

Será feita a devida comunicação à Câmara dos Deputados.

É a seguinte a matéria aprovada:

**(\*) PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO  
Nº 223, DE 2007**

(Nº 2.074/2005, na Câmara dos Deputados)

**Aprova o texto do Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Angola sobre Transferência de Pessoas Condenadas, assinado em Brasília, em 3 de maio de 2005.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica aprovado o texto do Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Angola sobre Transferência de Pessoas Condenadas, assinado em Brasília, em 3 de maio de 2005.

Parágrafo único. Ficam sujeitos à aprovação do Congresso Nacional quaisquer atos que possam resultar em revisão do referido Acordo, bem como quaisquer ajustes complementares que, nos termos do inciso I do **caput** do art. 49 da Constituição Federal, acarretem encargos ou compromissos gravosos ao patrimônio nacional.

Art. 2º Este decreto legislativo entra em vigor na data de sua publicação.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – **Item 36:**

**PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO  
Nº 227, DE 2007**

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 227, de 2007 (Nº 2.137/2006, na Câmara dos Deputados),

que *aprova o texto do Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Angola sobre Extradicação, assinado em Brasília, em 3 de maio de 2005.*

Parecer favorável, sob nº 1.085, de 2007, da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, Relator *ad hoc*: Senador Pedro Simon.

A matéria constou da Ordem do Dia da última sessão deliberativa ordinária, quando deixou de ser deliberada em virtude de acordo de Lideranças.

Em discussão o projeto, em turno único. (Pausa.)

Não havendo quem peça a palavra, encerro a discussão.

Encerrada a discussão.

Em votação.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que o aprovam permaneçam sentados. (Pausa.)

A matéria vai à promulgação.

Será feita a comunicação à Câmara dos Deputados.

É a seguinte a matéria aprovada:

**(\*) PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO  
Nº 227, DE 2007**

(Nº 1.898/2005, na Câmara dos Deputados)

**Aprova o texto do acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Angola sobre Extradicação, assinado em Brasília, em 3 de maio de 2005.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica aprovado o texto do acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República de Angola sobre extradicação, assinado em Brasília, em 3 de maio de 2005.

Parágrafo único. Ficam sujeitos à aprovação do Congresso Nacional quaisquer atos que possam resultar em revisão do referido acordo, bem como quaisquer ajustes complementares que, nos termos do inciso I do **caput** do art. 49 da Constituição Federal, acarretem encargos ou compromissos gravosos ao patrimônio nacional.

Art. 2º Este decreto legislativo entra em vigor na data de sua publicação.

(\*) A íntegra do texto do acordo encontra-se publicado no **DSF** de 12-7-2007.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – **Item 43:**

**PROJETO DE RESOLUÇÃO DO SENADO  
Nº 65, DE 2007**

Discussão, em turno único, do Projeto de Resolução do Senado nº 65, de 2007 (apresentado como conclusão do Parecer nº 952, de 2007, da Comissão de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Jonas Pinheiro), que *autoriza a União a aceitar dação de imóvel do Governo da Bolívia, como parte do pagamento dos juros da dívida externa daquele País.*

Pareceres favoráveis, sob nº 950 e 951, de 2007, das Comissões de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Pedro Simon, com voto contrário do Senador Mozarildo Cavalcanti; e de Relações Exteriores e Defesa Nacional, Relator ad hoc: Senador Marcelo Crivella.

A matéria constou da Ordem do Dia da última sessão deliberativa ordinária, quando deixou de ser deliberada em virtude de acordo de Lideranças.

Não foram oferecidas emendas à matéria perante a Mesa.

Em discussão o projeto.

**O SR. EDUARDO SUPLYCY** (Bloco/PT – SP) – Sr. Presidente, peço a palavra para discutir.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra, para discutir, ao Senador Eduardo Suplicy.

**O SR. EDUARDO SUPLYCY** (Bloco/PT – SP. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, primeiro desejo homenagear o Senador Jonas Pinheiro, que foi um dos Relatores dessa proposição, com parecer favorável, e também ressaltar que, no momento em que acabamos de receber a visita do Vice-Presidente da Bolívia, Álvaro García Linera, é uma boa nova que o Senado Federal esteja, justamente neste momento, aprovando o projeto de resolução pelo qual o Governo brasileiro aceita receber imóvel da Bolívia, como forma de ressarcimento de dívida que aquele país tinha para com o Brasil.

Saúdo a iniciativa de V. Ex<sup>a</sup> de colocar hoje a matéria em votação, conforme decidido na reunião dos Líderes, o que coincide com a visita do Vice-Presidente Álvaro García Linera, que se encontra, neste instante, na Câmara dos Deputados.

Meus cumprimentos.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Prossegue a discussão. (Pausa.)

Não havendo mais quem queira discutir, está encerrada a discussão.

Em votação.

As Sr<sup>as</sup> e o Srs. Senadores que o aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovado.

A matéria vai a Comissão Diretora para a redação final.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Sobre a mesa, Parecer da Comissão Diretora, oferecendo a redação final da matéria, que será lido pelo Sr. 1º Secretário, Senador Efraim Morais.

É lido o seguinte:

**PARECER Nº 61, DE 2008**  
(Da Comissão Diretora)

**Redação final do Projeto de Resolução  
nº 65, de 2007.**

A Comissão Diretora apresenta a redação final do Projeto de Resolução nº 65, de 2005, que autoriza a União a aceitar dação de imóvel do Governo da Bolívia, como parte do pagamento dos juros da dívida externa daquele país.

Sala de Reuniões da Comissão, 13 de janeiro de 2008.

ANEXO AO PARECER Nº 61, DE 2008.

**Redação final do Projeto de Resolução  
nº 65, de 2007.**

Faço saber que o Senado Federal aprovou, e eu, Presidente, nos termos do art. 48, inciso XXVIII, do Regimento Interno, promulgo a seguinte

**RESOLUÇÃO Nº , DE 2008**

**Autoriza a União a aceitar dação de imóvel do Governo da Bolívia, como parte do pagamento dos juros da dívida externa daquele país**

O Senado Federal resolve:

Art. 1º É a União, nos termos do art. 52, inciso V, da Constituição Federal, autorizada a aceitar dação de imóvel do Governo da Bolívia, como parte do pagamento dos juros da dívida externa desse país.

Parágrafo único. A dação do imóvel referida no **caput** visa liquidar juros pendentes de pagamento da dívida externa da Bolívia junto ao Governo do Brasil, reestruturada mediante contrato firmado entre os referidos governos em 8 de julho de 2004.

Art. 2º O prazo para o exercício da presente autorização é de 540 (quinhentos e quarenta) dias, contados a partir de sua publicação.

Art. 3º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Sobre a mesa, requerimento que será lido pelo Sr. 1º Secretário, Senador Efraim Morais.

É lido o seguinte:

#### **REQUERIMENTO Nº 100, DE 2008**

##### **Dispensa de publicação de redação final.**

Nos termos do art. 321 do Regimento Interno, requero a dispensa de publicação do parecer, para imediata discussão e votação da redação final do Projeto de Resolução nº 65, de 2007 (apresentado como conclusão do Parecer nº 952, de 2007, da Comissão de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Jonas Pinheiro), que autoriza a União a aceitar dação de imóvel do Governo da Bolívia, como parte do pagamento dos juros da dívida externa daquele país.

Sala das Sessões, 13 de fevereiro de 2008. – Senador **Pedro Simon**.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Em votação o requerimento.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que o aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovado.

Passa-se à apreciação da redação final.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Em discussão a redação final. (Pausa.)

Não havendo quem peça a palavra, encerro a discussão.

Em votação.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que a aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovada.

A matéria vai à promulgação.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES) – Peço a palavra, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Renato Casagrande.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES. Pela ordem. Sem revisão do orador) – Quero fazer um registro. Creio que votamos agora o projeto do Banco Central. Não foi isso?

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Renato Casagrande, o projeto que vai ser apreciado agora é que diz respeito ao comparecimento do Presidente do Banco Central...

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES) – Isso. Eu quero discutir depois. Na hora certa, eu peço a palavra.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – **Item 38:**

#### **PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 26, DE 2000**

*(Tramitando em conjunto com o*

*Projeto de Lei do Senado nº 685, de 1999)*

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 26, de 2000, de autoria do Senador Paulo Hartung, que *altera a redação do § 1º do art. 6º da Lei 9.069, de 29 de junho de 1995, para definir que o Presidente do Banco Central comparecerá, pessoalmente, à Comissão de Assuntos Econômicos do Senado, para fazer relato sobre a execução da programação monetária que se finda e a exposição e entrega da Programação Monetária Trimestral.*

Pareceres sob nºs 1.816 e 1.817, de 2005; e 1.154, de 2007, das Comissões

– de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Sérgio Machado, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CCJ (Substitutivo) que oferece, e pela rejeição do Projeto de Lei do Senado nº 685, de 1999, que tramita em conjunto;

– de Assuntos Econômicos, 1º pronunciamento: Relator: Senador Aloizio Mercadante, favorável ao Projeto, nos termos do parecer da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, com voto contrário, em separado, da Senadora Heloísa Helena e do Senador Eduardo Suplicy; 2º pronunciamento (em reexame, nos termos do Requerimento nº 644, de 2007): Relator: Senador Romero Jucá, favorável, nos termos da Emenda nº 2-CAE (Substitutivo), que oferece, e contrário ao Projeto de Lei do Senado nº 685, de 1999, que tramita em conjunto.

A matéria constou da Ordem do Dia da última sessão deliberativa ordinária, quando deixou de ser deliberada em virtude de acordo de Lideranças.

Não foram oferecidas emendas à matéria perante a Mesa.

Em discussão. (Pausa.)

Está inscrito para discutir a matéria o Senador Renato Casagrande.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, estou com a palavra?

**O SR. RENAN CALHEIROS** (PMDB – AL) – Sr. Presidente, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Renato Casagrande, gostaria de contar com a colaboração de V. Ex<sup>a</sup> para ouvir o Senador Renan Calheiros, pela ordem.

**O SR. RENAN CALHEIROS** (PMDB – AL. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, sinto interromper os trabalhos muito bem conduzidos por V. Ex<sup>a</sup>, e sobretudo agradeço também a preferência que me dá neste momento o Senador Renato Casagrande.

Eu gostaria, Sr. Presidente, de requerer a V. Ex<sup>a</sup> que se dignasse a registrar em ata meus votos favoráveis às duas cooperações que o Brasil fez com Angola sobre transferência e extradição de presos. Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – V. Ex<sup>a</sup> será atendido de acordo com o Regimento Interno, Senador Renan Calheiros.

Concedo a palavra ao Senador Renato Casagrande.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Muito obrigado, Sr. Presidente.

Na verdade, é um registro sobre esta matéria que estamos votando. Esse Projeto, de autoria do então Senador Paulo Hartung, hoje Governador do Espírito Santo, meu Estado, estabelece a obrigatoriedade da presença do Banco Central no Senado Federal, na Comissão de Assuntos Econômicos, de três em três meses, para apresentar a programação monetária do Banco Central, do Governo.

Isso já está acontecendo. É importante que a gente reconheça que o Presidente da Comissão de Assuntos Econômicos, Senador Aloizio Mercadante, já estabeleceu uma programação, independentemente de termos um embasamento legal. Senador Romeu Tuma, o Senador Aloizio Mercadante já vem realizando essa prática, mas, agora, que estamos votando esta matéria, por proposta do Senador Paulo Hartung – a quem parabenizo –, essa questão agora vai ser nor-

matizada. Agora, há uma imposição legal para que, de fato, isso possa acontecer. Então, meus parabéns ao Senador Aloizio Mercadante, que já tinha tomado tal medida.

É de grande importância essa medida, porque a presença do Presidente do Banco Central nos dá oportunidade de, de tempos em tempos, debatermos, na Comissão de Assuntos Econômicos, a programação monetária do Governo e daquela instituição. Esse acompanhamento é importante para o Senado Federal e para a sociedade brasileira.

Era o registro que eu queria fazer, bem como manifestar o meu apoio ao Projeto, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço ao Senador Renato Casagrande.

Dando continuidade à apreciação da matéria, encontra-se sobre a mesa requerimento que será lido pelo Sr. 1º Secretário, Senador Efraim Morais.

É lido o seguinte:

#### **REQUERIMENTO Nº 101, DE 2008**

Senador Tião Viana  
Primeiro Vice-Presidente

Em atendimento ao disposto no art. 164 do Regimento Interno, requeiro o desapensamento do Projeto de Lei do Senado nº 26, de 2000, do Projeto de Lei do Senado nº 685, de 1999, a fim de que voltem a ter tramitação autônoma.

Sala das Sessões, 13 de fevereiro de 2008. – Senador **José Agripino** – Senador **Renato Casagrande** – Senador **Alvaro Dias**.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Em votação o requerimento de tramitação autônoma para os Projetos.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que o aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovado.

As matérias voltam a ter tramitação autônoma.

Tendo em vista o acordo de Lideranças para deliberação pelo Plenário do Projeto de Lei do Senado nº 26, de 2000, e considerando que a matéria já se encontra em fase de apreciação, devidamente instruída, com Pareceres das Comissões de Constituição, Justiça e Cidadania e de Assuntos Econômicos prossegue-se com a discussão do Projeto.

Em discussão.

Se nenhum Senador deseja se manifestar nessa hora reservada à discussão da matéria...

V. Ex<sup>a</sup> pede a palavra, Senador Eduardo Suplicy?



**O SR. EDUARDO SUPLICY** (Bloco/PT – SP. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Sim, Sr. Presidente.

Ressalto que o Senador Aloizio Mercadante, que hoje, infelizmente, se encontra adoentado, é uma das pessoas que têm colocado em prática a presença, já conforme esse Projeto prevê, do Presidente do Banco Central, a cada três meses, perante a Comissão de Assuntos Econômicos para discutir a condução da política monetária, as metas de inflação. Inclusive tem o Presidente Henrique Meirelles, acompanhado de seus diretores do Banco Central, dignificado os diversos encontros dessa natureza na Comissão de Assuntos Econômicos. Ainda, no final do ano, quando ele veio da última vez, em dezembro, ele apresentou um conjunto de dados macroeconômicos, fazendo com que todos os Senadores dissessem que o seu desempenho estava sendo dos melhores e mais brilhantes.

Portanto, quero aproveitar a oportunidade para desejar pronta recuperação do Senador Aloizio Mercadante e dizer que este Projeto teve todo o seu apoio.

Obrigado.

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT – AC) – Sr. Presidente, para discutir a matéria também.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN.) – Concedo a palavra ao Senador Tião Viana.

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT – AC. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, gostaria apenas de reconhecer o mérito desta matéria, de autoria do Senador Aloizio Mercadante, que já trazia informalmente uma agenda da mais elevada importância para o Brasil, dentro da Comissão de Assuntos Econômicos, que era a vinda regular do Presidente do Banco Central, travando um pleno debate com o Poder Legislativo, com qualidade, sobre matéria de ordem econômica que os Senadores detêm e muito têm a contribuir para o País, dando uma extraordinária contribuição ao processo macroeconômico brasileiro e às grandes diretrizes do Governo na área econômica.

Então essa matéria merece todos os méritos e o meu reconhecimento ao Senador Aloizio Mercadante pela sua autoria; melhor dizendo, ao Senador Paulo Hartung, que é o autor do Projeto, mas quem conduziu todo o mérito foi o Senador Aloizio Mercadante.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN.) – Com a palavra o Senador José Agripino.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN. Para discutir. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, tomei a iniciativa de apresentar um requerimento de desapensamento. Essa matéria estava tramitando apensada a uma outra que tem parecer contrário do Senador Aloizio Mercadante. Entendi

que era importante na pauta que estabelecemos hoje pela manhã – foi até V. Ex<sup>a</sup> quem solicitou que a matéria fosse incluída na pauta, para que fosse votada. Para isso, tinha de dispensar, porque a outra matéria envolve dúvidas, até pelo parecer que é contrário. Ela vai tramitar separadamente. Haverá dois dias de prazo para interposição de recursos. E os líderes tomarão a devida atenção com o seu teor.

Por que tomei essa iniciativa e concordei com V. Ex<sup>a</sup>? Porque acho que essa matéria é importantíssima. Ela já está produzindo efeito. De três em três meses, o Ministro Meirelles tem vindo à Comissão de Assuntos Econômicos trazer à Casa o panorama macroeconômico do País e tem se submetido a sabatina, perguntas e respostas, esclarecimentos. S. Ex<sup>a</sup> é homem competente, sério – aqui rendo homenagens ao Ministro. Mas é preciso que isso fique institucionalizado.

Esse projeto de lei, de autoria do Senador Paulo Hartung, hoje Governador, deixa essa matéria institucionalizada. Ela passa a ser lei, é obrigação. Depois de Meirelles, depois deste Governo, todos os trimestres, presidentes do Banco Central virão ao Senado para debater.

Louvo a iniciativa do ex-Senador Paulo Hartung, cumprimento o Senador Aloizio Mercadante, que se encontra enfermo, e tenho certeza de que aqui estaria feliz pelo fato de ter participado da tramitação da matéria e de ter colaborado para sua aprovação. E o nosso voto, do meu Partido e o meu, é pela aprovação da matéria.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN.) – Agradeço ao Senador José Agripino.

Está encerrada a discussão.

Em votação a Emenda nº 2 da CAE (Substitutivo), que tem preferência regimental.

Pergunto se algum Senador deseja encaminhar a votação. (Pausa.)

Não havendo quem peça a palavra, passo à votação.

As Sr<sup>as</sup> e os Srs. Senadores que a aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovada a Emenda nº 2-CAE (Substitutivo), ficam prejudicados o Projeto e a Emenda nº 1-CCJ (Substitutivo).

A matéria vai à Comissão Diretora, a fim de ser redigido o vencido para o turno suplementar.

Com referência ao Projeto de Lei do Senado de nº 685, de 1999, a Presidência determina a abertura do prazo de dois dias úteis para interposição de recurso, subscrito por um décimo da composição do Senado, no sentido da continuidade da tramitação da matéria, uma vez que recebeu pareceres contrários das Comissões, nos termos do art. 254 do Regimento Interno.

É a seguinte a matéria aprovada:

**SUBSTITUTIVO AO  
PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 26, DE 2000**

**Altera a Lei nº 9.069, de 29 de junho de 1995, para tratar do comparecimento do Presidente do Banco Central do Brasil na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal e para extinguir a obrigatoriedade de apresentação da programação monetária trimestral e a vinculação legal entre emissão de moeda e reservas cambiais.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º A Lei nº 9.069, de 29 de junho de 1995, passa a vigor acrescida do seguinte art. 6º-A:

“Art. 6º-A Para discutir as diretrizes, implementação e decisões tomadas a respeito da política monetária no trimestre anterior, o Presidente do Banco Central do Brasil deverá comparecer a Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal.

Parágrafo único. As audiências de que trata o **caput** ocorrerão na primeira quinzena de abril, julho, outubro e fevereiro, ou em data acordada entre a Comissão e o Presidente do Banco Central do Brasil.”

Art. 2º A Lei nº 9.069, de 29 de junho de 1995, passa a vigor acrescida do seguinte art. 6º-B:

“Art. 6º- B O Presidente do Banco Central do Brasil enviará à Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal, ao final de cada trimestre, o relatório de inflação, instituído pelo art. 5º do Decreto nº 3.088, de 21 de junho de 1999, e as atas da reunião do Comitê de Política Monetária, após cada reunião.”

Art. 3º Ficam revogados os arts. 3º 4º 6º e 7º da Lei nº 9.069, de 29 de junho de 1995.

Art. 4º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Está encerrada a Ordem do Dia.

São os seguintes os itens cuja apreciação é adiada, em virtude de acordo de Lideranças:

**1**

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 48, DE 2003**

Votação, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 48, de 2003, ten-

do como primeiro signatário o Senador Antonio Carlos Magalhães, que *dispõe sobre aplicação de recursos destinados à irrigação.*

Pareceres sob nºs 1.199, de 2003; e 15, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania: 1º pronunciamento: Relator: Senador João Alberto Souza, favorável, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta; 2º pronunciamento: (sobre a Emenda nº 2, de Plenário), Relator *ad hoc*: Senador João Batista Motta, favorável, nos termos de Subemenda que apresenta.

**2**

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 57, DE 2005**

Votação, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 57, de 2005, tendo como primeiro signatário o Senador Marco Maciel, que *dá nova redação ao § 4º do art. 66 da Constituição, para permitir que os vetos sejam apreciados separadamente no Senado Federal e na Câmara dos Deputados.*

Pareceres sob nºs 779, de 2006; e 272, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, – 1º pronunciamento (sobre a Proposta): Relator: Senador Ramez Tebet, favorável; – 2º pronunciamento (sobre a Emenda nº 1, de Plenário): Relator: Senador Adelmir Santana, favorável, e apresentando a Emenda nº 2-CCJ, de redação.

**3**

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 20, DE 1999**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 20, de 1999, tendo como primeiro signatário o Senador José Roberto Arruda, que *altera o art. 228 da Constituição Federal, reduzindo para dezesseis anos a idade para imputabilidade penal.*

Parecer sob nº 478, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Demóstenes Torres, favorável à Proposta de Emenda à Constituição nº 20, de 1999, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta; e pela rejeição das demais matérias que tramitam em conjunto, com votos contrários dos Senadores Sibá Machado, Eduardo Suplicy, Epitácio Cafeteira, Antônio Carlos Valadares,

Pedro Simon, Romero Jucá, e das Senadoras Serys Slhessarenko, Lúcia Vânia e, em separado, do Senador Aloizio Mercadante e da Senadora Patrícia Saboya.

## 4

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 18, DE 1999**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 20, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Proposta de Emenda à Constituição nº 18, de 1999, tendo como primeiro signatário o Senador Romero Jucá, que *altera a redação do art. 228 da Constituição Federal.*

## 5

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 3, DE 2001**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 26, de 2002; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Proposta de Emenda à Constituição nº 3, de 2001, tendo como primeiro signatário o Senador José Roberto Arruda, que *altera o art. 228 da Constituição Federal, reduzindo para dezesseis anos a idade para imputabilidade penal.*

## 6

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 26, DE 2002**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 3, de 2001; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Proposta de Emenda à Constituição nº 26, de 2002, tendo como primeiro signatário o Senador Íris Rezende, que *altera o art. 228 da Constituição Federal, para reduzir a idade prevista para a imputabilidade penal, nas condições que estabelece.*

## 7

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 90, DE 2003**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; e 9, de 2004)*

Proposta de Emenda à Constituição nº 90, de 2003, tendo como primeiro signatário o Senador Magno Malta, que *inclui parágrafo único no art. 228, da Constituição Federal, para*

*considerar penalmente imputáveis os maiores de treze anos que tenham praticado crimes definidos como hediondos.*

## 8

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 9, DE 2004**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; e 90, de 2003)*

Proposta de Emenda à Constituição nº 9, de 2004, tendo como primeiro signatário o Senador Papaléo Paes, que *acrescenta parágrafo ao art. 228 da Constituição Federal, para determinar a imputabilidade penal quando o menor apresentar idade psicológica igual ou superior a dezoito anos.*

## 14

**SUBSTITUTIVO  
AO PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 12, DE 2000**

Discussão, em turno suplementar, do Substitutivo ao Projeto de Lei da Câmara nº 12, de 2000 (Nº 885/95, na Casa de origem), que *estabelece diretrizes gerais de programa nacional de habitação para mulheres com responsabilidade de sustento da família.*

Parecer sob nº 437, de 2007, da Comissão Diretora, Relator: Senador Gerson Camata, oferecendo a redação do vencido.

## 15

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 6, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 6, de 2003 (Nº 2.820/2000, na Casa de origem), que *altera os arts. 47 e 56 da Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971 (dispõe sobre a administração e o conselho fiscal das sociedades cooperativas).*

Parecer sob nº 1.036, de 2006, da Comissão de Agricultura e Reforma Agrária, Relator do vencido: Senador Jonas Pinheiro, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CRA (Substitutivo), que oferece, com voto vencido do Senador Gilberto Goellner, e em separado, do Senador Pedro Simon.

## 16

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 7, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 7, de 2003 (Nº 3.703/2000, na Casa de origem), que *dispõe sobre proce-*

*dimento na operação de arrendamento mercantil de veículo automotivo (leasing), e dá outras providências.*

Pareceres favoráveis, sob nºs 446 e 447, de 2007, das Comissões de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator, Senador Arthur Virgílio; e de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Eduardo Suplicy.

### 17

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 22, DE 2003

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 22, de 2003 (Nº 5.120/2001, na Casa de origem), que *dispõe sobre as atividades das Agências de Turismo.*

Pareceres nºs 1.049 e 1.050, de 2007, das Comissões

– de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Tasso Jereissati, favorável ao Projeto e às Emendas nºs 1 a 12-CCJ;

– de Desenvolvimento Regional e Turismo, Relator: Senador Antonio Carlos Valadares, favorável ao Projeto e às Emendas nºs 1 a 4-CCJ, 6, 7, 8, 11 e 12-CCJ; à Emenda nº 9-CCJ, nos termos de Subemenda, apresentando as Emendas nºs 13 a 18-CDR; e ainda pela prejudicialidade das Emendas nºs 5 e 10-CCJ.

### 18

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 28, DE 2003

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 28, de 2003 (Nº 5.657/2001, na Casa de origem), que *acrescenta dispositivo à Lei n.º 8.906, de 4 de julho de 1994, que dispõe sobre o Estatuto da Advocacia e a Ordem dos Advogados do Brasil – OAB.* (prescrição em cinco anos de ação de prestação de contas do advogado para o seu cliente, ou de terceiros por conta dele).

Parecer favorável, sob nº 1.162, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Demóstenes Torres.

### 19

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 75, DE 2004

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 75, de 2004 (Nº 1.071/2003, na Casa de origem), que *altera a Lei nº 10.334, de 19 de dezembro de 2001, que dispõe sobre a obrigatoriedade de fabricação e comercialização de lâmpadas incandescentes para uso em tensões de valor igual ou superior ao da*

*tensão nominal da rede de distribuição, e dá outras providências.*

Parecer favorável, sob nº 87, de 2007, da Comissão de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Delcídio Amaral.

### 20

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 5, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 5, de 2005 (Nº 1.447/2003, na Casa de origem), que *acrescenta parágrafo único ao art. 2º da Lei nº 9.452, de 20 de março de 1997, determinando que as Prefeituras Municipais convenientes com a Administração Pública Federal dêem ampla divulgação das liberações de recursos decorrentes dos convênios celebrados.*

Parecer sob nº 21, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Ney Suassuna, favorável, com as Emendas nºs 1 a 3-CCJ, que apresenta.

### 21

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 24, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 24, de 2005 (Nº 4.465/2001, na Casa de origem), que *altera a Lei nº 5.917, de 10 de setembro de 1973* (inclui novo trecho na Relação Descritiva das rodovias no Sistema Rodoviário Nacional).

Parecer favorável, sob nº 1.534, de 2005 da Comissão de Serviços de Infra-Estrutura, Relator *ad hoc*: Senador Rodolpho Tourinho.

### 22

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 103, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 103, de 2005 (Nº 45/99, na Casa de origem), que *veda a exigência de carta de fiança aos candidatos a empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho – CLT.*

Parecer sob nº 198, de 2006, da Comissão de Assuntos Sociais, Relator *ad hoc*: Senador Paulo Paim, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CAS (Substitutivo), que apresenta.

### 23

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 111, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 111, de 2005 (Nº 3.796/2004,

na Casa de origem), que *dispõe sobre a Política Nacional de Orientação, Combate e Controle dos Efeitos Danosos da Exposição ao Sol à Saúde e dá providências correlatas*.

Pareceres sob nºs 603 e 604, de 2007, das Comissões

- de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Magno Malta, favorável, com as Emendas nºs 1 e 2-CCJ, de redação, que apresenta; e

- de Assuntos Sociais, Relator: Senador Papaléo Paes, favorável, nos termos da Emenda nº 3-CAS (Substitutivo), que oferece.

#### 24

### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 118, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 118, de 2005 (Nº 1.153/2003, na Casa de origem), que *modifica o inciso II do caput do art. 44 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996* (dispõe sobre o aproveitamento de matérias cursadas em seminários de filosofia ou teologia).

Parecer sob nº 924, de 2006, da Comissão de Educação, Relatora: Senadora Maria do Carmo Alves, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CE (Substitutivo), que oferece.

#### 25

### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 1, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 1, de 2006 (Nº 1.696/2003, na Casa de origem), que *altera o § 2º do art. 12 da Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998, que dispõe sobre os planos e seguros privados de assistência à saúde* (acrescenta o planejamento familiar nos casos de cobertura dos planos ou seguros privados de assistência à saúde).

Parecer favorável, sob nº 145, de 2007, da Comissão de Assuntos Sociais, Relatora: Senadora Serys Slhessarenko.

#### 26

### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 2, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 2, de 2006 (Nº 1.984/2003, na Casa de origem), que *altera o inciso XIII do caput do art. 7º da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998* (inclui as normas técnicas como obras protegidas pela legislação dos direitos autorais).

Parecer favorável, sob nº 376, de 2006, da Comissão de Educação, Relator: Senador Roberto Saturnino.

#### 27

### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 4, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 4, de 2006 (Nº 4.730/2004, na Casa de origem), de iniciativa do Presidente da República, que *dá nova redação aos arts. 830 e 895 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943* (dispõe sobre a autenticidade de peças oferecidas para prova no processo trabalhista e sobre o cabimento de recurso ordinário para instância superior).

Parecer favorável, sob nº 697, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Eduardo Suplicy.

#### 28

### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 11, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 11, de 2006 (Nº 2.822/2003, na Casa de origem), que *acrescenta parágrafo único ao art. 1º da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, para dispor sobre a boa-fé nas relações de trabalho*.

Parecer sob nº 542, de 2006, da Comissão de Assuntos Sociais, Relator: Senador Paulo Paim, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CAS (Substitutivo), que oferece.

#### 29

### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 27, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 27, de 2006 (Nº 819/2003, na Casa de origem), que *denomina “Rodovia Ministro Alfredo Nasser” a rodovia BR-174, entre a cidade de Cáceres-MT e a fronteira com a Venezuela*.

Parecer sob nº 1.175, de 2006, da Comissão de Educação, Relator *ad hoc*: Senador Mão Santa, favorável com a Emenda nº 1-CE, que oferece.

#### 30

### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 43, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 43, de 2006 (Nº 4.505/2004, na Casa de origem), que *dispõe sobre o re-*

*conhecimento do dia 26 de outubro como Dia Nacional dos Trabalhadores Metroviários.*

Parecer favorável, sob nº 926, de 2006, da Comissão de Educação, Relator: Senador Paulo Paim.

### 31

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 90, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 90, de 2006 (Nº 6.248/2005, na Casa de origem), que *acrescenta o § 3º-C ao art. 30 da Lei n.º 6.015, de 31 de dezembro de 1973, que dispõe sobre os registros públicos e dá outras providências* (determina que cartórios de registros públicos afixem, em locais de fácil leitura e acesso, quadros contendo os valores das custas e emolumentos).

Parecer favorável, sob nº 1.163, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator *ad hoc*: Senador Valter Pereira.

### 32

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 12, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 12, de 2007 (Nº 1.791/1999, na Casa de origem), que *institui o Dia Nacional dos Surdos.*

Parecer favorável, sob nº 979, de 2007, da Comissão de Educação, Relator *ad hoc*: Senador Flávio Arns.

### 33

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 28, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 28, de 2007 (Nº 3.986/2004, na Casa de origem), que *institui o Dia Nacional do Vaqueiro.*

Parecer favorável, sob nº 722, de 2007, da Comissão de Educação, Relator *ad hoc*: Senador Valter Pereira.

### 37

#### PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 52, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 52, de 2007, tendo como primeiro signatário o Senador Leomar Quintanilha, que *dispõe sobre a realização de plebiscitos para a criação do Estado do Carajás, nos termos do art. 49, inciso XV, da Constituição Federal.*

Parecer sob nº 637, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Mozarildo Cavalcanti, favorável, com a Emenda nº 1 – CCJ, que apresenta.

### 40

#### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 169, DE 2005

(Incluído em Ordem do Dia nos termos do Recurso nº 7, de 2007)

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 169, de 2005, de autoria do Senador Paulo Paim, que *altera dispositivo da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.*

Parecer sob nº 459, de 2007, da Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa, Relator *ad hoc*: Senador Flávio Arns, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CDH (Substitutivo), que oferece.

### 41

#### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 140, DE 2007-COMPLEMENTAR

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 140, de 2007-Complementar, de autoria do Senador Demóstenes Torres, que *altera o art. 1º da Lei Complementar nº 105, de 10 de janeiro de 2001, para especificar os dados financeiros não sigilosos, para fins de investigação de ilícito penal.*

Pareceres sob nºs 281 e 706, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Jarbas Vasconcelos, 1º pronunciamento (sobre o Projeto): favorável, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta; 2º pronunciamento (sobre a Emenda nº 2-Plen): favorável, nos termos de Subemenda, que oferece.

### 42

#### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 277, DE 2007

(Incluído em Ordem do Dia nos termos do Recurso nº 9, de 2007)

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 277, de 2007, de autoria do Senador Flávio Arns, que *acrescenta parágrafo único ao art. 4º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 para definir condições de qualidade da oferta de educação escolar para crianças de cinco e seis anos de idade.*

Parecer sob nº 874, de 2007, da Comissão de Educação, Relator: Senador Wilson Matos, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CE (Substitutivo), que oferece.

44

#### REQUERIMENTO Nº 1.302, DE 2004

Votação, em turno único, do Requerimento nº 1.302, de 2004, da Senadora Serys Slhessarenko, solicitando, nos termos regimentais, a instituição, no âmbito do Senado Federal, da Semana de Ciência e Tecnologia, a ser celebrada anualmente no mês de outubro, com o objetivo de mobilizar a população brasileira para questões científicas, enfatizando o papel da Ciência no nosso dia-a-dia e demonstrando a sua importância para a saúde e o desenvolvimento do País.

Pareceres favoráveis sob nºs 448 a 451, de 2007, das Comissões de Educação, Relator: Senador Juvêncio da Fonseca; de Assuntos Sociais, Relator: Senador Cristovam Buarque; de Serviços de Infra-Estrutura, Relator *ad hoc*: Senador Eduardo Azeredo; e de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, Relator: Senador Valter Pereira.

45

#### REQUERIMENTO Nº 914, DE 2007

Votação, em turno único, do Requerimento nº 914, de 2007, do Senador Mozarildo Cavalcanti, solicitando a remessa do Projeto de Lei do Senado nº 312, de 2007, à Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, uma vez que o prazo na Comissão de Assuntos Econômicos já se encontra esgotado.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### REQUERIMENTO Nº 102, DE 2008

Requeremos nos termos do art. 199 do Regimento Interno do Senado Federal, a realização de Sessão Especial do Senado, no dia 20 de junho de 2008, destinada a homenagear Leonel de Moura Brizola, no transcurso do quarto aniversário de seu falecimento, ocorrido no dia 21 de junho de 2004.

Sala das Sessões, 13 de fevereiro de 2008. – **Cristovam Buarque – Fátima Cleide – Flexa Ribeiro – Patrícia Saboya – Mão Santa – Jefferson Peres – Eduardo Suplicy.**

#### REQUERIMENTO Nº 103, DE 2008

Requeremos, nos termos do art. 199 do Regimento Interno do Senado Federal, autorização para que seja realizada, no dia 10 de março de 2008, Sessão Especial em razão do Dia Internacional da Mulher, ocorrido no dia 8 desse mês.

Sala das Sessões, 13 de fevereiro de 2008. – **Cristovam Buarque – Fátima Cleide – Flexa Ribeiro – Patrícia Saboya – Mão Santa – Jefferson Peres – Eduardo Suplicy.**

#### REQUERIMENTO Nº 104, DE 2008

Requeremos, nos termos do art. 199 do Regimento Interno do Senado Federal, autorização para que seja realizada, no dia 7 de outubro de 2008, Sessão Especial para comemorar os 20 anos da promulgação da Constituição Federal do Brasil, ocorrida no dia 5 de outubro de 1988.

Sala das Sessões, 13 de fevereiro de 2008. – **Cristovam Buarque – Fátima Cleide – Flexa Ribeiro – Patrícia Saboya – Mão Santa – Jefferson Peres – Eduardo Suplicy.**

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Os requerimentos que acabam de ser lidos vão à publicação e serão votados oportunamente.

Sobre a mesa, requerimentos que passo a ler.

São lidos os seguintes:

#### REQUERIMENTO Nº 105, DE 2008

Na forma do disposto no Regimento Interno e de acordo com as tradições da Casa, requeremos as seguintes homenagens pelo falecimento do Professor Djalma Antonino de Oliveira, ocorrido no dia 9 de fevereiro em Recife – PE.

- I. inserção em ata de voto de profundo pesar;
- II. apresentação de condolências:

- a) a sua viúva Dra. Eliane Oliveira e suas filhas;
- b) à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco;
- c) à Academia Pernambucana de Medicina
- d) à Secretaria de Saúde do Governo de Pernambuco.

#### Justificação

O Professor Djalma Antonino de Oliveira nasceu em João Pessoa, no Estado da Paraíba, e formou-se em 1955 pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. Foi casado com Eliane de

Oliveira, também médica e tiveram três filhas: Eliana, Elaine e Leonor.

Dedicou a sua fecunda vida a medicina, destacando-se, desde cedo, como um expoente da cirurgia no Estado de Pernambuco, tendo realizado aproximadamente 7.000 intervenções cirúrgicas, dedicando sua vida ao serviço público.

Fez seu doutorado em Londres, e era membro do Colégio Real de Cirurgiões da Inglaterra, cuja sua sessão anual é Presidida pela Rainha Elizabeth II, honraria que poucos brasileiros possuem.

Foi professor titular da disciplina de Oncologia da Faculdade de Ciências Médicas, da Universidade de Pernambuco, desde 1974, onde participou da formação de geração de profissionais da saúde, onde chefiava o Centro de Oncologia do Hospital Oswaldo Cruz.

Dentre as 61 funções que desempenhou em hospitais, instituições técnico-científicas, universidades públicas federais e estaduais, idealizou e foi o fundador do Centro de Oncologia do Hospital Universitário Oswaldo Cruz, da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco.

Em sua vida profissional compareceu em 134 congressos científicos, sendo 35 internacionais, apresentando 118 trabalhos técnicos, em palestras, conferências e aulas. Foi membro de vinte associações médicas no Brasil e no exterior, em função de sua dedicação acadêmica.

Exerceu o Cargo de Secretário de Saúde de Pernambuco, no período de 1979 a 1983, nas gestões de Marco Maciel e José Ramos.

Sala das Sessões, 13 de fevereiro de 2007. – Senador **Marco Maciel**.

#### REQUERIMENTO Nº 106, DE 2008

Requeiro, nos termos dos arts. 218 do Regimento Interno e de acordo com as tradições da Casa, as seguintes homenagens pelo falecimento do Dr. Aderbaldo Soares de Oliveira.

- a) inserção em ata de voto de profundo pesar;
- b) apresentação de condolências à família.

Sala das Sessões, 13 de fevereiro de 2008. – Senador **Cícero Lucena** (PSDB/PB).

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – A Presidência encaminhará os votos solicitados.

Os requerimentos vão ao Arquivo.

**O SR. OSMAR DIAS** (PDT – PR) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Pela ordem, tem a palavra o Senador Osmar Dias.

**O SR. OSMAR DIAS** (PDT – PR. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, no dia 19 de dezembro, último dia de votação, o Plenário do Senado aprovou um projeto de resolução que cancelava multa que a Secretaria do Tesouro Nacional vinha impondo ao Estado do Paraná, por consequência do não-pagamento, por parte do Paraná, ao Banco Itaú, das parcelas referentes a precatórios adquiridos pelo Banco do Estado do Paraná.

Essa decisão foi tomada com a maioria dos Senadores votando a favor. Portanto, a resolução foi aprovada.

No dia 10 de janeiro, a Secretaria do Tesouro Nacional ignorou a resolução e cobrou a multa do Estado do Paraná. Nós esperávamos que a Secretaria do Tesouro Nacional viesse a adotar um outro procedimento no dia 10 de fevereiro, data em que vence essa multa.

Pois bem, no dia 10 de fevereiro, nesta semana, a Secretaria do Tesouro Nacional voltou a descontar do Paraná o valor correspondente à multa, não repassando esses recursos ao Estado. Portanto, cobrando a multa.

Pergunto ao Presidente: essa desobediência por parte do Executivo de uma resolução aprovada pelo Senado... (Pausa.)

Sr. Presidente, gostaria de ter a atenção de V. Ex<sup>a</sup> porque vou perguntar a V. Ex<sup>a</sup> se o Senado Federal vai aceitar pacificamente essa desobediência, por parte da Secretaria do Tesouro Nacional, de uma resolução aprovada no plenário do Senado, portanto, uma resolução do Senado Federal. Por que, se isso virar moda, as resoluções aprovadas na Comissão de Assuntos Econômicos e homologadas pelo Plenário do Senado não terão validade perante a Secretaria do Tesouro Nacional, que vai atender ou não de acordo com a sua vontade ou a vontade de quem esteja lá de plantão.

Então, quero saber do Presidente se alguma providência foi tomada ou se será tomada para que a Secretaria do Tesouro Nacional obedeça à resolução que o Senado aprovou. Ou, se ela não concorda, que a cumpra enquanto não houver uma decisão do Supremo. O que acho normal é que, se a Secretaria do Tesouro Nacional não concorda com a resolução, recorra ao Supremo, mas que não ignore simplesmente a resolução aprovada pelo Senado Federal, sem nenhuma decisão adotada pelo Supremo Tribunal Federal.



É isto que gostaria de saber, Sr. Presidente, se vamos ficar apenas assistindo à Secretaria do Tesouro Nacional não cumprir a resolução.

**O SR. EXPEDITO JÚNIOR** (Bloco/PR – RO) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Expedito Júnior pela ordem.

**O SR. EXPEDITO JÚNIOR** (Bloco/PR – RO. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, peço a palavra até para colaborar com o Senador Osmar Dias. Entendo a angústia do Senador, pois é a mesma nossa no Estado de Rondônia. Mas quero sair em defesa do Senado – e tenho certeza de que V. Ex<sup>a</sup>, daqui há pouco, vai explicar –, pois, quanto ao nosso Estado, na mesma semana que comunicamos a desobediência do Governo Federal, a desobediência da equipe do Tesouro Nacional, do Ministério da Fazenda, de imediato, todos – e estavam presentes os Líderes do PSDB e do Democratas – saíram em defesa não do Estado de Rondônia, mas em defesa da soberania do Senado.

Aprovamos uma resolução que não foi cumprida pelo Governo Federal e, de imediato, o Senado recorreu ao Supremo Tribunal Federal para que determine ao Governo Federal o cumprimento da resolução aprovada por esta Casa – aprovada pela Comissão de Assuntos Econômicos e pela maioria absoluta dos Senadores desta Casa.

Então, realmente, Sr. Presidente, é um desrespeito do Governo Federal com esta Casa. Quero parabenizar V. Ex<sup>a</sup>, que, de imediato, determinou à equipe jurídica do Senado que preparasse um mandato de segurança com pedido de liminar, que deverá ser julgado por esses dias.

Acredito que o Supremo – não vou dizer que vai corrigir – vai fazer com que o Governo Federal respeite esta Casa. Daqui a pouco, qualquer Ministro deste Governo vai passar a não acatar matérias aprovadas nesta Casa. Concordo com o Senador Osmar Dias que, se o Governo Federal entendesse que a matéria era inconstitucional, que buscasse uma solução no Supremo, mas jamais poderia se negar a atendê-la.

É uma decisão desta Casa e é um desrespeito do Governo Federal com o Senado brasileiro.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Osmar Dias, o Senado Federal, como dizia o Deputado Expedito Júnior...

**O SR. OSMAR DIAS** (PDT – PR) – O Senador Expedito Júnior.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – O Senador Expedito Júnior deu entrada no mandado de segurança com pedido de liminar, para

que a decisão do Senado, no caso do Banco de Desenvolvimento de Rondônia, fosse cumprida, já que a Secretaria do Tesouro Nacional, descumprindo a decisão, resolveu fazer o desconto do dinheiro que estava sendo descontado mensalmente do Governo de Rondônia. O Senado mandara interromper esse desconto.

A matéria foi recebida pela Presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministra Ellen Gracie, que despachou o pedido do Senado Federal, solicitando aos advogados desta Casa que atendessem a determinadas condições que não tinham sido preenchidas, o que já aconteceu. Os advogados do Senado Federal cumpriram a determinação da Ministra Ellen Gracie, que, naquela oportunidade, estava de plantão, no recesso, e o processo encontra-se para deliberação, agora, do Plenário do Supremo Tribunal Federal, tendo como Relator, se não me engano, o Ministro Gilmar Mendes.

Consulto o Senador Expedito Júnior.

**O SR. EXPEDITO JÚNIOR** (Bloco/PR – RO) – É o Ministro Lewandowski.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – É o Ministro Roberto Lewandowski.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – É o Ministro Ricardo Lewandowski, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço ao nosso Líder do PSDB, Senador Arthur Virgílio, que chega providencialmente à sessão para me lembrar o nome do Relator desse processo.

Portanto, quero dizer ao Senador Osmar Dias que o Senado não se omitiu, que o Senado não descuidou da sua responsabilidade, e a matéria está, portanto, pendente de julgamento do Supremo. A tese é a mesma a ser defendida no caso do Estado do Paraná.

Era esse o esclarecimento que eu tinha a fazer.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Peço a palavra pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. OSMAR DIAS** (DEM – PR) – Sr. Presidente, só quero entender a questão. O julgamento que se fará no caso de Rondônia serve de referência para o caso do Paraná, mas, se não for encaminhado também o caso do Paraná, mesmo servindo de referência, não haverá nada, formalmente, que garanta ao Estado do Paraná seu direito. Então, pergunto: não seria o caso de a Advocacia do Senado tomar a mesma providência em relação ao processo do Paraná?

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Tomará essa providência, imediatamente. Peço desculpas a V. Ex<sup>a</sup> se não a tomou ainda, porque estava a Advocacia empenhada em obter um resultado no caso do Banco do Estado de Rondônia (Beron), o que serviria de substrato, de base, para que fosse dada a entrada do mandado de segurança do caso do Paraná.

**O SR. OSMAR DIAS** (PDT – PR) – Sr. Presidente, no caso de Rondônia, o Governo de Rondônia solicitou isso ao Senado. Pergunto: o Governo do Paraná solicitou ao Senado que houvesse essa providência?

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Não, o Senado tomou a providência independentemente de solicitação do Estado de Rondônia, conforme pode atestar o Senador Expedito Júnior.

**O SR. OSMAR DIAS** (PDT – PR) – O Governo de Rondônia pediu, sim, Sr. Presidente. O Governo de Rondônia fez a solicitação ao Senado, sim, por intermédio do Senador Expedito. O Governo do Paraná ainda não fez a solicitação. Estou levantando esse...

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Eu queria esclarecer a V. Ex<sup>a</sup> que, independentemente – está aí o Senador Expedito Júnior –, sem esperar pela solicitação do Governo de Rondônia, o Senado tomou a providência de dar entrada ao mandado de segurança.

**O SR. OSMAR DIAS** (PDT – PR) – É o que V. Ex<sup>a</sup> fará?

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Depois, o Governo do Paraná veio ao encontro da decisão do Senado e, inclusive, impetrou outra ação no Supremo Tribunal Federal.

**O SR. OSMAR DIAS** (PDT – PR) – Está esclarecido, Sr. Presidente.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Sr. Presidente...

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Com a palavra...

**O SR. FLÁVIO ARNS** (Bloco/PT – PR) – Sr. Presidente, peço a palavra para tratar desse assunto.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – É o mesmo assunto, Senador Arthur Virgílio?

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Sim, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Então, peço a compreensão do Senador Flávio Arns, porque, em se tratando do mesmo assunto, o Senador Arthur Virgílio pediu a palavra primeiro. Foi questão de segundos, mas S. Ex<sup>a</sup> a pediu primeiro.

Concedo a palavra ao Senador Arthur Virgílio.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, V. Ex<sup>a</sup> agiu com o máximo de correção, como também a Advocacia do Senado e o Governo de Rondônia, no episódio. Foi muito diligente a atuação do Senador Expedito.

O que me parece muito nítido, e esse é um dos pontos de arrazoado mais fortes que vi a expormos ao Ministro Lewandowski, que é um jurista de renome e

de peso neste País, é que o Senado, eventualmente, poderia aprovar uma lei inconstitucional. Poderia fazê-lo, e alguém poderia questionar, junto ao Supremo, a constitucionalidade ou não dessa lei. Se o Supremo dissesse que a lei aprovada pelo Senado porventura era inconstitucional, o Supremo, dando ganho de causa à outra parte, justificaria a retomada dos seqüestros de recursos de Rondônia para pagamento dessa dívida, com a qual fico estarecido. A dívida era de R\$40 milhões, já foi pago R\$1 bilhão, e há mais R\$ 4 bilhões a serem pagos. É algo realmente que leva ao desespero e ao sacrifício o povo daquele Estado pobre, sofrido e trabalhador.

Veja, Sr. Presidente: para mim, o que não podia ter acontecido era o Ministro da Fazenda, certamente mal assessorado pelos advogados do seu Ministério, resolver, como se fosse o Supremo Tribunal Federal, a Suprema Corte do País, e não pessoa física, demissível **ad nutum** pelo Presidente da República, arvorar-se em Suprema Corte, agir como se tivesse o direito de desrespeitar o Senado. E desrespeitou, a um tempo, o Senado e a Suprema Corte. Ou seja, o procedimento correto dele, se não concordava com o que o Senado aprovou, era o de perguntar a opinião do Supremo, que poderia ser favorável ou não à idéia do Ministro Mantega. Mas o que S. Ex<sup>a</sup> fez me parece um duplo arbítrio, porque tenta substituir, pela sua ação, a Suprema Corte e, ao mesmo tempo, desrespeita uma decisão maciçamente respaldada pelos Srs. Senadores e pelas Sr<sup>as</sup> Senadoras nesta Casa.

Portanto, eu gostaria de, novamente, parabenizar V. Ex<sup>a</sup> pela atitude firme e pronta que tomou e, de novo, parabenizar a diligência firme do Senador Expedito Júnior, que conta com nossa solidariedade, seja porque é solidariedade para com Rondônia – sou um Parlamentar do Norte do País e agiria do mesmo jeito em relação a qualquer outro Estado da Federação –, seja porque estamos defendendo algo fundamental, que é a soberania desta Casa, que não pode ser pisada na sua autoridade, como fez o Ministro da Fazenda, Guido Mantega.

Sr. Presidente, se me permite mais um segundo, comunico à Casa que meu Partido, na Câmara, em eleição muito disputada entre dois grandes tucanos, dois grandes brasileiros, elegeu Líder o Deputado José Aníbal, ex-Presidente do Partido, que já havia sido Líder do Partido em outra ocasião. Disputou a eleição, o que valoriza sua vitória, com um ex-Líder do Governo Fernando Henrique, figura culta, preparada, honrada, ex-Secretário de Estado, homem preparado para qualquer vôlei na vida pública, que é o Deputado Arnaldo Madeira.

A eleição foi absolutamente normal: disputaram, ganhou José Aníbal, perdeu Arnaldo Madeira. A primeira providência de José Aníbal é a de se reunir com Arnaldo Madeira e compor um colégio de vice-líderes que junte as duas forças, para que o PSDB se apresente inteiro na frente de combate que lhe cabe, como partido de Oposição, na Câmara dos Deputados.

Portanto, quero parabenizar Arnaldo Madeira pela decisão e pela coragem de concorrer e quero parabenizar José Aníbal pela vitória, desejando que faça ele uma belíssima gestão à frente da Bancada aguerrida e valorosa do meu Partido na Câmara dos Deputados. E faço isso em nome de todos os Senadores do PSDB, Sr. Presidente.

Muito obrigado.

Era o que eu tinha a dizer.

**O SR. FLÁVIO ARNS** (Bloco/PT – PR) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Flávio Arns, como já são 18h30, permita-me prorrogar a sessão até às 19 horas.

Concedo a palavra ao Senador Flávio Arns.

**O SR. FLÁVIO ARNS** (Bloco/PT – PR. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, da minha parte, gostaria também de enaltecer o posicionamento de V. Ex<sup>a</sup> em relação ao Estado de Rondônia, bem como o posicionamento que V. Ex<sup>a</sup> vai adotar, conforme já anunciou, em relação ao Estado do Paraná, pelos argumentos que foram essencialmente levantados pelo Senador Arthur Virgílio e que, antes, já haviam sido abordados também pelo Senador Osmar Dias, no sentido de se enfatizar que, em ambas as situações, o Senado Federal tomou uma posição, aprovando um projeto de resolução e dando o encaminhamento necessário para uma situação dramática do Estado de Rondônia e para uma situação também dramática para o Estado do Paraná.

Eu, inclusive, diria que, se houvesse o espírito público de dialogar, de achar soluções, de buscar, em conjunto, uma alternativa, não teria sido necessária a intervenção do Senado Federal nos dois casos.

Sem dúvida, o exemplo, a decisão, o posicionamento de V. Ex<sup>a</sup> colocam, novamente, as coisas no devido lugar. A resolução do Senado tem de ser cumprida. Não é uma decisão individual de pessoas que possam dizer: “Vou cumprir ou não vou cumprir”. É um péssimo exemplo, inclusive, para a sociedade brasileira. Essa decisão tem de ser cumprida. Se há dúvidas, que se recorra às instâncias legais e judiciais pertinentes.

Quero enaltecer o trabalho de V. Ex<sup>a</sup>. Essa iniciativa, esse caso que aconteceu vai servir, sem dúvida alguma, de referência para outras discussões e para outras decisões, para que se tornem as relações entre

Executivo, Congresso e Estados mais democráticas e respeitadas em nosso País. Que haja a busca de alternativa, para que não se precise chegar ao ponto de termos de tomar decisões, como instituição, quando outros caminhos muito mais fáceis poderiam também ser percorridos!

Parabéns a V. Ex<sup>a</sup>!

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Flávio Arns.

Concedo a palavra ao primeiro orador inscrito após a Ordem do Dia, Senador Demóstenes Torres. S. Ex<sup>a</sup> falará na qualidade de Líder da Minoria.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO. Como Líder. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o Senado tem alguns problemas crônicos que deve resolver, até para não ficar com a sua imagem arranhada perante a sociedade.

Temos o caso, por exemplo, do Suplente. Os Suplentes atuais são pessoas por quem tenho o maior respeito, a maior admiração e gozo da amizade de todos, mas temos de reconhecer que a figura do Suplente – não os atuais Suplentes – passou a sofrer uma certa repulsa da sociedade. O instituto passou a sofrer uma certa repulsa da sociedade, e os próprios Senadores que assumiram o mandato nessa qualidade já têm essa consciência. Tenho conversado com muitos deles que, inclusive, são favoráveis à extinção.

Na próxima quarta-feira, na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado, vamos travar uma discussão importantíssima. Por quê? Porque a solução para o fim dos Suplentes tem de ser consensual, tem de ser encontrada, até porque se trata de uma proposta de emenda à Constituição, que precisa de 49 Senadores para ser aprovada.

Temos dois motivos principais para que haja, hoje, tantos Suplentes no Senado Federal, que são: a ida dos parlamentares para o Executivo em postos de Ministro de Estado ou de Secretário de Estado, e, também, a sua eleição para mandatos no Executivo.

Um Senador, em tese, é muito mais importante politicamente que um Prefeito, mas perdemos Senadores que passaram a ocupar postos de Prefeitos. Temos perdido Senadores para ocupar posto de vice-Governador de Estado. Com todo o respeito, vice-Governador não é nada. É, simplesmente, um Suplente que está aguardando, também, um impedimento do Governador.

Estamos vivendo, no fundo, uma crise do Poder Legislativo, porque estamos admitindo, com a saída dos nossos Senadores e Deputados, que o Poder Executivo é mais importante que o Poder Legislativo. Não estamos conseguindo fazer, de forma alguma, que os

nossos Senadores permaneçam sentados aqui, ocupando postos, cargos, funções importantes para as quais foram devidamente eleitos.

Por que essa atração pelo Poder Executivo? Qual é a razão de isso acontecer? A razão é muito simples: criou-se a ilusão geral de que o Executivo governa e de que todos os outros são obedientes. Na realidade, temos visto que isso é bem verdade. Há muito tempo o Legislativo tem dado exemplo de subserviência, tem se portado como um Poder inferior, como um Poder subalterno. Temos nós a obrigação de levantar a cabeça do Poder, para que possamos ser respeitados, pois são várias as situações, repito, em que o Poder Legislativo não tem seguido com dignidade os seus misteres.

Não é a figura do Suplente, repito, a única causa desse desgaste perante a população, mas a suplência, querendo ou não, passou a ser um ponto absurdamente negativo para o Poder Legislativo.

Na próxima quarta-feira, teremos oportunidade de discutir 12 propostas de emenda à Constituição, que eu sintetizei em um substitutivo.

Primeiro, em caso de vacância nos primeiros sete anos, haverá uma nova eleição, convocada para os dois meses subseqüentes à vacância – vacância por morte, renúncia ou cassação de mandato. Não havendo mais a possibilidade de sair para o Poder Executivo, com certeza também teremos muito menos situações como essas que acabo de apontar.

Peço às Srs<sup>a</sup> e aos Srs. Senadores que, na quarta-feira, na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, possamos, todos, discutir essa matéria.

No último ano, proponho que o segundo mais votado seja o chamado, porque recebeu votos. E possa, acontecendo a vacância no último ano, a eleição não acontecer, ou seja, chama-se o segundo mais votado.

Concedo o aparte ao ínclito Senador Sibá Machado.

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – Senador Demóstenes Torres, V. Ex<sup>a</sup> relata matérias relativas às sete PECs, que tratam de melhorar...

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Parece-me que são 12 PECs; uma das quais de autoria de V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> a consideração que deu a ela. Realmente, vivemos uma situação que já não poderemos mais deixá-la ao tempo. A sociedade tem cobrado, a imprensa tem cobrado, todo o mundo tem se pronunciado a respeito da suplência no Senado, de como ela é feita e de como deveria ser. E, um dos pontos que nos chama a atenção é o da representatividade.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Perfeito.

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – Esse é o ponto que nos chama a atenção. Acredito que, de todas as idéias colocadas, algumas delas, que pareciam ser muito simples no tratamento, vão mexer inclusive na eleição do próprio titular. Algumas sugestões acabarão mexendo na forma como o titular é escolhido hoje. Acredito que V. Ex<sup>a</sup> acrescentou duas idéias ali em torno das quais, imagino, não chegaremos a um consenso. Então, assim como o Senador Jefferson Péres pediu hoje na CCJ, ou seja, que pudéssemos, na semana que vem, avançar sobre um ponto qualquer, também entendo que precisaríamos avançar sobre um ponto qualquer.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Perfeito.

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – Caso não haja consenso na quarta-feira, também estou de acordo com a idéia de que votemos o que for melhor, a sugestão que estiver mais avançada possível.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Exatamente, o que for possível.

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – V. Ex<sup>a</sup> apresentou a sugestão de que um parlamentar eleito para o Congresso Nacional, ou para qualquer instância parlamentar, não possa deixar o cargo para assumir função no Executivo. Tomei a liberdade de perguntar a outros países como isso funciona lá, e a resposta que obtive foi a de que vários países concordam com a idéia levantada por V. Ex<sup>a</sup>. Acerca da situação do escolhido como Suplente de Senador, a única preocupação que tenho quando V. Ex<sup>a</sup> propõe que o segundo mais votado assumo a cadeira em caso de vacância, é com relação à possibilidade de a cadeira pertencer ao partido, conforme a atual decisão da Justiça. Então acho que, no sentido de um esclarecimento, avançaremos, sim, sobre a proposta de corrigir definitivamente o problema da escolha de Suplente de Senador.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Como teremos uma nova lei, então, quanto a isso não haverá problema, Senador. No atual ordenamento, isso sim.

Também não digo que seja a melhor solução. Pode ser que haja uma idéia melhor, como, por exemplo, votar-se em dois Suplentes; os Suplentes serem diretamente votados, para, no último ano, ocuparem aqueles postos. Sou a favor de que essa questão da representatividade, como V. Ex<sup>a</sup> bem disse, seja resolvida, até porque V. Ex<sup>a</sup> apresentou uma proposta nessa direção. Outros Suplentes, tais como o Senador Wellington Salgado, o Senador João Pedro, o Senador Flexa Ribeiro, que foram Suplentes, ou que esti-

veram nessa condição, ou que ainda o são, também nas discussões reservadas que temos, mostraram-se favoráveis a que alguma solução aconteça. Nós não podemos ficar em atrito com a sociedade. Digo isso não para menoscar a condição de Suplente. Não é nada disso.

Quantas vezes trabalhamos, e V. Ex<sup>a</sup> mostrou ter bem mais qualidades do que parlamentares Brasil afora. E as tem. Então, penso que isso é verdadeiramente importante. Iniciamos essa discussão e temos de chegar ao fim dela com a aquiescência do nosso Presidente Marco Maciel.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Permita-me V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Concedo o aparte ao Senador Eduardo Matarazzo Suplicy.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Prezado Senador Demóstenes Torres, quero cumprimentá-lo pelo seu trabalho como relator dessas inúmeras proposições relativas à modificação de algo que, há muito, deveria ter sido modificado no Senado. V. Ex<sup>a</sup> enfatiza, e com toda a razão, que aqueles que são Suplentes de Senadores aqui têm dignificado o seu mandato, a exemplo dos Senadores Sibá e João Pedro, além de tantos outros que aqui exercem o seu mandato e têm colaborado conosco, os Senadores titulares, e contribuído, em muito, para o Senado. Mas há um clamor da população brasileira para que tenhamos no Senado apenas os que sejam eleitos diretamente pelo povo, na forma de escolha direta. Por isso, apresentei, em primeiro lugar, um projeto de lei que foi arquivado, porque se tratava de regulamentação na Constituição, de modificação da Constituição, o que, portanto, deveria ser objeto de uma proposta de emenda à Constituição, e não de um projeto de lei. A idéia que apresentei, que V. Ex<sup>a</sup> também está examinando, é a de que, quando um eleitor escolhe o Senador titular, ele também deve votar e escolher entre até três nomes, ou seja, qual é o primeiro e qual é o segundo Suplente que o Partido ou a coligação apresentaram.

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Parece-me que isso significaria, primeiro, que o eleitor estivesse consciente de qual Suplente teria o melhor conhecimento, porque teria a oportunidade de escolher, entre os três, qual seria aquele que poderia melhor representá-lo. Portanto, essa é uma das idéias, que V. Ex<sup>a</sup> pode considerar, como Relator, e que submeto à apreciação dos Colegas. Com respeito às sugestões de V. Ex<sup>a</sup> sobre o fato de que um Senador não pode afastar-se para ser eventualmente Ministro do Execu-

tivo, sinceramente acredito que, embora haja mérito para dificultar a saída de Senadores titulares para o Executivo, por outro lado, isso não seria limitar a possibilidade de o Presidente da República escolher, dentre os cidadãos brasileiros, alguns que tenham excepcional qualificação para eventualmente tornarem-se Ministros, e que estejam exercendo mandato de Senadores? Coloco apenas essa questão para que pensemos nela. Meus cumprimentos a V. Ex<sup>a</sup>. Entendo que, nós, no Senado, deveremos votar brevemente essa matéria. Cumprimento V. Ex<sup>a</sup> por acender o debate para que possamos chegar na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania com uma forma amadurecida sobre o tema. Meus cumprimentos.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Senador.

**O Sr. Arthur Virgílio** (PSDB – AM) – Senador, permita-me V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Com todo prazer, Senador Arthur Virgílio.

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PTB – SP) – Senador, permita-me. Apenas para solicitar que os apartes sejam mais rápidos, porque a convocação é para quarta-feira. Se esgotarmos a discussão aqui e agora, ficaremos sem matéria para quarta-feira.

Então, darei o tempo necessário, mas gostaria que os partes fossem breves.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Essa idéia está sendo cogitada como uma alternativa. Apresentei a proposta com que particularmente simpatizo mais, mas isso não quer dizer que seja a melhor proposta. A proposta pode ser inclusive a manutenção dos Suplentes, como deseja V. Ex<sup>a</sup>, com votação direta deles. O que pretendo é que a Casa encontre uma solução.

Quanto ao afastamento para o Executivo, ele tem mais a ver com os regimes parlamentaristas, até porque os parlamentares quase sempre ocupam postos-chaves. Também pensei nessa alternativa porque as duas maiores incidências de Suplentes têm-se dado justamente com a saída para ser Ministro, ou até mesmo secretário estadual, tanto Senadores quanto Deputados, assim como a eleição para postos no Executivo.

Concedo a palavra, com muito prazer, ao ilustre Líder, Professor Arthur Virgílio.

**O Sr. Arthur Virgílio** (PSDB – AM) – Senador Demóstenes Torres, venho acompanhando o trabalho denso que V. Ex<sup>a</sup> realiza na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania sobre esse tema, e tenho uma enorme concordância com a idéia, e ainda algumas discordâncias. Eu ia mesmo procurá-lo. Tinha programado que um dia desses iria chamá-lo para um almoço ou um jantar para trocarmos idéias.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES (DEM – GO)**

– Com muita honra.

**O Sr. Arthur Virgílio (PSDB – AM)** – Vejo que a instituição do Suplente não é uma jabuticaba, não é uma invenção, faz parte da tradição legal brasileira e visa manter equilibrada a Federação. Cada Estado tem que ser representado por três Senadores, e é uma forma inclusive de se proteger por aí os Estados mais pobres, como o meu, no jogo e na competição com os Estados mais ricos – e esta é a Casa dos Estados. Tenho uma PEC, que V. Ex<sup>a</sup> já deve tê-la em mão, que vai diametralmente oposta à idéia respeitável do Senador Suplicy. Vejo que a idéia do Senador Suplicy, de certa forma, restaura a sublegenda, que vem dos tempos ditatoriais. A minha PEC diz o seguinte: o Suplente vira substituto e não sucessor. Na hipótese de impedimento definitivo, de morte, renúncia, cassação...

**O SR. DEMÓSTENES TORRES (DEM – GO)**

– Realiza-se uma nova eleição.

**O Sr. Arthur Virgílio (PSDB – AM)** – Nova eleição com o Suplente no cargo. Ele disputará a eleição no cargo. Na hipótese de substituição, sou inclinado a lutar por manter o *status quo* como está, porque vejo que as idéias são: assume o segundo, mas o segundo faz parte de uma equipe que perdeu a eleição majoritária. Se o segundo assume, em algum momento, estamos quebrando o princípio da eleição majoritária senatorial. Acaba virando uma eleição para deputado. Ficaria com pouco sentido essa consulta popular. Então, tenho um Suplente, o meu Suplente tem a sua Suplente, e fazemos uma equipe que derrotou os adversários. Logo, vejo mais legitimidade nos meus Suplentes do que em quem eu derrotei, por mais votos tenha tido quem eu derrotei, porque as minhas idéias, e portanto as idéias assimiladas pelos meus Suplentes, idéias deles, que foram à televisão, foram aos comícios, foram vitoriosos na eleição. Eu queria ainda dizer algo que eu julgo... Vai ser um debate muito interessante, porque V. Ex<sup>a</sup> sempre me orientou em matéria jurídica, e esse é um tema que eu persigo desde que retornei à Câmara, em 1995. Há Suplentes bons, há Suplentes que não são bons. Há Senadores titulares assim, há Senadores titulares assado. Se nós olharmos os Deputados mensaleiros, nenhum deles era Suplente. Eram todos titulares. Todos haviam sido consagrados pelo voto popular. Então, não daria para nós ligarmos os Suplentes à desonestidade: “Olha, é Suplente; logo, não é honesto”.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES (DEM – GO)**

– É verdade.

**O Sr. Arthur Virgílio (PSDB – AM)** – Seria uma... Como se diz em lógica, seria um... Ô meu Deus! Mas, enfim,... silogismo. Perfeitamente, me socorre o ilustre

companheiro. Silogismo. Eu vejo que temos que olhar com muito cuidado isso porque o interesse seria preservar o caráter majoritário da eleição de Senador. E eu tenho a impressão que nós temos que passar a responsabilidade para a sociedade. A sociedade tem que saber em quem está votando. A Lei Eleitoral teria que obrigar a participação dos Suplentes na campanha eleitoral. O nome bem claro nos cartazes. Propaganda gratuita, ou seja, uma parte do horário seria para o titular, outra parte para o primeiro Suplente, outra parte para o segundo Suplente. E, ao fazer campanha, eu diria assim: “Meu Suplente é Fulano de Tal, que tem a legitimidade tal, tal, tal, tal. Um Suplente do meu adversário é um mero financiador de campanha dele”. Eu diria alguma coisa desse tipo. Faria isso para que o povo fosse responsabilizado nesse processo. E, no mais, é um tema que tem que ser abordado, mas eu não queria também parar na conjuntura, Senador Demóstenes, porque é uma conjuntura que amanhã será substituída por outra. Eu gostaria de dar exemplos de pessoas, como meu companheiro de Estado, o Senador João Pedro, figura de muita decência, de muita correção, que não fica a dever aos titulares do Estado e não fica a dever aos...

**O SR. DEMÓSTENES TORRES (DEM – GO) –**

Quase poderíamos dizer que é uma figura belíssima.

**O Sr. Arthur Virgílio (PSDB – AM)** – Disso eu não participo. Do ponto de vista físico, eu não participo dessa visão, mas eu diria que é uma figura politicamente bonita sim.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES (DEM – GO)**

– Exatamente.

**O SR. MAGNO MALTA (Bloco/PR – ES) –** Aí seria um momento de fraqueza.

**O Sr. Arthur Virgílio (PSDB – AM)** – É, seria um momento de fraqueza sim. Eu não cairia num momento de fraqueza desses. Mas é alguém que trabalha, que luta pelo seu Estado, está cumprindo com seu dever, mantém equilibrado o seu Estado. Ou seja, vai ser um debate muito interessante. Tenho certeza de que, metucioso como V. Ex<sup>a</sup> é, talentoso como V. Ex<sup>a</sup> é, V. Ex<sup>a</sup> saberá encontrar uma forma que torne cada vez mais legítimos os mandatos dos Senadores. Agora, o que eu não gostaria era de ver transformado em sublegenda, ou seja, por ordem de votação, porque a idéia vencedora termina sendo suplantada, na hipótese da morte, por exemplo, daquele que conduziu a idéia vencedora. E não gostaria de ver o Senado perder a condição de Casa de eleição majoritária. São esses os pontos de vista que sustento, mas estou aí muito aberto. E gostaria de já fazer esse convite para uma conversa com V. Ex<sup>a</sup>...

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO)

– Com muito prazer.

**O Sr. Arthur Virgílio** (PSDB – AM) – ...que me dará o prazer da conversa e o prazer de ouvi-lo, porque V. Ex<sup>a</sup> é praticamente um professor meu em tudo que se refere a Direito, tudo o que se refere a matéria relacionada a Direito. Eu bebo suas palavras, sorvo sua sabedoria e tenho uma admiração que é crescente por V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO)

– Muito obrigado, Senador Arthur Virgílio. Faço apenas alguns comentários a respeito do que V. Ex<sup>a</sup> disse,...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO)

– ...comentários extremamente pertinentes.

Primeiro, há uma outra proposta que, aí sim, restaura a sublegenda, que seria lançar três candidatos pelo mesmo partido ou coligação. O mais votado seria o Senador; o segundo mais votado, primeiro Suplente; e o terceiro mais votado, segundo Suplente. O Senador Suplicy, por sua vez, promove a competição entre Suplentes que, se eleitos, ficarão apenas na expectativa, o que é também algo, digamos, relativamente complicado, porque o Suplente, embora votado, não vai assumir nada, a não ser que o titular morra, seja cassado, tenha uma invalidez permanente.

**O Sr. Magno Malta** (Bloco/PR – ES) – Se for competição de Suplente com Suplente, ele vai ficar agourando para o titular morrer. Não sei se isso vai dar certo.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO)

– Agora, entendo, como V. Ex<sup>a</sup>...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO)

– Sr. Presidente, peço mais alguns minutinhos. Já vou encerrar.

É uma boa idéia tratar do substituto, e não do sucessor. É uma boa idéia. Por quê? Porque, realmente, naquela hipótese de vacância definitiva, aí sim, convocaríamos um pleito com a possibilidade total de o Suplente substituto também participar desse pleito tampão. É uma idéia interessante.

Quanto à questão da substituição no último ano pelo segundo mais votado, foi uma idéia que apresentei, entre inúmeras outras, mas parece que há uma rejeição unânime a esse respeito. Apresentei essa hipótese do último ano porque, como haverá também uma nova eleição, pareceu-me que nesse último ano há quase uma impossibilidade de se realizarem duas eleições. Mas qual é a hipótese?

Nos Estados Unidos, por exemplo, a Assembléia Estadual se reúne e indica um Senador para cumprir

aquele fim de mandato. Uma eleição indireta é muito pouco simpática às nossas tradições. Permanecer vago é algo também complicado. Então, na hipótese de substituir, ou de subsistir a figura do Suplente, é óbvio que esse Suplente seria convocado no último ano, e não se realizaria uma nova eleição.

Mas são propostas pertinentes, Senador Arthur Virgílio, que devemos, claro, considerar, para encontrar uma solução boa para a Casa.

Concedo a palavra ao ilustre Senador João Pedro.

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – Depois V. Ex<sup>a</sup> me concede um aparte, Senador Demóstenes Torres?

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO)

– Com o maior prazer.

**O Sr. João Pedro** (Bloco/PT – AM) – Senador Demóstenes...

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. João Pedro** (Bloco/PT – AM) – Este aparte...

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – V. Ex<sup>a</sup> viu o elogio que lhe dirigido pelo nosso professor Arthur Virgílio? Queremos endossá-lo.

**O Sr. João Pedro** (Bloco/PT – AM) – Agradeço o elogio. Mas sem o belo, não precisa ter o belo.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO)

– Bela figura do profissional, até porque V. Ex<sup>a</sup>, como eu, não tem tantos atributos físicos.

**O Sr. João Pedro** (Bloco/PT – AM) – É verdade.

Penso que a raiz desta discussão está na reforma política que a sociedade brasileira deseja, reivindica, haja vista o número de PECs. São 12 só no Senado. Só no Senado. Imagine o que tem na Câmara de proposta que trata da figura do Suplente. Precisamos discutir isso com mais...

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO)

– Com mais vagar.

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. João Pedro** (Bloco/PT – AM) – ...com mais sabedoria, com mais tranqüilidade, principalmente na campanha eleitoral, do ponto de vista de tornar conhecido, de expor, de colocar o Suplente para discutir com a sociedade. Fui Suplente de um Senador que foi chamado para ser Ministro. Penso que qualquer discussão que possa punir o homem público de servir como Ministro... Porque, quando se sai do Senado, está-se levando o Senado, está-se levando a experiência de homem público. Discordo desse cenário de tentar resolver a figura do Suplente e, com isso, punir homens públicos que podem servir a governos, a ministérios, ao presidencialismo. Quero dizer que V. Ex<sup>a</sup>

está correto quando levanta a discussão. As iniciativas dos Senadores que apresentaram 12 PECs demonstram que há, sim, a necessidade de se discutir, mas é um pouco o que diz o Senador Arthur Virgílio, que tem o meu acordo. Na realidade, a sociedade analisa o mandato. Suplente ou titular, a crítica é acerca do mandato. Sou Suplente e me esforço para contribuir com o Senado da República, para representar o Amazonas, a Amazônia. Enfim, eu me esforço para cumprir o meu dever de homem público, e precisamos ter esse patamar.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO)  
– Perfeito.

**O Sr. João Pedro** (Bloco/PT – AM) – Precisamos ter essa grandeza de servir à Pátria, ao Brasil, à sociedade, enfim, aos nossos Estados. Quero dizer que V. Ex<sup>a</sup> está correto em suscitar o debate, em chamar a atenção dos Senadores para participar da discussão na próxima quarta-feira. Estarei lá, para contribuir.

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. João Pedro** (Bloco/PT – AM) – O Senado e a sociedade brasileira precisam encontrar um ponto, para que a figura do Suplente não contribua para enxovalhar o Senado, para comprometer a vida política do povo brasileiro.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO)  
– Perfeito.

Eu até admito, Senador, para atender a pontos como o de V. Ex<sup>a</sup>, respeitar-se o direito adquirido. Poderemos fazer essa emenda.

As duas principais causas da ausência são justamente a saída para o Executivo, para servir como Secretário de Estado ou Ministro, ou a eleição para posse no Poder Executivo.

Vamos manter a atual sistemática? Essa é a discussão que estamos pondo. Mas, se resolvermos fazer alteração, o que me parece que tem razoabilidade, respeitaremos, e, claro, colocaremos que essas medidas passarão a valer a partir das próximas eleições, respeitando-se o mandato que foi legitimamente outorgado pelo povo ao Senador e aos seus Suplentes, dentro das condições da época. Então, resguardaríamos isso, com todo respeito.

Ouçó o aparte do Senador Wellington Salgado de Oliveira.

**O SR. PRESIDENTE** (Romeu Tuma. PTB – SP)  
– O Presidente prorrogou a sessão até às 19 horas, tempo que já se encerrou. O Senador Sibá está no aguardo, temos que respeitar, e o Senador Gilvam Borges, que também está aguardando. Peço-lhe, encarecidamente, que se apresse e prorrogue a sessão

por mais 20 minutos, para dar oportunidade àqueles que estão inscritos.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO)  
– Muito obrigado, Senador Romeu Tuma.

**O Sr. Wellington Salgado de Oliveira** (PMDB – MG) – Senador Demóstenes Torres, vejo algumas situações que devem ser corrigidas. Por exemplo, a situação do Senador que assume acordo para sair perto das suas férias e deixar que o Suplente tome posse e possa computar todo aquele período para também virar Senador. Acho isso um erro que não pode acontecer.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO)  
– Perfeito.

**O Sr. Wellington Salgado de Oliveira** (PMDB – MG) – Uma questão que muitos colocaram, assim como a imprensa, é que eu seria o Suplente porque financiei a campanha do Ministro Hélio Costa. Ora, financiei a minha! A minha família nem conhecia o Ministro Hélio Costa, financiou a mim. E outra coisa: não imaginava que seria Senador da República durante tanto tempo; não tinha combinado com o Presidente Lula que Sua Excelência chamaria o Senador Hélio Costa para ser Ministro, para que eu virasse Senador. Trabalhei com o Ministro Hélio Costa, caminhei com ele, lutei com ele. Sempre soube que o cargo de Senador é majoritário. A Constituição nos chama de Suplente. Porém, para mim, sou um Vice-Senador. Sou Vice-Senador: no momento em que sai o titular, assumo. Como há o Vice-Prefeito, o Vice-Governador, o Vice-Presidente. Agora, dizer que o Vice não tem voto é o mesmo que dizer que o Vice-Prefeito não participa. Esses acordos, Senador Demóstenes, acontecem. Para ser o Suplente do Ministro Hélio Costa, tive de passar por uma primeira eleição, dentro do meu partido, para que fosse indicado. Se o Diretório do meu partido não me indica, não sou o Suplente. Essa foi uma eleição. Daí veio a eleição maior, em que caminhei com ele. É realmente uma situação acerca da qual deveríamos corrigir alguns erros. Às regras que esta Casa decidir os próximos Senadores Suplentes terão de se sujeitar. É assim que funciona.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO)  
– Perfeito. Com certeza.

**O Sr. Wellington Salgado Filho** (PMDB – MG)  
– É um debate interessante com V. Ex<sup>a</sup>, a quem, além de lhe ter um carinho sensacional – não vou falar, como o Senador Arthur Virgílio, que suga a sabedoria de V. Ex<sup>a</sup> –, eu admiro muito. Com certeza, vamos ter um embate num momento difícil. Desculpe-me, não é sugar. É server. Foi o Senador Arthur Virgílio que falou e não eu. Então, será um debate super-interessante. Foi muito bom falar hoje, com a paciência do Senador



Tuma e dos demais Senadores. Mas, na quarta-feira, vou chegar cedo e me sentar lá, Senador.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO)

– Muito bem!

Quero dizer que, as regras, V. Ex<sup>a</sup> cumpre todas; inclusive foi eleito, é legítima a sua presença na Casa. Nós temos que respeitar a vontade do povo de Minas Gerais. Mas é como V. Ex<sup>a</sup> diz: para os próximos, poderemos estabelecer novas regras. E são essas novas regras que estamos buscando.

Ouçó o aparte do nobre Senador Valter Pereira.

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – Senador Demóstenes Torres, sou conhecedor da sua preocupação com essa questão, que, na verdade, permeia a discussão política de toda a sociedade brasileira. A idéia que se passou para a sociedade é de que o Suplente ocupa um cargo biônico, ou seja, que ele não foi votado. E aí reside um grande equívoco, porque, na verdade, o sistema concebido prevê uma chapa única, em que há o Senador titular e os dois Suplentes. Mas essa versão que passam para a sociedade induz também à idéia de que o mandato exercido pelo Suplente padeceria do vício de ilegitimidade: ele não teria a representatividade necessária para falar e votar em nome do Estado que está representando. Há, efetivamente, um defeito na própria campanha e na própria cédula. Na minha avaliação pessoal, a questão seria resolvida, simplesmente, se o eleitor fosse induzido a votar individualmente e não na chapa única. Votar individualmente como? Votar individualmente no Senador titular, no primeiro Suplente e no segundo Suplente. Com isso, afastar-se-ia definitivamente essa inquinação de ilegitimidade do mandato do Suplente. No entanto, creio que é preciso acrescentar a essa discussão uma outra circunstância, que é idêntica à do Suplente: a do vice. O vice também é eleito com o titular. Temos aqui um exemplo emblemático, dada a importância do Município a que vou me referir. É o Município de São Paulo. Foi eleito como titular o atual Governador José Serra e, como Vice, o Sr. Kassab. Pois bem, quando o atual Governador foi compelido a renunciar ao mandato, assumiu o Vice. Eu me lembro de uma das primeiras pesquisas: as pessoas não conheciam o Vice. E não o conheciam por quê? Porque a lei não obrigava o Vice a ter o mesmo nível de participação na eleição, no processo eleitoral, na campanha eleitoral. Com isso, o Vice era desconhecido. Então, começou-se a pôr em dúvida a legitimidade do Vice, como acontece com o Suplente. Efetivamente, essas questões têm de ser enfrentadas pelo Congresso, tanto a do Suplente quanto a do vice. Eu gostaria de lembrar a V. Ex<sup>a</sup> alguns exemplos de Suplentes que tiveram assento nesta Casa e que honraram os seus

mandatos. Tivemos aqui, por exemplo, o caso do Suplente de Senador Fernando Henrique Cardoso, que exerceu um mandato com tanto brilhantismo...

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO)

– Vou dar outro exemplo: Senador Valter Pereira.

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – Eu estou muito distante desse exemplo. Mas o Senador Fernando Henrique Cardoso foi um brilhante parlamentar e, mais tarde, foi guindado à Presidência da República. Certo. Então, acho que essa questão tem de ser discutida com toda a franqueza. Vices: temos aqui o caso de alguém que foi um brilhante Senador, o Senador Itamar Franco, que assumiu a Vice-Presidência da República e que, mais tarde, sucedeu o titular com brilhantismo, entregando o poder com alto índice de aprovação popular. O Presidente Sarney promoveu a transição da ditadura para a democracia, substituindo o Presidente Tancredo Neves. De certa forma, é preciso ficar muito claro que aqui existem escolhas bem-feitas, escolhas políticas, escolhas de militantes, escolhas que vêm no bojo de um projeto político alicerçado num partido político, com militância etc. Existem também casos que causam escárnio perante a opinião pública. Mas, de qualquer forma, para evitar essa sensação de ilegitimidade que permeia na sociedade, indiscutivelmente, há que se introduzirem mudanças. E, na minha avaliação, Senador Demóstenes Torres, a mudança passa, necessariamente, pela obrigatoriedade de que o eleitor não só tome conhecimento de quem participa da chapa única lá do Senador, com os seus respectivos Suplentes, do candidato a Prefeito, a Governador, a Presidente, com seus respectivos vices, mas que passe, necessariamente, pelo voto. V. Ex<sup>a</sup>, que conhece a história, lembra-se muito bem. O Presidente João Goulart foi guindado à Presidência da República depois de ter ocupado o cargo de Vice. Foi na condição de Vice que ele assumiu a Presidência da República. Foi eleito pelo voto popular. Por que não voltar ao sistema....?

*(Interrupção do som.)*

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO)

– Eu iria justamente utilizar o exemplo de João Goulart para combater a idéia de V. Ex<sup>a</sup>. João Goulart foi eleito Vice numa chapa que não era a preferida, digamos, do cidadão brasileiro. Foi votado, foi eleito, mas não queriam o João Goulart para Presidente. E João Goulart, assumindo a presidência – não vou aqui entrar no que penso dele, porque sei que muitos pensam de forma diferente –, foi o grande responsável, digamos assim, para que o movimento militar, que vinha ascendente após a Segunda Guerra, transformasse o Brasil durante muitos anos numa ditadura militar.

Penso justamente que há um risco. Penso o contrário de V. Ex<sup>a</sup> nesse aspecto. Ao se votar num Senador e no seu Suplente, haverá uma disputa de Suplentes. V. Ex<sup>a</sup> pode ser eleito Senador, e o Suplente de Senador pode ser exatamente uma figura que lhe fez oposição, que, assumindo no seu lugar, pode ter justamente outras idéias, outros planos e que não foi aquele que o eleitor primordialmente escolheu, porque depositou em V. Ex<sup>a</sup> aquela confiança e não imaginava, embora tenha votado, que um primeiro Suplente, com outra gama de conhecimento, de aspiração, fosse assumir e fazer exatamente aquilo que V. Ex<sup>a</sup> propôs.

Até porque...

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – Mas V. Ex<sup>a</sup> há de convir com uma coisa, Senador Demóstenes Torres, V. Ex<sup>a</sup> há de convir que, na democracia, o que confere representatividade e legitimidade para o exercício de qualquer mandato eletivo é o voto.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Perfeito.

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – Então, veja o seguinte: a partir do momento em que a sociedade atribui o seu voto a alguém que será um substituto, ou eventual, ou definitivo, a sociedade está manifestando exatamente o contrário do que V. Ex<sup>a</sup> afirma. Ela está dizendo o seguinte: se estou elegendo alguém como titular, no caso de substituição dele, eu quero é fulano. No caso do João Goulart, aconteceu exatamente isso. Jânio Quadros tinha como seu parceiro de chapa o Senador Milton Campos, e a sociedade não queria o Milton Campos, tanto é que votou no João Goulart.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – E deu no que deu.

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – E deu no que deu, por quê? Porque V. Ex<sup>a</sup> mesmo já tem uma resposta antecipada. Porque havia já, precedendo àquele momento, uma conspiração que era latente, que era antiga, que era como se fora algum tumor que estava evoluindo e chegou a ponto de maturação, não pela figura do Presidente...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Mas, veja bem, os exemplos que V. Ex<sup>a</sup> dá ...

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – ... mas pelo *establishment* militar que, naquele momento, ainda tinha as rédeas do verdadeiro poder, que estava na caserna e não nas ruas.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Eu terei até um enorme prazer, porque tenho me dedicado ultimamente a estudar esse tema, de oportunamente travarmos esse debate a respeito do militarismo no Brasil. Acho interessante esse debate.

Agora, nesse aspecto, quanto aos Suplentes, veja bem, os exemplos usados por V. Ex<sup>a</sup>, exceto o exemplo de João Goulart, que não me pareceu um bom exemplo, são exemplos de Vices que foram votados justamente com a chapa presidencial: José Sarney, embora numa eleição indireta, junto com Tancredo Neves, e Itamar Franco, juntamente com o candidato a Presidente, hoje Senador, Fernando Collor de Mello. Então, embora tenha havido a vacância – no primeiro caso, por morte; no segundo, por impedimento do presidente –, os dois Vices eram figuras afinadas com o seu presidente.

E mais, estaremos levando para uma discussão uma eleição em que, querendo ou não, proeminente é o Senador. A sociedade poderá até votar no vice, mas o vice terá espaço na televisão para ter aquele desempenho que o titular tem? Porque aí eu tenho de concordar ....

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – Mas aí o defeito já não é no sistema. O defeito é na legislação da propaganda. Temos de legislar para que a propaganda leve ao eleitor o conhecimento de quem é o vice, de quem é o Suplente, para que ele escolha livremente e consciente de que aquele é o melhor.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Pergunto a V. Ex<sup>a</sup>...

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – E divirjo também em um aspecto de V. Ex<sup>a</sup>, por exemplo, quando aponta o exemplo do Vice-Presidente João Goulart como um erro da sociedade. Pode até ser, na avaliação de V. Ex<sup>a</sup>. Mas quantos erros também a sociedade comete quando escolhe o titular? Tivemos casos de cassações, tivemos casos de...

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Eu só disse que o exemplo utilizado por V. Ex<sup>a</sup> não foi o melhor, porque o exemplo João Goulart foi um desastre – o exemplo utilizado. Pode até ser normal, a sociedade escolheu...

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – Mas o desastre não foi do João Goulart, Senador.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Não vou discutir isso com V. Ex<sup>a</sup>, até porque não quero discutir isso com V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – Senador Demóstenes, o problema ali é que havia uma conspiração.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Perfeito. Eu não quero entrar nessa discussão.

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – Nós sabemos perfeitamente. V. Ex<sup>a</sup> acompanha a história. Havia uma conspiração militar.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – V. Ex<sup>a</sup> quer uma discussão sobre militarismo, vamos abrir,

se houver a aquiescência do Presidente. Acho interessante. Estamos discutindo suplência. Então, o que eu penso – claro que vamos discutir isso na...

*(Interrupção do som.)*

Aí, sim, estaremos fazendo, como disse o Senador Arthur Virgílio, reeditando a sublegenda, porque, caso contrário, ou se vota como V. Ex<sup>a</sup> quer, e se pode escolher inclusive de outra chapa, ou então teremos que voltar ao voto vinculado, o que aconteceu em 1982, o que é também um desastre.

Então, muito bem! Estamos aqui já iniciando o debate de quarta-feira. Respeito a opinião de V. Ex<sup>a</sup>, mas acho que talvez não seja a melhor opção.

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – Eu gostaria que V. Ex<sup>a</sup> me desse uma derradeira oportunidade.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Pois não.

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – Considerando que é no voto que reside a legitimidade para o exercício do mandato, é no voto que temos de decidir a suplência.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Com certeza.

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – Então, o Suplente tem de ser votado. Não existe outra alternativa.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Ou acabar com o Suplente, que é a minha proposta.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Vamos acabar com esse negócio de Suplente, mas, antes, vamos acabar com essa discussão, para os outros oradores usarem da palavra.

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – Encerro a minha intervenção, Sr. Presidente, dizendo ao Senador Demóstenes Torres que essa peleja é de natureza eminentemente política. Ouvi aqui um colega falar sobre a reforma política, e o que estamos fazendo é discutindo a reforma política.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Com certeza.

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – Embora esteja fatiada, o que estamos discutindo é um item da reforma política.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – E já cheguei à seguinte conclusão: se não for fatiada, não passa nada.

**O Sr. Valter Pereira** (PMDB – MS) – E vamos continuar essa peleja na CCJ. Muito obrigado, Senador Demóstenes Torres.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Com certeza. Com o maior prazer e respeitando a opinião de V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Eduardo Azeredo** (PSDB – MG) – Senador Demóstenes Torres, V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Concedo um aparte ao Senador Eduardo Azeredo.

**O Sr. Eduardo Azeredo** (PSDB – MG) – Quero dar uma sugestão, somos mineiros. Podemos colocar talvez algumas regras adicionais para Suplentes. Uma é que o nome do Suplente apareça de verdade, não com aquela letrinha miúda; que seja obrigatória uma divulgação maior do nome do Suplente. A outra é que possamos fazer uma regra que proíba o parente de 1º grau ou 2º grau, assim como já existe a inexigibilidade, que impede que um parente de 1º grau seja candidato. Que se fizesse uma coisa dessa. Nada contra os atuais Senadores. Seria uma regra permanente.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Mas também seria no sentido de se manterem os Suplentes.

Ouço o aparte do Senador Sérgio Guerra.

**O Sr. Sérgio Guerra** (PSDB – PE) – Só não entendi o que o nosso Senador Eduardo Azeredo tem contra a Suplente do Senador do Piauí. Não entendi isso.

**O Sr. Eduardo Azeredo** (PSDB – MG) – Não tenho nada absolutamente, Senador Mão Santa. Tenho toda amizade e respeito.

**O SR. DEMÓSTENES TORRES** (DEM – GO) – Agradeço a todos os Srs. Senadores por essa discussão. Vamos continuá-la na quarta-feira, na CCJ. Muito obrigado pela oportunidade.

*Durante o discurso do Sr. Demóstenes Torres, o Sr. Garibaldi Alves Filho, Presidente, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Romeu Tuma e Mão Santa, sucessivamente.*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Convidamos para usar da palavra o Líder do PC do B. O Líder tem prioridade.

**O SR. EXPEDITO JÚNIOR** (Bloco/PR – RO) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Pela ordem, V. Ex<sup>a</sup> tem a palavra.

**O SR. EXPEDITO JÚNIOR** (Bloco/PR – RO. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, no dia 25 de setembro do ano passado, apresentei à Mesa Diretora um pedido de encaminhamento de requerimento de informações ao Ministro de Defesa, o Requerimento nº 1.087, de 2007, sobre a ocupação dos imóveis funcionais pelos militares. Já se passaram mais de 60 dias e até agora não obtivemos essa resposta.

Gostaria de pedir a compreensão de V. Ex<sup>a</sup> para que renovasse esse pedido ao Ministro da Defesa, para que pudéssemos, então, ter as informações soli-

citadas em setembro. Gostaria que a Mesa o rerepresentasse.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – A Mesa aguarda o pedido de V. Ex<sup>a</sup> de reiteração para encaminhá-lo, embora reconhecendo que esse Ministro é useiro e vezeiro em não responder ao Senado.

**O SR. EXPEDITO JÚNIOR** (Bloco/PR – RO) – Sr. Presidente, o pedido já existe e é só renová-lo.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Dr<sup>a</sup> Cláudia, o pedido já existe. Quero afirmar que não é a primeira vez que o Senado da República se manifesta contrário a esse procedimento do Ministro da Defesa, useiro e vezeiro em desprezar esta Casa e a democracia.

**O SR. EXPEDITO JÚNIOR** (Bloco/PR – RO) – E segundo o § 2º do art. 50 da Constituição Federal, fixa-se o prazo de 30 dias para que o Ministro preste as informações, importando crime de responsabilidade se não enviá-las, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Pois faço questão de atender o pedido de V. Ex<sup>a</sup>.

Dr<sup>a</sup> Cláudia, encaminhar pedido para enquadrar o Ministro da Defesa, useiro e vezeiro em não responder ao Senado da República do Brasil.

**O SR. EXPEDITO JÚNIOR** (Bloco/PR – RO) – Não, não, não. Ainda não estou fazendo o pedido para que o Ministro seja responsabilizado.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Bom, eu agüento aqui, eu faço.

**O SR. EXPEDITO JÚNIOR** (Bloco/PR – RO) – Sr. Presidente, solicito que V. Ex<sup>a</sup> renove nosso pedido e dê o prazo de mais 30 dias para que o Ministro possa prestar as informações a esta Casa.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Vou ler o Regimento:

Art. 5º do Ato da Mesa nº 1, de 2001  
(....)

§2º O autor do requerimento, sob o fundamento de haver sido incompleta a resposta, poderá solicitar à Mesa a reiteração do pedido de informações, cujo atendimento deverá ocorrer no prazo estabelecido no parágrafo anterior.

Parágrafo anterior:

§ 1º A Mesa poderá, antes de declarar a ocorrência do fato a que se refere o *caput* deste artigo, decidir pela reiteração do pedido de informações, cujo atendimento, nesse caso, deverá ocorrer no prazo máximo de dez dias.

Então, S. Ex<sup>a</sup>, o Ministro da Defesa, está enquadrado em dez dias para responder, senão é classificado como uma figura nociva à democracia brasileira.

**O SR. EXPEDITO JÚNIOR** (Bloco/PR – RO) – Obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Com a palavra o Líder do PC do B, Senador Inácio Arruda .

**O SR. INÁCIO ARRUDA** (Bloco/PCdoB – CE. Como Líder. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores, ocupo esta tribuna para fazer, neste dia de hoje, o registro do aniversário de 100 anos de nascimento do Olga Benário Prestes. Olga nasceu em 12 de fevereiro de 1908. De origem judia, Olga, cujo nome verdadeiro era Maria Bergner, nasceu em Munique, na Alemanha, em 1908. Com quinze anos de idade, ingressou para a Juventude Comunista e, aos dezessete anos, mudou-se para Berlim, onde continuou sua militância.

É notório o episódio onde, em 1928, disfarçada de estudante de Direito, Olga e outros camaradas invadiram a sala de audiências onde seu companheiro Otto Braun era acusado de subversivo. Lá dominaram os policiais e libertaram o preso. Após a operação, Olga fugiu para Moscou, onde passou a trabalhar para o Movimento Internacional Comunista.

Em 1934, Olga foi designada para garantir a chegada segura ao Brasil do líder comunista – e posteriormente Senador da República – Luís Carlos Prestes. Aliás, Sr. Presidente, considero que está na hora de o Senado da República resgatar a figura de Luís Carlos Prestes. Cassado de forma indecorosa pelos seus Pais, com processo encaminhado pelo Supremo Tribunal Federal, processo que demonstrava o famoso início da Guerra Fria, era uma cassação puramente ideológica. O Supremo mandou e o Senado da República cassou o Líder do Partido Comunista do Brasil no Senado, naquela época, conhecido como Partido Comunista Brasileiro, Luís Carlos Prestes. Acho que é o momento de fazermos esse resgate. Agora, buscamos resgatar a figura belíssima de Olga Benário.

Durante a longa viagem, os dois, Olga e Prestes, se apaixonaram. Já no Brasil, mesmo na clandestinidade, articularam um movimento que eclodiu como uma revolta armada nas cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro.

Olga e Prestes foram presos e, apesar de protestos internacionais, ela foi entregue, grávida de sete meses, à polícia nazista alemã pelo governo de Vargas, numa operação montada pelo seu agente, digamos assim, “policial” principal daquela época, que era a figura de Filinto Müller, que, para que a história saiba dos acontecimentos, dá nome a uma ala do Senado

Federal. Então, foi entregue por Filinto Müller, que fazia às vezes de polícia política do governo de Getúlio de então. Olga ainda passou três anos num campo de concentração, antes de ser enviada para a execução na câmara de gás, em 1942.

Sua belíssima trajetória de vida foi retratada no filme *Olga*, realizado em 2004, pelo diretor Jayme Monjardim, inspirado na biografia também belíssima, de mesmo nome, escrita por Fernando Morais, esse grande escritor e jornalista brasileiro.

Srs. Senadores, Sr<sup>as</sup> Senadoras, quero destacar que, na Alemanha, a Associação dos Perseguidos pelo Regime Nazista fundou, em 1984, na cidade de Berlim, a Galeria Olga Benário.

E, agora, como ponto alto das homenagens que presta ao seu centenário de nascimento, a instituição convidou a professora Anita Leocádia Prestes, filha de Olga e de Luís Carlos Prestes, nascida em Berlim, quando Olga estava na prisão feminina, para inaugurar a “pedra de tropeço”, uma pequena placa de latão que é cravada nas calçadas dos prédios onde moravam vítimas do Holocausto.

As placas começam sempre com os dizeres: “Aqui morava” e, em seguida, lê-se o nome, data de nascimento, data de deportação e uma referência ao local e data de morte da vítima. Hoje, já são mais de 13,5 mil marcos como esse espalhados por quatro países da Europa – os nazistas e os fascistas transformavam em vítimas fatais aqueles que tinham o argumento da luta pela democracia, pela liberdade e pela defesa dos direitos dos povos no mundo inteiro.

O local escolhido para afixar a homenagem foi o último endereço de Olga, como cidadã livre, na Alemanha.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, Olga Benário Prestes foi modelo inquestionável de firmeza, coragem e convicção política.

Finalizo este pronunciamento destacando trechos de uma carta que Olga escreveu em fevereiro de 1942, pouco antes de completar 34 anos, logo após ouvir, no campo de concentração, a relação das 200 prisioneiras que, na manhã seguinte, seriam transportadas e mortas.

Disse Olga:

Queridos, amanhã vou precisar de toda a minha força e de toda a minha vontade. Por isso, não posso pensar nas coisas que me torturam o coração, que são mais caras do que a minha própria vida.

E por isso me despeço de vocês agora. É totalmente impossível para mim imaginar, filha querida, que não voltarei a ver-te, que

nunca mais voltarei a estreitar-te em meus braços ansiosos.

Mais à frente, continua Olga:

Querida Anita, meu querido marido, meu garoto: choro debaixo das mantas para que ninguém me ouça, pois parece que hoje as forças não conseguem alcançar-me para suportar algo tão terrível”.

E finaliza:

Prometo-te agora, ao despedir-me, que até o último instante não terão por que se envergonhar de mim. Quero que me entendam bem: preparar-me para a morte não significa que me renda, mas sim saber fazer-lhe frente quando ela chegue. Mas, no entanto, podem ainda acontecer tantas coisas... Até o último momento manter-me-ei firme e com vontade de viver. Agora vou dormir para ser mais forte amanhã. Beijos, pela última vez.

Olga.

Sr. Presidente, ao reverenciarmos a memória de Olga Benário Prestes, reafirmamos seus ideais de busca por um mundo justo, fraterno, solidário. Olga Benário Prestes é exemplo de luta, determinação e amor ao Brasil e ao Socialismo.

É a nossa homenagem a essa querida irmã de luta e de fé na longa caminhada em defesa do socialismo.

Viva Olga Benário Prestes!

Era o que tinha dizer.

Obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Após a brilhante homenagem do nosso Senador Inácio Arruda, Líder do PCdoB, a Olga Benário, convidamos para usar da palavra...

**O SR. INÁCIO ARRUDA** (Bloco/PCdoB – CE)

– Sr. Presidente, peço permissão a V. Ex<sup>a</sup> para oferecer um aparte ao nosso Senador do Estado do Amazonas João Pedro.

**O Sr. João Pedro** (Bloco/PT – AM) – Obrigado, Sr. Presidente Mão Santa. Senador Inácio Arruda, V. Ex<sup>a</sup> faz um registro da nossa história. Estou fazendo este aparte para me associar à iniciativa de V. Ex<sup>a</sup> em registrar este centenário, mas, ao mesmo tempo, quero refletir acerca do momento em que o mundo contemporâneo viveu a circunstância da Segunda Guerra Mundial. V. Ex<sup>a</sup> destaca, primeiro, um brasileiro importante, Senador da República, Luís Carlos Prestes; segundo, Olga Benário. V. Ex<sup>a</sup> faz esse registro, e quero apenas contribuir, associar-me ao discurso, à iniciativa, à emo-

ção de V. Ex<sup>a</sup>, porque V. Ex<sup>a</sup> está registrando um fato em que um segmento político se confrontou de forma muito firme, muito consciente: os partidos comunistas se contrapuseram a Hitler, ao fascismo. Quero chamar a atenção para isto: os comunistas tiveram um papel importante – digo fundamental – na derrota do fascismo no início da década de 40 – final da década de 30, década de 40. Então, V. Ex<sup>a</sup> faz o registro de dois personagens: um, brasileiro; outro, uma alemã, que viveu aqui, que se casou com um brasileiro, que tem uma filha – e esta tem filhas, hoje, no Brasil. Quero associar-me à emoção da V. Ex<sup>a</sup>. É mais um registro histórico. E o papel dos socialistas, dos comunistas, dos democratas foi importante, porque eles enfrentaram e derrotaram o fascismo de Adolf Hitler.

**O SR. INÁCIO ARRUDA** (Bloco/PCdoB – CE) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>. Ao fazer esse registro, V. Ex<sup>a</sup> amplia a força da emoção deste pronunciamento. V. Ex<sup>a</sup> é como um socialista: conhece bem a necessidade imperiosa de o mundo dar esse passo a mais na qualidade de vida das pessoas. Eram esses os ideais desse povo, de Prestes, de Olga, de tantos socialistas, de tantos comunistas.

Lembro-me como se deu a resistência francesa, em dois momentos: lá, atrás, antes da Comuna de Paris, quando o povo pobre das ruas – os analfabetos, os operários – teve de se levantar para defender o país, porque a elite francesa da época fez um acordo com a Alemanha, para a Alemanha dominar a França. E foram exatamente os pobres, os carroceiros, os operários, os mais simples do povo que reagiram para defender seu país. Em seguida, na Segunda Guerra Mundial, foram os socialistas, os comunistas, os democratas que fortaleceram a resistência francesa. Eram eles que estavam na linha de frente de todos os combates, dentro da França e, às vezes, fora da França, para defender sua pátria contra o nazi-fascismo.

Então, eu agradeço a V. Ex<sup>a</sup>

Este é um momento importante para fazermos um registro e um resgate histórico. E levanto esta idéia: creio que é hora de resgatarmos, dentro do Senado da República, o nome do Senador Luís Carlos Prestes. Ele foi cassado por esta Casa. Acho que este ato tinha de ser revisto pelo próprio Senado da República.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Após brilhante pronunciamento do Senador Inácio Arruda...

**O SR. INÁCIO ARRUDA** (Bloco/PCdoB – CE) – Sr. Presidente, o Senador Sibá Machado gostaria de...

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – O Senador Sibá está inscrito aqui e ele será chamado. Está na Bandeira: “ordem e progresso”. O Sena-

dor Sibá cedeu a palavra, como Líder de Governo, ao nosso Senador Tião Viana. Ele está inscrito. Então, por questão de justiça, observarei a ordem de inscrição. V. Ex<sup>a</sup> está inscrito. Mas, decifrando desse emaranhado, constato que V. Ex<sup>a</sup>, na sua sensibilidade, cedeu, como Líder, ao Tião Viana. Então, V. Ex<sup>a</sup> vai ser chamado como orador inscrito.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC) – Não, Sr. Presidente. A inscrição para falar pela Liderança do PT é que foi cedida ao Senador Tião Viana. Eu pedi a inscrição pela Liderança do Governo, do qual sou Vice-Líder.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – V. Ex<sup>a</sup> será o próximo chamado.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC) – Sem problema. Estou tranqüilo.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Depois, vamos consultar a lista de oradores. O País aguarda Paulo Duque, homem que viveu essa época, tão bem descrita, da ditadura Vargas, do delegado Filinto Müller e suas arbitrariedades. Depois, falará o Senador Gilvam Borges.

Concedo a palavra, como Líder do Governo, ao Senador Sibá Machado, que está substituindo o Líder Romero Jucá.

Por delegação, regimentalmente, V. Ex<sup>a</sup> dispõe de cinco minutos.

**A SRA. KÁTIA ABREU** (DEM – TO) – Sr. Presidente, eu gostaria, se o Senador Sibá Machado permitir, de apenas fazer uma comunicação rápida a respeito de um assunto muito importante para o Brasil. Em cinco segundos faço isso.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – O Senador está na tribuna.

**A SRA. KÁTIA ABREU** (DEM – TO. Pela ordem. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente, hoje, na Comissão de Agricultura e Reforma Agrária do Senado, houve uma audiência pública muito importante para o agronegócio brasileiro, especialmente para a pecuária.

Recebemos um embargo, por parte da União Européia, com relação à carne brasileira, o qual não tem propósito, não tem sentido, pois não há foco de aftosa no País. O Brasil está, a duras penas, apesar do seu tamanho e da falta de recursos, tentando colocar nos trilhos o Sisbov, mas, infelizmente, a União Européia, pretende permitir que apenas 300 propriedades rurais, de um total de 25 mil, possam exportar carne para os países que a integram. Sabemos que isso criará um cartel no Brasil.

Nós, Senadores da República, que temos responsabilidade com a Nação e com esse segmento tão importante para a economia nacional, enviaremos um

abaixo-assinado ao Governo para fortalecer o Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, no sentido de mostrar à União Européia que o Parlamento europeu manda na Europa e que o Parlamento brasileiro comanda o nosso País. O nosso Congresso comandamos nós e não o Parlamento europeu.

No abaixo-assinado já constam mais de vinte assinaturas de Senadores. Pretendemos continuar com ele amanhã e depois, entregando-o ao Governo brasileiro para mostrar que somos radicalmente contra essa lista pedida pela União Européia, que chega a ser imoral, porque prejudicará enormemente o nosso País e causará uma imensa repercussão internacional negativa com relação à carne brasileira.

Não podemos permitir que isso aconteça, pois demoramos quase trinta anos para trazer a pecuária brasileira para onde ela está hoje. Não será por exigência de um Parlamento europeu, por problemas políticos locais, de subsídios pesados, que iremos comprometer esse setor tão importante, que, com tanto sacrifício, chegou até aqui.

Quero agradecer a todos os Senadores que, de forma suprapartidária, estão participando do abaixo-assinado a favor da pecuária, dos pecuaristas, dos trabalhadores dessas propriedades rurais, cujos empregos poderão ser comprometidos.

Muito obrigada, Sr. Presidente.

Muito obrigada, Senador Sibá Machado, que também já assinou esse documento em favor da pecuária brasileira.

Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Concedo a palavra, como Líder do Governo, ao Senador Sibá Machado.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC. Pela Liderança. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, venho à tribuna porque, depois das notícias que a imprensa veiculou sobre o desmatamento na Amazônia, vejo que esse é um dos assuntos de que sempre tratamos aqui, infelizmente de maneira extremamente apaixonada.

Muitas vezes esquecemos de olhar a História e o que está sendo feito atualmente: os esforços do Governo no sentido de garantir, minimamente, o controle ambiental naquela região do Brasil.

Início dizendo, Sr. Presidente, que toda vez que se fala de um mínimo controle sobre os desmatamentos, do mau uso dos rios ou coisa parecida, os órgãos que trabalham com controle ambiental são tratados como aqueles que atrapalham a economia, atrapalham o País, atrapalham o desenvolvimento. Se ocorre qualquer tipo de flexibilização, isso é tratado como

irresponsabilidade, como perda de controle ou coisa dessa natureza.

Quando a Senadora Marina Silva assumiu o Ministério do Meio Ambiente, ela deixou muito claro, desde o início, que não estava disposta a cuidar do que chamou de paisagem, a cuidar da jardinagem. Seu grande desafio seria tratar as questões ambientais do Brasil como assunto de Estado, assunto de Governo, transversalmente, é claro, a todas as áreas de interesse público. Essa foi uma grande conquista.

Não faço comentário que venha a macular o trabalho de outras pessoas que assumiram esse Ministério em Governos anteriores, mas quero dizer que há uma posição muito firme, muito segura e extremamente sabedora das responsabilidades que tem, tanto em cumprir as metas do desenvolvimento nacional, como também, e principalmente por isso, de cuidar dos princípios que norteiam os interesses do controle ambiental.

Portanto, Sr. Presidente, é preciso lembrar que aquela região corresponde a praticamente 50% do Território Nacional e o Estado brasileiro tem dificuldade de estar presente naqueles rincões.

Depois, vivemos uma realidade – não sei se já entramos no século XXI, não sei se estamos no século XX – mais parecida com a da época do cangaço, pois ainda, em muitas áreas da Amazônia, debate-se a questão fundiária na base do tiro, da arma de fogo, do assassinato. Ontem, lembramos uma das pessoas mais ilustres da luta pela questão fundiária na Amazônia, a Irmã Dorothy.

Esse tipo de assunto chama-nos a atenção e tira-nos até do sério, Sr. Presidente, porque não dá para ser tratado dessa maneira. Às vezes, por mais amigo que se procura ser, o debate que está caminhando para um entendimento é jogado por terra por causa dessas paixões.

É muito claro, Sr. Presidente, que ninguém vai para Amazônia para passear. Ao estudarmos os primórdios da migração humana, vemos que a ocupação amazônica foi fruto de uma migração em busca de uma melhor condição de vida por parte dos chamados ameríndios, os indígenas atuais. Segundo algumas teses, eles imigraram do Alasca para cá à procura de um lugar melhor para viver. Então, quem veio para cá veio para viver uma situação melhor. Portanto, quem vai para a Amazônia o faz com interesse em um melhor desenvolvimento da economia.

A tese de que as pessoas que desmatam mais a Amazônia estão ligadas à questão da economia é uma verdade. Ela é extremamente verdadeira. Agora, há aqueles que procuram, minimamente, seguir as regras da lei, seguir, minimamente, as regras estabeleci-

das pelo Estado, e aqueles que insistem em trabalhar e fazer as coisas de maneira errônea.

Portanto, é preciso deixar muito claro que, desde 2003, o jogo está muito bem estabelecido. Temos uma regra a cumprir com base em uma legislação elaborada por esta Casa. Todos os princípios que norteiam o trabalho dos órgãos ambientais daquela região estão nessa cartilha de trabalho.

Sr. Presidente, quero deixar muito claro que, do-  
rante, se o assunto for para o campo da paixão, com  
paixão também saberemos tratá-lo, mas não sei se é  
isso que interessa ao Brasil.

Observem que, na região, já existe a chama-  
da expectativa de propriedade fundiária por parte de  
pessoas que desmatam única e exclusivamente para  
fazer uma espécie de confisco da terra, um roubo da  
propriedade fundiária.

Vimos, na CPI da terra...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC) – (...) a aberração de pessoas que tinham expectativa de posse e de propriedades de mais de cinco milhões de hectares. Isso é uma coisa inaceitável em qualquer lugar do mundo, e este Governo conseguiu resolver esse assunto. Tirou essa expectativa de propriedade e criou unidades de conservação ambiental, para que a sociedade, o mundo, o Brasil, aqueles que vierem depois de nós também desfrutem do prazer que a natureza nos deu: uma floresta com cerca de uma milhão de anos ainda intacta.

Defendemos que pode haver uso racional e econômico daquela floresta. Para isso, depois de um grande debate nesta Casa, foi estabelecida a possibilidade de gestão de florestas públicas, para que empresários sérios, corretos, que obedecem à lei, possam fazer uma exploração econômica e que todos possam fiscalizar.

No entanto, fiquei entristecido, Sr. Presidente, e vou concordar, porque um dos...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC) – Estudiosos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) disse que agora existe uma regra, a chamada “engana Detel” – sistema que faz o monitoramento do desmatamento por satélite. Mas a onda do “engana Detel” é a seguinte: desmata-se apenas a chamada mata miúda, a menor, que está abaixo da copa maior. Nós, na Amazônia, chamamos isso de brocar. Planta-se o capim lá embaixo e, depois que o capim cresce, fica muito mais fácil dizer, *a posteriori*, que aquela área já estava plantada há muito tempo.

Essa tentativa de burla obrigou a muitas inserções, as quais deixaram algumas pessoas dizendo que o mundo estava se acabando na Amazônia, haja vista que foram feitas prisões, sim, inclusive de pessoas que faziam parte do Serviço Público, na tentativa de se coibir, minimamente, a criminalidade no uso da terra e da floresta na Amazônia.

Sr. Presidente, acredito que esta Casa – Senadoras e Senadores – têm responsabilidade. Estávamos em via, sim, de buscar um entendimento mínimo sobre a situação de pessoas que, protegidas pelas regras anteriores do Código Florestal, avançaram sobre os 50%. Isso era permitido por lei na época, mas não o é neste momento. Acontece que, agora, fizeram uma confusão danada na Câmara dos Deputados, tanto que as negociações estão suspensas, visto que não se e não se pode falar nesse tom. Portanto, daqui para frente, “cumpra-se a lei”, e paciência. Se é dessa forma, esta é a forma que o assunto será tratado daqui para frente.

Sr. Presidente, desculpe-me o tom de desabafo. Entendo que, aqui, não podemos individualizar as questões. Aqui existe uma estratégia de governo, qual seja, a de usar bem o nosso território, seja em que região for.

Mas, aí, vejo a proposta no sentido de mudar o Código Florestal no que diz respeito aos biomas amazônicos, cerrados e outros, retirando os Estados do Maranhão, de Mato Grosso e de Tocantins da Região Amazônica, o que significa dizer que esses Estados, por decreto, deixarão de ter parte de sua cobertura florestal pelo bioma amazônico. Não podemos aceitar uma coisa dessas, Sr. Presidente, porque aí seria dizer, definitivamente, que os Estados de Mato Grosso, do Maranhão e de Tocantins poderão zerar praticamente suas coberturas florestais, o que é um problema grave a ser tratado daqui para frente.

Neste momento, em que o mundo discute o aquecimento global, em que muitos técnicos asseguram que parte das emissões de CO<sub>2</sub> do Brasil vem basicamente de queimada das florestas, que as indústrias poluem menos e que, em suma, a Amazônia é que acaba colocando o Brasil na chamada linha de risco, gostaríamos, insistentemente, de dizer que esse não é o caminho, definitivamente não é o caminho. Portanto, esperamos que, daqui para frente, pelo menos um tratamento mais respeitoso entre as pessoas e, principalmente, tratar do verdadeiro problema, que é respeitar minimamente a legislação ambiental brasileira.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Convido para usar da palavra o Senador Paulo Duque.



**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Sr. Presidente, peço a palavra, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Concedo a palavra ao Senador Heráclito Fortes, pela ordem.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Com a permissão e a generosidade do Senador Paulo Duque, Sr. Presidente, quero, como Presidente da Comissão de Relações Exteriores, fazer um registro histórico. O Senador Sibá Machado já tratou do assunto, mas é sobre fato relevante, que merece o respeito e a admiração de todo o mundo. Refiro-me ao pedido formal de perdão, feito ontem pelo Primeiro-Ministro da Austrália, Kevin Rudd, aos aborígenes, por maus tratos seculares.

Esse é um gesto de humildade e, acima de tudo, um gesto muito positivo para o mundo de hoje, que vive cheio de conflitos.

O alijamento histórico de uma raça, na Austrália, trouxe prejuízos, conseqüências, dores, e já há algum tempo, meu caro Presidente, os aborígenes reivindicavam pelo menos o direito do reconhecimento por parte do governo australiano de tudo aquilo que eles padeceram ao longo dos anos.

O gesto espontâneo e a iniciativa do Primeiro-Ministro tem, meu caro Senador Paulo Duque, tem caráter histórico e, portanto, merece os aplausos do Senado brasileiro, meu caro Senador Suplicy.

Sr. Presidente, faço esse registro em meu nome pessoal e espero estar interpretando também o pensamento desta Casa, ao solicitar a V. Ex<sup>a</sup> que transmita às autoridades, e principalmente ao povo da Austrália por esse gesto magnânimo, os nossos aplausos, pois tenho a certeza de que será uma grande colaboração para a tão sonhada paz mundial.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – V. Ex<sup>a</sup> será atendido de acordo com o Regimento.

Concedemos a palavra ao Senador Paulo Duque, do PMDB do Rio de Janeiro, que põe por terra aquela discussão sobre Suplentes. Trata-se de um Suplente que enriquece o Senado da República e a democracia brasileira pela sua luta e experiência.

V. Ex<sup>a</sup> pode usar da tribuna pelo tempo que achar conveniente.

**O SR. PAULO DUQUE** (PMDB – RJ. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Meu caro Presidente Francisco de Assis, hoje eu até gostaria que as minhas primeiras palavras fossem para homenagear um Suplente. Refiro-me ao Senador Lobão Filho aqui presente. S. Ex<sup>a</sup> já é político antigo, foi Governador, Prefeito, hoje é Suplente de Senador. Todos, aqui, são mandatários de várias representações populares, mas

hoje, está aqui um suplente, pela primeira vez, e que vai nos brindar com a sua palavra, com a sua verve, sua inteligência, enfim, seu espírito maranhense, que é um suplente. Salve o Suplente!

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Shakespeare disse que “a sabedoria repousa em somarmos a experiência dos mais velhos – Suplente V. Ex<sup>a</sup> – com a ousadia dos mais novos”, aqui representada pela pelo jovem e novo Senador.

**O SR. PAULO DUQUE** (PMDB – RJ) – Não nos esqueçamos do nosso querido suplente também, o Senador Wellington Salgado.

Mas, Sr. Presidente, o que quero dizer hoje é que mudei completamente o sentido do meu discurso; completamente.

Vejo, para resolver essa questão de suplência, uma simplicidade absoluta. Basta voltarmos um pouco no tempo, e chegarmos na Constituição de 1946, que previa, na composição do Senado Federal, lá no Rio de Janeiro, que houvesse apenas um titular e um Suplente. Creio que daria muito mais legitimidade, muito mais seriedade, muito mais tudo. Apenas um Suplente. Basta um Suplente. Para que dois? Falando em despesa, falando em facilidades, falando em financiamentos, falando em aproveitamentos indevidos, um seria suficiente. Era um suplente durante toda a primeira República, e o Senado operou muito bem. Claro que havia alguns, como Rui Barbosa, que foram Senadores a vida inteira.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Trinta e dois anos Senador da República, Rui Barbosa.

**O SR. PAULO DUQUE** (PMDB – RJ) – Ali está ele a inspirar V. Ex<sup>a</sup>.

Então, basta cortar um Suplente. Ficaria um titular e um Suplente e acabou o assunto. Ouvi a discussão, hoje, tão brilhante entre o Senador Demóstenes com vários Senadores. Basta cortar um. Talvez o povo até batesse palma, talvez, talvez.

Ouvi também um pronunciamento muito interessante aqui do Senador Inácio Arruda, homem autêntico, que respeito, sobre a expulsão de uma integrante de um partido comunista alemão, um austríaco, europeu,...

**O Sr. Lobão Filho** (DEM – MA) – Senador Duque, V. Ex<sup>a</sup> me concederia o prazer de um aparte?

**O SR. PAULO DUQUE** (PMDB – RJ) – Daqui a pouco.

Então, veio para o Brasil com um belga, com um americano, com um argentino, com um **staff**, com intenções revolucionárias, já àquela época, antes de 1930. Acabou sendo expulsa do País, e a culpa desse negócio é posta sempre no Filinto Müller, que foi Senador nesta Casa. Na realidade, ele não foi culpado

de nada. Ele cumpriu ordens governamentais. O Senador Filinto Müller, que deu sua colaboração aqui, apenas cumpriu ordens. Era um simples delegado, cumpriu ordens. Não podemos colocar a culpa nele. O governo agiu como agiria certamente o governo da URSS da época. Eram os dois reparos pequenos que eu queria fazer.

Concedo, com muito prazer, um aparte ao Senador Lobão Filho.

**O Sr. Lobão Filho** (DEM – MA) – Senador Paulo Duque, agradeço a V. Ex<sup>a</sup> pelas elogiosas palavras. Tenho estudado o assunto da suplência. Esse debate é antigo na Casa. O primeiro projeto, de 2003, é do Senador Sibá Machado. Já existem oito propostas na Casa em relação ao tema, e eu, se Deus quiser, apresento uma proposta na segunda-feira. Existem fórmulas talvez mais eficientes e mais eficazes do que a de hoje. Sua idéia de ter apenas um suplente é igual à minha. Eu também tenho essa idéia, e terei prazer em enviar a V. Ex<sup>a</sup> cópia do projeto a que darei entrada na segunda-feira, para que V. Ex<sup>a</sup> possa analisar conosco essa minha proposta de emenda. Muito obrigado.

**O SR. PAULO DUQUE** (PMDB – RJ) – Ora, eu me sentirei... Seguramente, o Senador Gilvam Borges e o Senador Mão Santa também vão se sentir honrados em receber essa proposta, porque estamos aqui agüentando a sessão, e fazemos isso com prazer. Não me sinto forçado nem cansado, sinto-me com muito prazer. Quando olho para cá, eu vejo isto aqui cheio. Para mim, é como se o plenário estivesse cheio, com os 81. Imagine, se cortar mais um... Daria quanto? V. Ex<sup>a</sup>, que é professor de matemática. Daria... Oitenta e um menos um terço...

**O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA** (PMDB – MG) – Ah, menos um terço.

**O SR. PAULO DUQUE** (PMDB – RJ) – Menos um terço.

**O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA** (PMDB – MG) – Vinte e sete.

**O SR. PAULO DUQUE** (PMDB – RJ) – Não é? Ficaria um Senado menor. Talvez mais responsável, ou menos perdulário, como parece ser algumas vezes, mas não é. Porque o Senador que chega aqui, Presidente, não é escolhido pela sorte, ele não compra o voto. Ele chega aqui porque ele é votado, com toda legitimidade, de acordo com as regras constitucionais. Não há o que discutir. Não há o que adivinhar. Não vamos com falsas moralizações. Vamos diminuir? É por causa da despesa? É por causa disso, daquilo? Muito simples. Basta diminuir uma vaga. Já imaginou? O Piauí, só dois: V. Ex<sup>a</sup> e mais um. Lá no Rio, a mesma coisa. No Rio Grande, a mesma coisa. No Maranhão, em toda parte. Dois representantes majoritários.

Parece-me uma idéia que não é para ser desprezada. Ainda bem que o nosso estreante no Senado, certamente na tribuna daqui a pouco, poderá abraçar essa idéia, que sei que é simpática ao Senador Wellington Salgado. O Senador Suplicy continua para mim uma incógnita quanto a esse ponto de vista, mas virá a sua manifestação, tenho certeza.

Sr. Presidente, minha presença hoje não era para falar sobre nada disso. É que a nossa história é muito rica em episódios heróicos. V. Ex<sup>a</sup> esteve em Copacabana neste fim de semana, que eu sei. Certamente, passou pela Avenida Atlântica, em um dos ambientes mais sagrados que eu conheço, que é a praia de Copacabana, pelo episódio que ocorreu lá, no dia 5 de julho de 1922, chamado Os 18 do Forte. É uma lição que vai atravessar os séculos, quando os homens iam ao encontro da morte, sabendo que iam morrer, simplesmente por heroísmo, simplesmente por amor à Pátria. Lá estavam Siqueira Campos, Eduardo Gomes, Mario Carpenter, um civil gaúcho do Rio Grande do Sul chamado Otávio Correia e Euclides Hermes, filho do antigo Presidente da República Marechal Hermes da Fonseca. Esses homens praticamente chefiaram a Revolta dos 18 do Forte. Resolveram se contrapor a Epitácio Pessoa para obrigá-lo a não dar posse ao Presidente eleito Artur Bernardes, na madrugada de 5 de julho, depois de dispararem alguns tiros de seus canhões, matando pessoas inocentes, que estão lá na humildade, no anonimato, mas mortos, por causa do episódio.

Por acaso o Governo recuou? Não. Por acaso o Presidente Epitácio Pessoa desistiu de dar posse ao Presidente eleito Artur Bernardes? Não. Mas aqueles homens iam caminhando. Aquele civil gaúcho que estava na praia de Copacabana, na Avenida Atlântica, quando viu aquele punhado de homens, de soldados – eram onze, e não dezoito – caminhando ao encontro do Exército armado que estava na Praça Severino Correia, perguntou: “Aonde vocês vão?”. “Vamos derrubar o Governo, não agüentamos mais isso.” “Então, também vou”, pediu ele. Siqueira Campos, que estava com um revólver e uma espingarda, deu a ele a espingarda. Era um gaúcho, Otávio Correia. Um dia eu vou a Porto Alegre só para visitar o túmulo de Otávio Correia! Pois bem, prosseguiram. Eram trezentos homens, no início. A bandeira do Forte foi cortada em dezoito pedaços. Foi distribuído um pedaço para cada um. Alguns foram abandonando a marcha. Começou a fuzilaria. Pelo menos sete caíram, quatro morreram. Sangue na areia de Copacabana, desses heróis.

Pois bem. Esse forte tinha de ser conservado com o maior cuidado, com o maior carinho dos patriotas.

Olhem, há seis meses, o que vejo dentro do Forte de Copacabana? Uma garrafa de uma marca de refrigerante, fazendo propaganda dentro do Forte de Copacabana. E o que vejo hoje, agora? O que vi ontem? Talvez, V. Ex<sup>a</sup> tenha visto um carrossel de circo funcionando dentro do Forte de Copacabana, sem contar o restaurante que existe lá, o jogo de cartas à tarde, o salão de festa. Há tudo isso nesse ambiente sagrado, que uma vez abrigou o idealismo, o heroísmo e a coragem de brasileiros.

Era sobre isso que eu queria falar. Não importa que haja no plenário alguns compatriotas. E daí? Não importa que o plenário esteja cheio; não importa que o Plenário esteja mais preocupado com as CPIs. Estou preocupado é com o Brasil e considere aquele fato, aquele carrossel, aquela garrafa de refrigerante lá dentro do Forte, com 20 metros de altura pelo menos, um acinte ao passado, ao heroísmo, ao patriotismo.

Era isso, Sr. Presidente, que eu queria dizer a V. Ex<sup>a</sup> e aos que estão aqui na noite de hoje.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – O Forte tem história. Mais recentemente, quando o Presidente da República Carlos Luz estava a bordo do navio Tamandaré, sob o comando do Almirante Pena Boto, esse Forte atirou, acordando o povo brasileiro para a manutenção da democracia.

**O SR. PAULO DUQUE** (PMDB – RJ) – É verdade.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Convidamos, para usar da palavra, após o brilhante pronunciamento desse intelectual que é o Senador Paulo Duque, do Rio de Janeiro, o nosso Senador do Amapá Gilvam Borges.

Em seguida, está inscrito – e São Paulo e o Brasil o aguardam ansiosamente – o Senador Eduardo Suplicy.

**O SR. GILVAM BORGES** (PMDB – AP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ontem, tive a honra e a satisfação de participar de um dia histórico e decisivo na vida econômica do meu querido e amado Estado do Amapá.

Saímos do Aeroporto Internacional de Brasília, compondo uma delegação liderada pelo Chefe Maior desta Nação, o Presidente Lula. Ao lado direito, encontrava-se nosso Líder, o Presidente Sarney, e o Senador João Pedro, representando o Amazonas nessa delegação, acompanhados dos Deputados Federais Fátima Pelaes, Dalva Figueiredo, Lucenira Pimentel, Evandro Milhomen e Sebastião Rocha.

Partimos para o extremo norte do País. Ali vi o Presidente Lula entusiasmado, disposto, decidido, mo-

tivado como sempre. Ia com uma missão da mais alta relevância para a Nação, para o Brasil: encontrar-se com o Presidente Sarkozy, da França, em Saint-George, para o lançamento da pedra fundamental da construção da ponte binacional sobre o rio Oiapoque.

Acompanhei, Sr. Presidente, nessa terça-feira, o Presidente Lula ao seu encontro com Sarkozy, na cidade de São Jorge do Oiapoque, fronteira com o Amapá e com a Guiana Francesa, quando os dois líderes apresentaram a maquete e lançaram a pedra fundamental da ponte binacional sobre o rio Oiapoque, que será inaugurada brevemente, no término do segundo mandato do Governo do Presidente Lula, em 2010.

Os Governos do Brasil e da França vão construir uma ponte rodoviária sobre o rio Oiapoque, ligando Oiapoque a Saint-George. É uma obra que, sob todo e qualquer ângulo de análise fundamental, é indispensável, essencial. Trata-se da ponte internacional sobre o rio Oiapoque, que representa, mais que um passo decisivo para o desenvolvimento do Estado, a certeza de que o Brasil amplia a porta estratégica para sua adequada inserção no mundo globalizado de nossos dias, porque, em primeiro lugar, essa ponte nos liga, simbólica e fisicamente, à União Européia. Se pensarmos em termos de moeda e levarmos em conta o fato de que nossa vizinha Guiana Francesa é um Departamento da França, chegaremos à óbvia conclusão de que é por meio do Amapá que o Real brasileiro se encontra mais direta, rápida e naturalmente com o Euro.

Física e geograficamente, o Amapá é a fronteira do Brasil com o mais completo e avançado bloco econômico hoje existente no mundo, que é justamente a União Européia. Se não nos esqueçamos ser o Brasil o maior parceiro comercial que a França tem na América Latina, completa-se o cenário que confere a essa ligação entre o Amapá e a Guiana Francesa toda a importância econômica de que se reveste.

Há outro aspecto, contudo, que não pode ser esquecido e que reforça ainda mais o significado dessa ponte binacional. Vivem hoje, na Guiana Francesa, cerca de vinte mil brasileiros, dos quais pelo menos a metade é constituída de amapaenses – o restante é constituído de brasileiros vindos de toda a região da Pátria. Como se vê, trata-se de questão social da maior relevância: são milhares de compatriotas que merecem nossa atenção, a começar por oferecer-lhes menos dificuldades para o contato e o convívio com os seus familiares e sua terra natal.

Devo lembrar, ademais, ser Santana, na região de Macapá, o porto brasileiro mais próximo do Caribe, da América do Norte, da Europa e da Ásia, via Canal do Panamá. É por meio da BR-156 e da ponte sobre o rio Oiapoque que esse porto será interligado às Guia-

nas, à Colômbia, à Venezuela, a Manaus, à Amazônia Ocidental, à América Central e ao Caribe.

Não nos esqueçamos de que a BR-156 é a única estrada federal do Amapá, planejada desde 1943, quando o Governo Vargas decidiu desmembrar o Amapá do Estado do Pará. Basta isso, para que se confira à construção da ponte sobre o rio Oiapoque a dimensão estratégica que efetivamente possui. Considerando estar essa obra integrada ao projeto maior de conclusão da rodovia BR-156, que liga Macapá ao extremo norte do Estado e do Brasil, é possível vislumbrar o escoamento de parte significativa da produção brasileira para o mercado externo com muito mais agilidade, segurança e conforto e, sobretudo, com muito menor custo operacional.

Pergunto a V. Ex<sup>as</sup>: não é justamente disso que necessitamos, para que o Brasil amplie sua capacidade competitiva e aumente sua presença nos mercados globais?

Eis, Sr. Presidente, razões mais do que suficientes para entender a importância da ponte sobre o rio Oiapoque. O primeiro passo para isso, que foi o acerto entre os Governos do Brasil e da França em torno da obra, vem de 1996, ainda do governo anterior, com a inclusão do art. 6º no Tratado de Cooperação Franco-Brasileiro, reconhecendo a especificidade da fronteira entre o Brasil e a França, assinado em Paris pelos Presidentes Fernando Henrique e Jacques Chirac.

O Congresso Nacional cumpriu seu dever ao referendar o acordo celebrado entre os dois governos. A Comissão Bilateral Brasil-França, encarregada de negociar as condições gerais e específicas que norteiam esses trabalhos, está instalada desde janeiro de 2002. O Presidente Lula reiterou e avançou os termos do acordo quando de sua visita oficial a Paris em 2005. Em ambas as ocasiões, acertou-se que o custo total da obra seria dividido entre os dois países, assim como se abriu a possibilidade de contratação de empréstimo externo para a sua execução.

Meu Estado não vê a hora de receber a obra concluída, consciente do impacto positivo que exercerá, do incremento das atividades econômicas à expansão do turismo, processo que certamente se ramificará por toda a região amazônica, sem falar, é claro, do estreitamento das relações culturais entre povos que compartilham um mesmo espaço geográfico.

Senador João Pedro, como V. Ex<sup>a</sup> manifesta o desejo de fazer um aparte, eu o concedo antecipadamente, para poder me associar ao seu desejo.

**O Sr. João Pedro** (Bloco/PT – AM) – Quero agradecer-lhe, desde já, o aparte e dizer da minha alegria, primeiro, pelo fato de os dois Chefes de Estado, da França e do Brasil, encontrarem-se no marco históri-

co do nosso País, que é o rio Oiapoque. Mas gostaria de me associar à alegria de V. Ex<sup>a</sup> como legítimo representante do Estado do Amapá. V. Ex<sup>a</sup>, que é uma liderança, que foi Deputado Federal, que é Senador, registra não só o encontro, mas também o desdobramento do encontro, que, com certeza, fará bem não só à população da fronteira da Guiana Francesa, aos brasileiros do Amapá, mas a todo o País e à Amazônia. Tive a felicidade de, com V. Ex<sup>a</sup>, com o Senador Sarney, com o Governador do Estado e com as lideranças do Amapá, participar desse evento na fronteira, no Amapá, na fronteira do Brasil, na fronteira da Amazônia. Como Senador do Amazonas, tive a felicidade de compartilhar, de participar da caravana que recepcionou o Presidente Sarkozy. Penso que ganham o Brasil e Amazônia com o fato de os Presidentes se encontrarem e assumirem compromissos importantes com o País, com a região e, conseqüentemente, com o Amapá, com as populações tradicionais do rio Oiapoque, com as populações indígenas, com os ribeirinhos, com a cidade de Oiapoque, a qual tive o prazer de conhecer ontem. É uma cidade histórica, é o marco zero. Esses brasileiros compõem o Brasil. Tive a oportunidade de ler ali uma frase: “Aqui começa o Brasil”. Quero associar-me à alegria de V. Ex<sup>a</sup>, que faz um registro, que faz uma análise da importância dos acordos e da tecnologia que foi anunciada pelo Presidente Sarkozy e que será transferida para o Brasil – afinal de contas, é a tecnologia de um país importante como a França. Houve a manifestação do Presidente francês em declarar o voto da França em defesa da participação do Brasil no Conselho de Segurança da ONU. Que coisa bonita isso! Isso é importante para o Brasil. E foi lá na Amazônia, foi lá no seu Oiapoque, foi lá na fronteira do Amapá, do Brasil, da Amazônia com a França que isso ocorreu. Espero que esse encontro do Presidente Sarkozy e do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva signifique melhores dias para a Amazônia, para os povos indígenas, para os ribeirinhos, para os comerciantes, para os brasileiros que estão ali cheios de esperança de melhorar a vida, a qualidade de vida, enfim, de melhorar a estrutura viária, com essa ponte. Senti no brilho dos brasileiros ali a importância econômica, social e cultural da ponte ligando a Guiana Francesa com o Amapá, com o Brasil. Espero que tudo isso sirva para melhorar a vida dos amazônidas, que estão ali no início, no começo do nosso querido Brasil.

**O SR. GILVAM BORGES** (PMDB – AP) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> o aparte.

Ao posar no Aeroporto Internacional de Macapá, Sr. Presidente, embarcaram nosso Governador Valdez Góes e os Deputados Jorge Amanajás e Paulo José, representando a Assembléia, e aí chegamos ao Oiapoque.

que. Que maravilha! Que bênção! Que gesto gigantesco quando lá se encontraram, perfilados com nossos Ministros que compunham a delegação do Brasil – o Ministro da Defesa, Nelson Jobim; a Ministra Marina Silva, do Meio Ambiente; o Ministro da Educação; o Ministro dos Transportes –, os dois Presidentes. Os dois Presidentes se encontraram debaixo de chuva e estavam perfilados com seus colaboradores, com seus Ministros de Estado. Ali estava o Presidente da França, uma das maiores potências da Europa. E encostamos, e ele recebeu o Presidente Lula com sua delegação.

Ali emocionam-se aqueles que compreendem o gesto, o entendimento. Ali o Presidente Sarkozy anunciava seu apoio como membro importante da comunidade européia, dizendo que o Grupo dos Nove iria se ampliar para o Grupo dos Treze e que o Brasil, como um dos maiores parceiros da França, teria seu apoio.

Aquela ponte, com que todos nós sonhávamos e que desejávamos, que fazia não só a ligação econômica, começava a sair do papel para se tornar realidade. E o Amapá...

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – A Presidência esclarece a V. Ex<sup>a</sup> que V. Ex<sup>a</sup> tinha pedido 15 minutos.

**O SR. GILVAM BORGES** (PMDB – AP) – Agora, V. Ex<sup>a</sup> vai me dar mais 5 minutos, porque V. Ex<sup>a</sup> vai ouvir eu falar bem do Presidente Lula. V. Ex<sup>a</sup> é um democrata.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – E aí o assunto é muito relevante.

**O SR. GILVAM BORGES** (PMDB – AP) – Sem dúvida.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Eu queria que V. Ex<sup>a</sup> falasse também bem do Presidente Sarney.

**O SR. GILVAM BORGES** (PMDB – AP) – Sem dúvida.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Ele levou essa região à história do mundo.

**O SR. GILVAM BORGES** (PMDB – AP) – Já vou concluir, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Lá ele se inspirou em fazer o maior romance, **Saraminda**, no Amapá e em Caiena.

**O SR. GILVAM BORGES** (PMDB – AP) – Isso foi lá nas minas de Lourenço, no Município de Calçoene. Ele, com chapéu de palha, caminhou por vários dias entre os garimpeiros, tendo suas impressões, para escrever seu romance. Também faz parte do orgulho do Amapá que haja uma obra da lavra do Presidente Sarney em que o Amapá tenha servido

de inspiração, como serviu, Sr. Presidente, de inspiração para a Beija-Flor. Fomos vitoriosos no carnaval. O Amapá foi brindado pelos carnavalescos do Rio de Janeiro, da Beija-Flor – já fiz meus agradecimentos –, o que nos levou ao resto do mundo com o tema enredo da escola que foi vitoriosa no carnaval deste ano. Então, o Amapá é brindado, e compreendemos este momento.

Sr. Presidente, o que me impressionou mais foi justamente o carisma, a garra, a disposição, a vitalidade do Presidente. Mesmo com possíveis problemas e crises, o Presidente Lula foi abraçado literalmente por mais de cinco mil pessoas. Fiquei observando aquela cena. Também me preocupei em observar, no plenário desta Casa, as inúmeras manifestações favoráveis e contrárias.

Vi ali o Presidente com jovialidade, recebendo o abraço do povo brasileiro. Era um extrato, simplesmente um extrato. Havia gente de todos os lugares ali, na fronteira do Oiapoque. Ele foi ovacionado. Não deixou de percorrer as ruas do Oiapoque, abraçando o povo. Ali estava um Presidente do povo, simples, com uma popularidade tremenda.

É impressionante. Venho acompanhando algumas crises, muitas delas pautadas por necessidades outras que compreendemos também. Em todas as situações de crise, o impressionante é que o prestígio do Presidente Lula sobe, ao invés de decair. Eu vi isso lá. Pode-se fazer uma pesquisa nacional. É impressionante essa interação, essa intimidade, essa empatia entre o Presidente Lula e o povo brasileiro! Vi isso lá.

Eu não poderia deixar de vir à tribuna para dizer que a Amazônia, pelo meu querido Estado do Amapá, agradece ao Presidente Lula, ao ex-Presidente Sarney, que lidera nossa Bancada, que nos brindou com a oportunidade.

O Senador João Pedro estava nessa comitiva como representante da Amazônia e viu a maravilha de observarmos os dois Presidentes, nas duas horas de vôo no retorno, fazendo a retrospectiva histórica de vários governos que passaram e de como o Brasil evoluiu em todos esses períodos. Ali estava uma história viva, um dos maiores líderes vivos, que carrega na memória e na vida os últimos cinquenta anos da história do Brasil, o parlamentar mais velho da Nação, o ex-Presidente José Sarney, conversando com o Presidente Lula.

O Amapá agradece a presença de tão brilhante caravana, liderada pelo Presidente Lula, nesse encontro importante com o Presidente francês, Nicolas Sarkozy. O País também agradece-lhe a sua presença. Ele estava lá, debaixo de chuva, com todo o exército

francês, perfilados, para que o Presidente Lula pudessem passar em revista à tropa.

Muito obrigado, Sr. Presidente, pela gentileza. Agradeço aos Srs. Senadores que, até este momento, permanecem ativos em prol dos mais altos interesses da Nação.

**O SR. CÍCERO LUCENA** (PSDB – PB) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – É uma pena o Sarkozy não ter recebido de presente o romance **Saraminda**, que foi passado lá.

Convidamos a falar, pela ordem, o Senador Cícero Lucena.

**O SR. CÍCERO LUCENA** (PSDB – PB. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, foi apresentado à Mesa um requerimento de minha autoria, nos termos do art. 218 do Regimento Interno e, de acordo com a tradição desta Casa, as seguintes homenagens pelo falecimento do Dr. Aderbaldo Soares de Oliveira, Curador da Infância e da Juventude no Estado da Paraíba, em particular na cidade de João Pessoa, em que pedimos a inserção em ata de voto de profundo pesar; bem como apresentação de condolências aos seus familiares.

Era o que tinha a dizer.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – O requerimento de V. Ex<sup>a</sup> será encaminhado, de acordo com o Regimento.

Convidamos para usar da palavra, no 28º aniversário do PT, o Senador que tão bem representa esse Partido no nosso Congresso, Senador Eduardo Suplicy.

**O SR. EDUARDO SUP LICY** (Bloco/PT – SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Agradeço pelos cumprimentos, Senador Mão Santa, Presidente desta sessão, pois, daqui a instantes, estarei me deslocando para a Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), porque estamos, de fato, hoje, realizando um jantar de confraternização, comemorativo dos 28 anos que o Partido dos Trabalhadores completou no último dia 10 de fevereiro.

Em 10 de fevereiro de 1980, estávamos no Colégio Sion, fundando este Partido, que está no poder há mais de cinco anos. O Presidente Lula, o Presidente fundador do Partido, que foi Presidente Nacional do Partido dos Trabalhadores e é Presidente de Honra, depois de ter disputado as eleições em 1989, 1994 e 1998, finalmente, na quarta vez, em 2002 e 2006, foi eleito e reeleito Presidente da República.

É preciso lembrar aqui alguns fatos importantes, pois se trata de um processo iniciado a partir dos movimentos dos trabalhadores, tais como o dos me-

talúrgicos de São Bernardo do Campo, que, em 1978, haviam realizado uma greve, durante o regime militar, que acabou tomando um impulso muito forte nos anos seguintes.

Em 24 de janeiro de 1979, durante o IX Congresso dos Trabalhadores Metalúrgicos, Mecânicos e de Material Elétrico do Estado de São Paulo, lideranças e ativistas dos movimentos social e sindical aprovaram a proposta dos metalúrgicos de Santo André, conclamando “todos os trabalhadores brasileiros a se unificarem na construção de seu partido, o Partido dos Trabalhadores”. Foi crescendo a idéia da criação de um novo partido político e começou a circular o anteprojeto de manifesto para a fundação do Partido dos Trabalhadores.

Em 1º de maio de 1979, foi lançada a Carta de Princípios do PT, um partido que “entende que a emancipação dos trabalhadores é obra dos próprios trabalhadores, que sabem que a democracia é participação organizada e consciente e ue, como classe explorada, jamais deve esperar da atuação das elites privilegiadas a solução dos seus problemas”, conforme sublinha um dos trechos do documento lançado durante as atividades do Dia Internacional dos Trabalhadores.

Em 13 de outubro de 1979, durante reunião com 130 representantes de seis Estados do País, foi lançado oficialmente o Movimento Pró-PT. Na reunião, também foi aprovada a Declaração Política, que expressa uma plataforma identificada com os anseios dos movimentos populares, e apresentada uma nota contrária à reforma partidária então imposta pelo regime.

Houve, então, diversas sugestões para organização do PT em todos os níveis, apontando a importância de “uma estrutura interna democrática, apoiada em decisões coletivas e colegiadas que garantam, efetivamente, a sua direção política e o seu programa a partir das decisões das suas bases”. Foi eleita a Comissão Nacional Provisória, com dezessete responsáveis pela direção do Movimento Pró-PT.

Foi justamente em um ato realizado no auditório do Colégio Sion, em São Paulo, que o Manifesto do PT foi aprovado, por aclamação, por 1.200 pessoas, dentre as quais o Presidente Lula, Djalma Bom, Jacob Bittar, Olívio Dutra, Mário Pedrosa, Sérgio Buarque de Holanda e inúmeros intelectuais.

Durante o ano de 1979, eu, que havia sido eleito pelo MDB Deputado Estadual, em função da interação que tive com os movimentos de trabalhadores, com os intelectuais e todos aqueles que estavam formando o Partido dos Trabalhadores, tive a honra de ter sido convidado por eles, para também fazer parte da fundação do PT. Como, em 1978, eu havia

sido eleito com 78 mil votos para Deputado Estadual, resolvi, da tribuna da Assembléia Legislativa e por meio de entrevistas, dizer que gostaria que as pessoas que haviam votado em mim pudessem transmitir-me se consideravam adequada a decisão de eu ingressar naquele Partido, que se estava formando, uma vez que, por decreto, o Presidente Ernesto Geisel havia simplesmente extinto o MDB e a Arena. E eu havia sido eleito pelo MDB. Então, Sr. Presidente Paulo Duque, recebi manifestações por telefone e por cartas, pois não havia a Internet como instrumento que facilita tanto a nossa interação com a população. Lembro-me de que aproximadamente 85% dos que responderam disseram: “Sim, é a nossa expectativa que você ingresse no PT”. Dessa maneira, participei da fundação e estou neste Partido há 28 anos.

**O Sr. João Pedro** (Bloco/PT – AM) – V. Ex<sup>a</sup> me concede um aparte?

**O SR. EDUARDO SUPLICY** (Bloco/PT – SP) – Com muita honra, concedo um aparte ao meu caro colega, João Pedro, Senador pelo Amazonas.

**O Sr. João Pedro** (Bloco/PT – AM) – Começo agradecendo o aparte. V. Ex<sup>a</sup> faz nesta noite um registro importante da história do nosso País, da nossa história política, da história política dos partidos em nossa sociedade, no Brasil. V. Ex<sup>a</sup> menciona os 28 anos de história do Partido dos Trabalhadores. Quero dizer que vou completar dezoito anos de PT. Comecei minha militância política, fui para o PCdoB; saí do PCdoB para o Partido dos Trabalhadores, esse Partido que, sem dúvida alguma, orgulha a militância de Esquerda não só no Brasil, ousou dizer, da América Latina, do mundo; esse Partido que surgiu com propostas inovadoras; esse Partido que surgiu a partir da reflexão, da necessidade da sociedade brasileira de ter um instrumento ideológico, político da classe trabalhadora. Esse é um mérito do PT, que inovou, com sua bandeira, com seus militantes, às portas das fábricas, no campo brasileiro, na zona rural. Esse Partido politizou as discussões nas associações de moradores de bairros, nos sindicatos, nas cooperativas, nas universidades. O PT deu uma grande contribuição ao nosso País, não tenho dúvida disso. E ele continua aí. Temos os nossos erros, é verdade, mas ele continua um instrumento da sociedade civil politizada, da sociedade civil organizada. Só de um Partido com essa composição social poderia um homem do povo, um líder sindical chegar à Presidência da República. É evidente que o mérito não está em o PT lançar o Presidente Lula; o mérito está no fato de a sociedade brasileira compreender esse projeto, um projeto popular, um projeto que teve uma radica-

lidade, um projeto que apresentou propostas que a sociedade compreendeu. Isso faz com que o PT tenha uma média, uma nota bonita. A história do PT é a da organização do povo brasileiro, da politização da sociedade brasileira. Tenho muito orgulho de ser petista; tenho muito orgulho de defender o Governo, que tem o PT e Partidos aliados; tenho muito orgulho da história do Partido dos Trabalhadores. Lá, na Amazônia, construiu-se um PT, um Partido de Esquerda, um Partido popular nas cidades pequenas do norte do Brasil. Não foi simples, não; no Brasil como um todo. Mas, hoje, o PT, no Amazonas, está organizado nos 62 Municípios. E continua, após 28 anos, com o perfil de militantes das escolas, das universidades, do movimento sindical, do movimento indígena do meu Estado. São várias as lideranças indígenas que compõem o PT, mulheres valorosas fazem parte da história do PT. Quero lembrar a história de uma pesquisadora, que faleceu num acidente junto com outros dois dirigentes do PT, em Manaus. Eles estavam deslocando-se de Manaus para o Município de Itacoatiara e foram vítimas de um acidente. Jonas Araújo, um grande militante de Esquerda, Presidente do PT de Manaus, faleceu nesse acidente, junto com Altemar Pessoa e Glória Moreira, pesquisadora do Instituto Nacional de Pesquisa. Uma pesquisadora militante do PT, ou seja, ela ajudou a construir o PT. A história do PT é isto: é uma história de muita alegria, mas de muita dor, porque não é fácil fazer política no Brasil, principalmente no início dos anos 80, na década de 80. As liberdades eram menores, mas a ousadia de centenas de milhares de militantes do PT organizou este Partido, que continua fazendo história, a história que tem V. Ex<sup>a</sup>, a Bancada de Deputados Federais, a Bancada de Vereadores por este Brasil, de Deputados Estaduais; o orgulho de ter Lula, Presidente da República, como Presidente de Honra do nosso Partido. Hoje, estamos aqui, em Brasília, comemorando estes 28 anos de militância e de reafirmação de um Partido popular, um Partido de Esquerda, um Partido socialista aqui, no nosso País. A sociedade está de parabéns; a militância do PT está de parabéns por garantir esta bandeira vermelha, esta estrela branca, este número 13, que continua vivo no imaginário e na vida da militância do Partido. Muito obrigado pelo aparte.

**O SR. EDUARDO SUPLICY** (Bloco/PT – SP) – Muito obrigado, Senador João Pedro.

V. Ex<sup>a</sup> bem assinalou o espírito e a história do Partido dos Trabalhadores, que, já no seu manifesto de fundação, dizia:

O Partido dos Trabalhadores surge da necessidade sentida por milhões de brasileiros de intervir na vida social e política do país

para transformá-la. A mais importante lição que o trabalhador brasileiro aprendeu em suas lutas é a de que a democracia é uma conquista que, finalmente, ou se constrói pelas suas mãos ou não virá.

E aí prossegue.

Sr. Presidente, eu gostaria de requerer que faça parte constante do meu pronunciamento o manifesto de inauguração do PT, publicado no **Diário Oficial da União, em 21 de outubro de 1980**.

Eu gostaria de assinalar que, na sua mensagem ao Congresso Nacional, de 6 de fevereiro último, o Presidente Lula mencionou algumas das metas alcançadas pelo seu Governo, agora completando cinco anos – o primeiro ano do seu segundo mandato: ressaltou que, em momento excepcional, sem dúvida, houve avanços da democracia em nosso País. E, ao mesmo tempo, pôde contribuir para fortalecê-la e consolidá-la ainda mais. E expôs como a economia brasileira cresceu mais de 5% no ano passado, com baixa inflação e que continuará em ritmo semelhante, porque seus fundamentos estão sólidos, ganharam a confiança de muitos, tanto interna como externamente.

Expôs que as reservas internacionais, que, no final de 2006, eram de US\$ 86 bilhões, alcançaram, em dezembro de 2007, US\$ 180 bilhões – mais que o dobro da dívida interna pública e a quase totalidade da dívida externa do País –, e que a balança comercial fechou o ano de 2007 com superávit de US\$ 40 bilhões, o que refletiu a expansão tanto das exportações quanto das importações.

Ressaltou o aumento do emprego juntamente com o valor do salário. Em 2007, foram criados 1.617.392 empregos com carteira assinada, um marco na história, tendo o desemprego tendo o desemprego caído de forma significativa e contínua, e a massa salarial crescido 7% no ano passado.

Milhões de famílias foram incluídas no mercado de consumo, com um aumento significativo de pessoas que passaram das classes D e E para a classe C.

No ano passado, a ONU incluiu o Brasil, pela primeira vez, no grupo dos países com alto índice de desenvolvimento humano. Houve um avanço significativo na luta contra a fome e a pobreza, por meio de um conjunto articulado de programas, entre os quais está o Bolsa-Família, que está dando resultado e obtendo reconhecimento crescente no País e no exterior.

Crescer de modo sustentado e com inclusão social é um objetivo, sem dúvida, muito significativo

Um marco das ações do Governo Federal tem sido o lançamento e a consolidação do Plano de Ace-

leração do Crescimento, mas há um ponto, Sr. Presidente, que quero assinalar, relacionado ao debate que haverá na manhã desta quinta-feira, a partir das 9 horas, o que o Presidente Paulo Duque já teve oportunidade de ressaltar.

Quero dizer, Senador Mão Santa, que o debate que ocorrerá amanhã, sobre o destino das águas do Rio São Francisco, está justamente de acordo com aquilo que o Presidente Lula leu em sua mensagem.

Tudo isso não se consegue sem se enfrentarem enormes dificuldades e sem se superarem obstáculos. Um instrumento fundamental do fortalecimento da democracia e de grande eficácia para garantir esses avanços tem sido o diálogo responsável e qualificado com todos os segmentos da sociedade civil, buscando o equacionamento dos conflitos e a construção de soluções compartilhadas para os graves problemas do País. Esse é um dos traços mais marcantes e inovadores do nosso Governo, que sempre faço questão de destacar.

A ampliação dos espaços republicanos e democráticos de diálogo tem dados consequência prática ao princípio constitucional da democracia participativa.

Assim, Senador Mão Santa, na manhã de amanhã, quinta-feira, a partir das 9 horas, sob a Presidência do Senador Garibaldi Alves, haverá uma reunião conjunta de quatro Comissões – Diretos Humanos e Legislação Participativa; Relações Exteriores e Defesa Nacional; Serviços de Infra-Estrutura; e Desenvolvimento Regional e Turismo –, com a participação do Ministro Geddel Vieira Lima, do pesquisador Luciano Silveira, do Deputado Federal Ciro Gomes, do Deputado Marcondes Gadelha, do Bispo da Barra, Dom Luiz Flávio Cappio, de Letícia Sabatella, de João Reis Santana Filho, de Rômulo Macedo, de Paulo Canedo, de Luciana Khoury, de Henrique Cortez, do professor João Abner Guimarães, do Dr. Apolo Heringer Lisboa e de Dom Aldo Paggoto, da Diocese da Paraíba, em que todos teremos a oportunidade de aprender, no espírito do que o Presidente Lula tem apregoado, ou seja, o diálogo da democracia.

Muito obrigado, Sr. Presidente Paulo Duque.

Senador Mão Santa, obrigado pela gentileza de permitir que eu falasse antes. Vou ouvi-lo na conclusão dos nossos trabalhos de hoje.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O  
SR. SENADOR EDUARDO SUPPLY EM SEU  
PRONUNCIAMENTO.**

*(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e §2º, do Regimento Interno.)*



## Manifesto

*Aprovado pelo Movimento Pró-PT, em 10 de fevereiro de 1980, no Colégio Sion (SP), e publicado no Diário Oficial da União de 21 de outubro de 1980.*

O Partido dos Trabalhadores surge da necessidade sentida por milhões de brasileiros de intervir na vida social e política do país para transformá-la. A mais importante lição que o trabalhador brasileiro aprendeu em suas lutas é a de que a democracia é uma conquista que, finalmente, ou se constrói pelas suas mãos ou não virá.

A grande maioria de nossa população trabalhadora, das cidades e dos campos, tem sido sempre relegada à condição de brasileiros de segunda classe. Agora, as vozes do povo começam a se fazer ouvir por meio de suas lutas. As grandes maiorias que constroem a riqueza da Nação querem falar por si próprias. Não esperam mais que a conquista de seus interesses econômicos, sociais e políticos venha das elites dominantes. Organizam-se elas mesmas, para que a situação social e política seja a ferramenta da construção de uma sociedade que responda aos interesses dos trabalhadores e dos demais setores explorados pelo capitalismo.

### Nascendo das lutas sociais

Após prolongada e dura resistência democrática, a grande novidade conhecida pela sociedade brasileira é a mobilização dos trabalhadores para lutar por melhores condições de vida para a população das cidades e dos campos. O avanço das lutas populares permitiu que os operários industriais, assalariados do comércio e dos serviços, funcionários públicos, moradores da periferia, trabalhadores autônomos, camponeses, trabalhadores rurais, mulheres, negros, estudantes, índios e outros setores explorados pudessem se organizar para defender seus interesses, para exigir melhores salários, melhores condições de trabalho, para reclamar o atendimento dos serviços nos bairros e para comprovar a união de que são capazes.

Estas lutas levaram ao enfrentamento dos mecanismos de repressão impostos aos trabalhadores, em particular o arrocho salarial e a proibição do direito de greve. Mas, tendo de enfrentar um regime organizado para afastar o trabalhador do centro de decisão política, começou a tornar-se cada vez mais claro para os movimentos populares que as suas lutas imediatas e específicas não bastam para garantir a conquista dos direitos e dos interesses do povo trabalhador.

Por isso, surgiu a proposta do Partido dos Trabalhadores. O PT nasce da decisão dos explorados de lutar contra um sistema econômico e político que não pode resolver os seus problemas, pois só existe para beneficiar uma minoria de privilegiados.

Por um partido de massas

O Partido dos Trabalhadores nasce da vontade de independência política dos trabalhadores, já cansados de servir de massa de manobra para os políticos e os partidos comprometidos com a manutenção da atual ordem econômica, social e política. Nasce, portanto, da vontade de emancipação das massas populares. *Os trabalhadores já sabem que a liberdade nunca foi nem será dada de presente, mas será obra de seu próprio esforço coletivo.* Por isso protestam quando, uma vez mais na história brasileira, vêem os partidos sendo formados *de cima para baixo, do Estado para a sociedade, dos exploradores para os explorados.* Os trabalhadores querem se organizar como força política autônoma. O PT pretende ser *uma real expressão política de todos os explorados pelo sistema capitalista.* Somos um Partido dos Trabalhadores, *não um partido para iludir os trabalhadores.* Queremos a política como atividade própria das massas que desejam participar, legal e legitimamente, de todas as decisões da sociedade. O PT quer atuar não apenas nos momentos das eleições, mas, principalmente, *no dia-a-dia de todos os trabalhadores, pois só assim será possível construir uma nova forma de democracia, cujas raízes estejam nas organizações de base da sociedade e cujas decisões sejam tomadas pelas maiorias.* Queremos, por isso mesmo, um partido amplo e aberto a todos aqueles comprometidos com a causa dos trabalhadores e com o seu programa. *Em conseqüência, queremos construir uma estrutura interna democrática, apoiada em decisões coletivas e cuja direção e programa sejam decididos em suas bases.*

### **Pela participação política dos trabalhadores**

Em oposição ao regime atual e ao seu modelo de desenvolvimento, que só beneficia os privilegiados do sistema capitalista, o PT lutará pela extinção de todos os mecanismos ditatoriais que reprimem e ameaçam a maioria da sociedade. O PT lutará por todas as liberdades civis, *pelas franquias que garantem, efetivamente, os direitos dos cidadãos e pela democratização da sociedade em todos os níveis.*

Não existe liberdade onde o direito de greve é fraudado na hora de sua regulamentação, onde os sindicatos urbanos e rurais e as associações profissionais permanecem atrelados ao Ministério do Trabalho, *onde as correntes de opinião e a criação cultural são submetidas a um clima de suspeição e controle policial, onde os movimentos populares são alvo permanente da repressão policial e patronal, onde os burocratas e tecnocratas do Estado não são responsáveis perante a vontade popular.*

O PT afirma seu compromisso com a democracia plena e exercida diretamente pelas massas. Neste sentido proclama que sua participação em eleições e suas atividades parlamentares se subordinarão ao objetivo de organizar as massas exploradas e suas lutas. Lutará por sindicatos independentes do Estado, como também dos próprios partidos políticos.

O Partido dos Trabalhadores pretende que o povo decida o que fazer da riqueza produzida e dos recursos naturais do país. As riquezas naturais, que até hoje só têm servido aos interesses do grande capital nacional e internacional, deverão ser postas a serviço do bem-estar da coletividade. Para isso é preciso que as decisões sobre a economia se submetam aos interesses populares. Mas esses interesses não prevalecerão enquanto o poder político não expressar uma real representação popular, fundada nas organizações de base, para que se efetive o poder de decisão dos trabalhadores sobre a economia e os demais níveis da sociedade.

*Os trabalhadores querem a independência nacional. Entendem que a Nação é o povo e, por isso, sabem que o país só será efetivamente independente quando o Estado for dirigido pelas massas trabalhadoras. É preciso que o Estado se torne a expressão da sociedade, o que só será possível quando se criarem condições de livre intervenção dos trabalhadores nas decisões dos seus rumos.* Por isso, o PT pretende chegar ao governo e à direção do Estado para realizar uma política democrática, do ponto de vista dos trabalhadores, tanto no plano econômico quanto no plano social. *O PT buscará conquistar a liberdade para que o povo possa construir uma sociedade igualitária, onde não haja explorados nem exploradores.* O PT manifesta sua solidariedade à luta de todas as massas oprimidas do mundo.

*Durante o discurso do Sr. Eduardo Suplicy, o Sr. Mão Santa, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Paulo Duque.*

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Duque. PMDB – RJ) – Seu pedido de transcrição do artigo será atendido.

Concedo a palavra ao emérito Senador pelo Piauí, Francisco de Assis, por todo o tempo do mundo.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Senador que preside a sessão, Paulo Duque, Parlamentares presentes, brasileiras e brasileiros que nos assistem e que estão sintonizados com o Sistema de Comunicação do Senado da República, Senador Wellington Salgado, acabamos de ouvir a saudação, com muito mérito, ao Partido dos Trabalhadores, que comemora 28 anos de existência.

Suplicy, o Senador João Pedro falou, mas Ortega y Gasset, em seu livro *A Rebelião das Massas*, explicou o nascimento desses partidos. Foi Ortega y Gasset que, em brilhante discussão, disse que “o homem é o homem e sua circunstância”. Ele previu e descreveu como nasceram os partidos das massas na Europa. “Proletários, uni-vos!” – quem não se lembra dessa mensagem?

No entanto, muitos deles perderam o rumo do progresso, da prosperidade, da felicidade e voltaram. Acreditaram que acima – está certo, nascem do povo – estão aqueles que se dedicam ao saber.

A sabedoria é filha do estudo, da experiência, e a Europa ressurgiu com essas lideranças. Então, é essa a preocupação.

Os partidos das massas, Ortega y Gasset previu e descreveu. Hoje, a Europa ressuscita porque a massa reconhece o saber.

Ô Suplicy, Sócrates já dizia que só há um grande bem, que é o saber, e só há um grande mal, que é a ignorância.

Estamos, aqui, para abrir o Livro de Deus, Senador Wellington Salgado.

V. Ex<sup>a</sup> vai me dar a sua participação. Lembremo de quando V. Ex<sup>a</sup> liderou o PMDB, durante um afastamento do nosso Líder Suassuna, com muita satisfação para todos nós. Então, eu queria passar para V. Ex<sup>a</sup>. Olha, leve ao Presidente Luiz Inácio uma mensagem, não minha – quem sou eu? – mas da Bíblia, de Tiago: “Fé sem obra já nasce morta”. Nasceu o seu Governo.

Quero falar em nome do Piauí.

Duque, sábio pela experiência e pela luta, falou em Eptácio Pessoa entregando a Prudente de Moraes. Duque, foi Eptácio Pessoa que iniciou a construção

do Porto de Luís Correia, no Piauí. Desde lá, Eptácio Pessoa.

Eu ouvi, ô Wellington Salgado, não sei se você tinha nascido, em agosto de 1950 – o meu tio era Prefeito, João Orlando, do PTB –, Getúlio Vargas dizer que, se eleito, construiria o Porto de Amarração, que era o nome antigo de Luís Correia, o porto do Piauí.

Eu o vi no coreto, e ele almoçou na casa do meu tio, Prefeito João Orlando, acompanhado dos Gregórios, todo de branco. Depois, ficou deitado numa rede com o seu charuto. Getúlio era aquela simpatia. Em agosto de 1950: “Construirei.”

Vi, Wellington Salgado, o melhor Ministro do Planejamento deste País, o parnaibano João Paulo dos Reis Velloso, ter até um gesto de comemoração e de inaugurar.

Antes disso, o Deputado Federal José Alves de Abreu deixou escrito, num dos discursos, ele que criou, Wellington Salgado, o Dia do Piauí, em 19 de outubro: “Diz o poeta que a morte é como naufrágio e eu aceito essa morte, eu a quero, mas que o meu naufrágio seja nos mares bravios, nos verdes mares do Piauí. Aí, num esforço, voltarei à tona e quero ver as luzes do Porto de Luís Correia.”

João Paulo dos Reis Velloso, assoreamento, US\$100 milhões encravados. Faltam US\$15 milhões para concluí-lo. Isso nós viemos pedir, Wellington Salgado, ao Luiz Inácio:

a conclusão disso. Isso, sim! Que ele se inspire, Suplicy! Disse o Apóstolo Tiago: “Fé sem obra não nasce”. E o povo do Piauí tanto acreditou.

Em 1994, eu votei e pedi voto para o povo; ele ganhou estrondosamente no Piauí. Mas, e o porto? Está lá; que vergonha! São US\$15 milhões. E eu sei que o Ortega y Gasset que previu na rebelião das massas o nascer do PT, Luiz Inácio: “O homem é o homem e sua circunstância”. Fernando Henrique Cardoso é um estadista. O drama dele, o problema dele era a inflação. Era um monstro. Ele a resolveu. Luiz Inácio, agora o seu monstro é a corrupção. Não vá se afogar nessa corrupção que está aí. Enfrente-a. E é esse dinheiro da corrupção, dos cartões corporativos, dos mensalões, da malversação que eu venho exigir, em nome do Piauí, que V. Ex<sup>a</sup> termine o porto de Luís Correia. Esta é a verdade. Uma ZPE, com a qual o Presidente Sarney sonhou. Há 20 anos, Wellington Salgado, S. Ex<sup>a</sup> foi à China, viu. A de lá está ameaçada. Ela vai terminar sua validade agora, e que seja revisto isso. A gratidão é a mãe de virtudes, Luiz Inácio. O povo do Piauí já lhe deu muitas. Então, essa ZPE tem de ser revalidada. Ela precisa do porto, ela precisa da ferrovia. A ferrovia que foi prometida, Luiz Inácio.

Na última eleição, vi o Prefeito da Parnaíba, vi o Governador do Estado, do PT, vi Alberto Silva, Senador, do meu Partido, e seu Presidente, e V. Ex<sup>a</sup> dizer que iria colocar os trens para funcionar em 60 dias no trecho Parnaíba/Luís Correia. São 14 quilômetros. Três, quatro meses, e nada! Onde estão os seus técnicos? Acho que o estão enganando, os aloprados!

Então, venho lembrar ao Wellington Salgado isso. É isso que viemos pedir. Um pedido está relacionado ao outro: para o porto, são US\$15 milhões, um modelo reduzido, e a ferrovia, que Alberto Silva, deixou o meu Partido, a nossa candidatura porque acreditou. E é fácil, é uma planície. Não tem obra de engenharia, não tem serra, não tem nada. É fácil, com pouco dinheiro. Técnico de lá, de Teresina, para a construção da ferrovia.

Fui à Europa. Como se acaba com a ferrovia, tão necessária para a ZPE e para o porto? É esta a nossa visão de futuro.

Wellington Salgado, o Luiz Inácio é generoso, mas ele é enganado. Os aloprados o enganam. Os descarados, os aloprados do Piauí falam em aeroporto internacional.

Ô Duque! “De verdade em verdade eu vos digo” Wellington Salgado: eu era menino, vinha para o Rio de Janeiro, e saía de avião de lá. Aerovias, Aeronorte, a Panair, a PTA, Paraense Transporte Aéreo, que a apelidava de “Prepara a Tua Alma”, porque, de vez, caía um avião. Mas a gente saía. O mundo, a propaganda, a mentira, o engodo, os Goebbels de lá falam em aeroporto internacional!. Wellington Salgado, não tem nem mais teco-teco; não tem sequer uma linha. Eu não acredito! Eu acho que os aloprados estão a enganar o Luiz Inácio.

Quis Deus que V. Ex<sup>a</sup> estivesse aqui, representando o grandioso povo mineiro, a tradicional família mineira, Wellington Salgado, os exemplos da verdade! V. Ex<sup>a</sup> faça as indagações. Estou aqui cumprindo o meu dever. Mas o aeroporto é uma mentira, como o de São Raimundo Nonato. Eles pensam ainda como Goebbels: “Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade.” Não tem nem teco-teco, Wellington Salgado! É mentira!

Nós fizemos um projeto aqui, a universidade, o Wellington Salgado está sorridente, os mineiros conseguiram oito universidades federais. O Piauí tem uma, tem um *campus*. Nós fizemos aqui, passou, tramitou. Foi votada na Comissão de Educação, na Comissão de Economia. O Relator, Senador Senador Alvaro Dias, a aprovou, com louvor. Nós queremos a universidade do Delta.

Nós queremos uma fábrica de leite em pó. A tradição do Piauí, criador de gado, no passado, por isso

fizemos a Batalha de Jenipapo. Simplício Dias da Silva tinha tanto gado que exportava para Pernambuco, para o Rio, em cinco navios, para a Europa. Queremos uma fábrica de leite em pó, que eu coloquei nessas emendas, para a indústria de laticínios, no Delta, criada por João Paulo dos Reis Velloso. E nada! E nada! Só mentira!

Alberto Silva é o símbolo do engenheiro ferroviário. Foi o seu primeiro emprego. Levou a primeira locomotiva a óleo. Ele foi arrastado, porque eles prometeram. Nunca mais apareceu Alberto Silva, eu acho que ele está envergonhado. Ele deixou de nos apoiar no nosso Partido, era o Presidente, porque disseram que iam colocar os trens para funcionar. Nem um dormente!

Ô Luiz Inácio, Ô Wellington, procurem indagar! V. Ex<sup>a</sup> está atento.

Eu represento o valoroso povo do Piauí, não aceitamos mentiras.

Tem lá um pré-metrô. É um metrô de superfície. Alberto Silva se entregou lá, e lá está parada a obra.

O Hospital Universitário, há mais de 20 anos teve sua obra iniciada. Fizemos funcionar um ambulatório; um ambulatório apenas para o Hospital. Há mais de 20 anos o povo clama, entidade que vai servir aos pobres, aos estudantes, às enfermeiras, aos médicos.

Trindade, uma grande líder do PT, que está no céu, a maior líder do PT, a maior líder mulher que teve o Piauí, morreu traumatizada, porque – como eu aqui – ela pedia isso. Ela morreu, foi para o céu. Hoje aplaudiu-se Olga Benário, do PCdoB. Dou os meus aplausos à Trindade, pureza, estrela, que foi para o céu, que era do PT. Mas ela, Luiz Inácio, morreu clamando! E nada! E nada! A ponte de Luzilândia – atentai bem!...

O Juscelino – ô Luiz Inácio – ele é amado, adorado, porque estão aqui as obras. Cristo, que está ali, Wellington Salgado, falava bem. O “Pai Nosso” é um discurso, assim como o Sermão da Montanha. Ele não tinha este som, nem a televisão, nem o rádio. “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça!” Ô Suplicy, nós não iríamos seguir Cristo só pelos discursos, o discurso político sem obras. Seguimos o Cristo porque ele fez obras. Fez cego ver, aleijado andar, tirou o demônio dos endemoniados, limpou os leprosos, multiplicou peixe, pães, vinho – para comemorar, o vinho –, mas não há o que comemorar no Piauí com a ação do PT e a mentira a se repetir. As pontes, ponte de sesquicentenário ...

Suplicy, homem de bem, o PT tem. Não tem um bando, mas tem alguns. V. Ex<sup>a</sup> é um deles. O candidato a Prefeito, em Teresina, do PT, é um homem de bem, o Dr. Nazareno Fontelle.

Eu quero dizer o seguinte: ô Wellington, leve ao Luiz Inácio... Você foi o melhor Líder que já deu no PT.

Atentai bem! Sesquicentenário, Suplicy. Era para os 150 anos de Teresina, que vai completar 158 anos. A ponte lá é um esqueleto. Nesse mesmo rio – ó Deus, eu vos agradeço –, eu construí, como Governador daquele Estado, em 87 dias, uma ponte, e botei o nome de Wall Ferraz. Convidei o Presidente Fernando Henrique Cardoso a bailar. Dinheiro do povo do Piauí, operário do povo do Piauí, engenheiro, construtora do povo do Piauí. Essa é a diferença. Lourival Parente, engenheiro. Tudo do Piauí. Convidei o Fernando Henrique Cardoso só para bailar e desfilar e ver a grandeza do povo do Piauí. Em 87 dias! Heráclito fez uma no mesmo rio em cem dias. Eu tinha contratado em 90 dias. Uma concorrência, mas que nos une pelo amor, no mesmo rio. Há oito anos? Ô Wellington Salgado, é isso que estamos pedindo. Boa esperança! Como mentem, Suplicy. Suplicy, está na hora de uma lavagem. Mentira é o grande mal.

Atentai bem! Fala-se lá que vão fazer cinco hidroelétricas. Eu vi no começo. Eu votei no Governador que está lá, e no Lula. Eu ouvi ele dizendo cinco hidroelétricas, em seu discurso de posse. A primeira hidroelétrica, Juscelino. Castello Branco terminou. Milton Brandão, Deputado Federal.

Não está concluída. Faltam as eclusas para ter navegabilidade. E mentem que vão fazer cinco, Wellington Salgado. Mentira não leva a nada.

A estrada do cerrado... Temos 11 milhões de hectares de cerrado para alimentar o sul do Piauí, que hoje recebe gaúchos, pessoas de Santa Catarina. É uma raça nova. Tinham pouca terra e foram para o Piauí. O Piauí é esse pólo depois de Barreiras, de Balsas do Maranhão. Lá, estão plantando soja, mas as estradas estão piores do que quando as deixei. Virou um inferno. Os tabuleiros, sonho do Sarney, começou no litoral, entra pelo Maranhão...

Usaria aqui apenas, Senador Wellington Salgado, o livro de Deus. Ô, Luiz Inácio, faço um apelo. Estou inspirado em Deus. Está escrito: "Pedi e dar-se-vo-s-á". Venho pedir a conclusão dessas obras.

Com a palavra esse extraordinário Líder do PT, Eduardo Suplicy.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Senador Mão Santa, agradeço as palavras com que brindou o Partido dos Trabalhadores pelo seu aniversário. V. Ex<sup>a</sup> tem sido, muitas vezes, uma pessoa que aponta possíveis erros de pessoas no Partido dos Trabalhadores. V. Ex<sup>a</sup> está atento àquilo que ocorre no Brasil e, em especial, em seu Estado. Espero, em breve, fazer uma visita ao Piauí para acompanhar mais de perto

toda a problemática e contribuir, na medida do possível, com proposições e idéias, seja ao Governador Wellington Dias, ao Deputado Nazareno Fontelle, que V. Ex<sup>a</sup> aqui indica estar se colocando como um possível candidato à Prefeitura de Teresina. V. Ex<sup>a</sup> reconhece, como eu também, muitos méritos no Deputado Nazareno, como em tantos outros membros do Partido dos Trabalhadores. A hora avança, Senador Mão Santa, e preciso, agora, me deslocar. V. Ex<sup>a</sup> há de compreender, porque não vai ficar bem que eu chegue depois do Presidente Lula nessa confraternização que já se iniciou com respeito aos 28 anos do Partido dos Trabalhadores. Portanto, peço licença a V. Ex<sup>a</sup>, convidando-o e a todos os Senadores para, amanhã, acompanhar o debate, a partir das 9h, sobre as águas do rio São Francisco e seu destino.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Senador Eduardo Suplicy, eu agradeço. E leve ao Presidente Luiz Inácio o nosso semblante de ser um homem do Piauí agradecido.

Hoje mesmo, quis Deus, sendo entrevistado por um jornalista, Freitas, da revista *Época*, eu dizia da gratidão que tinha por V. Ex<sup>a</sup>, porque eu governava e era do PMDB, e V. Ex<sup>a</sup> foi o mais importante congressista a defender a verba do Prodetur para o meu Estado. Diga a Sua Excelência o Luiz Inácio que eu saberei ser agradecido, quando ele concluir essa obra.

Com a palavra o Líder Wellington Salgado e, depois, a nossa encantadora Dr<sup>a</sup> Rosalba Ciarlini.

Wellington Salgado, V. Ex<sup>a</sup> também tem o meu reconhecimento. V. Ex<sup>a</sup> liderou o PMDB em crise – houve um impedimento com o Suassuna – e se saiu muito bem. E eu me mostro muito agradecido por aquele período.

**O Sr. Wellington Salgado de Oliveira** (PMDB – MG) – Muito obrigado, Senador Mão Santa. Mas, naquele momento, o que eu fazia simplesmente era conversar com os mais velhos e mais experientes. Assim, encontra-se solução. É fácil.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Mas eu não estou entre os mais velhos, não. Nós estamos na mesma idade.

**O Sr. Wellington Salgado de Oliveira** (PMDB – MG) – Mais velho em experiência. Veja bem, Senador Mão Santa, tenho um carinho muito especial pelo Piauí, principalmente pela cidade de Floriano. Meu irmão tem relações muito fortes com aquela cidade. E fico numa situação difícil. Estou diante de um grande líder do Piauí, alguém que não precisa mais fazer história. Já fez história no Piauí. Não é porque estou na frente de V. Ex<sup>a</sup>, não. Mão Santa, hoje, é conhecido pela TV Senado em todo o Brasil, mas, antes disso, foi conhecido no Piauí. Foi Governador. Cada momento é

um momento em política. Vi V. Ex<sup>a</sup> no início do Governo Lula, ao lado do Presidente. Depois vi V. Ex<sup>a</sup> desgostoso com algumas atitudes do partido do Presidente, não do Presidente, como bem disse V. Ex<sup>a</sup>. E hoje V. Ex<sup>a</sup> é uma posição clara dentro da vida pública do Piauí. Mas, por eu ter um respeito muito grande pelo Presidente, pela história de V. Ex<sup>a</sup> junto ao Piauí, e também uma história política já como um grande líder nacional, não só do Piauí, peço que mande para mim tudo o que disse agora, em seu discurso. Só fui duas vezes ao Planalto: uma para resolver um problema e outra para tomar um chá com Gilberto Carvalho, sem pedir nada. Fui ouvir a história de Gilberto Carvalho na época e, naquele momento, conheci um homem cuja história talvez seja um pouco diferente da de V. Ex<sup>a</sup>, alguém que larga tudo, vai para os movimentos de educação nas favelas, é convidado para o movimento sindical com o Presidente Lula, e termina, hoje – todos sabem –, um grande amigo do Presidente, secretário particular, alguém que é um símbolo do PT. Eu não sou PT, sou PMDB, sou do nosso Partido. Tenho mais ligações com o PMDB. Eu me sinto cada vez mais ligado ao PMDB: posições de V. Ex<sup>a</sup>, posições do Pedro Simon, posições do próprio Renan como Presidente, posições do Presidente Sarney, posições do Presidente em exercício neste momento, Paulo Duque – foi uma grata satisfação conhecê-lo aqui. Coloque tudo, Senador Mão Santa, que eu vou, pela terceira vez, ao Planalto, levar as reivindicações que V. Ex<sup>a</sup> poderia levar. Eu vou levar, mas V. Ex<sup>a</sup> poderia levar. Tenho certeza de que, se V. Ex<sup>a</sup> ligar e marcar uma audiência com o Presidente Lula, ele vai recebê-lo. Ele vai recebê-lo, mesmo depois do posicionamento político de V. Ex<sup>a</sup> aqui. Se alguém ligar... Se for eu, para pedir para marcar, eu peço para marcar. V. Ex<sup>a</sup> vai ser recebido, para colocar as reivindicações, simplesmente como um Senador do Estado do Piauí. Pois, hoje, quem quiser ganhar dinheiro vai para o Piauí, quem quiser crescer na vida vai para o Piauí. O Piauí tem esperança ainda. Eu acredito muito naquela terra. Eu vi, em terras ali, o hectare valorizar de R\$10 para R\$1.000, Senador Mão Santa, em oito anos. Um hectare, de R\$10, passou a valer R\$1.000. É um Estado de futuro, de sonho, de esperança. V. Ex<sup>a</sup> é um grande representante desse Estado. Portanto, preparando e enviando para mim, terei a maior honra de levar as reivindicações do Estado do Piauí, com um carinho especial à cidade do Floriano, onde já fui, comi naquele restaurantezinho na balsa, dentro do Parnaíba, aquele peixinho, lá pescado, peixinho simples, porém delicioso. Toda vez que eu vou lá, tenho de comer aquele peixinho. Envie para mim, que terei o maior prazer em levar, Senador Mão Santa.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Eu agradeço. Realmente, o Piauí, no sul, com o cerrado, com a produção de soja... Quando eu comecei a governá-lo, eu consegui que, num dia só, trezentas famílias do Rio Grande do Sul, a conto e rosa, se instalasse no Piauí.

Hoje, o sulista não encontra mais terra agricultável lá; então, os seus netos estão indo buscar o Piauí, para enriquecer aquele Estado, sobretudo com a própria grandeza e com a experiência de trabalho que têm.

Com a palavra, essa mulher extraordinária, médica que faz a ciência médica mais humana e que, como médica, foi uma grande benfeitora de Mossoró.

**A Sr<sup>a</sup> Rosalba Ciarlini** (DEM – RN) – Senador Mão Santa, na realidade, como sou a próxima oradora e sei que V. Ex<sup>a</sup> sempre tem tido a grandeza, a cortesia de me ouvir, vou deixar para falar, quando fizer meu pronunciamento, já que serei a próxima.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Agradece-mos.

Deus me permitiu dizer essas palavras quando presidia esta Casa um dos homens mais honrados da política deste País, o nosso Duque, que é abençoado. A esposa dele empata com Adalgisa: é muito bonita. Foi secretária particular de Getúlio Vargas. V. Ex<sup>a</sup> tem razões de sobra para gozar dessa felicidade.

E está no Livro de Deus, na Bíblia, ó Rosalba, que Ele dá longevidade a seus filhos abençoados, ungidos, para que, até os últimos dias, exerçam sua profissão.

Aí está Duque – não que ele esteja no dia, mas, até o fim de sua vida – na plenitude do exercício da sua profissão, que foi a boa política, que serve de exemplo a todos nós.

Passarei as nossas palavras, Wellington Salgado, lembrando a Luiz Inácio: “pedi e dar-se-vos-á”. Esse é o pedido para as obras inacabadas no nosso Piauí.

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Duque. PMDB – RJ) – Concedo a palavra à Senadora Rosalba Ciarlini.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente, quero agradecer, porque sei que a hora já está bastante avançada. Tive que me ausentar por algumas horas do plenário, apesar de estar inscrita, para participar de uma reunião muito importante com toda a bancada do Rio Grande do Norte, lá no Palácio do Planalto, com a Ministra Dilma Rousseff.

Senador Mão Santa, quando aqui chegava, ouvi V. Ex<sup>a</sup> relatando todas as necessidades e sonhos dos piauienses, que V. Ex<sup>a</sup> tão bem interpreta nesta Casa.

Venho de uma audiência, agora, com a Governadora do meu Estado, três Senadores, o nosso Presidente Garibaldi e oito Deputados Estaduais. Coisa difícil de

acontecer: independentemente de cores partidárias, de questões locais ou de qualquer outra questão, unidos, a bancada unida e um partido só, o Rio Grande do Norte, para levarmos à Ministra que coordena, que está à frente dos grandes projetos do Governo do Presidente Lula quais eram as prioridades do nosso Estado; para fazer uma só voz, na ânsia, na esperança de que o eco desse nosso grito fosse ouvido, com relação, por exemplo, ao aeroporto de São Gonçalo.

A história no nosso Estado não é muito diferente da que ocorre em seu Estado, Senador. O aeroporto de São Gonçalo é uma obra que foi definida por uma questão técnica: pela localização do Rio Grande do Norte na esquina da América do Sul, sendo o Estado mas próximo dos continentes europeu, africano e asiático. A decisão foi técnica de localizar em nosso Estado um grande aeroporto de cargas, que pudesse receber produtos de outros mercados, enviá-los, distribuí-los para outras regiões do nosso País e, assim, é claro, impulsionar o desenvolvimento e agregar valores, trazendo oportunidades para o nosso Estado e para o nosso Nordeste.

Isso começou no Governo de Garibaldi, mas há apenas um trecho terraplanado. E, apesar de a Governadora não ser do meu Partido e de termos estado em lados opostos na campanha política, não posso tirar seu mérito. Ela vem lutando, mas nós também estamos lutamos, somando forças, para ver construído esse aeroporto, que é tão importante para o desenvolvimento do nosso Estado, porque vai gerar emprego e renda, e que é algo benéfico para o nosso País. Perdemos muito por não termos um aeroporto desse porte em nosso País, que possibilite a distribuição de todos os tipos de produtos que produzimos no Nordeste e a chegada ao Brasil de mercadorias de uma maneira geral.

Bem, a verdade é a seguinte: infelizmente, ainda teremos de esperar. A Ministra mostrou que há algumas coisas avançando, porque antes se falava em uma parceria público-privada e agora já pode ser uma concessão. Vai depender de o BNDES fazer mais um estudo. E é de estudo em estudo que o tempo vai passando e que as oportunidades vão-se esvaindo como fumaça.

Mas há algo positivo. O Presidente vai mandar, nos próximos dias, uma MP para a Câmara – que depois chegará a esta Casa – com relação às ZPEs. Finalmente, uma MP regulamentando as ZPEs. Espero que essa regulamentação esteja a contento, para que a matéria possa caminhar rápido.

Por que a ZPE é importante? Porque um aeroporto desse porte, para ter sustentabilidade, precisa atrair também investidores e ter condições de ser um aeroporto também industrial, de gerar oportunidades,

agregando valores pela montagem, pela produção industrial.

Mas isso foi o mais positivo, e toda a bancada do Rio Grande do Norte foi informada a respeito. Foi-nos, inclusive, pedido o apoio. E quero, desde já, colocar-me à disposição dos nossos nobres colegas. Esperamos que, passando rapidamente pela Câmara e chegando ao Senado, a matéria seja regulamentada, porque é importante para o Rio Grande do Norte e para o Brasil.

As ZPEs não são apenas essas do Rio Grande do Norte. De nossa autoria não é apenas a ZPE em São Gonçalo do Amarante, para fazer com que o aeroporto seja sustentável. Também colocamos as ZPEs no sertão, no Vale do Açu, onde há gás, petróleo, terras férteis, calcário, ferro, minérios. É uma região vizinha, contígua a Mossoró, ou seja, é uma coisa muito importante.

Acho que é do interesse de todo Brasil. Já fui Relatora de Zonas de Processamento de Exportação (ZPEs) no Rio Grande do Sul, na fronteira com o Uruguai, na nossa Santana do Livramento. Então, acho que isso é importante e precisa muito ser ansiado, debatido e esperado.

Outra questão foi apresentada por nós como prioritária, Senador Mão Santa. V. Ex<sup>a</sup> sabe que o Rio Grande do Norte é um Estado pequeno, mas produz petróleo e que, diariamente, saem dos nossos solos o petróleo mais barato que o Brasil tem, porque de fácil exploração e de custo mais baixo. São 120 mil barris só do petróleo de terra. Se se caminhar pela cidade de Mossoró, encontram-se poços de petróleo. Existe aquela estrutura nas praças, porque há petróleo dentro da cidade, além daquele que já está sendo retirado na costa de Areia Branca e de outros setores.

Perdemos a refinaria do Nordeste, um sonho acalentado há 25 anos, desde que a Petrobras começou a explorar nosso petróleo, a extrair o nosso ouro negro. Sabíamos que tínhamos todas as condições técnicas para isso. Quantas e quantas vezes, conversei com os técnicos da Petrobras na minha cidade, os quais diziam que havia as condições técnicas para que uma refinaria de petróleo no Nordeste fosse para o Rio Grande do Norte! Lutei, inclusive, para que ela não fosse só do Rio Grande do Norte, mas de uma banda do Estado, ou seja, para que se juntassem Ceará e Rio Grande do Norte, ali no limite, porque o Ceará também está dentro da nossa região de exploração de petróleo, de produção de petróleo. O limite que fica na região de Aracati, no Vale do Jaguaribe, poderia beneficiar os dois Estados, mas o Presidente decidiu e disse que foi o acionista maior, que era o venezuelano. É uma

refinaria meio brasileira, meio venezuelana, em Abreu e em Lima.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senadora Rosalba...

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Pois não, Senador.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Aí há nosso desentendimento, Wellington Salgado, com o Luiz Inácio, porque entendemos o problema. Sei que V. Ex<sup>a</sup>, no Rio Grande do Norte, lutou bem. Também lutei e tenho minha tese para o Luiz Inácio ouvir. Não é um nem outro. Ele tem de devolver ao Piauí uma refinaria em Paulistana, e vou explicar o porquê. O problema de refinado se dá no Norte e no Nordeste, onde há poucas refinarias. Em Paulistana, há o transporte ferroviário, que segue desde São Luís ao sul do Piauí. Por que esse transporte está em Paulistana? Porque Paulistana é equidistante de todas as capitais do Nordeste. Então, de Paulistana, a refinaria mandava para Manaus, para Macapá, para Boa Vista, para Fortaleza, para Teresina, para São Luís. Evidentemente, é um pouco mais caro, porque vocês estão no litoral, mas Brasília também foi um pouco mais cara. E Juscelino, na visão de progresso, viu que valeu a pena encravar Brasília no centro do País. Então, a refinaria – ó Luiz Inácio! – está em Paulistana. Mande os técnicos estudarem!

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Mas a refinaria já foi para Pernambuco, já está sendo construída.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Mas estou pedindo uma.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Não somos contra Pernambuco de forma nenhuma, porque eles têm o direito também de ter condições de crescer, de se desenvolver e de dar emprego, mas perdemos algo que era líquido e certo para nosso Estado. Só que cobramos uma compensação – este foi um dos assuntos levados à Ministra hoje por toda a Bancada; a Governadora do nosso Estado estava à frente, no comando, como é natural –, que é o pólo, um projeto petroquímico, que também temos todas as condições de receber. Esse projeto está em estudo na Petrobras.

Há uma notícia boa e outra com que fico meio desconfiada. Na realidade, S. Ex<sup>a</sup> disse que a Petrobras entende que isso pode ocorrer no Nordeste, no Rio Grande do Norte. Já temos toda uma estrutura que a própria Petrobras já montou, que praticamente é uma mini-refinaria, onde já se faz gasolina de avião, e que está em Guamaré. Aproveita-se, apenas ampliando, toda essa estrutura, onde há nafta, que é importantíssimo. Ouvimos o Deputado Betinho dizer – o que foi até bem colocado – algo interessante: “Se vai haver refinaria em Pernambuco e se lá eles vão ter nafta,

então manda-se nafta para nosso projeto petroquímico, para complementar, se porventura o que tivermos for insuficiente”.

Então, são essas questões de que gostaria de tratar. Nessa luta do pólo petroquímico, vamos adiante. Com toda a Bancada, vamos à Petrobras, porque queremos é a garantia disso. Sabemos que um projeto desse porte tem um custo mais alto. Embora a Ministra tenha se preocupado muito com a questão do custo – algo em torno de US\$1 bilhão –, somente este ano, na nossa região petrolífera, estão sendo investidos US\$2,6 bilhões para aumentar a exploração, a prospecção e as perfurações.

Então, quero dizer aqui, Sr. Presidente, ilustre Senador Mão Santa, ilustre Senador Wellington Salgado, que essa foi uma questão tratada, mas que vamos continuar a luta, sim. Vamos à Petrobras, queremos ouvir da parte técnica em que ponto andam esses estudos, porque, se não acompanharmos e se não fizermos isso de pronto, logo, de repente, poderá haver uma reunião do Conselho e começar a haver outras destinações. Temos de ficar vigilantes.

Trago essas informações a esta Casa, porque elas chegam a todo Brasil e ao povo do Rio Grande do Norte, que está ansioso para que algo de novo venha a acontecer no nosso Estado, para que algo de novo venha a movimentar o nosso Estado na geração de emprego e de renda.

Outra reivindicação que foi posta, que é realmente muito importante, é a questão dos canais de irrigação. Há duas barragens que precisam ser aproveitadas para a irrigação. Apesar dessa reivindicação não ser algo tão difícil de acontecer, até porque é feita por emenda dos nossos parlamentares, emendas coletivas, e já existem recursos alocados, pedimos que a Ministra agilizasse e que, dentro do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC), não deixasse de colocar isso.

O Ministro Geddel já nos disse que é possível – está estudando uma forma – o trecho que beneficia outra parte do Rio Grande do Norte na transposição do São Francisco. Vamos ser beneficiados pelo rio Piranhas-Açu na transposição, mas o outro trecho ainda não foi licitado dentro desse primeiro pacote. Precisamos que seja feita uma complementação da licitação e que o trecho do rio Apodi-Mossoró seja beneficiado.

Eram essas as questões que eu queria expor, além da lembrança também com relação a Natal, ao trem urbano de Natal, que foi uma das nossas reivindicações, para que fosse colocado como prioridade dentro do PAC da mobilidade, cujo lançamento o Governo já está preparando. O trem urbano de Natal seria um metrô de superfície na cidade de Natal de importância muito grande, interligando a grande Natal, facilitando,



com certeza, a vida para milhares e milhares de cidadãos e de cidadãs e, principalmente, de trabalhadores que, no dia-a-dia, necessitam de transporte ágil para chegar ao seu trabalho, para a sua luta diária.

Além disso, tivemos uma boa notícia em relação a outras reivindicações que tínhamos feito quanto à questão do sistema adutor da região do Seridó, onde estão as cidades de Currais Novos e Caicó, que são três cidades de porte médio da mais alta importância no nosso Estado. Caicó é a quarta ou quinta cidade mais importante. Caicó e Currais Novos, na região de Seridó, são famosas pela carne de sol, pelo queijo de coalho, pela manteiga da terra e pelos bordados belíssimos que as mãos maravilhosas dos artesãos fazem. É um artesanato maravilhoso, feito à mão, algo que encanta todos nós. Mas há uma crise de falta de água em várias cidades daquela região, da região de Seridó, e esse novo sistema adutor, com a Barragem de Oiticica, dá a solução. São 120 milhões, e essa foi mais uma boa notícia que a Ministra garantiu.

Queremos que essas reivindicações sejam colocadas como prioridades. Sabemos que é preciso tempo para terminar os projetos, mas o que queremos é que o Presidente da República, é claro, ouvindo sua Ministra, coloque como prioridade essas questões, que são importantes, estruturantes para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte e do nosso Brasil.

São coisas que sabemos que demandam tempo e recurso, mas cada grande caminhada começa com o primeiro passo, e sabemos que, se dermos o primeiro passo, não faltará, com certeza, força e vontade de continuarmos. Por mais árdua que ela seja, a gente chega lá.

Digo isso e, para finalizar, Senador Presidente Paulo Duque, vou voltar ao Piauí, à terra do Senador Mão Santa.

Mão Santa, hoje, V. Ex<sup>a</sup> abordava as questões que gostaria que o nosso Senador Wellington Salgado levasse para lá. Entendo a desilusão que V. Ex<sup>a</sup> teve com o Governo do PT, V. Ex<sup>a</sup> que esteve na luta. V. Ex<sup>a</sup> é um político que cumpre com seu dever de servir. E seu sonho é ver seu Estado se desenvolvendo, as ações sendo realizadas, para trazer melhor vida para seu povo. Esse Estado tão bom recebeu meu avô, ainda jovem, quando ele chegava da Itália. O primeiro trabalho que ele desenvolveu foi o de conter as enchentes do rio Parnaíba. Ele casou na sua Parnaíba; sua primeira esposa é de Parnaíba.

Tenho parentes no Piauí, a família Ciarlini. A passagem do meu avô foi muito produtiva, por sinal, tendo tido esse casamento, do qual só teve um filho, porque, infelizmente a esposa morreu no parto. Naquele tempo, isso acontecia com muita frequência. Mas

a família foi criada lá, e temos vários parentes. Quero bem a essa terra que abraçou meu avô, que recebeu tão bem quem nos antecedeu.

Senador Mão Santa, admiro sua luta, sua persistência, sua vontade de continuar a servir cada vez mais o seu Estado e a sua gente.

Para finalizar, Sr. Presidente, gostaria de fazer um voto de louvor ao jornal *Diário de Natal*, do nosso Estado, que está, mais um vez, editando, distribuindo, encartada no jornal, a coleção **Gente Potiguar I – Personalidades da História do Rio Grande do Norte**, dentro do Projeto Ler/DN Educação, do **Diário de Natal**.

Esse projeto é de importância muito grande, fazendo chegar, de forma gratuita esses encartes, trazendo a vida de figuras importantes do nosso Estado, pessoas que fizeram história, de pessoas que deixaram a marca dos seus passos, da sua luta em prol do Rio Grande do Norte, como o mestre Luís da Câmara Cascudo; o Senador Dinarte Mariz, que nesta Casa engrandeceu nosso Estado; Dom Eugênio Salles, o grande Bispo, Arcebispo, Cardeal.

Amanhã, inclusive, teremos uma audiência pública sobre a transposição das águas do São Francisco. Dom Eugênio Sales foi sempre um grande defensor da transposição, porque ele sentiu na pele, lá na sua Acari, as dificuldades da falta d'água, quando tinha de passar um dia com apenas um copo d'água. Quando amanhecia, ele recebia um copo d'água barrenta para escovar os dentes, para fazer a higiene matinal. Por isso, ele é defensor da transposição. Quero dizer aqui da minha grande admiração por esse grande nordestino-grandense que é Dom Eugênio Sales. Além de outros, como Café Filho, que foi nosso Vice-Presidente e Presidente do Senado, a poetisa Auta de Souza, Djalma Maranhão.

Mas entre tanta gente importante, gente que marcou, que fez história, há um que conheci de perto: o ex-Senador Dix-Huit Rosado Maia, que passou por esta Casa, a quem tive a honra de substituir na Prefeitura. Ele foi Prefeito por três vezes na minha cidade, mas, antes, foi Senador da República. Era um médico, mas de uma simplicidade muito grande. Ele ficava à vontade em qualquer ambiente, fosse uma feira em Catolé do Rocha, na Paraíba, de onde seus pais eram originários, num gabinete ministerial, ou numa sala suntuosa do líder Mao Tse-Tung. Ele foi o primeiro mossoroense a chegar à China e apertar a mão de um líder como Mao Tse-Tung. O Senador Dix-Huit Rosado, que foi médico, Deputado Federal, também presidiu o Inda – Instituto de Desenvolvimento Agrário, e, quando lá esteve, lançou sementes em todo o Brasil para a educação agrícola. Para a nossa cidade levou

a Escola Superior de Agricultura, hoje a Universidade Federal do Semi-Árido.

Meu esposo tem o mesmo sobrenome, Rosado, e, uma vez, quando estive no Rio Grande do Sul, uma pessoa, em determinado ambiente, perguntou qual era o parentesco. Ele disse que era sobrinho, o Carlos Augusto. E a pessoa fez referência ao seu grande trabalho, à sua grande inteligência, ao quanto ele havia contribuído, em seu Estado, para ajudar o desenvolvimento da agricultura, o desenvolvimento das atividades produtivas no campo.

Quero deixar esse voto de louvor ao **Diário de Natal**. Não é a primeira vez que o **Diário** faz o Projeto Ler, que valoriza quem faz história, a luta e o trabalho dos potiguares que engrandeceram a nossa terra.

Hoje, de uma maneira muito especial, com muito carinho, deixo um voto de louvor ao nosso conterrâneo Dix-Huit Rosado Maia, esse grande homem. Ele gostava sempre de falar sobre algo que o marcou desde a infância: “Quem não faz um pouco mais por sua terra não fará nada pela terra dos outros”.

Muito obrigada, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Duque. PMDB – RJ) – Antes de encerrar esta sessão, anuncio que a Ordem do Dia é exatamente a mesma anunciada anteriormente. No mais agradeço a atenção de V. Ex<sup>as</sup>.

Indago do Senador Wellington Salgado se deseja fazer uso da palavra. (Pausa.)

**O SR. WELLINGTON SALGADO** (PMDB – MG) – Desisto da palavra, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Duque. PMDB – RJ) – Então, agradeço a presença de todos os Srs. Senadores que permaneceram aqui, cumprindo o seu dever, até esta hora.

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Duque. PMDB – RJ) – Os Srs. Senadores Papaléo Paes e Arthur Virgílio enviaram discursos à Mesa, que serão publicados na forma do disposto no art. 203, combinado com o art. 210, inciso I e o § 2º, do Regimento Interno.

S. Ex<sup>as</sup> serão atendidos.

**O SR. PAPALÉO PAES** (PSDB – AP. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o Sistema Único de Saúde (SUS) é um produto satisfatório da engenharia sanitária brasileira, mas tem funcionado com grau oscilante de eficiência prática. Quem assim o declara é o Diretor-Geral do Instituto Nacional do Câncer (Inca), Luiz Santini, durante recente Congresso Internacional de Controle de Câncer. Segundo suas estimativas, a eclosão de novos casos da doença estará próxima da casa de um milhão, entre 2008 e 2009, no Brasil.

Mais precisamente, a expectativa é de que se dê, nos próximos anos, um aumento significativo na

incidência de todos os tipos de tumores, com exceção daqueles localizados no estômago e no colo de útero. No total, de acordo com os cálculos do Inca, 466 mil casos, daqui para frente, surgirão a cada ano.

Enquanto nos países desenvolvidos a incidência de câncer se dilata acompanhada da contração na taxa de mortalidade, no Brasil, ambos os vetores exibem setas ascendentes. Em outras palavras, na Europa e nos Estados Unidos, a taxa de mortalidade por câncer emite sinais de controle e estabilidade, em que pese o alastramento da enfermidade. No Brasil, ao contrário, somente em 2006, 130 mil pacientes perderam a vida em virtude do câncer.

Todavia, para que a curva de mortalidade suavize sua inclinação, faz-se necessário que os órgãos públicos viabilizem o acesso da população ao sistema de saúde, às políticas de prevenção e ao diagnóstico precoce. Mais que isso, o Ministério da Saúde deve, com urgência, providenciar tanto a disponibilização de tratamento adequado, quanto a distribuição de medicamentos aos pacientes mais pobres.

Medicamentos e tratamentos considerados como promessas revolucionárias no Primeiro-Mundo não são adotados no Brasil sob a alegação de que ainda se encontram em processo de estudo e pesquisa. Contra tal entendimento, o Diretor-Geral do Inca, dispondo do relatório “Estimativa de Incidência de Câncer no Brasil – 2008” em mãos, chama a atenção para o custo das tecnologias e dos remédios relacionados à enfermidade.

Mesmo assim, há de se reconhecer que os gastos do Governo Federal com assistência oncológica de alta complexidade dobraram em cinco anos. Segundo dados apresentados, entre 2000 e 2005, as despesas do Estado com tratamento contra o câncer cresceram 103%, consumindo 1,2 bilhão de reais a cada ano. Vale registrar que os tumores malignos já ocupam a segunda maior causa de morte entre os brasileiros, se posicionando somente atrás das doenças cardiovasculares.

Na verdade, os especialistas explicam que a maior incidência do câncer tem relação direta com o envelhecimento e com a maior exposição a fatores de risco. Isso explica, em larga medida, a tendência de a doença ser a principal causa de óbitos no mundo inteiro, haja vista o aumento expressivo da expectativa de vida da população no mundo inteiro.

Diante disso, caso o Governo Lula depositasse mais confiança nas políticas de prevenção e de detecção precoce, não somente os custos de tratamento se reduziriam, como também a taxa de letalidade se curvaria. Segundo um estudo recente desenvolvido por uma entidade privada de saúde, os custos do

tratamento de um paciente com câncer em estágio avançado é oito vezes maior do que o diagnosticado na fase inicial.

Em suma, não cabe mais às autoridades sanitárias hesitar em promover políticas públicas que intensifiquem iniciativas de prevenção por parte da população. Gastos sérios com publicidade oficial modificam os hábitos das pessoas, prevenindo o câncer e gerando maior qualidade de vida.

Aqui mesmo, no Senado Federal, a Subcomissão de Promoção, Acompanhamento e Defesa da Saúde tratou do assunto no ano passado, realizando audiência pública com *experts* da área. Com o tema “A Situação do Câncer de Mama no País e as Condições de Prevenção da Doença nas Unidades Públicas de Saúde nos Municípios Brasileiros”, Senadores e Deputados aproveitaram a ocasião para um debate muito lúcido sobre o assunto.

Para encerrar, Sr. Presidente, gostaria de reiterar meu apoio aos apelos manifestados pelo Inca, na direção de exigir do Governo Federal ações mais incisivas no plano da saúde pública. Além de melhores condições nos serviços financiados pelo SUS, cumpre-lhe disponibilizar ao povo acesso ágil ao diagnóstico precoce dentro de uma política ampla de prevenção contra o câncer.

Era o que tinha a dizer.

Muito obrigado.

**O SR ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, pelo tom do noticiário, os norte-americanos querem mudanças no Governo da União. A palavra de ordem, que aparece a todo momento é *change!*

Pelo tom do *desabafo* dos brasileiros, aqui a palavra é assemelhada: *mudança!* E com razão! O povo está cansado de ver tanta coisa errada. A sorte nossa é que o País vai bem, graças à infra-estrutura que o Governo anterior legou ao atual.

O atual vai legar vai deixar o quê para o futuro Presidente? Esse Governo que aí está não deu certo. A não ser para os seus apaniguados, grande parte deles sem a mínima capacidade, intelectual e moral.

Na moral, o noticiário mostra todo dia tantos e tantos desacertos de uma turma que mete a mão no dinheiro público, como nesse episódio dos cartões corporativos. É uma verdadeira *farra*, envolvendo até Ministros do Governo Lula:

### **Mais dois ministros fizeram uso ilegal de cartão do governo**

Pela 1ª vez, CGU investiga ministros por causa de despesas com cartão corporativo

Assim como Matilde Ribeiro, Orlando Silva e Altair Gregolin utilizam dinheiro do governo de maneira não prevista pela legislação

### **(Folha de S.Paulo, 30/jan/08)**

Final, o quê está ocorrendo? O Presidente foi eleito pelo voto democrático, livre e soberano para governar, não para uso ilícito da máquina pública. Muito menos para institucionalizar figuras que acabaram entristecendo o País, como essa do *Mensalão*, aquilo que o Presidente sempre insiste em dizer que de nada sabia.

Agora, é o Supremo Tribunal que pede explicações, como está no noticiário:

### **STF pode chamar Lula para depor no processo do mensalão**

Presidente foi nomeado como testemunha do ex-deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ). Réu diz que Lula se “omitiu” no mensalão, segundo o **blog do Josias**. (Folha de S.Paulo, 30 jan 08)

É triste, mas aí está. É o resultado de um Governo que faz por merecer!

Será essa a nova marca registrada do Brasil! É isso que queremos? Seguramente, não, mas o feiúme acompanha o atual Governo, que, não passa um minuto sem aprontar mais uma das centenas de coisas erradas com que humilha a nossa população.

O povo está cansado. Disso tudo. E da tremenda carga tributária que pesa sobre nossas costas. Aqui, o Senado interpretou com fidelidade os anseios da sociedade brasileira e deu um basta na CPMF.

O fim da CPMF foi o início de uma reação popular por mudança! Outras virão, pelo melhor caminho, o da manifestação pública, inclusive pelo voto, já a partir de 2010.

O povo quer mudanças para pôr um fim em *arranjos* para, como sempre, beneficiar *grupos* ou *amigos*. É o caso dessa pretendida fusão da Oi (Telemar) com a Brasil Telecom. O assunto está no noticiário há mais de um mês e só ontem o Ministro das Comunicações, segundo disse, foi informado oficialmente sobre isso.

Por quê essa fusão é, no mínimo esquisita? Fusões são normais no mundo dos negócios e aí está o CADE para acompanhar, orientar, aprovar ou proibi-las.

Essa fusão, no entanto, mexe na legislação. Para o Governo, pouco importa, tanto que, pela palavra do ilustre Ministro, nossa colega Senador, já está em curso uma mudança no Plano Geral de Outorgas das concessões de telefonia fixa. Por quê esse plano existe? Para evitar monopólios, para estimular a concorrência. Se o atual Plano proíbe a fusão ou a compra de uma

tele fixa por outro, que se mude o Plano, pensa e assim age o Governo.

Tanto pensa que já começa a atuar em favor da fusão, o que seria feito por decreto presidencial. Seria a sopa no mel! Pelo visto, a sopa já está à mesa e só falta adicionar o mel.

Leio a **Folha de S.Paulo**:

### **Governo inicia o processo para compra da BrT pela Oi**

Da **FolhaNews – 30-1-2008**

09h51 – O ministro das Comunicações, Hélio Costa, disse que o governo deve encaminhar ainda hoje à Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) a consulta sobre a possibilidade de mudança no Plano Geral de Outorgas das concessões de telefonia fixa para permitir a compra da Brasil Telecom pela Oi (ex-Telemar). O plano atual impede a fusão ou a compra de uma tele fixa por outra.

Costa disse que foi informado, oficialmente, anteriormente, de que os acionistas das duas teles chegaram a um entendimento, após quase um mês de negociação. A informação do mercado é que a Oi ofereceu R\$ 4,8 bilhões pela compra do controle acionário da BrT

Pela lei – ora, a lei! – o Ministro não poderia antecipar-se na consulta à ANATEL. Não, mesmo! Que me desculpe o Ministro, mas há precipitação. E não sou eu que explica. Cedo a palavra ao ex-Ministro das Comunicações Juarez Quadros:

“(…) A legislação proíbe que concessionárias – como a Oi e a BrT – realizem fusões entre si. Para mudar as regras, segundo Quadros, é necessário que a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) aprove a alteração no PGO, que define a divisão de áreas de atuação entre as empresas. Aprovada a mudança, a agência apresenta a proposta ao Poder Executivo, por meio do Ministério das Comunicações. O PGO é estabelecido por decreto presidencial, e qualquer alteração em seu texto tem de ser feita por outro decreto do presidente da República.

Antes de apresentar a proposta, explica o consultor, a Anatel tem que fixar um prazo para que empresas e sociedade civil possam opinar sobre o assunto.

“O conselho diretor tem que submeter a proposta à consulta pública e ao conselho consultivo da agência”, afirmou Quadros. Ele disse que o processo não é complicado, mas assegura que o rito tem de ser cumprido. “Se o rito não for obedecido, qualquer mudança pode ser questionada, pois a sociedade esta-

ria sendo impedida de se manifestar”, disse. “Um decreto, uma vez editado, entra em vigor automaticamente.”

Mais aspás para o ex-Ministro Quadros:

“(…) permitir a fusão entre Oi/Telemar e Brasil Telecom (BrT) é estimular a criação de um monopólio privado nacional no setor de telefonia fixa. Segundo Quadros, que foi ministro no governo Fernando Henrique Cardoso e hoje atua como consultor na área de telecomunicações, uma fusão como esta dará isoladamente a um grupo econômico um poder de mercado muito significativo.

Oi e Brasil Telecom juntas, segundo ele, concentrariam quase 70% do potencial de consumo do setor de telecomunicações, que é calculado com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como população e renda.”

### **A Destruição da Amazônia**

Alerta para desmate foi excesso, diz Lula

Segundo presidente, problema na Amazônia é um “tumorzinho” que foi tratado como câncer antes do diagnóstico

Para ele, ainda é cedo para culpar a soja e o gado pela derrubada de florestas, e as ONGs que pedem mais ação “precisam é plantar árvore”

O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva demonstrou ontem que considerou exagerado o “alarde” feito em torno dos números sobre o aumento do desmatamento na Amazônia. Ao fim de um almoço no Itamaraty, ele se referiu à divulgação dos dados na semana passada como um “tumorzinho” que, antes do diagnóstico, foi tratado como câncer. Também criticou a postura das ONGs e disse que não dá para culpar “soja, feijão, gado ou sem-terra” pelo desmatamento sem antes investigar o que aconteceu.

“O que aconteceu, na minha opinião, eu não sou comunicador, posso estar errado... você vai no médico detectar porque você está com um tumorzinho aqui e, ao invés de fazer biópsia e saber como vai tratar, você já saiu dizendo que estava com câncer”, afirmou.

Segundo Lula, como em 2006 o desmatamento tinha diminuído muito e em 2007 cresceu, “se alardeou que estava crescendo”. Na entrevista, o presidente contou que na semana passada, em reunião no Planalto, questionou o Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) se os dados divulgados significavam que o Brasil chegaria ao final do ano com um desmatamento maior.

“E ele falou: “Não”. E eu falei: “Então por que vocês falaram”? Na verdade, eles queriam alertar de que a gente não pode se descuidar de controlar a Amazônia”, concluiu Lula, insistindo que os dados divulgados tratam de um corte trimestral e que, segundo ele, até o final do ano podem ser revertidos.

O presidente evitou, entretanto, classificar de erro a postura de seus subordinados. E negou que a ministra Marina Silva (Meio Ambiente) tenha chamado a atenção dos dados para evitar cortes no orçamento de sua pasta. Na semana passada, o Inpe anunciou ter registrado a derrubada de 3.235 km<sup>2</sup> de floresta na Amazônia nos últimos cinco meses de 2007. O Ministério do Meio Ambiente disse que a área real devastada entre agosto e dezembro pode ter alcançado o dobro disso. **Gado, soja e sem-terra**

Ontem, Lula entrou na polêmica sobre as causas do desmatamento e defendeu os produtores de soja, pecuaristas e sem-terra. “Eu disse na reunião [no Planalto] o seguinte: a gente não pode culpar soja, feijão, gado, sem-terra, não pode culpar ninguém antes de a gente investigar o que aconteceu. Por fotografia você tem apenas a imagem, você não tem o que aconteceu”. “Tivemos um problema de maior seca que pode ter sido um incentivo, o dado concreto é que foi um alerta. Isso mostra que o governo precisa acender todas as lanternas para não permitir que continue crescendo”, acrescentou.

O presidente citou que o governador do Mato Grosso, Blairo Maggi – “um parceiro nosso” -, discorda dos números e do fato de a soja ser citada como culpada. Maggi é um dos principais exportadores de soja do mundo, mas Lula desconversou ao ser lembrado disso. “O que nós temos de ver? Temos que ir em cada Estado que teve problema, fazer levantamento, mapear, fotografar, conversar, detectar quem é o dono da terra. Se tiver alguém que fez uma queimada ilegal, eu defendo que esse cidadão sofra um processo para perder sua propriedade. As pessoas têm que aprender que no país tem lei e tem regras e que as pessoas precisam aprender.” Lula disse ainda que “topa brigar” com as ONGs que têm feito críticas ao governo e sugeriu que os integrantes destas organizações deveriam primeiro “plantar árvores no país deles”. Foi confrontado com o fato de que as ONGs em questão são brasileiras, mas não respondeu. Também afirmou ter sugerido a Marina que fizesse reunião com governadores e prefeitos de locais com problemas, para traçar ação conjunta. “Tudo isso é controlável”, disse.

À noite, em evento em São Paulo, Lula voltou a usar uma metáfora “clínica” para se referir ao desmatamento, desta vez trocando tumor por coceira. “É

como se você tivesse uma coceira e achasse que é uma doença mais grave.”

**Folha de S.paulo**, 31 jan 2008 Colaborou **Ana Paula Boni**, da Reportagem Local

**De:** nacaomestica@nacaomestica.org

[mailto:nacaomestica@nacaomestica.org]

**Enviada em:** quinta-feira, 31 de janeiro de 2008 02:25

**Para:** Sen. Arthur Virgílio Neto

**Assunto:** Denúncia: Secretaria de Matilde Ribeiro discrimina mestiços

Exmo. Sr. Senador Arthur Virgílio Neto,

Cumprimentando-o nesta oportunidade, estamos por meio desta trazendo ao conhecimento de V. Exa. a política racista e discriminatória do governo do PT empreendida pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR), comandada pela ministra Matilde Ribeiro, contra a população mestiça brasileira e, por consequência, contra nossa população cabocla. O Movimento Mestiço tem feito diversas denúncias contra o racismo contido na política de antimestiça do governo do PT ([www.nacaomestica.org/hemerio\\_060623\\_060706\\_noticia\\_do\\_amazonas\\_pt.htm](http://www.nacaomestica.org/hemerio_060623_060706_noticia_do_amazonas_pt.htm) e <http://www.geocities.com/fusaoracial>), inclusive ao Ministério Público Federal e à recente Comissão Geral sobre o Estatuto da Igualdade Racial realizada em 26/11/2007, na Câmara dos Deputados (<http://www.youtube.com/watch?v=2Uu7r9AHrMA> e <http://www.youtube.com/watch?v=hMUgHlrkwoY>).

Anuncia agora o site da SEPPPIR([http://www.presidencia.gov.br/estrutura\\_presidencia/seppir/conapir/](http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/seppir/conapir/)) a II Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial (II CONAPIR), prevista para ocorrer de 29 a 31/05 deste ano, onde não consta a participação de mestiços, o que inclusive desrespeita a I CONAPIR. Isto ocorre apesar de ser do conhecimento da ministra Matilde Ribeiro, com a qual já tivemos diálogo pessoal, a existência de instituições e movimento organizados de defesa da identidade mestiça brasileira.

Solicitamos a V. Exa. que denuncie esta discriminação contra mestiços e contra nossa população cabocla no Parlamento do Senado Federal. Compreendemos ser necessário que a ministra Matilde Ribeiro justifique, além dos gastos com o cartão corporativo, o porquê de estar desrespeitando acordos internacionais

do país contra discriminação racial, inclusive a mestiços, como a Declaração de Durban.

Colocamo-nos à vossa disposição para qualquer informação adicional.

Atenciosamente, – Jerson Cesar Leão Alves, Presidente do Movimento Pardo-Mestiço Brasileiro, (92)9609-0097/3641-6358, [www.nacaomestica.org](http://www.nacaomestica.org)

#### **O SR. PRESIDENTE** (Paulo Duque. PMDB-RJ)

– Nada mais havendo a tratar, a Presidência vai encerrar os trabalhos, lembrando às Sr<sup>as</sup> e aos Srs. Senadores que constará da próxima sessão deliberativa ordinária, a realizar-se amanhã, às 14 horas, a seguinte

### **ORDEM DO DIA**

#### **1**

#### **PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 48, DE 2003**

Votação, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 48, de 2003, tendo como primeiro signatário o Senador Antonio Carlos Magalhães, que *dispõe sobre aplicação de recursos destinados à irrigação*.

Pareceres sob nºs 1.199, de 2003; e 15, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania: 1º pronunciamento: Relator: Senador João Alberto Souza, favorável, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta; 2º pronunciamento: (sobre a Emenda nº 2, de Plenário), Relator ad hoc: Senador João Batista Motta, favorável, nos termos de subemenda que apresenta.

#### **2**

#### **PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 57, DE 2005**

Votação, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 57, de 2005, tendo como primeiro signatário o Senador Marco Maciel, que *dá nova redação ao § 4º do art. 66 da Constituição, para permitir que os vetos sejam apreciados separadamente no Senado Federal e na Câmara dos Deputados*.

Pareceres sob nºs 779, de 2006; e 272, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, – 1º pronunciamento (sobre a Proposta): Relator: Senador Ramez Tebet, favorável; – 2º pronunciamento (sobre a Emenda nº 1, de Plenário): Relator: Senador Adelmir Santana, favorável, e apresentando a Emenda nº 2-CCJ, de redação.

#### **3**

#### **PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 20, DE 1999**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 20, de 1999, tendo como primeiro signatário o Senador José Roberto Arruda, que *altera o art. 228 da Constituição Federal, reduzindo para dezesseis anos a idade para imputabilidade penal*.

Parecer sob nº 478, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Demóstenes Torres, favorável à Proposta de Emenda à Constituição nº 20, de 1999, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta; e pela rejeição das demais matérias que tramitam em conjunto, com votos contrários dos Senadores Sibá Machado, Eduardo Suplicy, Epitácio Cafeteira, Antônio Carlos Valadares, Pedro Simon, Romero Jucá, e das Senadoras Serys Slhessarenko, Lúcia Vânia e, em separado, do Senador Aloizio Mercadante e da Senadora Patrícia Saboya.

#### **4**

#### **PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 18, DE 1999**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 20, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 18, de 1999, tendo como primeiro signatário o Senador Romero Jucá, que *altera a redação do art. 228 da Constituição Federal*.

#### **5**

#### **PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 3, DE 2001**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 26, de 2002; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 3, de 2001, tendo como primeiro signatário o Senador José Roberto Arruda, que *altera o artigo 228 da Constituição Federal, reduzindo para dezesseis anos a idade para imputabilidade penal*.

6

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 26, DE 2002**

*(Tramitando em conjunto com as  
Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e  
20, de 1999; 3, de 2001; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 26, de 2002, tendo como primeiro signatário o Senador Iris Rezende, que *altera o artigo 228 da Constituição Federal, para reduzir a idade prevista para a imputabilidade penal, nas condições que estabelece.*

7

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 90, DE 2003**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de  
Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999;  
3, de 2001; 26, de 2002; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 90, de 2003, tendo como primeiro signatário o Senador Magno Malta, que *inclui parágrafo único no artigo 228, da Constituição Federal, para considerar penalmente imputáveis os maiores de treze anos que tenham praticado crimes definidos como hediondos.*

8

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 9, DE 2004**

*(Tramitando em conjunto com as  
Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e  
20, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; e 90, de 2003)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 9, de 2004, tendo como primeiro signatário o Senador Papaléo Paes, que *acrescenta parágrafo ao artigo 228 da Constituição Federal, para determinar a imputabilidade penal quando o menor apresentar idade psicológica igual ou superior a dezoito anos.*

9

**SUBSTITUTIVO AO  
PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 12, DE 2000**

Discussão, em turno suplementar, do Substitutivo ao Projeto de Lei da Câmara nº 12, de 2000 (Nº 885/95, na Casa de origem), que *estabelece diretrizes gerais de programa nacional de habitação para mulheres com responsabilidade de sustento da família.*

Parecer sob nº 437, de 2007, da Comissão Diretora, Relator: Senador Gerson Camata, oferecendo a redação do vencido.

10

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 6, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 6, de 2003 (Nº 2.820/2000, na Casa de origem), que *altera os arts. 47 e 56 da Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971 (dispõe sobre a administração e o conselho fiscal das sociedades cooperativas).*

Parecer sob nº 1.036, de 2006, da Comissão de Agricultura e Reforma Agrária, Relator do vencido: Senador Jonas Pinheiro, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CRA (Substitutivo), que oferece, com voto vencido do Senador Gilberto Goellner, e em separado, do Senador Pedro Simon.

11

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 7, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 7, de 2003 (Nº 3.703/2000, na Casa de origem), que *dispõe sobre procedimento na operação de arrendamento mercantil de veículo automotivo (leasing), e dá outras providências.*

Pareceres favoráveis sob os nº 446 e 447, de 2007, das Comissões— de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Arthur Virgílio; e de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Eduardo Suplicy.

12

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 22, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 22, de 2003 (Nº 5.120/2001, na Casa de origem), que *dispõe sobre as atividades das Agências de Turismo.*

Pareceres sob os nºs 1.049 e 1.050, de 2007, das Comissões

— de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Tasso Jereissati, favorável com as Emendas nºs 1 a 12 – CCJ, que apresenta; e

— de Desenvolvimento Regional e Turismo, Relator: Senador Antonio Carlos Valadares, favorável com as Emendas nºs 13 a 18 – CDR, a Subemenda nº 1-CDR à Emenda nº 9-CCJ, e pela aprovação das Emendas nºs 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 11 e 12 – CCJ.

13

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 28, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 28, de 2003 (Nº 5.657/2001, na Casa de origem), que *acrescenta dispositivo à Lei n.º 8.906, de 4 de julho de 1994, que dispõe sobre o Estatuto da Advocacia e a Ordem dos Advogados do Brasil – OAB (prescrição em cinco anos da ação de prestação de contas do advogado para o seu cliente, ou de terceiros por conta dele)*.

Parecer favorável, sob nº 1.162, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Demóstenes Torres.

14

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 75, DE 2004**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 75, de 2004 (Nº 1.071/2003, na Casa de origem), que *altera a Lei nº 10.334, de 19 de dezembro de 2001, que dispõe sobre a obrigatoriedade de fabricação e comercialização de lâmpadas incandescentes para uso em tensões de valor igual ou superior ao da tensão nominal da rede de distribuição, e dá outras providências*.

Parecer favorável sob nº 87, de 2007, da Comissão de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Delcídio Amaral.

15

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 5, DE 2005**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 5, de 2005 (Nº 1.447/2003, na Casa de origem), que *acrescenta parágrafo único ao art. 2º da Lei nº 9.452, de 20 de março de 1997, determinando que as Prefeituras Municipais convenientes com a Administração Pública Federal dêem ampla divulgação das liberações de recursos decorrentes dos convênios celebrados*.

Parecer sob nº 21, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Ney Suassuna, favorável, com as Emendas nºs 1 a 3-CCJ, que apresenta.

16

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 24, DE 2005**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 24, de 2005 (Nº 4.465/2001, na Casa de origem), que *altera a Lei nº 5.917, de 10 de setembro de 1973 (inclui novo trecho*

*na Relação Descritiva das rodovias no Sistema Rodoviário Nacional)*.

Parecer favorável, sob nº 1.534, de 2005, da Comissão de Serviços de Infra-Estrutura, Relator *ad hoc*: Senador Rodolpho Tourinho.

17

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 103, DE 2005**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 103, de 2005 (Nº 45/99, na Casa de origem), que *veda a exigência de carta de fiança aos candidatos a empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho – CLT*.

Parecer sob nº 198, de 2006, da Comissão de Assuntos Sociais, Relator *ad hoc*: Senador Paulo Paim, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CAS (Substitutivo), que apresenta.

18

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 111, DE 2005**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 111, de 2005 (Nº 3.796/2004, na Casa de origem), que *dispõe sobre a Política Nacional de Orientação, Combate e Controle dos Efeitos Danosos da Exposição ao Sol à Saúde e dá providências correlatas*.

Pareceres sob nºs 603 e 604, de 2007, das Comissões:

– de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Magno Malta, favorável, com as Emendas nºs 1 e 2-CCJ, de redação, que apresenta; e

– de Assuntos Sociais, Relator: Senador Papaléo Paes, favorável, nos termos da Emenda nº 3-CAS (Substitutivo), que oferece.

19

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 118, DE 2005**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 118, de 2005 (Nº 1.153/2003, na Casa de origem), que *modifica o inciso II do caput do art. 44 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (dispõe sobre o aproveitamento de matérias cursadas em seminários de filosofia ou teologia)*.

Parecer sob nº 924, de 2006, da Comissão de Educação, Relatora: Senadora Maria do Carmo Alves, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CE (Substitutivo), que oferece.

20

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 1, DE 2006**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 1, de 2006 (Nº 1.696/2003,



na Casa de origem), que altera o § 2º do art. 12 da Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998, que dispõe sobre os planos e seguros privados de assistência à saúde (acrescenta o planejamento familiar nos casos de cobertura dos planos ou seguros privados de assistência à saúde).

Parecer favorável, sob nº 145, de 2007, da Comissão de Assuntos Sociais, Relatora: Senadora Serys Slhessarenko.

### 21

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 2, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 2, de 2006 (Nº 1.984/2003, na Casa de origem), que altera o inciso XIII do caput do art. 7º da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (inclui as normas técnicas como obras protegidas pela legislação dos direitos autorais).

Parecer favorável, sob nº 376, de 2006, da Comissão de Educação, Relator: Senador Roberto Saturnino.

### 22

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 4, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 4, de 2006 (Nº 4.730/2004, na Casa de origem), de iniciativa do Presidente da República, que dá nova redação aos arts. 830 e 895 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 (dispõe sobre a autenticidade de peças oferecidas para prova no processo trabalhista e sobre o cabimento de recurso ordinário para instância superior).

Parecer favorável sob o nº 697, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator Senador Eduardo Suplicy .

### 23

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 11, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 11, de 2006 (Nº 2.822/2003, na Casa de origem), que acrescenta parágrafo único ao art. 1º da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, para dispor sobre a boa-fé nas relações de trabalho.

Parecer sob nº 542, de 2006, da Comissão de Assuntos Sociais, Relator: Senador Paulo Paim, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CAS (Substitutivo), que oferece.

### 24

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 27, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 27, de 2006 (Nº 819/2003, na Casa de origem), que denomina “Rodovia Ministro Alfredo Nasser” a rodovia BR-174, entre a cidade de Cáceres – MT e a fronteira com a Venezuela.

Parecer sob o nº 1.175, de 2006, da Comissão de Educação, Relator ad hoc: Senador Mão Santa, favorável, com a Emenda nº 1-CE, que oferece.

### 25

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 43, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 43, de 2006 (Nº 4.505/2004, na Casa de origem), que dispõe sobre o reconhecimento do dia 26 de outubro como Dia Nacional dos Trabalhadores Metroviários.

Parecer favorável, sob nº 926, de 2006, da Comissão de Educação, Relator: Senador Paulo Paim.

### 26

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 90, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 90, de 2006 (Nº 6.248/2005, na Casa de origem), que acrescenta o § 3º-C ao art. 30 da Lei n.º 6.015, de 31 de dezembro de 1973, que dispõe sobre os registros públicos e dá outras providências (determina que cartões de registros públicos afixem, em locais de fácil leitura e acesso, quadros contendo os valores das custas e emolumentos).

Parecer favorável, sob nº 1.163, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator ad hoc: Senador Valter Pereira.

### 27

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 12, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 12, de 2007 (Nº 1.791/1999, na Casa de origem), que institui o Dia Nacional dos Surdos.

Parecer favorável, sob nº 979, de 2007, da Comissão de Educação, Relator “ad hoc”: Senador Flávio Arns.

### 28

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 28, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 28, de 2007 (Nº 3.986/2004, na Casa de origem), que institui o Dia Nacional do Vaqueiro.

Parecer favorável sob o nº 722, de 2007, da Comissão de Educação, Relator “ad hoc”: Senador Valter Pereira.

**29**

**PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO  
Nº 52, DE 2007**

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 52, de 2007, tendo como primeiro signatário o Senador Leomar Quintanilha, que *dispõe sobre a realização de plebiscitos para a criação do Estado do Carajás, nos termos do art. 49, inciso XV, da Constituição Federal.*

Parecer sob nº 637, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Mozarildo Cavalcanti, favorável, com a Emenda nº 1 – CCJ, que apresenta.

**30**

**PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 169, DE 2005**

(Incluído em Ordem do Dia nos termos do Recurso nº 7, de 2007)

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 169, de 2005, de autoria do Senador Paulo Paim, que *altera dispositivo da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.*

Parecer sob nº 459, de 2007, da Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa, Relator ad hoc: Senador Flávio Arns, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CDH (Substitutivo), que oferece.

**31**

**PROJETO DE LEI DO SENADO  
Nº 140, DE 2007 – COMPLEMENTAR**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 140, de 2007-Complementar, de autoria do Senador Demóstenes Torres, que *altera o art. 1º da Lei Complementar nº 105, de 10 de janeiro de 2001, para especificar os dados financeiros não sigilosos, para fins de investigação de ilícito penal.*

Pareceres sob nºs 281 e 706, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Jarbas Vasconcelos, 1º pronunciamento (sobre o Projeto): favorável, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta; 2º pronunciamento (sobre a Emenda nº 2-Plen): favorável, nos termos de Subemenda que oferece.

**32**

**PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 277, DE 2007**

(Incluído em Ordem do Dia nos termos do Recurso nº 9, de 2007)

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 277, de 2007, de autoria do Senador Flávio Arns, que *acrescenta parágrafo único ao art. 4º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 para definir condições de qualidade da oferta de educação escolar para crianças de cinco e seis anos de idade.*

Parecer sob nº 874, de 2007, da Comissão de Educação, Relator: Senador Wilson Matos, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CE (Substitutivo), que oferece.

**33**

**REQUERIMENTO Nº 1302, DE 2004**

Votação, em turno único, do Requerimento nº 1302, de 2004, de autoria da Senadora Serys Slhessarenko, que *requer, com fundamento no art. 215 do Regimento Interno do Senado Federal, seja instituída, no âmbito do Senado Federal, a Semana de Ciência e Tecnologia, a ser celebrada anualmente no mês de outubro, com o objetivo de mobilizar a população brasileira para questões científicas, enfatizando o papel da Ciência no nosso dia-a-dia e demonstrando a sua importância para a saúde e o desenvolvimento do País.*

Pareceres favoráveis sob nºs 448 a 451, de 2007, das Comissões de Educação, Relator: Senador Juvêncio da Fonseca; de Assuntos Sociais, Relator: Senador Cristovam Buarque; de Serviços de Infra-Estrutura, Relator ad hoc: Senador Eduardo Azeredo; e de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, Relator: Senador Valter Pereira.

**34**

**REQUERIMENTO Nº 914, DE 2007**

Votação, em turno único, do Requerimento nº 914, de 2007, do Senador Mozarildo Cavalcanti, solicitando a remessa do Projeto de Lei do Senado nº 312, de 2007, à Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, uma vez que o prazo na Comissão de Assuntos Econômicos já se encontra esgotado.

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Duque. PMDB – RJ)  
– Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 21 horas e 46 minutos.)

# Ata da 6ª Sessão Deliberativa Ordinária, em 14 de fevereiro de 2008

2ª Sessão Legislativa Ordinária da 53ª Legislatura

*Presidência dos Srs. Garibaldi Alves Filho, Mão Santa,  
Wellington Salgado de Oliveira e Paulo Paim*

ÀS 14 HORAS, ACHAM-SE PRESENTES  
AS SRAS. E OS SRS. SENADORES:

## SESSÃO DELIBERATIVA ORDINÁRIA ÀS 14:00 HORAS

Período : 14/2/2008 07:43:38 até 14/2/2008 20:41:20

Partido	UF	Nome	Pres	Voto
DEM	DF	ADELMIR SANTANA	X	
PMDB	SE	ALMEIDA LIMA	X	
Bloco-PSB	SE	ANTÔNIO CARLOS VALADARES	X	
PSDB	AM	ARTHUR VIRGÍLIO	X	
Bloco-PT	RR	AUGUSTO BOTELHO	X	
Bloco-PR	BA	CÉSAR BORGES	X	
PSDB	PB	CÍCERO LUCENA	X	
PDT	DF	CRISTOVAM BUARQUE	X	
DEM	GO	DEMÓSTENES TORRES	X	
PSDB	MG	EDUARDO AZEREDO	X	
Bloco-PT	SP	EDUARDO SUPPLY	X	
DEM	PB	EFRAIM MORAIS	X	
DEM	MG	ELISEU RESENDE	X	
PTB	MA	EPITÁCIO CAFETEIRA	X	
Bloco-PR	RO	EXPEDITO JÚNIOR	X	
Bloco-PT	RO	FÁTIMA CLEIDÉ	X	
PTB	AL	FERNANDO COLLOR	X	
Bloco-PT	PR	FLÁVIO ARNS	X	
PSDB	PA	FLEXA RIBEIRO	X	
Bloco-PP	RJ	FRANCISCO DORNELLES	X	
PMDB	RN	GARIBALDI ALVES FILHO	X	
PMDB	AC	GERALDO MESQUITA JÚNIOR	X	
PMDB	ES	GERSON CAMATA	X	
PMDB	AP	GILVAM BORGES	X	
PTB	DF	GIM ARGELLO	X	
DEM	PI	HERÁCLITO FORTES	X	
Bloco-PCdoB	CE	INÁCIO ARRUDA	X	
PMDB	PE	JARBAS VASCONCELOS	X	
DEM	MT	JAYME CAMPOS	X	
PDT	AM	JEFFERSON PÉRES	X	
Bloco-PT	AM	JOÃO PEDRO	X	
Bloco-PR	TO	JOÃO RIBEIRO	X	
PSDB	AL	JOÃO TENÓRIO	X	
PTB	PI	JOÃO VICENTE CLAUDINO	X	
DEM	RN	JOSÉ AGRIPINO	X	
PMDB	PB	JOSÉ MARANHÃO	X	

Partido	UF	Nome	Pres	Voto
P-SOL	PA	JOSÉ NERY		X
PMDB	AP	JOSÉ SARNEY		X
DEM	MA	LOBÃO FILHO		X
PSDB	GO	LÚCIA VÂNIA		X
Bloco-PR	ES	MAGNO MALTA		X
PMDB	PI	MÃO SANTA		X
Bloco-PRB	RJ	MARCELO CRIVÉLLA		X
DEM	PE	MARCO MACIEL		X
PSDB	GO	MARCONI PERILLO		X
DEM	SE	MARIA DO CARMO ALVES		X
PSDB	PA	MÁRIO COUTO		X
PSDB	MS	MARISA SERRANO		X
PMDB	SC	NEUTO DE CONTO		X
PDT	PR	OSMAR DIAS		X
PSDB	AP	PAPALÉO PAES		X
PDT	CE	PATRICIA SABOYA		X
PMDB	RJ	PAULO DUQUE		X
Bloco-PT	RS	PAULO PAIM		X
PMDB	RS	PEDRO SIMON		X
DEM	SC	RAIMUNDO COLOMBO		X
PMDB	AL	RENAN CALHEIROS		X
Bloco-PSB	ES	RENATO CASA GRANDE		X
PTB	SP	ROMEU TUMA		X
DEM	RN	ROSALBA CIARLINI		X
PMDB	MA	ROSEANA SARNEY		X
PTB	RS	SÉRGIO ZAMBIASI		X
Bloco-PT	MT	SERYS SLHESSARENKO		X
Bloco-PT	AC	SIBÁ MACHADO		X
PSDB	CE	TASSO JEREISSATI		X
Bloco-PT	AC	TIÃO VIANA		X
PMDB	RO	VALDIR RAUPP		X
PMDB	MG	WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRAX		X

**Compareceram: 68 Senadores**

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– A lista de presença acusa o comparecimento de 68 Srs. Senadores. Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos nesta Sessão Deliberativa Ordinária de 14 de fevereiro de 2008.

Sobre a mesa, mensagem que passo a ler.

É lida a seguinte:

**MENSAGEM Nº 43, DE 2008**

(Nº 54/2008, na origem)

Senhores Membros do Senado Federal,

Informo a Vossas Excelências que me ausentarei do País no período de 15 a 17 de fevereiro de 2008, em viagem oficial a Punta Arenas, República do Chile, por ocasião da visita à Estação Antártica Comandante Ferraz.

Brasília, 13 de fevereiro de 2008. – **Luiz Inácio Lula da Silva**.

Aviso nº 80 – C. Civil.

Brasília, 13 de fevereiro de 2008

A Sua Excelência o Senhor  
Senador Efraim Morais  
Primeiro Secretário do Senado Federal  
Assunto: Viagem presidencial.

Senhor Primeiro Secretário,

Encaminho a essa secretaria mensagem na qual o Excelentíssimo Senhor Presidente da República comunica que se ausentará do País no período de 15 a 17 de fevereiro de 2008, em viagem oficial a Punta Arenas, República do Chile, por ocasião da visita à Estação Antártica Comandante Ferraz.

Atenciosamente, **Dilma Rousseff**, Ministra de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– A mensagem que acaba de ser lida será anexada ao processado da Mensagem nº 35, de 2008, e vai à publicação.

Sobre a mesa, ofício do Ministro de Estado do Esporte que passo a ler.

É lido o seguinte:

**OFÍCIO****DO MINISTRO DE ESTADO DO ESPORTE**

– Nº 13/2008, de 30 de janeiro último, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 1.200, de 2007, do Senador Arthur Virgílio.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– As informações foram encaminhadas, em cópia, ao Requerente.

O requerimento vai ao Arquivo.

Sobre a mesa, ofício do Ministro de Estado da Educação que passo a ler.

É lido o seguinte:

**OFÍCIO****DO MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO**

– Nº 25/2008, de 7 do corrente, encaminhando informações em resposta ao Requerimento nº 689, de 2007, de iniciativa da Comissão de Educação, Cultura e Esporte.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– As informações foram encaminhadas, em cópia, ao Requerente.

O requerimento vai ao Arquivo.

Sobre a mesa, ofício que passo a ler.

É lido o seguinte:

OF. Nº 10/08-DEM

Brasília, 14 de fevereiro de 2008

Senhor Presidente,

Nos termos regimentais, comunico que esta Liderança cedeu, temporariamente, ao PSOL, a vaga existente de suplente deste partido na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional – CRE.

Atenciosamente, Senador **José Agripino**, Líder do Democratas no Senado Federal.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– O ofício que acaba de ser lido vai à publicação.

Sobre a mesa, projetos que passo a ler.

São lidos os seguintes:

**PROJETO DE LEI DO SENADO  
Nº 17, DE 2008 – COMPLEMENTAR**

**Altera dispositivos da Lei Complementar nº 64, de 18 de maio de 1990, que estabelece, de acordo com o art. 14, § 9º, da Constituição Federal, casos de inelegibilidades, prazo de cessação e determina outras providências.**

Art. 1º O art. 1º, inciso I, alínea e, da Lei Complementar nº 64, de 18 de maio de 1990, acrescido da alínea j, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 1º São inelegíveis:

I – para qualquer cargo:

.....

e) os que forem condenados por crime eleitoral, com sentença transitada em julgado, pelo prazo de 3 (três) anos, após o cumprimento da pena;

.....  
j) os que forem condenados criminalmente, em primeira instância, salvo na existência de pronunciamento judicial suspensivo dos efeitos da decisão, pela prática de crimes contra a economia popular, a fé pública, a administração pública, o patrimônio público, o sistema financeiro, pelo tráfico de entorpecentes e de lavagem de dinheiro, pelo prazo de 5 (cinco) anos.

..... ” (NR)

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

### Justificação

A Constituição Federal de 1988 estabeleceu em seu art. 14 alguns casos de inelegibilidade e, em seu § 9º, remeteu para a lei complementar o poder de estabelecer outros casos de inelegibilidade e os prazos de sua cessação. Consoante a norma constitucional, a lei complementar tem por fim proteger a probidade administrativa, a moralidade para o exercício do mandato, considerada a vida pregressa do candidato, e a normalidade e legitimidade das eleições contra a influência do poder econômico ou o abuso do exercício de função, cargo ou emprego na administração direta ou indireta.

A Lei Complementar nº 64, de 18 de maio de 1990, estabeleceu um elenco exaustivo de casos de inelegibilidades, com o prazo de sua cessação. A análise desse elenco indica, todavia, que a lei contemplou fundamentalmente a proteção da probidade administrativa e a normalidade e legitimidade das eleições contra a influência do poder econômico ou abuso do poder de autoridade. Nos poucos casos em que vislumbrou a vida pregressa do candidato, visando proteger a moralidade para o exercício do mandato, a lei foi muito tímida.

É indispensável, assim, aperfeiçoar esse importante instrumento legal para incluir alguns casos em que se possa caracterizar a sua ocorrência como afetando a vida pregressa do candidato e, por conseqüência, impedir a sua candidatura e proteger a moralidade para o exercício do mandato. Com esta finalidade, estamos propondo a alteração da redação da alínea e, do inciso I, do art. 1º, da citada lei complementar, para destacar dela o elenco dos crimes tipificados em relação aos quais se passará a exigir apenas a condenação em primeira instância, como condição para estabelecer a inelegibilidade, sob o fundamento de que a existência dessa condenação já constitui indicação objetiva de que o candidato não tem uma vida

pregressa que lhe permita exercer o mandato, se eleito, com a moralidade exigida. Visando resguardar eventuais erros ou injustiças dessa sentença de primeira instância, exige-se, para sua eficácia, como caso de inelegibilidade, que haja pronunciamento judicial suspensivo dos efeitos da decisão. Assim, se a decisão judicial for favorável ao candidato condenado em primeira instância, ele estará excluído da inelegibilidade e poderá se candidatar; ao contrário, está caracterizado o caso de inelegibilidade que impedirá o candidato de obter o seu registro para a disputa eleitoral.

Tal entendimento, aparentemente poderia conflitar com a necessidade de trânsito em julgado de sentença penal condenatória, para que alguém seja considerado culpado, insculpido no inciso LVII do art. 5º da CF. Ocorre que a própria Constituição Federal, no § 9º do art. 14, prevê que a Lei Complementar estabelecerá os casos de inelegibilidade, “a fim de proteger a probidade administrativa, a moralidade para o exercício do mandato, considerada a vida pregressa do candidato”. Estamos aqui a sopesar quais os valores mais importantes para a sociedade: se a elegibilidade de alguém que tenha sido condenado em primeira instância e que em caso de recurso não tenha obtido decisão de mérito favorável ou a própria defesa da moralidade e da probidade dos candidatos. Ressalte-se que a presente proposta não trata de qualquer crime, apenas crimes específicos, que pela sua gravidade (crimes contra a economia popular, a fé pública, a administração pública, o patrimônio público, o sistema financeiro, o tráfico de entorpecentes e a lavagem de dinheiro) se mostram absolutamente incompatíveis com o exercício de mandato parlamentar ou executivo.

Estamos, assim, destacando os crimes originariamente elencados na alínea e, para estabelecer a sua inclusão em uma alínea j, do inciso I, do art. 1º, fixando o prazo de 5 anos de inelegibilidade. Em relação a esses crimes, estabelecemos que a condenação em primeira instância constitui, desde que negada decisão favorável ao candidato, indicação objetiva da inexistência de vida pregressa ilibada do candidato, sendo portanto motivo suficiente para estabelecer a sua inelegibilidade.

Em relação aos crimes eleitorais, por se tratar de crimes resultantes do próprio processo eleitoral, mantivemos a sua tipificação na alínea e, do inciso I, do art. 1º, com a exigência de trânsito em julgado da sentença condenatória como condição para determinar a inelegibilidade.

Com esses propósitos, esperamos contar com o apoio dos meus pares, visando aperfeiçoar aquele importante diploma legal que vem protegendo a probidade e moralidade dos pleitos eleitorais e garantindo a sua normalidade e legitimidade.

Sala das Sessões, 14 de fevereiro de 2008. – Senador **Tasso Jereissati**.

*LEGISLAÇÃO CITADA*

LEI COMPLEMENTAR Nº 64,  
DE 18 DE MAIO DE 1990

**Estabelece, de acordo com o art. 14, § 9º, da Constituição Federal, casos de inelegibilidade, prazos de cessação, e determina outras providências.**

O Presidente da República, faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º São inelegíveis:

I – para qualquer cargo:

**a)** os inalistáveis e os analfabetos;

**b)** os membros do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas, da Câmara Legislativa e das Câmaras Municipais, que hajam perdido os respectivos mandatos por infringência do disposto nos incisos I e II do art. 55 da Constituição Federal, dos dispositivos equivalentes sobre perda de mandato das Constituições Estaduais e Leis Orgânicas dos Municípios e do Distrito Federal, para as eleições que se realizarem durante o período remanescente do mandato para o qual foram eleitos e nos oito anos subseqüentes ao término da legislatura;

**c)** o Governador e o Vice-Governador de Estado e do Distrito Federal, o Prefeito e o Vice-Prefeito que perderem seus cargos eletivos por infringência a dispositivo da Constituição Estadual da Lei Orgânica do Distrito Federal ou da Lei Orgânica do Município, para as eleições que se realizarem durante o período remanescente e nos 3 (três) anos subseqüentes ao término do mandato para o qual tenham sido eleitos;

**d)** os que tenham contra sua pessoa representação julgada procedente pela Justiça Eleitoral, transitada em julgado, em processo de apuração de abuso do poder econômico ou político, para a eleição na qual concorrem ou tenham sido diplomados, bem como para as que se realizarem 3 (três) anos seguintes;

**e)** os que forem condenados criminalmente, com sentença transitada em julgado, pela prática de crime contra a economia popular, a fé pública, a administração pública, o patrimônio público, o mercado financeiro, pelo tráfico de entorpecentes e por crimes eleitorais, pelo prazo de 3 (três) anos, após o cumprimento da pena;

**f)** os que forem declarados indignos do ofício, ou com ele incompatíveis, pelo prazo de 4 (quatro) anos;

**g)** os que tiverem suas contas relativas ao exercício de cargos ou funções públicas rejeitadas por irregularidade insanável e por decisão irrecorrível do órgão

competente, salvo se a questão houver sido ou estiver sendo submetida à apreciação do Poder Judiciário, para as eleições que se realizarem nos 5 (cinco) anos seguintes, contados a partir da data da decisão;

**h)** os detentores de cargo na administração pública direta, indireta ou fundacional, que beneficiarem a si ou a terceiros, pelo abuso do poder econômico ou político apurado em processo, com sentença transitada em julgado, para as eleições que se realizarem nos 3 (três) anos seguintes ao término do seu mandato ou do período de sua permanência no cargo;

**i)** os que, em estabelecimentos de crédito, financiamento ou seguro, que tenham sido ou estejam sendo objeto de processo de liquidação judicial ou extrajudicial, hajam exercido, nos 12 (doze) meses anteriores à respectiva decretação, cargo ou função de direção, administração ou representação, enquanto não forem exonerados de qualquer responsabilidade.

.....  
Art. 27. Esta lei complementar entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 28. Revogam-se a Lei Complementar nº 5, de 29 de abril de 1970, e as demais disposições em contrário.

Brasília, 18 de maio de 1990; 169º da Independência e 102º da República. – **Fernando Collor.**

CONSTITUIÇÃO DA  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

.....  
TÍTULO II  
**Dos Direitos e Garantias Fundamentais**

CAPÍTULO I  
**Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos**

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

LVII – ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória;

.....  
CAPÍTULO IV  
**Dos Direitos Políticos**

Art. 14. A soberania popular será exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual para todos, e, nos termos da lei, mediante:

§ 9º Lei complementar estabelecerá outros casos de inelegibilidade e os prazos de sua cessação, a fim de proteger a probidade administrativa, a moralidade para exercício de mandato considerada vida pregressa

sa do candidato, e a normalidade e legitimidade das eleições contra a influência do poder econômico ou o abuso do exercício de função, cargo ou emprego na administração direta ou indireta.

(À Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania.)

**PROJETO DE LEI DO SENADO  
Nº 18, DE 2008**

**Modifica o art. 473 da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, para ampliar o período de interrupção do contrato de trabalho em razão de casamento para até cinco dias consecutivos e estender o benefício aos empregados que tenham formalizado união estável.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O art. 473 da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 473. ....  
.....

II – até 5 (cinco) dias consecutivos, em virtude de casamento;

.....  
Parágrafo único. O disposto no inciso II será aplicável ao empregado que firmar escritura pública de reconhecimento de união estável, conforme o disposto no art. 1.723 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002, que institui o Código Civil. (NR)”

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

**Justificação**

A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), instituída pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, reconhece ao trabalhador que se casa, nos termos do seu art. 473, a possibilidade de interromper seu contrato de trabalho, sem perda do salário, por até três dias consecutivos. A intenção, justa, do legislador, foi a de conceder ao empregado a possibilidade de usufruir de seu período de gala, sem que, para tanto, fosse obrigado, por exemplo, a lançar mão de período de férias de que porventura dispusesse.

O dispositivo busca proteger, ao mesmo tempo, o direito do empregado de contrair matrimônio quando bem entender, sem se submeter ao arbítrio do empregador e garantir à família nascente algum período de

intimidade, no início de sua vida conjugal, sem que haja distúrbio na manutenção do vínculo laboral eventualmente mantido pelos nubentes.

Ainda que justa, a disposição da CLT padece, entretanto, de falha que virtualmente provoca a frustração de seus objetivos. A limitação da ausência justificada aos três dias apenas acaba acarretando, muitas vezes, o gozo de apenas um dia de afastamento.

Isso ocorre devido ao fato de que boa parte dos casamentos é celebrada no sábado, dia em que os noivos e boa parte dos convidados e padrinhos está livre e há mais tempo para as comemorações, já que o domingo, dia seguinte, também não exige comparecimento ao trabalho.

Assim, computados o sábado e o domingo, aos três dias garantidos por lei soma-se apenas a segunda-feira, sendo que, na terça-feira, os cônjuges, muitas vezes, são obrigados a retornar ao trabalho.

Entendemos que não era essa a intenção do legislador e sim a de efetivamente garantir aos recém-casados, o benefício de, ao menos, três dias inteiros de disponibilidade integral, para o início de sua vida a dois.

Portanto, apresentamos a presente proposição, que busca corrigir essa impropriedade legal, fixando em cinco dias consecutivos, úteis ou não, o período de interrupção do contrato de trabalho por casamento.

Aproveitamos ainda a oportunidade, para promover uma necessária atualização da legislação trabalhista, em face da evolução normativa verificada no direito de família.

O mais recente Código Civil brasileiro, instituído pela Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002, reconhece de pleno direito, em seus artigos 1.723 a 1.727, a formação de união estável entre homem e mulher com intenção de constituir família.

Na sistemática do Código Civil, ainda que não idêntica ao casamento, a coabitação estável de casal consiste em forma legítima de formação de família, varridos os últimos vestígios de discriminação que ainda subsistiam no Código de 1916.

Ora, se o Direito Civil, tradicionalmente mais conservador em seus objetivos e práticas já reconhece a união estável, não é conveniente ao Direito do Trabalho negar validade a essa forma de constituição de sociedade conjugal.

Assim, propomos introduzir parágrafo único no texto do art. 473, para garantir ao trabalhador que entre em união estável, o benefício já conferido aqueles que se casam, bastando, para tanto, firmar declaração pública nesse sentido, em cartório competente.

A aprovação da presente proposição, destarte, constitui um gesto de respeito e encorajamento aos

que busca formar uma família, razão pela qual solicito, aos meus Pares, seu apoio.

Sala das Sessões, 14 de fevereiro de 2008. – Senador **Expedito Júnior**.

#### LEGISLAÇÃO CITADA

##### DECRETO-LEI Nº 5.452, DE 1º DE MAIO DE 1943

Art. 473 – O empregado poderá deixar de comparecer ao serviço sem prejuízo do salário:

I – até 2 (dois) dias consecutivos, em caso de falecimento do cônjuge, ascendente, descendente, irmão ou pessoa que, declarada em sua carteira de trabalho e previdência social, viva sob sua dependência econômica;

II – até 3 (três) dias consecutivos, em virtude de casamento;

III – por um dia, em caso de nascimento de filho no decorrer da primeira semana;

IV – por um dia, em cada 12 (doze) meses de trabalho, em caso de doação voluntária de sangue devidamente comprovada;

V – até 2 (dois) dias consecutivos ou não, para o fim de se alistar eleitor, nos termos da lei respectiva;

VI – no período de tempo em que tiver de cumprir as exigências do Serviço Militar referidas na letra c do art. 65 da Lei nº 4.375, de 17 de agosto de 1964 (Lei do Serviço Militar);

VII – nos dias em que estiver comprovadamente realizando provas de exame vestibular para ingresso em estabelecimento de ensino superior;

VIII – pelo tempo que se fizer necessário, quando tiver que comparecer a júízo; e

IX – pelo tempo que se fizer necessário, quando, na qualidade de representante de entidade sindical, estiver participando de reunião oficial de organismo internacional do qual o Brasil seja membro.

##### LEI Nº 10.406, DE 10 DE JANEIRO DE 2002

Art. 1.723. É reconhecida como entidade familiar a união estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família.

§ 1º A união estável não se constituirá se ocorrerem os impedimentos do art. 1.521; não se aplicando a incidência do inciso VI no caso de a pessoa casada se achar separada de fato ou judicialmente.

§ 2º As causas suspensivas do art. 1.523 não impedirão a caracterização da união estável.

Art. 1.724. As relações pessoais entre os companheiros obedecerão aos deveres de lealdade, res-

peito e assistência, e de guarda, sustento e educação dos filhos.

Art. 1.725. Na união estável, salvo contrato escrito entre os companheiros, aplica-se às relações patrimoniais, no que couber, o regime da comunhão parcial de bens.

Art. 1.726. A união estável poderá converter-se em casamento, mediante pedido dos companheiros ao juiz e assento no Registro Civil.

Art. 1.727. As relações não eventuais entre o homem e a mulher, impedidos de casar, constituem concubinato.

#### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 19, DE 2008

##### **Altera o Código de Trânsito Brasileiro, para fixar referências na avaliação, pelo juiz, do elemento subjetivo nas hipóteses de homicídio e lesão corporal praticados na direção de veículo automotor.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º A Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997 – Código de Trânsito Brasileiro passa a vigorar acrescido do seguinte art. 303-A:

Art. 303-A. Para efeito de determinação do elemento subjetivo nas situações fáticas previstas nos arts. 302 e 303, especialmente no que se refere à distinção entre culpa e dolo eventual, o juiz levará em conta, a depender do caso, entre outras circunstâncias:

I – o nível toxicológico ou de embriaguez do condutor;

II – a velocidade praticada em relação ao limite permitido;

III – a participação em corridas ou disputas não autorizadas;

IV – a falta de permissão para dirigir ou de carteira de habilitação;

V – o fluxo de veículos e pedestres no local do acidente;

VI – as sinalizações da via pública;

VII – o estado geral de conservação do automóvel e de seus itens de segurança;

VIII – o estado físico e psicológico do condutor no momento imediatamente anterior ao evento.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

#### **Justificação**

Quando um homicídio é praticado na direção de veículo automotor – e o Brasil possui estatísticas trágicas a esse respeito – é muito comum esquentar o debate sobre a distinção entre culpa e dolo eventual, sobretudo quando o acidente ganha dimensão midiá-



tica. No primeiro caso, pratica-se um crime de trânsito; no segundo, um crime doloso contra a vida cuja competência é do tribunal do júri. O Poder Judiciário, como todos sabemos tem dedicado tempo e energia para formar uma orientação jurisprudencial firme quanto ao problema, sempre remanescente, no entanto, muitas dúvidas e divergências.

O parlamento não pode ficar indiferente a esse importante debate, que produz efeitos diretos sobre a cultura de trânsito no Brasil. Contudo, as iniciativas legislativas devem evitar duas tentações. A primeira delas é simplesmente equiparar artificialmente dolo e culpa, porque, assim, regrediríamos a uma espécie de responsabilidade objetiva na esfera penal. A segunda é manter a distinção, mas aproximando consideravelmente as penas do homicídio doloso simples e do homicídio culposo na direção de veículo automotor. Esta última estratégia poderia violar o princípio da proporcionalidade das penas, considerando o grau diferenciado de reprovabilidade de umas e outras condutas.

O presente projeto de lei busca, assim, uma solução intermediária que não afronte o princípio da culpabilidade nem o princípio da proporcionalidade no campo penal. Como? Parece-nos que o mais indicado seria criar um quadro de referências para que o juiz, no momento de avaliar o elemento subjetivo da conduta, possa orientar-se a partir de algumas referências fixadas em lei. Não se trata, é bom que se diga de uma enumeração exaustiva, mas, tão-somente, de critérios com base nos quais o juiz (ou o tribunal do júri) poderá chegar a uma convicção com maior segurança. Portanto, nossa iniciativa não pretende distorcer os fatos, tratando como dolo eventual o que, na verdade, é culpa (consciente ou inconsciente), ou vice-versa. Creemos, todavia, que os tribunais sentir-se-ão mais seguros na avaliação da tipicidade da conduta se observar os critérios acenados no art. 303-A do Código de Trânsito Brasileiro, que se quer introduzir.

Estamos convencidos, pois, que a presente proposição contribuirá, seja do ponto de vista preventivo, seja repressivo, para o aperfeiçoamento da legislação penal brasileira, oferecendo instrumentos para rechaçar a equivocada idéia de que matar ou ferir alguém no trânsito não gera conseqüências mais graves, mesmo quando o motorista estiver embriagado, em alta velocidade, etc.

Sala das Sessões, 14 de fevereiro de 2008. – Senador **Marconi Perillo**.

#### LEGISLAÇÃO CITADA

LEI Nº 9.503, DE 23 DE SETEMBRO DE 1997

**Institui o Código de Trânsito Brasileiro.**

#### Seção II

#### Dos Crimes em Espécie

Art. 303. Praticar lesão corporal culposa na direção de veículo automotor:

Penas – detenção, de seis meses a dois anos e suspensão ou proibição de se obter a permissão ou a habilitação para dirigir veículo automotor.

Parágrafo único. Aumenta-se a pena de um terço à metade, se ocorrer qualquer das hipóteses do parágrafo único do artigo anterior.

Art.303-A.....

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Os projetos que acabam de ser lidos serão publicados e remetidos às Comissões competentes.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### REQUERIMENTO Nº 107, DE 2008

Senhor Presidente,

Com fundamento no arts. 154, § 5º, e 199 do Regimento Interno do Senado Federal, requeremos a realização de Sessão Especial no dia 7 de outubro de 2008, destinada a comemorar os vinte anos da promulgação da Constituição Federal da República Federativa do Brasil.

#### Justificação

Em 5 de outubro de 2008 completar-se-á vinte anos da promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil. A “Constituição Cidadã”, assim denominada pelo Presidente da Assembléia Constituinte, Ulysses Guimarães, foi promulgada para atender os anseios da sociedade, após um processo de ditadura instalada com o golpe militar de 1964.

Com ela, inaugurou-se no Brasil um novo arcabouço jurídico-institucional, com a ampliação das liberdades civis e dos direitos e garantias para o cidadão brasileiro.

Assim, para dar o merecido reconhecimento à promulgação da Carta Magna e registrar a sua fundamental importância para a consolidação e o fortalecimento da democracia brasileira é que propomos a realização de sessão especial, a ser realizada no dia 7 de outubro de 2008.

Sala das Sessões, 14 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB – **Marconi Perillo** – **Eduardo Azeredo** – **Heráclito Fortes** – **José Agripino** – **Geraldo Mesquita Jr.**

#### LEGISLAÇÃO CITADA

REGIMENTO INTERNO DO SENADO FEDERAL

TÍTULO VII  
Das Sessões

CAPÍTULO I  
Da Natureza das Sessões

Art. 154. As sessões do Senado podem ser:

I – deliberativas:

a) ordinárias;

b) extraordinárias;

II – não deliberativas; e

III – especiais.

§ 1º Considera-se sessão deliberativa ordinária, para os efeitos do art. 55, III, da Constituição Federal, aquela realizada de segunda a quinta-feira às quatorze horas e às sextas-feiras às nove horas, quando houver Ordem do Dia previamente designada.

§ 2º As sessões deliberativas extraordinárias, com Ordem do Dia própria, realizar-se-ão em horário diverso do fixado para sessão ordinária, ressalvado o disposto no § 3º.

§ 3º O Presidente poderá convocar, para qualquer tempo, sessão extraordinária quando, a seu juízo e ouvidas as lideranças partidárias, as circunstâncias o recomendarem ou haja necessidade de deliberação urgente.

§ 4º As sessões não deliberativas destinam-se a discursos, comunicações, leitura de proposições e outros assuntos de interesse político e parlamentar, e realizar-se-ão sem Ordem do Dia.

§ 5º A sessão especial realizar-se-á exclusivamente para comemoração ou homenagem.

§ 6º A sessão não se realizará:

I – por falta de número;

II – por deliberação do Senado;

III – quando o seu período de duração coincidir, embora parcialmente, com o de sessão conjunta do Congresso Nacional;

IV – por motivo de força maior, assim considerado pela Presidência. (NR)

CAPÍTULO IV  
Da Sessão Especial

Art. 199. O Senado poderá interromper sessão ou realizar sessão especial para comemoração ou recepção de altas personalidades, a juízo do Presidente ou por deliberação do Plenário, mediante requerimento de seis Senadores.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – O requerimento que acaba de ser lido será votado oportunamente.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

**REQUERIMENTO Nº 108, DE 2008**

Requeiro, nos termos do artigo 222 do Regimento Interno, que o Senado Federal apresente junto ao Chefe do Comitê do Prêmio Nobel da Paz, Ole Danbolt Mjoes (Parlamento do Reino da Noruega, Karl Johans, Gate 22, N-0026, Oslo), voto de apoio á candidatura do Dr. William Soto Santiago, Diretor Internacional' da Amisrael, organização não-governamental que congrega pessoas de todos os países, raças, religiões e credos que se identificam com os ideais da entidade, dispostas a repudiar o terrorismo e promover incondicionalmente a paz.

Sala das Sessões, 14 de fevereiro de 2008. – Senador **Marcelo Crivella**.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – O requerimento lido vai à Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

**REQUERIMENTO Nº 109, DE 2008**

Senhor Presidente,

Requeiro, nos termos do art. 75 do Regimento Interno do Senado Federal, a criação de Comissão Temporária Externa do Senado Federal, composta por, no mínimo, 6 (seis) Senadores interessados na questão do desmatamento da região amazônica, com pelo menos 2 (dois) membros da Subcomissão Permanente de Aquecimento Global da Comissão de Meio Ambiente, Defesa do Consumidor e Fiscalização e Controle, com o objetivo de visitar as instalações do INPE (Instituto Nacional de Pesquisa Espacial), do SIPAM (Sistema de Proteção da Amazônia) e do SIVAM (Sistema de Vigilância da Amazônia) e relatar como tem sido o desenvolvimento dos trabalhos desses projetos, custeados com recursos públicos, cujo objetivo é integrar as informações coletadas pelos órgãos que trabalham na Amazônia e gerar conhecimento atualizado, para articulação, planejamento e coordenação de ações globais de governo na Amazônia brasileira.

Sala das Sessões, 14 de fevereiro de 2008. – Senador **Romeu Tuma**.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – O requerimento que acaba de ser lido vai à publicação e será publicado em Ordem do Dia oportunamente.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

**REQUERIMENTO Nº 110, DE 2008**

Requeiro nos termos do § 2º do art. 50 da Constituição Federal e do art. 215, inciso I, alínea a, do Regimento Interno do Senado Federal (RISF), que sejam solicitadas à Controladoria-Geral da União da Presidência da República as seguintes informações acerca dos pagamentos de ajuda de custo, auxílios-mudança, ao Senhor Ministro Secretário Especial de Portos da Presidência da República e ao Sr. Nelson Machado, Secretário-Executivo da Fazenda:

1. Cópia de todos os documentos referentes ao recebimento de recursos públicos pelos Senhores Ministro Secretário Especial dos Portos e o Secretário-Executivo da Fazenda, citados acima, a título de ajuda de custos, auxílio-mudança e outros não nominados aqui, mas que seriam para fins de custear a mudança de Unidade Federativa, por motivo de assunção de nova função pública, no exercício de 2007 e até a presente data.

2. No caso de haver nesta Controladoria-Geral da União investigação, prestação de contas, tomada de contas, ou qualquer outro

procedimento referente ao assunto citado, cópias dos respectivos documentos.

3. Arquivo eletrônico com cópias de toda documentação de que trata os itens 1 e 2 acima.

**Justificação**

Em 14-2-2008, no jornal **O Globo**, em anexo, foi publicado matéria que denuncia as irregularidades praticadas pelos Senhores: Ministro, Secretário Especial de Portos da Presidência da República e Nelson Machado, Secretário-Executivo da Fazenda por terem recebido o benefício de ajuda de custo e auxílio-mudança por ocasião de suas ocupações em cargos públicos, sem no entanto se mudarem de Brasília.

Tendo em vista as denúncias em anexo e que o uso dos recursos públicos tem por princípio constitucional a legalidade, a publicidade, a impessoalidade, amoralidade e a eficiência, torna-se importante a apuração das referidas denúncias. Nesse sentido, submeto à apreciação desta Casa Legislativa o presente Requerimento de Informações, solicitando a sua aprovação.

Sala das Sessões, 14 de fevereiro de 2008. – Senador **Romeu Tuma**.

## Ministro recebeu dois auxílios-mudança em 60 dias

**Alan Gripp e Martha Beck**

• **BRASÍLIA.** Mesmo morando sozinho num apart-hotel de Brasília, o ministro dos Portos, Pedro Brito, solicitou ao governo duas vezes, em 2007, o pagamento de ajudas de custo de R\$ 8.300 para mudar de cidade. Os pedidos foram feitos num intervalo de dois meses, um para mudar de Brasília para Fortaleza e outro para voltar à capital. No período, Brito trocou o comando interino do Ministério das Integração Nacional pela Secretaria de Portos. Segundo a assessoria de imprensa, enquanto mudava de cargo Brito morou algum tempo em Fortaleza e, por isso, teve direito aos benefícios.

Como mora em apart-hotel, Brito não teve gastos para transportar móveis. Além disso, não chegou a tirar sua família de Fortaleza em nenhum momento. Em Brasília, ele conta ainda com carro oficial e celular pagos pelo governo. Brito saiu da Integração Nacional em março de 2007 e tomou posse dois meses depois na Secretaria de Portos, vinculada à Presidência da Re-

pública. O auxílio para mudança pago em sua saída do governo não está registrado no Portal da Transparência do governo; apenas o benefício pago na volta está registrado na Internet.

Brito e o secretário-executivo da Fazenda, Nelson Machado, foram citados em reportagem da "Folha de S. Paulo" por terem recebido o auxílio para mudança de cidade. Segundo o jornal, ambos mudaram de funções mas não deixaram de morar em Brasília. Os dois negam. A Controladoria Geral da União informou que vai pedir explicações a Machado. Em março de 2007, ele recebeu R\$ 18 mil quando deixou o Ministério da Previdência Social e foi para a Fazenda. O valor equivale à sua remuneração como servidor da Receita Federal, de onde foi requisitado, mais 60% do salário de ministro. Se as explicações não convencerem, Machado será alvo de investigação. Ele disse ontem que não vai devolver os R\$ 18 mil por estar convicto de seus direitos. Em nota, a assessoria de Brito disse que o pagamento é "absolutamente regular e legal". ■

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– O requerimento que acaba de ser lido será despachado à Mesa para decisão, nos termos do art. 216, III, do Regimento Interno.

Sobre a mesa, requerimentos que passo a ler.

São lidos os seguintes:

**REQUERIMENTO Nº 111, DE 2008.**

Requeiro nos termos do artigo 218, do Regimento Interno, a inserção em Ata do Voto de Aplauso ao Chargista Amarildo Luis Leite Lima, jornalista da Rede Gazeta de Vitória (ES), pela charge sobre aliciamento para uso de drogas, na sexta-feira, 4 de janeiro de 2008.

Requeiro, ainda, que o Voto de Aplauso seja encaminhado ao Senhor Amarildo Luis Leite Lima.

**Justificação**

A charge alerta a juventude e seus responsáveis pela facilidade de se adentrar no mundo das drogas, contando com a ajuda de muitos colegas e a dificuldade para abandonar o submundo. Na hora da entrada todos são ágeis na ajuda e no fornecimento das drogas; na hora da tentativa de saída todos os que proporcionaram a entrada não estão mais dispostos a cooperar.

Sala das Sessões, 4 de janeiro de 2008. – Senador **Magno Malta**, 4º Secretário.

**REQUERIMENTO Nº 112, DE 2008****Requer Voto de Pesar pelo falecimento da Srª Zilda Monteiro Serrano.**

Senhor Presidente,

Requeiro nos termos dos artigos 218 e 221 do Regimento Interno, e ouvido o Plenário, que seja consignado nos anais do Senado as seguintes homenagens pelo falecimento da Srª Zilda Monteiro Serrano, mãe da Senadora Marisa Serrano:

a) inserção em ata de Voto de Profundo Pesar pelo falecimento;

b) apresentação de Condolências à família.

Sala das Sessões, 14 de fevereiro de 2008. Senador **Flexa Ribeiro** – Senador **Augusto Botelho**.

**REQUERIMENTO Nº 113, DE 2008****Requer Voto de Pesar Pelo falecimento da Srª Maria Salomé de Lucena.**

Senhor Presidente,

Requeiro nos termos dos artigos 218 e 221 do Regimento Interno, e ouvido o Plenário, que seja consignado nos anais do Senado as seguintes homenagens pelo falecimento da Srª. Maria Salomé de Lucena, mãe do Senador Cícero Lucena:

a) inserção em ata de Voto de Profundo Pesar pelo falecimento;

b) apresentação de Condolências à família.

Sala das Sessões, 14 de fevereiro de 2008. – Senador **Flexa Ribeiro** – Senador **Augusto Botelho**.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– A Presidência encaminhará os votos solicitados.

Os requerimentos vão ao Arquivo.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

**REQUERIMENTO Nº 114, de 2008**

(Da Senadora Patricia Saboya)

Senhor Presidente

Nos termos dos arts. 154, § 5º, e 199 do Regimento Interno do Senado Federal, requeiro a realização de sessão especial no dia 6 de março de 2008, em comemoração aos 80 anos de fundação do jornal **O Povo**.

**Justificação**

Desde sua fundação, no dia 7 de janeiro de 1928, o jornal **O Povo** ocupa espaço de relevo na mídia regional e nacional. Criado por Demócrito Rocha firmou-se na imprensa de Fortaleza e rapidamente estendeu sua esfera de influência como veículo noticioso. Ampliou sua circulação, não só pelo volume de informação como pelo espírito investigativo.

Ao longo de sua história, contou com uma série de administradores de primeira linha, que o conduziram ao posto que atualmente, ocupa como um veículo de referência. Soube combinar a atenção às questões locais, que cobre de forma precisa e abrangente, com a abertura para os acontecimentos nacionais e internacionais, retratados também de forma completa.

**O Povo** marcou-se pelo pioneirismo desde sua fundação. Demócrito Rocha não era homem de poses e a ousadia que demonstrou ao criar o jornal se explica por seu sentido de missão. Nos primeiros tempos, a folha de pagamento dos funcionários precisou, em diversos momentos, ser coberta com recursos provenientes da pensão de viúva de sua cunhada.

Administrações inspiradas conseguiram, a partir daí, expandir o jornal e equilibrar-lhe as finanças.

Foi assim que **O Povo** manteve um padrão de investimentos capaz de garantir infra-estrutura compatível com a sua proposta. Recebeu sua primeira impressora da Alemanha em 1930 e, nove anos depois, um moderno linotipo. Instalou rotativas em 1952 e prosseguiu esse esforço ao longo da vida, o que lhe permite contar com importante parque gráfico.

Hoje, **O Povo** é ainda mais respeitado e reconhecido em todo o País. Integra a direção da Associação Nacional de Jornais, o que explicita o peso adquirido ao longo do tempo. Constitui exemplo de espírito informativo, talento investigativo e profissionalismo na administração.

Com o objetivo de conferir o justo reconhecimento a essa história e ao papel que representa no presente, propomos a realização de sessão especial pelo Senado Federal, a se realizar no dia 6 de março de 2008.

Sala de sessões, 14 de fevereiro de 2008. – Senadora **Patrícia Saboya** – Senador **Tasso Jereissati** – Senador **Inácio – Arruda** – Senador **Geraldo Mesquita Júnior**.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – O requerimento que acaba de ser lido será votado oportunamente.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### REQUERIMENTO Nº 115, DE 2008

Senhor Presidente,

Requeiro, nos termos do disposto nos arts. 74 e 75 do Regimento Interno do Senado Federal, seja criada Comissão Temporária Externa, composta de 5 (cinco) membros Titulares e igual número de suplentes, com prazo de funcionamento de 12 (doze) meses, destinada a acompanhar todos os atos, fatos relevantes, normas e procedimentos referentes às obras do Projeto de Integração do rio São Francisco com as bacias hidrográficas do Nordeste Setentrional, popu-

larmente conhecida como “Transposição do rio São Francisco”, bem como o Programa de Revitalização da bacia hidrográfica do rio São Francisco, podendo para tanto realizar audiências públicas e diligências externas, requerer informações, bem como outros atos que julgue necessários para a consecução dos objetivos da Comissão”.


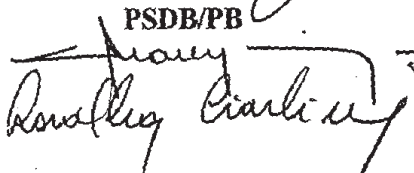
#### Justificação

As obras de Transposição do rio São Francisco vem se constituindo em um dos temas mais polêmicos dos últimos anos em nosso País, gerando acalorados debates no Congresso Nacional, nos diversos órgãos do Governo Federal envolvidos com a questão, bem como em várias organizações da sociedade civil, como OAB, ABI, Igreja Católica, Entidades Empresariais e Sindicais. Não existe consenso sobre o tema e todos parecem ter uma opinião sobre a questão.

A questão envolve o interesse de vários estados da federação, remetendo às atribuições Constitucionais desta Casa, e ainda, pelo volume de recursos que serão investidos nas obras, tem despertado o interesse de toda a sociedade e da imprensa.

Diante destes fatos, é conveniente que o Senado Federal acompanhe de perto a questão, resguardando os interesses dos estados e da sociedade brasileira

Sala das Sessões, 14 de fevereiro de 2008.

4 de fev  
  
 Senador **CÍCERO LUCENA**  
 PSDB/PB  
  
 DEH - PB

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – O requerimento que acaba de ser lido será incluído em Ordem do Dia oportunamente, nos termos do disposto no art. 255, inciso II, alínea **c**, item 6, do Regimento Interno.

Sobre a mesa, requerimentos que passo a ler.

São lidos os seguintes:

**REQUERIMENTO Nº 116, DE 2008****Requer Voto de Pesar pelo falecimento ocorrido na França do cantor e compositor Henri Salvador, o Monsieur Bossa Nova.**

Requeiro, nos termos do art. 218, do Regimento Interno, a inserção em ata, de Voto de Pesar pelo falecimento, em 12 de fevereiro de 2008, de HENRI SALVADOR, o compositor e cantor que ajudou a criar a Bossa Nova.

Requeiro, ademais, que esse Voto de Pesar seja levado ao conhecimento dos familiares de Henri, por intermédio da Embaixada da França no Brasil.

**Justificação**

Henri Salvador, conhecido no mundo artístico como “Monsieur Bossa Nova”, faleceu ontem, dia 12 de fevereiro de 2008. Ele nasceu em Caiena, na Guiana Francesa e, aos sete anos, veio para o Brasil, aqui permanecendo por quatro anos. No Rio, conviveu com numerosos artistas brasileiros e apaixonou-se pela Bossa Nova, o ritmo que “representa tudo para mim”, dizia. Apesar do seu grande apreço pelo popular ritmo brasileiro, Henri jamais abandonou a música francesa. O Presidente Nicolas Sarkozy resumiu assim a importância de Henri: “Na confluência do jazz, da canção e da Bossa Nova, da Europa e da América, Henri Salvador encarnou com humor e elegância, por mais de meio século, a arte da canção francesa”. Por tudo isso, requeiro o Voto de Pesar como homenagem do Senado da República ao ilustre compositor.

Sala das Sessões, 14 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

**REQUERIMENTO Nº 117, DE 2008****Requer Voto de Pesar pelo falecimento do pintor Aloysio Novis, ocorrido no Rio de Janeiro, no dia 11 de fevereiro de 2008.**

Requeiro, nos termos do art. 218, do Regimento Interno, a inserção em ata, de Voto de Pesar pelo falecimento ocorrido no Rio de Janeiro, em 11 de fevereiro de 2008, do Sr. Aloysio Novis, pintor e professor da UFRJ.

Requeiro, ademais, que esse Voto de Pesar seja levado ao conhecimento dos familiares de Aloysio Novis, especialmente à esposa, Sr<sup>a</sup> Gilda Novis.

**Justificação**

Aloysio Novis, que faleceu no dia 11 de fevereiro de 2008, era engenheiro e professor da UFRJ, além de consagrado pintor, com numerosos trabalhos expostos no Brasil e na França. Pelo seu trabalho artístico e sua atividade como professor, ele é merecedor dessa homenagem póstuma do Senado Federal.

Sala das Sessões, 14 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

**REQUERIMENTO Nº 118, de 2008****Requeiro Voto de Pesar pelo falecimento da Sr<sup>a</sup> Maria Salomé de Lucena, ocorrido hoje, dia 14 de fevereiro de 2008 em João Pessoa-PB.**

Requeiro, nos termos do art. 218, do Regimento Interno, a inserção em ata, de Voto de Pesar pelo falecimento da mãe do Exm<sup>o</sup> Senhor Senador Cícero Lucena, Sr<sup>a</sup> Maria Salomé de Lucena, ocorrido hoje, dia 14 de fevereiro de 2008, em João Pessoa-PB.

Requeiro, ainda, que este Voto de Pesar seja levado ao conhecimento da sua família.

**Justificação**

A Sr<sup>a</sup> Maria Salomé de Lucena, mãe do nosso colega Senador e companheiro de partido, Cícero Lucena, faleceu hoje, dia 14 de fevereiro de 2008, no Hospital Memorial São Francisco, em João Pessoa, Paraíba. Ela, que estava com 90 anos de idade, soube bem criar e educar seus cinco filhos, Paulo, Pedro, Sólton, Emerson (já falecido) e Cícero, que foi Prefeito de João Pessoa, Vice-Governador e Governador do Estado e Ministro de Estado, antes de chegar a esta Casa do Congresso Nacional. Ela faz jus, portanto, à homenagem póstuma que ora proponho.

Sala das Sessões, 14 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)  
– A Presidência encaminhará os votos solicitados.

Os requerimentos vão ao Arquivo.

Sobre a mesa, pareceres que passo a ler.

São lidos os seguintes:

## **PARECER Nº 62, DE 2008**

Da COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 440, de 2007 (nº 74/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a permissão outorgada à Rádio Avahy FM Ltda., para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Itaperuna, Estado do Rio de Janeiro.

RELATOR: Senador FRANCISCO DORNELLES

RELATOR "AD HOC": Senador MARCELO CRIVELLA

### **I – RELATÓRIO**

Chega a esta Comissão, para apreciação em caráter terminativo, o Projeto de Decreto Legislativo (PDS) nº 440, de 2007 (nº 74, de 2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a permissão outorgada à *Rádio Avahy FM Ltda.* para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Itaperuna, Estado do Rio de Janeiro. O ato foi submetido à apreciação do Congresso Nacional por meio de mensagem presidencial, nos termos do art. 49, XII, combinado com o art. 223, § 3º, ambos da Constituição Federal.

A exposição de motivos do Ministro das Comunicações ao Presidente da República, documento que integra os autos, informa que a presente solicitação foi instruída em conformidade com a legislação aplicável, o que levou ao seu deferimento.

O referido projeto foi aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, que seguiu o parecer favorável de seu relator. Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania daquela Casa, o projeto foi considerado jurídico, constitucional e vazado em boa técnica legislativa.

## II – ANÁLISE

Conforme determina o Regimento Interno do Senado Federal, nos termos do seu art. 104-C, VII, cumpre à Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática opinar acerca de proposições que versem sobre comunicação, imprensa, radiodifusão, televisão, outorga e renovação de concessão, permissão e autorização para serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, incumbindo-lhe pronunciar-se também sobre a constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa dessas proposições.

O processo de exame e apreciação dos atos do Poder Executivo que outorgam ou renovam concessão, permissão ou autorização para que se executem serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, nos termos do art. 223 da Constituição Federal, orienta-se, nesta Casa do Legislativo, pelas formalidades e pelos critérios estabelecidos na Resolução nº 39, de 1992, do Senado Federal. Essa norma interna relaciona os elementos a serem informados pela entidade pretendente e pelo Ministério das Comunicações que devem instruir o processo submetido à análise da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática.

O exame da documentação que acompanha o PDS nº 440, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Resolução nº 39, de 1992, do Senado Federal.

A matéria é de competência exclusiva do Congresso Nacional, sendo o projeto de decreto legislativo o instrumento adequado, conforme preceitua o art. 213, II, do Regimento Interno do Senado Federal.

A proposição oriunda da Câmara dos Deputados, destinada a aprovar o ato do Poder Executivo sob exame, atende aos requisitos constitucionais formais relativos à competência legislativa da União e às atribuições do Congresso Nacional, nos termos dos arts. 49, XII, e 223 da



Constituição. Constatou-se que o referido projeto não contraria preceitos ou princípios da Lei Maior, nada havendo, pois, a objetar no tocante à sua constitucionalidade material.

### III – VOTO

Tendo em vista que o exame da documentação que acompanha o PDS nº 440, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Resolução nº 39, de 1992, do Senado Federal, e não havendo reparos quanto aos aspectos de constitucionalidade, juridicidade e de técnica legislativa, opinamos pela **aprovação** do ato que renova a permissão outorgada à *Rádio Avahy FM Ltda.* para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Itaperuna, Estado do Rio de Janeiro, na forma do Projeto de Decreto Legislativo originário da Câmara dos Deputados.

Sala da Comissão, 19 de dezembro de 2007.

Relator ad hoc, Senador Marcelo (PFL/PA)  
m. ds  
  
, Presidente Eventual,  
Senador Mario do Carmo  
Alves  
, Relator

## COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

ASSINAM O PARECER AO PDS Nº 440/07 NA REUNIÃO DE 19/11/2007  
OS SENHORES SENADORES:

<b>PRESIDENTE:</b>	
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
MARCELO CRIVELLA	1. EXPEDITO JÚNIOR
AUGUSTO BOTELHO	2. FLÁVIO ARNS (SEM VOTO)
RENATO CASAGRANDE	3. JOÃO RIBEIRO
SÉRGIO ZAMBIASI	4. FRANCISCO DORNELLES RELATOR
IDELI SALVATTI	5. FÁTIMA CLEIDE
<b>PMDB</b>	
VALDIR RAUPP	1. ROMERO JUCÁ
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	2. VAGO
GILVAM BORGES	3. MÃO SANTA
VALTER PEREIRA	4. LEOMAR QUINTANILHA
<b>BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)</b>	
DEMÓSTENES TORRES	1. ELISEU RESENDE
ROMEU TUMA	2. HERÁCLITO FORTES
MARIA DO CARMO ALVES Presidente Euxival	3. MARCO MACIEL
ANTONIO CARLOS JUNIOR	4. ROSALBA CIARLINI
JOÃO TENÓRIO	5. FLEXA RIBEIRO
EDUARDO AZEREDO	6. MARCONI PERILLO
CÍCERO LUCENA	7. PAPALÉO PAES
<b>PDT</b>	
CRISTOVAM BUARQUE	1- VAGO

## LEGISLAÇÃO CITADA ANEXADA PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA

### CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL 1988

.....

#### Seção II DAS ATRIBUIÇÕES DO CONGRESSO NACIONAL

.....

Art. 49. É da competência exclusiva do Congresso Nacional:

.....

XII - apreciar os atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e televisão;

.....

#### CAPÍTULO V DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

.....

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º - O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64, § 2º e § 4º, a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º - A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º - O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º - O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º - O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

.....

## COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

## LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL

PDS

19/02/07

TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SUPLENTE - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
MARCELO CRIVELLA	EXPEDITO JÚNIOR	X								
AUGUSTO BOTELHO	FLAVIO ARNS	X								
RENATO CASAGRANDE	JOÃO RIBEIRO	X								
SERGIO ZAMBIASI	FRANCISCO DORNELLES	X								
IDELI SALVATTI	FATIMA CLEIDE									
TITULARES - PMDB	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	
VALDIR RAUPP	ROMERO JUCA	X								
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	VAGO									
GILVAM BORGES	MÃO SANTA	X								
VALTER PEREIRA	LEOMAR QUINTANILHA									
TITULARES - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	
DEMÓSTENES TORRES	ELISEU RESENDE									
ROMEU TUMA	HERÁCLITO FORTES									
MARIA DO CARMO ALVES	MARCO MACIEL									
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	ROSALBA CIARLINI	X								
JOÃO TENÓRIO	FLEXA RIBEIRO									
EDUARDO AZEREDO	MARCONI PERILLO	X								
CICERO LUCENA	PAPALEO PAES									
TITULAR - PDT	SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR		SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	
CRISTOVAM BUARQUE	(VAGO)									

TOTAL: 12 SIM: 11 NÃO: 1 ABS: 0 AUTOR: 0 PRESIDENTE: 0

SALA DAS REUNIÕES, EM 19/02/2007

*maciel*  
**SENADORA MARIA DO CARMO ALVES**  
 Presidente Everaldo,  
 da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e  
 Informática

## **PARECER Nº 63, DE 2008**

Da COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 444, de 2007 (nº 114/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Rádio Macabu Livre para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Conceição de Macabu, Estado do Rio de Janeiro.

**RELATOR: Senador MARCELO CRIVELLA**

### **I – RELATÓRIO**

Chega a esta Comissão, para exame em caráter terminativo, o Projeto de Decreto Legislativo (PDS) nº 444, de 2007 (nº 114, de 2007, na Câmara dos Deputados), destinado a aprovar o ato que outorga autorização à *Associação Comunitária de Rádio Macabu Livre* para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Conceição de Macabu, Estado do Rio de Janeiro. O ato foi submetido à apreciação do Congresso Nacional por meio de mensagem presidencial, nos termos do art. 49, XII, combinado com o art. 223, § 3º, ambos da Constituição Federal.

A exposição de motivos do Ministro das Comunicações ao Presidente da República, documento que integra os autos, informa que a presente solicitação foi instruída em conformidade com a legislação aplicável, o que levou ao seu deferimento.

O referido projeto foi aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, que seguiu o parecer favorável de seu relator. Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania daquela Casa, o projeto foi considerado jurídico, constitucional e vazado em boa técnica legislativa.

## II – ANÁLISE

Conforme determina o Regimento Interno do Senado Federal, nos termos do seu art. 104-C, VII, cumpre à Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática opinar acerca de proposições que versem sobre comunicação, imprensa, radiodifusão, televisão, outorga e renovação de concessão, permissão e autorização para serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, incumbindo-lhe pronunciar-se também sobre a constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa dessas proposições.

O serviço de radiodifusão comunitária encontra disciplina específica na Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, regulamentada pelo Decreto nº 2.615, de 3 de junho de 1998.

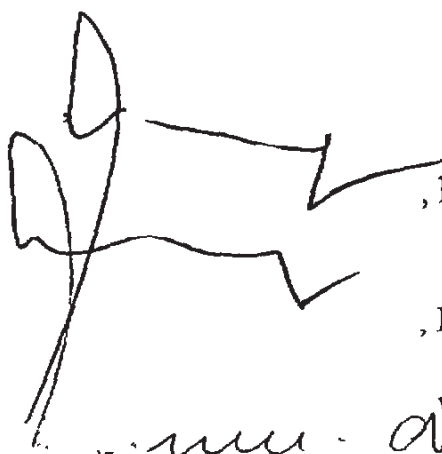
A proposição oriunda da Câmara dos Deputados, destinada a aprovar o ato do Poder Executivo sob exame, atende aos requisitos constitucionais formais relativos à competência legislativa da União e às atribuições do Congresso Nacional, nos termos dos arts. 49, XII, e 223 da Constituição. Constata-se que o referido projeto não contraria preceitos ou princípios da Lei Maior, nada havendo, pois, a objetar no tocante à sua constitucionalidade material. Sob o aspecto de técnica legislativa, observa-se que o projeto está em perfeita consonância com o disposto na Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998.

O exame da documentação que acompanha o PDS nº 444, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Lei nº 9.612, de 1998.

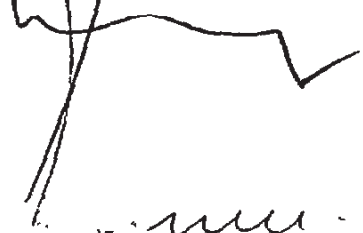
### III – VOTO

Tendo em vista que o exame da documentação que acompanha o PDS nº 444, de 2007, não evidenciou violação da legislação pertinente, e não havendo reparos quanto aos aspectos de constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa, opinamos pela **aprovação** do ato que autoriza a *Associação Comunitária de Rádio Macabu Livre* a executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Conceição de Macabu, Estado do Rio de Janeiro, na forma do Projeto de Decreto Legislativo originário da Câmara dos Deputados.

Sala da Comissão, 19 de dezembro de 2007.



, Presidente



, Relator

... ..  
Presidente (eventual), Senadora Maria  
do Carmo Alves

## COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

ASSINAM O PARECER AO PDS Nº 444/07 NA REUNIÃO DE 19/12/2007  
OS SENHORES SENADORES:

PRESIDENTE:	
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
MARCELO CRIVELLA RELATOR	1. EXPEDITO JÚNIOR
AUGUSTO BOTELHO	2. FLÁVIO ARNS <i>(sem voto)</i>
RENATO CASAGRANDE	3. JOÃO RIBEIRO
SÉRGIO ZAMBIASI	4. FRANCISCO DORNELLES
IDELI SALVATTI	5. FÁTIMA CLEIDE
<b>PMDB</b>	
VALDIR RAUPP	1. ROMERO JUCÁ
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	2. VAGO
GILVAM BORGES	3. MÃO SANTA
VALTER PEREIRA	4. LEOMAR QUINTANILHA <i>L. Quintanilha</i>
<b>BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)</b>	
DEMÓSTENES TORRES	1. ELISEU RESENDE
ROMEU TUMA	2. HERÁCLITO FORTES
MARIA DO CARMO ALVES <i>Presidente Frontal meu. 07</i>	3. MARZO MACIEL
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	4. ROSALBA CIARLINI
JOÃO TENÓRIO	5. FLEXA RIBEIRO
EDUARDO AZEREDO	6. MARCONI PERILLO
CÍCERO LUCENA	7. PAPALÉO PAES
<b>PDT</b>	
CRISTOVAM BUARQUE	1- VAGO



COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUN. E INFORMÁTICA

LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL PDS 444/2007

TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
MARCELO CRIVELLA	✓				EXPEDITO JUNIOR	✓			
AUGUSTO BOTELHO	✓				FLAVIO ARNS				
RENATO CASAGRANDE	✓				JOAO RIBEIRO				
SERGIO ZAMBIASI	✓				FRANCISCO DORNELLES				
IDELI SALVATTI					FATIMA CLEIDE				
TITULARES - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
VALDIR RAUUP	✓				ROMERO JUCA				
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	✓				VAGO				
GILVAM BORGES	✓				MÃO SANTA				
VALTER PEREIRA					LEOMAR QUINTANILHA	✓			
TITULARES - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
DEMOSTENES TORRES					ELISEU RESENDE	✓			
ROMEU TUMA					HERÁCLITO FORTES				
MARIA DO CARMO ALVES					MARCO MACIEL				
ANTONIO CARLOS JUNIOR	✓				ROSALBA CIARLINI				
JOAO TENORIO					FLEXA RIBEIRO	✓			
EDUARDO AZEREDO					MARCONI PERILLO				
CICERO LUCENA					PAPALÉO PAES				
TITULAR - PDT	SIM	NÃO	AUTOR		SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
CRISTOVAM BUARQUE					(VAGO)				

TOTAL: SIM: 11 NÃO: 11 ABS: 0 AUTOR: 0 PRESIDENTE: 0

SALA DAS REUNIÕES, EM 15/02/2007

*Maria do Carmo Alves*  
**SENADORA MARIA DO CARMO ALVES**  
 Presidente Eventual,  
 da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e  
 Informática

**LEGISLAÇÃO CITADA ANEXADA PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA****CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL 1988****Seção II  
DAS ATRIBUIÇÕES DO CONGRESSO NACIONAL**

Art. 49. É da competência exclusiva do Congresso Nacional:

XII - apreciar os atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e televisão;

**CAPÍTULO V  
DA COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º - O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64, § 2º e § 4º, a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º - A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º - O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º - O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º - O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

**LEI Nº 9.612, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998**

Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências.

**DECRETO Nº 2.615, DE 3 DE JUNHO DE 1998.**

Aprova o Regulamento do Serviço de Radiodifusão Comunitária.

**LEI COMPLEMENTAR Nº 95, DE 26 DE FEVEREIRO DE 1998**

Dispõe sobre a elaboração, a redação, a alteração e a consolidação das leis, conforme determina o parágrafo único do art. 59 da Constituição Federal, e estabelece normas para a consolidação dos atos normativos que menciona.

**PARECER Nº 64, DE 2008**

**Da Comissão de Meio Ambiente, defesa do Consumidor e fiscalização e Controle, sobre o Aviso nº 161, de 2001 (nº 4.749/2001, na origem), do Tribunal de Contas da União, que encaminha cópia da Decisão nº 585/2001-TCU-Plenário, referente à denúncia de eventuais irregularidades em cessão de crédito realizada pelo Banco do Brasil no Estado do Ceará.**

Relator: Senador **Adelmir Santana**

**I – Relatório**

Vem a esta Comissão o Aviso nº 161, de 2001 (Aviso nº 4.749-SGS-TCU, de 2001, na origem), do Tribunal de Contas da União (TCU), que encaminha cópia da Decisão nº 585/2001-TCU – Plenário, acompanhada dos respectivos Relatório e Voto que a fundamentam.

A Decisão refere-se à Denúncia, constante do processo TC-0009.538/2001-4, de eventuais irregularidades praticadas pelo Banco do Brasil S.A. em operação de cessão de crédito, no valor de R\$12,3 milhões, no Estado do Ceará, com possibilidade de prejuízo para o Banco e de malversação de dinheiros públicos. A identidade do denunciante foi preservada no processo, nos termos do art. 55 da Lei nº 8.443, de 1992 – Lei Orgânica do TCU.

O TCU encaminhou essa documentação ao Senado Federal para que tomasse conhecimento, seguindo o procedimento que vem sendo adotado por aquela Corte de Contas de enviar cópia de suas decisões a esta Casa.

**II – Análise**

O TCU encaminhou ao Senado Federal, para conhecimento, cópia da Decisão supramencionada “acer-

ca de eventuais irregularidades praticadas pelo Banco do Brasil S. A., no Estado do Ceará, em processo de cessão de crédito, segundo as quais o BB, credor da importância de R\$12.380.421,27 (doze milhões, trezentos e oitenta mil, quatrocentos e vinte e um reais e vinte e sete centavos), da empresa Agro vale – Companhia Agroindustrial Vale do Curu, em liquidação, por autofalência, resolveu ceder esse crédito ao Sr. Avelino Forte Filho, pela importância de R\$1.437.000,00 (um milhão, quatrocentos e trinta e sete mil reais), montante quitado mediante a cessão de imóveis, cuja avaliação foi questionada pela denunciante como claramente inconsistente”.

O Tribunal Pleno, diante das razões expostas pelo Relator, Ministro Walton Alencar Rodrigues, decidiu fixar ao Sr. Eduardo Guimarães, Presidente do Banco do Brasil S. A., o prazo improrrogável de quinze dias para que apresentasse ou determinasse a apresentação de cópia do processo administrativo de aprovação do contrato de dação em pagamento e cessão de crédito acima referido, enviando também os laudos de avaliação dos imóveis que serviram para pagamento de referida quantia, alertando-o de que o não cumprimento desta determinação poderá sujeitá-lo à sanção de multa, conforme o art. 58, IV, da Lei nº 8.443/92.

**III – Voto**

Tendo em conta o exposto, opino que esta Comissão tome conhecimento da matéria e delibere pelo encaminhamento do processado ao arquivo.

Sala da Comissão, 12 de fevereiro de 2008.

## COMISSÃO DE MEIO AMBIENTE, DEFESA DO CONSUMIDOR E FISCALIZAÇÃO E CONTROLE

PROPOSIÇÃO: AVS Nº 161 DE 2001

ASSINAM O PARECER NA REUNIÃO DE 12, 02, 2008, OS SENHORES(AS) SENADORES(AS):

PRESIDENTE : <u>L. Quintanilha</u> (SEN. LEOMAR QUINTANILHA)	
RELATOR : <u>Flávio Arns</u> (SEN. FLÁVIO ARNS)	
<b>BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
RENATO CASAGRANDE-PSB	FLÁVIO ARNS-PT
SIBÁ MACHADO-PT	AUGUSTO BOTELHO-PT
FÁTIMA CLEIDE-PT	SERYS SLHESARENKO-PT
CÉSAR BORGES-PR <u>César Borges</u>	INÁCIO ARRUDA-PC do B
VAGO	EXPEDITO JÚNIOR-PR
<b>Maioria (PMDB)</b>	
LEOMAR QUINTANILHA	ROMERO JUCÁ
WELLINGTON SALGADO	GILVAM BORGES
VALDIR RAUPP	VAGO
VALTER PEREIRA	GERALDO MESQUITA
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
ELISEU RESENDE-DEM	ADELMIR SANTANA-DEM
HERÁCLITO FORTES-DEM	VAGO
JONAS PINHEIRO-DEM	VAGO
IOSÉ AGRIPINO-DEM	RAIMUNDO COLOMBO-DEM
ÍCERO LUCENA-PSDB <u>Ícero Lucena</u>	LÚCIA VÂNIA-PSDB
MARISA SERRANO-PSDB <u>Marisa</u>	FLEXA RIBEIRO-PSDB
ARCONI PERILLO-PSDB	SÉRGIO GUERRA-PSDB
<b>PDT</b>	
EFFERSON PERES	VAGO

## RELATÓRIO

Relator: Senador **Eduardo Suplicy**

### I – Relatório

Examina-se, nesta oportunidade, o Aviso nº 161, de 2001 (Aviso nº 4.749-SGS-TCU – Plenário, de 17-8-2001, na origem), do Tribunal de Contas da União (TCU), que encaminha cópia da Decisão nº 585/2001-TCU – Plenário, referente à denúncia de possível irregularidade em cessão de crédito realizada pelo Banco do Brasil.

Trata-se de trabalho realizado pelo Tribunal de Contas da União no exercício de sua competência prevista no art. 71 e seguinte da Constituição Federal, bem como dos preceitos contidos na Lei nº 8.443, de 1992, sua Lei Orgânica.

### II – Análise

Conforme acentuado no referido Aviso, o TCU encaminhou ao Senado Federal, para conhecimento, cópia da Decisão supramencionada a respeito da “denúncia sobre possíveis irregularidades praticadas pelo Banco do Brasil S.A., no Estado do Ceará, em processo de cessão de crédito, segundo as quais o BB, credor da importância de R\$12.389.421,27 (doze milhões, trezentos e oitenta e nove mil, quatrocentos e vinte e um reais e vinte e sete centavos), da empresa Agrovale – Companhia Agroindustrial Vale do Curu, em liquidação, por autofalência, resolveu ceder esse crédito ao Sr. Avelino Forte Filho, pela importância de R\$1.437.000,00 (um milhão, quatrocentos e trinta e sete mil reais), montante quitado mediante a cessão de imóveis, cuja avaliação foi questionada pela denunciante como claramente inconsistente”.

À época, o Tribunal Pleno, diante das razões expostas pelo Relator, Ministro Walton Alencar Rodrigues, decidiu fixar ao Sr. Eduardo Guimarães, Presidente do Banco do Brasil S.A., o prazo improrrogável de quinze dias para que apresentasse ou determinasse a apresentação de cópia do processo administrativo de aprovação do contrato de dação em pagamento e cessão de crédito acima referido, enviando também os laudos de avaliação dos imóveis que serviram para pagamento de referida quantia, alertando-o de que o não cumprimento desta determinação sujeitá-lo-ia às sanções do art. 58, IV, da Lei nº 8.443/92.

### III – Voto

Tendo em conta o exposto, opino que esta Comissão tome conhecimento da matéria e delibere pelo encaminhamento do processado ao arquivo.

Sala da Comissão, – Senador **Eduardo Matarazzo Suplicy**.

## PARECER Nº 65, DE 2008.

**Da Comissão de Meio Ambiente, Defesa do Consumidor e Fiscalização e Controle, sobre o Aviso nº 99, de 2007. (nº 1.571/2007, na origem), do Tribunal de Contas da União, que encaminha ao Senado Federal cópia do Acórdão nº 2.233/2007, proferido nos autos do processo TC 004.468/2006-6, bem como do Relatório e do Voto que o fundamentaram, sobre Auditoria Operacional realizada no Programa Morar Melhor, gerido pela Secretaria Nacional de Habitação do Ministério das Cidades e executado pela Caixa Econômica Federal.**

Relator: Senador **Cícero Lucena**

Relator *ad hoc*: Senador **Adelmir Santana**

O Aviso nº 99, de 2007 (Aviso nº 1.571, de 2007, na origem), do Presidente do Tribunal de Contas da União (TCU), encaminha ao Senado Federal cópia do Acórdão nº 2.233/2007, proferido nos autos do processo TC 004.468/2006-6, bem como do Relatório e do Voto que o fundamentaram, sobre Auditoria Operacional realizada no Programa Morar Melhor, gerido pela Secretaria Nacional de Habitação do Ministério das Cidades e executado pela Caixa Econômica Federal.

Nos termos do mencionado Acórdão, adotado na Sessão Ordinária do Plenário de 24 de outubro de 2007, os Ministros do TCU decidiram arquivar o processo bem como dar ciência dessa decisão a diversas autoridades dos Poderes Executivo e Legislativo, entre elas o Presidente do Senado Federal.

Nos termos do Relatório e do Voto que fundamentaram o Acórdão, verifica-se que, além do cumprimento integral das determinações, mais de 90% das recomendações emanadas do órgão fiscalizador ao longo dos procedimentos de auditoria operacional foram seguidas. Tal constatação ensejou, no voto do Relator, Ministro Marcos Vinícios Vilaça, o registro de elogios ao “empenho demonstrado pela Secretaria Nacional de Habitação e pela Caixa”, respectivamente gestor e executor do Programa Morar Melhor.

Ao lado de reconhecidos aprimoramentos, considerados decorrentes da colaboração do TCU – como a previsão de complementação de infra-estrutura urbana, a integração com outras intervenções públicas, a capacitação dos agentes executores, a verificação técnico-social pós-ocupação, o estímulo ao controle social, o aperfeiçoamento dos critérios de seleção e a instituição de indicadores de desempenho –, o Ministro-Relator mencionou apenas um aspecto por ele considerado insatisfatório na execução do Programa. Trata-se “da constatação de que é cada vez maior a

quantidade de projetos com obras paralisadas ou não iniciadas". Ainda assim, consignou em seu Voto, acompanhado por todos os demais Ministros, confiança em que o órgão gestor logrará a superação do problema "por meio das agendas de compromisso que tem firmado com os Estados e Municípios".

Em face do exposto, concluo no sentido de propor que esta Comissão tome conhecimento da matéria, procedendo-se em seguida ao arquivamento do processado.

Sala da Comissão, 12 de fevereiro de 2008.

## COMISSÃO DE MEIO AMBIENTE, DEFESA DO CONSUMIDOR E FISCALIZAÇÃO E CONTROLE

PROPOSIÇÃO: AVS Nº 99 DE 2007

ASSINAM O PARECER NA REUNIÃO DE 12, 02, 2008, OS SENHORES(AS) SENADORES(AS):

PRESIDENTE : <i>Dr. Quintanilha</i>	
RELATOR : <i>[assinatura]</i> (AUXÍLIO SEN. ADELMIRO SANTANA)	
<b>BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
RENATO CASAGRANDE-PSB	FLÁVIO ARNS-PT
SIBÁ MACHADO-PT	AUGUSTO BOTELHO-PT
FÁTIMA CLEIDE-PT	SERYS SLHESSARENKO-PT
CÉSAR BORGES-PR <i>César Borges</i>	INÁCIO ARRUDA-PC do B
VAGO	EXPEDITO JÚNIOR-PR
<b>Maioria (PMDB)</b>	
LEOMAR QUINTANILHA	ROMERO JUCÁ
WELLINGTON SALGADO	GILVAM BORGES
VALDIR RAUPP	VAGO
VALTER PEREIRA	GERALDO MESQUITA
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
ELISEU RESENDE-DEM	ADELMIRO SANTANA-DEM
IERÁCLITO FORTES-DEM	VAGO
ONAS PINHEIRO-DEM	VAGO
JOSÉ AGRIPINO-DEM	RAIMUNDO COLOMBO-DEM
CERO LUCENA-PSDB	LÚCIA VÂNIA-PSDB
IRISA SERRANO-PSDB <i>Irissa</i>	FLEXA RIBEIRO-PSDB
ARCONI PERILLO-PSDB	SÉRGIO GUERRA-PSDB
<b>PDT</b>	
FERSON PERES	VAGO

**PARECER Nº 66, DE 2008**

**Da Comissão de Educação, Cultura e Esporte, sobre Projeto de Lei do Senado nº 106, de 2007, de autoria do Senador Expedito Júnior, que altera o art. 2º da Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005, que dispõe sobre o Programa Universidade para Todos (PROUNI), para permitir que bolsas remanescentes do programa sejam destinadas a estudantes que tenham cursado parte do ensino médio em escolas privadas.**

Relator: Senador **Marcelo Crivella**

**I – Relatório**

Chega a esta Comissão o PLS nº 106, de 2007, de autoria do Senador Expedito Júnior, que altera a Lei nº 11.096, de 2005, para permitir a distribuição de vagas remanescentes do processo seletivo do Programa Universidade para Todos (PROUNI) a estudantes que tenham cursado parcialmente o ensino médio em escolas privadas.

O art. 1º altera dispositivo da Lei nº 11.096, de 2005, convertendo o parágrafo único em § 1º e acrescentando um § 2º.

O art. 2º estabelece como cláusula de vigência a data de publicação da lei.

O projeto tem decisão terminativa nesta Comissão.

O PLS não recebeu emenda.

**II – Análise**

Em face do déficit de vagas na educação superior brasileira, é inadmissível que sobrem vagas nos processos do Prouni, tal como vem acontecendo atualmente.

O Programa busca atender à crescente demanda dos estudantes por educação superior, reivindicando coincidente com os interesses socioeconômicos do País.

O grave problema da insuficiência de vagas ofertadas pelas universidades públicas, sem que se vislumbre uma solução no curto ou médio prazo, obriga o Estado a agir, incentivando os operadores privados da educação a auxiliá-lo no enfrentamento do problema, em nome do bem comum.

No processo de seleção dos beneficiários do Prouni, é comum que um número residual de vagas permaneçam ociosas, em prejuízo dos estudantes e dos interesses educacionais do Brasil.

Como lembra o autor, na justificativa, a proposta permitirá que os estudantes que cursaram parte do ensino médio em escolas particulares possam ser beneficiados pelas bolsas remanescentes. Os estudantes que, mesmo com dificuldades financeiras, lograram freqüentar escolas privadas, ainda que por apenas um ano, serão alcançados pelas medidas legais para a distribuição de bolsas.

Vale lembrar que a situação desses estudantes não difere substancialmente da enfrentada pelos que cursaram todo o ensino médio em escolas privadas, se esses estudantes tiveram um benfeitor que lhes tenha proporcionado, no todo ou em parte, essa possibilidade. Discriminá-los no processo seletivo do Prouni tem resultado em injustiças que podem e devem ser minoradas.

Conforme a proposta, ficam mantidos os demais critérios previstos em lei para o recebimento de bolsas do Prouni, inclusive os referentes à renda familiar.

Apenas para tornar mais claro e efetivo o dispositivo legal, propomos nova redação ao art. 1º da proposição.

**III – Voto**

Pelos motivos expostos, nosso voto é favorável ao PLS nº 106, de 2007, com a emenda que segue:

**EMENDA Nº 1 – CE**

O § 2º do art. 1º do PLS nº 106, de 2007, passa a ter a seguinte redação:

“§ 2º As bolsas remanescentes serão destinadas a estudantes que tenham cursado o ensino médio, no todo ou em parte, em instituições privadas, na forma do regulamento, independentemente da condição de bolsista, aplicando-se a eles as demais disposições desta lei, inclusive os critérios de renda familiar dispostos no art. 1º. (NR)”

Sala da Comissão, 4 de dezembro de 2007.

## COMISSÃO DE EDUCAÇÃO

ASSINAM O PARECER AO PLS Nº 106/07 NA REUNIÃO DE 04/12/07.  
OS SENHORES SENADORES:

PRESIDENTE: *Luiz F. (Sen. Cristovam Buarque)*

### Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)

FLÁVIO ARNS	1- PATRÍCIA SABOYA GOMES
AUGUSTO BOTELHO <i>[Signature]</i>	2- JOÃO PEDRO
FÁTIMA CLEIDE <i>[Signature]</i>	3- ALOÍZIO MERCADANTE
PAULO PAIM <i>[Signature]</i>	4- ANTÔNIO CARLOS VALADARES <i>[Signature]</i>
IDELI SALVATTI <i>[Signature]</i>	5- FRANCISCO DORNELLES <i>[Signature]</i>
INÁCIO ARRUDA <i>[Signature]</i>	6- MARCELO CRIVELLA
RENATO CASAGRANDE <i>[Signature]</i>	RELATOR:
SÉRGIO ZAMBIASI <i>[Signature]</i>	7- MAGNO MALTA
JOÃO RIBEIRO <i>[Signature]</i>	8- JOÃO VICENTE CLAUDINO
	9- SIBÁ MACHADO

### PMDB

WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA <i>[Signature]</i>	1- ROMERO JUCÁ
GILVAM BORGES <i>[Signature]</i>	2- LEOMAR QUINTANILHA
MÃO SANTA <i>[Signature]</i>	3- PEDRO SIMON <i>[Signature]</i>
VALDIR RAUPP <i>[Signature]</i>	4- VALTER PEREIRA
PAULO DUQUE <i>[Signature]</i>	5- JARBAS VASCONCELOS
GERALDO MESQUITA JÚNIOR <i>[Signature]</i>	6- (VAGO)
GERSON CAMATA <i>[Signature]</i>	7- NEUTO DE CONTO

### BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)

EDISON LOBÃO	1- ADELMIR SANTANA
HERÁCLITO FORTES	2- DEMÓSTENES TORRES
MARIA DO CARMO ALVES <i>[Signature]</i>	3- JONAS PINHEIRO
MARCO MACIEL <i>[Signature]</i>	4- JOSÉ AGRIPINO
RAIMUNDO COLOMBO <i>[Signature]</i>	5- KÁTIA ABREU
ROSALBA CIARLINI <i>[Signature]</i>	6- ROMEU TUMA
MARCONI PERILLO <i>[Signature]</i>	7- CÍCERO LUCENA <i>[Signature]</i>
MARISA SERRANO <i>[Signature]</i>	8- EDUARDO AZEREDO <i>[Signature]</i>
PAPALÉO PAES <i>[Signature]</i>	9- SÉRGIO GUERRA
FLEXA RIBEIRO <i>[Signature]</i>	10- LÚCIA VÂNIA

### PDT

CRISTOVAM BUARQUE	1- JEFFERSON PÉRES
-------------------	--------------------



COMISSÃO DE EDUCAÇÃO LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL PLS 306/04

TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)		SUPLENTE - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)		SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
FLAVIO ARNS			PATRICIA SABOYA GOMES								
AUGUSTO BOTELHO	X		JOAO PEDRO								
FATIMA CLEIDE			ALOIZIO MERCADANTE								
PAULO PAIM	X		ANTONIO CARLOS VALADARES	X							
IDELI SALVATTI	X		FRANCISCO DORNELLES								
INACIO ARRUDA			MARCELO CRIVELLA	X							
RENATO CASAGRANDE	X		MAGNO MALTA								
SERGIO ZAMBIASI	X		JOAO VICENTE CLAUDINO								
JOAO RIBEIRO			SIBA MACHADO								
TITULARES - PMDB		SUPLENTE - PMDB		SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
WELLINGTON SALGADO	X		ROMERO JUCA								
GILVAM BORGES			LEOMAR QUINTANILHA								
MÃO SANTA			PEDRO SIMON	X							
VALDIR RAUPP			VALTER PEREIRA								
PAULO DUQUE			JARBAS VASCONCELOS								
GERALDO MESQUITA JÚNIOR	X		(VAGO)								
GERSON CAMATA			NEUTO DE CONTO								
TITULARES - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)		SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)		SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
EDISON LOBAO			ADELMIR SANTANA								
HERACLITO FORTES			DEMÓSTENES TORRES								
MARIA DO CARMO ALVES	X		JONAS PINHEIRO								
MARCO MACIEL			JOSE AGRIPINO								
RAIMUNDO COLOMBO			KÁTIA ABREU								
ROSALBA CIARLINI			ROMEU TUMA								
MARCONI PERILLO			CICERO LUCENA	X							
MARISA SERRANO			EDUARDO AZEREDO	X							
PAPALÉO PAES			SERGIO GUERRA								
FLEXA RIBEIRO	X		LÚCIA VÂNIA								
TITULAR - PDT		SUPLENTE - PDT		SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
CRISTOVAM BUARQUE			JEFFERSON PERES								

TOTAL: 15 SIM: 14 NÃO: 1 ABS: 1 AUTOR: 1 PRESIDENTE: 01

W. A.

SENADOR CRISTOVAM BUARQUE  
Presidente da Comissão de Educação

SALA DAS REUNIÕES, EM 04/12/2007

## LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL PLS 106/07. EMENDA

TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PP E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
FLÁVIO ARNS					PATRICIA SABOYA GOMES				
AUGUSTO BOTELHO	X				JOÃO PEDRO				
FATIMA CLEIDE					ALOIZIO MERCADANTE				
PAULO PAIM	X				ANTÔNIO CARLOS VALADARES	X			
IDELEI SALVATTI	X				FRANCISCO DORNELLES				
INACIO ARRUDA	X				MARCELO CRIVELLA				
RENATO CASAGRANDE	X				MAGNO MALTA				
SERGIO ZAMBIASI	X				JOÃO VICENTE CLAUDINO				
JOÃO RIBEIRO					SIBA MACHADO				
TITULARES - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
WELLINGTON SALGADO	X				ROMERO JUCA				
GILVAM BORGES					LEOMAR QUINTANILHA				
MÃO SANTA					PEDRO SIMON	X			
VALDIR RAUPP					VALTER PEREIRA				
PAULO DUQUE					JARBAS VASCONCELOS				
GERALDO MESQUITA JUNIOR	X				(VAGO)				
GERSON CAMATA					NEUTO DE CONTO				
TITULARES - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
EDISON LOBÃO					ADELMIR SANTANA				
HERACLITO FORTES					DEMOSTENES TORRES				
MARIA DO CARMO ALVES	X				JONAS PINHEIRO				
MARCO MACIEL					JOSÉ AGRIPINO				
RAIMUNDO COLOMBO					KÁTIA ABREU				
ROSALBA CIARLINI					ROMEU TUMA				
MARCONI PERILLO					CÍCERO LUCENA	X			
MARISA SERRANO					EDUARDO AZEREDO	X			
PAPALEO PAES					SERGIO GUERRA				
FLEXA RIBEIRO	X				LÚCIA VÂNIA				
TITULAR - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
CRISTOVAM BUARQUE					JEFFERSON PERES				

TOTAL: 14 SIM: 13 NÃO: - ABS: - AUTOR: - PRESIDENTE: 03.

*Luiz B. P.*

SALA DAS REUNIÕES, EM 04 / 12 / 2007

SENADOR CRISTOVAM BUARQUE  
Presidente da Comissão de Educação

## TEXTO FINAL

**PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 106, DE 2007**

**Altera o art. 2º da Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005, que dispõe sobre o Programa Universidade para Todos (PROUNI), para permitir que bolsas remanescentes do programa sejam destinadas a estudantes que tenham cursado parte do ensino médio em escolas privadas.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O art. 2º da Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005, passa a ter vigência acrescido do seguinte § 2º, alterando-se seu parágrafo único para § 1º:

“Art. 2º .....

§ 2º As bolsas remanescentes serão destinadas a estudantes que tenham cursado o ensino médio, no todo ou em parte, em instituições privadas, na forma do regulamento, independentemente da condição de bolsista, aplicando-se a eles as demais disposições desta lei, inclusive os critérios de renda familiar dispostos no art. 1º. (NR)”

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala da Comissão, 4 de dezembro de 2007.

  
 , Presidente  
 Senador Marcelo Crivella, Relator

Of. nº CE/170/2007

Brasília, 4 de dezembro de 2007

A Sua Excelência o Senhor  
 Senador Tião Viana  
 Vice-Presidente, no exercício da presidência, do Senado Federal

Nesta

Senhor Presidente,

Nos termos do parágrafo 2º, do artigo 91, do Regimento Interno do Senado Federal, comunico a Vossa Excelência que esta comissão deliberou, em caráter terminativo, em reunião realizada nesta data, pela aprovação do Projeto de Lei do Senado nº 106, de 2007, de autoria de Sua Excelência o Senhor Senador Expedito Júnior que, “Altera o art. 2º da Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005, que dispõe sobre o

Programa Universidade para Todos (PROUNI), para permitir que bolsas remanescentes do programa sejam destinadas a estudantes que tenham cursado parte do ensino médio em escolas privadas”, com a emenda oferecida.

Atenciosamente, Senador **Cristovam Buarque**, Presidente da Comissão de Educação, Cultura e Esporte.

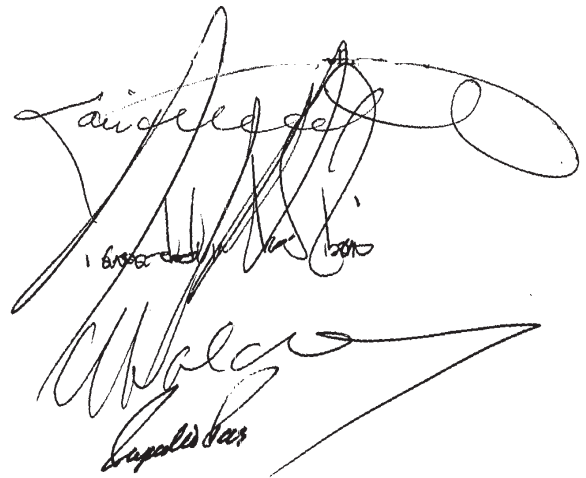
**PARECER Nº 66-A, DE 2008**

(Comissão Diretora)

**Redação do vencido, para o turno suplementar, do Substitutivo ao Projeto de Lei do Senado nº 26, de 2000.**

A Comissão Diretora apresenta a redação do vencido, para o turno suplementar, do Substitutivo ao Projeto de Lei do Senado nº 26, de 2000, que altera a redação do § 1º do art. 6º da Lei nº 9.069, de 29 de junho de 1995, para definir que o Presidente do Banco Central comparecerá, pessoalmente, à Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal, para fazer relato sobre a execução da programação monetária que se finda e a exposição e entrega da Programação Monetária Trimestral.

Sala de Reuniões da Comissão, 14 de fevereiro de 2008.

  
 Cristovam Buarque

**ANEXO AO PARECER Nº 66-A, DE 2008****Redação do vencido, para o turno complementar, do Substitutivo ao Projeto de Lei do Senado nº 26, de 2000.**

**Altera a Lei nº 9.069, de 29 de junho de 1995, para tratar do comparecimento do Presidente do Banco Central do Brasil na Comissão de Assuntos Econômicos do**

**Senado Federal e para extinguir a obrigatoriedade de apresentação da programação monetária trimestral e a vinculação legal entre emissão de moeda e reservas cambiais.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º A Lei nº 9.069, de 29 de junho de 1995, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 6º-A:

“Art. 6º-A. Para discutir as diretrizes, implementação e decisões tomadas a respeito da política monetária no trimestre anterior, o Presidente do Banco Central do Brasil deverá comparecer à Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal.

Parágrafo único. As audiências de que trata o **caput** ocorrerão na primeira quinzena de abril, julho, outubro e fevereiro, ou em data acordada entre a Comissão e o Presidente do Banco Central do Brasil.”

Art. 2º A Lei nº 9.069, de 1995, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 6º-B:

“Art. 6º-B. O Presidente do Banco Central do Brasil enviará à Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal, ao final de cada trimestre, o relatório de inflação, instituído pelo art. 5º do Decreto nº 3.088, de 21 de junho de 1999, e as atas da reunião do Comitê de Política Monetária, após cada reunião.”

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º São revogados os arts. 3º, 4º, 6º e 7º da Lei nº 9.069, de 29 de junho de 1995.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Os pareceres que acabam de ser lidos vão à publicação.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Com referência ao **Ofício nº 217, de 2007**, da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, lido em 7 do corrente, a Presidência comunica ao Plenário que, nos termos do art. 91, § 3º, do Regimento Interno, fica aberto o prazo de cinco dias úteis para interposição de recurso, por um décimo da composição da Casa, para que os **Projetos de Decreto Legislativo nºs 440 e 444, de 2007**, sejam apreciados pelo Plenário.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Com relação aos **Pareceres nºs 64 e 65, de 2008**, referentes aos **Avisos nºs 161, de 2001, e 99, de 2007**,

a Presidência, em observância às suas conclusões, encaminha as matérias ao Arquivo.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Sobre a mesa, ofício que passo a ler.

É lido o seguinte:

Of. nº CE/170/2007

Brasília, 4 de dezembro de 2007

Senhor Presidente,

Nos termos do parágrafo 2º, do artigo 91, do Regimento Interno do Senado Federal, comunico a Vossa Excelência que esta comissão deliberou, em caráter terminativo, em reunião realizada nesta data, pela aprovação do Projeto de Lei do Senado nº 106, de 2007, de autoria de Sua Excelência o Senhor Senador Expedito Júnior que, “Altera o art. 2º da Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005, que dispõe sobre o Programa Universidade para Todos (PROUNI), para permitir que bolsas remanescentes do programa sejam destinadas a estudantes que tenham cursado parte do ensino médio em escolas privadas”, com a emenda oferecida.

Atenciosamente, Senador **Cristovam Buarque**, Presidente da Comissão de Educação, Cultura e Esporte.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Com referência ao ofício que acaba de ser lido, fica aberto o prazo de cinco dias úteis para interposição de recurso, nos termos do art. 91, §§ 3º a 5º, do Regimento Interno, por um décimo da composição da Casa, para que o **Projeto de Lei do Senado nº 106, de 2007**, seja apreciado pelo Plenário.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Há oradores inscritos.

Chamamos para usar da palavra o primeiro orador inscrito, o Senador pelo Distrito Federal, do Partido Democrata Trabalhista, Professor Senador Cristovam Buarque.

V. Exª é convidado a ser o primeiro orador desta sessão.

Regimentalmente, V. Exª tem direito a usar a tribuna por dez minutos, mas 10 é a nota que dou a V. Exª, que pode usar o tempo que julgar conveniente.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.)

– Sr. Presidente, Srªs e Srs. Senadores, não vi ainda qualquer referência, neste ano, ao fato de estarmos comemorando 20 anos da nossa Constituição.

Creio que o Senador Jarbas Vasconcelos participou intensamente do processo, não como Parlamen-

tar, mas como eu, que também não era Parlamentar. Participamos todos intensamente.

Vinte anos é um quinto de um século. Se a gente analisar com cuidado esses vinte anos de Constituição, é claro que podemos ver avanços imensos no País: avanços na democracia, avanços na liberdade de imprensa. Não há dúvida de que foram vinte anos de avanços. Mas quando a gente olha o presente, o dia-a-dia, o noticiário, o funcionamento desta Casa e do Parlamento em geral, o funcionamento do Poder Executivo e do Poder Judiciário, creio que esses vinte anos não deixaram os resultados que tínhamos o direito de exigir quando o Deputado Ulysses Guimarães proclamou e apresentou nossa Constituição que ele chamou de cidadã.

Por que será que, nesses vinte anos, não conseguimos fazer com que aquela Constituição, tão sofrida, tão elaborada, fruto de tanta luta, ajudasse a aglutinar este País? Por que não conseguimos fazer com que, hoje, vinte anos depois, o debate que travamos aqui fosse diferente daquele do dia-a-dia? Um debate como o desta manhã, que terminou há pouco, sobre a transposição do rio São Francisco, é uma exceção e não a regra do dia-a-dia. Por quê? Por que, vinte anos depois da Constituição, temos uma imprensa livre que divulga tudo, mas o tudo que ela divulga são escândalos, escândalos e escândalos? Por quê? Por que tínhamos, há vinte anos, ainda um regime com uma Constituição autoritária e agora, vinte anos depois temos um país que evoluiu, com uma Constituição que foi debatida, que trouxe avanços, mas cujo resultado é um país dividido, um país de cartões de crédito corporativo, um país de apartamentos funcionais com mobiliário de altíssimo valor, um país cujo avanço na educação foi insignificante diante das exigências que temos? Vinte anos depois, a despeito de tudo o que está escrito sobre saúde na Constituição, ainda é um país profundamente deficiente na educação. Por quê? É possível que, daqui a algumas décadas, analistas venham a descobrir a razão concreta, mas creio...

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Pedimos silêncio no Parlamento porque há orador na tribuna, o Senador Cristovam Buarque.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF) – ...que não estarei errado e não serei desmentido se, daqui a dez, vinte ou trinta anos, disser que a principal causa de a nossa Constituição não ter trazido o país que esperávamos foi a falta de algo que não conseguimos construir ao longo destes vinte anos, que é o espírito público.

A própria Constituição, Presidente Mão Santa, foi corporativa. Era um país que vivia alta inflação, onde os recursos pareciam ser capazes de atender a todas as reivindicações de qualquer grupo, independentemente da dimensão dessas reivindicações. É uma Constituição que ofereceu tudo a cada grupo e não foi capaz de trazer para o espírito nacional o sentimento de conjunto, o sentimento de nação, que ainda não conseguimos construir.

Por isso, vinte anos depois de termos uma Constituição que o Deputado Ulysses Guimarães chamou de cidadã, temos um país que não pode ser chamado claramente de país cidadão.

Quando a gente vê o uso de cartões, o uso de apartamentos funcionais, quando a gente vê as notícias sobre corrupção, não há dúvida de que o que mais faz com que isso aconteça, vinte anos depois da Constituição, é o fato de que, entre nós, todos os políticos, no Executivo, entre todos aqueles que fazem o funcionamento mesmo dos outros Poderes, nós vemos o espírito público em segundo lugar. Nós vemos em primeiro lugar o interesse pessoal, o interesse corporativo, e só depois o interesse coletivo, comum, do conjunto da Nação brasileira. A Constituição não conseguiu aglutinar o País; ela conseguiu arrumar o País como se fosse um quebra-cabeça de pequenas peças separadas umas das outras, que casam, mas não combinam, não se aglutinam, não são uma só.

Não conseguimos, com a Constituição, Senador Jarbas, transformar um país em uma nação. Continuamos tendo um território, um idioma, um povo, mas não uma nação completa. E a falta da nação leva, obviamente, a um comportamento sem espírito público da parte dos dirigentes que nós temos. O resultado é que este País termina sendo governado visando a atender aos interesses pessoais imediatos de grupos corporativos, sem buscar uma linha de longo prazo que atenda aos interesses comuns. É por isso que os cartões corporativos, uma invenção que parece tão positiva, são mal usados, porque foram usados para interesses particulares, e não com a finalidade de servir ao melhor funcionamento do serviço público. É por isso que a gente vê que cada entidade deste País, inclusive as universidades federais, terminam, Senadora Marisa, sendo federais, mas não públicas, sendo estatais, mas não do povo. A gente vê que a comunidade se apropria da instituição como se a comunidade fosse sua dona, não como se a comunidade de professores, alunos e servidores fosse apenas o instrumento para

fazer com que essa instituição federal estatal fosse pública também.

É por isso que a gente tem que reconhecer que até mesmo a privatização de diversas empresas estatais foi feita tendo em vista o interesse público, porque, antes de serem privatizadas – não discuto se houve ou não defeitos na forma de privatizar –, elas serviam a sua comunidade interna e não ao conjunto da sociedade brasileira. O que falta é a gente dar um salto e transformar a Constituição, o território e a população em uma nação. A Constituição não bastou, em nenhum lugar do mundo ela basta. Aí volto ao velho tema de uma nota só em que insisto: uma nação só se faz com uma escola igual para todos, igual e de alta qualidade para todos.

Quando a Itália foi constituída, há 150 anos, ela era um conjunto de principados, ducados com idiomas diferentes, com costumes diferentes. Quem transformou aquilo em um país, em uma nação foi a escola, a partir da educação das crianças. Foi também o exército, mas não pelo lado da segurança, e sim pelo lado da educação dos jovens que já tinham passado da idade escolar.

Vinte anos depois da Constituição, a gente tem que reconhecer os avanços que ela trouxe, mas tem que reconhecer também que ela não foi capaz de trazer o espírito público que a gente precisa para cada cidadão brasileiro – e não vamos pôr a culpa apenas nos dirigentes –, para cada um de nós que continua sendo um indivíduo isolado e, no máximo, parte de uma família, de uma corporação, não tendo o sentimento do conjunto da Nação brasileira. É disso que a gente precisa daqui para a frente.

Os constituintes fizeram o trabalho deles há vinte anos. Poucos daqueles ainda estão aqui. É hora de a gente pensar em como dar o passo seguinte à Constituição, em como fazer a revolução de que este País precisa. Fizemos uma Constituição, Senador Nery, sem fazer uma revolução. Não existe Constituição sem revolução, porque ela vira apenas um documento, não vira uma alma. A alma deste País vai exigir uma revolução.

Eu insisto, e nisso talvez discorde de outros revolucionários, em que para mim essa revolução não está na economia. Para mim, a revolução não está em desapropriar o capital do patrão e dar ao trabalhador. Para mim, a revolução está em pegar o filho do trabalhador e colocar na mesma escola do filho do patrão. Aí uma geração de brasileiros novos, de brasileiros formados com o mesmo conteúdo, dentro do mesmo espírito...

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Professor Cristovam, seu tempo regimental se encerrou, mas eu o prorroguei por cinco minutos.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF) – Obrigado, Sr. Presidente.

Com essa nova geração sendo formada com um espírito que nos unifique e que dê uma alma à nação brasileira, vamos poder dizer que a Constituição não foi apenas um documento que nos permite saber como nos comportarmos com a liberdade que ela garante, mas, mais do que um instrumento, como uma espécie de certidão de casamento de toda a nação brasileira em uma só imensa família, que não será constituída apenas por papéis, apenas pelas instituições governamentais. Só será constituída por aquilo que, de fato, é o altar onde uma nação casa os seus habitantes: a escola, a escola igual para todos, a escola com a mesma qualidade para todos.

Nós não fizemos isso quando elaboramos a nossa Constituição. A Constituição desprezou o objetivo central de garantir a todo brasileiro uma escola com a mesma qualidade. Leia-se a Constituição e vai-se ver que a educação não recebeu a importância que deveria. E a pouca importância que recebeu não foi cumprida pelos governos que se seguiram, até porque, no espírito dela, está a idéia de que a escola é municipal e não, nacional. Nela está a idéia de que só é federal aquilo que é da minoria privilegiada, aquilo que é de importância para a economia, aquilo que serve à infra-estrutura; não está aquilo que serve às crianças e ao povo em geral.

A transposição do São Francisco, que debatemos toda esta manhã, é um projeto federal. Ninguém fala em transposição do conhecimento como projeto federal, ninguém fala em transposição das crianças em uma geração de adultos sob a influência e os recursos federais. A água é federal; as estradas, federais; a energia, federal; os aeroportos, federais; o Banco do Brasil, federal. Escolas, não. Escolas, deixam para os ricos as privadas e, para o público, escolas sofrendo a escassez de recursos dos nossos pobres Prefeitos do País – e desiguais, além de pobres.

É sobre isso que talvez, nestes 20 anos da Constituição, a gente precisasse refletir. Este é um ano que tem muitas coincidências: 200 anos da vinda da metrópole para cá, 120 anos de abolição da escravatura, 20 anos da Constituição e 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Será que a gente não podia pegar os zeros desses números – dois zeros dos 200, um dos 60, outro dos 120, outro dos 20 – e tentar fazer com que esta Casa reflita como completar

a tarefa dos Constituintes, dos abolicionistas, de Dom João VI, quando veio para cá, e dos direitos humanos? Tudo incompleto.

Este talvez seja o desafio da nossa geração: tentar completar aquilo que a história do Brasil insiste, persiste, que é a idéia de não completar o seu destino, de parar no meio do caminho de tudo o que a gente tenta fazer no País.

E nós paramos no meio do processo constituinte. Não completamos esse processo porque não fizemos a transformação social de que o Brasil precisa e que prometemos que faríamos pela Constituição, o que é falso. A Constituição, ao contrário, só é plena quando é feita depois da transformação. Quisemos fazer o inverso, e não deu certo. Não vamos agora também propor rasgá-la. Vamos propor completá-la.

É isso, Sr. Presidente, que eu tinha a dizer, lembrando, talvez pela primeira vez este ano, que a Constituição completa um número redondo de 20 anos. Chega à maioridade, mas não chega à plenitude de que a sociedade brasileira precisa.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – V. Ex<sup>a</sup> revive Monteiro Lobato, quando disse que um País se faz com livros e homens.

Convidamos para usar da palavra a oradora inscrita Senadora Marisa Serrano, do PSDB do Estado de Mato Grosso do Sul.

**A SRA. MARISA SERRANO** (PSDB – MS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Obrigada, Sr. Presidente.

Este é o primeiro pronunciamento que faço este ano e gostaria muito de homenagear a memória da minha mãe, Zilda Serrano, que faleceu semana passada, uma mulher de garra, uma mulher de fibra, determinada, assim como a D. Maria Salomé de Lucena, que faleceu hoje, mãe do Senador Cícero Lucena, de quem também conheço a história, por intermédio do Cícero, da sua esposa e dos seus filhos, e sei o quanto ela foi o esteio da família.

O Cícero me dizia, na semana passada, em relação à minha mãe, que sua mãe estava com problemas de saúde, mas que ela era realmente a fortaleza da sua família. Então, quero homenagear essas duas mulheres, porque é importante quando falamos de esteio e de família.

O Senador Cristovam Buarque falou, hoje, sobre aquilo que é importante: fazer com que a população brasileira se modifique, se transmude em termos de educação.

A educação é importante, como é importante a escola, mas mais importante do que a escola é a for-

mação da família, uma família bem estruturada, uma família que passa a seus filhos as noções de moral, de ética, de cidadania, de dignidade. Quando a família consegue passar para seus filhos os valores maiores da sociedade, podemos garantir que teremos uma sociedade melhor.

A escola tem de ajudar, apoiar, passar o conhecimento, mas os valores são fundamentais na família. E felizes aqueles que tiveram mães como eu tive, como o Cícero teve e tantos outros e que puderam desfrutar da vida da sua mãe e estar junto com elas, percebendo quão importantes são esses valores familiares.

Sr. Presidente, chegamos no começo de uma nova legislatura. E o que é que o brasileiro está vendo no começo desta nova legislatura? Está vendo um bom exemplo, um exemplo de homens, mulheres, servidores da Nação que possam passar para toda a população brasileira essa idéia de dignidade, essa idéia de seriedade, de compromisso com o trabalho assumido, com o cargo assumido? Não. O que vimos durante o recesso desta Casa? Cada dia, um escândalo novo. Cada dia, os jornais, a imprensa estampavam para todo o País a idéia de que o servidor público, aquele que tinha obrigação de servir o público, estava servindo-se do público para ele próprio.

Essas questões preocupam, porque me parece que este será um ano difícil. Começamos passando o ano com uma crise imobiliária nos Estados Unidos. Foi uma crise que fez o mundo parar, as bolsas caírem e todos ficarem perplexos, esperando o pior. Não sei se estamos blindados contra isso. Não sei se o Brasil conseguirá passar por essa tormenta, ou se o mundo conseguirá passar por ela.

Logo depois, passando o final do ano, houve a angústia em saber se São Pedro iria derramar suas lágrimas, para que os reservatórios se enchessem e não tivéssemos um apagão. Todo mundo rezou para chover nas cabeceiras dos rios. Essa foi uma preocupação de cada um dos brasileiros, acompanhando como estavam as chuvas, em cada região do País.

Mas aí outras coisas aconteceram. Será que a inflação aumentaria no País? Por que a população começou a pensar assim? Porque os alimentos começaram a subir. O feijão disparou, e a dona-de-casa, cada vez que ia ao supermercado, começava a pensar sobre isso.

Ontem, ouvi uma reportagem em que uma dona-de-casa dizia que enchia o carrinho com um valor, mas agora estava quase dobrando o preço do mesmo carrinho de alimentos que comprava no supermercado.

Se a alimentação está se tornando cada dia mais cara, a população começa a imaginar que a inflação está voltando ou que as coisas estão ficando difíceis. Mas será que é só isso? Será que a saúde também, essa parte caótica que nós estamos vendo... “Ah, precisa de mais dinheiro!” Precisa de mais gestão! E gestão de qualidade, para uma saúde melhor para a população brasileira. E a educação está melhor? Não, a educação não está melhor. Todos os índices dizem que a educação brasileira está piorando.

Então, eu fico preocupada quando vejo toda a mídia nacional, principalmente a mídia oficial, dizer que o País vai muito bem. Preocupa-me muito, Senador Mário Couto, quando vejo isso. Como, Senador Mário, pensar que o País está indo bem se o que é fundamental – segurança, educação, saúde – está ruim, quando se vê que moralmente este País está caindo, que os valores não estão sendo respeitados por aqueles que deviam respeitá-los? Então, como se pode pensar assim? Não é só dando uma bolsa de alimentos para a população que faremos um País melhor.

Eu não imagino o Brasil daqui a umas décadas. E quero me associar ao Senador Cristovam, que acabou de se pronunciar. Como vamos imaginar um país de uma geração que convive com a situação vigente no Brasil?

Então, não será o PAC, nem as estrada, nem uma cesta de alimentos que farão com que o nosso País melhore e a sua população possa sentir orgulho de ser brasileira.

Senadora Rosalba.

**A Sr<sup>a</sup> Rosalba Ciarlini** (DEM – RN) – Senadora Marisa Serrano, V. Ex<sup>a</sup>, com sua brilhante inteligência e experiência, tem sido, desde o primeiro dia, uma defensora intransigente do nosso povo e do bem-estar da nossa gente. V. Ex<sup>a</sup> expressa uma preocupação com muito clareza: como será o Brasil de amanhã? Será que amanhã haverá ainda mais violência? Ainda mais homens, mulheres e crianças morrendo nas filas dos hospitais? Por tudo isso, quero me associar a V. Ex<sup>a</sup> e também ao Senador Cristovam Buarque, pois acredito que para melhorar só existe um caminho: o caminho da educação. São essas sementes que precisamos lançar nessa terra fértil da inteligência das nossas crianças. E temos de começar pelos pequeninhos. Se não dermos uma atenção especial àqueles que estão começando agora a aprender as primeiras letras, com o direito maior, previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente, a uma creche de qualidade, à alfabetização, à pré-escola que

também os prepare para o desafio do ensino fundamental e do ensino médio, para que sejam grandes homens e grandes mulheres no futuro da Nação, nós não vamos conseguir melhorar este Brasil. Então, o que falta ao País – digo com toda a honestidade, eu sinto – não são recursos. O Brasil vem mostrando superávit de arrecadação. O que falta realmente é direcionar as ações que são prioritárias. Em vez de gastos dispendiosos com cartões corporativos, com viagens muitas vezes desnecessárias, com tanta coisa que acontece, nós temos de priorizar educação e saúde. Associe-me a V. Ex<sup>a</sup> e ao Senador Cristovam Buarque, formando essa bancada pró-educação para melhorar o nosso Brasil.

**A SRA. MARISA SERRANO** (PSDB – MS) – Obrigada, Senadora Rosalba.

Senador Mário Couto.

**O Sr. Mário Couto** (PSDB – PA) – Senadora Marisa, inicialmente eu quero confessar a V. Ex<sup>a</sup> a minha admiração pela sua postura neste Senado. Cada vez que V. Ex<sup>a</sup> vai à tribuna, com um tema de fundamental importância para a sociedade brasileira, anima-me a lhe fazer um aparte. Sei que V. Ex<sup>a</sup> perde um pouco do seu tempo, mas, com esses pronunciamentos tão dignos, V. Ex<sup>a</sup> me motiva a apartear-la. Quero dizer a V. Ex<sup>a</sup> que, nas nossas casas, mãe e pai dão exemplos aos filhos. A mesma coisa devia fazer o Presidente da República: dar exemplo aos seus filhos brasileiros e brasileiras, aos filhos que estão sofrendo. Gastar menos é a primeira coisa que se ensina, é a lição primária dentro de casa: gaste menos, economize. E o País devia, por intermédio do Presidente da República, seguir esse ensinamento familiar. Ele devia dar o bom exemplo à Nação, aos filhos brasileiros e brasileiras: gastar menos. Tudo isso, saúde, educação, segurança, é exatamente porque o Governo gasta demais, cobra imposto para, simplesmente, suprir a sua ganância. Senadora, daqui a pouco estarei na tribuna mostrando mais números – e olhe que eu mostro toda semana números da ganância da Presidência da República. Cartões corporativos com bebidas alcoólicas, Senadora, hotéis de alto luxo!

E a população brasileira pagando tudo isso, sofrendo nos hospitais, sofrendo nas ruas, enquanto o Presidente da República diz que Bolsa-Família e tudo isso é do que o povo brasileiro precisa. Nada mais. Que erro, Senadora! Erro preocupante para todos nós. Precisamos, Senadora, fazer como V. Ex<sup>a</sup> está fazendo, todos os dias dessa tribuna: mostrar ao Presidente, falar. Vem à tona, sim. Essa tribuna



é muito forte, Senadora, tem um eco muito grande. Vem à tona, sim, como vieram os cartões corporativos. Oxalá! Tomara! Peço a Deus que essa CPI seja produtiva e chegue até o Ministério Público para as devidas apurações! Senadora, mais uma vez, parabéns pelo seu pronunciamento.

**A SRA. MARISA SERRANO** (PSDB – MS) – Obrigado, Senador Mário.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Senadora Marisa Serrano, o seu tempo se esgotou, mas eu o proroguei por mais cinco minutos.

**A SRA. MARISA SERRANO** (PSDB – MS) – Muito obrigada.

Senador Flexa Ribeiro.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Brilhante Senadora Marisa Serrano, Mato Grosso do Sul é um Estado privilegiado por ter V. Ex<sup>a</sup> representando-o aqui no Senado Federal. O PSDB tem em V. Ex<sup>a</sup> uma das suas mais proeminentes e competentes lideranças. V. Ex<sup>a</sup>, como Vice-Presidente Nacional do nosso Partido, tem andado por este Brasil todo e levado a sua mensagem de fé, de crença na qualidade de vida melhor para o povo brasileiro.

O seu pronunciamento de hoje, como todos os outros, traz assuntos importantíssimos. Lamentavelmente, só temos que registrar questões de caos na segurança, na saúde, na educação, que são obrigações do Governo para atender à sociedade não de forma populista, assistencialista, como este Governo pratica, mas sim com dignidade, dando dignidade a todos os cidadãos. Quero parabenizá-la, Senadora Marisa Serrano. Continue na sua trajetória. O escândalo a que a Nação assiste é mais um, porque, ao longo desses seis anos do Governo Lula, a cada, não digo nem a cada semestre, talvez em menos tempo, surge um novo escândalo. Hoje a Oposição protocolou, na Mesa do Congresso Nacional, o pedido da CPI mista dos cartões corporativos, como uma demonstração à sociedade e à mídia de que a Oposição quer investigar o fato concreto do Governo Lula. E como eles querem também abrir o Governo Fernando Henrique Cardoso, apesar de não ter havido nenhuma denúncia a respeito de Fernando Henrique... Depois, vou trazer ao conhecimento de todos o *e-mail* que o Presidente Fernando Henrique enviou ao Presidente Sérgio Guerra, pedindo que ele também fosse investigado e que abrisse as suas contas. Então, vamos nesse caminho, na certeza de que o Brasil está crescendo, mas está crescendo muito pouco do que poderia crescer se tivesse continuado o projeto do PSDB que foi interrompido...

**(Interrupção do som.)**

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Prorroguei por mais um minuto, porque V. Ex<sup>a</sup> tomou todo o tempo da Senadora.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Foi interrompido temporariamente, mas será retomado a partir de 2010. Parabéns, Senadora.

**A SRA. MARISA SERRANO** (PSDB – MS) – Obrigada, Senador Flexa.

Já terminando a minha fala, queria dizer que todas as palavras dos Senadores que me apartearam indicam que é necessário que se faça alguma coisa. O que me estarrece quando eu vejo que as coisas andam de mal a pior é o caso que foi levantado aqui dos cartões corporativos. Qual é a atitude do Governo? Teria que ser a atitude que o Governador Serra teve ontem em São Paulo: cancelar os cartões. Hoje me telefonaram e disseram: “Mas continua? O cartão continua do mesmo jeito?” Do mesmo jeito, dizendo: “Olha, não gaste tanto, segura aqui, olhe ali.” Mas não é assim, tinha que se cancelar os cartões e, a partir do cancelamento, organizar algo que não pode continuar da forma que está. A sociedade está fazendo chacota e brincadeira a respeito disso. Onde chegamos perguntam: “Cadê meu cartão? Eu também quero o meu.” Essas brincadeiras indicam que a sociedade está passando do limite e da consciência que ela tem do que é real e do que é digno na sociedade. E isso é muito ruim para todos nós, para todas as instituições como a nossa acompanhar o que está acontecendo neste País.

Quero terminar a minha fala, Sr. Presidente, agradecendo a gentileza de V. Ex<sup>a</sup> e dizendo que tudo que tentei expor aqui foi justamente no sentido de fazer coro com o que o Presidente da nossa Casa falou na abertura dos trabalhos. Ele reiterou a idéia e a vontade de que o Senado seja livre e independente e de que esta seja a Casa onde os Senadores apresentem as suas propostas para serem votadas e ouvidas.

Quero fazer um alerta principalmente ao Senador Garibaldi Alves Filho, o nosso Presidente, a fim de que ele continue nessa senda, pois estamos juntos com ele, lutando para fazer com que o Senado brasileiro resgate a sua credibilidade perante a população. Isso acontecerá se todos nós dermos o exemplo que falta a tanta gente neste País.

Agradeço a sua atenção. Muito obrigado, Sr. Presidente.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Sr. Presidente, peço a palavra para uma comunicação inadiável.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – V. Ex<sup>a</sup> está inscrita para uma comunicação inadiável.

Em breve, concederei a palavra à Senadora Rosalba Ciarlini.

**A SRA. FÁTIMA CLEIDE** (Bloco/PT – RO) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Concedo a palavra, pela ordem, à Senadora Fátima Cleide.

**A SRA. FÁTIMA CLEIDE** (Bloco/PT – RO. Pela ordem. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente, se a Senadora Rosalba Ciarlini me permitir, apenas solicito a minha inscrição para uma comunicação inadiável.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – V. Ex<sup>a</sup> está inscrita como segunda oradora.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Concedo a palavra, pela ordem, ao Senador Flexa Ribeiro.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA.) – Sr. Presidente, a Senadora Rosalba Ciarlini está com a palavra.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Sei que todos os nossos colegas têm o mesmo direito, mas peço uma atenção especial já que terei de viajar em breve para o meu Estado em virtude de um compromisso amanhã cedo.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – A questão da ordem e do progresso está na bandeira. V. Ex<sup>a</sup>, usando a sensibilidade e a responsabilidade administrativa, vai falar para uma comunicação inadiável, como primeira oradora. Como segunda, está inscrita a Senadora Fátima Cleide.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, eu pediria a V. Ex<sup>a</sup> a minha inscrição para uma comunicação inadiável e...

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – V. Ex<sup>a</sup> será chamado brevemente.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – ...e quero pedir a inserção nos Anais do Senado do *e-mail* que o ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso enviou às 12 horas e 13 minutos para o Presidente do PSDB, Se-

nador Sérgio Guerra, no qual garante jamais ter usado dinheiro público para pagar despesas pessoais.

O *e-mail* diz o seguinte:

Estimado Presidente e amigo:

Tendo sido veiculado pela mídia que setores do PSDB estariam preocupados com desdobramentos da CPI sobre os cartões corporativos ou outras formas de gasto público no período de meu governo e, em particular, despesas incorridas por mim ou por membros de minha família, desejo informar-lhe, e pedir que transmita a nossos companheiros, que não vejo motivos para qualquer preocupação nesse sentido.

Nem eu nem minha família jamais usamos recursos públicos para sufragar nossas despesas pessoais. Quanto aos gastos normais da máquina pública, inclusive no que diz respeito aos incorridos na manutenção dos palácios, nunca foram objeto de determinações específicas nossas. Se, eventualmente, não seguiram as regras e trâmites normais, é bom que isso seja identificado e esclarecido, para que os erros não se repitam.

As poucas despesas cuja publicidade pode afetar realmente a segurança das pessoas são submetidas aos órgãos de controle contábil do Governo, e, sob condição, não há razão para que o Congresso deixe de tomar conhecimento delas. Todas as demais podem ser investigadas sem maiores inconvenientes ou restrições, desde que não haja má-fé, predisposição para desmoralizar (...)

Sr. Presidente, solicito a inserção da correspondência do ex-Presidente Fernando Henrique, que demonstra que quem não quer a CPI dos cartões corporativos é o atual Governo. O *e-mail* do ex-Presidente Fernando Henrique ao Presidente Sérgio Guerra demonstra que pelo Governo do PSDB não há nenhuma restrição em se abrir todos os cartões corporativos em todos os momentos.

Obrigado.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR FLEXA RIBEIRO EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e o §2º, do Regimento Interno.)

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso enviou às 12h13 um e-mail para o presidente do PSDB, senador Sérgio Guerra (PSDB-PE), no qual garante jamais ter usado dinheiro público para pagar despesas pessoais.

"Exmo. Senhor senador Sérgio Guerra

Digníssimo Presidente do PSDB

Estimado Presidente e amigo:

Tendo sido veiculado pela mídia que setores do PSDB estariam preocupados com desdobramentos da CPI sobre os cartões corporativos ou outras formas de gasto público no período de meu governo e, em particular, despesas incorridas por mim ou por membros de minha família, desejo informar-lhe, e pedir que transmita a nossos companheiros, que não vejo motivos para qualquer preocupação nesse sentido.

Nem eu nem minha família jamais usamos recursos públicos para sufragar nossas despesas pessoais. Quanto aos gastos normais da máquina pública, inclusive no que diz respeito aos incorridos na manutenção dos palácios, nunca foram objeto de determinações específicas nossas. Se, eventualmente, não seguiram as regras e trâmites normais, é bom que isso seja identificado e esclarecido, para que os erros não se repitam.

As poucas despesas cuja publicidade podem afetar realmente a segurança das pessoas são submetidas aos órgãos de controle contábil do governo, e, sob condição, não há razão para que o Congresso deixe de tomar conhecimento delas. Todas as demais podem ser investigadas sem maiores inconvenientes ou restrições, desde que não haja má fé, predisposição para desmoralizar nem divulgação de boatos sem fundamento.

Desejo que o PSDB colabore para que a CPI em causa, além de desvendar equívocos eventualmente ocorridos e falhas nos processos de controle, ajude a coibir abusos e a determinar o que é e o que não é legítimo no uso de recursos governamentais, a fim de evitar a confusão, infelizmente tão freqüente entre nós, entre o público e o privado.

Com um abraço cordial,

Fernando Henrique Cardoso."

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– V. Ex<sup>a</sup> será atendido na forma regimental.

Quis Deus que eu estivesse na Presidência neste momento, pois governei o Estado do Piauí quando era Presidente da República Fernando Henrique Cardoso. Ele representa um dos presidentes com as mais excelsas qualidades, principalmente de honradez e de honestidade. Foi o único responsável pela página moralizante da República: o projeto de responsabilidade fiscal. Antes – dou um testemunho –, nenhum Município, nenhum Governo de Estado e nem o País tinha a noção exata da nossa dívida. Ele, com muito sacrifício, com o estoicismo e a honradez ímpar de dois homens extraordinários, Pedro Malan e Pedro Parente, a quem rendo homenagem em nome do Brasil, enquadraram este País na responsabilidade fiscal.

**O SR. ROMEU TUMA** (PTB – SP) – Pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Pela ordem, concedo a palavra ao Senador Romeu Tuma, enquanto aguarda usar a tribuna para uma comunicação inadiável a Senadora Rosalba Ciarlini.

**O SR. ROMEU TUMA** (PTB – SP. Pela ordem.

Sem revisão do orador.) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> se puder me inscrever para uma comunicação inadiável.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– V. Ex<sup>a</sup> já está inscrito.

Senadora Rosalba Ciarlini, V. Ex<sup>a</sup> é a primeira inscrita para uma comunicação inadiável e, regimentalmente, dispõe de cinco minutos, sem apartes.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN. Para

uma comunicação inadiável. Sem revisão da oradora.) – Cumprirei o tempo, Sr. Presidente, ilustre irmão nordestino Senador Mão Santa.

Hoje o plenário do Senado foi palco de uma audiência, podemos dizer, bastante movimentada, discutindo as questões referentes à transposição do rio São Francisco. Foram muitos os discursos, os oradores, a favor e contra. E, na realidade, ficou difícil, em razão do curto tempo que me foi dado, levar ao conhecimento desta Casa e do Brasil, no momento em que usei da tribuna, a carta que recebi de Dom Heitor de Araújo Sales. Entreguei-a à Mesa, já que não havia tempo para lê-la. Quero, portanto, aproveitar esta oportunidade, agradecendo ao Presidente por nos dar cinco minutos, para ler esta carta.

Natal, 13 de fevereiro de 2008

Excelentíssima Senadora Rosalba Ciarlini,

Cordiais saudações.

Agradeço o convite para a Audiência de amanhã sobre a chamada transposição do Rio

São Francisco. Infelizmente, não terei a satisfação de estar presente. Aos 81 anos de idade, nem sempre temos facilidade de viajar.

No entanto, quero reafirmar a minha posição que expressei em artigo que enviei para Vossa Excelência, há algumas semanas. Não é uma posição isolada. Faz um mês que estivemos reunidos, aqui em Natal, a Presidência do Regional Nordeste II da CNBB, que compreende quatro Estados: Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte (o Arcebispo de Maceió, D. Antônio Muniz, presidente; o Bispo de Campina Grande, D. Jaime Vieira Rocha, vice-presidente; e o Bispo de Palmares, D. Genival Saraiva de França, secretário), além de D. Matias Patrício de Macedo, Arcebispo metropolitano de Natal e minha pessoa. Dois assuntos foram abordados: 1) a enorme importância do trabalho que está sendo realizado para trazer um pouco da água, destinada ao oceano Atlântico, sem nenhuma utilidade prática (nem mesmo para diminuir o grau de salinidade do mar) para matar a sede de tão grande quantidade de irmãos nossos; 2) lamentar profundamente a atitude de um irmão no episcopado que, mesmo já sendo repreendido pela Santa Sé, volta a agir da mesma maneira. I – Todos sabemos da longa história, desde o Imperador D. Pedro II, da escassez de água nessa região do Brasil. Na década de vinte, meu avô materno trabalhou no início da construção do açude de Gargalheiras, chamado depois Eurico Gaspar Dutra. Também ele mesmo, depois foi transferido para o Boqueirão, em Parelhas, onde também as obras foram começadas. Quando criança, passei férias aí e vi os armazéns construídos, abarrotados de material, até dois guindastes movidos a lenha. As obras foram logo suspensas, quando outros interesses, ‘maquiados’ por belos discursos e cálculos pouco confiáveis, como ainda agora acontece com o problema da chamada ‘transposição’ do Rio São Francisco, retardaram por décadas os benefícios que as duas obras, hoje concluídas, trazem a milhares de pessoas. No começo da década de 40, no interior de Acari, onde hoje está construído o Gargalheiras [Acari fica no Seridó do nosso Estado], eu criança tinha em ano de seca apenas um copo de água pouco clara para de manhã escovar os dentes e lavar o rosto. Ou ainda...”

Deixe eu terminar a carta...

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI. Fazendo soar a campainha.) – Seja breve.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN) – Prossigo a leitura:

“Ou ainda ir com um empregado a um pequeno açude para trazer, num jumento, quatro pequenos barris de água, necessários para todas as necessidades da casa. Realmente, quem mora nas margens de um rio perene não sabe o que isso significa. Não consigo entender por que milhões de metros cúbicos de água são despejados no mar, depois de já terem passado pela Bahia e em outros lugares, enquanto tantas pessoas precisam desta água. Por que se acha que a revitalização do São Francisco não pode ser feita sem que apenas 1,4% da água jogada no mar seja transportada para nossos Estados tão necessitados? Se há alguma coisa erra, que o erro seja corrigido, mas não impedir que o projeto caminhe. Já há vários anos que este projeto está sendo melhorado até chegar a um modelo executável.

Faz cerca de seis anos que o Ministério da Integração Nacional enviou um de seus mais altos funcionários para expor e debater com os Bispos do Regional Nordeste II da CNBB este projeto, trazendo os esclarecimentos necessários. Quando foi construída a Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, em Assu, as mesmas ideologias lutaram para impedir sua realização, sob os mais variados e discutíveis argumentos que hoje se repetem. Graças a Deus e à firmeza do Governo Federal a Barragem foi construída e hoje milhares de pessoas em dezenas de cidades do Rio Grande do Norte têm água boa. No mês seguinte à inauguração da adutora que trouxe a água da Barragem à cidade de Angicos, primeira a receber de lá água encanada, houve uma diminuição de 40% de entradas de doentes no hospital local. O Rio Grande do Norte tem hoje mais de mil quilômetros de adutoras que servem várias dezenas de cidades. A água que vai para o mar é tanta que só 2% dela será suficiente para garantir, por exemplo, que haja água neste reservatório em anos sucessivos de seca, como já acontece. Senadora Rosalba, a senhora já terá visto animais mortos por falta de água ou crianças chorando por falta de água. Lute para que isto não venha a acontecer de novo.

II – Outro ponto que nos encheu de tristeza foi ver um irmão no Episcopado tendo uma atitude externa que se choca com o quinto mandamento da Lei de Deus. Não me refiro de modo algum à sua consciência. Esta só Deus pode julgar. Escrevi para ele e rezei para que o irmão conseguisse ver melhor a vontade de Deus. Quero até acreditar que ele ache que o pecado seria não fazer o que ele fez.

Em outubro de 2005, na mesma época da primeira greve de fome de Dom Cappio, havia em Havana, Cuba, três presos políticos fazendo greve de fome. O Cardeal Ortega, Arcebispo de Havana, fez uma carta a eles se solidarizando com o sofrimento deles, mas dizendo que a Fé cristã impedia aquela atitude. A vida é dom de Deus e ninguém pode tirá-la ou prejudicá-la gravemente, por mais importante que julgue ter motivos para assim agir. A carta da Congregação dos Bispos, de 4 de outubro de 2005, assinada pelo Cardeal Giovanni Re, endereçada a Dom Cappio, lemos: ‘Em nome da Santa Sé, peço firmemente que não prossiga com esse gesto radical. Não é esse o modo aceitável para exprimir a sua solicitude e sua doação pelo Povo de Deus.

A Santa Sé confia que Vossa Excelência não desobedecerá o preceito divino de não extinguir e prejudicar a sua vida e que imediatamente V. E. colocará fim a este gesto em obediência também à Santa Sé.’

Estas palavras da Santa Sé são suficientes para terminar esta carta.

Que Deus abençoe seu trabalho no Senado Federal para o bem de nossa Pátria e de nosso Estado.

+Dom Heitor de Araújo Sales

Arcebispo Emérito de Natal e coordenador do Movimento pró-Transposição do Rio São Francisco no Rio Grande do Norte.”

Muito obrigada, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Depois de ouvirmos a prolixa carta do Bispo de Natal – ele devia se inspirar no Sermão da Montanha, que foi tão rápido e uma mensagem tão cristã –, nós convidamos para usar da palavra, por permuta com o Senador inscrito César Borges, a Senadora Serys Slhessarenko, do Partido dos Trabalhadores do Estado do Mato Grosso.

V. Ex<sup>a</sup>, regimentalmente, tem direito a usar a tribuna por dez minutos.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da

oradora.) – Obrigada, Senador Mão Santa, que preside esta sessão. Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, volto ao tema do setor de energia e, desta feita, estimulada pelo sempre combativo Senador Flexa Ribeiro, bravo escoteiro sempre alerta aos interesses deste País, que solicitou dados que comprovassem a expansão do setor elétrico no Governo do Presidente Lula. Eu já tinha esses dados, mas meu tempo, naquele momento, para apresentá-los, era bastante exíguo, por isso eu não pude fazê-lo. Hoje já estão no nosso *site*.

Com muita satisfação, apresento-os agora ao Brasil, aproveitando para salientar que são parte de uma estratégia planejada, pensada e que redundou em ação correta no momento em que precisou ser acionada.

O Senador Flexa Ribeiro dizia que o nosso Governo precisava muito agradecer a Deus. E ele tem razão, pois foi salvo pelas chuvas, que, em hora certa, evitou o apagão elétrico no Brasil, como aquele que ocorreu no Governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso. Repito, Senador, Deus protege quem trabalha de forma organizada e planejada...

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – Senadora Serys, V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte curto?

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Pois não.

**O Sr. Marcelo Crivella** (Bloco/PRB – RJ) – V. Ex<sup>a</sup> traz aqui uma notícia auspiciosa. Quando o Senador Lobão, nosso amigo, companheiro, assumiu o Ministério, ouça só, Senador Flexa, os leilões de energia davam conta de um megawatt a R\$500,00, por conta de especuladores. Hoje está a R\$120,00. A chuva caiu do céu de maneira abençoada, eu diria de maneira providencial. E hoje nós estamos, Senadora Serys, comemorando o fato de que o Brasil – este ano, não teria problema; teria no ano que vem – nem no ano que vem terá problema. O Senador Flexa Ribeiro e o Senador Mário Couto, que são muito respeitados, sabem que o Governo do Presidente Lula tem trazido grandes avanços a este País. Falam muito do apagão, mas o apagão é tucano, de bico grande, de plumas, como também o problema do nosso mensalão. O mensalão é mineiro; o mensalão é tucano – se é que houve. O mesmo ocorre com os cartões. Os cartões são tucanos. Começaram no Governo passado. Senadora Serys, quero parabenizar V. Ex<sup>a</sup>, o Brasil, nós todos, porque estamos livres do apagão e, em breve, com a CPI, estaremos livres também de todos esses problemas que afligem o nosso País: cartões, apagões ou mensalões. Muito obrigado, Senadora.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Obrigada, Senador.

Na terça-feira, Senador, fiz um discurso em dizia que o alarmismo do apagão foi só alarmismo, que teve a intenção de assustar realmente a população com notícias como aumento de preço, etc. Agora, o Senador Marcelo Crivella, em aparte, vem corroborar com a minha primeira fala na terça-feira, que foi na linha da sua fala de hoje.

Peço licença agora para citar alguns dados. O Brasil, desde a década de 30, montou um acervo com as vazões diárias dos principais rios que abastecem os reservatórios do sistema hidrelétrico. Tais registros permitem conhecer, com razoável confiabilidade, o regime hidrológico de nosso grande território. Infelizmente a coleta de dados foi descontinuada na década de 90 e, com o desmantelamento dos órgãos de planejamento, muitos dos registros e das séries históricas se perderam durante as privatizações.

O Governo Lula recuperou o planejamento, retomou os apontamentos e, o mais importante, recuperou o acervo histórico. E, agora, exatamente porque dispomos de dados confiáveis sobre o comportamento de nossos rios, ampliamos a capacidade de geração e a malha de transmissão.

Hoje, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, diante desse esforço gigantesco, temos um sistema seguro e bastante confiável, coisa que não ocorreu em 2001, quando o Governo, por absoluta falta de informações, levou-nos a um duro racionamento.

O parque de geração de energia elétrica é composto de 1.680 usinas, com potência instalada de 100.352 MW. Por fontes, temos: 667 hidrelétricas, com 76.869 MW, o correspondente a 76,6%; 995 termelétrica, com 21.229 MW, o correspondente a 21,2%; duas nucleares, com 2.007 MW, correspondentes a 2% do total; dezesseis eólicas, com 247 MW, correspondentes a 0,2% do total. Total por fontes: 100.352 MW.

Fontes renováveis em valores arredondados: 81 MW; fontes não-renováveis: 19 mil MW. Total: 100.352 MW.

Soma-se ainda a essa capacidade de geração própria a importação contratada de 5.850 MW, perfazendo o total em potência disponível de 106.202 MW.

A importação é feita por meio de linhas de interligação ou usinas com os países vizinhos: do Paraguai, 5.650 MW; da Venezuela, 200 MW. Total: 5.850 MW.

O sistema interligado compreende 96,7% do parque gerador nacional, com o valor de 97.013 MW. Os demais 3,3% são das usinas dos sistemas isolados, com o valor de 3.339 MW.

Expansão da geração no período Lula: foram acrescentados, de 1º de janeiro de 2003 a 31 de dezembro de 2007, 18.639 MW à capacidade de geração de energia elétrica no Brasil, o que representou um

incremento, Sr. Presidente, de 23,20% na capacidade instalada de geração. No período de 1º de janeiro de 2007 a 31 de dezembro de 2007, foram acrescentados 4.028 MW à capacidade de geração.

**A Srª Fátima Cleide** (Bloco/PT – RO) – Senadora Serys.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – E nós temos certeza que, em 2008, com o nosso companheiro Senador Lobão, com todo o planejamento e a disposição do Governo Lula, a tendência é realmente de nos firmarmos para nunca mais termos apagão.

**A Srª Fátima Cleide** (Bloco/PT – RO) – Senadora Serys.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Quando a Ministra Dilma disse à imprensa que não tínhamos apagão, parece que muita gente ficou em dúvida, porque havia muitas vozes, ecos contrários, mas ela, com a determinação que lhe é peculiar, proclamou isso. A verdade está aí posta para todo o País ver.

O acréscimo no período de 1º de janeiro de 2003 a 31 de dezembro de 2007, acima indicado, decorreu da implantação de 77 unidades geradoras em 22 usinas hidrelétricas, 107 unidades geradoras em 55 PCH, 146 unidades geradoras em 59 usinas termelétricas e 220 unidades geradoras em 38 usinas do PROINFA, ou seja, 550 unidades geradoras em 174 usinas.

Para a implantação desses empreendimentos, foram investidos entre janeiro de 2003 e dezembro de 2007 aproximadamente R\$25,15 bilhões, sendo R\$6,14 bilhões em investimentos públicos e R\$19,1 bilhões em investimentos privados.

As usinas hidrelétricas e termelétricas em construção investiram em 2007, até 31 de dezembro, R\$5,251 bilhões.

Eu tenho aqui todo o resumo em planilha, que já está disponível no nosso sistema de informação.

Temos aqui também o sistema de transmissão existente.

A extensão total do sistema de transporte de energia elétrica existente no Brasil alcançou, em 31 de dezembro de 2007, a marca de 87.230km no Sistema Interligado, 1.448km nos Sistemas Isolados e 2.612km no Sistema de Conexão de Itaipu.

De 1º de janeiro de 2003 a 31 de dezembro de 2007, foram implementados 14.720km...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Vou prorrogar por mais 5 minutos, como fiz com os outros Senadores.

**A SRA.. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Muito obrigada, Presidente.

De 1º de janeiro de 2003 a 31 de dezembro de 2007, foram implementados 14.700km de linhas de transmissão (incremento de 20,3%) e 34.714MW de potência de transformação em 96 subestações em todo o território brasileiro, representando investimentos de R\$ 11 bilhões (R\$ 3,3 bilhões públicos e R\$ 8,3 bilhões privados).

Expansão da transmissão. Até 31 de dezembro de 2007, foram acrescentados ao sistema de transporte de energia 1.024km de linhas e 6.466 MVA de potência de transformação, um investimento de R\$913 milhões (R\$279 milhões de recursos públicos e R\$634 milhões de recursos privados). Deverão ser energizados entre 2008 e 2010, empreendimentos já outorgados, 7.790km de linhas e 17.919 MVA de capacidade de transformação, que representam um investimento de R\$ 5,8 bilhões.

Temos aqui todos os leilões de energia nova, de que inclusive o Senador Crivella há pouco falou. Infelizmente o tempo não me permite especificar todos esses leilões de energia nova.

O primeiro leilão de energia nova foi em dezembro de 2005. O segundo leilão de energia nova foi em junho de 2006. O terceiro leilão de energia nova foi em outubro de 2006. O primeiro leilão de energia alternativa foi em junho de 2007. O quarto leilão de energia nova foi em julho de 2007. E o quinto leilão de energia nova foi em outubro de 2007.

Para finalizar, Sr. Presidente, Srs. e Srªs Senadoras, acrescento que esses dados, como já disse aqui, estão todos disponibilizados na minha página eletrônica, pois são registros importantes de um novo momento do nosso imenso Brasil, em que, finalmente, são apontados rumos para um crescimento sustentável que, com a ajuda de todos, terá longa duração, com certeza.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – V. Exª me permite um aparte, nobre Senadora Serys?

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Pois não, Senador Flexa Ribeiro.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Senadora Serys, V. Exª, como Líder do PT e do Governo...

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Eu não sou líder nem do PT, nem do Governo.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Não é porque o PT não tem inteligência para tê-la como Líder; se tivesse, já o seria, há muito tempo. Primeiro, agradeço por V. Exª trazer as informações que no dia de ontem solicitei. Segundo, essas informações são muito técnicas e estatísticas fáceis de serem avaliadas. Quero aqui parabenizar o nosso Ministro de Minas e Energia,

nobre Senador Edison Lobão. Ele, sim, foi atendido por Deus, porque foi só ele assumir o Ministério de Minas e Energia que Deus disse: “Agora eu vou mandar chover, agora eu vou mandar chover”. Enquanto ele não tinha assumido o Ministério, não havia chuva. Se V. Ex<sup>a</sup> me encaminhar a íntegra desses dados, eu vou ter oportunidade também...

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Com certeza.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – ...eu vou ter oportunidade de, semana que vem, trazer as informações. Mas eu queria, por curiosidade, saber se, na relação das obras que V. Ex<sup>a</sup> arrolou como 18 mil *megawatts*, implantados nesses seis anos de Governo, está Tucuruí, no Pará.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – É só verificar aqui nas estatísticas.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Verifique, por favor.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Primeiro, eu vou conceder um aparte à Senadora Fátima Cleide, porque eu só tenho mais um minuto.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Mas, enquanto concede o aparte, verifique se Tucuruí está nessa lista, por favor.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Sim, eu verifico.

Um aparte à Senadora Fátima Cleide.

**A Sr<sup>a</sup> Fátima Cleide** (Bloco/PT – RO) – Senadora Serys, eu quero iniciar parabenizando V. Ex<sup>a</sup> por trazer números e quero aqui fazer um registro que é interessante: a política é bem dinâmica e admite muita flexibilidade de interpretação. Entendo que o que a senhora traz não são estatísticas, não são números construídos à vontade do Governo de plantão, como alguns dizem, mas são números concretos, resultado, sim, de uma política que tem hoje um modelo de gestão que foi proposto pelo Governo Federal, pelo Ministério de Minas e Energia e votado nesta Casa. Sr. Presidente, peço só um minutinho. É uma política que tem planejamento. Eu acredito que Deus ajudou muito, mas ajudou quem madrugou e quem trabalhou com planejamento. Parabéns, Senadora Serys.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Com certeza!

Como disse o Senador Flexa Ribeiro, Deus ajudou. Deu ajudou, com certeza. E, como eu já disse aqui na terça-feira, Deus ajudou o Presidente Lula, Deus está ajudando o nosso querido Ministro Edison Lobão, Deus ajuda, sim, quem trabalha e quem cedo madruga, Senadora Fátima Cleide, quem planejou, quem realmente pensou, quem realmente determinou que as coisas acontecessem. O Senador Flexa

Ribeiro afirma que são dados técnicos. Mas têm que ser dados técnicos, são tantos megawatts, sim ou não. Aqui está incluso...

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Tucuruí está inclusa?

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Está, só que eu não estou com a especificidade aqui. Mas está inclusa.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Quantos *megawatts*?

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Senador, eu vou lhe passar os dados, e, se não estiver, inclusa melhor ainda, porque tem mais do que o previsto. Portanto, nós temos que..

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Lógico, porque não foi o Governo Lula que construiu Tucuruí.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (Bloco/PT – MT) – Sim, Senador, outros Governos deram a sua contribuição. Mas o que o senhor dizia na terça-feira é que o Governo Lula não deu contribuição. É gigantesca a contribuição do Governo. Realmente os dados têm que ser técnicos, porque são tantos *megawatts*, sim ou não, para a distribuição, sim ou não. Eu não posso ficar dizendo que é só chover mais ou menos; temos que ter termoelétricas para quando chover menos prevenirmos o “apagão”.

E é o planejamento do Governo Lula, é a determinação daqueles que trabalham realmente com a parte de energia do Governo do Presidente Lula e a determinação, daqui para frente, do Senador Ministro Lobão que vão fazer com que não tenhamos mais “apagão”. E disso nós não temos dúvida.

Muito obrigada, Sr. Presidente.

**O SR. ROMEU TUMA** (DEM – SP) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Pela ordem, concedo a palavra ao nobre Senador Romeu Tuma, que levantou a sua mão primeiro.

**O SR. ROMEUTUMA** (PTB – SP. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, peço licença a V. Ex<sup>a</sup>, em razão de ter um compromisso. É bem rápido o que eu vou comunicar e fazer um apelo à Casa.

Quem teve oportunidade de ler *O Estadão* – pediria desculpa, Senador Flexa...

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Não, à vontade, Senador Romeu Tuma.

**O SR. ROMEU TUMA** (PTB – SP) – Quem leu tomou conhecimento das propriedades de Fernandinho Beira-Mar no Paraguai, uma fazenda onde foram contadas mais de 600 cabeças de boi. A Polícia Federal de São Paulo mais o Ministério Público solicitaram informações há muitos meses e até hoje não obtiveram



resposta. É uma matéria bastante longa que compen-saria fazer um bom discurso.

Há também a ligação das Farcs, usando a Venezuela para exportar cocaína para a Europa e para os Estados Unidos.

Qual é o apelo que faço? O juiz responsável pela apuração dos fatos pretende ter uma audiência com testemunhas na fronteira do Paraguai e, temerosamente, não está conseguindo fazer, porque, de Bado, ele já fugiu, e basta atravessar a rua para se entrar no Paraguai.

Senador, eu pediria encarecidamente aos colegas e às colegas que nós aprovássemos a videoconferência com urgência, porque, se o Presidente, por meio do Ministério da Justiça, encontrou não um erro mas uma dificuldade na aplicação do projeto anterior, qual seja, a falta da audiência autorizativa do juiz competente do caso, nós já fizemos um novo projeto, corrigindo essa falha. Tenho certeza de que o Presidente poderá, sem dúvida nenhuma, apressar a sua aprovação.

Assim, não teremos o medo do juiz, corretamente explicitado, de que, amanhã, o sujeito, na fronteira, vai fugir, provavelmente deixando no rastro algumas mortes e tantas coisas que têm acontecido quando há necessidade de remoção de presos de um Município para outro, de um Estado para outro. Nesse caso, quem leva vantagem? O bandido, que não é incomodado.

Outro ponto que me preocupa diz respeito ao traficante colombiano que foi preso – leiloaram-se várias de suas propriedades – e cuja extradição para os Estados Unidos já está pedida. Não sabemos, não tomamos conhecimento... Como não estou mais na CCJ, sugiro que um dos Senadores da Comissão convide alguém do Ministério Público ou do Ministério da Justiça para explicar qual foi o acordo. Quando o Ministro Saulo Ramos era Ministro da Justiça pedimos para S. Ex<sup>a</sup> baixar um projeto autorizando a extradição apenas após o cumprimento da pena de prisão em território brasileiro. Acontecia o seguinte: os advogados pediam a extradição, o condenado atravessava para o país de origem e, um mês depois, estava de volta, delinquindo novamente no Brasil.

Faço estes apelos: que aprovemos o projeto e que alguém convide o Ministério Público para esclarecer o acordo com o traficante colombiano Bautista, a fim de que possamos tomar conhecimento da extensão do trabalho que poderá ajudar o Governo americano contra o tráfico de drogas.

Agradeço e peço perdão a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – A Presidência informa a V. Ex<sup>a</sup> que está na CCJ. O

Relator é o Senador Tasso Jereissati. O outro também está aguardando Relator. É o PLS nº 737/07, da Comissão de Constituição e Justiça.

**O SR. ROMEU TUMA** (PTB – SP) – Esse é o que se corrigiu, porque o do Tasso Jereissati achavam que tinha de ser vetado, em razão de não haver autorização judicial. Então, fizemos um novo, colocando a dependência do juiz em autorizar a videoconferência.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Exercendo neste momento a Presidência, quero testemunhar que ninguém neste País tem maior autoridade do que V. Ex<sup>a</sup>, para encaminhar esses apelos da sociedade para a melhoria da nossa segurança.

**O SR. ROMEU TUMA** (PTB – SP) – Hoje entendo perfeitamente por que V. Ex<sup>a</sup> é chamado de “Mão Santa”.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Ordem é progresso. A ordem manda chamar quem está inscrito para uma comunicação inadiável. Peço, pela ordem, que V. Ex<sup>a</sup> aguarde a palavra de quem está inscrito.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – V. Ex<sup>a</sup> já tinha me concedido. Primeiro falaria apenas o Senador Romeu Tuma.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Mas V. Ex<sup>a</sup>, com a sensibilidade e o cavalheirismo, vai aguardar a voz feminina da professa Fátima Cleide.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Com certeza absoluta. Aguardarei a nossa querida Senadora Fátima Cleide, com muita alegria.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – V. Ex<sup>a</sup>, depois, usará a palavra pela ordem.

**A SRA. FÁTIMA CLEIDE** (Bloco/PT – RO. Para uma comunicação inadiável. Sem revisão da oradora.) – Obrigada, Sr. Presidente e Senador Flexa Ribeiro.

O que me traz à tribuna nesta tarde, Sr. Presidente, para fazer esta comunicação é a intenção de tornar pública uma nota à sociedade brasileira, que foi emitida por várias entidades da educação: Andifes, CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, Concefet, Consed, Undime, Proifes, Ubes, UNE, Fasubra e Contee.

A nota diz:

Educação é prioridade.

As entidades signatárias desta nota vêm expressar seu compromisso com a educação pública, gratuita, laica, democrática e de qualidade social, estratégica para o desenvolvimento nacional, autônomo e soberano.

A história de nosso país tem sido demarcada pela injustiça social e pela concentração de renda, fatores que distanciam a maioria da população do acesso à educação básica e superior e, portanto, levam à desvantagem na busca do emprego e de condições melhores de vida, elementos básicos para o exercício da cidadania.

Dessa forma, é fundamental garantir recursos orçamentários e financeiros crescentes para a educação, bem como manter e ampliar as políticas de universalização da educação básica, com programas como o Piso Salarial Nacional para os profissionais da esfera pública que nela trabalham e o Fundeb.

Da mesma maneira, é preciso incentivar e consolidar o ensino profissional, aumentando significativamente a oferta de técnicos e tecnólogos, assim como manter e ampliar as políticas de incentivo às universidades públicas, centros de pesquisa e de produção de conhecimento. Para isso, é imperativo expandir as redes dessas instituições, garantindo-se a democratização do acesso, a melhoria das condições de permanência dos estudantes e a assistência estudantil.

Nesse contexto, é essencial valorizar os professores e técnico-administrativos que trabalham na educação, devidamente qualificados e, no caso de instituições públicas, contratados por concurso público.

Igualmente relevante é a regulamentação do setor privado, como concessão do poder público.

Entendemos que é imprescindível que os recursos para educação não sejam submetidos a restrições, cortes ou contingenciamentos, ao sabor da conjuntura e de eventuais desequilíbrios tributários decorrentes da apropriação crescente da renda nacional por interesses particulares. Nesse sentido, exigimos que não sejam interrompidos, em hipótese alguma, programas de expansão/qualificação da educação e processos de valorização dos profissionais da área.

É, portanto, dever do Governo e do Congresso Nacional garantir os recursos necessários à educação.

Conclamamos, assim, toda a sociedade a se engajar nesta luta importante para o país, neste momento em que será votado o Orçamento da União.

Nenhum corte de recursos na educação.

Fim da desvinculação dos recursos da União – DRU.

Sr. Presidente, essa é a nota que eu desejava registrar nesta tarde. Lamento muito que, quando o Congresso faz um esforço no sentido de alocar recursos no Orçamento para a educação, setores do próprio Governo infelizmente não valorizem essa ação, essa atitude.

Refiro-me ao Programa de Valorização dos Funcionários de Escola, o Profucionário, que foi criado, neste Governo, como a menina-dos-olhos do Ministério da Educação.

Infelizmente, na Comissão de Educação, apresentamos uma emenda de comissão, para que esse programa tivesse recursos, e o próprio Ministério da Educação veio à Comissão e disse que isso não tinha importância e que não precisava desse recurso. É lamentável essa atitude.

E faço questão de registrar isso aqui. Registro as atitudes corretas do meu Governo, mas faço questão de, nesse caso, lamentar profundamente que o Ministério da Educação não tenha tido para o Programa Profucionário o olhar carinhoso que deveria.

Fica aqui o registro da nota das entidades da educação, no sentido de que nós, Congressistas, façamos um esforço, junto ao Governo Federal, para que não haja corte, até em função do prejuízo que tivemos com o fim da CPMF, nos recursos previstos para serem destinados à educação pública brasileira.

Muito obrigada, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Convidamos o Senador Zambiasi, orador inscrito, do PTB do Rio Grande do Sul, a usar da tribuna.

S. Ex<sup>a</sup>, regimentalmente, tem direito de usá-la por dez minutos, mas jamais vou cortar a palavra desse homem que tanto falou pelo Brasil. Ele simboliza aqui Carlos Lacerda. É o representante dos jornalistas e radialistas neste Senado.

**O SR. SÉRGIO ZAMBIASI** (PTB – RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Obrigado por sua generosidade, Presidente Mão Santa.

Nós organizamos hoje, aqui, uma manifestação com relação a uma questão que está diretamente vinculada ao meio ambiente, Sr. Presidente.

Tenho lido uma notícia que considero bastante preocupante. Diz-se que a indústria brasileira de cerveja estuda a possibilidade de usar garrafas de plástico, para distribuir a produção da bebida em todo o País.

Essa possibilidade representa mais uma ameaça ao meio ambiente, porque significaria um aumento de

pelo menos 11 bilhões de unidades PET em circulação no País, ou seja, mais do que o dobro do volume atual, nove bilhões de garrafas plásticas, segundo dados do próprio Sindicato Nacional da Indústria de Cerveja – Sindicerv. A intenção da indústria de cervejarias preocupa, porque hoje já vivemos uma situação extremamente grave em relação ao uso de embalagens PET.

Para dar uma idéia, o Brasil produz anualmente cerca de nove bilhões de garrafas tipo PET, um plástico altamente poluente. Desse total, apenas 53% são reaproveitáveis. Mais grave e lamentável ainda, Senadoras e Senadores, é sabermos que, dos nove bilhões de unidades de garrafas plásticas movimentadas anualmente no mercado brasileiro, cerca de 4,7 bilhões são jogadas, todos os anos, na natureza, contaminando rios e córregos, lixões e áreas desocupadas.

De acordo com especialistas em meio ambiente, uma embalagem PET demora cerca de 100 anos para se decompor. No Brasil, esse tipo de embalagem começou a ser usada há 20 anos. Diante disso, é possível concluir que ainda faltam 80 anos, para que as primeiras unidades PET descartadas no País tenham tempo suficiente para se decomporem.

Ao que parece, isso não preocupa. Em vez de ações efetivas para reciclar esse material, o País está diante da ameaça de ter um incremento de mais de 100% no uso e na produção de garrafas PET. Ou seja, mais do que dobraríamos também o número de unidades jogadas na natureza, o que contribuiria para aumentar ainda mais os danos ao ambiente.

Além da poluição, algo que por si só já exige do setor público medidas concretas para impedir que essa ameaça se concretize, há outro aspecto que não deve ser ignorado: hoje, somente para fazer reciclagem do excedente de embalagens PET seriam necessários 224 milhões de quilowatts por hora de energia e 120 milhões de litros de água. Supõe, portanto, que com o uso de unidades PET pela indústria de cervejas esses números mais do que dobrariam.

Ora, num momento em que o País busca ampliar a sua matriz energética, dando prioridade ao emprego de fontes limpas, é inconcebível que venhamos a ter o incremento do uso de embalagens PET. Com isso, conviveríamos com dois problemas inquietantes: o aumento da poluição e o crescimento da demanda de energia.

Sras. Senadoras, Srs. Senadores, a possibilidade de a indústria de cerveja vir a utilizar esse material torna-se ainda mais alarmante quando constatamos que não há hoje no País responsabilidade jurídica sobre a destinação por parte de quem fabrica ou consome unidades tipo PET, diferentemente do que ocorre com latas de alumínio que, pela reciclagem, voltam a ser reutilizadas pelo mercado.

A situação que está se delineando requer, portanto, que estejamos atentos. Ainda mais porque esta Casa aprovou, no final do ano passado, o relatório da Comissão Mista Especial sobre Mudanças Climáticas, elaborado pelo Senador Renato Casagrande. Nele, o ilustre parlamentar faz uma série de recomendações ao Poder Público para enfrentar as causas do aquecimento global, provocado pela poluição ambiental e pelo desmatamento, entre outras práticas danosas à natureza.

Por isso, é incompreensível que num momento em que o mundo busca alternativas para reduzir a poluição ambiental, estejamos diante da ameaça de ver a indústria nacional da cerveja aumentar em mais 100% o volume de unidades PET em circulação no País. E não podemos ficar inertes diante de tal possibilidade.

Signatário do Protocolo de Kyoto, tratado internacional por meio do qual os países se comprometem a adotar políticas públicas para reduzir a poluição e, conseqüentemente, tentar frear o aquecimento global, o Brasil não pode permitir mais uma nova agressão à natureza.

Nesse sentido, Sras e Srs. Senadores, esta Casa deveria protagonizar a realização de audiência pública no âmbito da Comissão do Meio Ambiente, Defesa do Consumidor e Fiscalização e Controle para tratar deste assunto, Senador Tião Viana.

Precisamos ouvir os representantes da indústria da cerveja, ambientalistas, representantes do Ministério do Meio Ambiente, e outros setores do Governo e da sociedade, para que possamos traçar um quadro mais detalhado sobre o uso de garrafas plásticas no Brasil.

Ainda em relação às garrafas PET, quero assinalar o artigo do Consultor Ricardo Neves, publicado na revista *Época* desta semana, intitulado “Garçom, eu quero água da torneira”, que conta a interessante experiência da dona de um restaurante orgânico da Califórnia. Ela concluiu que é injustificável o desperdício de energia para extrair, gaseificar, engarrafar e transportar água, e que apesar de todos os esforços de reciclagem de garrafas PET, eles são insuficientes para compensar o descarte das embalagens.

Agora, seus clientes podem solicitar água da torneira, que é filtrada e servida em jarras; e o que é melhor, de graça. Com isso, 25 mil garrafas plásticas deixam de ir para o lixo anualmente. Não deixa de ser uma bela idéia para ser adotada nos restaurantes brasileiros, com resultados, seguramente, significativos para o meio ambiente, Senador Tião Viana.

**O Sr. Tião Viana** (Bloco/PT – AC) – Senador Sérgio Zambiasi, estou ouvindo atentamente o pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup>. Julgo ser uma importantíssima

colaboração ao debate nacional sobre responsabilidade com os resíduos sólidos, a responsabilidade que devemos ter com as políticas de meio ambiente. E eu estava ouvindo V. Ex<sup>a</sup> num discurso claríssimo, objetivo, propositivo e que chama a um envolvimento político e a responsabilidade partilhada com o próprio setor empresarial. Não é um discurso perdido em melancolia nem perdido em acusações, mas que chama para a busca de um caminho, lembrando que, por exemplo, quando o assunto é simples, muito mais simples do que o que V. Ex<sup>a</sup> fala, que é uma obrigação do nosso Poder Público com a coleta seletiva de lixo, na Amazônia, temos apenas um município que faz a coleta seletiva de lixo; quando nós olhamos para a Região Sul de V. Ex<sup>a</sup>, não chegamos a duas centenas de municípios que fazem a coleta seletiva de lixo; quando vamos para a Região Nordeste, é outra tragédia; a Região Centro-Oeste e a Sudeste. Então nós ainda trabalhamos as menos de 300 mil toneladas de lixo todos os dias de maneira completamente errada. Imagine o que é essa situação! Nós tiramos uma quantidade colhida por uma condição humana determinada, limitada, e tem uma montanha sendo formada todos os dias pela indústria que não usa a racionalidade e nem compartilha da responsabilidade com a política ambiental. Acho que V. Ex<sup>a</sup> sintetiza que a sociedade não está assumindo a sua parte que poderia assumir, já que o Estado é tão frágil na cobertura da manipulação dos resíduos sólidos e de uma política de prevenção das tragédias ambientais que estamos por viver – e já vivendo algumas.

Quero apenas apresentar os meus cumprimentos e dizer que serei um dos primeiros presentes nessa audiência pública que V. Ex<sup>a</sup> vai promover. O mais importante é o que V. Ex<sup>a</sup> propõe dizendo: “Temos de achar uma saída. Vamos achar uma saída. Vamos nos responsabilizar e fazer com que essa tragédia ambiental, anunciada pelo lucro, não seja facilmente levada adiante”. Parabéns!

**O SR. SÉRGIO ZAMBIASI** (PTB – RS) – Obrigado, Senador Tião Viana, por sua sensibilidade.

Há muitos temas que a sociedade deve debater para proteger a natureza e o meio ambiente. Dentre eles estão, seguramente, o saco plástico dos supermercados e outras questões diretamente ligadas ao dia-a-dia, ao cotidiano das pessoas, e tão intimamente ligadas que, às vezes, não nos damos conta do dano que nós mesmos estamos promovendo ao meio ambiente, à natureza.

Concedo um aparte ao Senador Sibá Machado.

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – Senador Zambiasi, apenas para colaborar com o pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup>, quero acrescentar mais dois fatos. Em primeiro lugar quero falar da embalagem de laticínios

que chamamos de barriga mole, o saquinho plástico comum. Sua durabilidade, seu prazo de conservação é de três dias. Quando a gente acomoda o produto naquela caixinha tetra pak, o prazo sobe para 180 dias fora da geladeira, uma vez não aberto. Só que quando pegamos o saquinho que tem o prazo de três dias de conservação, sua capacidade de manuseio e de recuperação é muito maior. No caso do tetra pak não há como separar porque ali tem alumínio, plástico e papelão. Não há como separar. A indústria de reciclagem não separa essas matérias.

*(Interrupção do som.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Vou prorrogar o tempo de V. Ex<sup>a</sup> por mais 5 minutos, como fiz com os demais oradores devidamente inscritos.

**O SR. SÉRGIO ZAMBIASI** (PTB – RS) – Obrigado, Presidente Mão Santa.

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – Obrigado. Então não tem como separar. Hoje não se sabe o que fazer com a caixinha tetra pak, que virou moda. Todos os laticínios e sucos de fruta no Brasil, se não vierem naquelas caixinhas, perdem no mercado. Resultado: a população, em busca de uma comodidade, coloca em sério risco a questão da poluição ambiental. Portanto, como V. Ex<sup>a</sup> está tocando no assunto dos plásticos, mais eminentemente o Pet, então vamos acrescentar aí o problema da caixinha tetra pak.

**O SR. SÉRGIO ZAMBIASI** (PTB – RS) – Agradeço a sua contribuição. Mais uma vez demonstra que o nosso cotidiano, o dia-a-dia do cidadão contribui muito para que a natureza seja, todos os dias, violentada nas suas origens e que o meio ambiente precisa de medidas de todos nós, desde em casa, nossa residência, até a grande produção. E o Governo se mostra realmente muito frágil, como disse o Senador Tião Viana, no sentido de proteger e de agir. Acho que nós temos que começar a responsabilizar as grandes indústrias no sentido de assumirem a sua responsabilidade, protegendo o meio ambiente e oferecendo à população um sistema mais prático, mais tranquilo e menos poluente para que nós tenhamos um meio ambiente com mais perspectiva de preservação.

Muito obrigado, Presidente Mão Santa, que tão democraticamente conduz a sessão desta tarde.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR SÉRGIO ZAMBIASI EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

*(Inserido nos termos do artigo 210 inciso I e § 2º do Regimento Interno.)*

# Garçom, eu quero água da torneira

**M**EU AMIGO, PRESIDENTE DE UMA multinacional, gaba-se de que, há mais de 20 anos, nem ele nem sua família bebem água de torneira. O argumento central de meu amigo é sua falta de confiança na qualidade da água do serviço de abastecimento. Além disso, ele acha que os filtros são um trambolho. Formado em Engenharia de Produção, meu amigo estima que, nesse período, ele e sua família devam ter consumido algo em torno de 75.000 litros de água, a maior parte engarrafada na embalagem PET.

Para meu amigo, essa forma de pensar era aparentemente natural, correta e inquestionável até recentemente, quando ele participou do Fórum Econômico de Davos, encontro anual da elite econômica e política do mundo, na Suíça. Ali ele conheceu Alice Waters, proprietária do Chez Panisse, um badalado restaurante orgânico de Berkeley, na Califórnia. Aí, a água de beber passou a ter um outro significado em sua vida.

Alice foi convidada pelos organizadores do Fórum de Davos para um debate sobre a cadeia de produção de alimentos. As pressões sobre esse setor são uma conjugação do crescente custo de energia com a necessidade de as empresas diminuírem seu impacto sobre o meio ambiente. Como um dos participantes disse no evento, “os preços para produzir coisas que são ruins para o planeta serão cada vez mais elevados devido às políticas para a redução de emissões de gases do efeito estufa”.

Alice não é dona de um mero restaurante natureba. O Chez Panisse tem sido listado, ano após ano, entre os 50 primeiros no prestigiado anuário “Os 50 Melhores Restaurantes do Mundo”, da revista britânica *Restaurant*. Alice tem nove livros de receitas que se tornaram best-sellers nos Estados Unidos. Para ela, a água da torneira é boa e, no ano retrasado, ela decidiu simplesmente parar de vender água engarrafada em seu restaurante.

Além de administrar seu restaurante, Alice é hoje uma líder empresarial, sobretudo de produtores orgânicos. Ela é também colaboradora das universidades Yale e Berkeley no desenvolvimento de projetos para a rede de escolas públicas da Califórnia. O objetivo é integrar nutrição e sustentabilidade ambiental. Ela estrutura tanto cardápios da merenda quanto conteúdos do currículo escolar. Alice, portanto, na

questão da alimentação, influencia não só a produção como também os estilos de vida de pessoas importantes e formadoras de opinião. Por isso ela foi falar em Davos. E foi conversando com Alice que meu amigo compreendeu que toda a energia para extrair, gaseificar, engarrafar e transportar a água é simplesmente um desperdício injustificável. Mesmo os esforços de reciclagem da embalagem PET, apesar de bem-intencionados, são insuficientes para compensar o descarte das garrafas de água.

Alice costumava vender 25 mil garrafas de água mineral por ano em seu restaurante. Agora, seus clientes podem solicitar a água encanada, que é filtrada e servida em jarras. Se o freguês quiser água com gás, o restaurante gaseifica o líquido da torneira na hora. Tudo isso oferecido de graça. Segundo Alice, no Chez Panisse não há registro de queixas de seus clientes devido à mudança da política da água: “As pessoas perceberam que faz todo o sentido e que ainda economizam”.

Meu amigo tem um espírito de homem de negócio muito entranhado para se tornar um ecofundamentalista. Mas mandou instalar um filtro em casa. E passou a mesma orientação para as empresas que administra. Basta de água em garrafas. Ele diz que uma das perguntas que trouxe de Davos é uma espécie de aposta: qual será a primeira grande rede de restaurantes que vai ter a coragem de inovar e oferecer água da torneira grátis para clientes exigentes como ele? Isso é que será responsabilidade socioambiental no setor.

**Os esforços de reciclagem de garrafas PET são insuficientes para compensar o descarte das embalagens**

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Convidamos como orador inscrito, que pacientemente está esperando, o Senador Mário Couto.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Pela ordem, V. Ex<sup>a</sup> não vai ceder ao Pará a voz.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Sr. Presidente, enquanto ele se dirige à tribuna.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Pois não, V. Ex<sup>a</sup> tem a palavra pela ordem.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, quero apenas fazer, com pesar, dois registros: o de falecimento da Sr<sup>a</sup> Maria Salomé de Lucena, mãe do nosso colega, Senador Cícero Lucena.

Requeiro, nos termos do art. 218 e 221 do Regimento Interno, ouvido o Plenário, que seja consignado nos Anais do Senado as seguintes homenagens pelo falecimento da Sr<sup>a</sup> Maria Salomé de Lucena, mãe do Senador Cícero Lucena: inserção em Ata de voto de profundo pesar e apresentação de condolências à família.

Da mesma forma, ao tomar conhecimento do falecimento da genitora da Senadora Marisa Serrano, encaminho um requerimento, nos termos dos arts. 218 e 221 do Regimento Interno, ouvido o Plenário, para que sejam consignadas nos Anais do Senado as seguintes homenagens pelo falecimento da Sr<sup>a</sup> Zilda Monteiro Serrano, mãe da Senadora Marisa Serrano: inserção em Ata de voto de profundo pesar pelo falecimento e apresentação de condolências à família.

Tenho certeza de que esses requerimento terão apoio e subscrição de todos os Senadores, independentemente de Partido, que sentem, neste momento, a perda da genitora de dois grandes colegas, como são a Senadora Marisa Serrano e o Senador Cícero Lucena.

Paz à alma das genitoras dos dois Senadores.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– A Presidência se associa, com pesar.

V. Ex<sup>a</sup> será atendido, de acordo com o Regimento.

Com a palavra o Senador Mário Couto, do Pará.

V. Ex<sup>a</sup>, regimentalmente, tem dez minutos, mas jamais ousarei cortar sua palavra, Senador.

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB – PA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, ouvi – e lamento que não esteja presente o Senador Crivella – dizer que o mensalão teve origem e foi exercitado no Governo Fernando Henrique Cardoso.

Tenho algumas decepções – sabe, Senador Pedro Simon? – na minha vida política, mas tem uma que é mais forte que todas. Falo isso, do fundo do coração, a um homem que já tem uma longa experiência pública, uma militância política extraordinária, que tem um nome registrado na história deste Brasil, um nome respeitado em todo o País. Tenho uma decepção profunda: ver alguns companheiros se curvarem, de maneira tão crítica, ao Poder Executivo. Vim da Assembléia do Pará e, agora, no Senado, percebo a mesma coisa. Existem alguns que obedecem religiosamente à ordem do Palácio do Governo e tentam, a todo modo, de todas as maneiras, blindar o Presidente da República, até culpando governos anteriores.

Não estou me referindo ao Senador Crivella, mas vejo muitos companheiros nesta Casa exercitarem essa maneira de ser político, buscando, com isso, uma retribuição favorável, para que possam se valer das suas atuações políticas nas suas bases. Com isso, prejudicam o próprio trabalho dentro do Senado e a população brasileira. Isso é uma das grandes decepções que vou levar para a minha sepultura, porque isso não vai acabar no Parlamento.

Por isso, estou olhando para V. Ex<sup>a</sup>, a quem respeito muito e considero um exemplo de parlamentar neste País. E estou dialogando com V. Ex<sup>a</sup>, mostrando a minha decepção como Senador novo nesta Casa.

No final dos meus oito anos de mandato, vou dizer a mesma coisa, que saio decepcionado, porque tenho a certeza de que não vai mudar. Não vai mudar.

Senador, a minha grande decepção – falei aqui ontem e vou repetir – foi ver arquivarem um relatório do Senador Demóstenes Torres, tão bem produzido, tão bem acabado, tão bem trabalhado. Senador Pedro Simon, jogaram no lixo um trabalho que levou meses e meses, por ordem da Presidência da República. E jogaram no lixo. Isso é uma grande decepção, Senador Flexa. Por isso, Senador, fico bobo, besta de ver esse tipo de colocação.

Não precisa ir muito longe para se falar em quem tem culpa e quem não tem culpa. Senador, primeiro, quando se erra, deve-se corrigir o erro para não se errar mais. Foi assim que o Presidente Lula entrou para este Governo: para salvar a Pátria. Foi com este título. Um erro não justifica outro. Se Fernando Henrique Cardoso tivesse errado, jamais o Presidente Lula poderia copiá-lo, porque o nome está dizendo – é um

erro. Se copiou, exagerou! Ninguém pode questionar-me – ninguém! – que o Governo não é campeão de corrupção. Tenho dados da Unipéc que comprovam isso – estão aqui na minha mão.

Olhem aqui. Não se vai muito longe. É uma pena que o Senador Crivella não esteja aqui. Não era nem este o assunto que eu iria abordar. Espero que o Presidente me conceda um tempo para abordá-lo, porque ainda vou falar sobre os aposentados. Só para mostrar, não é preciso ir muito longe. Olhe aqui: Governo Geisel: escândalos de corrupção – 11; Governo Sarney: escândalos de corrupção – 6; Governo Collor: escândalos de corrupção – 19; Governo Itamar Franco: 32; Governo Fernando Henrique Cardoso: escândalos de corrupção – 46; Governo Lula – vamos lá, 33 na primeira página, 66 na segunda página, 95 na terceira página, e tem mais uma página, quarta página, com 129 escândalos de corrupção.

São dados oficiais. E do final do ano passado, até outubro. Acrescentem aqui mais uns dez. Já devemos ter aí uns 139 escândalos de corrupção. O que vamos questionar e defender este Governo?!

Mas não era este o assunto que gostaria de abordar nesta tribuna, apenas quis mostrar que ninguém pode questionar a afirmação de que o Governo Lula é o campeão de corrupção neste País. Ninguém!

E deixa a sociedade assim como vou mostrar. Os aposentados, nobre Senador Expedito, que é tão sensível a essas causas, olhe como estão os aposentados do Brasil. Aposentados e pensionistas.

Sr. Presidente Mão Santa, temos de eleger este ano como o ano de debate dessa questão neste Senado. Não podemos mais, Senadoras e Senadores, observar a situação de cada um dos aposentados e aposentadas deste País e ficarmos calados. A defasagem é de 70% no seu salário. É duro, Senador, é duro! Aqueles brasileiros que trabalharam tanto, honradamente, que se aposentaram com tanta dignidade, Senador Mão Santa, hoje vivem na miséria, hoje vivem em regime de escravidão, porque este Governo massacra, este Governo atormenta a vida desses cidadãos brasileiros, que trabalharam tanto por esta Nação. E nós, Senadoras e Senadores, que estamos aqui, precisamos eleger este ano como o ano de defesa aos aposentados.

Em 2007, Senador Flexa Ribeiro, houve 3,3% de correção no salário desses pobres trabalhadores brasileiros, 3,3%.

O Presidente da República ...

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)  
– Senador, prorrogamos por cinco minutos o tempo de

V. Ex<sup>a</sup> e passamos a Presidência ao Presidente, que veio ouvi-lo em defesa dos aposentados.

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB – PA) – Obrigado, Sr. Presidente.

Enquanto isso, Senador Flexa Ribeiro, o Presidente Lula gasta, em quatro anos, R\$1,7 bilhão em passagens e diárias. Creiam, senhoras e senhores, é verdade! É R\$1,2 milhão por dia em passagens aéreas! É inacreditável!

Tenho certeza de que, se eu estivesse falando para uma platéia francesa, inglesa, alemã ou australiana, não iam acreditar, Senador Pedro Simon, que, no Brasil, o Presidente da República gasta R\$1,2 milhão por dia em passagens e diárias. É inacreditável! E os pobres coitados dos aposentados a sofrer, sem solução para seus problemas.

E o meu Pará? Foram dados 20 milhões para a Bolívia, foi aberto crédito para Angola de 2 bilhões para investimento. E o Marajó, que não tem transporte, cuja população não tem o direito de ir para a ilha ou de voltar para a cidade de Belém, por que não tem transporte? Há quantos anos? Por que não emprestam dinheiro ao Estado? Que não se dê o recurso, mas por que não emprestam 20 milhões ao Pará, Senador, para que o Estado possa comprar transporte para a ilha do Marajó, em vez de darem dinheiro, de graça, para a Bolívia, para o Evo Morales, quando o Brasil precisa tanto? Para Angola! Isso é um absurdo! E o povo brasileiro a sofrer.

Quando é que um aposentado poderá pagar seu plano de saúde? Quando? A não ser que ele tenha o cartão corporativo. Se ele tivesse o cartão corporativo... Por que não dão, Senador Pedro Simon, cartão corporativo para os aposentados? Deveriam dar. Pelo menos se serviriam melhor do dinheiro público. Teriam o direito adquirido na sua vida pública de tanto trabalho para esta Nação. Pelo menos isso.

Catorze mil pessoas, Senador, usam cartão de crédito neste Governo. Catorze mil pessoas! Bebida alcoólica com cartão de crédito, hotéis luxuosos com cartão corporativo; e os aposentados vivendo miseravelmente.

Se não falarmos isso, Senador, se não viermos a esta tribuna, se não tivermos nenhuma providência a tomar neste Senado, Senador Pedro Simon, esses servidores públicos aposentados com certeza passarão fome, irão à miséria total, irão à desgraça total. E é esse o presente que o País dá àquele que serviu ao Brasil?

Convoco Senadoras e Senadores para que ajudemos a livrar esses cidadãos da condenação à miséria.

Este ano, temos de lutar por isso, Senador. Eles estão perto de não agüentarem mais.

Recebo a cada dia uma carta, que me faz, sinceramente, encher os olhos de lágrimas, ao ver a situação...

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Permite-me um aparte, nobre Senador Mário Couto?

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB – PA) – Já vou encerrar.

Situação real, e cada Senadora e cada Senador tem de erguer sua bandeira a favor dos aposentados e pensionistas deste País. Temos de sensibilizar o Presidente da República.

Ele disse um dia – e vou encerrar...

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Permite-me um aparte?

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB – PA) – Vou lhe conceder um aparte.

Palavras do Presidente da República, campanha de 2002...

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Mário Couto...

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB – PA) – Já vou encerrar, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Eu queria agora me dirigir ao Senador Flexa Ribeiro, para fazer um apelo a S. Ex<sup>a</sup>, porque o tempo de V. Ex<sup>a</sup> já está esgotado, e ele ainda está insistindo no aparte. Sei que todos nós gostaríamos de ouvi-lo, mas S. Ex<sup>a</sup> vai falar daqui a pouco no período destinado às comunicações inadiáveis.

Então, faço um apelo a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Flexa Ribeiro, para cumprirmos o Regimento.

**O Sr. Flexa Ribeiro** (PSDB – PA) – Apelo atendido, Sr. Presidente, com muita honra.

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB – PA) – Palavras do Presidente Lula na campanha de 2002, no palanque. “Não compreendo – dizia Lula – por que um trabalhador que se aposenta com 10 salários mínimos, decorridos alguns anos, passa a receber apenas 5 salários mínimos”.

Esse mesmo Presidente que falou isso na campanha de 2002 massacra hoje os aposentados e pensionistas! Massacra! Condena à total miséria! Esse mesmo Presidente. Inacreditável.

Deço desta tribuna, Senadoras e Senadores, pedindo a todos os meus Pares a sensibilidade para que este ano possamos, daqui desta tribuna, tomar providências para que os aposentados deste País,

que merecem todo o carinho, não sofram tanto, porque, hoje, não tenho a menor dúvida, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, de que eles estão passando necessidade neste País.

Muito obrigado, Sr. Presidente, pela tolerância.

*Durante o discurso do Sr. Mário Couto, o Sr. Mão Santa deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Garibaldi Alves Filho, Presidente.*

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço ao Senador Mário Couto.

Antes de passar a palavra ao Senador Renato Casagrande, quero me dirigir aos Srs. Senadores e Senadoras, para dizer que recebi, na tarde de hoje, a visita do Presidente da Câmara, Deputado Arlindo Chinaglia. S. Ex<sup>a</sup> e eu fizemos um procedimento comum entre o Senado e a Câmara, um acordo. De modo que a proposta de emenda constitucional que trata das medidas provisórias, que já foi aprovada aqui no Senado e que está na Câmara, será modificada, mas o Presidente aceita que isso possa acontecer de forma conjunta, entre Senadores e Deputados, na Câmara dos Deputados.

Para isso, o Presidente da Câmara, a meu convite, estará presente na próxima reunião dos Líderes partidários, na terça-feira, às 11 horas, quando ele vai, realmente, trazer o seu convite ao Senado para participar desse acordo e quando vamos selar, se Deus quiser, a sorte das medidas provisórias quando trancam a pauta da Câmara dos Deputados e do Senado Federal.

Essa será uma conquista de significação muito grande, se a obtivermos – e estamos lutando para isso, Câmara e Senado –, pois as medidas provisórias estão trancando a pauta. Só a Câmara já recebeu 20 medidas provisórias, tendo votado apenas duas. E tudo isso virá para o Senado para trancar, também, a nossa pauta.

Acertamos, também, os Presidentes das duas Casas, eu e o Deputado Arlindo, que farei uma visita, às 14 horas e 30 minutos, ao Colégio de Líderes da Câmara, quando farei um apelo aos Líderes partidários, na Câmara, para, na quarta-feira, votarmos os vetos, iniciarmos o processo de votação dos vetos que estão enclachados, em número de 885 dispositivos que foram vetados.

Desculpe, Senador.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES) – Fique à vontade.



**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Entre esses que serão apreciados na quarta-feira, está aquele que cria a Sudene e a Sudam.

Então, V. Ex<sup>as</sup> estão vendo que se estão abrindo novas perspectivas para o Congresso Nacional, para as duas Casas do Congresso, por meio de um entendimento entre Câmara e Senado.

Acertamos, também, que vamos enviar uma lista de cinco projetos que estão aguardando votação na Câmara e eles mandarão uma relação de cinco projetos de Parlamentares que estão aguardando votação aqui, no Senado, para votarmos.

Realizaremos esse esforço, Senador Marco Maciel, ex-Presidente Tião Viana, nosso Sibá Machado, para que possamos ter, por meio desse entendimento entre Câmara e Senado, o melhor funcionamento das duas Casas, porque sabemos que, hoje, isso não vem acontecendo. Aquilo que é aprovado no Senado nem sempre consegue ser votado na Câmara, e o que é aprovado na Câmara nem sempre consegue ser votado no Senado.

Por último, quero dizer que estou devolvendo o requerimento de criação da CPMI que foi apresentado à Secretaria-Geral da Mesa, porque ele está eivado de um equívoco, de um erro.

De acordo com o nosso Regimento, quando se requer a criação de uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, com finalidade, por exemplo, como a dessa, que pretende investigar o uso do cartão de pagamento do Governo Federal, os chamados cartões corporativos, por integrantes da administração pública federal, faz-se isso de acordo com o art. 243, que diz o seguinte:

Art. 243. Considera-se autor da proposição o seu primeiro signatário quando a Constituição ou este Regimento não exija, para a sua apresentação, número determinado de subscritores, não se considerando, neste último caso, assinaturas de apoioamento.

Pois bem, foi apresentado o requerimento com assinatura de apoioamento dos Srs. Senadores, conforme aqui está.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Dou já a palavra a V. Ex<sup>a</sup>.

Da mesma maneira como não aceitamos o primeiro pedido de CPMI ou de CPI sobre esse assunto porque o documento estava incompleto, não podemos aceitar que esse documento possa ter a sua tramitação

continuada diante desse fato, até porque a correção disso é muito simples. Talvez hoje mesmo darei um prazo de cinco dias, pois, na verdade, quando da chamada CPMI dos sanguessugas, aconteceu a mesma coisa e o ex-Presidente Renan Calheiros determinou essa mesma providência.

Eu, então, não tenho como – já estava, até, preparado para proceder à leitura do requerimento – prosseguir na sua tramitação com esse erro, com esse equívoco.

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT – AC) – Sr. Presidente Garibaldi, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Peço a compreensão do Senador Tião Viana, já que o Senador Flexa Ribeiro havia pedido a palavra.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC) – Em seguida, peço a palavra, Sr. Presidente.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, a Mesa, presidida por V. Ex<sup>a</sup>, devolve o pedido de instauração da CPMI em função de a relação dos Senadores vir com o termo “apoioamento”, mas se V. Ex<sup>a</sup> ler o texto, verá que a palavra “apoioamento” está só colocada em cima. Trata-se de um requerimento. Os Senadores que estão assinando requerem a instalação da CPMI. O termo “apoioamento”, aí, está fora do contexto e por excesso. Não há necessidade de V. Ex<sup>a</sup> devolver o documento para que seja refeito. É preciso que haja apenas a exclusão da palavra “apoioamento”, que está em cima, porque o texto é de requerimento.

Eu pediria a V. Ex<sup>a</sup> que fizesse essa verificação e acatasse, sim, o protocolo do pedido de instauração da CPMI.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – V. Ex<sup>a</sup> terminou?

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Sim.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Vou responder posteriormente a V. Ex<sup>a</sup>, após conceder a palavra ao Senador Tião Viana.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Pois não.

**O SR. TIÃO VIANA** (Bloco/PT – AC. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente Garibaldi, quero apenas cumprimentar V. Ex<sup>a</sup> pelo esforço incansável que tem demonstrado em estabelecer, de modo definitivo, essa interface afirmativa entre Câmara e Senado, essa defesa das prerrogativas do Poder Legislativo, o confronto, de mérito, contra o excesso de medidas provisórias. Então, atitudes que merecem todo o incentivo e todo o apoio de todos nós, Senadores. V. Ex<sup>a</sup> contará sempre com o nosso apoio.

Quanto a essa decisão da CPI, V. Ex<sup>a</sup> tem o meu integral apoio, porque eu conheço a responsabilidade com que se deve tratar esses assuntos. A responsabilidade legal desses itens que, depois, deverão ir ao Supremo Tribunal Federal, ao Ministério Público Federal, é muito grande e tem de haver uma exigência de formalidade, sim. A menos de 10 dias, chegou para mim um pedido de retificação sobre a CPI que eu havia assinado sobre o tema também, que falava que o custo era “cem mol reais” – uma linguagem nova de erros grosseiros inaceitáveis –, e que o prazo – eu estava assinando a retificação – era na data de 7 de janeiro de 2008. Então, são erros inaceitáveis. Temos responsabilidade no tratamento de um documento oficial que envolve julgamento da dignidade das pessoas. V. Ex<sup>a</sup> tem o meu inteiro apoio. Espero que os erros não venham a ser propositais para dificultar o adiamento da CPI.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador...

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – A resposta, Sr. Presidente.

**O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA** (PMDB – MG) – Sr. Presidente, peço a palavra, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Tem a palavra, pela ordem, V. Ex<sup>a</sup>

**O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA** (PMDB – MG. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, pedi a palavra tão-somente para acompanhar o Senador Tião Viana.

Entendo que a decisão tomada por V. Ex<sup>a</sup> é correta. Temos de trabalhar internamente, sem deixar dúvida para quaisquer outras interpretações. Esta CPMI ou CPI a ser instalada, será muito discutida e, certamente, criará fatos políticos, que gerarão muitas discussões. V. Ex<sup>a</sup> está correto, e tem o meu total apoio para se aporem as assinaturas que, com certeza, serão recolhidas, mas terão de cumprir o que diz o Regimento Interno desta Casa e a documentação apresentada por V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Arthur Virgílio.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, eu havia percebido isso quando, pela primeira vez, tomei conhecimento do texto do requerimento do Senado. Havia a palavra “apoio”; mais embaixo havia o requerimento de conformidade com o Regimento. Agora, óbvio que se se levar ao pé da letra algo que colide

com a intenção dos Senadores, que era fazer funcionar a CPI... Sou de simplificar as coisas, não sou de dificultar as coisas. Tenho algumas posições bem firmadas na cabeça. Uma delas é a de que essa CPI tem e vai se realizar, deve se realizar, inclusive em respeito ao princípio da proporcionalidade, ou seja, o maior Partido político desta Casa é o Bloco PSDB/DEM.

Quando escolheram pessoas supostamente de confiança – e uma delas foi V. Ex<sup>a</sup> –, deu no que deu. V. Ex<sup>a</sup> cumpriu estritamente com o seu dever para com a sociedade na CPI dos Bingos. E quando escolheram duas pessoas de confiança do Governo, Delcídio Amaral e Osmar Serraglio, deu no que deu também. Já temos aqui uma porção de Senadores, são todos a favor de apurar.

Vamos começar a apuração pelos cartões presidenciais, a depender do PSDB. Está vindo já, já outro requerimento. Vamos começar a colher as assinaturas agora, pedindo até aos companheiros todos, de todas as latitudes partidárias, que acorressem para ver se substituímos as assinaturas agora, já, já.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Senador, eu não entendi. “Vai começar com os cartões...”, V. Ex<sup>a</sup> poderia repetir, por favor?

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Tenho a impressão, Senador Pedro Simon, que qualquer coisa que não seja a investigação dos cartões presidenciais vai cheirar à farsa, a “acordão” nessa CPI. Então, pretendo propor, logo ao início dos trabalhos, que se faça essa investigação, para se deixar evidenciado para a sociedade que não houve “acordinho”, “acórdão”, meio acordo, superacordo...

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – A investigação começaria pelo Presidente?

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Sim. Para mim, pela convocação dos Ministros acusados diretamente, seguida pela proposta de abertura dos cartões presidenciais.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Do atual Presidente?

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Sim. E do outro também.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Do atual e dos anteriores?

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Claro. Porque o Governo atual gosta muito daquela coisa do Chico Anysio: “Sou, mas quem não é?”. Então, não tem nenhuma acusação contra o anterior, mas eles sempre acham que tem de remover o passado.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – V. Ex<sup>a</sup> está propondo o atual e o anterior? Começa por ele?

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Sim. Até para não entrar em choque com o bordão do Chico Anysio, aquela história do “sou, mas quem não é?”

Espero haver esclarecido a V. Ex<sup>a</sup>.

Sr. Presidente, então, estamos pedindo novo requerimento. Se Deus quiser, vamos formalizar, de acordo com a exigência formal – repito, estou sendo tautológico – da Casa, aquilo que é intenção dos Senadores.

A questão substantiva, para mim, está em, agora, vermos se há ou não há efetiva vontade de investigar de maneira isenta. Isso começa pelo respeito ao princípio da proporcionalidade, ao princípio do rodízio.

Em 2003, não alegavam o que alegaram quando o Senador Antero Paes de Barros presidiu a CPI do Banestado. A partir do 2005, passaram a não dar vez mais a este Bloco poderoso – é tão poderoso que derrotou o Governo no episódio da CPMF –, que deve ser respeitado numérica e politicamente.

Hoje, participei de um debate com um querido Deputado do Partido dos Trabalhadores em um programa de televisão. Ele lá, e eu pelo telefone: “Ah, porque, no Governo passado nós não tínhamos oportunidades”. “Você está me dizendo, meu querido amigo, que uma posição deve ser do maior partido aqui e na outra Casa do maior partido. Vocês não eram o maior nem uma Casa e nem na outra. E nós somos o maior nesta Casa aqui”. Em outras palavras: vai ficar muito ruim para a opinião pública passarem a idéia de que pretendem, de novo, repetir uma fórmula falida, que não deu certo em nenhuma tentativa. Vou aqui enumerá-las: Osmar Serraglio derrota César Borges por um voto. E Osmar Serraglio saiu consagrado porque se curvou, junto com Delcídio Amaral; à S. Ex<sup>a</sup> a verdade; à S. Ex<sup>a</sup> o fato. Fizeram aquela tentativa de CPMI do Mensalão. Houve até conversas na garagem com o Marcos Valério. E aquela CPMI fracassou, faliu. Os seus membros tiveram um ataque de bom senso e fecharam, eles próprios, a porta da CPMI, porque ela não estava lá para apurar coisa alguma. A dos Correios apurou. Tem aí o processo com os 40, que foram indicados pelo Procurador-Geral Antonio Fernando. Do mesmo modo, e para encerrar, Sr. Presidente, podíamos ver que uma outra CPMI tinha direção governista, a dos Sanguessugas. E ela deu os resultados que deu; mostrou o que mostrou; exibiu o que exibiu. Portanto, será uma demonstração até de falta de bom senso se insistirem nessa história de que tem de ser como se um clube – o presidente é do mesmo bloco que o relator –, enfim; uma ação entre amigos que o primeiro requerimento denso der-

rua. Uma tentativa de jogar para debaixo do tapete as coisas que o primeiro argumento forte, o primeiro fato significativo arromba essa porta, arromba essa muralha, como se fosse de papel e não de cimento armado, e não de aço.

Portanto, que não façamos um cavalo-de-batalha. Ou seja, a determinação de todos é fazer a CPMI? Então, vamos fazer a CPMI! Está vindo um novo requerimento, vamos trocar o requerimento. Exatamente isso.

Muito obrigado a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a contribuição e a colaboração de V. Ex<sup>a</sup> para com esta Presidência.

**O SR. PEDRO SIMON** (PMDB – RS) – Sr. Presidente, peço a palavra, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra, pela ordem, a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Pedro Simon.

Gostaria de contar com a compreensão de V. Ex<sup>a</sup>, com relação ao Senador Flexa Ribeiro, que a solicitou primeiro.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Sr. Presidente, cedo a palavra ao Senador Pedro Simon.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Então, Senador Pedro Simon, V. Ex<sup>a</sup> tem a palavra, pela ordem.

**O SR. PEDRO SIMON** (PMDB – RS. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Muito obrigado.

Sr. Presidente, sou testemunha, como toda a Casa, da atuação feliz, competente, responsável de V. Ex<sup>a</sup> desde o primeiro minuto. O Líder do PSDB, o Líder do PT, todos os Líderes estão reconhecendo. Digo isso, com toda a sinceridade, porque V. Ex<sup>a</sup> realmente merece. Acho que a Assessoria da Mesa de V. Ex<sup>a</sup>, quando V. Ex<sup>a</sup> leu o requerimento, pedindo a concessão de uma comissão especial, foi correta. Em analisando o texto, há uma expressão que deveria ser mais bem acabada. Mas, com todo o respeito, eu faria um apelo a V. Ex<sup>a</sup>. Essa questão já está triste na opinião pública, já está rolando na opinião pública. Penso que V. Ex<sup>a</sup> terá a unanimidade desta Casa e da Câmara dos Deputados se interpretar que ali está – eu assinei aquele documento; no momento em que eu o assinei, o fiz dando o meu apoio à criação da Comissão Parlamentar. Acho que V. Ex<sup>a</sup> usar um subterfúgio – perdoe-me a sinceridade – correto, mas usar um subterfúgio para devolver, o que vai parecer perante a opinião pública é que V. Ex<sup>a</sup> é responsável por mais cinco dias, mais uma semana, e que a comissão não vai ser instalada.

Acho que V. Ex<sup>a</sup> não deve sofrer isso. V. Ex<sup>a</sup> está correto na decisão. Vamos deixar claro: V. Ex<sup>a</sup> está correto na decisão. Ela está no Regimento. Mas se V. Ex<sup>a</sup> viu o alcance da questão, V. Ex<sup>a</sup> aceita e resolve a questão.

*(Interrupção do som.)*

**O SR. PEDRO SIMON** (PMDB – RS) – Volto a repetir: falo em nome dos Senadores que assinaram. Eu assinei. Quando me deram, eu assinei para apoiar, para ser criada, não tinha outro objetivo. Qual era o outro objetivo por que eu iria assinar?

V. Ex<sup>a</sup> aceitar não é uma diminuição, é um ato de grandeza de V. Ex<sup>a</sup> reconhecer. V. Ex<sup>a</sup> apenas está dizendo: “Bom, já que vou trazer uma ato para acalmar esse fim de semana, senão vai ficar até a semana que vem, é sexta, é sábado, é domingo, é segunda, é terça, com a imprensa batendo em cima de nós que não queremos criar”. Cria, e o assunto está resolvido.

É o apelo de irmão que faço a V. Ex<sup>a</sup>.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço ao Senador Pedro Simon.

Concedo a palavra ao Senador Flexa Ribeiro.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Garibaldi Alves, estou aguardando a resposta de V. Ex<sup>a</sup>, se acataria o texto que está no documento que foi protocolado. No texto, está dito que se trata de requerimento. Os Senadores que assinam requerem a instalação. Portanto, o texto está correto.

É como diz o Senador Pedro Simon: o fato de estar escrito a palavra “apoio” não invalida a intenção dos Senadores em requererem a instalação da CPMI. É postergar algo que V. Ex<sup>a</sup> pode transmitir à Nação, lendo nesta sessão e acatando, com a sua leitura, a instalação da CPMI dos Cartões Corporativos.

Sr. Presidente, ainda há pouco, fiz a leitura de uma correspondência que o ex-Presidente Fernando Henrique encaminhou ao Presidente Sérgio Guerra, colocando à disposição a abertura dos gastos em seus governos. Não concluí a leitura porque faltou a parte seguinte, mas pedi que fosse inserida nos Anais. É uma demonstração de que o PSDB e a Oposição querem a instalação da CPMI, querem que sejam abertos todos os sigilos dos cartões corporativos deste Governo e do Governo passado, porque, como afirma o ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso, em seu governo, todos os gastos com familiares foram feitos com re-

ursos próprios, nunca usados recursos da sociedade brasileira e da União.

Portanto, peço a V. Ex<sup>a</sup>, assim como pediu o Senador Pedro Simon, que acate o protocolo apresentado hoje pela manhã, da instalação da CPMI, considerando como requerimento o documento assinado por 35 Senadores. Não vamos perder mais tempo. V. Ex<sup>a</sup> tem se comportado com independência neste curto período na Presidência do Senado Federal.

Tenho absoluta certeza de que V. Ex<sup>a</sup> vai reconhecer isso, se examinarmos o art. 112 do Código Civil, que diz:

“Nas declarações de vontade se atenderá mais à intenção nelas consubstanciada do que ao sentido literal da linguagem”.

Isso está no Código Civil, Sr. Presidente. Então, a palavra “apoio”, que está acima do requerimento, pode ser desconsiderada, e o requerimento vai atender a todos os 35 Senadores que assinaram, porque vão repetir a assinatura. V. Ex<sup>a</sup> vai apenas postergar a leitura do requerimento por quatro, cinco ou seis dias. E a imprensa toda imagina que existe acordão. Da parte da Oposição, nunca existiu e não existirá acordão. Vamos aprofundar a investigação e verificar realmente como estão sendo gastos os recursos que são retirados da sociedade brasileira no percentual absurdo de 37,5% do PIB.

Aguardo a resposta de V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. AUGUSTO BOTELHO** (Bloco/PT – RR) – Sr. Presidente, pela ordem.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC) – Sr. Presidente, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> e concedo a palavra ao Senador Augusto Botelho.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC) – Sr. Presidente, eu havia pedido a palavra desde o início.

**O SR. AUGUSTO BOTELHO** (Bloco/PT – RR. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Peço a V. Ex<sup>a</sup> que cumpra o Regimento. Se pelo Regimento é para se fazer outra assinatura, tem que fazer outra assinatura, e chega de blablablá.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC) – Sr. Presidente...

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Com a palavra o Senador Wellington Salgado de Oliveira.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC) – Sr. Presidente, é que eu me inscrevi desde o início. Foi

o segundo que pediu inscrição. Estou pacientemente aguardando que V. Ex<sup>a</sup> se lembre de mim.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Peço a compreensão do Senador Wellington, e concedo a palavra a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Sibá Machado.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Obrigado, Sr. Presidente.

Em primeiro lugar, não é possível trazer o debate a este nível, porque ele já começa muito mal. V. Ex<sup>a</sup> está cuidando da sua responsabilidade, que é respeitar o Regimento da Casa. V. Ex<sup>a</sup> está atento. Porque, lá na frente, se houver crise jurídica, vão reputar a V. Ex<sup>a</sup> a responsabilidade de ter passado um requerimento falho na sua origem.

Portanto, estou de pleno acordo com V. Ex<sup>a</sup>.

Segundo, essa CPML já tem acordo de todas as partes. Foi o Senador Romero Jucá que iniciou como CPI do Senado. E fechamos sim um acordo no sentido de transformá-la em CPML. Houve acordo de entendimento, para não ficar uma CPI aqui e outra na Câmara, como foi com a crise aérea.

Terceiro, a preocupação de criar já um plano de trabalho para uma CPI que ainda não foi instalada é querer reduzir o papel da sua própria Mesa Diretora. Ao Presidente-Relator caberá apresentar um plano de trabalho e, em assembléia, a CPI reunida vai decidir.

Quero dizer, ainda, que “pau que bate em Francisco bate em Chico”. Na CPI de 1999, dos Bancos não teve colher de chá também não. Não teve colher de chá, e valeu a maioria. Foi um membro da base do governo que relatou e um outro membro da base do governo que presidiu.

De certa forma, temos aqui um debate fraterno. Acredito na força da democracia. Ou respeitam a negociação ou respeitam, claro, a vez da maioria, que tem mais votos para fazer valer determinadas posições.

Portanto, V. Ex<sup>a</sup> tem razão. Assinarei, como já assinei a primeira, de imediato, o requerimento, e ganharemos tempo para poder fazer valer imediatamente a vontade popular.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Wellington Salgado.

**O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA** (PMDB – MG. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, vi que a ordem é do menor para o maior. Portanto, obedeci ao que V. Ex<sup>a</sup> encaminhou.

Sr. Presidente, vejo com muita atenção a atitude tomada por V. Ex<sup>a</sup> neste momento. A CPI que irá

acontecer é uma CPI que já chega com sangue muito quente. Vou citar um exemplo do que acontece.

Na terça-feira, cheguei a esta Casa e expus em plenário – V. Ex<sup>a</sup> não estava presente, mas presidia a sessão o Senador Mão Santa – que as matérias acontecem, e muitas vezes se destrói a vida de um parlamentar, de um político, de alguém que dedicou toda sua vida à questão pública. E falei sobre a famosa tapioca que vem acontecendo.

Não conversei com o Ministro. O assunto foi manchete de todos os jornais do País.

Sr. Presidente, recebi documentação que comprova que o Ministro Orlando Silva, que não é do meu partido, por quem tenho um carinho especial, mas não tenho nenhuma relação com o Ministério dos Esportes, devolveu os famosos R\$8,30 que pagou pela tapioca, de espontânea vontade, no dia 29 de outubro de 2007.

A primeira matéria sobre cartão corporativo foi publicada no dia 13 de janeiro de 2008; ou seja, nenhum veículo de comunicação divulgou que o Ministro tinha, com a sua assessoria, identificado o erro e devolvido o dinheiro no dia 29 de outubro de 2007, e a primeira matéria sobre cartão corporativo saiu no dia 13 de janeiro.

Queria que a TV Senado filmasse a documentação da devolução – não sei qual é a câmera –, porque TV Senado é a única televisão que não faz edição, em que a matéria não é editada; transmite ao vivo e mostra a documentação. Aqui está a documentação do depósito feito em outubro, e nenhum veículo de comunicação divulgou essa explicação do Ministro.

O dinheiro da tapioca foi devolvido por espontânea vontade, após ver que havia cometido um erro. Está aqui o depósito, no dia 29 de outubro. A primeira matéria sobre cartão corporativo saiu em 13 de janeiro.

Quer dizer, mais uma vez, acho que essa CPI vai acontecer. Nós vamos investigar; não sei se os debates vão acontecer. Agora, Sr. Presidente, não podemos ser injustos. A injustiça não me deixa dormir. Eu tinha falado que neste semestre eu ia ficar mais zen, ia falar menos, mas não consigo dormir, Senador Cristovam. Então, quando recebi esse documento, falei: tenho que ir ao plenário, para mostrar. E vou mostrar para a TV Senado.

Os nossos telespectadores em casa, que nos acompanham, vejam que o Ministro devolveu o dinheiro em outubro. Não há corte, porque a TV Senado não faz edição. Está aqui. Devolveu o dinheiro em outubro. E a primeira matéria sobre cartão corporativo saiu em janeiro.

Mas estou fazendo isso, Sr. Presidente, não porque sou do PCdoB, não é porque sou ligado ao Ministro do Esporte. Estou fazendo isso por justiça. Ele errou ao usar o dinheiro, mas, ao fazer a sua auditoria interna, identificou e devolveu em outubro. Em janeiro saíram as matérias – corretamente, porque isso a imprensa tem que fazer –, e aí vai sair a CPI.

Agora, isso é uma injustiça. Eu não dormiria tranqüilo se não mostrasse para os telespectadores da TV Senado e para os que estão aqui a documentação da devolução do Ministro no mês de outubro.

Só isso, Sr. Presidente.

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB – PA) – Pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. EXPEDITO JÚNIOR** (Bloco/PR – RO) – Pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Peço a compreensão do Senador Arthur Virgílio.

Com a palavra, o Senador Expedito Júnior. Em seguida, falará o Senador Mário Couto e depois V. Ex<sup>a</sup>, Senador Arthur Virgílio.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES) – Eu também queria falar, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – V. Ex<sup>a</sup>, aliás, é o grande prejudicado, porque estava na tribuna e foi esquecido.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES) – Vou pedir a palavra pela ordem, porque, como Líder, não consigo. Então, inscreva-me.

**O SR. EXPEDITO JÚNIOR** (Bloco/PR – RO. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, gostaria de cumprimentar V. Ex<sup>a</sup> pela maneira como vem conduzindo a Presidência do Senado. Temos ouvido vários discursos sobre a regulamentação das MPs. Enfim, V. Ex<sup>a</sup> chegou e hoje já anunciou à Casa que se busca o entendimento da regulamentação das medidas provisórias. Quero parabenizá-lo.

Se não entendi mal, parece-me que V. Ex<sup>a</sup> deu um prazo de cinco dias para que pudesse ser apresentado, então, o novo requerimento com as assinaturas dos Senadores. Vi o Senador Arthur Virgílio, rápido no gatilho, já pegando as assinaturas; deve completar as 27 assinaturas necessárias ainda hoje. De repente, V. Ex<sup>a</sup> já poderia reconsiderar a questão dos cinco dias.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Expedito Júnior, é até cinco dias; pode ser até agora.

**O SR. EXPEDITO JÚNIOR** (Bloco/PR – RO) – Perfeito, Sr. Presidente. Então, só quero cumprimentar V. Ex<sup>a</sup> e dizer que parece-me que o Senador Arthur Virgílio já está coletando as assinaturas aqui e deverá entregar o documento ainda hoje à Mesa.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Com a palavra, o Senador Mário Couto.

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB – PA. Pela ordem) – Sr. Presidente, quero fazer alguns comentários – vou ser breve – em relação à fala do Senador Wellington Salgado. Primeiro, quero dizer do meu respeito e da minha admiração pelo companheiro, mas, Sr. Presidente, se o Ministro do Esporte devolveu o dinheiro, fez um ato semelhante ao da Benedita.

A Benedita também: quando a imprensa divulgou, quando ela percebeu que errou, devolveu o dinheiro. Mas, veja bem, Sr. Presidente, se essa moda pega no País...

O Ministro pode usar o dinheiro público; depois que se identificar o erro, ele devolve o dinheiro, com a maior tranqüilidade, com a maior facilidade. Então, não errou, não pecou. Ah, se essa moda pega, Sr. Presidente!

Aliás, é bom que se diga, Senador Wellington Salgado, que ele, por um momento de esquecimento... coitado do Ministro... Aliás, Senador Arthur Virgílio, lá na minha terra, quando o rapaz é simpático, diz-se assim: esse rapaz é gente boa. Acho o Ministro dos Esportes gente boa. Agora, houve um momento em que a cabeça dele deu um branco. Olhe só, na hora de pagar, ele trocou o cartão dele pelo cartão do Governo, que tem escrito um baita “governo”. Trocou. Aí, quando ele viu que estava errado, devolveu o dinheiro. Fácil, tranqüilo.

Não é por aí. Não é por aí. Ele errou, tem de pagar, mas não devolvendo o dinheiro. Ele tem de pagar pelo erro dele, porque usou dinheiro público. Quem usa indevidamente o dinheiro público tem de pagar, porque esse dinheiro é do povo, é sagrado. Perdoe-me, em nome da consideração que tenho por V. Ex<sup>a</sup>, mas o Ministro tem de responder pelo seu ato errado.

Obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Arthur Virgílio, Líder do PSDB.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, informo a V. Ex<sup>a</sup> e à Casa que já contamos com 16 novas assinaturas, todas elas claramente irretroatáveis. E, agora, vou de gabinete em gabinete, para completar ainda

hoje, se Deus quiser, o número de 27 ou até mais, para sanar essa situação.

Mas quero aqui expender uma opinião pessoal, antes de ouvir, com muita honra, o Senador Renato Casagrande. O meu pai dizia, político com longa vivência, que, depois de um certo tempo na vida pública, deveria ser facultado a um homem público pedir um diploma ao MEC de psicólogo, e o MEC deveria dar, sem exigir o curso, porque a gente termina virando um pouco psicólogo mesmo.

A minha assessoria e a do Deputado Carlos Sampaio não colocaram a palavra “apoioamento”. No texto da Câmara não consta a palavra “apoioamento”. Pois bem; como jabuti não sobe em árvore, se está lá, ou é por obra de enchente, ou por mão de gente. Alguém colocou a palavra “apoioamento” – alguém de fora do gabinete da Liderança do PSDB, de fora do gabinete do Deputado Carlos Sampaio.

Como gosto muito de raciocinar com apego à lógica, tenho duas hipóteses: ou foi alguém que ignorasse muito fortemente o que delibera a Casa em matéria desse jaez, ou, ao contrário, na segunda hipótese, alguém que conhecesse demais os procedimentos da Casa. Na primeira hipótese, seria um errinho, enfim; na segunda hipótese, alguém que, não querendo a CPMI, a apuração, dissesse assim: “Vou colocar aqui a palavra ‘apoioamento’, que, no mínimo, ganho uns dias”. Se Deus quiser, vai ganhar algumas horas, porque agora vou pessoalmente de gabinete em gabinete. Vou saber quem está em Brasília e quem não está; vou pedir, encarecidamente, que repitam suas assinaturas, e, quem sabe, a gente tenha a bela surpresa de dizer que a manobra não funcionou.

Sou uma pessoa – e V. Ex<sup>a</sup> me conhece – muito ingênua, de boa-fé, incapaz de ironia e suponho que foi alguém que não conhece o Regimento; não quero supor esta coisa maliciosa de que foi alguém que o conhece demais. Prefiro a primeira hipótese, por uma questão de ficar fiel a minha coerência de ingenuidade, enfim. Mas volto a dizer a frase de Victorino Freire: “jabuti não sobe em árvore. Se o jabuti está numa árvore, ou foi levado ali pela enchente, ou por mão de gente”.

E não sei se isso aí não explica esta coisa esquisita, no fundo, de um governo propor investigar a si próprio. A gente diz: “Puxa vida, é esquisito: quem tem de investigar o Governo é a Oposição. Aí o Governo propõe investigar a si próprio?” Mas se tem a palavra “apoioamento”...

Enfim, não vou perder mais tempo com conjecturas, porque quero investir tempo na coleta de assinaturas, para completar as 27 – que V. Ex<sup>a</sup> demanda com toda a justeza formal –, sem deixar de enaltecer o argumento em defesa de V. Ex<sup>a</sup>, inclusive, o forte argumento do Senador Pedro Simon, ainda há pouco, aqui expandido para análise de todos nós.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço ao Senador Arthur Virgílio.

Concedo a palavra ao Senador Renato Casagrande.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES) – Pode ser como Líder, Sr. Presidente, ou há alguém inscrito pela ordem?

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – V. Ex<sup>a</sup> terá a palavra como Líder. Veja bem, Senador Renato Casagrande, o Líder, nessa etapa da sessão, fala apenas por cinco minutos.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES) – É o suficiente, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Então, com a palavra V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC) – Sr. Presidente, peço a V. Ex<sup>a</sup> a palavra para uma questão de ordem, depois do Senador Renato Casagrande, que já esperou tanto.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Senador Sibá Machado...

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC) – Para uma questão de ordem; não é pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF) – Peço a palavra pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – O Senador e ex-Ministro Cristovam Buarque falará pela ordem.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, quero dizer que assinei, sim, o requerimento de convocação da CPI. Acho que tudo tem de ser apurado.

No entanto, estou sabendo que há mais duas CPIs. Quero lembrar a V. Ex<sup>a</sup> do pedido de instalação de CPI que dei entrada no primeiro dia em que V. Ex<sup>a</sup> tomou posse. É uma CPI diferente dessas que estão aí. No lugar de analisarmos apenas os escândalos no comportamento dos dirigentes, tento apurar o que levou o Brasil a ser um País que sofre de apagão intelectual, de apagão educacional. Podemos até chamá-la de “CPI do Bem”, porque não visa a apurar malfeito de nenhuma pessoa individualmente, de ne-

nhum governo isoladamente, mas de todos nós da sociedade brasileira.

Então, quero insistir que a Mesa do Senado considere também, entre tantas outras, a possibilidade de termos a CPI do apagão educacional ou do apagão intelectual brasileiro.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Antes de passar a palavra ao Senador Renato Casagrande, quero dizer da minha imensa estima por todos os Senadores, pelo Senador Pedro Simon, mas não posso ser incoerente nem ter dois pesos e duas medidas. Quando houve um erro formal no requerimento assinado, em primeiro lugar, pelo Senador Romero Jucá, a Mesa adotou o mesmo procedimento. Assim, agora, não poderia ser diferente, ou seja, o cumprimento formal do Regimento.

Daí por que peço aos Senadores Pedro Simon e Flexa Ribeiro que compreendam a minha atitude. E, sobretudo, peço perdão ao Senador Renato Casagrande, que já veio duas vezes a esta tribuna e não consegue falar.

Com a palavra o Senador Renato Casagrande.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC. Para uma questão de ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, é que pedi a S. Ex<sup>a</sup> apenas um instante, para complementar esta fase, e acho que, com isso, encerramos.

O Regimento Comum, no seu art. 21, determina que a leitura do requerimento seja feita em sessão conjunta. Portanto, a sessão conjunta não vai ser aqui. V. Ex<sup>a</sup> recebe o requerimento, mas teremos que apreciá-lo numa sessão conjunta do Congresso Nacional.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES. Como Líder. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, pedi a palavra para falar como Líder porque o debate sobre o requerimento da CPMI já está excessivamente detalhado. V. Ex<sup>a</sup> tomou a decisão. Cabe a nós cumpri-la, até porque já foi feito e respondido o questionamento. Estamos assinando e recolhendo assinaturas.

Diferentemente do Senador Arthur Virgílio, não acho que tenha havido má-fé. Creio que foi um erro, e este está sendo consertado com a coleta, de novo, das assinaturas. Essa CPMI está difícil de sair, porque, inexplicavelmente, inexplicavelmente, também a Oposição na Câmara não apresentava o requerimento. Quando apresentou hoje, havia esse erro formal a ser sanado. Acho que está tão difícil de sair que vai ser uma CPMI que vai dar resultado efetivo para a sociedade brasileira. Acredito que isso está resolvido.

Queria tratar, nesse tempo que V. Ex<sup>a</sup> me concede regimentalmente, sobre dois assuntos. Do primeiro assunto eu não trataria, mas o faço devido às informações dadas por V. Ex<sup>a</sup>, no mesmo caminho e na mesma direção dos meus outros pronunciamentos, parabenizando-o pelo acordo feito e pelo diálogo estabelecido com o Presidente da Câmara, parabenizando-o por começar com um tema relevante que é a regulamentação da edição das medidas provisórias. Esse tema é importante para o Congresso, porque ele está engessando o Congresso.

Tivemos um avanço no passado com relação às medidas provisórias. As medidas provisórias podiam ser editadas infinitamente. Um prazo foi estabelecido. Mas agora está claro que temos que dar mais um passo adiante. Independentemente de sermos da Base do Governo ou da Oposição, temos clareza de que é fundamental darmos um passo adiante com relação a se aperfeiçoar a tramitação das medidas provisórias, para permitir que possamos debater outros temas nesta Casa, não só projetos de parlamentares, mas outros temas. Senão, passaremos 2008 novamente discutindo somente medidas provisórias.

Então, este diálogo é fundamental para o Congresso Nacional. Este Congresso Nacional é bicameral, e o bicameralismo exige diálogo, exige que possamos ter uma agenda comum, para que desenvolvamos o nosso trabalho.

Parabéns a V. Ex<sup>a</sup> que começa com este diálogo com a Câmara dos Deputados. Tivemos uma guerra fria entre Câmara dos Deputados e Senado Federal num determinado tempo. Isso tem de acabar, e, naturalmente, o diálogo vai permitir que acabemos com isso.

Espero que o debate da CPMI não interfira nas nossas votações aqui na Casa. Espero que tenhamos a CPMI, que façamos a disputa política, mas que, junto com a CPMI, votemos os nossos projetos no Senado da República.

Como amanhã, sexta-feira, não estarei em Brasília, estarei no meu Estado, Espírito Santo, quero aproveitar para, no final da primeira semana efetiva de retomada das nossas sessões, relatar a V. Ex<sup>a</sup>, como Presidente, à sociedade brasileiras e aos colegas da Casa da minha viagem como Senador da República – e fui o único Senador da República presente a esta viagem – à Antártica. Diversos Parlamentares, como os Senadores Cristovam Buarque, Siba Machado e Pedro Simon, já estiveram no Continente Antártico – não sei se mais algum Senador teve a oportunidade de lá estar. Mas o Continente Antártico é um continente gigantesco, com 14 milhões de quilômetros quadrados.



Cerca de 90% do gelo do planeta está naquele continente. Ninguém habita aquele continente, pelas suas condições climáticas. Temos uma quantidade enorme de gelo, com temperaturas muito baixas. Mesmo no verão, que está acontecendo agora, a temperatura é muito baixa.

Estivemos lá para visitar a nossa estação de pesquisa. Uma bela estação de pesquisa, Sr. Presidente, um belo trabalho que o Governo Brasileiro, a Marinha do Brasil e as nossas instituições desenvolvem naquele continente. Tudo que se passa com o clima, com a temperatura, com o regime de chuvas, com a movimentação dos ventos, quase tudo tem origem no Continente Antártico – quase tudo. Dizem que, às vezes, a gente fala que vem da Argentina uma frente fria ruim, porque há uma certa relação de disputa com aquele país, mas, na verdade, tudo vem do Continente Antártico.

Estudar o Continente Antártico, como estamos estudando, é importante, é fundamental. E não é uma prerrogativa, uma exclusividade do Brasil. Diversos outros países têm bases naquele continente. Alguns países têm cinco, seis bases, como é o caso do Chile; há países que têm base no centro geométrico da Antártica, como é o caso dos Estados Unidos, que tem uma base para mais de mil pessoas. A China, que tem uma base na mesma ilha da base brasileira, está investindo lá agora US\$100 milhões na ampliação da sua base.

Então, é uma necessidade o investimento em pesquisa no Continente Antártico; é uma necessidade que o Brasil participe das decisões do futuro daquele continente. Pelo Tratado do Continente Antártico, até 2048, ninguém pode apropriar-se de nada. As pesquisas são científicas, de proteção ao meio ambiente, de estudos das mudanças climáticas.

Assim, é fundamental e importante que possamos ter clareza sobre a necessidade desses investimentos. O Senador Cristovam Buarque é o Presidente da Frente Parlamentar, que tem dado apoio na captação de recursos. Em 2007, foram investidos R\$10 milhões na ampliação da nossa Base.

É essencial que continuemos fazendo a ampliação desse trabalho no Continente Antártico. Ficamos lá por mais tempo do que o previsto, mas aproveitamos, Senador Sibá Machado – lógico que tínhamos ansiedade em saber quando iríamos voltar –, para conhecer bases da China, do Chile, da Rússia, do Uruguai, e para conhecer com mais detalhes os programas desenvolvidos pelo Brasil lá.

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – Viu algumas baleias, Senador Renato Casagrande?

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES) – Estou falando como Líder, se o Presidente me permitir, concederei o aparte a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – PB) – Senador Sibá Machado, o Regimento não permite aparte na hora da fala dos Líderes.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES) – Senador Sibá Machado, gostaria muito de dar um aparte a V. Ex<sup>a</sup>. Infelizmente, não ouvi a pergunta que V. Ex<sup>a</sup> fez, porque eu estava falando.

Srs. Senadores, temos de fortalecer o trabalho de pesquisa naquele continente e conhecer melhor o programa.

O nosso contratempo, Senador Pedro Simon, foi até positivo, porque jogou um foco, uma luz, naquele continente. Falamos freqüentemente do Ártico, mas o Ártico é minúsculo perto do Continente Antártico. E o Ártico não é um continente, é uma área do globo da água congelada, não é um continente como é o Continente Antártico.

Estamos muito próximos, mas o Brasil não o reivindica territorialmente. O que o Brasil reivindica é participar das decisões daquele continente. Então, o nosso contratempo fez isso.

A ida do Presidente Lula – parece-me que o Presidente Lula vai lá amanhã – vai jogar ainda mais luz naquele programa. Então, a ida do Presidente é importante. O único ou último Presidente que foi até lá foi o Presidente Collor de Melo. Agora vai o Presidente Lula. Então, essa visita é importante.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – O Presidente Itamar também esteve lá.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES) – O Presidente Itamar também esteve lá. Obrigado pelo acréscimo da informação, Senador Pedro Simon.

Então, a ida do Presidente joga luz, no momento em que o Governo precisa investir cada vez mais. Temos de apoiar esse programa no Parlamento.

Quero registrar nos Anais uma carta da delegação que esteve lá e a prestação de contas do trabalho e da viagem que fizemos ao Continente Antártico.

Obrigado, Sr. Presidente.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR RENATO CASAGRANDE EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

*(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º do Regimento Interno.)*

Brasília, ... de fevereiro de 2008.

Nós, Parlamentares representantes do Congresso Nacional brasileiro e integrantes da Frente Parlamentar em prol do Programa Antártico Brasileiro (Proantar), consideramos muito positiva a visita que fizemos ao continente Antártico no período de 23 a 31 de janeiro. O convite para a visita partiu da Marinha, em razão do apoio que o Parlamento vem dando ao Programa Antártico, especialmente após a criação da Frente Parlamentar, em fevereiro de 2007, para discutir, apoiar e buscar alternativas de ampliação do respectivo programa. Como resultado desse trabalho, foram liberados mais de R\$ 10 milhões para a revitalização da Estação Comandante Ferraz, base fundamental para o desenvolvimento das pesquisas científicas brasileiras naquele continente. As ações desenvolvidas pela Frente, somadas às implementadas pelo MCT, Cnpq e MMA, possibilitaram a participação inédita do Brasil no quarto Ano Polar Internacional.

Inicialmente a previsão de nossa permanência na Antártica era de apenas 3 dias, que iam desde o pouso na Base Aérea Presidente Eduardo Frei, o embarque e viagem no Navio de Apoio Oceanográfico Ary Rongel até a Baía do Almirantado - onde se localiza a Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF) - e o retorno à Base Aérea Presidente Eduardo Frei e a Punta Arenas (Chile), de onde partiríamos de volta ao Brasil. Infelizmente, devido a bruscas mudanças de clima - motivos, portanto, alheios à vontade da nossa delegação e da Marinha -, ficamos retidos por sete dias, enfrentando desconforto e o incômodo de ter que cancelar compromissos de trabalho anteriormente agendados.

Apesar disso, procuramos reverter o que a princípio nos parecia ser um incômodo em algo produtivo. Aproveitamos o tempo disponível para ampliar nossos conhecimentos acerca dos trabalhos realizados pelos nossos cientistas na Estação Antártica Comandante Ferraz. Desse modo, pudemos nos inteirar mais sobre as linhas de pesquisas e os procedimentos adotados e as dificuldades e oportunidades dos pesquisadores brasileiros no continente antártico.

Durante esse tempo extra, visitamos as Estações Científicas do Chile, Rússia e China, e participamos de expedições de reconhecimento, onde vimos de perto desprendimentos de gelo e colhemos informações sobre a fauna e flora locais. Também debatemos com pesquisadores brasileiros os 25 projetos de pesquisas desenvolvidos pelo Brasil em solo antártico. E a partir dessas experiências, definimos algumas importantes ações parlamentares e do Executivo para dar suporte à presença brasileira na Antártida. Entre essas ações podemos citar a realização - já em abril próximo - de um seminário pelo MCT para discutir o alcance das pesquisas brasileiras e a interação entre os países presentes no continente. Ao mesmo tempo, a Frente Parlamentar Proantar irá realizar eventos (audiências públicas, lançamento de livros, sessões solenes, etc.), também no mês de abril, para aprofundar o debate em torno do programa antártico brasileiro, a fim de fortalecê-lo e ampliá-lo.

Apesar do incidente, conseguimos alcançar e até superar nossos objetivos na Missão Antártida. De lá trouxemos importantes dados que servirão de subsídio ao nosso trabalho ao longo deste ano. Todo esse conhecimento será, com certeza, de grande valia para a divulgação e o fortalecimento das políticas públicas brasileiras, sobretudo das ações desenvolvidas pelo Legislativo (Câmara e Senado) e o Executivo no projeto Antártico, que é de interesse mundial.

Após 25 anos de presença física no continente antártico, o Brasil mostra que muito foi feito e muito ainda há que se fazer para o fortalecimento e efetivação da presença de nosso país na Antártica.

Por fim, agradecemos à Marinha do Brasil, a Força Aérea Brasileira, aos pesquisadores e cientistas brasileiros da Estação Comandante Ferraz, do Cnpq, MCT e MMA e aos cientistas de outras nacionalidades - especialmente os do Chile - pela acolhida e, principalmente, por sua dedicação aos estudos no continente antártico, que são de fundamental importância para toda a humanidade.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

Concedo a palavra ao Senador Cristovam Buarque.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, como não foi possível o aparte ao Senador Casagrande porque falava pela liderança, pedi a palavra para dizer que concordo com a defesa do nosso programa brasileiro na Antártica.

É surpreendente quando a gente passa os dias aqui debatendo quase sempre as mesmas coisas relacionadas a escândalos e a problemas desse tipo e chega à Antártica e vê os cientistas brasileiros no frio, vê o trabalho da Marinha, da Aeronáutica, do Exército, colocando o Brasil na ponta em pesquisas em relação a tantas áreas diferentes.

O Brasil é um dos exemplos no mundo inteiro em relação às pesquisas feitas na Antártica. Não são pesquisas sobre a Antártica, são feitas lá, sobre o clima, sobre a camada de ozônio, sobre biologia, sobre cadeia alimentar. Fico orgulhoso de ser brasileiro, quando vejo o trabalho das nossas Forças Armadas naquele continente gelado.

Não tive a oportunidade de ficar seis dias como o Senador Casagrande, também não passei pelo sofrimento dele, mas, na segunda vez que fui lá – na primeira, não consegui chegar porque o avião não pôde pousar –, pude conhecer o trabalho ali desenvolvido e sentir orgulho como brasileiro. E estou feliz de saber que o Congresso está dando todo o apoio com as emendas de Parlamentares.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES) – Sr. Presidente, faltou dar uma informação, se o senhor me permitir, até para compensar o esquecimento de V. Ex<sup>a</sup> comigo.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Com a palavra V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (Bloco/PSB – ES. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, na semana que vem – e V. Ex<sup>a</sup> vai participar de um momento do nosso encontro –, na terça-feira à noite, na quarta-feira e na quinta-feira, teremos o Fórum de Legisladores do G8+5, os oito países mais ricos do mundo mais os cinco países emergentes.

Esse Fórum, que já se realizou em Berlim e em Washington e ocorrerá no Brasil na semana que vem, debate as mudanças climáticas, a posição desses países na política mundial sobre o tema.

Cada Senador vai receber a programação, gostaria muito de contar com a presença e o apoio de todos. Diversos Parlamentares estão participando da organização, e seria importante que pudéssemos receber

os Parlamentares desses países e fazermos um bom debate sobre esses temas.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Garibaldi Alves Filho. PMDB – RN) – Concedo a palavra ao Senador Pedro Simon como orador inscrito por dez minutos, com direito a prorrogação.

**O SR. PEDRO SIMON** (PMDB – RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Parlamentares, primeiro, felicito V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente. Embora eu achasse que V. Ex<sup>a</sup> deveria deferir o requerimento da CPI, o argumento de V. Ex<sup>a</sup> tinha lógica: se V. Ex<sup>a</sup> indeferiu um por que estava equivocado, se não fizesse a mesma coisa, iram questionar.

Mas é importante salientarmos a questão da nossa CPI. É uma pena que tenha de ser criada. Deveríamos começar o ano discutindo a reforma tributária, como quase começamos no final do ano passado. A carta do Presidente Lula a esta Casa dizia que seria prorrogada por um ano a tributação sobre o cheque e que, neste ano, faríamos a reforma tributária. Estaríamos em plena reforma tributária. Poderíamos começar com a reforma política, porque não daria mais para esperar. Tem de ser feita de uma vez por todas. Mas, é uma pena, começou com uma CPI.

Não creio que alguém goste dessa CPI, mas, com toda sinceridade, o debate deve começar. Foi correta a decisão de se fazer uma CPI mista. Seria uma pena se acontecesse este ano o que aconteceu no ano passado, quando tivemos duas CPIs, uma da Câmara e outra do Senado. CPI mista é correto.

Aquilo que se propalou, que a imprensa produziu, de que haveria um acordo entre o Governo e a Oposição, de que os atos do Presidente Lula, do Presidente Fernando Henrique e da família deles não seriam tocados, não tem lógica. A imprensa publicou que ninguém fez isso, foi uma interpretação equivocada. Se tinham a intenção ou não, o que importa é que hoje há clareza. Não se quer deixar de lado nem o Presidente, nem o atual, nem o anterior, nem a família de um, nem a família de outro.

Esse assunto nem deveria ter sido abordado. Também acho que uma CPI não pode começar querendo colocar uma pessoa do Lula ou uma pessoa do Fernando Henrique no jogo, é claro que não. Queremos analisar o que está acontecendo, qual é a coisa, se está equivocada, se é errada, quem fez e como mudar. Não se quer atingir a figura do Presidente ou a figura do ex-Presidente, mas também, de saída, dizer que não pode, é claro que não.

Foi ruim abordar esse assunto, foi pior dizer que não sealaria nesse assunto, e foi bom dizer que esse assunto não existe.

Presidência está de um lado, e Relator, do outro. O Regimento diz que quem tem a maioria leva. O primeiro partido leva presidência ou comissão; o segundo partido, presidência ou comissão. Nesta Casa, o primeiro Partido é o PMDB; na Câmara, o primeiro Partido é o PMDB, e o segundo Partido é o PT. O Presidente desta Casa é um Senador do PMDB; e o Relator daquela Casa, um Deputado do PT. Pode ser? Pode. Está correto com o Regimento? Está correto. É o melhor? Estou com V. Ex<sup>a</sup>: não é o melhor; o melhor, o racional, é o Presidente ser de um grupo, e o Relator, de outro. Isso é o racional.

Sr. Presidente, falo com muita tranqüilidade que o PMDB nada tem a ver com isso. Embora seja o maior Partido aqui e o maior Partido na Câmara, acho que não estamos envolvidos nessa questão, acho que não podemos brigar pela Presidência ou por coisa que o valha. Acho que o PMDB era o melhor partido. Na minha opinião, poderia ser o PMDB ou o antigo PFL. O ideal seria que nem o PSDB nem o PT estivessem na Presidência ou na Relatoria, porque, afinal, são os dois que estão mais envolvidos.

A manchete veio – lamentavelmente, mas veio – com Lula e com Fernando Henrique. Está parecendo que o PT está brigando para tirar fora o Lula e que o PSDB está brigando para tirar fora o Fernando Henrique. A imprensa, lamentavelmente, está divulgando que os dois vão empatar, que nenhum dos dois quer, que o jogo é de mentirinha, que a *pizza* já está pronta e que vão pôr para fora um lado e outro.

O Líder do PMDB disse aqui uma coisa muito importante: “Quando V. Ex<sup>a</sup> ocupou a Relatoria, e S. Ex<sup>a</sup>, a Presidência daquela CPI, muita gente dizia que era uma CPI oficial, chapa branca”. No entanto, V. Ex<sup>a</sup> e o Presidente tiveram uma atitude excepcional. Na outra CPI, da qual participaram nosso bravo companheiro Deputado do Paraná e o Presidente, diziam horrores. E foi uma CPI que teve um desempenho excepcional. Em compensação, houve CPI, na qual jogávamos todas as fichas, cujo desempenho foi um fracasso.

É importante colocar – e falo com a mais absoluta tranqüilidade, porque não passa pela cabeça dos membros do PMDB, nem pela minha cabeça participar dessa Comissão – na Presidência e na Relatoria pessoas que tivessem gabarito, respeitabilidade e credibilidade para agir com isenção, não colocar alguém para defender ou para atacar esse ou aquele. Isso seria muito importante. E seria muito importante se o objetivo da CPI não fosse apenas colocar alguém na parede, com o título de traidor, de vigarista, disso ou

daquilo, mas que o objetivo fosse encontrar o melhor elemento, a melhor maneira, a melhor forma.

Não atiro pedra se anularmos, e houve uma coisa muito interessante: o PSDB veio, criou a CPI e fez um estardalhaço – aí, saíram as manchetes. De repente, veio o PT e disse: “Espera aí, isso começou no Governo Fernando Henrique; espera um pouquinho, o Serra também tem”. Então, acho que, a esta altura, temos é de parar. Eu mesmo estou fazendo isso. Fui o contrário: na minha cabeça, não consigo entender qual é a vantagem de se ter cartão corporativo. Não consigo entender isso.

Sr. Presidente, eu me lembro de quando ouvi falar em cartão corporativo. Quando Tancredo ganhou a eleição para Presidente, fui designado Ministro por ele; Sarney confirmou e assumi o Ministério da Agricultura. Quando chego ao Ministério da Agricultura, eu me deparo com duas situações – é pena que o Marco Maciel não esteja aqui, porque foi com Marco Maciel, Ministro da Educação, que debatemos. O Ministro ganhava metade do que ganhava um Senador. Eu não me lembro quanto ganhava: um Senador ganhava seis, e um Ministro, três. Cada Ministro tinha sua casa. Cheguei, assumi o Ministério e fui lá para saber como eram as coisas. Disseram-me: “Seu ordenado é tanto, é “X”, mas há a casa”. Fui ver a casa, que era espetacular. Olha, era um negócio! Havia um jardim, uma área verde à beira do lago. Era espetacular! Havia uns 30 funcionários. Perguntei: “Como é isso aí?”. Para os funcionários manterem a área, para os funcionários manterem a casa, as despesas da casa, para os funcionários comerem, beberem, dormirem, o Ministro usava o cartão. Era tudo por conta do cartão. O Ministro, para agradar o que entrava, com o cartão, comprou um carro espetacular, conversível, para a esposa do Ministro que o sucedeu. E o que fiz? Mandei colocar placa branca no carro. Fui para o Ministério e não fui para casa. Tive de conseguir, e o Marco Maciel também, ficar no gabinete. Pude fazer isso, porque eu era Senador. Fiquei no apartamento de Senador, porque o ordenado não dava nem para pagar o aluguel. E devolvi o cartão corporativo.

Reunimo-nos com o Presidente Sarney, com os Ministros, e aí se tomou a decisão: primeiro, aumentar o salário dos Ministros, igual ao dos Senadores. O salário aumentou duas ou três vezes, e terminamos com as despesas. Mas havia um problema, que, para mim, não importava, porque o Presidente do Senado me deixou ficar na casa. Mas e os que foram para casa? E os que vieram de outros Estados, do interior, e entraram na casa? Então, tomou-se uma decisão: todas as despesas da parte externa da casa, dos jardins – foi feito um convênio entre o Governo Federal e

o Governo do Distrito Federal –, seriam mantidas pelo Governo do Distrito Federal. Cada Ministro pagava as despesas da própria casa.

Quando veio o Collor, venderam as casas, e nunca mais ouvi falar em cartão corporativo. Naquela época, isso apareceu na *Veja* como um escândalo, porque um Ministro deixou cair a lista de compras do supermercado da casa: 300 quilos de carne, 20 quilos de manteiga. Era um negócio que era uma loucura! Chegou-se à conclusão de que se comprava para os 40 funcionários da casa. A compra era feita para os 40 funcionários! Todo mundo comprava e colocava na conta do cartão corporativo. Isso acabou. E, ao que sei, não existia. Não sei o que levou Fernando Henrique a criar o cartão corporativo. Juro por Deus que não sei! Estou conversando com a assessoria técnica do Senado para me aprofundar nessa matéria, com seriedade, para saber a razão desse cartão.

Se Lula diz que a maneira mais moral, mais certa, mais transparente é essa, quero um argumento técnico para responder. Não consigo entender 11 mil cartões! Perdoem-me a sinceridade. Não consigo entender isso. Foram feitas as biografias dessas 11 mil pessoas? Foi verificado quem o recebeu, quem não o recebeu?

Não dou cheque em branco para meu filho. O limite do cartão dele é de R\$5 mil. E ele me diz: “Quero R\$15 mil”. E digo a ele: “Não, meu filho, é de R\$5 mil. É o máximo que posso te dar”. E ele me diz: “Mas todo mundo tem R\$15 mil. E digo a ele: “Tu vais ter R\$5 mil”. E dar cartão em branco para 11 mil pessoas?! Como é que é?

Anos atrás, enviei um pedido de informação, que vou ler nesta tribuna, e veio a resposta – não vou falar sobre isso agora, porque meu tempo é curto – sobre esses cartões corporativos: como é que é, quem faz, como podem ser feitas essas coisas? Fiz um longo pedido. Vieram três páginas – justiça seja feita! – com a resposta. A resposta me deixou vazio. Ainda não tinham aparecido as denúncias. Eu me preocupei antes de as denúncias aparecerem e fiz o pedido.

Essa questão é muito delicada, porque é mais grave do que imaginamos. É como governar; temos de ter firmeza nos pés.

Gosto do Serra. Há gente que não gosta dele – até no PSDB; aliás, acho que mais no PSDB. Eu gosto dele. Se o Serra saiu do Governo Federal para assumir o Governo do Estado e se lá implantou o cartão, ele deve ter alguma razão para isso. Acho, por exemplo, que a CPI deve convidar – não convocar – o Serra para dar explicação. Aliás, não precisa nem trazê-lo; vamos lá falar com ele, para ver se ele pode nos dar um argumento forte, o motivo pelo qual ele o criou.

Não aceito. O ideal é não haver cartão corporativo. Esse é o ideal. Eu, por exemplo, Pedro Simon, só uso cartão de cheque. “Não usa cartão?”. “Não uso cartão”. “Por quê?”. “Porque sou meio irresponsável. Se uso o cartão, daqui a pouco, uso aqui; daqui a pouco, uso ali, e, quando eu for ver, vou estar quebrado no Banco. Então, não o uso”. Mas um funcionário de segundo escalão?

Quero dizer à minha querida amiga Ministra Chefe da Casa Civil: foi muito infeliz a decisão. O Ministro não pode mais usar cartão, mas o assessor dele pode. Isso é tirar o sofá da sala. Quer dizer que o Ministro não pode mais usar o cartão, porque o Ministro, ao usá-lo, aparece na manchete: “A Ministra fez isso, usou aquilo, usou aquilo”. Mas, se o Manuel da Silva usou, ninguém sabe quem é o Manuel da Silva. Isso não pode. Essa foi uma decisão, na minha opinião, grotesca, uma decisão meio ridícula de alguém que quer abafar, não resolver. O problema não é se o Ministro pode usá-lo. Agora, o Ministro não pode usá-lo, mas pode haver dez pessoas no gabinete que podem usá-lo. Não é por aí.

No Governo Itamar, fui Líder de Governo. Em um dos seus primeiros atos, a nosso pedido, Itamar criou uma comissão especial para investigar corrupção na administração pública federal, uma comissão composta de homens todos fora do Governo. Ninguém podia pertencer ao Governo. Foram convidados e integraram essa comissão para fazer o levantamento, exatamente, de qualquer denúncia que aparecesse no Governo de Itamar. A comissão era diretamente ligada ao Presidente da República, e todos os membros do Governo eram obrigados a responder por todos os atos que fariam perante a comissão. Este foi o livro branco que o Itamar deixou para o Fernando Henrique quando saiu: apresentada a denúncia, o Governo investigava, e os componentes, todos pessoas notáveis de fora do Governo, tomavam a decisão. Isso aconteceu.

Houve um caso em que o Itamar chegou ao Palácio e encontrou uma academia de ginástica, a mais moderna do Brasil. Era espetacular, era uma academia de ginástica de primeiro mundo. O Presidente Fernando Collor era um atleta, era afeito a isso. O que o Presidente Itamar fez? Foi ver de onde é que veio, de onde é que não veio, de onde chegou, como chegou, e chegou à conclusão de que o dinheiro não tinha sido público, de que Collor tinha comprado com seu dinheiro ou com sei lá o quê. Ele se reuniu e doou-a ao Hospital Sarah Kubitschek. Está lá, no Sarah Kubitschek, aquela academia que estava no Palácio.

A CPI dos anões do Orçamento chama, para ser ouvido, o Chefe da Casa Civil. O que faz Itamar? Como Ministro, ele não vai depor. Ele, espontanea-

mente, renuncia e vem depor, na Casa, como cidadão. Dois meses depois, não só ele não é indiciado, como há até um voto de louvor pela atuação dele. Ele volta para o Ministério.

É, hoje, nosso ilustre e extraordinário Senador por Minas Gerais, o Resende. Como Ministro da Fazenda, estava tendo uma atuação excepcional. A *Veja* publicou uma reportagem horrível contra ele. Nós o convidamos para vir ao plenário. Ele deu um *show*, e o Líder da Oposição reconheceu, foi uma unanimidade. Era um absurdo: disseram que ele tinha ido para Nova Iorque, que uma empreiteira que tinha interesse em não sei o quê pagou a conta dele no hotel. E ele explicou tudo. Ficou resolvido. Na semana seguinte, a *Veja* veio com uma reportagem pior do que aquela. O Presidente me chama. Eu disse: “Olha, Presidente, com toda a sinceridade, acho que é ridículo isso que a *Veja* está fazendo. O Eliseu Resende saiu-se excepcionalmente bem”. Chega o Ministro Eliseu Resende, falando: “Vou para casa. Não, não, eu vou para casa. Sr. Presidente, o senhor me convidou, está implantando o Plano Real, para eu ajudar o Governo. Eu estou prejudicando. Há um mês, só se fala em mim, o Ministro da Fazenda”. E foi para casa, depois de ter dado um *show* nesta Casa, neste plenário, nesta tribuna em que estou. E foi para casa. Isso é maneira de governar, isso é maneira de governar.

Fala-se em filho, em parente, em mãe, em esposa. O Itamar é uma pessoa cujo pai morreu cedo. Sua mãe era uma mulher humilde e teve dificuldades. O filho mais velho se formou médico, e foi o filho mais velho, formado médico, que pagou a instrução para o Itamar se formar em Engenharia. É o Itamar, Presidente da República. Um sobrinho está com ele, filho do médico. Itamar fala comigo: “Simon, quero que tu nomeies meu sobrinho no teu gabinete de Liderança, porque preciso nomeá-lo, tenho essa obrigação, preciso ajudá-lo”. “Ô Itamar, não posso ajudá-lo”. “Como não pode?”. “Não tenho gabinete de Liderança”. “Como não tem gabinete de Liderança?”. “Não, só tenho o meu gabinete. Eu não criei o gabinete de Liderança. Quem é Líder tem dois gabinetes, o dele e o da Liderança, com funcionários dobrados. O da Liderança, eu não o criei, só fiquei com o meu. Não posso criar”. O rapazinho morreu, morando com o Itamar, e este pagando as contas dele. Não o nomeou no Governo, em nenhum cargo do Governo, em nenhuma empreiteira, em lugar nenhum. É uma forma de fazer Governo.

Nunca me esqueço – Fernando Henrique está vivo e pode dizer – do Presidente das Organizações Globo, o saudoso Roberto Marinho. Fernando Henrique me telefonou: “Simon, fala com o Itamar. O Roberto Marinho quer falar com ele. Ou vem jantar aqui

comigo, ou vamos almoçar lá no Palácio, na residência, na representação da Globo ou no restaurante”. Itamar não falou com representante de nenhuma empresa de rádio, de televisão ou de jornal. Na minha opinião, isso foi errado, mas essa era uma maneira de ser, era uma maneira de ser.

Itamar assumiu. Foi o fato mais bonito da minha vida! Infelizmente, não se noticiou como devia. Todos sabíamos que o herói que ganhou uma eleição, que derrotou todos os Partidos, foi Fernando Collor. Collor teve uma vitória espetacular. Saiu do PMDB e fundou o PRN, um partido desse tamanhozinho. Eram candidatos Ulysses, Brizola, Lula, Covas, Aureliano. Havia candidatos que não acabavam mais, e ele deu um baile em todos.

No segundo turno, fui ao gabinete do Lula e o apoiei. Ele deu um baile. Foi cassado Collor. Tenho dito: faço *mea-culpa*. Eu, que fui o líder da coordenação da cassação do Collor, hoje, sou obrigado a reconhecer que o que encontramos para cassar Collor é questão de juiz de pequenas causas, se comparado com o que veio depois. Nós o cassamos pelo carro que o PC Farias comprou com cheque falso, de pessoa falsa, e que botou no nome dele, e pelas compras da casa da Dinda. A grande verdade é que ele foi eleito e consagrado, e o Senado, o Congresso o afastou. Há uma coisa interessante: quem presidiu a sessão de cassação foi o Presidente do Supremo. Parecia até uma democracia. O Presidente Sanches, do Supremo, presidiu a sessão, e se chegou à conclusão da cassação.

O Itamar não tomou conhecimento, não participou de nenhuma reunião, de coisa nenhuma durante o problema. Não foi como com o Dr. Getúlio Vargas, que o Café Filho estava agindo para prenderem-no e demitirem-no do Governo; não foi como com o Presidente João Goulart, quando o Presidente do Senado, de maneira imoral e indecente, disse: “O Presidente está em lugar incerto e não sabido. Está vaga a Presidência”. “Mentira!”, o Tancredo gritou desta tribuna aqui. “Não é verdade. O Presidente está lá em Porto Alegre, na casa do Comandante do 3º Exército. Dêem três horas, que ele vem aqui!”. O Moura Andrade não deu esse prazo e considerou vaga a Presidência da República.

Comuniquei ao Presidente do Supremo: “Vamos fazer o Itamar assumir hoje, sexta-feira”. O Itamar disse: “Não, na sexta-feira, não vou assumir, só na terça-feira”. O Senador Darcy Ribeiro disse o seguinte: “Mas esse cara é doido. Quando o Jango não estava no gabinete, berrei: “Mas nos dêem três horas, que trazemos o Presidente aqui”. E não nos deram três horas. Agora, ele quer deixar para terça-feira”.

Quando assumimos, foi feita uma reunião, digo e repito, fantástica: todos os Presidentes de partido e todos os Líderes de Bancada numa mesa redonda com o Itamar. Aqui, como se estivessem de castigo, estavam todos os Ministros do Governo. Aí, tivemos um debate.

Primeiro, reconhecemos que a legitimidade de Itamar na Presidência da República era do Congresso Nacional e dos partidos políticos, não do povo. O povo votou no Collor. Os partidos políticos e o Congresso decidiram sobre o mandato de Collor. Os partidos políticos e o Congresso deram posse para o Itamar. Dissemos: “Então, neste momento, estamos reconhecendo isso. Vamos viver um período em que o Governo é de nós todos. Não é do PMDB, não é de ninguém. É de nós todos, de todos os partidos. E fica estabelecido um verdadeiro Pacto de Moncloa. Fica estabelecido que qualquer presidente de partido, a qualquer momento, pode convocar uma reunião igual a essa para decidir qualquer crise. E o Presidente da República fica com autoridade de, a qualquer momento, convocar todos, e todos estão dispostos a virem aqui para discutir uma crise”.

Não houve segunda reunião. Mas por que não houve segunda reunião? Não houve, no Governo Itamar, nenhuma crise. Nenhum Presidente pediu para convocar, e o Itamar também não precisou.

O Plano Real foi o plano mais espetacular da história deste País, mais certo, mais coerente, mais positivo da história deste País, e não foi feito por meio de medida provisória, Sr. Presidente; foi feito por intermédio de projeto de lei, que veio a esta Casa. Mais de cem emendas foram votadas pelo Congresso. O Ministro da Fazenda e o Ministro do Planejamento vieram mais de 50 vezes – neste Plenário, foi uma montanha de vezes – para debater, para discutir, para mudar, para alterar, para modificar. Essa é uma forma de ser.

Estava previsto na Constituição de 1988 que, dentro de cinco anos, o Congresso seria convocado, com poderes constituintes, para fazer a revisão da Constituição de 88. Foi convocado o Congresso para fazer a reforma da Constituição.

Aparece a emenda da reeleição. Vou, como Líder do Governo, e o Itamar reúne o Governo. Reeleição ou não reeleição? O Itamar disse assim: “Fui Senador. Eu votei esta Constituição, que está em jogo”. Está aí Marco Maciel, que é testemunha, pois era Ministro como eu, época em que a casa do Ministro tinha toda mordomia, aquela coisa toda; nós nos reunimos e o Sarney retificou, deu um salário justo para o Ministro e tirou aquele cartão corporativo, em que todas as compras da casa ficavam por conta.

Ou não é verdade, Senador? Está sério por quê? É verdade.

Dentro desse contexto, o Itamar disse o seguinte: “Fui membro da Constituinte. Votei contra a reeleição. E, se votei contra a reeleição lá, tenho de ser contra a reeleição agora”. Nunca me esqueci das palavras de Fernando Henrique: “Mas é claro que é contra. Nós somos contra”. Vim, em nome do Governo, e me manifestei contra a emenda da reeleição. Ela não foi aprovada, porque faltaram nove votos. Os governadores eram a favor, os prefeitos eram a favor, todo mundo era a favor. Foi contra o Presidente. Por nove votos, ela não foi aprovada.

Elege-se Fernando Henrique, e aparece uma emenda da reeleição, uma emenda em que os votos foram conseguidos um a um. E dizem que se pagou muito caro para alguns Deputados aprovarem esse voto.

Estou dizendo isso, porque acho muito feio. Os Líderes do PT, os mais espetaculares Líderes de Oposição que conheci, brilhantes, excepcionalmente brilhantes, agora, usam o argumento, para justificar o que estão fazendo hoje, de que o Governo do Fernando Henrique também fez: “Vamos ver o negócio do cartão do Lula, sim, mas queremos ver também o do Fernando Henrique”. Até não estou discutindo isso, mas esse é um argumento sem graça. O PT tinha de argumentar em torno de sua bandeira, do seu ideal, da sua luta, da sua biografia, da sua história, de todo o movimento espetacular.

Eu fui um. Fui convidado para ser Ministro do Lula, não aceitei e me arrependi. À noite, o meu pessoal dizia: “Mas o que tu fizeste? O Brasil vai mudar. Chegou a hora do Brasil, e tu não aceitas!”. Eu achava que o Brasil ia ser salvo. Eu achava isso. Com Lula, um homem sério e correto, com aquele pessoal do PT, com aquele ideal, com aquela garra, achei que ia ser uma maravilha! Ficou provado que é bonito falar isso na Oposição, mas, no Governo, muda tudo. Dá um cartão corporativo no bolso, dá o cargo de diretor da Caixa Econômica para um, dá o cargo de Presidente do Banco do Brasil para outro, dá o cargo de não sei o quê para outro, é diferente; infelizmente, é diferente.

Se disserem “Presidente Lula, qual foi o maior equívoco do seu Governo?”, digo aqui, porque tenho convicção absoluta: “Foi quando o Waldomiro apareceu na televisão recebendo dinheiro e o botando no bolso”. Foi uma cena fantástica que a televisão repetiu mil vezes!

“Não. A prestação é tanto, eu ganho a comissão de não sei quem, mas não sei o quê” E pegou o dinheiro e o colocou no bolso. Eu fui à Presidência da República pedir que o demitisse. Eu fui à tribuna e pedi

que o demitisse imediatamente. “Demita-o!” Ele não demitiu, ele não demitiu. Se ele o tivesse demitido ali, ele estaria dando a linha do Governo dele, ele estaria dando a linha do Governo dele. “Tem alguma coisa? Rua! Vamos discutir depois”. Ele não demitiu e deu a linha do Governo dele. Veio uma trapalhada depois da outra, depois da outra, depois da outra. O que é mais grave: como ele não demitiu, nós pedimos a constituição de uma CPI. E o Presidente Sarney, a pedido dele – por isso que quando houve a eleição aqui, ele disse que o Presidente Sarney foi o amigo das horas difíceis, e que eu sou uma pessoa inconfiável, porque eu exigia a CPI! – botou na gaveta, não deixou criar. Número suficiente, apresentada, o Presidente manda os Líderes indicarem, e o PT, o PMDB e companhia não indicaram os nomes. E ficou na gaveta. Precisamos entrar no Supremo. E o Supremo mandou criar. Esse foi o desgaste do Governo do PT. Entre o ano que levou entre pedir e criar a CPI, foram dez CPis. E mudou a plataforma do PT; mudou a plataforma do PT, não tenho nenhuma dúvida. Está na situação dramática em que ele se encontra.

Mas o PSDB está fazendo uma Oposição bem mais moderada que o PT. O PSDB já tem uma tradição diferente, já foi Governo por oito anos. Mas o PSDB tem de entender que coisas graves aconteceram no Governo anterior. Os senhores querem que eu diga qual foi a mais grave de todas? Privatizar a Vale do Rio Doce por US\$3,5 bilhões.

Hoje vale US\$100 bilhões. Não estou pedindo para voltar para o Estado, não tem condições de ela voltar a ser estatizada. Mas que tem de se ver para onde foi o dinheiro, tem de se ver. Coisas sérias aconteceram, coisas muito sérias aconteceram. E é isso que tira certa credibilidade do PSDB. Quando ele vem e grita: “Quero ver o Lula, quero ver para onde foi o dinheiro e o cartão corporativo do Lula”. De um lado, tudo bem. Hoje o Líder do PSDB foi muito bem. Ele disse: “Eu quero apurar as contas do Lula e as contas do Fernando Henrique”. Aí é diferente. Eu concordo. Não concordo que se comece a CPI com Lula e Fernando Henrique. Não, aí não é o caso. Eu quero que se comece a CPI discutindo os cartões, o que está certo, o que está errado, e apurar o que aconteceu. Chegar lá no Lula? Não vamos cair fora por que é o Lula; no filho do Lula? Não vamos cair fora por que é o filho do Lula; no Fernando Henrique? Não vamos tirar fora por que é o Fernando Henrique.

Tem coisas que são ridículas. Por exemplo, está certo que o Lula diga que “as contas da minha família são sigilosas”, que “é questão de segurança”. Sim. Mas, as contas da filha dele, lá em Florianópolis, cá entre nós: sete seguranças, três carros, é meio grosseiro. O

Itamar me telefonou para dizer isso; ele foi Presidente da República, tem duas filhas, e nunca nenhuma das duas filhas tiveram um segurança. Andaram livres pelo Brasil e pelo exterior, nunca tiveram um segurança. E olha que o Lula foi eleito numa consagração de votos. O Itamar assumiu, com o Congresso derrubando um presidente eleito por uma montanha de votos, e o vice-Presidente assumiu. No entanto, não teve essa preocupação.

Outra coisa muito séria que tem que ser esclarecida aqui: não sou de me meter na vida de ninguém, muito mais na vida dos familiares do Presidente ou de seja lá quem for, mas também não sou de dizer que mexer no Presidente é crime contra a segurança.

O Nixon, o todo forte presidente da república americana, reeleito, estava no ápice quando apareceram algumas gravações que o serviço secreto fez em *Watergate*. O que é *Watergate*? É o nome do edifício onde estava a sede do Partido Republicano. Foi um escândalo, manchete em todos os jornais. Ele, categoricamente, disse que não sabia de nada. Publicou, estranhou, condenou e mandou parar não sei o quê. Foram adiantando, foram adiantando, foram adiantando, de repente, aparece uma gravação do Nixon ouvindo as gravações e dando determinações. Ele não durou uma semana. Ele renunciou porque ia sair, o *impeachment* dele estava praticamente certo. E ninguém falou que era um escândalo. Ele mentiu apenas.

O caso do presidente que o sucedeu é mais grave, mais sério. Uma moça o acusa de ter tido relações sexuais com ela. Repare, é um troço... O que isso tem a ver com o presidente da república? O presidente da república mantinha relações com uma funcionária do palácio. Nem funcionária, era uma assistente do palácio. Vai discussão, vai discussão, ele nega. De repente, ela encontra um vestido antigo com marca, prova, e pede que seja acareada ela e o presidente.

E ela disse que o Presidente, lá no seu instrumento masculino, tem uma marca que ninguém sabe, mas que ela sabe. A bomba está criada. Arquivar, o Supremo fazer que nem aqui, esquecer, não toca nesse assunto, não recebe? Não. Como é que eles saíram? O presidente da república entrou com ofício dizendo: “Ela está dizendo que foi relação oral. O presidente da república está dizendo que não teve relações sexuais. Relações sexuais é membro e vagina. Relação oral não é relação sexual”. O Supremo aceitou e arquivou o processo. Encontrou uma fórmula jurídica estranha de sair, mas não botou na gaveta. Mas não botou na gaveta.

Como é que agora nós vamos dizer que a figura do presidente da república é uma figura intocável?



Não, não é. O presidente da república deve é ter muito mais cuidado.

Nesse Governo que está aí, o Ministro da Justiça, Tasso Genro, é uma figura que desde a primeira hora está tentando fazer isso. Quando ele foi eleito Presidente do PT, deixou o Ministério e foi para a Presidência do PT, ele disse: “Vamos refundar o PT. Refundar. Não é uma comissão de inquérito, não é o Senado, não é a Câmara, não é a Procuradoria, não é a Polícia Federal, não é o Supremo que vai dar orientação para o PT. Nós vamos reunir o Partido e vamos fazer a limpeza que deve ser feita”. Logo depois, ele caiu fora. Na hora da eleição, o Presidente da República, que ele deve ter ouvido para falar assim, retirou o respaldo, porque a maioria do Partido não topou. Mas é uma linha. É uma linha.

Sr. Presidente, este ano não tem uma terceira saída. Ou essa CPI funciona e todos nós, Governo e Oposição, teremos capacidade, honradez, dignidade, seriedade de levar isso com a seriedade necessária, não com ódio, não com paixão, para defender o que está errado – e não dá para defender –, não com ódio para combater o que está errado, ou não temos autoridade para combater, na busca do bem comum. Podemos transformar o limão em uma limonada. Podemos fazer disso uma grande questão, e sair com dignidade dessa CPI.

Medidas provisórias não queria agora, Sr. Presidente. Vamos mudar. A medida está trancando a pauta. Vamos dizer que a medida provisória não vai mais trancar a pauta, e vamos voltar ao que era antes. Antes, a medida provisória era uma atrás da outra, uma atrás da outra, uma atrás da outra. Então, o Fogaça apresentou... Aliás, apresentou não. Foram quinze emendas, ele fez a relatoria, e nós votamos. Vai trancar a pauta. Por que vai trancar a pauta? Porque a medida provisória é importante, então se tranca a pauta. E enquanto não votar a medida provisória, não se vota nada. Agora, chegou-se à conclusão de que a medida provisória está trancando e complicando. Por que está complicando? Porque não se vota. Então, vamos dizer que não tranca mais a pauta. Volta ao que era antigamente. O ideal, Sr. Presidente, é a medida provisória não trancar a pauta, mas passado o prazo dela, ela cai, e não pode repetir 10 vezes, 20 vezes, 30 vezes.

Se for isso, é um escândalo, Sr. Presidente. Eu não voto isso. É uma imoralidade que continua. E aquilo que o Presidente do Senado disse é verdade: vamos continuar a ser uma casa de “despejo”, de um Governo arbitrário, apesar de democrático. Essa é a segunda.

A terceira é a reforma política. Vamos ter coragem de fazer. Este Senado já teve. Votamos muita matéria

que está na gaveta da Câmara. Até vou ser sincero com vocês. Fui a um debate com Parlamentares, e disse o seguinte: “Sou obrigado a reconhecer que nós, no Senado, votamos propostas muito importantes, muito justas, muito necessárias, que estão na gaveta da Câmara”. E o Deputado me respondeu: “É, Senador, vocês votaram medidas muito importantes, muito necessárias, que estão na gaveta da Câmara, porque sabem que nós não vamos votar, porque se fosse para votar e valer vocês não votavam”. Aí eu não tenho nem dúvida, fiquei numa interrogação. Será que é verdade ou não? Mas que votamos, nós votamos.

A quarta é a reforma tributária. O ex-Governador do Rio Grande do Sul, o companheiro Rigotto, que está na Comissão do Presidente Lula coordenando a reforma tributária, está muito feliz. Diz que agora, no dia 21, o Lula traz ao Congresso a reforma tributária. É bom. Mas não vamos esquecer que o Fernando Henrique já trouxe e, na hora de votar, não deixou votar, que o Lula já trouxe e, na hora de votar, não deixou votar.

Fazer uma reforma tributária, fazer uma reforma política, racionalizar as medidas provisórias e ter dignidade na condução da CPI são coisas muito importantes na hora que estamos vivendo.

Obrigado pela tolerância e pela gentileza de V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente.

*Durante o discurso do Sr. Pedro Simon, o Sr. Garibaldi Alves Filho, Presidente, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Wellington Salgado de Oliveira.*

**O SR. PRESIDENTE** (Wellington Salgado de Oliveira. PMDB – MG) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Pedro Simon.

Antes de passar a palavra ao Senador Flexa Ribeiro, que pediu a palavra pela ordem...

Um minuto, por favor.

Concedo a palavra ao Senador Flexa Ribeiro, para uma comunicação inadiável, por cessão do Senador Augusto Botelho.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA. Para uma comunicação inadiável. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Wellington Salgado, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, agradeço ao nobre Senador Augusto Botelho por me ceder a vez para que eu pudesse ocupar a tribuna para uma comunicação inadiável.

Serei bastante breve, Senador Augusto Botelho.

Eu não poderia deixar de vir até aqui, primeiro, para fazer uma comunicação. Senador Pedro Simon, recebi uma ligação agora, depois do brilhante pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup>. O Senador Arthur Virgílio, nosso Líder, entrou em contato comigo e me informou que

já colheu, Senador Wellington Salgado, Presidente da sessão, 25 assinaturas. Está aguardando o Senador José Maranhão, que também ficou de assinar, sair de uma audiência, e está buscando mais duas assinaturas, para que, ainda hoje, seja novamente protocolado na Mesa do Congresso o pedido de instalação da CPMI dos cartões corporativos. Isso é uma demonstração, Senador Wellington Salgado, de que a Oposição – isso é bom que o Brasil inteiro saiba e reconheça – está fazendo todos os esforços, Senador Pedro Simon, para que essa CPMI se instale e traga à sociedade brasileira as informações sobre os abusos do uso do cartão corporativo deste Governo. E vamos abrir – como disse o ex-Presidente Fernando Henrique, no *e-mail* encaminhado ao Presidente Sérgio Guerra – também o Governo passado. Ele está tranquilo: afirmou no *e-mail* que, no seu Governo, as despesas pessoais e as da sua família foram todas bancadas com recursos próprios, nunca com recursos do Erário.

Mas venho à tribuna, neste instante, por uma questão de justiça com o Prefeito do Município de Paragominas, Adnan Demachki. Ele fez um comunicado a mim, ontem, indignado. Sabe por que, Senador Augusto Botelho? O Município de Paragominas foi incluído na lista do desmatamento entre os 36 Municípios mais devastados do Brasil. Ele está na 23ª posição. E sabe por que a indignação, Senador Mário Couto, do Prefeito Adnan? Porque Paragominas, Senador Pedro Simon, se olharmos para trás, há 12 anos, era um Município completamente sem futuro, onde a devastação e a violência predominavam. Na terceira gestão do PSDB (duas gestões do ex-Prefeito Sidney Rosa e uma do Prefeito Adnan Demachki), sem sombra de dúvida, é um Município modelo na Federação Brasileira. Foi premiado, quatro anos seguidos, como o Município que tem a merenda escolar de melhor qualidade do Brasil, prêmio que o Prefeito Adnan recebeu das mãos do Presidente Lula quatro vezes; a outra premiação foi dada ao ex-Prefeito Sidney Rosa. A indignação de S. Sª é porque o Inpe e o Ministério do Meio Ambiente fizeram um estardalhaço que, inclusive, levou o Presidente Lula e a Ministra Marina Silva a discordarem das informações. Primeiramente, o Presidente Lula disse que a Ministra Marina tinha razão com relação ao volume da área desmatada. Depois, em uma conversa com o Ministro da Agricultura, Stephanes, deu-lhe seu apoio, desautorizando a Ministra Marina.

Entendemos isso, Senador Wellington Salgado, porque o Presidente Lula já se disse uma metamorfose ambulante. Então, ele muda de idéia rapidamente.

Mas a verdade – daí por que quero pedir...

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB – PA) – Permite-me V. Exª um aparte, Senador Flexa Ribeiro?

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Já lhe concedo o aparte.

**O SR. PRESIDENTE** (Wellington Salgado de Oliveira. PMDB – MG) – Senador Flexa Ribeiro e Senador Mário Couto, acho que não cabe aparte em comunicação inadiável.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – O Brasil e o Pará vão ficar sem ouvir o brilhante Senador Mário Couto, em função do Regimento. O nosso Presidente Wellington Salgado é um regimentalista de primeira linha.

Como dizia, Presidente Wellington Salgado, o Município de Paragominas, ao ser incluído nessa lista do desmatamento, foi objeto de uma injustiça. Sabe por quê? Porque a portaria da Ministra Marina Silva utiliza como um dos critérios para inclusão do Município o estoque do desmatamento passado. E aí é evidente que aquilo que foi feito há mais de quinze anos o Município que tem...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Wellington Salgado de Oliveira. PMDB – MG) – Senador Flexa Ribeiro, somente mais um minuto, porque o Município que V. Exª está defendendo tem no final o nome do Estado que me elegeram. Então, mais um minuto.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Não só tem Minas, como também Goiás: “Pará-go-minas”. Então, é um Município privilegiado.

Mas vou pedir, Presidente Wellington Salgado, que seja inscrita nos Anais do Senado a correspondência que o Prefeito Adnan encaminhou à Ministra Marina Silva.

Quero apenas, se V. Exª me permitir mais dois minutos, dizer da deficiência das informações do Inpe, citadas pela Ministra Marina Silva. Pedi ao Senador Sibá Machado, por dois dias seguidos – porque já havia solicitado ao Gabinete da Ministra que me concedesse uma audiência, quando falava do projeto de lei de minha autoria, o de nº 6.424, de 2005, modificado na Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Câmara dos Deputados e totalmente alterado no seu conteúdo –, que me levasse até a Ministra, porque eu não estava conseguindo audiência.

E a Ministra está no meu Estado, o Pará. Ela declarou que o Inpe, por intermédio do Deter, disse que foram derrubados em Paragominas 746 hectares, no período de agosto a dezembro do ano passado. É verdade, Senador Mão Santa. Foram derrubados 746 hectares, dos quais 620 hectares – 620 hectares, Ministra Marina Silva! –, com autorização do Ibama. O Ibama autorizou, porque foi implantação de um pro-

jeto da Companhia Vale do Rio Doce. Então, é uma implantação legal.

O Prefeito Adnan criou uma Área de Proteção Ambiental (APA) em Paragominas e um parque ambiental municipal e determinou metas ambientais do decênio, definindo que, no mínimo, 12 metros quadrados de área verde por habitante têm de haver no Município de Paragominas nos próximos dez anos. Então, é uma injustiça que se faz...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Wellington Salgado de Oliveira. PMDB – MG) – Senador Flexa Ribeiro, meu carinho por V. Ex<sup>a</sup>, mas agora se está entrando no dever para com o Senador Augusto Botelho. Mais um minutinho só, com a autorização do Senador Augusto Botelho.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA) – Concluo, Sr. Presidente.

Digo ao povo de Paragominas, que nos assiste pela TV Senado e que nos ouve pela Rádio Senado, que vou voltar a esse assunto. Vou voltar à questão da Amazônia e do meu Estado do Pará, principalmente porque eles têm padecido pela abundância dos discursos e pela carência dos recursos necessários para que todos nós façamos aquilo que queremos fazer, que é preservar a Amazônia, mas também desenvolvê-la, dando condições dignas de vida aos brasileiros que lá habitam.

Agradeço a generosidade e peço a inclusão nos Anais da correspondência do Prefeito à Ministra.

Solicito também que a íntegra deste pronunciamento seja encaminhado ao Prefeito Adnan, à Câmara de Vereadores de Paragominas e aos Sindicatos Patronais Rural, Florestal e Comércio, aos Sindicatos dos Trabalhadores Rural, Florestal e Comércio, ao Lions, ao Rotary, à Maçonaria e ao CDL.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Wellington Salgado de Oliveira. PMDB – MG) – Muito obrigado, Senador Flexa Ribeiro. A Mesa irá atendê-lo.

Com a palavra agora o Senador Augusto Botelho.

**O SR. AUGUSTO BOTELHO** (Bloco/PT – RR. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, comemoramos, recentemente, no dia 22 de janeiro, o primeiro aniversário do Programa de Aceleração do Crescimento, o carro-chefe do segundo mandato do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

E temos ótimos, excelentes motivos para celebração, pois, em seus primeiros doze meses, o PAC firmou-se como a maior ferramenta de desenvolvimento

apresentada nas últimas décadas por qualquer governante deste País.

É claro que um programa da magnitude do PAC não mostrará seus melhores resultados de maneira imediata. Aliás, imediatismo é algo pelo qual a maioria dos governos é seguidamente criticada. É bastante comum ouvirmos críticas a estadistas que só pensam nos benefícios que possam angariar enquanto estiverem ocupando o poder, homens e mulheres que não têm visão prospectiva, políticos que se recusam a lançar projetos cujos louros serão colhidos pelos próximos governantes, que podem muito bem ser seus adversários. Obviamente, quem perde com essa lógica é o próprio Brasil, é o povo brasileiro, que padece, ao longo de sua história, da falta de planos ousados, ambiciosos, de longo prazo, que revolucionem a infraestrutura do País.

É exatamente essa lacuna que o PAC veio suprir. Ao lançar o PAC, o Presidente Lula tinha plena consciência de que os melhores resultados do programa só aparecerão quando ele não estiver mais exercendo a Presidência da República. Ao lançar o PAC, o Presidente LuLa não estava pensando em si, ou em seu partido, ou nas próximas eleições; ele estava pensando no País; ele estava pensando estrategicamente, estava pensando no nosso futuro.

Ainda assim, é possível já apreciar, nesse período relativamente curto desde o seu lançamento, os primeiros resultados do Programa de Aceleração do Crescimento que estão aparecendo. No terceiro balanço do PAC, divulgado recentemente pela Ministra Dilma Rousseff por ocasião do primeiro aniversário do programa, pudemos ter uma idéia do volume de realizações que o PAC conquistou até agora.

Já começou, por exemplo, a recuperação de um número significativo de estradas e rodovias, bem como a concessão de sete trechos rodoviários federais. As hidrelétricas do rio Madeira estão mais próximas do que nunca de se tornarem realidade, assim como a transposição do rio São Francisco, que hoje foi amplamente discutida nesta Casa. E as obras de saneamento básico e habitação vinculadas ao PAC já se multiplicam em todo o País.

Aqui no Congresso, também mostramos serviço, aprovando, em 2007, 18 das 27 medidas institucionais que compõem o programa. E o trabalho certamente continuará em 2008, com a tramitação da reforma tributária, um passo importantíssimo para a racionalização do sistema tributário e, conseqüentemente, para o crescimento da economia brasileira.

Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, as medidas que se aprovaram aqui e na Câmara dos Deputados em 2007 converteram-se, em todo o Brasil, em iniciativas que

estão transformando o Brasil, nas palavras do Presidente Lula, em um imenso canteiro de obras. Os números estão refletindo isso. O Comitê Gestor do PAC divulgou, no balanço de 22 de janeiro deste ano, que, dos 2.126 empreendimentos monitorados pelo Comitê, nada menos que 86% – friso: 86%! – estão com ritmo de execução adequado, e apenas 2% estão com ritmo de execução preocupante. Em relação ao estágio das ações, 62% encontram-se em obras, 23% estão em licitação e 15% estão em projeto de licenciamento.

Em outras palavras, o PAC está funcionando a pleno vapor, em todas as suas frentes. É comum, aliás, pensarmos no PAC apenas como um programa de investimento em infra-estrutura, na construção de hidrelétricas, na recuperação de estradas, na construção de casas e redes de luz, de água e de esgoto. O PAC, na verdade, é muito mais do que isso. É um programa muito mais ambicioso, que engloba a criação de condições para o pleno desenvolvimento do País, e não apenas em seus aspectos infra-estruturais, mas também em seus aspectos macroeconômicos, fiscais, financeiros, tributários.

Na outra ponta, Sr. Presidente Wellington Salgado de Oliveira – na ponta dos resultados práticos, Senador Mão Santa, sentidos pela população em seu bolso, em sua qualidade de vida, em seu bem-estar –, não tenho dúvida de que as conseqüências do PAC para o Brasil logo estarão claríssimas para todos. Senador Simon, logo, logo, cada vez mais as obras estarão concluídas, mais créditos estarão disponíveis para os investidores e os impostos serão cobrados com mais racionalidade e investidos com mais eficiência.

Assim, não percamos de vista que o foco do PAC deve estar na melhoria das condições de vida do povo brasileiro, em especial aquelas camadas mais marginalizadas e menos favorecidas da população. O PAC tem potencial para ser, talvez, o maior instrumento de inclusão social e de diminuição das desigualdades regionais que este País já teve. Nenhum outro programa foi tão ambicioso, tão amplo, tão abrangente em suas ações e em seus objetos. Não é todo dia que se empenham mais de 500 bilhões de reais em quatro anos de investimento coordenado e planejado estrategicamente; nem é sempre, aliás, que um programa dessa natureza finca raízes tão rapidamente nas mentes da população e da imprensa, que já usa o termo “PAC” como sinônimo de plano estratégico e ambicioso, em expressões como “PAC da educação” e “PAC da saúde”.

Encerro meu pronunciamento, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, externando a esperança de que este promissor primeiro ano do PAC seja o prenúncio do pleno sucesso deste programa que promete, afinal, lançar o Brasil nos

trilhos que nos levarão aos lugares mais destacados do desenvolvimento socioeconômico mundial.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente, Wellington Salgado.

Muito obrigado e boa noite.

**O SR. PRESIDENTE** (Wellington Salgado de Oliveira. PMDB – MG) – Muito obrigado, Senador Augusto Botelho.

Antes de passar a palavra ao Senador Mão Santa, eu gostaria de fazer uma colocação. O Senador Pedro Simon está aqui à Mesa e fez um discurso durante um tempo razoável. Com certeza alguns peemedebistas estão nos ouvindo pela rádio ou nos vendo pela TV Senado, e há um fato, Senador Pedro Simon, que considero importante que algumas pessoas saibam.

No momento em que o PMDB resolvia definir o seu candidato, V. Ex<sup>a</sup> teve a assinatura de 35 membros desta Casa, que confirmaram que votariam em V. Ex<sup>a</sup> como Presidente. Dessas 35 assinaturas, nenhuma era do PMDB, até aquele momento. E V. Ex<sup>a</sup> foi e colocou o nome na mesa, fechada, no nosso partido, onde, na apuração, o partido indicou o hoje Presidente Senador Garibaldi Alves. E V. Ex<sup>a</sup> teve seis votos naquela Mesa. Conseqüentemente, com as 35 assinaturas que V. Ex<sup>a</sup> tinha nessa Casa, com mais os seis do PMDB, se V. Ex<sup>a</sup> viesse contra o candidato que o nosso partido colocou, V. Ex<sup>a</sup> poderia ter sido eleito presidente desta Casa.

Mas, naquele momento – e me lembro bem –, o Senador Pedro Simon colocou: nunca fui contra o meu partido, não vai ser agora que vou lançar uma candidatura avulsa contra a decisão do meu partido aqui, fechado na Liderança.

Então eu queria repassar esse momento – pois muitas vezes ele acontece a portas fechadas –, oportunidade em que V. Ex<sup>a</sup> deu um exemplo do que é ter um partido, do que é pensar como um partido e do que é um político ter toda sua história e, no momento em que poderia ter colocado a vaidade acima de tudo, V. Ex<sup>a</sup>, mais uma vez, mostrou todo seu caminho e se colocou como membro do partido.

Neste momento que V. Ex<sup>a</sup> está presente, coloco, pela TV Senado, para que todos em casa, os que acompanharam o discurso de V. Ex<sup>a</sup>, saibam o que é ser um grande político, decidindo corretamente com o partido num momento em que se tem de tomar um caminho ou outro. O partido foi por uma direção, e V. Ex<sup>a</sup>, demonstrando que caminha com o partido, tendo chance de ser presidente desta Casa – o que já merecia há mais tempo –, acompanhou o partido.

Foi uma demonstração que, em termos políticos, nunca vou esquecer durante toda minha vida.

Concedo a palavra ao Senador Mão Santa.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Senador Wellington Salgado, que preside esta sessão, dia 14 de fevereiro, parlamentares presentes, brasileiros e brasileiras que nos assistem pelo sistema de comunicação do Senado, quis Deus ser eu o último orador desta sessão! A Bíblia diz que os últimos serão os primeiros, mas o primeiro, aqui, em ética e em decência é o Senador Pedro Simon. O nosso Senador Wellington Salgado, representando a sensibilidade e a história do povo de Minas, fez esses elogios. Eu diria que Pedro Simon fica e a sua vida é muito importante, porque o que estamos precisando neste País são de exemplos bons.

Padre Antônio Vieira disse que palavra sem exemplo é como um tiro sem bala. As palavras de Pedro Simon são exemplo de vida, de dignidade, de honestidade.

Senador Wellington Salgado, ele não ganhou a Presidência desta Casa, ele não galgou à Presidência da República, mas Rui Barbosa está ali. Nesses 183 anos, quantos passaram por aqui? Portugueses, brasileiros. No primeiro Parlamento, eram 42, sendo 22 da Justiça, da área do Direito; 10 militares, tipo Caxias; 7 da Igreja; 2 médicos; e 2 só ligados ao campo, à produção. Mas, desde aí, só Rui Barbosa tem merecido o reconhecimento de simbolizar essa grandeza.

Rui Barbosa fez nascer a República neste País, depois, Wellington Salgado, de ter conquistado também a liberdade dos escravos. Foi aqui que a Princesa Isabel sancionou a lei feita por este Senado. Estava aqui Rui Barbosa, e o povo jogou flores na Princesa Isabel ao sancionar aquela lei feita aqui. Rui Barbosa, depois de fazer nascer a República, serviu à República, foi Ministro da Fazenda. Ele teve muita coragem e deu muitos exemplos.

Wellington Salgado, quando libertaram os escravos, todos os poderosos – aprenda, Luiz Inácio! –, os ricos, os banqueiros, os poderosos do dinheiro, todos queriam que o governo os indenizasse pelos trabalhadores escravos. O governo ia nascer morto e endividado. Todos os escravos! E Rui Barbosa – o homem é o homem e suas circunstâncias – fez justiça, mandou queimar todos os processos que cobravam indenização deste País. Ele teve a coragem de reagir contra os poderosos, contra os ricos. Por isso que ele está aí.

**O SR. PRESIDENTE** (Wellington Salgado. PMDB – MG) – Senador Mão Santa, tenho de fazer um comunicado, pediria a paciência de V. Ex<sup>a</sup>.

A Ordem do Dia da presente sessão fica transferida para terça-feira, dia 19 próximo.

Lembramos que ainda temos o Senador Heráclito Fortes e o Senador Paulo Paim para falar depois de V. Ex<sup>a</sup>.

Com a palavra, V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Pois não.

E aí é que Rui Barbosa se engrandeceu. Vendo abortar a República com que sonhara, cem anos depois de o povo nas ruas da França gritar “liberdade, igualdade e fraternidade”, os militares – Deodoro, Floriano – iam colocar outro militar, e ele se indispôs contra o governo de que fazia parte. Querendo dar grandeza à sociedade civil, iniciou neste País uma campanha civilista, sabendo que não tinha condições de vencer as eleições. Mas chamaram-no para cooptá-lo: ofereceram novamente a chave do cofre, o Ministério da Fazenda. E Rui Barbosa dá ensinamento muito oportuno para o meu partido, para o PMDB: “Não troco a trouxa das minhas convicções por um Ministério”. Isso foi o que fez Rui Barbosa entrar na história.

Hoje, o nosso partido tem Pedro Simon, o único que pode se comparar a Rui Barbosa na honestidade, na firmeza do direito, no altruísmo, na austeridade.

E eis que aqui estamos. Mas Pedro Simon refletiu que Itamar não passou, ele deixou um exemplo. Feliz da Nação que não precisa buscar exemplos em outras histórias, em outros povos: Itamar! Eu o conheci.

Pedro Simon, eu quero dizer a V. Ex<sup>a</sup> que, em 1998, ele governava Minas e sonhou ser candidato do nosso partido à Presidência da República. Ele foi visitar o Piauí. Ele seria contra o candidato do Governo. E esse partido nosso recomendou que eu não o recebesse, que eu me ausentasse. Silas Freitas, um Deputado Estadual, tinha lhe conseguido o título de cidadania. Pedro Simon, eu fiquei como Governador do PMDB a recebê-lo, a homenageá-lo. E, mais ainda, abri o Palácio do povo, do Piauí, o Karnak, e lhe outorguei a maior comenda do Estado, a Grã-Cruz da Ordem Estadual do Mérito Renascença.

Paz de Andrade, Pedro Simon, me telefonara perguntando se podia lançar a chapa dele. Seria Itamar e Mão Santa o seu vice. E eu levei. Fui vítima dessa situação. Essa é que é a verdade. Foi aí. Mas a grandeza do povo do Piauí consagrou, em Teresina, Rui Barbosa, em uma eleição em que o País sabia que ele não venceria. Mas ele venceu em Teresina. Esse mesmo povo me mandou para cá.

Pedro Simon – e quis Deus estarem aqui os gaúchos, V. Ex<sup>a</sup>, representando Alberto Pasqualini, e nosso Paulo Paim, o Martin Luther King do Brasil –, quero dar o exemplo de V. Ex<sup>a</sup>, a mesma admiração que tive por Itamar. Para o Luiz Inácio, é muito fácil, não precisa estudar e ler os livros de História Universal.

Aqui está Getúlio Vargas. Pedro Simon, quinze anos do estadista Getúlio Vargas. “O homem é o homem e suas circunstâncias.” Pedro Simon, agora, revivi o Getúlio, ô Paim. Fui, no fim da semana passada, ao Rio. Uma filha minha está lá, Heráclito, estudando Dermatologia com o Professor Azulay, na Santa Casa. Ela buscava um apartamento próximo ao Flamengo e ao Catete. Aí, eu disse: “Vamos a pé para a Confeitaria Colombo”. Heráclito, e saímos sabe por quê? Porque li o diário de Getúlio Vargas, dois volumes.

Paim, Luiz Inácio, é uma vergonha essa segurança para sua filha em Santa Catarina. Isso é uma vergonha, Luiz Inácio! Getúlio Vargas, no seu diário...

*(Interrupção do som.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Wellington Salgado de Oliveira. PMDB – MG) – Senador Mão Santa, há mais dois oradores inscritos, senão eu gostaria de ficar ouvindo V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Há dois, mas quero chegar ao Luiz Inácio, para ele aprender.

Atentai bem, Paulo Paim, está no diário. Heráclito, sabe qual era a diversão de Getúlio? Sair às 7 horas da noite, lá do Catete, a pé – fiz agora esse percurso – e ir para a Cinelândia com um ajudante-de-ordens assistir a filmes. Era a diversão dele.

Eu disse, muito recentemente, Paim, Heráclito, que podemos nos orgulhar de Petrônio Portella. E V. Ex<sup>a</sup> reconheceu isso, porque levantou um busto de Petrônio Portella quando foi Prefeito de Teresina. Heráclito, Petrônio chegou à minha cidade, Parnaíba, Ministro da Justiça. Fui recebê-lo, Pedro Simon. Foi no carro de um amigo, ditador de moda. Ele, eu, um irmão meu, que foi Deputado, Petrônio e Lauro Andrade Correia, empresário e professor. O povo do Piauí, de Parnaíba, foi buscar o filho do Piauí, Ministro, do qual nos orgulhávamos. Pedro Simon, Heráclito, de repente, ouço Petrônio Portella – aprenda, Luiz Inácio, porque é ridículo esse negócio de suas filhas terem proteção, esse exército, bem como esses cartões corporativos – dizer:

“Pára, pára, pára, Mão Santa. Mande tirar esses batedores”. Ouviu, Wellington Salgado? São aquelas motos, os batedores. Ele, o Ministro da Justiça, não queria andar com isso. “No Rio de Janeiro, Mão Santa, ando sozinho nos calçadões da praia de Copacabana.” Isso foi outro dia. V. Ex<sup>a</sup> conviveu com Petrônio.

E mais ainda: Pedro Simon, tenho aprendido muito com V. Ex<sup>a</sup>, mas aprendi muito com Lucídio Portella, irmão mais velho de Petrônio, que foi Governador do Estado. Eu e Tapety éramos seus líderes. Atentai bem! No discurso de posse de Lucídio,

ouvi meia dúzia de vezes ele dizer: “Vou governar com austeridade, austeridade, austeridade”. Pedro Simon, fiquei perplexo, porque essa palavra não era do meu vocabulário.

Mas é isto o que está faltando ao Governo de Luiz Inácio: austeridade.

Com quinze anos, Getúlio saiu – atentai bem, o exemplo está aí: enfrentou três guerras, uma para entrar, os paulistas quiseram tirá-lo, e a Segunda Guerra Mundial –, e ele não tinha uma geladeira a querosene. Meu avô, na mesma época, Wellington Salgado, tinha três. Só estou dizendo isso para fazer o paralelo. Meu avô era empresário, industrial, chegou a botar fábrica na Ilha do Governador. Comprou navios, tinha três geladeiras, lá, na Parnaíba. Getúlio Vargas, na mesma época, não tinha uma geladeira a querosene. Você se lembra delas, Pedro Simon? Perna grande, um espelho, a chama, fumaçava, e não gelava. Meu avô gritava: “Menino, olhe aí a chama”. Tinha que ajeitar.

Três! E Getúlio Vargas não tinha uma, Wellington. Em São Paulo, um amigo quis dar-lhe uma. Ele ficou constrangido.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – No inventário do Dr. Getúlio...

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Concedo um aparte ao Senador Pedro Simon.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – ...ele, que foi Presidente da República por 20 anos, segundo seu inventário, ele tinha metade dos bens que recebeu do pai dele. O pai do Dr. Getúlio era um homem muito rico, morava na fronteira, na cidade de São Borja. Metade, o Dr. Getúlio vendeu para sobreviver. Ele não deixou uma casa, um apartamento, um terreno no Rio de Janeiro; ele não deixou uma casa, um apartamento, um terreno em Porto Alegre; e, em São Borja, ele deixou as fazendas e a casa do pai dele. Foram 20 anos na Presidência da República. É um exemplo, um exemplo real. Em primeiro lugar, quero ser muito sincero e vou dizer de público: Sr. Presidente, V. Ex<sup>a</sup> me comoveu. Digo isso do fundo do meu coração; sua gentileza, sua lembrança em relação àquele episódio. Nem eu me havia dado conta de que 35 e 6... e eu podia ter ganho. Sinceramente, não pensei nisso, porque não pensei nunca em disputar. Fui para a Bancada, aceitei a decisão. Até para o Garibaldi foi sensacional a decisão da Bancada, mas agradeço a gentileza do prezado amigo. Muito obrigado. Mas tenho que dizer a V. Ex<sup>a</sup>: tenho uma casa em Rainha do Mar. Não tenho casa nem em Brasília, nem em Porto Alegre, mas, na praia, tenho uma casinha. E, há 35 anos, passo o verão ali. Gaúcho só tem veraneio em janeiro e fevereiro; só vê mar em janeiro e fevereiro.

Em janeiro e em fevereiro, é questão de honra para o gaúcho ir para a praia. Assim como vocês, de Belo Horizonte, que vão para o Espírito Santo. Nós vamos para a praia. Então, todo mundo passava na frente da minha casa. Fiquei impressionado, em primeiro lugar, com a audiência da TV Senado. É uma coisa impressionante como as pessoas assistem à *TV Senado*! Em segundo lugar, com o prestígio de V. Ex<sup>a</sup>. “E aquele Mão Santa? Ele é mesmo aquilo?” “É.” “Mas, por que ele é Mão Santa?” “Porque ele era um grande médico, um grande cirurgião e não cobrava as cirurgias dele. Por isso, o apelido dele foi Mão Santa.” “Mas, e aquela cultura? Ele tem?” “Eu só posso dizer a você o seguinte: semanalmente, ele me mostra dois ou três livros que ele compra. É Platão, ou é Aristóteles, ou é Churchill, ou é da China, e está tudo sublinhado. Tudo sublinhado!” V. Ex<sup>a</sup> não calcula a credibilidade, o respeito e o carinho que as pessoas têm por V. Ex<sup>a</sup>; o que V. Ex<sup>a</sup> tem dado de aumento de audiência! V. Ex<sup>a</sup> pode até cobrar percentual da TV Senado, porque V. Ex<sup>a</sup> é um campeão de audiência. Em terceiro lugar, salientei a pessoa do Itamar, porque a pessoa do Itamar é malvista politicamente. A imprensa o aponta como um homem antipático. Num debate de televisão, tive de explicar: “Mas como é que um Presidente vai a um Carnaval, no Rio de Janeiro, num sambódromo, e está perto de uma artista sem calça?” Eu disse: “V. Ex<sup>a</sup> tem razão num aspecto, Primeiro, Itamar não devia ter ido. Se fosse, não era para ir ao camarote de não sei quem. Tinha de ir ao camarote do Governador do Rio de Janeiro. Em terceiro lugar, onde está a segurança?” Aparece a figura do Ministro da Justiça, inclusive com um copo de uísque na mão. “Mas onde estão os seguranças que deixaram aquela mulher entrar e deixaram aquela mulher ir lá na frente, ao lado do Presidente da República? E o Presidente estar lá não tinha nada a ver!”

Agora, a segurança dele foi um fiasco. Em terceiro lugar, a fotografia foi tirada de baixo para cima. Quer dizer, ela estava de saia e quem estava do lado dela não podia ver, só quem estava embaixo. Essas são as figuras que sobram do Itamar. Quando a Globo mostrou essa fotografia na capa, eu, Líder do Governo, fui até o Itamar. Levei o jornal e ele ficou olhando. Eu botei o jornal na frente dele: “E aí Presidente?” “Bonita a mulher, não é? Bonita.” Aí, ele tira uma outra fotografia de capa do mesmo jornal, do início do ano, do Fernando Henrique, Ministro da Fazenda, na queima de fogos de artifícios em Copacabana. Um travesti – como é o nome mais grã-fino? – estava beijando o Fernando Henrique. “E disso aqui, o que tu achas, Simon? Se fosse eu com o travesti, a manchete seria esta: um veado beijando outro. Agora,

como é o Fernando Henrique, a fotografia foi espetacular e a minha, foi uma fotografia para desmoralizar”. O que quero dizer é que o Itamar foi, realmente, uma pessoa de dignidade, que subiu à Presidência da República, exerceu o mandato, saiu e a vaidade não subiu à cabeça dele. Não teve um ato diferente. O alfaiate dele foi o mesmo, de roupa de confecção. A roupa dele foi a mesma. O estilo dele foi o mesmo. A comida dele foi a mesma, não veio chefe de cozinha de lá ou de cá. Manteve-se a mesma pessoa. Com todo carinho ao Lula, aquela aparência do Lula tinha de mudar, claro. O Lula não ia ser Presidente da República com aquela barbicha enorme que ele tinha. Acho que o Lula tinha que melhorar a roupa, mas exagerar na vaidade? Não entendi o Presidente da França, lá na Guiana, de gravata, num calor desgraçado, e o Lula de manga de camisa. O protocolo dos dois errou, até porque tinham de se acertar. O protocolo do Brasil e o protocolo da França tinham de se acertar: vão os dois de camisa ou vão os dois de gravata. Agora, um ir de gravata e o outro ir de manga de camisa foi ridículo. São essas coisas. O que o Lula não entende é que o problema da filha dele, lá em Santa Catarina, é grotesco. Todo mundo tem carinho por aquela menina. Aquela menina, o Brasil inteiro adora, ela é uma guria espetacular. Qual é o perigo que tem? Agora, seis, sete seguranças, três carros, isso é piada! É piada isso. E vem o Lula e diz que isso é questão de segurança pessoal, que na segurança pessoal do Presidente ninguém pode mexer. Ninguém quer mexer! Ninguém quer ver as contas! Até, não sei por que isso apareceu no jornal. Nunca pensei numa coisa dessas. Mas é ridículo. Então, acho que ter sensibilidade de ver essas coisas é muito importante. O Brasil está cansado do Lula e do Fernando Henrique, um com o outro. Agora, vou dizer com toda a sinceridade: é capaz de acontecer o que está acontecendo nos Estados Unidos. Foram oito anos do Presidente Clinton e oito anos do Bush. Agora, vem a mulher dele, uma baita de uma candidata, excepcional, mas o rapazinho está entrando por fora. Por quê? “Chega! Chega da família Bush, chega da família Clinton, vamos com um nome novo”. Pode acontecer isso. Pode acontecer isso, no Brasil, se continuar esse negócio de PT e PSDB com essa briga. Não é um dizendo: “Eu fiz isso de bom”. Fernando Henrique pode dizer: “Olha a Vale, que maravilha! Eu fiz isso de bom”. O Lula pode dizer: “Olha o Bolsa-Família como está bom!”. Em vez de ser esse o debate, é o contrário: “Olha o que ele fez de ruim.” “Ah, eu fiz, mas tu também fizeste”. Por amor de Deus, não dá para ser por aí! Não dá para ser por aí, não dá! Não podemos nivelar por baixo, não podemos nivelar por

baixo, temos de nivelar por cima. O Fernando Henrique fez muita coisa boa? Fez. O Lula está fazendo muita coisa boa? Está. Agora, nivelar por baixo, não dá. Nessa CPI, por amor de Deus, não quero ser indicado, não vou ser indicado, não faço questão, mas que os partidos indiquem gente que queira buscar o que é verdade e não esconder as coisas de qualquer um. Que se siga um caminho que dê certo. Eu acho V. Ex<sup>a</sup> uma figura muito importante, porque V. Ex<sup>a</sup> tem a isenção de falar, não tem mágoa nenhuma no seu pensamento. Se não me engano, até votou no Lula ou trabalhou para o Lula, quer dizer, V. Ex<sup>a</sup> não tem mágoa nenhuma nesse sentido. V. Ex<sup>a</sup> não pediu cargo, não está preocupado com isso, então, V. Ex<sup>a</sup> tem a isenção de ver o que é bom e de ouvir o que a gente quer. Vamos fazer isso neste Senado. Eu felicito V. Ex<sup>a</sup>, porque V. Ex<sup>a</sup> é um grande integrante dessa caminhada. Muito obrigado.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Em 2002, vetei em Luiz Inácio e no candidato do PT a Governador, porque todos nós fomos embalados naquela trajetória do PT – que fez, ontem, 28 anos –, que era a virtude da ética, da decência. Mas realmente, não foi isso o que aconteceu.

O Getúlio não tinha eletricidade e luz na fazenda dele, em São Borja, por isso ganhou, de um industrial paulista, uma geladeira a querosene. Depois, quando lhe perguntaram, ele disse: “Eu gostei. Eu até gostei, porque eu tomava um sorvete de chocolate à noite”.

Dutra, que seguiu Getúlio, ô Heráclito Fortes, saiu do Governo e mandou um genro arrumar uma casa. Entregou a Presidência e, quando viu a casa, um sobrado grande, ele, que era general, disse: “Eu não posso, o meu soldo não dá para eu manter essa casa”. Aí, explicaram que um compadre dele, muito rico, cedeu a casa. Mas ele recuou quando o carro parou, porque ele, Dutra, não tinha dinheiro para pagar. Essa é a história.

Então, são muito ricos os exemplos de austeridade para o Governo.

Esse cartão corporativo é uma imoralidade muito grande: quase 12 mil pessoas!

Pedro Simon, Humberto de Campos tem um conto – ele nasceu no Maranhão, mas passou a sua infância e a sua adolescência na minha cidade – chamado *O Brinquedo Roubado*.

**O Sr. Heráclito Fortes** (DEM – PI) – Plantou um cajueiro.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Plantou um cajueiro.

Humberto de Campos era órfão. A mulher, Vera, de família tradicional e rica. Ele pequenininho, um garoto,

filho da viúva, com dificuldades, a família poderosa, entrou, no Natal – são comuns, no Nordeste, aqueles presentes sob a árvore de Natal –, na casa de um tio rico e tirou um brinquedo da árvore de Natal. Então, ele disse: “A ocasião faz o ladrão”.

É isso aí, deram esses cartões corporativos a doze mil aloprados e isso é um teste de honradez e de honestidade. É como Pedro Simon disse: aquilo é em branco. E deu no que deu.

É isso, Paim, que está faltando, na Saúde, para se matar o mosquitinho, que é o mesmo ao qual Oswaldo Cruz, com pouco dinheiro, deu fim. É o mesmo mosquitinho da dengue. O que está faltando nas escolas e nos presídios é esse dinheiro. Então, queremos pregar a austeridade.

Getúlio criou, Senador Heráclito Fortes, o Dasp (Departamento Administrativo do Serviço Público) e colocou lá um estadista, que escreveu o livro chamado **Chefia – Sua Técnica, Seus Problemas**, que tem capítulos a respeito de administração e de critérios de promoção e de punição.

Há um livro sobre Átila, o rei dos hunos, que resume o que eu queria passar para o nosso Presidente da República. Átila, rei dos hunos, disse que administrar é fácil: premiar os bons e punir os maus.

Essa CPI tem de nascer com o apoio do Executivo para punirmos os maus e colocarmos, então, neste País, a austeridade que vai trazer a prosperidade para a nossa Pátria.

**O SR. PRESIDENTE** (Wellington Salgado de Oliveira. PMDB – MG) – A Ordem do Dia da presente sessão fica transferida para terça-feira, dia 19 próximo.

São os seguintes os itens transferidos:

1

## PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 48, DE 2003

Votação, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 48, de 2003, tendo como primeiro signatário o Senador Antonio Carlos Magalhães, que *dis põe sobre aplicação de recursos destinados à irrigação*.

Pareceres sob nºs 1.199, de 2003; e 15, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania: 1º pronunciamento: Relator: Senador João Alberto Souza, favorável, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta; 2º pronunciamento: (sobre a Emenda nº 2, de Ple-



nário), Relator ad hoc: Senador João Batista Motta, favorável, nos termos de subemenda que apresenta.

## Item 2

### PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 57, DE 2005

Votação, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 57, de 2005, tendo como primeiro signatário o Senador Marco Maciel, que dá nova redação ao § 4º do art. 66 da Constituição, para permitir que os vetos sejam apreciados separadamente no Senado Federal e na Câmara dos Deputados.

Pareceres sob nºs 779, de 2006; 272, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, – 1º pronunciamento (sobre a Proposta): Relator: Senador ramez tebet, favorável; 2º pronunciamento (sobre a Emenda nº 1, de Plenário): Relator: Sanador Adelmir Santana, favorável, e apresentando a Emenda nº 2-CCJ, de redação.

## 3

### PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 20, DE 1999

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 20, de 1999, tendo como primeiro signatário o Senador José Roberto Arruda, que *altera o art. 228 da Constituição Federal, reduzindo para dezesseis anos a idade para imputabilidade penal.*

Parecer sob nº 478, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Demóstenes Torres, favorável à Proposta de Emenda à Constituição nº 20, de 1999, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta; e pela rejeição das demais matérias que tramitam em conjunto, com votos contrários dos Senadores Sibá Machado, Eduardo Suplicy, Epitácio Cafeteira, Antônio Carlos Valadares, Pedro Simon, Romero Jucá, e das Senadoras Serys Sihessarenko, Lúcia Vânia e, em separado, do Senador Aloizio Mercadante e da Senadora Patrícia Saboya.

## 4

### PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 18, DE 1999

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 20, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 18, de 1999, tendo como primeiro signatário o Senador Romero Jucá, que *altera a redação do art. 228 da Constituição Federal.*

## 5

### PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 3, DE 2001

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 26, de 2002; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 3, de 2001, tendo como primeiro signatário o Senador José Roberto Arruda, que *altera o artigo 228 da Constituição Federal, reduzindo para dezesseis anos a idade para imputabilidade penal.*

## 6

### PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 26, DE 2002

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 3, de 2001; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 26, de 2002, tendo como primeiro signatário o Senador Iris Rezende, que *altera o artigo 228 da Constituição Federal, para reduzir a idade prevista para a imputabilidade penal, nas condições que estabelece.*

## 7

### PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 90, DE 2003

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Cons-

tituição nº 90, de 2003, tendo como primeiro signatário o Senador Magno Malta, que *inclui parágrafo único no artigo 228, da Constituição Federal, para considerar penalmente imputáveis os maiores de treze anos que tenham praticado crimes definidos como hediondos.*

8

### **PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 9, DE 2004**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; e 90, de 2003)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 9, de 2004, tendo como primeiro signatário o Senador Papaléo Paes, que *acrescenta parágrafo ao artigo 228 da Constituição Federal, para determinar a imputabilidade penal quando o menor apresentar idade psicológica igual ou superior a dezoito anos.*

9

### **SUBSTITUTIVO AO PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 12, DE 2000**

Discussão, em turno suplementar, do Substitutivo ao Projeto de Lei da Câmara nº 12, de 2000 (nº 885/95, na Casa de origem), que *estabelece diretrizes gerais de programa nacional de habitação para mulheres com responsabilidade de sustento da família.*

Parecer sob nº 437, de 2007, da Comissão Diretora: Relator: Senador Gerson Camata, oferecendo a redação do vencido.

10

### **PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 6, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 6, de 2003 (nº 2.820/2000, na Casa de origem), que *altera os arts. 47 e 56 da Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971 (dispõe sobre a administração e o conselho fiscal das sociedades cooperativas).*

Parecer sob nº 1.036, de 2006, da Comissão de Agricultura e Reforma Agrária, Relator do vencido: Senador Jonas Pinheiro, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CRA (Substituti-

vo), que oferece, com voto vencido do Senador Gilberto Goellner, e em separado, do Senador Pedro Simon.

11

### **PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 7, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 7, de 2003 (nº 3.703/2000, na Casa de origem), que *dispõe sobre procedimento na operação de arrendamento mercantil de veículo automotivo (leasing), e dá outras providências.*

Pareceres favoráveis sob os nº 446 e 447, de 2007, das Comissões

– de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Arthur Virgílio; e de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Eduardo Suplicy.

12

### **PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 22, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 22, de 2003 (nº 5.120/2001, na Casa de origem), que *dispõe sobre as atividades das Agências de Turismo.*

Pareceres sob os nºs 1.049 e 1.050, de 2007, das Comissões

– de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Tasso Jereissati, favorável com as Emendas nºs 1 a 12 – CCJ, que apresenta; e

– de Desenvolvimento Regional e Turismo, Relator: Senador Antonio Carlos Valadares, favorável com as Emendas nºs 13 a 18 – CDR, a Subemenda nº 1-CDR à Emenda nº 9-CCJ, e pela aprovação das Emendas nºs 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 11 e 12 – CCJ.

13

### **PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 28, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 28, de 2003 (nº 5.657/2001, na Casa de origem), que *acrescenta dispositivo à Lei nº 8.906, de 4 de julho de 1994, que dispõe sobre o Estatuto da Advocacia e a Ordem dos Advogados do Brasil – OAB (prescrição em cinco anos da ação de prestação de contas do advogado para o seu cliente, ou de terceiros por conta dele).*

Parecer favorável, sob nº 1.162, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Demóstenes Torres.

14

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 75, DE 2004

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 75, de 2004 (nº 1.071/2003, na Casa de origem), que *altera a Lei nº 10.334, de 19 de dezembro de 2001, que dispõe sobre a obrigatoriedade de fabricação e comercialização de lâmpadas incandescentes para uso em tensões de valor igual ou superior ao da tensão nominal da rede de distribuição, e dá outras providências.*

Parecer favorável sob nº 87, de 2007, da Comissão de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Delcídio Amaral.

15

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 5, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 5, de 2005 (nº 1.447/2003, na Casa de origem), que *acrescenta parágrafo único ao art. 2º da Lei nº 9.452, de 20 de março de 1997, determinando que as Prefeituras Municipais convenientes com a Administração Pública Federal dêem ampla divulgação das liberações de recursos decorrentes dos convênios celebrados.*

Parecer sob nº 21, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Ney Suassuna, favorável, com as Emendas nºs 1 a 3-CCJ, que apresenta.

16

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 24, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 24, de 2005 (nº 4.465/2001, na Casa de origem), que *altera a Lei nº 5.917, de 10 de setembro de 1973 (inclui novo trecho na Relação Descritiva das rodovias no Sistema Rodoviário Nacional).*

Parecer favorável, sob nº 1.534, de 2005, da Comissão de Serviços de Infra-Estrutura, Relator *ad hoc*: Senador Rodolpho Tourinho.

17

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 103, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 103, de 2005 (nº 45/99, na Casa de origem), que *veda a exigência de carta de fiança aos candidatos a empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho – CLT.*

Parecer sob nº 198, de 2006, da Comissão de Assuntos Sociais, Relator *ad hoc*: Senador Paulo Paim, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CAS (Substitutivo), que apresenta.

18

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 111, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 111, de 2005 (nº 3.796/2004, na Casa de origem), que *dispõe sobre a Política Nacional de Orientação, Combate e Controle dos Efeitos Danosos da Exposição ao Sol à Saúde e dá providências correlatas.*

Pareceres sob nºs 603 e 604, de 2007, das Comissões:

– de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Magno Malta, favorável, com as Emendas nºs 1 e 2-CCJ, de redação, que apresenta; e

– de Assuntos Sociais, Relator: Senador Papaléo Paes, favorável, nos termos da Emenda nº 3-CAS (Substitutivo), que oferece.

19

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 118, DE 2005

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 118, de 2005 (nº 1.153/2003, na Casa de origem), que *modifica o inciso II do caput do art. 44 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (dispõe sobre o aproveitamento de matérias cursadas em seminários de filosofia ou teologia).*

Parecer sob nº 924, de 2006, da Comissão de Educação, Relatora: Senadora Maria do Carmo Alves, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CE (Substitutivo), que oferece.

20

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 1, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 1, de 2006 (nº 1.696/2003,

na Casa de origem), que altera o § 2º do art. 12 da Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998, que dispõe sobre os planos e seguros privados de assistência à saúde (acrescenta o planejamento familiar nos casos de cobertura dos planos ou seguros privados de assistência à saúde).

Parecer favorável, sob nº 145, de 2007, da Comissão de Assuntos Sociais, Relatora: Senadora Serys Slhessarenko.

21

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 2, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 2, de 2006 (nº 1.984/2003, na Casa de origem), que altera o inciso XIII do caput do art. 7º da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (inclui as normas técnicas como obras protegidas pela legislação dos direitos autorais).

Parecer favorável, sob nº 376, de 2006, da Comissão de Educação, Relator: Senador Roberto Saturnino.

22

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 4, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 4, de 2006 (nº 4.730/2004, na Casa de origem), de iniciativa do Presidente da República, que dá nova redação aos arts. 830 e 895 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 (dispõe sobre a autenticidade de peças oferecidas para prova no processo trabalhista e sobre o cabimento de recurso ordinário para instância superior).

Parecer favorável sob o nº 697, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator Senador Eduardo Suplicy .

23

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 11, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 11, de 2006 (nº 2.822/2003, na Casa de origem), que acrescenta parágrafo único ao art. 1º da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, para dispor sobre a boa-fé nas relações de trabalho.

Parecer sob nº 542, de 2006, da Comissão de Assuntos Sociais, Relator: Senador

Paulo Paim, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CAS (Substitutivo), que oferece.

24

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 27, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 27, de 2006 (nº 819/2003, na Casa de origem), que denomina “Rodovia Ministro Alfredo Nasser” a rodovia BR-174, entre a cidade de Cáceres – MT e a fronteira com a Venezuela.

Parecer sob o nº 1.175, de 2006, da Comissão de Educação, Relator ad hoc: Senador Mão Santa, favorável, com a Emenda nº 1-CE, que oferece.

25

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 43, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 43, de 2006 (nº 4.505/2004, na Casa de origem), que dispõe sobre o reconhecimento do dia 26 de outubro como Dia Nacional dos Trabalhadores Metroviários.

Parecer favorável, sob nº 926, de 2006, da Comissão de Educação, Relator: Senador Paulo Paim.

26

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 90, DE 2006

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 90, de 2006 (nº 6.248/2005, na Casa de origem), que acrescenta o § 3º-C ao art. 30 da Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973, que dispõe sobre os registros públicos e dá outras providências (determina que cartórios de registros públicos afixem, em locais de fácil leitura e acesso, quadros contendo os valores das custas e emolumentos).

Parecer favorável, sob nº 1.163, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator ad hoc: Senador Valter Pereira.

27

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 12, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 12, de 2007 (nº 1.791/1999, na Casa de origem), que institui o Dia Nacional dos Surdos.

Parecer favorável, sob nº 979, de 2007, da Comissão de Educação, Relator *ad hoc*: Senador Flávio Arns.

28

### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 28, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 28, de 2007 (nº 3.986/2004, na Casa de origem), que *institui o Dia Nacional do Vaqueiro*.

Parecer favorável sob o nº 722, de 2007, da Comissão de Educação, Relator *ad hoc*: Senador Valter Pereira.

29

### PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 52, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 52, de 2007, tendo como primeiro signatário o Senador Leomar Quintanilha, que *dispõe sobre a realização de plebiscitos para a criação do Estado do Carajás, nos termos do art. 49, inciso XV, da Constituição Federal*.

Parecer sob nº 637, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Mozarildo Cavalcanti, favorável, com a Emenda nº 1 – CCJ, que apresenta.

30

### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 169, DE 2005

*(Incluído em Ordem do Dia nos termos do Recurso nº 7, de 2007)*

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 169, de 2005, de autoria do Senador Paulo Paim, que *altera dispositivo da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências*.

Parecer sob nº 459, de 2007, da Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa, Relator *ad hoc*: Senador Flávio Arns, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CDH (Substitutivo), que oferece.

31

### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 140, DE 2007 – COMPLEMENTAR

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 140, de 2007-Complementar,

de autoria do Senador Demóstenes Torres, que *altera o art. 1º da Lei Complementar nº 105, de 10 de janeiro de 2001, para especificar os dados financeiros não sigilosos, para fins de investigação de ilícito penal*.

Pareceres sob nºs 281 e 706, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Jarbas Vasconcelos, 1º pronunciamento (sobre o Projeto): favorável, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta; 2º pronunciamento (sobre a Emenda nº 2-Plen): favorável, nos termos de Subemenda que oferece.

32

### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 277, DE 2007

*(Incluído em Ordem do Dia nos termos do Recurso nº 9, de 2007)*

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 277, de 2007, de autoria do Senador Flávio Arns, que *acrescenta parágrafo único ao art. 4º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 para definir condições de qualidade da oferta de educação escolar para crianças de cinco e seis anos de idade*.

Parecer sob nº 874, de 2007, da Comissão de Educação, Relator: Senador Wilson Matos, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CE (Substitutivo), que oferece.

33

### REQUERIMENTO Nº 1.302, DE 2004

Votação, em turno único, do Requerimento nº 1302, de 2004, de autoria da Senadora Serys Slhessarenko, que *requer, com fundamento no art. 215 do Regimento Interno do Senado Federal, seja instituída, no âmbito do Senado Federal, a Semana de Ciência e Tecnologia, a ser celebrada anualmente no mês de outubro, com o objetivo de mobilizar a população brasileira para questões científicas, enfatizando o papel da Ciência no nosso dia-a-dia e demonstrando a sua importância para a saúde e o desenvolvimento do País*.

Pareceres favoráveis sob nºs 448 a 451, de 2007, das Comissões de Educação, Relator: Senador Juvêncio da Fonseca; de Assuntos Sociais, Relator: Senador Cristovam Buarque; de Serviços de Infra-Estrutura, Relator *ad hoc*: Senador Eduardo Azeredo; e de Ciência, Tec-

nologia, Inovação, Comunicação e Informática,  
Relator: Senador Valter Pereira.

34

### REQUERIMENTO Nº 914, DE 2007

Votação, em turno único, do Requerimento nº 914, de 2007, do Senador Mozarildo Cavalcanti, solicitando a remessa do Projeto de Lei do Senado nº 312, de 2007, à Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, uma vez que o prazo na *Comissão de Assuntos Econômicos já se encontra esgotado*.

*O Sr. Wellington Salgado de Oliveira deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Paulo Paim.*

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Paim. Bloco/PT – RS) – Senador Heráclito Fortes, V. Ex<sup>a</sup> tem direito a usar a palavra pelo tempo de dez minutos.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Por tempo igual ao do Mão Santa.

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Paim. Bloco/PT – RS) – V. Ex<sup>a</sup>, como sempre, é criativo e só pediu tempo igual ao do orador que o antecedeu.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, como diz o poeta, Senador Simon, “é tarde, mas eu falo”; e falo, Senador Wellington Salgado, num final de sessão em que o Congresso viveu hoje um dia altamente positivo.

Hoje, pela manhã, discutimos sobre a transposição do Rio São Francisco, com a presença do Ministro Geddel, do ex-Ministro Ciro Gomes, de Dom Cappio, da atriz Letícia Sabatella, de vários técnicos, uns contra e outros a favor desse projeto. Evidentemente, a primeira conclusão a que se chegou – e o Pedro Simon, com sua experiência, bem cedo preconizou – é a de que não há unanimidade. Trata-se de uma decisão polêmica, por várias razões: custo, opção técnica, área beneficiada e por aí afora. Tivemos, meu caro Senador João Maranhão, hoje, a oportunidade de, finalmente, discutir essa questão. E, graças à rebeldia de Dom Cappio – e não discuto se ele cometeu exageros na sua maneira de protestar –, a verdade é que, a partir do seu gesto lá no sertão pernambucano, Brasília acordou. E, por intermédio de requerimento, de autoria do nosso colega, Senador Suplicy, foi possível a realização dessa audiência pública aqui.

Eu gostei de ver a nossa querida Igreja Católica emitindo suas opiniões. Uns contra, outros a favor, mas discutindo, até para que não se repetisse o que aconteceu com a Igreja Católica e a campanha contra a Alca, em que, simplesmente, embarcando numa bandeira

que pouco conhecia, saiu Brasil afora torpedeando um projeto de integração, em um momento em que o mundo pede globalização. Agora, não. Vimos, aqui, Dom Cappio defender; vimos o Bispo de João Pessoa ser contra; enfim, vimos o debate, próprio desta Casa, que só faz engrandecê-la. Saímos um pouco, Senador Wellington Salgado, da triste rotina que vivemos ano passado – e há um prenúncio de repetição este ano –, ou seja, a de que esta Casa se transforme numa delegacia de polícia, onde predomina o “denuncismo” e as conseqüentes apurações.

Esta Casa tem de ter os olhos voltados nas duas direções, principalmente neste momento em que o Brasil, mais um vez, pede, a nós brasileiros, que lhe permita crescer. Estamos vivendo um momento de adversidade na economia mundial, e o Brasil, pelo menos até agora, tem passado em todos os testes de rigidez na base da economia que adotou. E o Presidente Lula, meu caro Senador Paim, tem um mérito: adotou uma política econômica iniciada no Governo Itamar Franco, continuada no Governo Fernando Henrique e mantida até hoje. Acho fantástica – e quero dizer a V. Ex<sup>a</sup> – a metamorfose que se processou na cabeça da maioria de seus colegas de Partido. Quem admitiria a possibilidade dessa convivência fraterna entre o PT e o Henrique Meirelles na discussão econômica? Ponto para o Brasil. Vejo, Senador Paim, algumas pessoas não entenderam o porquê de eu, naquela noite histórica, haver transcrito o discurso de V. Ex<sup>a</sup> no episódio da CPMF: lá atrás contra e, na ocasião, a favor. Dizia Petrónio Portella, tão bem citado aqui pelo Senador Mão Santa, que “só não muda quem se demite do direito de pensar”. Isso é evolução dos tempos.

Certa vez, o próprio Presidente Lula, justificando uma mudança de comportamento, disse que declaração anteriormente feita era quando jamais ele pensava que seria Governo. Com Fernando Henrique foi a mesma coisa. E todo Presidente da República muda. É a responsabilidade do cargo. A cadeira de Prefeito, Governador e Presidente da República, nos seus devidos estágios, dá ao cidadão a responsabilidade e a consciência de que qualquer ato seu é um ato coletivo e não individual, e que o que ele assina o faz pelo Município, pelo Estado e pela Nação. Fico feliz quando vejo, Senador Simon, o que vi ontem: o Governo decidir pelo uso de transgênicos no Brasil, tema de tantas lutas e discussões. Lembro-me de que eu era o 1º Vice-Presidente da Câmara dos Deputados e do Congresso Nacional,...

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – No Rio Grande foi uma guerra. O PT deve ter se curvado aos argumentos.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – É evidente. É lá que vou chegar.

Veja bem, Senador Paulo Paim, uma comitiva veio a uma das comissões da Câmara e foi recebida com grãos de soja. Foi um-deus-nos-acuda! Em determinado momento, para que o episódio tivesse impacto internacional e transcendesse as nossas fronteiras, o Partido dos Trabalhadores, com o prestígio que possuía e a credibilidade que já não é tanta, foi buscar, na França, o José Bové. Extraordinário líder, rebelde, um novo revolucionário francês, e o trouxe ao Brasil. Desfilou, “consagradoramente”, pelas duas Casas do Congresso. Foi a Porto Alegre, terra de Simon e terra de Paim, sendo agredido em um confronto com a polícia, que lhe causou inclusive uma cicatriz na testa, no momento em que defendia as suas convicções, ao invadir uma propriedade privada no interior gaúcho. O único reparo que faço é a ingratidão do PT para com José Bové. Devia, pelo menos, ter comunicado àquele grande homem a mudança de posição. Simon, eu imagino a surpresa dele ao receber, no noticiário internacional, a notícia da mudança de seus parceiros e de seus companheiros e depois olhar no espelho aquela cicatriz e pensar: “Que bobo eu fui!”. Aí, ele deve ter-se lembrado imediatamente do que disse Charles De Gaulle quando esteve no Brasil, em plena revolução, ao lado do general ditador: “Este país não é um país sério.” Isso gerou muito polêmica. Lembra-se disso, Senador Pedro Simon? Mas a mudança de pensamento é natural e é própria do homem. Seríamos obtusos se não acompanhássemos a evolução do tempo.

Simon, que conviveu com o bastidor, com a cozinha da elaboração da Constituinte, lembra-se do desespero, principalmente de Ulysses, ao ver metade da Carta já pronta e os muros ideológicos se destroçarem pelo mundo e começar a globalização. Nós tínhamos aqui feito uma Carta voltada para o mercado fechado, que era a regra da época. Ao cair o Muro de Berlim, a União Soviética tirar o apoio a Cuba e as tendências ideológicas perderem espaços para a realidade econômica, bateu um desespero em Ulysses, e ele encontrou uma saída: a revisão constitucional, cinco anos depois, numa prova cabal de que até Ulysses, pelo bem do País, estava pronto para mudar. Infelizmente, os que faziam oposição àquela época, não concordaram com a revisão, como o País desejava.

Senador Pedro Simon.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Só para falar de um fato histórico que é muito importante.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Agradeço V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – A Constituinte foi sábia, disse muito bem V. Ex<sup>a</sup>, porque, entre a convocação e a realização, cavou uma polêmica tremenda, porque os partidos perderam a consistência. O Governo teve um momento áureo, que foi quando o

Plano Cruzado deu certo e o MDB teve uma vitória espetacular, e, logo depois, teve um momento fracassado, onde o MDB entrou pelo rolo, e as coisas mudaram. Então, na Constituinte, já naquela época, em muitas votações não se pôde chegar à conclusão. Então, na hora da conclusão, o que se dizia?

Lei complementar regulamentará essa matéria. É por isso que na parte financeira – que V. Ex<sup>a</sup> está dizendo muito bem – a Constituinte não votou nada. Lei complementar. Sabiamente, como diz V. Ex<sup>a</sup> muito bem, os Constituintes disseram: “A partir de cinco anos haverá uma reforma geral.” Quando se fez isso, eu, a pedido do Presidente Itamar, viemos ao Congresso e fizemos um apelo: “Não vamos fazer a reforma da Constituinte agora. Vamos deixar para o próximo Congresso, porque a Constituição está dizendo que será após cinco anos”. Não disse após cinco anos naquele dia, naquele ano. Podia ser depois. Mas o Congresso... Houve os Anões do Orçamento, cassaram Parlamentares, o Presidente da República foi cassado, Itamar era um Presidente que estava sem...

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Foi uma transição crítica.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Exatamente. “Vamos deixar. O que vamos fazer? Na eleição do próximo Congresso, além de votar o próximo Congresso, além de votar o próximo Presidente da República, vamos dizer o seguinte: ‘O Congresso que vem aí é Constituinte, porque vai ter poderes constituintes, foi outorgado pela Constituinte. Dentro de cinco anos pode reformar. E aí vai fazer uma reforma real.’” Não toparam. Fizeram uma reforma ridícula, absurda, nojenta, sem conteúdo, um Congresso rachado, sem divisão, sem idéias. E o que está acontecendo hoje? Não se fez a reforma tributária, não se fez a reforma política, não se fez nada. Agora, estamos aqui brigando para fazer aquilo que deveria ter sido feito àquela altura e, lamentavelmente, perdemos a oportunidade. V. Ex<sup>a</sup> está lembrando um fato muito importante. Realmente, caiu o muro, deu aquela confusão, e não tivemos a categoria de deixar para o ano seguinte. Meus cumprimentos a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Pedro Simon. E não gostaria nem de lembrar o episódio que foi demarcador comportamental de todo o procedimento da Constituinte, que foi exatamente o episódio do parlamentarismo e do presidencialismo. Quando fizemos uma estrutura original toda parlamentarista e atrelou-se a ela – lembra-se muito bem V. Ex<sup>a</sup> – o prazo de governo do atual Presidente, que era, então, o Sarney.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Em primeiro lugar, faz-se uma grande justiça ao Presidente Sarney.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Exatamente.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Diz-se que Sarney lutou para aumentar o mandato dele um ano. Mentira.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Não é verdade, concordo.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Sarney concordou em diminuir um ano.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Um ano.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – De seis para cinco. Agora, uns apaixonados queriam diminuir de seis para quatro.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Para quatro, exatamente.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Aí é que foi o erro. Vamos fazer justiça a Sarney. Sarney topava baixar de seis para cinco, e o último ano dele era com o parlamentarismo.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Aceitava, exatamente. Nós fizemos...

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – O último ano dele era com o parlamentarismo. O Congresso votaria o parlamentarismo e ele voltaria com o parlamentarismo. Um erro de nossa gente do PMDB. E não aceitaram...

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Com isso eu quero dizer que o Dr. Sarney concordava. Iria diminuir para seis, para cinco, e não quatro, e o último ano dele, fosse parlamentarismo. Eu era Governador do Rio Grande do Sul, vim aqui e fui muito marcante. Disse: “Se depender de mim, o Sarney pode ficar seis anos, desde que os dois últimos anos sejam no parlamentarismo”. E o pessoal não topou. É uma pena, mas foi uma triste realidade.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – V. Ex<sup>a</sup> se antecipou. É exatamente isso.

Lembro-me muito bem. Nós tivemos, inclusive, com o então Presidente Sarney, reuniões no Palácio da Alvorada. Fernando Henrique, Senador, participou, Alcení Guerra. Eu me lembro do Alcení, porque nós reunimos, à noite, na casa do Alcení. E V. Ex<sup>a</sup> tem razão. Final de semana todo se discutiu o parlamentarismo com cinco anos, sendo o último a transição. Amanhecemos a segunda-feira...

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Não toparam.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – ...com uma proposta renovadora e revolucionária dos quatro anos, o que era um golpe. E o Presidente num legítimo Estado de Defesa...

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – E V. Ex<sup>a</sup> disse uma outra coisa que é muito importante.

Nós votamos a medida provisória com o parlamentarismo. A medida provisória é a essência do parlamentarismo.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – É verdade.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Na Itália, tem medida provisória. Na Inglaterra, tem medida provisória. Na Alemanha, tem medida provisória. Mas por quê? O que é medida provisória? O Governo baixa uma medida provisória. É um ato urgente, necessário, importante, o Governo baixa a medida provisória. O Congresso vota a medida provisória. Caindo a medida provisória, cai o Governo, cai o Primeiro-Ministro. Então, só quando é muito, muito, muito certo, é que há medida provisória. Porque o Governo não vai se expor, de uma hora para outra, editar uma medida provisória e cair o Governo. No Brasil, quando caiu o parlamentarismo – isso eu disse para o Jobim –, a medida provisória tinha que cair na revisão final. Não podia nem botar em voto. A Assembléia Nacional Constituinte derrubou o parlamentarismo, derrubou o parlamentarismo, derrubou o parlamentarismo. Na redação final, cai a medida provisória. Não precisa nem votar, porque uma coisa está ligada à outra.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Claro.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Se caiu o parlamentarismo, cai a medida provisória, e está aí até hoje.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Pois é. Senador Pedro Simon, vou chegar ao que quero propor, desenvolver com V. Ex<sup>a</sup> esta tese. Cheguei a esta Casa há 26 anos, e já se falava em reforma tributária, já se falava em reforma política, já se falava em reforma, reforma da reforma, e não se reformou nada.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Chegamos juntos.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Exatamente. Chegamos juntos. Isso que eu quero lembrar. E nós não podemos permitir que saíamos daqui com a frustração de não termos visto nada mudar.

Quero fazer uma proposta a V. Ex<sup>a</sup>: que nós nos juntemos – e mais alguns homens de boa vontade neste País – para elaborar uma proposta de reforma política, tributária, uma reforma ampla, para ser aprovada no ano que vem, mas para vigorar apenas no ano de 2014. Vou lhe explicar por quê. Para não ter a dificuldade de se dizer que está se legislando em causa própria ou no imediatismo.

Meu caro Wellington Salgado, teríamos, assim, aprovado o texto, com as eleições de 2010 e o Presidente eleito, a certeza e a garantia de que seria ele o



responsável para promover as mudanças necessárias em caráter transitório para o sistema de 2014, a começar da dificuldade da reforma tributária. Aí, Senador Simon, fica-se jogando a culpa em São Paulo, no Nordeste, no Rio Grande do Sul, quando a culpa-mãe é do poder exagerado de concentração do Governo Federal. Não vamos acusar o Presidente Lula. Não. Historicamente, todos. O espaço e a margem de negociação são mínimas, e ninguém quer abrir mão do que quer, como o Sarney não quis, em seu mandato.

Daí por que, Senador Simon, aproveito este final de tarde, começo de noite, para solicitar a V. Ex<sup>a</sup> e a todos os companheiros: vamos pensar numa reforma que poderá não servir para mim nem para V. Ex<sup>a</sup>, mas, com certeza, para nossos filhos e nossos netos.

E que ela se adapte e se encaixe nessa disposição e nessa vontade do País de crescer.

*(Interrupção do som.)*

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Mas é preciso, para isso, uma legislação. É preciso que para isso nós, legisladores, não atrapalhemos.

Mas temos, Senador Paulo Paim, de imediatamente fazer com que esta Casa se transforme numa Casa de debate legislativo e não numa delegacia de polícia, apurando-se tudo que há, não se deixando de lado denúncias que envolvem recursos públicos, mas também produzindo para o futuro do País.

Quando reconheci os méritos da transformação que a mentalidade da base do Partido de V. Ex<sup>a</sup> mostrou ao País, ao longo do tempo, eu o fiz com muita alegria. A mudança com relação à visão econômica, às questões agrícolas, só não me conformo – e tenho certeza de que o mais inconformado de todos é V. Ex<sup>a</sup> – em ver como o Partido mudou o seu conceito, Senador Pedro Simon, quanto à corrupção.

Ninguém neste País combatia, com mais convencimento, as corrupções pontuais que aconteciam historicamente nas administrações, no Brasil. E ninguém convenceu tanto a Nação brasileira que era hora de mudar. Mudar para um governo que vinha das bases, que vinha do trabalhador. Talvez num saudosismo, como disse aqui Pedro Simon e Mão Santa, no começo, numa volta ao Getúlio, que se voltou para consolidar a base do trabalhismo e da dignidade do trabalhador brasileiro.

Não consigo entender, Senador Pedro Simon, como, num passe de mágica e do dia para noite, quem combatia a corrupção passou a participar dela, a ser conivente com ela, sem nada fazer para combatê-la.

Nós não vimos ainda, durante os cinco anos do Presidente, um semestre – um ano, nem pensar – que denúncias não fossem feitas com provas, só não com

punições. Essa, meu caro Senador Simon, é a única coisa que não consigo entender.

Como um partido como esse chega ao poder, perde o discurso fantástico, que era o da moralização, sai, da noite para o dia, de 120 cartões corporativos para onze mil e quer que o País ache que tudo é normal?

Senador Pedro Simon, com o maior prazer.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Não quero ser o dono da verdade, mas vou repetir o que disse da tribuna. O PT foi um partido fantástico. Não conheço nada igual, quando se trata de um partido na luta para chegar ao poder. Olha que o Lula, um líder sindical – operário, foi crescendo; criou um sindicato, foi crescendo; líder sindical, foi crescendo; criou um partido. O único partido fundado por trabalhadores no mundo é o PT. O Partido Comunista, o Partido Socialista inglês, o francês, o alemão não são como o Partido dos Trabalhadores. O PT perdeu a eleição para a Presidência da República, depois ganhou, chegou lá. Em todos esses momentos, duvido que V. Ex<sup>a</sup>, eu ou quem quer que seja aceite um fato na vida do Lula que não seja de dignidade e seriedade.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Claro.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Correto, sério, digno. O PT fez todo o possível para chegar ao Governo, e chegou. Mas esqueceu. Não é o PT, vou ser sincero. Não sei, eu, na Presidência... Vivo com R\$500,00, com R\$2.000,00, com R\$3.000,00, de repente tenho uma caneta e posso fazer o que quero: isso muda a coisa. Ele não se preparou para entender que as pessoas têm de mudar. Os cristãos mudaram. Uma coisa eram os cristãos, quando nasceu o Cristianismo – conforme o Ato dos Apóstolos, eles vendiam, davam vinho, distribuíam tudo entre si –; outra coisa é a época do Vaticano, aquela vastidão de riquezas: mudou o negócio.

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Ele não se preparou para ser governo, não fizeram aquilo...

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Senador, agora empatamos, 30 minutos, o Paim aguarda.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Não fez aquilo que era a rigidez necessária. Olha, vamos reunir e tomar posição. O Lula deveria ter feito isso. Por isso digo que, quando não demitiu o Waldomiro, quando não começou a tomar as providências para mostrar quem era, quando fechou os olhos, ele abriu a goteira. E a goteira virou tempestade.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Senador Pedro Simon, V. Ex<sup>a</sup>, mais uma vez, enriquece, com seu aparte, este meu modesto pronunciamento.

E não sei se o Senador Paulo Paim concorda comigo. Às vezes, tenho a impressão – pode ser que eu esteja enganado – de que o casamento do Lula com o PT é como aquele casamento de conveniência, que se comemora por 30, 40 anos, mas em que o marido e a mulher já não têm intimidade, nem aquela convivência de antigamente, mas não têm coragem jamais de romper laços, respeitando a origem, os filhos e netos, a quem devem dar satisfações.

Portanto, meu caro Senador Pedro Simon, encerro minhas palavras, dizendo que eu era peemedebista, como V. Ex<sup>a</sup>, naquela época em que o PMDB só se sentava à mesa para discutir o Brasil. Lembro-me muito bem de um fato que talvez tenha sido a primeira grande crise de identidade do Partido. Tudo que o PMDB pensava e queria – Ulysses, Tancredo, Simon, todos – conseguiu inserir na Constituição brasileira.

Parecia que, no dia seguinte ao da promulgação, todos se viram acometidos da sensação do dever cumprido e que tínhamos, inclusive, rasgado o estatuto partidário. Havíamos cumprido o nosso dever.

Então, começou-se a conviver com os orçamentos, com outros discursos...

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Com cargos.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – ... com cargos, e a história está para mudar.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – É verdade. Nós vivemos isso na carne.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Mas, até esse exemplo, meu caro Paulo Paim, servia para o PT não repetir. E veja que o bom exemplo foi tão positivo para o País, que, na eleição seguinte, fizemos Governadores em todos os Estados do Brasil, menos em Sergipe, em uma disputa acirradíssima.

Lembro-me de uma conversa na casa de Renato Archer; alguém criticou Ulysses, e ele disse: “O que você quer que eu faça? Que eu vá ganhar em Sergipe? Ganhamos em todo Brasil!”. V. Ex<sup>a</sup> se lembra muito bem desse episódio.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Dois anos depois, nós nos acomodamos.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Nós nos acomodamos, e tive, por questões que um dia contarei, de deixar o Partido.

Mas, Senador Pedro Simon, encerro, agradecendo ao Senador Mão Santa e ao Senador Paulo Paim. O que me deixa mais triste em tudo isso é ver o Presidente Lula sendo queimado, com toda sua blindagem, pelo fogo amigo.

Senador Paulo Paim, quem vai criar a crise para o Governo Lula não somos nós, da Oposição, que esbravejamos desta tribuna e deste plenário: o Governo tem mecanismos para bloquear as informações, di-

zendo que é de interesse nacional e tirando do portal da transparência.

Senador Pedro Simon, quem vai complicar o Presidente Lula – e, num passado bem recente, vimos um episódio muito parecido, quando um irmão denunciou o irmão presidente, e deu no que deu – são os amigos de Lula, denunciando o que ocorre dentro da intimidade do Palácio.

Vimos essa briga, que se originou entre tendências do Partido e que se desaguou sabe muito bem V. Ex<sup>a</sup> em quê. Um lado acusa o outro. Ontem, denúncias localizadas de intimidades palacianas, em que não entro. E, agora, um *site* muito bem informado e com acesso a setor importante do Governo, mostrando aqui com número, com detalhes, compras feitas na Suíça de relógios com cartão corporativo do Brasil, na Suíça e em Nova York.

Se essa notícia for mentirosa, o Governo tem que tomar uma providência urgente. Se não for, for verdadeira, a palavra está com o Presidente Lula, que tem que falar ao Brasil, respeitando inclusive a sua história e a sua vida.

Muito obrigado.

*Durante o discurso do Sr. Heráclito Fortes, o Sr. Paulo Paim, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Mão Santa.*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Após o brilhante pronunciamento do Senador Heráclito Fortes, convidamos o Senador Paulo Paim, do Rio Grande do Sul e do Partido dos Trabalhadores, para usar da palavra.

Tenha a certeza de que jamais cortarei a palavra de V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Senador Mão Santa, confesso que estou feliz com a sessão de hoje.

Estava, no recesso parlamentar, no interior do interior, muito longe de Brasília, e o Senador Suplicy me ligou e perguntou se a Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa topava fazer o debate sobre a questão da água, a transposição do Rio São Francisco. Eu disse ao Senador Suplicy que a Comissão de Direitos Humanos entendia que água é direito à vida e, conseqüentemente, tem tudo a ver com direitos humanos. Topei o desafio.

Senador Simon, voltei quinta-feira, após o Carnaval, acionei a Comissão e aprovamos o requerimento para que houvesse o debate na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa. E, lá na Comissão, com a presença de inúmeros Senadores, estendemos para mais três Comissões.

Confesso que, num primeiro momento, entendia que o debate seria somente lá na Comissão de Direitos Humanos. Mas o Senador Suplicy, com a criatividade dele – que eu quero aqui elogiar – me procurou mais uma vez e pediu: Senador Paim, teria algum obstáculo para a gente levar esse debate para o plenário do Senado, inclusive com o Presidente Garibaldi presidindo a sessão? De pronto, também concordei. Falei com os Presidentes das outras Comissões: todos concordaram. Por isso a minha alegria no dia de hoje.

Confesso que tem dias que fico triste também, Senador Simon, aqui. Porque, de fato, como disse o Senador Heráclito, no início da sua fala, não dá para a gente vir aqui ao Senado como se fosse efetivamente uma delegacia de polícia, só para discutir quem é corrupto e quem não é corrupto, de como a gente faz, como é que a gente não faz. Chego a dizer – e repito de novo aqui – que, daqui a pouco, vai ser medida a capacidade de um parlamentar pelo número de CPIs que ele assinou, porque se você não assinar todas as CPIs cujos requerimentos lhes forem apresentados, dá a impressão de que você não é um bom parlamentar. Isso para mim não é bom para a democracia, não é bom para este Parlamento e, como eu dizia, vai desvalorizando um instrumento tão importante como é a CPI.

Eu não tenho nenhuma dúvida. Assinamos. Acho que foi correta a posição do Governo de inclusive ter a iniciativa, ou de se somar pelo menos, para não dizer quem foi o primeiro, quem foi o segundo, a essa CPI dos Cartões.

Mas fiquei feliz com o debate de hoje, fiquei feliz. Foi um debate de altíssimo nível. Como já foi dito aqui, repito, vi a CNBB dividida, e é bom, porque qual é o problema de fazermos um bom debate? Eu vi, sem sombra de dúvida, os Senadores divididos, os Estados divididos. Vi o povo do Nordeste, pelas informações que aqui chegaram, dividido. Vi os artistas aqui colocando suas posições com muita franqueza, com muita firmeza, e até um deles, o Osmar Prado, chorando na tribuna; havia a Letícia, enfim. Acho que foi um bom momento.

Senador Simon, concordei de pronto, quando presidi os trabalhos, com a proposta de V. Ex<sup>a</sup>, e todos concordaram, que tem que haver um desdobramento desse início de um bom debate, de uma grande causa, que é a questão da água, independente do mérito, de quem pensa a favor ou contra.

Fiquei feliz também de ver o início, pelo menos, do pronunciamento do Senador Heráclito Fortes quando, por exemplo, falou na questão da CPMF. E fizemos esse debate no dia da votação, e V. Ex<sup>a</sup>, Senador Simon, fez naquela noite, no meu entendimento, um grande pronunciamento na busca de um entendimento, pediu

algumas horas a mais para o entendimento, e aqueles que não entenderam a sua mensagem para mim é que erraram; deveriam ter dado. Fui ao seu gabinete para que pudéssemos dialogar um pouco mais sobre aquela questão.

Não tenho problema nenhum quanto às minhas posições. Na questão da CPMF, votei uma vez contra e quatro a favor, inclusive no governo anterior. E vi também que aqueles que historicamente sempre votaram a favor da CPMF, aqui votaram contra. Mas, no outro dia, eu ainda disse: respeito a posição de todos, como sei que respeitam a minha.

Tenho um carinho muito grande pelo Senador Heráclito Fortes, ele sabe disso. Temos dialogado na Casa por mais de vinte anos. Por isso que eu não entraria no debate simplesmente de analisarmos, ao longo da história, quantas CPIs houve, quantos governantes foram denunciados, quantos Deputados foram denunciados, quantos Senadores foram denunciados, quantos partidos foram denunciados. O que quero é simplesmente que, seja Deputado, Senador, Vereador, Prefeito, membro do Executivo, havendo denúncia, que se faça a investigação por todos os canais competentes, seja o Ministério Público, seja a Polícia Federal, seja o Supremo Tribunal Federal, seja a CPI. Que se instale a Comissão Parlamentar de Inquérito, e quem errou que seja punido. E ponto.

Por isso, com todo respeito que tenho por todos os Senadores e Senadoras e por todos os partidos, eu não faria e não faço simplesmente uma política de dizer que esse partido ou aquele partido ou aquele outro partido é mais ou menos negligente, digamos, com o erário público do que outro. Acho que todos os partidos, na minha avaliação, ao longo desses meus 57 anos, possuem parlamentares que cometeram delitos graves, tanto no Legislativo ou mesmo no Executivo, quando lá se encontravam. Esses é que têm de ser punidos.

Senador Simon, V. Ex<sup>a</sup> sabe que um aparte seu é sempre uma honra para mim.

**O Sr. Pedro Simon (PMDB – RS)** – Olha, eu falo por obrigação de consciência nessa hora difícil que nós vivemos. O Senador Heráclito falou, no seu pronunciamento, o que aconteceu na história do PMDB, quando nós ganhamos em todos os Estados, menos em Sergipe. Com maioria extraordinária na Câmara e no Senado, fomos para o poder, fizemos a Constituinte, e depois nos acomodamos, e o resultado que nós tivemos? O Dr. Ulysses fez 5%; o nosso Presidente da República, que saiu do PMDB, criou um partido, ganhou de todo mundo, do Ulysses, do Aureliano, do Covas, do Brizola, do Lula, de todo mundo, porque nós não sabemos ser governo. O PT está vivendo essa situação. Quero felicitar V. Ex<sup>a</sup>. Quero felicitar V. Ex<sup>a</sup>

como felicito o querido Senador do PT de São Paulo. V. Ex<sup>as</sup> estão mantendo a coerência, a seriedade e a correção. V. Ex<sup>a</sup> vive momentos difíceis. Conviveu com o problema da reforma da Previdência. Era um momento duro. Eu, com todo o carinho e o amor que tenho pela querida Senadora de Alagoas, mas eu pedi para ela que ficasse com V. Ex<sup>a</sup>, como nós ficamos. Era a saída. Não adiantava dar murro em ponta de faca. V. Ex<sup>a</sup> teve uma saída sábia. Saiu, mostrou posição, firmou posição pela emenda paralela, mas não deu margem a fazer o que eles queriam fazer. V. Ex<sup>a</sup> também estava sendo marcado, como a querida Senadora, mas V. Ex<sup>a</sup> está mantendo, assim como o ilustre Senador Suplicy. V. Ex<sup>a</sup>, de um modo especial, tem o carinho e o respeito de todo o Rio Grande do Sul. V. Ex<sup>a</sup> continua dizendo as mesmas coisas, continua defendendo as mesmas teses, não aponta contra o Governo, não quer que o Governo vá mal, identifica-se com ele, mas, se dependesse de V. Ex<sup>a</sup>, nada disso estaria acontecendo; se dependesse de V. Ex<sup>a</sup>, o PT seguiria sua linha de coerência; se dependesse de V. Ex<sup>a</sup>, estaríamos vivendo outra situação. Felicito V. Ex<sup>a</sup> pela categoria de caminhar em cima de um fio de arame sem sobrinha, mantendo a sua dignidade, a sua tradição, a sua biografia e, ao mesmo tempo, sabendo sobreviver à hora difícil que estamos vivendo. Meu abraço muito carinhoso a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Muito obrigado, Senador Simon, pelo aparte, como sempre gentil, dentro da sua experiência. Eu ainda dizia hoje a V. Ex<sup>a</sup> – e me permitam aqui que eu diga em público – que, no boletim de balanço do meu mandato, pedi algumas frases dos Senadores do Rio Grande e pedi a V. Ex<sup>a</sup> se eu podia usar parte de um pronunciamento que V. Ex<sup>a</sup> tinha feito no plenário em relação a meu trabalho. V. Ex<sup>a</sup>, de pronto, disse que tinha dito, estava dito e, se quisesse, acrescentaria algo mais.

Muito obrigado, Senador Simon.

**O Sr. Heráclito Fortes** (DEM – PI) – Senador Paim, quando faço esse registro da mudança de rota majoritária do seu partido, faço-o com muita tristeza. E essa tristeza aumenta muito quando os jornais trazem algum fato grave e vejo V. Ex<sup>a</sup>, aqui no plenário, triste. Já vi V. Ex<sup>a</sup>, inclusive, com os olhos lacrimejando, como vi também muitas vezes o Senador Sibá Machado. V. Ex<sup>a</sup> pertence a um grupo de seu partido que também tem cartão. Mas é um outro tipo de cartão, um cartão de crédito sempre no vermelho, lutando mês a mês para vencer. Sei do choque que V. Ex<sup>a</sup> teve. Ao longo desses anos, vi no Senado com mais proximidade – como vi na Câmara ao longo dos anos, já que fomos colegas de Mesa – como V. Ex<sup>a</sup> encara a coisa pública e sua decepção quando esses fatos acontecem. Infelizmente. Creio até que, politicamente, para nós, que somos

oposição ao Partido dos Trabalhadores, teria sido o fim. Imaginem, com o carisma que tem o Presidente Lula, o Partido defendendo arraigadamente os cofres públicos, o dinheiro público, tendo-se livrado de fatos lamentáveis que, infelizmente para o País, ocorreram durante o ano passado! V. Ex<sup>a</sup> sabe muito bem do carinho e da estima que tenho por V. Ex<sup>a</sup>. Quando travamos aquele debate foi positivo. Havia um ataque muito grande das pessoas naquela noite, que levaram o caso quase para uma questão pessoal. Era preciso mostrar, como bem disse V. Ex<sup>a</sup>, que tínhamos mudanças nos dois lados. Não tínhamos mudanças só de um lado ou de outro, mas dos dois lados. Precisávamos mostrar que democraticamente as mudanças podem acontecer e que ninguém pode ser condenado quando evolui num pensamento num determinado momento. Tanto é que, logo em seguida, Senador Pedro Simon, uma rádio gaúcha me entrevistou sobre o teor do debate. Uma figura, como V. Ex<sup>a</sup>, Senador Paim, o Rio Grande não pode perder. E já demonstrou que é conservador nisso, com Simon. E é preciso que o Rio Grande do Sul veja que, se V. Ex<sup>a</sup> às vezes não se sobrai, não brilha mais neste Congresso, é porque o seu partido não deixa. Deus sabe lá por quê. Mas V. Ex<sup>a</sup> merece. Tanto é que tivemos aqui uma disputa em que muitas pessoas quiseram se aproveitar da sua luta, que era uma bandeira sua, e eu mudei de opinião naquele momento apenas para que V. Ex<sup>a</sup> não perdesse uma bandeira, que é a causa trabalhista, defendida por V. Ex<sup>a</sup> e que aventureiros queriam dela lançar mão naquela noite. Muito obrigado.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Agradeço a gentileza do Senador Heráclito Fortes. De fato, estamos na Casa – digo, no Congresso Nacional – há mais de vinte anos. Participamos da Mesa da Câmara e também do Senado. E mesmo, Senador Arthur Virgílio, nos momentos em que estávamos na tribuna, como à época da CPMF, sempre seguimos uma linha de muito respeito. Por isso que, naquela noite do debate da CPMF, quando me perguntaram, eu disse: “Tenho pelo Senador Heráclito Fortes o maior carinho e o maior respeito. Ele apenas relatou fatos de posições do passado e do presente”. E eu repetia: “Votei uma vez, sim, contra e votei quatro a favor”.

Ouço o Senador Arthur Virgílio.

**O Sr. Arthur Virgílio** (PSDB – AM) – Senador Paulo Paim, pego pela metade o seu pronunciamento e julgo um momento feliz poder apartear-lo para endossar as opiniões exaradas pelo Senador Heráclito Fortes a seu respeito. V. Ex<sup>a</sup> sabe também da afeição que lhe devoto, e até tive ocasião de demonstrar isso quando faltou grandeza em alguns companheiros meus em determinado momento...

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Da Constituinte.

**O Sr. Arthur Virgílio** (PSDB – AM) – Exatamente.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Em relação a uma Constituição.

**O Sr. Arthur Virgílio** (PSDB – AM) – Exatamente. Eu disse: “Não vamos medir uma figura correta que, indignada, esboçou um gesto agressivo naquele momento, sim, mas indecoroso não, sem que nós, inclusive, tenhamos um comportamento muito duro em relação a tudo o mais”. Não consigo imaginar que fosse justo. E fui a público dizer isso. V. Ex<sup>a</sup> é o adversário que combate, que luta pelas suas idéias, que tem trânsito e merece o respeito de todos na Casa. Não há ninguém aqui que não respeite V. Ex<sup>a</sup>, que não queira bem a V. Ex<sup>a</sup>. Portanto, aproveito este momento muito feliz que V. Ex<sup>a</sup> está na tribuna para não só agradecer pela sua assinatura no requerimento que repõe o pedido de criação da CPMI dos Cartões Corporativos, mas para anunciar que 28 Senadores assinaram o requerimento. Parecia uma missão até impossível. Eu próprio duvidava que nós conseguíssemos. Sabia que o dever era ir buscar as assinaturas, mas pensava que talvez não lográssemos o êxito pelo qual tínhamos que brigar. Devo registrar, Senador Simon, Senador Heráclito Fortes, Senador Mão Santa e Senador Paim, que isso foi uma obra conjunta. O Senado vive, neste momento, uma hora de grandeza, porque praticamente todos os partidos estão aqui representados. Não seria justo, seria leviano se eu dissesse que a oposição está querendo investigar e os demais não, porque dou valor a todas as assinaturas que aqui estão, e aqui estão todos os partidos. Não houve ninguém do seu partido que se recusasse a assinar. Fomos à casa da Senadora Serys Shessarenko e ela assinou; o Senador José Maranhão voltou para apor a sua assinatura; o Senador Heráclito Fortes veio para cá assinar; a Senadora Rosalba retardou o máximo a sua viagem para assinar. O fato é que nós que aqui estávamos, Arthur, Jarbas, Renato Casagrande, Pedro Simon, Geraldo Mesquita, José Agripino, Expedito Júnior, enfim, dezessete presentes, todos assinamos. Quem estava assinou, ninguém disse que não assinava. Fomos buscar, além desses dezessete, o necessário para completar 27, mais uma excedente. Há uma coisa muito boa de se ressaltar: todos aqui assinaram com convicção. Não tem essa história de “daqui a pouco, meia-noite, vamos retirar a assinatura”, essa molequeira que só faz envergonhar a vida pública do País aos olhos da sociedade, porque a sociedade não compreende alguém assinar e depois se arrepender do que assinou ou assinar porque quer se pendurar num cargo tal, numa empresa estatal tal. Enfim! Eu gostaria, portanto, de comunicar,

Sr. Presidente, que estamos indo à Secretaria-Geral da Mesa para formalizar o que estava faltando. O Presidente Garibaldi estava com o Regimento a seu lado. O Senador Simon, muito oportunamente, disse: “Está havendo formalismo?”. Formalismo, enfim, mas jamais má-fé.

Ao contrário, estava com o Regimento ao seu lado. O Regimento da Câmara é omissivo. Então, lá se poderia colocar a palavra “apoio”. Aqui, ao se colocar, invalida-se, perante o Regimento, a figura da própria CPI. Amanhã, alguém, quem sabe, poderia até questionar isso na Justiça e inviabilizar o trabalho de instalação de uma investigação necessária, que todos estamos fazendo. Mas conseguimos. Quero, de pronto, agradecer a todos e dizer que é muito bom sabermos que, para a opinião pública, se passa a idéia de que não se fez algo para protelar, porque tudo foi feito no mesmo dia. Atrasou por horas. Não houve atraso de um dia sequer; atrasou por horas. Vamos, então, agora, demonstrar, com clareza, que, daqui para frente, precisamos ter um entendimento que resguarde a proporcionalidade, o rodízio, um entendimento autofraterno. Se o Governo indica V. Ex<sup>a</sup> para uma das posições, tenho absoluta convicção de que sairá uma coisa boa. V. Ex<sup>a</sup> virá com respeito à verdade e com respeito aos seus adversários. Do mesmo modo, teremos a maior preocupação em colocar nos nossos companheiros a idéia de que devem ir buscar a verdade. Não fazer achincalhe com quem quer que seja, mas buscar a verdade; apurar os fatos até o final, para que o Brasil inclusive aprenda que o mau uso do dinheiro público leva à punição. E para que não desperdicemos uma boa inovação, que é o cartão corporativo, que deve ser usado para agilizar e melhorar o nível de prestação de serviços públicos, e não para favorecimento pessoal de quem quer que seja. Portanto, comunico no aparte que faço a V. Ex<sup>a</sup> que temos o número de assinaturas. E convido o Senador Pedro Simon, o Senador Heráclito, o Deputado Carlos Sampaio, que aqui está, se quiserem nos dar a honra de, juntos, irmos até a Secretaria-Geral da Mesa ao final do seu discurso. Seria um enorme prazer, Senador Mão Santa, quando acabasse a sessão. Muito obrigado pelo aparte que me concede.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT–RS) – Senador Arthur Virgílio, mais uma vez agradeço o aparte de V. Ex<sup>a</sup>.

Como V. Ex<sup>a</sup> colocou muito bem, assinei o documento com muita convicção, tanto esse quanto aquele que encaminhou o Senador Romero Jucá, como também o da Comissão Mista. Apenas tenho uma dúvida e pergunto, Senador Arthur Virgílio, aproveitando este momento: V. Ex<sup>a</sup> poderia esclarecer ao Brasil como ficou a composição da comissão, se mista ou se apenas do Senado.

**O Sr. Arthur Virgílio** (PSDB – AM) – Comissão Parlamentar Mista de Inquérito: 189 Deputados e Deputadas e 28 Senadores e Senadoras. A comissão é mista.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Então, estão garantidas as duas?

**O Sr. Arthur Virgílio** (PSDB – AM) – Uma. Uma só. Esperamos ter um entendimento e vamos investir nisso. A verdade vai aparecer, e ela haverá de ser muito boa para o País.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Entendi e gostei do resultado. Teremos uma só comissão e mista?

**O Sr. Arthur Virgílio** (PSDB – AM) – Isso.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Aproveite a oportunidade para falar também sobre esse tema, porque fui um crítico naquele momento das CPIs do apagão aéreo, quando criaram uma comissão aqui, no Senado, e uma outra na Câmara. Particularmente, não consegui entender duas comissões, dos mesmos partidos, que investigavam a mesma coisa. E, no fim, desculpem-me dizer, deu no que deu.

Por isso, meus cumprimentos por esta CPI ser mista e por ter um único objetivo: investigar o uso dos cartões corporativos.

V. Ex<sup>a</sup> colocou bem. Permita-me somar meus argumentos aos de V. Ex<sup>a</sup>: não consigo ser contra o cartão também, desde que ele seja um instrumento de fiscalização, mas não de abuso de sicrano ou beltrano. E, se sicrano ou beltrano usou indevidamente o cartão, vai ter de responder. Esse é objetivo.

Por isso, meus cumprimentos à sua iniciativa.

Sr. Presidente, concluindo minha fala, eu queria dizer que achei importante o Presidente Lula ter encaminhado à Casa, no dia de hoje – e vieram aqui Ministros e também Líderes sindicais de todo o País, Líderes de todos os partidos –, a Convenção nº 151 da OIT, para que a Casa a ratifique. Ela trata da negociação coletiva dos servidores; e também a Convenção nº 158, que proíbe a demissão imotivada.

Cria-se uma visão da Convenção nº 158 da OIT como se fosse estabilidade no emprego. A Convenção nº 158 não trata de estabilidade no emprego. Simplesmente o empregador, no ato da demissão, tem de justificar a demissão. Pode ser por motivo econômico, pode ser por relapsia no trabalho daquele servidor, pode ser porque aquele servidor não se adaptava mais àquela realidade, e ele vai comprovar. É somente isso.

A Convenção nº 158 é adotada na maioria dos países do mundo, principalmente nos desenvolvidos, sem nenhuma controvérsia maior de parte dos empregadores. E, aqui, no Brasil, criou-se a impressão de que a Convenção nº 158 é estabilidade no emprego. Não é estabilidade no emprego. Ela simplesmente

estabelece que, no ato da demissão, o empregador justifica a demissão. É como se eu tivesse uma empregada doméstica na minha casa e precisasse demiti-la. Vou justificar por que a estou demitindo, dizendo, por exemplo, que não tenho mais condição de mantê-la. Isso é a Convenção nº 158.

Faremos um bom debate quanto a esse tema também. Ouviremos todas as posições, e espero que o Congresso ratifique as Convenções nºs 151 e 158 da OIT.

Concluo com uma informação, Sr. Presidente: hoje, o Deputado Federal do PT, eleito pelo Rio de Janeiro, o Deputado Edson Santos – Vereador pelo Rio de Janeiro por cinco mandatos, ex-diretor da União dos Estudantes do Rio de Janeiro, ex-presidente da Associação dos Moradores da Cidade de Deus, da capital fluminense; atualmente, membro titular da Comissão de Desenvolvimento Urbano da Câmara dos Deputados – foi indicado para ser o futuro Ministro – o cargo é de Secretário Especial, mas tem *status* de Ministro – da Sepir.

Quero dizer que o Deputado Edson Santos, do PT do Rio de Janeiro, tem uma belíssima história na área dos Direitos Humanos. Fiquei feliz por uma declaração que ouvi dele, a de que, na Sepir, ele terá uma visão ampla do combate a todo tipo de preconceito.

Era esse o registro que tinha a fazer, Sr. Presidente.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Este é o melhor Senado da República em 183 anos. Um quadro vale por dez mil palavras. Às 9h, este plenário abriu-se, e se discutiu a verdadeira realidade do Rio da Integração Nacional, o São Francisco, e a necessidade da transposição de suas águas. Por aqui estavam as mais fortes lideranças, não só Senadores e Deputados. Todas, de grande responsabilidade, discutiram, comandadas, sem dúvida nenhuma, pela Comissão de Direitos Humanos e Participação Legislativa, do Senador Paulo Paim.

Às 15h, quis Deus que eu mesmo abrisse esta sessão, de 14 de fevereiro, sessão deliberativa ordinária, que terminou mostrando a grandeza deste Senado da República, quando um Líder de Oposição, o Senador Arthur Virgílio, concretiza o sonho de toda a população do nosso País, de moralidade, de dignidade, trazendo a realidade da CPMI contra a corrupção dos cartões corporativos, a qual será instalada.

Este Senado escreve hoje uma das suas mais belas páginas.

Queremos também estender os cumprimentos à Câmara dos Deputados, ao grande Líder Carlos Sobral.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM) – Sr. Presidente, peça a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Tem a palavra V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Mão Santa, antes de V. Ex<sup>a</sup> encerrar a sessão, ratifico que, em nome da Bancada do PSDB, apresento voto de pesar pelo falecimento da Sr<sup>a</sup> Maria Salomé de Lucena, mãe do nosso colega e meu companheiro de Partido Cícero Lucena. Sei que falo em nome de todas as Sr<sup>as</sup> Senadoras e de todos os Srs. Senadores.

Portanto, encaminho, formalmente, o voto de pesar à Mesa Diretora para a consideração do Senado Federal, que, tenho certeza, será a de acatar esta homenagem que se faz a uma figura tão valorosa, que acaba de nos deixar: a mãe do Senador Cícero Lucena.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– O requerimento de V. Ex<sup>a</sup> será encaminhado, Senador Arthur Virgílio. Associamo-nos ao voto de pesar pelo falecimento da Sr<sup>a</sup> Maria Salomé de Lucena, mãe do nosso querido Senador Cícero Lucena.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Os Srs. Senadores Arthur Virgílio e Marconi Perillo enviaram discursos à Mesa, para serem publicados na forma do disposto no art. 203, combinado com o inciso I e o §2º do art. 210 do Regimento Interno.

S. Ex<sup>as</sup> serão atendidos.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores, ocupo a tribuna neste momento para registrar que impetrei, hoje, no Supremo Tribunal Federal, mandado de segurança para requerer, por meio de liminar, que me seja assegurado imediato acesso aos dados sigilosos dos cartões corporativos do Gabinete Pessoal do Presidente da República.

Como Senador, individualmente, tenho o direito e o dever de exercer essa fiscalização. O Poder Executivo, no entanto, vem impedindo o exercício desse direito, ao explicitamente negar acesso a informações sobre gastos do Gabinete Pessoal do Presidente da República, sob o pretexto de “segurança nacional”.

Desta forma, Sr. Presidente, requeiro que o referido Mandado de Segurança passe a integrar os Anais do Senado Federal.

Era o que eu tinha a dizer.

Muito obrigado.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O  
SR SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO EM SEU  
PRONUNCIAMENTO.**

*(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)*

**EXCELENTÍSSIMA SENHORA MINISTRA ELLEN GRACE,  
PRESIDENTE DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL**

**ARTHUR VIRGÍLIO DO CARMO RIBEIRO NETO**, brasileiro, casado, Senador da República, com Gabinete no Ed. Senado Federal, Anexo II, Bloco A, nº 50, por meio de seu advogado signatário, vem, respeitosamente, à presença de Vossa Excelência, com fundamento no art. 102, I, “d”, da Constituição Federal, **IMPETRAR**

**MANDADO DE SEGURANÇA COM PEDIDO DE LIMINAR**

contra o **EXCELENTÍSSIMO SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, em razão do desrespeito ao art. 49, inciso X, da Constituição de 1988, **frustrando, assim, direito subjetivo e constitucional, líquido e certo, do parlamentar ora Impetrante**, conforme a seguir demonstrado:

## I – LEGITIMIDADE

O objeto do Mandado de Segurança será sempre a correção de ato ou omissão de autoridade, desde que, ilegal e ofensivo de direito individual ou coletivo, líquido e certo, do impetrante.

O art. 1º, da Lei nº 1.533/51, assim determina:

*“Art. 1º - Conceder-se-á mandado de segurança para proteger direito líquido e certo, não amparado por habeas-corpus, sempre que, ilegalmente ou com abuso do poder, alguém sofrer violação ou houver justo receio de sofrê-la por parte de autoridade, seja de que categoria for e sejam quais forem as funções que exerça.”*

No caso em tela, trata-se de mandado de segurança impetrado por Senador da República, para que seja respeitado o seu direito subjetivo, como membro do Congresso Nacional, de exercer o poder fiscalizador incontestavelmente delegado ao Poder Legislativo, nos termos do art. 70 da Constituição Federal:

*“Art. 70. A fiscalização contábil, financeira, orçamentária, operacional e patrimonial da União e das entidades da administração direta e indireta, quanto à legalidade, legitimidade, economicidade, aplicação das subvenções e renúncia de receitas, será exercida pelo Congresso Nacional, mediante controle externo, e pelo sistema de controle interno de cada Poder.”*



A omissão do Poder Executivo em prestar contas da administração dos bens e valores por ele gerenciados, bem como a explícita negativa ao acesso das informações sobre a utilização de tais recursos, configura uma afronta aos princípios da harmonia e independência dos poderes e de suas prerrogativas constitucionais, institutos basilares na manutenção do Estado de direito. Fica evidenciada a cristalina lesão ao direito subjetivo líquido e certo do impetrante diante da conseqüência de ter suprimida suas prerrogativas como parlamentar, por ato desprovido de qualquer amparo legal e em flagrante abuso de autoridade. É inegável, neste contexto, a importância política e constitucional da matéria tendo em vista a grave repercussão que as ações ora descritas possam acarretar para a ordem pública e social do país.

Neste sentido, se afigura evidente a legitimidade passiva do Senhor Presidente da República, em sua condição de chefe do Poder Executivo, nos termos disposto no art. 76, da Constituição Federal, sendo o seu legítimo representante perante os demais Poderes da República.

O presente mandado de segurança tem, portanto, cabimento constitucional, ainda amparado pela Lei 1.533/51 e demais dispositivos aplicáveis à espécie. Resta definida a competência originária dessa Egrégia Corte para julgar o presente *writ*.

## II – DOS FATOS

O Excelentíssimo Senhor Presidente da República, nos termos do inciso II, do art. 84, da Constituição Federal, exerce, com auxílio dos Ministros de Estado, a direção superior da administração federal. Tem a

competência constitucional de se pronunciar em nome do Poder Executivo perante as prerrogativas institucionais do Poder Legislativo.

O Congresso Nacional e o Tribunal de Contas da União vêm tentando, por intermédio de todos os mecanismos legais e constitucionais, obter o acesso às informações sobre os gastos do Gabinete do Presidente da República, sem lograr êxito. Em uma relatoria executada pelo TCU, sob o nº TC-016.236/056, a Secretaria-Executiva da Casa Civil da Presidência da República, através de um Ofício, solicitou tratamento sigiloso às informações contidas em documentos referentes às despesas com as peculiaridades da Presidência da República. Alegou, fundamentalmente, que tais informações são “direta ou indiretamente imprescindíveis a planos e operações de segurança do Presidente e Vice-Presidente da República, seus familiares, e de Chefes de Estados e Governos estrangeiros em visita ao nosso País”<sup>1</sup>. No requerimento apresentado ao Tribunal, argumenta-se que as informações constantes de documentos relativos às despesas examinadas na auditoria são, ainda que indiretamente, imprescindíveis “a planos e operações de segurança” e que, nessa hipótese, caberia restrição à publicidade. Ainda nessa linha argumentativa, nota jurídica elaborada no âmbito do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República enfatiza: “vale destacar, também, que nem sequer valores nominais globais discriminados por natureza da despesa devem ser divulgados. Isso porque, insista-se, o valor global do gasto com munição, alimentação, hospedagem e deslocamento – por exemplo – presta-se à mensuração do contingente de homens envolvidos na segurança presidencial. Tal dado, por sua significação estratégica, não pode ser levado ao conhecimento público”.

---

<sup>1</sup> Ofício 860/SE-C.Civil/PR.

Em paralelo à fiscalização do TCU, o Ministério Público Federal requisitou à Casa Civil a relação de todos os portadores de cartão de crédito corporativo no âmbito da Presidência da República. Os dados fiscais dos portadores, obtidos junto à Receita Federal, encontram-se atualmente sob análise. Em atendimento à requisição de informações feita pelos Procuradores da República para a correção da sistemática de faturamento e saque prevista para o uso dos cartões de crédito corporativos, como determinado pelo TCU no Acórdão 1783/2004, a Secretaria do Tesouro Nacional informou, em fevereiro de 2005, que foram tomadas providências, “adequando-se às determinações imposta pelo Tribunal de Contas da União, impondo à utilização do Cartão de Pagamento do Governo federal – CPGF – maior segurança e racionalidade.”

Em abril de 2007, o TCU encaminhou ao MPF o resultado do processo de tomada de contas instaurado para examinar a regularidade dos documentos fiscais utilizados para comprovar a realização das despesas efetivadas com o CPGF.

Uma vez que as conclusões, mais uma vez, em nome do sigilo, não abrangeram a análise dos gastos da Presidência da República sob o ponto de vista da sua necessidade, o Ministério Público solicitou ao Tribunal a instauração de novo processo de tomada de contas com esse objetivo.

### **III – DO DIREITO**

A Constituição Federal de 1988 dispõe, em seu art. 37, os princípios que regem a administração pública federal.

*“Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência e, também, ao seguinte: (...)”*

Esses princípios constitucionais da administração pública ensejam a idéia de proposição diretiva, às quais se subordinam todo o desenvolvimento normativo ulterior. Neles, estão inseridas certas diretrizes do ordenamento jurídico. São as bases que alicerçam os institutos e normas jurídicas no âmbito da atuação do ente público. Neste sentido leciona o ilustre Professor Celso Antonio Bandeira de Mello:

*“Violar um princípio é muito mais grave que transgredir uma norma. A desatenção ao princípio implica ofensa não a um específico mandamento obrigatório, mas a todo o sistema de comandos. É mais grave forma de ilegalidade ou inconstitucionalidade, conforme o escalão do princípio violado, porque representa insurgência contra todo o sistema, subversão de seus valores fundamentais, contuméria irremissível a seu arcabouço lógico e corrosão de sua estrutura mestra.”<sup>2</sup>*

O Gabinete da Presidência da República, ao negar ao Poder Legislativo, em seu legítimo exercício do poder fiscalizador, o acesso dos gastos públicos referentes aos seus cartões corporativos, entra em flagrante colisão com esses institutos norteadores da administração federal, em especial aos princípios da publicidade e da moralidade pública.

---

<sup>2</sup> BANDEIRA DE MELLO, Celso Antônio. RDP 15/284.

O princípio da publicidade impõe à Administração Pública a prática, e tão somente essa, de atos voltados para o interesse público. Nesse diapasão, agindo em observância ao princípio da publicidade, o poder público torna suas ações transparentes, permitindo que sejam controladas por qualquer dos administrados. O afastamento da finalidade de interesse público enseja em inequívoco abuso de poder por parte da autoridade administrativa. Sobre esse tema, Diogo de Figueiredo Moreira Neto assim se posiciona:

*“Por isso no Direito Público e no Administrativo, em particular, o princípio da publicidade assoma como o mais importante princípio instrumental, indispensável para a sindicabilidade da legalidade, e da moralidade da ação do Poder Público, pois será pela transparência dos seus atos, ou, como mais adequadamente pode ser expressado, por sua viabilidade, que se tornará possível constatar a sua desconformidade com a ordem jurídica e, em conseqüência, serem exercidas as várias modalidades nela previstos.”<sup>3</sup>*

Sob o prisma da moralidade administrativa, já consagrado na doutrina e na Constituição Federal, configura-se em um instrumento de controle da legalidade e da legitimidade da conduta pública, tendo relevância no que concerne aos meios de atuação da Administração Pública. Isso porque o objeto do ato expressa a maneira pela qual a Administração atua para atingir seus fins. A identificação da imoralidade de um ato se faz presente no seu objeto, contrariando, assim, a norma de conduta reconhecida como legítima pelos administrados. A propósito do tema, Maria Sylvia Zanella Di Pietro discorre:

---

<sup>3</sup> MOREIRA NETO, Diogo de Figueiredo. *Curso de direito administrativo*, pg. 82

*“Isso ocorre quando o conteúdo de determinado ato contrariar o senso comum de honestidade, retidão, equilíbrio, justiça, respeito à dignidade do ser humano, à boa-fé, ao trabalho, à ética das instituições. A moralidade exige proporcionalidade entre os meios e os fins a atingir: entre os sacrifícios impostos à coletividade e os benefícios por ela auferidos; entre as vantagens usufruídas pelas autoridades pública e os encargos impostos à maioria dos cidadãos.”<sup>4</sup>*

Sob o argumento da presença de informações essenciais à segurança nacional, exarado pelo Gabinete da Presidência da República como justificativa da manutenção do sigilo de seus cartões corporativos, é imprescindível a análise do inciso II, do parágrafo 3º, do art. 37, da Constituição Federal:

*“Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência e, também, ao seguinte: (...)*

*§ 3º A lei disciplinará as formas de participação do usuário na administração pública direta e indireta, regulando especialmente:(...)*

---

<sup>4</sup> DI PIETRO, Maria Sylvia Zanella. *Discricionariedade administrativa na Constituição de 1988*, pg. 161.

*II - o acesso dos usuários a registros administrativos e a informações sobre atos de governo, observado o disposto no art. 5º, X e XXXIII;”*

Neste sentido, o inciso XXXIII, do art. 5º, faz a ressalva sobre os sigilos de informações sobre o governo:

*“Art. 5º (...)*

*XXXIII - todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado;”*

A Lei nº 11.111/05, coadunando com os Decretos de nº 5.301/04 e 4.553/02, vieram a regulamentar esse dispositivo constitucional e definiram em quais situações específicas devem ser decretados os sigilos de documentos. O Decreto nº 4.553/02, em seu art. 5º define a classificação do grau de sigilo a ser conferido aos dados e informações do governo:

*“Art. 5º Os dados ou informações sigilosos serão classificados em ultra-secretos, secretos, confidenciais e reservados, em razão do seu teor ou dos seus elementos intrínsecos.*

*§ 1º São passíveis de classificação como **ultra-secretos**, dentre outros, dados ou informações referentes à soberania e à integridade territorial nacionais, a planos e operações militares, às relações internacionais do País, a projetos de pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico de*

*interesse da defesa nacional e a programas econômicos, cujo conhecimento não-autorizado possa acarretar dano excepcionalmente grave à segurança da sociedade e do Estado.*

*§ 2º São passíveis de classificação como **secretos**, dentre outros, dados ou informações referentes a sistemas, instalações, programas, projetos, planos ou operações de interesse da defesa nacional, a assuntos diplomáticos e de inteligência e a planos ou detalhes, programas ou instalações estratégicos, cujo conhecimento não-autorizado possa acarretar dano grave à segurança da sociedade e do Estado.*

*§ 3º São passíveis de classificação como **confidenciais** dados ou informações que, no interesse do Poder Executivo e das partes, devam ser de conhecimento restrito e cuja revelação não-autorizada possa frustrar seus objetivos ou acarretar dano à segurança da sociedade e do Estado.*

*§ “4º São passíveis de classificação como reservados dados ou informações cuja revelação não-autorizada possa comprometer planos, operações ou objetivos neles previstos ou referidos.”*

Neste contexto, é imperioso reconhecer, mesmo em sede de uma interpretação extensiva, que o sigilo sobre as despesas correntes do Gabinete Pessoal do Presidente da República não se enquadra em nenhum dos casos mencionados no referido Decreto. Não obstante, **a vedação sobre o acesso a esses dados deveria se referir a políticas estratégicas e não ao dispêndio de gastos sobre qualquer órgão da administração pública federal.** Não há amparo legal ou constitucional para que as despesas da



Presidência da República sejam cobertas de sigilo sob qualquer tipo de argumento.

É essencial que seja preliminarmente observado se os recursos públicos estão sendo utilizados em face às despesas da autoridade e em função do cargo que ele exerce, como nos deslocamentos, no pagamento de diárias, locação de automóveis, ou se é para fazer face às despesas pessoais. Num caso ou no outro, todos eles, inclusive quanto ao Presidente da República, têm o dever de prestar todo o tipo de esclarecimento, porque é o dinheiro público que está sendo utilizado. Quem é gestor de bens e valores públicos está obrigado a prestar todo tipo de informação. E o cidadão tem o direito de saber a destinação do dinheiro que é recolhido através dos tributos pagos por toda sociedade. A Constituição Federal exige a transparência irrestrita para os gastos do erário, seja do Presidente da República, seja do vereador, ou de qualquer escalão do serviço público: todos têm que prestar informação de suas despesas.

Em sede de jurisprudência deste Egrégio Tribunal, é essencial afirmamos abrangência da interpretação sobre os princípios constitucionais ora mencionados:

*"A Administração Pública é norteadada por princípios conducentes à segurança jurídica — da legalidade, da impessoalidade, da moralidade, da publicidade e da eficiência. A variação de enfoques, seja qual for a justificativa, não se coaduna com os citados princípios, sob pena de grassar a insegurança." (MS 24.872, voto do Min. Marco Aurélio, julgamento em 30-6-05, DJ de 30-9-05)*

Os princípios da impessoalidade e da moralidade sobrepõem a qualquer norma que ressalve o acesso aos gastos do dinheiro público. Assim, a inobservância desses princípios torna inócuo e ineficaz o controle interno da execução orçamentária, bem como o controle externo exercido pelo Congresso Nacional, com auxílio do Tribunal de Contas da União.

Por fim, a despesa pública deve ser feita de forma a possibilitar o seu controle e fiscalização efetiva, o que não será possível se os gastos públicos forem feitos por meio de cartões corporativos guardados por sigilo, qualquer que seja a sua justificativa. Em resposta ao princípio da transparência, o controle não se deve resumir na verificação do *quantum* da despesa feita, mas no elemento externo da causa e da finalidade da despesa, inclusive, para efeito de confrontar a despesa realizada com o princípio da legitimidade da despesa pública, que antecede o princípio da legalidade. As despesas públicas em caráter sigiloso, como as aqui mencionadas, ao atentarem contra os princípios da administração pública, insertos no art. 37 da CF, enquadram-se, em tese, nos atos de improbidade administrativa nas três modalidades previstas nos artigos 9º, 10 e 11 da Lei nº 8.429/92. Com a ausência de elementos concretos sobre as despesas, os gastos com cartões corporativos sigilosos dependem apenas da subjetividade de cada um dos agentes portadores, permitindo-se até saques em dinheiro, sem prévia especificação de sua finalidade. Não há qualquer regulamento capaz de eliminar a dose de subjetividade destas despesas, sem que esteja presente, incondicionalmente, a aplicação dos princípios constitucionais que regem a matéria.

A partir de um ordenamento constitucional explícito no sentido de exigir-se total e irrestrita publicidade dos gastos públicos, essa

matéria insere-se no âmbito de reserva legal, cabendo ao Congresso Nacional disciplinar quais gastos, que em nome do interesse público, devam ter a específica rubrica de sigilo e não tal procedimento ser regulamentado pelo próprio beneficiário da ausência de prestar contas, como no caso em tela, a Presidência da República.

Não resta dúvida, portanto, que qualquer ato normativo, expedido pelo Presidente da República ou por intermédio de seus Ministros de Estado, no intuito de vedar o acesso às despesas efetivadas pela estrutura administrativa do Governo Federal é flagrantemente inconstitucional. Seguindo esta linha de raciocínio, não se pode conceber como a Constituição Federal garanta aos parlamentares, apenas parcialmente, o exercício de poder fiscalizar os atos do Poder Executivo, uma vez essa prerrogativa fazer parte de sua competência exclusiva, nos termos do inciso X, do Art. 49 da Constituição Federal. Não obstante, como de há muito reiterado pelo Supremo Tribunal Federal, configura-se um poder-dever de todo parlamentar propugnar pela fiel preservação das competências do Poder Legislativo, recorrendo ao acolhimento judicial para ter respeitadas suas prerrogativas. A intenção do constituinte originário foi de garantir ao Poder Legislativo, em nome do interesse popular, o papel de defensor do patrimônio público e guardião da prestação de contas, da probidade administrativa, da legalidade, legitimidade e economicidade dos atos dos agentes públicos.

Por todo o exposto, resta incontroverso o direito líquido e certo do Impetrante à legítima proteção de suas prerrogativas, como representante da vontade popular, em ter acesso aos gastos de qualquer órgão da administração pública federal, e especificamente no presente, do Gabinete Pessoal do Presidente da República.

#### **IV – DA LIMINAR**

O *fumu bonis jûris* está consubstanciado com clareza na extensão do dispositivo do inciso X, do art. 49, da Constituição Federal, que dispõe como competência exclusiva dos membros do Congresso Nacional, fiscalizar e controlar, diretamente ou por qualquer de suas Casas, os atos do Poder Executivo, incluídos os da administração indireta. O *periculum in mora* surge do contínuo desdobramento causado pelo dispêndio irrestrito e sem qualquer controle de enormes quantias de dinheiro público, conforme tem sido noticiado nos meios de comunicação. Torna-se indispensável o deferimento desta liminar para garantir o exercício constitucional do parlamentar Impetrante, diante da situação abusiva, criada *contra legis*, pelo PRESIDENTE DA REPÚBLICA, que vem mantendo, ilegalmente, o sigilo sobre todas as suas despesas correntes.

#### **V – DO PEDIDO**

Diante de todo o exposto, e considerando as disposições do art. 5º, LXIX da Constituição Federal, e as Leis nº 1.533/51 e 4.348/64, o Impetrante suplica a Vossa Excelência:

- 1) seja concedida a **ORDEM LIMINAR, INAUDITA ALTERA PARS**, no presente *writ* a fim de determinar o imediato acesso, por parte deste Impetrante, aos dados sigilosos dos cartões corporativos do Gabinete Pessoal do Presidente da República.
- 2) seja, enfim, prestadas ou não as informações, julgado procedente o presente *writ* para determinar ao Excelentíssimo Senhor Presidente da

República o encaminhamento ao Congresso Nacional – por intermédio de prestação de contas amplamente detalhada – a relação de todas as despesas do Gabinete Pessoal da Presidência da República no período compreendido por seus mandatos.

Requer, por derradeiro, o Impetrante, a citação do Excelentíssimo Senhor Presidente da República, bem como a oitiva do Ilustre Representante do Ministério Público, a fim de que se manifeste nos atos e termos do presente *mandamus*.

Dá-se à presente causa, para efeitos meramente fiscais, o valor de R\$ 100,00.

Nestes termos,  
Peço e rogo deferimento.

Brasília, 13 de fevereiro de 2008.



**GUSTAVO KANFFER**

**OAB/DF 20.839**

**O SR. MARCONI PERILLO** (PSDB – GO. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, cremos que ninguém precisa ser um especialista para verificar como falta no Brasil – em particular ao Poder Público – planejamento de médio e longo prazos, capazes de delinear cenários futuros e projeções para orientar as decisões do Estado, de hoje e para o amanhã.

Não seria esse o mal que incomoda tantos setores da sociedade quando se avalia a transposição do Rio São Francisco?

Os chineses discutem a China com um horizonte de trinta a cinquenta anos, como fizeram, também, europeus e japoneses para chegarem à pujança econômica de nossa era.

Que outra razão maior haveria, para o caos aéreo e das estradas e para a falta de investimentos em hidrovias e ferrovias, além da falta de se planejar o Brasil do tempo novo?

Investem-se milhões de reais em aeroportos, mas, no lugar de se dar a devida prioridade à segurança, viabilizam-se lojas e *shoppings*. Discute-se a ferrovia Norte-Sul, mas precisamos lutar para convencer o Governo da importância de um ramal para garantir o escoamento da produção do Centro-Oeste.

Por isso, nossa preocupação maior, ao avaliarmos a transposição do Rio São Francisco, é de ordem técnica, social e econômica. Entendemos que esse debate não pode ser maniqueísta, uma discussão bizantina entre favoráveis e desfavoráveis.

Entendemos, também, que uma obra dessa envergadura e impacto não pode cingir-se a um capricho faraônico desta ou de qualquer outra administração, para marcar a passagem de um governo.

Difícil seria negar, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, um certo desejo, uma certa vontade inquieta, do atual Governo em chamar para si a figura de quem garantiu a perenidade dos rios do sertão nordestino.

Mas, até agora, mesmo diante do início da obra, sob o aval do Supremo Tribunal Federal, as dúvidas permanecem e perturbam, sobretudo quanto o desejo é discutir a matéria sem paixões, sob o foco racional das argumentações.

Nesse sentido, esta Casa de Rui Barbosa tem o dever de ouvir especialistas na matéria, como, aliás, já foi feito no âmbito da Comissão de Infra-Estrutura, na gestão passada, para responder se, de fato, o melhor caminho para resolver o problema da seca é a transposição do Rio São Francisco.

No mínimo, é preciso avaliar – sem paixões, queremos ressaltar – o impacto da medida sobre as populações ribeirinhas, aí inclusas as comunidades indígenas que serão afetadas pela obra.

Porque, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, a transposição do São Francisco está começando sem o aval das populações que vivem na área de impacto do empreendimento, o que, além de ser um desrespeito às normas legais vigentes, não é justo.

Por isso é que a legalidade do licenciamento ambiental da obra tem sido argüida por organizações sociais e pelo Ministério Público Federal. Entre os argumentos, sublinha-se a inexistência de um levantamento confiável sobre os impactos ambientais e sociais da transposição.

Outra irregularidade apontada, de fácil acesso nos *sites* da internet, é o uso do Exército para fazer esse trabalho. Além de ter publicado o novo edital para o planejamento do projeto, o Ministério da Integração Nacional transferiu cerca de R\$90 milhões para o Ministério da Defesa, para que o Batalhão de Engenharia do Exército, que não precisa de licitação, iniciasse as obras.

Isso contraria decisão do Tribunal de Contas da União (TCU), que proíbe a utilização de recursos públicos pelo Exército nessa obra, enquanto não houvesse a regularização do licenciamento ambiental. O Ministério da Defesa deveria, inclusive, devolver aos cofres públicos o que já tinha sido gasto.

O Governo precisa ter cuidado para não se sentir contaminado pelo desejo incessante de marcar este mandato por uma obra grandiosa, semelhante às realizadas na década de setenta pelo regime militar. Junto

com esse desejo faraônico, parece-nos, ao menos em certa medida, vir um ranço de autoritarismo.

No contexto atual, da plena democracia e liberdade de expressão, a sociedade cobrará os efeitos decorrentes da transposição, sobretudo se, como indicam alguns estudos, não houver eficácia e o potencial energético do Rio São Francisco for colocado em risco.

No nosso entendimento, da forma como está sendo tocada a maior obra do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC –, a transposição do Rio São Francisco corre sério risco de se transformar num problema para os governos futuros em razão da falta de avaliação técnica devida e dos impactos ambientais que serão causados.

Nosso desejo, portanto, é que, ao discutirmos essa matéria, mais uma vez, nesta Casa de Leis, não percamos a oportunidade de ouvir os argumentos detalhados das partes, sem paixões, sem retórica, mas tão somente com o objetivo de avaliar tecnicamente o impacto e a efetividade da obra.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Nada mais havendo a tratar, a Presidência vai encerrar os trabalhos.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Está encerrada a sessão.

*(Levanta-se a sessão às 20 horas e 40 minutos.)*

## Ata da 7ª Sessão Não Deliberativa, em 15 de fevereiro de 2008

### 2ª Sessão Legislativa Ordinária da 53ª Legislatura

*Presidência dos Srs. Paulo Paim, Mão Santa, Geraldo Mesquita Júnior e Pedro Simon*

*(Inicia-se a sessão às 9 horas.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Paim. Bloco/PT – RS) – Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

Há oradores inscritos.

Concedo a palavra ao primeiro orador inscrito, Senador Gilvam Borges, que disporá de 20 minutos para fazer a sua exposição. Em seguida, sem prejuízo da ordem dos inscritos até o momento, falará o Senador Mão Santa.

**O SR. GILVAM BORGES** (PMDB – AP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, S<sup>as</sup> e Srs. Senadores, sem dúvida, a sorte é o resultado do trabalho, da dedicação, do empenho em acreditar sempre que é possível transformar a realidade. Por esse motivo, retorno a esta tribuna na certeza de que cada dia é mais um dia, certo de que o trabalho modifica, enaltece e engrandece a Nação brasileira.

Como representante do Estado do Amapá no Senado Federal, tenho o orgulho de dizer a toda a Nação que o Amapá é um Estado pujante e que, abençoadamente, tem recebido autoridades da envergadura do Presidente Lula, que, por duas vezes consecutivas nos visitou. A primeira visita foi para anunciar a transferência das terras da União para o Estado; a segunda, ocorrida recentemente – estivemos em caravana – foi para, juntamente com o Presidente da França, Nicolas Sarkozy, anunciar a construção da ponte sobre o rio Oiapoque, que será inaugurada em 2010.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, no dia-a-dia, temos uma equipe de assessores organizados, a qual conduzo pessoalmente, realizando um trabalho assíduo de acompanhamento da liberação dos recursos federais, destinados ao Governo do Estado do Amapá e suas prefeituras.

Para nós, além da importante tarefa e prerrogativa, na condição de Senador da República, o importante é não perdermos de vista as necessidades prementes da satisfação em ver os recursos chegarem ao Estado do Amapá.

Por esse motivo, sempre que venho à tribuna, oportunamente, anuncio a liberação desses recursos, pelos quais trabalhamos juntos aos Ministérios, em audiências e em áreas técnicas, para atender aos prefeitos e ao Governador do Estado.

Tenho a satisfação de anunciar a Ordem Bancária de nº 2007OB902187; Banco: Caixa Econômica Federal, recursos emitidos pelo Ministério dos Esportes e têm como objeto a modernização do Estádio Glicério Marques. Já estão na conta da prefeitura R\$2.000.000,00, para que possamos trabalhar. Acredito que as obras já estão em andamento, executadas pelo Prefeito João Henrique.

Também para a Prefeitura de Macapá, Ordem Bancária nº 2007OB902603. Banco: Caixa Econômica Federal; agência: 0658; conta: 1497; valor liberado: R\$2.070.000,00. Os recursos já estão na conta. Inclusão digital maciça de até 40 mil pessoas. Este é um projeto importantíssimo, gerenciado pela Prefeitura de Macapá. Portanto, anuncio a toda a cidade de Macapá, aos vereadores, ao próprio Prefeito e às autoridades para os procedimentos. Poderemos atender a até 40 mil pessoas na inclusão digital.

Quero anunciar também recursos destinados ao Governo do Estado do Amapá pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Incra; agência 3575; conta 60763 do Banco do Brasil. Esse dinheiro já está na conta. São R\$2.671.444,30, para obras de infra-estrutura com abertura e recuperação de estradas, com construção de pontes em madeira de lei.

Isso, sem dúvida, irá repercutir nas nossas comunidades.

Ordem bancária também para a Prefeitura Municipal de Macapá. São recursos no valor de R\$3.099.232,49; agência 0658; conta 60000741, Caixa Econômica Federal, para infra-estrutura urbana – importante. Estamos necessitando de um trabalho urgente na recuperação das vias na cidade de Macapá e acredito que a equipe do Prefeito já se mobiliza. O dinheiro está na conta.

Para o Município de Tartarugalzinho, conta 274976, agência 2825 – dinheiro na conta –, Banco do Brasil. Valor liberado: R\$1.727.297,53, destinado à

recuperação de estradas vicinais e construção de pontes em madeira de lei. Importantíssimo para o atendimento das comunidades em Tartarugalzinho.

Dinheiro na conta para o Governo do Estado, também do Departamento Nacional de Estradas e Infra-Estrutura de Transportes (Dnit). Esses recursos são no valor de R\$1.659.167,00. São recursos para manutenção e conservação da BR-156. O dinheiro já está na conta no Banco do Brasil, agência 3575, conta 59129.

Prefeitura Municipal de Porto Grande: queremos anunciar com muita alegria os recursos no valor de R\$1.299.800,00, na agência 3990, conta 108162, Banco do Brasil. Recursos destinados à construção do muro de arrimo da cidade de Porto Grande.

Sr. Presidente, para o Governo do Amapá, do Ministério do Trabalho e Empregos, o valor liberado R\$ 660.000,00, conta 60720, agência 3575, Banco do Brasil. Esses recursos destinam-se ao Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego para Jovens. O dinheiro já está na conta do Governo, conforme nós estamos anunciando.

Também para o Governo do Estado do Amapá mais R\$618.000,00 para projeto de reaparelhamento. Emitente: Secretaria Nacional de Segurança Pública, recursos importante, agência 3575, conta 60607, do Banco do Brasil.

Atenção Município de Santana, segundo maior município do Estado do Amapá: Ordem Bancária 2007OB908112, Banco do Brasil, agência 3346, conta 246697, valor liberado R\$ 500.000,00, destinado à aquisição de unidade móvel para o Centro de Apoio Laboratorial.

Prefeitura Municipal de Porto Grande, novamente, mais R\$ 497.000,00, dinheiro já na conta, Banco do Brasil, agência nº 3990, conta nº 103543, OB907884. Eu sempre friso que esses dados são importantes para se confirmar a chegada desses recursos. Os recursos são para a construção do matadouro. Portanto, Porto Grande já pode iniciar a construção do seu matadouro e também do muro de arrimo, com recursos federais liberados.

Ordem bancária para o Governo do Estado do Amapá, Ministério da Agricultura: agência 0658, conta nº 66471290, da Caixa Econômica Federal, valor de R\$ 487.500,00, para aquisição de patrulha mecanizada.

Governo do Estado está trabalhando bastante e os recursos chegando com o esforço da Bancada Federal, sob a nossa coordenação.

Ordem bancária também para a Prefeitura Municipal de Macapá novamente, dinheiro na Caixa Econômica Federal, destinado à construção habitacional para famílias de baixa renda. Valor liberado R\$427.371,94.

Para o Governo do Estado, anunciamos mais recursos no valor de R\$400 mil, liberados pelo Ministério do Turismo, agência nº 3775, conta nº 60801. O dinheiro já está na conta. Recursos destinados à elaboração do plano de desenvolvimento integrado do turismo sustentável.

Para a Prefeitura Municipal de Macapá, novamente, mais recursos na conta bancária, Secretaria Nacional de Segurança Pública, no valor de R\$ 400 mil, destinados ao projeto de valorização profissional, conta 60348, ordem bancária nº 40.967 – recursos na conta – Banco do Brasil.

Sr. Presidente, deixarei o restante para uma próxima etapa, porque o trabalho é muito e vou viajar para o Estado do Amapá.

Quero dizer que a atividade parlamentar é tão complexa, Sr. Presidente, que as especialidades se apresentam em várias vias de atuação: muitos parlamentares atuam diretamente no plenário da Casa, com seus discursos e defesa de projetos de lei; outros se especializam na liberação de recursos, trabalhando direto no Orçamento da União e dando assistência às prefeituras e ao Governo para liberação de recursos.

Confesso que, pela minha praticidade, trabalhamos grandes projetos de leis, tanto é que o Amapá, orgulhosamente, pode dizer que três dos seus projetos na área de segurança nacional – no segundo semestre, fomos várias vezes à tribuna tratar dos problemas de segurança pública que atingiam toda a Nação – foram incorporados pelo Governo, após um estudo de aproveitamento das iniciativas no Congresso Nacional. Tanto na Câmara como no Senado, o Amapá dá contribuição, não só mediante seus projetos de leis, mas principalmente na atividade de políticas de resultado.

Nós nos sentimos muito felizes em poder dizer que está chegando dinheiro para obras ao Estado do Amapá. Ainda tenho aqui praticamente mais 30 mensagens aos municípios e ao Governo do Estado, anunciando recursos já liberados e que estão na conta.

Por esse motivo, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, nos orgulhamos. Não é sorte que o Amapá tem, porque a sorte vem com o trabalho. Os bons preságios estão justamente no esforço conjunto de toda a Bancada Federal que se integra ao Governo do Estado, à Assembléia Legislativa e a todas as instituições. O Amapá vive um momento importante, e estamos muito orgulhosos. Por isso, sempre que assumimos a tribuna, quando não estamos defendendo grandes idéias e abordando grades temas nacionais, estamos brigando pelos nossos municípios, pelo nosso Estado, e os recursos estão chegando. Quero agradecer, penhoradamente, o apoio decisivo e importante do Presidente Sarney, do Senador Papaléo, do Deputado Evandro



Milhomen, da Deputada Fátima Pelaes, da Deputada Lucenira Pimentel, dos Deputados Federais Sebastião Rocha, Jurandil Juarez. A Bancada completa do Amapá está nos dando muito orgulho e satisfação. Eu acho que, trabalhando unidos, resulta no que hoje o Amapá pode assistir pela televisão, ouvir pelos rádios, saber pelos jornais e também nas ruas.

Agradeço a Deus, primeiramente, pela saúde, por estar-nos abençoando com boas idéias, para que estejamos sempre motivados para cumprir o nosso dever como legítimos representantes do Estado do Amapá.

Portanto, agradeço a V. Ex<sup>a</sup>. O nosso tempo acabou, são 9h20. Ainda dispomos de quatro minutos, mas chegaram o Senador Heráclito, com sua vigilância eterna, o grande representante do Piauí, e o Senador Mão Santa, que é o guardião do plenário, o primeiro a chegar, o último a sair e representa o glorioso Estado do Piauí. O Piauí está aqui com os dois Senadores, e nós precisamos então descer para prosseguir a nossa viagem para o Estado do Amapá.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Paim. Bloco/PT – RS) – Passamos a palavra ao nobre Senador Heráclito Fortes, por cessão do Senador Romeu Tuma.

O Senador Heráclito Fortes, a exemplo do Senador Gilvam Borges, dispõe da palavra por 20 minutos.

Senador Gilvam Borges, a Presidência agradece pela precisão no tempo, colaborando com todos os Senadores.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, caro Senador Paulo Paim, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, eu hoje quero falar, com a permissão do companheiro Mão Santa, sobre uma audiência que tive ontem, em meu gabinete, com o Secretário de Fazenda do Estado do Piauí, o presidente do Banco do Estado, diretores e funcionários graduados do Banco do Brasil, da Receita, do Ministério da Fazenda e funcionários representando os servidores e o Sindicato dos Bancários, para tratar da federalização do Banco do Estado do Piauí.

Desde o começo, tanto eu como Mão Santa – estou falando porque nós temos conversado permanentemente sobre esse fato – temos uma preocupação: a origem dos funcionários do Banco do Estado, uma vez que o próprio presidente é um sindicalista ligado ao Partido dos Trabalhadores, o Governador também é um sindicalista ligado aos trabalhadores, o Secretário da Fazenda é um sindicalista ligado ao Partido dos Trabalhadores, uma extraordinária figura humana, que é Antonio Neto, e a preocupação que deveriam ter com os servidores daquela entidade.

O Banco do Estado, que começou que começou como banco agrícola, tem uma história de muita importância para nós piauienses. Cumpriu um papel fantástico em várias agências do interior do Piauí, Brasília, Rio de Janeiro e acho até que chegou a São Paulo – não é, Mão Santa? – e, na década de 90, começou a entrar em crise juntamente com uma rede de bancos estaduais, iniciando naquela época um processo de federalização. Essa federalização, inicialmente, era para desaguar em uma privatização cujo edital chegou a ser publicado. Na transição do Governo Hugo Napoleão para Wellington Dias, a pedido do Governador que iria assumir, o edital foi suspenso e procuraram-se outros rumos para aquela entidade, optando-se por que o Banco do Brasil fizesse a sua incorporação.

É evidente que não temos aqui a leviandade de suspeitar de uma transação dolosa, envolvendo a entidade Banco do Brasil. Sabem bem V. Ex<sup>as</sup> como respeitável é esta centenária instituição brasileira. Mas o Banco do Brasil de hoje, Mão Santa, não é aquele Banco do Brasil em que os meus irmãos trabalharam, que fazia referência social em qualquer cidade. É o banco dos aloprados, dos mexericos, dos que invadem a privacidade das contas; é o Banco do Brasil que, muitas vezes, está engajado em luta político-partidária, desviando as suas funções; é o Banco do Brasil que iniciou aquela desastrada campanha subliminar, defendendo o terceiro mandato do Presidente da República, e que, ao ser denunciado, teve de recolhê-la. Mas é uma entidade fantástica.

Acho que será um caminho bom para os funcionários daquela entidade. Melhor para os funcionários do que para o Estado – eu reconheço. Porque veja bem, Mão Santa, se fosse privatizado, os funcionários teriam de tomar um destino: ou um PDV ou uma aposentadoria, ou Deus lá sabe o quê. Ocorre, Senador Paim – e V. Ex<sup>a</sup> tem sido, nesta Casa, um defensor dos trabalhadores –, que as informações não-precisas eram exatamente a de que os funcionários teriam todos os direitos que os do Banco do Brasil.

Achei um pouco difícil, estranho, porque o Banco do Brasil tem um plano de carreira, tem a Previ, tem a sua assistência médica. Como seria feito aquele ajuste? E daí, combinado com o Senador Mão Santa, resolvemos fazer alguns questionamentos, preocupados com o dia seguinte do servidor.

V. Ex<sup>a</sup> participou diversas vezes dessas lutas e sabe que, na hora da negociação, as promessas são feitas da maneira mais fácil. O cumprimento depois é que são elas. E temos de ter uma preocupação: são poucos funcionários, 180 mais ou menos, alguns já com pedido de aposentadoria. Mas os que vão ficar – que sejam oitenta, setenta, não importa o núme-

ro – estão numa faixa de quarenta a cinquenta anos aproximadamente. Estão em plena atividade, em plena força física para exercer suas atividades. Nós não podemos, Mão Santa, permitir que no dia seguinte haja dois tipos de servidores no mesmo banco, um com salário diferenciado do outro. É a mesma coisa que na caserna, no Exército, o oficial, o coronel com Estado-Maior e o que não tem Estado-Maior. O que tem Estado-Maior, sabe-se, terá uma vida mais longa, com possibilidade de ir ao generalato. O outro, não, está com os dias contados.

E, aí, Mão Santa, é que se vem travando o grande impasse, que foi minha grande decepção e frustração. A moça Rita de Cássia estava movida de toda boa vontade e com a convicção de que era aquilo ou nada, porque faltavam opções para os servidores do Banco. Fiquei triste, Mão Santa, ao ver isso. Porque caberia aos negociadores, em primeiro lugar, defender o lado mais fraco, que é a matéria humana, Paim. A transação financeira é fria: sobe 20 milhões, desce 20 milhões, vai para 30. Mas o homem, não. E é na realidade o que menos pesa numa questão como essa, sabe V. Ex<sup>a</sup>. Ora, se o Banco do Brasil não vai poder dar o tratamento inicialmente anunciado de igualdade – e sabemos, de antemão, que não vai – para que ficar iludindo? Vamos ser francos, mas vamos pelo menos dar a esse pessoal condições iguais ou equivalentes aos colegas com os quais vai conviver a partir da conclusão desse processo. Entendeu, Mão Santa?

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador Heráclito.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Com o maior prazer.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador Heráclito, V. Ex<sup>a</sup> conhece muito bem – melhor que ninguém – a história do Piauí e do banco mais profundamente porque seu irmão teve uma vida bancária. Mas sobre o Banco do Estado, todos sabemos que ele foi fechado no tempo de Governo de Alberto Silva. Depois, foi reaberto por Freitas Neto, e eu governei logo após. Esse banco foi gigantesco, porque o Piauí tem 224 cidades, e o banco é necessário até para pagar o funcionalismo. Mas, no fechamento, eles abriram para cinco agências. Sucedi o Freitas e quero crer que dobramos. Então o número de funcionário era extraordinário, porque foi, no passado, um banco grande. Era um banco mesmo, que servia ao Estado. Mas o que me preocupa é que o Governador, bancário, dizia que fizeram uma desgraça muito maior do que V. Ex<sup>a</sup> diz. Tem de se preocupar. São centenas de funcionários. Muitos eu acomodei na Secretaria de Fazenda, porque são qualificados e com vivência, mas o pior, Senador Heráclito Fortes, é como Padre Antônio Vieira

disse: um bem nunca vem só e um mal também. Estive agora em Parnaíba, convidado que fui. Construí em meu Governo, em vários tipos de programas, 40 mil casas populares. Senador Heráclito, um deles era mutirão. O Governo entrava com o engenheiro, com o modelo da Cohab e com os técnicos orientando, e o Governo do Estado entrava com o material simples. E a família construía. Foram muitas. Heráclito, eles venderam a carteira imobiliária da Cohab e estão tomando as casas. Andando nas ruas de Parnaíba, vi casas que tinham sido construídas por mutirão e que tinham sido recebidas de um serviço social do Governo, do convênio. É outro grande mal. Essas carteiras eles entregaram. Venderam a da Cohab, do Banco do Estado, e passaram para a Caixa Econômica. Estão em polvorosa milhares de habitantes dos conjuntos habitacionais. V. Ex<sup>a</sup> sabe da vocação de Teresina para conjuntos habitacionais. Só no meu Governo fizemos uns doze. Era com Elias do Prado, o herói Che Chavara, que morreu, e o pai. Os outros Governadores também, como Lucídio Portella, construíram várias casas. Estão em polvorosa porque venderam essa carteira habitacional da Cohab. Luiz Inácio é generoso, mas o que tem de aloprado acabando com o povo do Brasil está fora de controle.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Agradeço o aparte de V. Ex<sup>a</sup>.

Senador Paim, fiquei muito satisfeito ao ver V. Ex<sup>a</sup> na presidência da sessão de hoje, porque V. Ex<sup>a</sup> tem uma vida dedicada de maneira sincera a essa questão.

Para surpresa minha, tudo o que diz respeito à negociação dos funcionários se cobra depois. É uma lástima, como disse o nosso querido Deoclécio Dantas, que essas coisas sejam feitas dessa maneira.

Vi a fragilidade do representante dos servidores e chamei a atenção exatamente para isso. Chamei a atenção do Presidente do Banco, do Secretário de Fazenda, que é meu amigo, de quem gosto muito, de que invertessem o processo porque não era justo que o servidor não fosse a prioridade. Por um motivo muito simples: o Governador se negou a privatizar, exatamente sob o argumento de que queria preservar os servidores. E, na hora da negociação, que é feita governo a governo, esse assunto ficou para depois.

Estou cumprindo com o meu dever. Alertei e estou pedindo uma nova reunião antes da audiência pública ou da própria análise pela Comissão de Assuntos Econômicos porque quero ter, Mão Santa, a consciência tranqüila de que cumpri o meu papel.

Não quero que se repita com os servidores do banco o que ocorreu com aqueles piauienses servidores que acreditaram no famoso conto-do-vigário do crédito

consignado: retiraram aquela antecipação e hoje, por irresponsabilidade do Governo, estão inadimplentes. É preciso que esse alerta seja feito.

Além do mais, Senador Mão Santa, há uma declaração do Governador em que fala na expansão do Banco do Brasil e que o Banco atenderia praticamente ao Piauí todo. Quero um esclarecimento, porque não vi nenhuma manifestação e nenhum compromisso do Banco do Brasil com relação a isso. Cadê o plano de expansão do Banco do Brasil, de aumentar o número de agências? É preciso que isso seja colocado agora. A hora da negociação é esta. Se não for feito agora, Mão Santa, não será nunca. E nós, piauienses, já estamos cansados de sermos levados para trás.

O Estado – e é bom acabar com esta balela – não vai receber pela transação do banco nenhum centavo. O que o Estado vai receber é o dinheiro, Mão Santa, da venda da conta dos servidores. Penso eu que o Governador devia ter mais cuidado com o que está fazendo e procurar a transparência nessa questão. Quem é que arbitra o preço? Quem é que define aquele preço? Não sei se é muito, não sei se é pouco, mas é preciso que se saiba exatamente que foi o melhor preço possível, defendendo os interesses do Estado do Piauí.

Por outro lado, Mão Santa, o Governador precisa dizer o que fará com o dinheiro recebido nessa conta, porque o que se ouve nas rodas de Teresina é que o Secretário tal já conta com 15 milhões para fazer obra, Secretário qual, com 25, 30 – obras eleitoreiras! Estamos em ano de eleição municipal e nada de estruturante, nada de permanente para o Estado do Piauí. Até acho que o Governador Wellington Dias faria um bom negócio se pegasse esses recursos e realizasse todas as obras que prometeu em campanha, nas praças públicas piauienses, caso fosse reeleito. Os prefeitos entraram como avalistas das promessas e, até hoje, nada foi feito. Que recuperasse alguns asfaltos, feitos às vésperas de eleição, de péssima qualidade.

O Piauí, Mão Santa, é um Estado interessante. As promessas eleitorais do Governador Wellington Dias, astronômicas, não deram em nada. Há Governador sendo julgado por menos disso e passando aperto na justiça eleitoral. Mas é assim.

Senador Mão Santa, finalizando minhas palavras, quero dizer que vamos continuar alertando, principalmente os funcionários do Banco do Estado do Piauí, para este processo de federalização. Posso não ser compreendido por alguns, ou compreendido. No momento, é o que menos importa. O que eu quero ter é a consciência tranqüila de que exerci o meu papel de fiscalizador e, acima de tudo, a minha tentativa de proteger os servidores que estão – eu reconheço – viven-

do insegurança, vivendo um drama há muito tempo, mas que nem por isso podem deixar de reivindicar, com toda a força e com todo o vigor, o melhor para si e para os seus familiares.

Daí porque faço esse registro, na certeza de que Banco do Brasil e Governo do Estado do Piauí façam um entendimento que, de maneira clara, transparente e sem subterfúgios, dêem tranqüilidade aos bravos servidores do Banco do Estado do Piauí.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Paim. Bloco/PT – RS) – Passamos a palavra ao nobre Senador Mão Santa, que, a exemplo do Senador Heráclito Fortes, é representante do nosso querido Estado do Piauí.

Senador Mão Santa, V. Ex<sup>a</sup> tem a palavra por vinte minutos, com a tolerância necessária que a Presidência saberá dar, como V. Ex<sup>a</sup> tem dado a este Senador quando vai à tribuna.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Senador Paulo Paim, que preside esta sessão de sexta-feira, 15 de fevereiro, parlamentares aqui presentes, brasileiros e brasileiras presentes aqui no Senado, brasileiros e brasileiras que nos assistem pelo sistema de comunicação do Senado, o sistema de comunicação do Senado, Senador Geraldo Mesquita, é muito eficiente e a verdade que leva contagia o País.

Eu realmente me sinto perplexo porque eu e o Heráclito nos limitamos ao Piauí, mas hoje não só no Brasil, mas em outros países, encontram-se brasileiros e eles acompanham e identificam. Sobre eu e o Heráclito, eles consideram como uma dupla, tipo Pelé e Coutinho, que defende o Piauí. Mas é porque é eficiente mesmo.

Ontem, Senador Heráclito Fortes, foi um dia de grandeza do Parlamento brasileiro. Às 9 horas, começava uma reunião presidida pelo nosso Presidente e continuada pelo Presidente da Comissão de Direitos Humanos, Paulo Paim, que já está aqui. Atentamente observei aquela reunião. Era diferente, ela traduziu o Senado moderno que representamos. Por isso que digo e repito que este é um dos melhores Senados. Uma sessão aberta, em que técnicos, líderes religiosos discutiram um dos temas mais importantes para este País. Autoridades que, da divergência, buscavam um rumo e, depois, falaram os Senadores mais ligados ao tema. Em seguida veio a sessão normal deliberativa. E era quase 22 horas e este Senado escreveu uma das páginas mais bonitas. Porque o Senado é para seguir, estar em sintonia com o povo.

O Rio Grande do Sul é cheio de ensinamentos e, ontem, nós recordávamos a austeridade de Getúlio Vargas, bastava conversar com quem conviveu com

ele. Luiz Inácio não gosta de ler, ele mesmo declarou que é melhor fazer uma hora de esteira do que ler a página de um livro. Mas Getúlio é muito rico e há muitos documentários e pessoas que com ele conviveram. O nosso Senador Paulo Duque – talvez você não saiba, Geraldo Mesquita – escreveu um livro sobre os oradores e, por bondade dele, me incluiu. O que me surpreendeu é que há uma fotografia da mulher dele: bonita, empata com a Adalgisa. Aí eu perguntei ao Paulo Duque: “Ela foi misse?” Bonita, ô Paim. E ele disse que quando a conheceu ela era secretária particular de Getúlio Vargas. Então, ele viveu, ele era Deputado, novinho; casaram. E ele já vai escrever o segundo livro. Eu tenho muita gratidão porque não sei como ele me incluiu nos livros dos grandes oradores. Mas, Geraldo Mesquita, ele está pronto, sobre o Vargas. Eu sou encantado. Aliás, isso se chama de paradigma. A lingüística diz que paradigma é um fato que você acredita até vir outro fato.

Mas primeiro vem Juscelino. Eu sou médico e cirurgião como ele; prefeitinho; com passagem pela vida militar, ele, no CPOR, e eu, na polícia; ele foi governador, também foi cassado, muita confusão. Então, otimista, sorridente, o Juscelino. Mas um dia um advogado, um dos mais honrados que eu conheço, Reginaldo Furtado, foi da OAB, Presidente, Conselheiro, me disse assim: “O Getúlio é melhor.” Paulo Paim, foi um choque. Não entrava na cabeça minha porque existe na psicologia, na neurolingüística, a modelagem: se você quiser um jogador, você pensa no Pelé. Se você quiser ser um sindicalista, você pensa no Paim, que saiu lá do sindicato e está aí; se quiser ser um cantor, pensa em Roberto Carlos. Isso é modelagem. Mas o Reginaldo Furtado disse que o Getúlio era melhor. Aquilo me deixou perplexo.

Eu tinha conhecido Getúlio Vargas pessoalmente. Em agosto de 1950, na Praça Nossa Senhora da Graça, no coreto, às 10 horas, ele candidato à Presidência da República, eu o vi: baixinho, de branco, com um charuto, chapéu, sorriso agradável. Para ver como são as coisas, ele disse: “Se eleito for, termino o Porto de Luís Correia, de Amarração”. Ele aí saiu a pé e foi para a casa do meu tio, João Orlando, que era Prefeito, em agosto de 1950. Todo de branco, almoçou, deitou-se em uma rede. Foi eleito, morreu... Então, Juscelino era o paradigma. Mas o Reginaldo me convence e eu passei a ler Getúlio. E Getúlio é uma fonte de ensinamento. Ontem nós demos exemplo disso.

É disso que quero dizer: da grandeza deste Parlamento. Olha que era às dez horas da noite, Geraldo Mesquita, esta cena que está no jornal. Acordamos às sete horas da manhã, e o jornal está nos nossos apartamentos, está sendo distribuído. Paim, quando

terminamos a sessão, esse grupo, no dia de ontem – dia de muita atribuição –, liderado por Arthur Virgílio, conseguiu refazer o documento, satisfazendo às exigências do Regimento, para estar sintonizado, para atender aos anseios do povo, e o povo entender que não havia manobras de prorrogação para protelar a CPI dos cartões.

Estamos aqui. Estão aqui na foto do jornal o Líder Arthur Virgílio e o Líder da Câmara Carlos Sampaio, que coletaram as assinaturas. O Arthur Virgílio, em um trabalho excepcional, refez 28 assinaturas. Houve um atraso apenas de horas.

Dos que assinaram, compromissados, eu fui a uma reunião representando aquele nosso grupo do PMDB autêntico, independente e compromissado com o povo, com a verdade... Lá ficou acertado que haveria CPI, e está aqui o resultado: entregamos o requerimento à nossa Secretária-Executiva, que está aqui presente, Dr<sup>a</sup> Cláudia Lyra. Estão aqui na foto Pedro Simon – o Rio Grande do Sul ganhando –, Paulo Paim, eu e Arthur Virgílio entregando o documento. Houve apenas um atraso de horas, e a CPI vai sair como deve ser: com a grandeza e a independência deste Parlamento em busca da verdade.

Agora, quis Deus estar presente o Geraldo Mesquita. A admiração dele é o seguinte: uma pessoa que muito me impressionou foi Franklin Delano Roosevelt, que foi quatro vezes Presidente dos Estados Unidos. Ele disse: “Cada pessoa que vejo é superior a mim em determinado assunto, e naquele particular eu procuro aprender.” Geraldo Mesquita é um jurista. Eu digo que ele é o que mais se aproxima, amante da firmeza do Direito, ao que Rui Barbosa foi nesta Casa. Abraham Lincoln, também advogado, disse: “Caridade para todos, malícia para nenhum e firmeza no Direito.” Eu sou médico-cirurgião. Para onde a gente vai, leva a formação. Então, reconheço isso. Mas eu indago, aqui, a responsabilidade.

Certa vez, estive com Fernando Henrique Cardoso, que, como todos sabemos, é o maior intelectual deste País. Não adianta ter inveja. Ele conhece as coisas. Mas, num debate com ele, eu disse: “Sei que o senhor sabe tudo, é sociólogo, sabe tudo, mas eu sou médico-cirurgião, às vezes dá certo; quem fez isso aqui foi um médico-cirurgião.” Aí, ele tomou um impacto.

Mas eu queria dizer, Geraldo Mesquita, do compromisso, porque estou observando o que está havendo aqui. Vi o Wellington Salgado, rapaz bom, mineiro, cortou até já um pouco do cabelo, e está mais simpático.

Ele estava defendendo um Ministro, dizendo que ele devolveu... Olha, eu não sei, Geraldo Mesquita... O Paim é um líder sindical, é o único que se aproxima

do Lula na história de líder sindical firme, próprio, com personalidade. Mas o Geraldo Mesquita entende mais de Direito. Eu acho que está errado. Devolveu, mas eu acho que não é por aí, não.

Paim, Wellington Salgado, Luiz Inácio: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça”. Quer dizer, comprou a tapioca, entrou no motel e devolveu. Devolveu e trouxe o contracheque: “Não, foi R\$8,50 a tapioca”. Gente boa! Não penso assim, Paim! Posso estar errado, não sou o dono da verdade, eu me curvarei, mas esta Casa tem aqueles que entendem mais da Justiça e do Direito do que eu. A minha é limitada a respeito das leis. Mas ao ler o Sermão da Montanha de Cristo e quando leio a Bíblia, vejo que uma das palavras mais repetitivas é “justiça”. E lá diz o seguinte... Ô Paim, atentai bem! É assim que a CPI tem que funcionar. Não quer dizer que porque descobriram, aí devolve – e esses homens têm muito dinheiro – e pronto, acabou, está aqui, devolveu. Não! Luiz Inácio, ele tem que ser demitido; essa é a menor pena. Aliás, é muito generosa a pena só de demitir, Luiz Inácio. V. Ex<sup>a</sup> é um homem generoso, mas o livro de Deus não diz isso, exige mais, Paim. O livro de Deus diz: “àqueles que muito lhes é dado, muito é cobrado”.

Então, esses pilantras, 12 mil aloprados, aproveitaram-se de uma boa intenção do Presidente passado, para agilizar as coisas públicas. Vamos buscar aqueles que transformaram o cartão corporativo – necessário para casos de emergência, de viagem, para questões necessárias ao Governo, ao coletivo –, aqueles que usaram aquilo, aqueles que o desvirtuaram e o transformaram numa epidemia. Vamos punir quem distribuiu generosamente 12 mil cartões corporativos.

Paim, eu vou levar o assunto para o que sou. Fiz cirurgia, fiz ginecologia. Nunca vi negócio de “meio virgem”. Também entrei na política e não entendo esse negócio de “sou meio honesto”. “Tirei e vou devolver” – é meio honesto, porque devolveu... Não existe isso não! Shakespeare se eternizou porque disse “*to be or not to be*”. É “ser ou não ser”; é ladrão ou não é ladrão; é honesto ou não é honesto. Muito deve ser cobrado daquele a quem muito é dado. Essa é a justiça de Deus, Luiz Inácio. Vossa Excelência deu muito. Escolheu um Ministro em confiança, deu a ele um crédito, um cartão de crédito de confiança. Vossa Excelência deu muito, então tem que cobrar muito.

Paim, há um livro chamado **Segredos de Liderança de Átila, o Huno**, de uma mulher que defendeu uma tese. Aquele Átila não é o que vocês pensam, não é o “flagelo da humanidade”; era gente muito boa. O pai dele morreu, seu tio era rei e o mandou para ser educado em Roma. Ele se educou, quis fugir, aprendeu – Roma era a capital da civilização –, mas voltou

e liderou os hunos. Os hunos eram ciganos, nômades, era um povo disperso. Era difícil liderá-los. Ele fazia reuniões de administração, exigia austeridade no vestir, na sua condução, ao cavalo. Aquele negócio de dizer que ele era o flagelo de Deus era para fazer medo aos outros, para ser respeitado, mas ele era bom para o povo dele.

Ele administrou, ele uniu. Todo mundo sabe que ele teve uma conversa e não invadiu Roma porque não quis. Ele era poderoso, recebeu o Papa e desviou... Todo mundo sabe daquele fato, porque ele tinha estudado em Roma. Ele dialogou. Agora, ele passava aquilo de flagelo da humanidade para ser respeitado, “se queres a paz, prepara-te para a guerra”. Não foi isso que disse McNamara, Senador Geraldo Mesquita?

Então, o Átila era bom, generoso e preparado. Ele dava aula de administração.

Resumindo, Geraldo Mesquita, eu passaria ao Luiz Inácio. Átila dizia que administrar é fácil. Olha que ele administrava nômades, ciganos. Premiava os bons e punia os maus. É isso, Luiz Inácio.

A CPI vai levar à verdade, porque o que está no *site*, o que está na imprensa, o que o povo fala, é muita vergonha. Viu, Geraldo Mesquita? Estão, está na hora de fazer nascer a verdade, e essa CPI é para isso.

Luiz Inácio, Vossa Excelência já deu demonstração de generosidade, mas está na hora de firmeza, de punir os maus. E não justifica, Geraldo Mesquita, esse negócio que o Wellington Salgado falou: “Está aqui a cópia; ele tomou mas devolveu”. Não é assim! E o exemplo?

Padre Antônio Vieira, Luiz Inácio, disse que palavra sem exemplo é um tiro sem bala. O exemplo arrasta. Então, essa gente deu mau exemplo. Além de pecar contra a lei de Deus, de não furtar, deu um mau exemplo.

Senador Geraldo Mesquita, eu estava no Leblon, em uma igreja, de Santa Mônica – porque, quando fiz pós-graduação, eu tinha uma tia e ia lá a missa. Era um padre estrangeiro. Aí o padre leu a mensagem do Evangelho, era um negócio de tentação. Todo mundo foi tentado, os cristãos, as mulheres, a roupa. Ele dizia: “Agora, tem essa tentação aí desse cartão, cartão...” Como o padre era estrangeiro, os fiéis complementaram: “corporativo, corporativo”. Pois é, essa é uma grande tentação. Luiz Inácio, eu estava lá. Graças a Deus, porque, se fosse em um lugar onde sou mais conhecido, todo mundo ia dizer “esses políticos dão mau exemplo”. Era lá no Leblon, e eu lá no cantinho, assim. Já pensou se fosse lá na minha Teresina, na minha Parnaíba, o padre começar a dizer que os políticos dão mau exemplo, que deram mau exemplo?

O Geraldo Mesquita sabe o que tem no Direito, no Código Penal, as punições. Mas no Livro de Deus está escrito que muito deve ser cobrado daquele a quem muito é dado. Dele muito tem que ser exigido. Então, temos que ser severos com isso. Esse negócio não é conversa, não.

Fui prefeito e fui Governador. Eu nomeei aquele Reginaldo Furtado para o departamento anticorrupção, para caçar “fantasmas”, porque era costume, no passado, haver milhares de funcionários em outros países, em outros lugares. No meu Governo, Luiz Inácio, o Presidente desse departamento era esse da OAB, que foi da Defensoria Pública, Procurador, um homem muito honrado, muito honrado. Sabe o que ele fazia? Ele teve que sair, porque era Promotor, sabe como é. Pois ele devolveu o dinheiro. “Sobrou, não gastei”. Isso é raro. Estou dizendo que é raro porque outro assim eu não tive. Ele tinha um outro Promotor, Ezequiel, que era também Procurador, e outro... Era um departamento anticorrupção, de “caça-fantasmas”.

Está na hora, Luiz Inácio, de Vossa Excelência nomear um para acompanhar essa CPI. Votei nesse Luiz Inácio em 94. Ele é generoso. Outro dia, Paim, fiz um pedido a ele, um pedido bom. Quando o PMDB estava se aproximando... Está aí o Mercadante, um homem honrado... O PT tem gente boa, embora a maioria não o seja. Mas o Mercadante me pediu uma opinião e eu disse: “Rapaz, convide só um para ser Ministro, o Pedro Simon, que ele nos representa.” Foi um argumento forte. O Mercadante se curvou. Só o Pedro Simon representa o PMDB. Isso, no começo, quando eu tinha votado nele, no Lula. Mas eu acho que as políticas do Rio Grande do Sul – você sabe como é – devem ter vetado, porque ele nunca foi convidado. Eu imagino, né?

Mas há poucos dias eu disse: “Está na hora de você melhorar o seu Ministério. Essa vergonha que houve aí...”

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Paim. Bloco/PT – RS) – Senador Mão Santa, só para ajudar, quero dizer que tenho quase que certeza que o PMDB do Rio Grande do Sul não vetaria o nome de Simon se ele fosse indicado, por conhecer...

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Não sei por que ele não foi. Existe a política regional...

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Paim. Bloco/PT – RS) – Por outro lado, na tradição gaúcha, um partido não interfere na vida do outro quanto às indicações.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Mas lamentamos. Outro dia, quando houve o escândalo da Ministra da Igualdade Racial, que pelo menos saiu... Não sei se ela saiu ou se o Luiz Inácio...

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Paim. Bloco/PT – RS) – No momento em que houve o equívoco, que ela reconheceu, do uso indevido do cartão, ela pediu demissão na mesma hora.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Mostrou grandeza. Eu fiz um pedido. Não sei, não conheço esse Ministro, mas eu gostaria que ele tivesse nomeado V. Ex<sup>a</sup>. Eu fiz...

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Paim. Bloco/PT – RS) – Senador Mão Santa, só para ajudar. Eu e o Senador Mesquita conversamos sobre esse tema. Quero dizer a V. Ex<sup>a</sup> que, em nenhum momento, eu me apresentei como candidato, até porque a minha atuação aqui no Parlamento – se me permitir, já que estamos em uma manhã em que o Senado tem um pouco mais de tranqüilidade para dialogarmos sobre esses temas – é ampla, pois cuido do combate – e o faço com muito orgulho – a todo tipo de preconceito. V. Ex<sup>a</sup> sabe do meu compromisso com os aposentados, com os idosos, com os índios, com os negros, com os brancos, com o imigrantes, enfim, com todos os setores da sociedade. Sinto-me muito mais à vontade no Parlamento, onde tenho essa visão mais universal do povo brasileiro, podendo defender todos, sem negar, naturalmente, meu compromisso de combate à discriminação contra todos os povos e contra a comunidade negra, naturalmente. Por isso, em nenhum momento apresentei o meu nome.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Apresentei, querendo cooperar com Luiz Inácio.

**O Sr. Geraldo Mesquita Júnior** (PMDB – AC) – V. Ex<sup>a</sup> me concede um aparte?

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Darei já.

Apresentei querendo cooperar com Luiz Inácio. Afinal de contas, ele quer conquistar o PMDB. Nós somos minoritários: Geraldo Mesquita, Pedro Simon, Jarbas. Então, quero dizer que o nosso PMDB, minoritário, não se compromete. As indicações foram essas e engrandecem a política.

Concedo o aparte ao Senador Geraldo Mesquita, que, por coincidência, lidera esse grupo.

**O Sr. Geraldo Mesquita Júnior** (PMDB – AC) – Não lidero absolutamente nada, Senador Mão Santa. Já que V. Ex<sup>a</sup> fez referência ao assunto da indicação que V. Ex<sup>a</sup> fez do nome do Senador Paulo Paim para assumir a Secretaria de Igualdade Racial, parece-me que o Presidente da República tomou uma decisão, que é da alçada de Sua Excelência, logicamente. V. Ex<sup>a</sup> fez não uma indicação, mas uma sugestão ao Presidente da República e o fez publicamente, aqui do plenário, pela consideração, pelo respeito que tem pelo Senador Paulo Paim e por saber que a Secretaria estaria em mãos valiosas. O Senador Paim, aqui no Senado ou em qualquer

função pública, com a autoridade e com a honestidade de homem público que tem, daria e dá respeitabilidade a qualquer cargo que exerça. V. Ex<sup>a</sup> o fez publicamente, e eu agora posso revelar que o fiz reservadamente e depois avisei ao Senador Paim, dizendo: olha, Paim, liguei para o Ministro da Articulação Política do Presidente Lula e tomei a liberdade de dar meu testemunho acerca da atuação de V. Ex<sup>a</sup> aqui. Não precisava, mas disse: olha, Ministro Múcio, estou ligando para dar meu testemunho acerca da consideração, da lealdade e do respeito que o Senador Paim sempre teve, ao longo destes anos, com o próprio Presidente da República. Ele é uma autoridade nesse assunto. Acho que, se ele não fosse convidado para assumir a Seppir, emprestaria uma respeitabilidade enorme à Secretaria. Deveria, pelo menos, ser ouvido quando da escolha do próximo Ministro. Tomei essa liberdade, como digo, pelo que eu conheço do Senador Paim, pelo convívio que tenho com ele nesta Casa, como V. Ex<sup>a</sup> também tem. O Presidente da República já tomou uma decisão: escolheu um eminente membro do PT, um Deputado do Rio, parece-me, e a coisa já está pacificada e resolvida. Mas, já que V. Ex<sup>a</sup> tocou no assunto, queria apenas trazer esse esclarecimento, para que a população brasileira compreenda a consideração que todos aqui temos pelo Senador Paulo Paim. Costumo dizer: olha, o Senador Paulo Paim é daqueles parlamentares que não estão aqui para defender coisas e, sim, causas. Esta é uma causa, a causa da igualdade racial; a luta que ele trava aqui em favor dos aposentados, a luta que ele trava, há anos, aqui, pela melhoria da remuneração da maioria dos trabalhadores brasileiros; enfim, pelos deficientes, por aqueles que, muitas das vezes, não têm quem fale por eles. O Senador Paulo Paim está aqui, este tempo todo, de forma leal, de forma sincera, tratando dessas questões com uma propriedade que poucas vezes a gente vê. Portanto, somo-me a V. Ex<sup>a</sup> como um daqueles – e acredito que muitos outros devam ter feito a mesma coisa – que sugerem o nome do Senador Paulo Paim para exercer esse e outros cargos que apareçam por aí. Repito: em qualquer cargo público que ele esteja ocupando, emprestará a respeitabilidade que empresta exercendo a grande responsabilidade de ser Senador por Rio Grande do Sul nesta Casa.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Faço as palavras do Senador Geraldo Mesquita Junior minhas palavras. Todos nós recebemos muitos *e-mails*, mas há tem um, Paim, que se refere àquela causa.

Ô Luiz Inácio, atentai bem, vou dizer uma verdade: esse Bolsa-Família distribuiu renda. Ninguém vai dizer que não. Queremos aprimorá-lo. Mas a grande conquista de Sua Excelência é devida a Paulo Paim. Eu ajudei, Geraldo Mesquita ajudou, porque nós lu-

tamos para melhorar o salário mínimo. Reconheço que o Paulo Paim pegou essa bandeira primeiro, mas estivemos juntos. Era US\$70,00. O Geraldo Mesquita se lembra.

Este foi o maior êxito de Governo de Luiz Inácio: a distribuição de riqueza por meio da valorização do salário mínimo, pois nós lutamos muito – Geraldo Mesquita e eu lutamos –, mas reconhecemos que V. Ex<sup>a</sup> estava com a bandeira e nós éramos cireneus desse caminho.

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Paim. Bloco/PT – RS) – Permita-me, por questão de justiça?

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Pois não.

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Paim. Bloco/PT – RS) – Tanto V. Ex<sup>a</sup> como o Senador Geraldo Mesquita foram Relatores de projetos meus do salário mínimo que apontavam uma política permanente de recuperação das perdas vinculada à inflação e ao PIB.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Quando V. Ex<sup>a</sup> me manda relatar, quero dizer que ontem mesmo fui abraçado por funcionários dos Correios. É aquilo que está na Bíblia: plantou, colhe. V. Ex<sup>a</sup> tem plantado essa justiça.

Mas com os aposentados, Paim, estamos fracassando. Aí, quero fazer outro apelo ao Luiz Inácio. Nós somos minoritários, mas uma minoria muito boa. Orgulhamo-nos do PMDB, Geraldo Mesquita.

O Garibaldi, que era do nosso bloco, que começou com o nosso bloco – o homem é o homem e as suas circunstâncias; estamos com ele – tem o compromisso de permitir que analisemos os vetos, o que é uma respeitabilidade da democracia.

Então, Paim, vamos convencer o Luiz Inácio a desfazer aquilo que os aloprados o convenceram: o veto ao aumento salarial dos aposentados. De 16,7%, ele baixou para quase 5%. Ele, só.

Eu tenho uma carta aqui, de Wilson Amaral, Rua Matão, São Caetano, que vou ler na segunda-feira, porque ele conta o drama do aposentado. Só uma frase eu lerei: “que Deus tenha piedade de nós”.

Nós vamos continuar juntos. V. Ex<sup>a</sup> foi vitorioso no salário mínimo. Era US\$70,00 – só isso dá a nossa grandeza e a do Senado –, hoje é US\$200,00.

Foi isso, Luiz Inácio. Eu ouço a voz rouca das ruas. Foi isso que deu a estabilidade, não foram os poderosos ou os banqueiros, não. Foi essa. E Paim o levou para o caminho certo, para a vereda da verdade e da Justiça. Mas vamos continuar isso.

Recebi um *e-mail* que pedi para ler aqui rapidamente, porque se refere ao combate à corrupção, ao gesto de ontem. V. Ex<sup>a</sup> está aqui. Lamento o Geraldo Mesquita, mas ele ficou até tarde, assinou a CPI; estávamos nós,

às dez horas da noite. Este é um Senado que trabalha, garantindo, ouvindo a voz rouca das ruas.

O negócio está tão vergonhoso que eu recebi um desses *e-mails* de que eu gosto, de um poeta. Eu tenho inveja e respeito.

Ao nobre Senador Francisco de Assis M. Souza.

Cartões corporativos

Todo mundo tem cartão  
Para gastar à vontade  
E o pobre do ancião  
Já do pão sente saudade!

Nos cartões corporativos  
Ministra gasta sem freio  
Da igualdade, sem motivos  
Usou-o pra todos os meios.

Vejam só a confusão  
Que o cartão lhe causou  
No *free shopping* sem razão  
O particular... pagou.

Estressada com o peso  
Sua bolsa balançou  
– Nas compras sair ileso  
O salário que ganhou.

Mas nessa tal de confusa  
Muito dinheiro gastou  
Pouco brasileiro usa  
Ganhar o tanto que esbanjou.

Foi cerca de quinze mil  
O desperdício mensal  
– Não tira cinco, em dez mil  
Que ganhe salário igual.

Inda em Brasília um Reitor  
Meio milhão dilapidou  
No apartamento. E o pior...  
Descoberto... o entregou!

A farra é generalizada  
Para gastar quanto quer  
Se não houver uma parada  
– O que nós vamos fazer?

Aos Senadores honrados [Olhem aí o tratamento agora!]

Meu preito de gratidão  
Acabem com os safados  
Antes que acabe a Nação.

Descalabros às centenas  
Primeiro e segundo escalão  
Roubo não. Desvio apenas  
– Esse pessoal não rouba, não.

Até no terceiro escalão  
Num só dia, gasta mais  
Que ganham Pedro e João  
Trabalhando o mês inteiro  
Diferenças... tão desiguais!

Gastos desproporcionais  
Pra quem já tem bom cachê  
Nosso povo é bom demais  
Resolve na rádio e tevê.

Falta moral e civismo  
Vergonha e educação  
Falta até cavalheirismo  
Que honre nossa Nação.

Por favor, chega de nós...  
Conchavos ou acordões  
O povo legou a vós  
Pôr um freio nos ladrões!

São Paulo, 14-2-2008.”

O poeta é Armando A. C. Garcia. Essa é a palavra, e vamos, sem dúvida nenhuma, enterrar os corruptos que usaram os cartões corporativos, para a prosperidade e felicidade do povo do Brasil.

Era o que eu tinha a dizer.

**O SR. PRESIDENTE** (Paulo Paim. Bloco/PT – RS)

– Passo a Presidência neste momento, pelo acordo feito aqui, ao Senador Mão Santa e, em seguida a meu discurso, falará o Senador Mesquita Júnior.

*O Sr. Paulo Paim deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Mão Santa.*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Convidamos para usar da palavra o Senador do Rio Grande do Sul, Paulo Paim, do PT. V. Ex<sup>a</sup> poderá usar da tribuna pelo tempo que for conveniente. Em seguida, usará da palavra o Senador do Acre, do PMDB, Geraldo Mesquita Júnior.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Senador Mão Santa, eu ia falar sobre educação hoje, elogiando, Senador Mesquita Júnior, essa olimpíada que aconteceu, a terceira olimpíada, que, na verdade, não é olimpíada do basquete ou do atletismo; é uma olimpíada da matemática. E sobre ela ainda pretendo aprofundar o debate no segundo momento.

Devido à provocação feita pelo Senador Mão Santa, resolvi falar um pouco sobre a indicação de Parlamentares para o cargo de ministro. E quero ser muito franco a respeito da minha posição quanto a esse tema.

Na verdade, Senador Mesquita, não posso negar aqui, de público: nunca apresentei o meu nome para nenhum cargo, nem de prefeito, nem de um cargo nas



prefeituras, nem para os Estados, nem para o Governo Federal ao longo dessa minha vida pública de mais de duas décadas. Até porque – pode ser equívoco de minha parte, mas tenho esse entendimento, e não teria nenhum problema em mudar de posição no futuro se me convencessem do contrário – eu entendo que, quando nós nos submetemos ao crivo da opinião pública para sermos, no caso, Senadores, se aceitarmos um cargo de ministro, devemos fazer essa outra opção e renunciar ao cargo de Senador. Nessa reforma política que faremos, com certeza, hoje ou amanhã, nós teremos que fazer esse debate.

No caso do Rio Grande do Sul, foram cerca de 2,2 milhões de votos. Apresentei toda uma plataforma que ia defender aqui no Congresso Nacional, especificamente no Senado, por exemplo, de combate a todo o tipo de discriminação: a discriminação religiosa, contra o branco, contra o negro, contra o índio, contra o idoso, contra as crianças, contra as mulheres, contra os deficientes. Tenho uma plataforma calcada nesse ponto de vista, assim como na busca de políticas de emprego. No campo da educação, o meu compromisso – e bato nisso tanto quanto na questão do salário mínimo – é com o ensino técnico. E V. Ex<sup>a</sup> conhece o meu projeto do Fundep, que geraria R\$6 bilhões para investimento na educação, no ensino técnico. Criamos aqui, com o apoio de ambos os Senadores, a Frente Parlamentar em Defesa do Ensino Técnico.

Enfim, são muitos os temas que me moveram a vir para o Senado da República, e entendo que não seria correto, de um momento para o outro, em desprestígio, eu diria, aos eleitores, eu sair para cuidar de uma ou de outra pasta, abandonando essa jornada que me trouxe da Câmara para o Senado, com mais de 1.250 projetos apresentados. Aprovados foram dezenas, mas pelo menos compromisso eu tenho com esses projetos apresentados.

Por isso, confesso que não me sinto desprestigiado, em momento algum, quando diversos Senadores – pelo contrário, sinto-me prestigiado – indicaram-me para Ministro do Trabalho, para Ministro da Previdência e, no caso também, para assumir a Secretaria Especial do Combate ao Racismo e ao Preconceito. Não me sinto desprestigiado, porque nunca apresentei o meu nome ao Presidente da República. Todos sabem – e o Senador Geraldo Mesquita Júnior aqui mencionou – que tenho enorme respeito pela figura do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Mas aproveito o momento para também avançar um pouco mais e dizer que há um debate aqui na Casa, nesse viés político de compromisso dos Parlamentares com a sociedade brasileira, a respeito dos suplentes. E vou ser um pouco ousado. Confesso que, de fato,

tem que mudar essa questão. Tenho o maior respeito e carinho por todos os suplentes que estão aqui e pela sua competência, mas a questão não é essa. A questão é a democracia direta, a do voto. Confesso que tenho uma tentação muito grande de apresentar um projeto dizendo que a disputa é esta mesma: Senador contra Senador, uma ou duas vagas, e que o suplente tem que ser o segundo mais votado. É um cargo majoritário. As pessoas votam efetivamente naquele cidadão, no Senador de tal partido ou no Senador de outro partido.

Vou citar o exemplo do Rio Grande do Sul: digamos que obtive aproximadamente 2,2 milhões de votos e que um Senador de outro partido tenha obtido 1,15 milhão de votos. Quem assume na minha falta? Será um suplente que ninguém conhece, que ninguém viu, não sabe e não votou nele. Então, não se respeitou efetivamente a vontade da maioria nesse caso específico do suplente para o Senado.

Como disse aqui o Senador Mão Santa – V. Ex<sup>a</sup> usou aqui um termo que quero também usar, se me permitir –, não sou dono da verdade, mas teríamos que debater essa questão.

**O Sr. Cristovam Buarque** (PDT – DF) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Senador Cristovam, é uma alegria um aparte de V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Cristovam Buarque** (PDT – DF) – Senador Paim, fico feliz quando consigo discordar de algum daqueles Senadores por quem tenho grande respeito, como é o seu caso. Primeiro, sou favorável à revisão do instituto da suplência. Tenho o maior orgulho do meu suplente: uma pessoa escolhida pelo seu mérito pessoal, nada de parente, nada de financiador de campanha, e está apto a me substituir em qualquer momento, como, aliás, já fez durante o ano em que fui Ministro. Mas eu acho que a gente tem que mudar esse instituto. Eu só discordo da idéia de que o segundo colocado assumira, porque, quando a gente vai para uma eleição, a população opta por um lado. Aí, nesse lado, pessoas físicas morrem, e assume aquele que o povo não elegeu. Ceio que a gente tem que encontrar uma outra saída. Não vejo nenhum problema de, se um senador sair, aquele Estado ficar alguns meses sem senador, até se fazer outra eleição. Até porque, neste País, a cada dois anos, tem eleição. E, se ele sair para ser ministro, que não seja substituído; que ele saiba que, ao assumir o ministério, estará sacrificando a representatividade do seu Estado; que ele faça a opção pelo melhor. Então, estou de acordo com o senhor quanto à idéia de mudar, de acabar com a suplência por pessoas que não receberam voto diretamente, elas próprias; mas discordo de que seja o segundo colo-

cado, porque a opção é por bandeiras, propostas. E quem ficou em segundo foi preterido. Assim, a gente poderia terminar caminhando para vice-governador ser o segundo também. E, se a gente não tomar cuidado, vai ter muito segundo colocado rezando para que o primeiro eleito morra. Vai ter coisas piores até nessa política que o Brasil está fazendo hoje. Então, vamos trabalhar para resolver esse problema da suplência, mas faço um apelo para se pense um pouco mais sobre a idéia de que seja o segundo colocado.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Senador Cristovam Buarque, é sempre uma alegria o aparte de V.Ex<sup>a</sup>. Percebo que há uma concordância entre nós no eixo fundamental. Claro que todos nos orgulhamos dos nossos suplentes. Ninguém tem dúvida disso, não é mesmo, Senador Geraldo Mesquita Júnior? O meu, por exemplo – e digo aqui de público –, é Roberto Macagnan, do PCdoB, professor da Universidade lá em Ijuí, um quadro da mais alta qualidade. O segundo é José Pinto, que é concursado do mais alto escalão aqui do Senado da República, pelo seu preparo técnico e teórico. Eu poderia falar aqui do Eurípedes, que foi seu suplente; todos nós conhecemos sua capacidade e sua competência e a forma como atuou aqui com o maior brilhantismo. Como eu poderia lembrar aqui rapidamente do companheiro Sibá, que, com certeza absoluta, demonstrou capacidade e competência aqui como o Eurípedes.

Agora, só acho que tem que mudar. Ninguém pode negar, por exemplo, que existe muito suplente que simplesmente financia a campanha do titular. Nós sabemos que isso existe. É um desconhecido, financia a campanha do titular por ter mais peso e, conseqüentemente, acaba assumindo num segundo momento. Nós sabemos que isso existe na política brasileira, e por isso esse debate da suplência.

Confesso-lhe que, nesta idéia que eu estou aqui colocando, que é uma reflexão muito verdadeira de minha parte daquilo que eu chamo de democracia direta – claro que não vou misturar com a questão do governador e do vice-governador; estou discutindo especificamente a questão do Senado –, só há duas formas para mim: ou assume o segundo mais votado, na minha avaliação, ou, como V. Ex<sup>a</sup> disse, Senador Cristovam, vamos para outra eleição. Daí se vai garantir, inclusive, que o segundo mais votado, no caso, tenha direito de se eleger e vir para cá. Eu acho que ele vai entrar com grandes condições, inclusive, de chegar aqui direto num outro momento. Preocupa-me muito nós termos um excesso de processos eleitorais quase todos os anos, o que faz com que a Casa pare. Todos nós sabemos que o acúmulo de disputa eleitoral faz com que a Casa pare. Já se fala que este ano, no

segundo semestre, não votaremos nada - fala-se, mas espero que não - devido às eleições municipais. Mas é um debate bom, que, com certeza, faremos aqui com muita calma, como este momento exige.

Mas, que temos que mudar essa questão da suplência, temos que efetivamente mudar. Para mim é tão importante isso como eu acho que esta Casa - que fugiu da pauta - vai ter que, de uma vez por todas, voltar a discutir o fim do voto secreto aqui no Congresso Nacional, conforme temos na Emenda nº 50.

Enfim, são tantos temas para discutirmos que eu espero que efetivamente não seja o calendário eleitoral que prejudique a tão falada reforma tributária, a reforma política, que, infelizmente poderá não acontecer, novamente.

Mas, Senador Cristovam, eu disse que ia falar um pouco hoje, e foi pela provocação feita aqui – provocação elogiosa, para mim – pelo Senador Mesquita Júnior, pelo Sr. Senador Mão Santa, sobre a indicação minha para algum ministério. É que eu dizia que não pretendo. Pretendo cumprir o meu mandato na íntegra, aqui, e vou me submeter novamente às urnas, naturalmente, daqui a dois anos e meio, podemos dizer, em 2010, de acordo com a vontade do povo gaúcho.

Mas eu falava um pouquinho sobre educação, e queria aqui fazer um elogio.

Sr. Presidente, Srs. Senadores e Sr<sup>as</sup> Senadoras, é com satisfação que, da tribuna da Casa, no dia de hoje, Senador Mão Santa, eu quero destacar o que foi a Terceira Olimpíada Brasileira de Matemática nas escolas públicas, de 2007.

Aproveito a oportunidade para cumprimentar a iniciativa do Ministério da Educação e do Ministério da Ciência e Tecnologia, que, em parceria com o Instituto de Matemática Pura e Aplicada – IMPA e com a Sociedade Brasileira de Matemática – SBM, realizaram a Olimpíada de Matemática.

Eu que falo tanto em esporte, porque acho que, além de ser lazer, influencia muito na formação do nosso povo, falo hoje da Olimpíada de Matemática.

A Olimpíada de Matemática pode ser definida como uma competição equivalente, como dizia, às esportivas, tal qual a natação ou mesmo o futebol. Como qualquer disputa, a Olimpíada de Matemática também exige preparação, concentração, dedicação por parte dos atletas, ou seja, dos alunos.

O treinamento dos “atletas” de matemática consiste na resolução de problemas de matemática individualmente ou mesmo de forma coletiva, em grupo, em uma política de integração e de solidariedade para atingir o objetivo. Eles treinam e se concentram com o

objetivo de desenvolver a habilidade lógica, a criatividade, a sociabilidade, bem como métodos adequados de pensamento e de trabalho.

Para fortalecer mais ainda o mérito desses alunos é importante lembrar que a primeira Olimpíada de Matemática aconteceu na Hungria, em 1894, e, desde 1959, realiza-se anualmente a Olimpíada Internacional de Matemática, da qual participam alunos do ensino médio de cerca de cem países.

O Brasil tem tido participação expressiva nas olimpíadas internacionais, Senador Mesquita Júnior, no momento em que se fala em tanta desgraça aqui no Senado – e, se me permitem fazer um parêntese, ainda ontem, aqui, tive a alegria de um aparte do Senador Pedro Simon, que aqui se encontra neste momento, e do Senador Heráclito Fortes; fala-se em muitas desgraças, e é comum Senadores irem à tribuna e dizer: “Ah, porque este partido é o partido da corrupção”. E citam o nome dos partidos.

Quero dizer que discordo dessa forma de agir. Fraternalmente coloco isso. Eu não consigo vir à tribuna e dizer o PMDB, o DEM, o PSDB são partidos da corrupção. Existem partidos - e falo aqui do PT - que têm histórias bonitas como foi o nosso MDB, Senador Mão Santa e Senador Simon, como há histórias bonitas na formação do PT, do PDT, na formação do PSDB, que foi uma discordância interna do MDB, mas nem por isso... Confesso que fico sentadinho ali atrás, mas me dá certa indignação quando vejo alguém vir à tribuna e dizer que este é o partido da corrupção, como se alguém fosse dono da história, da moral, da ética dos partidos. Agora, dentro deste ou daquele partido há problemas sérios que envolvem parlamentares, e por isso surgiram tantas CPIs. Isso é verdade. Mas nem por isso podemos negar a história da democracia neste País e a história de cada partido. Homens e mulheres lutaram, tombaram para a formação desses partidos. E são histórias bonitas, cada um em sua matriz.

Vejo, por exemplo, hoje, nos Estados Unidos, o debate entre Obama e Hillary Clinton, que está refletindo no âmbito internacional, e percebo que o Obama avança e que é um debate de alto nível – na minha avaliação, de alto nível. E acredito mesmo que, com o candidato republicano, que avança neste momento também e parece já estar consagrado por parte dos republicanos, haverá um grande debate sobre grandes temas. Já falei isso em outro momento da tribuna do Senado. Claro que o Obama é uma surpresa agradável para todos nós. Não nego que acompanho, vejo, assisto e estou um pouco encantado com o Obama. Não nego que não esteja. Espero efetivamente que ele continue com essa linha de raciocínio apresentada até o momento.

Peguei esse gancho – eu falava da olimpíada internacional –, para dizer que, ainda no campo internacional, nos últimos 20 anos, Senador Cristovam, o Brasil, nessa Olimpíada, tem ficado à frente da Alemanha, do Canadá, da França e da Inglaterra. Vejam bem que não estou falando no Governo Lula e, sim, dos últimos 20 anos. Em matéria de Olimpíadas de Matemática, o Brasil tem ficado à frente da Alemanha, do Canadá, da França e da Inglaterra, entre outros. Esses resultados demonstram a capacidade do aluno brasileiro. Sabemos que há indicadores no campo da educação que dariam um outro debate muito mais profundo. Estou falando especificamente das Olimpíadas de Matemática, que aconteceram e estão acontecendo.

Lembro aqui que, desde 2005, a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas atingiu, no ano passado, 98% dos Municípios do País, com a participação, na primeira fase, de mais de 17 milhões de estudantes e cerca de 38 mil escolas municipais, estaduais e federais.

Quero, Senador Mão Santa, falar um pouco sobre como foi esse debate lá no meu Rio Grande. No Estado do Rio Grande do Sul, o número de escolas inscritas alcançou 2.976 estabelecimentos, e o número de alunos inscritos e que participaram desse certame foi de praticamente 800 alunos classificados nas escolas do Rio Grande do Sul.

A iniciativa tem um efeito provocativo que estimula os estudantes, professores e toda a escola. Outro resultado da participação nas Olimpíadas de Matemática é a possibilidade de o aluno criar novos vínculos com a escola e também de mudança de atitude tanto nas relações pessoais como também em relação à Matemática.

Cabe ressaltar também o crescimento da autoconfiança e da auto-estima dos alunos, à medida que desenvolve sua capacidade de resolução de problemas.

Resolvi, no dia de hoje, Senador Mesquita Júnior, Senador Cristovam, Senador Mão Santa e Senador Simon, como forma de incentivar os estudantes gaúchos... Fiz aqui uma leitura equivocada: cerca de 1 milhão de estudantes gaúchos, Senador Mesquita – não de 800 –, participaram desse debate.

Tomo a liberdade de registrar o nome dos alunos que participaram da 3ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas de 2007 e que ficaram em lugar de destaque e participaram em nível internacional.

Os alunos premiados do Rio Grande do Sul foram:

– Jamile Katiele Fritzen, da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Caetano, do Município de Arroio do Meio;

– Nathalia Choairy Myrrha, do Colégio Militar de Santa Maria, do Município de Santa Maria;

– Jeferson Ferreira Guimarães, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Borges de Medeiros, do Município de Campo Bom;

– Daniel dos Santos Bossle, do Colégio Militar de Porto Alegre, da Cidade de Porto Alegre;

– Dieilon Martins da Silva, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Edison Quintana, do Município de Ibirubá, no interior do Rio Grande;

– Bárbara Limberger Nedel, da Escola Estadual de Educação Básica Sepeti Araju, do Município de Frederico Westphalen;

– Tobias Spellmeier Lucian, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santo Antonio, do Município de Imigrante;

– Guilherme Roballo, do Colégio Militar de Porto Alegre, da cidade de Porto Alegre;

– Jeferson Mendes Iepsen, da Escola Estadual de Ensino Médio Cruzeiro do Sul, do Município de São Lourenço do Sul;

– Otavio de Macedo Menezes, do Colégio Militar de Porto Alegre, da Cidade de Porto Alegre;

– Arthur Holstein de Camargo, do Centro de Ensino Médio Tiradentes, da Cidade de Porto Alegre;

– Iuri Freytag, da Fundação Escola Técnica Liberato Salzano da Cunha, do Município de Novo Hamburgo.

Sr. Presidente, fiz a leitura do nome desses meninos e meninas pelo destaque que tiveram nessa competição internacional e porque foram premiados. É uma forma de incentivá-los. Sei que, lá no interior, é importante que eles saibam que o Senador Paulo Paim, do Rio Grande do Sul, veio à tribuna e, de público, cumprimentou todos por sua luta, por sua disciplina e pela forma como fizeram um bom debate nessa olimpíada e foram classificados nacionalmente, com repercussão internacional.

Por que digo isso? Senador Cristovam, eu era sindicalista. Em plena ditadura, fui convidado para conhecer alguns países da Europa. Levava um dossiê sobre o que estava acontecendo no Brasil. De posse desse dossiê – eu estava no aeroporto de São Paulo e ia para a França –, fui preso pelo aparelho da repressão. A repressão levou-me para uma sala e fez uma revista de ponta-a-ponta. Ficaram com o meu dossiê. Tinha lá um repórter, que deu a notícia. Acontecia naquele momento uma sessão aqui no Congresso Na-

cional. Um Deputado foi para a tribuna e disse: “Neste momento, em São Paulo, o sindicalista e Presidente da Central Estadual de Trabalhadores do Rio Grande do Sul – porque só tinha uma central – foi preso em São Paulo”. E, não sei como, eu vi que na sala repercutiu o que o Deputado anunciou aqui. Não sei se me senti valorizado ou prestigiado, mas fui liberado; não fiquei mais do que duas horas. Claro que não sofri nenhum tipo de agressão, porque eu estaria mentindo e faltando com a verdade se levasse para essa linha. No máximo de duas horas, fui liberado, peguei o avião e fui para a França. Para mim, foi importante. Por isso quero que esses estudantes de Matemática do Rio Grande do Sul saibam que, quando eu venho à tribuna do Senado da República do País e faço esta pequena homenagem, esta saudação, com alegria, à luta deles para terem esse destaque na área de Matemática, nacional e internacionalmente, eu o faço com muita convicção.

Fica aqui para eles um abraço carinhoso e respeitoso, e consciente de que os estudantes de hoje – e os senhores e as senhoras, meus amigos estudantes que estão nas galerias neste momento –, no futuro, podem fazer acontecer. Estarão, quem sabe, na tribuna deste Senado, na Câmara dos Deputados, serão Vereadores, Deputados Estaduais, Prefeitos, Governadores, quem sabe Presidente da República. Enfim, com certeza, os estudantes de hoje estarão dirigindo o nosso País amanhã.

Era isso, e obrigado, Senador Mão Santa, pela tolerância de V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Este é o nosso Senado: sintonizado, representando o povo brasileiro.

O Senador Paulo Paim acaba de prestar uma homenagem à mocidade estudiosa de sua terra.

Com muita satisfação e honra, anunciamos que estão, na galeria deste Senado, jovens trazidos pelo Ministério do Desenvolvimento Social, participantes do Projeto Agente Jovem, do nosso Distrito Federal.

Quero dar uma contribuição ao Senador Paim, que estuda uma nova sistemática para a escolha de Suplente. Visitando o parlamento do Chile, presidido pelo ex-Presidente Eduardo Frei – coincidentemente, Senador Cristovam, o pai dele foi presidente da república –, indaguei-lhe como se fazia a escolha do suplente. Obtive como resposta que lá não há suplente. Quando o titular morre – o Senado representa o Estado e cada Estado tem três Senadores, daí a representação do Piauí ser igual à de São Paulo e à dos outros Estados –, a assembléia legislativa elege o substituto, já que uma eleição sempre é onerosa.

Essa é a minha contribuição.

Pessoalmente, não tenho nada a reclamar. A minha Suplente é a minha esposa, Adalgisa. Ela é bem mais inteligente do que eu, bem mais querida e tem mais votos. Então, cada caso é um caso.

O professor disse que ia acabar com os parentes. Ortega Y Gasset, um intelectual como V. Ex<sup>a</sup>, Senador Cristovam, disse que “o homem é o homem e suas circunstâncias”. Coloquei a Adalgisa por uma circunstância. Ocorre que meu irmão, um forte líder empresarial, ex-Deputado Federal, juntamente com um sobrinho meu, também ex-Deputado Estadual, queriam lançar a candidatura de Adalgiza. Mas, como isso traria um choque familiar – aprendi, no livro de Deus, que a casa dividida será facilmente derrubada –, eu a coloquei como minha Suplente.

Convidamos para usar da palavra o Senador do PMDB, do Estado do Acre, Senador Geraldo Mesquita Junior.

V. Ex<sup>a</sup> poderá usar a tribuna pelo tempo que achar conveniente. V. Ex<sup>a</sup> traz a esta Casa aquela simbologia política de Abrahão Lincoln: “Firmeza no direito, caridade para todos e malícia para nenhum”.

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC. Pronuncia o seguinte discurso. Com revisão do orador.) – Prezado amigo, Senador Mão Santa, que preside esta já tradicional sessão de sexta-feira, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores aqui presentes, não poderíamos deixar de saudar os jovens, que aqui nos prestigiam com suas presenças; cumprimentar e enviar um bom-dia, ainda é bom-dia lá, à minha terra, aos acreanos e acreanas, ao povo brasileiro, enfim.

Senador Mão Santa, tenho falado sobre um tema aqui, que muito me preocupa e deve me ocupar, necessariamente, por muito tempo nesta Casa, que é a nossa Amazônia. Mas, hoje, peço permissão para interromper o ciclo de falas sobre o tema, porque, de igual forma, havia me comprometido, ainda no final do ano passado, a trazer aqui, de vez em quando, os reclamos daqueles que não têm uma tribuna, como temos, daqueles que nos assistem pela *TV Senado* e, por meio de *e-mails*, telefonemas, cartas, enviam-nos e relatam-nos verdadeiros dramas vividos pela grande maioria do povo brasileiro. Ora são os aposentados, ora são pessoas que passaram por situações difíceis na busca de uma medicação especial que não encontraram. Enfim, hoje ocupo a tribuna para trazer aqui, como havia me comprometido, o *e-mail* de Luciano de Moura, que trata exatamente dessa questão angustiante dos aposentados, da sua remuneração, que mingua ao longo dos tempos.

Mas, antes de ler o *e-mail*, quero também anunciar à Casa, rapidamente, Senador Mão Santa, a iniciativa brilhante da Senadora Patrícia Saboya, e dos Sena-

dores Tasso Jereissati e Inácio Arruda, três valorosos Senadores, representantes do Estado do Ceará, que solicitam, em requerimento já encaminhado à Mesa desta Casa, a realização de uma sessão especial, no dia 06 de março próximo, em comemoração aos 80 anos de fundação do jornal *O Povo*, do Ceará.

Por que trago esse assunto, Senador Mão Santa?

Senador Mão Santa, nós, acreanos, somos ou filhos, ou netos, ou bisnetos, alguns inclusive nascidos no Ceará, ou seja, temos uma ligação muito forte com o Estado do Ceará. A minha família, particularmente minha querida mãe, Dona Ivinha, é nascida em Reriutaba, no Estado do Ceará, assim como meus avós; o meu pai é acreano, nascido em Feijó. Portanto, grande parte da minha família tem origem no valoroso Estado do Ceará. Por isso, senti-me honrado em também subscrever esse requerimento, junto com o Senador Nery, que também tem origem no Ceará, além de outros Senadores que o assinaram também.

Sr. Presidente, são 80 anos de um jornal, de um noticioso com tamanha longevidade. Poucos jornais no País têm essa longevidade. Poucos podem mostrar ao povo brasileiro que realizam um trabalho ao longo de 80 anos. Poucos jornais, pouquíssimos, aliás, têm essa longevidade.

Reputo como muito importante a iniciativa da Senadora Patrícia, por ser um fato impressionante, por ser um jornal de grande circulação no Estado do Ceará, a partir da sua capital, a bela fortaleza.

Inclusive, trago aqui, Senador Mão Santa – quero fazer como V. Ex<sup>a</sup> quando traz algum impresso –, exibi-lo, por intermédio da *TV Senado*, para todos os que nos assistem, o exemplar de uma edição especial de *O Povo*.

Permita-me também – recebi mais de um exemplar –, por intermédio de V. Ex<sup>a</sup>, que preside a sessão, oferecer um destes exemplares à Biblioteca do Senado Federal, o qual passarei as suas mãos a seguir. Sr. Presidente, este exemplar traz depoimento do Senador Cristovam Buarque, que por lá passou em alguma época e o deixou registrado, além do depoimento de pessoas que, ao longo dos anos, atuaram no jornal, a exemplo da minha querida tia Adísia Sá. Uma jornalista que comemorou 50 anos de profissão. Foram muitas e muitas as homenagens que recebeu na sua terra e fora dela inclusive, homenagens justas por sinal, por se tratar de uma profissional respeitadíssima no Ceará.

O jornal *O Povo*, criado em 7 de janeiro de 1928 – V. Ex<sup>a</sup> estudou no Ceará – por Demócrito Rocha. Hoje, D. Lúcia, filha de Demócrito, que tem 90 anos de idade, Senador Mão Santa, tive a satisfação de visitá-la em sua aprazível casa, perto de Fortaleza. São 90 anos

de idade que parecem 70 anos, ou menos até, pela alegria de viver dela – D. Lúcia é mãe do atual Presidente do jornal *O Povo*, Demócrito Dummar.

Enfim, no dia 6 de março, como propõe a Senadora Patrícia Saboya e os demais Senadores, realizaremos uma singela homenagem a um organismo da imprensa brasileira, que, ao completar 80 anos, mostra a sua persistência, a sua resistência a tudo quanto aconteceu no País, no Estado, e conseguiu viver e sobreviver a tudo isso com muita competência, com muita transparência, inclusive.

Vamos fazer isso, Senador Mão Santa, no dia 6 – V. Ex<sup>a</sup> está convidado e também o Senador Buarque, que tem aqui sua foto e seu nome registrado no jornal *O povo*, com declarações que fez – vamos comemorar esse fato, que é uma oportunidade de refletirmos um pouco sobre o papel da imprensa no nosso País, que é controvertido, mas sempre fundamental e importante. Portanto, fica aqui o registro, apenas suspendo e interrompo o assunto, para que no dia 6 o retomemos com mais profundidade, com mais propriedade, para tratarmos dele e comemorarmos este fato, que é digno de comemoração: os 80 anos do jornal *O povo*.

Como eu disse no início, Senador Mão Santa, eu trago aqui, como me comprometi a fazer, como V. Ex<sup>a</sup> às vezes faz também, o reclamo de um cidadão, Luciano Moura. Ele trata do valor das aposentadorias, que se evaporam, segundo ele. Ele diz aqui que a Ministra Ellen Gracie, Presidente da Corte Suprema, deve aproveitar a oportunidade e colocar em bloco a questão clara como água, mas que a Previdência Social não cumpre, que já gerou no País 600 mil ações transitadas em julgado, ou seja, a queda permanente no valor das aposentadorias. Esse é um assunto de que o Senador Paulo Paim fala seguidamente nesta Casa. Ainda nesta semana assistimos na Comissão de Assuntos Sociais à aprovação de uma emenda do Senador Paulo Paim ao Projeto de Lei nº 42, de autoria do Poder Executivo, que estabelece uma política de reajuste para o salário mínimo de março deste ano até 2023, Senador Mão Santa.

A emenda do Senador Paulo Paim estende o critério de reajuste para o salário mínimo, em geral, para as aposentadorias de maneira em geral, a fim de que não volte a ocorrer esse drama, essa defasagem que nós devemos lamentar muito. Atualmente o cidadão que se aposenta com cinco salários mínimos, em dois, três, quatro, cinco anos estará recebendo dois salários mínimos e se bobear daí a um pouco receberá um salário mínimo porque os critérios de reajuste do salário mínimo para aqueles que estão na ativa diferem daqueles relativos ao reajuste dos que já se aposentaram, como se fossem pessoas descartáveis que não

tivessem mais qualquer importância em nosso País. É um absurdo, Senador Mão Santa, é um absurdo.

O Senador Paulo Paim é autor também do PL nº 58, que trata do mesmo assunto. Mas, tramitando o Projeto nº 42, de autoria do Executivo, a oportunidade gerou a necessidade de atravessarmos essa emenda para ver se resolvemos o assunto o mais rapidamente possível.

A abordagem que eu faço hoje, a partir do *e-mail* do Luciano de Moura, Senador Paim, é a do drama dos aposentados. É um fato que impacta o próprio Poder Judiciário. Ele está relatando aqui milhares de ações que tramitam na Justiça Federal do País, impetradas por aposentados, que, não têm guarida aos seus pleitos no próprio INSS, recorrem à Justiça para ver se têm o valor da sua aposentadoria recomposto.

Então, é um drama duplo, Senador Mão Santa. Ao mesmo tempo em que milhões de brasileiros e de brasileiras se vêem nessa circunstância dramática de se aposentar com determinada remuneração e ver aquela remuneração ir se esborroando ao longo dos tempos, ir se corroendo, esse drama transborda para o Poder Judiciário, que está abarrotado de milhares e milhares de ações desses aposentados que as protocolam legitimamente, inclusive. Como não têm mais a quem recorrer, recorrem ao Poder Judiciário.

Senador Paim, eu quero abordar o assunto por este prisma, por esta ótica: além do drama vivido pelos aposentados, ainda há o desastre ocorrido no próprio Poder Judiciário, abarrotado de milhares de ações, de pleitos que são absolutamente justos e que deveriam ser atendidos e deferidos administrativamente pelo INSS.

**O Sr. Paulo Paim** (Bloco/PT – RS) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – Concedo um aparte a V. Ex<sup>a</sup> com muito prazer.

**O Sr. Paulo Paim** (Bloco/PT – RS) – Senador Mesquita Júnior, não tinha como não lhe fazer um aparte num tema que me é tão caro e que trato com enorme carinho. Conversando com o Senador Pedro Simon eu lhe dizia que há momentos em que eu não gostaria de entrar em algumas bolas muito divididas, que criariam até algum constrangimento com o meu Governo; mas, em se tratando dessa questão dos aposentados, não adianta, está na alma, está no sangue, está no coração, não tem jeito. Por isso, naquela reunião – V. Ex<sup>a</sup> participou dos debates e conversei com V. Ex<sup>a</sup> antes, inclusive – da Comissão de Assuntos Sociais, apresentei aquela emenda para conceder aos aposentados e pensionistas o mesmo percentual de reajuste dado ao salário mínimo. Se dermos 1% ao mínimo, daremos 1% ao aposentado; se dermos 5% ao mínimo, daremos 5%

ao aposentado. Não pode continuar, como vem acontecendo nos últimos quinze ou vinte anos. Por isso, a defasagem chega a mais de 70%. Além disso, a inflação para o aposentado resulta muito maior. O custo de vida do aposentado, do idoso, é muito maior que o da pessoa mais jovem, e não achamos uma saída. Cheguei a pensar na constituição de uma comissão especial aqui. Tenho certeza de que haverá boa vontade de todos os Senadores para construirmos uma política de recuperação das perdas acumuladas pelos aposentados e pensionistas do nosso País. Quero fazer um aparte rápido, Senador Mesquita Júnior. V. Ex<sup>a</sup>, o Senador Mão Santa, o Senador Pedro Simon, o Senador Cristovam Buarque, todos têm esta preocupação, que é a de todos os parlamentares, quer da base, quer da oposição: todos querem achar uma solução para esse problema. Com a votação do PL n<sup>o</sup> 42, resultante de um acordo feito com a participação do movimento sindical brasileiro, a Cobap e outras entidades também vinculadas aos aposentados e pensionistas me pediram que apresentasse essa emenda, porque essa é uma política que vai ficar em vigor de 2008 a 2023; e, para o aposentado, nada. Só acrescentei um artigo a essa emenda dizendo que se aplica aos aposentados e pensionistas a mesma política relativa ao percentual de reajuste dado ao salário mínimo. Quero cumprimentar V. Ex<sup>a</sup> por ter trazido, mais uma vez, esse tema à tribuna do Senado Federal nessa sexta-feira. Sr<sup>s</sup> e Srs. Senadores, podem ter a certeza de que são milhões e milhões de aposentados e pensionistas que estão nessa situação, porque a frase deles, como V. Ex<sup>a</sup> destaca da tribuna, se resume, mais ou menos, nisto: “Eu me aposentei com três salários e estou ganhando um”, “eu me aposentei com cinco, estou ganhando dois”, “eu me aposentei com oito, estou ganhando três”. É uma perda enorme! Se levarmos em consideração o que existe hoje... Permita que eu, para as pessoas entenderem, porque sei que milhões de pessoas estão assistido à TV Senado. Ainda há pouco eu conversava com o Senador Pedro Simon sobre a importância da TV aberta em todos os Estados, e S. Ex<sup>a</sup> dizia que devíamos fazer um movimento, como São Paulo fez e como outros Estados estão fazendo corretamente, a favor da TV aberta, porque o povo brasileiro quer ouvir o que está sendo discutido aqui, na Casa que faz as leis. Quanto ao fator previdenciário, qual é o grande drama do nosso povo hoje? No momento em que a pessoa se aposenta, devido ao fator previdenciário, ela já tem um redutor no seu vencimento – repito sempre essa frase –, se mulher, 40%; se homem, 35%. Quem ganhava R\$1.000,00, vai se aposentar – nem que tenha contribuído por mais de trinta anos religiosamente – com R\$600. No ano seguinte, no reajuste, o salário

mínimo sobe três por um em relação ao percentual dado para o aposentado. Claro! Daqui a alguns anos, a lógica – eu que falei hoje nas Olimpíadas de Matemática, e o Senador Simon disse que achou interessante essa competição no Brasil e internacionalmente para suscitar e incrementar cada vez mais a formação dos nossos alunos –, a conclusão final é a de todos os aposentados brasileiros, daqui a alguns anos, estarão ganhando somente um salário mínimo. E nós sabemos que o salário mínimo no Brasil, em curto espaço de tempo – pelo menos não se espera –, não permite a alguém envelhecer e viver, enfim, com dignidade. Avançou? Avançou, mas está muito aquém daquilo que nós ainda gostaríamos e que o povo quer. Todos nós sabemos – e sabemos nós das nossas dificuldades – o que significa esse pequeno avanço que teremos. O salário será de praticamente R\$413,00, R\$412,00, a partir de 1<sup>o</sup> de março. Mas quem está nos ouvindo deve estar dizendo: “Isso não paga nem o aluguel do meu chatô, da casa em que eu moro”. Então, se o salário mínimo está muito aquém ainda e o aposentado não ganha sequer o mesmo percentual dado ao salário mínimo, de fato, a situação é desesperadora, é grave. Eu já disse uma vez, e repito, para terminar: se eu pegar as milhares de cartas que recebo dos aposentados e pensionistas e torcê-las, apertá-las, enxugá-las, dali cairão, com certeza, lágrimas de sangue. Parabéns a V. Ex<sup>a</sup>!

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR (PMDB – AC)** – Obrigado, Senador Paim. É um drama de fato.

Eu quero, para aqueles que nos assistem, dizer que estou aqui cumprindo o compromisso que assumi de trazer o reclamo de pessoas que não têm esta tribuna, como nós temos. No caso, o Luciano. De outras vezes trouxe o reclamo de outras pessoas, tratando de outros assuntos.

Eu acho importante que façamos isso, rotineiramente, Senador Paim. O *e-mail* do Luciano dispensa comentários, exceção daqueles que V. Ex<sup>a</sup> fez, com muita propriedade, porque esse é um tema que ocupa V. Ex<sup>a</sup> permanentemente nesta Casa.

Mas ele diz aqui ainda:

Esta é a ação mais comum que existe contra o INSS. Os julgamentos nos Tribunais Regionais Federais se acumulam de maneira incessante. Mas nem por isso o Instituto resolve cumprir a Constituição. Ao contrário: a descumpra cada vez mais. O Supremo Tribunal Federal, agora, quando adota como rotina os julgamentos em bloco, poderia perfeitamente corrigir este absurdo e anular a flagrante injustiça de uma vez por todas.

O parágrafo 4º do art. 201 da CF diz textualmente, em relação às aposentadorias e pensões: “É assegurado o reajustamento dos benefícios para preservar-lhes, em caráter permanente, o valor real, conforme os critérios estabelecidos em lei.”

Todos sabemos muito bem o que é valor real. Da mesma forma que todos sabemos que os vencimentos são irredutíveis. Está na Carta Magna. O que é irredutibilidade? É garantir a correção do valor ao nível das taxas inflacionárias cumuladas. Em contrapartida, uma forma de reduzir o salário de alguém é o de atualização abaixo da inflação oficial calculada pelo IBGE.

Muito bem. Quem se aposentou há vinte anos com, digamos, nove salários, deveria receber hoje exatamente 3 mil e 420 reais. Isso não acontece. Recebe somente um mil e oitocentos reais, pouco mais do que a metade. É um absurdo. Inclusive existe jurisprudência a respeito do tema, desde que a matéria foi julgada pelo antigo Tribunal Federal de Recursos, hoje Superior Tribunal de Justiça.

A Constituição de 88 determinou, nas disposições transitórias, que os aposentados do INSS tinham que receber o mesmo número de mínimos quando se aposentaram. Na época, foram feitas as conversões e os pagamentos. Mas infelizmente, para o princípio de justiça, as atualizações não se mantiveram. A Previdência Social, então ocupada pelo Ministro Jader Barbalho, governo Sarney, aproveitou-se da expressão “valor real conforme os critérios definidos em lei” para desrespeitar o próprio texto constitucional.” [Estou aqui reproduzindo palavras do Luciano.]

Basta ler, como escrevi há pouco, o parágrafo 4º do art. 201. Os critérios definidos em lei, óbvio, não podem colidir com o princípio da Constituição. Não podem, porém colidem. Algo que precisa ser consertado e cuja oportunidade se coloca no momento. Além de violar o texto constitucional, a defasagem dos valores, ao longo de vinte anos, foi responsável pelo ajuizamento de quatro milhões de ações contra o INSS. Para se ter uma idéia do que isso representa, basta dizer que tramitam na Justiça Federal dez milhões de ações. O INSS é o responsável, assim, por 40% delas.

Esse é que é mais um absurdo da coisa. A Justiça Federal fica lotada de ações acerca de assuntos

que deveriam ser resolvidos pelo Poder Executivo, pelo Poder Legislativo de forma definitiva.

Eu duvido que mecanismo idêntico a esse tolha, por exemplo, o reajuste do salário dos parlamentares, dos ministros dos tribunais superiores. Entendeu, Senador Buarque? É uma injustiça dramática isso.

O cidadão que se aposenta com alguns salários mínimos tem sobre sua cabeça um mecanismo cruel de achatamento salarial, mas camadas da população brasileira, as chamadas elites, não têm esse mecanismo. Isso torna ainda mais grave, mais dramática a situação.

O Senador Flávio Arns, nesta semana, na Comissão de Assuntos Sociais, extravasando a sua indignação com um fato como esse, disse que o salário mínimo só será reajustado de maneira real quando estabelecermos um limite para o ganho dos altos salários neste País. Se estabelecermos, por exemplo, que um parlamentar, um membro do Judiciário só possa ganhar dez salários mínimos, num instante, segundo ele, o valor do salário mínimo será reajustado neste País de maneira concreta e real.

Achei interessante o raciocínio do Senador Arns porque traduz a indignação de quem acompanha há tanto tempo essa coisa medíocre, injusta, cruel de uma regra para os altos salários deste País e outra, completamente distinta e acachapante, para o salário da grande maioria do povo brasileiro.

Senador Cristovam Buarque, concedo com muito prazer um aparte a V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Cristovam Buarque** (PDT – DF) – Estou totalmente de acordo com essa visão do Senador Arns. No Brasil, tudo que é para a minoria privilegiada é bem-feito. As únicas coisas feitas para beneficiar a imensa maioria foram feitas porque, sem isso, não beneficiariam a minoria. Por exemplo, a campanha da erradicação da poliomielite. Não se podiam vacinar apenas os filhos dos ricos, era preciso erradicar e vacinaram todos. A campanha de atendimento aos portadores de HIV. Ficaria muito feio colocar a rede pública para proteger apenas os brancos e ricos. Foi preciso colocar todos. No Brasil, o que é para todos só é protegido quando se trata também para a minoria. Por isso, coloquei um projeto polêmico, que sei que vai ser recusado quase certamente, em que os filhos dos parlamentares sejam obrigados a estudar na escola pública.

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – Eu vi seu projeto. É interessante, provocativo.

**O Sr. Cristovam Buarque** (PDT – DF) – E dei o prazo de sete anos. Não agora, vamos dar sete anos. É o tempo que se vai levar para organizar a Copa do Mundo e coincidiria com os 125 anos da Proclamação da República. Não há república quando os filhos dos



eleitos estudam em escolas diferentes dos filhos dos eleitores. Não há república. Eu garanto que melhoraria imediatamente a qualidade da educação básica e pelo menos melhoraria a dignidade de dizermos: nós, que temos mandato, vamos ter nossos filhos nas escolas do povo; e, para isso, vamos melhorar as escolas do povo. Não é por um auto-sacrifício. Não estou defendendo aqui martírio, de você se sacrificar e sacrificar seu filho porque você é parlamentar. Não! Você melhora a escola de todos. O primeiro parecer que veio – mas o Senador já não vai mais fazer – é no sentido de que isso fere a liberdade de você colocar o filho na escola que quiser. Mas ninguém é obrigado a ser parlamentar. Então, não fere a liberdade. Não fere a liberdade. Mas, depois que se é parlamentar, tem-se obrigação, como temos a obrigação de estar aqui hoje de manhã, como temos a obrigação de comparecer às Comissões. Temos obrigações – e essa seria mais uma.

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – Mais uma.

**O Sr. Cristovam Buarque** (PDT – DF) – Até penso que eu deveria ter mudado. A maneira de escrever a lei deveria ser: “Comete falta de decoro parlamentar aquele que colocar seu filho na escola privada”. Talvez fosse melhor assim. Mas, como já foi com a palavra “proíbe”, um verbo até que não gosto, vamos tentar discutir. Hoje, estou tentando convencer, Senador Mão Santa, não é nem que se aprove o projeto, mas que se abra uma audiência. Vamos defender isso, vamos debater isso. Vamos deixar que outros contrastem e que digam que é antidemocrático, quando acredito que antidemocrático é ter escola para pobre e escola para rico neste País. Então, o senhor tem toda razão. Se o salário dos parlamentares fosse vinculado ao salário mínimo, e, aí, não para aumentar na mesma proporção porque o nosso é maior; se se dissesse que salário de Deputado e Senador só pode aumentar no máximo 50% do aumento dado ao salário mínimo, as coisas começariam a mudar.

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – Melhor ainda.

**O Sr. Cristovam Buarque** (PDT – DF) – Então, temos que, lamentavelmente, no Brasil, perceber que ainda há uma elite que vem do tempo do Império, que ainda se considera nobre, aristocrática, sem estar vinculada ao povo. Para isso, vamos exigir que o que ela fizer para ela faça também para o povo. Talvez seja o caminho da revolução brasileira.

**SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – É verdade, Senador, suas palavras dispensam comentários porque são de uma clareza impressionante.

O texto do *e-mail* do Luciano é longo, não vou lê-lo todo porque sei que tem colegas aqui querendo falar, não vou mais tomar o tempo. Mas eu queria só, nesta manhã de sexta-feira, mais uma vez, cumprir o que, de fato, prometi.

Alguém poderia dizer que o Senador Geraldo Mesquita está com demagogia na tribuna do Senado, defendendo os aposentados. Senador Buarque, há pessoas neste País que vêm as coisas pela copa das árvores. Entende, Senador Paim? Temos de mergulhar e ver o que acontece dentro. É o que acontece com a Amazônia. Há pessoas que examinam, fazem e acontecem, mas vêm só a copa das árvores. Elas não mergulham para ver que ali dentro moram milhões de pessoas que têm vida, que há pessoas que vivem situações dramáticas que precisam ser resolvidas.

Da mesma forma, quando se fala sobre o tema da remuneração dos aposentados, parece uma coisa assim, sabe? É preciso ir lá dentro, Senador Paim, observar que o cidadão ali realmente... Quando se chega a essa fase da vida em que se aposenta é a em que mais se precisa das coisas. É a hora em que é preciso manter o poder de ganho, de remuneração. É a hora em que as vicissitudes mais pressionam. É a compra do remédio, é o plano de saúde, é a situação da própria família. Muitos aposentados mantêm famílias até hoje; muitas famílias no Brasil vivem da remuneração dos aposentados. Não é demagogia não, Senador. Todos precisamos nos engajar nessa luta, nesse combate e precisamos nos engajar com objetividade. Isso tem de acabar, isso tem de ser resolvido de uma vez por todas, e as pessoas vão entrando no limbo. Senador Paim, há quatro, cinco milhões de ações judiciais, Senador Paim.

Que coisa impressionante! Quarenta por cento do número de ações que tramitam na Justiça Federal dizem respeito a pedidos de recomposição salarial de aposentados.

**O Sr. Paulo Paim** (Bloco/PT – RS) – Gostaria de interferir no seu pronunciamento para dizer apenas uma frase.

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – Com muito prazer.

**O Sr. Paulo Paim** (Bloco/PT – RS) – As pessoas vão morrendo, morrendo. É a vida. Vão-se tirando as condições de subsistência das pessoas pelo arrocho, e elas vão morrendo. Dessas quatro, cinco milhões de pessoas – e V. Ex<sup>a</sup> lembrou muito bem – que moveram ações, infelizmente, infelizmente, mais da metade está destinada a morrer sem ver o resultado da ação lá no Supremo. Por isso, V. Ex<sup>a</sup> faz um debate no Executivo, no Legislativo e, da tribuna, para o Judiciário. É preciso que as ações sejam agilizadas. Meus cumprimentos, mais uma vez.

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – É verdade, Senador Paim. V. Ex<sup>a</sup> disse que recebe centenas, milhares de *e-mails* acerca do assunto. Confesso que não recebo tantos, recebo muitos. Trago um deles aqui.

Li, um dia desses, o *e-mail* da filha de um cidadão aposentado pela Varig. Parei de ler na metade porque me emocioniei. Ela relatou o drama que vive seu pai, cheio de mazelas, mazelas, inclusive, **adquiridas** em razão da própria situação que vive o pessoal da Varig. Foram jogados no limbo, colocados no escaninho como se não tivessem prestado relevantes serviços ao País. Até hoje é uma situação indefinida, uma situação obscura. Como V. Ex<sup>a</sup> disse, as pessoas estão morrendo, se acabando, sem que lhes estendam a mão, sem que lhes acene com uma perspectiva diferente de vida.

Portanto, está aqui o drama vivido por milhões de brasileiras e brasileiros. Este Congresso Nacional tem o dever sagrado de pegar um assunto desse e resolvê-lo definitivamente, Senador Paim. A gente age quando se trata aqui daquilo que alguns acham importante. Nesse caso é rápida a nossa ação neste Senado Federal. O que pode ser mais importante do que isto aqui?

Então, o apelo que faço, Senador Mão Santa, reproduzindo aqui o drama relatado pelo Luciano – e ele fala em nome de milhões –, o apelo que faço é que a gente tome o assunto no muque, na munheca, Senador Paim, Senador Simon, Senador Buarque, Senador Mão Santa. Que todos nós nos engajemos de forma definitiva para, de uma vez por todas, resolvermos essa situação ou então que peçamos desculpas à população brasileira, e notadamente aos aposentados, pela nossa incompetência e insensibilidade. Uma coisa ou outra. Não podemos é continuar fazendo de conta que a gente está se esforçando e fazendo por onde acontecer e não acontecer nada. Ou a gente pede desculpas pela nossa incompetência e insensibilidade, ou a gente parte para resolver definitivamente uma questão como essa. Muito obrigado e um bom dia para todos.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Convidamos o Senador Geraldo Mesquita Júnior para presidir a sessão. (Pausa.)

*O Sr. Mão Santa deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Geraldo Mesquita Júnior.*

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Tenho o prazer e a satisfação de anunciar que usará da palavra o eminente colega e Líder Senador Pedro Simon, que representa o grande Estado do Rio Grande do Sul nesta Casa.

**O SR. PEDRO SIMON** (PMDB – RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o Senador Cristovam e eu tínhamos combinado que ele falaria primeiro. Então, eu quero anunciar às pessoas que estiverem assistindo à TV Senado ou ouvindo a Rádio Senado que, por mais enfadonho que seja o meu pronunciamento, fiquem atentos, porque será importante o pronunciamento que o Senador Cristovam fará nesta Casa.

Aliás, quando do seu último pronunciamento eu estava no meu gabinete e assisti. Achei impressionante. E pedi ao Senador Cristovam que remetesse uma cópia do seu pronunciamento principalmente aos Senadores.

S. Ex<sup>a</sup> fez uma análise profunda do debate nesta Casa.

S. Ex<sup>a</sup> disse, perdoe-me, com muita malícia: Não, não dá para dizer que o Senador não está trabalhando, que o Senador não trabalha, o Senador trabalha. Não dá para dizer que o Deputado Federal não trabalha, o Deputado Federal trabalha. Quando ele não está no plenário, quando não está nas comissões, ele trabalha ainda mais no seu Estado, andando, manifestando, ouvindo os seus eleitores, conhecendo os problemas no seu local, onde eles acontecem. Ele está trabalhando. Aí, conclui o meu querido Senador: Agora, o Senado não está trabalhando. Os Senadores podem estar trabalhando; agora, o Senado não está. Os Deputados podem estar trabalhando, mas a Câmara não está. Isso é uma grande verdade.

E diz mais S. Ex<sup>a</sup>: O Senador vem aqui, faz um pronunciamento... V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente, termina de fazer um pronunciamento da maior importância, com relação à maldade que todos nós fazemos com os aposentados, quando V. Ex<sup>a</sup> diz que um número, um percentual impressionante das ações em juízo são de aposentados. E V. Ex<sup>a</sup> diz: Ou vamos fazer alguma coisa, ou vamos dizer aos aposentados que isso não acontece porque somos incompetentes ou porque somos insensíveis. Quero dizer a V. Ex<sup>a</sup> que penso que somos incompetentes e insensíveis. Mudaria o termo “incompetentes ou insensíveis” para “incompetentes e insensíveis”.

V. Ex<sup>a</sup> fez o pronunciamento. Recebeu um feliz aparte do Senador Cristovam, que trouxe argumentos muito importantes ao seu pronunciamento. Trouxe um feliz aparte do Paim, que é o papa dessa matéria, muito objetivo. Eu não falei porque vinha para a tribuna e queria lhe dizer: no seu pronunciamento, falou bem, e não acontece nada. E é isso que diz o Senador Cristovam e que acontece nesta Casa. A gente vem, faz um pronunciamento muito importante, genérico, nacional, como o de V. Ex<sup>a</sup>, ou específico, do meu Estado,

de cada Estado, como muitas vezes acontece aqui, e depois desapareceu. Não há o sentimento do coletivo, não há a responsabilidade de nós todos estarmos presentes no conjunto das decisões e buscarmos alguma coisa. Então, pronto! V. Ex<sup>a</sup> pronuncia já que V. Ex<sup>a</sup> tem certeza, como eu tenho, de que, do seu pronunciamento e do meu, não vai sair nada em jornal algum e nada vai acontecer. V. Ex<sup>a</sup> tem certeza e eu tenho certeza de que nem o Ministro nem ninguém vai tomar conhecimento. Vai ler, mas não vai fazer nada, e as coisas ficam iguais.

Tem razão o Senador Cristovam. Muitas vezes, há assuntos e questões em que temos que ter a compreensão de fazer alguma coisa a mais pelo conjunto. Esse assunto que V. Ex<sup>a</sup> levantou é um. Por que não vamos nos reunir, sentar numa mesa para fazermos um debate sério, para valer e encontrarmos uma solução?

A verdade é uma só. A Previdência está falida não é pelo que paga aos aposentados; a Previdência está mal é pela corrupção, pela imoralidade, pelo mau gasto, porque o dinheiro que é dela, o Governo desvia e aplica das maneiras mais absurdas. E realmente é isso que V. Ex<sup>a</sup> diz.

Eu, que estou com 78 anos, ouvi falar muito tempo que a tese de que o aposentado podia ganhar menos é porque ele não teria gastos. Os filhos casaram, ele está sozinho, então diminuíram os gastos dele. Hoje verifico que o que o velho gasta só em saúde, só em medicação para se manter, isso porque não está doente, já é uma parcela ponderável. No entanto, está aí...

Olha, a primeira vez que eu estive na minha casa de praia, lá em Rainha do Mar, fiquei um tempo maior do que eu imaginava ficar. Já estou lá há 35 anos. E no Rio Grande do Sul, nós só temos verão com praia em janeiro e fevereiro, então quem pode, rico, pobre, classe média, vai para a beira do mar. A minha casa está ali há 35 anos e eu estou acostumado a ficar sentado na frente e conversar com as pessoas que vêm até mim. É impressionante o número de aposentados que dizem o que V. Ex<sup>a</sup> está falando: "Não é possível Senador, eu paguei dez salários, eu paguei quatro salários, eu não sei mais o que vai acontecer".

O exemplo de V. Ex<sup>a</sup> é muito feliz. Vamos sentar à mesa, vamos discutir, vamos fazer uma proposta e vamos adiante. É isso que diz o Senador Cristovam, com muito mais capacidade do que eu, no seu pronunciamento. Não pode esta Casa continuar tendo pronunciamentos muito competentes, mas vazios, que caem no esquecimento. Vamos analisar com sinceridade. O Senador Cristovam disse ontem que ia começar por ele. Eu hoje quero dizer que começo por mim.

A gente faz um pronunciamento o mais importante, alguns até com boa repercussão de opinião pública, de imprensa. E a gente considera o assunto encerrado, e não se fala mais, não se debate na área, não se analisa mais, não se vai adiante.

Algum tempo atrás, esta reunião de sexta-feira ficou célebre, porque a reunião de sexta-feira, de manhã, com todo carinho e com todo respeito aos líderes, mas como eles não vêm e não pedem o espaço de liderança em que se fala de assuntos de interesse político, então a gente se reúne e, muitas e muitas vezes, ficamos aqui até uma hora da tarde, discutindo assuntos da maior importância, debatendo, esmiuçando, aprofundando e dando um conteúdo de seriedade aos nossos debates.

Estava falando com o Senador Paim que antontem foi um dia muito importante, porque a TV Senado iniciou em tevê aberta em São Paulo. A tevê aberta já existe em Salvador e em várias cidades. Eu faço um apelo ao Ministro de Comunicações, primeiro, para o meu Rio Grande do Sul, porque é um Estado de fronteira e é muito importante isso; depois para todos os Estados. Acho que essa TV Senado é muito importante. Lembro-me de quando não tinha a TV Senado, a matéria mais significativa, de maiores debates eram algumas frases no jornal, uma notícia no Jornal Nacional dando resultado, e o resto não acontecia nada. Agora, não. E eu contei o meu caso pessoal quando houve a votação do imposto sobre movimentação financeira.

Eu vim três vezes à tribuna naquele dia. Primeiro, para lamentar o que tinha acontecido com relação a mim, que o Senhor Presidente Lula vetou a minha candidatura à Presidência do Senado, o que não era realidade. Mas tinham lançado o meu nome, e o Sarney influenciou. Eu tinha 35 assinaturas de Parlamentares não do PMDB e, como disse ontem o ilustre Senador de Minas Gerais, mais seis que eu tive na bancada eu teria 41. Podia ter ido ao plenário. Não fui. Então, eu não estava preocupado com isso. Mas o jornal dizia que o Simon era vetado pelo Presidente da República por ser uma pessoa inconfiável – não, inconfiável é mentira; imprevisível – e o Sarney era o homem dele. O Sarney era o homem amigo das horas mais difíceis. Eu fui cobrar o que é que era isso. Agora, o que eu quero dizer é uma coisa só: essas coisas são secundárias, para nós organizarmos um trabalho.

Vamos lá, Senador Cristovam! Vamos lá, querido Presidente! Vamos botar vinte pessoas aqui na sexta-feira e na segunda e vamos fazer um debate com profundidade, escolhendo um tema de cada vez. Vamos entre nós, vamos debater e vamos esmiuçar esse tema. E vamos ver uma forma de botar no papel e, se for o caso, convocar uma autoridade governamental

ou alguém da sociedade brasileira para levarmos isso adiante. Eu acho que eu estou vindo em descontinuidade do seu discurso, Senador Cristovam, e acho que seria uma fórmula muito importante. Eu acho que isso seria se nós, de repente, aprofundássemos a matéria, debatêssemos uma matéria e tirássemos algumas conclusões, sejam elas de apresentar um projeto – que eu acho difícil, projeto aqui coisa nenhuma – ou de reunir e de irmos fazer uma sessão como a de ontem. Eu achei magnífica a sessão de ontem.

Que linda sessão! Eu dou nota dez para o bravo e querido companheiro de São Paulo Eduardo Suplicy. Ele é impressionante! Eu gosto dele. Tempos atrás, na CPI dos Anões do Orçamento, desapareceu a mulher do funcionário do Senado – depois se verificou que ele tinha assassinado a própria esposa –, e nós nos perguntávamos: onde é que ela está? Onde é que não está? De repente, saiu nos jornais que ela foi encontrada em Nova Iorque, e o Senador foi para Nova Iorque, bancou o Sherlock Holmes. Ele foi exposto até a gozação, porque não encontrou nada; quando ele estava lá, descobriu-se que ela estava morta. Mas ele faz essas coisas.

A ida dele ao Iraque... Vamos ser sinceros, é um negócio meio... Pode-se dizer que não resolveu nada, mas foi um gesto que impressionou, em nível mundial. Ele teve a coragem de fazer isso. E a reunião de ontem foi isso.

Estamos todos indecisos sobre a transposição do Rio São Francisco, todo mundo debatendo o assunto, e ontem foi o dia mais importante dessa questão em toda a sua história. Até eu propus que temos de fazer outra reunião. Eu não sou um profundo conhecedor da matéria. Ontem, quando ouvi a fala do Ministro – aliás, que rapaz competente; eu não era muito fã dele, mas sou obrigado a reconhecer que ele tem muita categoria – e, depois, a do Ciro Gomes, fiquei impressionado. Parece que é um absurdo ser contra. No entanto, quando falaram o bispo, os artistas e os que são contra, eu também fiquei impressionado. Então, propus que realizássemos outra reunião, em que a equipe das comissões fizesse dez perguntas, por exemplo, e lhes entregasse essas perguntas. E eles responderiam. Como naquela parte, com o Deputado Ciro: ele mostra os números, os dados, aquela coisa toda; ele fala e, depois, a Oposição responde sobre aquilo que ele está falando.

Na realidade, ontem foi ótimo, mas o Ciro Gomes e o Ministro falaram mil coisas, os outros falaram mil coisas, e um não respondeu, não justificou as coisas do outro. E o importante é isso. Mas foi uma grande reunião. Isso nós podemos fazer. Podemos fazer várias vezes, podemos nos aprofundar.

Reitero que, como diz o Senador Cristovam, quando o cidadão vem, fala aqui e termina, aí é ótimo. O Governo não responde, não dá a mínima satisfação, a imprensa não dá a mínima satisfação, e morre o assunto. Isso é o que diz o Senador Cristovam. Agora, o que dizer? Se nós nos integrarmos... Quando o tema é importante, não importa de quem venha. Vamos entrar no assunto, vamos debater.

E eu acrescento um fato, Senador Cristovam: a sexta-feira, por exemplo, é um dia em que isso pode ocorrer. Para quem estiver aqui, o assunto é tal, e vamos debater. Eu faço essa proposta oficialmente – eu, não; ela é do Senador Cristovam –, eu a endosso e peço ao Senador Cristovam que a leve adiante. Leve adiante! Reúna, debata, e vamos fazer um entendimento nesse sentido. Na próxima sexta-feira, vamos escolher um tema e vamos debatê-lo.

Outra questão. Eu estou vindo ao sabor... Quem ia falar era o Senador Cristovam, nós tínhamos concordado, mas a Presidência me chamou. Eu disse: “falas tu”. E ele: “não, falas tu”, e eu estou falando de coração aberto. Acho importante o que o Senador Cristovam falou aqui, muito importante. E dá para fazer, Senador Cristovam. Dá para fazer. Vamos nos reunir e vamos decidir. A CPI é importante? É importante. A questão dos cartões é importante? É importante. Mas vamos fazer uma distinção, vamos fazer um horário. Por exemplo: das 14 às 16 horas, é CPI; das 16 às 19 horas, é o geral. Ou então o contrário: das 14 às 16 horas, é o geral; das 18 às 19 horas, é CPI. É possível fazer isso, basta haver entendimento. Aliás, deve ser feito isso, e pode até se tornar dispositivo regimental. Do contrário, só uma matéria vai tomar conta. Discute-se apenas uma matéria e não se debate mais nada, o resto é piada.

Se não fizermos o que o Senador Cristovam está propondo, o que acontecerá? A partir de segunda-feira, inicia-se a CPI, e isso vai incendiar. E aí temos um ponto interessante: no Brasil o que acontece de ruim é noticiado. Vou contar para os senhores, de coração, um fato.

Quando cheguei aqui, o Senador Paulo Paim estava falando sobre a Olimpíada de Matemática, e o Rio Grande do Sul possui vários prêmios. É uma olimpíada mundial. Estou sentado ali e não estou sabendo de nada que está acontecendo. Nunca ouvi falar em Olimpíada de Matemática. Nunca ouvi falar! Quando S. Ex<sup>a</sup> chegou perto, perguntei: “Desculpe-me, Paim, mas o que é Olimpíada de Matemática?” S. Ex<sup>a</sup> me explicou que, mundialmente, ela existe há não sei quantos anos e que o Brasil já participa há 40 anos. Há uma equipe mundial que faz as perguntas. Eu disse: “Ora, mas vem a pergunta e um grande matemático responde

pelo filho dele”. Ele disse: “Não, não é assim. Os caras são chamados, vão a Porto Alegre, e há uma equipe. As perguntas são iguais para todos. Há uma equipe que fiscaliza o aluno a fazer a matéria, e ele responde. Depois, vão ver os que se distribuíram pelo mundo”. Sr. Presidente, o Rio Grande do Sul teve uma série de nomes de primeira grandeza, em primeiro lugar, e eu não ouvi uma notícia! Nunca ouvi falar! Não sei se V. Ex<sup>as</sup> já ouviram. Juro por Deus, nunca ouvi falar, na minha vida, em Olimpíada de Matemática. Nunca ouvi falar que os alunos do Rio Grande do Sul obtiveram grandes vitórias na Olimpíada Mundial de Matemática! Esse é um grande exemplo para mostrar que, desgraçadamente, neste País, só vale notícia ruim! Só vale notícia ruim! Notícia boa não pega!

Cá entre nós, é um negócio espetacular: uma olimpíada mundial que já existe há mais de 100 anos, da qual o Brasil participa há mais de 40 anos e que reúne as pessoas, os jovens... É um negócio sério. As perguntas vêm fechadas, lacradas, e são abertas na frente dos alunos; então, os que aceitam vêm a Porto Alegre e há uma fiscalização ali. Nunca ninguém falou nisso! Meus amigos de Porto Alegre, da imprensa de Porto Alegre, será que isso não é notícia!? Será que isso não é positivo!? Mas não é desgraça, não é coisa feia... Aí não aparece em manchete.

Por exemplo, a manchete do jornal de Porto Alegre foi a seguinte: “Rio Grande do Sul nos últimos lugares em escolaridade”, etc. Fui ver e nem estava nos últimos lugares. Realmente, o Rio Grande do Sul sempre foi o primeiro. Agora, Santa Catarina e outros Estados passaram por nós. Baixou. Dava para dizer: o Rio Grande está baixando. Sim, mas dizer que é o último não é verdade. Foi dizer a manchete que era o último, até eu fui correndo ler para ver se era verdade. Depois que li a matéria, eu vi que não era o último. Baixou? Baixou. É ruim? É ruim. Mas está em quarto lugar, não está em último lugar.

Por isso, meus irmãos, eu acho que nós podemos fazer muitas coisas. E o Presidente do Senado Federal, o Senador Garibaldi Alves, está imbuído desse sentido. Podemos nos reunir e aproveitar a tese do Cristovam Buarque, aproveitar o discurso feito hoje por S. Ex<sup>a</sup> como exemplo. E vamos ver... Não adianta dizer “vamos criar uma pauta positiva”. Não há pauta positiva.

Eu sonhava... Quando aceitei a carta do Lula e o pedido que o Governo me fez de vir a esta tribuna fazer um apelo para que, em vez de votarmos, às 2h da madrugada, suspendêssemos a sessão e ficássemos noite adentro para ler a carta do Lula e ver se daria certo fazermos aquele compromisso que ele assumia com a gente – o imposto sobre os cheques valeria por um ano só, todo o dinheiro seria dedicado à saúde, e

neste ano nós faríamos a reforma tributária –, eu achei que era uma coisa fantástica. Eu estava chateado, eu estava magoado, eu tinha feito um discurso aqui, eu estava realmente num momento triste, mas, quando vieram ao meu gabinete e me fizeram essa proposta, eu me animei. Eu não lembrei que o Lula tinha me vetado, que eu estava chateado, essa coisa toda. Não, eu vim e defendi. Mas não se encontrou eco. Por quê? Porque não temos essa experiência de entender essas coisas. Já imaginou se tivesse sido aprovado aquilo? O imposto sobre o cheque seria aprovado por mais um ano? Sim, por mais um ano e nunca mais, e uma reforma tributária seria feita.

Agora, eu falo mais uma vez: eu não encaro essa CPI. Eu não quero ver derramar o sangue do Lula nem o sangue do Fernando Henrique; eu não quero brincar com os familiares do Lula nem com os familiares do Fernando Henrique. Não é por aí. Foi até bom ter acontecido isso. Foi bom porque o PSDB veio com muita garra em cima do PT, mas o PT deu a resposta, e agora nós podemos ficar na serenidade. Vamos descobrir o que é e como é que devemos mudar. Eu acho que é por aí. Considero o assunto muito sério.

O Senador Heráclito Fortes mostrou ontem, às 21h30, neste plenário, uma notícia com relação a um gasto que teria sido feito numa viagem internacional, uma compra de relógio, algo assim. É uma coisa muito séria. Ele mesmo disse que não quer ver o que há de fundamento ou o que não há de fundamento. Mas que esses gastos são...

Eu estou pedindo à assessoria do Senado, que é eficiente, excepcional, para fazer um estudo para nós, com frieza, do que há de positivo no cartão corporativo e do que não há de positivo no cartão corporativo. Eu o vejo com antipatia.

Ontem, eu falei aqui que vi o tal cartão corporativo pela primeira vez quando fui Ministro da Agricultura. Ele nunca tinha existido. O ministro pagava o que queria. Ganhava uma miséria por mês, mas podia, com o cartão corporativo, viajar, comprar carro, comprar roupa, comprar jóia, ir para o exterior, fazer o que bem entendesse.

Isso foi cortado. No Governo Sarney – justiça seja feita –, isso foi cortado. Aumentou-se o salário do ministro, que foi lá para cima, foi igualado ao do Senador. Era um terço ou metade do salário do Senador, não me lembro. Acabou aquela farra...

Foi-se verificar, porque tinha aparecido no jornal um ministro que gastava não sei quantos quilos de carne por mês, não sei quantos quilos de manteiga, não sei quantos quilos de não sei o quê. Era um negócio para um batalhão. Na hora que isso apareceu, que a *Veja* publicou, ninguém entendia o que era aquilo. De-

pois se verificou que era para todos os quarenta funcionários da Casa. Faziam o rancho e iam para casa. Isso acabou.

Agora temos que analisar com frieza, com muita calma. Há exagero do Lula, um absurdo? Há. Mas temos de perguntar por que Fernando Henrique criou. Essa é a questão. Vamos ver se deu certo ou errado, se tem mais aqui ou tem mais... Não, mas a causa inicial, saber por que ele foi criado. E há dois argumentos importantes: ele foi criado no Governo Fernando Henrique e o Governo do Serra, que é – não tenho nenhuma dúvida quanto a isto – um homem absolutamente sério, correto, responsável, também o adotou. Essa era a primeira coisa que tínhamos que fazer, tanto que devemos convidar o Serra, não para depor na comissão, mas para explicar para a gente por que está usando. Temos que começar a fazer isso na segunda-feira.

Ontem, conseguimos as assinaturas, houve um grande entendimento. Faltavam as assinaturas no Senado, porque houve um equívoco, um erro. Repetimos as assinaturas, o Líder do PSDB conseguiu. Foi um entendimento muito bacana. O PT assinou, todos os partidos assinaram. Foi um gesto de entendimento. Todos os partidos assinaram e foram protocolar na Mesa as assinaturas que faltavam e a CPI está instalada.

Acho que a Presidência e a Relatoria, com todo o respeito, acho que o ideal é Presidência de um lado e Relatoria do outro. Eu acho que isso é o ideal. O PSDB não tem muito para cobrar. No fim do Governo Fernando Henrique não saiu a CPI. Havia a CPI das empreiteiras, com a matéria toda pronta. O Itamar era o Presidente. Fizemos a “CPI dos Anões do Orçamento”, onde tudo foi apresentado.

Sabem por que não fomos longe? O entendimento foi tão bacana que o Bisol, Senador pelo Rio Grande do Sul, um homem espetacular, não ia entrar e o Amin, Senador por Santa Catarina, abriu uma vaga para ele, que entrou indicado pelo PP, e aí saiu a comissão. Saiu a comissão e apareceu um milhão de coisas.

A CPI foi a uma casa bonita que era a sede de uma empreiteira da Bahia, que era a que tinha o nome mais divulgado. Lá, pegaram os livros, pegaram tudo.

Nunca me esqueço que estávamos na casa do Bisol e estava lá um Lula, que era o nome de um jornalista da *Veja*. Eu não o conhecia, nunca tinha ouvido falar dele. Eu estava imaginando que ele fosse o secretário do Bisol. E ele, sentado ali conosco, conversou sobre as coisas mais secretas. No fim da semana, a *Veja* – esse Lula era o homem da *Veja* – publicou dez páginas sobre a matéria. Mas houve grandes exageros. Ele pegou uma folha que mostrava para quem a empreiteira mandava agendas de Natal e publicou como se fossem os caras que recebiam dinheiro. O que acon-

teceu? O Congresso enlouqueceu, com razão, e não deu mais nenhuma prorrogação para a CPI. “Vocês vão terminar neste prazo, não tem mais prorrogação”. Tivemos que... Dei a idéia de, nesse prazo, ficar só nos parlamentares e assumimos o compromisso de, terminada a CPI, iniciar uma, das empreiteiras, para analisar esse material que seria endereçado a ele.

Terminou o Governo do Itamar, que concordou, logo no início de seu governo, com a “CPI dos Anões do Orçamento”, pois seu governo não tinha qualquer estrutura. Mas o Fernando Henrique não deixou criar a CPI dos Empreiteiros, não deixou, como não deixou criar a CPI para investigar os escândalos na aprovação da reeleição, onde apareceu, inclusive, o nome, a quantia e o Ministério que havia participado daquele acontecimento.

Então, o PSDB não tem muita autoridade. Mas o PT também não. O PT também não. Para o PT é até mais grave, porque o Lula era o símbolo do que mais esperávamos. Não me lembro de uma época em que se depositou tanta esperança como se depositou na eleição do Lula. Eu fui um dos que acreditaram. Eu, Governador de Estado, votei no Lula contra o Collor – todo o meu Governo subiu ao palanque do Lula, e ele teve uma vitória espetacular no Rio Grande do Sul – e votei no Lula agora contra o Serra, na sua primeira eleição. Eu achava que ia ser uma coisa fantástica. Também não foi.

Senador Cristovam, V. Ex<sup>a</sup> tem muito mais alcance do que eu e sabe expor melhor as idéias, mas vou dizer algo que deve ser dito. V. Ex<sup>a</sup> falou e eu repeti, mas é uma coisa que deve ser dita. Pelo amor de Deus, meu grande amigo... Não sei se o Fernando Henrique ainda me considera assim, mas minha vida com ele vem lá do início, de quando ele veio do exílio, como professor universitário. Foi lá em Porto Alegre que ele fez as primeiras palestras, os primeiros debates. Lá em Porto Alegre ele conviveu conosco e de lá ele veio.

Ao Lula, meu grande amigo do passado, quero dizer que está ficando muito feio, muito feio esse debate para dizer quem é pior. Eu nunca havia visto isso na minha vida. O Lula e a equipe do PT dizem “eu fiz, mas eles também fizeram”. Mas não foi para isso que o Lula foi eleito. Não foi essa a bandeira que foi jogada na rua da vitória espetacular do Lula e da expectativa do Lula. Se era para fazer o que o Fernando Henrique fez, ganhasse o Serra ou o ex-Governador de São Paulo. O Lula não foi eleito para fazer o que o Fernando Henrique fez, mas para fazer o que ninguém tinha feito e o que se esperava que ele fizesse.

Vejo muita coisa positiva no Governo do Lula. Essa renda família, cá entre nós, é espetacular; a presença do Lula em nível internacional é espetacular. O Brasil

é diferente no cenário mundial. Por que a economia mudou? Sim. Por que somos melhores? Sim. Mas por que temos um Presidente que leva isso. O Lula tem a seu favor uma biografia espetacular: foi operário, não tem o ginásio, não tem um dedo na mão por causa de acidente de trabalho, foi um migrante que veio da miséria, vitorioso, chegou a São Paulo, foi lançado naquela barbaridade de uma cidade violenta e má. É um herói. Fez um partido, o Partido dos Trabalhadores, único no mundo pelos trabalhadores, e elege-se Presidente da República. Ele fala bem... Cá entre nós, está falando bem. Eu o tenho visto falar e vejo que ele está falando muito bem. Mas que coisa aconteceu com o Lula? Por que deixou de lado a questão da ética, da seriedade, da dignidade e da honradez? Ele nem mantém as aparências. Nem as aparências ele mantém.

Eu poderia falar do Presidente do Banco Central.

O Procurador-Geral da República denunciou o Presidente do Banco Central por corrupção, por formação de quadrilha. O Supremo Tribunal aceitou. Agora, vão me responder. O Líder do Governo, Romero Jucá, com a autoridade de Líder do Governo Fernando Henrique e de Líder do Lula, conhece tudo e pode dizer. A situação não existe mais. Foi arquivada. Foi arquivada, mas por que foi arquivada? Porque o Procurador-Geral da República pediu ao Supremo que abrisse as contas do Presidente do Banco Central, para ele mostrar as coisas que tinha, e o Supremo não as abriu. Então, prescreveu. O Procurador disse com todas as letras: “Concordo com o arquivamento, porque o Supremo não atendeu o nosso pedido de olhar as contas dele, onde nós verificaríamos os fatos que temos certeza são verdadeiros. Mas como não abriu, não tenho o que fazer. Concordo com o arquivamento”.

Imagine a figura mais importante, o nervo nevrálgico de todo um sistema, que é o Presidente do Banco Central... O Lula deu a ele o título de Ministro – no mundo inteiro só há um País em que o Presidente do Banco Central é Ministro, Ministro-Presidente do Banco Central –, para garanti-lo, porque, como Ministro, ele só pode ser julgado perante o Supremo e, como Presidente do Banco Central, ele iria ter várias causas. Então, está resolvido o problema dele.

Aliás, falando em Ministro, tenho vontade de fazer um desafio: que o próprio Lula diga, num programa de televisão, quantos Ministros tem e quais são os nomes dos Ministros, ou um Senador ou um Deputado.

Recebi três cartas, e as achei muito interessantes, no mesmo sentido. Foram três: uma do Rio e duas de São Paulo. Vão mandar para aquele livro dos recordes o fato de o Brasil ter 38 ministérios. Querem saber se há no mundo um país que tenha mais ministros do que o Brasil. Eles acham que é um recorde e que deve estar

registrado: no mês de fevereiro de 2008, o Brasil tinha 38 ministérios. Querem saber se há algum lugar onde haja mais ministérios.

Lula poderia debater. A economia vai bem. É verdade que a gente nunca imaginava que o Governo do Lula, no fundo, estaria – não digo à direita –, mas junto com Fernando Henrique, no centro, até um pouquinho mais para a direita do que Fernando Henrique. Muita gente se assustava com o Governo Lula.

O Collor ganhou a eleição porque disse que, se o Lula ganhasse, iria confiscar o dinheiro, iria fazer não sei mais o quê, não sei mais o quê, e o povo se assustou. Ganhou o Collor e fez exatamente aquilo que disse que Lula ia fazer. O Lula saiu-se muito bem – as pessoas tinham medo de como Lula iria tratar o capital estrangeiro –, até bem demais, na minha opinião.

Essa fusão que está acontecendo aí agora é um assunto sobre o qual diria ao Lula: olha com reserva. Mudar a legislação para permitir a fusão, não entendo, mas, sinceramente, digo ao Lula: veja isso com reserva. Criar um cartel de uma empresa que vai ser dona, no Brasil... Então, ficasse com a estatal. Se tudo isso está sendo no sentido da competição, de debater, de repente, vão unir as duas numa só. Tem até gente dizendo que é porque o filho do Lula está entrando na história – eu não acredito, pelo amor de Deus. Isso é uma imoralidade. Mas esse assunto é muito sério, e está todo o mundo na expectativa sobre qual será a medida do Governo para alterar a legislação, alterar a legislação que proíbe a União de fazer a fusão. Isso, nem o Fernando Henrique fez; isso é um gesto que nem o Fernando Henrique fez.

Mas que o Lula tem coisas boas, tem coisas boas. Por exemplo, a economia vai bem. É verdade, vamos ser sinceros, que hoje, no mundo, tirando os Estados Unidos, a economia vai bem. É um fato inédito o que está acontecendo: os Estados Unidos, com toda a sua potência... Até a Gisele, a nossa modelo lá do Rio Grande do Sul, já não quer receber em dólar e está recebendo em euro.

A verdade é que, com todo o mundo, está acontecendo isso. A China está indo adiante, o Japão, a União Européia. Em minha opinião, o que houve de mais espetacular nos últimos tempos foi a Europa. Uniram-se todos os inimigos, os ódios, as guerras, as maldades. Reuniram-se Alemanha, Itália, Inglaterra, França, Espanha numa grande comunidade para fazer frente aos americanos e o estão fazendo.

A China é uma coisa fantástica, eu não consigo entender como um país que nem aquele, com aquelas coisas... Dez por cento de crescimento ao ano, do PIB; 10%, há dez anos. Estão dizendo que, em dez anos, passa os Estados Unidos.

Então, hoje a crise americana não tem mais a repercussão que tinha até pouco atrás. Até pouco tempo atrás, uma crise americana abalava a Rússia e o México, vários países. Hoje, não. A economia está indo bem e em nível internacional. E o Governo está avançando bem. O Governo está avançando bem.

O Governo bota para fora as coisas positivas e não, as coisas negativas.

O Fernando Henrique fez coisas boas. O Plano Real não é dele, como ele está dizendo; é do Itamar. Mas, justiça seja feita, ele o consolidou, ele o firmou, ele teve grande importância e grande significado. Levou adiante o programa.

Nunca me esqueço de que, quando se lançou o real, um dólar valia R\$0,89. Durante algum tempo, o real foi mais forte do que o dólar. Tantos anos depois, hoje US\$1 custa R\$1,7.

Quanto à CPI, em primeiro lugar, repito: deve ser Presidente e Relator um do Governo e outro da Oposição. Faço um apelo aos Srs. Senadores e aos Srs. Deputados: escolham gente buscando a competência, a capacidade e, diria mais, a impessoalidade ao buscar a verdade.

Foi dito aqui – isso é verdade – que tivemos comissões em que se escolheu membro pensando que seria chapa branca, e o resultado foi bem diferente. Isto aconteceu aqui: Relator do PT, Presidente do PMDB, e as respostas foram as mais responsáveis.

Mas, no caso do apagão aéreo, criaram uma Comissão na Câmara e outra no Senado. A daqui, para não fazer nada; a de lá, não sei o quê. E não deu em nada.

Que essa Comissão seja escolhida e que os Líderes tenham a capacidade de escolher pessoas responsáveis. Falando isso, já digo que não pretendo. Em primeiro lugar, não vão me colocar. Desde que o PMDB assumiu essa linha, sou pessoa descartável nas comissões. E também não quero. Estou falando isso, mas há muita gente altamente responsável.

Em segundo lugar, que se faça o que o Senador Cristovam Buarque propôs. Vamos fazer uma reunião e decidir. Na segunda e na terça-feira, é a CPI; e, nos outros dias, o generalizado. Ou, então, das 18h às 20h é a CPI e, das 14h às 18h é o assunto generalizado. Isso não está no Regimento, mas é só um entendimento. Se os Líderes e o Presidente concordarem, está resolvido.

Acho que isso é muito importante, para não vivermos aqui um início de ano dramático, em que iremos nos perder, e não vai dar em nada. Não podemos dizer “que não se fale em CPI, porque vai atrapalhar”. Não. Temos que fazer a CPI, aconteça o que acontecer. Mas podemos fazer com que a CPI não atrapalhe.

A informação que tenho é de que, no dia 21, o Presidente Lula entrega, no Congresso, a reforma tributária. Penso que devemos conversar – se não me engano, o Senador Garibaldi Alves Filho falou disso ontem – para que os Deputados já participem, lá na Câmara, do movimento que vai haver lá, para não ficarmos aqui, de lado, sem nada. Podemos ver se as coisas que pensamos já podem ser adotadas na Câmara, para, quando vier para cá, termos condições de levar adiante. E vamos ver se conseguimos fazer a reforma tributária, que é importante, a reforma política, que é absolutamente fundamental, e alguma coisa da reforma ética. Não sei se V. Ex<sup>a</sup> vai falar. Deixa para falar depois de mim ou quer um aparte?

**O Sr. Cristovam Buarque (PDT – DF)** – As duas coisas. Eu vou fazer um aparte e depois falarei, porque não quero perder a chance.

**O SR. PEDRO SIMON (PMDB – RS)** – Pois não.

**O Sr. Cristovam Buarque (PDT – DF)** – O senhor falou que hoje a disputa que nós temos neste País entre PSDB e PT é para saber qual é o menos ruim. O pior é que a verdade é esta: disputa-se o grau ou de incompetência ou de corrupção, mas acho que isso tem uma razão, Senador – e é o que vou querer falar depois: falta espírito público, e não só nesses dois partidos. Está faltando espírito público no conjunto da vida nacional, e não só nos políticos. Está faltando espírito público nas instituições em geral, nas corporações, até em cada um de nós. Perdemos o sentimento de que existe algo além de cada um de nós, da família e da corporação. Sobre as Comissões Parlamentares de Inquérito, que são necessárias e atrapalham – que eu estava dizendo que a gente deveria separar –, estou pensando em propor algo mais radical: criar-se uma comissão permanente de inquérito. Não há a Comissão de Educação, a de Saúde, a de Assuntos Sociais, a de Finanças, a de Infra-estrutura? Ter uma comissão parlamentar permanente de inquérito que se reúna permanentemente, até porque se especializaria em receber todas as denúncias, que são diárias, sem atrapalhar o resto do Congresso e sem essa briga sobre quem vai ser Presidente ou não. Ela fica dois anos no Senado, dedicada a levar adiante todos esses inquéritos. Sobre a reunião de ontem, a respeito do Rio São Francisco, eu também vou tocar no assunto. Foi uma bela sessão, mas eu não ouvi a palavra Brasil. Nós vimos pessoas a favor ou contra a transposição, mas não ouvimos gente discutindo: como a gente usa da melhor maneira possível o Rio São Francisco para servir ao Brasil inteiro? Não se discutiu isso. E o caminho teria que ser compartilhar a água, mas sem acabar com ela; o compartilhamento revitalizado ou



a revitalização compartilhada do São Francisco. Nós não discutimos. Cada um chega aqui com uma posição específica sobre o tema e não procurando saber como servir melhor ao País. Mesmo quando falamos em quatorze milhões de beneficiados, supondo que sejam os quatorze milhões do Nordeste, porque há dúvidas sobre se esse número vai se verificar, isso é menos de 10% do conjunto nacional. Temos que fazer algo que beneficie aqueles quatorze milhões que estão sem água, que é o recurso mais fundamental, mas sem prejudicar as futuras gerações e o Brasil inteiro, o que vai acontecer se o rio minguar, se continuar moribundo como está. Então, Senador, o que vejo no íntimo do seu discurso é uma indignação com a falta de espírito público que prevalece hoje na vida nacional.

**O SR. PEDRO SIMON (PMDB – RS)** – Agradeço muito o aparte de V. Ex<sup>a</sup>. E, como V. Ex<sup>a</sup> tocou na questão do São Francisco, eu digo o que eu penso. Eu vi – e V. Ex<sup>a</sup> deve conhecer melhor do que eu – o que foi a transposição do Rio Colorado para a Califórnia.

A Califórnia era um imenso deserto e os americanos fizeram um ato fantástico na época, lançando o Colorado na Califórnia. E hoje a Califórnia é o centro de produção primária dos Estados Unidos.

Perguntei ao Ciro, e é uma coisa que estou falando, se há possibilidade de o Rio Tocantins ser lançado no Rio São Francisco. Ele disse que tecnicamente é viável. É um assunto que quero levar adiante e quero mais detalhes.

Se isso acontecesse, se houvesse possibilidade de o Tocantins ser lançado no São Francisco, aí sim, haveria muita água para realmente fazer no Nordeste o que os americanos fizeram na Califórnia. Eu não sei, mas estranho que este assunto não esteja sendo discutido. Pelo menos disse o Ciro para mim ontem que era viável e que isso, inclusive, estava previsto para o ano 2030 ou coisa que o valha. Inclusive há a perspectiva de que realmente a transposição do São Francisco... À medida que aumentasse a busca de água e a necessidade, essa transposição do Tocantins para o São Francisco seria realmente um fato importante. Pense V. Ex<sup>a</sup> o que tem de água o São Francisco e o que poderia acontecer se isso fosse viável. Mas V. Ex<sup>a</sup> tem razão: foi uma questiúncula muito pequena, inclusive dentro do próprio Estado, que nem na Bahia, uns a favor, outros contra, por questões passionais e não por questões técnicas.

Fiquei impressionado com o Ciro, porque ele citou números muito objetivos, ele é competente, mas quero ouvir a resposta ao que ele falou do outro lado. É aquilo que V. Ex<sup>a</sup> diz.

Quando eu fui Ministro da Agricultura, analisei essa questão e verifiquei uma coisa naquela época: a

irrigação artificial no Nordeste era a mais cara do mundo, igual à de Israel e da Alemanha. Era tecnicamente perfeita. E eu vi a irrigação na Índia. A Índia fez uma irrigação fantástica. Lembrem-se de que, há questão de dez, quinze, vinte anos, nos jornais, a gente via, na Índia, em Bombaim... Eu fui a Bombaim e vi – eu vi! Duas vezes, de madrugada, eu fui assistir. Estavam na beira do Bombaim pessoas dormindo ao relento, todo mundo dormindo. Aí vinha um jato d'água, um carro, acordando todo o pessoal. Era uma multidão que ia se banhar no Bombaim, limpar-se no Bombaim. E outras ficavam. Vinha outro jato d'água e ficava. Vinha um carro com uma pá, pegava os corpos dos que morreram e botava na pá. Morreram de fome. Eu vi.

A Índia fez um plano fantástico de irrigação. Eu vi a irrigação da Índia. A irrigação na Índia era feita por gente pobre. Era feita com canais singelos, com barricas e uma mão-de-obra espetacular. Havia muita gente para fazer o trabalho. Então, já começava contratando mão-de-obra das pessoas que trabalhavam. E, em segundo lugar, era a terra para as pessoas cultivarem.

No Brasil é a técnica mais espetacular do mundo. Na Alemanha, nos Estados Unidos e em Israel. A primeira coisa que ela faz: expulsa a mão-de-obra. Ela é... É uma coisa fantástica: aperta e as coisas acontecem. Não precisa de mão-de-obra para fazer aquilo. Isso não dá no Brasil. Tem uma coisa que é positiva: a produção de frutas, é espetacular: deserto está dando frutas. E o fato de elas brotarem duas vezes por ano, inclusive na conta, quando lá na Europa e nos Estados Unidos não existe, e aqui, sim, a venda para Europa é espetacular, mas para gente que tem dinheiro. O pobre não vive.

Eu fiz uma proposta ao Governo Sarney, quando eu era Ministro. Ele tinha proposto irrigar um milhão de hectares. Eu disse: vamos fazer 500 mil como está sendo feito e em 500 mil vamos adotar o modelo da Índia. Não saiu do papel, mas é uma coisa que deve ser feita, que deve ser discutida.

O Deputado Ciro Gomes disse algo que me chamou a atenção e que considero importante: ele, agora, está cobrando a água das grandes empresas, que não pagavam. No tempo que fui Ministro da Agricultura, eu gritei isso. Inclusive a limpeza que tem que ser feita tradicionalmente para manter o sistema, o Governo pagava. O Governo fazia tudo, e as empresas não entravam com um centavo.

Então, quando V. Ex<sup>a</sup> lembra – e é verdade – que não se falou a palavra Brasil... Esse problema de irrigação, metade do Rio Grande do Sul precisa também, porque está virando um novo Nordeste. Não se falou em Brasil.

Mas que bom Sr. Presidente. Hoje, com o brilhante pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup>, do Senador Paulo Paim e o meu, mais ou menos, mais o brilhante discurso que fará o Senador Cristovam Buarque, na primeira sexta-feira, iniciamos o debate sobre o nosso Brasil.

Muito obrigado a V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente, e ao Senado Cristovam.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB - AC) – Eu que agradeço, Senador Simon. E consulto se, inclusive, há a possibilidade de V. Ex<sup>a</sup> assumir a Presidência na fala do Senador Cristovam Buarque, a quem convido desde já para assumir a tribuna.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Bom dia a todos e a todas! Eu creio que falar depois do Senador Pedro Simon tem a vantagem de conseguir uma audiência maior e tem a desvantagem de manter a atenção dos que vão assistir.

Eu quero começar, Sr. Presidente, com uma frase: quando os políticos enriquecem, a política empobrece. Eu quero chamar as pessoas para refletir sobre esta frase: quando os políticos enriquecem, a política empobrece. Houve um tempo, até no passado, em que muitas famílias perderam fortunas investindo na carreira política dos filhos. Hoje a gente tem visto que a carreira política consegue ser uma carreira que permite a algumas pessoas enriquecerem.

Não há como se enriquecer, de fato, com o salário de político, mesmo que sejam altos os nossos salários. Só tem uma maneira, então, de enriquecimento, como vemos em alguns quadros políticos: ou pela corrupção, ou pelo uso do seu tempo para atividades que não sejam a política - aqueles que dedicam tempo de suas atividades para as empresas que têm. E aí a política empobrece, ou seja, a política empobrece ou pelo deslocamento da atividade do político, que deve ser uma atividade permanente, ou a política empobrece porque os políticos usam as influências que têm para aumentar suas fortunas. Quando os políticos enriquecem, a política empobrece. E a política brasileira está pobre! Muito pobre.

Vejam um fato tão importante quanto esse de ontem do debate sobre o rio São Francisco. Falei há pouco, em um aparte ao senhor, que mesmo um debate que foi importante e que estive, de longe, acima da média de todos os últimos debates nossos teve uma pobreza: a pobreza da falta da concepção nacional no debate do que fazer com a água do São Francisco.

Dividimos os que estavam aqui ontem entre os a favor e os contra a transposição. Não colocamos esse pessoal junto para dizer: “Gente, como é que se pode fazer para usar a água do São Francisco em benefício do País inteiro?” Não pensamos isso. Mesmo quando

se defende, em nome do substancial número de 12 milhões de habitantes, de nordestinos pobres e sem água, que, se o projeto der certo, essas pessoas vão receber água, temos de lembrar que mesmo essas representam uma parte do País, e não o País inteiro. Imaginem que de fato a água chegue para elas hoje, amanhã, durante um ano, dois anos ou dez anos, e o rio mingúe, como alguns afirmam que pode acontecer. Foi um projeto para o imediato, então não foi um projeto para o Brasil.

Essa luz aqui só existe graças ao São Francisco. Essa energia vem do São Francisco, pelas diversas represas hidrelétricas que foram feitas e pela integração que permite, quando é preciso, trazer lá da Chesf, de Paulo Afonso, para cá. Mas houve prejuízos também: fez o rio perder parte da navegabilidade que antes tinha, o chamado “rio da integração nacional”, e trouxe escassez de água em alguns pontos.

Foi ruim fazer o sistema hidrelétrico que temos? Não. Mas é preciso a gente tomar cuidado e olhar cada projeto, procurando ver como fazer em benefício do interesse público em geral, de hoje e das próximas gerações, e não apenas pensando se vai beneficiar empreiteiro ou não, como foi o debate ontem, ou se vai ou não deixar 12 milhões de pessoas hoje sem água, lembrando que há muitas alternativas para que essas pessoas tenham água também.

A dúvida de todos os que estão do lado contra a transposição é se essa água de fato chegará aos 12 milhões de pessoas. A verdade é que o projeto ainda hoje é desconhecido e não está sendo apresentado numa perspectiva nacional. É por isso que, no debate, a gente vê a pobreza da política – falo mais uma vez – quando um deputado agride um bispo presente. Porque houve uma agressão do deputado ao exigir que olhasse para ele. Houve uma falta de respeito não apenas a um bispo, mas ao bispo que, já por duas vezes, pôs sua vida em jogo para tentar defender o valor que ele tem, que pode até ser errado para alguns.

Mas, Sr. Presidente, não são essas as únicas decisões que estamos tomando sem fazer a pergunta certa: como usar o recurso a serviço do País inteiro, nas suas gerações atuais e nas gerações futuras?

Projetos que eu defendo também estão sendo feitos de uma maneira parcial. Quanto ao projeto do São Francisco, a idéia certa era a revitalização compartilhada, mas dentro de um só projeto. Hoje, são dois projetos. Fala-se que há revitalização e quer se fazer a transposição. Tinha que ser um só projeto, não dois, e os dois teriam que ser executados, porque a revitalização permite o compartilhamento.

A sua proposta recente de trazer outras bacias para dentro da Bacia do São Francisco, isso se cha-

ma revitalizar, desde que não mingúe de onde a gente está tirando água. E é possível sim. Eu não acredito que seja impossível, que seja destruidor a gente compartilhar água do São Francisco com as regiões lá do Ceará, lá do meu Pernambuco, lá do Piauí. Não acho que seja impossível, mas que seja feito de uma maneira séria, não apressada, não na correria, não de forma que todos não estejam a par do que a gente vai fazer e como vai fazer.

Mas eu vou dar outros exemplo, Sr. Presidente, de bons projetos até, mas que não têm o espírito público completo. O próprio Bolsa-Família, um projeto que beneficia 40 milhões de pessoas, tem que ser respeitado, embora tenha que se dar origem à paternidade. Esse projeto começou aqui no Distrito Federal em 1995, Fernando Henrique Cardoso o levou ao Brasil em 2000, e Lula o ampliou de uma maneira formidável – formidável em todo o sentido positivo dessa palavra. Mas não é um projeto que vise o bem comum total da Nação brasileira, porque falta educação para essas crianças. Enquanto ficarmos com o Bolsa-Família apenas como uma assistência, como é basicamente hoje, nós não estamos atendendo o interesse nacional plenamente.

É certo que hoje já se diz que 90% das crianças das famílias com Bolsa-Família em breve vão ter a frequência às aulas atendida. Mas a frequência não significa necessariamente atendimento, assistência. Assistência não significa permanência. Permanência não significa aprendizado. E aprendizado não significa aprendizado de qualidade. O projeto teria que ser feito casando a renda que a bolsa oferece com a escola que emancipa, e isso não foi feito.

Não foi no interesse do povo brasileiro, não foi no interesse da República, não foi no interesse público tirar a palavra “escola” e colocar “família”. Foi interesse publicitário do Governo, que não queria dar paternidade ao governo anterior.

E o que aconteceu, Presidente Pedro Simon? Quando tinha a palavra “escola” no nome Bolsa-Escola, as mães que iam receber a bolsa pensavam: Eu recebo essa bolsa porque meu filho está na escola. Hoje, quando vai receber o Bolsa-Família, ela pensa: Eu recebo essa bolsa porque eu sou pobre.

Quebramos a construção de um imaginário favorável à educação que se começava a construir nas famílias pobres brasileiras, porque as famílias pobres brasileiras, na servidão de séculos, vêem a educação de qualidade como algo apenas para os ricos. Elas não vêem como um direito intrínseco delas ter uma boa educação, Senador Pedro Simon.

Quando o ônibus pára às sete da noite, cheio de passageiros, e um desses passageiros pobres olha para

o lado esquerdo e vê alguém em um carro, o passageiro do ônibus pensa que queria ter um carro desses. Quando ele olha para a direita e vê a melhor escola da cidade, ele não pensa “eu queria ter meu filho nessa escola”, porque quase não faz parte dos desejos intrínsecos da camada pobre a educação. A bolsa chamada escola estava criando essa consciência.

Falta o espírito público até em um bom projeto como é o Bolsa-Família. Eu defendo as cotas para negros nas universidades, mas falta o espírito público completo porque o verdadeiro espírito público era nem precisar das cotas. Seria uma escola de primeiro e segundo grau com tal qualidade para todos igualmente que a gente não precisava de cota para ninguém e só entrariam os melhores.

Hoje, defendo, sim, porque a gente sabe que entram nas universidades os filhos das classes médias e altas e poucos pobres fazem parte dessas classes. Não conseguimos colocar espírito público em todas as decisões. Eu defendo o ProUni. Claro que o ProUni é um bom projeto. Pagar as famílias pobres para que seus filhos não sejam obrigados a abandonar a educação superior por falta de dinheiro para pagar a mensalidade, mas não é um programa pleno de espírito público. Para ser pleno de espírito público seria preciso que todos pudessem disputar uma vaga no ProUni; e, hoje, só um terço termina o segundo grau, só um terço tem o direito de disputar a vaga na universidade.

Então, só uma parcela pode ir e pedir o ProUni. Todos não podem disputar igualmente. Falta espírito público até em uma coisa que, parece, atinge todo o espírito público nacional. Sabe qual é, Presidente Geraldo Mesquita? A Copa do Mundo. A Copa do Mundo é uma coisa que toca todos os brasileiros. Hoje, como ela está organizada, vai excluir cidades onde deveriam ter jogos. Hoje, há dezoito cidades em condições de sediar a Copa do Mundo. Porém, a Fifa, a CBF e o Governo brasileiro dizem que só serão oito a doze. Ou seja, vamos colocar de lado oito a dez cidades que não poderão sediar jogos. Algumas já sabem que vão ter: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, creio que Brasília. As outras vão disputar, creio que Porto Alegre. Mas Manaus não pode? Florianópolis não pode? Campo Grande não pode? Maceió não pode? Natal não pode? Aracaju não pode? Ou seja, até uma coisa que toca no interesse de toda a sociedade, quando a gente vai olhar, não toca no interesse público completo.

E as CPIs, sobre as quais o Senador Pedro Simon falou? Claro que a CPI é do interesse nacional, do Brasil, tem de apurar tudo. Mas, como está sendo feita, não está servindo ao interesse público. Está ser-

vindo a interesses de partidos de oposição que querem atacar o Governo e aos partidos do Governo quando não conseguem abafar os escândalos.

As CPIs serviriam ao espírito público se elas existissem, porque é fundamental que existam, mas se não atrapalhassem o funcionamento normal do Congresso brasileiro. E a gente sabe que, nestes últimos anos, o Congresso brasileiro tem sido atrapalhado, interrompido em suas funções por uma superdedicação, não chamei de supervalorização. A valorização da CPI tem de ser total, mas a superdedicação não pode existir.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Senador Cristovam, V. Ex<sup>a</sup> me permite interrompê-lo? Peço desculpas e licença, mas é só para prorrogar a sessão por mais 30 minutos.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF) – Trinta minutos serão mais do que suficientes.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Não, desculpe-me. Falei errado. Será apenas às 13 horas e 34 minutos. Desculpe-me, continue seu discurso.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF) – As CPIs hoje, positivas como elas são, deixaram de ser algo intrinsecamente caracterizado com o interesse público nacional, porque está paralisando o Congresso. Senador Pedro Simon.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Infelizmente, V. Ex<sup>a</sup> não esteve aqui há alguns anos. A CPI no Congresso desempenhou um papel muito importante. Em um País como o nosso, Senador, onde não temos a competência, a capacidade de penalizar as pessoas, lança-se uma palavra no ar, ferindo a dignidade de alguém, e ele não tem como se defender, é verdade ou é mentira. Mas a justiça não funciona. Ele vai à justiça, quer provar. Mas tanto um Maluf, há 40 anos, 300 inquéritos, e em nenhum ele foi condenado, em nenhum ele foi absolvido. Dentro desse contexto, a CPI desempenhou um grande papel. Até algum tempo atrás. Olha, uma CPI de *impeachment* foi uma coisa inédita. Afastar um Presidente da República! Em primeiro lugar, mérito ao Collor, que não pressionou. Olha uma coisa fantástica. A Polícia Federal, o Banco Central, o Banco do Brasil, a Fazenda, a Receita, tudo que se pediu veio. É verdade que o Collor nunca imaginou que ia atingi-lo. Nem nós queríamos atingi-lo. Até que apareceu o negócio da Elba e o motorista, e mudou tudo. Mas nós funcionamos, afastamos o Presidente da República. E o Supremo arquivou, não olhou. Faltavam provas, mas não mandou buscá-las. Baixasse uma diligência para pedi-las. Absolvesse ou condenasse. Não. Arquivou. Indicamos um número interminável de Deputados. Fizemos a CPI do Sistema Financeiro, em que o Governador Requião, então

Relator, apresentou vários nomes, e, naquela época – é o que quero dizer a V. Ex<sup>a</sup> –, não havia paixão de Governo e Oposição, envolvendo, inclusive, o querido Governador do seu Estado. Havia os que o definiam, mas havia o sentido de buscar a verdade. Essa paixão que está havendo agora, modéstia à parte, cada partido mandava o que tinha de melhor, de mais capaz, mais competente para as comissões. Agora, não. Agora estão desmoralizando a comissão; as Lideranças não estão tendo a seriedade responsável de buscar a verdade. É por isso que estou fazendo um apelo agora: como os dois lados entraram, vamos buscar a verdade, vamos buscar a melhoria, e não o que tem de sujo de um lado e o que tem de sujo de outro. Mas quero dizer a V. Ex<sup>a</sup> que houve uma época em que a justiça não existia – perdoe-me a sinceridade –, não existia, mas a CPI, sim. Durante os oito anos de Fernando Henrique, o Procurador arquivava tudo. Foi um escândalo: era o “arquivador-geral” da República. Democracia, não tinha ditadura, não tinha violência, mas arquivava; nem pedia diligência, nem denunciava, nem absolvía, arquivava – mentira, estou dizendo bobagem, deixava na gaveta. O atual Procurador é diferente. Se V. Ex<sup>a</sup> olhar neste Brasil, quantos Parlamentares foram condenados pelo Supremo Tribunal, quantos Ministros, quantos empresários, quais são as decisões? A primeira foi agora, a dos 40... O Governo aceitou a denúncia.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF) – Não foram condenados ainda.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – O PSOL está pensando que foi uma maravilha. Foi muito importante. O Supremo aceitou a denúncia, mas ainda vai levar dez anos, não sei quanto tempo vai levar. Mas nós, não. O então Presidente do Senado, o Sr. Antonio Carlos Magalhães, um grande nome, renunciou ao mandato para não ser cassado. Jader Barbalho renunciou ao mandato para não ser cassado. O próprio Renan não foi cassado, mas renunciou ao mandato de Presidente do Senado.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF) – O próprio Antonio Carlos Magalhães.

**O Sr. Pedro Simon** (PMDB – RS) – Quais são as penas que os outros têm feito nesse sentido? O que está havendo agora é a tentativa de desmoralizar a CPI. Isso os Líderes, o Jucá e companhia, o Sr. Sarney, não tinham o direito de fazer. Não tinham o direito de desmoralizar uma CPI, de humilhar, de fazer uma coisa para que a opinião pública não leve mais a sério. Direi uma coisa a V. Ex<sup>a</sup> com muito orgulho: a CPI desempenhou um trabalho fantástico, um grande trabalho. Quando não existia nada, onde ninguém tinha coragem, a CPI fez, mas fez com autoridade, com respeito. No Governo Geisel, o Itamar Franco pediu uma CPI sobre a políti-

ca nuclear, para examinar o acordo entre o Brasil e a Alemanha, e essa CPI funcionou e foi até o fim. V. Ex<sup>a</sup> tem toda razão. Agora, os Presidentes da Câmara e do Senado e os Líderes, ao indicarem os nomes – e falo que não aceito e não quero de jeito nenhum –, devem colocar gente que tenha essa preocupação. E que o Governo e a Oposição não busquem o que há de pior no Fernando Henrique e o que há de pior no Lula, mas busquem o que um tentou fazer, o que o outro tentou fazer e o que podemos fazer daqui em diante.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF) – Agradeço-lhe, Senador.

Quero insistir no fato de que não se trata de considerar que as CPIs estão sendo supervalorizadas. Elas têm de ser supervalorizadas. Elas não podem representar uma superdedicação, uma exclusividade da atividade parlamentar. Hoje, estão tentando desmoralizar a CPI, mas não podemos deixar que a CPI desmoralize o trabalho do Congresso, que é maior do que a CPI.

Por isso, adianto uma proposta, da qual falei no aparte: já que está havendo tantos escândalos, por que não criarmos uma comissão permanente de inquérito, que trabalhe sem atrapalhar a agenda, sem precisar sequer pedir assinaturas? O membro dessa comissão permanente de inquérito, qualquer um, teria direito de pedir e a maioria decidiria.

Parabenizo o Senador Geraldo Mesquita pelo seu projeto, que prevê que o povo possa pedir uma CPI. Agora, já pensou, hoje, o povo pedir uma CPI? A gente vai ter de pegar milhões de assinaturas, cinco milhões, creio. Não é isso?

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Meio por cento dos votantes na última eleição.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF) – Então, pegaríamos essa quantidade, a mandaríamos para a Casa, e a Mesa decidiria. Não. Bastaria mandarmos para essa comissão. Do mesmo jeito que hoje, um projeto de lei, de iniciativa popular, vai para a Comissão de Direitos Humanos e de participação popular. Lá chegando, a gente trabalha. Essa comissão permanente permitiria o funcionamento do Congresso, sem ter de parar em função das CPIs existentes. Se este País, como nós desejamos, entrar em um processo em que não haja nenhuma suspeita, nenhuma denúncia, a comissão ficará em recesso, mas de prontidão, preparada para entrar em ação.

Mas, retomo as idéias da falta do espírito público. Vamos falar com franqueza, correndo todos os riscos necessários. Hoje, falta espírito público na imprensa brasileira. Claro que não é pelo que ela denuncia, é pelo que ela não divulga. Ela tem de denunciar tudo,

não tem de haver censura nenhuma à imprensa. Se alguém cometer crimes de imprensa, que sejam punidos pela Justiça. Agora, você não vê a imprensa trazendo o espírito público necessário para levar adiante o debate. O próprio debate de ontem a respeito do Rio São Francisco, hoje, na mídia, é um debate pobre, relacionado a um conflito que houve ali, lembro-me disso, na hora em que eu estava falando, entre Letícia Sabatella e o Ciro Gomes, sobre as agressões do ex-Ministro Ciro Gomes, que eu acho que tem de ser ditas, mas não se aprofundou o debate. Não se colocou o debate sobre o que fazer com a água do São Francisco para que ela permaneça e para que ela seja compartilhada por todos. Qualquer incidente toma conta da denúncia. E vão falar: “E o Ministério Público, que é uma instituição das mais importantes para a democracia brasileira, senão a mais importante?” As CPIs são fundamentais; o Ministério Público também. Mas, hoje, está-se perdendo muitas vezes. Não se está apurando as coisas todas que deveriam apurar. Eu estou achando positivo, claro, que o Ministério Público esclareça o que aconteceu na minha Universidade de Brasília, com gastos exorbitantes com apartamento funcional. Porque eu creio que gastar esse dinheiro em um apartamento funcional, mesmo legal, mesmo sem roubo, peca na ética das prioridades. Mas vamos fazer justiça: e as oficinas, os escritórios do Ministério Público também não usam bens de luxo?

Será que a gente precisava desses palácios todos para o Ministério Público no Brasil e para o sistema judiciário, para dar credibilidade? Aquilo também é um crime de falta de ética do ponto de vista das prioridades.

Quando um Senador de Brasília foi cassado por causa do TRT de São Paulo, lembro-me que eu disse: “Tem de cassar Senador corrupto. Mas fazer um prédio de R\$200 milhões, com dinheiro público, em um País que não tem água e esgoto, é uma corrupção também”. É a corrupção nas prioridades; a outra é a corrupção no comportamento.

A gente vê que o setor judiciário, o Ministério Público, com todos os seus méritos, não demonstra espírito público na hora de ter austeridade nas suas edificações. Nem falo nos salários. É outra discussão que engloba todos nós, inclusive o Senado e a Câmara. Então, falta espírito público.

Hoje tem um artigo do Frei Betto, que, para mim, é muito importante, no *Correio Braziliense*, sobre a Amazônia, em que ele mostra uma coisa absurda dentro do Governo: a Ministra diz que é preciso parar o desmatamento, e outros Ministros dizem que não há desmatamento, quando, é óbvio, a agricultura vai desmatar. E o Frei Betto diz: “Tudo isso por uma razão:

falta um projeto nacional no Governo atual do Brasil”. E o que é um projeto nacional, senão a encarnação do interesse público, do interesse comum, que, às vezes, até pode vir equivocada, mas tem um rumo, tem um destino, tem um projeto? A gente não está tendo, Senador Geraldo Mesquita Júnior, um projeto. Essa é a razão pela qual inclusive o Senado paralisa-se cada vez que tem um escândalo, cada vez que tem um escândalo, cada vez que um presidente recebe um Elba, como aconteceu com o Collor, ou cada vez que os cartões corporativos alugam carros de luxo, como é o caso de hoje, com dinheiro público. O Elba, se não me engano, até foi com dinheiro privado, mas numa inter-relação incestuosa entre o setor privado e o setor público.

Pois bem: quando é que vamos retomar o sentimento de espírito público no exercício das atividades políticas e das atividades cívicas? Que não é uma questão só do Congresso. O que aconteceu na UnB é uma prova, ali não é Congresso. O que acontece no dia-a-dia na vida de cada um cidadão brasileiro, mais preocupado consigo do que com o projeto nacional, é também falta de espírito público. Esta é uma angústia.

Estava aqui assistindo a fala de um de V. Ex<sup>as</sup>, que me fez lembrar do ex-Senador Saturnino Braga. Por outra razão, não estava nem assistindo nossos discursos, ele fez questão de dizer: “Não sinto saudades desta Casa”. É triste ouvir isso. Um homem com a experiência, a idade, a vida pública de Saturnino dizer: “Não sinto saudades desta Casa”. Não é porque ele não queira servir ao País, é porque ele chegou à conclusão de que aqui ele não estava servindo ao País. E não tem outro lugar para servirmos ao País. Se estivéssemos em guerra, o lugar para servir ao País era o Exército; se estamos em paz, o lugar para servir ao País é o Congresso. Aqui é a tribuna que defende o País. Mas não estamos conseguindo fazer isso. Só por nossa culpa? Não. Até por um certo azar dessa geração que estamos a coincidir, com fenômenos históricos de perda de orientação por causa do fim do socialismo, de novos problemas que a gente não sabe administrar, como proteção do meio ambiente, quando a gente continua querendo é o desenvolvimento. E estas duas coisas se chocam, não vão casar. Não tem jeito de casar plenamente o desenvolvimento econômico, como conhecemos, como minha geração aprendeu. Eu sou um engenheiro e aprendi que o papel da gente era derrubar árvores, porque derrubar árvores significa progresso. Então, somos uma geração emperrada. Independente de diferenças de idade entre nós, esta geração é emperrada, mas o espírito público podia vir.

Não vou continuar falando, mas lembro-me de que tudo isso se passou durante muito tempo no Império em relação à escravidão e, de repente, o espírito público chegou e houve a abolição, e jogaram flores nos Senadores das tribunas. Descobriu-se que fazia parte do espírito público, inclusive sacrificar donos de escravos, sendo desapropriados de uma vez da fortuna que tinham para trazer homens livres para dentro do Território.

Quais são as bandeiras do espírito público brasileiro hoje? Estão faltando. Aí, sim, a responsabilidade é nossa. Não por sermos Senadores, mas por sermos os líderes deste País. Nós somos os líderes deste País. Não só nós, os Deputados também. Fazemos parte daqueles que lideram ou têm a obrigação de liderar ou, então, de criar.

Concluo, Sr. Presidente, dizendo que dá a impressão de pessimismo neste discurso. Mas, ao mesmo tempo, quero dizer que sinto um certo otimismo. Sinto um certo otimismo quando vejo uma escola de samba, no desfile, colocar a educação como a principal bandeira deste País – sinto –, em uma aliança com um grande empresário como é Antônio Ermírio de Moraes. Sinto uma esperança quando vejo nascer um “ismo” por aí, que é o educacionismo; um “ismo” por aí, que é o ecologismo; um “ismo” por aí, que é a democracia, democratismo, que fincou, felizmente, no País.

Nós temos as bases, nós temos as condições. Falo com certa idéia de pessimismo, mas com o sentimento na alma de que, a qualquer momento, nós vamos abrir os jornais e vamos descobrir uma bandeira nova para carregarmos, vamos descobrir um *slogan* novo para carregarmos e dizermos: esse é o interesse nacional, esse é o projeto de interesse público. Vamos fazer as CPIs, mas aqui está o rumo permanente. CPIs são fatos efêmeros para corrigir crimes, mas a virtude teria uma estrada para a gente caminhar com ela.

Eu sinto que isso pode vir, mas isso não virá enquanto tivermos a política como um instrumento de riqueza. E concluo com a frase com que iniciei: quando se fica rico com a política, a política fica pobre. Quando os políticos enriquecem é sinal de que a política empobreceu, e a nossa está muito pobre. Cabe a nós tentarmos resgatar a riqueza da política. Não há jogo mais rico, tendo em vista do seu papel, do que a política. Tinha que ser a atividade máxima de qualquer pessoa. Quando ela não o é, é porque alguma coisa está muito errada nas profundezas da sociedade. E hoje a parte que ficou da política não é a parte rica, é a parte feia, das pequenas jogadas, dos macetes de fazer ou não fazer uma CPI, de esconder ou não esconder um crime, mas a grande arte da política de reorientar o destino de um povo está faltando. Nossa obrigação é ressuscitar essa arte que o Brasil já teve em

alguns momentos. Acredito que a gente vai conseguir isso, talvez levando adiante o que o Senador Pedro Simon propôs aqui: pelo menos, reservar as sextas-feiras para debatermos como fazer com que a pobreza não tome conta da política, como fazer a política se enriquecer em vez de enriquecer os políticos.

Muito obrigado, Sr. Presidente, pelo tempo que me concedeu, mas eu creio que numa sexta-feira a gente possa abusar um pouquinho mais do tempo.

*Durante o discurso do Sr. Cristovam Buarque, o Sr. Geraldo Mesquita Júnior, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Pedro Simon.*

*Durante o discurso do Sr. Cristovam Buarque, o Sr. Pedro Simon, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Geraldo Mesquita Júnior.*

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – O privilégio é nosso em ouvi-lo, Senador Cristovam Buarque.

Sobre a mesa, pareceres que passo a ler.

São lidos os seguintes:

#### **PARECER Nº 67, DE 2008**

**Da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 263, de 2007 (nº 1.506/2004, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação dos Meditantes de Guritiba para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Mulungu, Estado do Ceará.**

Relatora: Senadora **Rosalba Ciarlini**

#### **I – Relatório**

Chega a esta Comissão, para exame em caráter terminativo, o Projeto de Decreto Legislativo (PDS) nº 263, de 2007 (nº 1.506, de 2004, na Câmara dos Deputados), destinado a aprovar o ato que outorga autorização à *Associação dos Meditantes de Guritiba* para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Mulungu, Estado do Ceará. O ato foi submetido à apreciação do Congresso Nacional por meio de mensagem presidencial, nos termos do art. 49, XII, combinado com o art. 223, § 3º, ambos da Constituição Federal.

A exposição de motivos do Ministro das Comunicações ao Presidente da República, documento que integra os autos, informa que a presente solicitação foi instruída em conformidade com a legislação aplicável, o que levou ao seu deferimento.

O referido projeto foi aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, que seguiu o parecer favorável de seu relator. Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania daquela Casa, o projeto foi considerado jurídico, constitucional e vazado em boa técnica legislativa.

#### **II – Análise**

Conforme determina o Regimento Interno do Senado Federal, nos termos do seu art. 104-C, VII, cumpre à Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática opinar acerca de proposições que versem sobre comunicação, imprensa, radiodifusão, televisão, outorga e renovação de concessão, permissão e autorização para serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, incumbindo-lhe pronunciar-se também sobre a constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa dessas proposições.

O serviço de radiodifusão comunitária encontra disciplina específica na Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, regulamentada pelo Decreto nº 2.615, de 3 de junho de 1998.

A proposição oriunda da Câmara dos Deputados, destinada a aprovar o ato do Poder Executivo sob exame, atende aos requisitos constitucionais formais relativos à competência legislativa da União e às atribuições do Congresso Nacional, nos termos dos arts. 49, XII, e 223 da Constituição. Constata-se que o referido projeto não contraria preceitos ou princípios da Lei Maior, nada havendo, pois, a objetar no tocante à sua constitucionalidade material. Sob o aspecto de técnica legislativa, observa-se que o projeto está em perfeita consonância com o disposto na Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998.

O exame da documentação que acompanha o PDS nº 263, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Lei nº 9.612, de 1998.

#### **III – Voto**

Tendo em vista que o exame da documentação que acompanha o PDS nº 263, de 2007, não evidenciou violação da legislação pertinente, e não havendo reparos quanto aos aspectos de constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa, opinamos pela aprovação do ato que autoriza a *Associação dos Meditantes de Guritiba* a executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Mulungu, Estado do Ceará, na forma do projeto de decreto legislativo originário da Câmara dos Deputados.

Sala da Comissão, 13 de fevereiro de 2008.

## COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

ASSINAM O PARECER AO PDS Nº 263/07 NA REUNIÃO DE 13/02/08  
OS SENHORES SENADORES:

<b>PRESIDENTE:</b> <i>(Senador Wellington Salgado de Oliveira)</i>	
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
MARCELO CRIVELLA	1. EXPEDITO JÚNIOR
AUGUSTO BOTELHO	2. FLÁVIO ARNS
RENATO CASAGRANDE	3. JOÃO RIBEIRO
SÉRGIO ZAMBIASI	4. FRANCISCO DORNELLES
IDELI SALVATTI	5. FÁTIMA CLEIDE
<b>PMDB</b>	
VALDIR RAUPP	1. ROMERO JUCÁ
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	2. VAGO
GILVAM BORGES	3. MÃO SANTA
VALTER PEREIRA	4. LEOMAR QUINTANILHA
<b>BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)</b>	
DEMÓSTENES TORRES	1. ELISEU RESENDE
ROMEU TUMA	2. HERÁCLITO FORTES
MARIA DO CARMO ALVES	3. MARCO MACIEL
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	4. ROSALBA CIARLINI RELATORA
JOÃO TENÓRIO	5. FLEXA RIBEIRO
EDUARDO AZEREDO	6. MARCONI PERILLO
CÍCERO LUCENA	7. PAPALÉO PAES
<b>PDT</b>	
CRISTOVAM BUARQUE	1- VAGO



COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL PDS 263107

TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
MARCELO CRIVELLA	X				EXPEDITO JÚNIOR	X			
AUGUSTO BÓTELHO					FLÁVIO ARNS	X			
RENATO CASAGRANDE	X				JOÃO RIBEIRO				
SERGIO ZAMBIASI	X				FRANCISCO DORNELLES				
IDEELI SALVATTI					FÁTIMA CLEIDE				
TITULARES - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
VALDIR RAUPP					ROMERO JUCA				
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA					VAGO				
GILVAM BORGES					MÃO SANTA				
VALTER PEREIRA					LEOMAR QUINTANILHA				
TITULARES - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
DEMÓSTENES TORRES					ELISEU RESENDE				
ROMEU JUMA	X				HERACLITO FORTES				
MARÇA DO CARMO ALVES					MARCO MACIEL	X			
ANTÔNIO CARLOS JÚNIOR					ROSALBA CIARLINI	X			
JOÃO TENÓRIO					FLEXA RIBEIRO	X			
EDUARDO AZEREDO	X				MARCONI PERILLO				
CÍCERO LUCENA	X				PAPALÉO PAES				
TITULAR - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
CRISTOVAM BUARQUE	X				(VAGO)				

TOTAL: 13 SIM: 12 NÃO: 1 ABS: 0 AUTOR: 0 PRESIDENTE: 01

SALA DAS REUNIÕES, EM 13/02/2008

SENADOR WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA  
 Presidente da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação,  
 Comunicação e Informática

*LEGISLAÇÃO CITADA*  
ANEXADA PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA

CONSTITUIÇÃO DA  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Seção II  
**Das Atribuições do Congresso Nacional**

Art. 49. É da competência exclusiva do Congresso Nacional:

XII – apreciar os atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e televisão;

CAPÍTULO V  
**Da Comunicação Social**

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64, § 2º e § 4º, a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

LEI Nº 9.612, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998

**Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências.**

DECRETO Nº 2.615, DE 3 DE JUNHO DE 1998

**Aprova o Regulamento do Serviço de Radiodifusão Comunitária.**

LEI COMPLEMENTAR Nº 95,  
DE 26 DE FEVEREIRO DE 1998

**Dispõe sobre a elaboração, a redação, a alteração e a consolidação das leis, conforme determina o parágrafo único do art. 59 da Constituição Federal, e estabelece normas para a consolidação dos atos normativos que menciona.**

**PARECER Nº 68, DE 2008**

**Da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 336, de 2007 (nº 164/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a permissão outorgada à Rádio Belo Horizonte Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais.**

Relator: Senador **Eliseu Resende**

Relator **ad hoc**: Senador **Eduardo Azeredo**

**I – Relatório**

Chega a esta Comissão, para apreciação em caráter terminativo, o Projeto de Decreto Legislativo (PDS) nº 336, de 2007 (nº 164, de 2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a permissão outorgada à Rádio Belo Horizonte Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Belo Horizon-

te, Estado de Minas Gerais. O ato foi submetido à apreciação do Congresso Nacional por meio de mensagem presidencial, nos termos do art. 49, XII, combinado com o art. 223, § 3º, ambos da Constituição Federal.

A exposição de motivos do Ministro das Comunicações ao Presidente da República, documento que integra os autos, informa que a presente solicitação foi instruída em conformidade com a legislação aplicável, o que levou ao seu deferimento.

O referido projeto foi aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, que seguiu o parecer favorável de seu relator. Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania daquela Casa, o projeto foi considerado jurídico, constitucional e vazado em boa técnica legislativa.

## II – Análise

Conforme determina o Regimento Interno do Senado Federal, nos termos do seu art. 104-C, VII, cumpre à Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática opinar acerca de proposições que versem sobre comunicação, imprensa, radiodifusão, televisão, outorga e renovação de concessão, permissão e autorização para serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, incumbindo-lhe pronunciar-se também sobre a constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa dessas proposições.

O processo de exame e apreciação dos atos do Poder Executivo que outorgam ou renovam concessão, permissão ou autorização para que se executem serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, nos termos do art. 223 da Constituição Federal, orienta-se, nesta Casa do Legislativo, pelas formalidades e pelos critérios estabelecidos na Resolução nº 39, de 1992, do Senado Federal. Essa norma interna relaciona os elementos a serem informados pela entidade preten-

dente e pelo Ministério das Comunicações que devem instruir o processo submetido à análise da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática.

O exame da documentação que acompanha o PDS nº 336, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Resolução nº 39, de 1992, do Senado Federal.

A matéria é de competência exclusiva do Congresso Nacional, sendo o projeto de decreto legislativo o instrumento adequado, conforme preceitua o art. 213, II, do Regimento Interno do Senado Federal.

A proposição oriunda da Câmara dos Deputados, destinada a aprovar o ato do Poder Executivo sob exame, atende aos requisitos constitucionais formais relativos à competência legislativa da União e às atribuições do Congresso Nacional, nos termos dos arts. 49, XII, e 223 da Constituição. Constatou-se que o referido projeto não contraria preceitos ou princípios da Lei Maior, nada havendo, pois, a objetar no tocante à sua constitucionalidade material.

## III – Voto

Tendo em vista que o exame da documentação que acompanha o PDS nº 336, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Resolução nº 39, de 1992, do Senado Federal, e não havendo reparos quanto aos aspectos de constitucionalidade, juridicidade e de técnica legislativa, opinamos pela aprovação do ato que renova a permissão outorgada à Rádio Belo Horizonte Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, na forma do projeto de decreto legislativo originário da Câmara dos Deputados.

Sala da Comissão, 13 de fevereiro de 2008.

## COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

ASSINAM O PARECER AO PDS Nº 336/07 NA REUNIÃO DE 13/02/08  
OS SENHORES SENADORES:

<b>PRESIDENTE:</b> <i>(Senador Wellington Salgado de Oliveira)</i>	
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
MARCELO CRWELLA	1. EXPEDITO JÚNIOR
AUGUSTO BOTELHO	2. FLÁVIO ARNS
RENATO CASAGRANDE	3. JOÃO RIBEIRO
SÉRGIO ZAMBIASI	4. FRANCISCO DORNELLES
IDELI SALVATTI	5. FÁTIMA CLEIDE
<b>PMDB</b>	
VALDIR RAUPP	1. ROMERO JUCÁ
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	2. VAGO
GILVAM BORGES	3. MÃO SANTA
VALTER PEREIRA	4. LEOMAR QUINTANILHA
<b>BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)</b>	
DEMÓSTENES TORRES	1. ELISEU RESENDE RELATOR
ROMEU TUMA	2. HERÁCLITO FORTES
MARIA DO CARMO ALVES	3. MARCO MACIEL
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	4. ROSALBA CIARLINI
JOÃO TENÓRIO	5. FLEXA RIBEIRO
EDUARDO AZEREDO P.D. HOC	6. MARCONI PERILLO
CÍCERO LUCENA	7. PAPALÉO PAES
<b>PDT</b>	
CRISTOVAM BUARQUE	1- VAGO

COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL PDS 336 107

TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
MARCELO CRIVELLA	EXPEDITO JUNIOR	X				X			
AUGUSTO BOTELHO	FLAVIO ARNS					X			
RENATO CASAGRANDE	JOÃO RIBEIRO	X							
SERGIO ZAMBIASI	FRANCISCO DORNELLES	X							
IDELI SALVATTI	FÁTIMA CLEIDE								
TITULARES - PMDB	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
VALDIR RAUPP	ROMERO JUCA								
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	VAGO								
GILVAM BORGES	MÃO SANTA								
VALTER PEREIRA	LEOMAR QUINTANILHA								
TITULARES - BLOCO DA MINORIA (DEME PSDB)	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (DEME PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
DEMÓSTENES TORRES	ELISEU RESENDE								
ROMEU TUMA	HERÁCLITO FORTES	X							
MARIA DO CARMO ALVES	MARCO MACIEL					X			
ANTONIO CARLOS JUNIOR	ROSALBA CIARLINI					X			
JOÃO TENÓRIO	FLEXA RIBEIRO					X			
EDUARDO AZEREDO	MARCONI PERILLO	X							
CÍCERO LUCENA	PAPALÉO PAES	X							
TITULAR - PDT	SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
CRISTOVAM BUARQUE	(VAGO)	X							

TOTAL: 13 SIM: 12 NÃO: 1 ABS: 0 AUTOR: 0 PRESIDENTE: 01

SALA DAS REUNIÕES, EM 13 / 02 / 2008

SENADOR WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA  
 Presidente da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação,  
 Comunicação e Informática

*LEGISLAÇÃO CITADA*  
ANEXADA PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA

CONSTITUIÇÃO DA  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Seção II

**Das Atribuições do Congresso Nacional**

Art. 49. E da competência exclusiva do Congresso Nacional:

XII – apreciar os atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e televisão;

CAPÍTULO V  
**Da Comunicação Social**

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64, § 2º e § 4º, a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

**PARECER Nº 69, DE 2008**

**Da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 360, de 2007 (nº 208/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Radiodifusão de Tejiptó para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Recife, Estado de Pernambuco.**

Relator: Senador **Marco Maciel**

**I – Relatório**

Chega a esta Comissão, para exame em caráter terminativo, o Projeto de Decreto Legislativo (PDS) nº 360, de 2007 (nº 208, de 2007, na Câmara dos Deputados), destinado a aprovar o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Radiodifusão de Tejiptó para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Recife, Estado de Pernambuco. O ato foi submetido à apreciação do Congresso Nacional por meio de mensagem presidencial, nos termos do art. 49, XII, combinado com o art. 223, § 3º, ambos da Constituição Federal.

A exposição de motivos do Ministro das Comunicações ao Presidente da República, documento que integra os autos, informa que a presente solicitação foi instruída em conformidade com a legislação aplicável, o que levou ao seu deferimento.

O referido projeto foi aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, que seguiu o parecer favorável de seu relator. Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania daquela Casa, o projeto foi considerado jurídico, constitucional e vazado em boa técnica legislativa.

**II – Análise**

Conforme determina o Regimento Interno do Senado Federal, nos termos do seu art. 104-C, VII, cumpre à Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática opinar acerca de proposições que versem sobre comunicação, imprensa, radiodifusão, televisão, outorga e renovação de concessão, permissão e autorização para serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, incumbindo-lhe pronunciar-se também sobre a constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa dessas proposições.

O serviço de radiodifusão comunitária encontra disciplina específica na Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, regulamentada pelo Decreto nº 2.615, de 3 de junho de 1998.

A proposição oriunda da Câmara dos Deputados, destinada a aprovar o ato do Poder Executivo sob exame, atende aos requisitos constitucionais formais relativos à competência legislativa da União e às atribuições do Congresso Nacional, nos termos dos arts. 49, XII, e 223 da Constituição. Constata-se que o referido projeto não contraria preceitos ou princípios da Lei Maior, nada havendo, pois, a objetar no tocante à sua constitucionalidade material. Sob o aspecto de técnica legislativa, observa-se que o projeto está em perfeita consonância com o disposto na Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998.

O exame da documentação que acompanha o PDS nº 360, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Lei nº 9.612, de 1998.

**III – Voto**

Tendo em vista que o exame da documentação que acompanha o PDS nº 380, de 2007, não evidenciou violação da legislação pertinente, e não havendo

reparos quanto aos aspectos de constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa, opinamos pela aprovação do ato que autoriza a Associação Comunitária de Radiodifusão de Tejipió a executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Recife, Estado de Pernambuco, na forma do projeto de decreto legislativo originário da Câmara dos Deputados.

Sala da Comissão, 13 de fevereiro de 2008.

**COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA**

**ASSINAM O PARECER AO PDS Nº 360/07 NA REUNIÃO DE 13 102 108 OS SENHORES SENADORES:**

<b>PRESIDENTE:</b>		<i>(Senador Wellington Salgado de Oliveira)</i>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>		
MARCELO CRIVELLA	1. EXPEDITO JÚNIOR	<i>[Handwritten signature]</i>
AUGUSTO BOTELHO	2. FLÁVIO ARNS	<i>[Handwritten signature]</i>
RENATO CASAGRANDE	3. JOÃO RIBEIRO	<i>[Handwritten signature]</i>
SÉRGIO ZAMBIASI	4. FRANCISCO DORNELLES	<i>[Handwritten signature]</i>
IDELI SALVATTI	5. FÁTIMA CLEIDE	
<b>PMDB</b>		
VALDIR RAUPP	1. ROMERO JUCÁ	
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	2. VAGO	
GILVAM BORGES	3. MÃO SANTA	
VALTER PEREIRA	4. LEOMAR QUINTANILHA	
<b>BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)</b>		
DEMÓSTENES TORRES	1. ELISEU RESENDE	
ROMEU TUMA	2. HERÁCLITO FORTES	
MARIA DO CARMO ALVES	3. MARCO MACIEL	<i>[Handwritten signature]</i>
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	RELATOR	
JOÃO TENÓRIO	4. ROSALBA CIARLINI	<i>[Handwritten signature]</i>
EDUARDO AZEREDO	5. FLEXA RIBEIRO	<i>[Handwritten signature]</i>
CÍCERO LUCENA	6. MARCONI PERILLO	<i>[Handwritten signature]</i>
	7. PAPALÉO PAES	
<b>PDT</b>		
CRISTOVAM BUARQUE	1- VAGO	<i>[Handwritten signature]</i>

## COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

## LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL PDS 360 / 2007

TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
MARCELO CRIVELLA	X				EXPEDITO JUNIOR	X			
AUGUSTO BOTELHO					FLÁVIO ARNS	X			
RENATO CASAGRANDE	X				JOÃO RIBEIRO				
SÉRGIO ZAMBIASI	X				FRANCISCO DORNELLES				
IDELI SALVATTI					FÁTIMA CLEIDE				
TITULARES - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
VALDIR RAUPP					ROMERO JUCA				
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA					VAGO				
GILVAM BORGES					MÃO SANTA				
VALTER PEREIRA					LEOMAR QUINTANILHA				
TITULARES - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
DEMÓSTENES TORRES					ELISEU RESENDE				
ROMEU TUMA	X				HERÁCLITO FORTES				
MARIA DO CARMO ALVES					MARCO MACIEL	X			
ANTÔNIO CARLOS JÚNIOR					ROSALBA CIARLINI	X			
JOÃO TENÓRIO					FLEXA RIBEIRO	X			
EDUARDO AZEREDO	X				MARCONI PERILLO				
CÍCERO LUCENA	X				PAPALÉO PAES				
TITULAR - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
CRISTOVAM BUARQUE	X				(VAGO)				

TOTAL: 13 SIM: 12 NÃO: - ABS: - AUTOR: - PRESIDENTE: 01

SALA DAS REUNIÕES, EM 13 / 02 / 2008

SENADOR WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA  
Presidente da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação,  
Comunicação e Informática



*LEGISLAÇÃO CITADA*  
ANEXADA PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA

CONSTITUIÇÃO DA  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Seção II  
**Das Atribuições do Congresso Nacional**

Art. 49. É da competência exclusiva do Congresso Nacional:

XII – apreciar os atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e televisão;

CAPÍTULO V  
**Da Comunicação Social**

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64, § 2º e § 4º, a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

LEI Nº 9.612, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998

**Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências.**

DECRETO Nº 2.615, DE 3 DE JUNHO DE 1998

**Aprova o Regulamento do Serviço de Radiodifusão Comunitária.**

LEI COMPLEMENTAR Nº 95,  
DE 26 DE FEVEREIRO DE 1998

**Dispõe sobre a elaboração, a redação, a alteração e a consolidação das leis, conforme determina o parágrafo único do art. 59 da Constituição Federal, e estabelece normas para a consolidação dos atos normativos que menciona.**

**PARECER Nº 70, DE 2008**

**Da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 369, de 2007 (nº 253/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Desenvolvimento Social, Cultural e Artístico de Nova Santa Bárbara para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Nova Santa Bárbara, Estado do Paraná.**

Relator: Senador **Flávio Arns**

**I – Relatório**

Chega a esta Comissão, para exame em caráter terminativo, o Projeto de Decreto Legislativo (PDS) nº 369, de 2007 (nº 253, de 2007, na Câmara dos Deputados), destinado a aprovar o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Desenvolvimento Social, Cultural e Artístico de Nova Santa Bárbara para executar serviço de radiodifusão comunitária na

cidade de Nova Santa Bárbara, Estado do Paraná. O ato foi submetido à apreciação do Congresso Nacional por meio de mensagem presidencial, nos termos do art. 49, XII, combinado com o art. 223, § 3º, ambos da Constituição Federal.

A exposição de motivos do Ministro das Comunicações ao Presidente da República, documento que integra os autos, informa que a presente solicitação foi instruída em conformidade com a legislação aplicável, o que levou ao seu deferimento.

O referido projeto foi aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, que seguiu o parecer favorável de seu relator. Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania daquela Casa, o projeto foi considerado jurídico, constitucional e vazado em boa técnica legislativa.

## II – Análise

Conforme determina o Regimento Interno do Senado Federal, nos termos do seu art. 104-C, VII, cumpre à Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática opinar acerca de proposições que versem sobre comunicação, imprensa, radiodifusão, televisão, outorga e renovação de concessão, permissão e autorização para serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, incumbindo-lhe pronunciar-se também sobre a constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa dessas proposições.

O serviço de radiodifusão comunitária encontra disciplina específica na Lei nº 9.612, de 19 de feverei-

ro de 1998, regulamentada pelo Decreto nº 2.615, de 3 de junho de 1998.

A proposição oriunda da Câmara dos Deputados, destinada a aprovar o ato do Poder Executivo sob exame, atende aos requisitos constitucionais formais relativos à competência legislativa da União e às atribuições do Congresso Nacional, nos termos dos arts. 49, XII, e 223 da Constituição. Constatase que o referido projeto não contraria preceitos ou princípios da Lei Maior, nada havendo, pois, a objetar no tocante à sua constitucionalidade material. Sob o aspecto de técnica legislativa, observa-se que o projeto está em perfeita consonância com o disposto na Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998.

O exame da documentação que acompanha o PDS nº 369, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Lei nº 9.612, de 1998.

## III – Voto

Tendo em vista que o exame da documentação que acompanha o PDS nº 369, de 2007, não evidenciou violação da legislação pertinente, e não havendo reparos quanto aos aspectos de constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa, opinamos pela aprovação do ato que autoriza a Associação Comunitária de Desenvolvimento Social, Cultural e Artístico de Nova Santa Bárbara a executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Nova Santa Bárbara, Estado do Paraná, na forma do projeto de decreto legislativo originário da Câmara dos Deputados.

Sala da Comissão, 13 de fevereiro de 2008.

**COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO,  
COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA**

**ASSINAM O PARECER AO PDS Nº 369/07 NA REUNIÃO DE 13 10/21/08  
OS SENHORES SENADORES:**

<b>PRESIDENTE:</b> <i>Dr. Wellington Salgado de Oliveira,</i>	
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
MARCELO CRIVELLA	1. EXPEDITO JÚNIOR
AUGUSTO BOTELHO	2. FLÁVIO ARNS RELATOR
RENATO CASAGRANDE	3. JOÃO RIBEIRO
SÉRGIO ZAMBIASI	4. FRANCISCO DORNELLES
IDELI SALVATTI	5. FÁTIMA CLEIDE
<b>PMDB</b>	
VALDIR RAUPP	1. ROMERO JUCÁ
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	2. VAGO
GILVAM BORGES	3. MÃO SANTA
VALTER PEREIRA	4. LEOMAR QUINTANILHA
<b>BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)</b>	
DEMÓSTENES TORRES	1. ELISEU RESENDE
ROMEU TUMA	2. HERÁCLITO FORTES
MARIA DO CARMO ALVES	3. MARCO MACIEL
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	4. ROSALBA CIARLINI
JOÃO TENÓRIO	5. FLEXA RIBEIRO
EDUARDO AZEREDO	6. MARCONI PERILLO
CÍCERO LUCENA	7. PAPALÉO PAES
<b>PDT</b>	
CRISTOVAM BUARQUE	1-VAGO

## COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

## LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL PDS 369 / 07

TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
MARCELO CRIVELLA	<input checked="" type="checkbox"/>				EXPEDITO JUNIOR	<input checked="" type="checkbox"/>			
AUGUSTO BOTELHO					FLAVIO ARNS	<input checked="" type="checkbox"/>			
RENATO CASAGRANDE	<input checked="" type="checkbox"/>				JOÃO RIBEIRO				
SERGIO ZAMBIASI	<input checked="" type="checkbox"/>				FRANCISCO DORNELLES				
IDELI SALVATI					FATIMA CLEIDE				
TITULARES - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
VALDIR RAUPP					ROMERO JUCA				
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA					VAGO				
GILVAM BORGES					MÃO SANTA				
VALTER PEREIRA					LEOMAR QUINTANILHA				
TITULARES - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
DEMÓSTENES TORRES					ELISEU RESENDE				
ROMEU TUMA	<input checked="" type="checkbox"/>				HERACLITO FORTES				
MARIA DO CARMO ALVES					MARCO MACIEL	<input checked="" type="checkbox"/>			
ANTONIO CARLOS JUNIOR					ROSALBA CIARLINI	<input checked="" type="checkbox"/>			
JOÃO TENÓRIO					FLEXA RIBEIRO	<input checked="" type="checkbox"/>			
EDUARDO AZEREDO	<input checked="" type="checkbox"/>				MARCONI PERILLO				
CICERO LUCENA	<input checked="" type="checkbox"/>				PAPALEO PAES				
TITULAR - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
CRISTOVAM BUARQUE	<input checked="" type="checkbox"/>				(VAGO)				

TOTAL: 13 SIM: (2) NÃO: (2) ABS: (2) AUTOR: (2) PRESIDENTE: (0)

SALA DAS REUNIÕES, EM 13 / 02 / 2008

SENADOR WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA  
Presidente da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação,  
Comunicação e Informática

*LEGISLAÇÃO CITADA*  
ANEXADA PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA

CONSTITUIÇÃO DA  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Seção II  
**Das Atribuições do Congresso Nacional**

Art. 49. É da competência exclusiva do Congresso Nacional:

XII – apreciar os atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e televisão;

CAPÍTULO V  
**Da Comunicação Social**

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64, § 2º e § 4º, a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

LEI Nº 9.612, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998

**Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências.**

DECRETO Nº 2.615, DE 3 DE JUNHO DE 1998

**Aprova o Regulamento do Serviço de Radiodifusão Comunitária.**

LEI COMPLEMENTAR Nº 95,  
DE 26 DE FEVEREIRO DE 1998

**Dispõe sobre a elaboração, a redação, a alteração e a consolidação das leis, conforme determina o parágrafo único do art. 59 da Constituição Federal, e estabelece normas para a consolidação dos atos normativos que menciona.**

**PARECER Nº 71, DE 2008**

**Da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 376, de 2007 (nº 275/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Presidente Epitácio Associação Cultural Comunitária – PEACC para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Presidente Epitácio, Estado de São Paulo.**

Relator: Senador **Romeu Tuma**

**I – Relatório**

Chega a esta Comissão, para exame em caráter terminativo, o Projeto de Decreto Legislativo (PDS) nº 376, de 2007 (nº 275, de 2007, na Câmara dos Deputados), destinado a aprovar o ato que outorga autorização à Presidente Epitácio Associação Cultural Comunitária – PEACC para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Presidente Epitácio, Estado

de São Paulo. O ato foi submetido à apreciação do Congresso Nacional por meio de mensagem presidencial, nos termos do art. 49, XII, combinado com o art. 223, § 3º, ambos da Constituição Federal.

A exposição de motivos do Ministro das Comunicações ao Presidente da República, documento que integra os autos, informa que a presente solicitação foi instruída em conformidade com a legislação aplicável, o que levou ao seu deferimento.

O referido projeto foi aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, que seguiu o parecer favorável de seu relator. Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania daquela Casa, o projeto foi considerado jurídico, constitucional e vazado em boa técnica legislativa.

## **II – Análise**

Conforme determina o Regimento Interno do Senado Federal, nos termos do seu art. 104-C, VII, cumpre à Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática opinar acerca de proposições que versem sobre comunicação, imprensa, radiodifusão, televisão, outorga e renovação de concessão, permissão e autorização para serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, incumbindo-lhe pronunciar-se também sobre a constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa dessas proposições.

O serviço de radiodifusão comunitária encontra disciplina específica na Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, regulamentada pelo Decreto nº 2.615, de 3 de junho de 1998.

A proposição oriunda da Câmara dos Deputados, destinada a aprovar o ato do Poder Executivo sob exame, atende aos requisitos constitucionais formais relativos à competência legislativa da União e às atribuições do Congresso Nacional, nos termos dos arts. 49, XII, e 223 da Constituição. Constatase que o referido projeto não contraria preceitos ou princípios da Lei Maior, nada havendo, pois, a objetar no tocante à sua constitucionalidade material. Sob o aspecto de técnica legislativa, observa-se que o projeto está em perfeita consonância com o disposto na Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998.

O exame da documentação que acompanha o PDS no 376, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Lei nº 9.612, de 1998.

## **III – Voto**

Tendo em vista que o exame da documentação que acompanha o PDS nº 376, de 2007, não evidenciou violação da legislação pertinente, e não havendo reparos quanto aos aspectos de constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa, opinamos pela aprovação do ato que autoriza a Presidente Epitácio Associação Cultural Comunitária – PEACC a executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Presidente Epitácio, Estado de São Paulo, na forma do Projeto de Decreto Legislativo originário da Câmara dos Deputados.

Sala da Comissão, 13 de fevereiro de 2008.

**COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO,  
COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA**

**ASSINAM O PARECER AO PDS Nº 376/07 NA REUNIÃO DE 13 02 108  
OS SENHORES SENADORES:**

<b>PRESIDENTE:</b>	<i>(Senador Wellington Salgado de Oliveira)</i>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
MARCELO CRIVELLA	1. EXPEDITO JÚNIOR
AUGUSTO BOTELHO	2. FLÁVIO ARNS <i>[Handwritten signature]</i>
RENATO CASAGRANDE <i>[Handwritten signature]</i>	3. JOÃO RIBEIRO
SÉRGIO ZAMBIASI <i>[Handwritten signature]</i>	4. FRANCISCO DORNELLES
IDELI SALVATTI <i>[Handwritten signature]</i>	5. FÁTIMA CLEIDE
<b>PMDB</b>	
VALDIR RAUPP	1. ROMERO JUCÁ
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	2. VAGO
GILVAM BORGES	3. MÃO SANTA
VALTER PEREIRA	4. LEOMAR QUINTANILHA
<b>BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)</b>	
DEMÓSTENES TORRES <i>[Handwritten signature]</i>	1. ELISEU RESENDE
ROMEU TUMA RELATOR <i>[Handwritten signature]</i>	2. HERÁCLITO FORTES
MARIA DO CARMO ALVES	3. MARCO MACIEL <i>[Handwritten signature]</i>
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	4. ROSALBA CIARLINI <i>[Handwritten signature]</i>
JOÃO TENÓRIO	5. FLEXA RIBEIRO <i>[Handwritten signature]</i>
EDUARDO AZEREDO <i>[Handwritten signature]</i>	6. MARCONI PERILLO
CÍCERO LUCENA <i>[Handwritten signature]</i>	7. PAPALÉO PAES
<b>PDT</b>	
CRISTOVAM BUARQUE <i>[Handwritten signature]</i>	1- VAGO

CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL PDS 376 12007

TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
MARCELO CRIVELLA	X				EXPEDITO JUNIOR	X			
AUGUSTO BOTELHO					FLAVIO ARNS	X			
RENATO CASAGRANDE	X				JOÃO RIBEIRO				
SERGIO ZAMBIASI	X				FRANCISCO DORNELLES				
IDELI SALVATI					FATIMA CLEIDE				
TITULARES - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
VALDIR RAUPP					ROMERO JUCA				
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA					VAGO				
GILVAM BORGES					MÃO SANTA				
VALTER PEREIRA					LEOMAR QUINTANILHA				
TITULARES - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
DEMÓSTENES TORRES					ELISEU RESENDE				
ROMEU TUMA	X				HERACLITO FORTES				
MARIA DO CARMO ALVES					MARCO MACIEL	X			
ANTONIO CARLOS JUNIOR					ROSALBA CIARLINI	X			
JOAO TENORIO					FLEXA RIBEIRO	X			
EDUARDO AZEREDO	X				MARCONI PERILLO				
CÍCERO LUCENA	X				PAPALÉO PAES				
TITULAR - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
CRISTOVAM BUARQUE	X				(VAGO)				

TOTAL: 13 SIM: 12 NÃO: - ABS: - AUTOR: - PRESIDENTE: 01

SALA DAS REUNIÕES, EM 13/02/2008

SENADOR WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA  
Presidente da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação,  
Comunicação e Informática



*LEGISLAÇÃO CITADA*  
ANEXADA PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA  
CONSTITUIÇÃO DA  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Seção II

**Das Atribuições do Congresso Nacional**

Art. 49. É da competência exclusiva do Congresso Nacional:

XII – apreciar os atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e televisão;

CAPITULO V

**Da Comunicação Social**

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64, § 2º e § 4º, a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

LEI Nº 9.612, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998

**Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências.**

DECRETO Nº 2.615, DE 3 DE JUNHO DE 1998

**Aprova o Regulamento do Serviço de Radiodifusão Comunitária.**

LEI COMPLEMENTAR Nº 95,  
DE 26 DE FEVEREIRO DE 1998

**Dispõe sobre a elaboração, a redação, a alteração e a consolidação das leis,**

**conforme determina o parágrafo único do art. 59 da Constituição Federal, e estabelece normas para a consolidação dos atos normativos que menciona.**

**PARECER Nº 72, DE 2008**

**Da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 387, de 2007 (nº 151/ 2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Bananalense de Radiodifusão Comunitária para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Bananal, Estado de São Paulo.**

Relator: Senador Romeu Tuma

**I – Relatório**

Chega a esta Comissão, para exame em caráter terminativo, o Projeto de Decreto Legislativo (PDS) nº 387, de 2007 (nº 151, de 2007, na Câmara dos Deputados), destinado a aprovar o ato que outorga autorização à Associação Bananalense de Radiodifusão Comunitária para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Bananal, Estado de São Paulo. O ato foi submetido à apreciação do Congresso Nacional por meio de mensagem presidencial, nos termos do art. 49, XII, combinado com o art. 223, § 3º, ambos da Constituição Federal,

A exposição de motivos do Ministro das Comunicações ao Presidente da República, documento que integra os autos, informa que a presente solicitação foi instruída em conformidade com a legislação aplicável, o que levou ao seu deferimento.

O referido projeto foi aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, que seguiu o parecer favorável de seu relator. Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania daquela Casa, o projeto foi considerado jurídico, constitucional e vazado em boa técnica legislativa.

**II – Análise**

Conforme determina o Regimento Interno do Senado Federal, nos termos do seu art. 104-C, VII, cumpre à Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática opinar acerca de proposições que versem sobre comunicação, imprensa, radiodifusão, televisão, outorga e renovação de concessão, permissão e autorização para serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, incumbindo-lhe pronunciar-se também sobre a constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa dessas proposições.

O serviço de radiodifusão comunitária encontra disciplina específica na Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, regulamentada pelo Decreto nº 2.615, de 3 de junho de 1998.

A proposição oriunda da Câmara dos Deputados, destinada a aprovar o ato do Poder Executivo sob exame, atende aos requisitos constitucionais formais relativos à competência legislativa da União e às atribuições do Congresso Nacional, nos termos dos arts. 49, XIII, e 223 da Constituição. Constata-se que o referido projeto não contraria preceitos ou princípios da Lei Maior, nada havendo, pois, a objetar no tocante à sua constitucionalidade material. Sob o aspecto de técnica legislativa, observa-se que o projeto está em perfeita consonância com o disposto na Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998.

O exame da documentação que acompanha o PDS nº 387, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Lei nº 9.612, de 1998.

### III – Voto

Tendo em vista que o exame da documentação que acompanha o PDS nº 387, de 2007, não evidenciou violação da legislação pertinente, e não havendo reparos quanto aos aspectos de constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa, opinamos pela aprovação do ato que autoriza a Associação Bananalense de Radiodifusão Comunitária a executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Bananal, Estado de São Paulo, na forma do Projeto de Decreto Legislativo originário da Câmara dos Deputados.

Sala da Comissão, 13 de fevereiro de 2008.

## COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

ASSINAM O PARECER AO PDS Nº 387/07 NA REUNIÃO DE 13 102108  
OS SENHORES SENADORES:

PRESIDENTE: <i>(Sen. Wellington Salgado de Oliveira)</i>	
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
MARCELO CRIVELLA	1. EXPEDITO JÚNIOR
AUGUSTO BOTELHO	2. FLÁVIO ARNS
RENATO CASAGRANDE	3. JOÃO RIBEIRO
SÉRGIO ZAMBIASI	4. FRANCISCO DORNELLES
IDELI SALVATTI	5. FÁTIMA CLEIDE
PMDB	
VALDIR RAUPP	1. ROMERO JUCÁ
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	2. VAGO
GILVAM BORGES	3. MÃO SANTA
VALTER PEREIRA	4. LEOMAR QUINTANILHA
BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	
DEMÓSTENES TORRES	1. ELISEU RESENDE
ROMEU TUMA RELATOR	2. HERÁCLITO FORTES
MARIA DO CARMO ALVES	3. MARCO MACIEL
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	4. ROSALBA CIARLINI
JOÃO TENÓRIO	5. FLEXA RIBEIRO
EDUARDO AZEREDO	6. MARCONI PERILLO
CÍCERO LUCENA	7. PAPALÉO PAES
PDT	
CRISTOVAM BUARQUE	1- VAGO

COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL PDS 387/07

TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
MARCELO CRIVELLA	X				EXPEDITO JUNIOR	X			
AUGUSTO BOTELHO					FLÁVIO ARNS	X			
RENATO CASAGRANDE	X				JOÃO RIBEIRO				
SERGIO ZAMBIASI	X				FRANCISCO DORNELLES				
IDELI SALVATTI					FÁTIMA CLEIDE				
TITULARES - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
VALDIR RAUPP					ROMERO JUCA				
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA					VAGO				
GILVAM BORGES					MÃO SANTA				
VALTER PEREIRA					LEOMAR QUINTANILHA				
TITULARES - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
DEMOSTENES TORRES					ELISEU RESENDE				
ROMEU TUMA	X				HERÁCLITO FORTES				
MARIA DO CARMO ALVES					MARCO MACIEL	X			
ANTONIO CARLOS JUNIOR					ROSALBA CIARLINI	X			
JOÃO TENÓRIO					FLEXA RIBEIRO	X			
EDUARDO AZEREDO	X				MARCONI PERILLO				
CÍCERO LUCENA	X				PAPALÉO PAES				
TITULAR - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
CRISTOVAM BUARQUE	X				(VAGO)				

TOTAL: 13 SIM: 12 NÃO: 1 ABS: 0 AUTOR: 0 PRESIDENTE: 01

SALA DAS REUNIÕES, EM 13 / 02 / 2008

SENADOR WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA  
 Presidente da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação,  
 Comunicação e Informática

*LEGISLAÇÃO CITADA*  
ANEXADA PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA  
CONSTITUIÇÃO DA  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Seção II

**Das Atribuições do Congresso Nacional**

Art. 49. E da competência exclusiva do Congresso Nacional:

XII . apreciar os atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e televisão;

CAPITULO V

**Da Comunicação Social**

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64, § 2º e § 4º a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

LEI Nº 9.612, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998

**Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências.**

DECRETO Nº 2.615, DE 3 DE JUNHO DE 1998.

**Aprova o Regulamento do Serviço de Radiodifusão Comunitária.**

LEI COMPLEMENTAR Nº 96,  
DE 26 DE FEVEREIRO DE 1998

**Dispõe sobre a elaboração, a redação, a alteração e a consolidação das leis,**

**conforme determina o parágrafo único do art. 59 da Constituição Federal, e estabelece normas para a consolidação dos atos normativos que menciona.**

**PARECER Nº 73, DE 2008**

**Da Comissão de Ciência, Tecnologia, Comunicação e Informática, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 390, de 2007 (nº 171/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Cultural e Artística do Jardim Jtaquá para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Itaquaquetuba, Estado de São Paulo.**

Relator: Senador **Romeu Tuma**

**I – Relatório**

Chega a esta Comissão, para exame em caráter terminativo, o Projeto de Decreto Legislativo (PDS) nº 390, de 2007 (nº 171, de 2007, na Câmara dos Deputados), destinado a aprovar o ato que outorga autorização à Associação Cultural e Artística do Jardim Itaquá para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Itaquaquetuba, Estado de São Paulo. O ato foi submetido à apreciação do Congresso Nacional por meio de mensagem presidencial, nos termos do art. 49, XII, combinado com o art. 223, § 3º, ambos da Constituição Federal.

A exposição de motivos do Ministro das Comunicações ao Presidente da República, documento que integra os autos, informa que a presente solicitação foi instruída em conformidade com a legislação aplicável, o que levou ao seu deferimento.

O referido projeto foi aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, que seguiu o parecer favorável de seu relator. Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania daquela Casa, o projeto foi considerado jurídico, constitucional e vazado em boa técnica legislativa.

**II – Análise**

Conforme determina o Regimento Interno do Senado Federal, nos termos do seu art. 104-C, VII, cumpre à Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática opinar acerca de proposições que versem sobre comunicação, imprensa, radiodifusão, televisão, outorga e renovação de concessão, permissão e autorização para serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, incumbindo-lhe pronunciar-se também sobre a constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa dessas proposições.

O serviço de radiodifusão comunitária encontra disciplina específica na Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro

de 1998, regulamentada pelo Decreto nº 2.615, de 3 de junho de 1998.

A proposição oriunda da Câmara dos Deputados, destinada a aprovar o ato do Poder Executivo sob exame, atende aos requisitos constitucionais formais relativos à competência legislativa da União e às atribuições do Congresso Nacional, nos termos dos arts. 49, XII, e 223 da Constituição. Constata-se que o referido projeto não contraria preceitos ou princípios da Lei Maior, nada havendo, pois, a objetar no tocante à sua constitucionalidade material. Sob o aspecto de técnica legislativa, observa-se que o projeto está em perfeita consonância com o disposto na Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998.

O exame da documentação que acompanha o PDS nº 390, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Lei nº 9.612, de 1998.

**III – Voto**

Tendo em vista que o exame da documentação que acompanha o PDS nº 390, de 2007, não evidenciou violação da legislação pertinente, e não havendo reparos quanto aos aspectos de constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa, opinamos pela aprovação do ato que autoriza a Associação Cultural e Artística do Jardim Itaquá a executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Itaquaquecetuba, Estado de São Paulo, na forma do Projeto de Decreto Legislativo originário da Câmara dos Deputados.

Sala da Comissão, 13 de fevereiro de 2008.

**COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA**

**ASSINAM O PARECER AO PDS Nº 390/07 NA REUNIÃO DE 13/02/08 OS SENHORES SENADORES:**

<b>PRESIDENTE:</b> <i>Sen. Wellington Salgado de Oliveira</i>	
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
MARCELO CRIVELLA	1. EXPEDITO JÚNIOR
AUGUSTO BOTELHO	2. FLÁVIO ARNS <i>[Handwritten signature]</i>
RENATO CASAGRANDE <i>[Handwritten signature]</i>	3. JOÃO RIBEIRO
SÉRGIO ZAMBIASI <i>[Handwritten signature]</i>	4. FRANCISCO DORNELLES
IDELI SALVATTI <i>[Handwritten signature]</i>	5. FÁTIMA CLEIDE
<b>PMDB</b>	
VALDIR RAUPP	1. ROMERO JUCÁ
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	2. VAGO
GILVAM BORGES	3. MÃO SANTA
VALTER PEREIRA	4. LEOMAR QUINTANILHA
<b>BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)</b>	
DEMÓSTENES TORRES	1. ELISEU RESENDE
ROMEU TUMA RELATOR <i>[Handwritten signature]</i>	2. HERÁCLITO FORTES
MARIA DO CARMO ALVES	3. MARCO MACIEL <i>[Handwritten signature]</i>
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	4. ROSALBA CIARLINI <i>[Handwritten signature]</i>
JOÃO TENÓRIO	5. FLEXA RIBEIRO <i>[Handwritten signature]</i>
EDUARDO AZEREDO <i>[Handwritten signature]</i>	6. MARCONI PERILLO
CÍCERO LUCENA <i>[Handwritten signature]</i>	7. PAPALÉO PAES
<b>PDT</b>	
CRISTOVAM BUARQUE <i>[Handwritten signature]</i>	1- VAGO

## COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL PDS 390 / 07

TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
MARCELO CRIVELLA	<input checked="" type="checkbox"/>				EXPEDITO JUNIOR	<input checked="" type="checkbox"/>			
AUGUSTO BOTELHO					FLAVIO ARNS	<input checked="" type="checkbox"/>			
RENATO CASAGRANDE	<input checked="" type="checkbox"/>				JOÃO RIBEIRO				
SÉRGIO ZAMBIASI	<input checked="" type="checkbox"/>				FRANCISCO DORNELLES				
IDELEI SALVATTI					FÁTIMA CLEIDE				
TITULARES - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
VALDIR RAUPP					ROMERO JUCA				
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA					VAGO				
GILVAM BORGES					MÃO SANTA				
VALTER PEREIRA					LEOMAR QUINTANILHA				
TITULARES - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
DEMÓSTENES TORRES					ELISEU RESENDE				
ROMEU TUMA	<input checked="" type="checkbox"/>				HERACLITO FORTES				
MARIA DO CARMO ALVES					MARCO MACIEL	<input checked="" type="checkbox"/>			
ANTÔNIO CARLOS JÚNIOR					ROSALBA CIARLINI	<input checked="" type="checkbox"/>			
JOÃO TENÓRIO					FLEXA RIBEIRO	<input checked="" type="checkbox"/>			
EDUARDO AZEREDO	<input checked="" type="checkbox"/>				MARCONI PERILLO				
CÍCERO LUCENA	<input checked="" type="checkbox"/>				PAPALÉO PAES				
TITULAR - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
CRISTOVAM BUARQUE	<input checked="" type="checkbox"/>				(VAGO)				

TOTAL: 15 SIM: 12 NÃO: 3 ABS: 0 AUTOR: 0 PRESIDENTE: 01

SALA DAS REUNIÕES, EM 13 / 07 / 2008

SENADOR WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA  
 Presidente da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação,  
 Comunicação e Informática

*LEGISLAÇÃO CITADA*  
*ANEXADA PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA*  
CONSTITUIÇÃO DA  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Seção II

**Das Atribuições do Congresso Nacional**

Art. 49. É da competência exclusiva do Congresso Nacional:

XII – apreciar os atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e televisão;

CAPÍTULO V

**Da Comunicação Social**

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64, § 2º e § 4º, a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

LEI Nº 9.612, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998

**Institui o serviço de radiodifusão comunitária e dá outras providências.**

DECRETO Nº 2.615, DE 3 DE JUNHO DE 1998

**Aprova o Regulamento do Serviço de Radiodifusão Comunitária.**

LEI COMPLEMENTAR Nº 95,  
DE 26 DE FEVEREIRO DE 1998

**Dispõe sobre a elaboração, a redação, a alteração e a consolidação das leis,**

**conforme determina o parágrafo único do art. 59 da Constituição Federal, e estabelece normas para a consolidação dos atos normativos que menciona.**

**PARECER Nº 74, DE 2008**

**Da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 392, de 2007 (nº 225/ 2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Comunicação e Cultura do Itaenga para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Lagoa do Itaenga, Estado de Pernambuco.**

Relator: Senador **Marco Maciel**

**I – Relatório**

Chega a esta comissão, para exame em caráter terminativo, o Projeto de Decreto Legislativo (PDS) nº 392, de 2007 (nº 225, de 2007, na Câmara dos Deputados), destinado a aprovar o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Comunicação e Cultura do Itaenga para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Lagoa do Itaenga, Estado de Pernambuco. O ato foi submetido à apreciação do Congresso Nacional por meio de mensagem presidencial, nos termos do art. 49, XII, combinado com o art. 223, § 3º, ambos da Constituição Federal.

A exposição de motivos do Ministro das Comunicações ao Presidente da República, documento que integra os autos, informa que a presente solicitação foi instruída em conformidade com a legislação aplicável, o que levou ao seu deferimento.

O referido projeto foi aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, que seguiu o parecer favorável de seu relator. Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania daquela Casa, o projeto foi considerado jurídico, constitucional e vazado em boa técnica legislativa.

**II – Análise**

Conforme determina o Regimento Interno do Senado Federal, nos termos do seu art. 104-C, VII, cumpre à Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática opinar acerca de proposições que versem sobre comunicação, imprensa, radiodifusão, televisão, outorga e renovação de concessão, permissão e autorização para serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, incumbindo-lhe pronunciar-se também sobre a constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa dessas proposições.

O serviço de radiodifusão comunitária encontra disciplina específica na Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, regulamentada pelo Decreto nº 2.615, de 3 de junho de 1998.

A proposição oriunda da Câmara dos Deputados, destinada a aprovar o ato do Poder Executivo sob exame, atende aos requisitos constitucionais formais relativos à competência legislativa da União e às atribuições do Congresso Nacional, nos termos dos arts. 49, XII, e 223 da Constituição. Constata-se que o referido projeto não contraria preceitos ou princípios da Lei Maior, nada havendo, pois, a objetar no tocante à sua constitucionalidade material. Sob o aspecto de técnica legislativa, observa-se que o projeto está em perfeita consonância com o disposto na Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998.

O exame da documentação que acompanha o PDS nº 392, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Lei nº 9.612, de 1998.

### III – Voto

Tendo em vista que o exame da documentação que acompanha o PDS nº 392, de 2007, não evidenciou violação da legislação pertinente, e não havendo reparos quanto aos aspectos de constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa, opinamos pela aprovação do ato que autoriza a Associação Comunitária de Comunicação e Cultura do Itaenga a executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Lagoa do Itaenga, Estado de Pernambuco, na forma do projeto de decreto legislativo originário da Câmara dos Deputados.

Sala da Comissão, 13 de fevereiro de 2008.

## COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

ASSINAM O PARECER AO PDS Nº 392/07 NA REUNIÃO DE 13/02/08  
OS SENHORES SENADORES:

<b>PRESIDENTE:</b>		(Senador Wellington Salgado de Oliveira)
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>		
MARCELO CRIVELLA	1. EXPEDITO JÚNIOR	
AUGUSTO BOTELHO	2. FLÁVIO ARNS	
RENATO CASAGRANDE	3. JOÃO RIBEIRO	
SÉRGIO ZAMBIASI	4. FRANCISCO DORNELLES	
IDELI SALVATTI	5. FÁTIMA CLEIDE	
<b>PMDB</b>		
VALDIR RAUPP	1. ROMERO JUCÁ	
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	2. VAGO	
GILVAM BORGES	3. MÃO SANTA	
VALTER PEREIRA	4. LEOMAR QUINTANILHA	
<b>BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)</b>		
DEMÓSTENES TORRES	1. ELISEU RESENDE	
ROMEU TUMA	2. HERÁCLITO FORTES	
MARIA DO CARMO ALVES	3. MARCO MACIEL RELATOR	
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	4. ROSALBA CIARLINI	
JOÃO TENÓRIO	5. FLEXA RIBEIRO	
EDUARDO AZEREDG	6. MARCONI PERILLO	
CÍCERO LUCENA	7. PAPALÉO PAES	
<b>PDT</b>		
CRISTOVAM BUARQUE	1- VAGO	



COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL PDS 392 / 2007

TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
MARCELO CRIVELLA	X				EXPEDITO JUNIOR	X			
AUGUSTO BOTELHO					FLÁVIO ARNS	X			
RENATO CASAGRANDE	X				JOÃO RIBEIRO				
SÉRGIO ZAMBIASI	X				FRANCISCO DORNELLES				
IDELI SALVATTI					FÁTIMA CLEIDE				
TITULARES - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
VALDIR RAUPP					ROMERO JUCA				
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA					VAGO				
GILVAM BORGES					MÃO SANTA				
VALTER PEREIRA					LEOMAR QUINTANILHA				
TITULARES - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
DEMÓSTENES TORRES					ELISEU RESENDE				
ROMEU TUMA	X				HERÁCLITO FORTES				
MARIA DO CARMO ALVES					MARCO MACIEL	X			
ANTONIO CARLOS JUNIOR					ROSALBA CIARLINI	X			
JOÃO TENÓRIO					FLEXA RIBEIRO	X			
EDUARDO AZEREDO	X				MARCONI PERILLO				
CÍCERO LUCENA	X				PAPALÉO PAES				
TITULAR - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
CRISTOVAM BUARQUE	X				(VAGO)				

TOTAL: 13 SIM: 12 NÃO: - ABS: - AUTOR: - PRESIDENTE: 01

SALA DAS REUNIÕES, EM 13/02/2008

SENADOR WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA  
 Presidente da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação,  
 Comunicação e Informática

*LEGISLAÇÃO CITADA*  
*ANEXADA PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA*

CONSTITUIÇÃO DA  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Seção II

**Das Atribuições do Congresso Nacional**

Art. 49. É da competência exclusiva do Congresso Nacional:

XII – apreciar os atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e televisão;

CAPÍTULO VI  
**DA Comunicação Social**

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64, § 2º e § 4º, a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

LEI Nº 9.612, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998

**Institui o serviço de radiodifusão comunitária e dá outras providências.**

DECRETO Nº 2.615, DE 3 DE JUNHO DE 1998

**Aprova o Regulamento do Serviço de Radiodifusão Comunitária.**

LEI COMPLEMENTAR  
Nº 95, DE 26 DE FEVEREIRO DE 1998

**Dispõe sobre a elaboração, a redação, a alteração e a consolidação das leis,**

**conforme determina o parágrafo único do art. 59 da Constituição Federal, e estabelece normas para a consolidação dos atos normativos que menciona.**

**PARECER Nº 75, DE 2008**

**Da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 395, de 2007 (nº 236/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária e Cultural Cidade Doçura para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Américo Brasiliense, Estado de São Paulo.**

Relator: Senador Romeu Tuma

**I – Relatório**

Chega a esta comissão, para exame em caráter terminativo, o Projeto de Decreto Legislativo (PDS) nº 395, de 2007 (nº 236, de 2007, na Câmara dos Deputados), destinado a aprovar o ato que outorga autorização à Associação Comunitária e Cultural Cidade Doçura para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Américo Brasiliense, Estado de São Paulo. O ato foi submetido à apreciação do Congresso Nacional por meio de mensagem presidencial, nos termos do art. 49, XIII, combinado com o art. 223, § 3º, ambos da Constituição Federal.

A exposição de motivos do Ministro das Comunicações ao Presidente da República, documento que integra os autos, informa que a presente solicitação foi instruída em conformidade com a legislação aplicável, o que levou ao seu deferimento.

O referido projeto foi aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, que seguiu o parecer favorável de seu relator. Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania daquela Casa, o projeto foi considerado jurídico, constitucional e vazado em boa técnica legislativa.

**II – Análise**

Conforme determina o Regimento Interno do Senado Federal, nos termos do seu art. 104-C, VII, cumpre à Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática opinar acerca de proposições que **versem** sobre comunicação, imprensa, radiodifusão, televisão, outorga e renovação de concessão, permissão e autorização para serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, incumbindo-lhe pronunciar-se também sobre a constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa dessas proposições.

O serviço de radiodifusão comunitária encontra disciplina específica na Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, regulamentada pelo Decreto nº 2.615, de 3 de junho de 1998.

A proposição oriunda da Câmara dos Deputados, destinada a aprovar o ato do Poder Executivo sob exame, atende aos requisitos constitucionais formais relativos à competência legislativa da União e às atribuições do Congresso Nacional, nos termos dos arts. 49, XII, e 223 da Constituição. Constata-se que o referido projeto não contraria preceitos ou princípios da Lei Maior, nada havendo, pois, a objetar no tocante à sua constitucionalidade material. Sob o aspecto de técnica legislativa, observa-se que o projeto está em perfeita consonância com o disposto na Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998.

O exame da documentação que acompanha o PDS nº 395, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Lei nº 9.612, de 1998.

**III – Voto**

Tendo em vista que o exame da documentação que acompanha o PDS nº 395, de 2007, não evidenciou violação da legislação pertinente, e não havendo reparos quanto aos aspectos de constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa, opinamos pela aprovação do ato que autoriza a Associação Comunitária e Cultural Cidade Doçura a executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Américo Brasiliense, Estado de São Paulo, na forma do Projeto de Decreto Legislativo originário da Câmara dos Deputados.

Sala da Comissão, 13 de fevereiro de 2008.

**COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA**

**ASSINAM O PARECER AO PDS Nº 395/07 NA REUNIÃO DE 13 10 2008 OS SENHORES SENADORES:**

<b>PRESIDENTE:</b> <i>Sen. Wellington Salgado de Oliveira</i>	
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
MARCELO CRIVELLA	1. EXPEDITO JÚNIOR
AUGUSTO BOTELHO	2. FLÁVIO ARNS <i>M. Arns</i>
RENATO CASAGRANDE <i>Renato Casagrande</i>	3. JOÃO RIBEIRO
SÉRGIO ZAMBIASI <i>Sérgio Zambiasi</i>	4. FRANCISCO DORNELLES
IDELI SALVATTI	5. FÁTIMA CLEIDE
<b>PMDB</b>	
VALDIR RAUPP	1. ROMERO JUCÁ
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	2. VAGO
GILVAM BORGES	3. MÃO SANTA
VALTER PEREIRA	4. LEOMAR QUINTANILHA
<b>BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)</b>	
DEMÓSTENES TORRES	1. ELISEU RESENDE
ROMEU TUMA RELATOR <i>Romeu Tuma</i>	2. HERÁCLITO FORTES
MARIA DO CARMO ALVES	3. MARCO MACIEL <i>Marco Maciel</i>
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	4. ROSALBA CIARLINI <i>Rosalba Ciarlini</i>
JOÃO TENÓRIO	5. FLEXA RIBEIRO <i>Flexa Ribeiro</i>
EDUARDO AZEREDO <i>Eduardo Azeredo</i>	6. MARCONI PERILLO
CÍCERO LUCENA <i>Cícero Lucena</i>	7. PAPALÉO PAES
<b>PDT</b>	
CRISTOVAM BUARQUE <i>Cristovam Buarque</i>	1- VAGO

COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL PDS 395 / 07

TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
MARCELO CRIVELLA	<input checked="" type="checkbox"/>				EXPEDITO JUNIOR	<input checked="" type="checkbox"/>			
AUGUSTO BOTELHO					FLÁVIO ARNS	<input checked="" type="checkbox"/>			
RENATO CASAGRANDE	<input checked="" type="checkbox"/>				JOÃO RIBEIRO				
SÉRGIO ZAMBIASI	<input checked="" type="checkbox"/>				FRANCISCO DORNELLES				
IDELI SALVATTI					FATIMA CLEIDE				
TITULARES - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
VALDIR RAUPP					ROMERO JUCA				
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA					VAGO				
GILVAM BORGES					MÃO SANTA				
VALTER PEREIRA					LEOMAR QUINTANILHA				
TITULARES - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
DEMÓSTENES TORRES					ELISEU RESENDE				
ROMEU TUMA	<input checked="" type="checkbox"/>				HERÁCLITO FORTES				
MARIA DO CARMO ALVES					MARCO MACIEL	<input checked="" type="checkbox"/>			
ANTÔNIO CARLOS JUNIOR					ROSALBA CIARLINI	<input checked="" type="checkbox"/>			
JOÃO TENÓRIO					FLEXA RIBEIRO	<input checked="" type="checkbox"/>			
EDUARDO AZEREDO	<input checked="" type="checkbox"/>				MARCONI PERILLO				
CÍCERO LUCENA	<input checked="" type="checkbox"/>				PAPALÉO PAES				
TITULAR - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
CRISTOVAM BUARQUE	<input checked="" type="checkbox"/>				(VAGO)				

TOTAL: 13 SIM: 12 NÃO: 1 ABS: 1 AUTOR: 1 PRESIDENTE: 01

SALA DAS REUNIÕES, EM 13 / 02 / 2008

SENADOR WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA  
Presidente da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação,  
Comunicação e Informática

*LEGISLAÇÃO CITADA*  
*ANEXADA PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA*

CONSTITUIÇÃO DA  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Seção II  
**Das Atribuições do Congresso Nacional**

Arte 49. É da competência exclusiva do Congresso Nacional:

XII – apreciar os atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e televisão;

CAPÍTULO V  
**Da Comunicação Social**

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64. § 2º e § 4º, a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

LEI Nº 9.612, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998

**Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências.**

Art. 6º Compete ao Poder Concedente outorgar à entidade interessada autorização para exploração do Serviço de Radiodifusão Comunitária, observados os procedimentos estabelecidos nesta lei e normas reguladoras das condições de exploração do Serviço.

Parágrafo único. A outorga terá validade de dez anos, permitida a renovação por igual período, se cumpridas as exigências desta lei e demais disposições legais vigentes. (Redação dada pela Lei nº 10.697, de 11-12-2002)

DECRETO Nº 2.615, DE 3 DE JUNHO DE 1998

**Aprova o Regulamento do Serviço de Radiodifusão Comunitária.**

LEI COMPLEMENTAR Nº 95,  
DE 26 DE FEVEREIRO DE 1998

**Dispõe sobre a elaboração, a redação, a alteração e a consolidação das leis, conforme determina o parágrafo único do art. 69 da Constituição Federal, e estabelece normas para a consolidação dos atos normativos que menciona.**

**PARECER Nº 76, DE 2008**

**Da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação E Informática, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 400, de 2007 (nº 247/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária Amigos da Comunicação de Viçosa para executar serviço de radiodifusão comu-**

## **nitária na cidade de Viçosa, Estado de Alagoas.**

Relator: Senador **João Tenório**

Relator **ad hoc**: Senador **Flexa Ribeiro**

### **I – Relatório**

Chega a esta Comissão, para exame em caráter terminativo, o Projeto de Decreto Legislativo (PDS) nº 400, de 2007 (nº 247, de 2007, na Câmara dos Deputados), destinado a aprovar o ato que outorga autorização à Associação Comunitária Amigos da Comunicação de Viçosa para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Viçosa, Estado de Alagoas. O ato foi submetido à apreciação do Congresso Nacional por meio de mensagem presidencial, nos termos do art. 49, XII, combinado com o art. 223, § 3º, ambos da Constituição Federal.

A exposição de motivos do Ministro das Comunicações ao Presidente da República, documento que integra os autos, informa que a presente solicitação foi instruída em conformidade com a legislação aplicável, o que levou ao seu deferimento.

O referido projeto foi aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, que seguiu o parecer favorável de seu relator. Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania daquela Casa, o projeto foi considerado jurídico, constitucional e vazado em boa técnica legislativa.

### **II – Análise**

Conforme determina o Regimento Interno do Senado Federal, nos termos do seu art. 104-C, VII, cumpre à Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática opinar acerca de proposições que versem sobre comunicação, imprensa, radiodifusão, televisão, outorga e renovação de concessão, permissão e autorização para serviços

de radiodifusão sonora e de sons e imagens, incumbindo-lhe pronunciar-se também sobre a constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa dessas proposições.

O serviço de radiodifusão comunitária encontra disciplina específica na Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, regulamentada pelo Decreto nº 2.615, de 3 de junho de 1998.

A proposição oriunda da Câmara dos Deputados, destinada a aprovar o ato do Poder Executivo sob exame, atende aos requisitos constitucionais formais relativos à competência legislativa da União e às atribuições do Congresso Nacional, nos termos dos arts. 49, XII, e 223 da Constituição. Constatase que o referido projeto não contraria preceitos ou princípios da Lei Maior, nada havendo, pois, a objetar no tocante à sua constitucionalidade material. Sob o aspecto de técnica legislativa, observa-se que o projeto está em perfeita consonância com o disposto na Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998.

O exame da documentação que acompanha o PDS nº 400, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Lei nº 9.612, de 1998.

### **III – Voto**

Tendo em vista que o exame da documentação que acompanha o PDS nº 400, de 2007, não evidenciou violação da legislação pertinente, e não havendo reparos quanto aos aspectos de constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa, opinamos pela aprovação do ato que autoriza a Associação Comunitária Amigos da Comunicação de Viçosa a executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Viçosa, Estado de Alagoas, na forma do Projeto de Decreto Legislativo originário da Câmara dos Deputados.

Sala da Comissão, 13 de fevereiro de 2008.

**COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO,  
COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA**

**ASSINAM O PARECER AO PDS Nº 400/07 NA REUNIÃO DE 13 02 08  
OS SENHORES SENADORES:**

<b>PRESIDENTE:</b> <i>(Sen. Wellington Salgado de Oliveira)</i>	
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
MARCELO CRIVELLA	1. EXPEDITO JÚNIOR
AUGUSTO BOTELHO	2. FLÁVIO ARNS
RENATO CASAGRANDE	3. JOÃO RIBEIRO
SÉRGIO ZAMBIASI	4. FRANCISCO DORNELLES
IDELI SALVATTI	5. FÁTIMA CLEIDE
<b>PMDB</b>	
VALDIR RAUPP	1. ROMERO JUCÁ
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	2. VAGO
GILVAM BORGES	3. MÃO SANTA
VALTER PEREIRA	4. LEOMAR QUINTANILHA
<b>BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)</b>	
DEMÓSTENES TORRES	1. ELISEU RESENDE
ROMEU TUMA	2. HERÁCLITO FORTES
MARIA DO CARMO ALVES	3. MARCO MACIEL
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	4. ROSALBA CIARLINI
JOÃO TENÓRIO RELATOR	5. FLEXA RIBEIRO PD HOC
EDUARDO AZEREDO	6. MARCONI PERILLO
CÍCERO LUCENA	7. PAPALÉO PAES
<b>PDT</b>	
CRISTOVAM BUARQUE	1- VAGO

COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL

PDS 400 107

TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
MARCELO CRIVELLA	EXPEDITO JUNIOR	X				X			
AUGUSTO BOTELHO	FLÁVIO ARNS					X			
RENATO CASAGRANDE	JOÃO RIBEIRO	X				X			
SERGIO ZAMBIASI	FRANCISCO DORNELLES	X							
IDELI SALVATTI	FÁTIMA CLEIDE								
TITULARES - PMDB	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
VALDIR RAUPP	ROMERO JUCA								
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	VAGO								
GILVAM BORGES	MÃO SANTA								
VALTER PEREIRA	LEOMAR QUINTANILHA								
TITULARES - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
DEMÓSTENES TORRES	ELISEU RESENDE								
ROMEU TUMA	HERACLITO FORTES	X							
MARIA DO CARMO ALVES	MARCO MACIEL					X			
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	ROSALBA CIARLINI					X			
JOÃO TENÓRIO	FLEXA RIBEIRO					X			
EDUARDO AZEREDO	MARCOM PERILLO	X							
CIGERO LUCENA	PAPALÉO PAES	X							
TITULAR - PDT	SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
CRISTOVAM BUARQUE	(VAGO)	X							

TOTAL: 13 SIM: 12 NÃO: 1 ABS: 0 AUTOR: 0 PRESIDENTE: 01

SALA DAS REUNIÕES, EM 13/02/2008

SENADOR WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA  
Presidente da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação,  
Comunicação e Informática



*LEGISLAÇÃO CITADA*  
ANEXADA PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA

CONSTITUIÇÃO DA  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Seção II  
**Das Atribuições do Congresso Nacional**

Art. 49. É da competência exclusiva do Congresso Nacional:

XII – apreciar os atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e televisão;

CAPÍTULO V  
**Da Comunicação Social**

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64, § 2º e § 4º, a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º o prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

LEI Nº 9.612, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998

**Institui o serviço de radiodifusão comunitária e dá outras providências.**

Art. 6º Compete ao Poder Concedente outorgar à entidade interessada autorização para exploração do serviço de radiodifusão comunitária, observados os procedimentos estabelecidos nesta lei e normas reguladoras das condições de exploração do serviço.

Parágrafo único. A outorga terá validade de dez anos, permitida a renovação por igual período, se cumpridas as exigências desta lei e demais disposições legais vigentes. (Redação dada pela Lei nº 10.597, de 11-12-2002)

DECRETO Nº 2.615, DE 3 DE JUNHO DE 1998

**Aprova o Regulamento do Serviço de Radiodifusão Comunitária.**

LEI COMPLEMENTAR Nº 95,  
DE 26 DE FEVEREIRO DE 1998

**Dispõe sobre a elaboração, a redação, a alteração e a consolidação das leis, conforme determina o parágrafo único do art. 59 da Constituição Federal, e estabelece normas para a consolidação dos atos normativos que menciona.**

**PARECER Nº 77, DE 2008**

**Da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 429, de 2007 (nº 217/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga permissão à Sistema Comercial de Comunicações Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência mo-**

## **dulada na cidade de Maranguape, Estado do Ceará.**

Relatora: Senadora **Maria Do Carmo Alves**

Relator **ad hoc**: Senador **Cícero Lucena**.

### **I – Relatório**

Chega a esta comissão, para apreciação em caráter terminativo, o Projeto de Decreto Legislativo (PDS) nº 429, de 2007 (nº 217, de 2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga permissão à Sistema Comercial de Comunicações Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Maranguape, Estado do Ceará. O ato foi submetido à apreciação do Congresso Nacional por meio de mensagem presidencial, nos termos do art. 49, XII, combinado com o art. 223, § 3º, ambos da Constituição Federal.

A exposição de motivos do Ministro das Comunicações ao Presidente da República, documento que integra os autos, informa que a presente solicitação foi instruída em conformidade com a legislação aplicável, o que levou ao seu deferimento.

O referido projeto foi aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, que seguiu o parecer favorável de seu relator. Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania daquela Casa, o projeto foi considerado jurídico, constitucional e vazado em boa técnica legislativa.

### **II – Análise**

Conforme determina o Regimento Interno do Senado Federal, nos termos do seu art. 104-C, VII, cumpre à Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática opinar acerca de proposições que versem sobre comunicação, imprensa, radiodifusão, televisão, outorga e renovação de concessão, permissão e autorização para serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, incumbindo-lhe pronunciar-se também sobre a constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa dessas proposições.

O processo de exame e apreciação dos atos do Poder Executivo que outorgam ou renovam concessão,

permissão ou autorização para que se executem serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, nos termos do art. 223 da Constituição Federal, orienta-se, nesta Casa do Legislativo, pelas formalidades e pelos critérios estabelecidos na Resolução nº 39, de 1992, do Senado Federal. Essa norma interna relaciona os elementos a serem informados pela entidade pretendente e pelo Ministério das Comunicações que devem instruir o processo submetido à análise da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática.

O exame da documentação que acompanha o PDS no 429, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Resolução nº 39, de 1992, do Senado Federal.

A matéria é de competência exclusiva do Congresso Nacional, sendo o projeto de decreto legislativo o instrumento adequado, conforme preceitua o art. 213, II, do Regimento Interno do Senado Federal.

A proposição oriunda da Câmara dos Deputados, destinada a aprovar o ato do Poder Executivo sob exame, atende aos requisitos constitucionais formais relativos à competência legislativa da União e às atribuições do Congresso Nacional, nos termos dos arts. 49, XII, e 223 da Constituição. Constata-se que o referido projeto não contraria preceitos ou princípios da Lei Maior, nada havendo, pois, a objetar no tocante à sua constitucionalidade material.

### **III – Voto**

Tendo em vista que o exame da documentação que acompanha o PDS nº 429, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Resolução nº 39, de 1992, do Senado Federal, e não havendo reparos quanto aos aspectos de constitucionalidade, juridicidade e de técnica legislativa, opinamos pela aprovação do ato que outorga permissão à Sistema Comercial de Comunicações Ltda., para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Maranguape, Estado do Ceará, na forma do projeto de decreto legislativo originário da Câmara dos Deputados.

Sala da Comissão, 13 de fevereiro de 2008.

**COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO,  
COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA**

**ASSINAM O PARECER AO PDS Nº 429/07 NA REUNIÃO DE 13/02/08  
OS SENHORES SENADORES:**

<b>PRESIDENTE:</b>		<i>(Senador Wellington Salgado de Oliveira)</i>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>		
MARCELO CRIVELLA	1. EXPEDITO JÚNIOR	<i>[Signature]</i>
AUGUSTO BOTELHO	2. FLÁVIO ARNS	<i>[Signature]</i>
RENATO CASAGRANDE	3. JOÃO RIBEIRO	<i>[Signature]</i>
SÉRGIO ZAMBIASI	4. FRANCISCO DORNELLES	<i>[Signature]</i>
IDELI SALVATTI	5. FÁTIMA CLEIDE	<i>[Signature]</i>
<b>PMDB</b>		
VALDIR RAUPP	1. ROMERO JUCÁ	
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	2. VAGO	
GILVAM BORGES	3. MÃO SANTA	
VALTER PEREIRA	4. LEOMAR QUINTANILHA	
<b>BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)</b>		
DEMÓSTENES TORRES	1. ELISEU RESENDE	<i>[Signature]</i>
ROMEU TUMA	2. HERÁCLITO FORTES	<i>[Signature]</i>
MARIA DO CARMO ALVES RELATORA	3. MARCO MACIEL	<i>[Signature]</i>
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	4. ROSALBA CIARLINI	<i>[Signature]</i>
JOÃO TENÓRIO	5. FLEXA RIBEIRO	<i>[Signature]</i>
EDUARDO AZEREDO	6. MARCONI PERILLO	<i>[Signature]</i>
CÍCERO LUCENA (Ad Hoc)	7. PAPALÉO PAES	<i>[Signature]</i>
<b>PDT</b>		
CRISTOVAM BUARQUE	1- VAGO	<i>[Signature]</i>

COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL PDS 429 / 2007

TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
MARCELO CRIVELLA	X				EXPEDITO JÚNIOR	X			
AUGUSTO BOTELHO					FLAVIO ARNS	X			
RENATO CASAGRANDE	X				JOÃO RIBEIRO				
SERGIO ZAMBIASI	X				FRANCISCO DORNELLES				
IDELI SALVATTI					FATIMA CLEIDE				
TITULARES - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
VALDIR RAUPP					ROMERO JUCA				
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA					VAGO				
GILVAM BORGES					MÃO SANTA				
VALTER PEREIRA					LEOMAR QUINTANILHA				
TITULARES - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
DEMÓSTENES TORRES					ELISEU RESENDE				
ROMEU TUMA	X				HERACLITO FORTES				
MARIA DO CARMO ALVES					MARCO MACIEL	X			
ANTONIO CARLOS JÚNIOR					ROSALBA CIARLINI	X			
JOÃO TENÓRIO					FLEXA RIBEIRO	X			
EDUARDO AZEREDO	X				MARCONI PERILLO				
CICERO LUCENA	X				PAPALÉO PAES				
TITULAR - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
CRISTOVAM BUARQUE	X				(VAGO)				

TOTAL: 13 SIM: 12 NÃO: - ABS: - AUTOR: - PRESIDENTE: 01

SALA DAS REUNIÕES, EM 13 / 02 / 2008

SENADOR WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA  
Presidente da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação,  
Comunicação e Informática

*LEGISLAÇÃO CITADA*  
ANEXADA PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA

CONSTITUIÇÃO DA  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

.....  
Seção II

**Das Atribuições do Congresso Nacional**

.....  
Art. 49. É da competência exclusiva do Congresso Nacional:

.....  
XII – apreciar os atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e televisão;

.....  
CAPÍTULO V

**Da Comunicação Social**

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64, § 2º e § 4º a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

.....  
**PARECER Nº 78 , DE 200**

**Da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 443, de 2007 (nº 89/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Movimento Comunitário Rádio Nova de Paz – FM para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Cezarina, Estado de Goiás.**

Relator: Senador **Marconi Perillo**

Relator *ad hoc*: Senador **Flexa Ribeiro**

**I – Relatório**

Chega a esta Comissão, para exame em caráter terminativo, o Projeto de Decreto Legislativo (PDS) nº 443, de 2007 (nº 89, de 2007, na Câmara dos Deputados), destinado a aprovar o ato que outorga autorização à Associação Movimento Comunitário Rádio Nova de Paz – FM para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Cezarina, Estado de Goiás. O ato foi submetido à apreciação do Congresso Nacional por meio de mensagem presidencial, nos termos do art. 49, XII, combinado com o art. 223, § 3º ambos da Constituição Federal.

A exposição de motivos do Ministro das Comunicações ao Presidente da República, documento que integra os autos, informa que a presente solicitação foi instruída em conformidade com a legislação aplicável, o que levou ao seu deferimento.

O referido projeto foi aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, que seguiu o parecer favorável de seu relator. Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania daquela Casa, o projeto foi considerado jurídico, constitucional e vazado em boa técnica legislativa.

**II – Análise**

Conforme determina o Regimento Interno do Senado Federal, nos termos do seu art. 104-C, VII, cumpre à Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática opinar acerca de proposições que versem sobre comunicação, imprensa, radiodifusão, televisão, outorga e renovação de concessão, permissão e autorização para serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, incumbindo-lhe pronunciar-se também sobre a constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa dessas proposições.

O serviço de radiodifusão comunitária encontra disciplina específica na Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, regulamentada pelo Decreto nº 2.615, de 3 de junho de 1998.

A proposição oriunda da Câmara dos Deputados, destinada a aprovar o Ato do Poder Executivo sob exame, atende aos requisitos constitucionais formais relativos à competência legislativa da União e às atribuições do Congresso Nacional, nos termos dos arts. 49, XXI, e 223 da Constituição. Constata-se que o referido projeto não confraria preceitos ou princípios da Lei Maior, nada havendo, pois, a objetar no tocante à sua constitucionalidade material. Sob o aspecto de técnica legislativa, observa-se que o projeto está em perfeita consonância com o disposto na Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998.

O exame da documentação que acompanha o PDS nº 443, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Lei nº 9.612, de 1998.

### III – Voto

Tendo em vista que o exame da documentação que acompanha o PDS nº 443, de 2007, não evidenciou violação da legislação pertinente, e não havendo

reparos quanto aos aspectos de constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa, opinamos pela aprovação do ato que autoriza a Associação Movimento Comunitário Rádio Nova de Paz – FM a executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Cezarina, Estado de Goiás, na forma do Projeto de Decreto Legislativo originário da Câmara dos Deputados.

Sala da Comissão, 13 de fevereiro de 2008.

## COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

ASSINAM O PARECER AO PDS Nº 443/07 NA REUNIÃO DE 13/02/08  
OS SENHORES SENADORES:

PRESIDENTE: <i>(Sen. Wellington Salgado de Oliveira)</i>	
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
MARCELO CRIVELLA	1. EXPEDITO JÚNIOR
AUGUSTO BOTELHO	2. FLÁVIO ARNS
RENATO CASAGRANDE	3. JOÃO RIBEIRO
SÉRGIO ZAMBIASI	4. FRANCISCO DORNELLES
IDELI SALVATTI	5. FÁTIMA CLEIDE
<b>PMDB</b>	
VALDIR RAUPP	1. ROMERO JUCÁ
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	2. VAGO
GILVAM BORGES	3. MÃO SANTA
VALTER PEREIRA	4. LEOMAR QUINTANILHA
<b>BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)</b>	
DEMÓSTENES TORRES	1. ELISEU RESENDE
ROMEU TUMA	2. HERÁCLITO FORTES
MARIA DO CARMO ALVES	3. MARCO MACIEL
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	4. ROSALBA CIARLINI
JOÃO TENÓRIO	5. FLEXA RIBEIRO <i>AD HOC</i>
EDUARDO AZEREDO	6. MARCONI PERILLO RELATOR
CÍCERO LUCENA	7. PAPALÉO PAES
<b>PDT</b>	
CRISTOVAM BUARQUE	1- VAGO

**COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO,  
COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA**

**ASSINAM O PARECER AO PDS Nº 443/07 NA REUNIÃO DE 13/02/08  
OS SENHORES SENADORES:**

<b>PRESIDENTE:</b> <i>(Sen. Wellington Salgado de Oliveira)</i>	
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
MARCELO CRIVELLA	1. EXPEDITO JÚNIOR
AUGUSTO BOTELHO	2. FLÁVIO ARNS
RENATO CASAGRANDE	3. JOÃO RIBEIRO
SÉRGIO ZAMBIASI	4. FRANCISCO DORNELLES
IDELI SALVATTI	5. FÁTIMA CLEIDE
<b>PMDB</b>	
VALDIR RAUPP	1. ROMERO JUCÁ
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	2. VAGO
GILVAM BORGES	3. MÃO SANTA
VALTER PEREIRA	4. LEOMAR QUINTANILHA
<b>BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)</b>	
DEMÓSTENES TORRES	1. ELISEU RESENDE
ROMEU TUMA	2. HERÁCLITO FORTES
MARIA DO CARMO ALVES	3. MARCO MACIEL
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	4. ROSALBA CIARLINI
JOÃO TENÓRIO	5. FLEXA RIBEIRO AD. HOC
EDUARDO AZEREDO	6. MARCONI PERILLO RELATOR
JÍCERO LUCENA	7. PAPALÉO PAES
<b>PDT</b>	
RISTOVAM BUARQUE	1- VAGO

*LEGISLAÇÃO CITADA*  
*ANEXADA PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA*

CONSTITUIÇÃO DA  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Seção II

**Das Atribuições do Congresso Nacional**

Art. 49. E da competência exclusiva do Congresso Nacional:

XII – apreciar os atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e televisão;

CAPITULO V  
**Da Comunicação Social**

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64, § 2º e § 4º a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

LEI Nº 9.612, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998

**Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências.**

Art. 6º Compete ao Poder Concedente outorgar à entidade interessada autorização para exploração do Serviço de Radiodifusão Comunitária, observados os procedimentos estabelecidos nesta Lei e normas reguladoras das condições de exploração do Serviço.

Parágrafo único. A outorga terá validade de dez anos, permitida a renovação por igual período, se cumpridas as exigências desta Lei e demais disposições legais vigentes. (Redação dada pela Lei nº 10.597, de 11-12-2002)

DECRETO Nº 2.615, DE 3 DE JUNHO DE 1998

**Aprova o Regulamento do Serviço de Radiodifusão Comunitária.**

LEI COMPLEMENTAR Nº 95,  
DE 26 DE FEVEREIRO DE 1998

**Dispõe sobre a elaboração, a redação, a alteração e a consolidação das leis, conforme determina o parágrafo único do art. 59 da Constituição Federal, e estabelece normas para a consilidação dos atos normativos que menciona.**

**PARECER Nº 79, DE 2008**

**Da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 454, de 2007 (nº 241/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à ACAS – Associação Comunitária de Alto Santo – Ceará para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Alto Santo, Estado do Ceará.**

Relator: Senador **Cícero Lucena**



### I – Relatório

Chega a esta Comissão, para exame em caráter terminativo, o Projeto de Decreto Legislativo (PDS) nº 454, de 2007 (nº 241, de 2007, na Câmara dos Deputados), destinado a aprovar o ato que outorga autorização à ACAS – Associação Comunitária de Alto Santo – Ceará para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Alto Santo, Estado do Ceará. O ato foi submetido à apreciação do Congresso Nacional por meio de mensagem presidencial, nos termos do art. 49, XII, combinado com o art. 223, § 3º, ambos da Constituição Federal.

A exposição de motivos do Ministro das Comunicações ao Presidente da República, documento que integra os autos, informa que a presente solicitação foi instruída em conformidade com a legislação aplicável, o que levou ao seu deferimento.

O referido projeto foi aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, que seguiu o parecer favorável de seu relator. Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania daquela Casa, o projeto foi considerado jurídico, constitucional e vazado em boa técnica legislativa.

### II – Análise

Conforme determina o Regimento Interno do Senado Federal, nos termos do seu art. 104-C, VII, cumpre à Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática opinar acerca de proposições que versem sobre comunicação, imprensa, radiodifusão, televisão, outorga e renovação de concessão, permissão e autorização para serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, incumbindo-lhe pronunciar-se também sobre a constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa dessas proposições.

O serviço de radiodifusão comunitária encontra disciplina específica na Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, regulamentada pelo Decreto nº 2.615, de 3 de junho de 1998.

A proposição oriunda da Câmara dos Deputados, destinada a aprovar o ato do Poder Executivo sob exame, atende aos requisitos constitucionais formais relativos à competência legislativa da União e às atribuições do Congresso Nacional, nos termos dos arts. 49, XII, e 223 da Constituição. Constatase que o referido projeto não contraria preceitos ou princípios da Lei Maior, nada havendo, pois, a objetar no tocante à sua constitucionalidade material. Sob o aspecto de técnica legislativa, observa-se que o projeto está em perfeita consonância com o disposto na Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998.

O exame da documentação que acompanha o PDS nº 454, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Lei nº 9.612, de 1998.

### III – Voto

Tendo em vista que o exame da documentação que acompanha o PDS nº 454, de 2007, não evidenciou violação da legislação pertinente, e não havendo reparos quanto aos aspectos de constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa, opinamos pela aprovação do ato que autoriza a ACAS – Associação Comunitária de Alto Santo – Ceará, a executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Alto Santo, Estado do Ceará, na forma do Projeto de Decreto Legislativo originário da Câmara dos Deputados.

Sala da Comissão, 13 de fevereiro de 2008.

## COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

ASSINAM O PARECER AO PDS Nº 454/07 NA REUNIÃO DE 13/10/2008  
OS SENHORES SENADORES:

PRESIDENTE:	
<i>(Sen. Wellington Salgado de Oliveira)</i>	
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
MARCELO CRIVELLA	1. EXPEDITO JÚNIOR
AUGUSTO BOTELHO	2. FLÁVIO ARNS
RENATO CASAGRANDE	3. JOÃO RIBEIRO
SÉRGIO ZAMBIASI	4. FRANCISCO DORNELLES
IDELI SALVATTI	5. FÁTIMA CLEIDE
<b>PMDB</b>	
VALDIR RAUPP	1. ROMERO JUCÁ
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	2. VAGO
GILVAM BORGES	3. MÃO SANTA
VALTER PEREIRA	4. LEOMAR QUINTANILHA
<b>BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)</b>	
DEMÓSTENES TORRES	1. ELISEU RESENDE
ROMEU TUMA	2. HERÁCLITO FORTES
MARIA DO CARMO ALVES	3. MARCO MACIEL
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	4. ROSALBA CIARLINI
JOÃO TENÓRIO	5. FLEXA RIBEIRO
EDUARDO AZEREDO	6. MARCONI PERILLO
CÍCERO LUCENA RELATOR	7. PAPALÉO PAES
<b>PDT</b>	
CRISTOVAM BUARQUE	1- VAGO

COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL PDS 454 / 07

TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
MARCELO CRIVELLA	<input checked="" type="checkbox"/>				EXPEDITO JÚNIOR	<input checked="" type="checkbox"/>			
AUGUSTO BOTELHO					FLÁVIO ARNS	<input checked="" type="checkbox"/>			
RENATO CASAGRANDE	<input checked="" type="checkbox"/>				JOÃO RIBEIRO	<input checked="" type="checkbox"/>			
SÉRGIO ZAMBIASI	<input checked="" type="checkbox"/>				FRANCISCO DORNELLES				
IDELI SALVATTI					FÁTIMA CLEIDE				
TITULARES - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
VALDIR RAUPP					ROMERO JUCA				
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA					VAGO				
GILVAM BORGES					MÃO SANTA				
VALTER PEREIRA					LEOMAR QUINTANILHA				
TITULARES - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
DEMÓSTENES TORRES					ELISEU RESENDE				
ROMEU TUMA	<input checked="" type="checkbox"/>				HERÁCLITO FORTES				
MARIA DO CARMO ALVES					MARCÓ MACIEL	<input checked="" type="checkbox"/>			
ANTÔNIO CARLOS JÚNIOR					ROSALBA CIARLINI	<input checked="" type="checkbox"/>			
JOÃO TENÓRIO					FLEXA RIBEIRO	<input checked="" type="checkbox"/>			
EDUARDO AZEREDO	<input checked="" type="checkbox"/>				MARCONI PERILLO				
CÍCERO LUCENA	<input checked="" type="checkbox"/>				PAPALÉO PAES				
TITULAR - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
CRISTOVAM BUARQUE	<input checked="" type="checkbox"/>				(VAGO)				

TOTAL: 13 SIM: 12 NÃO: 1 ABS: 0 AUTOR: 0 PRESIDENTE: 0

SALA DAS REUNIÕES, EM 13 / 02 / 2008

**SENADOR WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA**  
 Presidente da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação,  
 Comunicação e Informática

*LEGISLAÇÃO CITADA*  
*ANEXADA PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA*

CONSTITUIÇÃO DA  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Seção II

**Das Atribuições do Congresso Nacional**

Art. 49. É da competência exclusiva do Congresso Nacional:

XII – apreciar os atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e televisão;

CAPÍTULO V  
**Da Comunicação Social**

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64, § 2º e § 4º, a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

LEI Nº 9.612, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998

**Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências.**

Art. 6º Compete ao Poder Concedente outorgar à entidade interessada autorização para exploração do Serviço de Radiodifusão Comunitária, observados os procedimentos estabelecidos nesta Lei e normas reguladoras das condições de exploração do Serviço.

Parágrafo único. A outorga terá validade de dez anos, permitida a renovação por igual período, se cumpridas as exigências desta Lei e demais disposições legais vigentes. (Redação dada pela Lei nº 10.597 de 11-12-2002)

DECRETO Nº 2.615, DE 3 DE JUNHO DE 1998

**Aprova o Regulamento do Serviço de Radiodifusão Comunitária.**

LEI COMPLEMENTAR Nº 95,  
DE 26 DE FEVEREIRO DE 1998

**Dispõe sobre a elaboração, a redação, a alteração e a consolidação das leis, conforme determina o parágrafo único do art. 59 da Constituição Federal, e estabelece**

**PARECER Nº 80, DE 2008**

**Da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 458, de 2007 (nº 297 2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga permissão à Rádio Candelária FM Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Santa Luzia D'Oeste, Estado de Rondônia,**

Relatora: Senadora **Fátima Cleide**

Relator *ad hoc*: Senador **Cristovam Buarque**

### **I – Relatório**

Chega a esta Comissão, para apreciação em caráter terminativo, o Projeto de Decreto Legislativo (PDS) nº 458, de 2007 (nº 297, de 2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga permissão à Rádio Candelária FM Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Santa Luzia D'Oeste, Estado de Rondônia. O ato foi submetido à apreciação do Congresso Nacional por meio de mensagem presidencial, nos termos do art. 49, XII, combinado com o art. 223, § 3º, ambos da Constituição Federal.

A exposição de motivos do Ministro das Comunicações ao Presidente da República, documento que integra os autos, informa que a presente solicitação foi instruída em conformidade com a legislação aplicável, o que levou ao seu deferimento.

O referido projeto foi aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, que seguiu o parecer favorável de seu relator. Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania daquela Casa, o projeto foi considerado jurídico, constitucional e vazado em boa técnica legislativa.

### **II – Análise**

Conforme determina o Regimento Interno do Senado Federal, nos termos do seu art. 104-C, VII, cumpre à Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática opinar acerca de proposições que versem sobre comunicação, imprensa, radiodifusão, televisão, outorga e renovação de concessão, permissão e autorização para serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, incumbindo-lhe pronunciar-se também sobre a constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa dessas proposições.

O processo de exame e apreciação dos atos do Poder Executivo que outorgam ou renovam concessão, permissão ou autorização para que se executem serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, nos

termos do art. 223 da Constituição Federal, orienta-se, nesta Casa do Legislativo, pelas formalidades e pelos critérios estabelecidos na Resolução nº 39, de 1992, do Senado Federal. Essa norma interna relaciona os elementos a serem informados pela entidade pretendente e pelo Ministério das Comunicações que devem instruir o processo submetido à análise da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática.

O exame da documentação que acompanha o PDS nº 458, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Resolução nº 39, de 1992, do Senado Federal.

A matéria é de competência exclusiva do Congresso Nacional, sendo o projeto de decreto legislativo o instrumento adequado, conforme preceitua o art. 213, II, do Regimento Interno do Senado Federal.

A proposição oriunda da Câmara dos Deputados, destinada a aprovar o ato do Poder Executivo sob exame, atende aos requisitos constitucionais formais relativos à competência legislativa da União e às atribuições do Congresso Nacional, nos termos dos arts. 49, XII, e 223 da Constituição. Consta-se que o referido projeto não contraria preceitos ou princípios da Lei Maior, nada havendo, pois, a objetar no tocante à sua constitucionalidade material.

### **III – Voto**

Tendo em vista que o exame da documentação que acompanha o PDS nº 458, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Resolução nº 39, de 1992, do Senado Federal, e não havendo reparos quanto aos aspectos de constitucionalidade, juridicidade e de técnica legislativa, opinamos pela aprovação do ato que outorga permissão à Rádio Candelária FM Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Santa Luzia D'Oeste, Estado de Rondônia, na forma do projeto de decreto legislativo originário da Câmara dos Deputados.

Sala da Comissão, 13 de fevereiro de 2008.

**COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO,  
COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA**

**ASSINAM O PARECER AO PDS Nº 458/07 NA REUNIÃO DE 13/02/08  
OS SENHORES SENADORES:**

<b>PRESIDENTE:</b> <i>Senador Wellington Salgado de Oliveira</i>	
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
MARCELO CRIVELLA	1. EXPEDITO JÚNIOR
AUGUSTO BOTELHO	2. FLÁVIO ARNS
RENATO CASAGRANDE	3. JOÃO RIBEIRO
SÉRGIO ZAMBIASI	4. FRANCISCO DORNELLES
IDELI SALVATTI	5. FÁTIMA CLEIDE RELATORA <b>PMDB</b>
VALDIR RAUPP	1. ROMERO JUCÁ
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	2. VAGO
GILVAM BORGES	3. MÃO SANTA
VALTER PEREIRA	4. LEOMAR QUINTANILHA
<b>BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)</b>	
DEMÓSTENES TORRES	1. ELISEU RESENDE
ROMEU TUMA	2. HERÁCLITO FORTES
MARIA DO CARMO ALVES	3. MARCO MACIEL
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	4. ROSALBA CIARLINI
JOÃO TENÓRIO	5. FLEXA RIBEIRO
EDUARDO AZEREDO	6. MARCONI PERILLO
CÍCERO LUCENA	7. PAPALÉO PAES
<b>PDT</b>	
CRISTOVAM BUARQUE <i>AD. HOC</i>	1- VAGO

COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL PDS 458 107

TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
MARCELO CRIVELLA	X				EXPEDITO JÚNIOR	X			
AUGUSTO BOTELHO					FLÁVIO ARNS	X			
RENATO CASAGRANDE	X				JOÃO RIBEIRO				
SERGIO ZAMBIASI	X				FRANCISCO DORNELLES				
IDELI SALVATTI					FÁTIMA CLEIDE				
TITULARES - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
VALDIR RAUPP					ROMERO JUCA				
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA					VAGO				
GILVAM BORGES					MÃO SANTA				
VALTER PEREIRA					LEOMAR QUINTANILHA				
TITULARES - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
DEMÓSTENES TORRES					ELISEU RESENDE				
ROMEU TUMA	X				HERÁCLITO FORTES				
MARIA DO CARMO ALVES					MARCO MACIEL	X			
ANTONIO CARLOS JÚNIOR					ROSALBA CIARLINI	X			
JOÃO TENÓRIO					FLEXA RIBEIRO	X			
EDUARDO AZEREDO	X				MARCONI PERILLO				
CÍCERO LUCENA	X				PAPALÉO PAES				
TITULAR - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
CRISTOVAM BUARQUE	X				(VAGO)				

TOTAL: 13 SIM: 12 NÃO: - ABS: - AUTOR: - PRESIDENTE: 01

SALA DAS REUNIÕES, EM 17/02/2008

SENADOR WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA  
 Presidente da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação,  
 Comunicação e Informática

LEGISLAÇÃO CITADA ANEXADA  
PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA

CONSTITUIÇÃO DA  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Seção II

**Das Atribuições do Congresso Nacional**

Art. 49. É da competência exclusiva do Congresso Nacional:

XII – apreciar os atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e televisão;

CAPÍTULO V

**Da Comunicação Social**

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64, § 2º e § 4º, a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

**PARECER Nº 81, DE 2008**

**Da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 462, de 2007 (nº 300 2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a concessão outorgada à Emissoras Santa Cruz S/A –Rádio e Televisão para explorar serviço de radiodifusão sonora em onda média na cidade de Pará de Minas, Estado de Minas Gerais.**

Relator: **Senador Eduardo Azeredo**

**I – Relatório**

Chega a esta Comissão, para apreciação em caráter terminativo, o Projeto de Decreto Legislativo (PDS) nº 462, de 2007 (nº 300, de 2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a concessão outorgada à emissoras Santa Cruz S/A – rádio e televisão para explorar serviço de radiodifusão sonora em onda média na cidade de Pará de Minas, Estado de Minas Gerais. O ato foi submetido à apreciação do Congresso Nacional por meio de mensagem presidencial, nos termos do art. 49, XII, combinado com o art. 223, § 3º, ambos da Constituição Federal.

A exposição de motivos do Ministro das Comunicações ao Presidente da República, documento que integra os autos, informa que a presente solicitação foi instruída em conformidade com a legislação aplicável, o que levou ao seu deferimento.

O referido projeto foi aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, que seguiu o parecer favorável de seu relator. Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania daquela Casa, o projeto foi considerado jurídico, constitucional e vazado em boa técnica legislativa.

**II – Análise**

Conforme determina o Regimento Interno do Senado Federal, nos termos do seu art. 104-C, VII, cumpre à Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática opinar acerca de proposições que versem sobre comunicação, imprensa, radiodifusão, televisão, outorga e renovação de concessão, permissão e autorização para serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, incumbindo-lhe pronunciar-se também sobre a constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa dessas proposições.

O processo de exame e apreciação dos atos do Poder Executivo que outorgam ou renovam concessão, permissão ou autorização para que se executem serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, nos termos do art. 223 da Constituição Federal, orienta-se, nesta Casa do Legislativo, pelas formalidades e pelos critérios estabelecidos na Resolução nº 39, de 1992, do Senado Federal. Essa norma interna relaciona os elementos a serem informados pela entidade pretendente e pelo Ministério das Comunicações que devem instruir o processo submetido à análise da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática.

O exame da documentação que acompanha o PDS nº 462, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Resolução nº 39, de 1992, do Senado Federal.



A matéria é de competência exclusiva do Congresso Nacional, sendo o projeto de decreto legislativo o instrumento adequado, conforme preceitua o art. 213, II, do Regimento Interno do Senado Federal.

A proposição oriunda da Câmara dos Deputados, destinada a aprovar o ato do Poder Executivo sob exame, atende aos requisitos constitucionais formais relativos à competência legislativa da União e às atribuições do Congresso Nacional, nos termos dos arts. 49, XII, e 223 da Constituição. Constata-se que o referido projeto não contraria preceitos ou princípios da Lei Maior, nada havendo, pois, a objetar no tocante à sua constitucionalidade material.

**III – Voto**

Tendo em vista que o exame da documentação que acompanha o PDS nº 462, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Resolução nº 39, de 1992, do Senado Federal, e não havendo reparos quanto aos aspectos de constitucionalidade, juridicidade e de técnica legislativa, opinamos pela aprovação do ato que renova a concessão outorgada à emissoras santa cruz S/A – rádio e televisão para explorar serviço de radiodifusão sonora em onda média na cidade de Pará de Minas, Estado de Minas Gerais, na forma do Projeto de Decreto Legislativo originário da Câmara dos Deputados.

Sala da Comissão, 13 de fevereiro de 2008.

**COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA**

**ASSINAM O PARECER AO PDS Nº 462/07 NA REUNIÃO DE 13/02/08 OS SENHORES SENADORES:**

<b>PRESIDENTE:</b>	<i>(Senador Wellington Salgado de Oliveira)</i>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
MARCELO CRIVELLA	1. EXPEDITO JÚNIOR
AUGUSTO BOTELHO	2. FLÁVIO ARNS
RENATO CASAGRANDE	3. JOÃO RIBEIRO
SÉRGIO ZAMBIASI	4. FRANCISCO DORNELLES
IDELI SALVATTI	5. FÁTIMA CLEIDE
<b>PMDB</b>	
VALDIR RAUPP	1. ROMERO JUCÁ
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	2. VAGO
GILVAM BORGES	3. MÃO SANTA
VALTER PEREIRA	4. LEOMAR QUINTANILHA
<b>BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)</b>	
DEMÓSTENES TORRES	1. ELISEU RESENDE
ROMEU TUMA	2. HERÁCLITO FORTES
MARIA DO CARMO ALVES	3. MARCO MACIEL
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	4. ROSALBA CIARLINI
JOÃO TENÓRIO	5. FLEXA RIBEIRO
EDUARDO AZEREDO RELATOR	6. MARCONI PERILLO
CÍCERO LUCENA	7. PAPALÉO PAES
<b>PDT</b>	
CRISTOVAM BUARQUE	1- VAGO

## COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

## LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL PDS 462 / 2007

TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
MARCELO CRIVELLA	X				EXPEDITO JUNIOR	X			
AUGUSTO BOTELHO					FLAVIO ARNS	X			
RENATO CASAGRANDE	X				JOÃO RIBEIRO				
SERGIO ZAMBIASI	X				FRANCISCO DORNELLES				
IDELI SALVATTI					FÁTIMA CLEIDE				
TITULARES - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
VALDIR RAUPP					ROMERO JUCÁ				
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA					VAGO				
GILVAM BORGES					MÃO SANTA				
VALTER PEREIRA					LEOMAR QUINTANILHA				
TITULARES - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
DEMÓSTENES TORRES					ELISEU RESENDE				
ROMEU TUMA	X				HERÁCLITO FORTES				
MARIA DO CARMO ALVES					MARCO MACIEL	X			
ANTONIO CARLOS JUNIOR					ROSALBA CIARLINI	X			
JOÃO TENORIO					FLEXA RIBEIRO	X			
EDUARDO AZEREDO	X				MARCONI PERILLO				
CÍCERO LUCENA	X				PAPALEO PAES				
TITULAR - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
CRISTOVAM BUARQUE	X				(VAGO)				

TOTAL: 13 SIM: 12 NÃO: - ABS: - AUTOR: - PRESIDENTE: 01

SALA DAS REUNIÕES, EM 13/02/2008

SENADOR WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA  
Presidente da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação,  
Comunicação e Informática

*LEGISLAÇÃO CITADA ANEXADA  
PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA*

CONSTITUIÇÃO  
DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Seção II

**Das Atribuições do Congresso Nacional**

Art. 49. É da competência exclusiva do Congresso Nacional:

XII – apreciar os atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e televisão;

CAPÍTULO V  
**Da Comunicação Social**

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64, § 2º e § 4º, a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

**PARECER Nº 82, DE 2008**

**Da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 466, de 2007 (nº 313/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Comunicação e Cultura Rádio Aliança para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro.**

Relator: Senador **Marcelo Crivella**

**I – Relatório**

Chega a esta Comissão, para exame em caráter terminativo, o Projeto de Decreto Legislativo (PDS) nº 466, de 2007 (nº 313, de 2007, na Câmara dos Deputados), destinado a aprovar o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Comunicação e Cultura Rádio Aliança para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro. O ato foi submetido à apreciação do Congresso Nacional por meio de mensagem presidencial, nos termos do art. 49, XII, combinado com o art. 223, § 3º, ambos da Constituição Federal. A exposição de motivos do Ministro das Comunicações ao Presidente da República, documento que integra os autos, informa que a presente solicitação foi instruída em conformidade com a legislação aplicável, o que levou ao seu deferimento.

O referido projeto foi aprovado pela Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, que seguiu o parecer favorável de seu relator. Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania daquela Casa, o projeto foi considerado jurídico, constitucional e vazado em boa técnica legislativa.

**II – Análise**

Conforme determina o Regimento Interno do Senado Federal, nos termos do seu art. 104-C, VII, cumpre à Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática opinar acerca de proposições que versem sobre comunicação, imprensa, radiodifusão, televisão, outorga e renovação de concessão, permissão e autorização para serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, incumbindo-lhe pronunciar-se também sobre a constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa dessas proposições.

O serviço de radiodifusão comunitária encontra disciplina específica na Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998, regulamentada pelo Decreto nº 2.615, de 3 de junho de 1998.

A proposição oriunda da Câmara dos Deputados, destinada a aprovar o ato do Poder Executivo sob exame, atende aos requisitos constitucionais formais relativos à competência legislativa da União e às atribuições do Congresso Nacional, nos termos dos arts. 49, XII, e 223 da Constituição. Constata-se que o referido projeto não contraria preceitos ou princípios da Lei Maior, nada havendo, pois, a objetar no tocante à sua constitucionalidade material. Sob o aspecto de técnica legislativa, observa-se que o projeto está em perfeita consonância com o disposto na Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998.

O exame da documentação que acompanha o PDS nº 466, de 2007, não evidenciou violação das formalidades estabelecidas na Lei nº 9.612, de 1998.

### III – Voto

Tendo em vista que o exame da documentação que acompanha o PDS nº 466, de 2007, não evidenciou violação da legislação pertinente, e não havendo reparos quanto aos aspectos de constitucionalidade,

juridicidade e técnica legislativa, opinamos pela aprovação do ato que autoriza a Associação Comunitária de Comunicação e Cultura Rádio Aliança a executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro, na forma do Projeto de Decreto Legislativo originário da Câmara dos Deputados.

Sala da Comissão, 13 de fevereiro de 2008.

## COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

ASSINAM O PARECER AO PDS Nº 466/07 NA REUNIÃO DE 13/02/08  
OS SENHORES SENADORES:

PRESIDENTE: <i>(Senador Wellington Salgado de Oliveira)</i>	
Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)	
MARCELO CRIVELLA RELATOR	1. EXPEDITO JÚNIOR
AUGUSTO BOTELHO	2. FLÁVIO ARNS <i>[assinatura]</i>
RENATO CASAGRANDE <i>[assinatura]</i>	3. JOÃO RIBEIRO
SÉRGIO ZAMBIASI <i>[assinatura]</i>	4. FRANCISCO DORNELLES
IDELI SALVATTI <i>[assinatura]</i>	5. FÁTIMA CLEIDE
PMDB	
VALDIR RAUPP	1. ROMERO JUCÁ
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA	2. VAGO
GILVAM BORGES	3. MÃO SANTA
VALTER PEREIRA	4. LEOMAR QUINTANILHA
BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	
DEMÓSTENES TORRES <i>[assinatura]</i>	1. ELISEU RESENDE
ROMEU TUMA <i>[assinatura]</i>	2. HERÁCLITO FORTES
MARIA DO CARMO ALVES	3. MARCO MACIEL <i>[assinatura]</i>
ANTONIO CARLOS JÚNIOR	4. ROSALBA CIARLINI <i>[assinatura]</i>
JOÃO TENÓRIO	5. FLEXA RIBEIRO <i>[assinatura]</i>
EDUARDO AZEREDO <i>[assinatura]</i>	6. MARCONI PERILLO
CÍCERO LUCENA <i>[assinatura]</i>	7. PAPALÉO PAES
PDT	
CRISTOVAM BUARQUE <i>[assinatura]</i>	1. VAGO

COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL PDS 466 / 2007

TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	TITULARES - BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT, PR, PSB, PC do B, PRB E PP)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
MARCELO CRIVELLA	X				EXPEDITO JÚNIOR	X			
AUGUSTO BOTELHO					FLÁVIO ARNS	X			
RENATO CASAGRANDE	X				JOÃO RIBEIRO				
SERGIO ZAMBIASI	X				FRANCISCO DORNELLES				
IDELI SALVATTI					FÁTIMA CLEIDE				
TITULARES - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
VALDIR RAUPP					ROMERO JUCA				
WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA					VAGO				
GILVAM BORGES					MÃO SANTA				
VALTER PEREIRA					LEOMAR QUINTANILHA				
TITULARES - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - BLOCO DA MINORIA (DEM E PSDB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
DEMÓSTENES TORRES					ELISEU RESENDE				
ROMEU TUMA	X				HERACLITO FORTES				
MARIA DO CARMO ALVES					MARCO MACIEL	X			
ANTONIO CARLOS JÚNIOR					ROSALBA CIARLINI	X			
JOÃO TENÓRIO					FLEXA RIBEIRO	X			
EDUARDO AZEREDO	X				MARCONI PERILLO				
CÍCERO LUCENA	X				PAPALÉO PAES				
TITULAR - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
CRISTOVAM BUARQUE	X				(VAGO)				

TOTAL: 13 SIM: 12 NÃO: - ABS: - AUTOR: - PRESIDENTE: 01

SALA DAS REUNIÕES, EM 13 / 02 / 2008

SENADOR WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA  
 Presidente da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação,  
 Comunicação e Informática

*LEGISLAÇÃO CITADA*  
*ANEXADA PELA SECRETARIA-GERAL DA MESA*

CONSTITUIÇÃO DA  
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Seção II  
**Das Atribuições do Congresso Nacional**

Art. 49. É da competência exclusiva do Congresso Nacional:

XII – apreciar os atos de concessão e renovação de concessão de emissoras de rádio e televisão;

CAPÍTULO V  
**Da Comunicação Social**

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§1º O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64, § 2º e § 4º, a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

LEI Nº 9.612, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998

**Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências.**

Art. 6º Compete ao Poder Concedente outorgar à entidade interessada autorização para exploração do Serviço de Radiodifusão Comunitária, observados os procedimentos estabelecidos nesta lei e normas reguladoras das condições de exploração do Serviço.

Parágrafo único. A outorga terá validade de dez anos, permitida a renovação por igual período, se cum-

pridas as exigências desta lei e demais disposições legais vigentes. (Redação dada pela Lei nº 10.597, de 11-12-2002)

DECRETO Nº 2.615, DE 3 DE JUNHO DE 1998

**Aprova o Regulamento do Serviço de Radiodifusão Comunitária.**

LEI COMPLEMENTAR  
Nº 95, DE 26 DE FEVEREIRO DE 1998

**Dispõe sobre a elaboração, a redação, a alteração e a consolidação das leis, conforme determina o parágrafo único do art. 59 da Constituição Federal, e estabelece**

PARECER Nº 83, DE 2008

**Da Comissão de Assuntos Econômicos, sobre o Projeto de Lei do Senado nº 110, de 2004, de autoria do Senador Marcelo Crivella, que altera a Lei nº 6.905, de 11 de maio de 1981, para destinar a renda líquida de um concurso anual de prognóstico sobre o resultado de sorteios de números para as Associações da Cruz Vermelha Brasileira.**

Senador **Eduardo Matarazzo Suplicy**

**I – Relatório**

Encontra-se nesta Comissão, para análise e decisão, o Projeto da Lei do Senado nº 110 de 2004, em caráter terminativo, de autoria do Senador Marcelo Crivella que altera a Lei nº 6.905, de 11 de maio de 1981, para destinar a renda líquida de um concurso anual de prognóstico sobre o resultado de sorteios de números para as Associações da Cruz Vermelha Brasileira.

A Lei nº 9.905, de 11 de maio de 1981, define que Caixa Econômica Federal realizará a cada ano, 1 (um) concurso de prognósticos esportivos, promovido com base no Decreto-Lei nº 594, de 27 de maio de 1969, cuja renda líquida será destinada à Cruz Vermelha Brasileira, sociedade civil filantrópica.

Na justificativa da proposição, o Senador Crivella afirma que a Caixa Econômica tem realizado esses concursos, mas os recursos destinados à Cruz Vermelha têm sido insuficientes para cumprir o propósito da Lei. De fato, segundo as informações da Caixa Econômica Federal, os últimos três concursos, realizados em 15 de junho de 2002, 31 de março de 2003 e 5 de janeiro de 2004, resultaram em valores ínfimos para aquela entidade filantrópica, de apenas R\$90.507,18,

R\$118.993,74 e R\$65.503,64, respectivamente. Recursos que não atendem às necessidades da Cruz Vermelha. Daí a exigência de se rever os mecanismos de financiamentos da Entidade.

Esse é o relatório.

## II – Análise

Segundo o Regimento Interno do Senado Federal, é de atribuição da Comissão de Assuntos Econômicos, analisar essa proposição.

Com o objetivo de subsidiar a confecção desse parecer, a Cruz Vermelha Brasileira apresentou um diagnóstico da instituição e das medidas necessárias para que a entidade volte a desempenhar suas funções nas áreas de saúde comunitária, desenvolvimento local e ações em casos de desastres. Objetivos que motivaram o Senador Marcelo Crivella a elaborar o PLS nº 110/2004 e o parecer apresentado à proposição pelo Senador Romeu Tuma.

Na época em que a Loteria Esportiva era a única existente no País, o Congresso Nacional aprovou a Lei nº 6.905, de 11 de maio de 1981, atribuindo à Cruz Vermelha Brasileira a renda líquida de um sorteio por ano, proporcionando-lhe uma receita superior a US\$3.000.000,00 (três milhões de dólares) anuais, com as quais podia exercer amplas atividades, que se estendiam por 17 estados, abrangendo, além de suas capitais, mais 63 municípios.

Hoje, os recursos anualmente auferidos por toda a Sociedade Nacional Cruz Vermelha Brasileira oscilam entre US\$40.000,00 e US\$70.000,00 (Quarenta e setenta mil dólares), não cobrindo dois meses de sua despesa operacional, devido a criação de diversos tipos de loterias, fazendo com que a Loteria Esportiva seja hoje aquela em que o apostador auferir menores prêmios e, conseqüentemente, receba menos apostas.

Não fosse o apoio temporário do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, da Federação Internacional da Cruz Vermelha e de diversas Sociedades de outros países, o Órgão Central da Cruz Vermelha Brasileira estaria com suas atividades totalmente paralisadas.

Lamentavelmente, a administração anterior da Cruz Vermelha Brasileira deixou cerca de 160 (cento e sessenta) processos trabalhistas com montante estimado em R\$4.000.000,00 (quatro milhões de reais), além de um processo de indenização por danos morais de cerca de R\$1.000.000,00 de reais, todos com sentença transitada em julgado e em fase de execução.

Atualmente, todas as contas bancárias estão bloqueadas por determinação da Justiça do Trabalho. Com as contas bloqueadas, a entidade não pode realizar campanhas de arrecadação de doações. Sem arrecada-

ção de doações, não pode pagar as dívidas. E sem pagar as dívidas, suas contas continuam bloqueadas.

A única forma encontrada pela Diretoria Nacional foi a de obter um empréstimo junto a outras Sociedades Nacionais, com o apoio do Comitê Internacional da Cruz Vermelha e da Federação Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. As negociações estão tendo andamento favorável e deve ser obtido um empréstimo, a ser pago em cinco anos com juros favorecidos, suficiente para celebrar acordos e liquidar as dívidas de entidade. Com as dívidas saneadas, a Cruz Vermelha Brasileira terá condições de promover campanhas de arrecadação de doações, com as quais poderá pagar o referido empréstimo.

Outras medidas também foram implementadas. Hoje, a Cruz Vermelha é regida por um Estatuto Social totalmente novo, elaborado democraticamente, com a participação direta de suas filiais estaduais e aprovada pelo Decreto nº 4.948, de 7 de janeiro de 2004, do Sr. Presidente da República, após encaminhamento pelo Sr. Ministro da Saúde.

A entidade voltou a se relacionar com o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, a Federação Internacional da Cruz Vermelha e o Crescente Vermelho, assim como com Sociedades de Cruz Vermelho de outros países, fato que não ocorria há quinze ou vinte anos.

Ademais, a Cruz Vermelha elaborou um Plano Estratégico 2006-2008, onde o primeiro objetivo implementado foi o da Transparência Financeira. Para tanto, foi desenvolvido um Plano de Contas para utilização pelo Órgão Central e por todas as filiais, Estaduais e Municipais, de forma a permitir que as auditorias realizadas pelos órgãos governamentais, inclusive pelo Tribunal de Contas da União, o sejam de forma eficiente.

Com o objetivo de garantir que a Cruz Vermelha desempenhe suas funções, é necessário assegurar os recursos necessários para tanto. Nesse sentido, o presente voto visa restabelecer a paridade instituída pelo Poder Legislativo em 1981, fazendo com que a entidade volte a ter aquelas mesmas condições financeiras e poder exercer com eficácia as atividades que a lei lhe atribui de auxiliar o Poder Público, e que antes eram cobertas pela Loteria Esportiva.

Isso será possível por meio de uma simples alteração na Lei nº 6.905, que fará com que os objetivos de sustentabilidade financeira e orçamentária idealizados pelos legisladores de 1981 sejam retomados, mantendo-se a mesma paridade de valores então fixados.

Em consonância com a Cruz Vermelha Brasileira apresento a proposta de que a Caixa Econômica Federal encaminhe mensalmente à entidade cerca de 0,15% da arrecadação bruta das loterias gerenciadas pela Caixa Econômica Federal.

Vale lembrar que hoje as Loterias Caixa constituem uma importante fonte de recursos para o desenvolvimento social. Quase metade do total arrecadado com os jogos (incluindo 12% a título de Imposto de Renda) é repassado para os ministérios beneficiários e entidades não governamentais para investimentos em áreas prioritárias para o País.

A distribuição dos recursos dessas loterias tiveram o seguinte destino no ano de 2006:

- O esporte nacional recebeu R\$267.664.632,07, que foram destinados ao Ministério do Esporte e aos Comitês Olímpico e Paraolímpico Brasileiros;
- A Seguridade Social recebeu R\$719.964.715,02 para garantir benefícios previdenciários aos cidadãos;
- O Programa de Financiamento Estudantil (FIES) recebeu R\$379.568.777,89 para

possibilitar aos estudantes de baixa renda a oportunidade de fazer um curso superior e a conquistar melhores oportunidades no mercado de trabalho. São cerca de 320 mil estudantes beneficiados;

- R\$121.441.013,83 foram destinados ao Fundo Nacional de Cultura para a preservação, o desenvolvimento e a divulgação da riqueza cultural de nosso País;

- O Fundo Penitenciário Nacional (FPN) recebeu R\$127.228.914,13 para investir na segurança dos cidadãos.

A mudança proposta no voto que apresento não irá alterar os repasses das Loterias da Caixa para os órgãos e entidades acima relacionados, como pode ser comprovado pelo quadro a seguir.

### Caixa Econômica Federal Participação no Valor Arrecadado Loterias – Repasses Sociais 2006

	Participação Atual no Valor Arrecadado		Nova Participação no Valor Arrecadado		Redução
	%	Valores Repassados	%	Valores Repassados	
Ministério do Esporte	4,2356%	179.361.819,64	4,2356%	179.361.819,64	0,0000%
Comitê Olímpico Brasileiro	1,6307%	69.053.448,15	1,6307%	69.053.448,15	0,0000%
Comitê Paraolímpico Brasileiro	0,2934%	12.423.075,13	0,2934%	12.423.075,13	0,0000%
Clubes de Futebol	0,1616%	6.841.972,11	0,1616%	6.841.972,11	0,0000%
Fundo Investimento ao Estudante Superior – FIES.	8,9635%	379.568.777,89	8,9635%	379.568.777,89	0,0000%
Fundo Nacional de Cultura	2,8678%	121.441.013,83	2,8678%	121.441.013,83	0,0000%
Seguridade Social	17,0019%	719.964.715,02	17,0019%	719.964.715,02	0,0000%
APAE e outras entidades	0,0048%	203.362,12	0,0048%	203.362,12	0,0000%
Fundo Penitenciário	3,0045%	127.228.914,13	3,0045%	127.228.914,13	0,0000%
<b>Soma</b>	<b>38,1637%</b>	<b>1.616.087.098,02</b>	<b>38,1637%</b>	<b>1.616.087.098,02</b>	<b>0,0000%</b>
<b>Cruz Vermelha Brasileira</b>	<b>0,0033%</b>	<b>140.000,00</b>	<b>0,1500%</b>	<b>6.351.925,31</b>	<b>0,1467%</b>
	<b>38,1670%</b>	<b>1.616.227.098,02</b>	<b>38,3137%</b>	<b>1.622.439.023,33</b>	<b>0,1467%</b>

Valor Arrecadado CEF em 2006 = R\$ 4.234.616.871,08

Fonte: Caixa Econômica Federal

Elaboração: Cruz Vermelha Brasileira

### III. Voto

Pelas razões expostas, voto pela aprovação do PLS n. 110, de 2004 na forma do substitutivo abaixo.



## EMENDA Nº 1 – CAE (SUBSTITUTIVO)

**PROJETO DE LEI DO SENADO  
LEI Nº 110, DE 2004**

**Altera a Lei nº 6.905, de 11 de maio de 1981, para destinar a renda líquida de um concurso anual de prognóstico sobre o resultado de sorteios de números para as Associações da Cruz Vermelha Brasileira.**

Art. 1º O art. 1º da Lei nº 6.905, de 11 de maio de 1981, passa a vigorar com a seguinte redação:

Art. 1º A Caixa Econômica Federal destinará mensalmente à Cruz Vermelha Brasileira, sociedade civil filantrópica, quinze centésimos de um ponto percentual da arrecadação total dos concursos de prognósticos e loterias fede-

rais e similares cuja realização estiver sujeita a autorização federal, deduzindo-se este valor do montante destinado aos prêmios.

Parágrafo único A renda prevista neste artigo será destinada ao custeio das atividades operacionais e filantrópicas previstas no estatuto da Sociedade».

Art. 2º Ficam revogados os parágrafos segundo e terceiro do art. 1º da Lei nº 6.905, de 11 de maio de 1981.

Art. 3º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

Sala da Comissão, 27 de novembro de 2007.

– Senador **Eduardo Matarazzo Suplicy**

**COMISSÃO DE ASSUNTOS ECONÔMICOS  
PROJETO DE LEI DO SENADO FEDERAL Nº 110, DE 2004  
TERMINATIVO**

**ASSINARAM O PARECER NA REUNIÃO DE 27/11/07, OS SENHORES(AS) SENADORES(AS):**

**PRESIDENTE:** 

**RELATOR(A):** 

**Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, PCdoB, PRB, PP e PTB)**

EDUARDO SUPLICY (PT)	1-FLÁVIO ARNS (PT)
FRANCISCO DORNELLES (PP)	2-PAULO PAIM (PT)
DELCÍDIO AMARAL (PT)	3-IDELI SALVATTI (PT)
ALOIZIO MERCADANTE (PT)	4-SIBÁ MACHADO (PT)
EUCLYDES MELLO (PTB)	5-MARCELO CRIVELLA (PRB)
RENATO CASAGRANDE (PSB)	6-INÁCIO ARRUDA (PCdoB)
EXPEDITO JÚNIOR (PR)	7-PATRÍCIA SABOYA GOMES (PSB)
SERYS SLHESSARENKO (PT)	8-ANTÔNIO CARLOS VALADARES (PSB)
JOÃO VICENTE CLAUDINO (PTB)	9-CÉSAR BORGES (PR)

**PMDB**

ROMERO JUCÁ	1-VALTER PEREIRA
VALDIR RAUPP	2-ROSEANA SARNEY
PEDRO SIMON	3-WELLINGTON SALGADO
MÃO SANTA	4-LEOMAR QUINTANILHA
GILVAM BORGES	5- EDISON LOBÃO
NEUTO DE CONTO	6-PAULO DUQUE
GARIBALDI ALVES FILHO	7-JARBAS VASCONCELOS

**DEM**

ADELMIR SANTANA	1-JONAS PINHEIRO
ELISEU RESENDE	2-ANTONIO CARLOS JÚNIOR
JAYME CAMPOS	3-DEMÓSTENES TORRÉS
KÁTIA ABREU	4-ROSALBA CIARLINI
RAIMUNDO COLOMBO	5-MARCO MACIEL
	6-ROMEU TUMA

**PSDB**

CÍCERO LUCENA	1-ARTHUR VIRGÍLIO
FLEXA RIBEIRO	2-EDUARDO AZEREDO
SÉRGIO GUERRA	3-MARCONI PERILLO
TASSO JEREISSATI	4-JOÃO TENÓRIO

**PDT**

OSMAR DIAS	1-JEFFERSON PÉRES
------------	-------------------

## COMISSÃO DE ASSUNTOS ECONÔMICOS

LISTA DE VOTAÇÃO NOMINAL – Emenda nº 01-CAE (Substitutivo) apresentada ao PLS nº 110, de 2004

TITULARES – Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, Pcdob, PRB, PP e PTB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE – Bloco de Apoio ao Governo (PT, PR, PSB, Pcdob, PRB, PP e PTB)	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
EDUARDO SUPLYCY (PT)	X				1-FLAVIO ARNS (PT)				
FRANCISCO DORNELLES (PP)	X				2-PAULO PAIM (PT)				
DELCIDIO AMARAL (PT)	X				3-IDELI SALVATII (PT)				
ALOIZIO MERCADANTE (PT)					4-SIBÁ MACHADO (PT)	X			
EUCLYDES MELLO (PTB)					5-MARCELO CRIVELLA (PRB) AUTOR		X		
RENATO CASAGRANDE (PSB)	X				6-INACIO ARRUDA (PCdOB)				
EXPEDITO JUNIOR (PR)					7-PATRICIA SABOYA GOMES (PSB)				
SERYS SLHESARENKO (PT)					8-ANTONIO CARLOS VALADARES (PSB)				
JOAO VICENTE CLAUDINO (PTB)					9-CESAR BORGES (PR)				
TITULARES - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PMDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
ROMERO JUCA					1-VALTER PEREIRA				
VALDIR RAUPP	X				2-ROSEANA SARNEY				
PEDRO SIMON					3-WELLINGTON SALGADO	X			
MÃO SANTA					4-LEOMAR QUINTANILHA				
GILVAM BORGES					5-EDISON LOBAO				
NEUTO DE CONTO	X				6-PAULO DUQUE				
GARIBALDI ALVES FILHO	X				7-JARBAS VASCONCELOS				
TITULARES - DEM	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - DEM	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
ADELMIR SANTANA	X				1-JONAS PINHEIRO				
VAGO					2-ANTONIO CARLOS JUNIOR	X			
ELISEU RESENDE					3-DEMÓSTENES TORRES				
JAYME CAMPOS	X				4-ROSALBA CIARLINI				
KÁTIA ABREU					5-MARCO MACIEL				
RAIMUNDO COLOMBO	X				6-ROMEU TUMA				
TITULARES - PSDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE - PSDB	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
CICERO LUCENA					1-ARTHUR VIRGILIO				
FLEXA RIBEIRO					2-EDUARDO AZEREDO				
SÉRGIO GUERRA					3-MARCONI PERILLO				
TASSO JEREISSATI					4-JOÃO TENÓRIO				
TITULAR - PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO	SUPLENTE-PDT	SIM	NÃO	AUTOR	ABSTENÇÃO
OSMAR DIAS					1-JEFFERSON PÉRES				

TOTAL 15 SIM 13 NÃO - PREJ - AUTOR 01 ABS - PRESIDENTE 01

SALA DAS REUNIÕES, EM 27/1/07.

*Aluizio Mercadante*  
Senador Aloizio Mercadante  
Presidente

OBS: O VOTO DO AUTOR DA PROPOSIÇÃO NÃO SERÁ COMPUTADO, CONSIGNANDO-SE SUA PRESENÇA PARA EFEITO DE QUORUM (art. 132, § 8º, RISF)

Atualizada em 13/11/07

TEXTO FINAL  
DO PROJETO DE LEI DO SENADO  
Nº 110, DE 2004

**Altera a Lei nº 6.905, de 11 de maio de 1981, para destinar a renda líquida de um concurso anual de prognóstico sobre o resultado de sorteios de números para as Associações da Cruz Vermelha Brasileira.**

Art. 1º O art. 1º da Lei nº 6.905, de 11 de maio de 1981, passa a vigorar com a seguinte redação:

Art. 1º A Caixa Econômica Federal destinará mensalmente à Cruz Vermelha Brasileira, sociedade civil filantrópica, quinze centésimos de um ponto percentual da arrecadação total dos concursos de prognósticos e loterias federais e similares cuja realização estiver sujeita a autorização federal, deduzindo-se este valor do montante destinado aos prêmios.

Parágrafo único. A renda prevista neste artigo será destinada ao custeio das atividades operacionais e filantrópicas previstas no estatuto da sociedade.

Art. 2º Ficam revogados os §§ 2º e 3º do art. 1º da Lei nº 6.905, de 11 de maio de 1981.

Art. 3º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

Sala da Comissão, 27 de novembro de 2007.  
– Senador **Eduardo Matarazzo Suplicy**, Relator – Senador **Aloizio Mercadante**, Presidente.

Of. nº 258/2007/CAE

Brasília, 4 de dezembro de 2007

A Sua Excelência o Senhor  
Senador Tião Viana  
Presidente Interino do Senado Federal

Senhor Presidente,

Nos termos do § 2º do art. 91 do Regimento Interno do Senado Federal, comunico a Vossa Excelência que esta Comissão aprovou, em reunião realizada na presente data, em Turno Suplementar de Discussão, a Emenda nº 1 – CAE (Substitutivo), oferecida ao Projeto de Lei do Senado nº 110, de 2004, que “altera a Lei nº 6.905, de 11 de maio de 1981, para destinar a renda líquida de um concurso anual de prognóstico sobre o resultado de sorteios de números para as Associações da Cruz Vermelha Brasileira”.

Respeitosamente, Senador **Aloizio Mercadante**,  
Presidente da Comissão de Assuntos Econômicos.

**DOCUMENTO ANEXADO NOS TERMOS DO PARÁGRAFO ÚNICO DO ART. 250 DO REGIMENTO INTERNO.**

**VOTO VENCIDO**

**Da Comissão de assuntos Econômicos, sobre o Projeto de Lei do Senado nº 110, de 2004, que altera a Lei nº 6.905, de 11 de maio de 1981, para destinar a renda líquida de um concurso anual de prognóstico sobre o resultado de sorteios de números para as Associações da Cruz Vermelha Brasileira.**

Relator: Senador **Romeu Tuma**

**I – Relatório**

O Projeto de Lei do Senado (PLS) nº 110, de 2004, de autoria do Senador Marcelo Crivella, propõe a alteração dos artigos 1º e 2º da Lei nº 6.905, de 11 de maio de 1981, que destina a renda líquida de concursos de prognósticos esportivos à Cruz Vermelha Brasileira, definida como a renda bruta deduzida das parcelas destinadas à Caixa Econômica Federal e ao pagamento de prêmios e do imposto de renda.

A Lei nº 6.905, de 1981, estabelece que a Caixa Econômica Federal fará realizar, a cada ano, um concurso de prognósticos esportivos promovido com base no Decreto-Lei nº 594, de 27 de maio de 1969, devendo a renda líquida correspondente ser destinada à Cruz Vermelha Brasileira.

A proposta do Sen. Marcelo Crivella e destinar, além desses recursos, a renda líquida de um concurso de prognósticos sobre o resultado de sorteios de números, promovido com base na Lei nº 6.717, de 12 de novembro de 1979 (art. 1º do projeto). O § 1º do mesmo artigo também é alterado para tornar impenhoráveis essas rendas destinadas à Cruz Vermelha.

Os demais parágrafos sofrem apenas alteração de redação para ajustar o texto à nova proposta.

Em sua justificação, o Senador Marcelo Crivella argumenta que os recursos efetivamente destinados aquela entidade filantrópica em decorrência da Lei nº 6.905, de 1981, têm sido insuficientes para cumprir o propósito da lei e prestar atendimento, ainda que em caráter complementar, a suas quatorze filiais estaduais, trinta e cinco filiais municipais e, ainda, a seu órgão central, localizado no Rio de Janeiro. Segundo ele, os concursos realizados em 15 de junho de 2002, 31 de março de 2003 e 5 de janeiro de 2004, resultaram valores ínfimos para a entidade, de R\$90.507,18, R\$118.993,74 e R\$65.503,64, respectivamente.

Além disso, a entidade necessita de recursos para fazer frente a diversos investimentos, como aquisição de equipamentos oftalmológicos, reativação da escola de enfermagem, captação e formação de voluntários, mobilização para doação de sangue, prevenção da dengue e de outras doenças infecto-contagiosas, além de campanhas contra o estigma e a discriminação da Aids/HIV.

A proposição foi encaminhada à Comissão de Assuntos Econômicos (CAE), em decisão terminativa.

No prazo regimental, não foram apresentadas emendas.

## II – Análise

Compete a esta comissão, nos termos do art. 99, incisos I e III, do Regimento Interno, opinar e emitir parecer sobre aspecto econômico e financeiro de qualquer matéria que lhe seja submetida, inclusive sobre os sistemas de poupança, consórcio e sorteio e propaganda comercial.

Cabe assinalar, preliminarmente, que não se encontra impedimento de ordem constitucional no tocante à iniciativa dessa lei por membro do Senado Federal, nos termos do art. 61 da Constituição Federal (CF).

Os aspectos de mérito mais relevantes, por conseguinte, dizem respeito à situação econômico-financeira da instituição. A proposta não tratou dessa questão. A instituição, por outro lado, não facultou o acesso a essas informações, pelo que, no nosso entendimento, a matéria ficou prejudicada.

Além disso, a proposta implica a redução dos recursos destinados a todos os atuais beneficiários, Fundo Nacional de Cultura, Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), Seguridade Social, Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – FIES (crédito educativo), Fundo Penitenciário Nacional (FUNPEN), Secretaria Nacional de Esportes e clubes de futebol.

Sendo assim, não há como o Senado Federal aprová-la sem o total conhecimento do assunto, particular e especialmente em relação à real situação econômico-financeira da Cruz Vermelha Brasileira.

## III – Voto

Diante do exposto, voto pela rejeição do Projeto de Lei do Senado nº 110, de 2004.

Sala da Comissão, 27 de novembro de 2007.

, Presidente

 , Relator

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Os pareceres que acabam de ser lidos vão à publicação.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – A Presidência recebeu o **Ofício nº 7, de 2008**, da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, comunicando a aprovação, em caráter terminativo, dos **Projetos de Decreto Legislativo nºs 263, 336, 360, 369, 376, 387, 390, 392, 395, 400, 429, 443, 454, 458, 462 e 466 de 2007**, cujos pareceres foram lidos anteriormente.

Nos termos do art. 91, § 3º, do Regimento Interno, fica aberto o prazo de cinco dias úteis para interposição de recurso, por um décimo da composição da Casa, para que as matérias sejam apreciadas pelo Plenário.

É o seguinte o ofício recebido:

Of. nº 7/2008 – CCT

Brasília, 13 de fevereiro de 2008

Senhor Presidente,

Comunico a Vossa Excelência que, em reunião realizada nesta data, a Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, aprovou, em caráter terminativo, os Projetos de Decreto Legislativo nºs 263, 336, 360, 369, 376, 387, 390, 392, 395, 400, 429, 443, 454, 458, 462 e 466 de 2007.

Atenciosamente, Senador **Wellington Salgado de Oliveira**, Presidente da Comissão de Ciência Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Sobre a mesa, ofício do Presidente da Comissão de Assuntos Econômicos que passo a ler.

É lido o seguinte:

Of. nº 258/2007/CAE

Brasília, 4 de dezembro de 2007

Senhor Presidente,

Nos termos do § 2º do art. 91 do Regimento Interno do Senado Federal, comunico a Vossa Excelência que esta comissão aprovou, em reunião realizada na presente data, em Turno Suplementar de Discussão, a Emenda nº 1 – CAE (Substitutivo), oferecida ao Projeto de Lei do Senado nº 110, de 2004, que “altera a Lei nº 6.905, de 11 de maio de 1981, para destinar a renda líquida de um concurso anual de prognóstico sobre o resultado de sorteios de números para as Associações da Cruz Vermelha Brasileira”.

Respeitosamente, Senador **Aloizio Mercadante**, Presidente da Comissão de Assuntos Econômicos.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Com referência ao expediente lido, fica aberto o prazo de cinco dias úteis para interposição de recurso, nos termos do art. 91, §§ 3º a 5º, do Regimento Interno, por um décimo da composição da Casa, para que o **Projeto de Lei do Senado nº 110, de 2004**, cujo parecer foi lido anteriormente, seja apreciado pelo Plenário.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Em cumprimento às recomendações constantes do **Relatório Final nº 4, de 2007 – SF**, da Comissão Parlamentar de Inquérito criada por meio do Requerimento nº 401, de 2007, do Senado Feeral (“CPI do Apagão Aéreo”), destinada a *apurar as causas, condições e responsabilidades relacionadas aos graves problemas verificados no sistema de controle do tráfego aéreo, bem como nos principais aeropor-*

*tos do País, evidenciados a partir do acidente aéreo, ocorrido em 29 de setembro de 2006, envolvendo um Boeing 737-800 da Gol e um jato Legacy da American ExcelAire, e que tiveram seu ápice no movimento de paralisação dos controladores de vôo ocorrido em 30 de março de 2007*, a Presidência, no dia 27 de dezembro de 2007, expediu ofícios às autoridades citadas no referido Relatório, encaminhando-lhes um exemplar do documento em causa.

Nos termos do art. 2º, **caput** e parágrafo único, da Lei nº 10.001, de 4 de setembro de 2000, fica aberto o prazo de trinta dias, a partir do recebimento do Relatório Final, para as providências previstas na referida lei.

É o seguinte o quadro-síntese dos ofícios expedidos:

**“CPI DO APAGÃO AÉREO”**  
(CRIADA PELO REQUERIMENTO Nº 401, DE 2007-SF)

**QUADRO-SÍNTESE DOS EXPEDIENTES ENCAMINHADOS ÀS AUTORIDADES CITADAS NO RELATÓRIO FINAL Nº 4, DE 2007-SF, NOS TERMOS DO ART. 2º, CAPUT E PARÁGRAFO ÚNICO, DA LEI Nº 10.001, DE 4 DE SETEMBRO DE 2000**

(Atualizado em 12.02.08)

	NÚMERO DO EXPEDIENTE	REMETENTE	DESTINATÁRIO	ASSUNTO	DATA DO RECEBIMENTO DO RELATÓRIO FINAL	RESPOSTA/PROVIDÊNCIAS INFORMADAS
1.	Mensagem nº 259, de 21.12.07	Presidente do SF, Senador Garibaldi Alves Filho	Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva	Encaminha o Relatório Final	24.01.08	
2.	Ofício SF nº 2057, de 27.12.07	Senador Valdir Raupp, no exercício da Primeira Secretaria	Ministra Chefe da Casa Civil da Presidência da República, Dilma Vana Rousseff	Encaminha o Relatório Final	24.01.08	
3.	Ofício SF nº 2068, de 27.12.07	Senador Edison Lobão, no exercício da Presidência	Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Arlindo Chinaglia	Encaminha o Relatório Final	23.01.08	
4.	Ofício SF nº 2067, de 27.12.07	Senador Edison Lobão, no exercício da Presidência	Procurador-Geral da República, Antônio Fernando Barros e Silva de Souza	Encaminha o Relatório Final	25.01.08	
5.	Ofício SF nº 2063, de	Senador Edison Lobão, no exercício	Ministro de Estado da Justiça, Tarso Genro	Encaminha o Relatório Final	28.01.08	

	NÚMERO DO EXPEDIENTE	REMETENTE	DESTINATÁRIO	ASSUNTO	DATA DO RECEBIMENTO DO RELATÓRIO FINAL	RESPOSTA/PROVIDÊNCIAS INFORMADAS
	27.12.07	da Presidência				
6.	Ofício SF nº 2064, de 27.12.07	Senador Edison Lobão, no exercício da Presidência	Presidente do TCU, Ministro Walton Alencar Rodrigues	Encaminha o Relatório Final	25.01.08	Informou providências adotadas, por meio do Aviso nº 47-GP/TCU, de 28.01.08, publicado no DSF de 12.02.08.
7.	Ofício SF nº 2065, de 27.12.07	Senador Edison Lobão, no exercício da Presidência	Ministro de Estado do Controle e da Transparência, Jorge Hage Sobrinho	Encaminha o Relatório Final	25.01.08	
8.	Ofício SF nº 2066, de 27.12.07	Senador Edison Lobão, no exercício da Presidência	Ministro de Estado da Defesa, Nelson Jobim	Encaminha o Relatório Final	25.01.08	
9.	Ofício SF nº 2062, de 27.12.07	Senador Valdir Raupp, no exercício da Primeira Secretaria	Juíza Titular da 13ª Vara da Seção Judiciária do DF, Isa Tânia Cantão Barão Pessoa da Costa	Encaminha o Relatório Final	25.01.08	
10.	Ofício SF nº 2058, de 27.12.07	Senador Valdir Raupp, no exercício da Primeira Secretaria	Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal, Luiz Fernando Corrêa	Encaminha o Relatório Final	01.02.08	
11.	Ofício SF nº 2059, de 27.12.07	Senador Valdir Raupp, no exercício da Primeira Secretaria	Comandante da Aeronáutica, Tenente-Brigadeiro-do-Ar Junito Saito	Encaminha o Relatório Final	07.02.08	

	NÚMERO DO EXPEDIENTE	REMETENTE	DESTINATÁRIO	ASSUNTO	DATA DO RECEBIMENTO DO RELATÓRIO FINAL	RESPOSTA/PROVIDÊNCIAS INFORMADAS
12.	Ofício SF nº 2061, de 27.12.07	Senador Valdir Raupp, no exercício da Primeira Secretaria	Diretora-Presidente da Agência Nacional de Aviação Civil – ANAC, Solange Paiva Vieira	Encaminha o Relatório Final	25.01.08	
13.	Ofício SF nº 2060, de 27.12.07	Senador Valdir Raupp, no exercício da Primeira Secretaria	Presidente da Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária – INFRAERO, Sérgio Maurício Brito Gaudenzi	Encaminha o Relatório Final	11.02.08	

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Sobre a mesa, ofício que passo a ler.

É lido o seguinte:

Of. nº 15/2008/GLPTB

Brasília, 14 de fevereiro de 2008

Senhor Presidente,

Nos termos regimentais, comunico a Vossa Excelência que o Senador Fernando Collor deixará de integrar as comissões permanentes abaixo indicadas pelo Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, as quais ocupava antes de licenciar-se dessa Casa:

- Comissão de Assuntos Econômicos – CAE – (membro titular)
- Comissão de Assuntos Sociais – CAS – (membro suplente)
- Comissão de Meio Ambiente, Defesa do Consumidor e Fiscalização e Controle – CMA – (membro titular)
- Comissão de Infra-Estrutura – CI – (membro titular)

Informo, ainda, que S. Exa permanecerá na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional – CRE, na Comissão Mista Especial de Mudanças Climáticas, ambas na condição de membro titular, e na Comissão de Representação Brasileira Parlamento – Mercosul, como suplente.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência protesto de estima e consideração. – Senador **Epitácio Cafeteira**, Líder do PTB.

Of. nº 13/2008

Brasília, 6 de fevereiro de 2008

Exmo Sr. Senador  
Epitácio Cafeteira  
Líder do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB  
Senado Federal

Senhor Líder,

Ao cumprimentá-lo cordialmente, e tendo em vista o retorno ao exercício de meu mandato nesta

Casa Legislativa, venho solicitar a Vossa Excelência as devidas providências para a retirada de meu nome da composição das seguintes comissões permanentes do Senado Federal, das quais faço parte pela bancada do PTB/Bloco de Apoio ao Governo:

1. CAE – Comissão de Assuntos Econômicos (membro titular);
2. CI – Comissão de Infra-Estrutura (membro titular);
3. CMA – Comissão de Meio Ambiente, Defesa do Consumidor e Fiscalização e Controle (membro titular);
4. CAS – Comissão de Assuntos Sociais (membro suplente).

Reitero, assim, minha disposição em continuar compondo apenas a Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional e a Comissão Mista Especial de Mudanças Climáticas.

Agradeço a habitual atenção de Vossa Excelência, mantendo-me sempre à disposição dessa Liderança.

Cordialmente, – Senador **Fernando Collor**.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – O ofício lido vai à publicação.

A Presidência designa o Senador Fernando Collor para integrar, como titular, a Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, nos termos do expediente lido.

**O SR. PRESIDENTE** (Geraldo Mesquita Júnior. PMDB – AC) – Não há mais oradores inscritos.

Nada mais havendo a tratar, a Presidência vai encerrar os trabalhos.

Está encerrada a presente sessão.

*(Levanta-se a sessão às 12 horas e 52 minutos.)*

## Ata da 8ª Sessão Não Deliberativa, em 18 de fevereiro de 2008

2ª Sessão Legislativa Ordinária da 53ª Legislatura

*Presidência dos Srs. Papaléo Paes, Paulo Paim e Mão Santa*

*(Inicia-se a sessão às 14 horas)*

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Esgotou-se na última sexta-feira o prazo previsto no art. 91, § 3º, do Regimento Interno, sem que tenha sido interposto recurso no sentido da apreciação, pelo Plenário, das seguintes matérias:

- **Projeto de Decreto Legislativo nº 346, de 2007** (nº 111/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Cultural de Radiodifusão Comunitária Itatibense para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Itatiba do Sul, Estado do Rio Grande do Sul;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 348, de 2007** (nº 123/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Lourenciana de Artes e Recreação – Solar para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de São Lourenço do Sul, Estado do Rio Grande do Sul;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 351, de 2007** (nº 146/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Cultural São Pedro Apóstolo para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de São Pedro do Ivaí, Estado do Paraná;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 354, de 2007** (nº 153/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária Nova Cultural para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Alto Caparaó, Estado de Minas Gerais;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 355, de 2007** (nº 154/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Comunicação e Cultura de Aquidabã – ACCCA para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Aquidabã, Estado de Sergipe;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 356, de 2007** (nº 155/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Sociedade de Radiodifusão Comunitária do Município de São Caetano para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de São Caetano, Estado de Pernambuco;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 357, de 2007** (nº 159/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga permissão à Sistema de Comunicação Anel do Brejo Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Coremas, Estado da Paraíba;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 359, de 2007** (nº 207/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a permissão outorgada à Rede Oeste de Comunicação Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Marechal Cândido Rondon, Estado do Paraná;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 365, de 2007** (nº 218/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Cultural Comunitária Confiança de Tatuí para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Tatuí, Estado de São Paulo;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 367, de 2007** (nº 222/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Amigos da Cultura de Guaporé para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Guaporé, Estado do Rio Grande do Sul;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 374, de 2007** (nº 268/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Desenvolvimento Artístico e Cultural de Altamira – Assomira para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Altamira, Estado do Pará;



- **Projeto de Decreto Legislativo nº 375, de 2007** (nº 272/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a permissão outorgada à Rádio Fraternidade Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Araras, Estado de São Paulo;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 379, de 2007** (nº 91/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a permissão outorgada à Sistema Bel´Rio de Radiodifusão Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Pirapora, Estado de Minas Gerais;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 381, de 2007** (nº 78/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Camaragibana de Radiodifusão para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Passo do Camaragibe, Estado de Alagoas;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 383, de 2007** (nº 84/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Comunicação e Cultura de Santa Amélia para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Santa Amélia, Estado do Paraná;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 384, de 2007** (nº 86/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação para o Desenvolvimento Comunitário de Mamanguape – Adecam para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Mamanguape, Estado da Paraíba;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 385, de 2007** (nº 88/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária Integração para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Ipatinga, Estado de Minas Gerais;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 386, de 2007** (nº 109/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação dos Amigos de Ibitiura de Minas para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Ibitiura de Minas, Estado de Minas Gerais;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 389, de 2007** (nº 168/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária Amigos de Entre Rios do Oeste para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Entre Rios do Oeste, Estado do Paraná;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 393, de 2007** (nº 230/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Desenvolvimento Cultural e Artístico de Mantenópolis – Acomant para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Mantenópolis, Estado do Espírito Santo;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 394, de 2007** (nº 232/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga permissão à Rádio Candelária FM Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Alto Paraíso, Estado de Rondônia;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 396, de 2007** (nº 238/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga permissão à Sociedade Rádio Santa Felicidade Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Putinga, Estado do Rio Grande do Sul;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 398, de 2007** (nº 245/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Comunicação e Cultura de Camargo para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Camargo, Estado do Rio Grande do Sul;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 401, de 2007** (nº 248/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação de Desenvolvimento Comunitário Progresso de Derrubadas para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Derrubadas, Estado do Rio Grande do Sul;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 403, de 2007** (nº 252/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária e Cultural Skala para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Paranaíba, Estado do Paraná;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 404, de 2007** (nº 264/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a concessão outorgada à Rádio Capanema Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em onda média na cidade de Capanema, Estado do Paraná;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 406, de 2007** (nº 270/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga permissão à Rádio Flores Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Vila Flores, Estado do Rio Grande do Sul;

- **Projeto de Decreto Legislativo nº 407, de 2007** (nº 286/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga permissão à Rádio Lontrense FM Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Salto do Lontra, Estado do Paraná;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 408, de 2007** (nº 287/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação dos Moradores do Tabuleiro para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Matinhos, Estado do Paraná;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 410, de 2007** (nº 291/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a concessão outorgada à Sociedade Pedritense de Rádio Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em onda média na cidade de Dom Pedrito, Estado do Rio Grande do Sul;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 411, de 2007** (nº 292/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a concessão outorgada à Rádio Simpatia Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em onda média na cidade de Chapada, Estado do Rio Grande do Sul;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 412, de 2007** (nº 349/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga permissão à Fundação Educacional de Ipatinga para executar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Ouro Branco, Estado de Minas Gerais;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 415, de 2007** (nº 90/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a concessão outorgada à TV Cataratas Ltda. para explorar serviço de radiodifusão de sons e imagens na cidade de Foz do Iguaçu, Estado do Paraná;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 416, de 2007** (nº 117/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a concessão outorgada à Empresa Jornalística Noroeste Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em onda média na cidade de Santa Rosa, Estado do Rio Grande do Sul;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 417, de 2007** (nº 130/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga permissão à Piccinini & Lucca Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Roca Sales, Estado do Rio Grande do Sul;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 418, de 2007** (nº 145/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária e Cultural de Porto Alegre do Tocantins – TO para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Porto Alegre do Tocantins, Estado do Tocantins;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 421, de 2007** (nº 170/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga permissão à Rádio Candelária FM Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Novo Horizonte do Oeste, Estado de Rondônia;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 423, de 2007** (nº 195/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a concessão outorgada à Rádio Venâncio Aires Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em onda média na cidade de Venâncio Aires, Estado do Rio Grande do Sul;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 426, de 2007** (nº 212/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga permissão à Radiofônica.Com Marketing Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Santo Augusto, Estado do Rio Grande do Sul;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 427, de 2007** (nº 215/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga permissão à Sociedade Rádio Santa Felicidade Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Ciríaco, Estado do Rio Grande do Sul;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 431, de 2007** (nº 227/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Comunicação e Cultura de Rio Pardo de Minas para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Rio Pardo de Minas, Estado de Minas Gerais;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 434, de 2007** (nº 239/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga concessão à Sistema Norte de Rádio e Televisão Ltda. para explorar serviço de radiodifusão de sons e imagens na cidade de Linhares, Estado do Espírito Santo;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 441, de 2007** (nº 77/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a permissão outorgada à Rádio FM 102 Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Cariacica, Estado do Espírito Santo;

- **Projeto de Decreto Legislativo nº 442, de 2007** (nº 82/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a concessão outorgada à Fundação Cultural Celinauta para explorar serviço de radiodifusão sonora em onda média na cidade de Pato Branco, Estado do Paraná;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 447, de 2007** (nº 169/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Sistema SJV de Comunicação para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de São José de Varginha, Estado de Minas Gerais;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 450, de 2007** (nº 187/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Agência de Desenvolvimento de Mallet para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Mallet, Estado do Paraná;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 456, de 2007** (nº 273/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga permissão à SPC – Sistema Paraense de Comunicações Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Conceição do Araguaia, Estado do Pará;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 460, de 2007** (nº 194/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a concessão outorgada à Rádio Taquara Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em onda média na cidade de Taquara, Estado do Rio Grande do Sul;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 461, de 2007** (nº 299/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a permissão outorgada à Fundação Cultural da Serra para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Garibaldi, Estado do Rio Grande do Sul;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 464, de 2007** (nº 308/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Desenvolvimento Cultural e Artístico de Goioerê para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Goioerê, Estado do Paraná;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 465, de 2007** (nº 310/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a permissão outorgada à Rádio Clube de Mallet Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em onda média local na cidade de Mallet, Estado do Paraná;
- **Projeto de Decreto Legislativo nº 467, de 2007** (nº 315/2007, na Câmara dos Deputados), que

aprova o ato que outorga autorização à Associação dos Moradores Urbanos de Quedas do Iguaçu para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Quedas do Iguaçu, Estado do Paraná; e

- **Projeto de Decreto Legislativo nº 470, de 2007** (nº 330/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Desenvolvimento Artístico e Cultural de Capitão Leônidas Marques (Acocalema) para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Capitão Leônidas Marques, Estado do Paraná.

Tendo sido aprovadas terminativamente pela Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, as matérias vão à promulgação.

Será feita a devida comunicação à Câmara dos Deputados.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Sobre a mesa, Projetos de Lei do Senado que passo a ler.

São lidos os seguintes:

#### **PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 20, DE 2008**

**Concede isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) incidente sobre veículos para transporte coletivo de estudantes, quando adquiridos por Prefeituras Municipais e pelo Distrito Federal, bem como por profissionais autônomos e suas cooperativas habilitados e dedicados exclusivamente ao transporte escolar.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Ficam isentos do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) os veículos classificados na posição 8702 e seus desdobramentos, da Tabela de Incidência do Imposto sobre Produtos Industrializados (TIPI), destinados a transporte coletivo de estudantes, quando adquiridos por Prefeituras Municipais e pelo Distrito Federal.

Art. 2º A isenção de que trata o art. 1º se aplicará também à aquisição dos veículos por profissionais autônomos e suas cooperativas, habilitados e dedicados exclusivamente ao transporte escolar, na forma do regulamento.

Parágrafo único. A isenção será declarada nula, sendo o imposto cobrado com todos os acréscimos legais, se verificada antes de decorridos cinco anos da data de aquisição:

I – a transferência, a qualquer título, da propriedade dos veículos objeto da isenção, salvo prévia anuência do órgão de administração fiscal;

II – a comprovação de uso dos veículos em atividade diversa do transporte escolar;

III – a descaracterização dos veículos, se a isenção houver sido baseada no disposto no art. 3º desta lei.

Art. 3º O Regulamento poderá restringir a isenção de que trata esta Lei a veículos que obedecem a modelos com características especiais, inclusive quanto a pintura externa e a identificação por palavras ou símbolos.

Art. 4º Fica assegurada a manutenção do crédito relativo a matérias-primas, produtos intermediários e material de embalagem empregados nos bens objeto da isenção de que trata o art. 1º.

Art. 5º Para os fins do disposto no art. 14 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, o Poder Executivo estimará o montante da renúncia de receita decorrente do disposto nesta lei e o incluirá no demonstrativo a que se refere o § 6º do art. 165 da Constituição Federal, o qual acompanhará o projeto de lei orçamentária cuja apresentação ocorrer depois de sessenta dias de publicação desta lei.

Art. 6º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Parágrafo único. A isenção de que trata esta lei produzirá efeitos a partir do primeiro dia do exercício financeiro imediatamente posterior àquele em que for implementado o disposto no art. 5º.

### Justificação

A idéia de educação e de política educacional tem evoluído significativamente nas últimas décadas, para incluir uma série de conceitos complementares, na busca da otimização do investimento, de sua eficiência e eficácia máximas.

Assim, por exemplo, quanto à merenda escolar, ao fornecimento do livro didático, da inclusão digital, da capacitação continuada dos docentes entre tantos outros.

Nessa mesma linha se insere a facilidade de acesso físico ao estabelecimento escolar, que, antes de tudo, é condição de rendimento do aprendizado, e envolve também vários outros fatores ligados à prestação, à segurança, ao custo e, muitas vezes, ao próprio fluxo de trânsito nas proximidades da escola. O problema se apresenta tanto nas grandes cidades quanto nas zonas agrícolas.

Nas zonas agrícolas, as administrações locais enfrentam o problema de proporcionar ensino fundamental a menores residentes em áreas rurais. Essa clientela apresenta diversas peculiaridades que afe-

tam a execução da política educacional. A dispersão geográfica da residência dos alunos em idade escolar é a principal dessas peculiaridades, o que aconselha a polarização em escolas mais bem instaladas, equipadas e supridas de pessoal qualificado.

No entanto, a polarização implica o problema de transportar a população infantil rurícola, diariamente, com um mínimo aceitável de conforto e segurança, em percursos de ida e volta, enfrentando rede de estradas vicinais nem sempre bem conservadas ou suficientemente capilarizadas.

Nas grandes cidades, o problema também existe, embora com outras características, porque se agregam aí os problemas da violência urbana, da complexidade do trânsito, do alto custo que o transporte escolar representa para as famílias de baixa renda e tantos outros.

A crescente inserção da mulher no mercado de trabalho provoca, principalmente nas regiões metropolitanas, menor atenção familiar à criança em idade escolar e a dificuldade de acompanhá-lo no trajeto de ida e volta da escola. Entretanto, é necessário que seu custo esteja ao alcance da maioria das famílias, sendo privado, ou que seja proporcionado pelo Estado, para aquelas que não conseguem suportar o ônus.

Proporcionar transporte digno, seguro e eficiente aos estudantes é parte importante da política educacional, e, conseqüentemente, de toda a política econômico-social do Governo.

A isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados que se pleiteia neste projeto decorre dessa linha de raciocínio. Evidentemente há uma pequena renúncia de receita a considerar. Todavia, em primeiro lugar, tal renúncia é também suportada pelos próprios beneficiários, que, constitucionalmente, têm participação no produto da arrecadação do imposto, no caso das administrações municipais. Em segundo lugar, ela representa investimento na melhoria do padrão de vida dos cidadãos e na evolução do sistema educacional como um todo.

Sala das Sessões, 18 de fevereiro de 2008. – Senador **Cristovam Buarque**.

### LEGISLAÇÃO CITADA

LEI COMPLEMENTAR Nº 101,  
DE 4 DE MAIO DE 2000

**Estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal e dá outras providências.**

O Presidente da República, faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei Complementar:

.....

Art. 14. A concessão ou ampliação de incentivo ou benefício de natureza tributária da qual decorra renúncia de receita deverá estar acompanhada de estimativa do impacto orçamentário-financeiro no exercício em que deva iniciar sua vigência e nos dois seguintes, atender ao disposto na lei de diretrizes orçamentárias e a pelo menos uma das seguintes condições:

I – demonstração pelo proponente de que a renúncia foi considerada na estimativa de receita da lei orçamentária, na forma do art. 12, e de que não afetará as metas de resultados fiscais previstas no anexo próprio da lei de diretrizes orçamentárias;

II – estar acompanhada de medidas de compensação, no período mencionado no **caput**, por meio do aumento de receita, proveniente da elevação de alíquotas, ampliação da base de cálculo, majoração ou criação de tributo ou contribuição.

§ 1º A renúncia compreende anistia, remissão, subsídio, crédito presumido, concessão de isenção em caráter não geral, alteração de alíquota ou modificação de base de cálculo que implique redução discriminada de tributos ou contribuições, e outros benefícios que respondam a tratamento diferenciado.

§ 2º Se o ato de concessão ou ampliação do incentivo ou benefício de que trata o **caput** deste artigo decorrer da condição contida no inciso II, o benefício só entrará em vigor quando implementadas as medidas referidas no mencionado inciso.

§ 3º O disposto neste artigo não se aplica:

I – às alterações das alíquotas dos impostos previstos nos incisos I, II, IV e V do art. 153 da Constituição, na forma do seu § 1º.

II – ao cancelamento de débito cujo montante seja inferior ao dos respectivos custos de cobrança.

#### CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Art. 165. Leis de iniciativa do Poder Executivo estabelecerão:

§ 6º O projeto de lei orçamentária as receitas e despesas, decorrente de financeira, tributária e creditícia.

*(Às Comissões de Educação, Cultura e Esporte; e de Assuntos Econômicos – cabendo à última a decisão terminativa)*

#### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 21, DE 2008

**Acrescenta parágrafos ao art. 11 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, para dispor sobre a manutenção da condição de segurado especial, para produtores rurais com até dois empregados, fixando contribuição diferenciada, e dá outras providências.**

#### **rado especial, para produtores rurais com até dois empregados, fixando contribuição diferenciada, e dá outras providências.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º O art. 11 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, passa a vigorar acrescidos dos seguintes §§ 6º e 7º:

“Art. 11. ....  
.....

§ 6º Não perde a condição de segurado especial e todos os direitos inerentes a esse enquadramento, o pequeno produtor rural, com até dois empregados, desde que contribua na forma do § 7º deste artigo.

§ 7º Na hipótese do parágrafo anterior, a contribuição devida à Previdência Social, relativa aos empregados, será de 11% (onze por cento), sendo que, deste percentual, 5% (cinco por cento) serão descontados dos salários do empregado, e os 6% (seis por cento) restantes ficarão a cargo do empregador. (NR)”

Art. 2º Esta lei entra em vigor no primeiro dia útil do exercício seguinte ao de sua publicação.

#### **Justificação**

A condição de segurado especial é vista de forma muito restritiva pela Previdência Social. Muitas exigências e dificuldades burocráticas e legais são impostas para que esses trabalhadores, via de regra, os mais pobres do quadro de trabalhadores do país, possam ter acesso aos benefícios. Assim, não é sem razão que há insatisfação no campo, em especial quando se compara o tratamento legal anterior com o atual.

É preciso recuperar as funções sociais que decorrem da condição de segurado especial, promovendo a inclusão de um número cada vez maior de pequenos produtores rurais. Trata-se de um verdadeiro programa de renda mínima, com elevada capacidade distributiva e que, em última instância, é um dos principais responsáveis pela melhoria dos indicadores sociais brasileiros.

Dentre as restrições impostas está a exigência de que o segurado especial não tenha empregados. Como conceito genérico, tudo bem. Mas isso acaba desestimulando a contratação de empregados nas pequenas propriedades rurais, nas quais há um espaço para milhões de empregos formais, a exemplo do que ocorre com os pequenos empreendimentos urbanos.

Ocorre que, na atividade rural, a necessidade de mão-de-obra depende de fatores sazonais. Em boa parte do país, o pequeno produtor só dispõe de uma safra, precisando, na urgência da colheita ou em de-

corrência do tipo de atividade, da contratação de terceiros. E injusto e descabido que ele perca a condição de segurado especial pela simples contratação de até dois empregados.

Nossa proposta contempla um percentual diferenciado de contribuição, de 11% (onze por cento), com responsabilidade compartilhada entre empregador e empregado. Com isso, certamente haverá um aumento na arrecadação, com o aumento no número de contribuintes e com o aumento nos indicadores de formalização do trabalho no campo. O aumento no número de possíveis beneficiários será compensado com o aumento da arrecadação. Ainda assim, estabelecemos prazo para o início da vigência da Lei, a partir do primeiro dia do exercício financeiro seguinte ao de sua publicação.

Por todas essas razões, esperamos contar com o apoio de nossos Pares para a aprovação de nossa iniciativa. Ela pode servir como estímulo à contratação de trabalhadores formais no campo, levando empregos pequenas propriedades rurais.

Sala das Sessões, 18 de fevereiro de 2008. – Senador **Paulo Paim**

#### LEGISLAÇÃO CITADA

LEI Nº 8.213, DE 24 DE JULHO DE 1991

#### Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências.

O Presidente da República, faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

#### Seção I Dos Segurados

Art. 11. São segurados obrigatórios da Previdência Social as seguintes pessoas físicas:

(...)

§ 1º Entende-se como regime de economia familiar a atividade em que o trabalho dos membros da família é indispensável à própria subsistência e é exercido em condições de mútua dependência e colaboração, sem a utilização de empregados.

§ 2º Todo aquele que exercer, concomitantemente, mais de uma atividade remunerada sujeita ao Regime Geral de Previdência Social é obrigatoriamente filiado em relação a cada uma delas.

§ 3º O aposentado pelo Regime Geral de Previdência Social–RGPS que estiver exercendo ou que voltar a exercer atividade abrangida por este Regime é segurado obrigatório em relação a essa atividade, ficando sujeito às contribuições de que trata a Lei nº

8.212, de 24 de julho de 1991, para fins de custeio da Seguridade Social. (Incluído pela Lei nº 9.032, de 1995)

§ 4º O dirigente sindical mantém, durante o exercício do mandato eletivo, o mesmo enquadramento no Regime Geral de Previdência Social-RGPS de antes da investidura. (Incluído pela Lei nº 9.528, de 1997)

§ 5º Aplica-se o disposto na alínea **g** do inciso I do **caput** ao ocupante de cargo de Ministro de Estado, de Secretário Estadual, Distrital ou Municipal, sem vínculo efetivo com a União, Estados, Distrito Federal e municípios, suas autarquias, ainda que em regime especial, e fundações. (Incluído pela Lei nº 9.876, de 26-11-99)

(Às Comissões de Agricultura e Reforma Agrária e de Assuntos Sociais – cabendo à última a decisão terminativa)

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– Os projetos que acabam de ser lidos serão publicados e remetidos às Comissões competentes.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### REQUERIMENTO Nº 119, DE 2008

Nos termos do disposto no inciso I, do art. 256 do Regimento Interno, requeiro a retirada, em caráter definitivo, da PEC no 10 de 2004, tendo em vista aprovação de matéria semelhante, convertida em norma jurídica por meio da Emenda Constitucional nº 50 de 2006.

Sala das Sessões, 18 de fevereiro de 2008. – Senador **Arthur Virgílio**, Líder do PSDB.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– A Presidência defere o requerimento, nos termos do art. 256, § 2º, inciso I, do Regimento Interno.

Sobre a mesa, ofício que passo a ler.

É lido o seguinte:

Ofício SF/GSJN nº 41/2008

Brasília, DF, 14 de fevereiro de 2008

Senhor Presidente,

Tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência que, após entendimento com a liderança do Democratas, conforme Of. nº 10/08-DEM em anexo, indico o meu nome para compor a comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional – CRE, na qualidade de suplente.

Atenciosamente, – Senador **José Nery**.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– A Presidência designa o Senador José Nery para integrar, como suplente, a Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, nos termos do expediente lido.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– Há oradores inscritos.

Antes de conceder a palavra ao primeiro inscrito, inscrevo-me para uma comunicação inadiável, em permuta com o Senador Cristovam Buarque.

Concedo a palavra ao Senador Marco Maciel.

**O SR. MARCO MACIEL** (DEM – PE. Pronuncia o seguinte discurso. Com revisão do orador.) – Sr. Presidente, nobre Senador Papaléo Paes, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, a reforma política, na minha opinião, que interessa ao País transcende o universo de normas jurídicas, disposições legais e atos normativos que regulam os pleitos do segundo maior colégio eleitoral do mundo ocidental. O Brasil ostenta a condição de ser o segundo maior colégio eleitoral do mundo ocidental; só os Estados Unidos têm um colégio eleitoral maior. A reforma política que preconizo deve ser bem mais abrangente. Destaco, em especial, as instituições políticas, o relacionamento entre os poderes do Estado, a organização federativa e, sobretudo, as práticas que constituem a nossa cultura política, velha de 500 anos, desde que aqui aportaram as estruturas do poder colonial, sob o qual vivemos por mais de três desses cinco séculos de existência do nosso País.

Quando, Sr. Presidente, me refiro às práticas, cito como exemplo o efetivo funcionamento do Poder Legislativo, no qual, de alguns anos até esta data, o formalismo dos atos se sobrepôs à relevância dos fatos. E vou dar alguns exemplos.

A reunião conjunta das duas Casas do Congresso se circunscreve, na minha opinião, além de eventuais episódicas sessões de homenagens, às anuais de instalação das sessões legislativas e às destinadas a receber o compromisso do Presidente e do Vice-Presidente da República a cada quadriênio, por ocasião das suas respectivas posses.

Toda vez que se analisa esse tema, a conclusão lógica a que se chega, sobretudo na chamada América Meridional, cinge-se à necessidade de fortalecer as instituições, porque, como Bobbio tem salientado, as pessoas passam, mas as instituições ficam. Não adianta ter a ilusão de pensar que as pessoas são perfeitas, que são quase providenciais e capazes de resolver todos os problemas. Antes, devemos ter a consciência de que o vertebral um verdadeiro Estado democrático é a existência de instituições sólidas, firmes, que perpassam os tempos e que, conseqüentemente, garantem a continuidade do processo democrático.

Richelieu afirmou certa feita que os homens podem contar com a eternidade, mas os Estados, posto que instituições temporais, não podem almejar a salvação eterna. Friso, pois, ser indispensável melhorar o desempenho dos Poderes da República, sobretudo as relações entre o Executivo, o Legislativo e o Judiciário.

Herdamos do constitucionalismo norte-americano a experiência de freios e contrapesos – *checks and balances* – , como se diz no constitucionalismo norte-americano, que marca o relacionamento entre os três Poderes.

O constitucionalismo brasileiro prescreve que os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário são independentes, mas devem ser harmônicos.

Sem tal procedimento, é elementar, estaremos convivendo com crises que impedem tempestivas respostas às demandas da sociedade.

Sr. Presidente Senador Papaléo Paes, desejo, para não me alongar, reportar-me à questão dos vetos presidenciais e às medidas provisórias, estas, cada vez mais freqüentes, conquanto nem sempre atendam aos pressupostos de relevância e urgência.

Nunca é demais repetir que, para uma medida provisória ser editada, é fundamental que estejam presentes esses dois fundamentos – a relevância da matéria e a sua urgência. Nos últimos anos, Sr. Presidente, temos observado que as medidas provisórias são baixadas sobre temas não relevantes, como meras aberturas de créditos especiais ou extraordinários e, conseqüentemente, sem a necessária urgência. Tratam de matérias que poderiam ser apreciadas pelo Poder Legislativo em regime de tramitação normal de lei, evitando-se, assim, o pernicioso mecanismo de trancamento de pautas.

No ano passado, fiz um levantamento – eu me circunscrevi ao Senado Federal, não examinei a situação da Câmara, mas sei que não é diferente naquela Casa – e verifiquei que houve mês em que houve mais sessões de apreciação de medidas provisórias, ou sessões que não conseguiram deliberar pela existência delas. O que significa, trocando em miúdos, que cada vez o Congresso delibera menos, sobretudo, nas matérias de seu interesse.

Enfim, não é à toa que o Congresso Nacional é, por excelência, o Poder que elabora as leis. E o Congresso está, portanto, sem agenda, porque ela acaba sendo determinada pelo Poder Executivo, ao se valer do mecanismo das medidas provisórias. Isso frustra que as matérias de iniciativa dos Parlamentares sejam apreciadas.

Acontece, como conseqüência, que os Deputados e Senadores ficam, podemos dizer, frustrados pela impossibilidade de desenvolver-se adequadamente a agenda do Poder Legislativo.

Há, convém lembrar, atualmente em tramitação, na Câmara dos Deputados e no Senado da República, 28 medidas provisórias, algumas delas trancando a pauta, impedindo – como disse – que se desenvolvam adequadamente os trabalhos legislativos ordinários do Congresso Nacional.

O Poder Legislativo, portanto, em nossos dias, malgrado o empenho do Presidente Garibaldi Alves Filho, está sem agenda própria. Há uma plethora de matérias relevantes pendentes de desobstrução da Ordem do Dia, e a mesma coisa acontece, como já tive oportunidade de dizer, na Câmara dos Deputados.

De mais a mais, na atual legislatura, à semelhança do que ocorreu na legislatura anterior – na 52ª Legislatura –, existem 164 projetos vetados, total ou parcialmente, atingindo 1.070 dispositivos. Observe-se que, desses projetos vetados, 23 deles sequer foram lidos, estão no limbo. Há pelo menos alguns projetos que chegaram a ser lidos como mera formalidade. A Mesa os leu, o que significa dizer que começaram a ter vida, a tramitar, pela designação de comissões, para que sejam apreciados.

Mas há, todavia, vetos que nem sequer foram lidos, estão aí no limbo. O grave é que, a cada dia que passa, aumenta o número de proposições vetadas sem que o Congresso aprecie adequadamente. O processo de elaboração das leis não se conclui, gerando enorme insegurança jurídica para o cidadão, enfim, para a sociedade como um todo e até – por que não dizer, Sr. Presidente? – para os investidores estrangeiros que, muitas vezes, ficam dependendo da decisão final do projeto, sobretudo da apreciação do veto, para saber qual conduta adotar.

Temos matéria vetada em 1994, desde o Governo do Presidente Itamar Franco. Existem projetos vetados no período do Presidente Fernando Henrique Cardoso, mas a maioria dos que aguardam apreciação do Congresso Nacional são vetos a partir de 2003, já do atual Presidente, Luiz Inácio Lula da Silva. E isso acontece, Sr. Presidente, em que pese à Constituição em vigor, através da Emenda Constitucional nº 32, rezar:

Art. 66, § 4º “O veto será apreciado em sessão conjunta, dentro de trinta dias a contar de seu recebimento, só podendo ser rejeitado pelo voto da maioria absoluta da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, por escrutínio secreto”.

Vivemos, em conseqüência, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, nobre Senador Cristovam Buarque, uma espécie de vácuo legislativo em que há relevantes dispositivos

legais que não vigoram e sua vigência está dependendo de decisão conjunta das duas Casas do Congresso. Trata-se de situação rigorosamente inédita na vida republicana do País, já que sob a Constituição do Império, o instituto jurídico do veto era desconhecido. ...

É bom lembrar que a Constituição do Império, de 25 de março de 1824, incorporou um mecanismo inspirado em Benjamin Constant de Rebec, pensador franco-suíço que concebeu o Poder Moderador, para arbitrar os conflitos entre os três outros Poderes. Na Constituição Imperial de 1824, havia esse Poder Moderador, exercido no Brasil pelo Imperador, que tinha a opção de sancionar ou não a medida. E sua decisão era irrecorrível, não estando sujeita, portanto, à apreciação do Parlamento.

O veto, a partir das constituições republicanas – e eu me refiro à primeira Constituição Republicana de 1891 –, passou a ter outro tratamento, exigindo-se uma manifestação formal do Presidente da República num decêndio, ou seja, no prazo de dez dias, depois ampliado para quinze dias, e a conseqüente apreciação por parte do Congresso Nacional.

Mas, em função dessa Emenda Constitucional nº 32, de 2002, os vetos praticamente deixaram de ser apreciados. O fato de não haver a apreciação do veto gera realmente essa questão tão aguda quanto não solucionada nos dias de hoje.

O relacionamento entre o Poder Executivo e o Legislativo é outra das questões institucionais pendentes da nossa organização institucional. Enquanto o Executivo debita ao Congresso, sistematicamente, lentidão no complexo sistema de tomada de decisões, que é a apreciação das leis de diferentes níveis hierárquicos – emendas constitucionais, leis complementares, leis ordinárias, decretos legislativos etc –, o Congresso reclama do Executivo o uso imoderado, como falei há pouco, e abusivo das medidas provisórias, as chamadas MPs, instrumento desconhecido em nossa história institucional até a promulgação do texto da Constituição de 1988, trasladado literalmente da Constituição Parlamentarista da Itália de 1946.

É oportuno observar que houve uma coincidência histórica entre Brasil e Itália, porque ambos, em 1946, elaboraram uma nova Constituição, a Itália saindo do fascismo e o Brasil, do Estado Novo. Esses dois países se defrontaram com a necessidade de elaboração de uma nova Constituição. Isso foi feito, mas não incorporamos à Carta de 1946 nenhum mecanismo nesse sentido. A medida provisória surgiu depois, na Carta de 1988, e produz um efeito nocivo à boa tramitação dos trabalhos parlamentares e ao bom andamento das matérias. É, em última análise, um mecanismo que provoca desequilíbrio no sistema de freios e con-



trapesos, a que já aludi, essencial princípio da divisão dos poderes existente há mais de dois séculos e que as Emendas Constitucionais nº 08, de 1995, e nº 32, de 2002, não foram capazes de resolver.

Sr. Presidente, o que ocorre nas relações Executivo-Legislativo verifica-se com igual intensidade entre o Executivo e o Judiciário, de um lado, e entre o Judiciário e o Legislativo, do outro. No primeiro caso, em razão da insistência do Executivo na prática de atos já decididos pacífica e tranqüilamente em seu desfavor por todas as instâncias da Justiça, o que tumultua a rotina do Supremo e dos Tribunais Superiores, obrigando-os a apreciar ações já decididas em primeira instância. E, na visão do Executivo, pela sucessão de recursos judiciais, cautelares uns, protelatórios outros, que perturbam a Administração, quando não a imobilizam. Entre o Legislativo e o Judiciário, há também um contencioso de razoável dimensão. No caso da Justiça Eleitoral, também, por decidir ultimamente sobre matérias que não são substantivamente de natureza constitucional. E, da parte do Judiciário, há também uma reclamação, pela lentidão com que o Legislativo age na atualização da legislação processual, cujos ônus terminam debitados aos tribunais, por falta de operosidade do Congresso em matéria de sua competência.

São questões, portanto, mal resolvidas na Constituição, em face do desmedido crescimento do poder e das estruturas do Estado e do espírito corporativo que preponderou nas constituintes, que, historicamente, jamais se preocuparam em definir, preliminarmente, o que é de natureza constitucional e o que deve ser deixado à competência da legislação ordinária.

Antes de terminar, talvez a minha última consideração diz respeito a esse tema. Precisamos ter presente que há muita coisa na Constituição de 1988 que é formalmente constitucional, mas não é materialmente constitucional. Essa distinção é essencial. Renomados constitucionalistas insistem nesse campo, porque nós colocamos na Carta de 1988 muitos dispositivos que se tornaram constitucionais, mas, para usar expressão do constitucionalista Afonso Arinos, não são organicamente constitucionais.

Nós temos matérias que deveriam estar reguladas em projeto de lei e as alçamos à condição de preceito constitucional. Tudo isso, Sr. Presidente, concorre, como é notório, para aumentar a insegurança jurídica em nosso País, afetando, por conseguinte, o processo de desenvolvimento da Nação. Os agudos problemas nacionais deixam de ser enfrentados no seu devido tempo pelo nosso déficit de governabilidade. “Déficit de governabilidade” é uma expressão usada pela primeira vez por Norberto Bobbio, que faleceu há 3 anos, quando dizia que a questão de hoje não é mais a do

Estado máximo e do Estado mínimo, a questão é da governabilidade. Os países que conseguiram vertebrar instituições sólidas, conseguiram alto nível de governabilidade, e assim conseguiram resolver os seus problemas e conseguiram crescer a taxas significativamente mais altas do que cresce o Brasil.

Reputado cientista político, que assina seus textos muitas vezes sob o pseudônimo de Alípio Severo, observa, com propriedade, que “vivemos entre o limbo das promessas e o inferno da realidade”. Não é isso senão o que sente o cidadão brasileiro que almeja ver o Brasil deixar de ser o país do futuro para se transformar numa Nação desenvolvida, justa e sem abrigar desigualdades?

Sr. Presidente, fiz essas considerações com o objetivo de talvez comover o Congresso Nacional, e de modo especial o Senado Federal, para a importância de avançarmos no campo das reformas políticas, tema que, aliás, não foi suscitado na mensagem presidencial deste ano. Estivemos aqui presentes, na quarta-feira de cinzas, e a mensagem de Sua Excelência o Senhor Presidente da República não tocou, sequer indiretamente, na questão das reformas políticas. Na medida em que elas não acontecem, o processo de desenvolvimento nacional, de fortalecimento institucional, fica sempre adiado, trazendo conseqüências inimagináveis para o povo.

Era o que tinha a dizer.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Muito obrigado, Senador Marco Maciel.

Concedo a palavra ao próximo orador inscrito. Antes, porém, pela ordem, concedo a palavra à Senadora Ideli Salvatti.

**A SRA. IDELI SALVATTI** (Bloco/PT – SC. Pela ordem. Sem revisão da oradora.) – Pela ordem, Sr. Presidente. Apenas para solicitar a minha inscrição para falar pela Liderança do PT.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – V. Ex<sup>a</sup> está inscrita, podendo, inclusive, fazer uso da palavra neste momento, após o uso da palavra do Senador Cristovam Buarque.

**A SRA. IDELI SALVATTI** (Bloco/PT – SC) – Não, não, vou utilizar a palavra mais tarde um pouquinho.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Muito obrigado!

Senador Cristovam.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, bem antes de ser Senador, sou professor e sou, especificamente, Senador Mão Santa, há quase 30 anos, professor da Universidade de Brasília. E é como tal, como professor dessa universidade, como ex-Reitor, Senador, que ve-

inho falar aqui sobre os fatos que têm tomado conta do noticiário local e nacional nesses últimos dias.

Quero falar, como professor, como ex-Reitor e como Senador, para manifestar qual é a minha posição diante dos fatos que ocorreram nesses últimos dias na Universidade de Brasília em relação aos gastos que a Reitoria teve com o imóvel da universidade colocado à disposição do Reitor Timothy.

Quero dizer aqui que, no sábado, como professor e ex-Reitor, convidei-o para conversar, tive uma conversa com ele e chegamos a diversos acordos. Quanto ao primeiro acordo, Senador Mão Santa, estou com o Professor Timothy de que não houve ato ilegal, de que não houve apropriação indébita, de que nenhum real saiu do setor público para o bolso do Reitor ou para qualquer de seus funcionários.

Nisso temos que estar de acordo, mas ele também teve que ficar de acordo comigo que, se não houve ato ilegal, houve um grande equívoco, um grande equívoco nas prioridades. Ao tirar-se dinheiro de destinos muito mais importantes para o desenvolvimento acadêmico, científico e tecnológico do Brasil, que é a finalidade da universidade, para um próprio da universidade – não do Reitor, é preciso repetir – mas cuja finalidade era a moradia onde os reitores, atual e futuros, ficam.

Estamos de acordo de que pode não ter sido ilegal, mas de que não foi correto. E ele reconhece que foi um erro cometido no momento de tomar aquela decisão. É preciso lembrar que em certos países – e o Brasil é um deles – nem tudo que é legal é correto, é decente. Pessoalmente, creio que, quando a legalidade não é correta, está na hora de mudar o que é legal; quando certos atos não são legais, acho que o que está errado é a legalidade. Tem que mudá-la. Tem que passar a ser ilegal uma instituição universitária ter falta de material para o seu funcionamento, ter as instalações onde moram os estudantes em condições precárias, e passar a ser legal colocar dinheiro em outros destinos.

Portanto, estamos de acordo. Não houve apropriação indébita de recursos, não houve roubo, não houve nada ilegal, mas houve um grave equívoco que é preciso ser corrigido. Até porque não é apenas do ponto de vista dos recursos, mas também do ponto de vista da imagem da instituição.

Não posso negar – e foi aí que decidi convidar o professor Timothy para conversar – que me chocou profundamente tomar conhecimento de que a polícia estava no campus. Porque a polícia já entrou no campus da universidade para acabar com a subversão, e não por suspeita de corrupção. Aquelas invasões na universidade engrandeciam a universidade na sua luta. Essa entrada da polícia na universidade me preocupa,

porque a autonomia universitária é fundamental para mantermos a decência, a ética e a correção dentro da universidade.

Por isso, a terceira coisa com a qual creio que estamos de acordo é de que é preciso que o Professor Timothy dedique o máximo do seu tempo dentro da instituição para explicar à comunidade o que houve, reconhecer os erros cometidos e tentar encaminhá-los adiante, porque, Senador Paim e Senador Eurípedes, uma das coisas tristes desse fato é que a administração do Professor Timothy é uma das melhores administrações que a universidade vinha tendo.

Ele teve a coragem – e aproveitou para citar os dois, Eurípedes e Paim juntos – de levar adiante o projeto de quotas de maneira pioneira no Brasil; ele trouxe, de maneira pioneira no DF, a abertura de *campus* universitário em outras cidades do Distrito Federal; ele amplia, de maneira sistemática, as construções dentro do *campus*; o aumento de vagas; a instalação de novos cursos noturnos; a criação de institutos e departamentos. É uma pena que uma administração que vinha de maneira tão dinâmica e tão bem orientada do ponto de vista das prioridades acadêmicas, de repente, por um equívoco, um grave equívoco de prioridades, entra numa situação em que ninguém consegue ver as boas coisas e sim aquele fato que foi cometido.

Por isso chegamos à conclusão, nas nossas conversas, de que seria correto que, a partir desses dias, ele se dedique ao máximo a tentar explicar e pedir desculpas daquilo que foi errado. Chegamos até mesmo à conclusão de que, durante esse período em que ele vai ter que se explicar, ele tem que dedicar o mínimo de tempo à administração do dia-a-dia, deixando isso para o vice-reitor, e se dedicar, ao máximo, Senador Papaléo, a essa caminhada dentro da universidade para se explicar um por um.

Chegamos também à conclusão, quase que por sugestão dele, de que ele está disposto a vir aqui à Comissão de Educação para debatermos não especificamente esse fato, mas algo maior que isso, que é a situação das fundações que existem hoje nas universidades e que funcionam de maneira quase independente do Conselho Universitário, quase que independente das autoridades acadêmicas, a ponto de tomar-se uma decisão como essa de mobiliar um apartamento funcional do reitor que estiver no momento sem que a comunidade seja ouvida.

Por isso a vinda dele aqui não deve ficar só dele, como Presidente do Conselho de Reitores, e não como Reitor da UNB apenas mas também do Presidente da Associação das Instituições de Ensino Superior Federais do Brasil. Que eles venham aqui para a gente conversar sobre qual é o papel, a finalidade, o aspecto

positivo das fundações e por que elas não conseguem funcionar de maneira que todos saibam que ela funciona corretamente.

Como podemos fazer para que elas funcionem da maneira mais transparente possível? Essas são as conclusões que a gente tomou e que espero sejam cumpridas, mas não quero ficar só nesse discurso. Quero aproveitar o momento para especularmos porque fatos como esses acontecem, não só dentro da instituição universitária, mas no Brasil inteiro.

Eu defendo aqui – e repito – e disse diversas vezes que o que faz com que fatos como esse aconteçam não é apenas a falta de transparência na tomada de decisões. É também, sim, uma característica perversa da sociedade brasileira que não conseguiu completar ainda a República e que faz com que cada um de nós – não vamos excluir ninguém – aja no dia-a-dia como se as instituições nas quais trabalhamos nos pertencessem, e não a uma Nação, e não à República.

Vejam que corretamente estamos criticando a maneira como se fez na UnB nesses dias com esse apartamento. Mas não vejo críticas a como se faz todos os dias em órgãos públicos brasileiros. Aliás, se a gente for olhar bem, se há uma instituição que tem característica de austeridade neste País é a instituição universitária federal. Faço muitas outras críticas, mas não são instituições que desperdicem recursos.

Quem já entrou num escritório dos órgãos superiores do Poder Judiciário brasileiro sabe que os gastos que são feitos ali não são característicos de uma República. Quando houve o escândalo do TRT, todos nos escandalizamos corretamente com o fato de que um empreiteiro, que um dos Juízes, tinha se apropriado de dinheiro público. Ninguém se escandalizou com o valor de 180 milhões de reais gastos na construção de um prédio público em um país onde 51% não tem esgoto e quase número igual não tem água encanada, por falta de espírito público. E o Senado não tem como dizer que não está ausente também dessa falta de espírito público. Se a gente for olhar, Sr. Presidente, o quanto gastamos nas reformas dos nossos escritórios, dos nossos gabinetes, de vez em quando, é capaz de ser mais do que o reitor gastou em um apartamento que ele não deveria ter gasto. Há uma falta de espírito público no País porque a República não foi completada, porque nós agimos como se ainda existisse o Império e nós fôssemos os nobres desse Império, como se não devêssemos prestar contas ao povo de cada centavo que a gente gasta, não só do ponto de vista da ética, do comportamento de não roubar, mas também do ponto de vista da ética das prioridades, de investir dirigindo ao povo.

O Senador Marco Maciel, há pouco, fez um belo discurso sobre o déficit de governabilidade, mas não discutimos o déficit de governabilidade que vem da falta de ética nas prioridades. As CPIs são constituídas para analisar os desvios de verba do setor público para o bolso privado, mas quantas CPIs já fizemos para discutir se era prioritário ou não fazer certos investimentos, mesmo sem haver roubo?

Fiz um apelo para uma CPI que analise o apagão intelectual deste País. Não quero saber, nessa avaliação, os aspectos de ética do comportamento, se houve ou não roubo de dinheiro. Para isso tem polícia, tem muita gente para fazer. Quero saber por que um País que consegue ser uma das maiores potências do mundo não consegue sair do quarto mundo na educação. Por que as prioridades estão equivocadas neste País? Por que, numa universidade, em vez de usarem recursos para comprar material de pesquisa, para melhorar a sala de aula, a gente – e vejam que falei a gente – coloca dinheiro em um dos apartamentos? Por que no Senado, por que no Poder Judiciário, por que em cada ministério, em vez de usar os recursos para as atividades fins a gente termina colocando nas atividades meio? E por que, quando colocamos nas atividades fins estamos mais preocupados com os aeroportos do que com as paradas de ônibus nas cidades brasileiras? Por quê? Por que, quando tem um apagão aéreo, o País inteiro se mobiliza, a imprensa inteira se mobiliza, e quando temos o apagão da educação, não vemos essa mobilização? Porque falta espírito público, porque falta espírito republicano. E eu digo isso lembrando o Senador Jefferson Péres, que tem sido um dos grandes defensores aqui dessa idéia de podermos fazer no Brasil a refundação da República. Aliás, acho que não deveria nem ser a refundação, deveria ser a fundação da República.

Quero concluir, Sr. Presidente, dentro do meu tempo, dizendo que desse fato, a instituição à qual pertencço, onde dou aula todas as semanas até hoje, onde tenho a honra de ter sido reitor, tem muito que aprender. A comunidade precisa aprender que não pode fechar os olhos para as coisas que estão acontecendo fora da atenção ao dia-a-dia. Por falta de atenção ao dia-a-dia é que um fato como esse aconteceu. O reitor Timothy e todos os seus auxiliares têm de aprender também que, na hora de decidir para onde vão os recursos, têm de encaminhar esses recursos primeiro para as atividades prioritárias, depois para as atividades que não são prioritárias. Agora, nós todos, nós todos precisamos aprender a lição também. Nós todos precisamos aprender a lição de que o público tem de estar na frente, não só do privado, mas tem de estar na frente das minorias quando elas vão se beneficiar.

Até mesmo as minorias que defendem corretamente seus direitos, Senador Paim, às vezes os defendem sem pensar no público. Eu, como o senhor sabe, sou defensor das cotas para mudar a cor da cara da elite brasileira, de um país africano cuja elite tem a cara de escandinavos. Mas o que me incomoda – e digo sempre ao Movimento Negro – é que eles lutam para aumentar as vagas para negros na universidade, mas não lutam para aumentar o número dos que terminam o ensino médio. Não vejo um movimento para que 100% dos negros terminem o ensino médio, não vejo um movimento para que todos os jovens terminem o ensino médio, mas vejo movimentos para aumentar o número de vagas nas universidades. Por isso, reafirmo que mesmo as minorias que defendem corretamente seus interesses não os defendem, em geral, do ponto de vista do interesse público, mas do ponto de vista do interesse específico da minoria. Essa lição a gente precisa aprender. O Reitor precisa aprender, a comunidade universitária precisa aprender e nós todos, os líderes deste País, precisamos aprender.

Estamos deixando muito de lado o interesse público em defesa dos interesses particulares. E eu não digo interesses pessoais, digo particulares. Interesses pessoais são os do indivíduo e particulares, os do conjunto. A maior parte do debate aqui é por um ou outro grupo, não há debate pela Nação como um todo. O próprio Presidente Lula, com todo respeito, fala com competência e carisma para as mães do Bolsa Família, para os meninos do ProUni, para cada grupo. A gente não vê o discurso da Nação. E é para o presente. A gente não vê o discurso do longo prazo. A falta do longo prazo, a falta do sentimento de Nação faz com que aconteçam fatos como esse da Universidade de Brasília, em quase todas as outras instituições, sem que a gente diga nada, sem que a gente nem ao menos comente.

Está na hora de tirarmos lição de tudo isso. Criticar, sim, o que foi feito de errado; procurar corrigir, sim, o que houve de errado lá na Universidade de Brasília, mas sem esquecer que as instituições universitárias, no seu conjunto, inclusive a UnB, são instituições mais austeras do que este Congresso, mais austeras do que o Poder Judiciário, mais austeras do que o conjunto dos órgãos públicos brasileiros. Por isso, vamos aprender a lição todos nós, criticando e ao mesmo tempo fazendo uma autocrítica para a falta do espírito público, do sentimento republicano, da responsabilidade de lutar e defender o conjunto, e não o particular, de pensar o longo prazo e não dar jeitinho no curto prazo.

É isso, Sr. Presidente, que quero dizer aqui como Professor, como ex-Reitor da Universidade, como cidadão brasileiro e cidadão brasileiro e como Senador.

Mas gostaria de conceder dois apartes, se o senhor me permitir, ainda nos dois minutos que eu tenho.

Ouçõ, em primeiro lugar, o Senador Mão Santa.

**O Sr. Mão Santa** (PMDB – PI) – Senador Cristovam, tudo o que V. Ex<sup>a</sup> disse é verdade verdadeira, como Cristo falava. Olha, na minha experiência, eu tenho a contar um fato sobre o desrespeito ao Professor, à Universidade, a essas instituições, que têm austeridade. Salta aos olhos. Basta, como V. Ex<sup>a</sup> disse, passar pela frente de qualquer edifício de universidade brasileira e dos prédios do Poder Legislativo e do Poder Judiciário. Basta isso, salta aos olhos. Mas eu queria dar um testemunho para educar o Brasil. Quando eu era prefeito, fui convidado para ir à Alemanha. Havia lá uma multinacional, Papaléo – V. Ex<sup>a</sup>, que é médico –, que extraía do jaborandi a pilocarpina, um produto oftalmológico. Era a Merck, de Darmstadt, uma indústria poderosa. De repente, colocaram como meu cicerone o diretor, Professor Basedow. Sei que na Alemanha toda modernizada do pós-guerra, o trânsito andava todo engarrafado. O Basedow, que era diretor químico da Merck, sabia falar português. Bastava que dissessem “professor Basedow” e se abria o trânsito. Se entrávamos em um restaurante onde não havia vaga, bastava dizer “professor Basedow” e nos providenciavam a melhor mesa, até naquele restaurante de Frankfurt – eu pensei que estava bêbado, mas era o restaurante, ele gira! Então, quando se mencionava o nome do professor Basedow, tudo se facilitava. Aí, eu, perplexo, indaguei: mas V. S<sup>a</sup> não é diretor químico da Merck, a poderosa, rica empresa que está pagando as minhas contas? Eu nunca tive tanta conta paga... Ele respondeu: “Realmente sou, mas antes fui professor de Heidelberg, e o título mais honroso aqui não é o do poder econômico – diretor químico, milionário, poderoso – e sim o de professor! E eu, antes de ser diretor da Merck” – a Merck Sharp & Dohme, fabricante de medicamentos que conhecemos – “ensinei por dez anos. Somente depois disso ingressei na Merck, pois convidaram-me como químico, e hoje sou um diretor da empresa, uma poderosa firma economicamente. Mas o maior título, o de maior respeito, o mais honroso na Alemanha é o de professor. Se V. Ex<sup>a</sup> quiser, eu o levo, amanhã, a Heidelberg; à universidade”. Chegando à universidade, fiquei perplexo, porque a Alemanha é toda modernizada, Papaléo. Enfrentou duas guerras e eles reconstruíram. Tudo novo. E lá é uma cidade antiga. A gente toma um impacto. O mundo, em duas guerras, respeitou Heidelberg. Foi lá que estudou Einstein. Por isso, a diferença é o respeito ao saber. Então, o País, o Senado, a imprensa precisam estar atentos ao pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup>, que significa o saber, o maior bem, a melhor semente que podemos plantar neste Brasil.

*(Interrupção do som.)*

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF) – Obrigado, Senador Mão Santa. Eu só queria lembrar que, além da importância à educação que dão, eles completaram a república. São países que conseguem fazer com que todos os cidadãos se sintam parte de uma mesma família. Isso é a república, que vem de *res publica*, a causa do povo.

Até os países que têm monarquia completaram a república, do ponto de vista social, como é o caso da Suécia, da Dinamarca, da Noruega, da Inglaterra, da Espanha. São países que têm reis, mas a sociedade funciona como se fosse uma grande república, do ponto de vista social. Do ponto de vista político, é uma monarquia; do ponto de vista social, é uma república.

O Brasil, do ponto de vista político, é uma república; do ponto de vista social, é uma das mais arcaicas monarquias que temos. É uma nobreza com um rei eleito, mas que não deixa de ser um monarca, e nós todos, como nobres, ao redor dele, usufruindo daquilo que sobra da Corte, seja podendo reformar um apartamento para morar enquanto for reitor, seja usando o cartão de crédito corporativo sem saber se esse dinheiro é ou não para servir ao povo. Porque o maior problema do cartão corporativo é que o gasto não foi feito para servir ao povo. Se o cartão corporativo fosse usado para comprar um remédio na farmácia porque o doente daquele hospital estava precisando, muito bem, que viessem os cartões corporativos, mas não são para isso.

Então, agradeço ao Senador Mão Santa e lembro que a Alemanha, como o resto da Europa, conseguiu completar sua república. Nós não completamos a nossa ainda, quase 120 anos depois de ter sido proclamada.

Ouço o Senador Sibá Machado.

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – Senador Cristovam Buarque, eu estava vindo para cá e ouvindo V. Ex<sup>a</sup> pelo rádio. O assunto tomou conta dos noticiários, e acredito que isso ocorreu porque as universidades brasileiras federais gozam de um prestígio, de um respeito muito grande. Embora entre a crítica e o amor, sabemos que o sonho de um jovem é poder passar no vestibular de alguma dessas universidades federais, como a UnB e a UFRJ – as mais renomadas –, ou das estaduais de São Paulo, como Unicamp, USP e outras. É um sonho de muitos jovens poder estudar nessas instituições. Também sou testemunha do esforço de V. Ex<sup>a</sup>, desde quando era Reitor da UnB, e de tantos outros reitores, até o atual, no sentido de socializarem o máximo possível o ingresso nas universidades públicas a jovens oriundos das classes mais pobres, daqueles que não têm condições de pagar uma universidade privada, também com o intuito de elevarem ao máximo o padrão, o conceito da UnB em nível nacional.

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – Sei que já há um requerimento na CPI das ONGs para ouvir o Reitor Timothy. Mas V. Ex<sup>a</sup> já colocou aqui dois pontos interessantes: detectar se houve desvio da moral pela pessoa do reitor ou se houve uma inversão das prioridades, como V. Ex<sup>a</sup> elencou aqui muito bem. Fico muito feliz de saber que V. Ex<sup>a</sup> constatou que houve, ao seu entendimento, um desvio das prioridades dos investimentos da universidade e que discorda, veementemente, de quem venha a pensar na possibilidade de desvio para benefício pessoal. Isto é muito bom, porque a UnB goza de uma respeitabilidade nacional muito forte, muito forte mesmo. E as imagens que a televisão colocou levam a um espanto nacional...

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Senador Sibá Machado, por favor.

Senador Cristovam, peço a V. Ex<sup>a</sup> que, após o aparte do Senador Sibá, conclua seu discurso, porque nós temos muitos oradores inscritos.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF) – O discurso eu já havia concluído, mas quero fazer um comentário ao aparte depois que o Senador terminar.

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – Para economia de tempo, agradeço pelo aparte e ouço o comentário de V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF) – Primeiramente, quero lembrar que temos que ajudar aqueles que sonham em entrar na universidade. Mas me preocupo mais, Senador Sibá Machado, com aqueles que nem sonham em terminar o ensino médio, e pouca gente está preocupada com isso.

Quando se termina o ensino médio, há uma mobilização. Existe até o MSU, Movimento dos Sem-Universidade.

Mas ninguém está falando muito por aqueles que entram aos sete ou oito anos na escola primária e que sabem que não vão concluir o ensino médio.

Então, vamos lutar para que haja mais vagas nas universidades, mas vamos lutar, sobretudo, para que todos terminem o ensino médio e possam disputar em condições de igualdade.

Finalmente, o último comentário que quero fazer é que não tenho dúvida de que há uma diferença entre o crime de ferir a ética do comportamento roubando e o erro de ferir a ética das prioridades usando mal os recursos. São diferentes, mas eu não acho que um é mais ou menos grave do que o outro. Eu acho que ferir a ética nas prioridades é tão grave para um dirigente público quanto ferir a legalidade no uso dos recursos públicos. Uma coisa legal mas contra o povo deve ser tornada ilegal. A ética nas prioridades é tão importante, embora diferenciada, quanto a ética no comportamento. Aplicar mal o dinheiro público, a serviço de minorias,

quando a maioria precisa, é tão grave quanto se apropriar privadamente do dinheiro público.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– Muito obrigado, Senador Cristovam Buarque.

Pela ordem, concedo a palavra ao Senador Cícero Lucena.

**O SR. CÍCERO LUCENA** (PSDB – PB. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Papaléo Paes, Sr<sup>as</sup> Senadoras, Srs. Senadores, minha participação é no sentido de agradecer a esta Casa, ao Senador Arthur Virgílio e aos demais Senadores, em meu nome e em nome de todos os meus irmãos, pelo voto de pesar pelo falecimento de minha mãe, Maria Salomé de Lucena, que, aos 90 anos de idade, infelizmente, faleceu na última quarta-feira e foi, sem dúvida, um exemplo de mais uma mulher nordestina, sertaneja, que tanto lutou, enfrentando as dificuldades, para poder dar as mínimas condições de vida a seus filhos a fim de que eles vivam dentro da ética e da moral.

Sem dúvida, a nossa querida mãe cumpriu seu papel – nosso querido pai se foi há bastante tempo – e conseguiu encaminhar seus filhos, amparando não só os filhos, mas todos aqueles que a procuravam no seu lar de humildade, mas de muita dignidade.

Então, em meu nome e em nome dos meus irmãos, Paulo, Solon e Pedro, e de toda a família, agradeço a solidariedade que tivemos desta Casa e do povo paraibano.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– Senador Cícero Lucena, mais uma vez, a Casa se solidariza com V. Ex<sup>a</sup> e com sua família pela perda da sua querida mãezinha. Quero dizer que nós todos aqui comungamos do mesmo sentimento pelo falecimento da sua mãe.

Concedo a palavra ao nobre Senador Mário Couto, como orador inscrito.

V. Ex<sup>a</sup> terá vinte minutos para o seu pronunciamento.

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB – PA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, Senador Paulo Paim, eu me sinto feliz em vê-lo nesta tarde, nesta segunda-feira, aqui neste plenário, assim como me sinto feliz em ver o Senador Mão Santa, porque novamente vamos abordar um assunto que já abordamos muitas vezes nesta tribuna deste Senado: o problema dos aposentados.

Eu disse, há alguns dias, que deveríamos eleger este ano de 2008 para lutar e batalhar definitivamente para a solução dos problemas dos aposentados e pensionistas deste País.

Estou vendo que as minhas palavras estão tendo eco. V. Ex<sup>a</sup> já nos traz algumas notícias nesse sentido, inclusive a de que, no dia 27 deste mês, teremos uma grande reunião para debater esse problema.

O Projeto de Lei nº 58, Senador Paulo Paim, de autoria de V. Ex<sup>a</sup>, vem desde 2003. É bom que o Senador Papaléo Paes esteja presidindo a sessão para tratar do assunto. O Projeto já passou pelas mãos de vários Senadores para ser relatado, mas nenhum Senador o fez. Passa de um Senador para outro, vai ficando na gaveta, o tempo vai passando, passa para outro Relator. Obviamente, há prazos e ele tramita desde 2003 nesse fluxo. Agora está nas mãos do Líder do Governo, Senador Romero Jucá, desde novembro do ano passado. Desde novembro do ano passado o projeto está nas mãos do Líder do Governo. Onde foi bater o projeto? Nas mãos do Líder do Governo. E é um projeto de um Senador da base do Governo, do Partido dos Trabalhadores.

Não dá para entender. É querer mesmo que os aposentados deste País fiquem sofrendo. Eu acho que a coisa é proposital. Não dá para pensar que o Governo tenha boa vontade para solucionar os problemas dos pobres aposentados deste País.

Eu vejo no Senador Romero Jucá um Senador que procura fazer e cumprir suas obrigações. Não acredito que o Senador Romero Jucá não vá, por estes dias, relatar este projeto. Não acredito, Presidente – apesar de o Senador Romero Jucá estar devendo um acordo para a solução dos transportes escolares dos alunos deste País, que fizemos com ele.

A Rede Globo, ratificando nossas palavras, Presidente, mostrou, na última semana, a precariedade do transporte escolar deste País, deixando milhares de alunos fora das salas de aula. E o Governo ainda diz que todos estão dentro da sala de aula. É uma potoca muito grande do Governo Lula!

Convido V. Ex<sup>a</sup> para ir ao norte do Brasil, no Estado do Pará, no interior do interior do Estado do Pará, e verificar quantos alunos estão fora da sala de aula por causa do transporte escolar. Até hoje o Senador Romero Jucá não solucionou esse problema, dizendo a nós que podíamos confiar nele, que o Senador resolveria, junto ao Governo Lula, o problema dos transportes dos alunos. Até hoje não resolveu.

Senador Mão Santa, já fui Líder do Governo por quatro anos no Estado do Pará. Fui Líder do Governo Almir Gabriel, que transformou o Estado do Pará, que colocou o Estado do Pará no seu desenvolvimento tão merecido. Fui Líder por quatro anos. Sei o que é ser Líder. Ser Líder não é só defender o Governo; ser Líder é cumprir os acordos com os Partidos de Oposição. E espero que o Líder do Governo cumpra o acordo que

fez conosco, com o PSDB, e que possa, Senador, despachar, relatar, um projeto de um Senador da base aliada, Senador de uma postura nobre, que procura resolver as causas dos mais sofridos deste País. Ninguém pode dizer o contrário, o País inteiro observa a nós todos e vê no Senador Paulo Paim um Senador sério, atuante, honesto, com caráter suficiente para defender os aposentados deste País, Presidente.

Infelizmente, já se passaram muitos anos, e a situação dos aposentados é a mais crítica deste País. Mas, estamos juntando Senadores e Senadoras que cada vez mais se associam a nós para que, definitivamente, doa a quem doer, possamos resolver esse grave problema dos aposentados deste País.

Senador, vou lhe mostrar alguns *e-mails* que chegaram ao meu gabinete nesse final de semana e vou ler dois para V. Ex<sup>a</sup>, para que eu possa resumir, por questão de tempo, a situação em que vivem os aposentados deste País. Há quanto tempo não sofrem reajustes? Três ponto três por cento é reajuste? Há uma defasagem de mais de 70% nos salários desses nobres brasileiros e brasileiras que trabalharam tanto tempo para este País. Quando serão reconhecidos? Quando deixarão de sofrer?

Vou ler exatamente como está escrito, como recebi:

Sr. Senador, neste momento em que mando este *e-mail*, estou vendo e ouvindo V. Ex<sup>a</sup> no plenário, através da TV Senado, falando sobre os aposentados. Só uma coisa vou dizer a V. Ex<sup>a</sup>: minha mãe parou de pagar o plano de saúde pois o dinheiro estava comendo todo o salário da aposentadoria dela. Pena. Por falta de recursos na saúde do Brasil, hospitais públicos, morreu ano passado.

Seria preferível que ela não tivesse procurado hospitais públicos neste País, porque, lá, morre mesmo.

Outro. Este aqui – vou dar o nome, sim –, de João Batista, que mora em Niterói, Rio de Janeiro: “No final de 92, meu pai, devido à sua avançada idade, ficou muito doente e sem plano de saúde privado. Começou, então, o meu martírio”.

Lógico, Senador, o dinheiro dos aposentados não dá para pagar mais plano de saúde. Olhe aonde nós chegamos: se recorrem ao hospital público, enfrentam filas, pessoas de 80, 90 anos passam horas e horas e horas em filas. Isso é um maltrato. Isso é uma indelicadeza. Isso é uma perversidade. Esqueceram os brasileiros e brasileiras que trabalharam tanto para este País e que o Presidente da República, em seus palanques, disse que não iria esquecer.

Dêem cartão corporativo para essa gente sofrida. Dêem cartões corporativos. Pelo menos, eles vão saber aproveitar. Vão gastar com saúde; não vão gastar com farras, bebidas alcoólicas. Pelos menos, eles saberão aproveitar.

“Começou, então, o meu martírio, andança de hospital para hospital”.

Não internam, não internam.

“Procurando viabilizar um tratamento digno no SUS. E assim foi durante dois anos, indo até a morte do meu pai, sem conseguir um atendimento sequer. No ano passado, a minha mãe”...

Esse perdeu pai e mãe.

“No ano passado, a minha mãe, 93 anos, faleceu. As condições de tratamento que conseguiu no SUS, não vale a pena comentar, porque foi muito sofrimento, Senador! Minha mãe ficou, um dia, quase seis horas em pé no corredor de um pronto-socorro”.

Noventa e três anos de idade!

Abro os jornais da minha terra, meu querido Pará, e vejo uma manchete: “Greve de fome em prol da saúde da avó. Cheguei aqui e disseram que não tinha leito e mandaram ela voltar para a casa. Por isso, resolvi fazer uma greve de fome”. Trata-se de matéria do jornal de Belém **O Liberal**.

Se fôssemos ler, Senador, se V. Ex<sup>a</sup> fosse ler, Senador, se o Senador Mão Santa fosse ler todas as correspondências recebidas de aposentados mostrando seus sofrimentos, passaríamos aqui nesta tribuna semanas e semanas lendo, semanas e semanas lendo.

Espero. Não vou calar. Não vou calar. Estarei constantemente aqui.

Senador Mão Santa, vou lhe fazer uma pergunta: onde está o veto que o Presidente deu ao aumento dos aposentados? Por que não vem à discussão neste Plenário. Estão escondendo tudo, abafando tudo! Precisamos manter o fogo, precisamos manter ativado esse fogo, Senador Paim.

V. Ex<sup>a</sup>, que sabe muito bem separar as cores partidárias da necessidade humana; V. Ex<sup>a</sup>, que mostra ter um coração; V. Ex<sup>a</sup>, que mostra ter sensibilidade dentro desse peito, que é do Partido da base do Governo, do PT, sabe que estão lá os aposentados a sofrer e V. Ex<sup>a</sup> se sensibiliza com o sofrimento de cada um.

Eu o escuto, Senador.

**O Sr. Paulo Paim** (Bloco/PT – RS) – Senador Mário Couto, de forma muito rápida, queria lhe dizer que, quando eu o informei de que a sessão seria no dia 27, a assessoria da Mesa me lembrou de que seria

no dia 26, terça-feira, às 10 horas da manhã. Como sei que os aposentados de todo o Brasil estão assistindo, neste momento, a V. Ex<sup>a</sup>, retifico esta informação que eu mesmo havia lhe passado: será no dia 26, às 10 horas da manhã, o debate sobre a situação dos aposentados e pensionistas de todo o País. E outro complemento importante que, por uma questão de justiça, não é do meu Partido: a única Comissão que aprovou o PL nº 58 foi a CCJC. Quando o falecido Senador Antonio Carlos Magalhães era Presidente e o Senador Rodolpho Tourinho era Relator, foi aprovado, na íntegra, o PL nº 58, com todas as mudanças, inclusive as acordadas com aposentados e pensionistas, para permitir que eles voltem a receber o número de salários mínimos. Depois, o projeto foi para a Comissão de Assuntos Econômicos, onde ficou e de onde será encaminhado para a Comissão de Assuntos Sociais, na qual tenho certeza absoluta de que o aprovaremos e ainda garantiremos a urgência para que venha rapidamente ao plenário. Faço esse complemento ao mesmo tempo em que cumprimento V. Ex<sup>a</sup>. Entendo que, se fizermos uma frente parlamentar, ou seja, uma frente de todos os Senadores a favor do PL nº 58, como V. Ex<sup>a</sup> disse, nós o aprovaremos ainda este ano. Quanto ao PL nº 42, que também aprovamos, a emenda virá ao plenário na semana que vem. Espero que possamos garantir a proposta que vai assegurar aos aposentados e pensionistas o mesmo percentual dado ao salário mínimo antes de chegar o dia 26. Parabéns a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. MÁRIO COUTO (PSDB – PA)** – Parabéns a V. Ex<sup>a</sup>. Quero dizer a V. Ex<sup>a</sup> que este ano teremos que resolver, de qualquer maneira, a situação dos aposentados. No dia 26, vamos debater, vamos entrar em contato com o Líder do Governo, Senador Romero Jucá.

E não quero me precipitar nem fazer qualquer tipo de crítica, ainda. Continuo confiando. Mas, Senador, quero convocar V. Ex<sup>a</sup> e o Senador Mão Santa para uma tarefa árdua: se esse projeto for bloqueado e não vier para este plenário, para ser discutido, teremos que tomar medidas mais dramáticas, mais drásticas. Vamos ficar bem aqui, na frente do Presidente, sentados, até que o projeto venha para a pauta, Senador, porque só assim se consegue alguma coisa neste País, atualmente, na base da pressão.

Nós temos que fazer alguma coisa. Vamos sofrer junto com eles um pouquinho! Vamos mostrar, através do nosso sofrimento, o sofrimento de cada um dos aposentados deste País! Vamos dar um pouco do nosso sofrimento. Se não resolver esse problema, vamos fazer aquilo que eu não gosto de fazer: radicalizar. Vamos, Senador Mesquita! Ninguém agüenta mais ver aposentados sendo maltratados por Governos. Não agüentamos mais.

Enquanto isso, Senador, o Ministro dos Esportes deste País vai à imprensa brasileira e diz que sofreu uma amnésia: “Ah, tive uma amnésia! Eu troquei o cartão. Pensei que o cartão era meu!”.

Isso me lembra a história do padre no interior que misturou os dízimos com o dinheiro dele, do próprio padre, e, na hora da divisão, ficou com tudo. Disse aos que contribuíram que tinha misturado o dinheiro dele com o da santa. Como não sabia de quem era, ficou com tudo. Está igualzinho à história do Ministro dos Esportes deste País. Está gravado no cartão: “Governo Federal”. E o Ministro dos Esportes pensou que o nome dele era Governo Federal e pôs a mão no dinheiro público. Senador Cristovam Buarque, pôs a mão no dinheiro público! Depois fez pior, Senador Mão Santa: foi a público novamente e disse que devolveu o dinheiro, como se isso o livrasse de qualquer punição. “Eu devolvi o dinheiro. Eu gastei”, réu confesso. Confessou o crime! Gastou o dinheiro público! Mas disse que devolveu e que o assunto estava terminado.

Para a nossa Amazônia, que sofreu uma operação para evitar a sua devastação, são R\$200 milhões, Senador Papaléo. Mas não tem; o Governo Federal disse que não tem o dinheiro.

Sabem quanto o Governo Federal gastou, nesses últimos quatro anos, em viagens e diárias? Pasmem, senhoras e senhores que estão me ouvindo nesta tarde: R\$1,7 bilhão!

Há membros do Governo que receberam R\$254 milhões em diárias, em três anos. Sabem o que significa isso? Significa gastar R\$1,2 milhão por dia. Façam a média. Um milhão e 200 mil reais por dia! Gastos dessa maneira e corrupção não levam o País a ter respeito por nenhum de seus filhos.

O País, Senador Papaléo, nega, por intermédio da sua Presidência, R\$200 milhões para preservar a Floresta Amazônica, o pulmão do mundo! E o Presidente, que vai à Antártida dizer que tudo fará para a proteção da Terra, esqueceu que é o responsável pela manutenção dessa floresta que está dentro do nosso País e que é o pulmão do mundo. Não quer liberar R\$200 milhões quando gasta por dia R\$1,2 milhão em diárias e passagens.

Presidente Lula, V. Ex<sup>a</sup> – já vou descer, Presidente – precisa pensar no que prometeu para este País. O Presidente Lula esqueceu tudo. Os seus Ministros sofrem de amnésia. É preciso começar a ser mais duro, Presidente.

CPI, Presidente, só se for para valer. CPI sair deste Senado com acordos é mais uma desmoralização para esta Casa! É melhor nem abrir, Presidente. CPI nesta Casa tem que ser séria. É preciso acabar dentro desta Casa com aqueles, Presidente, que se ajoelham



aos pés do rei, que se ajoelham aos pés do rei para cumprirem suas determinações. Ele manda, e eu faço porque preciso de cargos, de benefícios particulares. Recebi um *e-mail*, dentre mil, criticando o Senador Mário Couto porque defendia os aposentados, dizendo que eu estava fazendo isso na tribuna, que era cena minha, que eu estava fazendo isso porque as eleições estavam próximas. Errou!

Eu não sou candidato a nada. Não sou candidato a nada! Tenho sete anos de mandato aqui nesta Casa, ainda vou aborrecer muita gente, Presidente. Ainda vou aborrecer muita gente! Mas defenderei sem demagogia, mostrando na prática os meus atos nesta Casa. Sem demagogia! Defenderei, sim, aqueles que precisam de voz aqui e que fazem da minha voz as suas. Não vou cansar. Deus está me dando saúde para isso, e vou continuar firme.

Sei, sim, Presidente – mas rezo por eles –, que estou causando constrangimentos a alguns que gostam de cometer o ilícito. Sei disso! Mas, nas minhas orações, peço a Deus que os perdoe, porque, com certeza, eles não sabem o que fazem e o que dizem.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Muito obrigado, Senador Mário Couto.

Concedo a palavra ao próximo orador inscrito, Senador Mão Santa, que dispõe de vinte minutos para o seu pronunciamento.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Senador Papaléo Paes, que preside esta reunião de segunda-feira, Parlamentares presentes, brasileiras e brasileiros aqui presentes e os que nos assistem pelo sistema de comunicação do Senado, o Senador Papaléo está garboso, orgulhoso da sua origem de médico.

Na medicina e na psicologia, que evoluiu para a neurolingüística, nós aprendemos, Senador Antonio Carlos Valadares, o fenômeno modelagem: para o que você quer ser, você escolhe um modelo. Se quer ser jogador de futebol, pensa em Pelé, em Romário; cantor, no Roberto Carlos; e evidentemente, para nós médicos – eu, médico-cirurgião –, esse modelo foi Juscelino, da nossa época.

E este é um livro que Juscelino, no seu ostracismo, escreveu. O primeiro, pois ele tem uns três. É um exemplo do sofrimento na política. Com esses três livros – este é o primeiro volume, Senador Papaléo –, ele tentou uma vaga – ele só perdeu uma eleição – na Academia Brasileira de Letras. O governo revolucionário da ditadura deu um jeito e ele perdeu por dois votos.

Então, foi a única eleição que Juscelino perdeu, ó Mário Couto.

Este é o primeiro volume: “A experiência da humanidade”. Eu costumo fazer um resumo. Nós aprendemos, como médico... E eu acho que aqui nós estamos, Mário Couto, para passar, para ensinar – só tenho essa razão no Senado. Entendo que o importante da educação não é aquilo que você aprende e decora – pode esquecer aquilo –, é o que fica. Isso é que é educação. Essa definição não é minha, é do Einstein. Você esquece tudo que aprendeu na escola; o que fica é saber pensar, é saber raciocinar, é saber estudar, é saber discernir o bem do mal, é saber ser disciplinado. Então, aprendemos a estudar. Papaléo, faço um resumo do primeiro livro, porque eu não vou ler. Isso é muito atual. É um resumo tão rápido que o Luiz Inácio...

Aqui, só tem do PT... O PT bom está aqui: é o Paulo Paim. O Mário Couto falou em Paulo Paim e não soube defini-lo; vou ajudá-lo. Senador Antonio Carlos Valadares, para definir o Paulo Paim – eu falo do meu modo, ó Papaléo –, sabe como é que se faz? Imagine Martin Luther King; imagine esse Obama, que está vindo aí; bota no liquidificador que dá um Paulo Paim. Essas virtudes...

**O Sr. Paulo Paim** (Bloco/PT – RS. Fora do microfone.) – É o livro.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Não, não é o livro não. O PT deve muito a V. Ex<sup>a</sup>. V. Ex<sup>a</sup> salva-se ali.

E chegou, graças a Deus, o Senador Sibá, que também é do PT, é gente boa, nasceu no Piauí. Então, acho que o melhor do PT está aqui, agora. É o Sibá, do Piauí, e o Paim, ali.

Mas, então, este, de Juscelino... Sibá, tire fotocópia só dessa página. Então, eu faço em todos os livros, como o Papaléo. Nós estudávamos Medicina, temos de resumir o negócio. Eu botei assim. Isso é velho, peguei agora.

Eu fui ao aniversário de um irmão meu, Paulo de Tarso, estava na casa dele. Eu disse: Esse livro é meu. Me dê. O Marco Maciel estava no Recife.

Então, Programa de Metas. Conceitos extraídos do livro. Está vendo, Sibá? Neste livro do Juscelino, vamos fotocopiar só o meu resumo e presentear Luiz Inácio como a melhor colaboração que o PMDB dá a ele. Melhor do que aquele desassossego de cargo, de corrupção. Nós somos o PMDB de vergonha. Só uma folhinha, que vai ajudar Luiz Inácio. É o Juscelino, e é oportuno para o meu pronunciamento.

Conceitos extraídos do livro. Explosão demográfica. Atentai bem, Luiz Inácio, é de Juscelino. Quem ousa contestar Juscelino? Estudo mais ação, isso é que dá desenvolvimento.

Ele disse isto: estudo, Luiz Inácio! Juscelino, está aqui.

1) Explosão demográfica. Atentai bem, Geraldo Mesquita, olhe o que ele diz, olhe o que pensa Juscelino: paternidade responsável. Paternidade responsável! Se explodir, tem uma proliferação da miséria.

Pedro Simon, sei que é caridade, mas não está certo, Luiz Inácio. Se uma mulher brasileira, no interior rural, parir, ganha, no ato de parir, R\$1.600,00.

Olhe o que Juscelino diz, ô Sibá! Atenção, Sibá!, você evoluiu muito nesses cinco anos, eu tinha dito. Paternidade responsável, Pedro Simon. Hoje, se uma mulher parir, no meio rural... Outro dia, ô Pedro Simon, encontrei uma no meu Piauí, numa fazendola, conhecida: "Menina, tu estás cheia de menino aí? Eu não estou mais operando, mas vou mandar o Dr. Antônio Tomás – um médico mais novo do que eu, que tinha me auxiliado – ligar suas trompas". "Não! Olha, Dr. Mão Santa, aquele menino ali, que está ali, quando ele nasceu, comprei aquela televisão. Com esse daqui – ô Pedro Simon –, vou comprar uma moto para o meu marido!"

Ô Sibá, está refletindo? Vou receitar para você também um livro: de André Maurois, *A arte de viver*. Há também *A arte de pensar*, *A arte de trabalhar*, *A arte de comandar*, *A arte de amar* e *A arte de envelhecer...* O telefone, na arte de trabalhar, é um inoportuno.

Sim, mas isso é o que estamos vivendo, Pedro Simon. Não estou... Crescem, mas não vão dar a educação. Isso é contra o Juscelino, é contra toda a civilização. Quer dizer, outra.

2) Frentes de trabalho em todas as direções. Juscelino acreditava no trabalho, em criar frentes de trabalho. Despertar as energias latentes do ser, do povo, em fontes vivas de riqueza.

3) Este é o que veio para o meu pronunciamento, Pedro Simon. Por isso é que fui buscar. Eu vi o Geraldo Mesquita, na última reunião de sexta-feira, constrangido, indignado, uma tremenda indignação. E o Che Guevara, ô Siba, disse: "Se és capaz de tremer de indignação diante de uma injustiça que ocorra em qualquer lugar do mundo és um companheiro".

A indignação era por causa dos *e-mails* dos aposentados. Eu tinha um assunto determinado, não quis, mas disse: "Vou na segunda-feira". Olha o que Juscelino Kubitschek disse, Pedro Simon, ô Luiz Inácio: "Nada mais terrível do que, além da velhice, a pobreza". Ele disse que a velhice é uma tristeza, mas, desamparada, é uma desgraça. Preocupa-se com a aposentadoria justa e a Previdência.

Foi isto que fomos buscar: aposentados. Este aqui que me mandou uma carta, Pedro Simon – recebemos muitos *e-mails*, muitos, muitos, do Brasil todo, mas este ainda é da carta, daquela máquina de escrever –, tem 89 anos. Rapaz, no finzinho, ele pede,

pelo amor de Deus, que Deus tenha piedade de nós. Manoel, é o seguinte... Então, 89 anos. Ô Luiz Inácio, atentai bem! Ô Paim, por isso meu respeito. Tenho visto a luz de V. Ex<sup>a</sup>. Nós não temos culpa, não. Este Senado está salvando este País. Somos muito poucos. O Governo cooptou tudo da sociedade. Este Paim é um homem de vergonha. Lembro-me de que foi eleita uma comissão para estudar os aumentos salariais. Paim foi eleito Vice-Presidente, mas foi obrigado a se afastar. Quanto sofrimento! Quanto constrangimento! Mas este Senado se reuniu. Paim foi obediente ao partido e disciplinado, mas não se afastou, porque ele era a inspiração. Atentai bem!

E ela se reuniu. O Presidente era Tasso Jereissati e nós varamos madrugada. Atentai bem, Tasso Jereissati eu conheço, sou vizinho dele, três vezes Governador do Estado do Ceará, homem que conhece economia, empresário. O pai dele foi Senador. Entramos madrugada adentro; responsabilmente, fizemos um aumento salarial. Olhamos para os aposentados com que Juscelino se preocupava. Deu-se um aumento de 16,7%, mas um aumento responsável pelos Senadores que somos, os pais da Pátria. Bastaria cortar o supérfluo, ter austeridade. Não foi aumento. Não tem cara de irresponsável e não pode ter, senão toca fogo nisso – 16,7%.

A mídia bombardeia que não tem inflação. Não tem uma ova. Eu vou dizer como tem! Médico cirurgião, não pego nem em dinheiro. A minha mulher é que compra e não sei nem quanto tem, pois a Adalgisinha é quem faz e quem dirige. Quando cheguei nesta Casa, após a eleição, eu tinha um carro, como todo mundo tem, e sempre comparei. Eu botava 50 "paus" e precisava balançar o carro e enchia. Agora, já estou botando 150 e ele não enche mais. Como é que não tem inflação?

Tudo se resume no transporte. Qualquer gênero que chega usa o transporte. Então, a inflação está aí. Mas não houve inflação para os velhinhos e sim para os aloprados, porque Luiz Inácio é generoso. Mas o fato é que ele vetou e baixou para 4% aquilo que achávamos que deveria ser 16,7%.

Então, esses aposentados... e vou contar agora, pois um quadro vale por dez mil palavras, Senador Pedro Simon, a vida nos ensina. Tem uma pessoa, cujo nome não vou dizer, e, quando cheguei na minha cidade – eu me formei em 1966, no Ceará –, fui para o Rio fazer cirurgia em 1967, 1968 e 1969, e me convidaram para o *Rotary*. Essa pessoa foi lá, e nós a chamamos de padrinho. Olha, Pedro Simon, de 1969 para cá, Papaléo, não conheci homem mais correto, mais digno, mais honrado, do que o Governador do Estado, o padrinho. Não conheci homem melhor, nem

esse negócio de Paul Harris, que foi o fundador do *Rotary*. Ele era o dar de si, em vez de pensar em si.

Mas se beneficia quem melhor serve. Não vou dizer o nome. Essa pessoa agora, no ano passado... Eu não conheço, e Deus não vai julgar a pessoa por um instante, mas por uma vida, tenho certeza de que ele está no Céu.

Ele se suicidou. Eu não conheço nenhum homem na minha vida melhor do que ele – e tenho 65 anos de idade. Ele é um símbolo, Pedro Simon, do aposentado. Esse homem, que é santo...e eu confio em Deus, porque Deus não vai julgar um instante, um ato impensado, tresloucado, vai julgar uma vida. Eu não conheço vida melhor! É dura a vida de aposentado, um homem honrado, lutador, trabalhou a vida toda, teve uma vida digna; os seus amigos, que eram os médicos da época, faleceram. Eu não estava na cidade, mas sei que ele precisou internar sua mulher, sua amada, a sua Adalgisinha, o que hoje é difícil. Ele tinha um padrão de vida; essa pessoa foi muito importante. E vocês sabem como é difícil a medicina hoje. E ele não tinha dinheiro para pagar o hospital da mulher, pois estava aposentado.

Aqui está uma carta, Papaléo, de um cidadão que tem 89 anos, que pede, pelo amor de Deus, que esta Casa tenha dignidade – o Senador Garibaldi fez esse compromisso. A grandeza nossa, Senador José Agripino, é esse homem de 89 anos que conta a vida. Estão aqui as dificuldades dele. Surgiu um tal de empréstimo consignado que foi a desgraça: mídia, os velhinhos não liam os contratos com letra pequena, doentes da vista, e, agora, estão cobrando...

Abraham Lincoln, Luiz Inácio, ensinou: “Não baseie sua prosperidade em dinheiro emprestado”. O dinheiro desses velhinhos não é deles, mas dos filhos, dos netos. Ô coisa boa é velho, é avô. Mas eles estão em dificuldades. Temos de derrubar... A democracia é isso. O Presidente tinha direito de veto. Foi inspirado pelos aloprados, pelos que queriam que o dinheiro sobrasse para ter cartão corporativo, para ter mensalão, para ter farra, para ter orgia. E faltou o dos velhinhos. Se não derrubarmos...

Mais ainda, Senador Paulo Paim, faça uma homenagem a V. Ex<sup>a</sup>. Diz aqui o seguinte: “A propósito, onde está o Projeto de Lei do Senado nº 58/2003?” É o projeto do Senador Paulo Paim, que resolveria esse problema. Cadê, Senador Paulo Paim?

Concedo um aparte ao Senador Pedro Simon.

**O Sr. Pedro Simon (PMDB – RS)** – V. Ex<sup>a</sup> citou a correspondência que recebeu. Tenho aqui a reportagem que uma das mais importantes revistas semanais publicou a respeito V. Ex<sup>a</sup>. É aquilo que muitos colegas vêm manifestando a V. Ex<sup>a</sup> com relação à sua atua-

ção. O grande destaque da revista é o fenômeno Mão Santa. Informam que V. Ex<sup>a</sup> recebe mil e tantas cartas diariamente do Brasil inteiro e que V. Ex<sup>a</sup> é o político, o parlamentar mais conhecido, mais analisado hoje no Brasil inteiro. Dá a quantidade de pronunciamentos feitos por V. Ex<sup>a</sup>, coisa de 600 e tantos, e o número de apartes, 1.400 e não sei quantos. Chama atenção a reportagem para a cultura de V. Ex<sup>a</sup>, para a interpretação que V. Ex<sup>a</sup> faz do pensamento e das teses de alguns dos mais renomados historiadores, políticos, cientistas, sociólogos e humanistas e para a repercussão que isso vem tendo no Brasil Inteiro, dizendo que V. Ex<sup>a</sup> é um dos grandes responsáveis pelo alto ibope que a TV Senado vem obtendo em todo o Brasil. Eu me emocionei com a reportagem, porque li ali aquilo que nesse um mês e pouco, na Rainha do Mar, no Rio Grande do Sul, na frente da minha casa, eu ouvia os gaúchos conversando, impressionados com relação à atuação de V. Ex<sup>a</sup>. A reportagem chama a atenção pela forma com que V. Ex<sup>a</sup> fala do seu Piauí, que hoje é nome nacional, e do Luiz Inácio. Perguntado por que chama o Presidente de Luiz Inácio da Silva, e não Luiz Inácio Lula da Silva, V. Ex<sup>a</sup> responde: que é esse o nome dele: Luiz Inácio. Por isso que V. Ex<sup>a</sup> o chama de Luiz Inácio. Eu fiquei muito feliz, muito feliz por ver que, na verdade ...

*(Interrupção do som.)*

**O Sr. Pedro Simon (PMDB – RS)** – ... chama também a atenção para o recorde de vezes que V. Ex<sup>a</sup>, por estar permanente presente, assumiu a Presidência do Senado Federal. Fico feliz, porque V. Ex<sup>a</sup> está realmente mostrando, com sinceridade, pureza e singeleza ao falar, a preocupação que V. Ex<sup>a</sup> tem com os destinos deste País. Meus cumprimentos. Para mim é uma honra poder apartear V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. MÃO SANTA (PMDB – PI)** – Essas palavras, Senador Papaléo, é porque ele é da Ordem Terceira Franciscana, assim como minha mãe também era. Quero dizer que sou consciente. Senador Pedro Simon, Leonardo da Vinci, que fez o Renascimento, disse que o mau discípulo é o que não suplanta o mestre.

*(O Sr. Presidente faz soar a campainha.)*

**O SR. MÃO SANTA (PMDB – PI)** – Quero afirmar aqui que eu sou esse mau discípulo. Jamais ousou, penso que se suplantarei o meu mestre Pedro Simon, o meu mestre, o meu líder aqui. Todo mérito é ter seguido a linha de ética, de decência de Pedro Simon no PMDB. Recordações temos de Ulysses Guimarães, encantando no fundo do mar; de Teotônio Vilela, que, moribundo, ensinou aqui que, no Parlamento, devemos

resistir falando e falar resistindo; de Juscelino, cassado e humilhado aqui nesta cadeira. Esses nomes são do passado, mas, no presente, a força viva de ética e dignidade é Pedro Simon.

**(Interrupção do som.)**

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Queria então sensibilizar a todos, e quis Deus estar aqui o grande líder das Oposições, Senador José Agripino, com relação aos aposentados.

E a carta que passa aqui, que revê, numerosa, mostra os sofrimentos, as penúrias, os aumentos de conta, o feijãozinho, o medicamento, as dificuldades... Luiz Inácio, o meu padrinho se enforcou – do Rotary.

V. Ex<sup>a</sup>, Luiz Inácio, teve a curiosidade de saber quantos velinhos honrados e dignos estão enfrentando essa dificuldade? Eu sei que V. Ex<sup>a</sup> é generoso, Luiz Inácio; foram os aloprados que mandaram V. Ex<sup>a</sup> vetar; os aloprados é que estão impedindo a lei que o nosso aposentado aqui recomenda, do Paim, o PLS nº 58, de 2003.

Pedro Simon, V. Ex<sup>a</sup> já teve muitas vitórias, mas vamos nos comprometer. E eu respondo então a Wilson do Amaral, da Rua Humaitá 116, Bairro Fundação, São Caetano do Sul, São Paulo.

José Agripino, Paulo Paim, Pedro Simon, Geraldo Mesquita – ele que iniciou, que me arrastou para essa campanha, sexta-feira, ele tinha outras cartas que ouvi, tremendo de indignação – Papaléo, vamos todos dar ao nosso aposentado. Ele conta aqui, Pedro Simon, que ele pagou 35 anos, e o País disse que ia aposentá-lo com dez salários mínimos, e ele recebe quatro. Luiz Inácio, isso é roubo. O País, o Presidente, como V. Ex<sup>a</sup> disse, é uma instituição a Presidência da República. Foi um compromisso. V. Ex<sup>a</sup> é o Governo, é a história, é o Presidente. Foram dez salários mínimos!

Senador José Agripino, com a palavra V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. José Agripino** (DEM – RN) – Senador Mão Santa, eu gostaria inicialmente de cumprimentar V. Ex<sup>a</sup> pela matéria de que V. Ex<sup>a</sup> é objeto na revista *Época* desta semana: “Mão Santa, língua solta.” É uma matéria elogiosa, uma matéria que faz jus a sua luta, a suas manifestações praticamente diárias sempre em torno de assuntos de interesse da sociedade e do cidadão brasileiro. V. Ex<sup>a</sup> agora aborda a questão dos aposentados, com muita propriedade. Veja! Há dinheiro para o Bolsa-Família, há dinheiro para cartão corporativo, há dinheiro para tanta coisa, mas não há dinheiro para cumprir a lei, para fazer justiça, para atender àquele que trabalhou a vida inteira e que teria direito aos reajustes da sua aposentadoria se o Governo quisesse ser justo com quem já deu tanto pela Pátria, pelo Estado ou pelo Município. Até porque aquilo que se faz aqui,

no plano federal, serve de exemplo para os Estados e para os Municípios. Se bem feito, fica o exemplo para os Estados e para os Municípios. Se mal feito, se injusto, fica a justificativa para que o Estado e o Município pratiquem a injustiça. Quero propor a V. Ex<sup>a</sup> uma atitude pragmática, objetiva. Nós aprovamos, aqui no Congresso, há algum tempo – eu até conferia com o Senador Geraldo Mesquita –, o percentual do reajuste para os aposentados, creio de foi de pouco mais de 16%. Essa matéria foi vetada.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Dezesesseis vírgula sete por cento.

**O Sr. José Agripino** (DEM – RN) – Dezesesseis vírgula sete por cento. Essa matéria foi vetada pelo Poder Executivo; pelo Presidente Lula. Ele vetou. Como vetou, por exemplo, a concessão de ajuda, auxílio-transporte e auxílio-alimentação. V. Ex<sup>a</sup>, que é médico, sabe da importância do que vou falar. Trata-se do auxílio-transporte e do auxílio-alimentação para quem tem uma doença, por exemplo, na sua Teresina, mas não consegue cura ali para aquela doença e é obrigado a se deslocar para Recife, Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo. Um projeto de lei que fizemos aqui garantindo o auxílio-transporte e o auxílio-alimentação para que o segurado do SUS pudesse se deslocar foi vetado, como foi o da isenção do imposto sobre aparelho de surdez. V. Ex<sup>a</sup> deve se lembrar, como médico, que Lula vetou a isenção. Como vetou aquilo que nós passamos meses discutindo, na Câmara e no Senado: o pacto da renegociação das dívidas do crédito rural para os nossos conterrâneos, agricultores do Nordeste. Está vetado. Como está vetado o aumento dos aposentados. V. Ex<sup>a</sup> sabe que está pactuada, entre a Oposição, os partidos políticos e a Presidência do Senado, uma nova investida na apreciação dos vetos. É compromisso do Presidente Garibaldi colocar em apreciação os vetos. Está na nossa hora, Senador Mão Santa! Está na nossa hora de mobilizar os nossos companheiros, na Câmara e no Senado, para derrubar os vetos injustos. E para fazer com que as coisas boas desta Casa, Senado, ou da Casa vizinha, Câmara, operem em benefício da sociedade, coisas corretas e sérias, como o aumento dos aposentados. Está na hora de nos mobilizarmos para derrubar o veto do Presidente e garantirmos que aquilo que foi dado aos funcionários da ativa seja dado também àqueles que passaram a vida inteira trabalhando pelo Brasil. Cumprimentos a V. Ex<sup>a</sup>! Deixo a minha convocação para que nos unamos em torno da derrubada desse veto.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Faço minhas todas as palavras proferidas pelo grande Líder José Agripino.

Para encerrar, reitero o que disse Juscelino Kubitschek. Luiz Inácio, é uma colaboração, estou resumindo todo o livro numa frase – vou tirar fotocópia. Vejam o que disse Juscelino: “Nada mais terrível do que, além da velhice, a pobreza. A velhice é triste; desamparada, é uma desgraça”. Disse mais Juscelino: “Aposentadoria justa, Previdência. As portas dos poderosos raramente estão abertas aos necessitados”.

Rui está ali, sabe por quê? Porque, Luiz Inácio, ele disse: “Justiça tardia é injustiça manifesta”. E Cristo está mais arriba, Luiz Inácio, porque disse: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça”.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– Obrigado, Senador Mão Santa.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN) – Pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– Pela ordem, Senador José Agripino.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN. Para uma questão de ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, gostaria de formular uma consulta à Mesa. Na quarta-feira, deverá haver sessão do Congresso para apreciação de vetos, e seguramente será lido, na sessão da quarta-feira, o requerimento de instalação, mediante as assinaturas que já foram conferidas na Câmara e no Senado, da CPI mista que vai investigar as denúncias em torno dos cartões corporativos.

Eu tenho a posição que defendo no meu Partido e que defenderei na reunião que faremos das Oposições – democratas, tucanos, PPS e tantos que queiram se somar conosco numa investigação isenta na questão dos cartões corporativos –: a CPI, que deve investigar com isenção, precisa dividir entre Governo e Oposição as posições de comando, relatoria e presidência, por uma razão muito simples. Nós, bloco da Oposição PSDB e DEM, somos o maior Partido no Senado. Há um bloco chamado bloco da Minoria, cujo Líder é o Senador Demóstenes, e que constituído significa um partido político no Senado. Somos, portanto, o maior partido político do Senado e, como tal, temos direito à indicação de um membro na CPMI Mista.

Eu fiquei pasmo com o que chamo de audácia da base governista que já anunciou, antes até da leitura do requerimento que transitou no Congresso, o nome do respeitável Senador Neuto de Conto como futuro Presidente da CPMI e um Deputado do PT como futuro relator da CPMI, como que cortando o diálogo em torno do entendimento que buscamos para dividir o comando da CPMI, que vai investigar denúncias de quê? De mal uso do cartão corporativo praticado no atual Governo, fatos que determinaram já a demissão da Ministra de Estado da Igualdade Racial e que podem, evidentemente, se se estender para o passado

em função de denúncias fundadas ou suspeitas fundadas – como são fundadas as denúncias atuais em dados do Tribunal de Contas da União e do Siafi – ser investigados. Ninguém deseja esconder sujeira debaixo do tapete. Mas o que se vai investigar são os fatos de agora, aqui; agora é que se está anunciando o mau uso do cartão corporativo.

Os governistas são maioria na CPMI. Somando Deputados e Senadores, são maioria esmagadora. Se eles têm maioria numérica e querem ter o comando da CPI, nós da Oposição podemos estar presentes a uma farsa, porque eles vão investigar os fatos dos quais eles são acusados. Nós estaríamos, então, para coonestar o comando de uma CPI que supostamente iria investigar o que eles quisessem, porque poderiam derrotar os requerimentos que quisessem pois têm maioria. Eu advogo, portanto, a tese de que, se não nos derem a oportunidade democrática de ocupar uma das funções, nós devemos abrir uma CPI exclusiva no Senado, onde as forças são equilibradas, e onde teríamos o presidente e o relator para oferecer à sociedade uma investigação transparente.

Em função disso, consulto V. Ex<sup>a</sup>, porque houve quem me alertasse para o seguinte: instalada a CPI mista, Câmara e Senado, indicados os membros, Deputados e Senadores, haveria um impedimento de ordem legal ou regimental para que houvesse uma CPI exclusiva do Senado, já que Senadores estariam participando de uma investigação de fato determinado.

O que eu gostaria de saber da Mesa, oficialmente, é se existe algum impedimento de ordem legal ou regimental para, instalada uma CPMI para investigar um fato, se esse mesmo fato determinado poderia ser investigado, à luz dos argumentos que aqui apresentei e em nome do interesse da sociedade, por uma CPI exclusiva do Senado. Se houver impeditivo, as Oposições precisam considerar esse fato para tomarem providências em benefício do interesse da sociedade, que é o de ver a questão cartão corporativo investigada, os culpados apontados e o relatório isento feito e entregue à Justiça, para que a Justiça possa condenar, se for o caso, os culpados, para que não se conviva nem com a improbidade nem com a impunidade.

É a questão de ordem que formulo a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– A consulta que V. Ex<sup>a</sup> faz eu posso respondê-la da seguinte maneira: Constituição e Regimento são omissos sobre o tema. Porém, prefiro, como Presidente da Mesa, recorrer às notas taquigráficas sobre a sua pergunta e dar-lhe uma resposta mais concreta e tecnicamente elaborada. De início, posso informar a V. Ex<sup>a</sup> que há uma omissão tanto no Regimento quanto na Constitui-

ção sobre a CPI mista e sobre a CPI do Senado ou da Câmara, separadas, sobre o mesmo assunto.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN) – Sem querer abusar da boa vontade de V. Ex<sup>a</sup>, eu gostaria apenas de lembrar que temos um prazo exíguo para a interpretação desse fato, tendo em vista que na quarta-feira se instala a CPMI. E em função da resposta, nós – aqueles que pensam na isenção da investigação – tomaremos posição para até amanhã dar ou não entrada compulsória a um requerimento de uma CPI exclusiva do Senado.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Dentro do prazo solicitado por V. Ex<sup>a</sup> será concedida a resposta, oficialmente.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Tem a palavra o Senador Sibá Machado.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, é sobre o mesmo tema, a mesma preocupação do Senador José Agripino.

É que, historiando um pouquinho o procedimento, tão logo as notícias surgiram, o Senador Romero Jucá solicitou a todos os Senadores que compõem a base de apoio ao Governo que subscrevessem o pedido de CPI do Senado. E foi o que nós fizemos. Na seqüência, o Deputado Carlos Sampaio solicitou que a CPI fosse transformada em uma CPMI, com a participação de Câmara e Senado. E de pronto foi aceita a sugestão.

O debate agora é quanto à composição da coordenação da CPMI.

O Senador Arthur Virgílio também recolheu assinaturas, na semana passada, segundo ele corrigindo o enunciado do requerimento, porque aquele apresentado anteriormente foi devolvido pelo Presidente Garibaldi em virtude de falha na redação. Seria preciso, então, ser assinado, de imediato, um novo requerimento. E nós aportamos, de imediato, as nossas assinaturas.

Estou preocupado, porque se for para voltarmos à idéia de uma CPI exclusiva do Senado, não seria também o caso de o autor do primeiro requerimento apresentar outro de imediato, porque há alguns entendimentos aqui – não sei se a matéria está regida pelo nosso Regimento – de que autores dos requerimentos seriam inevitavelmente membros da coordenação dessas CPIs.

Nesse caso, como a autoria inicial é do Senador Romero Jucá, eu queria acrescentar esta minha preocupação à questão de ordem apresentada pelo Senador José Agripino.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Já responderei a V. Ex<sup>a</sup>, Senador Sibá.

Pela ordem, concedo a palavra ao Senador Antonio Carlos Valadares.

**O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES** (Bloco/PSB – SE. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, a pedido do Senador Romero Jucá, assinei o requerimento da CPI mista. Em seguida, em virtude de a Mesa, sob a Presidência do Senador Garibaldi, ter identificado um erro naquele requerimento, novo requerimento foi elaborado. Então, na semana passada, fui procurado pelo Senador Arthur Virgílio, um dos líderes da Oposição desta Casa, e assinei o documento prevendo a criação, no Congresso Nacional, de uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, uma CPMI.

Creio ser fundamental, no regime democrático, que as oposições tenham todo o direito de fiscalizar e que, dessa fiscalização, não participem apenas as oposições, mas também o bloco que apóia o Governo. E está previsto que tanto a oposição como os governistas vão participar dessa Comissão Parlamentar de Inquérito.

Sr. Presidente, não podemos correr o risco – a investigação tem de ser feita, doa a quem doer – de passar pelo constrangimento por que passamos no ano passado, quando o Senado Federal e também a Câmara dos Deputados ficaram quase totalmente paralisados e a produção do Congresso Nacional se reduziu substancialmente e projetos, emendas constitucionais, proposições da mais alta importância ficaram engavetadas em função de investigações que aqui foram feitas.

Eu acho que o Congresso Nacional não vive apenas de CPI porque, se fosse assim, só haveria um artigo na Constituição dizendo que o Congresso Nacional faria CPIs e mais nada. Estou preocupado porque haveria uma CPI atingindo as duas Casas, que seria coordenada pela Câmara e pelo Senado, quer dizer, uma CPI mista e uma CPI no Senado.

Se isso acontecer, não se vai fazer mais nada nesta Casa. Entregamos à Mesa, eu e o Senador Casagrande, um documento mostrando que as CPIs têm que ser feitas, as investigações têm que ser apoiadas e realizadas pelo Congresso Nacional, mas não podemos parar a principal atividade para que fomos eleitos, que é a de legislarmos para atender o interesse do povo brasileiro.

Por exemplo, existe a proposta de emenda constitucional que trata da revitalização do rio São Francisco, que foi aprovada pelo Senado e está há quatro anos na Câmara dos Deputados. A aprovação dessa Proposta é vital para a sobrevivência do rio São Francisco e para milhões e milhões de brasileiros que dependem dessa revitalização.

Por isso, Sr. Presidente, a minha ponderação é a de que a investigação tem que ser feita, mas as Lideranças têm que se entender e, se possível, dividir a participação entre oposição e governo. Isso pode acontecer para que não mergulhemos aqui em uma crise política desnecessária. Se há possibilidade de dar a relatoria ao governo e a presidência à oposição, acho que está de bom tamanho, contanto que o Congresso funcione normalmente.

Essa é a ponderação que eu gostaria de fazer. Qual é o prejuízo maior: é o governo ter a relatoria e a presidência ou pararmos os trabalhos da Câmara dos Deputados e do Senado Federal? Qual é o prejuízo maior? É preciso que haja um entendimento.

Esse é o sentimento, que estou transmitindo aqui, do Partido Socialista Brasileiro.

Obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – É sobre o mesmo assunto, Senadora?

**A SRA. IDELI SALVATTI** (Bloco/PT – SC. Pela ordem. Sem revisão da oradora.) – Não, Sr. Presidente, eu apenas queria solicitar inscrição para falar no horário da Liderança.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – V. Ex<sup>a</sup> fará uso da palavra. Mas, antes, vou responder ao Senador Sibá Machado e ao Senador Antonio Carlos Valadares.

Senador Antonio Carlos Valadares, o Senador José Agripino demonstrou preocupação exatamente com a desproporcionalidade de situação e oposição, tratando-se de um assunto que é nitidamente investigação sobre o Governo. Então, nessas condições, sendo uma CPI mista, o Senador José Agripino entende que, se a oposição não participar nem da relatoria e nem da presidência, ela será mera expectadora de algo que ele citou como se fosse algo já previamente programado – citação do Senador José Agripino.

Então, diante dessa situação, ele vê a alternativa de fazer uma CPI só da Casa, do Senado Federal. Sendo assim, obrigatoriamente a oposição teria participação na direção da CPI, ou seja, na presidência ou na relatoria.

Essa alternativa sobre a qual o Senador José Agripino está aguardando uma resposta oficial da Mesa – se pode haver uma CPI mista e uma CPI do Senado Federal ou da Câmara ao mesmo tempo sobre o mesmo assunto – é que vai fazer a oposição, segundo o Senador José Agripino, decidir se pede uma CPI pelo Senado.

Quanto às assinaturas que V. Ex<sup>as</sup> apuseram em um documento colhido pelo Senador Arthur Virgílio, a Secretaria da Mesa me informa que essas assinaturas são dirigidas única e exclusivamente à CPI Mista, Se-

nadores Sibá e Antonio Carlos Valadares, não tendo nada a ver com a pretensão do Senador José Agripino sobre uma CPI exclusiva do Senado.

**O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES** (Bloco/PSB – SE) – Sr. Presidente, somente para um esclarecimento. Pelo que falou o Senador José Agripino, a CPI mista já tem as assinaturas e funcionaria. Mas ele quer outra aqui no Senado, não é isso? Ele fez a indagação se poderia haver as duas. V. Ex<sup>a</sup> não respondeu definitivamente e vai deixar que o Presidente efetivo o faça?

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Nós demos a devida informação de que há uma omissão constitucional e regimental sobre o assunto. Mas, por se tratar de um assunto extremamente sério e decisivo para uma tomada de posição sobre a questão da CPI, nós preferimos analisar profundamente com técnicos e dar a resposta oficial até amanhã, tendo em vista que o Senador José Agripino deverá tomar um posicionamento quanto a uma provável CPI no Senado, também sobre o mesmo assunto, se prevalecer a condição de Relator e Presidente serem indicados pela situação.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC. Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, quero apenas pedir a minha inscrição para uma breve comunicação.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – V. Ex<sup>a</sup> é o segundo inscrito.

Concedo a palavra à Senadora Ideli Salvatti, pela Liderança do PT.

**A SRA. IDELI SALVATTI** (Bloco/PT – SC) – Sr. Presidente, inclusive, para respeitar o Regimento, estou inscrita agora pela Liderança e, como há uma vaga para uma breve comunicação, como tenho dois assuntos a tratar, eu gostaria de poder ficar inscrita para uma comunicação, respeitando o tempo que temos aqui.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Mas V. Ex<sup>a</sup> não poderá fazer uso dos dois tempos.

**A SRA. IDELI SALVATTI** (Bloco/PT – SC) – Como Líder eu posso.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Como Líder, pois não.

**A SRA. IDELI SALVATTI** (Bloco/PT – SC. Como Líder. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente, Srs. Senadores, Sr<sup>a</sup> Senadora, me inscrevi pela Liderança do PT, no retorno aos meus trabalhos parlamentares, nesta segunda-feira, para comentar um artigo que tive a oportunidade de ler hoje pela manhã, que saiu hoje na **Folha de S. Paulo**, de autoria do Professor Marcos Cintra. O Professor Marcos Cintra é doutor pela Universidade de Harvard, professor titular da Fundação Getúlio Vargas e foi Deputado Federal de 1999 a 2003.

O artigo do Professor Marcos Cintra – O Fim da CPMF e a inflação – retrata o estudo que fez a partir da análise dos dados da inflação agora do mês de janeiro. Em todo debate que tivemos aqui durante a tramitação da CPMF, uma das coisas que mais ouvi a Oposição falar foi que a CPMF incidia fortemente na carga tributária, e que, portanto, precisávamos reduzir a carga tributária para beneficiar a população, que não agüenta mais pagar tanto tributo.

Portanto, eliminaríamos a CPMF, e a população, Senador Sibá, teria de imediato o benefício. Ou seja, era de se esperar que, com uma carga tributária, como anunciava a Oposição, relacionada à CPMF, sendo eliminada a CPMF os preços dos produtos cairiam. Não era isso Senador Paulo Paim? Era isto que eles estavam anunciando o tempo inteiro: vamos acabar com a CPMF – não é, Senador Valadares? Vamos acabar com a CPMF que os preços vão baixar, a carga tributária será reduzida.

E é interessante porque o Professor Marcos Cintra coloca aqui alguns dados. Segundo a própria Oposição, o peso da carga tributária era em média de 2% nos preços dos produtos. Mas acontece que a inflação de janeiro não foi negativa, ela aumentou. Diminuiu o ritmo de crescimento, mas os preços aumentaram. Portanto, tem alguma coisa errada no que disseram, no que fizeram e no que aconteceu. O artigo do Professor Marcos Cintra é bem interessante. Ele analisou por setor. Para não pegar a questão da média de 2% da carga tributária nos produtos de maneira geral, ele pegou o peso específico por setor. E está muito interessante. Ele diz assim:

“A CPMF representava, em média, 1,61% no preço dos bens e serviços.” Portanto, era de se esperar que, com a extinção da CPMF, os bens e os serviços tivessem 1,61% de redução. Mas não foi isso o que aconteceu. O IPCA provocou um aumento de 0,54% nos bens e serviços.

Vejamos outro setor: o café. O peso da CPMF sobre o café é, segundo os estudos, de 2,25%. Só que o nosso cafezinho de todo dia, no mês de janeiro, não teve 2,25% de redução de preço, mas 0,16% de aumento. A mesma coisa aconteceu com os eletroeletrônicos. A CPMF era 1,74% sobre o faturamento, mas o preço dos eletroeletrônicos aumentou 0,11%. Na indústria automobilística, o tributo pesava 1,69%, mas houve aumento no preço dos carros de 0,2%. Na indústria farmacêutica, o peso da CPMF era 1,49%, mas houve um aumento de 0,15%. Nos serviços pessoais a CPMF era de 1,31%, mas os serviços pessoais aumentaram 0,64%. No transporte, que é algo que pesa no bolso da população mais pobre, a CPMF representava 1,33%, mas os preços aumentaram 0,40%.

Portanto, a pergunta que temos de fazer é: quem efetivamente se beneficiou com o fim da CPMF? Porque os preços não baixaram. Não houve preço que baixou pelo fim da CPMF. Nem unzinho, Sr. Presidente! Nem unzinho baixou por causa do fim da CPMF. Quem pagava CPMF? Só quem movimentava conta bancária, o que, infelizmente, no Brasil ainda é minoria, e pagava CPMF quem movimentava conta com movimentação formal e informal, legal e ilegal. Portanto, quem pagava CPMF era quem mais tinha recursos movimentados no banco. E para onde ia a CPMF? Ia para a Previdência, para contribuir com o pagamento das nossas aposentadorias, principalmente as rurais, que não têm fonte de financiamento suficiente; além da Previdência, a Assistência Social – mais de 80% do Bolsa-Família era subsidiado, sustentado pela CPMF – e a saúde. Pagava CPMF quem mais movimentava dinheiro no banco, formal ou informal, legal ou ilegal; 75%, no mínimo, vinham de empresa, não chegava a 30% das pessoas físicas do Brasil que pagavam, mas ia para quem mais precisava na área da Previdência, na área da saúde, na área da Assistência Social. A CPMF era um tributo que pagava quem mais podia e se beneficiava quem mais precisava. Não baixou preço para ninguém, não baixou um tostão no preço de nada o fim da CPMF.

Portanto, como diz o próprio artigo do Marcos Cintra, a hipótese mais provável é que o fim da CPMF serviu para aumentar as margens de lucros das empresas, Senador Paulo Paim.

O que nos fizemos aqui foi uma reforma tributária ao avesso, tirando de quem mais precisa para dar para quem mais tem. Não existe nada com maior viés de classe social do que a questão tributária, porque toda vez que vamos analisar um tributo temos de perguntar quem paga e quem vai receber o resultado da aplicação desse tributo. E a CPMF quem pagava era quem mais podia, e quem recebia era quem mais precisava.

Terminamos com a CPMF. Não temos mais essa fonte, esses R\$40 bilhões que iam para as aposentadorias rurais, para o Bolsa-Família e para a saúde. Para onde foi esse dinheiro? Foi engrossar a margem de lucro das empresas e não para a grande maioria da população brasileira, Senador Paulo Paim.

*(O Sr. Presidente faz soar a campainha.)*

**A SRA. IDELI SALVATTI** (Bloco/PT – SC) – Por isso, esse artigo do Professor Marcos Cintra vem em muito boa hora, em muito boa hora.

Quero pedir que o documento ele seja transcrito na íntegra nos Anais do Senado.



Acho que valeria a pena solicitarmos a vinda do professor a uma das Comissões do Senado, para apresentar esse estudo sobre a não-redução dos preços depois do fim da CPMF e sobre a absorção dessa transferência de renda de quem mais precisa para quem mais tem.

Senador Valadares, esses dados são contundentes. V. Ex<sup>a</sup>, um Senador que teve tudo a ver com esse debate, uma pessoa que sempre esteve vinculada à área da saúde, entende sua importância. Aliás, quando lia isso hoje, eu me lembrava de V. Ex<sup>a</sup> em vários debates ao longo da tramitação da CPMF.

Esses números são incontestáveis e contundentes do que este Senado fez. O que este Senado fez? Fez uma reforma tributária "Robin Hood" às avessas, tirando de quem mais precisava, para engrossar a margem de lucratividade das empresas.

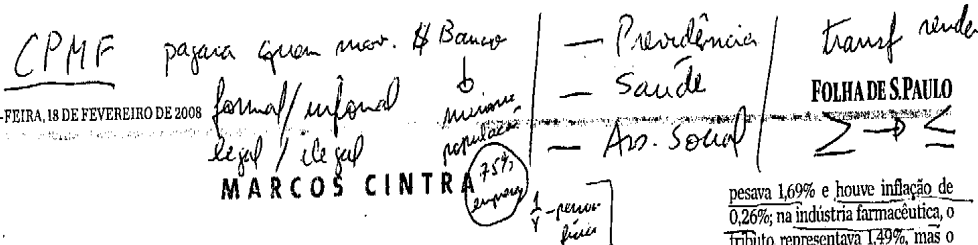
Era isso, Sr. Presidente.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE A SR<sup>a</sup> SENADORA IDELI SALVATTI EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

B2 dinheiro

SEGUNDA-FEIRA, 18 DE FEVEREIRO DE 2008



Os críticos da CPMF diziam que ela era altamente inflacionária. Segundo eles, o tributo tinha um peso de 2% nos preços. Portanto, dada a magnitude do choque ocorrido com sua extinção, era de esperar que poderia ocorrer deflação. Mas nada disso aconteceu.

Com base na matriz interindustrial do IBGE, calculei o impacto da CPMF sobre os preços em 42 setores da economia brasileira. Em seguida, comparei essa carga com os dados do IPCA de janeiro, divulgados na semana passada, para aferir se a extinção do "tributo do cheque" teve efeito sobre a inflação. A precisão dessa análise requer avaliações mais pormenorizadas, mas a comparação entre o que ocorreu com os preços no primeiro mês sem a contribuição e o peso que ela tinha nos setores produtivos é um sinalizador imediato para que se apure se, do ponto de vista da inflação, a extinção da CPMF foi um avanço.

A CPMF representava, em média,

1,61% no preço dos bens e serviços. Portanto, sua extinção deveria reduzir os preços em torno disso, supondo repasse total desse impacto nos preços ao consumidor. Porém o IBGE apontou que em janeiro o IPCA subiu 0,54%. Obviamente, fatores como sazonalidade, a estrutura de cada setor produtivo e o ritmo da atividade econômica devem ser considerados para fazer uma análise mais precisa. Mas, neste primeiro momento, a expectativa que se criou é que os preços cairiam sem o tributo, dada a magnitude do esperado choque de preços causado pela extinção da CPMF.

É oportuno primeiramente fazer algumas considerações a respeito de índice global. Quando se compara

A hipótese mais provável é que o fim da CPMF serviu para aumentar as margens de lucro das empresas

janeiro de 2007 com o mesmo mês de 2008, vê-se que o IPCA atual se posicionou 0,10 ponto percentual acima do registrado no ano passado. Já o acumulado de 12 meses no primeiro mês deste ano (4,56%) manteve a trajetória de crescimento observada em dezembro de 2007 (4,46%).

Quanto ao núcleo do IPCA, observava-se que o índice saiu de 0,35% em janeiro de 2007 para 0,41% no mesmo mês de 2008. O acumulado de 12

meses passou de 3,62% em dezembro de 2007 para 3,68% no mês seguinte. Portanto, observa-se que em todas essas comparações a inflação global subiu em vez de cair.

Em termos de comparação setorial, o peso da CPMF é de no máximo 2,25% na indústria do café. Segundo alguns críticos do tributo, esse setor deveria reduzir seus preços em torno disso, mas o IPCA mostrou que no caso do café moído houve inflação de 0,16% e, no solúvel, a redução de preços foi de apenas 0,73%.

No setor de eletroeletrônicos, a CPMF tinha custo tributário de 1,74% sobre o faturamento, mas seus preços aumentaram 0,11%; na indústria automobilística, o tributo

pesava 1,69% e houve inflação de 0,26%; na indústria farmacêutica, o tributo representava 1,49%, mas o IPCA registrou 0,15%. Na área de transportes, que tem peso elevado para os consumidores, a CPMF representava 1,33%, mas os preços aumentaram 0,4%; e, nos serviços pessoais, em que o ônus do tributo era de 1,31%, os preços cresceram 0,64%.

A inflação mensal de janeiro perdeu fôlego em relação a dezembro, mas isso está longe de ser explicado pelo fim da CPMF. Muito pelo contrário, a comparação setorial mostra que a hipótese mais provável é que a redução do custo tributário serviu para aumentar as margens de lucro das empresas.

MARCOS CINTRA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, 62, doutor pela Universidade Harvard (EUA), professor titular e vice-presidente de Fundação Getúlio Vargas, foi deputado federal (1999-2003). É autor de "A Verdade sobre o Imposto Único" (LCTE, 2003). Escreve às segundas-feiras, a cada 15 dias, nesta coluna. Internet: www.marcoscintra.org

mcintra@marcoscintra.org

# Fim da CPMF e inflação

Reforma Tributária é uma questão de classe

Quem paga → Quem recebe

## Mercado Aberto

GUILHERME BARROS guilherme.barros@uol.com.br

fin da CPMF > → < lucro das empresas

Sen. Ideli Salvatti

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– Muito obrigado, Senadora Ideli Salvatti.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– Esgotou-se na última sexta-feira o prazo previsto no art. 91, § 3º, do Regimento Interno, sem que tenha sido interposto recurso, no sentido da apreciação, pelo Plenário, das seguintes matérias:

- **Projeto de Lei do Senado nº 262, de 2003**, de autoria do Senador Paulo Paim, que dispõe sobre a proibição do uso de métodos de recrutamento de pessoal que possam causar dano à honra e à dignidade do trabalhador; e
- **Projeto de Lei do Senado nº 107, de 2007**, de autoria do Senador Paulo Duque, que autoriza a União a doar ao Estado do Rio de Janeiro o imóvel que especifica.

Tendo sido apreciados terminativamente pelas Comissões competentes, as matérias vão à Câmara dos Deputados.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– O Senhor Presidente da República adotou, em 14 de fevereiro de 2008, e publicou em 15 do mesmo mês e ano, a **Medida Provisória nº 418, de 2008**, que “Altera as Leis nºs 11.508, de 20 de julho de 2007, que dispõe sobre o regime tributário, cambial e administrativo das Zonas de Processamento de Exportação, e 8.256, de 25 de novembro de 1991, que cria áreas de livre comércio nos municípios de Pacaraima e Bonfim, no Estado de Roraima, e dá outras providências”.

Nos termos dos §§ 2º e 7º do art 2º da Resolução nº 1, de 2002-CN, fica assim constituída a Comissão Mista incumbida de emitir parecer sobre a matéria:

**SENADORES****Titulares****Suplentes****Bloco da Minoria (DEM/PSDB)**

Demóstenes Torres (DEM)	Kátia Abreu (DEM)
José Agripino (DEM)	Jayme Campos (DEM)
Arthur Virgílio (PSDB)	Álvaro Dias (PSDB)
Sérgio Guerra (PSDB)	Marisa Serrano (PSDB)

**Bloco de Apoio ao Governo  
(PT/PR/PSB/PCdoB/PP/PRB)**

Ideli Salvatti (PT)	Inácio Arruda (PCdoB)
João Ribeiro (PR)	Marcelo Crivella (PRB)
Renato Casagrande (PSB)	Francisco Dornelles (PP)

**PMDB (Maioria)**

Valdir Raupp	Gilvam Borges
Wellington Salgado de Oliveira	Leomar Quintanilha
Valter Pereira	Neuto de Conto

**PTB**

Epitácio Cafeteira	Sérgio Zambiasi
--------------------	-----------------

**PDT**

Jefferson Péres	Osmar Dias
-----------------	------------

**\* PSOL**

José Nery

Rodízio nos termos da Resolução nº 2, de 2000-CN.

**DEPUTADOS****Titulares****Suplentes****Bloco (PMDB/PT/PP/PR/PTB/PSC/PTC/PTdoB)**

Henrique Eduardo Alves	Vinícius Carvalho
Maurício Rands	Edinho Bez
Mário Negromonte	André Vargas
Luciano Castro	Benedito de Lira
Jovair Arantes	José Carlos Araújo
Hugo Leal	Sérgio Moraes

**Bloco (PSDB/DEM/PPS)**

José Aníbal	Antonio Carlos Magalhães Neto
Onyx Lorenzoni	Arnaldo Jardim
Fernando Coruja	Arnaldo Madeira
Leonardo Vilela	Guilherme Campos

**Bloco (PSB/PDT/PCdoB/PMN/PAN)**

Paulo Pereira da Silva	Rodrigo Rollemberg
Márcio França	Dr. Ubiali

**\*PSOL**

Chico Alencar	Luciana Genro
---------------	---------------

\* Rodízio nos termos da Resolução nº 2, de 2000-CN.

Também de acordo com a Resolução nº 1, de 2002-CN, fica estabelecido o seguinte calendário para a tramitação da matéria:

- Publicação no **DO: 15-2-2008**
- Designação da Comissão: **18-2-2008 (SF)**
- Instalação da Comissão: **19-2-2008**
- Emendas: **até 21-2-2008**

- Prazo na Comissão: **15-2-2008 a 28-2-2008**(14º dia)
- Remessa do processo à CD: **28-2-2008**
- Prazo na CD: **de 29-2-2008 a 13-3-2008** (15º ao 28º dia)
- Recebimento previsto no SF: **13-3-2008**
- Prazo no SF: **de 14-3-2008 a 27-3-2008** (42º dia)
- Se modificado, devolução à CD: **27-3-2008**
- Prazo para apreciação das modificações do SF, pela CD: **de 28-3-2008 a 30-3-2008** (43º ao 45º dia)
- Regime de urgência, obstruindo a pauta a partir de: **31-3-2008** (46º dia)
- Prazo final no Congresso: **14-4-2008** (60 dias)

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– Concedo a palavra ao próximo orador inscrito, Senador Antonio Carlos Valadares.

V. Exª dispõe de 20 minutos para o seu pronunciamento.

**O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES** (Bloco/PSB – SE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador) – Sr. Presidente, Srªs e Srs Senadores, o assunto que me trouxe a esta tribuna não tinha nada a ver com o assunto a que se referiu a Senadora Ideli Salvatti. Posteriormente, irei falar sobre a queda de arrecadação dos municípios em face dos novos levantamentos feitos pelo IBGE.

Mas, Senadora Ideli Salvatti, não sei se V. Exª se recorda do fato a que vou me referir ocorrido quando do debate sobre a proposta de prorrogação da CPMF – inclusive havia uma proposta nossa que o Governo aceitou e que parte da Oposição estava disposta a votar, que seria uma redução gradativa da CPMF até ela se acabar definitivamente em 4 anos. Pois bem, do alto desta tribuna, eu tive a oportunidade de afirmar, alto e bom som, que, se realmente a queda da CPMF viesse a se concretizar, no mês de janeiro eu renunciaria ao meu mandato de Senador, se houvesse uma queda nos preços dos produtos alimentícios, se a derrubada da CPMF proporcionasse uma redução dos preços dos produtos de um modo geral.

Felizmente, a realidade confirmou as minhas previsões...

**A Sra. Ideli Salvatti** (Bloco/PT – SC) – E salvou seu mandato, Senador Valadares!

**O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES** (Bloco/PSB – SE) – Eu não preciso mais renunciar ao meu mandato de Senador, porque um dos grandes intelectuais do Brasil e que entende de economia, o

Dr. Marcos Cintra, acaba de escrever um artigo para o jornal – na **Folha de S. Paulo** ou no **O Globo**?

**A Sra. Ideli Salvatti** (Bloco/PT – SC) – Foi na **Folha de S. Paulo**.

**O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES** (Bloco/PSB – SE) – Na **Folha de S. Paulo**. Foi para cá trazida essa notícia, por intermédio da Líder do nosso Bloco, Senadora Ideli Salvatti, comprovando, mais uma vez, que houve uma precipitação, um equívoco.

Nós queríamos, sim, a substituição da CPMF pela reforma tributária, que consolidaria as conquistas democráticas do nosso País. Ou seja, daríamos um equilíbrio aos tributos nacionais. E iríamos, sem dúvida alguma, proporcionar, com a reforma tributária, a substituição da CPMF e também a desoneração tributária, a melhoria dos investimentos, a queda das taxas de juros. Isso era o que estávamos prevendo. Com a queda da CPMF, o Governo teria tempo suficiente para fazer as acomodações, com o apoio do Congresso Nacional.

Concedo a V. Exª um aparte, Senadora Ideli Salvatti.

**A Sra. Ideli Salvatti** (Bloco/PT – SC) – Senador Valadares, como V. Exª mesmo disse, V. Exª não colocou em risco o seu mandato, quando anunciou que renunciaria, caso algum precinho – qualquer um – da cesta básica diminuísse. V. Exª tinha certeza absoluta de que não iria acontecer isso. Como não aconteceu. Os dados do professor Marcos Cintra confirmam, de forma incontestável, que não aconteceu.

Tenho apenas uma observação a fazer. Não foi precipitação. Não foi algo que quem promoveu não sabia o que estava fazendo, até porque, Senador Antonio Carlos Valadares, quem está aqui sempre sabe o que está fazendo, por que está fazendo e a serviço de quem está fazendo.

**O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES** (Bloco/PSB – SE) – Na realidade, estou generoso e bonzinho.

**A Sra. Ideli Salvatti** (Bloco/PT – SC) – V. Exª está sendo muito bondoso, porque quem promoveu a derrubada da CPMF estava a serviço de aumentar a margem da lucratividade das empresas, em prejuízo da maioria pobre da população brasileira. Estava promovendo uma transferência de renda dos que menos têm para os que mais têm, algo que, em termos de reforma tributária, é tudo de que nós não precisávamos. Não damos conta de melhorar a estrutura tributária. E o fim da CPMF da forma como foi feito ainda acentuou, aprofundou o caráter de transferência de renda

dos que têm menor poder aquisitivo para os de maior poder aquisitivo – sem contar a questão fiscalizadora, Senador Antonio Carlos Valadares, que mereceria outro debate. Mas V. Ex<sup>a</sup> vai manter seu mandato aqui, para orgulho do Bloco, defendendo, com certeza, a continuidade, como V. Ex<sup>a</sup> sempre defendeu, das questões da saúde.

**O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES** (Bloco/PSB – SE) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>, Senadora Ideli Salvatti. Também tive a curiosidade de, naquela época, naquele período conturbado aqui no Senado Federal, conversar com um economista que é respeitado por todos nós, o nosso colega Senador Aloizio Mercadante. Quando eu lhe disse que não haveria redução dos preços dos gêneros alimentícios e dos produtos de modo geral, ele replicou: “Valadares, isso aí vai servir é de fonte de aumento da lucratividade das empresas, porque eles vão embutir aquilo que se dizia que a CPMF acrescentava no aumento dos preços nos lucros das empresas.

E realmente o Dr. Marcos Cintra provou por “a” mais “b”, através deste artigo, que houve um aproveitamento, uma exploração dos mais fortes contra as necessidades dos mais pobres.

Senador Sibá Machado é com prazer que concedo o aparte a V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – E eu agradeço a V. Ex<sup>a</sup> já que V. Ex<sup>a</sup>, nesta tarde de segunda-feira, como lhe é peculiar, de forma muito serena, lembrando aqueles últimos debates sobre a CPMF. E eu estava presente no momento em que V. Ex<sup>a</sup> fez a afirmação de que estaria disposto a renunciar o mandato de Senador da República, conferido pelo povo de Sergipe, se se configurasse que o fim da CPMF baixaria os preços dos produtos de primeira necessidade. E V. Ex<sup>a</sup> agora, fazendo essa conferência, constata a sua própria previsão. Portanto, pela sua experiência, pela inteligência, pelo convívio, não iria fazer uma afirmação banal.

Então, acho que caiu por terra aquela tese de que a CPMF era um problema. Não o é. Mas aproveite este aparte para dizer a V. Ex<sup>a</sup> que eu queria agradecer a três pessoas. Sou membro da Comissão de Orçamento e fiquei até o presente momento impressionado que caminho tomaria, seja o Governo ou o Congresso Nacional, para resolver o problema da não receita dos quarenta bilhões. E o Senador Francisco Dornelles, o Relator da receita; o Deputado José Pimentel, que foi o Relator-Geral, e o Senador José Maranhão, que é o Presidente da Comissão, fizeram um verdadeiro milagre, porque preservaram as emendas parlamentares,

coletivas de Comissão e as individuais, preservaram todos os cenários de prioridades de investimento público, priorizaram praticamente tudo, e não tivemos grandes cortes, cortes substanciais no Orçamento. Então, se era para atrapalhar o Brasil, não conseguiram. Eu acho que o próprio Congresso, na sua inteligência, chegou a um final muito feliz, que são os investimentos destinados para 2008. Está preservado o PAC, a saúde, a educação, o Bolsa-Família, e até o salário mínimo, em que houve, sim, uma redução que não foi significativa. Já está mantida na casa de 412 reais. Portanto, acho que V. Ex<sup>a</sup> merece aqui, sim, o nosso aplauso e a nossa consideração por haver brilhantemente defendido aquela tese e agora provado que, mais uma vez, tinha inteira razão nas previsões que foram aqui apresentadas. Parabéns, Senador!

**O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES** (Bloco/PSB – SE) – Senador Sibá Machado, agradeço a V. Ex<sup>a</sup> e, como membro também da Comissão Mista de Orçamento, pude verificar a alta responsabilidade do Relator, o Deputado Pimentel, que, a meu ver, se engrandeceu perante o Congresso Nacional ao propor alterações no Orçamento que não interferissem na atividade do Governo na área social, em que todas as conquistas foram preservadas, todos os programas merecerão a devida atenção do Governo, tudo isso garantido pelo Orçamento e de receitas que serão arrecadadas este ano, não a título de previsão aleatória, mas de certeza de que serão arrecadadas em benefício do povo brasileiro.

Sr. Presidente, como eu disse no início do meu discurso, eu gostaria de focar um assunto que é de mais alta importância, notadamente para os municípios pequenos, que tiveram uma forte mudança na sua arrecadação por meio de um levantamento recente feito no ano passado pelo IBGE, alterando não só a situação demográfica como os limites territoriais dos Municípios, em função de uma nova metodologia que o IBGE adotou, com a aplicação de um novo modelo e com a utilização do GPS – Sistema Global de Posicionamento, por meio de satélite, que identifica os marcos divisórios entre os Municípios e entre os Estados. Isso interferiu, de alguma forma, na distribuição do Fundo de Participação, alterando os coeficientes desse fundo em muitos municípios.

Posso dar um exemplo de um Município que eu conheço. Trata-se de uma cidade da qual fui Prefeito e que tem vários povoados, vizinhos do Município de Paripiranga, no Estado da Bahia, sempre vistos como povoados, povoações pertencentes ao Município de

Simão Dias e não a Paripiranga. Tanto é que investimos lá em saúde, construindo postos de saúde, em educação, construindo escolas – não só como Prefeito, mas como Governador do Estado –, levando energia elétrica aos povoados. Apesar de tudo isso, o Município, há mais de 30 anos, tinha um coeficiente de fundo de participação de 1.8.

De repente, o IBGE disse: Não, não vale; aquilo que foi aplicado durante 30, 40 anos, agora não vale mais; o que vale é o satélite. Resultado: as populações que moram em Simão Dias, povoados como Apertado da Pedra, Mato Verde, agora não são mais simãodieneses. O IBGE decretou: Não, agora são baianos, de Paripiranga. O prefeito de Paripiranga assinou uma correspondência, que foi enviada ao Tribunal de Contas da União dizendo o seguinte: Essa área nunca pertenceu ao Município de Paripiranga, Estado da Bahia.

Mesmo assim, em vista dos dados que foram fornecidos pelo IBGE, o Tribunal de Contas não tinha o que fazer. Reduziu, por causa de 200 pessoas, mais ou menos (foi a redução que foi feita pelo IBGE pela perda desse território, pelos novos limites que foram dados), e aí o Município de Simão Dias passa de 1.8 para 1.6, perdendo mais de R\$140 mil por mês.

Isso vai obrigar o Prefeito Municipal a tomar medidas drásticas, sérias, para fazer face aos compromissos da administração municipal.

Agora, Sr. Presidente, essa situação não é só do Município de Simão Dias; é de muitos municípios do Brasil inteiro. E essa preocupação chegou até o Congresso Nacional e preocupou, inclusive, o Líder do Governo, o Senador Romero Jucá, que apresentou uma proposição que foi aprovada no final do ano passado, o PL nº 633, de 2007, que joga para o final do exercício de 2008 a possibilidade de uma mudança nos coeficientes, ou seja, dá um prazo de mais um ano para que essa situação seja resolvida no Brasil inteiro.

A minha preocupação é que esse projeto do Senador Romero Jucá, o de nº 633, que foi aprovado por unanimidade pelo Senado Federal, fique dormitando nas gavetas da Câmara dos Deputados, que já o recebeu, uma vez que lá as coisas andam a passo de cágado, por causa não apenas das medidas provisórias, mas também pelas dificuldades, pelo volume de projetos e de proposições que há naquela Casa.

Então o meu apelo aqui é no sentido de que a Mesa do Senado Federal, que acompanhou a aprovação dessa matéria, que deu continuidade, que deu importância, envolva-se com essa questão, solicitando ao Presidente da Câmara dos Deputados, o Deputado

Federal Chinaglia, que coloque essa matéria em votação o mais rápido possível, e que dê prioridade à sua tramitação, porque centenas e centenas de municípios em todo o Brasil estão sofrendo com a queda da arrecadação, motivada, única e exclusivamente, por dados de um satélite.

Um satélite não conhece a realidade de cada Município. E o IBGE simplesmente, sem ouvir as populações, sem conversar com as autoridades locais, o Governo do Estado, os prefeitos municipais, reduziu os coeficientes do Fundo de Participação dos Municípios, mudando até os limites, transferindo territórios que são de um Estado para outro Estado. Isso, a meu ver, foi um equívoco, foi um grande erro cometido pelo IBGE e que precisa ser consertado. Mas esse conserto só pode ser feito em um ano – prazo concedido pelo Senado Romero Jucá na sua Proposta nº 633, de 2007.

Por isso, Sr. Presidente, a minha palavra aqui é de solidariedade a todos os Prefeitos que estão passando por essa dificuldade, por esse constrangimento. Inclusive a minha terra, o meu Município de Simão Dias teve uma redução substancial, uma queda em sua arrecadação, por causa de uma máquina que está circulando aí, chamada satélite, e que acha que territórios que sempre viveram sob os auspícios de investimentos do Estado de Sergipe e do Município de Simão Dias agora passaram a ser de outro Estado. E não só os territórios; as populações, que se consideram, com muito orgulho, simãodieneses e sergipanos, agora, obrigatoriamente, terão de ser baianos.

A Bahia já tirou muito de Sergipe.

Senador Sibá Machado, uma grande parte da área do Estado da Bahia no passado pertenceu ao Estado de Sergipe. Agora é o IBGE que ajuda a tirar mais território de Sergipe. Sergipe é o menor Estado da Federação. Daqui a uns dias só vai ficar a capital, porque, se houver um novo GPS e se descobrir, por exemplo, que Lagarto não é mais de Sergipe, o que vai acontecer?

O IBGE deveria ter tido maior atenção, conversado com os prefeitos municipais, não só os do Estado de Sergipe, mas também os do Estado da Bahia, nesse caso aí de Simão Dias, e assim em todo o Brasil, para que esses Municípios não estivessem sofrendo o que estão sofrendo hoje com a queda da sua arrecadação e, conseqüentemente, com problemas que vão aparecer nas áreas da saúde, da educação, de saneamento básico, porque eles ficarão impossibilitados de realizar novos investimentos.

Ouçó o Senador Sibá Machado.

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – Eu só queria contribuir com V. Ex<sup>a</sup> sobre esse assunto, porque, há algum tempo, o Governo do Estado do Acre solicitou à própria Assembléia que fizesse uma CPI para estudar os limites dos Municípios do Estado, porque havia muitos casos em que determinadas comunidades estavam sendo vistas como sendo de um Município, mas, para terem acesso à sede daquele Município, tinham que passar por dentro de outro. E isso foi corrigido. Portanto, no meu entendimento, divisão é acordo e convivência. Mesmo que haja razão – não vou dizer que não haja – em dizer que agora é Bahia e não Sergipe, é preciso respeitar o tal acordo ou a convivência da população local. E aí, neste ponto, concordo com V. Ex<sup>a</sup>. Creio que tem que haver a correção, e o próprio Governo do Estado da Bahia tem que ceder de bom grado, imediatamente, por decreto da Assembléia Legislativa de lá, a devolução da área pertencente ao Estado de Sergipe, porque não é um satélite que vai agora decidir o que é bom para um e ruim para outro. Acho que V. Ex<sup>a</sup> tem inteira razão na reclamação que faz na tarde de hoje.

**O SR. ANTONIO CARLOS VALADARES** (Bloco/PSB – SE) – Além disso, os prefeitos a quem foram cedidos os territórios sem que eles pedissem estão assinando documentos dizendo que os territórios não são deles, e sim do outro Estado.

Então, seria de bom alvitre, Sr. Presidente – peço mais uma vez a V. Ex<sup>a</sup> –, acelerar lá na Câmara dos Deputados a aprovação desse projeto de autoria do Senado Romero Jucá que foi aprovado aqui pelo Plenário do Senado.

Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>. O seu pedido será atendido nos termos do Regimento.

Sobre a mesa, requerimento que passo a ler.

É lido o seguinte:

#### **REQUERIMENTO Nº 120, DE 2008**

Requeiro, nos termos regimentais, seja apresentado voto de pesar pelo falecimento do Senhor Bernardo Araújo Rocha, mais conhecido como Binu, apresentando condolências à família.

#### **Justificação**

O Agropecuarista era líder político no Piauí e faleceu no dia 16 de fevereiro do corrente. Ele começou sua carreira política pela antiga Arena, tendo sido vereador, vice-prefeito e 2 (duas) vezes Prefeito

do Município de Matias Olímpio. Binu trabalhou pela emancipação do Município de São João do Arraial, do qual foi o primeiro prefeito, administrando-o por 2 vezes pela sigla do PMDB.

Em função da importância do papel desempenhado pelo ilustre companheiro do PMDB, apresento ao Senado o presente requerimento por perda tão significativa para o Estado do Piauí, solicitando o encaminhamento de voto de profundo pesar e tristeza aos familiares.

Sala das Sessões, 18 de fevereiro de 2008. – Senador **Francisco de Assis de Moraes Souza, Mão Santa**.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Sr. Presidente, peço a palavra para justificar o requerimento.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Concedo a palavra a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI. Para encaminhar. Sem revisão do orador.) – O destino quis levar o nosso Bernardo Araújo Rocha, conhecido como Binu, que hoje estaria completando 90 anos, mas morreu sábado.

Ele honra a classe política. A política é uma honrosa aventura. Sábado, chegando ao Piauí, ao saber do falecimento, fui à sua cidade. Ele morava numa fazendola cujo nome é Laranjeira, porque ele era um agricultor que plantava, vendia e comercializava laranja e outros frutos cítricos. O mais importante é que ele estava com 90 anos, e a gente vê que não é o que dizem; que político é respeitado, é prestigiado. Tive a oportunidade de estar presente na sentinela.

Esse cidadão, como essas famílias interioranas, tinha uma prole numerosa. Ele era do interior, foi prefeito duas vezes, vereador, vice-prefeito e prefeito da cidade de Matias Olímpio. Depois se criou outra cidade. Fui eu que a criei. Era um povoado. Deus me permitiu, Senador Papaléo Paes, no meu Governo, criar 78 novas cidades no Piauí. Povoados se transformando em cidades. É gratificante ver. Eu lembro que, na minha eleição em 1994, fiz um comício debaixo de uma mangueira, e tudo era areado. E como se transformaram! Hospitais, escolas, praça para namorar, avenida urbanizada, cadeia para ordem, duas emissoras. Então, além do que se vê, pois o essencial é invisível aos olhos, houve o chamamento de pessoas a participarem e transformarem-se em líderes, vereadores, vice-prefeitos. E ele, o Binu, foi prefeito por duas vezes – eleito e reeleito – dessa cidade filha, São João do Arraial.

Mas eu vi, Marisa Serrano, Pedro Simon, eu vi, durante a noite toda, aparecer gente não sei de onde naquele preto, cultuando o Binu, que foi duas vezes prefeito da cidade-mãe, Matias Olímpio, e duas vezes dessa nova. De família interiorana, trabalhador, e, se sente que não é assim não, a política tem a sua respeitabilidade. E nós sabemos que o mais que o homem, segundo Confúcio disse, consegue da vida, quando nasce – ô Geraldo Mesquita, quando nós nascemos o que é que ocorre? –, é que está todo mundo sorrindo, esperando a criança que nasce. Pai, mãe, parteira, enfermeira, familiares. E o mais que nós conseguimos ao longo da vida é reverter isso: ao sair, encontrar o choro, o lamento e a lágrima. Isso ele conseguiu. Eu vi. Foi dessas sentinelas que se prolongam pela noite toda, e ia aparecendo gente para chorar aquele ente querido que só fez o bem.

Pedro Simon – V. Ex<sup>a</sup> é um desses patrimônios que nós temos que seguir –, eu quero reverenciar aqui o Binu e a sua família. Ele tem um filho cujo nome é Juscelino, líder político continuador. Mas ele tinha dois ensinamentos, aqueles velhos de moral, de compostura, de respeito, de vergonha, que existem... Nós existimos e nós estamos aqui para homenageá-lo. Marisa Serrano, aqui diz o biógrafo da lamentação dele que ele tinha dois ensinamentos:

“Binu e sua esposa sempre se preocuparam com a educação da família, visando uma vida digna para os filhos, netos e bisnetos.”

Eram muitos os netos chorando. Era dessas famílias que são um exemplo no interior, na fazenda Laranjeira.

“Com os amigos, tem uma atenção especial, onde seu lema é: ‘não abandonarei os amigos, estarei sempre à disposição de todos’. No meio político, é referência para todo homem público de bem, sendo lembrado pela célebre frase: ‘Continuo na política, com dinheiro ou sem dinheiro, servindo a todos que me procuram, especialmente os menos favorecidos.’”

Atentai bem, Senador Geraldo Mesquita, ele, nas últimas eleições, já tinha idade. O grupo, o PT, com essa máquina, tomou lá o poderio deles.

É a essa figura que rendemos homenagens em nome do Piauí, que não precisa buscar exemplos em outros lugares, porque o exemplo está no falecido Binu.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)  
– Muito obrigado.

A Presidência encaminhará o voto de pesar solicitado.

O requerimento que acaba de ser lido vai ao Arquivo.

Concedo a palavra, para uma comunicação inadiável, ao Senador Sibá Machado.

V. Ex<sup>a</sup> dispõe de até cinco minutos para o seu pronunciamento.

Em seguida, fará uso da palavra, como orador inscrito, o Senador Pedro Simon.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC. Para uma comunicação inadiável. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Papaléo Paes, é muito bom ver os números divulgados na pesquisa, realizada pela Confederação Nacional dos Transportes e pelo Instituto Sensus, que avalia a performance do Governo Federal e a performance do Presidente da República, o Presidente Lula.

Fico muito bem impressionado, Sr. Presidente, porque, com tantos debates mais acirrados, especialmente aqui no Senado, tivemos poucas oportunidades de fazer um debate mais qualificado sobre a performance do Governo. Aqui não é em busca de consenso, não é em busca de fazer com que as pessoas deixem de lado suas convicções, mas de poder pensar de fato nos rumos do Brasil.

Sr. Presidente, eu morava na Transamazônica, no Estado do Pará, e tinha a imagem do Brasil como a de um carro atolado. A imagem do Brasil, como de todos os países de economia mais insipiente, era a de um país que procurava cumprir à risca os manuais do Fundo Monetário Internacional, de regras canibais, ao Direito, à soberania desses países, especialmente para as populações mais pobres.

Esse receituário, no meu entendimento, Sr. Presidente, faliu, acabou, não se sustenta mais. Ou o Fundo Monetário Internacional muda de rumo de uma vez por todas e se torna um instituto financeiro de fato para fomentar as pequenas economias ou ele não tem mais razão de existir. E nós recusamos esse caminho, que quebrou o México, que quebrou a Argentina, que quebrou a Coréia do Sul, que colocava em polvorosa os brasileiros cada vez que vinha uma missão do FMI ao País para dizer o que era bom e o que era ruim para o povo brasileiro. Felizmente, esse momento está encerrado. Os números da pesquisa são muito positivos, muito positivos. O que nos dizem os números, Sr. Presidente, muito claramente?

Se juntarmos o que considera de ótimo, bom e regular, a população brasileira dá ao Governo do Presi-

dente Lula a aprovação de 85%. Quando olhamos para os números da pessoa do Presidente, a sua imagem, sua confiabilidade como Chefe da nossa Nação, ela dá ao Presidente Lula a aprovação de 66,8%.

Isso é muito positivo. Até acho que o Presidente Lula talvez não esperasse esses números, dada a dificuldade de comunicação entre o seu Governo e o todo da sociedade, por conta de tantos outros debates que são tidos como mais importantes.

A Mensagem do Presidente, remetida ao Congresso Nacional na abertura dos trabalhos de 2008, os números positivos, a alegria de se ler um documento daquele, tudo demonstra que o nosso Brasil, de fato, dá a volta por cima. É um receituário, sim, a ser continuado. É um receituário, sim, que está funcionando muito bem. E a população, graças a Deus, está sabendo discernir essas coisas. A população nos diz nessa pesquisa que o Governo está indo muito bem e que, se houver qualquer problema, que ele seja trabalhado nos fóruns competentes. É isso que eu traduzo dessa pesquisa.

Fico muito feliz, Sr. Presidente, porque, há muito tempo, na minha vida, enquanto eu era sindicalista, eu olhava para o nosso País e achava que era destino natural do Brasil ser um país pobre, que era um destino natural do Brasil ser um país endividado, comandado pelos outros, sem identidade própria, porque o povo lá fora só nos conhecia pelo carnaval, pelo futebol e mais nada, porque ninguém sabia sequer onde era a capital do nosso Brasil, porque ninguém sabia onde ficavam as coisas e a base da nossa cultura. Agora nós estamos dialogando com o mundo, não só o mundo dos mais ricos, mas também com o mundo dos mais pobres também.

O nosso Mercosul dá seus passos, criamos um novo intercâmbio com a Índia, com a África do Sul, com os países da África, dialogamos com a OMC, exportamos tecnologias. O País aponta para outros caminhos, divide riquezas com os mais pobres, abre oportunidades nas universidades para o ensino superior.

É claro que respeitamos todas as pessoas que vêm à tribuna do Senado ou que vão a qualquer tribuna do nosso Brasil e faz críticas pelas conquistas não obtidas. Ninguém aqui tem varinha de condão, ninguém aqui é mágico. Basta olharmos para as condições em que o nosso País estava vivendo, vendendo suas empresas para poder pagar suas contas. Não precisamos mais disso.

Sr. Presidente, relembro aqui o aparte que fiz ainda há pouco. Se nós ainda tivéssemos a CPMF, se

mantivermos um crescimento do PIB de 5% por três anos consecutivos, Sr. Presidente, inevitavelmente, o nosso Brasil vai ser um País credor das economias mais pobres do mundo. E eu só espero que o Brasil, ao chegar a esse patamar, seja um país não economicista, que não seja um país que procure usar da usura com os países mais pobres para poder crescer, mas, sim, que use o intercâmbio por meio da solidariedade entre os povos para que possamos crescer juntos.

Aqui, o povo brasileiro manda um recado objetivo à sociedade, a todos nós: o povo está acompanhando o que acontece na conjuntura política e econômica do nosso Brasil. Esse acompanhamento é claro! O País está dando certo, o País está agora tomando um rumo que é bom para todos.

Sr. Presidente, muitos criticam que, nos anos 80, todos os congressos do nosso Partido tratavam que tinha de haver um rompimento com o FMI. Foi feito o rompimento! Pagamos a conta e ele foi embora. Acabou-se. Não foi preciso fazer uma guerra armada aqui dentro.

Falou-se tanto na reforma agrária. É claro que a reforma agrária no Brasil ainda não está nos ideais que sonhamos, mas já demos passos significativos!

Falávamos que os mais pobres tinham de ter uma condição de vida um pouquinho melhor. Hoje, graças a Deus, temos, no Brasil, mais de dez milhões de pessoas migrando das classes D e E para a classe C.

Portanto, Sr. Presidente, com toda esta felicidade, quero agradecer a todas as pessoas que ajudam na construção do brilhante governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva! Foi muito bom para o Brasil, está sendo muito bom para os países vizinhos nossos e está sendo um exemplo para o mundo. Este é o caminho.

Esperamos, findadas as eleições nos Estados Unidos, firmar um novo marco das intenções de negociações, seja no campo político, seja no campo econômico, com os países mais pobres do mundo inteiro.

Sr. Presidente, muito obrigado.

Peço somente a V. Ex<sup>a</sup> que complementemente meu pronunciamento com os dois artigos que trago aqui, dos jornais **O Estado de S. Paulo** e **Folha de S. Paulo**, sobre essa pesquisa.

Agradeço a tolerância de V. Ex<sup>a</sup>.

**DOCUMENTOS A QUE SE REFEREM  
O SR. SENADOR SIBÁ MACHADO, EM SEU  
PRONUNCIAMENTO.**

*(Inseridos nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)*



18/02/2008 - 12h50

## **Governo Lula tem melhor avaliação desde janeiro de 2003, diz CNT/Sensus**

**Da Redação\*  
Em São Paulo**

A avaliação do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em fevereiro foi a melhor desde janeiro de 2003. A performance pessoal do presidente também só foi superada pela de dezembro de 2003, mostrou nesta segunda-feira pesquisa do Instituto Sensus, encomendada pela Confederação Nacional do Transporte (CNT).

A avaliação positiva do governo subiu para 52,7% em fevereiro, enquanto em outubro ficou em 46,5%, data do levantamento anterior. Já a avaliação negativa passou de 16,5% para 13,7% neste mês. Na pesquisa divulgada em 29 de janeiro de 2003, poucas semanas após Lula assumir a presidência, a aprovação do governo era de 56,6%.

### **AVALIAÇÃO DO GOVERNO (%)**

Positivo	39,9	42,6	37,5	49,5	<b>52,7</b>
Regular	40,6	39,9	40,0	34,3	<b>32,5</b>
Negativo	15,1	13,9	21,4	14,6	<b>13,7</b>
Governo	Fev. 2004	Fev. 2005	Fev. 2006	Abril 2007	Fev. 2008

### **▣ ECONOMIA AJUDOU, DIZEM ANALISTAS**

O desempenho pessoal do presidente Lula foi aprovado por 66,8% dos entrevistados, ante 61,2% na sondagem anterior e em dezembro de 2003 tinha ficado em 69,9%.

A 91ª edição da pesquisa foi realizada entre os dias 11 e 15 deste mês, com 2.000 pessoas em 136 municípios do país. A margem de erro é de 3 pontos percentuais, para cima ou para baixo.

### **Polêmica dos cartões**

O uso indevido de cartões corporativos - com gastos excessivos por parte de ministros, funcionários do Governo Federal e de seguranças da família do presidente Lula - é conhecido por 64,1% dos entrevistados da Pesquisa CNT/Sensus.

Dos 64,1% que conhecem o assunto, 10,9% aprovam a manutenção do uso do cartão corporativo; 83,1% desaprovam a prática e 3,4% aprovam, desde que regido por normas.

Para 70,2%, os ministros e funcionários que usaram indevidamente os cartões corporativos deveriam perder o cargo e repor os gastos; para 19,9%, somente repor os gastos; para 4,9%, somente perder o cargo. E 2,2% acham que ministros e funcionários não deveriam perder o cargo nem repor os gastos.

Para 74,9% (entre os que conhecem o assunto), o uso dos cartões afeta a imagem do presidente Lula; 20,2% não acreditam que afete.

### **Sucessão presidencial e municipal**

A pesquisa ainda avaliou a intenção de voto para a sucessão presidencial em 2010. Nas listas em que o governador de São Paulo, José Serra (PSDB), foi incluído, ele liderou a sondagem.

Com relação às próximas eleições municipais, 9,6% afirmam que certamente votariam em um candidato apoiado ou indicado pelo presidente Lula; 27,2% disseram que poderiam votar; 25,9% que não votariam em um candidato do presidente e 35,0% que somente tomariam a decisão conhecendo o candidato a prefeito de seu município.

A administração dos governadores dos Estados foi avaliada positivamente por 43,3% dos entrevistados e negativamente por 18,8%. Em agosto de 2006, a avaliação positiva dos governadores era de 46,1% e a negativa, de 18,7%.

A administração dos prefeitos municipais foi avaliada positivamente por 42,0% e negativamente por 29,4%. Em agosto de 2006, a positiva era de 41,3%, e a negativa de 26,3%.

### **Confiança nas instituições**

A pesquisa também quis saber em quais instituições a população brasileira mais confia: 39,4% confiam na Igreja; 16,5% nas Forças Armadas; 12,7% na Imprensa e nos Meios de Comunicação; 11,3% na Justiça; 4,4% no Governo Federal; 4,1% na Polícia e 0,5% no Congresso.

Em outubro de 2007, respectivamente, os índices eram: 37,2%, 16,5%, 11,2%, 9,5%, 5,0%, 3,4% e 1,1%.

### *Com informações da Reuters*

Aprovação de Lula sobe para 66,8%, a maior desde 2003, aponta pesquisa CNT/Sensus

Pesquisa realizada pela CNT/Sensus e divulgada nesta segunda-feira (18) mostra que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva obteve **avaliação positiva de 66,8% dos entrevistados. O percentual é o mais elevado desde dezembro de 2003, primeiro ano do primeiro mandato de Lula, quando o número chegou a 69,9%**. Na última pesquisa, realizada em outubro do ano passado, a aprovação de Lula ficou em 61,2%.

**A avaliação do governo também subiu, chegando a 52,7%, melhor índice desde janeiro de 2003, quando 56% da população aprovava o primeiro mês do governo de Lula.**

Nem mesmo as denúncias de mau uso dos cartões corporativos arrefeceu o ânimo das pessoas que responderam a pesquisa. A pesquisa perguntou aos entrevistados se eles tinham conhecimento do caso. Dentre os entrevistados, 64,1% disseram que têm acompanhado ou ouviram falar. Desses, 83,1% querem que ministros e funcionários públicos não tenham mais acesso aos

cartões corporativos. Outros 70,2% acham que quem cometeu irregularidades deve ser demitido e devolver o dinheiro gasto irregularmente.

Dos que têm conhecimento, 74,9% disseram que isso afeta a imagem do presidente, mas, contudo, isso não teve efeito nas avaliações positivas do presidente e de seu governo. Tanto que em outra parte da pesquisa, quando os eleitores foram questionados para apontar espontaneamente **em quem votariam em 2010, Lula encabeça a lista, com 18,6% das citações.** O segundo colocado nesta lista é o governador de São Paulo, José Serra (PSDB), com apenas 5,1%.

**O CNT/Sensus ouviu 2 mil pessoas em 24 Estados, entre 11 e 16 de fevereiro.** A margem de erro da pesquisa é de três pontos percentuais.

18/02/2008 - 12h50

**Governo Lula tem melhor avaliação desde janeiro de 2003, diz CNT/Sensus**

**Da Redação\*  
Em São Paulo**

A avaliação do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em fevereiro foi a melhor desde janeiro de 2003. A performance pessoal do presidente também só foi superada pela de dezembro de 2003, mostrou nesta segunda-feira pesquisa do Instituto Sensus, encomendada pela Confederação Nacional do Transporte (CNT).

**A avaliação positiva do governo subiu para 52,7% em fevereiro, enquanto em outubro ficou em 46,5%, data do levantamento anterior. Já a avaliação negativa passou de 16,5% para 13,7% neste mês. Na pesquisa divulgada em 29 de janeiro de 2003, poucas semanas após Lula assumir a presidência, a aprovação do governo era de 56,6%.**

#### **AVALIAÇÃO DO GOVERNO (%)**

Positivo	39,9	42,6	37,5	49,5	<b>52,7</b>
Regular	40,6	39,9	40,0	34,3	<b>32,5</b>
Negativo	15,1	13,9	21,4	14,6	<b>13,7</b>
Governo	Fev. 2004	Fev. 2005	Fev. 2006	Abril 2007	Fev. 2008

**▣ COMO VOCÊ AVALIA O ATUAL GOVERNO?**

**▣ ECONOMIA AJUDOU, DIZEM ANALISTAS**

**O desempenho pessoal do presidente Lula foi aprovado por 66,8% dos entrevistados, ante 61,2% na sondagem anterior e em dezembro de 2003 tinha ficado em 69,9%.**

A 91ª edição da pesquisa foi realizada entre os dias 11 e 15 deste mês, com 2.000 pessoas em 136 municípios do país. A margem de erro é de 3 pontos percentuais, para cima ou para baixo.

### **Polêmica dos cartões**

O uso indevido de cartões corporativos - com gastos excessivos por parte de ministros, funcionários do Governo Federal e de seguranças da família do presidente Lula - é conhecido por 64,1% dos entrevistados da Pesquisa CNT/Sensus.

Dos 64,1% que conhecem o assunto, 10,9% aprovam a manutenção do uso do cartão corporativo; 83,1% desaprovam a prática e 3,4% aprovam, desde que regido por normas.

Para 70,2%, os ministros e funcionários que usaram indevidamente os cartões corporativos deveriam perder o cargo e repor os gastos; para 19,9%, somente repor os gastos; para 4,9%, somente perder o cargo. E 2,2% acham que ministros e funcionários não deveriam perder o cargo nem repor os gastos.

Para 74,9% (entre os que conhecem o assunto), o uso dos cartões afeta a imagem do presidente Lula; 20,2% não acreditam que afete.

### **Sucessão presidencial e municipal**

A pesquisa ainda avaliou a intenção de voto para a sucessão presidencial em 2010. Nas listas em que o governador de São Paulo, José Serra (PSDB), foi incluído, ele liderou a sondagem.

Com relação às próximas eleições municipais, 9,6% afirmam que certamente votariam em um candidato apoiado ou indicado pelo presidente Lula; 27,2% disseram que poderiam votar; 25,9% que não votariam em um candidato do presidente e 35,0% que somente tomariam a decisão conhecendo o candidato a prefeito de seu município.

A administração dos governadores dos Estados foi avaliada positivamente por 43,3% dos entrevistados e negativamente por 18,8%. Em agosto de 2006, a avaliação positiva dos governadores era de 46,1% e a negativa, de 18,7%.

A administração dos prefeitos municipais foi avaliada positivamente por 42,0% e negativamente por 29,4%. Em agosto de 2006, a positiva era de 41,3%, e a negativa de 26,3%.

### **Confiança nas instituições**

A pesquisa também quis saber em quais instituições a população brasileira mais confia: 39,4% confiam na Igreja; 16,5% nas Forças Armadas; 12,7% na Imprensa e nos Meios de Comunicação; 11,3% na Justiça; 4,4% no Governo Federal; 4,1% na Polícia e 0,5% no Congresso.

Em outubro de 2007, respectivamente, os índices eram: 37,2%, 16,5%, 11,2%, 9,5%, 5,0%, 3,4% e 1,1%.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – V. Ex<sup>a</sup> será atendido, de acordo com o Regimento Interno.

Concedo a palavra ao nobre Senador Pedro Simon, como orador inscrito, por 20 minutos.

**O SR. PEDRO SIMON** (PMDB – RS. Pronuncia o seguinte discurso. Com revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, é impressionante o noticiário desse fim de semana, que passei em Brasília.

Durante o período em que estive no Rio Grande do Sul, na praia de Rainha do Mar, praticamente não li os jornais da capital, do centro do País. É impressionante a análise e a transparência sobre as Comissões Parlamentares de Inquérito, de modo muito especial em torno desta que está em debate para ser instalada aqui, no Congresso Nacional, a dos chamados cartões corporativos.

Um repórter, pouco antes de eu vir à tribuna, mostrava-me o último resultado da pesquisa Sensus, encomendada pelos empresários do setor de transportes. Na investigação anterior, o Congresso estava em último lugar, no rol das entidades pesquisadas, sobre a sua respeitabilidade na opinião pública, com 1,1%. Nesta última, o Congresso continua em último lugar, mas com 0,5%. Baixou 55%, de 1,1% para 0,5%. Essa é a credibilidade, hoje, do Congresso Nacional.

E o Presidente da República aumentou para um índice de aprovação que há muito tempo o Brasil não tinha: 65% é a credibilidade do Presidente, segundo essa mesma pesquisa.

Interessante a análise desta matéria. Por que o Congresso Nacional tem uma credibilidade tão pequena? E o que leva o Presidente Lula, no auge de todo este debate sobre os cartões corporativos, que envolvem a figura do Presidente, a ir lá para cima na credibilidade popular?

Acho que, com relação a nós, o Congresso Nacional, o debate não pode ser feito desta maneira como nós estamos assistindo.

Segundo os jornais, em troca de paz na CPI, Lula se reúne hoje com os seus Ministros, para acelerar o rateio de postos no setor elétrico, o que pode aumentar o nível da fidelidade dos partidos. Isso é de uma humilhação, é de um grosseiro, é de um ridículo atroz em tudo que se possa imaginar. Deixa mal o meu Partido, o PMDB. Segundo a matéria, o PMDB está fazendo exigências e as suas lideranças estão exigindo esses cargos para garantir a fidelidade na Comissão Parlamentar de Inquérito.

A imprensa insiste muito com uma figura muito respeitável, do Senador José Sarney. Primeiro, diz e insiste que foi ele quem escolheu o Ministro de Minas e Energia; agora insiste porque insiste que há um due-

lo entre ele e a Chefe da Casa Civil pela Presidência da Eletrobrás, da Eletronorte e por outros cargos que envolvem Petrobras e Eletrobrás.

É muito importante uma entrevista que a **Folha** publica do Presidente José Sarney. Em primeiro lugar, a coragem do ex-Presidente. Ele tem absoluta correção. Diz Sarney: “Governo Lula falha ao não se esforçar para fazer a reforma política”. Não é fácil. Mas está aqui um assunto com o qual eu concordo inteiramente com o Presidente José Sarney. Falha-se, e falha-se muito.

Diz ele, Sarney, ao lhe perguntar o jornalista: “E por que você não fez, na Constituinte, quando você foi Governo”? Ele disse que não teve condições. Eu digo que é verdade. Ele não teve condições. Diz ele que, no seu Governo, assumiu a Presidência no lugar de Tancredo, que morreu, e era fraco politicamente, que quem mandava politicamente era Ulysses Guimarães, então Presidente do MDB. Foi o que disse Sarney, na reportagem, com o que eu concordo. É verdade. A figura de força no Governo Sarney era Ulysses. E o Sarney não teve condições para fazer a reforma política. Não teve, porque entrou um debate infeliz. Aqui, eu quero fazer justiça ao Sarney. A imprensa toda, até hoje, fala que ele lutou para ganhar mais um ano de governo. Mentira! O seu mandato era de seis anos; queriam baixar para quatro, e ele pediu cinco. Então, queriam baixar dois, e ele queria baixar um.

Eu já era Governador do Rio Grande do Sul – repito – e vim a esta Casa, na Constituinte, dizer que, para mim, o Sarney podia ficar seis anos, desde que o parlamentarismo fosse adotado.

Diz o Sarney aqui, repetindo o que eu disse, que o regime brasileiro é híbrido, porque é presidencialista, mas tem as medidas provisórias, que são do parlamentarismo. Repito: o Congresso Constituinte devia ter, na Comissão de Redação Final, tirado as medidas provisórias, quando caiu o parlamentarismo.

Mas, o que é importante, nesta entrevista à Folha, é que o Sarney disse que não deu palpite nenhum, que não deu nome para cargos no Governo Lula. Ele é muito amigo da Chefe da Casa Civil, muito amigo. Elogios corretos, ele faz a ela, mas diz que não tem nenhuma discussão, que não indicou o nome de ninguém!

Com essa reportagem sobre o Presidente Sarney, quero dizer à imprensa: o que vocês estão fazendo? Ó, **Folha de S. Paulo, JB, Estadão, O Globo**, o que vocês estão fazendo, dizendo que o Sarney exige, que está cobrando? Não está! Ele não está pedindo nada!

Na página seguinte, no mesmo **O Globo**: “Governo volta a ficar refém da base aliada. Investigação frustra a expectativa de um ano livre da agenda parlamentar e com todo o foco voltado para as eleições.

Governo é refém da base aliada, porque Sarney e os Líderes do PMDB exigem cargos”.

Aqui, o jornal está dizendo que ele quer cargo; e, aqui, o nosso amigo, o seu amigo e nosso amigo Sarney está dizendo que não fez indicação. A imprensa está dizendo que ele fez indicação. É um absurdo, não é?

E nós, nessa situação.

Os cargos têm que ser decididos hoje. E a essa altura parece que o Presidente Lula está se reunindo com a cúpula político-partidária – não sei por que a Líder do PT não está lá, mas aqui – para decidir esses cargos.

Uma coisa eu posso dizer, falando por mim, pelo companheiro do Acre, pelo companheiro do Piauí, pelo companheiro de Pernambuco: nós, Senadores, não nos reunimos, nunca fomos convocados para escolher ninguém para Ministro das Minas e Energia, nem para a Petrobras nem para a Eletrobrás, nem coisa alguma. A imprensa publica que os Senadores do PMDB estão exigindo. Questão de guerra. Eu não fui. Ninguém me chamou.

Em segundo lugar, o Presidente Sarney está dizendo, com todas as letras, que não tem reivindicação. Então, vamos retirar da manchete essa realidade apresentada como real de que os cargos e a ação da CPI vão depender do Presidente da Eletrobrás, do Presidente da Eletronorte, e de outros cargos no governo.

Fico impressionado, porque a imprensa toda disse que, para a Eletronorte, tem que ser um nome indicado pelo Deputado e ex-Presidente desta Casa, que renunciou numa situação muito delicada, Jader Barbalho. Eu estranho o prestígio e esta credibilidade tão grande do Senador Jader Barbalho que, inclusive, está respondendo por inquérito no Supremo... E o que me deixa mais impressionado, ainda, é que a imprensa também publica – ou é verdade ou é mentira – que o nome que ele está indicando é marcado, está respondendo por três processos. Aí, o Presidente Lula tinha que tomar uma atitude: dar um prazo, até hoje, segunda-feira, para que o indicado mostre se tem ou não tem problema na sua folha corrida.

Eu falo daqui, mas o Paim está ali. Eu digo: Paim, avise lá o seu Presidente, o nosso Presidente. Ele que veja a folha corrida dos indicados. Se tem problema, o Jader não pode impor um candidato dessa natureza. Não indica, para depois não querer dizer... Ah, já indicou? Não retira! E vamos ficar com um cara que tem três processos, parece-me, em andamento?

O que me impressiona é que uma comissão parlamentar de inquérito de tamanha importância é tratada dessa maneira.

Volto a dizer que o Congresso viveu suas horas mais bonitas nos momentos de várias CPIs: a do *impeachment* do Collor, a dos Anões do Orçamento, e várias outras! Mas viveu, também, as horas mais negras com outras CPIs.

O Governo Fernando Henrique não deixou criar a CPI das Empreiteiras. Lutamos terrivelmente, mas o Sr. Fernando Henrique não deixou. Não deixou criar a CPI para investigar a emenda que foi aprovada, da reeleição, que não havia no Brasil, e foi aprovada à revelia, quando havia um amplo movimento contrário. E, de repente, Parlamentares mudaram de voto, trocaram de voto e foi um escândalo. Tentou-se fazer a comissão, e ele não deixou.

Eu vi, ontem, um programa sensacional. Na TV Bandeirantes, o Ministro do Planejamento e o Deputado Onyx Lorenzoni. O Ministro disse o seguinte: “Eu não sei, até agora, por que o Congresso não fez uma CPI para explicar o preço da privatização da Vale do Rio Doce”. E o Deputado respondeu: “Mas por que o Governo Lula não fala?” “Não cabe a nós, cabe ao Congresso!” Pelo amor de Deus! Pelo amor de Deus!

Quando vejo o Presidente Lula e o Ministro do Planejamento, ontem, na TV Bandeirantes, dizer “Nós agora vamos averiguar. Com relação aos cartões, vamos ver. O Congresso que nos diga o que está errado e como corrigir”. E, se é correto, se fosse o Presidente Lula que tivesse criado os cartões? Se estivéssemos no primeiro ano de Governo? Deu errado, então vamos dizer o que deu errado para ele corrigir.

Primeiro, foi Fernando Henrique quem criou os cartões. E por que o Lula, que foi um crítico duro, sério, responsável, que foi às minúcias do Governo Fernando Henrique, não tocou nos cartões? Agora, vem dizer que há mil coisas erradas. Pode ser que tenha havido, mas por que não tocou nisso na época? Por que, na Oposição, não tocou? Por que não debateu, não discutiu, não analisou?

O Governo Lula, no segundo ano do segundo mandato, no sexto ano de mandato, também não tocou nisso. Mas, quando o Congresso cria a CPI dos Cartões, vem o Ministro e diz: “Não, se disser que há alguma coisa errada, que o Congresso mostre que está errado e como se deve corrigir”. Nós é que vamos mostrar ao Governo como deve corrigir seis anos depois de ele estar no Governo?! Mas que Governo é esse? Que incapacidade é essa? Que incompetência é essa? Essas coisas são ditas com tal vulgaridade que sinceramente não entendo, não consigo compreender. Em primeiro lugar, respeitei muito o PT nos oito anos em que ele fez oposição ao PSDB. Ele foi duro, radical, firme. Muitas vezes, estive com ele. As privatizações, por exemplo. Não se trata do problema de privatizar

ou não. Ninguém pensa, por exemplo, na Vale do Rio Doce voltar a ser uma companhia estatizada. O que se discute é o preço pelo qual ela foi privatizada e quem ganhou nessa negociação. E dizia o Ministro do Planejamento ontem, na TV Bandeirantes, que isso justifica uma CPI. Mas por que o Lula não fez nada? Por que não fez o levantamento?

A grande verdade é que temos de reconhecer que, dentro desse contexto, a CPI deve ser criada e bem criada. O que há de mal e de errado é a forma como isso está acontecendo.

Repito o que venho dizendo: não pode ser um desafio entre PSDB e PT para ver quem errou mais e onde errou mais. Não, não é esse o jogo. É o jogo do que aconteceu e como resolver.

Primeiro, com toda a sinceridade, neste momento, a Presidência deve caber a um bloco e a relatoria a outro: um do Governo e outro da Oposição.

Em segundo lugar, com toda a sinceridade, PT e PSDB não deveriam ficar nem com a Presidência nem com a relatoria. E nós, do PMDB, também não. Nós fomos Governo com o PSDB e somos Governo com o PT. Demos, durante oito anos, garantias para que o Fernando Henrique fosse Governo. Se o PMDB tivesse ido para a oposição, teria sido completamente diferente o Governo Fernando Henrique. E agora, com o Lula, imaginem os senhores se o PMDB também fosse oposição. O que seria do Governo do Lula? Então, o PMDB não está em jogo.

Sabem um belo nome para presidente da comissão, ou melhor, para relator? O Senador Romero Jucá. O Jucá é uma pessoa que deveria ser o relator dessa comissão. Foi Líder do Fernando Henrique e é Líder do Lula. Quem é melhor do que ele? Quem tem mais competência, mais autoridade, mais capacidade do que o Senador Jucá? Foi Líder dos dois governos; conhece por dentro o que houve no Governo Fernando Henrique e o que há no Governo do Lula.

Eu nunca esqueço um aparte do Líder do PSDB, quando o Jucá estava fazendo uma análise muito séria e profunda: “V. Ex<sup>a</sup> está indo muito bem. Da maneira como V. Ex<sup>a</sup> está indo, V. Ex<sup>a</sup> voltará a ser o nosso líder no governo do PSDB daqui a três anos.”

Agora, escolha, há nomes. Vou só citar um nome aqui. O líder do PSB aqui no Senado, o Senador Renato Cadagrande, é da base do governo, mas é um nome que tem unanimidade, que representa a seriedade, a correção, e está numa posição de credibilidade absoluta. Estou citando apenas um nome, mas poderia citar vários e vários que na minha opinião deveriam ser escolhidos nesse sentido.

Agora, a imprensa publica os nomes do PT. Devem ser nomes que não serão candidatos a prefeito,

que não têm nenhuma pretensão a curto prazo, para poder ser queimado na imprensa, não se preocupar com a imprensa e fazer o papel apenas de garantir o Governo.

Os nomes do PMDB que estão sendo anunciados têm de ser os novos leões de chácara. Então, o PMDB e o PT vão fazer na comissão o papel de leões de chácara. Vão lá para debater, para discutir, para analisar a favor do Governo, a favor do Lula, do Lulinha, a favor do PT e contra o PSDB. E no PSDB, pela informação que tenho, e no PFL é a mesma coisa, irão para defender até o fim do mundo o Governo do Fernando Henrique e bater no PT.

Mas como, Sr. Presidente, se pode imaginar a imprensa batendo em nós, quando o Congresso baixa a credibilidade de 1,1% para 0.5% e o Lula aumentando lá para cima? E a imprensa toda noticia que há uma pizzaria da troca de cargos no Governo por postos na CPI: “Lula se reúne hoje com Ministro para escolher novo Presidente da Eletrobrás e acelerar o rateio de postos no setor elétrico, o que pode aumentar o nível de fidelidade da base na Comissão dos Cartões.” Isso é uma humilhação para todos nós; isso ridiculariza o Congresso; isso humilha a classe política; isso é algo que não dá para entender; isso é feito pelo PT, pelo Lula. Onde é que nós estamos, meu Deus do Céu?

Olha, volto a dizer, eu abraço o Presidente Collor. Numa CPI que tirou o mandato dele, que cassou o seu mandato e suspendeu os seus direitos políticos por dez anos – eu coordenei essa Comissão –, não vi um ato, não vi absolutamente nada do Collor parecido com o que está acontecendo hoje. Nada!

Mas ainda é tempo, Sr. Presidente. Quero elogiar o comportamento do Presidente Garibaldi. Aliás, a imprensa está colocando assim. Ele também acha que o Presidente deve ser de um grupo e o Relator de outro.

Ele também acha que se deve buscar a verdade. Não concordo, Sr. Presidente, que temos de entrar na alma de Lula. Estou lá preocupado com a família do Lula ou com a do Fernando Henrique?! Também acho que não devemos entrar nesses detalhes e nessas questões. Não é por aí. Mas não concordo. Vamos fazer um acordo, já de início, de deixar Lula e a família de lado, o Fernando Henrique e a família de lado? Aliás, justiça seja feita ao Fernando Henrique. Ele mandou uma carta, que a imprensa publicou, deixando claro: “Investiguem a mim e à minha família, pois eu não tenho nada a esconder.” A carta está em todos os jornais.

Não é possível. Sr. Presidente, estou mandando cópia da reportagem de página inteira do Presidente Sarney e vou mandar para vários jornais. Não se pode dizer que o Sarney está brigando com a Ministra da

Casa Civil e exigindo cargos. Não está. Ele está dizendo aqui com todas as letras que não está. Estão, vamos parar com isso. Que rateio é esse?

É um momento muito delicado. Foi dito aqui pelo Senador Cristovam que nós não devemos começar esta semana com dez horas de CPI, CPI, CPI, e esquecer o resto. Não. O Presidente Sarney tinha razão: "Governo Lula falha ao não se esforçar para fazer reforma política." Vamos deixar claro que Sarney não está dizendo que o Presidente tem de fazer reforma política. Ele disse que nós temos de fazer a reforma política, todos nós. Mas ele acha que depende muito da Presidência da República fazê-lo. Ele não pôde fazer porque não tinha força quando foi presidente, mas o Lula tem.

Então, acho que se deve fazer uma CPI séria, responsável; resolver essa questão dos cartões e, ao mesmo tempo, estabelecer um plano, Sr. Presidente, para que aqui no Senado demos um tempo para a CPI e demos um tempo para o resto. Eu votaria a reforma política e o pacote econômico como prioridades praticamente absolutas. É importante, Sr. Presidente, sinceramente, é muito importante que essas coisas sejam feitas.

O meu apelo à ilustre imprensa: faça justiça ao Presidente Sarney, que não merece o que estão dizendo, da pressão, que não é verdadeira, e da seriedade dele em não se meter nessa questão de indicação de nomes para cargos no Executivo.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. PEDRO SIMON** (PMDB – RS) – Posso ou não posso conceder, Sr. Presidente?

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Peço brevidade ao Senador Eduardo Suplicy, porque o tempo do Senador Pedro Simon já se encerrou há sete minutos.

**O SR. PEDRO SIMON** (PMDB – RS) – Brevidade é uma das suas características.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Sr. Presidente, quero saudar o pronunciamento do Senador Pedro Simon, em especial quando ele mostra o consenso com o Senador José Sarney no que diz respeito à ocasião muito propícia que tem o Presidente Lula para realizar a reforma política. O Senado Federal avançou mais do que a Câmara dos Deputados nessa área...

**O SR. PEDRO SIMON** (PMDB – RS) – A coisa já está na Câmara.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – E nós poderemos avançar, inclusive, Senador Pedro Simon. ..V. Ex<sup>a</sup> sabe que nesta quarta-feira...

*(Interrupção do som.)*

*(O Sr. Presidente faz soar a campanha.)*

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Vou concluir, Sr. Presidente. Nesta quarta-feira, a Comissão de Justiça tem na sua pauta uma decisão importante dentro da reforma política, que é a definição sobre os suplentes de senadores. Há diversos projetos. O Senador Demóstenes Torres tem um parecer com proposições, mas há outras sugestões. A minha é a de que cada eleitor escolha não apenas o titular, mas que também vote diretamente em três alternativas, no primeiro e no segundo suplentes. Outras idéias estão ali. Esse é um dos itens importantes da reforma política, e o Senado tem a responsabilidade de avançar nessa área, o que poderemos fazer nesta semana.

**O SR. PEDRO SIMON** (PMDB – RS) – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

Encerro, Sr. Presidente, esperando que esta semana que se inicia hoje seja bem mais positiva do que a imprensa está querendo mostrar.

Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Obrigado, Senador Pedro Simon.

Quero registrar que, hoje de manhã, no plenário da Câmara dos Deputados, o Município de Macapá foi homenageado pelos seus 250 anos, comemorados no dia 4 de fevereiro de 2008. O autor do requerimento foi o Deputado Federal Sebastião Bala Rocha, ex-Senador, que concedeu essa grande oportunidade para que o nosso Estado, mais propriamente o nosso Município de Macapá, pudesse ser homenageado.

Em nome do Amapá, quero agradecer a V. Ex<sup>a</sup>, Senador o belo trabalho que já fez pelo Estado e pela condição que nos proporcionou hoje de podermos homenagear Macapá.

Concedo a palavra à Senadora Ideli Salvatti, por cinco minutos, para uma comunicação inadiável.

Em seguida, fará uso da palavra como oradora inscrita a nobre Senadora Marisa Serrano.

**A SRA. IDELI SALVATTI** (Bloco/PT – SC. Para uma comunicação inadiável. Sem revisão da oradora.) – Agradeço, Sr. Presidente. Quero utilizar os cinco minutos apenas, mas eu não poderia deixar de fazer o registro da tribuna – eu sei que outros Parlamentares já o fizeram – a respeito da pesquisa CNT/Sensus.

Essa edição da pesquisa, que foi realizada entre os dias 11 e 15 do mês de fevereiro, com 2.000 pessoas em 136 Municípios do País, apresenta nada mais, nada menos do que a melhor avaliação do Governo Lula desde a sua posse. E não é de sua posse no segundo mandato; é desde a sua posse em janeiro de 2003. É algo, do meu ponto de vista, inédito, porque é muito difícil alguém, em seu segundo mandato, ter uma avaliação superior a todas as outras avaliações, principalmente quando há um



mandato anterior para servir de base. E o Presidente Lula foi enfático: no primeiro mandato, ele fazia comparação com o Governo que o antecedeu e, no segundo mandato, ele disse que só poderia fazer comparação com ele mesmo.

A pesquisa está com esses números. O crescimento é bastante significativo porque a avaliação positiva do Governo subiu nada mais nada menos do que 46,5% para 52,7%, portanto um crescimento extremamente significativo da avaliação positiva de Governo. E, na avaliação negativa, também houve uma queda significativa de 16,5% para 13,7%.

Essa avaliação positiva do Governo, a própria avaliação pessoal do Presidente Lula só foi superada em dezembro de 2003. Foi a única pesquisa feita anteriormente a esta em que a avaliação pessoal do Presidente Lula foi superior à atual. A avaliação pessoal do Presidente Lula subiu de 61,2% para 66,8%, e só perdeu para dezembro de 2003.

Quanto a esse resultado da pesquisa, como já tive oportunidade de dizer aos jornalistas, só é possível ter uma avaliação desta magnitude, com esse positivismo, com essa avaliação extremamente favorável a um governo e a um governante, se efetivamente a vida das pessoas melhorou. Ou seja, se a realidade sustenta isso, não há avaliação positiva com essa magnitude, com esse grau, com esse percentual se efetivamente as pessoas, individual e coletivamente, não estejam se sentindo melhor, não estejam tendo um resultado positivo em termos de seu cotidiano.

A pesquisa CNT/Sensus demonstra isso de forma muito clara, pois é extensa, tem inclusive o IC, índice de avaliação do cidadão, como o cidadão se sente. A expectativa, inclusive, do índice de avaliação do cidadão é positiva, crescente, ascendente.

E veja as variáveis do IC, Índice do Cidadão, Senador Paulo Paim:

Emprego: melhorou, de 36,9% foi para 45%.

Renda mensal: de 27,7% para 29,5%.

Saúde: de 23,5% para 28,8%.

Educação: de 38,9% para 46,5%.

Segurança pública – até a segurança pública! –: de 18,5% para 25%.

Portanto, nos principais aspectos do cotidiano das pessoas, a pesquisa demonstra, de forma muito clara, que o índice é de melhoria. As pessoas percebem. E o percentual não foi pequeno.

Há expectativa para todos esses itens. O de emprego também é otimista, bem como o de renda mensal, de saúde, de educação e de segurança pública. Para todos os cinco itens, a expectativa de que vai melhorar cresceu de forma significativa.

A própria curva de avaliação do Governo é ascendente. E é descendente a avaliação negativa, apontando claramente para toda a expectativa que a pesquisa apresenta.

Por isso, brinquei um pouco dizendo que deve dar certo desespero em quem faz oposição. E talvez o melhor recado dessa pesquisa para quem faz oposição seja: apresente-se com propostas concretas e viáveis de melhorar a vida da população do que as que o Presidente Lula vem fazendo, porque não serão as receitas adotadas até agora que farão com que o Governo mude de perspectiva, de ação, de política. Nem será possível deixar de fazer com que a população, que sente em seu cotidiano a melhoria das condições de vida, avalie positivamente o Presidente Lula e o seu Governo.

Por isso, acho que essa pesquisa é um belo recado. É um bom recado para nós, que damos sustentação ao Governo, mas também para a própria oposição.

Era isso, Sr. Presidente.

Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP)

– Concedo a palavra à próxima oradora inscrita, Senadora Marisa Serrano.

V. Ex<sup>a</sup> dispõe de vinte minutos.

**A SRA. MARISA SERRANO** (PSDB – MS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.)

– Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, é evidente que quero falar de um assunto que bate muito forte no meu Estado, Mato Grosso do Sul, mas não podia deixar de fazer alusão às questões que agora estão sendo debatidas aqui, em torno dos cartões corporativos e da pesquisa que saiu hoje.

Aqueles que acompanham a educação brasileira estão vendo as pesquisas oficiais feitas pelos melhores órgãos brasileiros dizerem que a educação no Brasil está ruim. Além disso, pesquisas internacionais mostram o País caindo em termos da qualidade da educação que estamos dando aos nossos jovens e crianças.

Interessante notar que as pesquisas indicam que a segurança no Brasil está muito ruim. Só para dizer a todos, no meu Estado, Mato Grosso do Sul, Coronel Sapucaia é considerada a cidade mais violenta do País. E nós estamos acompanhando isso *pari passu* porque há pouco pesquisas revelaram o quanto a segurança e violência estão grassando no País.

Interessante notar também que a saúde está piorando. Doenças que estavam praticamente erradicadas no País estão voltando. E V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente, que é médico, sabe disso.

Quando vejo o que está acontecendo neste País em todas as áreas penso que alguma coisa está errada.

Se a população está achando que o Governo está muito bom, com toda a corrupção que estamos vendo, isso me preocupa e fico imaginando como é que está na percepção do povo brasileiro a questão dos valores morais e éticos.

Isso é preocupante? Claro que é. É preocupante quando a população acha que o Governo está ótimo, com todas as mazelas que nós estamos vendo, e o Senador Pedro Simon acabou de colocar as questões envolvendo o atual Governo.

Eu quis fazer essa premissa, Sr. Presidente, para dizer que eu não fico alegre, não. E que as oposições têm de continuar fazendo o que nós estamos fazendo, mostrando realmente como está este País, mostrando à população brasileira – e temos a obrigação de fazê-lo – aquilo que é real e o que está acontecendo neste País.

Posso não ser uma especialista em segurança pública e em saúde, como V. Ex<sup>a</sup>, que é médico, e outros aqui, mas eu entendo um pouquinho de educação. E tenho certeza de que aqueles que entendem um pouquinho, como o Senador Cristovam hoje falou aqui, eu também e tantos outros, não estamos achando que a educação do povo brasileiro está boa. É justamente o contrário. Nós estamos preocupadíssimos com o nível de educação que estamos dando às nossas crianças.

Eu imagino o que vai ser o futuro do povo brasileiro com a formação moral e intelectual que estamos dando às nossas crianças.

Eu quis fazer esse aparte, porque também há um assunto que eu vou tratar aqui hoje que decorre de tudo isso. O meu Estado, Mato Grosso do Sul, como eu disse no começo da minha fala, tem na pecuária o seu substrato, a sua força. E nós temos um poeta, muito querido em Mato Grosso do Sul e é muito querido no País por aqueles que acompanham a literatura, que é Manoel de Barros. Ele diz que, em Mato Grosso do Sul, não é o pecuarista que cria o boi. Lá é o contrário: é o boi que cria o homem.

E a gente sabe que é isto – que é o boi que cria o homem –, porque a força da pecuária é muito grande no meu Estado. A criação de cidades, de vilas, se dá sempre ao redor daquilo que é feito com a pecuária e com a agricultura. Portanto, o agronegócio é pujante no meu Estado.

E Mato Grosso do Sul tem hoje o segundo maior rebanho de gado de corte do País. Foi suplantado por Mato Grosso. Nosso Estado vizinho nos passou recentemente. Mas nós tivemos muitos problemas. E

eu quero aqui mencionar mais um problema que nós estamos vivenciando neste País belíssimo, sem problemas, e no qual nada mais seria preciso fazer, conforme declaração da Senadora Ideli.

Eu quero dizer que a pecuária brasileira está passando por um momento terrível: estamos com a nossa carne para exportação embargada pela União Européia e, também, procurando reorganizar todo o trabalho feito pelos pecuaristas do País.

Quero tecer alguns comentários que considero importantes. Quando a União Européia embarga a carne brasileira, ela está dizendo para o mundo que nossa carne tem problemas, que o rebanho brasileiro... Eu não sei se vocês sabem que o rebanho brasileiro é maior que o número de pessoas que habitam este País. Temos aqui 220 milhões de cabeças de gado e temos 186 milhões de pessoas. Com o rebanho enorme que temos, somente suplantado pelo da Índia, o Brasil está com problemas. A minha preocupação é a de que, se a União Européia passar para o mundo que o Brasil não é um país sério, que o Brasil não fiscaliza seus rebanhos, que o Brasil não tem proposta efetiva de acompanhamento da sanidade animal, pode estar passando para Israel, para a China, para a Rússia, para tantos outros países que compram a carne brasileira que aqui temos problemas. Isso pode ser um pedra de dominó, que pode dar uma idéia para o mundo de que não cuidamos da sanidade animal do nosso rebanho. Falei sobre isso, porque é muito importante.

Quando eu participei da comissão que acompanhou um pouco da história de pecuarista do Senador Renan Calheiros, eu vi o quanto este Brasil é desassistido em algumas regiões. Vi o quanto o Nordeste ainda precisa de apoio efetivo não só na produção mas também na comercialização da carne. Eu vi que a comercialização é muito incipiente ainda em algumas regiões do País, e nós precisamos melhorar, embora eu tenha visto que a Senadora Ideli acha que está tudo ótimo. Mas precisamos melhorar, e muito. A tal ponto que fiz uma visita à Federação de Agricultura e Pecuária do meu Estado, a Fama-sul, presidida pelo Ademar Silva Júnior, um jovem pecuarista, ativo, e conversei, sem embargo do trocadilho, com as melhores cabeças da pecuária do meu Estado, perguntando o que nós poderíamos fazer. Eu não sou da área, mas eu sou professora, e se me ensinarem, eu aprendo. O que é que nós poderíamos fazer?

E mencionaram o problema da rastreabilidade, que começou lá atrás, quando a União Européia colocou a rastreabilidade como fator para comprar a carne brasileira e nos deu um prazo para nos adequar-

mos. Esse prazo expirou o ano passado, e nós não nos adequamos, ou pelo menos não nos adequamos como devíamos.

E o Sisbov, que é o sistema que cuida dessa área toda da rastreabilidade, não foi implementado por quê? Porque é caro, porque o nosso País é continental, porque é muito difícil todos os pecuaristas brasileiros acompanharem o rebanho desde o nascimento até a morte.

Não é fácil! Li hoje que temos menos gente do que gado neste País: são 186 milhões de pessoas e 220 milhões de cabeças de gado. E, dos 186 milhões de pessoas, há aquelas que não têm certidão de nascimento. Não têm certidão de nascimento no País! Agora, você imagine ter certidão de gado para esses 220 milhões de cabeça. É difícil! É difícil! Era a mesma coisa que dizer: “Olhem, acaba aqui. Todo mundo tem que ter certidão de nascimento em 7 anos!”, não estamos conseguindo!

Então, neste País continental, é muito difícil. Agora, não sei de quem é a culpa, ou não estou procurando culpado nessa história do embargo da carne brasileira pela União Européia. Mas quero dizer que é preciso que todos cheguem a um acordo. E não pode um Estado querer suplantar o outro para ganhar algo, como se fosse aí, mais ou menos, uma guerra fiscal, em que o Estado diz: “Bom, eu, como tenho mais fazendas que estão fazendo rastreabilidade, vou dar um jeito de suplantar os outros estados brasileiros.” Não é assim! Temos que olhar o conjunto, temos que olhar todos os Estados brasileiros que, no seu conjunto, possam ajudar a economia nacional, porque sabemos que o agronegócio é ainda a grande âncora deste País, que está crescendo assustadoramente, graças a Deus, pelo empenho e pela força de quem produz neste país.

Portanto, é necessário que os Estados brasileiros achem um caminho, que se unam para achar um caminho, e não que um queira suplantar o outro, passar por cima como se o seu estado fosse um único oásis em um País de problemas como o nosso.

Quero, antes de dar a palavra ao Senador Eduardo Suplicy, dizer que os dois Estados que, junto com Mato Grosso do Sul, estão proibidos de exportar – São Paulo, Paraná – pelo problema da aftose que tiveram em 2005 e 2006, para esses dois Estados que economicamente são mais sedimentados que Mato Grosso do Sul é mais fácil ficar esperando para ver o que vai acontecer com a carne brasileira. Mas Mato Grosso do Sul, não. Ele precisa, urgentemente, saber qual é o rumo que vamos tomar nessa questão. Precisa, sim, do apoio de todos os Estados brasileiros para resolver o seu problema, uma vez que tem um dos maiores rebanhos do seu País e está fazendo o dever de casa. É

bom que se diga. O nosso Estado, desde que o Governador André Puccinelli assumiu está fazendo o dever de casa, está arrumando toda a questão da sanidade animal com uma eficiência enorme. Precisamos muito do apoio dos outros Estados.

Disse, na Comissão de Agricultura e Reforma Agrária, na semana passada, que não pode Mato Grosso do Sul ser o bode expiatório das mazelas do nosso País quanto à seriedade na questão da sanidade animal. Não pode imaginar sequer que Mato Grosso do Sul seja um Estado tampão para resolver ou, pelo menos, mostrar para a União Européia que estamos fazendo alguma coisa. Não aceitamos isso. Não aceitamos porque estamos trabalhando muitíssimo para mostrar ao País e principalmente a todos nós produtores que somos um Estado sério, que somos um Estado que sabe o que tem que fazer para que a sua maior riqueza, que está na pecuária, seja efetivamente vista pelo País e pelo mundo como uma carne de altíssima qualidade.

Na semana passada, como disse, conversando com pecuaristas do meu Estado, tivemos oportunidade de receber em Mato Grosso a visita do Embaixador austríaco no Brasil, Dr. Werner Brandstetter, e junto com ele o cônsul de São Paulo para assuntos comerciais da Áustria, Dr. Peter Athanasiadis. Os dois colocaram que a Áustria é o país que mais consome a carne brasileira por ser uma carne de excelente qualidade, mas que, como participantes da União Européia, estão preocupados e justificaram o embargo com razões técnicas – que não vêm ao caso aqui – principalmente colocando a questão da rastreabilidade.

Não estou dizendo que tudo isso que está acontecendo é apenas um problema de protecionismo da carne européia, que a Irlanda e outros países estão protegendo o seu produto em detrimento do nosso. O que quero dizer é que o Brasil tem que mostrar a sua soberania e que está na hora de o Itamaraty ser mais efetivo na sua luta em prol daqueles que produzem neste País; que ele possa, na OMC – Organização Mundial do Comércio, dizer qual é a linha brasileira. E o Ministério da Agricultura e Pecuária tem, sim, que colocar os parâmetros efetivos deste País, daquilo que somos capazes de fazer para que todos possam produzir conhecendo as regras do jogo.

Quero colocar a palavra à disposição do Senador Eduardo Suplicy.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Obrigado, Senadora Marisa Serrano. Cumprimento-a pela maneira como V. Ex<sup>a</sup> tem procurado dialogar com os produtores de gado e pelo diálogo tão interessante com o Embaixador da Áustria e a delegação de austríacos que foram visitar o Mato Grosso do Sul. É muito im-

portante esse empenho das autoridades do Governo Federal em cooperação com o Governador Puccinelli para fazer, no Mato Grosso do Sul – e avalio que isso deva ser feito em todos os Estados, inclusive no Estado de São Paulo –, um esforço muito grande para dirimir todas essas dúvidas. É natural que a União Européia se preocupe com a saúde de seus habitantes, que gostam muito de comer carne, felizmente, e que possam receber a carne brasileira de maneira bastante segura. Pelo que pudemos observar nos órgãos de imprensa, houve certa falta de cuidado, em alguns momentos, com respeito aos rigores que são naturais que a União Européia queira.

Uma coisa é, obviamente, a vontade protecionista de muitos que acabam exagerando e fazendo com que, às vezes, uma pequena falha na burocracia do controle possa justificar um embargo que não faz sentido. Mas eu acho que, a partir desses fatos, agora é o momento de se definir com clareza. V. Ex<sup>a</sup> trouxe um dado que eu não conhecia, qual seja, que hoje o número de cabeças de gado no Brasil seria 220 milhões, até maior do que os 189 milhões de habitantes em nosso país. O Ministro Patrus Ananias, por exemplo, que cuida do programa Bolsa-Família tem me dito que hoje, em princípio, um quarto da população correspondente aos 11 milhões de famílias beneficiárias do Programa Bolsa-Família corresponde a praticamente 100% daquelas com renda *per capita* até 120 reais por mês, definidos em lei com esse direito. Entretanto, estima o Ministro Patrus Ananias que há algo como três milhões de brasileiros que ainda não têm a carteira de identidade ou o devido registro civil. O Ministro fez recentemente um entendimento com as Forças Armadas, com o Exército brasileiro para auxiliar na identificação dessas pessoas que às vezes estão em florestas longínquas, em quilombos e assim por diante.

O paralelo que V. Ex<sup>a</sup> fez é relevante, mas o fato de haver um número razoavelmente preciso de cabeças de gado constitui já uma indicação de que as autoridades responsáveis pela produção de gado têm um registro bastante aprimorado. Avalio que as autoridades brasileiras hoje, diante de toda essa polêmica, têm condições de tomar o cuidado necessário para que as exportações para a União Européia e os demais países sejam normalizadas. Meus cumprimentos a V. Ex<sup>a</sup>.

**A SRA. MARISA SERRANO (PSDB – MS)** – Obrigada, Senador Suplicy.

Terminando minha fala, é importante fazer algumas observações. Às vezes, as pessoas que estão nos ouvindo poderão pensar assim: a União Européia quer uma carne rastreada para garantir a qualidade da carne desde que o boi nasceu até o momento em que morreu. Se esse acompanhamento de todas as

fases é importante para que a sanidade animal seja efetivada, por que o povo brasileiro não pode exigir o mesmo? Pelo que vi, do pouco que analisei, como disse, a pecuária do Nordeste, creio que é difícil, mas que estamos no caminho certo. O produtor brasileiro está correndo atrás, está fazendo o possível.

Acho que é nisto que está o diferencial do País: mostrar a nossa produção, a qualidade da carne exportada brasileira, e garantir ao povo brasileiro uma carne de boa qualidade, uma carne que tenha o controle possível para que a população se sinta tranqüilizada. É inadmissível que o povo tenha que deixar de comer o seu churrasquinho aos domingos! É a hora em que a família se reúne, os amigos se reúnem para comemorar, para trocar idéias, para fazer com que a sensibilidade e a formação familiar estejam reunidas. É difícil não ver alguém reunido em torno de um churrasquinho não só no Sul do País, mas em todos os Estados do Brasil. Agora, o que brasileiro também precisa saber é que não é só o que o europeu exige da sua carne, mas que o brasileiro também possa ter a tranqüilidade de saber que neste País as autoridades são sérias e acompanham também a tranqüilidade, principalmente a sanidade do alimento que ele está consumindo, seja carne ou qualquer outro.

Encerro, Sr. Presidente, dizendo que o Ministro Reinhold Stephanes esteve sexta-feira em Maracaju, uma cidade que é considerada a capital da produção no meu Estado, é a maior produtora de grãos no Mato Grosso do Sul, mas é também uma grande produtora de carne, e lá ele foi participar de um evento chamado Showtec, que é um show de tecnologia na área do agronegócio; ele afirmou, para todos que estavam lá, e garantiu que Mato Grosso do Sul não vai ser o bode expiatório dessa questão envolvendo a compra de carne embargada pela União Européia. Eu tenho certeza disso, conheço o Ministro Reinhold Stephanes. Tenho certeza de que o Governo vai achar um modo de resolver esse problema com a União Européia sem penalizar um Estado que está trabalhando muito e que, tenho certeza absoluta, está fazendo o impossível para mostrar ao País que, quando um Estado quer, quando um Governo tem uma gestão eficiente, faz o melhor. E é isso que o Mato Grosso do Sul tem feito para mostrar ao País as saídas para questões como essa da sanidade animal.

Obrigada, Sr. Presidente.

*Durante o discurso da Sra. Marisa Serrano, o Sr. Papaléo Paes, suplente de Secretário, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Paulo Paim.*

*Durante o discurso do Sra. Marisa Serrano, o Sr. Paulo Paim, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Papaléo Paes, suplente de Secretário.*

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Obrigado, Senadora Marisa Serrano.

Concedo a palavra ao nobre Senador Paulo Paim, como orador escrito.

Em seguida, aguardando documento regimental, o Senador Lobão Filho falará por deferência do Senador João Ribeiro, que permutou com o Senador Gilvam Borges.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, neste início de noite, quero fazer uma reflexão muito rápida sobre a reforma tributária, já que o Governo anuncia que ainda esta semana mandará para o Congresso a proposta de reforma tributária.

Não tenho nenhuma dúvida de que a reforma tributária chega ao Congresso também com o objetivo de compensar a perda em torno de R\$40 bilhões que o Governo teve devido ao fim da CPMF, além da perda indireta na arrecadação, conforme a Receita Federal, de uma quantia próxima a esse valor.

Isso significaria cerca de 70 bilhões de reais a menos, que o Governo perderia com a queda da CPMF. Falo sobre esse tema, Sr. Presidente, com a maior tranquilidade. Quando eu vim à tribuna naquela noite histórica, eu estava entre os Parlamentares que diziam que ninguém se iludisse, pensando que a queda da CPMF iria resultar em um valor menor das mercadorias comercializadas no País. Hoje os dados apresentados aqui pela Líder Ideli Salvatti demonstram exatamente isso. Não há um produto cujo preço tenha diminuído em virtude da queda da CPMF. Eu dizia naquela oportunidade que o que ia aumentar era o lucro dos empreendedores. Eu não sou contra o lucro, mas quero também dizer que, para mim, a CPMF, que infelizmente desapareceu, cumpria uma função social.

Agora vamos enfrentar um novo debate da reforma tributária que deveríamos ter feito há muito tempo, com uma agravante: ninguém pense que a reforma tributária não virá também para tentar recuperar o prejuízo causado pela CPMF. E aí eu quero levantar alguns dados que, na verdade, preocupam a todos.

Sr. Presidente, a nossa carga tributária, como todos sabem, é uma das maiores do mundo. Atualmente representa cerca de 37% do PIB. Só perdemos, a não ser que haja algum engano da Assessoria do Senado, para a Suécia e França, no que diz respeito ao percentual do PIB que é entregue ao Estado na forma de impostos.

Sr. Presidente, segundo estudo feito recentemente pela Consultoria Coopers, em parceria com o Instituto Acende Brasil, seguindo trajetória de alta desde 2002, a carga tributária incidente sobre a energia elétrica em sua cadeia anterior ao consumo atingiu, em 2006, 46,33% da receita tributária do setor. Dos 46,33% do total de tributos e encargos efetivamente pagos em 2006, 13,29% eram impostos federais; 21%, impostos estaduais; 0,6%, impostos municipais; 1,85%, encargos trabalhistas e 10,12%, encargos setoriais.

Por que trago esses dados? Eu estava, durante as minhas férias, lá no interior do interior do Brasil – não importa o Estado onde eu estava –, e as pessoas me perguntavam: “Você sabe que da minha conta de energia elétrica, cerca de 70 reais, aproximadamente 40% são impostos?”.

Eu disse que não sabia. Fui verificar e, efetivamente, isso se confirmou. Daquilo que o cidadão paga de energia elétrica, e não só neste Governo, vemos isso na história do País, praticamente a metade é de tributos.

A carga tributária paga pelos consumidores, sem sombra de dúvidas, é elevadíssima! Do valor pago pelo consumidor pela conta de luz, quase 50% são tributos.

A carga tributária fica ainda mais árdua quando é feita a comparação entre o Brasil e os demais países emergentes. Nesse caso, somos campeões! Nossa carga tributária é superior em 70% à média da carga tributária das demais nações em desenvolvimento. Setenta por cento!

Sr. Presidente, combinada com essa pesadíssima carga tributária temos, no Brasil, registros de arrecadação crescente, o que é positivo. Já que existe a carga, vamos fazer com que quem efetivamente tenha de pagar contribua para a Receita Federal.

Aí, volto para a CPMF. Esse número tão importante para o cruzamento de dados, terá de ser reconstruído, de uma forma ou de outra, para evitar a fraude e a sonegação.

Aqui há um dado interessante: em 2007, a Receita Federal do Brasil coletou, em valores corrigidos pelo IPCA, nada menos do que R\$615 bilhões de reais em impostos, o que representou um aumento de 11,9% em relação ao que foi arrecadado em 2006.

Uma reforma tributária no Brasil, portanto, teria de lidar com uma série de problemas bem mais sérios, porque é também séria a questão da perda de 40 bilhões de reais decorrentes da não prorrogação da cobrança da CPMF.

O problema, Sr. Presidente, é complexo. Portanto, devemos evitar, conforme um dito popular, as lições simples e muitas vezes erradas. A reintrodu-

ção da CPMF na reforma tributária, no meu entendimento, vai voltar o debate, pelo menos foi o que ouvi de diversos setores do Governo, de Senadores e de Deputados de todos os partidos, principalmente para a educação. Fala-se que voltaria um instrumento na reforma tributária, com um percentual da ordem de 20% a 30%, que seria de novo uma contribuição sobre especulação financeira com o destino carimbado. O destino seria a saúde.

Sr. Presidente, considero também como avaliação apurada que certamente será feita tanto pela equipe econômica como também por esta Casa. Dessa forma, estaremos, de fato, enfrentando e desatando o nó do sistema tributário nacional, sem comprometermos – espero – os compromissos do Governo com a valorização do salário mínimo, com a remuneração dos aposentados, Senador Geraldo Mesquita Júnior, Senador Mão Santa e tantos outros Senadores que falaram sobre o tema neste começo de semana. Que não venham com o debate da reforma tributária outra vez, excluindo aquilo que compete à Previdência Social, o que vai resultar, mais uma vez, em prejuízo para os aposentados e os pensionistas, como também na importância da Emenda Constitucional nº 29.

Por isso, Sr. Presidente, suscito aqui algumas preocupações desse tema. Nós todos sabemos – depois vou conceder um aparte ao Senador Mozarildo Cavalcanti – que a União reserva para si praticamente 2/3 do que é arrecadado neste País, o que resulta, entre outras coisas, numa guerra fiscal entre os Estados, nas desigualdades regionais e numa penúria permanente de Estados e Municípios diante de uma União centralizadora de poder e de recursos.

Sr. Presidente, quero também destacar que devemos buscar permanentemente uma diminuição significativa da carga tributária, que onera pesadamente o setor produtivo e que, além de tudo, é rica em injustiças e distorções, porque quem ganha muito paga pouco, quem ganha pouco paga muito.

Em terceiro lugar, é importante dizer que a racionalização da política tributária brasileira é uma medida que precisa ser tomada com urgência. Vejamos, Senador Mozarildo Cavalcanti, por exemplo, a Legislação dessa área. Nada menos que 235.900 normas tributárias entraram em vigor nos últimos 19 anos, desde a promulgação da Constituição de 1988, ou seja, praticamente 236 normas em matéria de tributo.

Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, eu não tenho nenhuma dúvida de que nós precisamos fazer uma reforma tributária que esteja efetivamente preocupada com o social. Lembro, mais uma vez, que naquele debate daquela noite eu dizia: cai a CPMF e podem se preparar, porque vamos enfrentar uma reforma tributária

que responda àquilo que o Governo deixaria de arrecadar, que diretamente – repetimos – ficaria em torno de R\$40 bilhões.

Precisamos aproveitar este momento da redefinição das chamadas políticas tributárias para repensarmos todo o sistema com vistas a não só cobrir o rombo deixado pela CPMF, mas, também, primeiro racionalizar a cobrança e a distribuição dos valores entre União, Estados e Municípios.

Eu sou daqueles que entendem que nós deveríamos fazer uma reforma tributária descentralizadora, aumentando o poder e a responsabilidade, tanto no campo da ação social, como também da arrecadação para o Estado e para o Município, para que não vejamos, como ao que assistimos quase diariamente, Senador Geraldo Mesquita Júnior, os prefeitos principalmente em passeata aqui em Brasília, com o chamado “pires na mão”, fazendo apelo, para que possam ter uma arrecadação maior. E não é diferente a situação dos Estados.

Temos de diminuir a carga tributária que recai sobre todos os brasileiros, dar mais eficiência à aplicação dos recursos arrecadados, e, por fim, utilizar todas as ferramentas legais e políticas necessárias para tornar o Estado brasileiro mais leve e eficiente, o que, com certeza, vai contribuir para o surgimento de um Brasil mais rico, mais justo, e menos desigual.

Enfim, sou favorável à tese da redução da carga tributária, simplificando todo o sistema tributário e distribuindo melhor as receitas entre a população, principalmente os Estados e os Municípios.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – V. Ex<sup>a</sup> me permite?

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – O Senador Mozarildo Cavalcanti havia pedido a palavra. Em seguida, ouço o Senador Eduardo Suplicy.

**O Sr. Mozarildo Cavalcanti** (PTB – RR) – Senador Paim, V. Ex<sup>a</sup> faz uma abordagem muito precisa dessa questão da reforma tributária, com algumas afirmações muito corretas. Primeiro, que nós temos a maior carga tributária do mundo. Aliás, V. Ex<sup>a</sup> colocou que alguns Países têm mais, mas são Países ricos e com uma política social muito eficiente. Então, não podemos nem fazer comparação com esses Países. Depois, V. Ex<sup>a</sup> defende claramente que haja mudança no que tange à forma da cobrança dos impostos, isto é, pague mais quem pode mais e pague menos quem pode menos. Agora, uma coisa que me preocupa numa afirmação de V. Ex<sup>a</sup> é o seguinte: a coisa está assim não é deste Governo. Temos de acabar com essa afirmação, porque este Governo veio com a promessa de ser diferente e de fazer uma melhor justiça social, que passa por uma justiça fiscal. Na proposta de reforma tributária que se comenta que

vem para o Congresso Nacional, a preocupação – frisou V. Ex<sup>a</sup> – é compensar a perda da arrecadação da CPMF, isto é, aumentar imposto. Não é, de jeito nenhum, simplificar imposto, como V. Ex<sup>a</sup> coloca, nem fazer com que o cidadão, principalmente o mais pobre, o aposentado, o assalariado, pague menos. Então, eu me preocupo muito. Não vejo o Governo, por exemplo, falar em corte de gastos. Qualquer família, quando tem dificuldades na sua renda, cuida logo de cortar gastos supérfluos. Não é o que se vê com viagens e diárias – que estão aí publicadas –, até fantasmas. A criação da TV pública, a publicidade exagerada do Governo e os cartões corporativos estão aí para comprovar como realmente não há preocupação com o gasto adequado que o Governo Federal faz. V. Ex<sup>a</sup> colocou outro ponto mais importante ainda: dois terços dos impostos arrecadados nos Municípios e nos Estados, porque é lá que se arrecadam impostos, ficam com o Governo Federal. Essa realidade também tem de ser invertida. Espero que possamos fazer uma reforma tributária realmente justa e que reflita para o cidadão, principalmente o mais pobre, uma melhoria na questão de ele pagar menos imposto.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Senador Mozarildo Cavalcanti, permita-me, antes de dar o aparte ao Senador Eduardo Suplicy.

Digo que a carga tributária elevadíssima não é deste Governo, mas de todos os governos. E que não façamos de novo o debate da reforma tributária entre o Governo que passou e o Governo atual. Existe, de fato, uma situação que tem de ser mudada. Não importa se foi o Governo Collor de Mello, se foi o Governo Sarney, se foi o Governo Itamar, se foi o Governo Fernando Henrique ou o atual Governo, do Presidente Lula.

Foi com essa preocupação que eu vim à tribuna, para não passar a impressão de que sou um Parlamentar, aqui no Senado, da base do Governo, preocupado só em atingir este ou aquele Governo. Não estou preocupado em atingir Governo nenhum. Quando eu falo em uma reforma tributária diferente, refiro-me a uma reforma que atinja principalmente os que ganham mais, e não os que ganham menos. Aí, por exemplo, eu acho que temos de debater a tributação das grandes fortunas.

Por que há pessoas, neste País, que têm fortunas que ultrapassam em 90% a maioria da população? Por que não tributar as grandes fortunas? É uma forma de fazer com que os poderosos paguem mais, e quem ganha menos pague menos. É só para o debate.

Pode ter certeza de que entendi o aparte de V. Ex<sup>a</sup>. Agradeço. Sei que é um aparte de qualidade, com conteúdo, como têm sido sempre os pronunciamentos de V. Ex<sup>a</sup> aqui na Casa. Meus cumprimentos, Senador Mozarildo.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Senador Paulo Paim, peço a V. Ex<sup>a</sup>, devido ao adiado da hora, que conceda o seu aparte dentro do seu tempo regimental.

Muito obrigado.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Senador Suplicy, dentro dos meus quatro minutos.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Senador Paulo Paim, quero cumprimentá-lo por seu pronunciamento, saudando o Governo, que, dia 21 próximo, nesta semana, deve encaminhar a proposta de reforma tributária. E nós, no Senado, vamos nos debruçar, aprofundando o debate já iniciado com muita intensidade, no ano passado, na própria Comissão de Assuntos Econômicos, presidida pelo Senador Tasso Jereissati. V. Ex<sup>a</sup> bem assinala que votamos a favor da CPMF, porque tínhamos a convicção de que seria muito importante. Ainda ontem, visitei o Hospital Regional Sul, junto ao Largo Treze, de Santo Amaro, um hospital estadual, de responsabilidade do Governo José Serra, e pude testemunhar como são verdadeiros heróis e heroínas os médicos, as enfermeiras, todos os que ali trabalham, recebendo um número muito grande de pacientes que, a toda hora, procuram aquele hospital, carente de mais leitos, de mais aparelhos, de tudo, inclusive de mais pessoal. E fiquei pensando que o Governador José Serra, que foi favorável à CPMF, teria mais condições de providenciar melhorias àquela instituição – para dar um exemplo, se tivéssemos aprovado a CPMF. Avalio que o importante é que a população saiba muito bem o que é feito do dinheiro público, porque, uma vez conhecendo e sendo plenamente justificável, haverá maior boa vontade de todos em colaborar com a própria arrecadação de recursos. Meus cumprimentos.

**O SR. PAULO PAIM** (Bloco/PT – RS) – Obrigado, Senador Suplicy, pelo seu aparte, eu é que agradeço a V. Ex<sup>a</sup>.

E termino, a pedido do Senador Papaléo Paes, para que fique dentro do meu tempo, dizendo que o debate da reforma tributária está apenas começando, e, sem sombra de dúvida, vamos ter de olhar com muito carinho para a questão da saúde.

É inegável: quem anda neste País sabe que quem tem plano de saúde está bem – eu tenho e meus familiares têm –, mas quem não tem plano de saúde está muito mal. Temos que ir ao bojo desse debate da reforma tributária, olhando com muito carinho a questão da saúde. Saúde é vida, e vida de milhões de brasileiros.

Vamos amarrar de forma tal que os recursos para a saúde sejam construídos nesse debate. Quero dizer mais uma vez que isso me preocupa. Eu recebi,

Senador Geraldo Mesquita Junior, milhares de *e-mails* do Brasil todo durante a apreciação da prorrogação da CPMF. E nessa época eu dizia da importância do número da CPMF como instrumento de fiscalização para cruzamento de dados por parte da Receita. O percentual não tem que ser o que era no momento em que o imposto foi derrubado. Ele deve diminuir para um outro percentual, desde que a gente amarre isso com muito carinho para que o dinheiro, efetivamente, vá para a saúde. Acho que não temos que descartar essa possibilidade.

Todos sabemos que, nas operações financeiras, quem mais paga são os mais poderosos. Quem ganha pouco, os pobres, pagam muito pouco ou quase nada de contribuição na operação de cheque, CPMF. Por outro lado, está provado, agora ninguém mais tem dúvida, de que não é o fim da CPMF que vai fazer, como alguns tentaram mostrar, que o feijão, que o arroz, que o pão, que a passagem do ônibus, que a roupa, que a sandália e o chinelo diminuam de preço. Está comprovado que não diminuiram os preços; aumentou o lucro dos poderosos.

Por isso, com muita tranquilidade, Senador Papaléo, quero terminar com esta frase: terminamos a votação e não vamos entrar naquela de quem votou contra ou a favor, de quem é santo e quem é o diabo. Todos votaram com as suas convicções. E eu espero que aproveitemos este momento para fazer uma grande reflexão, para que, na reforma tributária, a gente olhe com muito carinho, principalmente para a saúde.

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Muito obrigado, Senador Paulo Paim.

Senador Lobão, V. Ex<sup>a</sup> está com a autorização do Líder do PR, Senador João Ribeiro, para o uso da palavra pela Liderança do Partido.

Com a palavra V. Ex<sup>a</sup>, Senador Lobão Filho.

**O SR. LOBÃO FILHO** (DEM – MA. Pela Liderança. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>s</sup> e Srs. Senadores, antes de iniciar o meu discurso, quero agradecer a gentileza do Senador João Ribeiro e do Senador César Borges, que me habilitam a falar neste momento. Quero também parabenizar o Senador Mão Santa, pela reportagem maravilhosa da revista *Época* sobre V. Ex<sup>a</sup>, registrando que a revista faz pouca justiça ao brilhantismo de V. Ex<sup>a</sup>.

O Senado Federal, Câmara Alta do Congresso Nacional, é, ao lado da Câmara dos Deputados, o esteio do regime democrático e do Estado de direito do Brasil

Daqui, memoráveis e históricos discursos marcaram época e ainda ecoam na memória do Congresso, reverberando eternamente na história deste País.

Esta augusta Casa sempre esteve à altura de sua elevada missão, porque a instituição é feita, sobretudo, do brilhantismo e da dedicação dos nobres Senadores, e, nesse particular, sinto-me honrado em compartilhar este mandato e esta responsabilidade com os mais dignos representantes de cada Estado brasileiro.

Sr. Presidente, o vocábulo “suplente” etimologicamente é traduzido como “aquele que supre”, que substitui. No meu caso, especificamente, não há o que suprir no mandato do Senador Edison Lobão. Já substituí-lo beira o impossível. A envergadura política do agora Ministro Edison Lobão encerra qualquer pretensão de substituição. Nem poderia fazê-lo, já que o meu objetivo é trilhar caminho próprio, não sob a sombra de sua importância, mas nas luzes de sua história e do seu exemplo.

E este caminho político não se inicia aqui, agora. Há dezoito anos pertenço ao Diretório Estadual Maranhense do antigo PFL, agora Democratas. Exerci a missão e a alegria de coordenar diretamente as campanhas políticas, sempre vitoriosas, do meu pai e de minha mãe, Deputada Federal Nice Lobão, nos últimos vinte anos.

Nas eleições gerais de 2002, concorrendo como suplente de Senador, tive a oportunidade de percorrer, mais uma vez, o meu querido Maranhão, de norte a sul, de leste a oeste. Participei de dezenas de comícios e fui responsável por um número ainda maior de contatos políticos com prefeitos e lideranças de meu Estado.

Convivi com o bravo povo maranhense, ouvindo suas demandas, sensibilizando-me com suas carências e festejando suas conquistas.

Essa trajetória política permitiu-me, inclusive, décadas de vivência com a rotina das duas Câmaras do Congresso, possibilitando-me conhecer pessoalmente grande parte dos parlamentares.

Na iniciativa privada, tenho, por 26 anos, capitaneado empresas nos ramos da comunicação, mineração e construção civil, empregando centenas de funcionários no meu Estado e participando intensamente da política empresarial do Maranhão, lá exercendo a função de vice-presidente do Fórum Empresarial do Estado, entidade criada com o objetivo de defender o crescimento econômico do Maranhão e lutar destemidamente pela geração de mais empregos para nosso povo.

Sou casado com Paula, maravilhosa companheira, há 25 anos, e tenho dois filhos, Tatiana e Lucas.

Como formação acadêmica, cursei Engenharia Civil na Universidade de Brasília (UnB) e sou Economista pelo Centro Universitário de Brasília (UniCeub).



Trago assim, para minha atuação neste grande Parlamento, além da experiência empresarial e político-partidária, minha formação e minha inabalável convicção cristã.

Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, têm sido recorrentes os questionamentos e ponderações relativos à representatividade dos suplentes de Senadores, tão somente pela vigente fórmula de suas eleições. Registre-se, mesma fórmula aplicada nas eleições dos vice-prefeitos, vice-governadores e vice-presidentes.

Importa dizer que tal discussão remonta séculos, no Brasil e no Direito Político estrangeiro. Já tinham suplentes os deputados às cortes portuguesas de 1821, assim como os membros da própria Constituição brasileira do ano de 1823. Em 1946, a Nova Carta Política, definiu a suplência de molde similar com o que temos atualmente. A redemocratização do País acendeu novos debates e a Constituinte de 1988 determinou o atual processo eletivo dos Senadores e seus suplentes.

Mas a discussão continua e, desde 2003, seguidas propostas de emendas à Constituição foram apresentadas nesta Casa. O Senador Sibá Machado inaugurou o debate com a PEC 11/03, propondo que o suplente não assumira o mandato do titular, apenas o substitua por tempo determinado, até novas eleições.

O Senador Jefferson Péres propõe que a eleição se faça apenas quando a vacância ocorrer a mais de trinta meses do fim do mandato. O Senador Valdir Raupp acrescentou nova sugestão pela PEC 042/2004. Em momentos posteriores, novas PECs e valiosas iniciativas da lavra dos Senadores Tião Viana, Eduardo Suplicy, aqui presente, e Marcelo Crivella foram também formuladas.

O debate está aberto atualmente nesta Casa e pretendo, hoje, apresentar um projeto de emenda que objetivará uma maior representatividade do suplente por meio de eleição direta, mantendo, contudo, a forma majoritária.

Sr. Presidente, a suplência de Senador é apenas um dos muitos temas no terreno da política eleitoral.

O voto proporcional, o financiamento e a fiscalização de campanha, a fidelidade partidária, o voto de legenda, a pluralidade partidária também polemizam líderes, políticos e estudiosos, mas é a população brasileira a mais ansiosa por uma melhor representação, quer no Executivo, quer no Parlamento.

O Código Eleitoral data de 1965, nascido em uma outra realidade da política e da sociedade. Leis extravagantes de cunha eleitoral são editadas seguidamente no afã de responder a questões pontuais, ou pior, circunstanciais. O Tribunal Superior Eleitoral, na ausência de atitude do Congresso, legisla ao editar, a cada eleição, as suas temporárias “resoluções”. O

arcabouço do nosso ordenamento eletivo é uma colcha de retalhos; portanto, uma densa reforma política mostra-se urgente!

Sr. Presidente, durante semanas fui acusado de haver cometido irregularidades que nunca cometi. Paguei, na imprensa, o preço pela posse do Exm<sup>o</sup> Sr. Ministro Edison Lobão, titular da vaga que ora ocupo.

É natural que o homem público tenha sua vida escaneada, vigiada bem de perto, porém fica o desafo: é preciso haver limites nas acusações irresponsáveis e claramente motivadas por interesses contrariados. Mas para mim esse fato está superado. Estarei apresentando voluntariamente ao Corregedor Romeu Tuma todos os esclarecimentos necessários para a consecução de seu relatório.

Sr. Presidente, como disse antes, faço parte do Partido Democratas há quase 20 anos. Contudo, pedi à Justiça Eleitoral que autorizasse o meu desligamento dessa agremiação que me acolheu com tanto carinho por tantos anos. Eu o faço com o coração partido, mas consciente de que no atual panorama político minha permanência no Democratas é quase impossível.

Do Democratas, caso autorizado o meu desligamento, só ficarão saudades e muitos e grandes amigos, tanto no meu Estado como na Câmara Federal e também aqui no Senado.

Mas assim é o universo político e agora desejo novos rumos.

Não posso encerrar sem agradecer ao Senador José Agripino pela postura sensata e equilibrada na condução desse assunto no seio partidário. Graças a ele teremos, se Deus quiser, um final feliz e em paz.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – V. Ex<sup>a</sup> permite?

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Senador Eduardo Suplicy, prorrogo a sessão por trinta minutos. Peço a V. Ex<sup>a</sup> brevidade porque, na prorrogação, temos de atender ainda a quatro Senadores inscritos, inclusive V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. LOBÃO FILHO** (DEM – MA) – Senador Suplicy, com grande honra, recebo o seu aparte.

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Senador Lobão, quero aqui transmitir a V. Ex<sup>a</sup> que não nos conhecemos tão bem, nesses últimos dias nos cumprimentamos, estou conhecendo-o. Noto que V. Ex<sup>a</sup> tem também formação em Economia e poderá dar uma contribuição importante nesta Casa e traz um assunto que muito tem nos preocupado, relacionado à reforma tributária e aos suplentes.

*(O Sr. Presidente faz soar a campanha.)*

**O Sr. Eduardo Suplicy** (Bloco/PT – SP) – Cumprimento-o por estar aqui tentando colaborar com respeito ao que fazer para que haja ainda maior legitimidade em relação ao presente com respeito aos suplentes. A proposta que apresento, uma vez que V. Ex<sup>a</sup> mencionou que deseja a eleição direta dos suplentes, tem exatamente este objetivo de que possam os eleitores, na hora de escolher o titular, também dentre nomes alternativos que a coligação ou partido apresente, votem em quem preferem seja o primeiro suplente, ou no segundo ou no terceiro nomes, de forma que o suplente seja, portanto, legitimado pela vontade em eleição direta, dos eleitores. Não conheço ainda o detalhe de sua proposição, mas avalio, pelo que V. Ex<sup>a</sup> mencionou, que é na mesma direção.

**O SR. LOBÃO FILHO** (DEM – MA) – Agradeço o aparte, Senador Suplicy. Minha proposta é semelhante, apenas diferimos no sentido de que proponho que o suplente seja escolhido dentro de uma chapa interna da coligação ou do partido e que seja apenas um suplente. Vou encaminhar a V. Ex<sup>a</sup> a proposta de emenda, para que V. Ex<sup>a</sup> possa apreciar com mais calma.

Sr. Presidente, termino aqui essa minha primeira manifestação.

**O Sr. João Ribeiro** (Bloco/PR – TO) – Senador Lobão...

**O SR. LOBÃO FILHO** (DEM – MA) – Pois não.

**O Sr. João Ribeiro** (Bloco/PR – TO) – Sr. Presidente, se V. Ex<sup>a</sup> permitir só trinta segundos. Gostaria apenas de cumprimentar V. Ex<sup>a</sup> pelo primeiro pronunciamento que faz nesta Casa, já falando aqui do peso da responsabilidade que V. Ex<sup>a</sup> assume. Afinal, assumir a vaga do seu pai, o Senador Lobão, não é fácil, com certeza, não será fácil. Lobão é um dos Senadores mais respeitados desta Casa, um dos políticos mais brilhantes que nós temos no Congresso Nacional, e que agora assumiu, também com muita propriedade e muita competência, por indicação do PMDB, o Ministério das Minas Energia, e, com certeza, fará ali também um grande trabalho, como tem feito ao longo da sua vida toda. Eu já o acompanho há algum tempo. Lobão é meu amigo pessoal, é meu padrinho de casamento. Portanto, eu seria suspeito para fazer qualquer tipo de elogio pelo laço de amizade, admiração e respeito que tenho por ele. Tenho certeza que V. Ex<sup>a</sup> fará aqui um grande trabalho, já que acompanha seu pai a vida toda, e a sua mãe, a Deputada Nice Lobão, que também tem um brilhante trabalho na Câmara dos Deputados. Família de políticos, família de homens e mulheres, sobretudo, que sempre serviram ao povo, seu pai e sua mãe. Portanto, as minhas palavras são no sentido do incentivo, de que V. Ex<sup>a</sup> consiga fazer aqui, no período que ficará como Senador, o trabalho que deseja fazer

e, sobretudo, dar prosseguimento ao trabalho do seu pai, do ilustre Senador e hoje Ministro Edison Lobão. Meus cumprimentos, meus parabéns! Que Deus ilumine sempre a sua caminhada e, sobretudo, essa sua passagem aqui! Que ela seja muito produtiva para o País e para o seu querido Estado do Maranhão.

**O SR. LOBÃO FILHO** (DEM – MA) – Obrigado, Senador João Ribeiro, pelas suas carinhosas palavras. Espero corresponder a esse seu desejo.

Sr. Presidente, termino aqui essa primeira manifestação formal, elevando o meu olhar para Deus, pedindo-Lhe luz e discernimento na condução de minha atuação ante tão ilustres e dignos membros desta Casa do Congresso Nacional.

Não espero superar as virtudes tantas vez aqui demonstradas.

Espero, isto sim, contribuir com a força de minha juventude e inteligência para a realização dos sonhos de desenvolvimento do meu País e, principalmente, do Maranhão.

Deus nos ilumine a todos!

**O SR. PRESIDENTE** (Papaléo Paes. PSDB – AP) – Obrigado, Senador Lobão Filho.

Concedo a palavra ao nobre Senador Geraldo Mesquita Júnior, que, como orador inscrito, terá 20 minutos para o seu pronunciamento.

Peço a V. Ex<sup>a</sup> que, se conceder apartes, que sejam dentro dos seus 20 minutos em razão do adiantado da hora. Nós, que estamos aqui desde o início da sessão, acabamos sendo punidos, Senador. Mas é nosso dever e nossa obrigação obedecer ao Regimento.

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>s</sup> e Srs. Senadores, volto à tribuna do Senado para tratar da questão que presentemente ocupa a minha mente e meu coração, tema com o qual me comprometi no sentido de trazê-lo repetidas vezes nesta Casa.

Trata-se da nossa querida Amazônia: do seu futuro, do seu presente e do seu destino.

Na Amazônia, Senador Mozarildo, por falta de um projeto nacional para seu aproveitamento, que não existe até hoje, vivemos correndo atrás do prejuízo, realizando ações emergenciais.

Quero que a TV Senado foque esta matéria: *Operação Amazônia vai custar R\$180 milhões*. Essa matéria é do **Correio Braziliense**, de ontem, domingo. Isso aqui eu chamo, Senador Mozarildo, de correr atrás do prejuízo.

Poderíamos dizer que é a primeira vez, mas não. De muitos anos para cá, estamos, repito, por falta de um projeto nacional de ocupação e aproveitamento da Amazônia, limitados a ações dessa natureza.

É para condenar a ação? Não. A ação diz respeito à ida de contingentes de agentes da Polícia Federal; por isso, uma operação. É próprio da Polícia Federal denominar de operação uma ação dessa envergadura.

Um grande contingente da Polícia Federal, com suporte técnico. A notícia é esta: vai ocupar espaços onde se verificam os maiores índices de desmatamento, depredação, ocupação predatória naquela nossa vasta e bonita região.

Pergunto novamente: é para condenar essa operação? Não. Ela é necessária. No entanto, há algo muito mais necessário, Senador Mozarildo Cavalcanti, sob pena de repetirmos essa operação várias vezes. Tomara que V. Ex<sup>a</sup> não morra nunca, mas, se chegar um dia a morrer, a persistir esse estado de coisas, ou seja, a ausência total de compromisso do Estado brasileiro em formular uma política adequada, oferecendo ao País um projeto ou vários projetos de ocupação e utilização da Amazônia, verá, ano após ano, essas operações serem anunciadas como a panacéia, como algo que vai salvar a Amazônia. Grande engano, grande engano! Já disse aqui reiteradas vezes - e vou fazê-lo mais ainda, canse o ouvido de quem quiser cansar - que há necessidade, Senador Mozarildo Cavalcanti, de que, na Amazônia, tenhamos um comando único. Hoje muita gente dá pitaco na Amazônia, uns tentando contribuir, inclusive este seu modesto companheiro Senador, tentando construir, mas muitos tentando confundir para melhor se apropriarem das riquezas e dos bens da Amazônia. Isso se verifica exatamente nesse vácuo, Senador Mozarildo Cavalcanti, o vácuo de inexistir por completo um projeto nacional para a Amazônia.

A diversidade da Amazônia... E haja diversidade ali! V. Ex<sup>a</sup> é de um Estado onde existem campos naturais, eu sou de um Estado de densa floresta, e estamos dentro da Amazônia. É isso que eu chamo de diversidade. Nós temos comunidades indígenas, seringueiros, catadores de castanha, pequenos produtores rurais, áreas ocupadas pela pecuária, agroindústria, exploração de minério; a Amazônia é a diversidade! É uma coisa fantástica! É essa diversidade que eu digo que precisa ser articulada e coordenada de forma una, com um comando único.

Eu vou propor algo aqui, Senador Mozarildo Cavalcanti, e vou justificar o porquê dessa proposta. Eu quero propor ao Presidente Lula, quero propor ao País a criação, a instituição do Ministério da Amazônia. Aí dirá alguém: "Mas o Brasil já tem Ministérios demais! Nós temos 38 Ministérios!" Vamos analisar os 38 Ministérios que temos. Grande parte deles, Senador Mozarildo Cavalcanti, são Secretarias que cuidam de ações especiais isoladas e que muito bem poderiam estar conformadas em torno de alguns Ministérios. Cito um

exemplo: a Secretaria da Pesca, por que não é uma Secretaria do Ministério da Agricultura? A Secretaria dos Portos, por que não é uma Secretaria dentro da estrutura de um Ministério dos Transportes ou do Ministério de Infra-Estrutura do País? E por aí vai.

Então, nós teríamos duas opções. Uma delas seria reduzirmos o número de Ministérios do País. Não sei se algum país no mundo tem um número de Ministérios tão grande como o nosso. Confesso que não tenho esse dado com precisão, mas é uma constatação que vai do Acre ao Chui a de que nós temos um número de Ministérios excessivo. Então, vamos reduzir o número de Ministérios. Vamos ordenar isso de forma a mostrar para o povo, para a sociedade brasileira, que nós temos um organograma federal que permite que as ações sejam desenvolvidas, mas de forma racional e lógica.

Contudo, se o Governo Federal entender que não pode proceder a esse recuo, que se instale mesmo assim o Ministério da Amazônia. Quem tem 38 pode ter 39, Senador Papaléo. E eu me arrisco a dizer o seguinte: esse seria o Ministério mais importante já criado no País ao longo da sua história.

Tal medida, se adotada, sinalizaria para os brasileiros que nós estaríamos inserindo a Amazônia no projeto nacional, e para o mundo inteiro, Senador Papaléo, estaríamos dando uma mensagem forte de que sabemos aonde queremos chegar e de que temos competência para tanto.

Essa sugestão me chegou por meio de um *e-mail* de um conterrâneo do Acre – lá para frente, eu revelarei seu nome. Eu achei fantástica a sugestão. Veio ao encontro de tudo aquilo que penso, que imagino que deva ser feito. Eu não imagino como proceder a um grande planejamento, como realizar a elaboração de projetos importantes para a Amazônia, sem que todas essas ações estejam centradas e concatenadas sob um único comando.

É necessário, repito, que abramos os olhos para o que está acontecendo na Amazônia. Precisamos reunir ali batalhões, inclusive militares; ocupar pontos estratégicos, como agora certamente fará a Polícia Federal...

**O Sr. Mozarildo Cavalcanti** (PTB – RR) – Senador Geraldo, se V. Ex<sup>a</sup> me permitir...

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – Senador Mozarildo, com todo o prazer, concedo um aparte a V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Mozarildo Cavalcanti** (PTB – RR) – Quero, primeiro, parabenizá-lo pela oportunidade, dada, inclusive, essa matéria que foi publicada, como também pela qualidade do pronunciamento que V. Ex<sup>a</sup> faz. Não há dúvida de que o Governo brasileiro nunca teve projeto

de fato para a Amazônia. Começa lá atrás. Na verdade, qual foi o projeto que se fez? Quando o mundo precisava de borracha, levaram os soldados da borracha para lá. Foi o grande projeto de Amazônia. Depois disso, o que mais houve? Algumas ações espasmódicas, como na época de Juscelino, no Governo dito militar, em que se abriram estradas interligando os Estados. Fora disso, realmente não há nenhum projeto. O próprio Presidente Lula, no seu primeiro Governo, na sua primeira campanha, disse, sobre a Amazônia – eu me lembro bem dessa frase, que ficou gravada na minha cabeça –, que era preciso formular o que se pode fazer na Amazônia, e não só proibir de se fazerem coisas na Amazônia. Então, para mim, isso sintetizava tudo. O Governo teria um plano que ia dizer o que se poderia fazer e como se poderia fazer. Mas estamos no segundo mandato do Presidente Lula e o que se vê é só proibição, operações etc. Quer dizer, não há medidas preventivas, não há um trabalho permanente. Existem operações episódicas e espasmódicas, gastando milhões em recursos – que, depois, ficam ao Deus dará, porque, na hora em que acaba a operação, tudo volta ao que era. Então, na verdade, a proposta de V. Ex<sup>a</sup>, de criar um Ministério da Amazônia, é muito justa, muito oportuna. O Senador Valdir Raupp já apresentou um projeto, que está, infelizmente, engavetado. Nós devíamos nos unir, nós da Amazônia, em torno dessa idéia. Nós não somos 61% do território nacional? Nós não temos, segundo dizem os ecoterroristas, os maiores problemas e, inclusive, participação no aquecimento global? Por que não haver o Ministério da Amazônia? Os outros ministérios não cuidam da Amazônia, não. O Ministério do Meio Ambiente se preocupa só com os animais e com as árvores. O Ministério da Integração Nacional nem olha para aquela região. É realmente importante que nós tenhamos um Ministério da Amazônia, que cuide dos 25 milhões de habitantes que estão lá, índios, brancos, mestiços, caboclos, que invista na qualidade de vida dessas pessoas e que desenvolva a Amazônia de uma maneira perfeitamente possível, permitindo a esses que moram lá e também aos que vão nascer e aos que vão para lá no futuro continuarem tendo a Amazônia como brasileira. Fala-se muito que há uma cobiça internacional sobre a Amazônia, mas não há uma cobiça do Governo brasileiro pela Amazônia. Não há! O Governo brasileiro e os brasileiros de um modo geral não cobiçam a Amazônia, não se preocupam com ela. Então, a proposta de V. Ex<sup>a</sup> de criar esse Ministério da Amazônia deveria ganhar corpo. E nós da Amazônia, nós que realmente somos da região, e que não apenas defendemos, entre aspas, a Amazônia, deveríamos realmente engrossar essa corrente para termos esse ministério.

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR (PMDB – AC)** – Agradeço-lhe o aparte muito apropriado. V. Ex<sup>a</sup>, que é um profundo conhecedor da nossa realidade amazônica, das nossas vicissitudes, das nossas necessidades, tocou no assunto que me motivou a vir aqui falar: a cobiça internacional sobre a Amazônia.

O tema Amazônia, quer queira, quer não, temos de admitir, transbordou as nossas fronteiras nacionais. A Amazônia é matéria, é objeto, é alvo de preocupação não só dos brasileiros, como de muita gente mundo afora. Então, creio que nada mais adequado, Senador Mão Santa, do que darmos uma resposta forte, positiva, para nós, internamente, e para muitos que estão de fora observando e tentando enxergar uma brecha, uma maneira de aqui penetrar, de aqui se assenhorear, de se apoderar de riquezas que temos naquela região, incomensuráveis, que carecem, repito acho que pela centésima vez, de um grande inventário. Todos sabemos o que tem ali, mas não sabemos da quantidade e da dimensão, da extensão das riquezas que temos naquela região.

Precisamos realizar um grande inventário. Temos organismos, temos instituições atuando na Amazônia de forma capenga, porque não há recursos humanos, não há recursos materiais. Cito sempre o Inpa – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, um órgão atrofiado, Senador Papaléo, que poderia se constituir na Embrapa da floresta, que poderia capitanear, junto com outros órgãos, com outras instituições e organismos, um grande levantamento daquela região, juntamente com a população.

Há muita gente que olha a Amazônia pela copa das árvores, que olha a Amazônia de cima, pela copa das árvores; eu olho a Amazônia pelo que ela tem lá dentro, no seu intestino, no seu interior, como tenho certeza absoluta que faz V. Ex<sup>a</sup>, Senador Papaléo Paes, a quem concedo um aparte.

**O Sr. Papaléo Paes (PSDB – AP)** – Senador Geraldo Mesquita, eu realmente quero parabenizar V. Ex<sup>a</sup> pelo brilhante discurso em prol da nossa Amazônia. Digo “nossa Amazônia” não apenas porque moramos lá, mas por causa do nosso Brasil, por causa do mundo. Parabenizo-o exatamente porque V. Ex<sup>a</sup> traz, sem hipocrisia alguma, a sua opinião, que é a opinião que os homens de bem têm e que o Governo não quer ter. Quando V. Ex<sup>a</sup> afirma que nós não conhecemos a nossa Amazônia, que não conhecemos a sua verdadeira riqueza, V. Ex<sup>a</sup> está falando uma verdade: nós não a conhecemos, mas outros países a conhecem muito bem. Conhecem por meio da tecnologia de satélite e conhecem por meio de seus emissários especiais, que são aqueles que estão disfarçados de dirigentes de ONGs ou contratados por ONGs internacionais, que

realmente têm conhecimento *in loco* da nossa riqueza no subsolo. Então, quero dizer que V. Ex<sup>a</sup> tem toda a razão pelo brilhante pronunciamento que está fazendo e aqui vai a minha solidariedade e meus parabéns pela sua inteligência e pela oportunidade de dar a nós brasileiros a sensação de que o Governo está negligenciando com a Amazônia.

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – Obrigado, Senador Papaléo.

Quero concluir, para ficar dentro do tempo que o Presidente me concedeu, lembrando a todos nós aqui, ao povo brasileiro, os riscos que nós corremos ali dia-a-dia.

Senador Papaléo, V. Ex<sup>a</sup> falou da tecnologia que o povo de fora tem e como nos monitora. Temos a impressão de que sabem o que temos ali muito mais do que nós. Temos essa sensação.

O Projeto Sivam. O que foi feito do Projeto Sivam, que foi aqui instalado por um multinacional ligada a não sei que interesses?

Para concluir e para ilustrar o que digo, que corremos um sério risco na Amazônia, que, se ficarmos sempre correndo atrás do prejuízo, somado várias vezes, ele vai nos “levar para o buraco”, trago um *e-mail* que me foi enviado pelo Sr. Benedito Pereira de Vasconcelos. Ele diz o seguinte: “O Arpa – Projeto de Áreas Protegidas da Amazônia já viabilizou a entrega de cerca de 16 milhões de hectares da floresta amazônica para organizações ambientalistas estrangeiras que servem de fachada aos escusos interesses econômicos norte-americanos”.

É ele que está dizendo isso, não sou eu.

“Encoberta pela cortina da preservação ambiental, o projeto de cercamento de milhões de quilômetros de riquezas incomensuráveis está sendo implementado no Brasil. Sob a sigla Arpa, o Projeto de Áreas Protegidas da Amazônia já viabilizou a entrega de cerca de 16 milhões de hectares de Floresta Amazônica para organizações ambientalistas. Além delas, temos um grave problema a ser equacionado pelo Governo brasileiro na Amazônia, que é a venda de grandes áreas de terras para estrangeiros”.

Eles estão, como eu disse, ocupando, se assenhoreando e se apropriando de pedaços da nossa Amazônia, e de pedaços em pedaços, eles vão, de fato...

*(O Sr. Presidente faz soar a campainha.)*

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – Um minuto só para concluir, Senador Mão Santa.

Antigamente a gente dizia “daqui a muito tempo...” Hoje não temos mais muito tempo. Talvez dentro de pouco tempo estejamos aqui, dentro do nosso País, vendo o território da Amazônia como algo de que abrimos mão, que perdemos, por incompetência, por incúria, porque não tomamos as medidas necessárias no tempo devido, no momento certo, e permitimos que pessoas estranhas ao País, que pessoas estranhas aos interesses da Amazônia e do Brasil se apoderassem daquela grande região.

Não estou ficando doído, Senador Mão Santa. Esta é uma realidade que está se aproximando de todos nós. Depois não adianta chorar sobre o leite derramado. Vou voltar a este assunto várias vezes, inclusive para tratar desse *e-mail* que recebi do Benedito, porque acho o assunto de uma gravidade incrível. O fato que ele relata tem desdobramentos. Estou pedindo a ele maiores informações para que a gente venha a denunciar daqui da tribuna do Senado o que está acontecendo.

Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> pela tolerância.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Nós concedemos mais cinco minutos para V. Ex<sup>a</sup> fazer a defesa da Amazônia...

**O SR. GERALDO MESQUITA JÚNIOR** (PMDB – AC) – Senador Mão Santa, há colegas que querem falar e não vou tomar mais o tempo. Voltarei outras vezes aqui para tratar do assunto.

Muito obrigado.

*Durante o discurso do Sr. Geraldo Mesquita Júnior, o Sr. Papaléo Paes, suplente de Secretário, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Mão Santa.*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Convidamos para usar da palavra o Senador Papaléo Paes, do PSDB do Amapá.

V. Ex<sup>a</sup> tem o tempo que achar conveniente, porque hoje é aniversário de Macapá, não é?

**O SR. PAPALÉO PAES** (PSDB – AP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, hoje foi realizada na Câmara uma sessão especial pelo aniversário de Macapá. No dia 4 de fevereiro completamos 250 anos. Mas serei coerente com os demais inscritos que farão uso da palavra.

Sr. Presidente, quero, antes de iniciar meu pronunciamento, agradecer ao Senador Heráclito Fortes pela permuta que fez e que me possibilitou discursar neste momento.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o Brasil foi descoberto em 1500, mas algumas das atividades que elevam a dignidade e a qualidade de vida dos habitan-

tes só passaram a ser oferecidas a partir de 1808, com a transferência da Corte Portuguesa para cá.

Nos mais de 300 anos decorridos sob a condição de Colônia, não existia nenhuma possibilidade de serem oferecidos os serviços necessários ao desenvolvimento intelectual ou profissional da população. Interessava à metrópole apenas usufruir das riquezas extraídas ou produzidas na colônia.

Aliás, para impedir a divulgação de idéias que poderiam induzir à separação da colônia, foi proibida, por decreto real, em 1747, toda a atividade de impressão gráfica, fosse de livros, fosse de jornais, fosse de qualquer papel avulso. Portanto, até o início do século XIX, não havia no Brasil indústria, imprensa ou instituição de ensino superior. A exceção era a indústria naval, devido à necessidade de fabricação e reparo das embarcações, que era interesse de Portugal.

Não existe consenso quanto ao número, mas alguns estudiosos estimam que vieram para o Brasil, com a família real, cerca de 15 mil pessoas.

Logo após a instalação da Corte no Rio de Janeiro, tudo o que antes era proibido pôde começar a funcionar: fábricas de tecido, de beneficiamento de arroz, de roupas, de sapatos, manufaturas de ouro e prata e produtoras de vinho. Muito rapidamente, foram instalados sistemas que permitiam o abastecimento de água potável no Rio e em Salvador. Foi criado o Banco do Brasil, a Biblioteca Real, o Museu Nacional e o Real Teatro de São João, hoje Teatro João Caetano. D. João VI também autorizou a abertura dos portos para o comércio direto com as nações amigas, comércio que anteriormente só podia acontecer por intermédio de Portugal.

Todas essas medidas criaram um ambiente propício para que se instalassem centros de formação para suprir as necessidades trazidas por tamanho desenvolvimento. Daí terem sido criadas, nesse período, escolas de Medicina e de Engenharia, para que o Brasil pudesse formar seus profissionais aqui mesmo, em quantidade condizente com as necessidades de mão-de-obra que passaram a se apresentar.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, nesse contexto histórico, é que queremos falar da primeira escola de Medicina do País, a Escola de Cirurgia, implantada em Salvador, em 18 de fevereiro de 1808, no Real Hospital Militar da Bahia, pelo Príncipe Regente de Portugal, D. João VI. O primeiro curso, organizado pelo Dr. Correia Picanço, um dos médicos de destaque da Corte portuguesa, enfocava basicamente estudos de anatomia e da arte obstétrica. O primeiro diretor dessa escola foi o Dr. Manoel José Estrela, diplomado em Medicina em Lisboa.

Em 1809, por meio da Carta-Régia de 22 de setembro, o Cirurgião-Mor João Pereira de Miranda foi encarregado da “instrução facultativa teórica e prática” dos cirurgiões-ajudantes dos regimentos. Dessa forma, ficou estabelecida “a verdadeira e conveniente Escola de Medicina e Cirurgia no Hospital Militar”, logicamente da Bahia. O curso tinha duração de quatro anos, depois dos quais o aluno requeria uma certidão na escola, que declarava que ele estaria apto a prestar o exame e encarregar-se da saúde pública.

Assim surgiu e se institucionalizou a primeira escola de Medicina do País.

Em dezembro de 1815, a escola passou a denominar-se Academia Médica Cirúrgica e, em 1832, foi transformada em Faculdade de Medicina.

Para que a formação profissional não deixasse a desejar, foram instalados nessa faculdade um grande laboratório e um grande centro de estudos. No prédio vizinho, funcionavam o Hospital Real e a Misericórdia.

Temos aqui a semente de onde brotou o saber médico deste País, que hoje dispõe de alguns centros que são referência em nível internacional.

Não podemos esquecer-nos, nobres Colegas, de que a Faculdade de Medicina da Bahia esteve presente em diversos movimentos cívicos de relevância histórica como a Independência do Brasil, a Guerra do Paraguai, a Sabinada, a Guerra de Canudos, entre outros. Também cabe lembrar que nela estudaram importantes personalidades da Medicina brasileira como Arthur Ramos, grande antropólogo alagoano, Oscar Freire, Nise da Silveira e Rita Lobato Velhos Lopes, de origem gaúcha, Sr. Presidente Mão Santa, a primeira mulher a diplomar-se em Medicina no Brasil.

A Faculdade de Medicina da Bahia não parou no tempo. Por isso, sofria alterações em sua denominação, conforme as necessidades de adequar-se ao desenvolvimento do Brasil como Nação. Daí ter passado a chamar-se, em 1891, Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia. Mas, em 1901, voltou à denominação de Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1946, passou a chamar-se Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia e, em 1965, Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, como é conhecida até os dias atuais.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, nem toda a existência da Faculdade de Medicina da Bahia foi um mar de rosas.

Um episódio de triste lembrança ocorreu em 1905: um incêndio destruiu quase totalmente o prédio onde funcionava a faculdade, principalmente os laboratórios de Química, de Histologia, de Medicina Legal, de Bacteriologia e de Anatomia e Fisiologia Patológica, além da valiosa biblioteca daquela instituição. Felizmente, o

Governo Federal, comandado por Rodrigues Alves, que tinha como Ministro da Justiça e Negócios Interiores o baiano José Joaquim Seabra, propiciou a reconstrução da sede, com projeto do famoso engenheiro civil Teodoro Sampaio.

Afora isso, Sr. Presidente, ela ainda tem destaque em momentos importantes da história brasileira.

Na época da independência, entre setembro de 1822 e março de 1824, a então Academia Médico-Cirúrgica da Bahia permaneceu fechada, pois os portugueses a ocuparam devido à participação de alguns de seus membros na Guerra da Independência, entre eles, Antonio José de Sousa Aguiar, um dos primeiros alunos dessa escola, que prestou serviços como cirurgião às forças baianas, e o porteiro Joaquim Pereira Borba.

O funcionamento da escola foi suspenso também entre novembro de 1837 e março de 1838, em decorrência do movimento separatista que ficou conhecido como Sabinada, pois tinha como um dos seus líderes o cirurgião Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira, professor substituto da então Faculdade de Medicina da Bahia.

Também participaram do movimento os professores de Física e de Medicina Legal, Vicente Ferreira de Magalhães e João Francisco de Almeida, respectivamente. Só Sabino foi preso e condenado.

Sr. Presidente, na época das epidemias de febre amarela e de cólera-morbo, em 1855, que atingiram a Bahia, os professores e estudantes prestaram assistência inestimável às vítimas, destacando-se os professores Vicente Ferreira de Magalhães, de Física; Jonathas Abbott, de Anatomia Descritiva; Manuel Maurício Rebouças e Antônio José Alves, pai do poeta Castro Alves, entre outros.

Na Guerra do Paraguai, 1854 a 1860, foi importantíssima a participação dos professores Joaquim Antônio de Oliveira Botelho, Matéria Médica e Terapêutica, Francisco Rodrigues da Silva, de Química Mineral, e mais 40 alunos dos 4º, 5º e 6º anos, tendo muitos deles sido condecorados com a Ordem de Cristo ou a Ordem da Rosa.

Na Guerra dos Canudos, travada para reprimir o movimento liderado por Antônio Conselheiro, cerca de 60 estudantes dos cursos médico, odontológico e farmacêutico, por solicitação do Presidente do Estado da Bahia, Conselheiro Luiz Viana, estiveram no campo de luta para colaborar com o atendimento aos feridos.

É impossível, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, enumerar, neste curto espaço de tempo de que disponho, os episódios dignos de nota vinculados a essa insigne instituição.

O uso que faço da palavra, Sr. Presidente, neste momento serve para lembrar os 200 anos da Faculdade de Medicina, a primeira do Brasil. Não se trata de 200 anos de história da faculdade, mas de 200 anos nos quais ela participa da história deste País.

Era o que a tinha a dizer.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Brilhante pronunciamento sobre a história da criação da Faculdade de Medicina da Bahia, a primeira, que coincide com a vinda de D. João VI. Daí se irradiou o ensinamento médico. Ressalte-se que o primeiro Senado da República só tinha dois médicos. De 42 membros brasileiros, 22 eram da área de justiça, 10 militares, sete eclesiásticos, dois médicos e dois da área do campo. Hoje temos um número bem superior. Somos, salvo engano, seis médicos neste Senado da República.

Convidamos para usar da palavra o Senador pelo Piauí... Está cedendo para quem?

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Eu vou fazer uma pergunta...

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Temos dois Senadores: o nosso Senador de Roraima e o Senador de São Paulo.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – De Roraima.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Roraima, Boa Vista. O Piauí cede a palavra para o Senador de Roraima. Depois da gentileza do Senador piauiense – eu não poderia dizer da outra gentileza pelo exemplo, que arrasta –, V. Ex<sup>a</sup> usar da palavra pelo tempo que julgar conveniente.

**O SR. MOZARILDO CAVALCANTI** (PTB – RR. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Muito obrigado, Senador Mão Santa. Agradeço também ao Senador Heráclito Fortes pela gentileza de permutar o tempo comigo. É coincidência um Senador do Piauí presidindo a sessão e um Senador do Piauí me cedendo a vez. E eu estaria, amanhã, no Piauí, em Teresina, para me encontrar com os maçons daquele Estado, já que estamos em período de campanha para a eleição do cargo que corresponde à presidência nacional do Grande Oriente do Brasil, mas, infelizmente, motivo superior está fazendo com que eu adie essa viagem. Mas irei até lá com muito prazer. Falei com o meu Mestre e com o Vice-Prefeito de Teresina, que também é maçom. Oportunamente estaremos lá.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, gostaria, hoje, de fazer uma análise dessa celeuma sobre CPI Mista, CPI do Senado, essa questão da apuração; uma CPI que está funcionando, a das ONGs, outra que vai se instalar: essa polêmica CPI dos cartões corporativos.

Preocupo-me, Sr. Presidente, porque tive oportunidade de presidir a primeira CPI das ONGs, que se instalou no Senado, no ano de 2002, e depois fui Vice-Presidente da CPI dos Bingos. Essa participação me levou à conclusão, Sr. Presidente, de que esse modelo de constituição das comissões parlamentares de inquérito não funciona. Não funciona porque elas estão politizadas. Assim como no Conselho de Ética não deveria haver a politização da sua composição, não deveria haver também a politização da composição das comissões parlamentares de inquérito. Ali deveriam estar representados todos os partidos de maneira igual. Não é como uma comissão temática, a Comissão de Educação, a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, a Comissão de Desenvolvimento Regional, que, essas sim, devem ter representação política, devem representar a maioria, de acordo com a votação que o povo deu a cada partido.

No caso das CPIs e do Conselho de Ética não poderia haver isso, porque se trata de investigar, de julgar e, portanto, não poderia haver essa questão da força política de um partido “x”, somada a outros partidos “y” e “z”, formar a maioria política e politizar a investigação e o julgamento.

Então, não é realmente cabível, não é lógico que Conselho de Ética e comissões parlamentares de inquérito tenham a sua composição feita de acordo com o peso numérico, partidário, nesta Casa nem na Câmara, porque então estamos fazendo de conta que investigamos, fazendo de conta que julgamos.

É verdade que muitas CPIs terminaram bem e deram conseqüências. A própria CPI das ONGs que eu presidi indicou dez instituições que, na verdade, estavam fazendo malversação de dinheiro público e que de não-governamental não tinham nada. Elas se constituíam para pegar dinheiro e, o que é pior, desviar, roubar esse dinheiro. Mais grave ainda: ONGs que eram constituídas, por exemplo, para prestar assistência à saúde dos índios, na verdade, roubavam dinheiro da saúde dos índios. Agora, a CPI das ONGs que está funcionando tem confirmado tudo isso que constatamos lá atrás, em 2002.

A imprensa, de um modo geral, a partir daquela CPI, passou realmente a olhar e a investigar melhor essas instituições, porque, antes, elas eram tidas como entidades sacrossantas, pessoas acima do bem e do mal que se uniam para praticar o voluntariado. Mas hoje o Tribunal de Contas já constatou que de voluntariado elas não têm nada. As pessoas ganham dinheiro; fazem convênios ilícitos, sem capacidade técnica para exercer essas funções.

Agora, vem essa questão dos cartões corporativos. De novo vem aquela história: “Ah, mas isso se

fazia nos outros Governos”. Parece aquela história de menino que, quando faz alguma coisa errada e o pai vai brigar, alega que o irmão também fez, como se o erro do outro justificasse o seu erro.

O Presidente Lula, que foi eleito pela maioria esmagadora do povo brasileiro, um povo que queria mudanças, pregava mudanças e, sobretudo, a questão da ética e da moral. E o que está se vendo? Um escândalo atrás do outro. O Congresso, é verdade, apurou na CPI dos Correios, por exemplo e terminou descobrindo a questão do mensalão. Hoje, felizmente, estão sendo processados pelo Supremo Tribunal Federal.

Mas nós temos de mexer na ferida. Nós, que somos médicos, temos sempre essa convicção. Não adianta dar paliativos, se uma pessoa está com dor, não adianta apenas dar analgésico. Muito bem, o analgésico alivia aquela dor momentânea. Mas por que ela está com dor? Ela vai voltar, daqui a uns dias, com dor de novo, se não tiver tratado a causa da dor.

No caso específico das CPIs e do Conselho de Ética, tínhamos de nos debruçar e mudar essa questão. Eu sei que vai ser difícil isso evoluir. Por quê? Porque os partidos maiores não querem ceder o seu poder. O PMDB não vai querer ceder, e os próprios partidos de oposição, PSDB e Democratas. Mas é uma pena que se veja apenas por esse viés pequeno da força política. E até, o que é pior, Senador Mão Santa, para agradar o presidente de plantão. Seja ele quem for.

A história das CPIs está aí, eivada disso. Há um pedido de CPI, o Governo tenta abafar, tenta evitar que ela se instale, e quando ela se instala, ele faz tudo para que não se apure, não se aprove requerimentos que possam causar qualquer tipo de constrangimento aos seus membros. Na CPI dos Bingos, foi alarmante o número de requerimentos feitos com base, com fundamento, e que foram rejeitados pela maioria do Governo.

Então, não pode haver uma instituição destinada a moralizar, a investigar as denúncias e a julgar os parlamentares agindo de maneira corporativa, porque, no fundo, é isso. Se alguém é de um partido majoritário aqui, do PMDB, por exemplo, de V. Ex<sup>a</sup>, dificilmente essa pessoa vai ser investigada. Se é do partido aliado do Presidente da República, se é amigo do Presidente da República, não vai ser devidamente investigado e julgado.

Então temos de mudar. Eu tenho uma proposta já apresentada com relação ao Conselho de Ética, que está andando a passos de tartaruga, e vou apresentar uma outra com relação às comissões parlamentares de inquérito. Porque aí estaríamos resolvendo o problema na causa. Não vamos querer, lógico, que um partido que só tenha um Senador tenha a mesma representa-



tividade de um partido que tem trinta Senadores. Mas, de acordo com o nosso Regimento, um partido que tem, por exemplo, três Senadores tem direito à liderança, tem direito à participação em comissões e tudo. Então, vamos adotar esse número mínimo: quem tem de três Senadores para cima tem, portanto, a mesma participação tanto no Conselho de Ética quanto nas comissões parlamentares de inquérito. Se fizermos isso, estaremos dizendo à população que realmente queremos, como se fala tanto transparência; queremos, de fato, agir de maneira honesta; queremos, de fato, passar a limpo essa história. Penso que, se não fizermos isso, é muito difícil que alguém seja investigado e principalmente que o governo seja investigado.

Ora, chegamos ao ponto – é até risível – de o Governo constituir uma comissão parlamentar de inquérito para se investigar. E a primeira assinatura colhida foi do Líder do Governo. Quer dizer, não foi nem um Senador da base aliada, não, foi o Líder do Governo.

Então, essa questão do faz-de-conta que investiga, do faz-de-conta que pune só acabará no dia em que tivermos esse tipo de Conselho de Ética e de Comissão Parlamentar de Inquérito que tenha o mínimo de isenção, o mínimo de igualdade de participação de todos os partidos, sem, portanto, partidizar nem politizar tanto a investigação quanto a punição.

Então, era este o assunto que queria trazer à reflexão no momento em que um assunto tão sério como a questão dos cartões corporativos merece ser investigada. Espero que o Ministério Público avance rapidamente nisso, que a Polícia Federal vá rapidamente nisso também, que não deixe a peteca só com o Congresso e vá investigar. Esse é um crime contra o Brasil, e não adianta, repito, fazer como um menino malcriado e dizer que errou porque o fulano errou também.

Os aliados do Presidente Lula têm de acabar com essa história de dizer que, porque houve no Governo passado mensalão, financiamento indevido, caixa dois para os partidos, pode ser feito agora; houve erros nos cartões corporativos no passado, está justificado agora. Não está, não. Ele mais do que ninguém tinha de dar esse exemplo de moralidade e de transparência nas coisas do Governo, começando pelas mínimas. Mas essa questão dos cartões corporativos não é nada mínima. Há também as viagens fantasmas, que estamos vendo na Imprensa, de servidores públicos que saem no fim de semana com diárias pagas para viagens de trabalho que não existem.

Então, quero deixar o meu protesto e as minhas sugestões para que mudemos tanto a composição como a prática do Conselho de Ética e das Comissões Parlamentares de Inquérito.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Aproveitamos – eu e o Heráclito Fortes, que cedeu a vez a V. Ex<sup>a</sup> – para falar ao povo do Piauí. Também falo em nome de João Vicente, justamente porque o Vice-Prefeito é do partido dele e de V. Ex<sup>a</sup>, uma figura extraordinária: Elmano Férrer.

O Piauí tem uma Maçonaria muito pujante. Não vou citar nomes porque conheço vários e poderia esquecer alguém, mas é uma elite de virtudes. Na capital, nas maiores cidades, na minha cidade, tenho a honra de ter uma entidade maçônica com o nome de um tio meu – Francisco de Moraes Corrêa.

Essa instituição secular, que é grande em todo o mundo, foi grande na história deste País, com Gonçalves Ledo estimulando a nossa independência, com Rui Barbosa na Proclamação da República. E quero dizer ao Piauí e ao Brasil que, mesmo não sendo maçom, tenho uma admiração extraordinária principalmente pelo maçom Mozarildo Cavalcanti. Quero dar o testemunho de que, nesses cinco anos aqui, os melhores dias foram quando o Mozarildo fez o chamamento e enriqueceu este Parlamento com a presença dos maçons.

Então, aqui invocamos o Piauí de tradição cristã, pois na Bíblia está escrito: “Pedi, e dar-se-vos-á.” Eu, o Senador da República Heráclito Fortes e João Vicente pedimos todos os votos do Piauí ao Líder maçônico maior que conhecemos: Mozarildo Cavalcanti.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC) – Presidente, enquanto o Senador Heráclito Fortes se dirige à tribuna, eu pediria para fazer um pequeno registro.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Só dá Piauí aqui. V. Ex<sup>a</sup> nasceu no Piauí e é assim o filho pródigo que queremos de volta. V. Ex<sup>a</sup> tem a palavra.

**O SR. SIBÁ MACHADO** (Bloco/PT – AC. Pela ordem. Sem revisão do orador) – Muito obrigado, Sr. Presidente.

No sábado passado, realizamos no Estado do Acre um evento com três grandes objetivos. O primeiro era comemorar os 28 anos do Partido dos Trabalhadores. O segundo objetivo foi dar um grande abraço fraterno e comemorar o aniversário de 50 anos da Ministra Marina Silva. E o terceiro objetivo foi dar posse a todos os presidentes de diretórios municipais e do presidente do diretório estadual do PT do Acre.

Faço isso, Sr. Presidente, porque fui o presidente do diretório do PT no Estado do Acre por seis anos, em dois mandatos consecutivos. E quero, em primeiro lugar, agradecer aqui a todos aqueles que me ajudaram naquele momento. Tentei ao máximo dar a minha contribuição. E acho que é um dos bons relacionamentos o que foi construído entre o nosso Partido e os Partidos que compõem a aliança política que governa o Acre já

há 18 anos. Essa aliança, que nasceu em 1990, governa 20 dos 22 Municípios do Estado e detém cerca de 70% dos 205 vereadores a que o Estado tem direito. O PT conta hoje com cerca de 60 vereadores. Temos onze prefeitos; elegemos sete deputados estaduais na Assembléia Legislativa – a maior bancada, por sinal –; elegemos três deputados federais; elegemos o atual Governador, Binho Marques. O PT está no terceiro mandato consecutivo no Estado do Acre e possui duas cadeiras do Senado Federal, além da Ministra Marina Silva e de lideranças do porte de Jorge Viana e Tião Viana, e assim por diante.

Então, é um legado político que considero muito importante. E no meio disso tudo tentamos prestar um grande trabalho a nossa sociedade acreana, para que nosso Estado seja visto e lembrado por todo o País pelos bons feitos da luta que o nosso povo tem desde o final do século XIX.

Quero desejar sucesso total à nova direção, especialmente ao Presidente que acaba de assumir, Leonardo de Brito, um jovem que, como ele mesmo diz, nasceu praticamente dentro das salas de reuniões do PT, porque a sua idade é praticamente igual à do Partido dos Trabalhadores.

Sr. Presidente, agradeço a todos os militantes que compareceram àquele ato, cerca de 1.300 pessoas, mais os convidados de todos os partidos que compõem a nossa aliança política, lembrando aqui os nomes de Edvaldo Magalhães, Presidente da Assembléia Legislativa, e César Messias, que é o atual vice-Governador, como também dos demais partidos.

Nessa emoção toda, como foi uma festa maravilhosa, coloco-me à inteira disposição da nova direção para a sua missão. Reputo isso a todos os demais diretórios do Partido dos Trabalhadores, em âmbito estadual, e também na nova Direção Nacional do PT.

Então, era esse o registro que queria fazer, Sr. Presidente, mais uma vez dizendo que fico honrado pelo legado político que estamos construindo e agradecendo pela ajuda que tive quando fui presidente do Partido no Estado por seis anos consecutivos.

Muito obrigado por ter-me concedido o tempo.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – A Mesa se associa ao aniversário do Partido dos Trabalhadores. No Piauí, ele também tem uma história de grandeza. A maior Líder mulher da história do Piauí, de quem todos nós temos saudades, é a ex-Deputada Federal Francisca Trindade. Temos o Deputado Federal Nazareno Fonteles, uma pessoa de grande ética e, na minha cidade, ele comemorava ontem e eu estava presente, e quero render uma homenagem ao seu fundador Lourival, um grande Líder. Então, vamos dizer, ele enriquece a democracia.

E, agora, continuando a grandeza do Piauí, nós convidamos para usar da palavra o Senador Heráclito Fortes.

V. Ex<sup>a</sup> terá o tempo que entender conveniente.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, o Senador Mozarildo valeu-se da precedência do uso da tribuna e instigou-me a mudar o assunto original, Senador Sibá Machado, sobre o qual eu falaria esta tarde, para abordar a instalação e o funcionamento de CPIs nesta Casa.

Em primeiro lugar, foi com perplexidade que li matérias, em vários jornais do País, dizendo que a CPI das ONGs recomeçaria com um “acordão”. Quero dizer que a minha estranheza é porque, a pedido do Presidente da CPI, Senador Raimundo Colombo, tivemos uma reunião no Gabinete do Senador Sibá Machado. Deixo bem claro que foi meramente por questões geográficas. Era o gabinete mais próximo. Poderia ter sido em qualquer outro gabinete. Nós nos reunimos para discutir a reabertura dos trabalhos da CPI. Participaram V. Ex<sup>a</sup>, Senador Sibá Machado, o Presidente Raimundo Colombo, o Relator Inácio Arruda e eu, somente. Fomos discutir procedimentos, como se faz em toda e qualquer CPI. A única coisa que fizemos, Senador Mozarildo, foi, em determinado momento – e quero crer até que tenha sido uma sugestão minha –, de que se comesse a votar os requerimentos que eram consensuais. Mas entre isso e um acordo, existe uma diferença muito grande. Por que votar os requerimentos consensuais? Para que a CPI comece a funcionar de fato a partir de quarta-feira. E, como se faz em toda CPI, quando há assuntos polêmicos em que se sabe não haver consenso, procura-se votá-los quando há maioria e quando há o clima para aquela votação. Foi única e exclusivamente – o Senador Sibá Machado aqui está – do que tratamos naquela reunião. Até porque somente ali tomamos conhecimento de que a Assessoria Técnica do Senado fez um bom trabalho durante o período de recesso, coletando dados sobre algumas ONGs que são acusadas de irregularidade.

De forma que quero apenas deixar esse registro, porque não gostaria de que se passasse a impressão de que colaborei ou participei de uma reunião com objetivo que não fosse republicano, como dizia até bem pouco tempo o Ministro Márcio Thomaz Bastos.

Ninguém propôs nada, absolutamente nada, além do que se criar uma pauta prévia para quarta-feira. E, partir daí, se criarão grupos de trabalho ou o que for necessário. Inclusive, em determinado momento, o Senador Sibá Machado disse “no que não der, vamos para o pau”, numa expressão de que se irá discutir, disputar e votar. Quero deixar isso bem claro, para que

não haja essa dúvida. Achei estranha a divulgação de uma reunião de apenas quatro Senadores cujo assunto ficou restrito a isso.

V. Ex<sup>a</sup>, Senador Sibá, pode me lembrar mais, mas, ao que me consta, quando saímos, sequer havia imprensa.

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – Nem na ida, nem durante, nem na volta. Desconheço por que houve esse tipo de notícia e até estranho colocar em dúvida V. Ex<sup>a</sup>, que sempre foi um dos grandes lutadores por esse tipo de trabalho e insistiu tanto na criação dessa CPI. O Presidente tem sido firme em suas posições. Tenho tentado deixar claro também que estou convencido de algumas posições, mas tenho procurado fazer a defesa no momento adequado. V. Ex<sup>a</sup> lembra bem que os requerimentos em relação aos quais não há problemas são votados por consenso imediato. Em relação aos que tiverem problemas, certamente na hora de serem apresentados haverá o debate e irão a voto...

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Foi exatamente para que ela tivesse musculatura inicial. Foi única e exclusivamente isso, porque, no período de recesso, o tempo de contagem da CPI ficou parado e vai ser restabelecido.

Eu não sei tecnicamente se o restabelecimento é a partir...

**O Sr. Sibá Machado** (Bloco/PT – AC) – Do primeiro dia de trabalho dela, ou da Casa. Eu também não entendo.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM – PI) – Essas coisas nós vamos ver. Mas a nossa preocupação foi, ao contrário, nos anteciparmos à data exatamente para que não houvesse perda de tempo. E sabe, meu caro Senador Sibá, que se houvesse uma proposta de um acordo desse, aí, sim, eu teria vindo, teria prestado esclarecimento, porque jamais compactuaria, pela minha história, pelo meu temperamento, com um fato dessa natureza. Estou dizendo isso para que se faça justiça. Inclusive nós estávamos ali como participantes, mas há um relator e um presidente, e não vi na intenção, nem de um nem de outro, quero ser justo, nenhuma movimentação nesse sentido. Quero deixar isso bem claro para que as interpretações não fiquem por aí, Senador Sibá.

Dizia o velho Ulisses que o raio de ação da calúnia é dez vezes maior do que o desmentido. Eu não quero taxar de calúnia o que foi trazido, mas acho que foi uma informação mal passada e quero crer até que sem nenhuma intenção, porque, se foi mal intencionada, eu me questiono: com que objetivo? Porque o que fizemos até foi uma reunião sem nenhuma força legal; foi uma reunião informal, juntando quatro

membros de uma comissão de onze membros, mais suplentes e tudo. Nada do que decidíssemos ali teria algum valor legal.

Nós apenas trocamos idéias e apresentamos essa proposta, a qual espero que os companheiros da comissão acatem e nós possamos, a partir de quarta-feira, fazer com que essa CPI funcione. Aliás, quero deixar bem claro que CPI com acordo dessa natureza não funciona de maneira alguma. E a sociedade está aí ativa, atenta, Senador Mão Santa, vendo os nossos passos.

De modo que isso é inaceitável e inadmissível, e isso serve tanto para a CPI das ONGs quanto para a esta CPI dos Cartões Corporativos. Esta última tem um componente mais grave, porque foi pedida pelo Líder do Governo no Senado, Senador Romero Jucá. Não é uma CPI qualquer, pois ela já nasce com a chancela oficial do Governo. A maior vergonha será para o próprio Governo se uma CPI proposta por ele mesmo tiver um fim nostálgico, com o seu próprio Líder e sua própria base fazendo manobras para que ela não funcione.

Quero deixar isso bem claro, Senador Mão Santa, e dizer que o Brasil que nos assiste e nos escuta pode ficar absolutamente tranqüilo. Partindo de mim, individualmente, e tenho certeza de que de todos os membros, isso jamais ocorrerá. As CPIs instaladas, principalmente a proposta por mim, a CPI das ONGs, que bateu todos os recordes de assinaturas aqui – apenas seis Senadores não colocaram os seus nomes –, é uma CPI necessária para um País que vê sair pelo ralo todos os dias milhões e milhões de recursos desviados para dar respaldo a uma atividade, que é nobre.

Nós queremos, nada mais, nada menos, fortalecer um sistema que pode ser útil e positivo para nosso País. Faço os esclarecimentos e espero, Senador Sibá Machado, que, colocando de lado nossas divergências e posições políticas, lutemos para que os esclarecimentos que a sociedade brasileira deseja sejam apurados e possamos ter a consciência tranqüila de que cumprimos o nosso dever.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI) – Convidamos a usar a palavra, como último orador inscrito, o Senador Eduardo Suplicy, do PT do Estado de São Paulo.

V. Ex<sup>a</sup>, em respeito a sua liderança e ao aniversário do Partido, pode usar o tempo que achar conveniente. E tem a minha gratidão, pois, quando eu governava o Piauí, V. Ex<sup>a</sup> nos ajudou a transitar e a conquistar os recursos para o Prodetur, mostrando que mesmo com Parlamentares de partidos opostos V. Ex<sup>a</sup> age com grandeza nesta Casa.

**O SR. EDUARDO SUPLICY** (Bloco/PT – SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Muito obrigado, Sr. Presidente Senador Mão Santa. Meu respeito a V. Ex<sup>a</sup>.

Eu gostaria, inicialmente, de dizer que na última sexta-feira visitei, no Hospital Albert Einstein, o Senador Aloizio Mercadante, do Partido dos Trabalhadores por São Paulo. Ele se encontra melhor. No último sábado, pôde ir para casa. Está se recuperando de uma situação bastante delicada, que o deixou no hospital por duas semanas.

Ele já está, felizmente, tendo o repouso necessário agora em sua residência, em companhia de toda a família. E os sinais são alvissareiros de que poderá em breve estar novamente conosco, realizando o excelente trabalho aqui, no Senado Federal, inclusive como Presidente da Comissão de Assuntos Econômicos. Certamente, como economista, tão interessado num assunto como o da mensagem de reforma tributária que deverá chegar nesta semana, dia 21, coincidindo – avalio – com a volta dele aos trabalhos regulares, com toda energia e dedicação.

À Regina, aos seus filhos e ao próprio colega Senador Aloizio Mercadante, os nossos votos de pronta recuperação.

Também transmito os meus votos para que o Senador Jonas Pinheiro, que se encontra em situação grave, segundo o boletim médico de hoje, se possível, possa recuperar-se e estar conosco novamente, contribuindo com sua família e o povo de Mato Grosso. A nossa oração para a plena recuperação do Senador Jonas Pinheiro.

Gostaria, Sr. Presidente, de assinalar, como o fizeram a Senadora Ideli Salvatti, nossa líder, e o Senador Sibá Machado, a importância da pesquisa realizada pela CNT/Sensus, pesquisas de opinião pública nacional, em cinco regiões do País, 24 Estados, 136 Municípios, 2.000 entrevistas, que assinalaram que a avaliação positiva do Presidente Lula e de seu Governo está no mais alto nível desde assumiu o Governo pela primeira vez em 2003.

São números alvissareiros que denotam o fato de que a economia está crescendo ao ritmo de 5% ao ano; que a inflação se encontra sob controle, abaixo de 5%; que o nível de emprego tem aumentado muito significativamente com mais de 1.300 oportunidades de empregos formais criados em 2007; que o volume de reservas externas ultrapassou em dezembro US\$180 milhões, mais do que o dobro da dívida externa pública e praticamente o mesmo montante da dívida externa total brasileira; que houve um aumento muito significativo da eficiência dos programas de transferências de renda, inclusive do Programa

Bolsa-Família, em que 11 milhões de famílias estão inscritas, correspondendo a praticamente 1/4 da população brasileira.

Todos os indicadores do IBGE, de pesquisadores, indicam que houve uma melhoria da equidade e uma diminuição da erradicação da pobreza absoluta.

O Programa de Aceleração do Crescimento está criando também um ambiente favorável. É importante nessa avaliação – acredito que contribuiu para isso – a disposição do Presidente Lula em responder com maior frequência a imprensa, dialogar com ela; a disposição dele em esclarecer mesmo episódios polêmicos, tais como o dos cartões corporativos, bem como a importância de se colocar isso no Portal da Transparência, e a própria iniciativa, que avalio como positiva, do Líder Romero Jucá de, no primeiro dia dos nossos trabalhos aqui, dizer que o Governo é favorável, sim, à realização da CPI, para que se esclareçam todos esses episódios.

V. Ex<sup>a</sup>, Senador Mão Santa, muitas vezes, tem sido um crítico severo do Presidente Lula. E o Presidente Lula tem ressaltado que as críticas são positivas, para que seja chamada a atenção de pontos ou de algo que não esteja tão bem. Mas essa pesquisa da CNT e da Sensus, encomendada pela CNT e executada pela Sensus, traz dados de uma avaliação muito positiva.

Mas eu gostaria, Sr. Presidente, Senador Mão Santa, de, neste início de noite, falar a respeito das principais alterações promovidas na legislação de licitações e contratos administrativos pelo substitutivo da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal ao Projeto de Lei da Câmara nº 32, de 2007.

Esse projeto de autoria do Poder Executivo foi encaminhado à Câmara dos Deputados em janeiro do ano passado, em 2007, como uma das medidas legislativas integrantes do Programa de Aceleração do Crescimento. A proposta do Governo reuniu um conjunto de alterações tópicas à Lei nº 8.666, de 1993, Lei Geral de Licitações e Contratos Administrativos, com o objetivo de adequar as licitações e contratações governamentais às novas tecnologias de informações presentes no cenário brasileiro atual, bem como atender aos princípios de transparência, economicidade e celeridade das contratações governamentais, com vistas a tornar o processo licitatório concomitante com as melhores práticas mundiais.

Entre as medidas originalmente previstas no PLC, estão a obrigatoriedade do pregão para a aquisição de bens e serviços comuns, que passa a ter definição legal; a permissão de que haja inversão das fases em todas as modalidades de licitação; a diminuição dos prazos recursais; a atribuição de caráter oficial à publicação de atos relativos às licitações realizadas em

sítios eletrônicos da Administração Pública, a qual dispensará a publicação na imprensa oficial; a permissão do uso de sistemas eletrônicos em todas as modalidades de licitação; a criação do cadastro nacional de registros de preços, disponível a todos os órgãos e entes públicos das três esferas da Federação; a proibição de que participem de licitações e celebrem contratos com a administração empresas que tenham entre seus diretores pessoas punidas na forma da Lei nº 8.666, de 1993, por irregularidades em licitação ou em contratos administrativos, enquanto perdurarem os efeitos da sanção.

O projeto sofreu diversas modificações na Câmara dos Deputados e no Senado, para onde foi encaminhado em maio de 2007, havendo sido analisado pelas Comissões de Constituição e Justiça, de Ciência e Tecnologia e de Assuntos Econômicos, e pode-se dizer que o texto aprovado pela Câmara, as emendas e o substitutivo produzido no Senado ampliaram significativamente o âmbito das alterações inicialmente previstas pelo projeto na Lei nº 8.666.

Demais disso, o substitutivo da CAE à proposição, cuja relatoria nos coube, promoveu mudanças nas Leis 10.520, de 2002, a Lei do Pregão, e na Lei 8.443, de 1992, a Lei Orgânica do Tribunal de Contas da União.

O projeto encontra-se pendente de votação pelo plenário do Senado. Trata-se de uma das principais decisões que tomaremos, Senador Mão Santa, nestas próximas semanas.

As mudanças realizadas pelo Congresso no texto original da proposição, e que representam substancial aperfeiçoamento na legislação que hoje disciplina as licitações e contratos da administração, serão sumariadas a seguir, com a indicação dos princípios regedores do certame e contratos administrativos nos quais elas se inspiram. Como base, utilizaremos o texto do substitutivo aprovado pela CAE em 23 de outubro passado.

Quanto mais a legislação estiver em compasso com os princípios diretores do processo licitatório, menor será o espaço deixado para administradores inescrupulosos ou empresas desonestas se favorecerem indevidamente em detrimento do Erário.

Evidentemente, o problema da corrupção não se resolve apenas em nível legislativo, havendo necessidade de que as boas normas sejam efetivamente aplicadas.

A participação dos órgãos de controle e do público em geral na fiscalização dos atos do Poder Público é fundamental para que o combate à corrupção se torne exitoso.

Passemos ao exame do substitutivo, com foco nas inovações que visam a concretizar os princípios regentes da licitação. Então, as principais modificações que fizemos aqui são:

1) Permissão de que todas as modalidades de licitação sejam processadas por meio de sistemas eletrônicos que permitam a comunicação pela Internet;

2) Obrigatoriedade da adoção do pregão em licitações do tipo “menor preço” de valor até R\$3,4 milhões, vedado o uso dessa modalidade nas licitações do tipo “melhor técnica” e para contratação de serviços profissionais técnicos especializados de natureza predominantemente intelectual;

3) Permissão do uso da modalidade pregão nas licitações de tipo “técnica e preço”;

4) Previsão de procedimento semelhante ao do pregão nos leilões para alienação de bens móveis ou imóveis de valor superior a R\$3,4 milhões;

5) Proibição de que, nas licitações do tipo “técnica e preço”, o total de pontos obteníveis pela proposta técnica seja superior ao total de pontos obteníveis pela proposta de preço;

6) Possibilidade de inversão completa das fases de habilitação e julgamento em licitações do tipo “menor preço” e do tipo “técnica e preço”, e de inversão parcial nas licitações para contratação de obras e serviços de engenharia;

7) Exigência de projeto executivo prévio às licitações de obras e serviços de engenharia;

8) Inclusão de Anotações de Responsabilidade Técnica (ART) como item obrigatório do orçamento detalhado integrante dos projetos básicos de obras;

9) Redução dos limites de acréscimos ou supressões nos contratos administrativos, com vedação de compensação entre acréscimos e supressões para fins de cálculo do montante de alteração nos contratos e de inclusão de bens ou serviços diversos dos previstos na contratação;

10-11) Dispensa de publicação dos editais de licitação na imprensa oficial quando eles forem disponibilizados no sítio eletrônico da Administração Pública, bem como dispensa da publicação dos editais em jornais de grande circulação, para licitações de valor até 2,5

vezes o limite da modalidade convite, quando se der a sua publicação na imprensa oficial;

12) Manutenção de registros cadastrais de licitantes, para efeito de habilitação pela União, Estados e Municípios, fiscalizados por comissão integrada por representantes da sociedade civil, tribunais de contas, conselhos fiscalizadores de profissões e associações sindicais;

13) Criação do Cadastro Nacional de Registro de Preços, sob responsabilidade da União e disponível em seu sítio eletrônico oficial;

14) Permissão para que os editais de licitações prevejam a arbitragem como forma de resolução dos conflitos contratuais com a Administração;

15) Participação, na fase de julgamento de propostas, dos licitantes inabilitados que tenham apresentado recurso, o qual passa a ser julgado ao fim do processo licitatório;

16) Possibilidade de aplicação, pelos Tribunais de Contas, das sanções de declaração de inidoneidade e de suspensão temporária do direito de participar de licitação e celebrar contrato com a Administração;

17) Fixação, em no máximo 90 dias, do prazo de vigência das medidas cautelares do Tribunal de Contas da União que suspendam ato ou procedimento administrativo;

18) Proibição de que participem de licitações empresas que tenham entre seus diretores ou proprietários pessoas às quais hajam sido aplicadas as sanções de declaração de inidoneidade ou de suspensão temporária do direito de participar de licitações ou celebrar contratos com a Administração;

19) Fixação de percentual mínimo de 10% sobre o valor do contrato para a multa por seu descumprimento;

20) Criação do crime de fraude à licitação, em prejuízo da Fazenda Pública, no caso de contratação de obras e serviços de engenharia, por elevação arbitrária de preços, alteração da substância, qualidade ou quantidade dos serviços executados, ou maior onerosidade da proposta ou da execução do contrato.

Como podemos visualizar, em conclusão, nos comentários às principais inovações promovidas pelo Substitutivo da CAE, a legislação sobre licitações e contratos administrativos será sobremaneira aperfeiçoada com a sua aprovação. Além das alterações relacionadas, há uma maior eficiência e agilidade no processo licitatório, bem como sua adaptação aos novos recursos de tecnologia da informação.

O Senador Mão Santa deve se lembrar que, quando, em 1993, o Senado Federal, o Congresso Nacional, aprovou a Lei nº 8.666, não havia ainda a utilização tão intensa quanto hoje da Internet, bem como o uso do pregão eletrônico. Então, são inovações que adaptam aquela lei à nova tecnologia vigente.

O substitutivo contempla novas regras, com repercussão direta sobre os principais problemas verificados nos certames promovidos atualmente e que atuam no sentido de reduzir a ocorrência de dirigismo nas licitações, de punir mais eficazmente os administradores, licitantes e contratados que infringirem a lei, de diminuir a discricionariedade administrativa, de assegurar maior acesso a informações por parte dos cidadãos e, sobretudo, de reduzir os valores dos contratos celebrados pela Administração Pública, permitindo-lhes selecionar propostas efetivamente mais vantajosas.

Gostaríamos de formular duas observações finais, deixando-as para reflexão de todos: não é desconhecido por ninguém que grande parte das irregularidades observadas nos contratos públicos, seja em número, seja em volume de recursos envolvidos, dizem respeito a obras e serviços de engenharia.

Nosso trabalho na relatoria do PLC nº 32, de 2007, foi árduo, sobretudo no tocante às iniciativas de transpor para as licitações de obras os aspectos procedimentais positivos da modalidade pregão. Encontramos resistência de alguns setores, muito embora contássemos com o apoio de órgãos de controle como o Tribunal de Contas da União, do Governo Federal e dos governos estaduais, inclusive do Governo do Estado de São Paulo, do Governador José Serra, bem como da opinião pública. Infelizmente, nem todos os avanços por nós propugnados foram acolhidos pela CAE. Nessa linha, poderíamos citar o processo diferenciado de inversão de fases para as licitações de obras, o qual, a nosso ver, representa um retrocesso e importa a anulação dos benefícios associados à inversão de fase, nos certames que têm por objeto obras e serviços de engenharia.

Sem negarmos que a maior parte dos aperfeiçoamentos trazidos pelo substitutivo foram acolhidos pela CAE, acreditamos ser possível resgatar, no plenário do Senado, aqueles que não lograram contar com o apoio da maioria dos membros da Comissão. Para tanto, faz-se mister a mobilização dos diversos atores sociais, das entidades fiscalizadoras, dos governos municipais, estaduais e federal, dos órgãos de imprensa e da população em geral. Não temos dúvidas de que, havendo amplo consenso social em torno das alterações sugeridas para a legislação de licitação de contratos, o Plenário do Senado será receptivo a ela.

Gostaria até de assinalar que ainda hoje o jornal *Valor Econômico*, em reportagem da Mônica Izaguirre, justamente chama atenção para o tema da inversão de fases, conforme ela aqui explicita. Na opinião da Sr<sup>a</sup> Adriana Castro, do Ministério do Planejamento, será importante – o Senador Francisco Dornelles fez a proposta de emenda anulando o que havíamos previsto com respeito à inversão de fases – que isso possa ser revertido aqui no Senado.

Aqui vou ler esse trecho da reportagem e, pedindo para ser transcrita na íntegra:

“A grande dúvida é se a exigência de pré-qualificação alcança as licitações de obras e serviço de engenharia que forem feitas por pregão, atualmente essa é a única modalidade de licitação em que a disputa de preços já vem antes da análise da condição técnica e financeira dos licitantes quando esta se faz necessária. A inversão de fases é justamente uma característica que o . diferencia das outras modalidades. Outra característica do pregão, espécie de leilão reverso, é que cada licitante pode reduzir seu preço sucessivas vezes, na medida em que conhece o dos demais. O mesmo não ocorre nas modalidades concorrência, tomada de preços e convite, onde cada empresa só apresenta uma proposta.

O Senador Dornelles entende que a sua emenda alcança sim o pregão e esse foi um dos motivos de sua proposição, afirma. Já o Ministério do Planejamento, onde se originou o projeto, entende que não, informa a assessora Adriana Castro.

A Câmara brasileira de Indústria e Construção, que representa boa parte do empresariado afetado pelas mudanças, defende a interpretação do Senador. Nos debates, a entidade foi uma das que mais batalhou para limitar o uso do pregão e a inversão de fases em licitações de obras e serviços de engenharia. Mas admite que há uma controvérsia, inclusive, entre juristas, o vice-presidente da Câmara brasileira de Comércio, José Carlos Martins, conta que, ao consultar profissionais de direito, encontrou interpretações divergentes inclusive entre advogados de um mesmo escritório.

O trecho, introduzido no projeto pela emenda de Dornelles, faz referências às licitações de obras onde houver a inversão de fase, sem especificar a modalidade. Por isso, o Senador defende que, mesmo quando a seleção for por pregão, só empresas pré-qualificadas poderão disputar. De outro lado, a Sr<sup>a</sup> Adriana Castro argumenta que o pregão foi criado por lei específica e não pela Lei Geral de Licitações. Não

havendo referência específica nem ao pregão nem à Lei do Pregão, Adriana Castro entende que essa modalidade está fora da exigência criada pela emenda. Em seu entendimento [e esse é o meu entendimento também], se a comprovação de capacidade técnico-financeira não pode ficar para o final não é pregão. Então, impedir a inversão total de fases, na sua opinião [que é também a minha –, é o mesmo que proibir o pregão para obras e serviços de engenharia. Adriana interpreta que não é essa a determinação do texto aprovado pela CAE, até porque, em outro trecho, o substitutivo torna obrigatório o uso de pregão nas licitações de até R\$3,4 milhões.

Se atores tão importantes do debate estão fazendo leituras tão diferentes sobre o que de fato foi aprovado pela CAE, os Senadores precisam acabar com a dúvida na votação de plenário. Precisam deixar cristalino, no texto, qual é a regra afinal. Caso contrário, o que se desenha é um cenário de disputa nos tribunais, capaz de travancar as licitações de obras de infra-estrutura.

Sem definição clara, os gestores públicos tenderão a adotar a mesma interpretação no planejamento e a utilizar o pregão tal como esse processo é hoje. Muitos preferem assim porque a inversão de fases confere agilidade às licitações ao dispensar a análise da documentação de todos os licitantes (basta analisar o vencedor).”

Vou pedir que essa matéria seja transcrita na íntegra.

E gostaria, Sr. Presidente, de pedir que seja transcrito na íntegra o meu pronunciamento, ainda com mais detalhes, porque se fosse ler tudo que aqui preparei o pronunciamento seria de uma hora e três minutos, conforme a palestra que proferi sobre o tema na Câmara Americana de Comércio, a convite deles, para esclarecer esse ponto. Então sintetizei, mas tenho aqui a análise completa tal como tive a honra de fazer a palestra para todos os executivos, empresários da Câmara Americana de Comércio. Agradeço muito a gentileza do convite.

E para todos que estão interessados em acompanhar esse tema, que é um dos principais que iremos votar, é que peço a transcrição, na íntegra, de toda a palestra e não apenas do que eu disse aqui.

Muito obrigado, Senador.

**DOCUMENTOS A QUE SE REFERE O  
SR. SENADOR EDUARDO SUPLICY EM SEU  
PRONUNCIAMENTO.**

*(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno)*

## Como ficará o uso do pregão para obras?

Mônica Izaguirre

Proposta pelo governo em janeiro de 2007, a reforma da lei de licitações está em fase final de tramitação no Senado. Falta apenas a votação pelo plenário. Muitas alterações foram feitas após a aprovação pela Câmara dos Deputados. Se não quiserem criar um entrave aos investimentos públicos, no entanto, os senadores precisam modificar novamente o projeto. Prevalecendo o substitutivo adotado pela Comissão de Assuntos Econômicos (CAE), a nova lei tenderá a provocar efeito contrário ao desejado. Em vez de mais ágeis, os processos de seleção de fornecedores de obras e serviços ao setor público, que já são demorados, poderão ficar mais vulneráveis a contestações judiciais e, portanto, a um risco maior de morosidade.

A tramitação do projeto foi marcada pelo embate político entre os que querem e os que não querem limitar a possibilidade de inversão de fases e o uso do pregão nas licitações para contratação de obras e serviços de engenharia. A CAE não foi capaz de fazer uma opção clara o suficiente por uma das duas tendências. Tampouco conseguiu uma solução intermediária que conciliasse de forma coerente as preocupações e argumentos de ambos os lados, todos legítimos. O resultado foi um texto que está suscitando dupla interpretação.

Ao aprovar emenda do senador Francisco Dornelles (PP-RJ), a comissão exigiu que as licitações de obras e serviços de engenharia comecem pela verificação da capacidade técnica e econômico-financeira das empresas. Antes disso, as propostas de preço não poderão ser conhecidas, pois só as pré-qualificadas terão direito a fazer suas propostas comerciais. Isso significa restringir uma das principais inovações do projeto, que é a possibilidade de inversão de fases em qualquer modalidade de licitação. A emenda só permite transferir para o final do processo a análise da regularidade jurídica e fiscal das empresas (inversão parcial).

A grande dúvida é se a exigência de pré-qualificação alcança as licitações de obras e serviços de engenharia que forem feitas por pregão. Atualmente, essa é a única modalidade de licitação em que a disputa de preços já vem antes da análise da condição técnica e financeira dos licitantes - quando esta se faz necessária. A inversão de fases é justamente uma característica que o diferencia das outras modalidades. Outra característica do pregão, espécie de leilão reverso, é que cada licitante pode reduzir seu preço sucessivas vezes, na medida em que conhece o dos demais. O mesmo não ocorre nas modalidades concorrência, tomada de preços e convite, onde cada empresa só apresenta uma proposta.

O senador Dornelles entende que sua emenda alcança sim o pregão e esse foi um dos motivos de sua proposição, afirma. Já o Ministério do Planejamento, onde se originou o projeto, entende que não, informa a assessora parlamentar do órgão, Adriana Castro.

A Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), que representa boa parte do empresariado afetado pelas mudanças, defende a interpretação do senador. Nos debates, a entidade foi uma das que mais batalhou para limitar o uso do pregão e a inversão de fases em licitações de obras e serviços de engenharia. Mas admite que há uma controvérsia, inclusive entre juristas. O vice-presidente da CBIC, José Carlos Martins, conta que, ao consultar profissionais de direito, encontrou interpretações divergentes inclusive entre advogados de um mesmo escritório.

O trecho introduzido no projeto pela emenda de Dornelles faz referência às licitações de obras onde houver inversão de fases, sem especificar a modalidade. Por isso, o senador



defende que, mesmo quando a seleção for por pregão, só empresas pré-qualificadas poderão disputar. De outro lado, a assessora do Ministério do Planejamento argumenta que o pregão foi criado por lei específica e não pela lei (geral) de licitações. Não havendo referência específica nem ao pregão nem à lei do pregão, Adriana Castro defende que essa modalidade está fora da exigência criada pela emenda. No seu entendimento, se a comprovação de capacidade técnica e financeira não pode ficar para o final, "não é pregão". Então, impedir a inversão total de fases, na sua opinião, é o mesmo que proibir o pregão para obras e serviços de engenharia. Adriana interpreta que não é essa a determinação do texto aprovado pela CAE, até porque, em outro trecho, o substitutivo torna obrigatório o uso do pregão nas licitações de até R\$ 3,4 milhões.

Se atores tão importantes do debate estão fazendo leituras tão diferentes sobre o que, de fato, foi aprovado pela CAE, os senadores precisam acabar com a dúvida, na votação de plenário. Precisam deixar cristalino, no texto, qual é a regra, afinal. Caso contrário, o que se desenha é um cenário de disputa nos tribunais, capaz de travancar as licitações de obras de infra-estrutura.

Sem definição clara, os gestores públicos tenderão a adotar a mesma interpretação do Planejamento e a utilizar o pregão tal como esse processo é hoje. Muitos preferem assim porque a inversão de fases confere agilidade às licitações ao dispensar a análise da documentação de todos os licitantes (basta analisar o vencedor).

As entidades empresariais, por sua vez, tenderão a questionar essas licitações na Justiça. O pregão é mais usado hoje para aquisição de bens, embora não seja proibido para obras. A CBIC teme que, se estimular o uso dessa modalidade também em obras, o projeto abra espaço para que empresas aventureiras entrem nas disputas com preços inexequíveis, só para vencer e depois tentar um aditamento do contrato.

Seria hipocrisia não reconhecer que os empresários querem evitar que os pregões derrubem demais os preços. Mas também é preciso reconhecer que preços inexequíveis levam à paralisação de obras públicas, fazendo com que o barato acabe saindo caro.

Muitos gestores públicos rebatem dizendo que deixar essa etapa para o final não significa dispensar a comprovação de capacidade da empresa. O vencedor do pregão pode não conseguir se habilitar à assinatura do contrato, dando lugar ao segundo colocado. Os empresários alegam, por outro lado, que, uma vez conhecido o menor preço, cria-se um constrangimento em desclassificar o vencedor.

**Principais alterações promovidas na legislação de licitações e contratos administrativos pelo Substitutivo da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal ao Projeto de Lei da Câmara nº 32, de 2007**

### **Introdução**

O PLC nº 32, de 2007, de autoria do Poder Executivo, foi encaminhado à Câmara dos Deputados em janeiro deste ano, como uma das medidas legislativas integrantes do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). A proposta do governo reuniu um conjunto de alterações tópicas na Lei nº 8.666, de 1993, a Lei Geral de Licitações e Contratos Administrativos, “com o objetivo de adequar as licitações e contratações governamentais às novas tecnologias de informações presentes no cenário brasileiro atual, bem como atender aos princípios de transparência, economicidade, competitividade e celeridade das contratações governamentais com vistas a tornar o processo licitatório concomitante com as melhores práticas mundiais” (Exposição de Motivos nº 272/2006/MP).

Entre as medidas previstas originalmente no PLC nº 32, de 2007, destacam-se:

- a) a obrigatoriedade do pregão para a aquisição de bens e serviços comuns, os quais passam a ter definição legal;
- b) a permissão de que haja inversão das fases em todas as modalidades de licitação;
- c) a diminuição dos prazos recursais;

- d) a atribuição de caráter oficial à publicação de atos relativos às licitações realizada em sítios eletrônicos da Administração Pública, a qual dispensará a publicação na imprensa oficial;
- e) a permissão do uso de sistemas eletrônicos em todas as modalidades de licitação;
- f) a criação do Cadastro Nacional de Registros de Preços, disponível a todos os órgãos e entes públicos das três esferas da Federação;
- g) a proibição de que participem de licitações e celebrem contratos com a Administração empresas que tenham entre seus diretores pessoas punidas na forma da Lei nº 8.666, de 1993, por irregularidades em licitações ou contratos administrativos, enquanto perdurarem os efeitos da sanção.

O projeto sofreu diversas modificações na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, para onde foi encaminhado em maio de 2007, havendo sido analisado pelas Comissões de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ), de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática (CCT), e de Assuntos Econômicos (CAE). Pode-se dizer que o texto aprovado pela Câmara dos Deputados, as emendas e o substitutivo produzido no Senado Federal ampliaram significativamente o âmbito das alterações inicialmente previstas pelo projeto para a Lei nº 8.666, de 1993. Demais disso, o substitutivo da CAE à proposição, cuja relatoria nos coube, promoveu mudanças nas Leis nº 10.520, de 2002, a Lei do Pregão, e na Lei nº 8.443, de 1992, a Lei Orgânica do Tribunal de Contas da União.

Atualmente, o projeto encontra-se pendente de votação pelo Plenário do Senado. As mudanças realizadas pelo Congresso Nacional no texto original da proposição e que representarão substancial aperfeiçoamento na legislação

que hoje disciplina as licitações e contratos da Administração Pública, serão sumarizadas a seguir, com indicação dos princípios regedores dos certames e contratos administrativos nos quais elas se inspiram. Utilizaremos como base de análise o texto do substitutivo aprovado pela CAE em 23 de outubro passado.

Quanto mais a legislação estiver em compasso com os princípios diretores do processo licitatório, menor será o espaço deixado para administradores inescrupulosos ou empresas desonestas se favorecerem indevidamente, em detrimento do erário. Evidentemente, o problema da corrupção não se resolve apenas em nível legislativo, havendo necessidade de que as boas normas sejam efetivamente aplicadas. A participação dos órgãos de controle e do público em geral na fiscalização dos atos do Poder Público é fundamental para que o combate à corrupção se torne exitoso.

Feitas essas observações iniciais, passamos ao exame do substitutivo, com foco nas inovações que visam a concretizar os princípios regentes da licitação.

**1) Inclusão de Anotações de Responsabilidade Técnica (ART) como item obrigatório do orçamento detalhado integrante dos projetos básicos de obras (art. 6º, XI, f, da Lei nº 8.666, de 1993)**

Com a identificação precisa de quem elaborou o orçamento dos projetos de obras, será mais fácil promover a responsabilização do agente público que tenha agido com desídia na confecção do projeto. É fato que, em grande parte dos casos, a elaboração de orçamentos de projetos básicos constitui um ato *pro forma*. O retrato inconsistente dos valores envolvidos é danoso aos licitantes e à própria Administração, inclusive porque a aferição da exeqüibilidade das propostas e da ocorrência de sobrepreço é feita a partir desse orçamento. Um orçamento elaborado de forma séria é fundamental, portanto, para o atendimento, pela Administração, dos princípios da

moralidade, da probidade administrativa e da obtenção da proposta mais vantajosa.

Além disso, a Anotação de Responsabilidade Técnica fará com que o engenheiro responsável pela elaboração do projeto assuma a responsabilidade perante o CREA pelo trabalho realizado. Isso porque projetos mal elaborados são utilizados freqüentemente como justificativas para alterações no contrato, com conseqüentes elevações do valor previsto para a obra.

## **2) Exigência de projeto executivo prévio às licitações de obras e serviços de engenharia (art. 7º, § 2º, I, da Lei nº 8.666, de 1993)**

A Lei de Licitações prevê, atualmente, que a Administração possa transferir ao contratado o encargo de elaborar o projeto executivo das obras (art. 9º, § 2º). Essa situação tem propiciado, como atestam os Tribunais de Contas, uma situação de assimetria de informações na qual a empresa contratada pode sonegar dados ou distorcê-los, com o objetivo de propor soluções técnicas que aumentam os custos do contrato, em detrimento da Administração e, em última análise, da população que financia as obras com o dinheiro dos impostos que paga. Não se pode deixar à ampla discricção de quem executa o contrato a atribuição de definir em que circunstâncias as obras e serviços serão realizados.

A elaboração do projeto executivo previamente à licitação se presta também a fornecer elementos bastante claros acerca da obra ou serviço que a Administração deseja ver executados, subsídios essenciais para a elaboração das propostas dos licitantes. É evidente que, quanto mais obscura for a descrição do objeto licitado, mais espaço haverá para a manipulação do resultado do certame. Desse modo, a alteração promovida pelo projeto visa a

atender aos princípios da impessoalidade, do julgamento objetivo, da probidade administrativa e da obtenção da proposta mais vantajosa.

Convém aduzir que, conforme acordo celebrado no âmbito da CAE, foi fixado o prazo de dois anos para a entrada em vigor dessa modificação, acrescido em um ano nos casos de municípios de até 100 mil habitantes. Por inexistir uma cultura de elaboração prévia do projeto executivo no país e considerando que a Administração necessita de tempo para adaptar-se às novas regras, sob pena de adiamento de diversos certames, a opinião majoritária da comissão foi de prever essa *vacatio legis*. Nada impede, no entanto, a adoção, desde já, desses procedimentos, pelos órgãos com corpo técnico apto a elaborar projetos executivos ou que decidam licitar os serviços de elaboração dos projetos.

**3) Permissão de que todas as modalidades de licitação sejam processadas por meio de sistemas eletrônicos que permitam a comunicação pela Internet (art. 20 da Lei nº 8.666, de 1993)**

As licitações processadas por sistemas eletrônicos apresentam diversas vantagens em relação à forma tradicional dos certames. É o que demonstra a experiência do pregão eletrônico. De um lado, a possibilidade de que licitantes de qualquer lugar do país participem do processo, por meio da Internet, além de acarretar a diminuição dos custos para as empresas e para a própria Administração, proporciona o aumento do universo de concorrentes e dificulta a formação de conluios entre os participantes do processo licitatório. Isso é extremamente positivo para a Administração, porquanto um pequeno número de participantes e a facilidade de comunicação entre eles figuram entre os principais fatores explicativos dos elevados valores das contratações realizadas pelo Poder Público. A incerteza dos licitantes quanto ao número de concorrentes e a dificuldade de identificação de uns pelos outros desarticula estratégias de cartelização do mercado. Assim, essa alteração na Lei de

Licitações é consentânea com os princípios da impessoalidade, da isonomia, da eficiência, da economicidade e da obtenção da proposta mais vantajosa.

**4) Dispensa de publicação dos editais de licitação na imprensa oficial quando eles forem disponibilizados no sítio eletrônico da Administração Pública, bem como dispensa da publicação dos editais em jornais de grande circulação, para licitações de valor até 2,5 vezes o limite da modalidade convite, quando se der a sua publicação na imprensa oficial (art. 21, §§ 5º e 6º, da Lei nº 8.666, de 1993)**

O substitutivo prevê que o Chefe do Poder Executivo possa, por decreto, dispensar a publicação do edital na imprensa oficial, quando ele for publicado no sítio eletrônico do Poder Público. Prevê, outrossim, a possibilidade de se dispensar a publicação do edital de licitação em jornais de grande circulação, substituindo-a pela publicação na imprensa oficial e no sítio eletrônico da Administração. Essa dispensa será possível quando o valor da contratação não exceder 200 mil reais, no caso de compras e serviços em geral, ou 375 mil reais, no caso de obras e serviços de engenharia. Como a publicação do instrumento convocatório no sítio eletrônico oficial do ente político (União, Estados e Municípios) passa a ser obrigatória, a flexibilização no uso das outras formas de publicidade não terá impacto negativo para os licitantes.

O novo quadro legal redundará em economia de recursos para a Administração, pela redução do número de publicações nos jornais e na imprensa oficial. Longe de representar qualquer ameaça à publicidade que se deve dar às licitações, terá como efeito a ampliação do acesso às informações sobre certames, já que os custos das empresas para acessar a Internet são muito mais reduzidos do que os de manter a assinatura de grandes jornais ou do Diário Oficial. Ademais, dispondo de acesso à Internet, a empresa poderá se informar a respeito de todas as licitações promovidas pela União, pelos Estados e Municípios. Não é demais lembrar que o substitutivo prevê a

centralização desses dados em um único sítio eletrônico para cada ente. Dessa forma, os certames promovidos por todos os órgãos e entidades da Administração Pública Federal, por exemplo, terão seus editais publicados em um mesmo *site*.

Por fim, é importante lembrar que, com a publicação dos dados das licitações na Internet, o cidadão terá mais oportunidade de acompanhar e fiscalizar esses atos do Poder Público. Em resumo, essa alteração atende aos princípios da publicidade, da isonomia, da economicidade e da eficiência.

**5) Obrigatoriedade da adoção do pregão em licitações do tipo “menor preço” de valor até 3,4 milhões de reais, vedado o uso dessa modalidade nas licitações do tipo “melhor técnica” e para contratação de serviços profissionais técnicos especializados de natureza predominantemente intelectual (art. 23, §§ 9º e 10, da Lei nº 8.666, de 1993)**

O pregão tem se revelado, quando comparado às modalidades tradicionais de licitação, mais eficiente em garantir contratos mais baratos para a Administração (uma diminuição nos valores contratuais de cerca de 20% na área federal), além de reduzir o tempo necessário para a conclusão do processo licitatório (em média de 50% na área federal). Isso pode ser explicado por algumas de suas características procedimentais, tais como a inversão de fases, a concentração da etapa recursal e a disputa de preços mediante lances sucessivos dos participantes do certame.

Diversamente do que ocorre na modalidade mais simples de licitação dentre as tradicionais, que é o convite, no pregão a divulgação do certame se dá por meio da publicação de seu edital, o que assegura mais eficazmente a observância do princípio da publicidade. Para o convite, a lei estabelece apenas o dever de chamamento de três licitantes do ramo, bem como de afixação de cópia do instrumento convocatório em local visível na repartição promotora da licitação.



As citadas vantagens do pregão constituíram um incentivo decisivo para a sua disseminação e perda de importância relativa de outras modalidades. À luz da experiência acumulada de sete anos, com resultados claramente positivos, o substitutivo prevê que o pregão – em sua forma presencial ou eletrônica – se torne a modalidade obrigatória nas licitações do tipo “menor preço” com valor até 3,4 milhões de reais. Cumpre assinalar que, no ano de 2006, do total de licitações realizadas pelo Poder Executivo Federal, cerca de 52%, em volume de recursos, foram feitas na modalidade pregão.

O substitutivo teve o cuidado de vedar o pregão para as licitações do tipo “melhor técnica” e para a contratação de serviços profissionais técnicos especializados de natureza predominantemente intelectual. Com efeito, não seria factível, no primeiro caso, nem desejável, no segundo, a adoção do pregão, em face da etapa de disputa de preços por lances decrescentes sucessivos.

Mesmo na hipótese de contratos de obras e serviços de engenharia, não há motivo para, em princípio, vedar a aplicação do pregão. O próprio Tribunal de Contas da União já se valeu do pregão em licitações suas para a contratação de serviços de engenharia. A União Européia, na Directiva 2004/18/CE, admite o “leilão eletrônico” nos contratos de empreitada de obra, havendo diversos exemplos de licitações promovidas naquele Continente, em moldes similares aos do pregão eletrônico brasileiro, para contratação de obras com relativo grau de complexidade e envolvendo grande montante de recursos, nos setores de energia e transportes.

Ademais, as modalidades hoje adotadas para contratações de obras dão margem a inúmeras estratégias favorecedoras da ação de cartéis e da redução da concorrência, o que redundaria em contratos mais caros para a Administração. Tal se dá não apenas em razão de editais mal elaborados, que diminuem a concorrência, mas também em virtude dos procedimentos utilizados naquelas modalidades, que estimulam a “guerra de liminares” e o

ataque, por parte de empresas cartelizadas, àquelas que, por não fazerem parte do conluio, podem vir a apresentar propostas mais vantajosas para a Administração. A estratégia normalmente utilizada é a de impugnar, pelos mais variados motivos e muitas vezes sem razão, as condições de habilitação técnica e econômico-financeira das empresas não-integrantes do cartel.

A inversão de fases verificada no pregão reduz significativamente o espaço para esse tipo de manobra, sem eliminar a possibilidade de que a impugnação dos documentos de habilitação da empresa vencedora, caso procedente, resulte na exclusão da empresa do processo. Como no pregão os valores das propostas são conhecidos antes do julgamento da habilitação, a estratégia de elevação de preços pelos licitantes em conluio pode ser detectada mais facilmente, uma vez que também a proposta de preço da empresa não-participante do cartel é aberta (nas modalidades tradicionais, se as empresas em conluio lograrem excluir as demais ainda na fase de habilitação, os envelopes com as propostas de preço destas últimas sequer serão abertos). Desse modo, ainda que a autoridade condutora do processo pretenda favorecer, indevidamente, algum licitante, terá maior dificuldade de concretizar a fraude, caso o valor da proposta do favorecido seja bem superior ao das propostas de outros licitantes não participantes do esquema fraudulento.

Outra vantagem do pregão, quando realizado na forma eletrônica, é a de dificultar que haja acordos prévios entre os licitantes antes da licitação. Além de um universo maior de concorrentes (pois empresas de todo o país podem participar do processo, via Internet), tem-se uma situação que, se não obsta completamente, causa notável embaraço à ação coordenada dos licitantes cartelizados, já que esta depende, em grande medida, do conhecimento prévio de quais serão os participantes do certame. Por fim, o pregão eletrônico, ao utilizar mecanismos randômicos de encerramento da fase de lances e dispor

de recursos de criptografia que protegem a identidade do participante até o fim dessa fase, oferece proteção contra dirigismos do pregoeiro.

Essas vantagens do pregão foram, a nosso ver, mitigadas em parte na redação do substitutivo aprovado na CAE. Tivemos de ceder em relação à nossa proposta original, como condição para assegurar o uso do pregão nas licitações para obras. De fato, a redação do § 2º do art. 4º da Lei nº 10.520, de 2002, que restou aprovada pela Comissão, condiciona a participação em pregões de obras e serviços de engenharia de valor superior a 3,4 milhões de reais a um cadastramento prévio do licitante perante a Administração, permitida a participação de não-cadastrados somente quando comprovarem preencher, até 48 horas antes da apresentação das propostas, os requisitos de habilitação. Esse cadastramento prévio, além de não ser consentâneo com os princípios que orientaram a criação do pregão, favorece a ação de cartéis, seja por permitir o conhecimento prévio dos possíveis participantes da licitação, seja por deslocar o exame das condições de habilitação para um momento anterior ao certame, dando oportunidade a todo tipo de expediente no sentido de excluir de participação em licitações empresas idôneas, mas que não fazem parte do acordo de divisão de mercado de obras públicas feito pelos integrantes do cartel.

Em que pesem essas observações quanto ao cadastro prévio no pregão de obras, temos de reconhecer que a regra da obrigatoriedade do pregão para licitações até 3,4 milhões de reais já constitui, em si, um grande avanço em relação à lei vigente, no sentido da concretização dos princípios da publicidade, do julgamento objetivo, da impessoalidade, da isonomia, da eficiência, da economicidade, da obtenção da proposta mais vantajosa, da moralidade e da probidade administrativa.

**6) Proibição de que participem de licitações empresas que tenham entre seus diretores ou proprietários pessoas às quais hajam sido aplicadas as sanções de declaração de inidoneidade ou de suspensão temporária do**

**direito de participar de licitações ou celebrar contratos com a Administração (art. 28, § 1º, da Lei nº 8.666, de 1993)**

Essa medida tem por finalidade impedir que, pela simples abertura de novas empresas, pessoas que tenham atuado de forma fraudulenta em processos licitatórios ou na execução de contratos administrativos possam continuar a fazer o mesmo. Atualmente, as sanções de declaração de inidoneidade e de suspensão temporária do direito de participar de licitações ou celebrar contratos com a Administração são aplicáveis apenas ao contratado, ou seja, a empresa. Com isso, uma vez infligida a penalidade, basta aos diretores ou proprietários criar uma nova empresa, para prosseguir em suas ações delituosas. Ao preencher essa lacuna da legislação, a regra prevista no substitutivo atua na concretização do princípio da moralidade.

**7) Manutenção de registros cadastrais de licitantes, para efeito de habilitação, pela União, Estados e Municípios, fiscalizados por comissão integrada por representantes da sociedade civil, tribunais de contas, conselhos fiscalizadores de profissões e associações sindicais (art. 34 da Lei nº 8.666, de 1993)**

Os registros cadastrais apresentam a vantagem de dispensar a verificação, quando de cada certame, do preenchimento dos requisitos de habilitação dos licitantes, o que demanda tempo e recursos da Administração. Para as empresas que participam de várias licitações, também acarreta uma economia de recursos, pois elas não terão de apresentar, a cada certame, uma extensa relação de documentos comprobatórios de sua capacidade para celebrar o contrato com o Poder Público. A garantia de fiscalização dos registros cadastrais por diversos agentes externos à Administração contribui para diminuir a possibilidade de favorecimentos, abusos e medidas discriminatórias.

O uso dos registros cadastrais passa a ser danoso apenas se a Administração exigir o cadastramento como condição para se participar das licitações. A nova redação do art. 34 da Lei nº 8.666, de 1993, nos termos do substitutivo aprovado na CAE, não estabelece essa exigência. Os prejuízos advindos da prática de se exigir de todos os cadastramento prévio foram descritos no item 5, *supra*. O cadastramento deve ser, como regra, uma faculdade para a empresa. Se, iniciado novo certame, uma empresa não cadastrada resolver dele participar e fizer a comprovação de que preenche os requisitos de habilitação, deve ser-lhe assegurado o direito de concorrer com os já cadastrados.

A não ser desse modo, serão criadas condições favorecedoras da ação de cartéis, pelo conhecimento prévio dos possíveis participantes das licitações e pelo deslocamento, em caráter compulsório, do exame dos requisitos de habilitação para um momento anterior ao certame, tornando mais viáveis os expedientes dirigidos a excluir de participação em licitações empresas idôneas, mas que não fazem parte do acordo de divisão de mercado de obras públicas. O desconhecimento, por parte de cada licitante, de quem irá disputar com ele a celebração de um contrato administrativo representa uma das principais garantias de efetiva concorrência, sobretudo em setores onde o número de empresas não é grande o suficiente para, por si só, constituir uma barreira à cartelização.

Em resumo, entendemos que a alteração do art. 34 da Lei nº 8.666, de 1993, na forma proposta pelo substitutivo da CAE, atende aos princípios da publicidade, da eficiência, da economicidade e da fiscalização dos atos do poder público.

**8) Permissão para que os editais de licitações prevejam a arbitragem como forma de resolução dos conflitos contratuais com a Administração (art. 40, § 5º, da Lei nº 8.666, de 1993)**

As discussões judiciais entre o contratado e a Administração têm como efeito, muitas vezes, a paralisação de obras e serviços essenciais à população. Soma-se a isso um arcabouço legal que permite, pelo número de instâncias e recursos, seja protelado por anos a fio o desfecho da controvérsia. A adoção da arbitragem como forma de resolução dos conflitos oriundos do contrato pode evitar que, pelo uso de mecanismos protelatórios por qualquer das partes, a execução dos contratos permaneça paralisada. Ao lado disso, implicará a redução de custos para ambas as partes. Nesse sentido, a alteração pretendida atende aos princípios da eficiência e da economicidade.

**9) Participação, na fase de julgamento de propostas, dos licitantes inabilitados que tenham apresentado recurso, o qual passa a ser julgado ao fim do processo licitatório (art. 43, *caput* e incisos, e art. 109, § 2º, da Lei nº 8.666, de 1993)**

O fim do efeito suspensivo dos recursos, salvo no caso dos dirigidos contra decisão que declare inabilitado o licitante ou desclassifique sua proposta, bem como o deslocamento da apreciação dos recursos para a etapa final da licitação, têm importantes conseqüências. A primeira delas, já referenciada anteriormente, é a possibilidade de exame da proposta de preço de todos os licitantes, inclusive daqueles que houverem sido inabilitados mas tiverem apresentado recurso. Com tal medida, a Administração disporá de mais elementos para aferir se uma proposta é inexeqüível ou se apresenta sobrepreço. Convém assinalar que uma das fórmulas de cálculo de inexeqüibilidade das propostas de licitantes prevista na Lei Geral de Licitações (art. 48) leva em consideração precisamente o universo de propostas apresentadas. Na redação vigente, a Lei determina a apreciação dos recursos contra inabilitação anteriormente ao início da fase de julgamento de propostas, bem como a devolução dos envelopes com as propostas de preço lacrados, aos licitantes inabilitados.

Uma segunda consequência, resultante da concentração do julgamento dos recursos em uma única fase, ao fim do processo, é a agilização do certame, pela racionalização de procedimentos, o que representará, na maioria dos casos, diminuição do número de recursos a serem apreciados. De fato, para a adjudicação do objeto da licitação, somente terá relevância, em princípio, a apreciação dos recursos referentes à habilitação e à proposta do licitante que tenha feito a oferta mais vantajosa para a Administração. Caso não tenham sido interpostos tais recursos ou, uma vez julgados, seja confirmada a vitória do licitante autor da melhor proposta, todos os demais recursos restarão prejudicados e não demandarão análise pela Administração. Isso se traduz em uma notável economia processual.

Vêm-se, portanto, homenageados os princípios da competitividade, da eficiência, da economicidade, da obtenção da oferta mais vantajosa.

**10) Possibilidade de inversão completa das fases de habilitação e julgamento em licitações do tipo “menor preço” e do tipo “técnica e preço”, e de inversão parcial nas licitações para a contratação de obras e serviços de engenharia (art. 43, §§ 1º, 11 e 14, da Lei nº 8.666, de 1993)**

A inversão de fases, aplicável atualmente apenas à modalidade pregão, tem-se revelado extremamente positiva para a Administração. Conforme já comentado no item 5, *supra*. Ela redundará em economia de tempo e de recursos, além de desarticular estratégias protelatórias de licitantes mal intencionados, que se valem de todos os recursos para excluir do certame, ainda na fase de habilitação, concorrentes capazes de apresentar propostas mais vantajosas para a Administração, sobretudo por via de liminares judiciais. Nas licitações em que a fase de habilitação precede a de julgamento de propostas, supondo que não haja conluio, todos os licitantes têm potencial interesse de afastar da disputa seus adversários com base em impugnações dos documentos de habilitação. Assim, há espaço para se deflagrar uma guerra de todos contra todos, com multiplicação de recursos contra a

habilitação de cada licitante. Esse quadro se modifica significativamente com a inversão de fases, pois, uma vez conhecido o autor da melhor proposta, os eventuais recursos serão dirigidos apenas contra ele, poupando a Administração e os próprios licitantes tempo e recursos.

Mesmo na hipótese de parte dos licitantes atuar em conluio, a inversão de fases apresenta vantagens, pois, em licitações sem inversão de fases, ainda que os integrantes do cartel não interponham recursos contra a habilitação uns dos outros, fazem-no em relação a todos os concorrentes que não participam do conluio, para não correrem o risco de ver sua estratégia falhar, no julgamento das propostas. Ademais, como o intuito do cartel é forçar a celebração de contratos com menos vantagens para a Administração ou mesmo com valores acima dos de mercado, o cotejo das propostas de preço de todos os licitantes, que caracteriza as licitações com inversão de fases, possibilita desvelar esse tipo de prática cartelística. É muito menos provável a celebração de contratos com preços excessivos quando o certame se processa com inversão de fases. Os dados relativos às licitações na modalidade pregão, que comprovam o barateamento dos contratos delas resultantes, falam por si. Já os contratos originados de licitações promovidas nas modalidades tradicionais, nas quais não há inversão de fases, têm apresentado um elevado número de irregularidades, dentre as quais superfaturamento e sobrepreço, como evidencia o Acórdão nº 1953/2007, do Tribunal de Contas da União, no relatório de fiscalização de obras públicas de 2007.

A Comissão de Assuntos Econômicos aprovou emenda que alterou o substitutivo por nós elaborado, para criar um procedimento específico nas licitações para a contratação de obras e serviços de engenharia. Nos termos da redação aprovada para o § 11 do art. 43 da Lei nº 8.666, de 1993, deverão tais licitações submeter-se à seguinte ordem de fases: (i) análise e apreciação dos documentos de habilitação técnica e econômico-financeiras dos licitantes;



(ii) julgamento das propostas; (iii) análise e apreciação dos documentos de habilitação jurídica e fiscal do licitante que apresentar a melhor proposta. Tal regra praticamente elimina os benefícios advindos da inversão de fases, mantendo todas as condições propiciadoras das ocorrências negativas verificadas nas modalidades tradicionais.

O § 11 do art. 43, na redação aprovada pela CAE, cria um procedimento burocrático como o hoje aplicado às concorrências. Desdobra a fase de habilitação em duas, inserindo no meio delas a fase de julgamento, com maior dispêndio de tempo e de recursos pela Administração. É exatamente o exame prévio da habilitação técnica e econômico-financeira dos licitantes que possibilita o maior número de chicanas e as tentativas, muitas vezes exitosas, de afastar da licitação a empresa que não integra o cartel. A habilitação prévia ao julgamento das propostas tem servido para estimular a indústria de liminares, como recurso dos cartéis para afastar, com o apoio da Comissão de Licitação, concorrentes que não participem do conluio e que poderiam vir a apresentar propostas mais vantajosas para a Administração. Em resumo, esse modelo híbrido, que desloca para o fim do processo licitatório apenas parte da fase de habilitação, além de não eliminar nenhum dos problemas encontrados nas licitações sem inversão de fases, burocratiza ainda mais o processo, desdobrando-o em três fases.

Podemos concluir que a inversão de fases é consentânea com os princípios da competitividade, da eficiência, da economicidade e da obtenção da oferta mais vantajosa. Para que tais vantagens se façam sentir de forma integral, julgamos necessário o retorno da redação que havíamos elaborado para o § 11 do art. 43 da Lei de Licitações, de modo a que também as licitações para contratação de obras e serviços de engenharia se sujeitem à inversão de fases.

**11) Proibição de que, nas licitações do tipo “técnica e preço”, o total de pontos obteníveis pela proposta técnica seja superior ao total de pontos obteníveis pela proposta de preço (art. 46, § 2º, II, da Lei nº 8.666, de 1993)**

A avaliação técnica das propostas dos licitantes, por mais isento que seja o trabalho da comissão de licitação, comporta sempre um certo grau de subjetividade, diferentemente do julgamento da proposta de preço, intrinsecamente objetivo. Administradores mal intencionados têm se valido da licitação do tipo “técnica e preço”, para direcionar o julgamento das propostas, levando à vitória das empresas de sua preferência, em evidente descompasso com os princípios da probidade administrativa, da impessoalidade, da moralidade, do julgamento objetivo e da obtenção da proposta mais vantajosa. Para realizar seu intento, inserem no edital da licitação critérios que sobrevalorizam o peso da pontuação relativa aos aspectos técnicos da proposta, em detrimento do fator preço. Com isso, é possível, por exemplo, estabelecer que 90% dos pontos obteníveis pela proposta se refiram aos aspectos técnicos e apenas 10% ao preço ofertado.

O substitutivo procura evitar que tais distorções se repitam, ao determinar que pelo menos 50% do total de pontos atribuíveis às propostas refiram-se ao critério “preço”. Dessa maneira, nas licitações do tipo “técnica e preço”, os aspectos técnicos corresponderão, no máximo, à metade do total de pontos obteníveis pelas propostas. Obviamente, quando se revelar inequívoca a necessidade da Administração de contratar o licitante que ofereça a melhor proposta técnica, estará franqueada a adoção do tipo de licitação “melhor técnica”, observados os requisitos autorizadores do uso desse tipo de licitação.

**12) Previsão de procedimento semelhante ao do pregão nos leilões para alienação de bens móveis ou imóveis de valor superior a 3,4 milhões de reais (art. 53, §§ 7º e 8º, da Lei nº 8.666, de 1993)**

De acordo com a Lei vigente, a modalidade leilão é adotada nas licitações para alienação de bens móveis e, em algumas circunstâncias específicas, também de imóveis, consistindo seu procedimento em uma sucessão de lances progressivos, vencendo o certame o licitante que oferecer a maior oferta. O substitutivo da CAE, além de ampliar as hipóteses de cabimento do leilão para alienação de bens públicos imóveis, prevê diversas inovações procedimentais, entre as quais a possibilidade de o edital limitar a duração da etapa de oferecimento de lances e adotar intervalo mínimo de valor em relação ao maior lance registrado para que novo lance seja admitido.

A principal mudança, no entanto, diz respeito à previsão, nas alienações de bens com valor estimado superior a 3,4 milhões de reais, de uma etapa inicial de apresentação de propostas em envelope fechado (ou mensagem lacrada, no caso de leilões eletrônicos), limitando-se o universo de participantes da fase de lances sucessivos, ao licitante autor da maior proposta inicial juntamente com aqueles que tenham oferecido propostas de valor inferior em até 20% à maior proposta. Essa nova regulação tem o mérito incentivar o aumento dos valores de alienação. Com efeito, como os participantes não têm a certeza de que poderão participar do processo até o fim, podendo ser eliminados da fase de lances, o fator de aversão ao risco constituirá incentivo para que, desde o início, as ofertas tenham um valor mais elevado do que o verificado nos leilões atualmente promovidos.

Por fim, cumpre aduzir que o substitutivo prevê expressamente a possibilidade de adoção de leilões eletrônicos, que, ao reduzirem os custos de participação, permitirão o aumento do número de participantes. Assim, temos como concretizados pela nova previsão legal os princípios da competitividade, da eficiência, da economicidade e da obtenção da proposta mais vantajosa.

**13) Redução dos limites de acréscimos ou supressões nos contratos administrativos, com vedação de compensação entre acréscimos e supressões para fins de cálculo do montante de alteração dos contratos**

**e de inclusão de bens ou serviços diversos dos previstos na contratação (art. 65, §§ 1º, 9º e 10, da Lei nº 8.666, de 1993)**

A corrupção na execução de contratos administrativos se manifesta, em grande parte dos casos, no recurso aos aditivos contratuais. Atualmente, a Lei de Licitações admite sejam celebrados aditivos de valor até 25% do inicialmente previsto para o contrato e, no caso específico de reforma de edifício ou equipamento, até 50% do valor inicial. Não bastasse o fato de que esses percentuais são bastante elevados, podendo mesmo significar um mecanismo de fuga do processo licitatório, é comum o contratado recorrer ao denominado "jogo de planilhas".

O jogo de planilhas constitui estratégia na qual, ao oferecer a sua proposta, o licitante subdimensiona o total de materiais para os quais ele fixa uma cotação acima do valor do mercado e superdimensiona o total de materiais para os quais ele fixa preços unitários mais baixos. Com isso, o valor total da proposta resulta inferior ao que deveria ser, caso as quantidades de cada item fossem as corretas. Na fase de execução do contrato, verificada a necessidade de revisão dos quantitativos, ainda que observado o limite percentual para aditivos, o contratado se beneficia indevidamente do aumento do quantitativo dos itens que ele havia cotado acima do valor de mercado. Para impedir que isso aconteça, o substitutivo proíbe a compensação entre acréscimos e supressões, quando celebrados aditivos contratuais.

Os limites para aditivos foram reduzidos pelo substitutivo, passando a ser de 5% para os contratos de compras e serviços em geral, de 10% para os contratos de obras e serviços de engenharia e de 25% para os contratos de reforma de edifício ou equipamento. Extrapolados esses percentuais, haverá necessidade de nova licitação. A disputa é saudável, pois poderá resultar em preços inferiores aos do contrato vigente, além de ser consentânea com o princípio da obrigatoriedade de licitação. Ademais, à luz da redução de custos do processo licitatório e do tempo para a sua conclusão, do que a modalidade

pregão é prova, não há mais razões hoje para dispensar a licitação na hipótese em discussão.

Somos conscientes de que, em alguns casos, a necessidade de celebração de aditivos surge em decorrência do mau planejamento por parte da Administração, ao elaborar projetos básicos defeituosos. Entendemos que tais problemas serão bastante mitigados com a exigência de projeto executivo prévio às licitações. E, como o substitutivo previu um prazo de dois anos para a entrada em vigor da regra que torna obrigatório o projeto executivo prévio, esse mesmo prazo foi, por coerência, estabelecido para as alterações no art. 65 da Lei, que cuida dos aditivos.

A limitação do percentual dos aditivos atende aos princípios da obrigatoriedade de licitação, da economicidade, da competitividade, da isonomia e da obtenção da proposta mais vantajosa.

#### **14) Fixação de percentual mínimo de 10% sobre o valor do contrato para a multa por seu descumprimento (art. 87, II, da Lei nº 8.666, de 1993)**

Conquanto a Lei de Licitações preveja hoje a multa, como uma das penalidades aplicáveis ao contratado que não honra com suas obrigações, não impõe valor mínimo para tal sanção. Desse modo, fica ao puro alvedrio do administrador público, ao elaborar o edital de licitação, determinar como será o cálculo da multa, podendo mesmo estabelecer multas de valor irrisório, que não cumprem, em absoluto, com a finalidade à qual se destinam. Em face dessa situação, o substitutivo da CAE prevê alteração no art. 87, II, da Lei, para fixar como percentual mínimo da multa 10% do valor total do contrato, em obediência ao princípio da moralidade e da indisponibilidade do interesse público.

#### **15) Possibilidade de aplicação, pelos Tribunais de Contas, das sanções de declaração de inidoneidade e de suspensão temporária do direito de**

**participar de licitação e de celebrar contrato com a Administração (art. 87, § 7º, da Lei nº 8.666, de 1993)**

Hoje, a Lei de Licitações prevê que somente a Administração contratante poderá aplicar à empresa contratada as sanções de declaração de inidoneidade e de suspensão temporária do direito de participar de licitação e de celebrar contrato com a Administração. Tais penalidades revestem-se de grande importância, por constituírem uma forma de afastar de futuros processos licitatórios e contratações as empresas que tenham cometido faltas graves em sua relação contratual com o Poder Público. Trata-se de um mecanismo de proteção do interesse público que poderá se tornar mais efetivo com a ampliação do rol de legitimados a aplicar tais sanções.

O substitutivo da CAE estende essa prerrogativa aos tribunais de contas, os quais poderão sancionar empresas contratadas pela Administração, quando verificarem em suas fiscalizações, a ocorrência de irregularidades graves na execução dos contratos. O texto aprovado na Comissão teve o cuidado de estabelecer que a sanção somente seja aplicada por decisão definitiva tomada com *quorum* qualificado de dois terços da Corte, em processo no qual tenham sido assegurados o contraditório e a ampla defesa.

O fortalecimento das competências dos órgãos de controle externo contribui, a toda evidência, para o combate à corrupção, ao proporcionar-lhes instrumentos de defesa do erário. As citadas penalidades, além do próprio conteúdo punitivo, produzem efeitos no campo da prevenção de ocorrência de novas irregularidades em licitações e contratos, na medida em que as empresas punidas ficarão interditadas de participar de certames e de contratar com a Administração pelo prazo de dois anos do cometimento da falta ou por até dois anos após haverem sanado a irregularidade e ressarcido a Administração dos prejuízos a ela causados.

**16) Criação do crime de fraude à licitação, em prejuízo da Fazenda Pública, no caso de contratação de obras e serviços de engenharia, por elevação arbitrária de preços, alteração da substância, qualidade ou quantidade dos serviços executados, ou maior onerosidade da proposta ou da execução do contrato (art. 96 da Lei nº 8.666, de 1993)**

O art. 96 da Lei nº 8.666, de 1993, em sua redação atual, prevê o crime de fraude, em prejuízo da Fazenda Pública, de licitação instaurada para aquisição ou venda de bens ou mercadorias ou contrato dela decorrente. Entre as condutas que configuram esse crime, estão as de elevar arbitrariamente os preços, vender mercadoria falsificada ou deteriorada, entregar uma mercadoria por outra, alterar a substância, qualidade ou quantidade da mercadoria fornecida e tornar, injustamente, mais onerosa a proposta ou a execução do contrato. Como se vê, o tipo penal refere-se a fraudes no fornecimento de bens, silenciando relativamente à execução de obras e serviços de engenharia.

Ora, o direito penal rege-se pelo princípio da legalidade estrita, não se admitindo a interpretação analógica ou extensiva para a criação de novas figuras delitivas. Assim, o art. 96 da Lei de Licitações requer o aperfeiçoamento promovido pelo substitutivo da CAE, para que também sejam consideradas como crime, quando praticadas no âmbito de licitações e contratos de obras e serviços de engenharia, as condutas de elevação arbitrária de preços, alteração da substância, qualidade ou quantidade dos serviços executados, ou maior onerosidade da proposta ou da execução do contrato. Nessas hipóteses, a responsabilização penal dos licitantes, dos contratados e do agente público co-réu atua no sentido de coibir ações que redundem em prejuízo ao Erário.

**17) Criação do Cadastro Nacional de Registro de Preços, sob responsabilidade da União e disponível em seu sítio eletrônico oficial (art. 15-A da Lei nº 8.666, de 1993)**

No âmbito de um federalismo efetivamente cooperativo, o Cadastro Nacional de Registro de Preços será bastante útil para os órgãos da Administração Pública Federal, Estadual e Municipal, que dele poderão se valer, no âmbito de suas contratações e para aferir os preços obtidos nas licitações por eles promovidas. Além disso, por estarem as informações do cadastro disponíveis na Internet, serão particularmente valiosas para o cidadão que deseje fiscalizar os contratos administrativos celebrados na localidade onde reside e sua compatibilidade com os preços praticados no âmbito de outras contratações do Poder Público. Essa inovação atende, pois, aos princípios da publicidade, da economicidade e da fiscalização dos atos da Administração.

**18) Permissão do uso da modalidade pregão nas licitações do tipo “técnica e preço” (art. 4º, § 1º, da Lei nº 10.520, de 2002)**

A Lei do Pregão previu o uso dessa modalidade apenas nas licitações do tipo “menor preço”. Pelas características de seu procedimento, o pregão se revela incompatível com as licitações do tipo melhor técnica. O mesmo não acontece com as do tipo “técnica e preço”. Nestas, a definição da proposta vencedora depende da aferição tanto do preço quanto de aspectos técnicos. Assim, é perfeitamente possível fazer um julgamento prévio desses aspectos técnicos das propostas, atribuindo-lhes as respectivas pontuações e, numa segunda etapa, proceder ao exame das propostas de preço e aos lances regressivos que caracterizam a modalidade pregão. A União Européia prevê procedimento semelhante no denominado leilão eletrônico para seleção da proposta mais vantajosa, conforme o art. 54 da Directiva 2004/18/CE. Ao abrir a possibilidade de uma calibragem entre preços e elementos técnicos da proposta, o pregão do tipo “técnica e preço” permitirá à Administração alcançar uma melhor relação custo/benefício. Dessarte, a inovação visa à realização dos princípios da eficiência, economicidade e obtenção da proposta mais vantajosa.



**19) Fixação, em no máximo 90 dias, do prazo de vigência das medidas cautelares do Tribunal de Contas da União que suspendam ato ou procedimento administrativo (art. 45, § 4º, da Lei nº 8.443, de 1992)**

O Tribunal de Contas da União tem desempenhado um trabalho essencial na detecção e correção de irregularidades nos contratos públicos. Um dos instrumentos de que a Corte se vale é a medida cautelar, mediante a qual é determinada a suspensão da execução dos contratos nos quais se verificam os vícios, até o julgamento final do processo. Contudo, a Lei Orgânica do TCU não prevê prazo de validade para as medidas cautelares, de tal sorte que é possível – e acontece de fato – a paralisação, por vários meses, de obras e serviços de extrema relevância para a população, enquanto se aguarda a decisão de mérito do TCU. Como forma de evitar esses transtornos, o substitutivo prevê um prazo de validade de 90 dias para as medidas cautelares do Tribunal.

Ao tempo em que preserva essa importante competência do TCU, o substitutivo, ao estipular um prazo de validade, indica que os processos nos quais tenham sido adotadas medidas cautelares devem receber tratamento prioritário pela Corte, sob pena de estas caducarem. Assim, caso a decisão de mérito do TCU seja pela continuidade do contrato, as obras ou serviços não terão permanecido paralisados por um tempo excessivo. Obviamente, se a decisão final for de que a gravidade das irregularidades justifica a rescisão contratual, ao administrador caberá cumprir as determinações do TCU, inclusive porque, em tais circunstâncias, o prosseguimento do contrato se afigurará mais danoso. Essa alteração na Lei Orgânica do TCU visa a atender os princípios da eficiência e da economicidade.

**Conclusão**

Como pudemos visualizar nos comentários às principais inovações promovidas pelo substitutivo da CAE ao PLC nº 32, de 2007, a legislação sobre licitações e contratos administrativos será sobremaneira aperfeiçoada

com a sua aprovação. Além das alterações relacionadas a uma maior eficiência e agilidade no processo licitatório, bem como à sua adaptação aos novos recursos de tecnologia da informação, o substitutivo contempla novas regras com repercussão direta sobre os principais problemas verificados nos certames promovidos atualmente e que atuam no sentido de reduzir a ocorrência de dirigismo nas licitações, de punir mais eficazmente os administradores, licitantes e contratados que infringirem a lei, de diminuir a discricionariedade administrativa, de assegurar maior acesso a informações por parte dos cidadãos e, sobretudo, de reduzir os valores dos contratos celebrados pela Administração Pública, permitindo-lhe selecionar propostas efetivamente mais vantajosas.

Gostaríamos de formular duas observações finais, deixando-as à reflexão dos ouvintes. Não é desconhecido por ninguém que grande parte das irregularidades observadas nos contratos públicos, seja em número, seja em volume de recursos envolvidos, dizem respeito a obras e serviços de engenharia. Nosso trabalho na relatoria do PLC nº 32, de 2007, foi árduo, sobretudo no tocante às iniciativas de transpor para as licitações de obras os aspectos procedimentais positivos da modalidade pregão. Encontramos grande resistência de alguns setores, muito embora contássemos com o apoio de órgãos de controle, como o TCU, dos governos federal e estaduais, bem como da opinião pública. Infelizmente, nem todos os avanços por nós propugnados foram acolhidos pela CAE. Nessa linha, poderíamos citar o processo diferenciado de inversão de fases para as licitações de obras, o qual, a nosso ver, representa um retrocesso e importa a anulação dos benefícios associados à inversão de fases, nos certames que tenham por objeto obras e serviços de engenharia.

Sem negarmos que a maior parte dos aperfeiçoamentos trazidos pelo substitutivo foram acolhidos pela CAE, acreditamos ser possível resgatar, no Plenário do Senado, aqueles que não lograram contar com o apoio da maioria dos membros da Comissão. Para tanto, faz-se mister a mobilização dos diversos atores sociais, das entidades fiscalizadoras, dos governos municipais, estaduais e federal, dos órgãos de imprensa e da população em geral. Não temos dúvidas de que, havendo amplo consenso social em torno das alterações sugeridas para a legislação de licitações e contratos, o plenário do Senado será receptivo a elas.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– V. Ex<sup>a</sup> será atendido na forma regimental.

Eu apenas queria esclarecer que V. Ex<sup>a</sup> não interpretou bem o meu comportamento aqui no Senado. Tenho dado a melhor contribuição ao Presidente Luiz Inácio. V. Ex<sup>a</sup> viaja tanto... Eu quero agendar a sua próxima viagem para o México.

No palácio do México tem uma frase de um general, ex-presidente, que V. Ex<sup>a</sup> podia levar ao Luiz Inácio. Ele dizia: “Eu prefiro um adversário que me traga a verdade a um aliado que me engane”.

O próprio Luiz Inácio reconheceu e chamou esses aliados – não são como V. Ex<sup>a</sup> – de aloprados.

Fazendo isso, sintetizei o livro de Juscelino Kubitschek de Oliveira em três linhas e pedi que o Líder Sibá Machado levasse ao nosso querido Presidente Luiz Inácio. Há coisas que não estão andando bem.

A explosão demográfica. Juscelino pregava a paternidade responsável. Talvez V. Ex<sup>a</sup> não saiba – talvez nem o Luiz Inácio – que se está dando dinheiro, quatro salários mínimos, para uma gestante interiorana. Muitas com uma educação, não como a de V. Ex<sup>a</sup>, estão construindo famílias numerosas sem poder educá-las. Eu mesmo dei o testemunho. Eu disse a uma delas, no Piauí, que ia encaminhá-la para ligar as trompas, para fazer o controle familiar. Ela respondeu: “Nada, Dr. Mão Santa. Essa televisão foi comprada com o dinheiro desse menino que está aí. Esse da minha barriga, vou receber e dar para o meu marido comprar uma moto”. Então, Juscelino já tinha outra visão.

Juscelino também diz no compêndio: “Frentes de trabalho em todas as direções; despertar as energias latentes no seio do povo em fontes vivas de riqueza”.

O tema hoje era os aposentados, e ele disse: “Nada mais terrível do que, além da velhice, a pobreza. Aposentadoria justa, Previdência”.

Ele analisa que a velhice é uma tristeza e, quando desamparada, é uma desgraça. Essa é a nossa preocupação.

Eu quero levar essa contribuição ao Presidente Luiz Inácio, porque nós estamos aqui é para orientá-lo, ou não há razão de existir o Senado. A experiência de nós, pais da pátria, eu pediria que V. Ex<sup>a</sup> levasse esse. O Sibá se comprometeu a levar a síntese de Juscelino e eu quero levar a síntese do que pensa Abraham Lincoln, que fez os Estados Unidos ricos e poderosos:

“Não se criará a prosperidade desestimulando a poupança.

Não se fortalecerá o país subtraindo ao cidadão a iniciativa e a liberdade.

Não se fortalecerão os fracos enfraquecendo os fortes.

Não se estimulará a fraternidade alimentando o ódio de classes.

Não se ajudará o trabalhador arruinando aqueles que o empregam.

Não se evitará dificuldades gastando mais do que se arrecada.

Não se criará estabilidade permanente com dinheiro emprestado. [Olha os empréstimos consignados aos velhinhos!]

Não se ajudarão os homens de maneira permanente, fazendo por eles aquilo que eles devem fazer por si próprios.”

Foi essa filosofia que fez os Estados Unidos ricos e prósperos.

Eu passo a V. Ex<sup>a</sup>, sinteticamente, como um presente ao Presidente da República.

Antes de terminar, quero congratular-me com o empresário piauiense Abdon Teixeira, que depois, de muita luta, associou-se a um empresário tcheco e colocou uma linha aérea, dessas linhas mamárias, que vai unir o litoral do Piauí, Parnaíba, Teresina, Fortaleza e São Luís. Hoje mesmo eu viajei e cheguei.

Então, isso é um sinal de progresso ao desenvolvimento turístico do meu Estado do Piauí.

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – O Senador Papaléo Paes enviou discurso à Mesa, que será publicado na forma do disposto no art. 203 do Regimento interno.

S. Ex<sup>a</sup> será atendido.

**O SR. PAPALÉO PAES** (PSDB – AP. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, venho à tribuna, neste momento, para fazer o registro da entrevista “FHC dispara o alarme”, publicada na revista *Istoé Dinheiro*, em sua edição de número 542, Ano 11, de 20 de fevereiro do corrente.

A entrevista apresenta a opinião clara e sempre objetiva do ex-Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, sobre o apetite estatizante do Governo Federal com setores estratégicos como telefonia, distribuição de combustíveis e petroquímica. As palavras de Fernando Henrique devem servir de alerta para todos aqueles que realmente se preocupam com o futuro de nossa Nação.

Sr. Presidente, para que conste dos Anais do Senado Federal, requeiro que a matéria citada seja considerada como parte integrante deste pronunciamento.

Muito obrigado.

Era o que tinha a dizer.

**DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR PAPALÉO PAES EM SEU PRONUNCIAMENTO.**

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I e § 2º, do Regimento Interno.)

**FHC EXCLUSIVO: EX-PRESIDENTE ATACA O APETITE ESTATIZANTE DO GOVERNO  
E CRITICA O BNDES, A CASA CIVIL E A CRIAÇÃO DA SUPERTELE NACIONAL**

**ISTO É** [www.istoedinheiro.com.br](http://www.istoedinheiro.com.br) 

# **Dinheiro**

REVISTA SEMANAL DE NEGÓCIOS, ECONOMIA, FINANÇAS & E-COMMERCE

# **O RAIO X DO LUCRO DOS BANCOS**

**O que está por trás dos  
resultados bilionários  
de Bradesco, Itaú,  
Unibanco, Santander  
e outras instituições  
financeiras  
(e que nem sempre  
aparece nos balanços)**

Privataria é o que  
está acontecendo  
agora no Brasil,  
com o governo  
escolhendo quais  
empresários devem  
ser os vencedores.

É exatamente o  
que criticávamos  
na época do  
regime autoritário

## FHC

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso fala com exclusividade à DINHEIRO e revela preocupação com o apetite estatizante em Brasília. Na sua visão, o relógio passou a andar para trás desde que o governo começou a intervir em setores cruciais da economia, como telefonia, distribuição de combustíveis e petroquímica

## DISPARA O ALARME

**POR LEONARDO ATTUCH**

Na tarde da quarta-feira 13, quando recebeu a equipe da DINHEIRO, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso parecia preocupado com duas ondas que enxerga no horizonte. Nos Estados Unidos, ele teme que sua amiga Hillary Clinton perca a indicação do Partido Democrata à Presidência dos Estados Unidos para o senador Barack Obama. “A tendência parece irreversível”, avalia FHC. Ainda que veja com bons olhos a perspectiva de um negro na Casa Branca, FHC considera Hillary mais preparada. Internamente, há outra onda que lhe causa arrepios. Trata-se da volta do “DNA estatizante” ao núcleo do poder, em Brasília. “O governo quer escolher os vencedores na economia”, disse ele à DINHEIRO. “Faz exatamente aquilo que criticávamos na época do regime militar.” Os principais pólos desse pensamento, que FHC considera retrógrado e concentrador de renda, são o BNDES, de Luciano Coutinho, e a Casa Civil, de Dilma Rousseff. “O que eles fazem não tem nada a ver com o interesse nacional”, diz o ex-presidente. FHC espera que seu partido, o PSDB, combata com vigor o que chama de volta ao passado. “Tomara que esse meu alerta sirva como uma tomada de consciência”. A seguir, sua entrevista.

*RETROCESSO: o ex-presidente identifica uma tentativa de regresso ao fracassado modelo nacional-desenvolvimentista*

**DINHEIRO** – No segundo mandato Lula há mais intervencionismo. Como o sr. encara esses movimentos?

**FHC** – O que ocorre é o seguinte: há no governo um DNA estatizante, que se choca com a modernidade e com o movimento da economia. Há, na verdade, uma busca de maior controle político por parte do Estado em alguns setores importantes e, eventualmente, até de maior presença no capital das empresas, seja através de estatais, seja por meio dos fundos de pensão.

**DINHEIRO** – Uma volta ao passado?

**FHC** – Claramente. No regime militar, na época do general Geisel, escrevi um artigo chamado “A Burguesia Estatal”. Fui criticado na época porque diziam que a burguesia não pode ser estatal. E eu replicava: por que não? Afinal, no Brasil nascia um bicho novo, cujo poder econômico emanava do Estado. Os interesses empresariais passavam a ser vinculados ao Estado. E isso seduziu a esquerda, que se aliou aos militares naquela época. Com a democratização e a abertura da economia, a tendência intervencionista foi desaparecendo. Até porque os empresários também passaram a perceber que a ingerência do Estado estava sufocando o setor privado.

**DINHEIRO** – Há hoje um saudosismo?

**FHC** – No tempo do Geisel, a idéia era a do tripé: empresas estatais, grupos nacionais e multinacionais. Assim se fez a petroquímica. Depois, com a privatização, essa idéia foi desaparecendo. E nós também decidimos que as empresas que continuariam sob controle do Estado, como Petrobras e Banco do Brasil, passariam a ser geridas como se fossem privadas, livres do loteamento. Agora, há um retrocesso.

**DINHEIRO** – De que maneira?

**FHC** – Voltou a idéia de que as estatais são dos partidos. Isso aconteceu no Banco do Brasil. Parou um pouco por causa dos escândalos. Mas, mesmo assim, lotearam. No ano passado, criaram uma série de vice-presidências para abrigar aliados políticos. Na minha época, eu me lembro da briga que tivemos no Congresso para acabar com sucursais políticas da Caixa Econômica que havia em vários Estados.

**DINHEIRO** – Mas os lucros das empresas têm sido tão robustos que ainda dá para acomodar alguns favores, não?

**FHC** – Esse é o ponto. A expansão econômica é tão grande que isso não é sentido pela sociedade. O DNA estatizante pode se desenvolver sem entrar em choque com visões diferentes, porque tem espaço para tudo. Mas houve uma modificação. E eu deixo claro que nunca defendi a privatização da Petrobras e do Banco do Brasil. Mas sempre fui contrário a que elas se tornassem instrumentos de barganha.

**DINHEIRO** – Falando de casos concretos, a Petrobras comprou a Suzano Petroquímica e houve quem questionasse o preço. Qual a sua avaliação disso?

**FHC** – De fato, discute-se o valor. Além disso, houve uma espécie de duopolização. O governo interveio para reduzir a concorrência. Eu acho que isso é discutível. E a pergunta é: onde está o interesse nacional? O que está em jogo? No passado, havia a Dow Chemical. Mas agora não. Havia uma briga de players nacionais, como a Suzano e a Unipar. Quando o governo intervém e diminui o número de concorrentes, o que nunca ninguém diz o seguinte: isso concentra a renda.

**DINHEIRO** – O governo estaria agindo contra o interesse nacional?

**FHC** – Sim. Os fatores que, historicamente, causaram concentração de renda no País eram a agricultura com a terra nas mãos de poucos, e a concentração do capital das empresas, que eram ligadas ao Estado. Isso era o modelo dos anos 70. E eu me pergunto: por que razão o BNDES deve alocar dinheiro público para concentrar capital? Não dá para entender.

**DINHEIRO** – Um exemplo concreto é o da telefonia. O que o sr. acha da fusão entre Oi e Brasil Telecom?

**FHC** – Eu não vejo lógica nessa fusão. Mas há também um outro problema que mistura as análises. Eu não sou especialista, mas acho que se o Sérgio Motta estivesse vivo, ele diria: alha, o mundo mudou, veio a convergência e precisamos atualizar o modelo. Essa é a discussão correta, que vem junto de uma outra que não é correta.

**DINHEIRO** – E qual seria?

**FHC** – É a história de que precisamos ter uma tele nacional. A questão é que já tem. A maior tele no Brasil, a Oi, é nacional. A terceira maior, a Brasil Telecom, é nacional. E a primeira maior tem participação dos fundos de pensão e do BNDES. Se os empresários se fundem, num movimento de mercado permitido por lei, o governo não tem nada com isso. Mas organizar a concentração é bem estranho.

**DINHEIRO** – E quando isso ocorre antes de uma mudança legal?

**FHC** – Gera suspeita de vantagem política. Estamos voltando ao modelo que, no passado, era criticado por todos os democratas no Brasil. É aquele

*Dilma Rousseff*

## Há uma certa nostalgia da era Geisel na ação da Casa Civil

*em que o governo decide o vencedor. Esse é o modelo do regime autoritário. Qual é o interesse nacional que há em escolher um vencedor?*

**DINHEIRO** – Na telefonia, são dois: Sérgio Andrade e Carlos Jereissati.

**FHC** – Isso deveria ser resolvido pelo mercado, não pelo governo.

**DINHEIRO** – Olhando para trás, o sr. não faria uma autocrítica em relação ao modelo de privatizações? O governo não escolheu vencedores quando, em vez de pulverizar o controle das companhias, vendeu blocos de controle?

**FHC** – Bom, mas por que não se fez a privatização com capital pulverizado naquela época? Primeiro, porque a conjuntura brasileira era muito negativa e o Tesouro precisava de recursos. Segundo, porque o mercado de capitais brasileiro não estava maduro ainda. Terceiro, porque as estatais precisavam de know-how técnico e quem tinha eram as empresas estrangeiras. Uma das dúvidas que surgiram quando o grupo da Telemar venceu foi essa. Bom, mas e o know-how técnico? Daí surgiu a expressão telegangue.

**DINHEIRO** – Não havia outro caminho?

**FHC** – Eu não sei. Mas o fato é que tivemos a preocupação de criar um modelo competitivo, limitando as áreas de concessão e criando as empresas-espelho. No capitalismo, há natural-

*Luciano Coutinho*

## A questão é: por que o dinheiro do BNDES deve concentrar renda?

*mente uma tendência concentradora. Isso é da natureza. E justamente por isso o governo deve atuar na direção contrária, reforçando os instrumentos de controle. Agora, as coisas estão invertidas. O BNDES começa a tomar partido. Virou o mestre de cerimônia da concentração do capital.*

**DINHEIRO** – O sr. se espanta ao ver essa ação ser liderada pelo Luciano Coutinho, um economista respeitado?

**FHC** – Mas ele pensa assim. O que eu vejo na ação do Luciano é uma visão geiseliana, nacional-estatista.

**DINHEIRO** – Onde mais esse DNA estaria presente?

**FHC** – Na ministra Dilma Rousseff, também. Nela, mais explicitamente.

**DINHEIRO** – Mas são pessoas que lutaram contra o regime militar.

**FHC** – Lutaram porque o regime sufocava as liberdades civis. Mas, por outro lado, havia uma sintonia ideológica que era geral no tempo do Geisel. Pegava a todos nós, a mim inclusive. Naquele tempo, ainda havia a União Soviética. Havia a idéia de um modelo planejador centralizado. Uma vez, no nosso governo, houve uma reunião da Cepal e todos ficaram espantados com o fato de que ainda havia ministério do Planejamento no Brasil. E nós fizemos o Avança Brasil em torno dessa es-

*Presidente Lula*

## A sorte é que o Lula não se prende à ideologia. Ele é uma metamorfose

*trutura, que foi abandonada na primeira gestão do Lula. Agora, eles tentam retomar a idéia com o PAC, que, no fundo, é o Avança Brasil.*

**DINHEIRO** – Mas, voltando à privatização, foi ali que nasceu a expressão “privataria”. Isso o incomoda?

**FHC** – Quem inventou isso foi o Gaspari [jornalista Elio Gaspari] para insinuar que teria havido alguma vantagem indevida, na época da Telemar. E deu em nada. Os procuradores não conseguiram apresentar uma evidência de favorecimento.

**DINHEIRO** – Mas a frase de Ricardo Sérgio Oliveira [ex-diretor do Banco do Brasil que controlava fundos de pensão], de que agia “no limite da irresponsabilidade”, marcou o governo.

**FHC** – Mas no limite da irresponsabilidade pode ser visto como algo que não chegou lá. Na verdade, o que o governo estava querendo fazer? Como se tratava de um leilão de patrimônio público, não se podia entregar na bacia das almas. Era preciso valorizar o patrimônio. E como é que valoriza? Tem que ter mais de um concorrente. A decisão era simples: deixa que os fundos de pensão apóiem mais de um grupo. Era o oposto da privataria. Aliás, privataria é o contrário. Ela acontece quando o governo escolhe o vencedor, como ocorre agora.

## A fusão Oi-BrT não faz sentido. E, antes da lei, isso gera desconfiança

**DINHEIRO** – Não houve um momento em que vocês pensaram em pulverizar o capital de algumas empresas, como Furnas, por exemplo?

**FHC** – *Houve sim. Tanto o Pêrsio Arida quanto o Eliezer Carvalho [ex-presidentes do BNDES] pensaram nisso. A idéia não foi adiante porque havia desconfiança sobre quem tomaria conta das empresas. Não havia um mercado de capitais ainda. Ele aflorou recentemente, fruto das reformas que foram pensadas lá atrás, por gente como o Beto Mendonça de Barros.*

**DINHEIRO** – Mais uma herança maldita do seu governo?

**FHC** – *Mais uma, né? (risos). Aliás, o Zé Dirceu volta a falar em herança maldita num artigo de hoje. Não li.*

**DINHEIRO** – Um capitalismo puxado pelo mercado de capitais não é contraditório com o modelo geiseliano?

**FHC** – *As duas coisas estão em andamento e há uma tensão. Eu só não acho que o DNA estatal vá prosperar porque o outro lado, o do mercado, é forte. De qualquer forma, é preciso chamar a atenção e dizer: cuidado!*

**DINHEIRO** – O sr. identifica outros focos de problemas na economia?

**FHC** – *No caso da Petrobras, a Agência Nacional de Petróleo desapareceu. A Petrobras faz o que quer.*

## Na petroquímica, o governo agiu para criar um duopólio no setor

**DINHEIRO** – Mas, com a descoberta de Tupi, a ANP não deveria mesmo ter adiado o leilão daquelas áreas?

**FHC** – *Isso foi certo. Surgiu um fato novo, que justificou a mudança. Mas não é necessário mudar a lei de petróleo. Como o risco de exploração é menor, basta aumentar o imposto para que a sociedade se beneficie. Mas é importante que se dê oportunidade à iniciativa privada porque a concorrência é sempre melhor do que o monopólio.*

**DINHEIRO** – Falando então de petróleo, como o sr. encara a idéia de que a BR Distribuidora compre a Esso, que parece disposta a sair do Brasil?

**FHC** – *Isso, de novo, eu acho errado. O que o Brasil ganha com o monopólio e com a concentração do capital?*

**DINHEIRO** – E por que o seu partido parece tão quieto? O PSDB também gosta do Estado forte?

**FHC** – *Houve um setor do PSDB que, no passado, gostava. Mas eu acho mesmo que o partido precisa colocar mais energia nesse tema. E veja: as coisas não estão acontecendo ao acaso. Há uma certa congruência em todos os movimentos. E talvez nem o PT tenha se apercebido do que está ocorrendo. É uma ala ali dentro que lidera esse processo, formando uma aliança entre grandes capitais e Estado. Isso não*

## Quando se tenta conter a Vale, a lógica é política, não econômica

*tem nada a ver com socialismo. É uma deformação do capitalismo. O povo não ganha nada com isso.*

**DINHEIRO** – Na sua opinião, qual deve ser o papel dos fundos de pensão?

**FHC** – *Eles devem ser investidores de longo prazo e não gestores de empresas. Fora do Brasil é assim. Aqui, as coisas estão distorcidas e ainda há um outro problema. Todos os dirigentes de fundos de pensão estatais são ligados a um partido político. Isso significa que o PT tem o controle sobre os grandes fundos de investimento de capital.*

**DINHEIRO** – Significa que, nessa burguesia de Estado, o Sérgio Rosa, da Previ, é o maior capitalista do Brasil?

**FHC** – *É por aí. Eu acho que ele é bom e que até tenta não seguir uma ação política. Mas ele é ligado a um partido. E, depois, se você for ver o número de indicações que os fundos de pensão têm nas empresas, a maior parte é de gente ligada ao PT. Eu conheço um empresário que teve de abrigar no conselho um deputado. Tudo o que ele queria ali era o jeton. E são centenas de pessoas nessa situação, que estão lá não em função da defesa do interesse do acionista, mas sim em defesa dos interesses do partido.*

**DINHEIRO** – Falando da Vale, onde os fundos são acionistas, comenta-se que



o governo pretende bloquear a compra da Xstrata. Isso faz sentido?

**FHC** – *O problema é simples. É que, depois da aquisição, os fundos teriam menor peso no bloco de controle da Vale, com a entrada de um sócio estrangeiro. É uma questão de poder.*

**DINHEIRO** – Mas o sr. acha que a Vale conseguiu convencer o presidente?

**FHC** – *Eu acho que sim. A sorte do Brasil é que o Lula não tem essa cabeça geiseliana. Ele é mais aberto, mais livre. A coisa boa é o fato de termos um presidente que se definiu como uma metamorfose ambulante. Ele avalia cada situação de acordo com as circunstâncias e não com a camisa-de-força da ideologia. Por isso, acho que a Vale já resolveu o problema.*

**DINHEIRO** – A empresa deve então se internacionalizar?

**FHC** – *Claro que sim. A Vale não deixará de ser brasileira se explorar riquezas aqui e lá fora. A questão é a seguinte: por que os fundos não podem ter menos controle sobre os rumos da empresa? O que há de errado em ter uma participação menor de uma companhia que será muito maior? Essa é a confusão entre a racionalidade do poder e a racionalidade da economia.*

**DINHEIRO** – Em outro setor, o dos bancos estaduais, vocês venderam quase tudo, mas esse processo parou.

**FHC** – *Bom, e agora o que eles estão fazendo? O Banco do Brasil compra tudo e sem concorrência. O mal é esse. Quando não tem leilão, pode-se estar pagando um preço alto demais. É des-caso com o dinheiro público. De novo, é o DNA estatizante.*

**DINHEIRO** – O sr. disse que o presidente Lula não tem esse DNA. Mas, no PT, outras pessoas, como o ex-ministro Antônio Palocci, também pareciam mais livres. Ele estaria fazendo falta?

**FHC** – *Sob esse aspecto, faz falta sim. O Palocci tinha uma visão muito*

*mais moderna da economia. A visão do BNDES de hoje, somada à visão da Casa Civil, representa um risco.*

**DINHEIRO** – Luciano Coutinho seria mais perigoso do que o Carlos Lessa?

**FHC** – *O Lessa não tinha consequência prática. Agora, ao discurso e à ideologia, soma-se a ação persistente do Luciano. E tudo sob o manto desse suposto interesse nacional.*

**DINHEIRO** – Como o sr. vê a polêmica dos cartões corporativos? O presidente Lula diz que foi o sr. quem começou.

**FHC** – *Isso cansa um pouco, porque parece uma obsessão. Eu, quando cheguei lá, não ficava falando do Itamar, do Collor ou do Sarney. Ficava olhando para a frente. Nesse caso dos cartões, o Lula diz: começou com o Fernando Henrique. Claro, fui eu que comecei com os cartões. Mas, com o abuso, não. E essa história de que sempre foi assim não é verdade. O número de pessoas que hoje têm cartões corporativos não faz sentido. Também não faz sentido o Lula dizer que só vai abrir as contas dele se eu abrir as minhas.*

**DINHEIRO** – Por que não?

**FHC** – *Como é que vou abrir as minhas contas se elas estão lá com ele? Eu não tenho conta fechada. Está tudo lá. Por isso, eu sou favorável a uma CPI que investigue tudo e não esconda nada.*

**DINHEIRO** – Aqui no Instituto FHC há uma foto sua com o presidente Lula, da época da transição de 2002. Uma aproximação PT-PSDB é impossível?

**FHC** – *Por que não houve esse caminho? Por uma razão simples. A luta é pelo poder. Não é ideológica, entre esquerda e direita, ou entre social-democracia e revolução. Nesse sentido, o PT quis se aliar a quem poderia lhe dar mais poder por mais tempo. E a dúvida era: só o PMDB ou todos os partidos? O Zé Dirceu queria levar todo o PMDB, o Lula quis o conjunto dos partidos e deu no que deu.*

**DINHEIRO** – Mas, agora, depois do Mensalão, restou só o PMDB.

**FHC** – *Sim. E quem é o adversário? O PSDB. Por isso, não há aliança. Além disso, o Lula não é dado à generosidade pessoal. Nunca me convidou para um café, um almoço. Quando nós estamos juntos, a relação é até amistosa. Mas, no poder, tem um travamento, um bloqueio curioso. Mas, voltando aos cartões, tem mais um ponto. Algumas pessoas dizem que é preciso preservar as famílias. Ora, as famílias já estão preservadas. A menos que estejam fazendo gastos impróprios. E nesse caso não tem que preservar nada.*

**DINHEIRO** – Na sua família também?

**FHC** – *Não há risco algum. Tem que se fazer uma CPI sem acordão. Mas também não dá para entender por que o governo quer estar à frente de uma CPI. Ele tem todos os instrumentos de controle na mão. É só abrir as faturas dos cartões e as notas fiscais. Quando o governo pede uma CPI, ele expõe a contradição e sinaliza que, na sua mão, a máquina não funciona. Olha, essa questão deve ser investigada, mas a discussão das políticas é muito mais importante. E esse DNA estatizante em Brasília é a verdadeira ameaça. E*

**O SR. MÃO SANTA** (PMDB – PI) – Nada mais havendo a tratar, a Presidência vai encerrar os trabalhos, lembrando às Sr<sup>as</sup> e aos Srs. Senadores que constará da próxima sessão deliberativa ordinária, a realizar-se terça-feira, às 14 horas, a seguinte

## ORDEM DO DIA

1

### PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 48, DE 2003

Votação, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 48, de 2003, tendo como primeiro signatário o Senador Antonio Carlos Magalhães, que *dispõe sobre aplicação de recursos destinados à irrigação*.

Pareceres sob nºs 1.199, de 2003; e 15, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania: 1º pronunciamento: Relator: Senador João Alberto Souza, favorável, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta; 2º pronunciamento: (sobre a Emenda nº 2, de Plenário), Relator ad hoc: Senador João Batista Motta, favorável, nos termos de subemenda que apresenta.

2

### PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 57, DE 2005

Votação, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 57, de 2005, tendo como primeiro signatário o Senador Marco Maciel, que *dá nova redação ao § 4º do art. 66 da Constituição, para permitir que os vetos sejam apreciados separadamente no Senado Federal e na Câmara dos Deputados*.

Pareceres sob nºs 779, de 2006; e 272, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, – 1º pronunciamento (sobre a Proposta): Relator: Senador Ramez Tebet, favorável; – 2º pronunciamento (sobre a Emenda nº 1, de Plenário): Relator: Senador Adelmir Santana, favorável, e apresentando a Emenda nº 2-CCJ, de redação.

3

### PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 20, DE 1999

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 20, de 1999, tendo como primeiro

signatário o Senador José Roberto Arruda, que *altera o art. 228 da Constituição Federal, reduzindo para dezesseis anos a idade para imputabilidade penal*.

Parecer sob nº 478, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Demóstenes Torres, favorável à Proposta de Emenda à Constituição nº 20, de 1999, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta; e pela rejeição das demais matérias que tramitam em conjunto, com votos contrários dos Senadores Sibá Machado, Eduardo Suplicy, Epitácio Cafeteira, Antônio Carlos Valadares, Pedro Simon, Romero Jucá, e das Senadoras Serys Slhessarenko, Lúcia Vânia e, em separado, do Senador Aloizio Mercadante e da Senadora Patrícia Saboya.

4

### PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 18, DE 1999

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 20, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 18, de 1999, tendo como primeiro signatário o Senador Romero Jucá, que *altera a redação do art. 228 da Constituição Federal*.

5

### PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 3, DE 2001

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 26, de 2002; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 3, de 2001, tendo como primeiro signatário o Senador José Roberto Arruda, que *altera o artigo 228 da Constituição Federal, reduzindo para dezesseis anos a idade para imputabilidade penal*.

6

### PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 26, DE 2002

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 3, de 2001; 90, de 2003; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à

Constituição nº 26, de 2002, tendo como primeiro signatário o Senador Iris Rezende, que *altera o artigo 228 da Constituição Federal, para reduzir a idade prevista para a imputabilidade penal, nas condições que estabelece.*

## 7

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 90, DE 2003**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; e 9, de 2004)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 90, de 2003, tendo como primeiro signatário o Senador Magno Malta, que *inclui parágrafo único no artigo 228, da Constituição Federal, para considerar penalmente imputáveis os maiores de treze anos que tenham praticado crimes definidos como hediondos.*

## 8

**PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO  
Nº 9, DE 2004**

*(Tramitando em conjunto com as Propostas de Emenda à Constituição nºs 18 e 20, de 1999; 3, de 2001; 26, de 2002; e 90, de 2003)*

Primeira sessão de discussão, em primeiro turno, da Proposta de Emenda à Constituição nº 9, de 2004, tendo como primeiro signatário o Senador Papaléo Paes, que *acrescenta parágrafo ao artigo 228 da Constituição Federal, para determinar a imputabilidade penal quando o menor apresentar idade psicológica igual ou superior a dezoito anos.*

## 9

**SUBSTITUTIVO AO  
PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 12, DE 2000**

Discussão, em turno suplementar, do Substitutivo ao Projeto de Lei da Câmara nº 12, de 2000 (nº 885/95, na Casa de origem), que *estabelece diretrizes gerais de programa nacional de habitação para mulheres com responsabilidade de sustento da família.*

Parecer sob nº 437, de 2007, da Comissão Diretora, Relator: Senador Gerson Camata, oferecendo a redação do vencido.

## 10

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 6, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 6, de 2003 (nº 2.820/2000, na Casa de origem), que *altera os arts. 47 e 56 da Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971 (dispõe sobre a administração e o conselho fiscal das sociedades cooperativas).*

Parecer sob nº 1.036, de 2006, da Comissão de Agricultura e Reforma Agrária, Relator do vencido: Senador Jonas Pinheiro, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CRA (Substitutivo), que oferece, com voto vencido do Senador Gilberto Goellner, e em separado, do Senador Pedro Simon.

## 11

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 7, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 7, de 2003 (nº 3.703/2000, na Casa de origem), que *dispõe sobre procedimento na operação de arrendamento mercantil de veículo automotivo (leasing), e dá outras providências.*

Pareceres favoráveis sob os nº 446 e 447, de 2007, das Comissões

– de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Arthur Virgílio; e de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Eduardo Suplicy.

## 12

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 22, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 22, de 2003 (nº 5.120/2001, na Casa de origem), que *dispõe sobre as atividades das Agências de Turismo.*

Pareceres sob os nºs 1.049 e 1.050, de 2007, das Comissões

– de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Tasso Jereissati, favorável com as Emendas nºs 1 a 12 – CCJ, que apresenta; e

– de Desenvolvimento Regional e Turismo, Relator: Senador Antonio Carlos Valadares, favorável com as Emendas nºs 13 a 18 – CDR, a Subemenda nº 1-CDR à Emenda nº 9-CCJ, e pela aprovação das Emendas nºs 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 11 e 12 – CCJ.

13

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 28, DE 2003**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 28, de 2003 (nº 5.657/2001, na Casa de origem), que *acrescenta dispositivo à Lei n.º 8.906, de 4 de julho de 1994, que dispõe sobre o Estatuto da Advocacia e a Ordem dos Advogados do Brasil – OAB (prescrição em cinco anos da ação de prestação de contas do advogado para o seu cliente, ou de terceiros por conta dele).*

Parecer favorável, sob nº 1.162, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Demóstenes Torres.

14

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 75, DE 2004**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 75, de 2004 (nº 1.071/2003, na Casa de origem), que *altera a Lei nº 10.334, de 19 de dezembro de 2001, que dispõe sobre a obrigatoriedade de fabricação e comercialização de lâmpadas incandescentes para uso em tensões de valor igual ou superior ao da tensão nominal da rede de distribuição, e dá outras providências.*

Parecer favorável sob nº 87, de 2007, da Comissão de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Delcídio Amaral.

15

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 5, DE 2005**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 5, de 2005 (nº 1.447/2003, na Casa de origem), que *acrescenta parágrafo único ao art. 2º da Lei nº 9.452, de 20 de março de 1997, determinando que as Prefeituras Municipais convenientes com a Administração Pública Federal dêem ampla divulgação das liberações de recursos decorrentes dos convênios celebrados.*

Parecer sob nº 21, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Ney Suassuna, favorável, com as Emendas nºs 1 a 3-CCJ, que apresenta.

16

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 24, DE 2005**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 24, de 2005 (nº 4.465/2001, na Casa de origem), que *altera a Lei nº 5.917, de 10 de setembro de 1973*

*(inclui novo trecho na Relação Descritiva das rodovias no Sistema Rodoviário Nacional).*

Parecer favorável, sob nº 1.534, de 2005, da Comissão de Serviços de Infra-Estrutura, Relator “ad hoc”: Senador Rodolpho Tourinho.

17

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 103, DE 2005**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 103, de 2005 (nº 45/99, na Casa de origem), que *veda a exigência de carta de fiança aos candidatos a empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho – CLT.*

Parecer sob nº 198, de 2006, da Comissão de Assuntos Sociais, Relator ad hoc: Senador Paulo Paim, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CAS (Substitutivo), que apresenta.

18

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 111, DE 2005**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 111, de 2005 (nº 3.796/2004, na Casa de origem), que *dispõe sobre a Política Nacional de Orientação, Combate e Controle dos Efeitos Danosos da Exposição ao Sol à Saúde e dá providências correlatas.*

Pareceres sob nºs 603 e 604, de 2007, das Comissões:

– de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Magno Malta, favorável, com as Emendas nºs 1 e 2-CCJ, de redação, que apresenta; e

– de Assuntos Sociais, Relator: Senador Papaléo Paes, favorável, nos termos da Emenda nº 3-CAS (Substitutivo), que oferece.

19

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 118, DE 2005**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 118, de 2005 (nº 1.153/2003, na Casa de origem), que *modifica o inciso II do caput do art. 44 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (dispõe sobre o aproveitamento de matérias cursadas em seminários de filosofia ou teologia).*

Parecer sob nº 924, de 2006, da Comissão de Educação, Relatora: Senadora Maria do Carmo Alves, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CE (Substitutivo), que oferece.

20

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 1, DE 2006**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 1, de 2006 (nº 1.696/2003, na Casa de origem), que *altera o § 2º do art. 12 da Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998, que dispõe sobre os planos e seguros privados de assistência à saúde (acrescenta o planejamento familiar nos casos de cobertura dos planos ou seguros privados de assistência à saúde)*.

Parecer favorável, sob nº 145, de 2007, da Comissão de Assuntos Sociais, Relatora: Senadora Serys Slhessarenko.

21

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 2, DE 2006**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 2, de 2006 (nº 1.984/2003, na Casa de origem), que *altera o inciso XIII do caput do art. 7º da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (inclui as normas técnicas como obras protegidas pela legislação dos direitos autorais)*.

Parecer favorável, sob nº 376, de 2006, da Comissão de Educação, Relator: Senador Roberto Saturnino.

22

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 4, DE 2006**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 4, de 2006 (nº 4.730/2004, na Casa de origem), de iniciativa do Presidente da República, que *dá nova redação aos arts. 830 e 895 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 (dispõe sobre a autenticidade de peças oferecidas para prova no processo trabalhista e sobre o cabimento de recurso ordinário para instância superior)*.

Parecer favorável sob o nº 697, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator Senador Eduardo Suplicy .

23

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 11, DE 2006**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 11, de 2006 (nº 2.822/2003, na Casa de origem), que *acrescenta parágrafo único ao art. 1º da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei*

*nº 5.452, de 1º de maio de 1943, para dispor sobre a boa-fé nas relações de trabalho.*

Parecer sob nº 542, de 2006, da Comissão de Assuntos Sociais, Relator: Senador Paulo Paim, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CAS (Substitutivo), que oferece.

24

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 27, DE 2006**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 27, de 2006 (nº 819/2003, na Casa de origem), que *denomina “Rodovia Ministro Alfredo Nasser” a rodovia BR-174, entre a cidade de Cáceres – MT e a fronteira com a Venezuela.*

Parecer sob o nº 1.175, de 2006, da Comissão de Educação, Relator ad hoc: Senador Mão Santa, favorável, com a Emenda nº 1-CE, que oferece.

25

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 43, DE 2006**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 43, de 2006 (nº 4.505/2004, na Casa de origem), que *dispõe sobre o reconhecimento do dia 26 de outubro como Dia Nacional dos Trabalhadores Metroviários.*

Parecer favorável, sob nº 926, de 2006, da Comissão de Educação, Relator: Senador Paulo Paim.

26

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 90, DE 2006**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 90, de 2006 (nº 6.248/2005, na Casa de origem), que *acrescenta o § 3º-C ao art. 30 da Lei n.º 6.015, de 31 de dezembro de 1973, que dispõe sobre os registros públicos e dá outras providências (determina que cartórios de registros públicos afixem, em locais de fácil leitura e acesso, quadros contendo os valores das custas e emolumentos)*.

Parecer favorável, sob nº 1.163, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator ad hoc: Senador Valter Pereira.

27

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 12, DE 2007**

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 12, de 2007 (nº 1.791/1999, na Casa de origem), que *institui o Dia Nacional dos Surdos.*

Parecer favorável, sob nº 979, de 2007, da Comissão de Educação, Relator “ad hoc”: Senador Flávio Arns.

### 28

#### PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 28, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 28, de 2007 (nº 3.986/2004, na Casa de origem), que *institui o Dia Nacional do Vaqueiro*.

Parecer favorável sob o nº 722, de 2007, da Comissão de Educação, Relator “ad hoc”: Senador Valter Pereira.

### 29

#### PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 52, DE 2007

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 52, de 2007, tendo como primeiro signatário o Senador Leomar Quintanilha, que *dispõe sobre a realização de plebiscitos para a criação do Estado do Carajás, nos termos do art. 49, inciso XV, da Constituição Federal*.

Parecer sob nº 637, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Mozarildo Cavalcanti, favorável, com a Emenda nº 1 – CCJ, que apresenta.

### 30

#### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 169, DE 2005

*(Incluído em Ordem do Dia nos termos do Recurso nº 7, de 2007)*

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 169, de 2005, de autoria do Senador Paulo Paim, que *altera dispositivo da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências*.

Parecer sob nº 459, de 2007, da Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa, Relator **ad hoc**: Senador Flávio Arns, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CDH (Substitutivo), que oferece.

### 31

#### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 140, DE 2007 – COMPLEMENTAR

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 140, de 2007-Complementar, de autoria do Senador Demóstenes Torres, que *altera o art. 1º da Lei Complementar nº 105,*

*de 10 de janeiro de 2001, para especificar os dados financeiros não sigilosos, para fins de investigação de ilícito penal.*

Pareceres sob nºs 281 e 706, de 2007, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Jarbas Vasconcelos, 1º pronunciamento (sobre o Projeto): favorável, com a Emenda nº 1-CCJ, que apresenta; 2º pronunciamento (sobre a Emenda nº 2-Plen): favorável, nos termos de Subemenda que oferece.

### 32

#### PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 277, DE 2007

*(Incluído em Ordem do Dia nos termos do Recurso nº 9, de 2007)*

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 277, de 2007, de autoria do Senador Flávio Arns, que *acrescenta parágrafo único ao art. 4º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 para definir condições de qualidade da oferta de educação escolar para crianças de cinco e seis anos de idade*.

Parecer sob nº 874, de 2007, da Comissão de Educação, Relator: Senador Wilson Matos, favorável, nos termos da Emenda nº 1-CE (Substitutivo), que oferece.

### 33

#### REQUERIMENTO Nº 1.302, DE 2004

Votação, em turno único, do Requerimento nº 1302, de 2004, de autoria da Senadora Serys Slhessarenko, que *requer, com fundamento no art. 215 do Regimento Interno do Senado Federal, seja instituída, no âmbito do Senado Federal, a Semana de Ciência e Tecnologia, a ser celebrada anualmente no mês de outubro, com o objetivo de mobilizar a população brasileira para questões científicas, enfatizando o papel da Ciência no nosso dia-a-dia e demonstrando a sua importância para a saúde e o desenvolvimento do País*.

Pareceres favoráveis sob nºs 448 a 451, de 2007, das Comissões de Educação, Relator: Senador Juvêncio da Fonseca; de Assuntos Sociais, Relator: Senador Cristovam Buarque; de Serviços de Infra-Estrutura, Relator ad hoc: Senador Eduardo Azeredo; e de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática, Relator: Senador Valter Pereira.

34

**REQUERIMENTO Nº 914, DE 2007**

Votação, em turno único, do Requerimento nº 914, de 2007, do Senador Mozarildo Cavalcanti, solicitando a remessa do Projeto de Lei do Senado nº 312, de 2007, à Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, uma vez que o prazo na Comissão de Assuntos Econômicos já se encontra esgotado.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PMDB – PI)

– Está encerrada a sessão.

*(Levanta-se a sessão às 20 horas e 11 minutos.)*

**REPUBLICAÇÃO DO DISCURSO PROFERIDO PELO SENADOR EDUARDO SUPLICY, NA SESSÃO DO DIA 5-12-2007, PUBLICADO ÀS PÁGINAS 43712 A 43722 DO DIÁRIO DO SENADO FEDERAL DO DIA 6-12-2007, PARA FAZER CONSTAR O ARTIGO “ZÉ CELSO LEVA OS CINCO ESPETÁCULOS DE ‘OS SERTÕES’ A CANUDOS”.**

**O SR. EDUARDO SUPLICY** (Bloco/PT – SP)

– Peço a palavra pela ordem, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Tião Viana. Bloco/PT

– AC) – Concedo a palavra ao Senador Eduardo Suplicy e ao Senador Renato Casagrande pela ordem, pedindo a colaboração, para darmos continuidade à votação.

Ainda há os nomes de quatro autoridades a serem apreciados após esse item.

**O SR. EDUARDO SUPLICY** (Bloco/PT – SP.

Pela ordem. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, transmito ao Líder do PSDB, Arthur Virgílio, e ao Presidente do PSDB, Sérgio Guerra, o apelo de V. Exa para que permaneçam aqui ainda dez minutos para a votação nominal.

Quero também estender meus cumprimentos ao Senador Arthur Virgílio por ter sido designado novamente para ser líder. Só me preocupa um pouco o exemplo que vai dar àqueles que, porventura, possam ser considerados insubstituíveis. Sei que ele não se considera insubstituível, mas me preocupa um pouco o exemplo àqueles que pensam em ser sempre reeleitos.

V. Ex<sup>a</sup> sabe que é um pouco diferente, mas digo do meu respeito, da minha amizade crescente, na troca de idéias, mesmo quando divergimos. E tantas vezes são aquelas em que chegamos a pontos comuns!

Quero, Sr. Presidente, assinalar o requerimento que encaminhei à Mesa, nos termos do art. 210

do Regimento Interno: a transcrição no **Diário do Senado Federal** das reportagens de Pascoal da Conceição, publicadas no **O Estado de S. Paulo**, sobre a encenação de *Os Sertões*, baseada na obra de Euclides da Cunha, pelo elenco do teatro Oficina, ou Grupo Uzyna Ozona, dirigido por José Celso Martinez Corrêa em Canudos; da reportagem ‘Os Sertões no Sertão’ da enviada especial Alessandra Duarte, publicada em **O Globo**; e da reportagem “Os Sertões em Canudos”, publicada no jornal **Correio Braziliense**.

O ator, escritor e jornalista Pascoal da Conceição, de **O Estado de S. Paulo**; Alessandra Duarte, de **O Globo**; e o **Correio Braziliense** escreveram matérias de excepcional qualidade sobre a encenação de *Os Sertões*, baseada na obra de Euclides da Cunha, em Canudos, publicadas nesse último fim de semana.

Eles souberam captar o impacto positivo da apresentação de cinco dias, das cinco partes, seis horas cada uma, assistida por cerca de mil pessoas, que lotaram o teatro todos os dias, numa cidade de catorze mil habitantes. Foi um estímulo extraordinário para que aquelas pessoas, sobretudo os jovens, venham a ler a obra de Euclides da Cunha, e para que todos os brasileiros venhamos a contribuir para resgatar a Canudos de Antônio Maciel “Conselheiro”, dizimada em 1896. Tive a felicidade, Sr. Presidente, de assistir à quarta noite de apresentação e testemunhar a reação da platéia, que tanto interagiu com os atores.

*(Interrupção do som.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Tião Viana. Bloco/PT – AC)

– Peço a V. Exa que conclua, Senador Suplicy.

**O SR. EDUARDO SUPLICY** (Bloco/PT – SP)

– Concluindo, Sr. Presidente.

Estão de parabéns o Oficina e Zé Celso, também por integrarem as crianças e jovens do Bexiga, em São Paulo, como atores que aprenderam a fazer teatro. Fiquei feliz de ouvir a aprovação unânime dos presentes à sugestão que formulei ao Prefeito Adailton dos Santos Gama de fazer de Canudos um exemplo pioneiro da Renda Básica de Cidadania.

A publicação dessas matérias no **Diário do Senado Federal** em muito contribuirá para difundir a história contada por Euclides da Cunha e para resgatar os ideais de Antônio Conselheiro, que havia lido *Utopia*, de Thomas More, um dos autores que fundamentou o direito de todos a uma renda suficiente para a sua sobrevivência.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**DOCUMENTOS A QUE SE REFERE O SENADOR EM SEU PRONUNCIAMENTO**

**REQUERIMENTO Nº , DE 2007**

Requeiro nos termos do artigo 210 do Regimento Interno a transcrição no **Diário do Senado Federal** das reportagens de Pascoal Conceição, publicadas no jornal **Estado de S. Paulo**, sobre a encenação de “Os Sertões”, baseada na obra de Euclides da Cunha, pelo elenco do Teatro Oficina, ou Grupo Uzyrna Ozona, dirigido por José Celso Martinez Corrêa, em Canudos; da reportagem “Os Sertões no Sertão” da enviada especial Alessandra Duarte publicada no jornal **O Globo** e da reportagem “Os Sertões em Canudos” publicada no jornal **Correio Braziliense**.

**Justificação**

O ator, escritor e jornalista Pascoal Conceição, de **O Estado de S. Paulo** e Alessandra Duarte de **O Globo** e o **Correio Braziliense** escreveram matérias de excepcional qualidade sobre a encenação de *Os Sertões*, baseada na obra de Euclides da Cunha, pelo elenco do Teatro Oficina, ou Grupo Uzyrna Ozona, dirigido por José Celso Martinez Corrêa, em Canudos, publicadas no último fim de semana.

Eles souberam captar o impacto positivo da apresentação de cinco dias, das cinco partes, seis horas cada uma, assistida por 1.000 pessoas que lotaram o teatro, numa cidade de 14.000 habitantes. Foi um estímulo extraordinário para que aquelas pessoas, sobretudo os jovens, venham a ler a obra-prima de Euclides da Cunha. E para que todos os brasileiros venhamos a contribuir para resgatar a Canudos de Antônio Maciel “Conselheiro”, dizimada em 1896. Tive a felicidade de assistir à 4ª noite de apresentação e testemunhar a reação da platéia que tanto interagiu com os atores.

Estão de parabéns o Oficina e Zé Celso, também por integrar as crianças e jovens do Bexiga, em São Paulo, como atores que aprenderam a fazer teatro. Fiquei feliz de ouvir a aprovação unânime dos presentes à sugestão que formulei ao prefeito Adailton dos Santos Gama de fazer de Canudos um exemplo pioneiro da Renda Básica de Cidadania.

A publicação dessas matérias no **Diário do Senado Federal** em muito contribuirá para difundir a estória contada por Euclides da Cunha e para resgatar os ideais de Antônio Conselheiro, que havia lido *Utopia*, de Thomas More, um dos autores que fundamentou o direito de todos a uma renda suficiente para a sua sobrevivência.

Sala das Sessões, 5 de dezembro de 2007.– Senador **Eduardo Matarazzo Suplicy**.

**Com os Olhos Molhados de Milagre  
– 4 de dezembro de 2007**

O ator Pascoal da Conceição, a convite do Estado, personifica Euclides da Cunha e reporta para os leitores do Caderno 2 a montagem histórica de *Os Sertões* em Canudos, pelo grupo Uzyrna Uzona.

Estamos batendo em retirada. Amanhã já estarei em São Paulo, o celular vai funcionar, Canudos vai ser coisa do passado. Quando será que eu vou voltar? Alguém sugeriu fazer daqui um pólo de teatro no Nordeste. Público e interesse tem, ontem a praça de alimentação parecia a Praça Roosevelt quando tem Satyrianas, a festa da primavera teatral de São Paulo organizada pelo Grupo Satyros: uma multidão comendo, bebendo, falando de teatro, de conselheiro, de guerra, vendendo artesanato, camisetas de Canudos, programa da peça. Foi intenso, foi grande, 26 horas de espetáculo. Ontem então, foi uma choradeira só, dos que ficam e dos que vão.

Faltou ingresso, teve gente voltando para casa. A fila para entrar começou às 6 da manhã! Tudo isso excitava ainda mais todo mundo que queria ver o ‘último dia’.

Notícias da guerra. Perguntei pro Zê como foi pra trazer pra cá esse Bendegó, a pedra do tamanho de uma vaca que há milhares de anos veio do fundo do cosmos para cair nestas terras. Ele olhou pra mim, respirou fundo e disse: ‘Ai!’

Ontem, antes de começar o segundo ato, Zé Celso lembrou da data que marca os 105 anos da primeira publicação do livro, que ele ganhou do seu pai e ficou na estante muitos anos. Um dia leu e, depois, uma obstinação de artista criador foi pondo fogo em todos os que fizeram esta construção. A platéia era colorida, os tons de vermelho, amarelo e laranja predominavam. Zé parecia o Conselheiro fazendo sua prédica no sertão: ‘Vocês têm que pegar o livro com coragem, e ler. Está tudo pronto para Canudos ser o embrião da Universidade de Canudos, tendo como base o livro *Os Sertões*. As crianças do projeto Bixigão, que iniciaram os ensaios, estreando A Terra em 2 de dezembro de 2002, há exatamente seis anos atrás, se alfabetizaram lendo o livro. Leiam em voz alta, em grupos, tendo do lado um computador ligado na internet, clicando para pesquisar cada coisa desconhecida. O Oficina contagiou a cidade com a peste do teatro, agora todo mundo é cabra da peste!’



O final do espetáculo parecia a 'cerimônia do beija', uma cena de beijação de santo que tem na peça, que acontece quando os seguidores do conselheiro se reuniam para beijar os santos das imagens. Começam beijando imagens, depois se beijam entre si e terminam beijando todo o público e o público se beijando também. Ontem, a peça foi terminando e todo mundo foi pra pista palco, música, luz piscando colorido, câmeras, flashes, fotos de fotógrafos, amadores e profissionais, todo mundo se beijando e chorando. Beijos demorados, namorados, descarados, selinhos, pela cara toda, abraços, lágrimas, apertos, agradecimentos, endereços, telefones, saudades, olhos molhados de milagre.

Veza em quando, antes, eu leio em voz alta aqui na sala o artigo que mandarei para o jornal. A casa está lotada, aproveito para ver e sentir a platéia e também confirmar e conferir impressões.

Hoje está vazio. Muitos já foram embora ontem mesmo, alguns estão dormindo depois do forró que encerrou de manhã a noite da última apresentação. Ainda tem, pra hoje, às quatro da tarde uma romaria com os atores e as crianças do P.E.T.I., que vão passar recolhendo lixo plástico, que você encontra pela cidade toda, até na catimba. O cortejo sai da prefeitura, passa pela favela de Canudos e termina com um bolo no hotel São João Batista.

Aqui, quando a cabra dá cria, dois cabritinhos por parto geralmente, imediatamente se faz uma separação: um vai mamar o pouco leite da mãe, o outro, se tiver força e sorte, sobrevive à caridade das sobras da vida. Costumes de uma terra dura e seca.

Ganhei uma credencial de imprensa. Um cordão com um cartão escrito OS SERTÕES – CANUDOS – IMPRENSA – TEATRO OFICINA UZYNA UZONA, daqueles que você põe no pescoço por cima da roupa. Amarrei nele um gangolo, um sino que todo bode tem no pescoço e que, pela batida, se sabe onde o bode está. Cada batida tem um tom diferente, um bode não é igual ao outro.

Estou em Canudos. É longe, a água do chuveiro é fria, falta água pra muita gente, pra nós não, a comida é de visita, melhorou porque tem muita gente de fora aqui trazendo sua riqueza. Tem mototáxi que cobra por lugar, não por tempo, um lugar é um real, dois, dois reais. Vim aqui, viver o papel criado há 110 anos atrás pela coragem de um jornalista em busca da informação, trabalho que ele fez de navio,

trem, lombo de jegue, a pé, graças ao apoio do jornal. Era no tempo do telégrafo e marcaria a primeira vez que uma guerra seria transmitida por aqueles toques elétricos. Mandou notícias, coração transpassado de desgosto, de uma guerra de irmãos, uma matança, uma sangueira, um horror de visão que perturbou toda sua vida e cinco anos depois, deu num livro chamado *Os Sertões*.

Vim aqui para homenagear esse homem, chorar e cair de joelhos frente à sua grandeza humana que deu em livro, que agora uma companhia de atores de teatro revive e presentifica, no mesmo chão que tem debaixo os corpos dos que tombaram nesta guerra fratricida, enterrados lá no cemitério coberto pelas águas do Açude de Cocorobó. Foi tudo revivido em 26 horas de luz, som, texto, canto, música, teatro interferindo na política da vida da cidade, inspirando o imaginário de toda gente para criação das infinitas possibilidades que se tem para viver a vida.

No telefone, ao meu lado, a produtora pede o ônibus que vão levar a equipe para o aeroporto e depois São Paulo. Pede um ônibus legal porque está todo mundo estourado. Sei! Se bem conheço a tribo, vão cantando no ônibus, no avião, até chegar em Sampa e se dissolver na multidão: 'Trago o perfume das flores/ações multicores/nesta festa colossal./Eu sou o teatro brasileiro/da vida o espelho verdadeiro./Cantando neste carnaval/com a minha arte/que é imortal./Barreiras/as venço com bravura./ Distribuindo a toda gente,/distração e cultura./Sou a magia permanente/que na história do Brasil/sempe se fez presente./Tenho beleza, sou a esperança, trago alegria neste dia de folia!/Eu quero...'

Tem dias que eu quase me sinto queimar como um fiozinho de cobre transmitindo uma carga de alta tensão. Evoé! PASCOAL DA CONCEIÇÃO, REPÓRTER DE 'CULTURA E PAZ' ENVIADO PELO JORNAL **O ESTADO DE S.PAULO**

P.S. 1 Aos amigos do Caderno 2: gostaria de entregar pessoalmente a minha credencial de jornalista, que ganhei aqui em Canudos, ao Doutor Mesquita, encerrando essa missão de cultura e paz. Se vocês toparem, fazemos a cerimônia de entrega quando quiserem!

P.S. 2 Dedico esse meu trabalho no jornal à memória do ator e diretor Luiz Antonio Martinez Corrêa.

## **Diário de Canudos Parte 1 – A Chegada**

**28 de novembro de 2007**

Vista assim à noite, só pelas luzes, é uma cidade bem pequena Canudos

CANUDOS – É madrugada de segunda para terça-feira aqui em Canudos. Há 110 anos, Euclides da Cunha esteve por aqui enviado por este jornal para ser o correspondente de guerra. Agora, minha missão é mandar para o mundo notícias da paz que a guerra do teatro vem plantar nesta terra ignota.

Amanhã, vou cedo para Monte Santo em romaria com todo o elenco da peça. Passaram por mim na rua, me convidaram, então daqui a pouco, cinco e quinze da manhã, o ônibus me pega no hotel e eu vou.

O hotel é da dona Joselina. Chegamos, a comida estava à mesa, não deu para resistir e aceitei o convite. Arroz, feijão, cuscuz, ovo, farinha e uma especiaria da terra: carne de bode. É carne seca, salgada, seca no sol, tem um gostinho de queijo de cabra.

Aliás, quando você vem vindo na estrada, já vê pelo caminho umas gaiolas quadradas e, em volta, abertos secando ao sol, os bodes esticados. Tem bode e tem carneiro também, sempre com umas tabuletas gigantes oferecendo o pitéu. Dona Joselina diz que tem zero de colesterol. Comi e gostei. (Pra quem começou o dia comendo barrinha de cereal, bolachinha e goiabinha no avião, terminei no lucro!)

Foram quase 400 quilômetros, de Salvador até aqui, a maior parte deles pela BR-116. Feira de Santana, Serrinha, Jorro, Jorrinho, cidades, povoados dos quais não guardei o nome até chegar em Bendengó, aquela cidade onde caiu acho que o décimo maior meteorito do mundo, que está agora no Museu de História Natural do Rio. Em Bendengó, vira-se para a direita, isso quem vai pro norte (para a esquerda é Uauá), é andar mais uns 20 quilômetros de estrada de terra e você está em Canudos.

Cheguei pelas nove da noite, hora de teatro. Tudo escuro, sem lua, um breu, bem parecido com aquele momento nas salas de teatro, depois do terceiro sinal, quando apagam todas as luzes, vem aquele silêncio, o cio sagrado, antes de cantar os ritos de Baco. Fiquei com a impressão de que estava passando por um portal. As próximas luzes já eram as luzes de Canudos.

Vista assim à noite, só pelas luzes, é uma cidade bem pequena. Fui até o campo de futebol onde vai

ser feito o espetáculo Os Sertões. O campo fica no fim da cidade. Sobre o chão de barro foi levantado um templo, uma grande sala de teatro em estruturas de ferro, arquibancadas para 800 pessoas, aproximadamente 600 metros quadrados de área com 15 metros de altura, com camarins construídos dos dois lados. Levei um susto com o tamanho, como deve ter sido o daqueles que viram o meteorito vindo do fundo do cosmos para Bendengó. Tem camarins, com chuveiros de água quente e fria, uma sala só para as 100 crianças do projeto P.E.T.I. (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) que vão participar da peça com as crianças do Bexigão. Tem praça de alimentação feita com barraquinhas de lona coloridas, fora do estádio para não atrapalhar o espetáculo.

Onze carretas com cenários, luzes e figurinos, três geradores, uma estrutura de cem toneladas de ferro que, colocados em linha, dão cinco quilômetros de canos de estrutura, técnicos, elenco, produtores, pessoal do site, das fotos, você encontra o povo do teatro passeando pela rua, nos hotéis, nos bares, na prefeitura que virou a central de produção, habitando as casas que estão sendo oferecidas pelos habitantes da cidade.

O ritmo da produção é imenso nos preparativos que vão dar no espetáculo. Os números afogam a cabeça da gente com a grandiosidade do trabalho, mas, mesmo tentando, não conseguem contar o prodígio que está se materializando aqui. É ver pra crer. Meu coração está apertado, pequenininho. Tem horas que dá vontade só de chorar e pronto. É tão forte, tão grande, tão importante pra nós todos...

Respiro: está tudo teatro, tudo sagrado e mansinho, religioso, como convém aos apaixonados pelo que fazem. Evoé! Amanhã tem mais.

**PASCOAL DA CONCEIÇÃO, CORRESPONDENTE ESPECIAL DE 'CULTURA E PAZ' PARA O JORNAL O ESTADO DE S.PAULO**

## **Diário de Canudos Parte 3 O Caminho de Des-Compostela**

**29 de novembro de 2007**

Vem gente de todo tipo ver a peça, até de salto alto, e os atores vão puxando para pista-palco para dançar

CANUDOS – Os atores me contam que as cinco apresentações da peça cumprem invariavelmente

um roteiro com o público em todos os lugares que acontecem: o primeiro dia é nervoso, cheio daquelas “expectativas folclóricas”, verdadeiras ou não, que cercam as apresentações do Oficina em qualquer lugar, no litoral ou no sertão.

Pra ver, vem gente de todo tipo e jeito, até de salto alto, que os atores vão puxando para pista-palco, para participar, dançando e cantando, fazendo juntos o espetáculo que alegra a multidão. Dá medo, claro, dá vergonha de passar ridículo, mas não é nada grosseiro, é um namoro, uma paquera, um caminho de participação que vai melhorando dia a dia, apresentação por apresentação, por ambas as partes, público e atores, até chegar ao último dia, que é o dia mais calmo, mais silencioso e disciplinado de todos.

Nem todos se despedem, alguns acompanham a caravana. Um rapaz de 16 anos, o que exigiu que a produção tivesse que resolver documentação com o juizado de menores, foi agregado ao coro de soldados, depois que se apaixonou pelo grupo na última apresentação em Quixeramobim, terra de nascimento de Antônio Conselheiro.

Hoje é quarta-feira. A hora da estréia está chegando. Será daqui a pouco, cinco e meia, quando começa a anoitecer. Hoje é dia de Lua Cheia plena. Todo mundo está nervoso. Eu corro pra cima e pra baixo tentando encontrar uma **lan-house** daqui de Canudos de onde possa mandar, além dessas letras ao jornal, fotos dos acontecimentos. A internet chegou por aqui faz um ano e só fez crescer de usuários o tempo todo. Jovens, estudantes, na maioria mulheres. A cidade tem reservada para seu uso entre 300 e 400 kabytes, que agora já não dão mais: p. ex., só o Oficina, que vai transmitir ao vivo as apresentações, já está usando metade dos bytes, sem contar esse mundo de gente que vem chegando e se juntando ao povo daqui no uso da comunicação online. Deixa a internet molinha, vagarosa... Oh, meu pai!

Na preleção de ontem, Zé Celso falou do arrazoado que escreveu ao ministro da Cultura, com uma forte descrição de fatos fundamentados para a constituição da região entre cidades de Quixeramobim e Canudos como patrimônio histórico, cultural e artístico do País. Todo mundo riu quando Zé disse que seria um caminho de São Tiago da des-compostela, do desbunde. A alegria é a prova dos nove. E é séria, muito séria a importância para o desenvolvimento e aguçamento da economia da região, esse caminho que irá informar

o Brasil e o mundo da riqueza, no sentido integral da palavra, que esta região tem pra dar a todos nós.

O ministro recebe a carta no sábado numa cerimônia no Rio de Janeiro. Ambições por escrito dos artistas do teatro, que tanto discutem e projetam transmutações felizes para o imaginário de esperanças do povo brasileiro.

Daqui donde escrevo vejo alguns atores que estão dando água para um jegue. Ele é cinza e branco e está paramentado com uma cela bem bonita. Na certa vai entrar em cena.

Está chegando a hora. O ingresso custa um real, vai ferver de gente pra ver o bicho pegar, gente que vai mandar pra todos daqui e daí as notícias mais fresquinhas das vitórias dessa gente sertaneja. Deus é pai! Vou dar um mergulho no açude de Cocorobó e depois “vou pra campo de futebol ver o teatro”, que é como o povo daqui fala.

Amor a todos, a tudo, amor em todos os seus beijos: Dionízios não barra ninguém. Merda! PASCOAL DA CONCEIÇÃO – REPÓRTER DE ‘CULTURA E PAZ’ ENVIADO PELO JORNAL **O ESTADO DE S. PAULO**, 110 ANOS DEPOIS DE EUCLIDES DA CUNHA

#### **Diário de Canudos Parte 4 E Eis Que a Nave Foi Iluminada**

**30 de novembro de 2007**

É bem parecido o trabalho do jornalista com o do ator. Me pego em vigília permanente...

CANUDOS – Quarta-feira à noite, Ingressos esgotados. Você vai chegando e o burburinho do povo já serve de alerta para todos os que chegam à porta do Estádio Municipal de Canudos, que fica nos limites da cidade: é um quadrado enorme, cercado por um muro alto e branco. Dentro, há duas arquibancadas de escadas de concreto nas laterais. Você entra pelo portão principal e vê ao fundo a construção gigante de canos de ferro, que parece uma nave iluminada, construída pela produção, com arquibancadas e pista reproduzindo o Teatro Oficina, onde o espetáculo vai acontecer,

Mas ainda não dá pra entrar: há umas cercas de metal, defensas, que estão a uns dez metros da entrada, que tem uma cortina transparente de voal, onde está projetado: A TERRA.

Dava pra ver, dentro da nave toda iluminada, a equipe do teatro cantando em roda, se aquecendo na

concentração. O público foi organizadamente fazendo uma longa fila parecendo um rabo de pipa. Alguns já se animam dançando, mas a maioria está tímida e curiosa.

Então, a pelezinha de voal se abriu, removem as cercas e os atores caminham na direção da fila, todos de branco, de braços abertos, entrando e saindo, rodando com as pessoas, fazendo uma desordem que virava os olhares para todos os lados, cantando: “Atuar/Atuar/Atuar pra poder voar!/Meu cavalo tá pesado/Meu cavalo quer voar!”

Vão se misturando a todos, se espalhando, e o grande espaço do campo de futebol é ocupado pelos atores e o público de mais de 800 pessoas. Teatro de estádio, dentro do estádio. Sobem todos num lado da arquibancada e com as costas no muro e ficam 70 atores encostados no paredão, frente a frente com o público.

Fazem um minuto de silêncio. Depois, levantam o pé direito e caminham em direção à caixa iluminada do teatro. A platéia, junto com os atores, se dirige a seus lugares. Uma imagem pode e vai falar, mais que mil palavras, como foi o espetáculo. Assim seja.

Quinta-feira. Dia seguinte da estréia, o espetáculo é o assunto da cidade, por onde você passa tem gente falando da peça: “É tudo pelado e você só paga um real pra olhá!” A nudez é um susto de satisfação. Todo pelado ou pelada arrepiava a platéia, que reagia com um coro de comentários.

É que o corpo, eu penso assim, sempre obsceno, fora de cena, proibido, escondido por séculos de opressão, mentira, mistificação, o corpo é uma terra ignota, e, ao vivo, nu, em quantidade, põe pelada muita coisa que a gente não sabe ou não vê e que anda por debaixo dos panos, como o fato de que não tem um corpo igual ao outro em tamanho, forma e beleza, todo corpo é diferente como impressão digital.

Outra coisa são os nomes. Em São Paulo, Cocorobó, Cume, Maçacará, Vaza Barris, soavam distantes, estranhos. Aqui, isso acontece com nomes como Minhocão, Avenida Paulista, rua Abolição, Bela Vista.

Quase noitinha. Daqui a pouco, estréia O HO-MEM, parte 1. No caminho do teatro, duas senhoras já idosas e um menino gritaram pra mim, do outro lado da rua, moço, tem ingresso pra vender pra hoje?” Tudo porque ontem o Zê Celso me chamou pra cena e disse pra todos que eu estava ali enviado pelo jornal **O Estado de S.Paulo**, o mesmo que mandou pra cá

Euclides da Cunha como correspondente de guerra há cento e dez anos atrás”. Eu disse pra platéia que agora estava lá como correspondente de cultura e paz pra contar pro mundo aquela maravilha de acontecimento. O povo aplaudiu.

É bem parecido o trabalho do jornalista com o do ator. No teatro, você jejua e medita na peça o tempo inteiro. Fica tomado pelo texto: come, bebe, dorme, faz amor pensando nele. É o tempo todo tendo idéias, atuando, discutindo, procurando coisas que tenham a ver com o trabalho. Fazendo o papel de jornalista, sinto que são raros os momentos de folga. Tenho que escrever um texto por dia, não é hábito meu, então, pra não perder nenhum assunto, me pego em vigília permanente, orelhas e os olhos são parabólicas, captando notícia nos sinais que me rodeiam, escrevendo o tempo todo parágrafos no pensamento que, pra meu desespero, na seqüência se perdem como o sal na água.

Medo de ser pego pela seca, de ter aquela folha branca, aquele sol te olhando, te secando. E você precisando, querendo fazer, tendo coisa pra falar e não sai nada, ou o que sai é chocho e seco.

Ontem (quinta) nasceu o sertanejo: é o homem. Foi o dia mais bonito até agora. Lotado, com gente espremida na arquibancada, acompanhando e participando de tudo. Quando terminou a primeira parte e se anunciou que a segunda começaria com um forró, foi um jorro de alegria. Além do forró, dois cantadores daqui da região improvisaram um desafio, dividindo a platéia em duas partes animadas, torcendo pelo seu time, até que chega a ‘Seca’ e a alegria silencia. Ela desfila demorada pela pista, olhando a todos com desdém de musa.

Mas uma cena mudou o eixo dos comentários. De repente, uma centena de sertanejinhos, participantes do PETI, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, todos de branco, toma o comprimento inteiro da pista. E numa emoção sem tamanho, a gente começa a ouvir muitas vozes infantis juntas, agudinhas, carregadas no sotaque nordestino, falando em coro, com pausas e arranques, o texto mais conhecido de Euclides da Cunha, de cócoras, de pé, girando rápido, bem ritmado, um ritmo pra frente, bem concentrados.

Era a verdade na boca das crianças daqui do sertão: “O sertanejo é antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do Litoral...” Enquanto falavam, faziam movimentos coreografados vindos do texto: “E se na marcha estaca pelo

motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo – cai é o termo – de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável...” Saíram aplaudidos.

O dia terminou com a fala do Conselheiro, documento vivo de atavismo, grande homem pelo avesso, representante natural do meio em que nasceu. Mas ainda não dá pra ir dormir. Tem festa no “Jorrinho”, um bar que fica na beira do açude de Cocorobó. Que ninguém é de ferro.

Pascoal da Conceição

P.S.: Enquanto ouço a produtora falando ao telefone com Salvador, pedindo um afinador de piano para o próximo espetáculo, Dona Rita Cardoso de Macedo, a Rita de Tiago, em nome do pessoal da Fazenda Pedra Solitária, comunidade da Toca Velha, me pede pra escrever no jornal que dêem atenção aos moradores de lá, que não têm luz. E a água tem que ser levada no lombo de animal.

O ator Pascoal da Conceição, a convite do **Estado**, personifica Euclides da Cunha e reporta para os leitores do Caderno 2 a montagem histórica de *Os Sertões* em Canudos.

### Diário de Canudos – Parte 5 O Teatro de Estádio

#### 2 de dezembro de 2007

Duas crianças nadavam. Vocês são irmãos? Não, mas vamos ser! É que meu pai fez um filho na mãe dele.

CANUDOS – Não tem lugar pra todo mundo. O teatro construído no campo de futebol tem capacidade para 900 lugares, se você somar a isso 88 pessoas da companhia, mais as locais: 6 seguranças; 7 da limpeza; 4 de apoio à contra-regragem e cenário; costureira; 6 lavadeiras pros figurinos; bilheteiro; porteiro; 6 brigadistas escoteiros; o menino dono do cabrito; o dono do burro; o da moto; o do cavalo e mais vendedores das barraquinhas da praça de alimentação; 12 montadores e ajustadores da estrutura de ferro; os ‘polícia’; a banda de pifanos, que hoje faz participação; mais jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas, prefeito e convidados especiais – hoje temos a honra de receber o Senador Suplicy –, se for contar, não dá conta.

Essa energia, que atrai e incendeia a multidão, tem nos atores atuadores o seu cerne, atores de dentro e de fora. Eles são o carnegão da coisa, uma multidão compacta de jogadores talentosos e competentes, cujos nomes eu recomendo ler como uma oração na ficha técnica que está no **site** do Teatro Oficina. Aqui no sertão, eles são o povo do teatro e com competência representam todos os inomeados anônimos que amam em todos os lugares do planeta esta mais que antiga forma de amar e viver a vida e com seus corpos, sua música, seu canto, sua entrega, eletrizam a multidão, sob risos e lágrimas. Ai, quantas lágrimas nós temos derramado!

Acordei cedo e fui para a comunidade da Toca Velha, visitar o pessoal da Fazenda da Pedra Sozinha e falar com dona Rita de Tiago, que em nome das vinte e duas moradias pede que mandem pra lá luz e principalmente água. São muitas comunidades assim espalhadas no sertão, cada uma com seu nome de fé: Barriguda, Trabubu, Rocinha, Penedo, Simplício, Mandacaru, Silva, Calumbi, Serra Branca...

Escrevo minhas anotações nas bordas em branco da edição de bolso de *Os Sertões* que trouxe daí de São Paulo. Serve para lembrar depois e também de consulta: pra confirmar uma descrição geográfica, histórica, urbana, como a casa feita de pau a pique de um tabaréu:

“divididas em três compartimentos minúsculos, as casas eram paródia grosseira da antiga morada romana: um vestíbulo exíguo, um átrio servindo ao mesmo tempo de cozinha, sala de jantar e de recepção; e uma alcova lateral, furna escuríssima mal revelada por uma porta estreita e baixa.” Assim mesmo, sem tirar nem por.

Pra seis de agosto dona Rita convida a todos pra romaria em louvor do Senhor Bom Jesus da Gruta da Toca Velha até o alto da serra, onde o padre reza missa já faz anos. Depois tem a Festa da Vaquerama, que o povo de lá promove, com vaquejada e forró à luz do candeeiro. “E se Deus quiser, o ano que vem já vai ser com água e luz.” Vamos ver.

No caminho mastiguei uma agaroba: é o fruto de uma árvore que está no sertão todo e que parece uma vagem amarela. É doce com gosto parecido com o da cana de açúcar. Embaixo da sua sombra sempre tem um bode, um jegue, um boi, comendo suas vagens doces que caem pelo chão. Fui conhecer a construção que leva água do açude para o interior da terra seca.

São canaletas de concreto que vão se ramificando e se dividindo como raízes caatinga adentro. Duas crianças nadavam no canal, Ariel e Maicom. “Vocês são irmãos? – Não, mas vamos ser! Como assim? – É que meu pai fez um filho na mãe dele.”

O açude de Cocorobó irriga a catinga. Mas a água não é tudo. O sistema de irrigação é de sulco de infiltração e está ultrapassado. Escorre água sem controle e desperdiça. A água em excesso cobre o chão, seca, saliniza a terra e a torna estéril. Há métodos mais modernos: o de aspersão, aquele da torneirinha que fica girando abobada e o de gotejamento. Coisas que aprendi por aqui.

A fila dos ingressos chega cada dia mais cedo. Ontem começou ao meio dia. Pra evitar os cambistas, são distribuídas senhas antes, uma para cada espectador. No primeiro dia a venda começou as quatro e meia, no segundo uma, hoje vai ter que ser antes.

O público dá show de participação: seja em procissão de ramos, feito penitentes, ou caindo pela pista como mortos, engrossando os batalhões de soldados, entrando pelos alçapões pra dentro da terra, dançando, batendo palmas nas cerimônias políticas como a posse de Prudente de Moraes. As arquibancadas são frente a frente e todo mundo se vê e é visto. Em cenas mais fortes uns tapam a cara ou morrem de rir da cara do outro.

No intervalo de ontem teve discurso de agradecimento do prefeito, da deputada estadual e do senador Suplicy, que começou falando do livro *Utopia*, de Thomas Morus, obra que foi lida pelo Conselheiro e com certeza deve tê-lo inspirado nos sonhos de construção da comunidade de Belo Monte, aqui no sertão. Propôs que Canudos, por sua história de luta pela solidariedade, seja a primeira a se habilitar como cidade que institua o Renda Mínima. ‘Quantas pessoas temos aqui? Mil? Mais de mil? Vamos fazer como o Conselheiro e consultar o povo: quem é contra? E a favor?’ Palmas de aprovação. “Vamos pro teatro!”, gritou uma senhora da arquibancada.

Terminou quase duas da manhã e uma parte do público e dos atores foi pra praça principal fazer um forró, que foi até o sol raiar. Hoje é o último dia. Estamos indo embora. O sertão está mais verde. Andou dando uma chuvinha por aqui e num instante tudo fica verdinho, nem deixa perceber a seca, que sempre volta e apavora qualquer sertanejo.

A noite foi fria e o dia já está quente, no “martírio secular da terra”, nessa hora em que estou terminando de escrever estas notícias de cultura e paz. “Todo

mundo gosta de abará, todo mundo gosta de acarajé, o trabalho que dá pra fazer é que é!

### Zé Celso leva os cinco espetáculos de ‘Os Sertões’ a Canudos

A convite do **Estado**, o ator Pascoal da Conceição faz um diário da encenação. Acompanhe

SÃO PAULO – Desde o início da preparação de Os Sertões – a transposição cênica do livro homônimo de Euclides da Cunha sobre o massacre dos sertanejos na cidade de Canudos -, o diretor José Celso Martinez Corrêa afirmava que não criaria o espetáculo para provocar catarse, a piedade para com Antônio Conselheiro (1830-1897) e sua gente. Pelo contrário, seria para furar o cerco. Os muitos cercos: de recursos para o teatro, da especulação imobiliária em torno do Oficina, o cerco da miséria. Seria o espetáculo do desmassacre, na linguagem de Zé Celso.

Veja também:

Diário de Canudos Parte 1 – A Chegada

Diários de Canudos Parte 2 – A Subida do Monte Santo

Diário de Canudos Parte 3 – O Caminho de Des-Compostela

Diário de Canudos Parte 4 – E Eis Que a Nave Foi Iluminada

Diário de Canudos – Parte 5 – O Teatro de Estádio

Diário de Canudos Parte Final – Bendegó

Nesta quarta, 28, estréia em Canudos essa montagem de 5 dias e 25 horas de duração, 5 espetáculos – A Terra, O Homem 1, O Homem 2, A Luta 1 e A Luta 2 –, 5 toneladas de cenário, 2,5 mil figurinos, 47 atores, 70 pessoas diretamente envolvidas. O estádio de futebol local vai abrigar uma réplica do Oficina, a exemplo do que já aconteceu na Alemanha, em São José do Rio Preto (SP), no Recife (PE), em Salvador (BA) e em Quixeramobim (CE).

E a narrativa cênica da guerra que inaugurou o telégrafo será acompanhada pelo **Estado** em reportagem diária no Caderno 2, assinadas pelo ator Pascoal da Conceição. “Serei, com muita honra, o Euclides da Cunha do desmassacre. Ele foi denunciar um crime, uma carnificina. Eu vou testemunhar a transmutação de morte em vida”. Imagens das apresentações em Canudos podem ser vistas também no **site** do Teatro Oficina.

CADERNO C

ARTES CÊNICAS

CADERNO C

# Os SERTÕES EM CANUDOS

O primeiro meteorito a cair no sertão de Canudos, no século 18, foi chamado de Bendegó, nome de uma cidade da região. É considerado dos maiores que apareceram no Brasil e atualmente fica guardado no Rio. O segundo meteorito em Canudos caiu, na última quarta-feira, dia da estreia de *Os sertões*, a adaptação feita pelo diretor José Celso Martinez Correia e seus 80 atores do Teatro Oficina para o romance de Euzébio de Cunha. O impacto do Bendegó de Zé Celso pôde ser sentido pelos comentários da plateia sobre a falta de roupa de toda aquela gente de teatro. Mas um impacto mais profundo se deu, por exemplo, na barraca montada por moradores do local especialmente para o evento, na frente do estádio municipal da região, onde foi realizada a apresentação: ela vendia camisetas como souvenir de Canudos, numa cidade que, com história centenária e testemunha de uma das principais guerras brasileiras, tem apenas uma vendinha com miniaurmas de cachêdo para oferecer como lembrança.

Com a história que Canudos tem, era para ter uma faculdade aqui há muito tempo, meu Deus do céu, diz a estudante Queila dos Santos, de 21 anos, moradora da cidade que não tem sequer uma praça central.

Quando me mudei com minha mãe de Pernambuco para cá, há um ano, cheguei a me assustar. Não tem nada. A única coisa que as pessoas fazem de fazer aqui é ir ao bar, completa Maria José Varjão, de 30 anos.

Não tem nada mesmo. Nem sinal de celular. Nenhuma operadora pega em Canudos. É nesta cidade, para esta população, que desde a última quarta-feira Zé Celso e seu Oficina estão apresentando as 26 horas das cinco partes de *Os sertões*. Anteriormente, os ingressos começaram a ser vendidos, a R\$ 1, às 13h (são 800 para cada apresentação, vendidos no próprio dia); às 14h, cerca de 400 já tinham sido comprados, e a lotação esgotada se deu às 16h, duas horas antes do começo do espetáculo. As apresentações vão até amanhã.

## A primeira vez...

É a primeira vez que o estádio municipal de Canudos recebe um evento que não seja uma partida regional de futebol, e é também, para a maior parte da população da cidade, a primeira vez que se assiste a um espetáculo teatral que não seja uma apresentação de rua. Foi a primeira peça de Maria José Varjão, que quer ver todas as cinco partes, e ter sido a primeira de Queila, se ela não tivesse sido orientada pela igreja evangélica que frequenta e não assistisse ao espetáculo, em que as cenas de nudez e as alusões a sexo são tantas.

A fauna erética do espetáculo do Oficina movimentou a cidade semanas antes de ele começar e prometeia, no mínimo, dar assunto. A reação a ele na estreia, na quarta-feira, cumpriu a promessa. Um paradoxo à resistência entre os moradores foi a presença, na plateia, de um número de crianças bem maior do que nas apresentações no Rio, por exemplo, além disso, cerca de 50 crianças da região foram chamadas para fazer participações nos espetáculos.

Muito medo aí que é carresco vai ter que aguentar as mulheres falando disso, dizia, rindo, José Raimundo Freitas, vulgo John Cat, 43 anos, agente funerário, chapéu de couro na cabeça, nascido em Canudos e "se criando aqui também" e um dos espectadores mais participativos na estreia.

Se para interagir com atores de uma peça de Zé Celso é preciso ter alguma coragem, fazê-lo numa cidade do tamanho de Canudos, como fez John Cat, "tem que ter opinião", como se diz na região. Como todo mundo se con-

here, os (poucos) que aceitavam o convite dos atores para participar do espetáculo eram conhecidos por nome e/ou parentesco pelos denials.

Sou de cidade pequena também, de Araranuara, e sei

bem como é. Mas à medida que as apresentações forem ocorrendo, o público vai se soltando — disse o diretor Zé Celso, após a estreia [que teve problemas com dois acidentes com atores

um deles fraturando três dedos do pé numa queda].

Semanas antes da confirmação de que o Oficina iria a Canudos, houve boatos de que professores da Universidade Estadual da Bahia (Uneb) teriam condenado a apresentação devido à erotização xicóbia. Pessoas ligadas à Uneb em Canudos dizem que tudo não passou de mal-entendido,

provocado por um comentário de um professor sobre o que a peça poderia realmente trazer de bom para Canudos.

— Não foi mal-entendido, não, houve uma história mesmo. Mas já foi resolvido, acabou, disse Zé Celso.

## Páginas em branco

Muitos moradores de Canudos que estavam na estreia de *Os sertões* nunca leram o livro de Euclides de Cunha. A primeira faculdade da cidade, a única até agora, é uma particular de enfermagem, aberta no ano passado. Apesar de ser filho da história centenária de uma das principais guerras brasileiras, contra Antônio Conselheiro e seus seguidores, no fim do século 19, Canudos é um jovem município de 22 anos, emancipado em 1985. O asfalto

da estrada que um dia a ligou a Bendegó não durou quatro anos. Hoje, o caminho é uma mistura de terra batida e pedra. Cidade teve três tentativas de ocupação. A Canudos atual é a terceira tentativa de ocupação do local — a primeira foi a de Conselheiro, enquanto a segunda, nos anos 1950 e 1960, foi a do período da construção do açude da região, o do Cocorobó. São pouco mais de 10 mil habitantes, menos da metade dos mais de 25 mil da época de Conselheiro.

Numa carta aberta divulgada por Zé Celso no início do mês, ele chamou de dívida da população brasileira com Canudos a situação social e econômica que encontrou na cidade. Gerente da maior pousada do local, a Pôrdo-Sol, com oito quartos, Joséilson Rabelo (depois da estreia, ela

desistiu de ver as outras partes do espetáculo, chocada com as cenas de nudez), resume a dívida:

Nos 15 depois que destruíram a primeira Canudos, a do Conselheiro, o povo ocupou de novo a cidade. Pois quando a po-

pulação estava começando a se reorganizar, veio a história da construção do açude e muita gente teve que ser desalojada. Então, nos anos 1970 e 1980, o povo começou a voltar a morar aqui, que é a terceira Canudos

O GLOBO

Música: Como foi a visita de Paulinho da Viola ao GLOBO • 4

# SEGUNDO CADERNO

Teatro: Jefferson Lessa critica o musical 'Gota d'água' • 4

SÁBADO, 1 DE DEZEMBRO DE 2007

## 'Os sertões' no sertão

Adaptação de Zé Celso para o livro de Euclides da Cunha, *Os Sertões*

Alessandra Duarte

Enviada especial • CANUDOS, BA

**C**hamaram a gente aqui pra quê, hein?"

— Rapaz, agora tá ficando bom.

— Misericórdia, lá vem ela, olhe como ela vem.

— Vixe!

— Dá até calor.

— Ele tá mandando, é? Olhe, que tá esfomeado.

O primeiro meteorito a cair no sertão de Canudos, no século XVIII, foi chamado de Bendegó, nome de uma cidade da região. É considerado dos maiores que já apareceram no Brasil e atualmente fica guardado no Rio. O segundo meteorito em Canudos caiu na última quarta-feira, dia da estreia de "Os sertões", a adaptação feita pelo diretor José Celso Martinez Corrêa e seus 80 atores do Teatro Oficina para o romance de Euclides da Cunha. O impacto do Bendegó de Zé Celso pôde ser sentido pelos comentários da plateia — como os comentários acima — sobre a falta de roupa de toda aquela gente de teatro. Mas um impacto mais profundo se deu, por exemplo, na barraca montada por moradores do local especialmente para o evento, na frente do estádio municipal da região, onde foi realizada a apresentação: ela vendia camisetas como souvenir de Canudos, numa cidade que, com História centenária e testemunha de uma das principais guerras brasileiras, tem apenas uma vendinha com miniaturas de canhões para oferecer como lembrança.

### Diversão da cidade é ir ao bar local

• Não são só lojas de souvenirs que a cidade não oferece.

— Com a História que Canudos tem, era para ter uma faculdade aqui há muito tempo, meu Deus do céu — diz a estudante Quella dos Santos, de 21 anos, moradora da cidade que não tem sequer uma praça central. — Quando me mudel com minha mãe de Pernambuco para cá, há um ano, cheguei a me assustar. Não tem nada.

— A única coisa que as pessoas fazem de lazer aqui é ir ao bar — completa Maria José Varjão, de 30

anos. — Não tem nada mesmo.

Nem sinal de celular. Nenhuma operadora pega em Canudos. É nessa cidade, para esta população, que desde a última quarta-feira Zé Celso e seu Oficina estão apresentando as 26 horas das cinco partes de "Os sertões". Anteriormente, os ingressos começaram a ser vendidos, a R\$ 1, às 13h (são 800 para cada apresentação, vendidos no próprio dia); às 14h, cerca de 400 já tinham sido comprados, e a lotação esgotada se

retir às 16h, duas horas antes do começo do espetáculo. As apresentações vão até amanhã. É a primeira vez que o estádio municipal de Canudos recebe um evento que não seja uma partida regional de futebol, e é também, para a maior parte da população da cidade, a primeira vez que se assiste a um espetáculo teatral que não seja uma apresentação de rua. Foi a primeira peça de Maria José Varjão, que quer ver todas as cinco partes, e teria sido a primeira de Quella, se ela não tivesse sido orientada pela igreja evangélica que frequenta a não assistir ao espetáculo, em que as cenas de nudez e as alusões a sexo são fartas.

A fama erótica do espetáculo do Oficina movimentou a cidade semanas antes de ele começar e prometia, no mínimo, dar assunto. A reação a ele na estréia, na quarta-feira, cumpriu a promessa. Um paradoxo à resistência entre os moradores foi a presença na platéia

de um número de crianças bem maior do que nas apresentações no Rio, por exemplo; além disso, cerca de 50 crianças da região foram chamadas para fazer participações nos espetáculos.

— Muito marido aí que é carrasco vai ter que agüentar as mulheres falando disso — dizia, rindo, José Raimundo Freitas, vulgo John Cat, 43 anos, agente lunarário, chapéu de couro na cabeça, nascido em Canudos e "se criando aqui também", e um dos espectadores mais participativos na estréia. — Com a oportunidade de ter um evento desses por aqui, você acha que eu la ficar de fora? É bom para o pessoal mais velho daqui ver e perceber como passar da história da guerra para a história de hoje.

### Todos são parentes ou conhecidos

• Se para interagir com atores de uma peça de Zé Celso é preciso ter alguma coragem, fazê-lo numa cidade do tamanho de Canudos, como fez John Cat, "tem que ter ophílio", como se diz na região. Como todo mundo se conhece, os (poucos) que aceitavam o convite dos atores para participar do espetáculo eram reconhecidos por nome e/ou parentesco pelos demais.

— Sou de cidade pequena também, de Araraquara, e sei bem como é. Mas à medida que as apresentações forem ocorrendo, o público vai se soltando — disse o diretor Zé Celso após a estréia (que teve problemas como dois acidentes com atores, um deles fraturando três dedos do pé numa queda).

Semanas antes da confirmação de que o Oficina iria a Canudos, houve boatos de que professores da Universidade Estadual da Bahia (Uneb) teriam condenado a apresentação devido à erotização sexual. Pessoas ligadas à Uneb em Canudos dizem que todo não passou de mal-entendido, provocado por um comentário de um professor sobre o que a peça poderia realmente trazer de bom para Canudos.

— Não foi mal-entendido, não, houve uma história mesmo. Mas já foi resolvido, acabou — disse Zé Celso na véspera da estréia.



'OS SERTÕES' NO SERTÃO • Continuação da página 1

# Espetáculo chama atenção para Canudos

Dona de um passado impressionante, cidade aproveita passagem apoteótica de Zé Celso para pensar no futuro

Muitos moradores de Canudos que estavam na estréia de "Os sertões" ouvira leram o livro de Euclides da Cunha. A primeira faculdade da cidade, a única até agora, é uma particular de enfermagem, aberta no ano passado. Apesar de ser dona da história centenária de uma das principais guerras brasileiras, contra Antônio Conselheiro e seus seguidores, no fim do século XIX, Canudos é um jovem município de 22 anos, emancipado em 1985. O asfalto da estrada que um dia a ligou a Benedito não durou quatro anos. Hoje, o caminho é uma mistura de terra batida e pedra.

### Cidade teve três tentativas de ocupação

A Canudos atual é a terceira tentativa de ocupação do local — a primeira foi a de Conselheiro, enquanto a segunda, nos anos 50 e 60, foi a do período da construção do açude da região, o do Cocorobó. São pouco mais de dez mil habitantes, menos da metade dos mais de 25 mil da época de Conselheiro. A cidade já foi exportadora de grãos e frutas para municípios vizinhos, mas hoje tem como únicas atividades econômicas a criação de cabras e a plantação de bananas, dependendo dos produtos vindos da vizinha Juazeiro, apesar de possuir, em meio a solo seco e caatinga, extensões de terra banhadas pelo açude. A sobrevivência da cidade também vem das aposentadorias e pensões pagas a moradores pelo desativado Departamento Nacional de Obras Contra a Seca.

Numa carta aberta divulgada por Zé Celso no início do mês, ele chamou de dívida da população brasileira com Canudos a situação social e econômica que encontrou na cidade. Grande da maior pausa da história do Brasil, com um quilos, Joselina Rabelo (depois da estréia, ela desistiu de voltar aos cartazes) do espetáculo, chocada com as cenas de pobreza, resume a dívida: — Dos 15 depois que destruíam a primeira Canudos, a do Conselheiro, o povo ocupou de novo a cidade. Pois quando a população estava começando a se reorganizar, veio a história da construção do açude e muita gente teve que ser desalojada. Então, nos anos 70 e 80, o povo começou a voltar a morar aqui, que é a terceira Canudos.

— Em todo canto do mundo pega celular, menos em Canudos — sentenciava o taxista Antônio Elias, enquanto almoçava carne assada de bode com a equipe do GLOBO num restaurante da cidade baiana.

— Nenhuma administração até hoje investiu na cidade. O investimento que Zé Celso quis fazer trazendo "Os sertões" para Canudos foi chamar atenção para o município. Hoje, os prefeitos de Canudos e da careense Quixeramobim (cidade natal de Antônio Conselheiro) vão entregar uma

carta escrita por Zé Celso para o ministro da Cultura, Gilberto Gil, esperando em Salvador para as comemorações do Dia do Samba. Intitulado "Paisagem Cultural", o texto pede que a estrada entre Quixeramobim e

Canudos seja transformada numa espécie de patrimônio cultural.

— Essa estrada seria a nossa Santiago de Descovastela — brincava o diretor após ensaiar o texto com os atores na noite de terça-feira. — Todas as lanchas estão caindo para mim. Sabe quando você faz um trabalho por anos e anos, e só depois desse tempo todo consegue ver um sentido? É um Benedito mesmo.

Em Monte Santo, na manhã da última terça-feira, parte do elenco de "Os sertões" resolveu saber o que é que a caatinga tem e subiu os três quilômetros da escadaria de pedra que leva ao pico do Monte Santo, onde as tropas mandadas contra Canudos instalaram seu quartel-general e cujo caminho é utilizado porromeiros e pagadores de promessas até hoje.

Um dos atores, Fred Alan, cujo personagem é um soldado que perde uma das pernas, subiu as pedras do Monte Santo de muletas, apoiando-se apenas de um lado do corpo. Entre os atores que o acompanharam na subida (filmada pela lilha de Glauber Rocha, Ava, para um documentário sobre a turnê), estava Jair Carlos, de 16 anos, da cidade de Conselheiro, Quixeramobim, que decidiu partir com o Oficina

quando o grupo passou por lá este ano. Outro ator, Samuel de Assis, que vive uma beata auxiliar de Conselheiro, foi a caráter, com uma túnica azul, um cajado e um ar de concentração que o fazia olhar para os outros como se não houvesse ninguém ali.

Há uma proposta de caminho turístico do serião de Canudos com a ideia de utilizar como rede de hospedagem pousadas e casas de moradores das cidades, mais ou menos como aconteceu na passagem do grupo de Zé Celso. A proposta de Dona Joselina e residências de moradores do município receberem não apenas o elenco e a produção da peça, como também pessoas que vieram de outros estados, como Rio, São Paulo e Pernambuco, só para ver o Oficina em Canudos. Muitos desses espectadores já tinham assistido à peça em outro local, como Betânia Pimenta. Ela a viu no Rio, em Quixeramobim, e não ficou satisfeita enquanto não visse em Canudos.

— Em Quixeramobim, a cidade virou outra depois que a peça passou. Mexeu com todo mundo.

### A atriz Maria Padilha estava na estréia

Em Canudos, mexeu com os brios de moradores que se sabem donos de um passado sempre mais lembrado do que seu presente ou futuro. A primeira metade do espetáculo de estréia, "A terra" (que contou com a presença da atriz Maria Padilha), foi apresentada ao som de um burburinho e de risadas nervosas dos espectadores que chegaram a atrapalhar a audição.

Na metade final de "A terra", no entanto, os espectadores já tinham se tornado aliados de Zé Celso, que começou a virar essa fogo na casa em que atrizes aparecem segurando três esteras pretaadas que representam estrelas e pedem para

a platéia fazer pedidos a elas. De microfone na mão, Zé Celso foi catando pedidos de moradores para sua cidade. As respostas eram imediatas: — Educação! — Saúde! — Uma estrada de asfalto! — Celular! — Cultural! — Que o Brasil volte a enxergar Canudos! ■

Rui Chafes e Carlos Bevilacqua: Os dois escultores mostram seus trabalhos, respectivamente, na Fundação Eva Klabin e na galeria Mercedes Viegas

## A imponderável leveza do ferro e o harmônico equilíbrio das tensões

Luiz Camillo Osório

**ARTES CRÍTICA** Dois escultores, cujas obras se complementam, expõem na cidade e merecem uma visita. Para um a escultura é peso, para o outro, é equilíbrio. O primeiro é o português Rui Chafes, convidado do projeto Respiração, curadoria de Mário Diógenes, na Fundação Eva Klabin. O outro é Carlos Bevilacqua na galeria Mercedes Viegas, cuja obra fazia tempo não era mostrada no Rio, onde ele vive e trabalha.

Esta não é a primeira vez que Rui Chafes expõe no Brasil. Na 26ª Bienal de São Paulo ele trouxe uma peça monumental de ferro sobre a qual dançava o coreógrafo português Vera Mantero. Os movimentos da dançarina sentada no alto da peça eram fortes, ressaltando, curiosamente, a fragilidade do seu corpo. Esta mesma tensão entre imponderância e fragilidade ocorre em algumas intervenções realizadas na fundação. Outras vezes dá-se o oposto, nas pequenas esculturas de mão há uma inserção silenciosa nas prateladas entre as várias peças da coleção. A casa da fundação exige do

luminidade. Os objetos e obras de arte distribuídos por salas, mesas e cristalerais são de uma imponderância inquestionável. Além do mais, é uma casa escura e voltada para dentro. Diante destas características, o artista português iniciou sua conversa escolhendo obras que pontuariam o ambiente, seja enfrentando-o, seja misturando-se a ele. É bom que se diga que o ferro sempre preto de suas obras ressalta uma afetividade simbólica e introspectiva própria àquela casa e ao seu temperamento romântico (Rui Chafes é tradutor de *Novelle* de surge pela presença das peças é abafada e lenta. Os bancos pretos, austeros, minimalistas, talhados no assento, que ele insere na entrada de uma das salas principais, emitem a sensação de decorativa do ambiente. Do mesmo modo, selar as janelas com uma cortina de aço ressalta o voltar-se para dentro — da sua poética e do seu diálogo com a casa.

**Títulos das peças publicaram** *Formação Histórica de Chafes* — Os "balões" de ferro que se "sentam" nas cadeiras encos-

nao pressionam o assento, tornando-se leves no toque. Esta mesma leveza constatase nas várias pequenas esculturas de mão — pois feitas pelo manuseio e voltada para dentro. Diante destas características, o artista moldando o bronze. Uma observação especial para os títulos das peças — "as pétalas no ventre", "cabeça de sacerdote", "a história da minha alma", "o estreito espaço que separa a amabilidade da saciedade" — que substituíam o caráter literário de sua formação. Sem pretender explicar ou determinar o sentido das peças, acres-

Se em Chafes a escultura revela-se peso e opacidade, em Bevilacqua ela é tensão e precisão. Os materiais, nas esculturas do artista carioca, estabelecem relações entre si, como se vissem dentro de um sistema cósmico onde imperam forças poéticas que põem cada elemento em equilíbrio. Um certo modelo intuitivo de universo, herdado quicé de Calder, combina-se com o apuro formal de Waltereú Caldas, sua principal referência escultórica.

O que impressiona nas peças de Bevilacqua é uma trans-

A impressão que se tem é que cada material cumpre um destino determinado pelas suas próprias condições inerentes de flexibilidade, tensão, peso, resistência, força. Nada parece forçado ou feito à revelia de uma vontade da matéria. As soluções formais potencializam a precisão do gesto que põe todos os elementos da escultura em equilíbrio instável. Entre todas as peças cabe destacar "Ek-estático", de 2007, e "expectativa matemática", de 2005. Nesta última, a fragilidade da estrutura geométrica e o ponto de equilíbrio concentrado na pequena estera azul revelam a combinação mencionada de sofisticação e simplicidade.

### Na obra de Bevilacqua, relações de força

O título da exposição de Bevilacqua, "Por si", aponta para o desafio de criar formas auto-suficientes que de alguma maneira produzam um susto, ou seja, uma possibilidade silenciosa de sentido. No seu caso, o susto se dá como vislumbre de relações de força entre materiais, onde os antagonismos harmonizam-se e as tensões

equilibram-se. No caso de Chafes, o susto é do peso muito e opaco das coisas, mas pode também ser a forma delicada que surge de um peso gesto manual. A escultura obriga-nos, em uma época de virtualidade acelerada, a pen-

# COMPOSIÇÃO DO SENADO FEDERAL NA 53ª LEGISLATURA (por Unidade da Federação)

## Bahia

**Minoria-DEM** - Antonio Carlos Júnior\* (S)  
**Bloco-PR** - César Borges\*  
**PDT** - João Durval\*\*

## Rio de Janeiro

**Bloco-PRB** - Marcelo Crivella\*  
**Maioria-PMDB** - Paulo Duque\* (S)  
**Bloco-PP** - Francisco Dornelles\*\*

## Maranhão

**Minoria-DEM** - Lobão Filho\* (S)  
**Maioria-PMDB** - Roseana Sarney\*  
**PTB** - Epitácio Cafeteira\*\*

## Pará

**Minoria-PSDB** - Flexa Ribeiro\* (S)  
**PSOL** - José Nery\* (S)  
**Minoria-PSDB** - Mário Couto\*\*

## Pernambuco

**Minoria-DEM** - Marco Maciel\*  
**Minoria-PSDB** - Sérgio Guerra\*  
**Maioria-PMDB** - Jarbas Vasconcelos\*\*

## São Paulo

**Bloco-PT** - Aloizio Mercadante\*  
**PTB** - Romeu Tuma\*  
**Bloco-PT** - Eduardo Suplicy\*\*

## Minas Gerais

**Minoria-PSDB** - Eduardo Azeredo\*  
**Maioria-PMDB** - Wellington Salgado de Oliveira\* (S)  
**Minoria-DEM** - Eliseu Resende\*\*

## Goiás

**Minoria-DEM** - Demóstenes Torres\*  
**Minoria-PSDB** - Lúcia Vânia\*  
**Minoria-PSDB** - Marconi Perillo\*\*

## Mato Grosso

**Minoria-DEM** - Jonas Pinheiro\*  
**Bloco-PT** - Serys Slhessarenko\*  
**Minoria-DEM** - Jayme Campos\*\*

## Rio Grande do Sul

**Bloco-PT** - Paulo Paim\*  
**PTB** - Sérgio Zambiasi\*  
**Maioria-PMDB** - Pedro Simon\*\*

## Ceará

**PDT** - Patrícia Saboya\*  
**Minoria-PSDB** - Tasso Jereissati\*  
**Bloco-PC DO B** - Inácio Arruda\*\*

## Paraíba

**Minoria-DEM** - Efraim Morais\*  
**Maioria-PMDB** - José Maranhão\*  
**Minoria-PSDB** - Cícero Lucena\*\*

## Espírito Santo

**Maioria-PMDB** - Gerson Camata\*  
**Bloco-PR** - Magno Malta\*  
**Bloco-PSB** - Renato Casagrande\*\*

## Piauí

**Minoria-DEM** - Heráclito Fortes\*  
**Maioria-PMDB** - Mão Santa\*  
**PTB** - João Vicente Claudino\*\*

## Rio Grande do Norte

**Maioria-PMDB** - Garibaldi Alves Filho\*  
**Minoria-DEM** - José Agripino\*  
**Minoria-DEM** - Rosalba Ciarlini\*\*

## Santa Catarina

**Bloco-PT** - Ideli Salvatti\*  
**Maioria-PMDB** - Neuto De Conto\* (S)  
**Minoria-DEM** - Raimundo Colombo\*\*

## Alagoas

**Minoria-PSDB** - João Tenório\* (S)  
**Maioria-PMDB** - Renan Calheiros\*  
**PTB** - Fernando Collor\*\*

## Sergipe

**Maioria-PMDB** - Almeida Lima\*  
**Bloco-PSB** - Antonio Carlos Valadares\*  
**Minoria-DEM** - Maria do Carmo Alves\*\*

## Amazonas

**Minoria-PSDB** - Arthur Virgílio\*  
**PDT** - Jefferson Peres\*  
**Bloco-PT** - João Pedro\*\* (S)

## Paraná

**Bloco-PT** - Flávio Arns\*  
**PDT** - Osmar Dias\*  
**Minoria-PSDB** - Alvaro Dias\*\*

## Acre

**Maioria-PMDB** - Geraldo Mesquita Júnior\*  
**Bloco-PT** - Sibá Machado\* (S)  
**Bloco-PT** - Tião Viana\*\*

## Mato Grosso do Sul

**Bloco-PT** - Delcídio Amaral\*  
**Maioria-PMDB** - Valter Pereira\* (S)  
**Minoria-PSDB** - Marisa Serrano\*\*

## Distrito Federal

**Minoria-DEM** - Adelmir Santana\* (S)  
**PDT** - Cristovam Buarque\*  
**PTB** - Gim Argello\*\* (S)

## Tocantins

**Bloco-PR** - João Ribeiro\*  
**Maioria-PMDB** - Leomar Quintanilha\*  
**Minoria-DEM** - Kátia Abreu\*\*

## Amapá

**Maioria-PMDB** - Gilvam Borges\*  
**Minoria-PSDB** - Papaléo Paes\*  
**Maioria-PMDB** - José Sarney\*\*

## Rondônia

**Bloco-PT** - Fátima Cleide\*  
**Maioria-PMDB** - Valdir Raupp\*  
**Bloco-PR** - Expedito Júnior\*\*

## Roraima

**Bloco-PT** - Augusto Botelho\*  
**Maioria-PMDB** - Romero Jucá\*  
**PTB** - Mozarildo Cavalcanti\*\*

## Mandatos

11 \*\* : Período 2007/2015

## COMISSÕES PARLAMENTARES DE INQUÉRITO

1) Comissão Parlamentar de Inquérito composta de 11 Senadores titulares e 7 suplentes, destinada a apurar, no prazo de cento e vinte dias, a liberação, pelo Governo Federal, de recursos públicos para organizações não governamentais – ONGs - e para organizações da sociedade civil de interesse público - OSCIPs, bem como a utilização, por essas entidades, desses recursos e de outros por elas recebidos do exterior, a partir do ano de 1999 até o ano de 2006.

(Requerimento nº 201, de 2007, lido em 15.3.2007)  
(Aditado pelo Requerimento nº 217, de 2007, lido em 20.3.2007)

Titulares	Suplentes
<b>BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA <sup>(1)</sup></b> <b>(DEM/PSDB)</b>	
Heráclito Fortes (DEM)	1. César Borges (DEM)
Raimundo Colombo (DEM)	
Flexa Ribeiro (PSDB)	2. Marconi Perillo (PSDB)
Marisa Serrano (PSDB)	
<b>BLOCO DE APOIO AO GOVERNO</b> <b>(PT/PTB/PR/PSB/PCdoB/PRB/PP)</b>	
Flávio Arns (PT)	1. João Ribeiro (PR)
Eduardo Suplicy (PT)	2. Mozarildo Cavalcanti (PTB)
João Vicente Claudino (PTB)	
<b>PMDB</b>	
Valdir Raupp	1. Valter Pereira
Wellington Salgado de Oliveira	2. Romero Jucá
Leomar Quintanilha	
<b>PDT</b>	
Jefferson Peres	

(1) De acordo com o cálculo de proporcionalidade partidária, cabe ao Bloco Parlamentar da Minoria a indicação de três membros suplentes.

**Leitura: 15.3.2007**  
**Designação: 5.6.2007**  
**Instalação:**  
**Prazo Final:**

2) Comissão Parlamentar de Inquérito, composta de 13 Senadores titulares e 8 suplentes, para, no prazo de cento e oitenta dias, apurar as causas, condições e responsabilidades relacionadas aos graves problemas verificados no sistema de controle do tráfego aéreo, bem como nos principais aeroportos do país, evidenciados a partir do acidente aéreo, ocorrido em 29 de setembro de 2006, envolvendo um Boeing 737-800 da Gol e um jato Legacy da American ExcelAire, e que tiveram seu ápice no movimento de paralisação dos controladores de voo ocorrido em 30 de março de 2007.

(Requerimento nº 401, de 2007)

(13 titulares e 8 suplentes)

**Presidente: Senador Tião Viana – (PT-AC)**

**Vice-Presidente: Senador Renato Casagrande – (PSB-ES)**

**Relator: Senador Demóstenes Torres – (DEM-GO)**

<b>Titulares</b>	<b>Suplentes</b>
<b>BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA (DEM/PSDB)</b>	
(vago) <sup>3</sup>	1.Raimundo Colombo (DEM)
Demóstenes Torres (DEM)	2.Romeu Tuma (DEM)
José Agripino (DEM)	
Mário Couto (PSDB)	3. Tasso Jereissati (PSDB)
Sérgio Guerra (PSDB)	
<b>BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT/PTB/PR/PSB/PCdoB/PRB/PP)</b>	
Tião Viana (PT)	1. Ideli Salvatti (PT)
Sibá Machado (PT)	2. João Pedro (PT) <sup>2</sup>
Sérgio Zambiasi (PTB)	3. Inácio Arruda (PCdoB)
Renato Casagrande (PSB)	
<b>PMDB</b>	
Leomar Quintanilha	1. Romero Jucá
Gilvam Borges	2. Valdir Raupp
Wellington Salgado	
<b>PDT</b>	
(vago) <sup>1</sup>	

<sup>1</sup> O Senador Osmar Dias deixa de compor esta Comissão, a partir de 29.05.2007 (Ofício nº 70/07 – GLPDT).

<sup>2</sup> O Senador Expedito Júnior foi substituído pelo Senador João Pedro, conforme número 114/2007 – da liderança do Bloco de Apoio do Governo, lido na sessão de 16/05/2007.

<sup>3</sup> Em virtude do falecimento do Senador Antonio Carlos Magalhães, ocorrido em 20.7.2007.

**Leitura: 25.4.2007**

**Designação: 15.5.2007**

**Instalação: 17.5.2007**

**Prazo Final: 26.11.2007**

**COMPOSIÇÃO DAS COMISSÕES PERMANENTES**  
**1) COMISSÃO DE ASSUNTOS ECONÔMICOS - CAE**  
(27 titulares e 27 suplentes)

**Presidente: Senador Aloizio Mercadante – PT**  
**Vice-Presidente: Senador Eliseu Rezende - DEM**

TITULARES	SUPLENTE
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Eduardo Suplicy – PT	1. Flávio Arns – PT
Francisco Dornelles – PP	2. Paulo Paim – PT
Delcídio Amaral – PT	3. Ideli Salvatti – PT
Aloizio Mercadante – PT	4. Sibá Machado – PT
Fernando Collor – PTB	5. Marcelo Crivella – PRB
Renato Casagrande – PSB	6. Inácio Arruda – PC do B
Exedito Júnior – PR	7. Patrícia Saboya – PSB
Serys Slhessarenko – PT	8. Antonio Carlos Valadares – PSB
João Vicente Claudino – PTB	9. João Ribeiro – PR
<b>PMDB</b>	
Romero Jucá	1. Valter Pereira
Valdir Raupp	2. Roseana Sarney
Pedro Simon	3. Wellington Salgado de Oliveira
Mão Santa	4. Leomar Quintanilha
Gilvam Borges	5. (vago)
Neuto De Conto	6. Paulo Duque
Garibaldi Alves Filho	7. Jarbas Vasconcelos
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Adelmir Santana - DEM	1. Jonas Pinheiro - DEM
Edison Lobão - DEM	2. (vago) <sup>1</sup>
Eliseu Resende - DEM	3. Demóstenes Torres - DEM
Jayme Campos - DEM	4. Rosalba Ciarlini - DEM
Kátia Abreu - DEM	5. Marco Maciel - DEM
Raimundo Colombo - DEM	6. Romeu Tuma - DEM
Cícero Lucena – PSDB	7. Arthur Virgílio – PSDB
Flexa Ribeiro – PSDB	8. Eduardo Azeredo – PSDB
Sérgio Guerra – PSDB	9. Marconi Perillo – PSDB
Tasso Jereissati – PSDB	10. João Tenório – PSDB
<b>PDT</b>	
Osmar Dias	1. Jefferson Péres

<sup>1</sup> Em virtude do falecimento do Senador Antonio Carlos Magalhães, ocorrido em 20.7.2007.

Secretário: Luiz Gonzaga Silva Filho  
Reuniões: Terças – Feiras às 10:00 horas – Plenário nº 19 – Ala Alexandre Costa.  
Telefones: 3311-4605 e 3311-3516 Fax: 3311-4344  
E – Mail: [scomcae@senado.gov.br](mailto:scomcae@senado.gov.br)

**1.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE – ASSUNTOS MUNICIPAIS  
(9 titulares e 9 suplentes)**

**Presidente: Senador Cícero Lucena - PSDB  
Vice-Presidente: Senador Garibaldi Alves Filho - PMDB**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Antonio Carlos Valadares – PSB	1. Delcídio Amaral – PT
Sibá Machado – PT	2. Serys Slhessarenko – PT
Expedito Júnior – PR	3. João Vicente Claudino – PTB
<b>PMDB</b>	
Valdir Raupp	1. Mão Santa
Garibaldi Alves Filho	2. Renato Casagrande – PSB <sup>(1)</sup>
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Jayme Campos - DEM	1. Jonas Pinheiro - DEM
Raimundo Colombo - DEM	2. Flexa Ribeiro – PSDB
Sérgio Guerra – PSDB	3. Eduardo Azeredo – PSDB
<b>(PMDB, PSDB, PDT)<sup>(2)</sup></b>	
Cícero Lucena - PSDB	1. vago

<sup>(1)</sup> Vaga do PMDB cedida ao PSB

<sup>(2)</sup> Vaga compartilhada entre PMDB, PSDB e PDT

**1.2) SUBCOMISSÃO TEMPORÁRIA – PREVIDÊNCIA SOCIAL  
(7 titulares e 7 suplentes)**

**1.3) SUBCOMISSÃO TEMPORÁRIA – REFORMA TRIBUTÁRIA  
(7 titulares e 7 suplentes)**

**Presidente: Senador Tasso Jereissati - PSDB  
Vice-Presidente: Senador Neuto De Conto – PMDB  
Relator: Senador Francisco Dornelles - PP**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Eduardo Suplicy – PT	1. Renato Casagrande – PSB
Francisco Dornelles – PP	2. Ideli Salvatti – PT
<b>PMDB</b>	
Mão Santa	1. vago
Neuto De Conto	2. vago
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Raimundo Colombo - DEM	1. João Tenório – PSDB <sup>(2)</sup>
Osmar Dias – PDT <sup>(1)</sup>	2. Cícero Lucena – PSDB <sup>(2)</sup>
Tasso Jereissati – PSDB	1. Flexa Ribeiro – PSDB

<sup>(1)</sup> Vaga cedida ao PDT

<sup>(2)</sup> Vaga cedida ao PSDB

**1.4) SUBCOMISSÃO TEMPORÁRIA – REGULAMENTAÇÃO DOS MARCOS REGULATÓRIOS  
(7 titulares e 7 suplentes)**

**Presidente:**  
**Vice-Presidente:**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Delcídio Amaral – PT	1. Francisco Dornelles – PP
Inácio Arruda – PC do B	2. Renato Casagrande – PSB
<b>PMDB</b>	
Valdir Raupp	1. Romero Jucá
Garibaldi Alves Filho	2. Valter Pereira
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Kátia Abreu - DEM	1. José Agripino - DEM
Eliseu Resende - DEM	2. Romeu Tuma - DEM
Sérgio Guerra – PSDB	1. Tasso Jereissati – PSDB

**2) COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS - CAS  
(21 titulares e 21 suplentes)**

**Presidente: Senadora Patrícia Saboya - PSB  
Vice-Presidente: Senadora Rosalba Ciarlini – DEM**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Patrícia Saboya – PSB	1. Fátima Cleide – PT
Flávio Arns – PT	2. Serys Slhessarenko – PT
Augusto Botelho – PT	3. Expedito Júnior – PR
Paulo Paim – PT	4. Fernando Collor – PTB
Marcelo Crivella – PRB	5. Antonio Carlos Valadares – PSB
Inácio Arruda – PC do B	6. Ideli Salvatti – PT
João Pedro - PT	7. Magno Malta - PR
	8. (vago)
<b>PMDB</b>	
Romero Jucá	1. Leomar Quintanilha
Geraldo Mesquita Júnior	2. Valter Pereira
Garibaldi Alves Filho	3. Pedro Simon
Valdir Raupp	4. Neuto De Conto
Wellington Salgado de Oliveira	5. (vago)
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Demóstenes Torres – DEM	1. Adelmir Santana – DEM
Jayme Campos – DEM	2. Heráclito Fortes – DEM
Kátia Abreu – DEM	3. Raimundo Colombo – DEM
Rosalba Ciarlini – DEM	4. Romeu Tuma – DEM
Eduardo Azeredo – PSDB	5. Cícero Lucena – PSDB
Lúcia Vânia – PSDB	6. Sérgio Guerra – PSDB
Papaléo Paes – PSDB	7. Marisa Serrano – PSDB
<b>PDT</b>	
João Durval	1. Cristovam Buarque
<b>PSOL</b>	
José Nery	

Secretária: Gisele Ribeiro de Toledo Camargo  
Reuniões: Quintas – Feiras às 11:30 horas – Plenário nº 09 – Ala Alexandre Costa.  
Telefone: 3311-3515 Fax: 3311-3652  
E – Mail: [somcas@senado.gov.br](mailto:somcas@senado.gov.br)



**2.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA.  
(5 titulares e 5 suplentes)**

**Presidente: Senador Paulo Paim - PT  
Vice-Presidente: Senador Marcelo Crivella - PRB**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Paulo Paim - PT	1. Flávio Arns – PT
Marcelo Crivella - PRB	2. (vago)
<b>PMDB e PDT</b>	
Geraldo Mesquita Júnior – PMDB	1. (vago)
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Lúcia Vânia – PSDB	1. Cícero Lucena – PSDB
Jayne Campos – DEM	2. Kátia Abreu - DEM

Secretária: Gisele Ribeiro de Toledo Camargo  
Plenário nº 09 – Ala Alexandre Costa.  
Telefone: 3311-3515 Fax: 3311-3652  
E – Mail: [scomcas@senado.gov.br](mailto:scomcas@senado.gov.br)

**2.2) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE ASSUNTOS SOCIAIS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.  
(5 titulares e 5 suplentes)**

**Presidente: Senador Eduardo Azeredo - PSDB  
Vice-Presidente: Senador Flávio Arns - PT**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Flávio Arns - PT	1. Fátima Cleide - PT
Paulo Paim - PT	2. (vago)
<b>PMDB e PDT</b>	
Geraldo Mesquita Júnior – PMDB	1. (vago)
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Eduardo Azeredo – PSDB	1. Papaléo Paes – PSDB
Rosalba Ciarlini – DEM	2. Marisa Serrano - PSDB

Secretária: Gisele Ribeiro de Toledo Camargo  
Plenário nº 09 – Ala Alexandre Costa.  
Telefone: 3311-3515 Fax: 3311-3652  
E – Mail: [scomcas@senado.gov.br](mailto:scomcas@senado.gov.br)

**2.3) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE PROMOÇÃO,  
ACOMPANHAMENTO E DEFESA DA SAÚDE.**

**(5 titulares e 5 suplentes)**

**Presidente: Senador Papaléo Paes - PSDB**

**Vice-Presidente: Senador Augusto Botelho - PT**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Augusto Botelho - PT	1. (vago)
Flávio Arns – PT	2. (vago)
<b>DEM ou PDT</b>	
João Durval - PDT	1. Adelmir Santana - DEM
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Papaléo Paes – PSDB	1. Cícero Lucena – PSDB
Rosalba Ciarlini – DEM	2. Kátia Abreu - DEM

Secretária: Gisele Ribeiro de Toledo Camargo

Plenário nº 09 – Ala Alexandre Costa.

Telefone: 3311-3515 Fax: 3311-3652

E – Mail: [scomcas@senado.gov.br](mailto:scomcas@senado.gov.br)

**3) COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA - CCJ**  
(23 titulares e 23 suplentes)

**Presidente: (vago) <sup>1</sup>**

**Vice-Presidente: Senador Valter Pereira - PMDB**

TITULARES	SUPLENTE
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Serys Slhessarenko – PT	1. Paulo Paim - PT
Sibá Machado – PT	2. Ideli Salvatti - PT
Eduardo Suplicy – PT	3. Patrícia Saboya - PSB
Aloizio Mercadante – PT	4. Inácio Arruda – PC do B
Epitácio Cafeteira - PTB	5. João Ribeiro - PR
Mozarildo Cavalcanti - PTB	6. Magno Malta - PR
Antonio Carlos Valadares - PSB	
<b>PMDB</b>	
Pedro Simon	1. Roseana Sarney
Valdir Raupp	2. Wellington Salgado de Oliveira
Romero Jucá	3. Leomar Quintanilha
Jarbas Vasconcelos	4. Paulo Duque
Valter Pereira	5. José Maranhão
Gilvam Borges	6. Neuto De Conto
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Adelmiir Santana – DEM	1. Eliseu Resende – DEM
(vago) <sup>1</sup>	2. Jayme Campos – DEM
Demóstenes Torres – DEM	3. José Agripino – DEM
Edison Lobão – DEM	4. Kátia Abreu – DEM
Romeu Tuma – DEM	5. Maria do Carmo Alves – DEM
Arthur Virgílio - PSDB	6. Flexa Ribeiro - PSDB
Eduardo Azeredo - PSDB	7. João Tenório - PSDB
Lúcia Vânia - PSDB	8. Marconi Perillo - PSDB
Tasso Jereissati - PSDB	9. Mário Couto - PSDB
<b>PDT</b>	
Jefferson Péres	1. Osmar Dias
<b>PSOL</b>	
	José Nery

<sup>1</sup> Em virtude do falecimento do Senador Antonio Carlos Magalhães, ocorrido em 20.7.2007.

Secretária: Gildete Leite de Melo  
Reuniões: Quartas – Feiras às 10:00 horas. – Plenário nº 3 – Ala Alexandre Costa  
Telefone: 3311-3972 Fax: 3311-4315  
E – Mail: [scomccj@senado.gov.br](mailto:scomccj@senado.gov.br)

**3.1) SUBCOMISSÃO – IMAGEM E PRERROGATIVAS PARLAMENTARES**  
(5 titulares)

**3.2) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE SEGURANÇA PÚBLICA**  
(7 titulares e 7 suplentes)

**4) COMISSÃO DE EDUCAÇÃO**  
(27 titulares e 27 suplentes)

**Presidente: Senador Cristovam Buarque - PDT**  
**Vice-Presidente: Senador Gilvam Borges – PMDB**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Flávio Arns - PT	1. Patrícia Saboya - PSB
Augusto Botelho - PT	2. João Pedro - PT
Fátima Cleide - PT	3. Aloizio Mercadante - PT
Paulo Paim - PT	4. Antonio Carlos Valadares - PSB
Ideli Salvatti - PT	5. Francisco Dornelles - PP
Inácio Arruda – PC do B	6. Marcelo Crivella – PRB
Renato Casagrande - PSB	7. João Vicente Claudino – PTB
Sérgio Zambiasi - PTB	8. Magno Malta – PR
João Ribeiro - PR	9. (vago)
<b>PMDB</b>	
Wellington Salgado de Oliveira	1. Romero Jucá
Gilvam Borges	2. Leomar Quintanilha
Mão Santa	3. Pedro Simon
Valdir Raupp	4. Valter Pereira
Paulo Duque	5. Jarbas Vasconcelos
Geraldo Mesquita Júnior	6. (vago)
(vago)	7. Neuto De Conto
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Edison Lobão - DEM	1. Adelmir Santana - DEM
Heráclito Fortes - DEM	2. Demóstenes Torres - DEM
Maria do Carmo Alves - DEM	3. Jonas Pinheiro - DEM
Marco Maciel - DEM	4. José Agripino - DEM
Raimundo Colombo - DEM	5. Kátia Abreu - DEM
Rosalba Ciarlini - DEM	6. Romeu Tuma - DEM
Marconi Perillo - PSDB	7. Cícero Lucena - PSDB
Marisa Serrano - PSDB	8. Eduardo Azeredo - PSDB
Papaléo Paes - PSDB	9. (vago) <sup>1</sup>
Flexa Ribeiro- PSDB	10. Lúcia Vânia - PSDB
<b>PDT</b>	
Cristovam Buarque	1. Jefferson Péres

<sup>1</sup> Em virtude do retorno do titular, Senador Alvaro Dias.

Secretário: Júlio Ricardo Borges Linhares  
Reuniões: Terças – Feiras às 11:00 horas – Plenário nº 15 – Ala Alexandre Costa.  
Telefone: 3311-3498 Fax: 3311-3121  
E – Mail: [julioric@senado.gov.br](mailto:julioric@senado.gov.br).

#### 4.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE CINEMA, TEATRO, MÚSICA E COMUNICAÇÃO SOCIAL

**Presidente: Senador Demóstenes Torres - DEM**  
**Vice-Presidente: Senadora Marisa Serrano - PSDB**

**(12 titulares e 12 suplentes)**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Paulo Paim - PT	1. (vago)
Flávio Arns - PT	2. (vago)
Sérgio Zambiasi - PTB	3. Magno Malta - PR
<b>PMDB</b>	
Geraldo Mesquita Júnior	1. Valdir Raupp
Valter Pereira	2. (vago)
Paulo Duque	3. (vago)
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Demóstenes Torres - DEM	1. Maria do Carmo Alves - DEM
Romeu Tuma - DEM	2. Marco Maciel - DEM
Rosalba Ciarlini - DEM	3. Raimundo Colombo - DEM
Marisa Serrano - PSDB	4. Eduardo Azeredo - PSDB
Marconi Perillo - PSDB	5. Flexa Ribeiro - PSDB
<b>PDT</b>	
Francisco Dornelles - PP	1. Cristovam Buarque

Secretário: Júlio Ricardo Borges Linhares  
Plenário nº 15 – Ala Alexandre Costa.  
Telefone: 3311-3498 Fax: 3311-3121  
E – Mail: [julioric@senado.gov.br](mailto:julioric@senado.gov.br).

#### 4.2) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA (9 titulares e 9 suplentes)

#### 4.3) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DO LIVRO (7 titulares e 7 suplentes)

#### 4.4) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DO ESPORTE (7 titulares e 7 suplentes)

**5) COMISSÃO DE MEIO AMBIENTE, DEFESA DO CONSUMIDOR E FISCALIZAÇÃO E  
CONTROLE - CMA  
(17 titulares e 17 suplentes)**

**Presidente: Senador Leomar Quintanilha- PMDB**

**Vice-Presidente: Senadora Marisa Serrano – PSDB**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Renato Casagrande – PSB	1. Flávio Arns – PT
Sibá Machado – PT	2. Augusto Botelho –PT
Fátima Cleide – PT	3. Serys Slhessarenko – PT
João Ribeiro – PR	4. Inácio Arruda – PC do B
Fernando Collor – PTB	5. Expedito Júnior – PR
<b>PMDB</b>	
Leomar Quintanilha	1. Romero Jucá
Wellington Salgado de Oliveira	2. Gilvam Borges
Valdir Raupp	3. Garibaldi Alves Filho
Valter Pereira	4. Geraldo Mesquita Júnior
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Eliseu Resende – DEM	1. Adelmir Santana – DEM
Heráclito Fortes – DEM	2. César Borges – DEM
Jonas Pinheiro – DEM	3. Edison Lobão – DEM
José Agripino – DEM	4. Raimundo Colombo – DEM
Cícero Lucena – PSDB	5. Lúcia Vânia – PSDB
Marisa Serrano – PSDB	6. Flexa Ribeiro – PSDB
Marconi Perillo – PSDB	7. Sérgio Guerra – PSDB
<b>PDT</b>	
Jefferson Péres	1. (vago)

Secretário: José Francisco B. de Carvalho

Reuniões: Terças – Feiras às 11:30 horas – Plenário nº 6 – Ala Nilo Coelho.

Telefone: 3311-3935 Fax: 3311-1060

E – Mail: [jcarvalho@senado.gov.br](mailto:jcarvalho@senado.gov.br).

**5.1) SUBCOMISSÃO DAS AGÊNCIAS REGULADORAS  
(5 titulares e 5 suplentes)**

**5.2) SUBCOMISSÃO PERMANENTE – AQUECIMENTO GLOBAL  
(5 titulares e 5 suplentes)**

**Presidente: Senador Renato Casagrande- PSB  
Vice-Presidente: Senador Marconi Perillo – PSDB**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Renato Casagrande – PSB	1. Flávio Arns – PT
Inácio Arruda – PC do B	2. Expedito Júnior – PR
<b>PMDB</b>	
Valter Pereira	1. Garibaldi Alves Filho
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
	1. Adelmir Santana – DEM
Marconi Perillo – PSDB	2. Marisa Serrano – PSDB
Cícero Lucena – PSDB	

**5.3) SUBCOMISSÃO TEMPORÁRIA SOBRE O GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS SÓLIDOS  
(5 titulares e 5 suplentes)**

**Presidente: Senador Cícero Lucena- PSDB  
Vice-Presidente: Senador João Ribeiro – PR**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
João Ribeiro – PR	1. Inácio Arruda – PC do B
Serys Shlessarenko – PT	2. Augusto Botelho –PT
<b>PMDB</b>	
Wellington Salgado de Oliveira	1. Garibaldi Alves Filho
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Jonas Pinheiro – DEM	1. Adelmir Santana – DEM
Cícero Lucena – PSDB	5. Marisa Serrano – PSDB

**6) COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS E LEGISLAÇÃO PARTICIPATIVA - CDH  
(19 titulares e 19 suplentes)**

**Presidente: Senador Paulo Paim- PT  
Vice-Presidente: Senador Cícero Lucena – PSDB**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Flávio Arns – PT	1. Serys Slhessarenko- PT
Fátima Cleide – PT	2. Eduardo Suplicy – PT
Paulo Paim – PT	3. Sérgio Zambiasi – PTB
Patrícia Saboya – PSB	4. Sibá Machado - PT
Inácio Arruda – PC do B	5. Ideli Salvatti- PT
	6. Marcelo Crivella - PRB
<b>PMDB</b>	
Leomar Quintanilha	1. Mão Santa
Geraldo Mesquita Júnior	2. Romero Jucá
Paulo Duque	3. (vago)
Wellington Salgado de Oliveira	4. Valter Pereira
Gilvam Borges	5. Jarbas Vasconcelos
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
César Borges – DEM	1. Edison Lobão – DEM
Eliseu Resende – DEM	2. Heráclito Fortes – DEM
Romeu Tuma – DEM	3. Jayme Campos – DEM
Jonas Pinheiro – DEM	4. Maria do Carmo Alves – DEM
Arthur Virgílio – PSDB	5. Mário Couto – PSDB
Cícero Lucena – PSDB	6. Lúcia Vânia – PSDB
(vago) <sup>1</sup>	7. Papaléo Paes
<b>PDT</b>	
Cristovam Buarque	1. (vago)
<b>PSOL</b>	
José Nery	

<sup>1</sup> Em virtude do retorno do titular, Senador Alvaro Dias.

Secretário: Altair Gonçalves Soares  
Reuniões: Terças – Feiras às 12:00 horas – Plenário nº 2 – Ala Nilo Coelho.  
Telefone: 3311-4251/2005 Fax: 3311-4646  
E – Mail: [scomcdh@senado.gov.br](mailto:scomcdh@senado.gov.br).



**6.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DA IGUALDADE RACIAL E INCLUSÃO**  
(7 titulares e 7 suplentes)

**6.2) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DO IDOSO**  
(7 titulares e 7 suplentes)

**Presidente: Senador Leomar Quintanilha - PMDB**  
**Vice-Presidente: Senadora Lúcia Vânia – PSDB**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Paulo Paim – PT	1. Flávio Arns – PT
Serys Slhessarenko- PT	2. Sibá Machado - PT
<b>PMDB</b>	
Leomar Quintanilha	1. Gilvam Borges
Geraldo Mesquita Júnior	2. (vago)
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Maria do Carmo Alves – DEM	1. (vago)
Heráclito Fortes – DEM	2. (vago)
Lúcia Vânia – PSDB	3. Papaléo Paes – PSDB

**6.3) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DA CRIANÇA, ADOLESCENTE E JUVENTUDE**  
(7 titulares e 7 suplentes)

**6.4) SUBCOMISSÃO TEMPORÁRIA DO TRABALHO ESCRAVO**  
(5 titulares e 5 suplentes)

**Presidente: Senador José Nery - PSOL**  
**Vice-Presidente: Senador Inácio Arruda – PCdoB**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Eduardo Suplicy – PT	1. Flávio Arns - PT
	2. Patrícia Saboya – PSB .
<b>PMDB</b>	
Inácio Arruda – Pcdob	1. Geraldo Mesquita Júnior
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Maria do Carmo Alves – DEM	1. Edison Lobão – DEM
Lúcia Vânia – PSDB	5. Cícero Lucena – PSDB
<b>PSOL</b>	
José Nery	

**7) COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL - CRE**  
**(19 titulares e 19 suplentes)**

**Presidente – Senador Heráclito Fortes - DEM**  
**Vice-Presidente – Senador Eduardo Azeredo - PSDB**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Eduardo Suplicy – PT	1. Inácio Arruda – PC do B
Marcelo Crivella – PRB	2. Aloizio Mercadante – PT
Fernando Collor – PTB	3. Augusto Botelho – PT
Antonio Carlos Valadares – PSB	4. Serys Slhessarenko – PT
Mozarildo Cavalcanti – PTB	5. Fátima Cleide – PT
João Ribeiro – PR	6. Francisco Dornelles – PP
<b>PMDB</b>	
Pedro Simon	1. Valdir Raupp
Mão Santa	2. Leomar Quintanilha
(vago)	3. Wellington Salgado de Oliveira
Jarbas Vasconcelos	4. Gilvam Borges
Paulo Duque	5. Garibaldi Alves Filho
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Heráclito Fortes – DEM	1. Edison Lobão – DEM
Marco Maciel – DEM	2. César Borges – DEM
Maria do Carmo Alves – DEM	3. Kátia Abreu – DEM
Romeu Tuma – DEM	4. Rosalba Ciarlini – DEM
Arthur Virgílio – PSDB	5. Flexa Ribeiro – PSDB
Eduardo Azeredo – PSDB	6. (vago) <sup>1</sup>
João Tenório – PSDB	7. Sérgio Guerra – PSDB
<b>PDT</b>	
Cristovam Buarque	1. Jefferson Péres

<sup>1</sup> Em virtude do retorno do titular, Senador Alvaro Dias.

Secretário: José Alexandre Girão M. da Silva  
Telefone 3311-3496 Fax: 3311-3546 – Plenário nº 7 – Ala Alexandre Costa  
Reuniões: Quintas-feiras às 10:00 horas.  
E – Mail: [giraomot@senado.gov.br](mailto:giraomot@senado.gov.br)

**7.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE PROTEÇÃO DOS CIDADÃOS  
BRASILEIROS NO EXTERIOR  
(7 titulares e 7 suplentes)**

**7.2) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DA AMAZÔNIA  
(7 titulares e 7 suplentes)**

**Presidente: Senador Mozarildo Cavalcanti - PTB**

**Vice-Presidente: Senador Augusto Botelho - PT**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Augusto Botelho - PT	1. João Ribeiro - PR
Mozarildo Cavalcanti - PTB	2. Fátima Cleide - PT
<b>PMDB</b>	
Valdir Raupp	1. Leomar Quintanilha
Pedro Simon	2. Gilvam Borges
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Romeu Tuma – DEM	1. Marco Maciel – DEM
Flexa Ribeiro - PSDB	2. Arthur Virgílio – PSDB
<b>PDT</b>	
Jefferson Péres	1. Cristovam Buarque

Secretário: José Alexandre Girão M. da Silva  
Telefone 3311-3496 Fax: 3311-3546 – Plenário nº 7 – Ala Alexandre Costa  
E – Mail: [giraomot@senado.gov.br](mailto:giraomot@senado.gov.br)

**7.3) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE ACOMPANHAMENTO DO REGIME INTERNACIONAL  
SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS  
(7 titulares e 7 suplentes)**

**Presidente: Senador Fernando Collor - PTB**

**Vice-Presidente: Senador João Ribeiro - PR**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Fernando Collor - PTB	1. Inácio Arruda – PC do B
João Ribeiro - PR	2. Augusto Botelho - PT
<b>PMDB</b>	
Mão Santa (vago)	1. Valdir Raupp
	2. Leomar Quintanilha
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Romeu Tuma – DEM	1. Rosalba Ciarlini – DEM
Eduardo Azeredo - PSDB	2. Papaléo Paes – PSDB
<b>PDT</b>	
Cristovam Buarque	1. Jefferson Péres

Secretário: José Alexandre Girão M. da Silva  
Telefone 3311-3496 Fax: 3311-3546 – Plenário nº 7 – Ala Alexandre Costa  
E – Mail: [giraomot@senado.gov.br](mailto:giraomot@senado.gov.br)

**7.4) SUBCOMISSÃO PERMANENTE PARA MODERNIZAÇÃO E REAPARELHAMENTO DAS  
FORÇAS ARMADAS**

**(5 titulares e 5 suplentes)**

**Presidente: Senador Romeu Tuma - DEM**

**Vice-Presidente: Senador Eduardo Azeredo - PSDB**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Fernando Collor - PTB	1. Marcelo Crivella – PRB
<b>PMDB</b>	
Paulo Duque	1. Pedro Simon
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Romeu Tuma – DEM	1. Marco Maciel – DEM
Eduardo Azeredo - PSDB	2. Flexa Ribeiro – PSDB
<b>PDT</b>	
Jefferson Péres	1.

Secretário: José Alexandre Girão M. da Silva  
Telefone 3311-3496 Fax: 3311-3546 – Plenário nº 7 – Ala Alexandre Costa  
E – Mail: [giraomot@senado.gov.br](mailto:giraomot@senado.gov.br)

**8) COMISSÃO DE SERVIÇOS DE INFRA-ESTRUTURA - CI**  
(23 titulares e 23 suplentes)

**Presidente - Senador Marconi Perillo - PSDB**  
**Vice-Presidente – Senador Delcídio Amaral - PT**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Serys Slhessarenko – PT	1. Flávio Arns– PT
Delcídio Amaral– PT	2. Fátima Cleide– PT
Ideli Salvatti– PT	3. Aloizio Mercadante– PT
Francisco Dornelles– PP	4. João Ribeiro– PR
Inácio Arruda– PC do B	5. Augusto Botelho – PT
Fernando Collor– PTB	6. João Vicente Claudino – PTB
Expedito Júnior– PR	7. Renato Casagrande– PSB
<b>PMDB</b>	
Romero Jucá	1. Garibaldi Alves Filho
Valdir Raupp	2. José Maranhão
Leomar Quintanilha	3. Gilvam Borges
(vago)	4. Neuto De Conto
Valter Pereira	5. Geraldo Mesquita Júnior
Wellington Salgado de Oliveira	6. Pedro Simon
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Adelmir Santana – DEM	1. Demóstenes Torres – DEM
Eliseu Resende – DEM	2. Marco Maciel – DEM
Jayme Campos – DEM	3. Jonas Pinheiro – DEM
Heráclito Fortes – DEM	4. Rosalba Ciarlini – DEM
Raimundo Colombo – DEM	5. Romeu Tuma – DEM
João Tenório – PSDB	6. Cícero Lucena – PSDB
Marconi Perillo – PSDB	7. Eduardo Azeredo – PSDB
Flexa Ribeiro – PSDB	8. Mário Couto – PSDB
Sérgio Guerra – PSDB	9. Tasso Jereissati – PSDB
<b>PDT</b>	
João Durval	1. (vago)

Secretária: Dulcília Ramos Calhao  
Reuniões: Terças – Feiras às 14:00 horas. – Plenário nº 13 – Ala Alexandre Costa  
Telefone: 3311-4607 Fax: 3311-3286  
E – Mail : [scomci@senado.gov.br](mailto:scomci@senado.gov.br)

**8.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DESTINADA A ACOMPANHAR A  
IMPLEMENTAÇÃO DO PLANO DE ACELERAÇÃO DO CRESCIMENTO - PAC  
(7 titulares e 7 suplentes)**

**9) COMISSÃO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL E TURISMO - CDR  
(17 titulares e 17 suplentes)**

**Presidente - Senadora Lúcia Vânia - PSDB  
Vice-Presidente – Senador Jonas Pinheiro - DEM**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Fátima Cleide – PT	1. Sibá Machado – PT
Patrícia Saboya – PSB	2. Expedito Júnior – PR
João Pedro - PT	3. Inácio Arruda – PC do B
João Vicente Claudino – PTB	4. Antonio Carlos Valadares – PSB
Mozarildo Cavalcanti – PTB	
<b>PMDB</b>	
José Maranhão	1. Leomar Quintanilha
Geraldo Mesquita Júnior	2. Wellington Salgado de Oliveira
Garibaldi Alves Filho	3. Pedro Simon
Valter Pereira	4. Valdir Raupp
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Demóstenes Torres – DEM	1. Adelmir Santana – DEM
Jonas Pinheiro – DEM	2. Jayme Campos – DEM
Marco Maciel – DEM	3. Kátia Abreu – DEM
Rosalba Ciarlini – DEM	4. Maria do Carmo Alves – DEM
Lúcia Vânia – PSDB	5. Tasso Jereissati – PSDB
Marisa Serrano – PSDB	6. Flexa Ribeiro – PSDB
Cícero Lucena – PSDB	7. João Tenório – PSDB
<b>PDT</b>	
Jefferson Péres	1. Osmar Dias
<b>PSOL</b>	
	José Nery

Secretário: Ednaldo Magalhães Siqueira  
Reuniões: Quartas – Feiras às 14 horas  
Telefone: 3311-4282 Fax: 3311-1627  
E – Mail: scomcdr@senado.gov.br

**10) COMISSÃO DE AGRICULTURA E REFORMA AGRÁRIA - CRA**  
**(17 titulares e 17 suplentes)**

**Presidente – Senador Neuto De Conto - PMDB**  
**Vice-Presidente - Senador Expedito Júnior - PR**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Sibá Machado – PT	1. Paulo Paim – PT
Delcídio Amaral – PT	2. Aloizio Mercadante – PT
Antonio Carlos Valadares – PSB	3. João Ribeiro – PR
Expedito Júnior – PR	4. Augusto Botelho - PT
João Pedro – PT	5. José Nery – PSOL
<b>PMDB</b>	
Garibaldi Alves Filho	1. Valdir Raupp
Leomar Quintanilha	2. Romero Jucá
Pedro Simon	3. Valter Pereira
Neuto De Conto	4. Mão Santa
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Heráclito Fortes – DEM	1. Edison Lobão – DEM
César Borges – DEM	2. Eliseu Resende – DEM
Jonas Pinheiro – DEM	3. Raimundo Colombo – DEM
Kátia Abreu – DEM	4. Rosalba Ciarlini – DEM
Cícero Lucena – PSDB	5. Marconi Perillo – PSDB
Flexa Ribeiro – PSDB	6. João Tenório – PSDB
Marisa Serrano – PSDB	7. Sérgio Guerra – PSDB
<b>PDT</b>	
Osmar Dias	1. João Durval

Secretário: Marcello Varella  
Reuniões: Quintas – Feiras às 12 horas –  
Telefone: 3311-3506 Fax:  
E – Mail: marcello@senado.gov.br

**10.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DOS BIOCOMBUSTÍVEIS**  
**(7 titulares e 7 suplentes)**

**Presidente – Senador João Tenório - PSDB**  
**Vice-Presidente - Senador Sibá Machado - PT**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Sibá Machado – PT	1. Paulo Paim – PT
Antonio Carlos Valadares – PSB	2. João Ribeiro – PR
<b>PMDB</b>	
Valter Pereira	1. Valdir Raupp
Neuto De Conto	2. Mão Santa
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Jonas Pinheiro – DEM	1. Raimundo Colombo – DEM – DEM
	2. Rosalba Ciarlini – DEM – DEM
João Tenório – PSDB	3. Cícero Lucena - PSDB
Marisa Serrano – PSDB	



**11) COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA -  
CCT  
(17 titulares e 17 suplentes)**

**Presidente – Senador Wellington Salgado de Oliveira - PMDB**

**Vice-Presidente – Senador Marcelo Crivella - PRB**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Marcelo Crivella – PRB	1. Expedito Júnior – PR
Augusto Botelho – PT	2. Flávio Arns – PT
Renato Casagrande – PSB	3. João Ribeiro – PR
Sérgio Zambiasi – PTB	4. Francisco Dornelles – PP
Ideli Salvatti – PT	5. Fátima Cleide – PT
<b>PMDB</b>	
Valdir Raupp	1. Romero Jucá
Wellington Salgado de Oliveira	2. Garibaldi Alves Filho
Gilvam Borges	3. Mão Santa
Valter Pereira	4. Leomar Quintanilha
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Demóstenes Torres – DEM	1. Eliseu Resende – DEM
Romeu Tuma – DEM	2. Heráclito Fortes – DEM
Maria do Carmo Alves – DEM	3. Marco Maciel – DEM
José Agripino – DEM	4. Rosalba Ciarlini – DEM
João Tenório – PSDB	5. Flexa Ribeiro – PSDB
Eduardo Azeredo – PSDB	6. Marconi Perillo – PSDB
Cícero Lucena – PSDB	7. Papaléo Paes – PSDB
<b>PDT</b>	
(vago)	1. (vago)

Secretária: Égli Lucena Heusi Moreira

Reuniões: Quartas-Feiras às 8:45 horas

Telefone: 3311-1120 Fax: 3311-2025

E – Mail: scomcct@senado.gov.br.

**11.1) SUBCOMISSÃO PERMANENTE DE SERVIÇOS DE INFORMÁTICA**  
(5 titulares e 5 suplentes)

**Presidente – Senador Eduardo Azeredo - PSDB**  
**Vice-Presidente – Senador Renato Casagrande - PSB**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Flávio Arns – PT	1. Sérgio Zambiasi – PTB
Renato Casagrande – PSB	2. Expedito Júnior – PR
<b>PMDB</b>	
Valter Pereira	1. Gilvam Borges
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Demóstenes Torres – DEM	1. Heráclito Fortes – DEM
Eduardo Azeredo – PSDB	2. Cícero Lucena – PSDB

**11.2) SUBCOMISSÃO TEMPORÁRIA PARA O ESTUDO, ACOMPANHAMENTO E APOIO AO DESENVOLVIMENTO DOS PÓLOS TECNOLÓGICOS**  
(5 titulares e 5 suplentes)

**Presidente –**  
**Vice-Presidente –**

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTES</b>
<b>Bloco de Apoio ao Governo (PT, PTB, PR, PSB, PC do B, PRB e PP)</b>	
Marcelo Crivella – PRB	1. Francisco Dornelles – PP
Augusto Botelho – PT	2. Fátima Cleide – PT
<b>PMDB</b>	
Mão Santa	1. Garibaldi Alves Filho
<b>Bloco da Minoria (DEM e PSDB)</b>	
Romeu Tuma – DEM	1. Rosalba Ciarlini – DEM
Cícero Lucena – PSDB	2. Eduardo Azeredo – PSDB

# CONSELHO DE ÉTICA E DECORO PARLAMENTAR

(Resolução do Senado Federal nº 20/93)

## COMPOSIÇÃO

(Eleita na Sessão do Senado Federal de 06/03/2007)

1ª Eleição Geral: 19.04.1995

2ª Eleição Geral: 30.06.1999

3ª Eleição Geral: 27.06.2001

4ª Eleição Geral: 13.03.2003

5ª Eleição Geral: 23.11.2005

6ª Eleição Geral: 06.03.2007

**Presidente: Senador Leomar Quintanilha**<sup>8</sup>

**Vice-Presidente: Senador Adelmir Santana**<sup>3</sup>

<b>BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT/PTB/PR/PSB)</b>					
<b>Titulares</b>	<b>UF</b>	<b>Ramal</b>	<b>Suplentes</b>	<b>UF</b>	<b>Ramal</b>
Augusto Botelho (PT)	RR	2041	1. (vago)		
João Pedro (PT) <sup>9</sup>	PT	1166	2. Fátima Cleide (PT) <sup>5</sup>	RO	2391
Renato Casagrande (PSB)	ES	1129	3. Ideli Salvatti (PT) <sup>2</sup>	SC	2171
João Vicente Claudino (PTB) <sup>1</sup>	PI	2415	4. (vago)		
Eduardo Suplicy (PT)	SP	3213	5. (vago)		
<b>MAIORIA (PMDB)</b>					
Wellington Salgado de Oliveira	MG	2244	1. Valdir Raupp	RO	2252
Almeida Lima <sup>4</sup>	SE	1312	2. Gerson Camata	ES	3235
Gilvam Borges	AP	1713	3. Romero Jucá	RR	2112
Leomar Quintanilha	TO	2073	4. José Maranhão	PB	1891
<b>DEM</b>					
Demóstenes Torres	GO	2091	1. Jonas Pinheiro	MT	2271
Heráclito Fortes	PI	2131	2. César Borges (PR) <sup>10</sup>	BA	2212
Adelmir Santana	DF	4702	3. Maria do Carmo Alves	SE	1306
<b>PSDB</b>					
Marconi Perillo	GO	1961	1. Arthur Virgílio <sup>6</sup>	MS	3016
Marisa Serrano <sup>7</sup>	AM	1413	2. Sérgio Guerra	PE	2382
<b>PDT</b>					
Jefferson Péres	AM	2063	1. (vago)		
Corregedor do Senado (Membro nato – art. 25 da Resolução nº 20/93)					
Senador Romeu Tuma <sup>11</sup> (PTB/SP)					2051

(Atualizada em 17.10.2007)

SECRETARIA-GERAL DA MESA

Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento - SCOP

Ala Senador Dinarte Mariz, sala nº 6

Telefones: 3311-4561 e 3311-5258

[scop@senado.gov.br](mailto:scop@senado.gov.br); [www.senado.gov.br/etica](http://www.senado.gov.br/etica)

<sup>1</sup> Eleito na Sessão de 29.5.2007 para a vaga anteriormente ocupada pela Senadora Serys Slhessarenko (PT/MT), que renunciou ao mandato de titular de acordo com o Ofício GSSS nº 346, lido nessa mesma Sessão, Senador Eptácio Cafeteira renunciou ao mandato de titular, conforme Ofício 106/2007-GSECAF, lido na sessão do Senado de 26.09.2007. Senador João Vicente Claudino foi eleito em 16.10.2007 (Ofício nº 158/2007 – GLDBAG) )DSF 18.10.2007).

<sup>2</sup> Eleitos na Sessão de 29.5.2007.

<sup>3</sup> Eleito em 30.5.2007, na 1ª Reunião de 2007 do CEDP.

<sup>4</sup> Eleito na sessão de 27.06.2007, em vaga anteriormente ocupada pelo Senador Valter Pereira, que renunciou em 25.6.2007.

<sup>5</sup> Eleita na Sessão de 27.6.2007.

<sup>6</sup> Eleito na Sessão de 04.07.2007, em vaga anteriormente ocupada pela Senadora Marisa Serrano, que renunciou em 04.07.2007.

<sup>7</sup> Eleita na Sessão de 04.07.2007, em vaga anteriormente ocupada pelo Senador Arthur Virgílio, que renunciou em 04.07.2007.

<sup>8</sup> Eleito em 27.06.2007, na 5ª Reunião de 2007 do CEDP.

<sup>9</sup> Eleito na Sessão de 16.08.2007.

<sup>10</sup> O Senador César Borges deixou o Partido dos Democratas (DEM) e filiou-se ao Partido da República (PR), conforme comunicado de 1º.10.2007.

<sup>11</sup> O Senador Romeu Tuma comunicou, em 11.10.2007, filiação ao PTB (DSF 12.10.2007)

**CONSELHO DO DIPLOMA MULHER-CIDADÃ BERTHA LUTZ**  
Constituído pela Resolução nº 2, de 2001, oriunda do Projeto de Resolução nº 25, de 1998,  
aprovado na Sessão Deliberativa Ordinária do Senado Federal do dia 15.3.2001

**COMPOSIÇÃO**

1ª Designação Geral: 03.12.2001

2ª Designação Geral: 26.02.2003

3ª Designação Geral: 03.04.2007

Presidente: Senadora Serys Slhessarenko

Vice-Presidente: Senador Inácio Arruda

<b>PMDB</b>
Senadora Roseana Sarney (MA)
<b>PFL</b>
Senadora Maria do Carmo Alves (SE)
<b>PSDB</b>
Senadora Lúcia Vânia (GO)
<b>PT</b>
Senadora Serys Slhessarenko (MT)
<b>PTB</b>
Senador Sérgio Zambiasi (RS)
<b>PR</b>
(vago)
<b>PDT</b>
Senador Cristovam Buarque
<b>PSB (PDT)</b>
Senadora Patrícia Saboya (CE) - PDT
<b>PC do B</b>
Senador Inácio Arruda (CE)
<b>PRB</b>
Senador Marcelo Crivella (RJ)
<b>PP</b>
(vago)
<b>PSOL</b>
(vago)

(Atualizada em 02.10.2007)

SECRETARIA-GERAL DA MESA  
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)  
Ala Senador Dinarte Mariz, sala nº 6  
Telefones: 3311-4561 e 3311-5259  
[scop@senado.gov.br](mailto:scop@senado.gov.br)

## ÍNDICE ONOMÁSTICO

	Pág.		Pág.
<b>ADELMIR SANTANA</b>		corporativos, em entrevista à imprensa. Aparte ao Senador Mão Santa.....	51
Relato de viagem realizada a Washington, nos Estados Unidos, em companhia do Governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, para tratar da assinatura de empréstimo junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).....	28	Cumprimentos ao Senador Marco Maciel pelo pronunciamento sobre a necessidade da reforma política. Aparte ao Senador Marco Maciel.....	72
<b>ALMEIDA LIMA</b>		Considerações sobre nota do Partido dos Trabalhadores a respeito dos cartões corporativos....	87
Discussão sobre a votação do Projeto de Resolução nº 37, de 2007 e suas emendas.....	195	Registro, nos Anais do Senado, de dois requerimentos encaminhados à CPI das ONGs no Senado.....	102
<b>ALVARO DIAS</b>		Considerações sobre a instalação de uma CPMI destinada a investigar as denúncias sobre o uso dos cartões corporativos.....	167
Comentários sobre a necessidade de se tomar atitude em relação a todas as pessoas que usam indevidamente os cartões corporativos. Aparte ao Senador Paulo Paim.....	6	Requerimento nº 56, de 2008, que requer ao Senhor Ministro de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, que encaminhe informações sobre as razões apresentadas para autorizar a liberação comercial de milho transgênico. ....	207
Defesa de investigação dos gastos com cartões corporativos. ....	6	Réplica ao pronunciamento do Senador Tião Viana, sobre a obstrução ou não na instalação de novas CPIs.....	315
Congratulações ao Senador Geraldo Mesquita Júnior pelo registro nos Anais da Casa, de artigo intitulado “Quem te viu e quem te vê” publicado no jornal O Estado de S.Paulo. Aparte ao Senador Geraldo Mesquita Júnior.....	16	Registro da presença do atleta olímpico Jadel Gregório.....	321
Considerações sobre o uso do cartão corporativos. Aparte ao Senador Heráclito Fortes.....	25	<b>ANTONIO CARLOS VALADARES</b>	
Aplausos ao Governador Arruda pela moderna administração empreendida em Brasília. Aparte ao Senador Adelmir Santana.....	31	Cumprimentos ao Senador Marco Maciel pelo pronunciamento sobre a necessidade da reforma política. Aparte ao Senador Marco Maciel.....	73
Considerações sobre a responsabilidade da Presidência da República sobre os cartões corporativos. Aparte ao Senador Romero Jucá.....	35	Considerações sobre o seguimento da instalação da CPI dos cartões corporativos. Aparte ao Senador Alvaro Dias.....	89
Registro de posicionamento do PSDB sobre a necessidade das investigações sobre os gastos com Cartões corporativos.....	47	Projeto de Lei do Senado nº 14, de 2008, que altera a Lei nº 8.989, de 24 de fevereiro de 1995, que dispõe sobre a isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados – IPI , na aquisição de automóveis para utilização no transporte autônomo de passageiros, bem como por pessoas portadoras de deficiência física, e dá outras providências, para incluir os portadores de deficiência auditiva.....	266
Considerações sobre afirmações proferidas pelo Senador Romero Jucá sobre a CPI dos cartões			

	Pág.		Pág.
Defesa da aprovação do PLS nº 555/2007, de autoria de S.Exa., que altera a Lei Agrícola para instituir a concessão de incentivos especiais aos produtores rurais que adotem o sistema orgânico de produção agropecuária.....	299	Requerimento nº 33, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento do jornalista Paulo Patarra, ocorrido no dia 21 de janeiro de 2008, na cidade do Rio de Janeiro. ....	124
Comenta que o excesso de CPI's atrapalha a tramitação de projetos no Congresso Nacional. Crítica a proposta de ter uma CPI e uma CPMI sobre o mesmo assunto. ....	604	Requerimento nº 34, de 2008, que requer voto de pesa pelo falecimento da atleta Dora Bria, em acidente de automóvel, em Minas Gerais, no dia 22 de janeiro de 2008. ....	124
Referências ao pronunciamento da Senadora Ideli Salvatti. Senador Antonio Carlos Valadares...	609	Requerimento nº 35, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento da Senhora Maria do Socorro Leitão Formiga, ocorrido no dia 28 de janeiro de 2008, em Brasília. ....	124
<b>ARTHUR VIRGÍLIO</b>		Requerimento nº 36, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento da Senhora Marina Cruz Lyra, mãe do Desembargador Benedito Cruz Lyra, do TRT-AM, ocorrido em Manaus, no dia 2 de janeiro de 2008. ....	125
Reflexões sobre a instalação de uma CPI Mista para investigar o uso dos cartões corporativos. ....	107	Requerimento nº 37, de 2008, que requer Voto de Aplauso a Senhora Violeta Jafet, por ter completado 100 anos de idade, no dia 10 de fevereiro de 2008, boa parte dos quais dedicados ao Hospital Sírio-Libanês, criado por iniciativa de sua mãe e por ela posto para funcionar. ....	125
Solicitação da convocação de reunião para definir os critérios para a escolha dos membros da CPMI que investigará o uso dos cartões corporativos. ....	113	Requerimento nº 38, de 2008, que requer Voto de Aplauso ao advogado Maurício de Campos BASTos, pela publicação do livro "Lembranças...eu e outros".....	127
Votos de recuperação plena ao Presidente do Timor-Leste, José Manuel Ramos-Horta. Aparte ao Senador Eduardo Suplicy. ....	116	Requerimento nº 39, de 2008, que requer Voto de Aplauso ao professor e economista Gustavo Franco, pelo lançamento do livro "Machado de Assis – O Olhar Oblíquo do Acionista", em que revela o interesse do grande romancista por assuntos econômicos.....	127
Votos de aplauso pelo aniversário do município de Envira – AM, à atleta Elis Regina, ao professor e colecionador de fósseis José Alberto Neves e a Sra. Georgette Abraham Lima fundadora da primeira farmácia em Manaus. ....	118	Requerimento nº 40, de 2008, que requer Voto de Aplauso ao Município de Envira, Amazonas, pelo transcurso de sei 46º aniversário de criação. ....	128
Votos de pesar pelo falecimento da atleta Dora Bria, e das senhoras Marina Cruz Lyra e Zilda Monteiro Serrano, mães do desembargador Benedito Cruz Lyra e da Senadora Marisa Serrano, respectivamente.....	118	Requerimento nº 41, de 2008, que requer Voto de Aplauso a Senhora Georgete Abraham Lima, dona da primeira farmácia fundada em Manaus-AM.....	128
Requerimento nº 28, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento da Senhora Ana Leopoldina Alvim Mello Franco Chagas, viúva do cientista Carlos Chagas Filho, ocorrido no Rio de Janeiro, em 10 de fevereiro de 2008. ....	122	Requerimento nº 42, de 2008, que requer Voto de Aplauso a atleta Elis Regina, campeã brasileira em 1990 de futebol feminino e ainda hoje, exemplo de dedicação ao esporte. ....	128
Requerimento nº 29, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento do empresário João Batista Sérgio Murad (Beto Carreiro). ....	123	Requerimento nº 43, de 2008, que requer Voto de Aplauso ao profº José Alberto Neves, pelo seu zeloso trabalho como colecionador de fósseis, numa pequena cidade do Amazonas, Urucurituba.....	129
Requerimento nº 30, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento da Senhora Zilda Monteiro Serrano, mãe da Senadora Marisa Serrano, ocorrido no dia 5 de fevereiro de 2008, em Campo Grande-MS. ....	123	Comunicação de reunião de líderes partidários para firmar posição sobre a CPI dos cartões corporativos. ....	173
Requerimento nº 31, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento do ex-diretor do Jornal do Brasil Liwal Salles, ocorrido no dia 24 de janeiro de 2008, na cidade do Rio de Janeiro. ....	123	Réplica ao Senador Romero Jucá acerca do aumento do IOF, da CSLL e da CPI dos cartões corporativos. ....	179
Requerimento nº 32, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento do ator Luiz Carlos Tourinho, ocorrido no dia 21 de janeiro de 2008, no Rio de Janeiro-RJ. ....	123		

Pág.	Pág.		
<p>Explicações sobre a observação feita por Sua Excelência durante a reunião de Líderes.....</p> <p>Requerimento nº 52, de 2008, que requer preferência para a votação da Emenda nº 3 – CCJ ao Projeto de Resolução nº 37, de 2007.....</p> <p>Requerimento nº 54, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento de Eduardo Danton Vasconcelos Correia Lima, ocorrido no dia 3 de fevereiro de 2008, Manaus. ....</p> <p>Requerimento nº 55, de 2008, que requer ao Senhor Ministro da Saúde, informações da Funasa, acerca da falta de assistência médica às populações indígenas do Vale do Javan, no Amazonas. ....</p> <p>Requerimento nº 57, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro das Relações Exteriores sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....</p> <p>Requerimento nº 58, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro das Minas e Energia sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos serviços dessa Pasta. ....</p> <p>Requerimento nº 59, de 2008, que solicita à Senhora Ministra do Meio Ambiente sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....</p> <p>Requerimento nº 60, de 2008, que solicita ao Senhor Ministro do Turismo sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....</p> <p>Requerimento nº 61, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro dos Transportes sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.....</p> <p>Requerimento nº 62, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro do Trabalho e Emprego sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....</p> <p>Requerimento nº 63, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro Secretaria Especial de Portos sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.</p> <p>Requerimento nº 64, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro Secretaria de Comunicação Social sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta....</p> <p>Requerimento nº 65, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro Secretaria Especial dos Direitos Humanos sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta..</p> <p>Requerimento nº 66, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República sobre a utilização de</p>	<p>190</p> <p>196</p> <p>207</p> <p>207</p> <p>208</p> <p>209</p> <p>209</p> <p>210</p> <p>211</p> <p>212</p> <p>213</p> <p>214</p>	<p>cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.....</p> <p>Requerimento nº 67, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro Secretaria Especial da Aqüicultura e Pesca sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.....</p> <p>Requerimento nº 68, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro do Gabinete de Segurança Institucional sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.....</p> <p>Requerimento nº 69, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Secretaria de Relações Institucionais sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.....</p> <p>Requerimento nº 70, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Saúde sobre a utilização de cartões corporativos por parte dessa Pasta.....</p> <p>Requerimento nº 71, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Previdência sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....</p> <p>Requerimento nº 72, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Agricultura sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....</p> <p>Requerimento nº 73, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Advocacia-Geral da União sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....</p> <p>Requerimento nº 74, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Educação sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....</p> <p>Requerimento nº 75, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro do Desenvolvimento Agrário sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....</p> <p>Requerimento nº 76, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Defesa sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....</p> <p>Requerimento nº 77, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....</p> <p>Requerimento nº 78, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República sobre a utilização de</p>	<p>215</p> <p>215</p> <p>216</p> <p>217</p> <p>218</p> <p>219</p> <p>219</p> <p>220</p> <p>221</p> <p>222</p> <p>222</p> <p>223</p>

	Pág.		Pág.
cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.....	224	Requerimento nº 91, de 2008, que solicita informações à Senhora Ministra Chefe da Casa Civil da Presidência da República sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.....	234
Requerimento nº 79, de 2008, que solicita informações à Senhora Ministra da Secretaria Especial de Política para as Mulheres sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.....	225	Requerimento nº 92, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....	235
Requerimento nº 80, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.....	226	Defesa da soberania do Senado, desrespeitada pelo Ministro Guido Mantega, da Fazenda. Saudação a eleição do Deputado José Anibal, líder do PSDB na Câmara e cumprimento ao deputado Arnaldo Madeira. ....	336
Requerimento nº 81, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.....	226	Requerimento nº 93, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro-Presidente do Banco Central sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....	236
Requerimento nº 82, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Justiça sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....	227	Requerimento nº 94, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro Extraordinário de Assuntos Estratégicos sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....	236
Requerimento nº 83, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Integração Nacional sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....	228	Considerações sobre as propostas de emendas que dispõe sobre a figura do suplente no Senado Federal. Aparte ao Senador Demóstenes Torres...	339
Requerimento nº 84, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Fazenda sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....	229	Requerimento nº 99, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento do editor e intelectual Geraldo Jordão Pereira, ocorrido no Rio de Janeiro no dia 12 de fevereiro de 2008. ....	278
Requerimento nº 85, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro do Esporte sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....	229	Requerimento nº 107, de 2008, que requer a realização de Sessão Especial no dia 7 de outubro de 2008, destinada a comemorar os vinte anos da promulgação da Constituição Federal da República Federativa do Brasil. ....	383
Requerimento nº 86, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Cultura sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....	230	Requerimento nº 116, de 2008, quer requer Voto de Pesar pelo falecimento ocorrido na França do cantor e compositor Henri Salvador, o Monsieur Bossa Nova.....	388
Requerimento nº 87, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Controladoria-Geral da União sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta....	231	Requerimento nº 117, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento do pintor Aloysio Novis, ocorrido no rio de Janeiro, no dia 11 de fevereiro de 2008.....	388
Requerimento nº 88, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro das Comunicações sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta.....	232	Requerimento nº 118, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento da Srª Maria Salomé de Lucena, ocorrido dia 14 de fevereiro de 2008 em João Pessoa-PB. ....	388
Requerimento nº 89, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro da Ciência e Tecnologia sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....	232	Requerimento nº 119, de 2008, que requer a retirada, em caráter definitivo, da PEC no 10 de 2004, tendo em vista aprovação de matéria semelhante, convertida em norma jurídica por meio da Emenda Constitucional nº 50 de 2006. ....	588
Requerimento nº 90, de 2008, que solicita informações ao Senhor Ministro das Cidades sobre a utilização de cartões corporativos por parte dos servidores dessa Pasta. ....	233	Críticas ao Governo do Presidente Lula. ....	369



	Pág.	V	Pág.
Comentário sobre a necessidade de utilização do princípio de proporcionalidade, com relação as bancadas dos partidos, para a escolha dos membros da CPMI dos cartões corporativos.....	432		
Agradecimentos ao Senador Paulo Paim pela assinatura no requerimento que repõe o pedido de criação da CPMI dos Cartões Corporativos. Aparte ao Senador Paulo Paim.....	466		
Voto de Pesar pelo falecimento da Sra. Maria Salomé de Lucena, mãe do Senador Cícero Lucena.....	469		
<b>AUGUSTO BOTELHO</b>			
Celebração pelo transcurso de um ano de criação do Programa de Aceleração do Crescimento, pelo Governo Lula.....	449		
<b>CÉSAR BORGES</b>			
Comentários ao editorial do jornal O Estado de S.Paulo, intitulado “Atenção ao Saneamento”....	156		
Considerações de que a transposição do Rio São Francisco não contribuirá para a diminuição da pobreza nos estados. Aparte a Senadora Rosalba Ciarlini.....	164		
<b>CÍCERO LUCENA</b>			
Requerimento nº 45, de 2008, que requer inserção em ata de profundo pesar e apresentação de condolências à família do ex-Deputado Estadual da Paraíba Aécio Pereira de Lima em razão de seu falecimento.....	138		
Considerações sobre a transposição das águas do rio São Francisco. Aparte a Senadora Rosalba Ciarlini.....	166		
Requerimento nº 106, de 2008, que requer inserção em ata de Voto de Pesar e apresentação de condolências à família do Dr. Aderbaldo Soares de Oliveira, por ocasião de seu falecimento.....	334		
Homenagem de pesar pelo falecimento do Dr. Aderbaldo Soares de Oliveira, Curador da Infância e da Juventude no Estado da Paraíba.....	356		
Requerimento nº 115, de 2008, quer requer que seja criada Comissão Temporária Externa, composta de 5 (cinco) membros Titulares e igual número de suplentes, com prazo de funcionamento de 12 (doze) meses, destinada a acompanhar todos o atos, fatos relevantes, normas e procedimentos referentes às obras do Projeto de Integração do rio São Francisco com as bacias hidrográficas do Nordeste Setentrional, popularmente conhecida como			
		“Transposição do rio São Francisco”, bem como o Programa de Revitalização da bacia hidrográfica do rio São Francisco, podendo para tanto realizar audiências públicas e diligências externas, requer informações, bem como outros atos que julgue necessários para a consecução dos objetivos da Comissão”.....	387
		Parecer nº 65, de 2008 (da Comissão de Meio Ambiente, Defesa do Consumidor e Fiscalização e Controle), sobre o Aviso nº 99, de 2007. (nº 1.571/2007, na origem), do Tribunal de Contas de União, que encaminha ao Senado Federal cópia do Acórdão nº 2.233/2007, proferido nos autos do processo TC 004.468/2006-6, bem como do Relatório e do Voto que o fundamentaram, sobre Auditoria Operacional realizada no Programa Morar Melhor, gerido pela Secretaria Nacional de Habitação do Ministério das Cidades e executado pela Caixa Econômica Federal.....	403
		Parecer nº 79, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 454, de 2007 (nº 241/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à ACAS – Associação Comunitária de Alto Santo – Ceará para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Alto Santo, Estado do Ceará.....	558
		Agradecimento aos senadores pelo voto de pesar pelo falecimento de sua mãe, Maria Salomé de Lucena.....	596
<b>CRISTOVAM BUARQUE</b>			
		Projeto de Lei do Senado nº 8, de 2008, que altera os arts. 47 e 49 da Lei nº 9.478, de 6 de agosto de 1997 – Lei do Petróleo, e insere o art. 49-A na mesma lei para destinar parcela dos royalties à conservação da floresta amazônica.....	53
		Projeto de Lei do Senado nº 9, de 2008, que institui o Programa de Preservação de Idiomas Indígenas Brasileiros, e dá outras providências.....	55
		Justificação de projeto que altera a Lei do Petróleo.....	67
		Requerimento nº 48, de 2008, que requer a realização de Sessão Especial do Senado, no dia 13 de maio de 2008, destinada a comemorar os 120 anos da abolição da escravatura, assinada pela Princesa Isabel no dia 13 de maio de 1888...	150
		Projeto de Lei do Senado nº 13, de 2008, que autoriza o Poder Executivo a criar a Escola Técnica Federal de Valparaíso de Goiás, no Estado de Goiás.....	266

	Pág.		Pág.
Cumprimentos ao Senador Tião Viana pela iniciativa de sugerir campanha contra motoristas embriagados. Aparte ao Senador Tião Viana.....	293	Comentários sobre os gastos com a decoração do apartamento funcional do reitor da Universidade de Brasília (UnB), Timothy Mulholland.....	591
Argumentação sobre as características que empobrecem a política brasileira, bem como críticas à falta de consistência programática dos partidos políticos brasileiros. ....	294	<b>DEMÓSTENES TORRES</b>	
Requerimento nº 102, de 2008, que requer a realização de Sessão Especial do Senado, no dia 20 de junho de 2008, destinada a homenagear Leonel de Moura Brizola, no transcurso do quarto aniversário de seu falecimento, ocorrido no dia 21 de junho de 2004.....	333	Requerimento nº 95, de 2008, que requer que sejam solicitadas informações ao ministério da Justiça sobre a entrada e saída em território nacional, com as respectivas datas, períodos e locais de estadia dos seguintes cidadãos estrangeiros: Cuido Alejandro Antonini Wilson (nacionalidades americana e venezuelana), Carlos Kauffmann (nacionalidade uruguaia), Franklin Duran (nacionalidade venezuelana), Moisés Maionica Pajovic (nacionalidade venezuelana), Rodolfo Wanslee Paciello (nacionalidade uruguaia) e José Antônio Canchica Gómez (nacionalidade venezuelana). ....	237
Requerimento nº 103, de 2008, que requer autorização para que seja realizada, no dia 10 de março de 2008, Sessão Especial em razão do Dia Internacional da Mulher, ocorrido no dia 8 de fevereiro de 2008.....	333	Discussão, na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, das propostas de emendas à Constituição que dispõe sobre a figura do suplente no Senado Federal. ....	337
Requerimento nº 104, de 2008, que requer autorização para que seja realizada, no dia 7 de outubro de 2008, Sessão Especial para comemorar os 20 anos da promulgação da Constituição Federal do Brasil, ocorrida no dia 5 de outubro de 1988....	333	<b>EDUARDO AZEREDO</b>	
Registro do transcurso dos 20 anos da promulgação da Constituição Federal. ....	410	Considerações sobre a indústria do turismo nacional. ....	148
Apoio à defesa do programa brasileiro na Antártica. ....	441	Registro da inauguração, dia 11 de fevereiro de 2008, do primeiro vôo internacional partindo de Belo Horizonte para a Europa. ....	148
Considerações sobre o requerimento de instalação da CPI dos cartões corporativos.....	437	Requerimento nº 47, de 2008, que requer que seja oficiado ao Desembargador Rogério Medeiros voto de congratulações pela sai posse no Tribunal de Justiça de Minas Gerais, no dia 24 de janeiro de 2008.....	149
Considerações e posicionamento favorável ao instituto da suplência no Senado Federal. Aparte ao Senador Paulo Paim.....	495	Requerimento nº 51, de 2008, que requer a inserção em ata de coto de pesar pelo falecimento do Jornalista Hélio Adami, ocorrido em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 7 de janeiro de 2008.....	153
Considerações sobre projeto de lei da autoria de S.Exa. que propõe que os filhos de parlamentares sejam obrigados a estudar em escola pública. Aparte ao Senador Geraldo Mesquita Júnior.....	502	Repúdio a ação terrorista que utilizou duas mulheres portadoras de Síndrome de Down para explodirem bombas no Iraque. ....	239
Comentários sobre a corrupção, incompetência e falta de espírito público no serviço público. Aparte ao Senador Pedro Simon.....	510	Considerações sobre as propostas de emendas que dispõe sobre a figura do suplente no Senado Federal. Aparte ao Senador Demóstenes Torres...	345
Defesa da criação de uma comissão permanente de inquérito contra a corrupção.....	512	Parecer nº 81, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 462, de 2007 (nº 300 2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a concessão outorgada à Emissoras Santa Cruz S/A –Rádio e Televisão para explorar serviço de radiodifusão so-	
Reflexão sobre a frase: quando os políticos enriquecem, a política empobrece.....	512		
O debate sobre a transposição das águas do rio São Francisco. ....	512		
Projeto de Lei do Senado nº 20, de 2008, que concede isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) incidente sobre veículos para transporte coletivo de estudantes, quando adquiridos por Prefeituras Municipais e pelo Distrito Federal, bem como por profissionais autônomos e suas cooperativas habilitados e dedicados exclusivamente ao transporte escolar.....	585		

	Pág.		Pág.
nora em onda média na cidade de Pará de Minas, Estado de Minas Gerais. ....	566	Congratulações ao Senador Paulo Paim pelo seu pronunciamento e comentários sobre a reforma política. Aparte ao Senador Paulo Paim.....	629
<b>EDUARDO SUPPLY</b>		Considerações sobre a suplência dos Senadores da República. Aparte ao Senador Lobão Filho. ....	631
Considerações aos questionamentos feitos pelo Senador Heráclito Fortes sem eu discurso sobre a instalação da CPI dos cartões corporativos. Aparte ao Senador Heráclito Fortes. ....	96	Comentários aos resultados da pesquisa CNT/ Sensus sobre a popularidade do Presidente Lula, bem como às principais alterações ao projeto que dispõe sobre a Lei Geral de Licitações.....	642
Anúncio da presença de diversas autoridades no Senado Federal para esclarecimentos sobre a transposição das águas do rio São Francisco.....	114	Votos de pronta recuperação aos Senadores Aloizio Mercadante e Jonas Pinheiro.....	642
Votos de recuperação plena ao Presidente do Timor-Leste, José Manuel Ramos-Horta.....	114	<b>EFRAIM MORAIS</b>	
Considerações sobre a transposição das águas do rio São Francisco. Aparte ao Senador Paulo Duque. ....	119	Manifestação sobre o constrangimento causado pela “farra dos cartões corporativos”. ....	91
Requerimento nº 27, de 2008, que requer voto de solidariedade a José Manuel Ramos-Horta, Presidente da República de Timor-Leste, e o pleno restabelecimento de sua saúde, que na manhã de 10 de fevereiro de 2008 foi alvejado, durante um ataque armado à sua casa por grupos dissidentes da política daquele país.....	122	Críticas à Medida Provisória nº 415/2008, que proíbe a comercialização de bebidas alcoólicas em rodovias federais.....	304
Pedido aos pares a fim de que compareçam ao debate sobre a transposição do rio São Francisco, no dia 14 de fevereiro de 2008. Aparte a Senadora Rosalba Ciarlini.....	167	Parecer nº 61, de 2008 (da Comissão Diretora), que dá redação final do Projeto de Resolução nº 65, de 2007. ....	324
Saudação ao Vice-Presidente da Bolívia, Sr. Alvaro Garcia Linera, em visita oficial ao Brasil.....	312	<b>ELISEU RESENDE</b>	
Elogios à votação do Projeto de Resolução nº 65, de 2007. ....	324	Parecer nº 68, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 336, de 2007 (nº 164/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a permissão outorgada à Rádio Belo Horizonte Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais.....	520
Discussão sobre o Projeto de Resolução do Senado nº 65, de 2007.....	327	<b>EPITÁCIO CAFETEIRA</b>	
Considerações sobre as propostas de emendas que dispõe sobre a figura do suplente no Senado Federal. Aparte ao Senador Demóstenes Torres...	339	Cobrança de resposta da Mesa Diretora sobre questão de ordem que Sua Excelência suscitou antes do encerramento da sessão legislativa do ano de 2007, sobre a situação do PTB, os cargos que lhe são devidos, após Sua Excelência ter deixado a coligação de apoio ao governo.....	171
Registro histórico dos 28 anos de fundação do Partido dos Trabalhadores. ....	356	<b>EXPEDITO JÚNIOR</b>	
Considerações sobre as cobranças do Senador Mão Santa em favor do estado do Piauí. Aparte ao Senador Mão Santa.....	363	Projeto de Lei do Senado nº 10, de 2008, que altera a lei nº 11.350, de 5 de outubro de 2006, para estabelecer normas sobre o repasse de recursos da União destinados ao pagamento dos Agentes Comunitários às Endemias admitidos pelos gestores locais do Sistema Único de Saúde.....	81
Saudações ao pronunciamento do Senador Pedro Simon, em especial pelo consenso com o Senador José Sarney no que diz respeito da ocasião propicia que tem o Presidente Lula para a realização da reforma política. Aparte ao Senador Pedro Simon.....	622		
Considerações sobre a restrição à carne brasileira pela União Européia. Aparte Marisa Serrano.	625		

	Pág.		Pág.
Requerimento nº 25, de 2008, que requer que seja encaminhado ao Ministro de Minas e Energia, Excelentíssimo Senhor Edson Lobão, o pedido de informações sobre as obras de gasoduto Urucu-Porto Velho.....	82	Declaração das Nações Unidas”, síntese do seminário ocorrido dia 13 de fevereiro de 2008. ....	299
Projeto de Lei do Senado nº 11, de 2008, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, com o fim de incentivar a abertura das escolas públicas nos finais de semana, feriados e períodos de recesso, para a oferta de atividades culturais, esportivas, de lazer e de reforço escolar, bem como acrescenta dispositivo à Medida Provisória nº 2.178-36, de 24 de agosto de 2001, com o propósito de ampliar o alcance do Programa Nacional de Alimentação Escolar. ....	143	Considerações sobre a política energética brasileira. Aparte a Senadora Serys Slhessarenko. ...	422
Projeto de Lei do Senado nº 12, de 2008, que altera a Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984 – Lei de Execução Penal, para permitir à condenada a permanência com seus filhos até a idade de três anos em estabelecimento penal. ....	144	Leitura de nota emitida por entidades ligadas à educação. ....	423
Solidariedade ao Senador Osmar Dias que denuncia a desobediência da Secretaria do Tesouro Nacional, em desrespeito à soberania do Senado.	335	Parecer nº 80, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo no 458, de 2007 (no 297 2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga permissão à Rádio Candelária FM Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Santa Luzia D’Oeste, Estado de Rondônia. ....	562
Solicitação à Mesa que reitere seu requerimento de informações, apresentado no dia 25 de setembro de 2007, ao Ministro da Defesa, sobre a ocupação dos imóveis funcionais pelos militares..	345	<b>FLÁVIO ARNS</b>	
Projeto de Lei do Senado nº 18, de 2008, que modifica o art. 473 da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, para ampliar o período de interrupção do contrato de trabalho em razão de casamento para até cinco dias consecutivos e estender o benefício aos empregados que tenham formalizado união estável. ....	381	Associação a manifestação de repúdio à ação terrorista que utilizou duas mulheres portadoras de Síndrome de Down para explodirem bombas no Iraque.....	239
Cumprimentos ao Sr. Presidente do Senado, Garibaldi Alves Filho, pela maneira como vem conduzindo a Presidência do Senado. Senador Expedito Júnior. ....	436	Elogio ao posicionamento da presidência do Senado em relação aos Estados de Rondônia e Paraná e espera que as relações entre Executivo, Congresso e Estados tornem-se mais democráticas e que haja a busca de alternativas. ....	337
<b>FÁTIMA CLEIDE</b>		Parecer nº 70, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 369, de 2007 (nº 253/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Desenvolvimento Social, Cultural e Artístico de Nova Santa Bárbara para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Nova Santa Bárbara, Estado do Paraná.....	527
Cumprimentos ao Senador Tião Viana pela iniciativa de sugerir campanha contra motoristas embriagados. Aparte ao Senador Tião Viana. ....	294	<b>FLEXA RIBEIRO</b>	
Cumprimentos ao Senador Cristovam Buarque pelo pronunciamento que aponta características que empobrecem a política nacional, e critica os partidos políticos pela falta de consistência programática. Aparte ao Senador Cristovam Buarque. ...	296	Preocupação com o desmatamento na Amazônia, especialmente no Estado do Pará. ....	153
Apresentação ao presidente Garibaldi Alves Filho do documento “Um olhar indígena sobre a		Cumprimentos a Senadora Kátia Abreu pelo pronunciamento sobre a necessidade de políticas públicas para resguardar e melhor aproveitar os recursos naturais. Aparte a Senadora Kátia Abreu...	160
		Cumprimentos ao Senador Paulo Paim em virtude de pronunciamento que defende os aposentados e pensionistas. Aparte ao Senador Paulo Paim. ....	284
		Cumprimentos a Senadora Serys Slhessarenko pelo pronunciamento acerca da política ener-	

	Pág.		Pág.
gética do Governo Lula. Aparte a Senadora Serys Silhessarenko.....	298	Itaperuna, Estado do Rio de Janeiro. Senador Francisco Dornelles.....	389
Considerações ao pronunciamento do Senador João Tenório. Aparte ao Senador João Tenório.....	302	GERALDO MESQUITA JÚNIOR	
Repúdio à inverdades propaladas pelo Governo do PT no estado do Pará.....	308	Discurso sobre os problemas da Amazônia....	15
Registro de e-mail que Sua Excelência recebeu do professor Emilson Nunes da Costa, de Volta Redonda, no Rio de Janeiro e apoio ao seu pedido para que a TV Senado dê preferência à retransmissão das sessões das CPIs, logo após a retransmissão das sessões plenárias.....	283	Registro do editorial intitulado “Quem te viu e quem te vê” publicado no jornal O Estado de S.Paulo.....	15
Requerimento nº 112, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento da Srª Zilda Monteiro Serrano.....	386	Considerações sobre a adulteração do requerimento de instalação da CPI dos cartões corporativos. Aparte ao Senador Heráclito Fortes.....	39
Parecer nº 66-A, de 2008 (da Comissão Diretora), que dá redação do vencido, para o turno suplementar, do Substitutivo ao Projeto de Lei do Senado nº 26, de 2000.....	409	Reflexão sobre a questão da Amazônia brasileira.....	69
Solicitação de inserção nos Anais de e-mail recebido do ex-Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso.....	415	Considerações sobre a instalação de CPIs. Aparte ao Senador Alvaro Dias.....	89
Considerações sobre a política energética brasileira. Aparte a Senadora Serys Silhessarenko. ...	421	Proposta de Emenda Constitucional nº 1, de 2008, que faculta a criação de CPI mediante iniciativa popular.....	138
Voto de Pesar pelo falecimento de Maria Salomé de Lucena, mãe do Senador Cícero Lucena, e pela morte da Senhora Zilda Monteiro Serrano, mãe da Senadora Marisa Serrano.....	428	Anúncio de apresentação de proposta de emenda à Constituição propondo que CPIs sejam instaladas por requerimentos de eleitores.....	281
Solicitação ao Sr. Presidente Garibaldi Alves Filho a exclusão da palavra “apoio” no requerimento, que pede a instalação do CPMI para a instauração da CPMI dos cartões corporativos do governo federal.....	431	Apoio à sugestão do nome do Senador Paulo Paim para assumir a Secretaria de Igualdade Racial. Aparte ao Senador Mão Santa.....	492
Solicitação ao Sr. Presidente do Senado, Garibaldi Alves Filho, que aprove o protocolo de instalação da CPMI dos cartões corporativos.....	434	Indignação com o sistema de reajuste salarial dos aposentados no Brasil.....	499
Registro de comunicação recebida do Senador Arthur Virgílio sobre a coleta de assinaturas para a reapresentação de requerimento para a instalação da CPI dos cartões corporativos.....	447	Homenagem pelo transcurso dos 80 anos de fundação do jornal O Povo, do Estado do Ceará...	499
Considerações sobre o desmatamento no Município de Paragominas, no Pará.....	447	Comentários a reportagem intitulada “Operação Amazônia vai custar R\$180 milhões”, publicada dia 17 de fevereiro de 2008, pelo jornal Correio Braziliense, bem como proposta de criação do Ministério da Amazônia.....	632
FRANCISCO DORNELLES		GERSON CAMATA	
Parecer nº 62, de 2008 (da Comissão de Ciência, tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 440, de 2007 (nº 74/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que renova a permissão outorgada à Rádio Avahy FM Ltda., para explorar serviço de radiodifusão modulada na cidade de		Requerimento nº 96, de 2008, que requer Voto de Pesar e de solidariedade a Senhora Anna Lily e aos seus filhos Francesco, Anna e Andréa. ...	276
		GILVAM BORGES	
		Registro da participação de S.Exa. na comitiva presidencial que se encontrou com o Presidente Nicolas Sarkozy, na cidade de São Jorge do Oiapoque, na Guiana Francesa.....	353
		Registro das visitas do Presidente Lula ao Amapá, bem como discussão sobre a liberação de recursos federais para obras no Estado do Amapá.....	485

	Pág.		Pág.
HERÁCLITO FORTES		Registro da pesquisa CNT-Sensus sobre o Governo Lula. ....	622
Comentários sobre a necessidade de se tomar atitude em relação a todas as pessoas que usam indevidamente os cartões corporativos. Aparte ao Senador Paulo Paim. ....	5	INÁCIO ARRUDA	
Comentários sobre os cartões corporativos. Aparte ao Senador Alvaro Dias. ....	9	Requerimento nº 50, de 2008, que requer a realização de Sessão Especial para comemorar o centenário da fundação da Associação Brasileira de Imprensa, a realizar-se no mês de abril de 2008. .	152
Considerações sobre os gastos com cartões corporativos. ....	22	Saudação ao Vice-Presidente da Bolívia, Sr. Álvaro Garcia Linera, em visita oficial ao Brasil. ....	312
Cumprimentos ao Governador José Roberto Arruda pela determinação em defesa do povo da Capital Federal. Aparte ao Senador Adelmir Santana. ....	30	Homenagem pelo centenário de nascimento de Olga Benário Prestes. ....	346
Réplica ao pronunciamento do Senador Romero Jucá referente a instalação da CPI dos cartões corporativos. ....	38	JARBAS VASCONCELOS	
Congratulações ao Senador Alvaro Dias pela atenção destinada ao processo de instauração da CPI dos cartões corporativos. Aparte ao Senador Alvaro Dias. ....	89	Discussão sobre a votação das Emendas nºs 1 e 2, da autoria de Sua Excelência, ao Projeto de Resolução nº 37, de 2007. ....	191
Considerações sobre a questão dos cartões corporativos e a instalação de uma CPI. ....	94	Requerimento nº 53, de 2008, que requer a dispensa de publicação de redação oficial do Projeto de Resolução nº 37, de 2007. ....	198
Votos de recuperação plena ao Presidente do Timor-Leste, José Manuel Ramos-Horta. Aparte ao Senador Eduardo Suplicy. ....	116	JAYME CAMPOS	
Saudação à decisão do Primeiro-Ministro da Austrália, Revin Rudd, de pedido formal de perdão aos aborígenes, por maus tratos seculares. ....	351	Elogios ao presidente Garibaldi Alves pelo pronunciamento feito na sessão da abertura dos trabalhos do Congresso Nacional. ....	85
Defesa da formulação de propostas de reformas política e tributária para serem votadas em 2009 e vigorarem em 2014. ....	460	Comunicação do agravamento da saúde do Senador Jonas Pinheiro, internado na UTI do hospital Amecor, em Cuiabá, MT. ....	238
Cumprimentos ao Senador Paulo Paim pela sua postura parlamentar. Aparte ao Senador Paulo Paim. ....	466	Considerações sobre medida provisória que prejudica o Estado do Mato Grosso. ....	310
Preocupação com a situação dos funcionários do Banco do Estado do Piauí, após a federalização da instituição. ....	487	JEFFERSON PÉRES	
Demonstração de perplexidade com a notícia de que a CPI das ONGs seria reiniciada com um grande acordo. ....	640	Comentários sobre o prosseguimento da CPI dos cartões corporativos. Aparte ao Senador Alvaro Dias. ....	168
IDELI SALVATTI		Comentários ao pronunciamento do Senador Mão Santa sobre o “escândalo dos cartões corporativos”. Aparte ao Senador Mão Santa. ....	171
Comentários sobre artigo intitulado “O fim da CPMF e a inflação”, de autoria do Professor Marcos Cintra, publicado no jornal Folha de S. Paulo. Aparte ao Senador Antonio Carlos Valadares. ....	609	JOÃO PEDRO	
Comentários sobre artigo intitulado “O fim da CPMF e a inflação”, de autoria do Professor Marcos Cintra, publicado no jornal Folha de S. Paulo. ....	605	Considerações sobre as propostas de emendas que dispõe sobre a figura do suplente no Senado Federal bem como sobre a reforma política. Aparte ao Senador Demóstenes Torres. ....	341
		Homenagem pelo centenário de nascimento de Olga Benário Prestes. Aparte ao Senador Inácio Arruda. ....	347

	Pág.		Pág.
			XI
Considerações sobre pronunciamento do Senador Gilvam Borges acerca da visita do Presidente Nicolas Sarkozy. Aparte ao Senador Gilvam Borges.....	354	feitas acerca do aumento do IOF, da CSLL e da CPI dos cartões corporativos.....	182
Registro histórico dos 28 anos de fundação do Partido dos Trabalhadores. Aparte ao Senador Eduardo Suplicy.....	357	Discussão sobre a votação do Projeto de Resolução nº 37, de 2007 e suas emendas.....	192
<b>JOÃO RIBEIRO</b>		Reparos à condução do processo de transposição do Rio São Francisco, defendendo a prioridade de construção da barragem de Oiticica e do projeto de irrigação da barragem de Santa Cruz, que trariam benefícios imediatos.....	313
Cumprimentos ao pronunciamento do Senador Lobão Filho. Aparte ao Senador Lobão Filho. ....	632	Requerimento nº 101, de 2008, que requer a dispensa do Projeto de Lei do Senado nº 26, de 2000, do Projeto de Lei do Senado nº 685, de 1999, a fim de que voltem a ter tramitação autônoma.....	326
<b>JOÃO TENÓRIO</b>		Discussão sobre o Projeto de Resolução do Senado nº 65, de 2007.....	327
Críticas ao excesso nos gastos governamentais, à ausência de uma logística adequada e à elevada carga tributária.....	301	Cumprimentos ao Senador Mão Santa pelo sinceridade e singeleza de seus discursos. Aparte ao Senador Mão Santa.....	602
Parecer nº 76, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 400, de 2007 (nº 247/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária Amigos da Comunicação de Viçosa para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Viçosa, Estado de Alagoas.....	547	Questionamento da indicação da Presidência e da Relatoria na Comissão Parlamentar Mista de Inquérito que vai investigar as denúncias em torno dos cartões corporativos; e se haveria impedimento de ordem legal ou regimental para a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito exclusiva do Senado Federal. ....	603
<b>JOSÉ AGRIPINO</b>		<b>JOSÉ NERY</b>	
Cumprimentos ao Senador Adelmir Santana, e ao Governador José Roberto Arruda pelo governo corajoso e empreendedor. Aparte ao Senador Adelmir Santana.....	29	Considerações sobre a impunidade no campo e o assassinato da irmã Dorothy, no Pará.....	183
Considerações sobre a instalação da CPI dos cartões corporativos.....	42	Posicionamento sobre a instalação da CPI que irá investigar o uso dos cartões corporativos.....	183
Congratulações ao Senador Mão Santa pelo pronunciamento referente a CPI dos cartões. Aparte ao Senador Mão Santa.....	49	Saudação ao Vice-Presidente da Bolívia, Sr. Álvaro Garcia Linera, em visita oficial ao Brasil.....	313
Manifestação sobre a criação de uma CPI Mista para investigar o uso dos cartões corporativos.....	106	<b>JOSÉ SARNEY</b>	
Considerações sobre a transposição das águas do rio São Francisco. Aparte a Senadora Rosalba Ciarlini.....	165	Registro do transcurso, em 2008, dos 400 anos do nascimento do Padre Antonio Vieira.....	73
Comunicação de que o Democratas usará de empecilhos para derrubar a medida provisória que eleva a alíquota da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido – CSLL e que só não fará o mesmo na questão do IOF, por não ter instrumentos legais para isso.....	174	<b>KÁTIA ABREU</b>	
Questionamento das justificativas apresentadas pelo Senador Romero Jucá às considerações		Considerações sobre a atividade rural. Aparte ao Senador Flexa Ribeiro.....	155
		Reflexão sobre o desmatamento na Amazônia, o aumento abusivo dos impostos e o uso dos cartões corporativos.....	158
		Crítica ao despropósito do embargo da União Européia à carne brasileira. Conclamação aos senadores a participarem do abaixo-assinado, de forma suprapartidária, em defesa da pecuária nacional....	348

	Pág.		Pág.
<b>MAGNO MALTA</b>			
Requerimento nº 46, de 2008, que requer a realização de Sessão Solene no plenário do Senador Federal destinada a homenagear a organização “Armazém Paraíba” pelo transcurso dos 50 anos de criação. ....	138	Considerações ao pronunciamento do Senador João Tenório. Aparte ao Senador João Tenório.....	302
Parecer nº 60, de 2008 (da Comissão Diretora), que dá redação final ao Projeto de Resolução nº 37, de 2007. ....	196	Considerações sobre os danos do alcoolismo em especial nas rodovias. Aparte ao Senador Efraim Moraes.....	306
Encaminhamento à votação de requerimento que solicita uma sessão solene para homenagear os 50 anos do Armazém Paraíba. ....	205	Cobranças ao governo federal para conclusão de obras de infra-estrutura no Estado do Piauí. ....	361
Defesa da medida provisória que proíbe a venda de bebidas alcoólicas nas rodovias. ....	243	Considerações ao discurso da Senadora Rosalba Ciarlini a respeito do estado do Rio Grande do Norte. Aparte a Senadora Rosalba Ciarlini.....	366
Polêmica sobre o fechamento do Canal de Itaputanga na Cidade de Piúma, no Estado do Espírito Santo. ....	243	Elogios ao Senador Pedro Simon, bem como comentários sobre a falta de austeridade no Governo Lula. ....	451
Requerimento nº 111, de 2008, que requer a inserção em Ata de Voto de Aplauso ao Chargista Amarildo Luis Leite Lima, jornalista da Rede Gazeta de Vitória (ES), pela charge sobre aliciamento para uso de drogas, no dia 4 de janeiro de 2008. ....	386	Preocupação com a situação dos funcionários do Banco do Estado do Piauí, após a federalização da instituição. Aparte ao Senador Heráclito Fortes.....	488
<b>MÃO SANTA</b>			
Considerações sobre discurso do Senador Paulo Paim sobre a atualização das aposentadorias e pensões. Aparte ao Senador Paulo Paim.....	5	Elogio ao esforço para criação da CPI que irá investigar os gastos com cartões corporativos.....	489
Homenagem ao Senador Alvaro Dias pelo pronunciamento proferido a respeito dos cartões corporativos. Aparte ao Senador Alvaro Dias.....	10	Comentários sobre os gastos com a decoração do apartamento funcional do reitor da Universidade de Brasília (UnB), Timothy Mulholland. Aparte ao Senador Cristovam Buarque.....	594
Críticas ao Senhor Presidente da República, por não receber o seu irmão.....	15	Críticas a política governamental para a terceira idade. ....	599
Congratulações ao Senador Geraldo Mesquita Júnior pelo registro nos Anais da Casa, de artigo intitulado “Quem te viu e quem te vê” publicado no jornal O Estado de S.Paulo. Aparte ao Senador Geraldo Mesquita Júnior.....	16	Voto de pesar pelo falecimento do Sr. Bernardo Araújo Rocha.....	612
Congratulações ao Senador Heráclito Fortes, em virtude de discurso sobre os gastos com cartões corporativos. Aparte ao Senador Heráclito Fortes. ....	24	Requerimento nº 120, de 2008, que requer que seja apresentado Voto de Pesar pelo falecimento do Senhor Bernardo Araújo Rocha, mais conhecido como Binu, apresentando condolências à família... ..	612
Defesa das investigações contra o mau uso dos cartões corporativos.....	48	<b>MARCELO CRIVELLA</b>	
Questionamentos sobre o uso dos cartões corporativos por membros do Governo Federal e a instalação de uma CPI Mista.....	109	Lamento pela ausência dos Senadores Jonas Pinheiro e Aloizio Mercadante, ambos em tratamento de saúde.....	239
Votos de recuperação plena ao Presidente do Timor-Leste, José Manuel Ramos-Horta. Aparte ao Senador Eduardo Suplicy. ....	117	Comentários sobre as críticas do Senador Efraim Moraes à Medida Provisória nº 415/2008. Aparte ao Senador Efraim Moraes. ....	306
Manifestação sobre “o escândalo dos cartões corporativos”.....	170	Requerimento nº 108, de 2008, que requer que o Senado Federal apresente junto ao Chefe do Comitê do Prêmio Nobel da Paz, Olé Danbolt Mjoes (Parlamento do Reiono da Noruega, Karl Johans, Gate 22, N-0026, Oslo), voto de apoio à candidatura do Dr. William Soto Santiago, Diretor Internacional da Amisrael, organização não-governamental que congrega pessoas de todos os países, raças, religiões e credos que se identificam com os ideais da entidade, dispostas a repudiar o terrorismo e promover incondicionalmente a paz. ....	384



Pág.		Pág.
	Parecer nº 63, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 444, de 2007 (nº 114/2007, na Câmara dos deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Rádio Macabu Livre para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Conceição de Macabu, Estado do Rio de Janeiro. ....	524
395	Parecer nº 66, de 2008 (da Comissão de Educação, Cultura e Esporte), sobre o Projeto de Lei do Senado nº 106, de 2007, de autoria do Senador Expedito Júnior, que altera o art. 2º da Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005, que dispõe sobre o Programa Universidade para Todos (PROUNI), para permitir que bolsas remanescentes do programa sejam destinadas a estudantes que tenham cursado parte do ensino médio em escolas privadas. ....	541
405	Considerações sobre o Governo Lula nas questões dos cartões corporativos e apagão. Aparte a Senadora Serys Silhessarenko. ....	589
420	Parecer nº 82, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 466, de 2007 (nº 313/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Comunicação e Cultura Rádio Aliança para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro. ....	
	<b>MARCO MACIEL</b>	
	Requerimento nº 22, de 2008, que requer inserção em ata de Voto de Pesar, e apresentação de condolências aos familiares da Senhora Dulce de Souza Leão Sampaio, falecida no dia 03 de fevereiro de 2008 em Recife-PE. ....	274
1	Requerimento nº 105, de 2008, que requer inserção em ata de Voto de Pesar, e apresentação de condolências à família do Professor Djalma Antonino de Oliveira, por ocasião de seu falecimento ocorrido no dia 9 de fevereiro de 2008 em Recife-PE. ....	315
333	Reflexões sobre as reformas política e institucional. ....	382
70	Considerações sobre o transcurso, em 2008, dos 400 anos de nascimento do Padre Antonio Vieira. Aparte ao Senador José Sarney. ....	483
75	Parecer nº 69, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 360, de 2007 (nº 208/2007, na Câmara dos Depu-	
	tados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Radiodifusão de Tejiptó para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade e Recife, Estado de Pernambuco. ....	524
	Parecer nº 74, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 392, de 2007 (nº 225/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária de Comunicação e Cultura do Itaenga para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Lagoa do Itaenga, Estado de Pernambuco. ....	541
	Considerações sobre a reforma política. Defesa de mudanças na tramitação dos vetos presidenciais e das medidas provisórias. ....	589
	<b>MARCONI PERILLO</b>	
	Projeto de Lei do Senado nº 16, de 2008, que altera a Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991, que “dispõe sobre a organização da Seguridade Social, institui Plano de Custeio, e dá outras providências”, para instituir rateio dos recursos oriundos do Seguro Obrigatório de Danos Pessoais causados por veículos automotores de vias terrestres e destinados ao custeio da assistência médico-hospitalar dos vitimados. ....	274
	Anúncio de ação do PSDB junto ao Supremo Tribunal Federal, para obter dados dos cartões da Presidência da Republica. ....	315
	Projeto de Lei do Senado nº 19, de 2008, que altera o Código de Trânsito Brasileiro, para ficar referências na avaliação, pelo juiz, do elemento subjetivo nas hipóteses de homicídio e lesão corporal praticados na direção de veículo automotor. ....	382
	Preocupação com o projeto de transposição das águas do Rio São Francisco. ....	483
	Parecer nº 78, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 443, de 2007 (nº 89/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Movimento Comunitário Rádio Nova de Paz – FM para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Cezarina, Estado de Goiás. ....	555
	<b>MARIA DO CARMO ALVES</b>	
	Parecer nº 77, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo	

	Pág.		Pág.
nº 429, de 2007 (nº 217/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga permissão à Sistema Comercial de Comunicações Ltda. para explorar serviço de radiodifusão sonora em frequência modulada na cidade de Maranguape, Estado do Ceará.....	551	MOZARILDO CAVALCANTI	
MARIO COUTO		Considerações sobre a reforma tributária. Aparte ao Senador Paulo Paim.....	628
Preocupação com os aposentados em todo o País. Aparte ao Senador Paulo Paim.....	147	Solidariedade quanto a criação do Ministério da Amazônia. Aparte ao Senador Geraldo Mesquita Júnior.....	633
Defesa de criação da CPI para investigar a fundo os gastos com cartões corporativos e identificar aqueles que não zelam pelo dinheiro público.....	303	Propostas de mudanças na composição e representatividade das CPIs e do Conselho de Ética.....	637
Pedido ao presidente Garibaldi Alves Filho de uma definição para a abertura da CPI do DNIT, visto que já se passaram sete meses da coleta das assinaturas.....	314	OSMAR DIAS	
Preocupação com descaso do Governo em relação a setores essenciais como saúde, segurança e educação, bem como considerações aos gastos do Governo. Aparte a Senadora Marisa Serrano.....	414	Requerimento nº 24, de 2008, que requer que o período da Hora do Expediente da Sessão Deliberativa Ordinária do dia 18 de março de 2008, seja dedicado a comemora do Dia Mundial da Água e o lançamento da Campanha “SOS H2O”.....	53
Críticas aos gastos excessivos do Governo Lula.....	428	Realização de audiência pública na Comissão de Agricultura com o fim de debater as medidas a serem adotadas pelo Brasil no enfrentamento do embargo à carne brasileira, pela da União Européia.....	100
Defesa de punição pelo mau uso dos cartões corporativos.....	436	Cobrança de providências ao presidente da Casa pelo descumprimento de resolução do Senado pela Secretaria de Tesouro Nacional, em prejuízo do Estado do Paraná.....	334
Solicitação de celeridade na tramitação do Projeto de Lei do Senado 58, de 2003, de autoria do Senador Paulo Paim, que resgata o poder aquisitivo dos benefícios dos aposentados.....	596	PAPALÉO PAES	
MARISA SERRANO		Requerimento nº 23, de 2008, que requer Voto de Aplauso ao povo macapaense; ao Governador do Estado do Amapá, Waldez Góes; ao Vice-Governador, Pedro Paulo Dias de Carvalho; ao Prefeito de Macapá, João Henrique Pimentel; e a Câmara dos Vereadores do Município de Macapá, na pessoa de sua Presidenta, Vereadora Helena Guerra, pelo transcurso dos 250ª da fundação da cidade de Macapá-AP.....	53
Comentários sobre a instalação da CPI dos cartões corporativos. Aparte ao Senador Alvaro Dias.....	169	Elogios ao presidente Garibaldi Alves pelo pronunciamento feito na sessão de abertura dos trabalhos do Congresso Nacional.....	85
Considerações sobre os danos do alcoolismo em especial nas rodovias. Aparte ao Senador Efraim Morais.....	305	Registro do transcurso dos 250 anos de fundação da cidade de Macapá – AP.....	101
Preocupação com descaso do Governo em relação a setores essenciais como saúde, segurança e educação.....	413	Discussão sobre a votação do Projeto de Resolução nº 37, de 2007 e suas emendas.....	192
Homenagem à mãe de S.Exa., Zilda Serrano, recentemente falecida e à Sra. Maria Salomé de Lucena, mãe do Senador Cícero Lucena, falecida dia 14 de fevereiro de 2008.....	413	Solidariedade aos Senadores Jonas Pinheiro e Aloizio Mercadante que encontram-se hospitalizados.....	241
Considerações acerca dos anunciados resultados de pesquisas avaliando o Governo Lula.....	623	Abordagem sobre a falta de gestão do governo federal com os impostos arrecadados.....	241
Preocupação com a restrição à carne brasileira pela União Européia.....	623		

	Pág.		Pág.
			XV
			Pág.
Apoio ao Instituto Nacional do Câncer no sentido de exigir ações mais incisivas do Governo Federal no plano da saúde pública.....	368	Solidariedade aos Senadores Jonas Pinheiro e Aloízio Mercadante, hospitalizados. ....	145
Registro da entrevista intitulada “FHC dispara o alarme”, publicada na revista Istoé Dinheiro, edição de 20 de 2008. ....	673	Reflexão sobre a situação da indústria moveleira. ....	145
Solidariedade quanto a criação do Ministério da Amazônia. Aparte ao Senador Geraldo Mesquita Júnior. ....	634	Cumprimentos ao Senador Geraldo Mesquita Júnior pela iniciativa de propor emenda à Constituição que vise garantir ao povo o direito de requerer diretamente a instalação de CPI. Aparte ao Senador Geraldo Mesquita Júnior.....	282
Comemoração pelos duzentos anos de criação da primeira faculdade de medicina do País – Escola de Cirurgia, implantada em Salvador, em 18 de fevereiro de 1808 no Real Hospital Militar da Bahia, pelo Príncipe Regente de Portugal, D.João VI.....	635	Defesa do mesmo percentual de reajuste do salário mínimo, para aposentados e pensionistas. Considerações sobre o fator previdenciário. ....	283
<b>PATRÍCIA SABOYA GOMES</b>		Defesa da ratificação das Convenções 151 e 158 da OIT. ....	464
Requerimento nº 114, de 2008, que requer a realização de sessão especial no dia 6 de março de 2008, em comemoração aos 80 anos de fundação do jornal O Povo. ....	386	Satisfação com a audiência pública em que foi debatida a transposição do Rio São Francisco. ....	464
<b>PAULO DUQUE</b>		Considerações sobre a CPI dos cartões corporativos. ....	464
Elogios a iniciativa do Senador Eduardo Suplicy de reunir, no Senado Federal, diversas autoridades para debater o tema da transposição das águas do rio São Francisco. ....	118	Considerações sobre as indicações de parlamentares para ocupar cargo de Ministro. Defesa de mudanças na forma de escolha de suplentes de senadores. ....	494
Defesa de modificações no sistema de suplência para o Senado. ....	351	Destaque para a realização da Terceira Olimpíada Brasileira de Matemática nas escolas públicas, em 2007, e homenagem aos alunos premiados do Rio Grande do Sul. ....	494
<b>PAULO PAIM</b>		Indignação com o sistema de reajuste salarial dos aposentados no Brasil. Aparte ao Senador Geraldo Mesquita Júnior.....	500
Defesa da aprovação do Projeto de Lei do Senado 58, de 2003, que dispõe sobre a atualização das aposentadorias e pensões. Senador Paulo Paim. ....	1	Projeto de Lei do Senado nº 21, de 2008, que acrescenta parágrafos ao art. 11 da Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, para dispor sobre a manutenção da condição de segurado especial, para produtores rurais com até dois empregados, fixando contribuição diferenciada, e dá outras providências. ....	587
Considerações sobre o movimento organizado pelas centrais sindicais a favor da redução da jornada de trabalho de 44 horas para 40 horas semanais, sem redução de salários. ....	1	Retificação da data de votação do Projeto de Lei nº 58, do dia 27 para dia 26 de fevereiro de 2008, às 10 horas da manhã. Aparte ao Senador Mario Couto. ....	597
Preocupação com a suspensão da compra da carne bovina brasileira pela Comunidade Européia. Relato da pauta do setor arroseiro do Rio Grande do Sul.....	85	Reflexão sobre a reforma tributária.....	627
Requerimento nº 26, de 2008, que requer Voto de Pesar pelo falecimento do ator Norton Nascimento, ocorrido em 21 de dezembro de 2007. ...	121	<b>PEDRO SIMON</b>	
Preocupação com os aposentados em todo o País e a necessidade de reparação das perdas salariais da classe. ....	145	Requerimento nº 49, de 2008, que requer a realização de Sessão Especial Solene do Senado Federal para marcar os 200 anos da Imprensa Brasileira e homenagear o seu Patrono, Hipólito José da Costa, a ser realizada, preferencialmente, em 1º de junho de 2008, Dia da Imprensa (Lei nº 9.831, de 13-9-1999). ....	150
		Discussão sobre a votação do Projeto de Resolução nº 37, de 2007 e suas emendas.....	194

	Pág.		Pág.
Requerimento nº 100, de 2008, que requer dispensa de publicação de redação final do Projeto de Resolução nº 65, de 2007. ....	325	Discussão de matéria sobre que propõe a obrigatoriedade da presença do Banco Central na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal de três em três meses, para apresentar a programação monetária do Banco Central, do Governo. ....	326
Solicitação ao presidente do Senado, Senador Garibaldi Alves Filho, para aprovar o requerimento de criação da CPMI dos cartões corporativos.....	433	Relato sobre viagem feita por S.Exa. à Antártica.....	438
Reflexões sobre governos anteriores e o atual em razão da instalação da CPI para investigar o uso dos cartões corporativos.....	441	Cumprimentos ao Presidente Garibaldi Alves filho pelo diálogo estabelecido com o Presidente da Câmara para regulamentação da edição das medidas provisórias.....	438
Considerações sobre o Governo de Getúlio Vargas e dos Presidentes que o sucederam. Aparte ao Senador Mão Santa.....	452	Convocação aos pares para que participem e apóiem o Fórum de Legisladores do G8+5, a se realizar dias 19, 20 e 21 de fevereiro de 2008.....	441
Considerações ao discurso do Senador Heráclito Fortes. Aparte ao Senador Heráclito Fortes...	461	<b>ROMERO JUCÁ</b>	
Cumprimentos ao Senador Paulo Paim pela sua postura parlamentar. Aparte ao Senador Paulo Paim.....	465	Cumprimentos ao Governador José Roberto Arruda, e considerações sobre a importância do Programa Integrado de Transporte para o Distrito Federal. Aparte ao Senador Adelmir Santana.....	30
Considerações sobre o Governo Lula e as CPI.....	504	Justificativas sobre o requerimento para instalação da CPI dos cartões corporativos.....	32
Considerações sobre a Previdência Social..	504	Explicação sobre a proposta de instalação da CPI dos cartões corporativos, feita por Sua Excelência. Aparte ao Senador Heráclito Fortes.....	41
Considerações sobre a importância da TV Senado ser transmitida em canal aberto.....	504	Considerações sobre a instalação da CPI dos cartões corporativos. Aparte ao Senador José Agripino.....	45
Considerações sobre desmoralização na instalação de CPIs. Aparte ao Senador Cristovam Buarque.....	514	Esclarecimentos sobre a posição do Governo com relação à questão dos cartões corporativos e a instalação de uma CPI Mista.....	99
Cumprimentos ao Senador Mão Santa pelo sinceridade e singeleza de seus discursos. Aparte ao Senador Mão Santa.....	601	Comentários sobre as medidas adotadas pelo Governo no primeiro dia útil do ano referentes ao aumento do IOF e CSLL.....	176
Comentários sobre a entrevista do Senador José Sarney à Folha de S.Paulo, e sobre CPIs.....	619	Apoio ao pedido de votação em separado, sugerido pelo Senador Arthur Virgílio, da Emenda nº 3 ao Projeto de Resolução nº 37, de 2007, e mudança da redação do mesmo. ....	189
<b>RENAN CALHEIROS</b>		Discussão sobre a votação do Projeto de Resolução nº 37, de 2007 e suas emendas.....	191
Pedido de registro de votos favoráveis às duas cooperações que o Brasil fez com Angola sobre transferência e extradição de presos.....	326	<b>ROME U TUMA</b>	
<b>RENATO CASAGRANDE</b>		Requerimento nº 44, de 2008, que requer que a realização da Sessão Especial destinada a comemoração aos Duzentos anos da Abertura dos Portos no Brasil, seja transferida para as 10 horas do dia 21 de fevereiro de 2008. ....	137
Manifestação sobre a criação de uma CPI Mista para investigar o uso dos cartões corporativos. ....	105	Argumentação sobre a transposição das águas do rio São Francisco. Aparte a Senadora Rosalba Ciarlini.....	166
Manifestação sobre os entendimentos para a instalação da CPMI para investigar o uso dos cartões corporativos. ....	187	Discussão sobre a votação do Projeto de Resolução nº 37, de 2007 e suas emendas.....	194
Considerações ao pedido do Senador Arthur Virgílio e ao discurso do Senador Tião Viana.....	190		
Apelo por uma pauta positiva do Senado em 2008. Saudação à Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), pelas novas normas de relacionamento entre usuários de telefonia celular e as concessionárias do serviço, que entraram em vigor no dia 13 de fevereiro de 2008. ....	289		

Pág.	Pág.
	422
Comentários sobre o livro Homicídios no Brasil e o estudo denominado O Jogo dos Sete Mitos e a Miséria da Segurança Pública no Brasil, do economista Daniel Cerqueira. ....	
253	
Requerimento nº 98, de 2008, que requer que seja enviado Votos de Congratulações aos Senhores Desembargadores: Dr. Roberto Vallim Bellocchi – Presidente do Tribunal de Justiça de SP, Dr. Jarbas João Coimbra Mazzoni – Vice-Presidente do Tribunal de Justiça de SP, Dr. Ruy Pereira Camilo – Corregedor da Justiça de SP, Dr. Eduardo Pereira Santos – Presidente da Seção de Direito Criminal do Tribunal de Justiça de SP, Dr. José Geraldo de Jacobina Rabello – Presidente da Seção de Direito Privado do Tribunal de Justiça de SP e o Dr. Antônio Carlos Viana Santos – Presidente da Seção de Direito Público do Tribunal de Justiça de SP, que, no dia 2 de janeiro último, tomaram posse nos seus cargos no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, para o biênio 2008/2009, augurando-lhes pleno sucesso no desempenho das suas novas responsabilidades, na condução dos trabalhos no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, para que São Paulo esteja cada vez melhor em paz e justiça.....	
278	
Cumprimentos ao Senador Tião Viana pela iniciativa de sugerir campanha contra motoristas embriagados. Aparte ao Senador Tião Viana.....	
293	
Considerações ao pronunciamento do Senador Jayme Campos. Aparte ao Senador Jayme Campos.	
310	
Requerimento nº 109, de 2008, que requer a criação de Comissão Temporária Externa do Senado Federal, composta por, no mínimo, 6 (seis) Senadores interessados na questão do desmatamento da região amazônica, com pelo menos 2 (dois) membros da Subcomissão Permanente de Aquecimento Global da Comissão de Meio Ambiente, Defesa do Consumidor e Fiscalização e Controle, com o objetivo de visitar as instalações do INPE (Instituto Nacional de Pesquisa Espacial), do SIPAM (Sistema de Proteção da Amazônia) e do SIVAM (Sistema de Vigilância da Amazônia) e relatar como tem sido o desenvolvimento dos trabalhos desses projetos, custeados com recursos públicos, cujo objetivo é integrar as informações coletadas pelos órgãos que trabalham na Amazônia e gerar conhecimento atualizado, para articulação, planejamento e coordenação de ações globais de governo na Amazônia brasileira.....	
384	
Requerimento nº 110, de 2008, que requer que sejam solicitadas À Controladoria-Geral da União da Presidência da República as informações acerca dos pagamentos de ajuda de custo, auxílios-mudança, ao Senhor Ministro Secretário Especial de Portos da Presidência da República e ao Senhor Nelson Machado, Secretário-Executivo da Fazenda. ....	
385	
	422
Solicitação de o apoio dos Senadores para aprovação de projeto de lei da videoconferência.	
Parecer nº 71, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 376, de 2007 (nº 275/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Presidente Epitácio Associação Cultural Comunitária – PEACC para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Presidente Epitácio, Estado de São Paulo. ....	531
Parecer nº 72, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 387, de 2007 (nº 151/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Bananalense de Radiodifusão Comunitária para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Bananal, Estado de São Paulo. ....	535
Parecer nº 73, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 390, de 2007 (nº 171/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Cultural e Artística do Jardim Jtaquá para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Itaquaquecetuba, Estado de São Paulo. ....	538
Parecer nº 75, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 395, de 2007 (nº 236/2007, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação Comunitária e Cultural Cidade Doçura para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Américo Brasiliense, Estado de São Paulo. ....	544
ROSALBA CIARLINI	
Considerações sobre o constrangimento causado pela “farra dos cartões corporativos”. Aparte ao Senador Efraim Moraes.....	92
Considerações sobre o agronegócio. Aparte ao Senador Flexa Ribeiro. ....	156
Aplausos ao Senador César Borges pela demonstração de preocupação sobre o tema do saneamento básico. Aparte ao Senador César Borges. .	157
Registro da realização de audiência pública na Comissão de Direitos Humanos para discutir a questão da transposição das águas do rio São Francisco.....	162
Associação, na qualidade de vice-presidente da Comissão de Assuntos Sociais, à manifestação de repúdio à ação terrorista que utilizou duas mu-	

XVIII

	Pág.		Pág.
Iheres portadoras de Síndrome de Down para explodirem bombas no Iraque.....	240	instalação da CPI dos cartões corporativos. Aparte ao Senador Heráclito Fortes.....	95
Registro de encontro da bancada federal do Rio Grande do Norte com a Ministra Dilma Rousef, a fim de levar as prioridades e reivindicações daquele Estado ao Governo Federal.....	364	Retificação sobre notícias divulgadas pela imprensa, a respeito de acordos no sentido do perdão às pessoas responsáveis por desmatamentos ilegais.....	111
Preocupação com o descaso do Governo em relação a setores essenciais como saúde, segurança e educação. Aparte a Senadora Marisa Serrano...	414	Elogios ao Presidente Garibaldi Alves pelo pronunciamento feito na sessão de abertura dos trabalhos do Congresso Nacional.....	111
Parecer nº 67, de 2008 (da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática), sobre o Projeto de Decreto Legislativo nº 263, de 2007 (nº 1.506/2004, na Câmara dos Deputados), que aprova o ato que outorga autorização à Associação dos Meditantes de Guritiba para executar serviço de radiodifusão comunitária na cidade de Mungulu, Estado do Ceará. ....	517	Considerações acerca do desmatamento na Amazônia. Aparte ao Senador Flexa Ribeiro.....	154
SÉRGIO GUERRA		Registro da data de três anos de falecimento da irmã Doroth Stang, vítima da intolerância e da violência praticada contra os trabalhadores no campo do Brasil. ....	238
Considerações sobre o escândalo dos cartões corporativos. Aparte ao Senador Heráclito Fortes. ...	97	Projeto de Lei do Senado nº 15, de 2008, que altera a Lei nº 8.723, de 28 de outubro de 1993, que dispõe sobre a redução de emissão de poluentes por veículos automotores e dá outras providências, para tornar obrigatória a divulgação da composição e da quantidade de poluentes emitidos pelos veículos comercializados no País.....	273
Considerações sobre as propostas de emendas que dispõe sobre a figura do suplente no Senado Federal. Aparte ao Senador Demóstenes Torres...	345	Cumprimentos ao Senador Cristovam Buarque pelo pronunciamento que aponta características que empobrecem a política nacional, e critica os partidos políticos pela falta de consistência programática. Aparte ao Senador Cristovam Buarque. ...	296
SÉRGIO ZAMBIASI		Considerações sobre as propostas de emendas que dispõe sobre a figura do suplente no Senado Federal. Aparte ao Senador Demóstenes Torres...	338
Destaque para a realização, em Porto Alegre, da Conferência Mundial sobre o Desenvolvimento de Cidades – Inovação democrática e transformação social para cidades inclusivas no século XXI. ....	291	Considerações sobre as questões ambientais no Brasil.....	349
Preocupação com o meio ambiente em razão de notícia de que a indústria de cervejaria estuda a possibilidade de usar embalagens PET.....	424	Considerações sobre o uso da caixinha tetra pak para envasamento de sucos, laticínios e outros. Aparte ao Senador Sérgio Zambiasi. ....	426
SERYS SLHESSARENKO		Apoio ao Sr. Presidente Garibaldi Alves Filho, pela devolução do protocolo de instalação da CPMI dos cartões corporativos, em decorrência do documento não se encontrar de acordo com o Regimento Interno. ....	435
Defesa da política energética do governo Lula, bem como críticas a precipitação daqueles que previram “apagão elétrico” em razão da estiagem do início do ano.....	297	Comentários sobre os gastos com a decoração do apartamento funcional do reitor da Universidade de Brasília (UnB), Timothy Mulholland. Aparte ao Senador Cristovam Buarque.....	595
Registro de dados sobre a expansão do setor elétrico no Governo Lula.....	419	Esclarece sobre os procedimentos da bancada governista para a abertura da CPI e da CPMI..	604
SIBÁ MACHADO		Considerações sobre o fim da CPMF e suas possíveis consequências. Aparte ao Senador Antonio Carlos Valadares.....	610
Congratulações ao Governo Federal pela iniciativa de disponibilizar os gastos dos cartões corporativos na Internet. Aparte ao Senador Alvaro Dias...	90	Resultados da pesquisa CNT-Sensus, avaliando a performance do Governo Federal e do Presidente Lula.....	613
Resposta aos questionamentos feitos pelo Senador Heráclito Fortes sem eu discurso sobre a			

	Pág.		Pág.
Registro da realização de um evento que comemorou o aniversário de cinquenta anos da Ministra Marina Silva, dos vinte e oito anos do PT e a posse dos novos presidentes dos diretórios municipais e estaduais do partido no Acre.....	639	Elogio a atuação do Sr. Presidente do Senado, Garibaldi Alves Filho, na sua tentativa, de recuperação da reputação do Congresso Nacional. ....	431
Demonstração de perplexidade com a notícia de que a CPI das ONGs seria reiniciada com um grande acordo. Aparte ao Senador Heráclito Fortes.....	641	<b>VALDIR RAUPP</b>	
<b>TASSO JEREISSATI</b>		Reclamação de que o PMDB vem adiando a indicação da Presidência de várias comissões importantes e análise da situação da CPI dos cartões corporativos. ....	185
Projeto de Lei do Senado nº 17, de 2008 – Complementar, que altera dispositivos da Lei Complementar nº 64, de 18 de maio de 1990, que estabelece, de acordo com o art. 14, § 9º, da Constituição Federal, casos de inelegibilidades, prazo de cessação e determina outras providências. ....	378	<b>VALTER PEREIRA</b>	
<b>TIÃO VIANA</b>		Associação aos pares quanto às preocupações com o precário estado de saúde do Senador Jonas Pinheiro. ....	240
Preocupação com a chamada “Agenda Verde”.....	82	Questionamento sobre a decisão do Governo em proibir a venda de bebidas alcoólicas nos estabelecimentos localizados em rodovias federais.....	246
Apoio a decisão tomada pela Mesa Diretora sobre o desligamento do PTB do bloco de apoio ao governo.....	172	Considerações sobre o uso dos cartões corporativos. Aparte ao Senador Wellington Salgado de Oliveira.....	250
Ressalva de que os delitos dos Parlamentares ou dos Senadores da República devem ficar a cargo do Ministério Público Federal ou do Supremo Tribunal Federal. ....	190	Cumprimentos ao Senador Efraim Moraes pelo pronunciamento acerca da Medida Provisória nº 415/2008. Aparte ao Senador Efraim Moraes. ...	306
Discussão sobre a votação do Projeto de Resolução nº 37, de 2007 e suas emendas.....	193	Considerações sobre as propostas de emendas que dispõe sobre a figura do suplente no Senado Federal. Aparte ao Senador Demóstenes Torres...	343
Parecer nº 59, de 2008 (Plenário), que dá parecer favorável à Emenda nº 2 – CCJ, do Projeto de Resolução nº 37, de 2007. ....	195	<b>WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA</b>	
Considerações ao pronunciamento do Senador Renato Casagrande e pedido para que se adicione a agenda proposta, um item relativo a responsabilidade do Senado Federal ante a reforma política. Aparte ao Senador Renato Casagrande..	290	Considerações sobre o alcoolismo na vida das pessoas. Aparte ao Senador Magno Malta.....	245
Sugestão ao governo para que faça campanha de levante nacional contra motoristas embriagados.....	292	Considerações sobre o uso dos cartões corporativos. ....	249
Considerações sobre a obstrução ou não na instalação de novas CPIs. ....	315	Considerações sobre as propostas de emendas que dispõe sobre a figura do suplente no Senado Federal. Aparte ao Senador Demóstenes Torres...	342
Discussão sobre o Projeto de Resolução do Senado nº 65, de 2007.....	327	Considerações sobre as cobranças do Senador Mão Santa em favor do estado do Piauí. Aparte ao Senador Mão Santa.....	363
Solidariedade à preocupação do Senador Sérgio Zambiasi com os impactos do uso da embalagem PET pelas cervejarias. Aparte ao Senador Sérgio Zambiasi.....	425	Registro do apoio a decisão do presidente do Senado de devolver o requerimento que criava a CPMI dos cartões corporativos, em decorrência de erro, descumprindo o regimento interno.....	432
		Apresenta a documentação da devolução feita pelo ministro Orlando Silva após verificar erro na utilização do cartão corporativo. ....	435